3 1761 07149165 8

ANTONIO AUGUSTO CARDOSO
ENCADERNADOR
Marco da Feira, 11-COIMBRA

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/mappadeportugal03cast

MAPPA

DE

PORTUGAL

ANTIGO E MODERNO

PELO PADRE

JOÃO BAUTISTA DE CASTRO

BENEFICIADO NA SANTA BASILICA PATRIARCHAL DE LISBOA

TOMO TERCEIRO

PARTE V

3.ª EDIÇÃO REVISTA E ACCRESCENTADA

POR

MANOEL BERNARDES BRANCO

LISBOA

TYP. DO PANORAMA

112—Rua do Arco do Bandeira—112

MDCCCLXX

LIBRARY
FEB
28
1965
UNIVERSITY OF TORONTO

DD
520
C3
1870
t 3-4
cop. 2

ADVERTENCIA

Neste terceiro Tomo distribuo as precisas noticias. que já dei a lêr na quinta parte do Mappa, mas com alguns retoques, posto que poucos. porque a inconstancia continua, em que nos deixou o terremoto passado, tem feito produzir a cada passo transmutações differentes, d'onde será desculpavel, se olhando para o estado actual de algumas cousas observarem aqui os Leitores semblante diverso.

Não pertendo tambem meter aos curiosos na esperança da continuação da obra: a vida, e o author d'ella, são os que verdadeiramente podem segurar o desempenho: farei por não destruir, nem desmerecer ao menos com a ociosidade o habito da applicação, adquirido por tantos annos; e unido ao especial affecto que conservo á patria.

Na pag. 257 do primeiro tomo se emmende o lugar da sepultura do senhor infante D. Antonio, o qual está sepultado na igreja de S. Vicente de fóra.

MAPPA

DE

PORTUGAL

CAPITULO I

Explicação das Taboas topograficas, em que se comprehendem as principaes povoações da Provincia da Estremadura

Nas quatro precedentes partes do nosso Mappa temos dado uma informação generica, e methodica de todo o reino de Portugal; agora parece não só justo, mas util para a Historia do mesmo reino, penetrarmos o interior de seu continente, examinando, e descrevendo com alguma miudeza as povoações mais notaveis, de que elle se compõe.

Para isso começamos pela Provincia da Estremadura, não só por ser a capital do reino, mas por vermos nella a distincta vantagem, que logra, alem de outras, em ser o assento regio, onde reside a magestade do seu soberano com toda a pompa, e grandeza da sua corte.

Das povoações mais insignes, isto é, cidades, e villas, de que consta esta provincia, desenhámos primeiro que tudo as Taboas topograficas, para que em breve espaço, e a uma vista se visse com facilidade o mais essencial de cada uma por esta fórma.

Na primeira columna, que serve como de indice das outras, se assinam os pontos precisos de cada povoação, e estas vão collocadas por ordem alfabetica nas cabeceiras das outras columnas, e por isso diz o seu primeiro titulo: Povoações principaes da Estremadura.

Comarca. Este é o segundo titulo da primeira columna, que aponta a povoação cabeça de comarca, a que está subordinada civilmente a dita terra. V. g. Abiul está sujeita á comarca, ou jurisdição do corregedor de Thomar; porem quando a tal villa é a propria cabeça de comarca, como v. g. Abrantes, então se denota a sua isenção com este sinal. *

Diocese. Indica este titulo o dominio ecclesiastico, a quem deve obediencia a dita povoação, v. g. Abiul está no territorio subordinado ao bispo de Coimbra. Escolhemos a palavra Diocese, por ser transcendente, e propria a explicar a ordinaria jurisdição ecclesiastica, assim

episcopal, como metropolitana, e patriarcal; mas se a dita povoação é onde reside a igreja cathedral, se distingue com esta nota. ✝

Altura do polo. Mostra com os numeros, que aponta, os gráos, e minutos de latitude, e longitude geografica, isto é, a distancia, que as taes povoações tem da equinocial para o polo, e esta se indica nos primeiros numeros; e os que estão por baixo immediatamente na segunda regra mostram tambem os gráos, e minutos, que distam as povoações de leste a oeste, ou quantos se afastam do primeiro merediano. É de advertir, que para determinarmos a situação dos taes logares, nos valemos da Carta geografica de João Bautista Hommanu, impressa no anno de 1736, por ser, como já temos dito em outra parte, a que melhor se ajusta ás computações mais exactas, e tambem para assim seguirmos um calculo igual; pois, como sabem os doutos, são diversissimos os systemas dos geographos na arrumação das terras.

Distancia de Lisboa. Manifesta as legoas, que dista a tal povoação da corte, a qual fizemos centro de todas as mais terras, conformando-nos com o nosso Roteiro, e orientando-as, para se saber em que parte estão situadas.

Foral. Declara quem deu foral ao dito lugar, ou quem reformou o antigo, isto é, quem lhe impoz, ou reformou as primeiras leis municipaes, tributos, ou privilegios. Para isto examinámos com diligencia os grandes cinco tomos dos Foraes, que existem no archivo authentico chamado Torre do Tombo, feitos pelo seu guarda mór João Couceiro de Abreu logo nos principios, que emprendemos este trabalho.

Paroquias. Este titulo mostra as paroquias, que ha no territorio da povoação, com advertencia, que o primeiro numero indica as que ha dentro da villa, e o segundo numero correspondente, e dentro da mesma columna declara as que ha no seu termo, v. g. Abiul tem uma freguezia dentro da villa, e duas no termo.

Conventos, e Mosteiros. Nestes dous titulos separados se assinam os conventos de religiosos, e mosteiros de religiosas, que existem ou dentro, ou no termo da povoação. Fazemos differença de convento a mosteiro para maior clareza, e nisto imitamos ao padre chronista fr. Manoel da Esperança, que na 1.ª parte da Historia Serafica num. 12 das Declarações Proemiaes assim o observa.

Ermidas. Expõe as igrejas, que ha na povoação, ou no seu termo, com a mesma expressão dos dous numeros respectivos.

Fogos. Neste ponto se assina o numero das familias de cada povoação, e por não ser facil a averiguação exacta de todas, as demarcamos ordinariamente com o numero redondo.

Donatario. Mostra quem é o senhor da terra, ou a quem pertence o dominio d'ella.

Feira. Diz em que tempo ha mercado publico livre, ou pensionado nas taes povoações.

Estes parecem ser os pontos mais precisos, que entendemos se deviam demarcar em as abbreviadas Taboas do nosso Mappa, reservando porem sempre o mais, que lhe pertence para os outros capitulos, que se hão de seguir, onde diremos tambem o mais essencial de cada villa. E porque, segundo o nosso methodo, devia seguir-se primeiramente a descripção de Abiul, todavia deve preferir a todas as mais povoações a cidade de Lisboa, como capital não só da provincia, mas do reino todo.

A mesma preferencia devia seguir a cidade de Leiria, se acaso as memorias, que pedimos, nos chegassem a tempo de as podermos coordenar neste tomo; porem a pouca applicação, e diligencia, que até agora temos experimentado em quem se offereceu a communicarnol-as, nos obrigará a collocal-a no lugar natural da ordem progressiva alfabetica, e aproveitar-nos do que a nossa unica diligencia, e trabalho tem adquirido, desejando em tudo conformar-nos com a verdade, pondo, e applicando para esse effeito todo o cuidado, que entendemos ser preciso para semelhante empreza. Passemos á projecção das Taboas.

TABOAS TOPOGRAFICAS

DAS

PRINCIPAES POVOAÇÕES

QUE COMPREHENDE A PROVINCIA

DA

ESTREMADURA

Povoaç. princ. da Estremadura	*Abiul*	*Abrantes*	*Aguas bellas*	*Aguda*	*Alanquer*
Comarca	Thomar	*	Thomar	Thomar	*
Diocese	Coimbra	Guarda	Coimbra	Coimbra	Lisboa
Altura do polo	39 54	39 24	39 37		39 8
	9 . 51	10 22	10 9		9 28
Dist. de Lisboa	25 para o nort.	23 para o nord.	20 para o Nord.	23 para o nort.	7 e meia nort.
Foral	El-rei D. Manoel reformou o seu foral a 14 de Julho de 1515.	Elrei D. Affonso Henriq. lhe deu foral, e el-rei D. Manoel o reformou no primeiro de Junho de 1510.	El-rei D. João I. lhe deu foral no anno 1390, e el-rei D. Manoel o reformou no anno 1513.		A infanta Dona Sancha lhe deu foral, que confirmou D. Manoel no anno de 1510.
Paroquias	1 2	4 14	1	1	5 13
Conventos		2			2 5
Mosteiros		2			1
Ermidas	1 9	13 10	1 4	1	6 21
Fogos	50 370	1000 1900	30 150	20 120	500 1500
Donatario	Foi do duque de Aveiro hoje é da corôa.	É cabeça de marquezado.	De Duarte Sodré	Do senhor infante D. Pedro.	É das serenissimas rainhas.
Feiras	No 1.º Domingo Agosto.	Em 24 de Fevereiro seis dias.	Em 27 de Agosto franca.	Em 28 de Out. e a 13 de Dez. no Term. da Vil.	

Povoaç. princ. da Estremadura	*Alcacer do Sal*	*Alcanede*	*Alcobaça*	*Alcoentre*	*Alcouchete*
Comarca	Setubal	Santarem	Leiria	Santarem	Setubal
Diocese	Evora	Lisboa	Lisboa	Lisboa	Lisboa
Altura do polo	38 19 9 50	39 24 9 35	39 42 9 17	39 10 9 - 10	38 45 9 30
Dist. de Lisboa	14 para leste	16 para o nort.	18 para o nort.	11 para o nort.	3 para o sueste
Foral	El-rei D. Affonso II a mandou povoar no anno de 1217.	El-rei D. Affonso I a mandou povoar no anno 1163, e El-rei D. Manoel lhe deu foral no anno de 1541.	El-rei D. Affonso I a fundou no anno de 1148, e El-rei D. Manoel lhe reformou o foral no anno de 1513.	El-rei D. Manoel lhe reformou o foral antigo no anno de 1513.	El-rei D. Manoel lhe reformou o foral no anno de 1515.
Paroquias	2 9	1 8	1 1	1 1	1 1
Conventos	1		1 1		1
Mosteiros	1				
Ermidas	11 5	17 18	3 2	4 3	3
Fogos	630 800	400 800	420 130	150 60	280 90
Donatario	Do mestrado de Santiago.	Do Mestrado de Aviz.	Do D. Abbade de Alcobaça.	Do conde de Vimieiro.	É do Mestrado de Santiago.
Feiras	Na Dominga do Bom Pastor tres dias franca.		Em 20 de Agosto, e em 30 de Novembro.		

Povoaç. princ. da Estremadura	*Aldea Gallega*	*Aldea Gallega da Merciana*	*Alfeizirão*	*Alhandra*	*Alhos-Vedros*
Comarca	Setubal	Alanquer	Leiria	Torres-Vedras	Setubal
Diocese	Lisboa	Lisboa	Lisboa	Lisboa	Lisboa
Altura do polo	38 41 9 21	39 5 9 10	39 28 9 14	38 55 9 11	38 37 9 22
Dist. de Lisboa	3 para o sueste	9 para o norte	17 para o norte	5 para o nord.	3 para o sueste
Foral	Elrei D, Manoel lhe deu foral no anno de 1514.	Elrei D. Manoel lhe reformou o foral no anno de 1513.	Elrei D. Manoel lhe reformou o seo foral no anno de 1513.	D. Sociro I, bispo de Lisboa lhe deo foral no anno de 1203.	Elrei D. Manoel lhe reformou o seu foral no anno de 1514.
Paroquias	1 1	1 1	1	1 2	1
Conventos	1 1	1 1		1	2
Mosteiros					
Ermidas	2 3	3 7	2	4 1	3 1
Fogos	450 200	130 200	60 100	400 500	200 100
Donatario	É do mestrado de Santiago	É das serenissimas rainhas.	Do D. Abbade de Alcobaça.	É dos Eminentissimos Patriarchas de Lisboa.	É do mestrado de Santiago.
Feiras		A 25 de março, e e no Domingo da SS. Trindade.	Em dia de Santo Amaro tres dias.	Em 15 de Agosto franca.	

Povoaç. princ. da Estremadura	*Aljubarrota*	*Almada*	*Almeirim*	*Alpedriz*	*Alvâres*
Comarca	Leiria	Setubal	Santarem	Leiria	Thomar
Diocese	Leiria	Lisboa	Lisboa	Leiria	Coimbra
Altura do polo	39 30	38 44	39 10	39 35	39 56
	9 20	9 13	9 45	9 20	10 21
Dist. de Lisboa	18 para o norte	meia para o sul	14 para o nord.	15 para o nort.	7 para o nord.
Foral	Elrei D. Manoel lhe reformou o seu foral no anno de 1514.	Elrei D. Sancho I lhe deu foral no anno de 1187.	Elrei D. João I a fundou no anno de 1414.	Elrei D. Manoel lhe reformou o seu foral no anno 1515.	Elrei D. Manoel lhe reformou o seu foral no anno de 1514.
Paroquias	2	2 4	1	1	1
Conventos		1 3	1		
Mosteiros					
Ermidas	5	4 16	3	4	3 9
Fogos	400	700 800	300	200	40 260
Donatario	Do D. Abbade de Alcobaça.	É da corôa.	É da corôa.	É da Ordem Militar de Aviz.	
Feiras					

Povoaç. princ. da Estremadura	*Alvaro*	*Alvercã*	*Alvorninha*	*Amendoa*	*Arêga*
Comarca	Thomar	Torres-Vedras	Leiria	Thomar	Coimbra
Diocese	Nullius Diæcesis	Lisboa	Lisboa	Guarda	
Altura do polo	39 38	38 55	39 30	39 35	39 54
	10 8	9 10	9 22	10 15	10 50
Dist. de Lisboa	32 para o nord.	4 para o norte	13 para o norte	20 para o nord.	27 para o nord.
Foral	Elrei D. Manoel lhe reformou o foral no anno de 1514.		Elrei D. Manoel lhe reformou o seu foral no anno de 1513.		Elrei D. Manoel lhe reformou o seu foral no anno de 1513.
Paroquias	1	1 1	1 1	1	1
Conventos		2			
Mosteiros					
Ermidas	6 13	3	5 13	3	2 3
Fogos	90 370	350 100	500 200	140 60	230 200
Donatario	É do marquez de Marialva.	Do Provedor das Capell. delrei D. Affonso IV.	Do D. Abbade de Alcobaça.	É da corôa.	É do duque de Cadaval.
Feiras		Em 15 de Julho 3 dias franca.			

Provinc. princ. da Estremadura	*Arruda*	*Assinceira*	*Atalaya*	*Atouguia*	*Aveiras debaixo*
Comarca	Torres-Vedras	Thomar	Thomar	Leiria	Santarem
Diocese	Lisboa	Lisboa	Lisboa	Lisboa	Lisboa
Altura do polo	39 3	39 34	39 31	39 12	39 7
	9 12	10 0	10 9	9 0	9 31
Dist. de Lisboa	6 para o norte	21 para o nord.	20 para o nord.	10 para noroest.	9 para o nord.
Foral	Elrei D. Manoel lhe reformou o foral no anno de 1517.	Elrei D. Diniz lhe deu foral no anno de 1315, e Filippe II o reformou no anno de 1591.	Elrei D. Diniz lhe deu foral no anno de 1315.	Guilherme Lacorni a povoou no anno de 1165, e elrei D. Sancho I lhe deu foral.	Elrei D. Manoel lhe reformou o seu foral.
Paroquias	1 1	1	1	1	1
Conventos		1		1	1
Mosteiros					
Ermidas	2 9	4	4 3	6 3	2
Fogos	260 50	150	350 250	100 120	200
Donatario	É do mestrado de Santiago.	É do conde de Atalaya.	É do conde de Atalaya, hoje marq. de Tanc.	Foi do conde de Atouguia, hoje é da corôa.	É do conde de Aveiras.
Feiras	Em 24 de Junho tres dias franca.		A 20 de Janeiro tres dias franca.		Em 8 de Setembro no lugar das Virtudes.

Povoaç. princ. da Estremadura	*Aveiras de cima*	*Avelar*	*Azambuja*	*Azumbujeira*	*Azeitão lêmite*
Comarca	Santarem	Ourem	Santarem	Santarem	Setubal
Diocese	Lisboa	Coimbra	Lisboa	Lisboa	Lisboa
Altura do polo	39 8 9 32		39 5 9 22	39 18 9 21	38 30 9 18
Dist. de Lisboa	9 para o nord.	25 para o nord.	10 para o norte	15 para o norte	7 para o sueste
Foral	Elrei D. Manoel reformou o seu foral no anno de 1513.		Elrei D. Manoel lhe reformou o seu foral no anno de 1513.	Elrei D. João IV a fez villa no anno de 1654.	Elrei D. Pedro 1.º lhe confirmou seus privilegios.
Paroquias	1	1	1	1	2
Conventos					1 1
Mosteiros					
Ermidas	2 1	2	4 3	2	14
Fogos	100 50	50 200	700 200	40 110	200 100
Donatario	É das Commendadeiras de Santos de Lisboa.	É da Casa do Infantado.	De D. Antonio Rolim de Moura.	É do conde de Soure.	Foi da casa de Aveiro, hoje é da corôa.
Feiras			No ultimo Domingo de Outubro.		

Povoaç. princ. da Estremadura	*Batalha*	*Barreiro*	*Bellas*	*Cabrella*	*Cadaval*
Comarca	Leiria	Setubal	Torres-Vedras	Setubal	Torres-Vedras
Diocese	Leiria	Lisboa	Lisboa	Evora	Lisboa
Altura do polo	39 34	38 36	38 50	38 32	39 13
	9 31	9 12	9 0	9 51	9 12
Dist. de Lisboa	19 prra o norte	2 para o sul	1 e meia norte	12 para o sueste	12 para o norte
Foral	Elrei D. Manoel lhe deu foral no anno de 1504.			O veneravel rei D. Affonso I lhe deu foral, e D. Manoel a fez villa no anno de 1517.	Elrei D. Fernando a fez villa no anno de 1371.
Paroquias	1	1	1	1 1	1 8
Conventos	1	1			1
Mosteiros					
Ermidas	1 9	3	2 7	3 1	4 17
Fogos	200 300	300	100 300	300	120 900
Donatarios		Foi da casa de Aveiro, hoje é da corôa.	É do conde de Pombeiro.	É do mestrado de Santiago.	É cabeça de ducado.
Feiras	Em 15 de Agosto oito dias franca.				Em 8 de Dezembro.

Povoaç. princ. da Estremadura	*Caldas*	*Çamora Correa*	*Canha*	*Cascaes*	*Castanheira*
Comarca	Alanquer	Setubal	Setubal	Torres-Vedras	Torres-Vedras
Diocese	Lisboa	Lisboa	Lisboa	Lisboa	Lisboa
Altura do polo	39 26	38 50	38 43	38 49	38 56
	9 11	9 30	9 38	8 54	9 30
Dist. de Lisboa	14 para o norte	7 para o leste	9 para o leste	5 para o oeste	7 para o nord.
Foral	A rainha D. Leonor a mandou povoar no anno de 1488	Elrei D. Manoel lhe deu foral no anno de 1510.	O veneravel rei D. Affonso I lhe deu foral.		Elrei D. Manoel lhe deu foral no anno de 1510.
Paroquias	1	1	1	2 4	1
Conventos				2	1
Mosteiros					1
Ermidas	5	1	2	13 9	2
Fogos	300	160	200 150	900 800	500
Donatario	É das serenissimas rainhas.	Foi da casa de Aveiro, hoje é da corôa.	É do mestrado de Santiago.	É cabeça de marquezado.	É da casa do infantado.
Feiras	A 14 de Agosto tres dias franca.				

Povoaç. princ. da Estremadura	*Santa Catharina*	*Cella*	*Cezimbra*	*Chão do Couce*	*Chamusca*
Comarca	Leiria	Leiria	Setubal	Thomar	Alanquer
Diocese	Lisboa	Lisboa	Lisboa	Coimbra	Lisboa
Altura do polo	39 24	39 26	38 27	39 55	38 16
	9 19	9 11	9 6	10 0	9 52
Dist. de Lisboa	16 para o nort.	19 para o norte	6 para o sul	24 para o nord.	17 para o nord.
Foral	D. fr. João Martins, Geral de Alcobaça.	Elrei D. Manoel lhe deu foral, e a fez villa.	Elrei D. Sancho I a mandou povoar no anno de 1200.		E'rei D. Sebastião lhe deu foral no anno de 1561, e a fez villa.
Paroquias	1 3	1	2 2	1	1
Conventos					1
Mosteiros					
Ermidas	3 7	2 3	2 2	1	5
Fogos	180 390	130 80	500 780	30 60	630
Donatario	Do D. Abbade de Alcobaça.	Do D. Abbade de Alcobaça.	Foi da Casa de Aveiro, hoje é da corôa.	É da casa do Infantado	É das serenissimas rainhas.
Feiras	A 25 de Novembro 2 dias franca.				A 13 de Fevereiro tres dias.

Povoaç. princ. da Estremadura	*Chileiros*	*Cintra*	*Coina*	*Collares*	*Cós*
Comarca	Torres-Vedras	Alanquer	Setubal	Torres-Vedras	Leiria
Diocese	Lisboa	Lisboa	Lisboa	Lisboa	Lisboa
Altura do polo	38 56 9 6	38 54 8 57	38 35 9 21	38 55 8 46	39 30 9 21
Dist. de Lisboa	4 para o noroeste	5 para o noroest.	3 e meia sueste	6 para o noroeste	19 para o norte
Foral	El-rei D. Manoel lhe reformou o foral antigo no anno de 1516.	Elrei D, Manoel lhe deu foral no anno de 1519.	Elrei D. Manoel lhe deu foral no anno de 1516.	Elrei D. Diniz lhe deu foral, e D. Manoel o reformou no anno de 1516.	D. fr. Pedro Gonçalves, Geral de Alcobaça.
Paroquias	1 1	4 6	1	1	1
Conventos				1	
Mosteiros		3			1
Ermidas	3 2	5 16	2	3 6	2 7
Fogos	100	560 2000	170	100 250	100 150
Donatarios	É da casa do Infantado.	É das serenissimas rainhas.	É das Commendadeiras de Santos.	É da corôa.	Do D. Abbade de Alcobaça.
Feiras					

Povoaç. princ. da Estremadura	*Dornes*	*Ega*	*Enxara dos Cavalleiros*	*Ericeira*	*Erra*
Comarca	Thomar	Leiria	Torres-Vedras	Torres-Vedras	Santarem
Diocese	Coimbra	Coimbra	Lisboa	Lisboa	Lisboa
Altura do polo	39 45 10 11	39 59 9 46	38 56 9 10	39 3 8 49	39 0 10 10
Dist. de Lisboa	26 para o nord.	30 para o norte	5 para o norte	7 para o noroeste	14 para o leste.
Foral	Elrei D. Manoel lhe deu foral no anno de 1513.	Elrei D. Manoel lhe confirmou o foral no anno de 1514.	Elrei D. Manoel lhe reformou o seu foral em 20 de Novembro de 1519.	Elrei D. Manoel lhe reformou o seu foral em 30 de Agosto de 1513.	Elrei D. Manoel lhe deu foral no anno de 1514.
Paroquias	1 2	1 1	1	1	1 1
Conventos					1
Mosteiros					
Ermidas	5 16	2 12	1 2	4	
Fogos	130 280	100 140	70 80	250	200
Donatario	É do mestrado de Christo.	É do mestrado de Christo.	É dos Viscond. de Villa Nova de Cerveira.	É cabeça de condado.	É do conde de Atalaya.
Feiras		A 3 de Fevereiro, e a 11 de Novembro.			

Povoaç. princ. da Estremadura	*Evora de Alcobaça*	*Ferreira*	*Figueiró dos Vinhos*	*Golegã*	*Grandola*
Comarca	Leiria	Thomar	Thomar	Santarem	Setubal
Diocese	Lisboa	Coimbra	Coimbra	Lisboa	Evora
Altura do polo	39 25	39 33	39 55	39 25	38 10
	9 22	10 20	10 10	9 58	9 40
Dist. de Lisboa	19 para o norte	28 prra o nord.	28 para o nord.	18 para o nord.	16 para o sul.
Foral	D. fr. Martinho II Geral de Alcobaça.		Elrei D. Sancho I a fez villa no anno de 1187.		Elrei D. João III lhe deu foral no anno de 1543.
Paroquias	1	1	1 1	1	1 2
Conventos			1 1	1	
Mosteiros			1		
Ermidas	3	3	5	4 3	5
Fogos	250	18 170	500	600	250 550
Donatario	Do D. Abbade de Alcobaça.	É do Mestrado de Christo.	É do conde de Redondo.	É da corôa.	É do duque de Cadaval.
Feiras			Em 27 de Julho 3 dias franca.	Em 11 de Novembro, tres dias.	

Povoaç. princ. da Estremadura	*Lamarosa*	*Lavradio*	*Leiria Cidade*	*Lisboa Cidade e corte*	*Lourinhã*
Comarca	Santarem	Setubal	-	*	Torres-Vedras
Diocese	Lisboa	Lisboa	†	✠	Lisboa
Altura do polo	39 1	38 36	39 47	38 48	
	10 0	9 12	9 36	9 15	
Dist. de Lisboa	15 para o nord.	2 para o sul.	21 para o norte		10 para o norte.
Foral			Elrei D. Sancho I lhe deu foral no anno de 1195, e D. João III a fez cidade no anno de 1545.	Elrei D. Manoel lhe deu foral em 7 de Agosto de 1500.	Elrei D. Manoel lhe deu foral no anno de 1512.
Paroquias	1	1	2 24	41 37	1 2
Conventos		1	3	40 15	1
Mosteiros			1	24 8	
Ermidas	3		10 84	136 152	5
Fogos	50	140	1070 8000	400U000	200 450
Donatario	É de Manoel Telles de Menezes.	É cabeça de condado.	É da corôa.		É do Conde de Monsanto.
Feiras				Todas as terças feiras da semana.	Em 16 de Agosto.

Povoaç. princ. da Estremadura	*Mação*	*Maçãs de Caminho*	*Maçãs de Dona Maria*	*Mafra*	*S. Martinho*
Comarca	Thomar	Thomar	Ourem	Torres-Vedras	Leiria
Diocese	Guarda	Coimbra	Coimbra	Lisboa	Lisboa
Altura do polo	39 27	39 46	39 46	39 3	39 25
	40 25	40 12	40 13	9 5	9 10
Dist. de Lisboa	27 para o nord.	26 para o nord.	27 para o nord.	6 para o noroest.	17 e meia a norte
Foral				Elrei D. Diniz lhe deu foral no anno de 1304, e D. Manoel o reformou no anno de 1513.	D. Fr. Estevão Martins, Geral de Álcobaça.
Paroquias	1	1	1	1 1	1
Conventos				1	
Mosteiros					
Ermidas		1		2	3 1
Fogos	450	40	40 350	400 200	100 60
Donatario	É do mestrado de Christo.	É da corôa.	É da corôa.	É dos Viscondes de Villa-Nova de Cerveira.	Do D. Abbade de Alcobaça.
Feiras				Em 30 de Novembro.	

Povoaç. princ. da Estremadura	*Mayorga*	*Moita*	*Monlargil*	*Mugem*	*Obidos*
Comarca	Leiria	Setubal	Santarem	Santarem	Alanquer
Diocese	Lisboa	Lisboa	Lisboa	Lisboa	Lisboa
Altura do polo	39 24 9 25	38 39 9 21	38 58 10 5	39 5 9 43	39 20 9 18
Dist. de Lisboa	18 para o norte	3 para o sul	15 para o nord.	12 para o nord.	13 para o norte
Foral	Elrei D. Manoel lhe deu foral no anno de 1513.	Elrei D. Pedro II a fez villa.	Elrei D. Diniz lhe deu foral no anno de 1315.	Elrei D. Diniz lhe deu foral no anno de 1304.	
Paroquias	1	1	1	1	4 16
Conventos					2
Mosteiros					
Ermidas	3 5	4			5 50
Fogos	140 50	170	320 100	200	1000 2800
Donatario	Do D. Abbade de Alcobaça.	É do conde de Alvor.	Era de D. João Rolim de Moura. Passou para um filho segundo do conde de Val de Reis.	É do duque do Cadaval.	É cabeça de condado.
Feiras					Em 13 de Setembro tres dias franca.

Povoaç. princ. da Estremadura	*Oeiras*	*Ourem*	*Palmella*	*Pampilhosa*	*Payo de Pelle*
Comarca		*	Setubal	Thomar	Thomar
Diocese	Lisboa	Leiria	Lisboa	Guarda	Nullius Diœcesis
Altura do polo	38 50	39 42	38 13	40 0	39 25
	9 0	9 50	9 21	10 40	10 5
Dist. de Lisboa	3 para o poente	22 para o nort.	5 para o sueste	34 para o nord.	20 para o nord.
Foral	Elrei D. Joseph I a fez villa no anno de 17..	Elrei D. Pedro II lhe reformou o seu foral no anno de 1695.			Elrei D. Manoel lhe reformou o seu foral no anno de 1519.
Paroquias	1 1	1 4	2 2	1	1
Conventos	1	1	1 2		1
Mosteiros					
Ermidas	20	3 50	5 3	1 1	1 2
Fogos	500	900 2000	900 300	400	40 100
Donatario	É cabeça de condado.	É da serenissima casa de Bragança.	Do mestrado de Santiago.	É da corôa.	É do Mestrado de Christo.
Feiras			Em 8 de Dezembro franca.		

Povoaç. princ. da Estremadura	*Pederneira*	*Pedrogão grande*	*Peniche*	*Pias*	*Pombal*
Comarca	Leiria	Thomar	Leiria	Thomar	Leiria
Diocese	Lisboa	Coimbra	Lisboa	Nullius Dioecesis	Coimbra
Altura do polo	39 36	40 0	39 16	39 38	39 50
	9 11	10 25	9 0	10 1	9 50
Dist. de Lisboa	18 para o norte	33 prra o nord.	12 ao nornord.	24 para o nord.	28 para o nort.
Foral	Elrei D. Manoel lhe reformou o seu foral no anno de 1513.	D. Pedro Affonso, filho de D. Affonso I lhe deu foral, que confirmou elrei D. Affonso III.			Elrei D. Manoel lhe reformou o seu foral.
Paroquias	1 1	1 4	3	1 2	1 2
Conventos		1	1		
Mosteiros					
Ermidas	3 3	7 3	6 18	2 30	3 30
Fogos	250 400	420 680	900	130 660	800 600
Donatario	Do D. Abbade de Alcobaça.	É do conde de Redondo.	Foi do conde de Atouguia, hoje é da corôa.	É do mestrado de Christo.	É do mestrado de Christo.
Feiras					

Povoaç. princ. da Estremadura	*Ponte de Sor*	*Porto de Mós*	*Póvos*	*Pousa-Flores*	*Punhete*
Comarca	Thomar	Ourem	Torres-Vedras	Ourem	Thomar
Diocese	Portalegre	Leiria	Lisboa	Leiria	Nullius Dioecesis
Altura do polo	39 9	39 30	38 58		39 25
	10 25	9 31	9 20		10 10
Dist. de Lisboa	23 para o nord.	19 para o nort.	7 para o norte	26 para o nord.	21 para o nord.
Foral	Elrei D. Manoel lhe deu foral no anno de 1514.		Elrei D. Sancho I pelos annos de 1194.		Elrei D. Sebastião a fez villa.
Paroquias	1 1	3 6	1	1	1
Conventos		1			
Mosteiros					
Ermidas	2	2 27	3		4 2
Fogos	160 120	900 1400	300	300	350 100
Donatario		É da serenissima casa de Bragança.	É da casa do Infantado.	É da casa do Infantado	
Feiras	A 4 de Outubro.	Dia do Espirit. S. A 7 de Agosto. A 13 de Dezemb.			A 5 de Agosto.

Povoaç. princ. da Estremadura	*Pussos*	*Redinha*	*Salir do Mato*	*Salir do Porto*	*Salvaterra de Magos*
Comarca	Thomar	Leiria	Leiria	Alanquer	Santarem
Diocese	Coimbra	Coimbra	Lisboa	Lisboa	Lisboa
Altura do polo	39 50	39 55	39 22	39 25	39 0
	9 50	9 50	9 10	9 9	9 40
Dist. de Lisboa	25 para o nord.	28 para o nort.	18 para o norte	12 para o norte	7 para o leste
Foral		D. Galdim Paes lhe deu o seu foral.	D. fr. Martinho III Geral de Alcobaça.	El-rei D. Affonso Henriques lhe deu foral.	Elrei D, Manoel lhe deu foral no anno de 1517.
Paroquias	1	1 1	1	1	1
Conventos					
Mosteiros					
Ermidas	1 6	2 1	3 3	2	3
Fogos	150 40	400 160	150	70	300
Donatarios	É da corôa.	É do mestrado de Christo.	Do D. Abbade de Alcobaça.		É da corôa.
Feiras					

Povoaç. princ. da Estremadura	*Santarem*	*Sardoal*	*Setubal*	*Sobral de Monte Agraço*	*Sovereira Formosa*
Comarca	Lisboa	Thomar	Lisboa	Torres-Vedras	Thomar
Diocese		Guarda		Lisboa	Guarda
Altura do polo	39 49	39 25	38 28		39 44
	9 40	40 23	9 18		10 31
Dist. de Lisboa	14 para o nord.	24 para o nord.	6 para o sul	6 para o norte	28 para o nord.
Foral	Elrei D. Affonso III reformou o seu foral no anno de 1254.		Elrei D. Sancho I lhe deu o foral.		D. Gil Sanches lhe deu foral no anno de 1213.
Paroquias	13 33	1 4	1	1 1	1
Conventos	13 2	1	4		
Mosteiros	2 2		2		
Ermidas	20 30	5 9	3 2		
Fogos	2160 8000	600 200	3000	100 420	300
Donatario	É da corôa.	É do marquez de Fontes.	É do mestrado de Santiago.		É do conde de Sarzedas.
Feiras	Em Domingo da Pascoela, e a 11 de Outubro.	A 28 de Outubro.	A 25 de Julho.		

Povoaç. princ. da Estremadura	*Soure*	*Tancos*	*Thomar*	*Torres-Novas*	*Torres-Vedras*
Comarca	Leiria	Thomar	*	Santarem	-
Diocese	Coimbra	Lisboa	Nullius Diœcesis	Lisboa	Lisboa
Altura do polo	40 0	39 27	39 40	39 32	39 10
	39 42	10 5	10 0	9 52	9 3
Dist. de Lisboa	29 para o nort.	19 para o nord.	12 para o nord.	19 para o nord.	7 para o norte
Foral	Elrei D. Manoel lhe deu foral no anno de 1513.	Elrei D. Manoel lhe deu foral no anno de	Elrei D. Manoel lhe reformou o seu foral no anno de 1510.	Elrei D. Sancho I lhe deu foral.	El-rei D. Manoel lhe reformou o foral no anno de 1510.
Paroquias	1 1	1	2 12	4 7	4 19
Conventos			3 1	2	2 2
Mosteiros			1	1	
Ermidas	5	3 1	15 56	8 4	7 4
Fogos	600 400	400	1100 2700	1200 1000	600 2800
Donatario	É cabeça de condado.	É do conde de Atalaya, hoje marquezado.	É do mestrado de Christo.	Foi do duque de Aveiro, hoje é da corôa.	É da corôa.
Feiras	Em dia de S. Martinho.		Em 20 de Outubro.	A 12 de Março.	

Povoaç. princ. da Estremadura	*Turquel*	*Villa-Franca de Xira*	*Villa de Rei*	*Villa-Verde*	*Ulme*
Comarca	Leiria	Torres-Vedras	Thomar	Torres-Vedras	Alanquer
Diocese	Lisboa	Lisboa	Guarda	Lisboa	Lisboa
Altura do polo	39 27	38 57	39 32	39 12	39 14
	9 21	9 20	10 21	9 20	9 9
Dist. de Lisboa	16 para o nort.	6 para o nord.	27 para o nord.	9 para o norte	16 para o nord.
Foral	Elrei D. Affonso Henriques lhe deu foral.	Elrei D. Manoel lhe reformou o seo foral no anno de 1510.	Elrei D. Diniz lhe deu foral no anno 1285.	Elrei D. Manoel lhe reformou o seu foral no anno de 1512.	E'rei D. Sebastião lhe deu foral no anno de 1561.
Paroquias	1	1	1 2	1	1
Conventos				1	
Mosteiros					
Ermidas	2	7	3	3	2
Fogos	200	950	460 280	350	120
Donatario	Do D. Abbade de Alcobaça.		É do mestrado de Christo.	É cabeça de condado.	É das serenissimas rainhas.
Feiras		No 1.º Domingo de Outubro 3 dias franca.			

CAPITULO II — *Da Cidade de Lisboa*

Sendo Lisboa a corte, e Cidade principalissima de Portugal, que já de seculos anteriores competia com as mais nobres povoações da Europa, (1) e que em attenção á ditosa magestade de seu sitio, o imperador Julio Cesar a condecorara com o glorioso nome de Felicitas Julia. (2) Tendo ultimamente chegado em nossos dias ao auge da maior grandeza, quiz a adversidade dos tempos, ou permittio a inexcrutavel providencia do altissimo, que ficasse sua magnificencia desfigurada com o formidavel flagello do terremoto, e vehementissimo incendio, acontecido no dia fatal do primeiro de Novembro de 1755, pelas nove horas, e tres quartos da manhã, pouco mais, ou menos.

Foi aquelle dia tão infausto, que para lembrança funesta dos vindouros deve ficar assinalado com pedra negra, como faziam os antigos: e que sem embargo de o ter consagrado a Igreja para o festivo culto de todos os santos, não foi bastante para que elles interpozessem as suas multiplicadas rogativas diante de Deus, a fim de obviar tamanha ruina, e destroço; porque parece não foi aquelle dia o tempo opportuno, em que os santos só rogam o digno ao Omnipotente, como disse o profeta. (3)

Não obstante com tudo a lastimosa decadencia, a que se reduziram as suas fabricas, e edificios, de que a seu tempo faremos menção com grande magoa nossa, convem referir primeiro pelas memorias, que ainda conservamos, o estado florente, em que se achava a cidade, cuja vasta extensão no parecer de alguns, (4) valendo tanto como o restante do mais reino, obriga-nos a notar em pontos distinctos as suas mais consideraveis prerogativas.

§ I — *Sitio, Clima, e Origem*

Está Lisboa fundada nas margens do rio Tejo, duas leguas ao norte da sua foz, e na parte onde o mar Oceano entrando pela barra dentro Leste-Oeste, constitue em especie de agradavel bahia uma enseada immensamente espaçosa. N'ella se fórma o mais famoso porto entre os melhores do mundo, não só pelo seguro abrigo, que com as montanhas circumvisinhas sobranceiras ao rio dá ao innumeravel genero de embarcações miudas, e grossas, que nelle surgem: mas por servir de frequente, e importante escala ao commercio das nações, e ter sido aquelle no-

(1) Luiz Vartomano, lib. 7 cap. 4 das suas Naveg. Marin Sicul. de reb. Hisp. lib. 2. Vasaeus Chron, Hisp c. 20. Medin Grandez. de Hespanh. liv. 2. cap. 57. Serra Apparat. Synonim. p. 1118. Barezzo Barezzi Prop. in Hist. Geograf. p. 378. Far. sobre a est. 57 do cant. 3. de Cam. (2) Plin. lib. 4. c. 22. Gruter. Inscript. p. 252 e 261. Brito Monarch. Lusit. liv. 4. c. 20. (3) Psalm. 31. vers. 6. (4) Gil Gonçalv. de Avila no Theat. de las grandez. de Madrid. p. 502. Botero nas Relaç. univ. part. 1. liv. 1. pag. 15, Davity Descr. da Europ. tom. 1. p. 188.

tavel centro donde se tiraram linhas de gloriosas conquistas para toda a circumferencia do universo. Affasta-se da equinocial para o norte 38. gr. e 48. min. E do primeiro meridiano 9. gr. e 15. min. (1)

É muito desigual, e quebrado o seu terreno, por ser composto de montes, e valles: o que obrigou a Cadaval Gravio dar-lhe o attributo de Acrópolis, que quer dizer montuosa. (2) Esta irregular situação embaraça o poder-se ver perfeitamente de parte alguma o corpo todo da cidade: porém olhando do alto de algum dos sete montes, em que está edificada, basta a agradavel vista da marinha para compensar todo o descommodo.

Prolonga-se pela parte Boreal do rio d'esde o convento de Belem até o de Xabregas, em que ha duas leguas de extendida, e povoada praia; e por esta face ainda é mais deleitavel aos olhos a sua formosa perspectiva, a qual produz com a nova erecção de palacios, e jardins melhor figura, e semblante, que no tempo antigo. (3) Pelo certão occupa de fundo o espaço de meia legua, e fórma pela banda opposta a semelhança de um imperfeito semicirculo, ou arco tortuoso.

Em todo este ambito se ia Lisboa engrossando com tanto excesso, que os seus sete montes parece, que gemendo ao pezo da grande povoação, a obrigaram passar aos campos, e arrebaldes visinhos, nos quaes vemos fabricar-se continuamente de novo bairros inteiros com espaçosas, e nobilissimas casas; emendando-se ao mesmo tempo, quanto é possivel, a desigualdade do terreno, e estreiteza das ruas, que se via nas primitivas fabricas da cidade.

Incluia-se a mais antiga situação d'ella desde o monte do Castello, com tudo o que corre entre as portas do Sol, e Ferro até á Ribeira com os suburbios do oriente, e occidente. (4) Pouco a pouco se foi alargando, em fórma que no anno de 1500 já a sua grandeza podia competir com as melhores cidades do mundo, (5) e no anno de 1550 pareceu tão excessiva a sua vantagem, que excitou ao arcebispo D. Fernando de Vasconcellos mandar fazer uma descripção pelo seu guarda-roupa Christovão Rodrigues de Oliveira, (6) para que se visse o augmento da cidade,

(1) Seguimos este calculo, por entendermos que é o mais exato, não ignorando o que diz o padre Ricciolo, lib. 7. c. 19. ser tanta a diversidade de opiniões, que tem havido sobre a latit. de Lisboa, que não se atrevia a assinal-a; porem com bons fundamentos sempre elegeu e seguiu a que expomos. (2) Grav. apud Povares no Diccionar. Geografic. p. 252.

(3) Damião de Goes, que no anno de 1542 fez uma Descripção Latina de Lisboa, diz, que quem olhasse da villa de Almada para esta cidade, se lhe representaria a figura de uma bexiga, ou buxo de peixe. «Siquis ex oppido Almada rectis, immotisque oculis urbis situm, figuratumque vellit contemplari, illam certe veram vesicae piscis effigiem referre comperiet.» Porem isto era em tempo, que a cidade só se extendia desde as portas da Cruz até Santos o velho, como se poderá observar nas plantas antigas de Lisboa, que traz Jorge Braunio no tom. 1. Civit. Orb. terrar. impressas no anno de 1572, e tambem Abrahão Ortelio. (4) Brand. Monarq. Lusitan. lib. 10. cap. 26. (5) Goes na Olyssipo. (6) Supposto que esta obra intitulada: «Summario de algumas cousas assim Ecclesiasticas, como seculares, que ha na cidade de Lisboa,» sahio impressa no anno de 1551 na officina de Germão Galharde em nome de Christovão Rodrigues de Oliveira, guarda-roupa do sobredito arcebispo; com tudo o Bispo de Targa D. fr. Thomé de Faria na Decad. 1. liv. 9. cap. 6, attribue a sua composição ao proprio Ar-

e com tudo segundo consta da mesma relação não tinha Lisboa n'aquelle tempo mais que tres mil e cem passos de comprido, e mil e quinhentos de largo.

Assim foi nobremente crescendo o territorio até o tempo delrei D. Sebastião, o qual pela infeliz jornada de Africa, deixando Lisboa deserta, começou esta capital a experimentar uma notavel deterioridade, e sobrevindo-lhe bastantes oppressões, e calamidades (1) com o desabrigo, e remota assistencia de alheio soberano, se viu sensivelmente opprimida a sua opulencia, e grandeza. (2) Porem assim como o reino felizmente resuscitou na restituição de reis proprios, assim em Lisboa renasceu o esplendor antigo, e neste augmento hia continuando florente com a cultura de edificios insignes, e com a excellencia de sua populosa extensão, a qual havia subido áquelle ponto, que tinha premeditado um nosso poeta. (3)

O clima é o melhor de toda Hespanha, temperadissimo, de ares puros, e saudaveis, pois ordinariamente em todas as estações do anno se mostram os astros benevolos ao seu terreno: parece que se vive aqui em uma continuada primavera. (4) Esta celestial clemencia quer Luiz Mendes de Vasconcellos, (5) que seja communicada por influxos do signo de Aries, se bem o doutor Manoel Bocarro (6) assenta fixamente, que o signo de Libra é o que predomina mais directo nesta cidade, sobre a qual está perpendicular em rigor geometrico, segundo a computação de Tico Brahe.

A sua primeva, e originaria fundação é muito controversa, e entre os varios pareceres, em que se dividem os geografos, e historiadores, não ha um, que em tão remota antiguidade possa aquietar o animo inteiramente. Recolheremos todavia em curto espaço quanto se encontra semeado sobre o assumpto. O primeiro parecer affirma, que Ulysses famoso capitão grego, depois de conquistar Troya, e reduzil-a a cinzas, viera fundar na ultima costa de Hespanha a cidade de Lisboa, a quem dera o nome de Ulyssea. Affirmam que fora Estrabo o author d'esta opinião, (7) o qual por fé de Possidonio, Artemidoro, e Asclepiades Mir-

cebispo D. Fernando. (1) Luiz de Torres nos Successos de Portug. part. 1. cap. 2. c 6. (2) Sever. de Far. discurs. 1. «Sobre o muito que importa para a conservação, e augmento da Monarquia portugueza assistir Sua Magestade com sua corte em Lisboa.» (3) Gabr. Pereir. no Poema de Lisboa Edificada, cánt. 10. est. 137

Aqui, famoso Alcides Lusitano, A quem de prata, e d'ouro o Tejo ufano
Vereis hum mundo numa só cidade, Banha em sinal de eterna magestade.

(4) Neufville, Histoir. gener. de Port. tom. 1. p. 35. Pivati, Nuovo Dizionar. scientific. e curios. tom. 6. p. 244. Brand. na Monarch. Lusit. tom. 3. liv. 10. cap. 26. Sever. de Far. Discurs. 1. Politic. p. 18. v. Maced. Flor de Hesp. cap. 1. (5) Vasconcel. no Sitio de Lisboa, p. 105, a quem segue Oliv. Grandez. de Lisb. fol. 136. Marinh. de Azevedo, Fundação de Lisb. liv. 1. cap. 26. (6) Bocarro, Annotaç. Astrolog. ao 1. Anacephal. da Monarq. Port. est. 67. (7) Dehinc Abdera, Phaenicum ipsa etiam edificium. Superiora regioni: montana loca, Ulyxeam ostentant, in qua est Minervae templum, ut autor est Possidonius, et Artemidorus, et Asclepiades Myrleanus; qui in Turdetania litterarum Ludimagister extitit..... Is monumenta quaedam de Ulyxis errore in Minervae templo esse commemorat. Parmas suspensas. Aplustria; rostraque navalia. Strabo liv. 3 da impressão de Roma no anno de 1470.

liano, pretende mostrar por infallivel a navegação de Ulysses a estas partes, segundo varios monumentos nauticos, que existiam suspensos em um templo, que á deusa Minerva havia alli erecto aquelle capitão grego. (1) A esta decantada sentença se aggregaram outros muitos escritores. (2)

Porem contra isto militam algumas razões urgentes, e indispensaveis á evidencia da verdade, porque do contexto de Estrabo não se infere a verdadeira situação local de Lisboa, que vemos fundada á borda do Tejo, antes claramente falla o author da região, e montanhas de Granada, onde situa Abdéra, que hoje querem uns seja Almeria, outros Adra; e persuadir-nos, que visto não se achar a cidade de Ulyssea no lugar onde a colloca Estrabo, e n'ella o templo de Minerva, seja a nossa Lisboa a mesma de que falla aquelle antiquissimo geografo, é argumento muito violento, como pretende provar Gaspar Estaço, a quem segue o capitão Luiz Marinho de Azevedo.

Alèm de que affirma Paulo Merula, cosmografo insigne, (3) que não passara Ulysses do estreito de Gibraltar, e sobre tudo assevera o grande Herodoto, pai, e principe da Historia grega, (4) serem os Focenses os primeiros gregos, que usaram largas navegações, e que impellidos da violencia dos ventos vieram por acaso investigar as ultimas costas do Oceano Atlantico, sendo este primeiro accesso, ou arribada quasi seis seculos posteriôr ás ruinas de Troya. (5) D'onde só por este fundamento bem se podia convencer de fabulosa a colonia, ou fundação de Lisboa, attribuida a Ulysses.

E é certo, que das suas occidentaes peregrinações já como fantasticas, desconfiaram, e duvidaram muito Aulo Gelio, Seneca, Cornelio Tacito, (6) e positivamente, quanto á fundação de Lisboa, nos desenga-

(1) O capitão Luiz Marinho no liv. 2. cap. 17 da Fundação de Lisboa, diz, que este Templo fora fundado no Castello de Lisboa junto da torre, que chamam de Ulysses. O padre Antonio Vieira na Palavra do Pregad. empenh. p. 246, diz, que o dito sumptuoso Templo fora o que hoje se vê mudado, ou convertido no insigne Convento de Chelas; porem cada um falla ao seu arbitrio sem exhibir documento solido, que acredite o seu dito, e em semelhantes materias só testemunho antigo dá authoridade. (2) Solin. cap. 26. Marin Sicul. lib. 2. de reb. Hisp. c. 3. S. Isidor. de Origin liv. 25 cap. 1. Nebris. de reb. Hisp. ad Lector. Vasaeus Chron. Hisp c. 10. Luc. Tudens. Chron. mund. aetat. 3. Luiz Nun. in Hisp. c. 35. Franc. Taraph. de reb. Hisp tratando de Gorgoris. Carrilho Annal. Chronol. ad an. 2820. Garibai tom. 1. liv. 4. cap. 29. Fr. Juan de la Puente Conveniencia de las dos Monarquias tom. 1. l. 3. e 4. §. 4 Salazar de Mendoz. Origen de las Dignid. seglar. de Castilla l. 1. c. 2. Rodrig. Blend Poblacion gener. de Esp. pag. mihi 146. Monçon Espejo de Princip. l. 1 c. 90. Colmenar. Hist. de Segovia c 2. §. 1. Quintana Histor. de Madrid liv. 1. c. 4. Goes na Olisipo. Brito Monarch. Lusit. liv. 1. cap. 22. Oliv. Grandez. de Lisboa trat. 2. c. 2. Estaço Antiguid. de Port. c. 7. Marinho liv. 2. cap. 16. da Fundação de Lisboa. Duarte Nun. Orig. da ling. Port. p. 9. Cam. c. 3. est. 57. Mousinho de Quevedo no Aff. African. cant. 3. est. 42. Gabr. Pereir. na Ulyssèa cant. 7. est. 46. Macedo na Ulyssipo p. 182. (3) Urbis nomen ab Ulysse (quod ex Myrliani verbis conatur facere Strabo) derivare absurdissimum, quum is extra fretum Herculeum nunquam navigarit. Paul. Merul part. 2. Cosmograph. liv. 2. cap. 26. (4) Hi Phocenses primi Graecorum longinquis navigationibus usi sunt. Adriam simul, et Tyrrhenum, Iberiam, atque Tartesum ostenderunt. Herodot. na Clio lib. 1. segundo a versão de Henrique Estefano, e Friderico Sylburgio. (5) Vide Petav. tom. 2 de Doctrin. tempor. p. 291 (6) A Gel. Noct. Actic. lib. 14. cap. 6. Seneca ep. 88 Tacit. de morib. et popul. Germanor.

nam os illustres filologos Christovão Collero, Justo Lipsio, Gerardo João Vossio, Lourenço Valla, Mariana, D. João de Ferreras, e os eruditos geografos Samuel Bochart, Christovão Cellario, e outros. (1)

Reconhece a segunda opinião ainda maior antiguidade a Lisboa, porque lhe dá por fundador a Elisa, filho de Javan, e bisneto do patriarca Noé, confirmando alguns o credito d'este partido com a vulgar tradição, que ainda entre nós permanece, de chamarmos aos campos visinhos de Lisboa, por onde corre o Tejo Lizirias, nome derivado com facil corrupção de Elisa. (2) É o corifeo d'esta sentença João Goropio Becano, medico brabantino, de agudo, e singular engenho, que na sua Hermathena, ou estatua de Mercurio, e Minerva (3) foi o primeiro que descobriu tão gloriosos principios a esta inclita cidade, por cujo invento pretende jactanciosamente o mesmo anthor, e é justo, que os lisbonenses lhe sejamos agradecidos. Seguem-no bastantes. (4)

Sem duvida é desculpavel o assenso, que os nossos escritores tributam a esta illustre sentença, ou já pelo respeito, e decoro, que nos communica tão nobre, e antigo fundador, ou pela difficuldade, que ha em conhecermos quanto nos lisongea o amor da patria, porem a fallar seriamente a verdade, e examinando imparcial a força da dita opinião, nella não se encontra mais que uma engenhosa violencia, ou conjectura, e como lhe chama em caso identico o insigne escriturario Bento Pereira (5) adevinhação dos cap. 10 do Genesis, e 27 de Ezechiel, em que se firma (6) corroborada unicamente com a singular etymologia de uma raiz hollandeza, segundo pretende o mesmo Goropio, que por interesse de vangloria se quiz fazer celebre na invenção de opiniões extravagantes, como dizem Justo Lipsio, Scaligero, e Isaac Bullart. (7)

Abraçando as duas precedentes opiniões, determina a terceira coor-

(1) Colero Specileg. ad Cornel. Tacit. pag. mihi 595. n. 2. Just. Lips. nas Notas que fez a Tacito allegado nota. 14. Vossio tom. 5. lib. 1. de Origin. Idolatr. c. 33. «Aeque vanum de Olisipone condita ab Ulysse.» Valla tract. de reb. á Ferdinand. Aragon. rege gestis lib. 1. p. 1008. na Collecção de Roberto Bello Marian. Histor. de Esp. tom. 1 lib. 1. cap. 12. fin. Ferreir. part. 1. Synops. Histor. p. 60. Bochart Geograph sacr. tom 2. lib. 1. cap. 35. «Jam quae ad Tagum est, Lusitaniae hodie metropolis, Olisippo, frustra ab Ulysse deducitur, cum sit Phaenicium» alis ubbo. «id est, amaenus sinus.» Cellar. Geogr. antiq. lib. 2. c. 1. §. 8. «Sed nugae sunt, quae de Ulysse conditore adferuntur.» Colmenar. Delices de Portug. tom. 4. p. 748. (2) D. Fr. Manuel na Cart. 62. da centur. 3. (3) «Lisbonam igitur non ab Ulysse vel dictam, vel conditam fuisse existimo, sed multo esse antiquiorem... Nobis é sacra Historia liquet Elisa fratrem Tarsis fuisse, quo fit ut credam, Tarsesium quidem prius Tartesum condidisse, atque inde Elisam partim fratris vicinia, partim locorum clementia allectum ad ostium Tagi urbem statuisse, et de nomine suo» Elis mon «vocasse, unde Elisbon, «ac deinde» Lisbon «fuerit nuncupata, duplici digamma in Beta commutatio. Quis non videt quanto haec nomenclatura propius accedat ad Urbis nomen, quod hactenus sibi servavit. licet Graeci ambitiose illud conati sint ad Ulyssipolin detorquere?»Joan. Gorop in Hermathen. lib. 9. p. 229. e na Hispanica lib. 4. p. 53. (4) Covarruv. Thesor. de la lengua Castellan. verbo «Lisbona» Brand. Monarq. Lusit. lib. 10 cap. 26. Cunha Histor. Eccles. de Lisb. part. 1 cap. 2. § 7. Sever de Far. Not. de Port. disc. 5. § 2. Salgad. de Aranjo Mart. Lus. p. 83. Fons. Evor. glor. n. 9. (5) Pereir. in Genes. c. 10. lib. 15. (6) Pined. de reb. Salom. lib. 4. cap. 14. p. 208. Pinto in Ezech. c. 27. Bochart. Geogr. sacr. tit. 2. lib. 3. c. 4. Kircher de Arca Noe p. 223. (7) J. Lips. cent. 3. epist. 44. Scalig. apud. Card. Bona in notitia Author, que vem no fim da Divina Psalmodia. Bullart. Academie des Sciences tom. 2. p. 177.

denal-as em melhor chronologia, affirmando que Lisboa fora primeiramente edificada por Elisa aos 278 annos depois do Diluvio, e que passados 900 annos viera Ulysses amplial-a. É esta sentença muito plausivel pela qualidade dos authores, que approvam, e seguem. (1)

Sustenta, e qualifica a quarta opinião, que Lisboa fora sem duvida fundada por gregos, ou fossem uns, ou outros, os quaes como costumavam impôr os nomes ás suas novas colonias deduzidos, e indicativos da maior fertilidade, em que os sitios se singularisavam, vendo discorrer pelas ribeiras do Tejo grande numero de velozes ginetes, e fecundissimas eguas, lhe chamaram *Olis hippon*, como se lê em Ptolomeu, isto é, *Olios equile*, ou *equorum*, segundo vertem João Noviamago nas Taboas do mesmo Ptolomeu, e Nono Pinciano nas Castigações de Pomponio Mela, (2) d'onde os romanos conformando-se com a allusão, ou etymologia dos gregos, deduziram depois o nome Olisipo, que deram a esta cidade, conforme entende Lourenço Valla, (3) e parece o quiz dizer tambem Plinio, (4) a quem segue Paulo Merula, (5) e o nosso jurisconsulto João de Barros na Descripção do Minho.

Omittindo outras opiniões menos recebidas, ou extrahidas de monumentos fabulosos, (6) concluimos dizendo: que a averiguação d'este ponto é summamente ardua, e que não permitte decisão absoluta pelo remoto da sua antiguidade, em que não ha documento solido, que o determine, (7) constituindo sem duvida esta mesma incerteza uma das veneraveis excellencias, que condecoram Lisboa, pois ninguem poderá dizer d'ella rectamente quando não foi, nem tão pouco affirmar quando começou a ser.

§ II — *Nações varias, que a dominaram*

Os primeiros habitadores, que occuparam Lisboa, conforme a nossa Geografia, foram os póvos, a quem Plinio chama Turdulos antigos, (8) donde se propagaram os Turdulos modernos da Andaluzia, e Turdetanos do Algarve. Era esta gente a mais bem entendida, e valerosa

(1) Marinh. de Azeved. Fundaç. de Lisboa liv. 2. cap. 10. Vieira Palavra de Deos empenhada p. 215. João Salgado Marte Lusitan. certam. 1. art. 4. Cardos. Agiol. Lusit. a 13 de Junho Carv. Corograf. Port. tom. 3. trat. 8. cap. 2. Santa Maria Ceo aberto liv. 1. cap. 5. Soar. Memor. d'el-Rei D. João I, liv. 3. n. 1203. Garcez Ferr. sobre o cant. 8. de Cam. est. 3. n. 9. Lima Geogr. Histor. tom. 2. cap. 12. (2) Noviomag. in lib. 2. Ptolom tabul 1. Geogr. Non. Pincian. in lib. 3. Pompon. Mel. cap. 1. (3) «In Portugallia Olisippona. Quod nomen ab iis corrumpitur, qui velut ab Ulysse Ulyxbonam dicunt, nescientes Ulyssis illius virî nomen, sed sic á Latinis esse corruptum, praeterea Ulyssem illuc non navigasse: postremo hanc vocem, si Graecam originem sectari libet, ab equis ductam.» L. Valla supra allegado.

(4) A Tago in ora Olisipo, equorum a Favonio vento conceptu nobilis. Plin. l. 4. c. 21. da impres. de Veneza do an. de 1469 na officina de João Spira. (5) Olisippo enim meo quidem judicio, quasi olis ippon, quo innuitur totum illum Hispaniae tractum, tanquam equorum quoddam fuisse stabulum, ob incredibilem equarum iis in locis faecunditatem. Merula supra allegad. (6) Vide Barreir. Corograf. p. 153. Marinh. de Azevedo liv. 2 c. 12. (7) Olisiponem igitur quis primum condiderit, in tanta seculorum vetustate, pro certo nos affirmare non audemus. Goes in Descript. Olisip. (8) Plin. lib. 4. cap. 21. Monarq. Lusitan. liv. 10. cap. 26. Vide o nosso Mappa tom. 1. part. 2. cap. 1. n. 49.

de toda Hespanha, e deram provas bastantes do seu valor em varios recontros, que tiveram com os Celtas, Barbaros de Arrabida, e Sarrios da Beira.

Não menos experimentaram a sua boa politica os Fenices, os Gregos, e particularmente os Carthaginezes, de quem ha memorias mais verdadeiras. Confederaram-se estes com os nossos estreitissimamente, servindo-lhes a nossa amisade, riquezas, e outros bens com que a natureza dotou Lisboa, para que não contentes com os interesses do commercio, deixassem de se levantar com a terra, e subjugal-a a seu imperio.

As mesmas qualidades de paiz tão fertil, tão ameno, tão benigno, serviram de incentivo em grande parte á ambição dos Romanos, cujo poder prevalecendo contra os Carthaginezes triunfou das suas armas; e introduzindo-se absolutos na Lusitania, fizeram sua a cidade de Lisboa entre as mais povoações, que sujeitaram, custando-lhe todavia não pouca perda de seus exercitos, derrotados pela nossa gente. (1) Aqui poderamos fazer menção de muitos successos memoraveis dos Lisbonenses antigos, principalmente dos celebres, e valerosos capitães Cesaron, Cancheno, Viriato, e outros, se este fora o nosso principal assumpto, contentando-nos, por nos conformar com o systema, que seguimos, referir o sufficiente.

Concluida finalmente a famosa batalha de Munda contra os filhos de Pompeyo, se vio a nossa provincia pacificada com a presença do imperador Julio Cesar, a quem Lisboa, já n'aquelle tempo de grande nome, pela conducta benefica no imperador, lhe deu homenagem. Tanto estimou Cesar este lance de obediencia, que para premio da cidade, e expressão do seu gosto, ou para melhor perpetuar sua fama, mandou que d'alli por diante Lisboa se denominasse Felicitas Julia, isto é, felicidade de Julio Cesar, e que seus cidadãos gozassem o foro municipal, que consistia em poderem militar nas Legiões Romanas, gozando alli das honras que merecessem: e que pelos magistrados obtidos nas suas patrias tinham ingresso para os de Roma, podendo pedil-os, e participal-os, e juntamente governar-se pelas suas leis particulares, e gozarem de outras muitas prerogativas. (2)

Além de varios authores, que referem ter dado Julio Cesar a Lisboa o honorifico titulo de Felicitas Julia, e o privativo de municipio, (3) se acha elle acreditado em varias inscripções aqui descobertas, que se podem ver em D. Rodrigo da Cunha. (4) Nós accrescentaremos mais uma que se manifestou no anno de 1749, extrahindo-se dos alicerses de umas casas fronteiras á esquina da Paroquial Igreja da Magdalena no

(1) Livio lib. 35. cap. 1. lib. 36. c. 46. lib. 39. c. 31. Orosio lib. 5. cap. 4. Moral. Pineda, e outros apud Fr. Bern. de Brito na Monarq. Lusitan. liv. 2. c. 27. 28. Resend. de Antiq. Lusitan. lib. 1. e 3. (2) Panvin. lib. 2 de Imper Rom. (3) Apud Brito na Monarq. Lusit. liv. 4. cap. 29. (4) Cunha Histor. Eccles de Lisboa part. 1. cap. 4.

principio da travessa, que vai para as Pedras Negras. Por não se perder esta memoria, persuadimos, que se collocasse esta bem conservada, e moldurada lapida, com outras mais Inscripções Romanas, que alli se descobriram, na face collateral da parede das ditas casas reedificadas, e tem a em que agora reparamos quasi doze palmos de comprido, e quatro e meio de largo em um perfeito rectangulo. Diz a Inscripção gravada na pedra desta fórma:

L. Caecilio L. F. Celeri RecTo
Quaest. Provinc. Baet.
Trib. Pleb. Praetori
Fel. Iul. Olisipo.

É o sentido desta Inscripção: «Que a cidade de Lisboa, ou Felicidade Julia, chamada em outro tempo Olisipo, dedicara aquella memoria a Lucio Cecilio, filho de Lucio Celer Rectissimo Questor da Provincia Betica, Tribuno da Plebe, e Pretor.» De cujo monumento se infere, que Lisboa conservava a dictado de Felicitas Julia em tempo do imperador Domiciano, em cujo imperio veio governar na Betica o sobredito Pretor Cecilio Celer, que foi perto dos annos 88 de Christo, segundo a Chronologia do P. M. F. Henrique Flores, na bem trabalhada, e erudita obra de Hespanha sagrada. (1) Deste Pretor se lembra Marcial, (2) louvando muito o seu governo: o motivo porém que houve para os nossos Lisbonenses lhe dedicarem aquella memoria, ignoramos. De outras Inscripções Romanas, que comfirmam isto, tratam largamente os authores que allegamos. (3) Advertindo, que até o anno 245 de Christo ha memoria de permanecer ainda Lisboa com o mesmo titulo, segundo consta da Inscripção, que traz Grutéro, pag. 273, dedicada ao imperador Filippe.

Foi proseguindo o dominio romano em nossas terras até o anno de 409, em cujo tempo succedendo a invasão dos Alanos, Vandalos, e Suevos em todo este continente, (4) se viu arruinada a monarquia imperial. Os barbaros septentrionaes discordes, e divididos em bandos, causavam mutuas hostilidades nas provincias: determinaram sorteal-as, e cahiu a sorte da Lusitania aos Alanos, segundo refere Idacio no seu Chronicon sobre o anno de 411.

Pouco tempo durou a residencia dos orgulhosos Alanos nesta provincia, e cidade; porque vindo os Godos com seu rei Theodorico, os derrotou, e submetteu a seu imperio. Succederam logo varias alterações,

(1) Flor. Hespanha sagrad. tom. 1. cap. 16 p 237. (2) Mart. lib. 7. epigra. 51.
«Ille meas gentes, et Celtas rexit Iberos,
Nec fuit in nostro certior orbe fides.

(3) Brito na Monarq. Lusit. liv. 5 Luiz Marinho nas Antiguidad. de Lisb. liv. 3. Resend. de Antiquit. Cunha nos Bispos de Lisboa. (4) Petav. Doctrin. tempor. tom. 2. pag. mihi 419

é com ellas sentiu Lisboa os estragos, e os roubos, que lhe fulminaram os Suevos, capitaneados por Maldras, que com sinal de paz a invadiram fraudulentos, conforme expressa o mesmo Idacio sobre os annos de 457. Durou este governo em varios reis godos até expirar o seu dominio em D. Rodrigo com a cruel entrada dos Sarracenos.

Apoderados os Arabes de Hespanha pelos annos de 714, padeceo Lisboa a sua conquista nos de 716, entregando-se todavia por capitulações ao inimigo Abdalariz, a quem se sujeitou com a liberdade de religião; até que passados 38 annos, o rei arabe Abderraman com poderoso exercito a conquistou, e debaixo d'este cativeiro supportaram os lisbonenses rigorosos effeitos de um jugo tyranno. (1) Por este meio tempo é crivej, que os mouros corrompessem o nome antigo da cidade chamando-a Lisibo, por não terem no seu idioma uso da letra P. Depois disseram Lisiboa, e ultimamente Lisboa, que hoje permanece. (2)

Começavam-se já a ouvir os vitoriosos clamores, e felices progressos da restauração de Hespanha, quando no anno de 798 D. Affonso o Casto, já rei acclamado de Galliza, e Asturias com o soccorro de Carlos Magno, invadindo Portugal, cercou estreitamente Lisboa; e vencendo-a por assalto, poz tudo a saque, e em miseravel fuga ao capitão Mugahit, que a governava. (3) Logrou porem a cidade pouco tempo a pacifica residencia dos christãos; porque no anno de 811 a tornaram a usurpar os mouros pelo rei de Cordova Aliantan, posto que á custa de uma dilatada resistencia; e nesta sujeição barbara permaneceu até o anno de 951, em que elrei de Leão D. Ordonho III a veio recobrar á força de rigido combate. (4)

Correram alguns annos, e devia outra vez sacudir-se da obediencia dos christãos; porque consta da Historia dos Godos, (5) que a 6 de Maio de 1093 a conquistara elrei D. Affonso VI de Castella, e ficaram sendo os mouros seus tributarios. Foi continuando na mesma sujeição até o nosso conde D. Henrique, a quem seu sogro D. Affonso VI havia dado em dote todas as terras conquistadas em Portugal; mas porque o numero da guarnição christã foi muito menor do que era preciso para manter firme o presidio, succedeu rebelarem-se os infieis contra o conde: e assim se tornou a perder Lisboa, e reduzir-se totalmente ao aspero senhorio dos arabes. Vamos referindo estes varios conflictos na fé do nosso diligentissimo chronista Brandão, não ignorando haver author, (6) que se inclina, a que Lisboa não fora tirada aos mouros desde o seu primeiro dominio, senão pelo santo rei D. Affonso Henriques.

Em fim chegou o anno de 1147, e com elle a occasião feliz de ser

(1) Brito na Monarq. Lusit. liv. 7. cap. 6. (2) Barreir. na Corografia, p. 63. Herbelot na Bibliot. Oriental, diz, que os Arabes pronunciam Lisboa desta sorte. «Aschbounah,» e que ha nella uma rua, ou bairro chamado «Harat al Magrouria» que quer dizer: Rua dos atrevidos (3) Monarq. Lusit. liv. 7. c. 11. Huerta Anales de Galiza tom. 2. p. 301.

(4) Sampiro apud. Monarq. Lusit. liv. 7. cap. 22. (5) Ibid. liv. 8. cap. 6. (6) Sousa na Histor. Geneal. tom. 1. pagi 59.

Lisboa ultimamente resgatada por este gloriosissimo principe, de cujo grande espirito, e valor sempre a fama publicara maravilhosos effeitos. Era ardua a empreza, e se fazia difficultosa a conquista, por ser a cidade uma das mais formidaveis praças da Estremadura, fortalecida com robustas muralhas, e guarnecida com um innumeravel presidio de mouros, motivos que já no anno de 1140 haviam frustrado ao mesmo heroe semelhante projecto.

Agora porem auxiliado com o poder de uma famosa expedição de duzentas náus, que das partes do norte havia sahido para a conquista da Terra santa, e compellida de uma furiosa tempestade, viera demandar o abrigo das nossas costas, determinou elrei D. Affonso pôr em ultima execução os seus santos designios.

Será justo darmos aqui noticia d'esta armada, e de algumas circunstancias notaveis succedidas no cerco de Lisboa, valendo-nos para isto com especialidade de um documento coetaneo, e authentico até agora incognito aos nossos escritores. É uma carta latina, que Arnulfo, pessoa distincta, que vinha na dita armada, escreveu no anno de 1147 ao bispo de Terona em França, chamado Milon, dando-lhe conta da dita expedição, e seu progresso, a qual carta extrahida dos manuscritos das insignes bibliothecas Aquicinetense, e Gemblacense, abbadias de França, descubrimos no tom. 1. *Veterum monumentorum*, a pag. 800 da Collecção de Martene, e Durand, monges benedictinos de S. Mauro, impressa em Paris no anno de 1724. Diz assim conforme a nossa versão, deixando outras antecedencias da dita carta.

«Na segunda feira depois do Espirito Santo entrando pela barra do rio Douro, arribámos ao Porto, onde achámos o bispo d'aquella cidade, que com antecipada ordem delrei esperava alvoraçado a nossa vinda. Alli nos demorámos onze dias aguardando pelo conde Arnoldo de Ardescot, e o condestavel, que se haviam separado de nós por causa da tempestade, e em todo este tempo experimentámos no bom commodo dos viveres com outras delicias, e refrescos do paiz a benevolencia do rei. (1)

«Chegados o conde, e o condestavel, fomos continuando a nossa viagem, e ao segundo dia da jornada entrando pela foz do Tejo na vigilia dos apostolos S. Pedro, e S. Paulo, démos fundo em Lisboa, cuja cidade, conforme a tradição das Historias dos Sarracenos, foi edificada por Ulysses depois da destruição de Troya; e está ella fundada com admiravel extructura de muros, e torres sobre um monte insuperavel ás forças humanas. (2)

(1) «Secunda feria ad Portugallim per alveum fluminis, qui Dorius dicitur, appulimus, ubi Episcopum civitatis ejusdem adventum nostrum cum magno gaudio juxta praeceptum Regis praestolantem reperimus. Ubi per dies XI adventum Comitis Arnoldi de Ardescot, nec non Christiani Constabularii, qui a nobis praedicta tempestate divisi erant expectantes, aequam venditionem tam vini, quam caeterarum diliciarum ex benevolentia Regis habuimus.»

(2) «Exinde Comite Arnoldo, simulque Stabulario receptis, navigantes, secunda die apud

«Assim que pozémos pés em terra armámos barracas; e ajudados do favor divino em o primeiro de Julho, tomámos os arrebaldes da cidade. Depois de varios assaltos contra as muralhas, não sem grande prejuiso de parte a parte, gastámos em preparar maquinas até o primeiro de Agosto. (1)

Junto da praia fabricámos duas sumptuosas torres, uma para a parte do oriente, onde se tinham aquartelado os flamengos, outra na parte occidental, onde estavam alojados os inglezes, e fizemos tambem varias pontes para nos facilitar a entrada da cidade por cima dos seus muros. (2)

«No dia da invenção do Protomartyr Santo Estevão se começaram a mover para a bateria as maquinas, e as náus; porem rebatidas não só do vento contrario, mas dos instrumentos bellicos, com que nos sacudiam, nos retirámos com algum damno; e no tempo que os nossos pugnavam com os sarracenos, defendendo os inglezes com menos vigilancia a sua torre, não a poderam livrar do improviso incendio, que a abrazou. (3)

«Logo com certa maquina começamos a romper a muralha; o que vendo os mouros, lançando por cima d'ella fogo oleoginoso, a reduziram a cinzas, experimentando-se então de parte a parte innumeravel mortandade, que causavam os arremeços das settas, e os tiros de outras armas offensivas. Quebrantados algum tanto os nossos com a derrota da maquina, e da gente, se applicaram a fazer novos reparos, e engenhosos artificios, esperando sempre da misericordia de Deos. (4)

«Padeciam nesta occasião os sarracenos dentro da cidade os effeitos de falta de viveres; porque supposto, que alguns se achavam com abundancia de mantimentos, se fecharam com elles de modo, que muitos dos miseraveis paizanos morriam á fome, outros sem horror algum tragavam cães, e gatos. A maior parte d'estes miseraveis se passavam aos christãos pedindo, que os bautizassem. Taes houve, que desfalecidos sobre os muros já com as mãos cortadas, eram apedrejados pelos proprios.

Ulixisbonam in Vigilia Apostolorum Petri, et Pauli appulimus. Quae civitas, sicut tradunt historiae Sarracenorum, ab Ulixe post excidium Troiae condita, mirabili structura tam murorum, quam turrium super montem humanis viribus insuperabilis, fundata est.» (1) «Circa quam figentes tentoria Kalendis Julii suburbana ejus Divina virtute adjuti, cepimus. Post haec assultus varios circa muros non sine magno nostrorum, et illorum detrimento facientes, usque ad Kalendas Augusti in machinis faciendis tempus protraximus.» (2) «Siquidem duas turres juxta littus, unam in Orientali parte, ubi Flandrigenae consederant, alteram in Occidentali, ubi Angli castra locaverant, magno sumptu construximus. Pontes etiam quatuor in navibus, sex per quos nobis aditus super Urbis muros paterent, construximus.» (3) «Haec in Inventione B. Stephani Protomartyris admoventes, vento contrario repulsi, necnon et magnellis quodammodo laesi naves retraximus. Deinde nobis ex nostra parte pugnantibus cum Saracenis, Anglici minus caute suam turrim custodientes, hanc ex improviso igne succensam extinguere non potuerunt.» (4) «Interim nos quadam machina murum efodere coepimus. Quod videntes Saraceni, igne oleo admixto, eandem machinam in favillam redegerunt, praeterea mortes innumeras tam magnellis, quam sagittis, nostris inferentes, ipsi quoque a nostris puniti sunt. Nostri de fractura machinarum, et suorum contritione aliquantis perfracti, in misericordia Dei sperantes, ingenia, et machinas reparare coeperunt.»

Outros muitos successos prosperos, e adversos nos aconteceram segundo permittem os varios movimentos da guerra, os quaes deixamos de referir por evitar prolixidade. (1)

«Era dia da Natividade de Maria Santissima, quando certo italiano, natural de Pisa, homem de grande industria, começou a edificar uma altissima torre de madeira no mesmo sitio, onde se tinha queimado a dos inglezes, para cujo complemento concorrendo dispendio regio, e diligencia do exercito, se gastou todo o meado de Outubro. Com igual actividade outro engenheiro fez grandes cavas por debaixo dos muros, cuja operação mal soffrendo os mouros, fazendo occultamente uma salhida, pelejaram com os nossos sobre a cava a peito descoberto desde as dez horas da manhã até a tarde em o dia festivo do Archanjo S. Miguel. (2)

«Porem os nossos amparados com alguns frecheiros, que lhes resistiam, de tal sorte entupiram as passagens, que ao recolher-se os mouros apenas escapou algum d'elles sem golpe, ou ferida; e continuando em abrir, e fundar a mina de dia, e de noite, a acabaram de encher de madeiros no dia proprio, em que elrei juntamente com os inglezes vinha encostar aos muros a sua torre. Pondo-se então fogo á mina em a noite de S. Gallo Abbade, ardendo a fachina, rebentou um lanço da muralha, cahindo d'ella quanto occupava o espaço de duzentos pés. (3)

«Ao estrondo da ruina, acordando os nossos, pegaram em armas, e acomettendo com grandes alaridos a brecha, esperavam que fugissem os que vigiavam, e guarneciam os muros; porem acudindo os arabes em grande numero, se pozeram em defeza na parte, em que a eminencia de um monte se fazia difficil a entrada, continuando todavia o combate desde a meia noite até á hora nona do outro dia, em que finalmente os nossos fatigados, e bastantemente feridos, foram desamparando a peleja a tempo, que a torre se hia apropinquando, de que o povo barbaro andava pelas ruas tumultuosamente vexado. (4)

(1) «Interea Saraceni Civitatis, qui alimentis abundabant, suis concivibus egentibus alimenta adeo subtrahebant, ut quamplurimi eorum fame morerentur; quidam autem eorum canes, et cattos non abhorrebant devorare. Horum pars plurima Christianis se obtulit, et Baptismi Sacramenta suscepit. Quidam autem illorum, truncatis manibus ad murum remissi, á suis concivibus lapidati sunt. Multa nobis adversa, seu prospera secundum quod varius eventus est belli. acciderunt, quae propter prolixitatem vitandam silentio transivimus.» (2) «Tandem quidam Pisanus natione vir magnae industriae circa Nativitatem S. Mariae turrim ligneam mirae altitudinis in ea parte, qua prius Anglorum turris destructa fuerat, coaptavit. et opus laudabile tam ex regio sumptu, quam ex totius exercitus labore circa medium Octobris consumavit. Similiter quidam sub muro Civitatis ingentes cavationes suo ingenio, et multorum auxilio fecit, quod Saraceni molesté ferentes in festo S. Michaelis circa horam tertiam latenter exeuntes, nobiscum usque ad vesperam super foveam pugnam continuabant. (3) Nos autem, sagitariis eis oppositis, vias per quas redire sperabant, adeo vallavimus, ut vel nullus, vel vix aliquis eorum sine plaga evaderet. Hinc nostri die, noctuque laborantes; opus subterraneum lignis levigatis impletum eadem die consumaverunt, qua Rex cum Anglicis muris turrem suam applicaLat. Siquidem in ipsa nocte Sancti Galli Abbatis, igne fossae imposito, lignisque ardentibus, corruit murus spatio ducentorum pedum.» (4) «Nostri de tanta ruina somno expergefacti, sumptis armis cum magno clamore assiliebant, sperantes vigiles custodes murorum fegisse. Ad ruinam autem cum venissent, mons aditu difficilis superiminebat, et turba Saracenorum

«Chegou a torre guarnecida de belicosos soldados a sobreentestar com a muralha, quando dado sinal, se vio ao mesmo tempo investir contra os mouros com maravilhoso assalto o exercito da nossa parte, e os lorenezes na cortadura dos muros. A soldadesca delrei. que pelejava na fortaleza da torre atormentada com as descargas dos sarracenos, se mostrou então com menos alento, de tal fórma, que os mouros, que sahiram fóra dos muros, queimariam sem duvida a torre, se alguns dos nossos, que por acaso tinham alli vindo, os não embaraçassem. (1)

Como a noticia d'este perigo chegasse aos ouvidos do nosso exercito, se despediram promptamente os melhores batalhões d'elle para defender a torre, por se não frustar na perda d'ella a nossa esperança. Vendo então os sarracenos o grande valor, com que os lorenezes, e flamengos subiram para a fortaleza da torre, ficaram tão preoccupados de medo, que arremeçando os alfanges aos pés, mostravam as mãos desarmadas por sinal da paz que pediam. (2)

«Com effeito o alcaide mór, ou o governador do castello dispondo-se a partido com os nossos, pacteou em que recebessemos todas as alfaias preciosas de ouro, e prata que possuiam, e que elrei tomasse posse da cidade, e seus moradores com toda a mais terra, que lhe pertence; e assim se concluio esta victoria mais divina, que humana com a perda de duzentos mil e quinhentos mouros em dia das Onze mil Virgens.»(3)

Toda esta relação é um documento, e singular anedocto, que mostra grande authoridade, não só por ser authentica, mas pelo arreglado, e conforme que se acha com as nossas Historias, e outros escritores veridicos, e coetaneos. No dia da chegada da armada a Lisboa concorda com o livro intitulado: «Fortalitium Fidei, que allega o nosso chronista frei Antonio Brandão, (4) e com o que escreveu o abbade Dodechino. (5) Em o numero das náus, de que constava a armada, combina com o que disse Auberto Miréo, e o mesmo Dodechino. (6) No anno da to-

parata stabat in defensione. Nihilominus autem nostri assiliebant, nec á pugna media nocte inchoata usque ad diei horam nonam cessabant. Tandem variis percussionibus attriti, pugnae se subtrahebant, donsque communicatio turris admoveretur, et sic Saracenorum populus hinc inde vexaretur.» (1) «Et ecce turris viris bellicosis impleta muro superminebat Eadem hora exercitus nostrae partis, Lotharingis ad fracturam murorum inditio pugnantibus, Saracenos mirabili assultu impetebant. Interim milites Regis, qui in arce turris pugnabant, magnellis Saracenorum territi, minus viriliter pugnabant, usque adeo, quod Saraceni exeuntes, turrim concremassent, siquidam de nostris, qui casu ad eos venerant, non obstitisset.» (2) «Haec periculi fama cum ad nostras venisset aures, meliores exercitus nostrae partis ad defendendam turrim, ne nostra spes in ea adnullaretur, transmissimus. Videntes autem Saraceni Lotharingos, et Flamingos tanto fervore in arcem turris ascendentes, tanta formidine territi sunt, ut arma submitterent, et dextras sibi in signum pacis dari peterent.» (3) «Unde factum est, ut Alchaida princeps eorum hoc pacto [illegible] ret : ut noster exercitus omnem supelectilem eorum cum auro, et argento acc[illegible], Ex[illegible]em Civitatem cum nudis Saracenis. et tota terra obtineret. Consummata est autem [illegible] humana victoria in ducentis millibus et quingentis viris Saracenorum in festo undecim millium Virginum. (4) Fortal. Fidei apud Brand. Monarq Lusit. liv. 10. cap. 31. (5) Dodechin. apud. Marinh. de Azeved. liv. 4. c. 23. (6) Miraeus Rer. Belgicar. Chron. ad an. 1147. «Belgae eodem zelo moti, cum in Lusitaniam appulissent, Olisiponem Saracenis eripuerunt, et Alphonso Portugalliae Regi tra-

mada de Lisboa coincide com a Historia dos godos, que transcreve o mesmo Brandão, e com outros muitos escritores. (1) No dia da victoria convem o que cantou Sueiro Gosuino, poeta nobilissimo, e muito chegado áquelles tempos. (2) Finalmente em tudo mais que expressa esta carta, se qualifica de legitima a sua narração, e de summamente veneravel a sua authoridade.

Passado algum tempo, segundo refere Rodolfo de Diceto, (3) emprenderam os mouros recuperar outra vez Lisboa com suas industrias. Entraram pela barra dentro infinitas galeras comboiando uma náu de maior vulto chamada Dromund, em que vinha uma tal maquina com que intentavam entrar armados dentro da cidade. Inspirou Deus no animo de um nosso valeroso soldado, que lançando-se ás ondas deu um furo na náu, e fazendo-a ir ao fundo, varou com a maquina em terra, e a suspendeu sobre os muros. Pela manhã foi vista dos sarracenos, que envergonhados, e raivosos de verem desvanecida a sua idéa, fugiram, mas atrevidamente vingativos foram cativando quantos christãos encontravam pelas praias.

Destruida a mourisma começou o imperio lusitano, e continuando pelo espaço de mais de quatrocentos annos até á morte do cardeal rei D. Henrique, se viu então alterado, e interrompido pelo poder de Filippe II rei de Hespanha, que no anno de 1580 se fez senhor do reino, decidindo á força de armas na ponte de Alcantara o direito á corôa, que por justiça lhe não tocava.

D'esta sorte permaneceu sessenta annos o dominio hespanhol até Filippe IV, cujo governo fazendo-se asperissimo por via de ministros severos, que manejavam os negocios de Portugal, despertou a alguns cavalheiros, e prelados do reino, para que se resolvessem a comprar a todo o risco a liberdade da patria.

Para executarem uma acção tão justa, escolheram o primeiro dia de Dezembro do anno de 1640, sempre memoravel em todos os seculos, e n'elle acclamaram em Lisboa por legitimo, e verdadeiro rei dos portuguezes ao serenissimo senhor D. João IV, duque VIII de Bragança, a quem direitamente competia o throno, e a corôa. Nesta serenissima casa, e descendencia continua o imperio lusitano, e hoje no fidelissimo rei, e senhor D. Joseph I felizmente reinante, e o XXV na dignidade real desde a gloriosa estirpe do santo rei D. Affonso Henriques.

diderunt. Dodechinus et Robertus de Monte referunt ducentas fere naves Flandricas, et Anglicas huic expeditioni interfuisse. (1) Brand, na Monarq. Lus. tom. 3. fin. Document. 1. Duarte Galv. Chron. d'el-rêi D. Aff. Henriq. cap. 30. p. 42. Cunh. Histor. Eccles. de Lisb. part. 1. cap. 33. n. 4. Faria e Sousa Europ. Portug. tom. 2. p. 1. cap. 4. n. 15. Cardos. Agiolog. Lusit. tom. 3. p. 674. Mariana Histor. gener. de Esp. tom. 1. liv. 10. cap. 19.

(2) Gosuino apud. Brand, allegado, e Cunha nos Bisp. de Lisboa part. 2. cap. 25. n. 5.

(3) Rudolfo de Diceto no liv. intitulad. Imagines Historiarum p. 614. o qual vem no livro Historiae Anglicanae Scriptores antiqui. impresso em Londres no anno de 1652.

§ III.—*Fortificação antiga, e moderna*

A fortificação que defende esta cidade se tem reedificado, e augmentado por varias vezes, segundo requer ou a damnificação dos tempos, ou o maior numero de seus habitadores. Desde o inclyto D. Affonso Henriques até elrei D. Fernando, consistia unicamente, como já dissemos. (1) na antiga fortaleza do Castello, com tudo o que corria desde as portas do Sol até á Ribeira, d'onde subiam as muralhas a fechar outra vez no mesmo castello. (2) Ficando tudo mais que era do dito castello até S. Vicente, e da porta do Ferro até as portas de Santa Catharina, e tudo o que toma do castello até ás portas da Mouraria, e de Santo Antão, em arrebaldes. (3)

Todo este pequeno recinto guarneciam para boa serventia doze portas com os nomes seguintes:

I Porta do Ferro. Chamava-se o arco da Consolação, e estava junto da igreja de Santo Antonio.

II Porta do Mar antiga, hoje chamado postigo da rua das Canastras, que fica fronteiro á porta travessa da igreja da Misericordia.

III Porta do Mar. Defronte do caes de Santarem, a que chamam o arco de Jesus. Por esta porta foi invadida a cidade pelo exercito alemão, que auxiliou a elrei D. Affonso Henriques.

IV Postigo do Conde de Linhares. Ficava onde hoje está a porta principal do palacio do conde de Coculim para a banda do mar.

V Porta do Chafariz del-Rei. Ficava no sitio da parede do mesmo chafariz.

VI Porta de Alfama. Está defronte da porta principal da igreja de S. Pedro.

VII Porta do Sol. Fica junto da igreja de S. Braz. No adro d'esta igreja se vê ainda em cima de uma sepultura uma grande bala de pedra, que foi atirada aos nossos pelos mouros com os seus canhões pedreiros, de que usavam na ultima defensa d'esta cidade.

VIII Porta de Alfofa. Está no fim da calçada de S. Crispim da parte de cima.

IX Porta de S. Jorge. É por onde se entra para o castello, e residia o corpo da guarda antes do terremoto.

X Porta de D. Fradique. Era uma porta no castello, que hoje se acha tapada de pedra, e cal, e n'ella se abriu um cano para extracção das aguas do hospital dos soldados.

XI Porta do Muniz. Esta porta fica dentro do castello, e no fim da rua direita da paroquial de Santa Cruz. Chama-se do Muniz em memoria do illustre capitão Martim Muniz, que para facilitar aos nossos a en-

(1) Mappa de Portug. tom. 2 part. 1. c. 3. § 3. num. 17. (2) Galv. Chron. d'el-rei D. Affons. Henriq, cap. 30. Monarq. Lusit. liv. 10. c. 26. (3) Oliveira Grandezas de Lisboa, pag. 15.

trada d'esta porta, quando conquistavamos a cidade aos mouros, se deixou cahir atravessando-se nella; por cima do qual passaram os christãos contra toda a violencia dos arabes. Para eterna lembrança d'esta acção se mandou collocar sobre a mesma porta uma cabeça de pedra, que ainda hoje dura. (1) O conde de Castel-Melhor João Rodrigues de Vasconcellos e Sousa seu decimo quarto neto no anno de 1656 lhe mandou no mesmo lugar abrir uma inscripção, que refere tudo. (2)

XII Porta da Traição. Fica para a parte da muralha, em que está a porta do Muniz, e por um dos seus postigos ha serventia, que vem dar ao caminho da costa do castello.

Depois de passarem dous seculos, governando el-rei D. Fernando, e vendo a necessidade, que padecia Lisboa de fortificação, damnificada pelos prejuizos, que pouco antes lhe haviam feito os castelhanos, por conselho de João Annes de Almada, védor da fazenda, a mandou cercar de novos muros, e altas torres no anno de 1373, ordenando, que para maior expedição, e adiantamento da obra trabalhassem da parte do mar os moradores de Almada, Cezimbra, Palmella, Setubal, Coina, Benavente, e toda a mais gente do Riba-Tejo: e da parte da terra, os de Cintra, Cascaes, Torres Vedras, Mafra, Alanquer, Arruda, Atouguia, Lourinhã, Chileiros, Póvos, Villa Franca, e Aldea-Gallega. (3)

Com tanta diligencia se operou nesta reedificação, que se concluio no anno de 1375 a nova cerca, ou muros novos, dando-se de terreno á nova planta sete mil passos de circumferencia, e accrescentando-se nas muralhas de mais as portas seguintes:

I Porta de S. Lourenço. Ficava no cimo da calçada da Rosa, e junto onde hoje existe o palacio do visconde de Villa-Nova da Cerveira. Esta porta se demoliu no anno de 1700.

II Porta da Mouraria. Existe ainda hoje junto ao palacio do marquez de Alegrete.

III Porta da rua da Palma. Permanece na mesma rua, que lhe dá o nome.

IV Porta da rua da Pella. É onde chamam o arco da Graça, pelo qual se vai para o collegio de Santo Antão.

V Porta de Santa Anna. Ficava para baixo da paroquial de Nossa Senhora da Pena, e no sitio onde se vê hoje uma ermidinha chegada ao muro das religiosas commendadeiras de S. Bento de Avis.

VI Porta de Santo Antão. Existe junto da igreja de S. Luiz dos francezes. Por ella se faz transito para a praça do Rocio. Ainda nos lembramos vêr aqui collocadas nas suas couceiras as portas com que se fe-

(1) Brand. Monarq. Lusit liv. 10. cap. 28. Francisco Botelho de Moraes no Poema Alphonso, liv. 12. est. 20. da primeira impressão, dá a entender, que esta porta era a chamada do Sol: e na impressão de Salamanca liv. 10. est. 11. chama-lhe a porta do Norte.

(2) Vide Demonstr. Histor. de Fr. Apollinario da Conceição, p. 190. (3) Duart. Nun. Chronic. d'el-rei D. Fernand. p. 238. Oliveir. Grandezas de Lisboa pag. 45. Cunha nos Bisp. de Lisboa part. 2 cap. 103. num. 4.

chava, chapeadas de ferro, as quaes no anno de 1727 se tiraram para dar maior desafogo á publica, e magestosa entrada, que fez em 6 de Janeiro de 1728 o marquez de los Balbazes, embaixador extraordinario de Hespanha.

VII Porta das estrivarias delrei. Ficava entre a Inquisição, e as casas do duque de Cadaval, fazendo frontaria para o Rocio.

VIII Porta do Condestavel, ou postigo do Carmo. Chama-se hoje Postigo de S. Roque, por conservar em cima do arco uma imagem do Santo. Junto d'elle, para a parte da igreja de S. Roque, existia ainda um alto torreão, que com o terremoto passado desabou, e entupiu a passagem para o palacio do marquez de Niza, onde assistia o eminentissimo Cardeal Patriarca, em que morreram dous seus gentis-homens.

IX Porta, ou postigo da Trindade. Ficava junto d'este convento na travessa por onde se sahe para a rua larga de S. Roque.

X Porta de Santa Catharina. Existia junto da igreja do Loreto, e atravessava o largo da rua até entestar com as cavalharices delrei, que agora se arruinaram com o terremoto. Derrubou-se esta porta no anno de 1702.

XI Porta do Duque de Bragança. Estava no sitio, onde se fez o palacio do marquez de Valença, que tambem se consumiu com o terremoto, e incendio.

XII Porta de Catequefarás. Chama-se hoje Postigo do Corpo Santo, e estava junto da ermida de Nossa Senhora da Graça.

XIII Porta dos Cubertos. Por ella se fazia transito para a praça da Corte-Real, ou para o largo do Corpo Santo.

XIV Postigo do Carvão. Chamou-se arco do Espinho, e se entrava por elle da Tanoaria para a Fundição. Com o magnifico edificio do theatro Regio se demoliu no anno de 1754, e no seguinte com o terremoto e incendio, que o arruinou, se acabou de confundir o sitio de todo.

XV Porta da Oura, chamado o arco do Ouro. Ficava fronteira ao arco debaixo de Palacio, e fazia passagem da Tanoaria para o largo da Patriarcal. Tambem se demoliu com a erecção do edificio do theatro Regio.

XVI Porta dos Armazens. Ficava por baixo do novo quarto do Palacio, e por ella se fazia passagem do real theatro para o largo do Relogio.

XVII Porta do arco das Pazes. Era por onde se hia do largo das tendas da Capella para o Terreiro do Paço. Depois do terremoto, e em Agosto do anno de 1757, se mandou demolir com bastante parte do palacio.

XVIII Porta da Moeda. Existia por baixo do quarto, que ultimamente occupou a serenissima rainha D. Mariana de Austria, e olhava para o Terreiro do Paço. Hoje se acha tambem confundida.

XIX Porta, ou arco dos Pregos. Fazia frente para o Terreiro do

Paço, e lhe correspondia da parte do mar o Forte chamado do mesmo Terreiro. Arruinou-se totalmente com o fogo.

XX Porta dos Barretes. Chamava-se antes do terremoto, e incendio, Arco do Açougue. Hoje está o seu sitio perturbadissimo.

XXI Porta da Ribeira. Ficava junto á escada de pedra, que estava entre o Veropezo, e a travessa do Açougue. Mandou-a demolir o Senado no anno de 1619.

XXII Porta da Portagem. Confinava com a parede da rua do Principe.

XXIII Porta nova do Mar. Era da parte da Ribeira chegada á casa chamada dos Bicos.

XXIV Porta da Judiaria, ou do Rosario. É por donde se vinha da paroquial de S. Pedro sahir á Ribeira.

XXV Postigo de Alfama, a que alguns chamam das Alcaçarias. Fica defronte do campo da lã.

XXVI Porta do Chafariz de dentro. Fica-lhe fronteiro da parte do mar o chafariz da praia.

XXVII Porta, ou postigo da polvora. Era a ultima da banda da marinha, contigua á antiga cadêa das galés, junto á ermida de Nossa Senhora do Rosario.

XXVIII Porta da Cruz. Está fronteira á igreja do Paraiso. Damião de Goes na Descripção de Lisboa chama a esta a primeira porta da cidade.

XXIX Postigo do Arcebispo. Ficava antes de chegar ao convento de S. Vicente de fóra.

XXX Porta de S. Vicente. Ficava no sitio onde se vê hoje o passadiço para a cerca do convento.

XXXI Postigo de Nossa Senhora da Graça. Existia um pouco affastado do convento Graciano, e se mandou demolir no anno de 1700.

XXXII Postigo do caracol da Graça. Tambem se derrubou no mesmo anno, e existia no cimo da declividade do monte, que vem dar ás Ollarias.

XXXIII Porta de Santo André. Esta era a ultima porta aberta na cortina da muralha, que hia fechar no Castello.

No anno de 1650, reinando o senhor rei D. João IV, se traçou nova fortificação a Lisboa, recommendando-se a execução da nova planta, em que trabalharam os insignes engenheiros Mr. Legarte francez, João Gilot hollandez, e João Cosmander jesuita, natural de Brusellas, á diligencia, e actividade do marquez de Marialva D. Antonio Luiz de Menezes: (1) este a fez erigir com trinta e dous baluartes, e grande extensão

(1) «Omnem Tagi ripam, qua Ulyssiponem alluit, perpetuo militari sepimento circumdedit, et maritima loca urbi vicina, munimentis sibi invicem opitulantibus ita conplexus est, ut nullibi sine hostium pernicie fieri possit in terram excensio. Opus quoque immensi et laboris, et moliminis aggressus est, Joanne Rege ei dante negotium, ut Urbem Ulyssiponensem propugnaculis cingeret, quorum inchoata multa, et multa absoluta non sine stupore cernuntur.» Alcixo Cellotes de Jantillet Horae succossivae. pag. 150.

de muralhas, que descrevemos no tom. 2. part. 4. d'este Mappa, cap. 3. §. 3.

Começada, e crescida a obra, pareceu demasiadamente grande o recinto, que se havia tomado, e assim ficou suspensa, e imperfeita, mas sempre mostrando a magestade, e grandeza da idéa: e sem embargo, que depois se intentou remediar alguns defeitos da dita fortificação, mandando-se para esse fim chamar a esta côrte ao nosso engenheiro Manoel Mexia, este achando maiores difficuldades no remedio, não quiz alterar a fortificação executada.

João Gilot achando-se em Lisboa no anno de 1652, querendo cingir em menor circumferencia o excesso da dita fortificação, apresentou ao principe D. Theodosio, que governava as armas, uma nova planta, que conservamos, cujo desenho era começar o reducto pela lombada, que fica um pouco fora do sitio de S. João de Deus, e pela quinta de Filippe Jacome até Nossa Senhora da Estrella, onde se juntava com a ladeira, que vem do Sacramento, e d'ahi atravessando a quinta de Francisco Soares, e seguindo aquelles oiteiros, passava pela cerca do Noviciado da Companhia, descia á rua de S. Joseph, d'onde subia ao oiteiro dos Capuchos, e rodeando a quinta do Ramires, caminhava por linha recta ao pé do oiteiro, que está junto a Nossa Senhora do Monte, e d'ahi correndo direito ao mar, acabava um pouco mais para dentro de Santa Apollonia, assentando nesta traça ametade dos baluartes, que mostrava o primeiro desenho.

Esta planta não se poz em operação; e supposto que a primeira incompletamente erecta, e já hoje em muita parte destruida, e turbada, pareceu então demasiadamente grande, o tempo foi mostrando que o seu ambito não era improprio ao augmento da povoação. Agora porem que vemos, não sem lastima nossa, uma grande parte da cidade arruinada, e os seus arrebaldes, e baldios occupados com casas, e barracas, que tudo tem confundido, e se espera nova planta para a sua renovação, é justo que tambem se intente o fortifical-a de novo, para ficar não só regular, quanto fôr possivel, mas forte, e inexpugnavel.

É bem verdade, que sendo o territorio, e a situação de Lisboa forte por natureza, não necessita ser muito fortificada por arte; nem tem o receio, como já ponderaram Luiz Mendes de Vasconcellos, e Severim de Faria, (1) de poder ser acomettida improvisamente; «porque considerada pela marinha, d'ella á foz do rio Tejo ha tres leguas; e voltando sobre o seu terreno, quasi tudo é costa brava, tendo muito poucos, e ruins surgidouros, e faceis de defender; sendo o que lhe fica mais perto o de Cascaes, que está cinco leguas d'esta cidade, e é praça bem presidiada. E se o inimigo desembarcar em Peniche, quando a nossa ne-

(1) Luiz Mendes de Vasconcel. no Sitio de Lisboa, p. 220. Sever de Far. nos Discurs. var. Polit. disc. 1 pag. 15. v.

gligencia o deixe fazer, a pouco custo se poderá desbaratar pela aspereza do caminho, e pelo difficultoso passo da cabeça de Montachique.

Pela barra dentro quasi que é impossivel a invasão, por causa dos cachopos, torres de S. Julião, e mais fortes, e fortalezas, que por alli ha: e a sahida ainda é muito mais trabalhosa; porque só com especiaes ventos, e marés se executa; e nenhum general será tão imprudente, que se meta com uma armada dentro de um porto, onde a retirada lhe não seja segura, e prompta.

«Não tem Lisboa menos segurança por terra; porque pelo Alemtejo é difficil vir a ella exercito algum, se se quizer impedir, porque sahindo das terras cultivadas, se dá na charneca, a qual pelo mais breve caminho tem onze leguas, onde só com o fogo que nella se pegue, se póde embaraçar, e destruir as tropas, e quando isto se não faça, e o exercito chegar ao rio, não poderá vadeal-o tão facilmente.

«Vindo pela Beira o inimigo, ou ha de vir dar a Sacavem, onde o seu rio é tão fundo como o de Lisboa, ou ha de vir por Vialonga, que é a estrada mais livre, que pode ter, mas defendendo nós a passagem do Luniar, e as mais d'aquelles montes, que correndo para Nossa Senhora da Luz, e Sacavem, fazem por beneficio da natureza um muro fortissimo a esta cidade, não poderá ser expugnada sem muito trabalho, e perigo.» De sorte, que sendo Lisboa por si tão defensavel, lhe bastará qualquer fortificação para ficar segurissima.

§ IV—*Multidão de seus habitadores*

Não é muito facil formar calculo certo ao grande numero dos moradores, que habitam, e compõe esta nobilissima cidade; porque só a multidão dos estrangeiros protestantes, que francamente aqui assistem para o commercio, e não se alistam no rol annual dos parocos, difficulta muito esta diligencia: todavia por não defraudarmos totalmente aos desejosos de uma das principaes noticias d'este assumpto, referiremos ao menos por curiosidade chronologicamente os exames, e averiguações, que em varios tempos se fizeram sobre esta computação.

No anno de 1528 Henrique da Mota, escrivão da camera delrei D. João III tirando por ordem do mesmo senhor uma relação exacta do povo, que havia em Lisboa, e seus arrebaldes, achou o seguinte. (1)

Fogos na cidade, e arrabaldes	14U014
No termo	4U034

(1) Refere Cunha na Histor. m. s. dos Arcebisp. de Lisboa, sendo que Gaspar Barreiros na Corografia, pag. 51 assina menor numero.

A saber:

Viuvas	4U305
Clerigos moradores	U720
Bairro dos Escolares de Alfama	1U734
Alcaçova com a cerca velha	1U127
Povoação dos muros a dentro, e Ribeira	8U025
Arrebaldes, Catequefarás até Alcantara	U554
Villa-Nova de Andrade	U408
Santo Antão com hortas	U200
Mouraria, e povoação de S. Lazaro	U745
Porta da Cruz, e Enxobregas	U080
Quintas nos limites de Santa Justa, Martyres, e Santo Estevão	U150
Somma	18U048

No anno de 1551 Christovão Rodrigues de Oliveira, guarda-roupa do arcebispo D. Fernando de Vasconcellos no Tratado, ou Summario, que fez por ordem do mesmo arcebispo de algumas cousas assim ecclesiasticas, como seculares, que havia na cidade de Lisboa, achou ter, além da corte (1)

Visinhos 18U000 — Almas 100U000 — Escravos 9U950

No anno de 1552 em uma relação m. s. que vimos, feita com muita miudeza, das grandezas de Lisboa, diz, que havia na cidade duzentos e trinta e cinco officios, em que se occupam

Homens 39U000 — Mulheres 11U500 — Havia mais Orfãos 3U000 Meninos de escola 4U000 — Mulheres solteiras 5U000.

No anno de 1561 Gaspar Barreiros, conego da Sé de Evora, diz, que no seu tempo era julgada commummente Lisboa por uma povoação de trinta mil visinhos, sendo que elle a computava por dezasete mil.(2)

No anno de 1600 João Botero Benese, abbade de S. Miguel nas suas noticiosas «Relações Universaes» (3) achou ter Lisboa vinte mil casas, e povo infinito.

No anno de 1608 Luiz Mendes de Vasconcellos diz, que no seu juizo era incomprehensivel o numero da gente, que então vivia em Lisboa, pois só em um pequeno bairro d'ella, chamado a Lapa, havia cinco mil casas. (4)

No anno de 1620 fr. Nicolão de Oliveira, religioso trinitario, no li-

(1) Rodr. de Oliv. Summar, pag. 118. da impressão moderna. (2) Barreir. Corograf. p. 54. (3) Botero Relazioni Universali part. 1. lib. 1. pag. 16. (4) Vasconcel. Sitio de Lisboa pag. 162.

vro, que compoz das «Grandezas de Lisboa.» lhe assina vinte e sete mil visinhos, e cento e onze mil pessoas. (1)

No mesmo anno D. Francisco de Herrera e Maldonado na vida, que escreveu do veneravel Bernardino de Obregon, diz, que por computo certissimo se achavam na povoação de Lisboa cento e quinze mil fogos.(2)

No anno de 1623 Gil Gonçalves de Avila no «Theatro das Grandezas de Madrid, affirma que nunca se pode ajustar o numero dos habitadores de Lisboa; porem que os mais curiosos lhe numeravam quinhentas mil pessoas. (3)

No anno de 1624 Manoel Severim de Faria, chantre de Evora, nos «Discursos Politicos» (4) diz, que o numero da gente em Lisboa era tão grande, que se tinha no seu tempo pelo maior povo da Europa.

No anno de 1642 o illustrissimo D. Rodrigo da Cunha, arcebispo de Lisboa, na «Historia Ecclesiastica» d'esta cidade, lhe assinou cincoenta mil visinhos. (5)

No anno de 1645 Rodrigo Mendes da Silva na «Poblacion general de España» (6) lhe attribuio mais de cincoenta mil visinhos.

No anno de 1652 o capitão Luiz Marinho de Azevedo, especial indagador das grandezas de Lisboa, escreve, que teria esta cidade no seu tempo vinte e oito mil e duzentos visinhos; porem que os mais curiosos reputavam comprehender oitocentas mil pessoas. (7)

No anno de 1660 Pedro Davity na «Descripção geral da Europa» lhe assinou mais de cento e vinte mil habitadores. (8)

No anno de 1668 Mons. de Ivigné no «Diccionario Theologico Historico, não lhe assinou mais que o numero de vinte mil casas, trasladando o que disse Damião de Goes. (9)

No anno de 1704 pelas relações dos parocos mandadas ao arcebispo D. João de Sousa, que nós vimos, numerava então Lisboa, excepto os estrangeiros, noventa mil fogos.

No anno de 1707 D. João Alvares de Colmenares, escrevendo as «Delicias de Portugal,» deu a Lisboa o numero de trinta mil casas. (10)

No mesmo anno o padre Antonio Maria Bonucci no sermão das exequias do serenissimo rei D. Pedro II, prégado em Roma, a pag. 10, e 14 diz, que em Lisboa se contava n'aquelle tempo mais de quinhentas mil pessoas.

No anno de 1712 o padre Antonio Carvalho da Costa na «Corografia Portugueza,» conforme a somma extrahida dos fogos, que elle assina ás freguezias, resulta mais de vinte mil fogos. (11)

(1) Oliveir. Grandezas de Lisboa pag. (2) Herrer. Vida do Ven. Obregon p. 141.
(3) Avila Theatr. de Madrid. pag. 502.
(4) Sever. Discurs. 1. pag. 15. v. (5) Cunh. Catalog. dos Bisp. de Lisb. part. 1. cap. 5. n. 1. (6) Silv. Descripcion de Port. c. 2. (7) Marinh. de Azeved Antiguid. de Lisb. part. 1. liv. 1. c. 29. (8) Davity tom. 1. p. 185. (9) Ivigné Diction. Theol. verb. Lisboa.
(10) Colmenar. Delic. de Port. tom. 4. p. 749.
(11) Carv. da Costa Corograf. Portug. tom. 3. tratad. 8.

No anno de 1716 o Papa Clemente XI em Consistorio de 7 de dezembro, declarou pela attestação, que lhe foi de Lisboa, que só a parte occidental d'ella continha quasi trezentos mil habitadores. (1)

No anno de 1730 a «Descripção de Lisboa,» escrita em francez, e impressa em Amsterdão, lhe deu o numero de duzentas e cincoenta mil almas. (2)

No anno de 1736 o padre D. Luiz Caetano de Lima, sem embargo que no tom. 2. da «Geografia Historica» se exima prudentemente de assinar numero certo de habitadores em Lisboa, com tudo das relações que transcreve, lhe deu só na parte occidental dezanove mil quatrocentos e vinte dous fogos. (3)

No anno de 1739 Antonio de Oliveira Freire na «Descripção Corografica de Portugal» lhe attribuio oitocentas mil pessoas. (4)

No anno de 1754 mandando-se a Roma uma attestação dos habitadores que continha Lisboa para se passarem as Bullas ao segundo Patriarca o eminentissimo Cardeal Manoel, se lhe assinou mais de seiscentos mil habitanles conforme o calculo moderno.

De todas estas computações se deduz quanto se tem alterado com os tempos o populoso da cidade, na qual se não pode fixar numero absolutamente certo de habitadores; e muito menos depois que no tragico terremoto, e incendio geral de Lisboa pereceu tão grande multidão lastimosamente. Uns dizem (5) que foram quinze mil os mortos; outros (6) vinte quatro mil: outros (7) setenta mil. Perda foi esta, que não se poderá calcular tão facilmente.

Verdade seja, que ainda que a maior parte dos moradores, que por altissimo destino escaparam do triste golpe d'aquelle dia, desampararam a cidade: os seus campos, e contornos para onde se refugiaram, se viram ampliados de sorte, que como se Lisboa tivera a qualidade de hydra, ou a natureza da Fenix, por cada bairro que se extinguio, cresceram muitos; por cada casa, e rua que se abrazou, renasceram multiplicadas; casas, e ruas no campo do Curral; casas, e ruas no campo de Santa Clara: casas, e ruas na Cotovia, em Campolide, em Belem, no sitio do Rato, e tudo cheio, e povoado com bastante numero de gente.

De maneira, que Lisboa neste particular parece que não sentiu diminuição alguma, pois cada dia se acha infinitamente mais fornecida, e augmentada em povo; e com a capacidade de poder povoar, e soccorrer todos os annos da mesma sorte as suas conquistas em todas as quatro partes do mundo; sem que todavia, como até agora experimentámos, se dê a conhecer a falta dos que se ausentam, senão nos olhos dos que ficam.

(1) Ex Cod. Titul. S. Patr. Eccles. Lisb. tom. 1. pag. 118. (2) Description de la Ville de Lisbonne pag. 8. (3) Lima Geograf. Hist. tom. 2. p. 647. (4) Oliveir. Freire Desc. Corogr. de Port. pag. 106. (5) P. Anton. Pereir. no Comment. de Terraemot. et incend. Olisipon pag. 9. (6) Pedegache Nova, e fiel Relaç. do Terremoto pag. 20. (7) Joseph de Oliv. Trovão na sua Cart. Relator, deste successo p. 11

§ V—*Novo plano regular da cidade*

Reconhecida, e observada a destruição de Lisboa com o grande terremoto, e incendio do primeiro de Novembro de 1755, foi preciso intentar-se a sua renovação. Havia differentes modos para esta se executar. Primeiro, restituindo-a promptissimamente ao seu antigo estado, levantando as casas nas suas mesmas alturas, e dispondo as ruas como estavam; servindo os proprios destroços, e ruinas para a erecção dos edificios, e evitando d'esta sorte o trabalho, e despeza dos desentulhos.

Porem neste projecto lhe faltava a attenção ao melhoramento de uma cidade, que se pertendia edificar de novo em occasião opportuna, conservando-lhe outra vez as ruas estreitas, que as faz de aborrecivel uso: e as casas nas mesmas alturas, causando o horror, que se tem concebido aos terremotos.

O segundo modo era, levantar os edificios nas suas antigas alturas, e mudar as ruas estreitas em ruas largas. Assim ficaria melhor a serventia do publico, e se conservava na altura das casas abundantes commodos para os habitadores, e a cidade ficaria mais formosa do que d'antes era, melhorando-se alguns edificios maiores arruinados. Porem nesta idéa se encontra o defeito de se não acautelar contra o flagello dos terremotos nas alturas dos edificios.

O terceiro modo era, diminuindo as alturas a dous pavimentos sobre o terreo, e mudando as ruas estreitas em largas; acautelando-se por este modo contra semelhantes assaltos, diminuindo as alturas dos edificios, por se temerem nos mais altos as ruinas mais certas, como pelo contrario nas ruas mais largas maior facilidade para se escapar dos destroços, que nas estreitas servem de grande impedimento ao retiro. Mas tem contra si este arbitrio os clamores dos donos dos edificios extinctos, e outros diminutos de rendimento pela diminuição dos inquilinos, entre cujos clamores seriam muito distinctos os dos morgados, ecclesiasticos, e irmandades, como tambem tinha contra si a accomodação dos desentulhos, e mais que tudo a gravissima despeza com que se havia de substituir a diminuição dos edificios extinctos.

O quarto modo era, arrazando toda a cidade baixa, levantando-a com os entulhos, suavisando assim as subidas para as partes altas, e fazendo descenso para o mar com melhor, e suave correnteza das aguas, formando novas ruas com liberdade competente assim na largura, como na altura dos edificios. Mas esta idéa, posto que vencia ao terceiro modo em evitar o embaraço dos desentulhos, e em dar melhor serventia á cidade, sempre ficava com o grave pezo de dar a cada um a justa compensação do que lhe pertencia.

O quinto modo podia ser desprezar Lisboa arruinada, e formar outra de novo desde Alcantara até Pedrouços, com permissão porem de que os donos das casas de Lisboa arruinada as podessem levantar como

quizessem. Facilitava-se este modo mais que todos, porque não tinha que vencer difficuldades de desentulhos, e suas acomodações: offerecia campo docil, e livre das eminencias de Lisboa antiga, sem necessidade de averiguar o estado das casas, que se deviam conservar, ou derribar, nem ouvir clamores dos donos das que inteiramente se desprezassem. Com este arbitrio se edificaria com mais gosto, pelas melhoras, e avanços, que geralmente se reconhecem no terreno, e praias do sitio de Belem, e suas visinhanças, livrando aos habitadores do horror que conceberam na destruição da cidade arruinada; e com incomparavel brevidade, e boa organisação de ruas, e de edificios, se formaria uma Lisboa nova, sem que os dominantes dos edificios de Lisboa destruida tivessem de que se queixar, pois se lhe não fazia violencia alguma, nem se lhes impedia a reedificação dos seus edificios para se valerem d'elles á sua vontade.

Estas eram as idéas que pareciam attendiveis: porem com mais madura ponderação determinou sua magestade por decreto de 3 de Dezembro de 1755, que da cidade arruinada fossem promptamente seus edificios demolidos, e se alinhassem as ruas com rectidão, e largura competente á commodidade dos seus habitantes: e que nos outros bairros, cujos edificios ficaram no estado de admittir concerto, se melhorassem as ruas quanto fosse possivel: e para que em semelhante obra tão necessaria ao bem commum não houvesse prejuizo nos particulares, estabeleceu varias providencias por dous decretos, um de 12 de maio de 1758, e outro de 15 de junho de 1759.

E porque nas ruas rectamente alinhadas podessem os proprietarios dos terrenos edificar as suas propriedades com a certeza da qualidade dos habitantes, e dos artifices, estabeleceu por decreto de 15 de Novembro de 1760 a distribuição das ruas seguintes, que jazem entre as praças do Commercio, e a do Rocio.

Rua nova d'el-rei. N'ella se devem arruar os mercadores da classe da capella, applicando-se as logens, que d'elles sobejarem para as vendas dos outros mercadores de louça da India, de chá, e das mais fazendas do seu trafico.

Rua Augusta. N'esta rua se devem alojar os mercadores de lã, e seda, applicando-se-lhes onde não chegarem as logens as mais que necessarias forem na rua de Santa Justa.

Rua Aurea. N'ella se accommodarão os ourives do ouro, alojando se nas accommodações que d'elles sobejarem os relojoeiros, e volanteiros.

Rua bella da Rainha. N'ella se accommodarão os ourives de prata, e nas logens que sobejarem, se alojarão os livreiros que antes viviam na sua visinhança.

Rua nova da Princeza. N'ella se accommodarão os mercadores de fancaria; destinando-se os sobejos d'ella, se os houver, ás logens de quincalheria.

Rua dos Douradores. Esta rua que será immediata á rua bella da Rainha, cortando ao nascente d'ella, se distribuirá para os douradores, batefolhas, latoeiros de lima, ficando livres as logens, que n'ella sobejarem, para tendas, tavernas, e outros misteres.

Rua dos Correieiros. Esta rua, que ficará entre a rua bella da Rainha, e a rua Augusta, terão nella arruamento os officios de correieiro, selleiro, e torneiro.

Rua dos Sapateiros. Nesta rua, que mediará entre a rua Augusta, e rua Aurea, se devem arruar a um lado d'ella os sapateiros, e o outro lado se deixará livre para outros misteres do povo.

Rua de S. Julião. Assim se denominará a primeira das seis travessas, que cortam as sobreditas ruas, principiando da banda do nascente, e nella se devem accommodar os algibebes.

Rua da Conceição. Assim se denominará a segunda das referidas seis travessas, e nella se accommodarão os mercadores de logens de retroz.

Rua de S. Nicolau. Assim se denominará a terceira das ditas travessas, e nella se accommodarão as logens de quincalheria, que couberem.

Rua da Victoria. Assim se denominará a quarta das referidas travessas, e nella se accommodarão as logens, que restarem dos referidos mercadores de quincalheria.

Rua da Assumpção. Assim se denominará a quinta das sobreditas travessas, e nella se arruarão os cerigueiros assim de chapeos, como de agulha.

Rua de Santa Justa. Assim se denominará a sexta e ultima das referidas travessas, e nella se alojarão os mercadores de lã, e seda, que não tiverem bastante accommodação na rua Augusta.

Determinada com esta formalidade a distribuição das principaes ruas, se principiou a renovação da cidade pelo edificio publico de um magestoso arsenal, e a bolsa do negocio com a accommodação dos tribunaes; largando sua magestade o seu palacio antigo do terreiro do paço, assim como os senhores reis seus antecessores haviam largado os em que habitavam, que se acham hoje servindo de outros usos.

E para palacio da sua residencia escolheu a elevação do terreno superior ao Tejo, e á cidade de Lisboa, que jaz entre o largo de S. João dos Bem casados, e o caminho que vai do Senhor Jesus da Boa Morte para o Rato; com as demarcações que se assinam no decreto que para este effeito passou a 2 de Julho de 1759. Ficando este sitio sendo cabeça, e parte principal da corte, e cidade de Lisboa, que por este novo plano ficará mais extensa, regular e decorosa.

§ VI — *Catalogo dos seus Prelados*

Querer enlaçar uma serie direita dos prelados superiores, que governaram a santa igreja de Lisboa desde os primitivos tempos da chris-

tandade aqui estabelecida, é materia summamente escura, difficil, e embaraçada; e assim evitando o mettermo-nos em tão espessas trevas, reduzimos estas memorias com a possivel clareza, e brevidade a tres classes: Bispos, Arcebispos, Patriarchas.

BISPOS

Pretende o illustrissimo D. Rodrigo da Cunha deduzir a origem da cadeira pontificia na santa igreja lisbonense desde a promulgação do Evangelho, e quer que S. Mansos, discipulo do Senhor, enviado pelos Apostolos a Hespanha, fosse o seu primeiro bispo regionario; (1) e sem embargo que de algum modo milita pela parte de D. Rodrigo o Breviario eborense, reconhecido pelo insigne André de Resende, e a tradição immemorial d'aquella Diocese, não obstante a asseveração contraria de Papebroquio, e seus eruditos continuadores Antuerpienses, que negam absolutamente a vida de S. Mansos a Hespacha, (2) com tudo são tão debeis os fundamentos, em que se estriba D. Rodrigo, que nos deixa ainda muito pouco seguros, e satisfeitos na base pontificia da nossa igreja.

A mesma debilidade padecem as memorias episcopaes do *Anonymo* discipulo de Santiago maior: de Filippe Filoteo, que dizem ser mandado por S. Clemente papa no anno de 92: de S. Pedro I pelos annos de 166: de Pedro II no anno de 213; de Jorge no anno de 260: de Pedro III pelos annos de 297, em cujo tempo succedeu o glorioso martyrio dos tres Santos irmãos Verissimo, Maxima, e Julia: de S. Gens, ou Genesio, que floreceu no tempo de Diocleciano: de Januario pelos annos de 300: de Potamio (3) pelos annos de 356: de Antonio no anno de 373: de Neobridio pelos annos de 430: de Julio no anno de 461; de Azulano em quasi o mesmo tempo: de João pelos annos de 500: de Eolo pelos annos de 536; de Nestoriano pelos annos de 578; porque todos, ou quasi todos estes prelados, que o sobredito D. Rodrigo, e outros escritores constituem nesta cathedral, são duvidosos: pelo que separando nós o verdadeiro do incerto começamos a serie dos bispos de Lisboa por

I Paulo—*Desde antes do anno* 589

É este o primeiro pastor ecclesiastico, que encontramos com teste-

(1 Cunha Histor. Eccles. dos Bisp. de Lisb. part. 1. cap. 9. Resende na Histor. de Evora cap. 9. (2) Papebroch. tom. 5. Acta Sanctor. a 21 de Maio pag. 35., e 3 de Agosto pag. 11. (3) Padilha Histor. Eccles. c. 51. cent. 4. seguindo a Morales liv. 10. c. 37. diz, que Potamio fora o primeiro Bispo de Lisboa; porém Luiz Marinho liv. 3. c. 34 das Antiguidades, defende fortemente, que Potamio não fora Prelado desta Igreja. Sem embargo que de Potamio, como bispo de Lisboa, se faz menção no famoso Libello, que os Presbyteros Marcellino, e Faustino, Luciferianos, escreveram aos imperadores Valentiniano, Theodosio, e Arcadio, que vem no tom. 5. Biblioth. Patr. pag. mihi 632. Porém os Padres Antuerpienses affirmam ser este Libello mendacissimo, o mesmo dizem Tilemont tom. 7., e outros apud Florez tom. 10. da Espana sagrada, e tom. 13. pag. 167.

munho authentico regendo a diocese lisbonense. Verdade seja, que não podemos duvidar da anterior existencia de outros prelados d'ella, não só por vermos a honra da sua cadeira episcopal estabelecida ja no tempo do Concilio de Eliberi, celebrado no principio do quarto seculo; mas porque o martyrio, com que muitos varões santos illustraram esta cidade em tempo do gentilismo, é prova de estar nos Fieis radicada a religião Evangelica, animada, e persuadida pelo exemplo dos seus prelados: (1) porém as turbulentas, e vivas perseguições dos primeiros seculos, e accidentes particulares, privaram a posteridade da sua noticia.

Consta pois a existencia de Paulo pela subscripção, que d'elle vemos no concilio III de Toledo, celebrado no anno de 589 á instancia d'elrei Recaredo contra a perfidia Arriana, onde no lugar decimo oitavo das firmas dos prelados, que alli concorreram, se lê: *Paulus Olissiponensis Ecclesiæ Episcopus subscripsi*, (2) inferindo-se d'aqui ser elle um dos suffraganeos antigos n'aquelle tempo de Merida, pois que precedia a quarenta e quatro bispos d'aquella santa assemblea.

II Goma, ou Gomarelo—*Desde o anno* 610

Com certeza se não póde dizer se este bispo foi immediato successor de Paulo, como quer D. Rodrigo da Cunha, (3) e bem duvida Luiz Marinho de Azevedo. (4) A memoria que temos delle é achar-se na confirmação do decreto delrei Gundemaro em favor da igreja de Toledo, conforme o Synodo, que alli fez celebrar no anno de 610, onde firmou no lugar duodecimo. Ainda persevera a memoria deste prelado até o anno de 614, no qual celebrando-se o concilio de Tarragona, se vê alli assinado Fructuoso como procurador do nosso bispo, como advertiu Loaysa, e Padilha. (5)

III Viriaco, Ubarico, ou Dialico—*Desde o anno de* 633

Com toda esta variedade se lê o nome deste nosso prelado nos codigos dos concilios de Toledo, a que assistiu. No IV Toledano, celebrado pelos annos de Christo 633, assinou no lugar quadragesimo quinto dos bispos concurrentes, nesta fórma: *Viriacus Olisiponensis Ecclesiæ Episcopus subscripsi.* No concilio V celebrado no anno de 636, subscre-

(1) Este Concilio foi celebrado ou no ann. de 300, ou 301, como parece a Tillemont tom. 5. tit. do S. Eulalia: e supposto que D. Fernando de Mendonça na edição, e commentarios que lhe fez, não expressa mais que dezanove Bispos, que se congregaram, sem nomear o de Lisboa; com tudo como consta de outros Codices, que foram quarenta e tres bispos, e entre os mencionados por Mendoça vem expresso o de Ossonoba, sendo cidade do Algarve mais retirada, e menos illustre que Lisboa, ha fundamento para dizermos, que falta a subscripção do nosso Prelado: quanto mais, que na Carta 68. de Cypriano, segundo affirma o P. M. Flores na Espana sagrada tom. 4. pag. 82. se faz memoria do Bispado Lisbonense

(2) Conforme o tom. 13. pag. 129. dos Concilios da Collecção Regia Parisiense, impressa no anno de 1644. Veja-se a Monarq. Lusitan. liv. 6. c. 19. O P. Flores no tom. 6. pag. 147. o colloca no lugar decimo setimo. (3) Cunha part. 1. cap. 22. da Hist. Eccles. de Lisboa. (4) Mar. de Azev. liv. 4. cap. 6. (5) Padilha Histor. Eccles. part. 2. cent 7. cap 5.

veu no lugar decimo terceiro, e se vê assinado *Ubaricus* No concilio VI que se congregou no anno de 638, vemos no lugar trigesimo quarto ao mesmo prelado com o nome *Dialico*. (1) Entre este bispo, e Gomarelo adverte Luiz Marinho, que bem podia ter havido outros bispos, pois se passaram vinte annos de interpolação: mas não ha memoria alguma delles que seja veridica. Ambrosio de Morales, a quem segue fr. Bernardo de Brito, e Marinho de Azevedo, fazem dous differentes bispos de um só, porque separam Viriaco de Ubarico. (2)

IV Neufridio, ou Neufredo.—*Desde o anno* 646

O nome deste prelado se verifica pelo concilio VII de Toledo, celebrado no anno de 646, onde achamos subscrevendo em seu lugar ao abbade Crispino como procurador do nosso bispo, e assinou no lugar trigessimo. (3) Devia Neufridio succeder immediatamente a Viarico pelo pouco tempo intermedio, que se passou entre um, e outro concilio. Passados poucos annos, isto é, no de 653, aconteceu o glorioso martyrio de Santa Iria natural de Thomar.

V Cesario, ou Cesar—*Desde o anno* 656

Antes de Cesario conjectura D. Rodrigo da Cunha, (4) que houvera outro bispo chamado Vicente, e que assistira por seu procurador Servando ao concilio VIII Toledano, porèm o fundamento de D. Rodrigo é frivolo. O mais certo é, que a Neufredo succedeu Cesario, e o encontramos assinado no lugar undecimo do concilio X nacional, celebrado em Toledo em tempo de Recesvinthio, rei Godo, pelos annos de Christo 656 no dia primeiro de Dezembro. (5)

VI Theodorico —*Desde o anno* 666

Acha-se o nome, e dignidade de Theodorico expresso no concilio de Merida, que se celebrou pelos annos de 666, e nelle subscreveu em quinto lugar, nesta fórma: *Theodoricus in Christi nomine Sanctæ Olissiponensis Ecclesiæ Episcopus subscripsi.* (6)

VII Ara—*Desde o anno* 683

Não se póde affirmar certamente se este prelado foi immediato successor de Theodorico. Sabe-se que foi assistir ao concilio nacional, e XIII de Toledo, congregado pelo rei Ervigio a 4 de Novembro de 683, e nelle subscreveu em ultimo lugar. (7)

(1) Tom. 4. Concilior. pag. 522. Cunha nos Bisp. de Lisb. part. 1. c. 23. Monarq. Lusit. liv. 6. c. 22. (2) Moral. liv. 12. c. 25. Brit. na Monarq. l. 6. c. 21. Marinh. liv. 4. c. 6. (3) Consta do tom 14. Concilior. pag. 667. Flores tom. 6. da Esp. sagr. p. 181. põem no lugar segundo a Crispino, que assistio como Vigario de Neufredo. (4) Cunha nos Bispos de Lisboa part. 1. cap. 26. (5) Tom. 15. Concilior. p. 413. (6) Tom. 15. Concilior. p. 471. (7) Tom. 17. Concil. p. 41. e 56.

VIII Landerico —*Desde o anno* 688

Provavel é que succedesse este bispo immediatamente a Ara pelo pouco tempo que se passou entre um, e outro. Encontra-se o seu nome nas actas do concilio Toledano XV, e no lugar quinquagesimo sexto. No concilio XVI, tambem Toledano, firmou no lugar quinquagesimo quarto. É de parecer Luiz Marinho, que a Landerico succedera outro prelado chamado Harderico; (1) mas desejaramos, que allegasse documento, que reforçasse o seu voto.

Com a entrada dos mouros, que foi pelos annos 714, em cujo tempo governava ainda a nossa igreja o bispo Landerico, segundo parece a D. Rodrigo da Cunha, cessaram as memorias dos seus prelados, e sua diocese, a qual sem duvida naquelles lastimosos tempos padeceu grande interrupção na sua liberdade, posto que não se extinguiu o Christianismo; pois consta que se conservou na igreja dos Santos Verissimo, Maxima, e Julia, no monte de S. Gens, e na igreja de S. Felix em Chelas. (2) Restaurada finalmente esta cidade do poder dos Arabes, se foi continuando em paz a serie pontificia de seus prelados, sendo delles o primeiro, que se seguiu a occupar a cadeira Episcopal.

IX D. Gilberto—*Desde o anno de* 1147

Tanto que o inclyto rei D. Affonso I recuperou Lisboa, constituiu em primeiro prelado da sua igreja a D. Gilberto, ecclesiastico benemerito, e inglez de nação, que tinha vindo na armada estrangeira, e cooperou para a conquista da cidade. Foi logo D. Gilberto sagrado pelo arcebispo de Braga D. João Peculiar, em cujas mãos fez juramento de obediencia, ficando desde então a igreja de Lisboa suffraganea a Braga, tendo sido antecedentemente sujeita a Merida. (3)

Estabeleceu o novo bispo no anno de 1150 o cabido da Sé com o numero de dignidades, e prebendas necessarias: e na mesma cathedral ordenou, que se rezasse, e celebrasse pelo breviario, e missal da Anglicana igreja de Salisbury, cidade da provincia de Viltonia, a que os inglezes chamam Wiltshire, e consequentemente introduziu esta Liturgia em toda a sua diocese, cujo rito se observou até o anno de 1536, em que o arcebispo infante D. Affonso o fez abolir com a introducção do romano. (4)

No anno seguinte de 1151 achamos memorias do grande espirito deste prelado, pois com zelo apostolico fez persuadir a muitos de seus nacionaes viessem continuar em Hespanha a expugnação dos infieis. (5) E depois de ordenar as tres parochias de S. Vicente, dos Martyres, e

(1) Mar. de Azev. liv. 4. cap. 10. (2) Cunha nos Bispos de Lisboa part. 1. cap. 32. (3) Garibay tom. 4 l. 31. c. 12. Brand. Monarq. Lusit. liv. 10. cap. 30. (4) Cunha nos Bispos de Lisb. part. 2. c. 1. Pereir. na Chronic. do Carmo tom. 2. part. 1. n. 141. e na Dissertac. Apologet. n. 105. (5) «Gilbertus Episcopus Olisiponis praedicans in Ageliam plurimos solicitavit in Hispaniam proficisci Ispalim obsessuros, et expugnaturos. Consta da

de Santa Justa, cheio de merecimentos, e dias, completou o ultimo prazo da vida aos 27 de abril de 1166. Foi sepultado na sua Sé na capella mór da parte direita em tumulo alto, que passados tempos se demolio pelo embaraço, que fazia aos officios divinos.

X D. Alvaro—*Desde o anno de* 1166

Como o bispo D. Gilberto ainda em sua vida tinha nomeado por coadjutor, e seu futuro successor a D. Alvaro, que então era mestre-escola da Sé, tanto que D. Gilberto faleceu, começou elle a exercer logo a sua dignidade: posto que lha embaraçaram os conegos com alguns vãos pretextos, que o Papa Alexandre III decidiu no anno de 1168 a favor de D. Alvaro.

Uma das grandes provas, que confirmam a virtude deste prelado, é entrar elle neste anno a continuar o seu governo tão esquecido das opposições passadas, que a sua primeira acção foi convidar com generosidade, e clemencia aos mesmos conegos seus emulos, dando-lhes faculdade para disporem das rendas das suas prebendas, (devia ter Breve para isso) que se vencessem em um anno depois de seus obitos. (1)

Constituiu quatro paroquias, a saber: S. Jorge, Santa Cruz, S. Bartholomeu, e S. Martinho. Aconteceu no seu tempo a trasladação do estimavel thesouro do corpo glorioso de S. Vicente Martyr, o qual do Promontorio do Algarve, onde, havia annos, estivera occulto, o mandou transferir elrei D. Affonso Henriques para Lisboa, collocando-se na cathedral com grande solemnidade em 15 de setembro de 1173. Desde então concedeu o mesmo rei a esta cidade o poder tomar por brazão de armas a insignia de uma náu com a imagem do Santo, e dois corvos na popa, e proa para perpetuo testemunho, de que assim fôra o corpo do Santo milagrosamente conduzido a Lisboa. (2) Faleceu finalmente este prelado a 11 de setembro de 1185, e foi sepultado na Sé em a capella de Santiago chamada vulgarmente da Pombinha. Advertimos, que fr. Antonio de Yepes no tom. 5. da Chronica geral de S. Bento, pag. 16. col. 1., faz menção por este tempo de um bispo lisbonense chamado Antonio, e julgamos será equivocação nascida da letra inicial de Alvaro.

XI D. Soeiro I—*Desde o anno de* 1185

Logo que o bispo D. Alvaro faleceu, foi sublimado á dignidade prelaticia D. Soeiro, o qual havia sido eleito ainda em vida de seu antece-

Historia intitulada «Regum Anglicorum,» escrita por Simeão Dunelmense, e continuada por João Prior de Hagustalde. (1) Cunha no Catal. dos Bispos de Lisboa part. 2. c. 7.

(2) Brand. na Monarq. Lusit. liv. 11. cap. 24. Cunha no Catal. dos Bisp. de Lisb, part 2. cap. 8. Flores na Hesp. sagrad. tom. 8. pag. 188. Donde Mousinho de Quevedo no Affonso Africano cant. 3. est 41. cantou

«Por armas suas uma Náo pregoa,
Que dous corvos discorrem popa a proa.»

sor. Era elle pessoa de grandes merecimentos, e por isso muito estimado delrei D. Sancho I, que a seu respeito concedeu bastantes privilegios a esta cidade, e á sua cathedral. Nella estabeleceu D. Soeiro as Quartenarias, para que fossem em maior numero os ministros da igreja. Do anno 1199 por diante ficou este bispado lisbonense suffraganeo a Compostella por composição, que fez o Papa Innocencio III com os arcebispos de Braga, e Santiago. (1) Terminou D. Soeiro seus dias em 28 de setembro de 1209, conforme D. Rodrigo, ou no de 1210, segundo o chronista Brandão. (2)

XII D. Soeiro Viegas II—*Desde o anno de* 1210

Foi este prelado não só illustre no sangue, mas insigne no esplendor da prudencia, por cujas prendas era muito do agrado delrei D. Sancho I, e de seu filho D. Affonso II, o qual tanto que subio ao throno, e começou a contender com suas irmãs sobre as terras, que lhes havia deixado elrei seu pai, de cujo litigio se queixaram ellas ao Papa Innocencio III, elrei para informar ao pontifice da sua causa, enviou a Roma o bispo D. Soeiro, o qual com a rara capacidade, de que era dotado, soube compor a negociação admiravelmente.

Nesta jornada teve a fortuna de tratar com familiaridade a S. Boaventura, a quem informou de muitas acções prodigiosas do nosso gloriosissimo patricio Santo Antonio, que serviram muito para lhe compor a vida, como o Santo doutor confessa no seu prologo. A mesma amizade contrahiu com os bemaventurados patriarcas S. Domingos, e S Francisco, de que resultou a vinda, e entrada de tão exemplares religiões nesta cidade.

As letras, e as virtudes, que guardavam excellente harmonia em D. Soeiro, lhe não embotaram o valeroso espirito das armas contra os inimigos da fé na grande empreza de Alcacer do Sal, praça de robustas forças naquelle tempo: devendo-se á actividade deste prelado o conquistar-se aos mouros em 21 de outubro de 1219. (3)

Com o novo reinado delrei D. Sancho II se perverteu a fortuna de D. Soeiro: porque pela ambição dos validos delrei, foi elle experimentando algumas violencias, que os ministros seculares faziam aos ecclesiasticos, vendo-se obrigado, por conservar a liberdade da sua igreja, retirar-se, e perigrinar por terras estranhas, até que restituido á patria com grandes honras do Papa Gregorio IX. faleceu a 9 de Janeiro de 1232. (4) Foi sepultado na Sé, e na capella, que chamam de Santo

(1) Cunha na Histor. de Braga part. 2. cap. 18 n. 8. e no Catalog. dos Bisp. de Lisb. part. 2. cap. 7. n. 5 (2) Cunha Catalog. dos Bispos de Lisboa cap. 19. n. 10. Monarq. Lusit. liv. 12. cap. 10. (3) Seguimos agora esta epoca, persuadidos do que affirma D. Rodrigo da Cunha nos Bispos de Lisboa part. 2. cap. 25., explicando os versos de Gosuino, Poeta coetaneo de D. Soeiro. (4) Brand. na Monarq. Lusit. liv. 13. cap. 10. Cunha nos Bisp. de Lisb. part. 2. c. 32. Carlos. no Agiol. Lusit. a 29 de Janeir. Ann. Histor. tom. 3. a 10 de Setemb.

Amaro. Se este prelado renunciou o bispado, e tomou o habito Dominicano, é ponto que não se póde averiguar com facilidade, e assim o deixamos indeciso. (1)

XIII D. Payo—*Desde o anno de* 1232

Deste prelado não ha mais noticia, que ser eleito em bispo de Lisboa depois da morte de D. Soeiro, e ter sido conego de Viseu, e D. prior de Guimarães. Falleceu a 19 de abril de 1233. O nosso chronista fr. Antonio Brandão, liv. 15. cap. 8. diz, que entre os bispos D. Soeiro, e D. Ayres Vasques não encontrara memorias de outro prelado nas Escrituras, que lhe vieram á mão.

XIV D. João I — *Desde o anno de* 1240

Tambem ha poucas memorias d'este bispo. Consta sómente, que depois da sua exaltação se ausentára para Roma, por se livrar dos disturbios d'aquelles tempos, e que lá morrera no anno de 1241, em cujo anno a 20 de Outubro já o cabido governava em sede vacante, como consta da licença, que passou para se fundar n'esta cidade o convento de S. Domingos. (2) Equivocou-se D. Rodrigo da Cunha, parecendo-lhe que este bispo fôra D. João Soares Alão, senhor da herdade do hospital de S. Utropio, existente na freguezia de S. Bartholomeu; (3) porque o tal D. João Soares Alão foi bispo de Silves no Algarve desde o anno de 1297. (4)

XV D. Ayres Vaz, ou Vasques. — *Desde o anno de* 1244

Nasceu D. Ayres Vasques em Galiza na terra chamada de Lima, de pais nobilissimos, e da illustre familia dos Soares de Albergaria. Ignora-se o anno, em que foi exaltado á cadeira episcopal; sabe-se que a primeira acção sua fôra fundar em Santarem a collegiada de Santa Maria de Marvilla em 25 de Novembro de 1244. No anno seguinte se achou no Concilio, que Innocencio IV fez celebrar em Leão de França, e alli na presença do mesmo pontifice, e de todos os venerandos padres alli congregados, recitou uma elegante oração por parte delrei D. Sancho II, (5) a quem seus irmãos queriam privar do reino para entronisarem a seu irmão D. Affonso.

No anno de 1248 já restituido ao reino fez constituições para o bom regimen da igreja, e poz novos limites ás paroquias da sua dioce-

(1) Vide Cunha no Catal. dos Bisp. de Lisb. part. 2. c. 2. per tot. (2) Sousa Chron. de S. Doming. part. 1. p. 162. (3) Cunha Hist. Eccles. de Lisboa part. 2. c. 41. n. 8.
(4) Consta da 3. part. da Monarq. Lus. l. 17. c. 42. e c. 61., e do catalogo dos bispos do Algarve, que vem no fim das suas Constituições. n. 16. (5) Refere esta oração por extenso em portuguez o arcebispo D. Rodrigo da Cunha na Historia dos bispos de Lisboa, part. 2. c. 45. do n. 5. por diante, a qual traduzida com elegancia na lingua latina vimos em um m. s. do insigne D. Manoel Caetano de Sousa, que tivemos na nossa mão, e tratava dos bispos de Lisboa.

se. Nas guerras, e conquistas do Algarve acompanhou sempre a elrei D. Affonso II. Sagrou a igreja de Alcobaça em 29 de Setembro de 1252. (1) Assistiu nas côrtes, que no anno de 1254 se celebraram em Leiria. Expirou finalmente no convento de S. Vicente de Fóra, d'onde dizem tinha sido religioso, a 6 de Outubro de 1258, tendo governado esta diocese quinze annos, e foi sepultado na igreja do mesmo convento.

XVI D. Matheus — *Desde o anno de* 1259

Muito memoravel se fez o bispo D. Matheus entre os prelados lisbonenses. Fora elle mestre escola de Lisboa, grandemente estimado delrei D. Affonso III, e não menos dos pontifices Alexandre IV, e Urbano IV, a quem servio em muitas negociações passando a Roma depois de eleito, e d'onde veio sagrado. Tanto que chegou á patria cuidou muito no governo da sua igreja, e reforma dos costumes, celebrando tres vezes Synodo, e publicando no ultimo, que foi no anno de 1271, constituições novas, com que atalhou alguns abusos introduzidos n'esta diocese.

Foi o primeiro que no anno de 1264 fez celebrar em Lisboa com grande pompa a festa do Corpo de Deus, que Urbano IV instituira. (2) Erigio de novo a paroquia de S. João Bautista, e S. Matheus no Lumiar, termo de Lisboa. Passou segunda vez a Roma no anno de 1272 a negocios delrei D. Affonso III, não se esquecendo entre elles do que pertencia ao bom governo, e augmento da sua igreja. Restituido porem a ella pelos annos 1280, continuou em fazer acções dignas de um bom pastor: até que cheio de merecimentos, acabou seus dias a 19 de Setembro de 1282. Foi sepultado na capella de S. Nicolau da sua cathedral.

XVII D. Estevão Annes de Vasconcellos—*Desde o anno de* 1284

Era D. Estevão filho de D. João Pires de Vasconcellos, descendente do grande Martim Moniz, que fez famoso o seu nome, e valor na tomada do castello de Lisboa. Obteve a dignidade episcopal em competencia de D. Domingos Jardo, que lhe succedeu; e supposto que governou quasi cinco annos, e assistiu a um concilio, que fez celebrar em Braga D. Tello no anno de 1286, o Papa Nicolau IV veio a approvar a eleição de D. Domingos. O certo é que o governo deste prelado foi estando elle sempre ausente, e assim veio a morrer no anno de 1290. (3)

XVIII D. Domingos Jardo—*Desde o anno de* 1289

Foi D. Domingos Jardo pessoa de mais alta fortuna, que nascimen-

(1) Fr. Bern. de Brito na Chron de Cister l. 3. c. 22. diz, que a igreja de Alcobaça fôra sagrada no anno 1222 pelo bispo D. Alvaro, cousa que D. Rodrigo da Cunha reprova nos bispos de Lisboa part. 2. c. 46. n. 3. (2) Veja-se a Hist. Critic. da Procissão de Corpus feita pelo doutor Ignacio Barbosa.

(3) Vide Cunha na Histor. dos Arcebisp. de Braga part. 2. cap. 29. n. 3. e nos Bispos de Lisboa part. 2. cap. 65. Alcobaça Illustrada p. 331. e 187.

to. O pobre lugar de Jarda, que fica na freguezia de Bellas, lhe foi patria, e appellido. A propensão que tinha ao estudo das letras o levou á Universidade de Pariz, donde instruido, e já perfeito litterato voltou ao reino, e a sua erudição o introduziu no agrado delrei D. Affonso III, que o fez seu capellão, e do seu conselho. Elrei D. Diniz lhe deu o emprego de Chanceller mór, e com outras mercês o elevou a bispo de Evora no anno de 1283, até que o pontifice Nicoláu IV o transferiu para o de Lisboa em 7 de Outubro de 1289.

Entre as acções mais louvaveis da sua vida foi a fundação do hospital de S. Paulo, que hoje é o convento de Santo Eloy de conegos seculares de S. João Evangelista com o intuito, além do serviço de Deus, de se cultivarem nelle as letras de que havia falta no reino, donde diz o chronista mór fr. Francisco Brandão, (1) que os principaes talentos, que teve Portugal em letras naquelle tempo, se devem a este gazalhado do bispo D. Domingos. Cheio finalmente de annos, e enfermidades dispoz da abundancia de seus bens em um prudentissimo testamento, e chamado ao descanço eterno, terminou seus dias em Lisboa a 16 de dezembro de 1293. Jaz na capella do Sacramento do convento de Santo Eloy.

XIX D. João Martins de Suilhães—*Desde o anno de* 1294

Por sangue, virtude, e letras se fez digno de eterna memoria este nosso prelado. Era elle da familia dos Porto-Carreiros, amplissima em Portugal naquelle tempo. Principiou logo o governo da sua diocese com a fundação do mosteiro de Santa Clara de Lisboa, e no anno seguinte isentou o novamente erecto em Odivellas da jurisdição dos bispos. Alcançou delrei D. Diniz muitos privilegios para a sua cathedral, e acompanhou ao mesmo rei na jornada, que fez a Aragão no anno de 1304, instituindo antes disso o morgado de Suilhães. No anno de 1307 fez Synodo diocesano, em que ordenou novas constituições, para atalhar muitos abusos, e reformar o ecclesiastico.

Foi assistir a alguns concilios provinciaes, que os arcebispos de Compostella, como metropolitanos de Lisboa celebraram nos annos de 1306, e 1310. Por morte do arcebispo de Braga D. Martim Pires foi D. João promovido áquella primacial; até que rematando a carreira da vida, acabou na paz do Senhor no primeiro de maio de 1325

XX D. fr. Estevão II—*Desde o anno de* 1312

Foi D. Estevão religioso de S. Francisco; e passando a Avinhão, onde residia o Papa Clemente V com varios negocios delrei D. Diniz, o pontifice o nomeou bispo do Porto, fazendo-o juntamente administrador dos bens, que os Templarios possuiam n'este reino. Com a mesma

(1) Brand. Monarq. Lusit. liv. 16. cap. 49. Cunha nos Bispos de Lisboa part. 2. cap. 69.

administração o elevou o sobredito pontifice a bispo de Lisboa por Bulla de 8 de Outubro de 1312. (1)

Trocada a fortuna com desgostos, que teve com elrei, e desavenças com o seu cabido, voltou para Avinhão; e vendo o Papa que não era facil restituir-se este prelado á sua igreja, segundo os negocios andavam embaraçados, succedendo n'aquella occasião vagar o bispado de Cuenca em Castella a velha, o proveu n'elle, concorrendo tambem para isso a supplica do infante D. Affonso, de quem D. Estevão era muito parcial. Alli finalmente deixou de viver no anno de 1336, e se mandou sepultar no convento de Santa Cruz de Coimbra, para o qual havia alcançado muitas graças pontificias. (2)

XXI D. Gonçalo Pereira.—*Desde o anno de* 1322

Era D. Gonçalo Pereira illustre ascendente do inclito Condestavel D. Nuno Alvares Pereira. Criou-se no paço delrei D. Diniz; estudou em Salamanca, foi Deão da Sé do Porto; e como pessoa de brio, politica, e letras o elegeu elrei para varias negociações na Curia, que residia naquelle tempo em Avinhão. Lá foi eleito bispo de Evora, que não se effeituou: porem o Papa João XXII o nomeou Bispo de Lisboa em 21 de agosto de 1322, persuadido das grandes prendas, que nelle via.

Condecorado em tal dignidade veio brevemente para a sua igreja, onde no anno de 1324 celebrou um Synodo, em que fez algumas Constituições, que pareceram onerosas aos subditos, que ao depois o mesmo Bispo revogou por se conformar com a vontade delrei. No anno de 1326 passou para Arcebispo de Braga, que necessitava de prelado de authoridade para atalhar as desordens, que então alli se commettiam, e elle com effeito embaraçou, e lhe poz remedio com muita prudencia.

Não só deu o bispo D. Gonçalo Pereira bastantes provas das suas letras, e capacidade, mas tambem do seu valor. e zelo da patria na defensa d'este reino, perseguindo em varias acções bellicosas aos castelhanos então nossos adversarios, e acompanhando a elrei D. Affonso IV na batalha do Salado, em que sahiu vitorioso. Foi arbitro de muitas pazes entre principes poderosos, e inquietos: até que cheio de merecimentos, e desempenhando o caracter de bom prelado, e de cavalheiro, finalisou os seus dias no anno de 1358. Jaz na Sé de Braga. (3)

XXII D. João Affonso de Brito.—*Desde o anno de* 1326

Pela transferencia, que fez para Braga D. Gonçalo Pereira, foi eleito

(1) Assim o traz Wadingo no tom. 3. dos Annaes, e concorda com elle Brand. na Monarq. liv. 18. c. 11. porem D. Rodrigo nos Bispos do Porto pag. 2 cap. 15. diz que fora no anno de 1316. (2) Brand. Monarq. liv. 19. c. 32, Cunha Bispos de Lisboa p. 2. c. 84.

(3) Cunha na Histor. dos Arceb. de Brac. p. 2. c. 13. e nos Bisp. do Porto p. 2. cap. 18. e nos de Lisb. p. 2. c. 87. Monarq. Lusit. liv. 19. c. 32. 36. e 39. Fr. Raf. de Jesus na 7. p. da Monarq. liv. 10. c. 10. n. 5. ajusta bem o anno em que este Prelado morreo, e he o que seguimos.

Bispo de Lisboa D. João Affonso de Brito em 4 de março de 1326, achando-se em Avinhão, sendo Deão de Evora. Restituido a Lisboa, achou no agrado delrei D. Affonso IV, e do principe D. Pedro toda a estimação, que mereciam as suas letras, nobreza, e procedimento. Este conceito o fez escolher para ministrar as bençãos matrimoniaes na Sé ao mesmo principe D. Pedro, e á senhora D. Constança sua consorte, em cujo luzidissimo acto fez o Bispo excessivos gastos, que elrei depois lhe remunerou grandiosamente. Cuidou sempre muito na reforma do clero, e acabou em santa velhice a 25 de Julho de 1341.

XXIII D. Vasco Martins.—*Desde o anno de* 1342

O Bispo D. Vasco foi sobrinho do Bispo do Porto D. Giraldo, e em sua casa teve a primeira educação, na qual aproveitou tanto, que veio a succeder ao tio na cadeira Episcopal, e depois de ter governado aquella diocese o espaço de quatorze annos, passou para a de Lisboa em 26 de agosto de 1342, por evitar muitas duvidas, que alli tivera com elrei D. Affonso IV, e com a camara. Tanto que tomou posse da Prelazia lisbonense, começou logo a visitar a sua diocese, dando juntamente principio ao livro, que o cabido d'esta cathedral chamava o livro da *Roda*, e propriamente constava de toda a renda da Sé, cujo livro depois de muitos annos andar usurpado, o vieram restituir não ha muitos tempos, e se conservava no cartorio da Basilica de Santa Maria. Governou este prelado a nossa igreja pouco mais de dous annos; e sendo chamado pelo Senhor ao descanço eterno, morreu em o anno de 1344, e foi sepultado na cathedral.

XXIV D. Estevão Annes.—*Desde o anno de* 1344

Achava-se D. Estevão em Avinhão, quando sabendo-se alli da morte de D. Vasco, o Pontifice Clemente VI o promoveu na cadeira episcopal em o fim do anno de 1344, e sem vir nunca ao reino de Avinhão, governou esta igreja pelos seus vigarios geraes o espaço de quatro annos, vindo a falecer ou no de 1348, ou no de 1349.

XXV D. Theobaldo. — *Desde o anno de* 1348

O mesmo Pontifice Clemente VI elegeu para bispo de Lisboa p'r morte do antecessor a D. Theobaldo francez de nação, o qual, como naquelle tempo havia peste em Portugal, não se resolveu vir a este reino e de Avinhão governou a sua igreja por vigarios geraes. Não ha no seu governo acção memoravel. Morreu em 28 de maio de 1356.

XXVI D. Reginaldo — *Desde o anno de* 1356

Tambem este bispo foi francez; e como familiar do Papa Innocencio VI, falecendo D. Theobaldo, o elegeu o Pontifice Prelado lisbonense a 20 de junho de 1356, cuja igreja governou ausente por seu vigario ge-

ral. Depois o mesmo Pontifice o mudou para bispo de Autun, ou Augustodonense em França, (1) onde faleceu, deixando todavia nesta nossa igreja algumas memorias suas nos anniversarios, que estabeleceu.

XXVII D. Lourenço Rodrigues — *Desde o anno de* 1359

Pela mudança, que o bispo D. Reginaldo fez da igreja de Lisboa para a de Autun em agosto de 1358, foi logo no anno seguinte promovido nesta cathedral D. Lourenço; e tanto que tomou posse, cuidou primeiro que tudo, como vigilantissimo pastor, na reforma do clero, para o que publicou Constituições, que todos juraram, e as fazia cumprir com todo o rigor. Visitava todos os annos pessoalmente a sua diocese com grande utilidade das suas ovelhas. Perderam ellas muito com a sua morte, que foi em 19 de junho de 1364.

XXVIII D. Pedro Gomes Barroso — *Desde o anno de* 1365

Ha varias opiniões sobre a naturalidade d'este Prelado: uns o fazem filho de Toledo, outros de Cuenca, e até no appellido achamos differença, chamando-lhe uns D. Pedro Gomes de Albernoz. (2) O certo é, que elle succedeu na dignidade episcopal a D. Lourenço no anno de 1365, e que a maior parte do seu governo foi estando em Avinhão, d'onde passou para o bispado de Coimbra, e ultimamente veio occupar o de Sevilha, onde faleceu no anno de 1374.

XXIX D. Fernando — *Desde o anno de* 1370

Foi D. Fernando immediato successor de D. Pedro; e supposto fora eleito em Avinhão, e de lá governou a maior parte do tempo a igreja Lisbonense, conjecturamos, que ou morrera em Lisboa, ou se mandara sepultar nesta cathedral. Fundamo-nos para assim o dizer; porque quando o memoravel, e fidelissimo rei D. João V mandou aperfeiçoar o pavimento da capella mór da antiga Sé pelos annos de 1743, bolindo-se em algumas sepulturas, se achou em uma campa, que estava á entrada do arco da parte da Epistoia, insculpida na mesma lapida uma figura de relevo com habito episcopal, e em roda umas letras goticas, que diziam: *Jacet in Domino Reverendus in Christo Pater Dominus Fernandus Episcopus Ulyxbonensis*: e não podia ser outro, senão este prelado.

XXX D. Vasco II — *Desde o anno de* 1371

Estando D. Vasco em Avinhão assistindo ao Papa Gregorio XI, este o fez Bispo de Lisboa, cuja igreja governou só dous mezes pela mudan-

(1) D. Rodrigo da Cunha nos Bisp. de Lisb. part. 2. cap. 97. n. 4. diz que D. Reginaldo fora transferido para a Igreja de Avinhão, fundado em uma conjectura sua unicamente; porém nós fundando-nos para dizer que fora para Autun, porque assim o affirma Purgar na «Historia Palentina,» lib. 3. cap. 6.

(2) D. Man. Caet. de Sousa no Catal. dos Cardeaes Portuguezes, que vem no tom. 5. da Collecção Academica, pag. 71.

ça do arcebispado de Braga, a que o mesmo Pontifice o elevou, e lá faleceu em 18 de novembro de 1372.

XXXI D. Agapito Colona — *Desde o anno de* 1371

Pela translação de D. Vasco a arcebispo de Braga fez o Papa Gregorio XI eleição para bispo de Lisboa a Agapito Colona, romano illustre, que então era bispo de Brexa, cidade de Veneza. Governou este prelado nove annos a santa igreja de Lisboa, e o mais do tempo ausente em Avinhão. Depois renunciando o bispado foi eleito cardeal do titulo de Santa Prisca, retendo todavia o governo d'esta cidade até a morte, que foi a 3 de outubro de 1380. Jaz em Roma na igreja de Santa Maria Maior.(1)

XXXII D. João de Aix — *Desde o anno de* 1381

Foi este prelado francez de nação. O Papa Urbano VI o mudou para arcebispo de Aix na Provença sua patria. Governou a nossa diocese quasi dous annos, mas sempre ausente, andando neste tempo as cousas ecclesiasticas muito cheias de perturbações por via do scisma, que finalisou com o Concilio Constanciense, e com a eleição do Papa Martinho V.

XXXIII D. Martinho — *Desde o anno de* 1381

Era D. Martinho castelhano, e natural de Çamora, prelado de merecimento, e de virtude, o qual sendo bispo de Silves no Algarve, foi eleito para arcebispo de Braga pelo cabido d'aquella primacial pela morte de D. Vasco; porem esta promoção não teve effeito, porque não a quiz approvar o Papa Gregorio XI, e o mandou residir na sua igreja de Silves; d'onde foi nomeado para esta de Lisboa por Clemente VII em opposição de Urbano VI, por causa do scisma, que então havia na igreja catholica. Elrei D. Fernando, que seguio o partido de Clemente, admittiu ao bispo D. Martinho, e por elle lhe mandou dar obediencia a Avinhão com grande apparato, d'onde voltando para Lisboa mandou limitar as paroquias do seu bispado.

Falecendo elrei D. Fernando, succedeo no anno de 1383 a acclamação delrei D. João I, Mestre então de Aviz, em cujo dia houve extraordinarios alvoroços nesta cidade; e, porque o bispo D. Martinho, ignorando os motivos d'aquella improvisa alteração, estando nos paços da cathedral, se subio á torre para vêr o que era, não consentindo que se repicassem os sinos, como o povo queria; estimulados, e cegos, entraram por uma fresta da torre, e d'ella precipitaram ao bispo D. Martinho tyrannamente, trazendo-o de rastos até a praça do Rocio, onde esteve o cadaver alguns dias sem lhe darem sepultura; de cujo furioso sacrilegio pediram depois perdão ao Papa Urbano VI. Aconteceu este horrivel catastrofe a 6 de dezembro de 1383. Porem a 22 do mesmo mez,

(1) Ughel. Ital. sacr. tom. 1. p. 467. e 854. Ann. Hist. tom. 3. p. 123. Cunha Bisp. de Lisboa p. 2 c. 103.

e anno, não tendo ainda chegado a noticia a Avinhão, onde residia Clemente VII, este havia elevado a D. Martinho á eminencia de cardeal.(1)

XXXIV D. João Anes — *Desde o anno de* 1383

Passando o bispo D. João de Aix para a igreja Aquense, sita na Provença, elegeu o Papa Urbano VI a D. João Anes, natural de Thomar, em bispo de Lisboa, que então era conego da Sé, pessoa de merecida estimação por virtudes, e letras. Expediram-se as Bullas em 25 de fevereiro de 1383, e logo em abril, e setembro do mesmo anno ordenou duas solemnissimas procissões em acção de graças, pelos dous prodigios, que succederam em Lisboa no apertado cerco das tropas castelhanas, que as nossas Historias referem.

Tanto que o reino teve alguma quietação depois da victoria de Aljubarrota em o anno de 1386, começou o zelozo prelado com a reforma do clero, e augmento das igrejas, as quaes visitou com grande utilidade de todas, recuperando para ellas muita fazenda, que andava alienada. Tendo cumprido onze annos em o pastoral officio com toda a satisfação das suas ovelhas, foi exaltado á nova dignidade de arcebispo de Lisboa, como logo veremos.

MAPPA CHRONOLOGICO DOS BISPOS DE LISBOA

Bispos duvidosos

S. Mansos, anno de Christo 36.—Anonymo...—Filippe Filoteo, 92. — S Pedro I, 166.—Pedro II, 213.—Jorge, 260.—Pedro III, 297.—S. Gens...—Januario, 300.—Potamio, 356.—Antonio, 373.—Neobridio, 430.—Julio, 461.—Azulano...—João, 500.—Eolo, 536.—Nestoriano,578

Bispos certos

Paulo, anno de Christo 589.—Goma, 610.—Viriaco, 633.—Neofridio, 646.—Cesario, 656.—Theodorico, 666.—Ara, 683.—Landerico, 688.

Bispos em tempo de reis portuguezes

D. Gilberto, annos de Christo 1147.—D. Alvaro, 1167.—D. Soeiro I. 1186.—D. Soeiro Viegas, 1210.—D. Payo, 1233.—D. João I, 1240.—D. Ayres Vasques, 1244.—D. Mattheus, 1259.—D. Estevão Anes, 1284.—D. Domingos Jardo, 1289.—D. João Martins Suilhães, 1294.—D. Estevão II, 1311.—D. Gonçalo Pereira, 1322.—D. João Affonso, 1326.—D. Vasco Martins, 1342.—D. Estevão III, 1344.—D. Theobaldo, 1354.—D. Reginaldo, 1356.—D. Lourenço Rodrigues, 1359.

(1) Cunha nos Bispos de Lisboa part. 2. c. 107. Catalogo dos Bispos do Algarve n. 26. Severim Noticias de Portugal disc. 8. Memor dos Cardeaes Portuguezes Ann. Histor. tom. 3. pag. 117 e 525.

— D. Pedro Gomes, 1365.— D. Fernando, 1370.—D. Vasco II, 1371. — D. Agapito, 1371.— D. João de Aix, 1381.— D. Martinho, 1383.— D. João Anes, 1383.

ARCEBISPOS

O memoravel rei D. João I, querendo gratificar generosamente aos naturaes d'esta cidade o muito que haviam cooperado para a sua exaltação ao throno, não satisfeito ainda de lhes dar amplissimos privilegios civis, determinou como principe religiosissimo, e magnanimo, enchel-os tambem de honras ecclesiasticas; por cujo motivo constituio a sua igreja cathedral senhora isenta, sem dependencia de outro superior mais que da Sé Apostolica.

Era até este tempo a diocese de Lisboa suffraganea de Compostella desde o anno de 1199, em que o arcebispo de Braga D. Martinho Pires a deixou, e dimittiu áquelle prelado. (1) Para obter este foro metropolitico, recorreu o zeloso rei ao Papa Bonifacio IX, e este assentindo benigno ás suas supplicas, mandou passar a Bulla da nova erecção em 10 de novembro de 1394, (2) assinando-lhe por suffraganeos os bispos de Lamego, Guarda, Silves, e Evora. posto que este, que então era D. João Affonso de Brito, logo no anno de 1396, por Breve do mesmo Pontifice, se eximio da obediencia do de Lisboa. Tem havido até agora os seguintes arcebispos:

I D. João Anes — *Desde o anno de* 1394

Eram tão relevantes os merecimentos do bispo D. João Anes, (a quem alguns erradamente accrescentam o appellido de Escudeiro) como já nos onze annos antecedentes havia mostrado na sua Prelazia, que obrigaram ao rei, e ao Pontifice Bonifacio IX a exaltal-o á nova dignidade archiepiscopal. Foi continuando no governo d'esta igreja com felicidade. não obstante algumas contradições, que teve com o bispo de Evora D. Martinho sobre a sua isenção, e com o do Porto D. João Esteves sobre a fundação da igreja do Salvador.

Serenado tudo, veio elle a concluir em paz os seus dias a 3 de maio de 1402 com dezoito annos, e dez mezes de arcebispo. Sepultou-se na capella de S. Sebastião da sua Sé, por ser parente do arcebispo de Braga D. João Martins de Suilhães, que a fundara. Estava a sepultura antigamente collocada sobre quatro leões grandes de pedra, aos quaes, por embaraçarem muito a capella, mandou tirar o conego Pedro Lou-

(1) Cunha Histor. Eccles. de Braga part. 2. cap. 18.

(2) Marian. liv, 18. cap. 13. Bzovio, Mireo, e outros, a quem segue Cunha nos Bispos do Porto part. 2 c. 23. os quaes dizem, que esta erecção fora no anno de 1290. Nós no tom. 2. part. 3. deste Mappa pag. 11. seguindo a Joseph Soares da Silva, a pozemos no anno de 1393. O certo he, que foi no anno seguinte, como se póde ver na Bulla, que vem no tom. 1. das Provas da Historia Genealogica da Casa Real, pag. 361.

renço de Tavora, e transferir os ossos para o tumulo onde agora está dentro da parede.

II D. João Esteves de Azambuja, cardeal—*Desde o anno de* 1402

Foi este prelado natural da villa, que lhe deu o appellido, filho de Affonso Esteves, senhor de Salvaterra, e reposteiro mór. Antes de ser ecclesiastico militou valerosamente nas guerras, que elrei D. João I teve com Castella. (1) Depois foi conego de Coimbra, e de Evora, prior na igreja de Monção no Minho, e da de Alcaçova em Santarem. Elrei D. João I o fez seu conselheiro, e pelo bom conceito, que fazia do seu talento, e capacidade, o mandou a Roma conseguir do Papa Bonifacio IX, dispensa para poder casar, pois era professo na Ordem equestre de Aviz. .

Pelos seus merecimentos o nomeou elrei bispo do Porto, onde elle creou de novo a dignidade de arcediago, a quem unio para sempre a igreja de S. Thyrso de Meinedo. Sagrou o templo de Nossa Senhora da Oliveira em Guimarães, sendo já Bispo de Coimbra. Foi duas vezes por embaixador a Castella tratar a negociação das pazes, que se vieram a concluir no anno de 1402. Por este tempo foi promovido a arcebispo de Lisboa, logo depois que faleceo D. João Anes, e condecorado com esta dignidade passou á Italia para assistir ao Concilio, que em Pisa se fez no anno de 1409, a fim de se serenar o pernicioso scisma, que então opprimia a igreja catholica. Depois passou a Jerusalem a visitar os santos lugares.

Cresceram tanto os merecimentos do arcebispo D. João Esteves, e era tanto o respeito, que se tinha ás suas letras, e virtudes, que por attenção a ellas no anno de 1411 lhe conferiu o Papa João XXIII o capello de cardeal com o titulo de S. Pedro ad Vincula, e de Santa Eudoxia, ficando-lhe o arcebispado em titulo de commenda. Para receber o capello passou a Roma, e de lá acompanhou ao Pontifice até a cidade de Constança em Alemanha, onde se celebrou outro Concilio para dar a desejada paz á igreja de Deus, que se via afflicta, e dividida com o governo de tres pontifices.

Observando então o nosso cardeal arcebispo, que as cousas se encaminhavam a ficar João XXIII fóra do pontificado, se ausentou triste de Constança, passando a Bruges, cidade de Flandes, para d'ahi fazer caminho para Portugal; porem adoecendo gravemente, faleceu a 23 de janeiro de 1415, excedendo na morte a fama que tivera na vida, porque acabou como santo, vivendo virtuoso. Seus ossos foram trasladados ao mosteiro do Salvador d'esta cidade, que elle havia edificado, e dotado.(2)

(1) Chronica d'el-rei D. João I part. 1. cap. 102 e part. 2. cap. 19.

(2) Faria e Sousa no Epitome part. 4. c. 6, Severim Noticias de Portug. disc. 8. Memor. dos Cardeaes Portug. Cunha nos Bispos do Porto part. 2. c. 23., e na Addição a este capitulo, que vem a pag. 447. Ann. Histor. tom. 1. pag. 145. Fastos da Lusitania tom. 1. pag. 290. Alguns o fazem Bispo do Algarve, mas não consta.

III D. Diogo Alvares — *Desde o anno de* 1414

Sendo grão prior de Guimarães, foi D. Diogo elevado a bispo de Evora no anno de 1406, em cujo governo succedeo aquelle raro caso de um excommungado, que refere o padre Fonseca na «Evora gloriosa» pag. 285. Vivendo ainda o cardeal arcebispo D. João Esteves de Azambuja, foi D. Diogo eleito em arcebispo de Lisboa por João XXIII no anno de 1414. Porem não obstante a nomeação pontificia, descuidando-se o novo arcebispo da expedição das Bullas, lhe não quiz o Cabido dar posse, por cujo motivo padeceu muitas contradições. E vendo elrei D. João I a renitencia, com que o arcebispo estava, escreveu no anno de 1422 ao Cabido da Sé, para que lhe não obedecessem, e governassem o arcebispado no espiritual, e temporal. Na mesma conformidade escreveu tambem o infante D. Pedro aos priores, ministros, e guardiães dos conventos de Lisboa, e a todos os grandes do reino, que obedecessem ao Cabido.

Vendo-se o arcebispo neste aperto, se valeu da authoridade do pontifice Martinho V. que chegou a escrever a elrei D. João, e ao infante D. Duarte seu filho primogenito, para que fizessem desistir ao deão, e cabido das duvidas, com que lhe impediam a administração pacifica da sua igreja. Cuja supplica sendo pouco attendida delrei, e do principe, o arcebispo se recolheu a Evora, onde com desgostos acabou a vida em 5 de maio de 1424. Jaz sem inscripção na claustra da mesma Sé, e na capella, que alli fez erigir o conego Fernão Affonso Cicioso.

IV D. Pedro de Noronha — *Desde o anno de* 1424

Era D. Pedro de Noronha natural do reino das Asturias, filho de D. Affonso, conde de Gijon, neto por bastardia dos reis Henrique II de Castella, e de D. Fernando de Portugal. (1) Vindo a este reino, e tendo vinte e tres annos de idade, no de 1419 lhe concedeu Martinho V a administração do bispado de Evora em 11 de janeiro a instancias delrei D. João I, e pela morte do arcebispo D. Diogo Alvares o elevou o mesmo Pontifice a metropolitano de Lisboa contra a postulação, que o cabido d'esta cathedral fazia para a pessoa de D. Fernando, chantre de Coimbra.

Promovido D. Pedro em arcebispo no anno de 1424, tendo não mais que vinte e oito annos de idade, começou a tratar-se com grande pompa, e luzimento de principe, occupando-se em exercicios improprios ao seu caracter, e em divertimentos alheios da sua pastoral obrigação, a qual incumbia á vigilancia dos seus vigarios geraes, que foram Christovão Anes, Affonso Anes chantre, e João de Elvas prior de Aveiras. Com estes descuidos fez padecer a liberdade ecclesiastica dos seus subditos com as vexações do poder secular, de que Martinho V o reprehen-

(1) Gaspar Barreir. no seu Nobiliario. Fonseca na Evora gloriosa pag. 285. n. 506.

deu, e se remediou com o Concilio Provincial, que celebrou em Braga o arcebispo D. Fernando a 22 de dezembro de 1426.

No anno de 1428 passou o nosso arcebispo a Aragão por embaixador delrei D. João I sobre o negocio do casamento do infante D. Duarte com a infanta D. Leonor, cuja negociação completou com beneplacito de todos. (1) Pela morte delrei D. Duarte, que deixou por governadora do reino a rainha D. Leonor sua mulher, a cuja determinação se oppozeram os Tres Estados do Reino, quiz o arcebispo D. Pedro sustentar o partido da rainha viuva com grande tenacidade, fazendo-se forte no seu palacio, que era junto dos paços do Castello, e, porque os vereadores da cidade suspeitaram, que o arcebispo se queria apoderar do castello pela porta, que chamam do Moniz, a camara lhe mandou derrubar certos cubellos, de que o arcebispo tomou grande sentimento, e se sahiu de Lisboa para Alhandra.

Foram-se augmentando as turbulencias de maneira, que a camara da cidade formou capitulos contra o arcebispo cheios de ludibrios, e os remetteu ao Papa, para que o privasse da dignidade. Vendo-se o arcebispo injuriado, e perseguido, se ausentou para Castella, e logo o infante D. Pedro lhe mandou sequestrar as rendas. Nesta ausencia ficou o Cabido governando como em Sé vacante; porem trabalhando os apaixonados do arcebispo, para que elle tornasse para o reino, intervindo tambem nisso a Santidade de Urbano VI, lhe foi concedida licença do infante D. Pedro, então regente, no anno de 1442.

Vindo o arcebispo outra vez para Lisboa, erigiu no anno de 1445 em Collegiada a igreja de Santa Maria da villa de Ourem; e esta é a ultima acção, que sabemos d'este prelado, o qual faleceu a 12 de agosto de 1452 em Lisboa, e está sepultado no meio da capella do Santissimo Sacramento da antiga Sé.

V D. Luiz Coutinho — *Desde o anno de* 1453

Mui liberal se mostrou o padre Antonio Carvalho da Costa para com a igreja metropolitana de Lisboa; porque no Catalogo dos seus prelados, que expende no tom. 3. da Corografia Portugueza, pag. 345, numera antes de D. Luiz Coutinho a D. Vasco de Menezes, e a D. Fernando de Castro, os quaes são duvidosos; porque o arcebispo D. Pedro de Noronha morreu em 12 de agosto da 1452, como consta da sua inscripção sepulchral, e logo em 23 de Setembro do mesmo anno, consta que dera ordens com licença do Cabido Sede vacante na capella de S. Bartholomeu da Sé o bispo de Tagaste D. João; e as tornou a dar com a mesma licença em 14 de junho do anno seguinte, em que já o arcebispo D. Luiz Coutinho era falecido, como se mostra da Bulla de Nicoláu V, passada a seu successor D. Jayme em 30 de abril de 1453.

De sorte, que o governo de D. Luiz Coutinho não podia alargar-se

(1) Zurita lib. 13. cap. 45. Ruy de Pina Chron. do Infante D. Pedro cap. 28. e 31.

mais que de setembro de 1452 até o principio de abril de 1453, em que vão quando muito sete mezes de prelazia, em cujo limitado espaço não póde caber o governo de mais dous prelados.

Foi em fim D. Luiz Coutinho filho de Gonçalo Vaz Coutinho, segundo marichal do reino, alcaide mór de Trancoso, e de Lamego, e de D. Leonor Gonçalves de Azevedo. Teve primeiramente o bispado de Viseu pelos annos de 1440, e sendo embaixador delrei em Roma, se achou na eleição do Anti-Papa Felix IV. e por elle foi creado Anti-Cardeal no mez de abril de 1443. Foi tambem bispo de Coimbra no anno de 1444, e acompanhou até Alemanha a imperatriz D. Leonor, filha delrei D. Duarte, que se desposou com o imperador Federico III. Não consta onde morreu, nem quando.

VI D. Jayme, cardeal — *Desde o anno de* 1453

Foi D. Jayme filho do infante D. Pedro, e neto delrei D. João I, de boa memoria. Sendo de quatorze annos, ficou prizioneiro na batalha da Alfarrobeira, aonde tinha ido acompanhar a seu pai, que alli perdeu infelizmente a vida. Escapando da prizão, passou a Flandres, e foi buscar o abrigo de sua tia a Infanta D. Isabel, condessa d'aquelles estados, e mulher de Filippe III. Esta senhora o mandou a Roma, sendo então Pontifice Nicolão V, que affeiçoado das reaes perfeições, que concorriam neste principe, o fez administrador perpetuo da igreja lisbonense em 30 de abril de 1453, a qual se achava vaga por morte de D. Luiz Coutinho.

Não constituio logo o pontifice a D. Jayme arcebispo, por não ter ainda competente idade, pois contava só vinte annos. Todavia d'esta sorte começou a governar por seus vigarios geraes: tal foi Luiz Anes, que em seu nome assistiu nas cortes, que se celebraram em Lisboa por elrei D. Affonso V, pelos annos de 1455, e 1456. Subindo ao Summo Pontificado Callisto III, antepondo os merecimentos aos annos do nosso arcebispo, logo na primeira creação de cardeaes, que fez em 18 de setembro de 1456, lhe deu o capello com titulo de Santa Maria in Portica, promovendo-o depois ao de Santo Eustachio.

Feito cardeal conseguio do Papa a Bulla da Cruzada para este reino, mandando-a no anno da 1457 a elrei D. Affonso V seu primo pelo bispo de Silves D. fr. Alvaro Paes, que se achava em Roma, a quem o Pontifice fez seu legado, e o cardeal seu governador, ou commissario geral no arcebispado de Lisboa.

Succedendo no anno seguinte de 1458 a morte do Papa Callisto III, e seguindo-se logo na cadeira pontificia Pio II, quiz este levar avante a empreza do seu antecessor em fazer guerra aos turcos. Para este effeito publicou um Concilio em Mantua, para onde partindo de Roma no principio do anno de 1459 com o collegio dos cardeaes, o nosso adoecendo em Florença de um mal, que só tinha o remedio no perigo da castida-

de, quiz antes D. Jayme perder a vida na flor dos annos, que manchar o candido arminho da sua pureza. Espirou finalmente a 21 de abril de 1459 com grande saudade de todos. Jaz seu corpo em Florença no convento de S. Miniato de religiosos benedictinos. (1)

VII D. Affonso Nogueira—*Desde o anno de* 1459

Era D. Affonso Nogueira filho de Affonso Anes Nogueira, Alcaide mór de Lisboa. Nos seus primeiros annos abraçou a nova reforma da congregação de S. João Evangelista, que instituiu n'este reino o veneravel mestre João, e foi um dos seus primeiros companheiros. Levado da devoção, e desejo de commaunicar com os primeiros fundadores da congregação de S. Jorge em Alga, passou a Veneza, e de lá trouxe para os de Portugal a capa azul, continuando a viver aqui tão exemplarmente, que o Papa Nicolau V obrigado da sua fama o fez bispo de Coimbra na mudança de D. Luiz Coutinho, e por morte do cardeal D. Jayme o transferiu Pio II para arcebispo de Lisboa aos 17 de Setembro de 1459, como consta da Bulla. (2)

Padece equivocação o Padre Antonio Carvalho da Costa na sua Corografia tom. 3. pag. 346, onde diz, que D. Affonso Nogueira fôra tambem bispo do Porto, dignidade que não occupou. Correndo o anno de 1463, celebrou pontifical o nosso arcebispo, e lançou a primeira pedra na Casa nova de Nossa Senhora da Luz, junto ao lugar de Carnide, com assistencia delrei D. Affonso V, e de toda a corte. No anno de 1464, padecendo Lisboa uma grande epidemia, por fugir d'ella se recolheu o arcebispo D. Affonso á villa de Alemquer; e no mez de outubro d'este anno quiz a divina Providencia, que elle falecesse do mesmo mal. Foi trazido seu corpo para a igreja parochial de S. Lourenço d'esta cidade, onde jaz na capella de Santa Victoria como instituidor do morgado dos Nogueiras, que hoje possue o excellentissimo visconde de Villa-nova da Cerveira.

Outra equivocação encontramos no bispo de Targa D. fr. Thomé de Faria, o qual n'aquellas suas famosas Decadas d'este reino, que deixou manuscritas, e imperfeitas, escreve na primeira Decad, liv. 9. cap. 2., que elrei D. Affonso V elegera para arcebispo de Lisboa a um certo Duarte, grande letrado, e confessor da rainha D. Isabel, o qual exercera admiravelmente esta dignidade; e porque tinha sido em Pariz companheiro de Francisco Barbosa, insigne jurista, o fizera seu vigario geral. (3) Noticia é esta, que não se póde verificar nem pelos successos, nem pela chronologia.

(1) Zurita liv. 16. c. 39. Bzovio tom. 15. ad an. 1427. n. 5. Bozius de Sign. Eccles. Liv. 11. sign. 48. c. 7. e outros apud Card. no Agiol. Lusit. tom. 2. p. 585 Nun. Descr. de Port. cap. 87. p. 131. (2) Esta bulla existe no cartorio do Senado da camera de Lisboa no liv. 5. dos Privileg. Apostol. fol. 55. (3) «Quam dignitatem mirifice exercuit, egregiamque

VIII D. Jorge da Costa, Cardeal—*Desde o anno de 1464*

Nasceu D. Jorge da Costa na villa de Alpedrinha, bispado da Guarda, no anno de 1406 de pais honrados. Teve principio a sua boa fortuna com a protecção da senhora infanta D. Catharina, filha delrei D. Duarte; o qual a rogos da mesma infanta, e persuadido das suas distinctas prendas, o nomeou bispo de Evora, e por morte de D. Affonso Nogueira o fez transferir para arcebispo de Lisboa em 26 de novembro de 1464, sendo summo pontifice Paulo II.

A primeira acção executada n'esta metrepoli é a erecção da capella de Nossa Senhora da Assumpção, e S. Luiz, que mandou fabricar com grande dispendio no convento de Santo Eloy para jazigo da sobredita infanta. No anno de 1469 foi por embaixador a Castella sobre negocios de casamentos regios, que não tiveram effeito; e no de 1471 acompanhou elrei D. Affonso V na jornada, e conquista de Tangere, e Arzilla, achando-se sempre inseparavel o nosso arcebispo do lado delrei, o qual se valeu muito em todas as suas emprezas da prudencia do seu conselho.

Passando elrei a França, ficou o arcebispo no reino por primeiro ministro, e principal conselheiro do principe: e neste emprego se não descuidou das obrigações da sua prelazia, antes poz em nova praxe limitar as parochias da cidade, as quaes visitou todas pessoalmente, e tambem algumas villas do arcebispado, unindo ao convento de S. Bento de Xabregas as igrejas de S. Leonardo de Atouguia, e a de S. Miguel de Cintra.

A instancias delrei D. Affonso V lhe concedeu Xisto IV o capello de cardeal em 18 de dezembro de 1476 com o titulo dos Santos Pedro, e Marcellino, e voltando de França elrei D. Affonso por novembro do anno de 1477, recebeu D. Jorge na primeira oitava do Natal as honras da nova dignidade na igreja do convento de Santo Eloy, estando presente elrei, e toda a corte.

Como o principe D. João lhe não era muito affeiçoado, porque invejava os extraordinarios favores que lhe fazia seu pai, resolveu prudentemente o arcebispo passar a Roma, e o pontifice o recebeu com summo agrado, correndo sempre tão prosperos os tempos ao cardeal arcebispo, que pareciam poucas as dignidades, com que os summos pontifices Innocencio VIII, Alexandre VI, Pio III, e Julio II o enriqueceram nos vinte e oito annos, que assistiu n'aquella curia.

Foram sem duvida as honras, e as dignidades a que subio o nosso arcebispo as maiores da igreja catholica depois da Suprema, para a qual tambem teve muitos votos em tres eleições differentes. Eram as suas

viri indolem Rex introspiciens humeris ejus regni pondus imposuit. Haud oblitus Eduardus antiqui sodalitii cum Francisco Barbosa eundem pro Pontificalibus muniis Episcopum Targensem creari fecit in suum Coadjutorem.» São as palavras do author.

virtudes, que o elevaram a estado tão eminente, singularissimas, até que fazendo pauza ao progresso da vida, a terminou em Roma em 19 de agosto de 1508 com cento e dois annos de idade. Jaz na igreja de Nossa Senhora do Populo da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho em um nobilissimo deposito. (1)

No capitulo 33 do livro, que escreveu D. Francisco Herrera e Maldonado da vida do servo de Deus Bernardino de Obregon, se acha a noticia de outro arcebispo de Lisboa chamado D. Miguel de Menezes governando esta igreja pelos annos de 1497, porém julgamos ser apocrifo; porque o arcebispo D. Jorge começou o seu governo no anno de 1464. e renunciou no de 1500 em seu irmão D. Martinho da Costa; quanto mais que não ha author algum, que se lembre de semelhante prelado.

IX D. Martinho da Costa—*Desde o anno de* 1501

Achando-se D. Martinho em Roma na companhia de seu irmão o cardeal D. Jorge, este por causa de uma doença grave renunciou n'elle o arcebispado de Lisboa em 28 de Junho de 1500 com faculdade d'el-rei D. Manuel. Pouco depois da nomeação partiu D. Martinho para o reino, e aqui no anno de 1502 bautizou ao principe D. João, que depois foi rei, e terceiro no nome, em a capella de S. Miguel dos Paços do Castello, chamados da Alcaçova.

Na fome que todo o reino padeceu no anno de 1503, mandou vir este prelado muito trigo de fóra, por sua conta, e elle por sua propria mão o repartia já cosido aos pobres, e o mandava dar pelas casas das gentes mais necessitadas, exercitando n'esta occasião memoraveis actos de caridade. Em 18 de Julho de 1509 benzeo a igreja do real mosteiro da Madre de Deus, a qual hoje serve de capitulo dentro da clausura.

Contava D. Martinho oitenta e sete annos de idade, quando acompanhou até Saboya a senhora infanta dona Brites, que se foi desposar com o duque Carlos. Recolhendo-se a Portugal, adoeceu no mar, e não podendo continuar a viagem até Lisboa, desembarcou em Gibraltar, onde faleceu em 28 de novembro de 1521. Dizem alguns, que de paixão, por lhe embaraçar em Roma elrei D. Manuel a nominata de cardeal, que Leão X determinava conferir-lhe. De Gibraltar o trasladou seu sobrinho Christovão da Costa no anno de 1558, e o fez sepultar na Sé de Lisboa entre os arcebispos D. Fernando, e D. Jorge. (2)

X D. Affonso, Infante, e Cardeal—*Desde o anno de* 1523

Nasceu em Evora a 23 de abril de 1509 o infante D. Affonso, filho

(1) Cunha nos bispos do Porto part. 2. cap. 33. Severim de Faria nas Notic. de Portug. disc. 8. § 11. Duarte Nun Descripç. de Port. p. 134. v. Cardoso Agiolog. Lusit. tom. 2. pag. 116. Lima Geogr. Histor. tom. 1. pag. 372. Franc. de Santa Maria Ano. Histor. tom. 2. pag. 550. Fonseca Evera gloriosa n. 512. (2) Far. Europ. Portug. part. 2. p. 547. Ann. Histor. tom. 2. p 552. Lima Geograf. Histor. tom. 1. p. 377.

terceiro do senhor rei D. Manuel, e da serenissima rainha dona Maria sua segunda mulher. Ainda não contava oito annos, quando o Papa Leão X no anno de 1516 o admitiu ao numero, e collegio dos Cardeaes com o titulo de bispo Targitano, diacono cardeal de Santa Luzia: e supposto que este indulto foi concedido com a reserva de se lhe não dar o barrete, senão quando o infante tivesse desoito annos, todavia sempre foi tratado com a respectiva honra de cardeal.

Por morte do arcebispo D. Martinho lhe concedeu Adriano VI a administração dos fructos d'este arcebispado, declarando-o já desde então por arcebispo, contando elle de idade quatorze annos sómente; e quando chegou o dia 17 de setembro do anno de 1523, escreveu o infante ao cabido de Lisboa, dizendo-lhe, que estava provido no arcebispado pelo Papa Adriano VI a supplicas delrei D. João III seu irmão, e que assim fazia seu procurador ao deão Fernão Gonçalves para tomar a posse. Tanto que entrou em dezoito annos de idade recebeu com toda a pompa em Almeirim o capello de cardeal aos 27 de Junho de 1526, e no de 1535, assistindo D. Affonso em Evora sua ordinaria residencia, cuja igreja, e a de Viseu tambem governava, partiu para Lisboa a tratar da sua sagração por lhe haver chegado o pallio em 22 de novembro do dito anno.

Cuidou sempre muito este prelado em exercer com obras dignas o officio de bom pastor. Muitas vezes bautizava por suas proprias mãos as crianças, e levava o Santissimo Viatico aos enfermos, e de melhor vontade aos mais pobres, a quem deixava sufficientes esmolas: e dizia, que estas obrigações primeiro eram suas, que dos outros parochos, e por isso devia primeiro que os outros cumprir com ellas. Nos domingos, e dias santos ensinava a doutrina christã ás suas ovelhas com muita affabilidade, estabelecendo tão util exercicio por todas as freguezias da sua diocese, e impondo esta obrigação aos parochos: aos quaes em Synodo, que fez celebrar na Sé em o anno de 1536 a 25 de agosto, tambem ordenou tivessem livros para assentar os nomes das pessoas bautizadas, e dos padrinhos, cousa que antes do seu governo se não praticava, e a cujo exemplo o fez estabelecer em toda a igreja catholica o sagrado concilio Tridentino.

Rezando-se até o seu tempo na Sé, e em todo este arcebispado pelo breviario da igreja de Salisbury de Inglaterra, que havia introduzido o bispo D. Gilberto, elle em seu lugar mandou, que se admittisse o romano, de que usamos. O pontifice Paulo III approvou esta introducção por Bulla de 9 de dezembro de 1538, dirigida ao cabido da igreja lisbonense. Era nos pontificaes magestoso, e nos ritos ecclesiasticos muito versado, e perito; e como inclinado ao estudo das letras, amava, e favorecia aos homens doutos, e applicados.

Sendo o tratamento da sua casa regido com grande esplendor, que pouco se differençava da casa real, era igualmente modestissima, e exemplar toda a sua familia. Teve muitas dignidades, porque foi administra-

dor dos bispados de Vizeu, Evora, e Guarda: D. Abbade de Alcobaça, commendatario do convento de Santa Cruz de Coimbra, e de S. João de Tarouca: teve a purpura cardinalicia com os titulos de Santa Luzia *in septem foliis*, de S Braz, e de S. João, e S. Paulo. Finalmente cheio de honras, merecimentos, e virtudes, mas não de annos, terminou nos trinta e um de vida aos 21 de abril de 1540, deixando com eterna saudade uma feliz, e perpetua memoria. Jaz no convento de Belem em sepultura propria. (1)

Pertende o bispo de Targa D. fr. Thomé de Faria na Decada 1. liv. 9. cap. 5. introduzir n'esta igreja Metropolitana por arcebispo a D. Miguel da Silva, que depois foi cardeal, e desnaturalisado do reino por elrei D. João III; porém claramente se mostra ser apocrifo: porque o cardeal arcebispo D. Affonso faleceu em 21 de Abril de 1540, e o arcebispo D. Fernando lhe succedeu por eleição do Papa Paulo III em 29 de setembro do mesmo anno, que são cinco mezes de intervallo, nos quaes não é verosimil, que elrei nomeasse dois arcebispos de Lisboa.

XI D. Fernando de Vasconcellos e Menezes—*Desde o anno de* 1540

Este veneravel prelado nasceu em Lisboa, filho segundo de D Affonso de Vasconcellos, primeiro conde de Penella. Professou o instituto de Santo Agostinho no real convento de S. Vicente, d'onde foi prior, e pela fama dos seus merecimentos o elevou elrei D. Manuel a bispo de Lamego, que Leão X approvou em Novembro de 1513. Como era dotado de maduro conselho, e prudencia, elrei D. Manuel o consultava na maior importancia dos negocios, fazendo-o seu capellão mór, que continuou a exercecer no governo d'elrei D. João III.

Morto o serenissimo infante cardeal D. Affonso, lhe conferiu Paulo III a dignidade archiepiscopal de Lisboa em 16 de setembro de 1540, de que tomou posse em 8 de novembro do mesmo anno por seu procurador o desembargador, e prior de Meixedo Diogo Gonçalves. No anno de 1543 foi conduzir a Castella a princeza D. Maria, filha delrei D. João III, que se desposou com o principe D. Filippe, filho do imperador Carlos V, na qual jornada, e função fez grandes gastos para em tudo ser luzida. Voltando a Lisboa cheio de honras, se oppoz com zelo, a que elrei D. João III não levasse avante a divisão, que queria fazer de alguns bispados, a qual todavia não poude embaraçar.

Quando elrei D. João III tomou o collar do Tusão de ouro na capella dos Passos de Almeirim em 6 de junho de 1546, o nosso arcebispo lhe deu o juramento. No anno seguinte de 1547 fez o livro das rendas, ou o censual do arcebispado, obra de grande utilidade, o qual cons-

(1) Goes Chronic. delrei D. Manoel part. 2. c. 42 Cardos. Agiol. Lusitan. tom. 2. p. 666. Fr. Manoel dos Sant. Alcob illustr. p. 331. e 350. Severim de Faria Prompt. Espirit. p. 32. v. e nas Notic. de Port. disc. 8. § 12. e outros apud Barbos. na Bibl. Lusit. tom. 1. pag. 21.

tava das rendas, que o arcebispo tinha: das propriedades, que pertenciam á meza archiepiscopal, e do que se pagava de foro de cada uma: das igrejas do arcebispado, e o que pagavam de visitação: do que se pagava de confirmação de todos os beneficios, que o arcebispo confirmava: das igrejas, que ao arcebispo pagavam luctuosa por falecimento dos reitores, e quanto se pagava de cada uma: de quem era a apresentação, e collação das igrejas do arcebispado: do regimento do que se havia pagar na chancellaria, e do regimento do escrivão da camera: cujo censual vimos, e se conservava no insigne cartorio da antiga metropoli de Lisboa, que infelizmente consumiu o incendio de novembro de 1755.

Acontecendo em dezembro de 1552 o sacrilegio, que um herege inglez commetteu na capella real, arrebatando das mãos do sacerdote, que estava dizendo missa, a Hostia consagrada, o vigilante arcebispo com a dor d'este lamentavel caso mandou fixar uma pastoral, em que exhortava aos fieis para uma verdadeira penitencia, ordenando uma procissão em desaggravo do Santissimo desde a Sé até á igreja de S. Domingos, em que elle foi descalço, e o mais do clero com exemplar humildade, e compunção.

Em todas as suas acções mostrou bem o zelo da patria, e o augmento, que desejava á sua cathedral, onde para maior culto, e decencia dos divinos officios mandou fazer as cadeiras do coro debaixo, e de cima, o altar mór, as grades de bronze, e o altar de S. Vicente: e no anno de 1554 fundou em Santo Antonio do Tojal a igreja, palacio, e jardim. Teve com o cardeal D. Henrique contradições, e desgostos, de que se queixou ao Papa Paulo IV justamente, porque foi este prelado sabio, generoso, e singular cortezão, affavel para os pretendentes, e caritativo para os pobres, muito douto, e muito verdadeiro, e visto nas antiguidades, e materias de estado, e supposto que os dois eruditos Barbosas lhe accrescentam tambem o caracter de inquisidor geral, não vimos até agora documento solido, que verifique n'elle esta dignidade, e se a teve, não chegou a tomar posse. Contando emfim oitenta e tres annos de vida, faleceu santamente em Lisboa aos 7 de Janeiro de 1564, e foi sepultado na capella mór da Sé. (1)

XII D. Henrique, Cardeal, e Rei—*Desde o anno de* 1564

O cardeal infante D. Henrique assistia em Evora, donde era arcebispo, quando faleceu elrei D. João III seu irmão; e como a rainha viuva D. Catharina ficou governando o reino na menoridade d'elrei D. Sebastião seu neto, que contava pouco mais de tres annos, lhe foi preciso para que a serenissima rainha podesse suster o pezo do regimen mo-

(1) Barbos. Bibliot. Lusit. tom. 2. pag. 63. esen irmão nos Fastos da Lusitan. tom. 1. pag. 102. Vide Sousa Histor. Geneal tom. 1. pag. 127. Gil Gonçalv. de Avila Histor. de Salam. liv. 3. cap. 23. Lima Geograf. Histor. tom. 1. pag. 367.

narquico, deixar a residencia d'aquella metropoli, e vir assistir na corte de Lisboa.

Para este effeito renunciou o arcebispado em D. João de Mello, bispo do Algarve, e passou para a metropolitana de Lisboa por Bulla de Pio IV pela vacatura de D. Fernando. Nos annos, que governou esta diocese, o reconheceram as suas ovelhas sempre zelozo pastor; e como amante das letras, e seu augmento fundou o seminario de Santa Catharina, estabelecendo-lhe rendas para sua subsistencia em 30 de novembro de 1566.

No mesmo anno celebrou na Cathedral igreja o primeiro concilio provincial, que começou na Dominga da Sexagessima aos 13 das kalendas de março, presidindo de uma parte o cardeal arcebispo com assistencia do bispo de Leiria D. Gaspar do Casal, e D. Gaspar Cano bispo de S. Thomé, e D. Jorge de Lemos do Funchal, e D. João de Portugal bispo da Guarda, e D. André de Noronha de Portalegre, todos seus suffraganeos: assistiram mais D Pedro, bispo de Hiponia; D. Julião de Alva, bispo de Miranda: D. Jeronymo Pereira de Salé: D. Belchior Belliago de Fez, todos bispos provinciaes, e muitos procuradores da provincia, clero, e religiosos.

Da outra parte presidiu elrei D. Sebastião com sua avó a serenissima rainha dona Catharina, e a serenissima princeza dona Maria sua tia, e o senhor D. Duarte, condestavel do reino, filho do infante D. Duarte, e grande numero de fidalgos, e grandes do reino, magistrado, e nobreza. Fizeram-se as outras sessões do concilio, que foram mais cinco, todas no mez de dezembro do dito anno: as quaes depois verteu elegantemente na lingua latina o erudito André de Resende, e se conservam na livraria da excellentissima condessa do Redondo D. Margarida, escritas em excellentes caracteres.

Foi tão grande o desejo, que este serenissimo prelado teve da salvação das almas, que mandou executar n'esta diocese os decretos do concilio Tridentino, que tratam da reforma dos costumes, para cujo fim os fez traduzir em portuguez, e imprimir. Alcançou tambem do vigario de Christo um jubileu annual para todos os fieis, que se confessassem, e commungassem nas quatro festas principaes do anno, o qual já tinha conseguido para a metropoli de Braga, e depois alcançou para a de Evora.

Dimitindo finalmente a prelazia lisbonense em 1569, havendo entregado o governo ecclesiastico a D. Jorge de Almeida, e o monarquico a elrei D. Sebastião com solemne apparato nos paços da Ribeira, voltou para Evora, onde falecendo a 6 de agosto de 1574 o seu arcebispo D. João de Mello, foi segunda vez confirmado n'aquella metropolitica dignidade, a qual illustrou com as mesmas exemplares virtudes.

Porém succedendo em Africa a destruição do nosso exercito, e a perda tragica d'elrei D. Sebastião, foi o cardeal acclamado rei d'esta

monarquia em 28 de agosto de 1578 na igreja do hospital real de Lisboa, pela devoção de ter sido n'elle consagrado em arcebispo de Braga pelo cardeal infante seu irmão na dominica in albis de 1539. Empregado no governo do reino, como os desgostos foram crescendo, e atribulando os seus muitos annos, veio a fallecer em Almeirim a 30 de janeiro de 1580. Jaz sepultado no convento de Belem. (1)

XIII D. Jorge de Almeida—*Desde o anno de* 1570

Eleito em arcebispo de Lisboa D. Jorge de Almeida, filho quinto de D. Lopo de Almeida, e neto de D. Diogo Fernandes d'Almeida, prior do Crato, e monteiro mór d'elrei D. João II pela renuncia, que fizera o cardeal infante, tomou posse d'esta igreja no anno de 1570 por Bulla de Pio V. O povo estimou geralmente este prelado pela boa fama, que já tinha adquirido a sua virtude: e para accreditar mais o seu pastoral officio, convocou no anno de 1574 um concilio diocesano, que foi o segundo, onde estabeleceu prudentes constituições.

O Papa Gregorio XIII o creou inquisidor geral d'este reino á instancia do cardeal D. Henrique: e elle com todo o esforço se oppoz a elrei D. Sebastião na sua temeraria jornada de Africa; mas vendo que a não podia dissuadir, recorreu a Deus com preces publicas, mandando expor o Santissimo em todo o arcebispado para applacar a ira de Deus, que n'aquelles tempos ameaçava o reino com as desordens do governo secular.

Ausentando-se elrei para Africa, ficou o arcebispo governando em companhia de outros quatro fidalgos, e com a triste noticia da perda delrei na lamentavel batalha de Alcacer, e depois com a morte do cardeal rei D. Henrique, foi sempre o arcebispo D. Jorge em quem se conservou firme o zelo da patria, até se ver sujeito ao dominio estranho delrei Filippe de Castella, o qual tomando posse deste reino, deixou em Lisboa em seu lugar por governador no anno de 1583 a seu sobrinho o cardeal Alberto, archiduque de Austria, com quem tendo o arcebispo um desgosto por causa do provimento de uns beneficios de Torres-Novas, veio a fallecer em breves dias a 20 de março de 1585 com grande sentimento de todos, porque foi este um prelado de grande authoridade, prudencia, e letras. Jaz na capella mór da antiga Sé á mão esquerda do arcebispo D. Martinho. (2)

XIV D. Miguel de Castro—*Desde o anno de* 1586

Nasceu D. Miguel de Castro na cidade de Evora pelos annos de 1536, e foram seus pais D. Diogo de Castro chamado o *Magro*, mordomo mór da princeza D. Joanna, mulher do principe D. João, e de dona Leonor de Ataide, filha do grande Nuno Fernandes de Ataide, al-

(1) Vide Barbosa na bibliot. Lusit. pag. 439. tom. 2. (2) Sousa Histor. Geneal. tom. 5. pag. 651. Lima Geograf. Histor. tom. 1. pag. 369.

caide mór de Alvor, e senhor de Penacova. Sendo prior da igreja de S. Christovão foi presentado para bispo de Vizeu, de que tomou posse no anno de 1579. O Papa Xisto V no anno de 1586 o promoveu para arcebispo de Lisboa, de que tomou posse a 2 de Julho do mesmo anno.

Entregando elrei Filippe o governo de Portugal ao archiduque Alberto, lhe deu por adjunto ao nosso arcebispo, o qual na ausencia que o dito archiduque fez a Flandes pelos annos de 1593, ficou continuando o governo aristocratico de Portugal juntamente com os condes de Portalegre, Santa Cruz, Sabugal, e Miguel de Moura, escrivão da Puridade. Na grande occurrencia de negocios, a que assistia, se não descuidou o nosso arcebispo das obrigações pastoraes: e assim fez se concluisse a igreja, e torre de Santo Antonio do Tojal, e na Sé edificou uma capella com seis capellães perpetuos, dotando-lhe preciosos ornamentos.

Com zelo da pureza da religião passou a Valhadolid, onde então residia a corte dos reis de Hespanha, para embaraçar o requerimento do perdão geral, que pretendia a gente da nação Hebrea. No anno de 1615 lhe recahio todo o governo do reino com o titulo de Vice-rei, cuja authoridade, conselho, e virtudes eram sufficientes á expedição dos maiores negocios. Com decreto delrei ordenou no anno de 1618, que na Sé trouxessem sómente os conegos capellonas murças, e que fossem forradas de carmezim, e as dos meios conegos, e quartanarios forradas de negro sem capello.

Sendo este prelado de vida inculpavel, parece que a sua nimia bondade, e tolerancia deram azos á grande relaxação, e desenvoltura de seus domesticos, de que se originaram bastantes escandalos, e murmurações. Faleceu com boa opinião em o primeiro de Julho de 1625, e jaz na sepultura, que elle mandou fazer á porta principal da Sé com este sincero, e humilde epitafio: *D. Miguel de Castro, arcebispo que foi de Lisboa, se mandou enterrar neste lugar; pede lhe lancem agua benta, e lhe rezem um P.N. e uma Ave Maria.* (1)

XV D. Affonso Furtado de Mendonça—*Desde o anno de* 1627

D. Affonso Furtado de Mendonça foi filho de Jorge Furtado de Mendonça, descendente por varonia da casa do duque do infantado, e de dona Mecia Henriques, filha de D. Pedro de Sousa, e neta do primeiro conde do Prado. Depois de varias dignidades, a que o elevaram neste reino os seus merecimentos, conseguiu a mitra desta metropoli por concessão de Urbano VIII no anno quarto do seu pontificado; e a 3 de maio de 1627 tomou posse do arcebispado.

O governo politico deste reino, a que elrei Filippe III o chamou para o exercitar com o conde de Basto D. Diogo de Castro, e com o conde de Portalegre D. Diogo da Silva, lhe opprimia muito o seu es-

(1) Sousa na Historia Genealogica tom. 6. pag. 291., e no Agiologio Lusitano tom. 4. em o primeiro de Julho.

crupulo na obrigação, e cuidado que devia applicar ao regimen das suas ovelhas: porém a sua vasta capacidade, e inteireza de justiça no manejo de ambas as expedições, acreditavam a grande esfera do seu talento.

Succedeu em Lisboa em a noite de 15 para 16 de janeiro de 1630 o execrando sacrilegio de se roubar do sacrario da parochial igreja de Santa Engracia a Pyxide com as sagradas formas; e este delicto penetrou de sorte o sentimento do vigilante prelado, que supposto ordenou para desaggravo do Sacramento muitas, e muito grandes festas, com tudo d'esta sacrilega acção teve origem a sua morte, pois em breve tempo veio acabar a vida com uma geral saudade das suas ovelhas em 2 de junho de 1630. Mandou que o sepultassem na capella mór da cathedral junto aos degrãos do presbiterio da parte do Evangelho.

XVI D. João Manuel—*Desde o anno de* 1633

Pela vacancia de D. Affonso Furtado de Mendoça foi assumpto á metropolitana de Lisboa D. João Manuel, illustrissimo descendente delrei D. Duarte, e filho de D. Nuno Manuel, senhor da casa da Atalaya; e de dona Joanna de Ataide, filha do primeiro conde da Castanheira. D'esta igreja mandou tomar posse a 13 de maio de 1633 pelo bispo de Targa D. Gaspar do Rego, por se achar então assistente em Madrid, onde fôra tratar negocios consideraveis da religião, que se originaram da grande junta de varios prelados do reino, que elrei Filippe II mandou fazer no convento de Thomar, sendo n'aquelle tempo D. João Manuel bispo de Coimbra.

O zelo com que D. João Manuel solicitava o remedio para extinguir n'este reino a gente da nação Hebrea; o esplendor da sua casa, e familia: as acções de sua vida bem compassadas, lhe grangearam tão boa opinião, que elrei Filippe II o nomeou vice-rei de Portugal, em cujo governo entrou a 12 de maio de 1633, e a 15 do dito mez, que foi dia do Espirito Santo, foi toda a relação metropolitana com seus officiaes dar-lhe a obediencia. N'este acto o doutor Matheus Peixoto Barreto, conego prebendado da Sé de Lisboa, provisor do arcebispado, lhe fez uma falla eloquente.

Vinte e tres dias logrou a posse d'esta dignidade arcebispal, nos quaes não foi visitar a sua Sé por causa da doença, que foi crescendo de tal maneira, que sendo-lhe levado da Sé com todo o cabido o Santissimo Viatico ao forte do palacio real, em que estava, não deu lugar a doença para lhe ser tambem levada a santa Unção da mesma Se, e a recebeu da parochia de S. Julião. Falleceu a 4 de julho de 1633 ás sete horas da tarde. No dia seguinte foi levado á sepultura, que elegeu na capella mór, que fez á sua custa no convento de Jesus d'esta cidade. Não foi acompanhado do cabido, assim por elle o não pedir no seu testamento, como por se escusarem competencias com os fidalgos Aulicos, que queriam levar o esquife, e com os capellães da capella real, que se

persuadiam competir-lhes o officio da encommendação, por ser vice-rei o prelado, e falecer em palacio. (1)

XVII D. Rodrigo da Cunha—*Desde o anno de* 1636

Foi D. Rodrigo da Cunha de geração illustre; porque foi filho de D. Pedro da Cunha, senhor da Taboa, e conselheiro de estado: e de D. Maria da Silva, filha de Ruy Pereira da Silva, alcaide mór de Silves. As grandes virtudes, e letras grangearam a D. Rodrigo os maiores empregos da republica ecclesiastica. Servio por inquisidor no tribunal do Santo Officio de Lisboa oito annos, e tendo trinta e oito de idade foi nomeado bispo de Portalegre. D'aqui passou á cadeira episcopal do Porto, e depois de a governar nove annos, foi promovido á primacial de Braga, da qual se transferiu á metropolitana de Lisboa, de que tomou posse em o primeiro de maio de 1636, fazendo sua entrada publica desde a igreja de S. Luiz nas portas de Santo Antão até á Sé cathedral com a pompa, e apparato, que ordena o ceremonial romano.

Tantas repetidas promoções são os melhores elogios da grande esfera, e capacidade d'este prelado. Todas as igrejas anhelavam este pastor, em cujo zelo, e piedade se promettiam saudaveis abrigos. Logo que tomou posse d'esta cathedral convocou Synodo diocesano, havendo mais de sessenta annos, que se não fazia, e n'elle ordenou constituições muito convenientes ao governo do arcebispado, pelas quaes se governa ainda hoje o patriarcado.

O amor constante da patria o fez tão desinteressado, e repugnante ás promessas dos ministros castelhanos, que na junta, que se celebrou em Madrid no anno de 1638 com os grandes d'aquelle reino para se unir em sua provincia o de Portugal, foi o voto do nosso arcebispo alli convocado o mais efficaz na opposição; originando-se depois que de lá voltou no anno seguinte aquelles nobres pensamentos de liberdade, que com tanta actividade soube influir nos corações dos fidalgos portuguezes para acclamarem rei o serenissimo duque de Bragança D. João IV.

Em toda a parte foi venerado o talento do arcebispo D. Rodrigo. As vigilias dos seus estudos, que publicou em varios volumes, são estimados pelos sabios. As letras unidas ao exercicio das virtudes lhe fazem perpetuar a sua memoria. Foi douto, sobrio, pio, recto, modestissimo, zeloso da patria, esmoler, e sem fausto: morreu pobre no primeiro de janeiro de 1643, deixando por legado ás quatro Sés, de que fôra prelado, repartidos os seus pontificaes. Jaz sepultado na Basilica de Santa Maria á entrada da porta travessa chamada vulgarmente do ferro, para onde se trasladaram suas cinzas no de 1702 por ordem de seu sobrinho D. Pedro Alvares da Cunha, trinchante mór de sua magestade. (2)

(1) Sousa Historia Genealog. tom 11. pag. 539. D. Franc. Manoel Epanaf. 1.
(2) Leitão Trat. Analit. pag. 443. Sous. Histor. Geneal. tom. 1. no Apparat. num. 82. e tom. 11. pag. 816. Barbos. bibl. Lusitan. tom. 3 pag. 641.

XVIII D. Antonio de Mendoça—*Desde o anno de* 1669

Antes de D. Antonio de Mendoça, que era filho do conde de Val de Reis, foi nomeado em arcebispo de Lisboa D. Manuel da Cunha, commissario da Bulla da Cruzada, bispo de Elvas, e capellão mór delrei D. João IV, mas como não chegou a tomar posse, por fallecer a 30 de novembro de 1658, o não collocamos n'este catalogo. Eram os merecimentos de D. Antonio de Mendoça tão plausiveis, que fizeram lembrar ao soberano as muitas dignidades, a que o elevou; porque foi ministro da Meza da Consciencia, onde subiu ao gráu de presidente. Foi deputado da junta dos Tres Estados, commissario da Cruzada, nomeado bispo de Lamego, e arcebispo de Braga; até que o principe regente D. Pedro, attendendo ao relevante de seus meritos, o nomeou arcebispo de Lisboa, de cuja igreja tomou posse em 27 de outubro de 1669 por seu procurador o doutor Estevão Brioso de Figueiredo.

Elevado á cadeira metropolitana d'esta diocese, se applicou nas vigilias de pastor ao bem espiritual de suas ovelhas, obviando a escandalosa vida de umas, e remediando a necessidade de outras; e sobre tudo attendendo ás isenções, e liberdade de suas regalias: sustentando por este respeito rigorosos litigios com o capellão mór D. Luiz de Sousa, que lhe veio a succeder na dignidade, e de quem D. Antonio de Mendoça triunfou com justiça. Falleceu a 14 de fevereiro de 1675, e foi sepultado na sua cathedral. (1)

XIX D. Luiz de Sousa, Cardeal—*Desde o anno de* 1676

Havia nascido D. Luiz de Sousa na cidade do Porto, filho segundo dos condes de Miranda. Passou na sua infancia a Madrid com sua mãi a condessa dona Leonor de Mendoça, filha do primeiro conde de Penaguião, e lá se creou no paço com a nobre indole, e exercicio de menino da rainha: e voltando para este reino, como a natureza o dotara de um genio muito agradavel, entrou a possuir a estimação do principe D. Theodosio: e a insinuações d'este passou a Roma no anno de 1651, onde se graduou doutor canonista: e depois de ver, e observar os costumes de varias gentes da Europa, se restituiu ao reino, em 26 de setembro de 1656.

Como o Papa Alexandre VII lhe havia feito mercê da cadeira de deão na Sé do Porto, foi a exercer a sua dignidade, e juntamente o governo d'aquella relação civil por mercê d'elrei D. Affonso VI. Foi crescendo a fama dos merecimentos, e talento de D. Luiz de Sousa, de que inteirado elrei D. Pedro II o constituiu seu capellão mór no anno de 1669, e o Papa Clemente X o fez bispo de Bona, em cujo emprego deu bastantes provas de quanto zelava a sua jurisdição, e privilegios. Por

(1) Chronica dos Conegr. Regr. liv. 10. cap. 15 n. 15. Barbos. Fastos. da Lusitan. tom. 1. pag. 366.

morte de D. Antonio de Mendoça foi eleito arcebispo de Lisboa, de que tomou posse a 22 de janeiro de 1676.

Será memoravel na posteridade o governo d'este prelado pelas suas acções acompanhadas todas de grande acerto, e cheias de piedade, e magnificencia. Cuidou primeiro que tudo na reforma dos costumes: e intentando abolir as profanas representações dos theatros, ideou o melhor remedio, alcançando do Papa Innocencio XI no anno de 1682 o jubileu do Lausperene para todas as igrejas de Lisboa, distribuido alternativamente pelo circulo do anno. Com o mesmo zelo da religião cooperou muito para a conversão dos gentios, dando sempre utilissimas providencias na junta das missões, de que foi presidente.

Parece que tinha o ceu destinado para gloria da sua pia generosidade, que no seu fausto governo se descobrissem as veneraveis reliquias do inclyto martyr S. Vicente até alli occultas desde o tempo do senhor rei D. Manuel, que mandando-as recolher em uma caixa de pedra, e collocal-a em uma casa da cathedral no vão da parede do altar do mesmo Santo, deixaram ficar os artifices a porta da dita casa incognita com pedras semelhantes á mesma parede: e pelo incidente de bolirem n'esta para certa obra no anno de 1692, se achou a casa, e a caixa das reliquias: e então fazendo extrahir o zeloso prelado com grande jubilo o estimavel thesouro, o collocou em um precioso cofre de prata no anno de 1693, o qual existindo exposto á publica veneração dos fieis em uma bem polida capella, que mandou fabricar de finissimos marmores, e artificiosos embutidos junto do altar mór da mesma Sé á parte da epistola, devorou tudo infaustamente o tragico incendio de novembro de 1755.

Condecorado ultimamente com a purpura de cardeal pelo Papa Innocencio XII no anno de 1697, continuou no exercicio de obras dignas da sua grande idéa. Aperfeiçoou o palacio archiepiscopal: reedificou o templo, e convento de Santa Catharina de Ribamar de religiosos arrabidos: edificou no dominicano convento da Batalha o sumptuoso mausuleu para deposito das cinzas do conde seu pai: erigiu na Cartuxa de Laveiras um novo dormitorio, de que não se acabou mais que um lanço: estabeleceu renda para sustentação perpetua de um monge no deserto de Bussaco; e sobre tudo conservando sempre um especial amor aos livros, ajuntou a mais copiosa, selecta, e bem ornada livraria, que até os seus tempos se tinha visto, e que os sabios grandemente celebram. Morreu finalmente em 4 de janeiro de 1702, e jaz na capella de Nossa Senhora da Piedade da Terra solta, que está na claustra da Basilica de Santa Maria em sepultura raza com a breve inscripção: *Sub tuum præsidium.* (1)

(1) Manoel de Sousa Moreira no Theatro Genealogico da Casa de Sousa. Cardos. Agiol. Lusit. tom. 3. p. 283. Papebroch. na Dedicat. do tom. 5. Act. Sanctor. Bluteau na Dedicat. da 2. part. das Primic. Evang. Sousa Histor. Geneal. tom. 12. pag. 537

XX D. João de Sousa —*Desde o anno de* 1703

A nobreza do sangue do illustrissimo dom João de Sousa é bem notoria, e venerada como descendente da esclarecida familia, e casa dos senhores de Gouvea de Riba-Tamega, chefes do ramo real dos Sousas condes do Redondo. Nasceu este veneravel prelado em Lisboa no anno de 1647: e educando-se com a doutrina, e exemplo do grande mestre das virtudes, que n'aquelle tempo florecia D. Diogo de Sousa, arcebispo de Evora, seu tio, foi d'elle um digno imitador.

Associado ao collegio pontificio de S. Pedro na universidade de Coimbra, n'ella se doutorou nos sagrados canones. Teve o arcediagado de Santa Christina, dignidade na primacial de Braga. Serviu o tribunal do Santo Officio em Lisboa alguns annos no lugar de deputado, e de Sumilher de cortina delrei D. Pedro II, por cuja ordem lhe foi offerecido o priorado mór de Palmella, que não aceitou. Foi nomeado bispo de Miranda, que tambem não admittiu. Passou na armada, que foi a Turim conduzir o duque de Saboya no anno de 1682 por seu Sumilher de cortina, donde voltando ao reino foi nomeado bispo do Porto pela renuncia, que d'aquelle bispado tinha feito D. Fernando Correa de Lacerda; e n'elle o confirmou Innocencio XI no anno de 1684. D'aqui foi promovido para arcebispo de Braga, e ultimamente para a metropolitana de Lisboa no anno de 1703.

Em todas estas dioceses obrou acções de um bom pastor, fazendo-se distinguir entre todas nos immensos actos de caridade, que usava com os pobres de tal fórma, que foi chamado o Santo João esmoler do seu seculo, pois chegou a dar até a propria cama em que pobremente dormia. Contam-se d'elle prodigios em abono d'esta, e de outras virtudes, as quaes chegando aos ouvidos do summo pontifice Innocencio XII, lhe escreveu uma carta em fórma de Breve com grandes elogios, onde concluindo lhe recommenda a perseverança das virtudes na imitação de si proprio, dizendo: *Reliquum est, ut tui similis esse pergas.*

Tão grandes meritos foram bem persuasivos diante dos serenissimos reis D. Pedro II, e D. João V, para a nomina de cardeal, que não teve effeito; porque primeiro que a purpura cardinalicia chegou D. João de Sousa a vestir a funebre mortalha em 29 de setembro de 1710, dia em que santamente faleceu um dos mais exemplares prelados d'esta diocese. Jaz no cemiterio dos pobres na antiga cathedral sem epitafio, em humilde sepultura, como havia determinado. (1)

Diogo Barbos. Bibloth. Lusit. tom. 3. pag. 152. Ignacio Barbos. Fastos da Lusitan. tom. 1. pag. 61

(1) Sousa Historia Genealogic. tom. 12. pag. 850. Fonseca Evora gloriosa num. 597. Carvalho Corografia Portug. tom. 3. p. 349. Anno Historico tom. 3. pag. 197.

PATRIARCAS

Querendo o fidelissimo rei D. João V promover, e exaltar com ardentissimo zelo o maior culto de Deus, e esplendor da sua igreja, impetrou do summo pontifice Clemente XI a Bulla Aurea, que começa: *In supremo Apostolatus solio*, expedida aos 7 de novembro de 1716, pela qual fez erigir na collegial insigne da real capella uma cathedral metropolitana, e patriarcal, dividindo para este effeito a cidade de Lisboa, e seu arcebispado em duas metropolis com territorios distinctos, ficando os que pertenciam á linha divisoria da parte do Nascente sujeitos ao prelado de Lisboa Oriental, e os que olhavam para o Poente ao patriarca de Lisboa Occidental, a quem tambem uniu a dignidade de capellão mór, e o privilegio de poder andar vestido em habito purpureo.

Feita a divisão, nomeou elrei em primeiro patriarca ao illustrissimo D. Thomás de Almeida, então bispo do Porto: e para que a sua jurisdição metropolitica patriarcal fosse omnimoda, tornou a unir as duas cidades, e metropolis em uma só por Bulla do Papa Benedicto XIV, passada a 13 de dezembro de 1740, e começa: «Salvatoris nostri,» abrogando, e extinguindo a antiquissima Sé de Lisboa Oriental, incorporando, e estabelecendo uma só igreja patriarcal, a quem constituiu por suffraganeos os bispados de Leiria, Lamego, Guarda, Portalegre, e os Ultramarinos do Funchal, Angra, Maranhão, e Grão Pará.

I D. Thomaz de Almeida, cardeal — *Desde o anno de* 1717

Da grande e illustrissima casa dos condes de Avintes, e Arcos nasceu D. Thomaz de Almeida em Lisboa aos 11 de setembro de 1670. Logo nos seus primeiros annos teve para as sciencias uma inclinação tão dominante, que contribuio muito para se fazer distincto entre os mais applicados seus contemporaneos. Doutorado na Universidade de Coimbra na faculdade dos sagrados Canones, tendo alli sido porcionista do real collegio de S. Paulo, passou para deputado da Inquisição de Lisboa a 21 de junho de 1695, e d'aqui para desembargador do Porto, qualificando primeiro no supremo Tribunal do Desembargo do Paço a sua sciencia com o rigoroso exame «de jure aperto.»

Do Porto veiu para a Casa da Supplicação de Lisboa, e nesta corte e seus tribunaes, desde o ministerio de paroco da igreja de S. Lourenço, em que foi prior, exerceu as mais honrosas occupações; pois foi procurador da fazenda, e estado da rainha, deputado da Mesa da Consciencia, juiz do fisco real, chanceller mór do reino, secretario das Mercês, expediente, e estado, provedor das obras do paço, cujos sublimes empregos cumprio inteiramente com acerto, benevolencia, e zelo.

Tão sublimes merecimentos se faziam dignos de um premio tambem sublime. Assim foi elevado á dignidade episcopal de Lamego por Bulla de Clemente XI de 6 de dezembro de 1706, e n'aquella diocese deu bem

a conhecer o caracter de seu generoso coração. D'este pastoral governo passou para o do Porto em 17 de Outubro de 1709, onde no anno seguinte fez celebrar um Synodo diocesano para o bom regimen dos seus subditos, os quaes em todo o tempo, que tiveram a felicidade de o conhecer pastor, experimentaram juntamente nelle uma prudente vigilancia, e um amor caritativo de pai.

Conhecendo o fidelissimo rei D. João V as relevantes prendas de D. Thomaz de Almeida, o elegeu para a nova dignidade de Patriarca de Lisboa, que o Papa Clemente XI confirmou pela Constituição Romani Pontificis de 7 de dezembro de 1716, em virtude da qual mandou elle tomar posse em 9 de janeiro de 1717 por seu especial procurador o illustrissimo D. Joseph Dionisio Carneiro; e a 13 de fevereiro do mesmo anno fez sua entrada publica solemnissima, e com uma pompa nunca até alli vista de igual esplendor, e luzimento desde as portas de Santo Antão até a igreja patriarcal. Constituido em tão alta dignidade, e accumulado de honras, e mercês, que a generosidade incomparavel delrei lhe tributou, deu principio ao exercicio da sua prelatura no primeiro de março do sobredito anno, indo pessoalmente visitar a maior parte do seu patriarcado, conferindo no mesmo tempo o Sacramento da Confirmação a muitas mil pessoas, e distribuindo com mão larga pelos pobres innumeraveis esmolas.

Querer numerar as funcções differentes, e copiosas, que exerceu como proprias da sua dignidade em todo o progresso dos trinta e sete annos, que a occupou, seria fazer uma narração immensamente dilatada. Basta dizer, que administrou o bautismo a muitos serenissimos infantes de Portugal, e grandes do reino: benzeu muitos templos, sinos, e imagens: conferiu todos os gráus das Ordens a innumeraveis pessoas, que se destinavam ao estado ecclesiastico: sagrou um numero muito crescido de bispos, e arcebispos: fez, e celebrou infinitos pontificaes: e finalmente em todas as diversissimas funções ordinarias, e extraordinarias que incansavelmente executou, e a que assistiu, fez brilhar sempre com a sua respectiva, mas agradavel presença, um summo desembaraço, intelligencia, gravidade, e luzimento com geral acclamação de todos. Bem se via, que para estabelecer tão alta dignidade só era proprio o sublime espirito de um tal prelado.

Havia elle já como patriarca possuido as honras da purpura cardinalicia, porem o Papa Clemente XII venerando muito as grandes virtudes de D. Thomaz, o associou ao sagrado collegio, creando-o Cardeal no Consistorio de 20 de dezembro de 1737 por nomina delrei, que sempre se lembrou de o exaltar a maiores veneraçôes. Como era dotado de um animo heroicamente generoso, foram muitas as occasiões, em que o manifestou.

Tal foi o magnifico palacio, e delicioso jardim, que fez edificar em o sitio de Santo Antonio do Tojal: os dous chafarizes publicos, e peren-

nes de excellente agua conduzida de longe para aquelle lugar por aqueductos reforçados: a reedificação, e augmento do palacio, e quinta archiepiscopal de Marvilla, com a soberba, e utilissima calçada do novo caminho pela parte da marinha: a nobilissima fonte de agua salutifera encaminhada para a villa de Alhandra, até então destituida de tão preciso elemento.

Esta mesma generosidade, e grandeza de animo seguio na edificação dos templos para augmentar o culto divino. Dispendeu grossissimo cabedal no mosteiro, e fundação da igreja das religiosas Trinas de Campolide: na dos clerigos da missão em Rilhafolles: na erecção da nova paroquia de Santa Isabel, á qual para effeito de se concluir a igreja deu toda a sua preciosissima copa de prata, que constava de mais de mil e quinhentos marcos de pezo, mandando fabricar para seu uso outra de metal mais humilde. Em fim são tão copiosos os argumentos de generosidade, clemencia, justiça, religião, caridade, e outras meritorias virtudes, que resplandeciam neste eminentissimo prelado, que a mesma abundancia das suas louvaveis acções nos faz pobre de palavras para as expressar devidamente. Morreu aos 27 de fevereiro de 1754 com toda a firmeza de um homem christão, heroe, e justo. Jaz seu corpo em sepultura raza ao pé da capella mór no meio do cruzeiro da igreja de S. Roque de Lisboa.

II D. Joseph Manoel, cardeal —*Desde o anno de* 1754

Nasceu este eminentissimo prelado em Lisboa aos 25 de dezembro de 1686, nono filho de D. Luiz Manoel de Tavora, IV conde da Atalaya. Destinando-se á vida ecclesiastica, foi porcionista no collegio pontificio de S. Pedro, d'onde veio para deão da insigne collegiada de S. Thomé na capella real. A sua grande integridade de animo o fez lembrar ao fidelissimo rei D. João V para deputado da Junta dos Tres Estados: e com a erecção da santa igreja patriarcal foi principal Decano da sacrosanta igreja de Lisboa, e creado cardeal pela Santidade de Benedicto XIV no anno de 1747.

Por fallecimento do eminentissimo D. Thomaz de Almeida foi eleito pelo fidelissimo rei D. Joseph I, em segundo patriarca aos 9 de março de 1754, e a 2 de junho do mesmo anno mandou tomar posse da sua igreja pelo principal D. João de Mello com grande acclamação dos seus subditos, esperando todos da rectidão da sua justiça uma reforma dos costumes, que a relaxação tem viciado.

Como o nobre coração de tão egregio prelado estava sempre no exercicio da paciencia christã com a tolerancia de repetidas molestias, ellas lhes subministraram no animo uma grande disposição, e alento em o geral fracasso do terremoto, e incendio de Lisboa succedido no segundo anno de seu pontificado. Constantemente soffreu não só os descommodos proprios naquella subita ruina, mas sentio muito mais os tra-

lhos, o desamparo, e a desordem em que se viu o rebanho das suas ovelhas dispersas, e attenuadas. Assim o mostrou na providente determinação com que mandou erigir altares em muitas partes do campo, dando tambem faculdade a todos os sacerdotes para exercerem naquelle aperto o ministerio de confessores, porque ao afflicto, e desanimado povo em occasião tão penosa lhes não faltasse o possivel conforto espiritual, já do sacrificio da missa, já da absolvição das culpas. Atenuado finalmente das muitas molestias, que padecia querendo buscar-lhes algum alivio com a mudança de ares, passou para o seu palacio da Atalaya, mas lá o esperava a morte que elle havia tempo premeditava, e preparado com o Santo Viatico, faleceo a 9 de julho de 1758 da uma hora para as duas da tarde.

III D. Francisco Saldanha, cardeal — *Desde o anno de* 1759

Do illustre tronco dos senhores de Assequins, e condes da Ponte, nasceu este eminentissimo prelado em Lisboa a 20 de maio de 1723, filho septimo de Luiz de Saldanha da Gama, e D. Anna de Menezes filha dos condes de Santiago. A providencia divina o dotou de um genio tão docil, e suave, que affeiçoando-se ao exercicio das letras, e fazendo nellas distinctos progressos, passou a ser porcionista no collegio real de Coimbra, onde fez os seus actos com esplendor, e applauso dos mestres.

Na promoção dos prelados da santa igreja patriarcal foi elle um dos que lembraram promptamente á vigilancia do senhor rei D. João V de cuja dignidade tomou posse em 15 de janeiro de 1743. Da qual passou para a de principal em 23 de agosto de 1755. E depois no anno seguinte foi elevado á sublime dignidade cardinalicia pelo Papa Benedicto XIV.

Como a grande capacidade d'este principe ecclesiastico faz attender na sua pessoa, e virtudes merecimentos superiores a todos os cargos, o elegeu a mesma Santidade de Benedicto XIV para visitador, e reformador geral apostolico da religião da Companhia de Jesus nestes reinos de Portugal e seus dominios pela Bulla *In specula supremæ dignitatis*, passada em o primeiro de abril de 1758 em Santa Maria Maior: a cuja incumbencia deu exercicio em o primeiro de junho do dito anno na igreja de S. Roque com grande benignidade, e prudencia.

Não satisfeita a generosidade do fidelissimo rei D. Joseph I de honrar a pessoa do senhor D. Francisco, lhe conseguio do Papa Benedicto XIV a Bulla de Patriarca III de Lisboa, em cuja dignidade foi eleito a 25 de julho de 1758, por morte do eminentissimo D. Joseph Manoel. D'ella mandou tomar posse o novo prelado a 12 de julho de 1759 pelo principal D. Fernando dos condes de Santiago: fazendo-se a função com grande acompanhamento da corte pelas onze horas da manhã: e a 5 de agosto do mesmo anno se fez na capella do seu palacio da Junqueira a ceremonia da sagração, dando elle vespera da Natividade da Senhora a

7 do setembro seguinte a sua entrada, á qual assistiram as pessoas reaes, e toda a corte com pompa, e luzimento especial.

Eu bem quizera elogiar as grandes virtudes d'este prelado eminentissimo, mas os estreitos limites a que me cingi, me não permittem incluir o immenso no abbreviado, só digo que no progresso de sua exemplar vida, que a Deus pedimos seja dilatada, todas as suas acções sublimes o constituirão immortal na memoria dos homens.

MAPPA CHRONOLOGICO DOS ARCEBISPOS. E PATRIARCAS DE LISBOA

		An. da erecção
1	D. João Anes	1394
2	D. João Esteves de Azambuja, cardeal	1402
3	D. Diogo Alvares	1414
4	D. Pedro de Noronha	1424
5	D. Luiz Coutinho	1453
6	D. Jayme, cardeal	1453
7	D. Affonso Nogueira	1459
8	D. Jorge da Costa, cardeal	1464
9	D. Martinho da Costa	1501
10	D. Affonso, infante, e cardeal	1523
11	D. Fernando de Vasconcellos e Menezes	1540
12	D. Henrique, infante, cardeal, e rei	1564
13	D. Jorge de Almeida	1570
14	D. Miguel de Castro	1586
15	D. Affonso Furtado de Mendoça	1627
16	D. João Manoel	1633
17	D. Rodrigo da Cunha	1636
18	D. Antonio de Mendoça	1669
19	D. Luiz de Sousa, cardeal	1676
20	D. João de Sousa	1703

PATRIARCAS

1	D. Thomaz de Almeida, cardeal	1717
2	D. Joseph Manoel, cardeal	1754
3	D. Francisco Saldanha, cardeal	1759

§ VI — *Da capella real, e santa igreja patriarcal de Lisboa*

Sendo sempre os soberanos reis portuguezes tão pios, e religiosos, uma das cousas, em que puzeram maior cuidado, foi no governo, e ordem da sua capella, a qual desde o principio do reino tiveram com grande magestade, culto, e concerto.

O costume de ter capella real foi introduzido em Hespanha pelos reis suevos, (1) dos quaes se lê no Concilio de Lugo, celebrado no anno de 569, reinando elrei Theodomiro, que tinham por capellães móres aos bispos de Dume junto a Braga, cujas ovelhas, e subditos eram só a familia do paço, e criados delrei, como bem adverte fr. Bernardo de Brito contra Garcia de Loyaza. (2) Faziam os taes bispos pontificaes na ca-

(1) Turtureti no liv. Capilla Real de Madrid apud Carafa de Capella Regis utriusque Siciliae cap. 1. n. 7. (2) Monarq. Lusit. part. 2. liv. 6. cap. 14. Veja-se tambem a Cardoso no Agiolog. Lusit. tom. 1. pag. 399. e o Author do Santuar. Marian. tom. 7. p. 152.

pella, que devia ser de grande magestade, pois entre os condes do paço era nomeado o conde dos sacrarios, que todos entendem ser o thesoureiro mór da capella real.

Este antiquissimo monumento de religião, e pio costume, deduzido assim dos reis suevos, achamos constantemente imitado, e observado pelos nossos monarcas, pois desde o primitivo reinado do santo rei D. Affonso Henriques se vê erecto o officio de capellão mór na pessoa do arcebispo de Braga D. Payo Mendes, conforme a doação do mesmo rei feita aos 6 das Kalendas de junho de 1146, que existe no cartorio da Sé d'aquella primacial, onde entre outras cousas diz: «Insuper dono tibi, atque concedo in Curia mea totum illud, quod ad Clericale officium pertinet, scilicet, Capellaniam, Scribaniam & cætera omnia, quæ ad Pontificis curam pertinent, ut in manu tua, in manu successorum tuorum, qui me dilexerunt, totum meum consilium committo.» E do mesmo tempo consta ser erecta em capella real a igreja de Nossa Senhora da Oliveira em Guimarães, (1) e com a propria dignidade enobrecidas a de Santa Cruz em Coimbra, a de Santa Maria de Alcaçova em Santarem, e á sua imitação as paroquiaes de S. Bartholomeu, e S. Martinho em Lisboa, e a igreja de Nossa Senhora da Escada junto a S. Domingos. (2)

Continuou este culto distincto até o tempo delrei D. Diniz, que no anno de 1299, querendo nesta materia levar vantagem a seus antecessores, foi o primeiro que com a rainha Santa Isabel sua esposa instituio dentro do seu palacio, que era no Castello de Lisboa, capella real com a invocação de S. Miguel, estabelecendo-lhe missa perpetua, e ordenando tambem se rezassem nella as Horas Canonicas, segundo o estylo romano, consentindo nisso o bispo da cathedral de Lisboa, que então era D. João Martins de Soalhães, o qual passados dous annos, no de 1301 juntamente com o beneplacito do seu Cabido, por gratificar os beneficios, que do dito rei haviam recebido, se obrigou por uma escritura publica a manter dous capellães com seus mousinhos, isto é, acolytos, não só na sobredita capella real de Lisboa, mas tambem na de Torres-Vedras, que alli instituira a rainha D. Brites, mãi do dito rei D. Diniz, como tudo consta de duas certidões, que vimos, extrahidas da Torre do Tombo, e assinadas pelo seu guarda mór João Couceiro de Abreu. (3)

Governando elrei D. Duarte, e vendo que na dita capella de Lisboa se não cantava como devia ser, mandou em 18 de março de 1437, que se observasse a instituição delrei D. Diniz, accrescentando para esse effeito o ordenado ao capellão mór em duzentas e dez mil livras cada anno, e nomeando logo na tal dignidade a Affonso Vicente, criado do infante D. Henrique seu irmão.

Seguio-se no governo seu filho elrei D. Affonso V, que herdando

(1) Estaç. nas Antiguid. de Portug. cap. 25. num. 6. (2) Sous. Hist Geneal da casa Real Portug. tom. 1. (3) Veja-se tambem Brandão na Monarq. Lusit. part. 5. liv. 17. cap 48. e liv. 18. cap. 9.

o mesmo zelo da religião, quiz augmentar o esplendor da sua capella, erigindo maior numero de capellães, e cantores para rezarem n'ella solemnemente as Horas Canonicas; e sem embargo, que o chronista mór fr. Francisco Brandão (1) diga que para isto mandára vir o sobredito rei uma copia do ceremonial, que os reis de Inglaterra praticavam na sua capella, por onde se regulassem os seus capellães, consta todavia do Breve de Eugenio IV, (2) passado em Florença no anno de 1439, que esta graça fora concedida, para que na capella real d'este reino se celebrassem os officios divinos somente pelo rito romano.

Todo este louvavel intento se viu executado em tempo delrei D. João II, o qual, como diz Resende, (3) ordenou no anno de 1495, que houvesse na sua capella todos os dias Horas Canonicas, applicando-lhe para isso rendas, e distribuições como em Sé cathedral, e alcançando do Papa Xisto IV grandes isenções, e privilegios para os ministros, que servissem, e se occupassem nella.

Depois quando o venturoso rei D. Manoel mandou edificar no terreiro do Paço o magnifico palacio chamado da Ribeira, mudando-se do Castello, collocou alli a sua capella real, dedicando-a ao apostolo S. Thomé, protector da India, e foi o seu primeiro assento no lugar do tribunal da Mesa da Consciencia, onde esteve até o anno de 1581, como constava da memoria inscripta em uma lapida embebida na parede por cima do assento do presidente, que dizia:

D. O. M.
Sub honore D. Thomæ Apostoli
Hic Rex Emmanuel Capellam Regiam
Dicavit, et translata fuit anno
1581
Locum profanari vetat Religio.

E é de saber, que o antigo portico da dita capella, que estava á mão esquerda de quem hia para o terreiro do Paço por baixo da sala dos porteiros da cana, se acabou de desmanchar em 2 de abril de 1751, abrindo-se no lugar do seu pavilhão duas janellas para a nova secretaria de estado dos negocios do reino. Conseguiu elrei D. Manoel muitos privilegios do Papa Leão X, com que exaltou a dignidade de capellão mór, os quaes refere Cabedo, e D. Antonio Caetano de Sousa. (4)

Elrei D. João III, por ser naturalmente inclinado ás cousas da igreja, se esmerou muito mais na authoridade da sua capella, enriquecen-

(1) Brand. Monarq. Lusitan. pag. 441. (2) «Cum itaque in dicendis Horis Canonicis morem Romanae Ecclesiae in Capella tua observari speciali devotione desideres... Horas Canonicas per Capellanos, et Cantores tuos pro tempore existentes, necnon Missas, et Officia hujusmodi dicere valeant, nec teneantur, si voluerint, ad morem, vel ordinem alium super his observandum.» Vide Sous. no tom. 3. das Prov. (3) Resende Chronic. cap. 57. e 190.

(4) Cabed. de Patron. Regio cap. 43. Sous. Histor. General. tom 2. das Provas p. 215. et seq.

do-a de preciosos ornamentos, e accrescentando maior copia de musicos. Obteve tambem no anno de 1522 do Pontifice Adriano VI o indulto de se poder rezar nella todos os sabbados do anno o Officio de Nossa Senhora, e nas terças feiras o do Archanjo S. Miguel, não sendo dias classicos, ou duples. (1)

A ordem da liturgia, que por este tempo praticavam os reis na assistencia da capella real, era esta: Havia uma cortina, dentro da qual estava elrei assentado em cadeira, e detraz d'elle os infantes em outras cadeiras mais baixas, e um pouco affastadas. Os filhos dos infantes tinham em lugar de cadeiras almofadas, e só quando elrei ouvia missa em tribuna, se assentavam em cadeiras razas com alcatifas pequenas, affastadas um pouco da delrei. Havia mais um pagem do livro chegado á cortina, e servia de ter as Horas, por onde elrei rezava.

Da parte de fóra da cortina estava o assento dos duques, e depois o banco dos condes; e o dos bispos ficava defronte delrei, e acima da cortina o assento dos embaixadores. Havia cinco modos de cortina, e eram: «Cortina cerrada,» quando elrei estava com os principes; «Cortina alçada;» quando estava com a rainha; «Cortina,» quando estava em algum coro de religiosos; «Cortina,» quando estava em tribuna; e «Cortina,» quando estava em janellas.

A' porta da capella o arcebispo, ou bispo mais antigo dava agua benta a elrei, ao principe, e infantes; porem nos pontificaes, que cahiam em domingo, o bispo, que fazia o pontifical, lh'a dava na cortina, e quando não havia bispo na capella, fazia este officio nos domingos o diacono na cortina, e nas missas rezadas o hebdomadario. Não se começava a missa até elrei não fazer sinal ao deão, e elle (sendo pontifical) o fazia ao bispo, e sendo a missa cantada, ao mestre da capella, e nas rezadas ao thesoureiro mór.

Principiada a missa, dizia o capellão mór a confissão, gloria, e credo com elrei dentro na cortina; e havendo elrei de rezar o Officio Divino, o fazia com elle o capellão mór, e em sua ausencia o deão. O Evangelho, incenso, e paz, que os reis tomavam na cortina, levava o arcebispo, ou bispo, que presidia no banco, acompanhado do thesoureiro, e mestre das ceremonias, e o porteiro da capella; e nos pontificaes, quando não havia bispo, o hebdomadario. Os que davam agua benta, incenso, e paz, faziam reverencia aos reis, e principes somente, aos quaes em seu lugar incensavam tres vezes, e elles faziam inclinação ao altar; aos infantes porem se incensava duas vezes, estando fóra das cadeiras.

Muitas vezes vinham fallar a elrei, estando na cortina, religiosos, fidalgos, e senhores, dando para isso ordem o deão ao porteiro, o qual tinha cuidado de haver silencio na capella, e dava os lugares aos bispos, e condes, e, quando elrei ouvia missa em alguma tribuna, camera, ou

(1) O mesmo Sous. ibid. p. 758.

coro, estava sempre á porta. Tudo que era da jurisdição da capella despachava elrei com o capellão mór, deão, e esmoler.

Nas quatro páscoas do anno, e nas missas novas dos seus capellães hiam os reis á offerta, sahindo fóra da cortina, acompanhados dos infantes, e senhores, levando elrei a rainha á mão direita até o altar, onde o seu esmoler estava de joelhos com a offerta junto do subdiacono, que tinha o prato nas mãos para a receber. Aqui sobre uma alcatifa grande tinham o reposteiro mór delrei, e o védor da rainha, cada um sua almofada na mão, a qual punham aos reis, e de joelhos offertava primeiro a rainha, dando-lhe elrei nisto o primeiro lugar, e depois elrei, lançando-lhe o esmoler a offerta no prato, e com isto se tornavam os reis com a mesma ordem, fazendo-lhes os fidalgos, e grandes suas cortezias, que só nestes dias se permittia, porque aos reis de Portugal ninguem fazia mezura, senão os senhores, que elles mandavam cubrir.

Quando elrei estava em parte, que não hia á offerta, mandava por si ao seu esmoler; porem no dia de Reis offerecia sempre elrei com a sua propria mão a offerta, para o que sahia da cortina, e posto de joelhos diante do bispo sobre a almofada, (que já tinha posto na alcatifa o reposteiro mór) tomava o esmoler da mão do escrivão da esmolaria uma salva grande, em que hiam trinta cruzados de ouro, e uma quantidade de incenso, e myrrha, e a apresentava a elrei, o qual tomava com suas mãos cada cousa d'estas, e a offerecia no prato, que tinha o subdiacono. A cinza, e a palma de dia de Ramos dava a elrei o bispo, que a benzia; e a véla de Nossa Senhora das Candeas, e da Pascoa tomava dentro da cortina da mão do mordomo mór, que lhe dava o bispo capellão mór.

Os tres dias, que o Santissimo Sacramento estava desencerrado até dia de Pascoa, dormiam os reis d'este reino junto ao altar sem se despirem, e jejuavam estes tres dias a pão, e agua; e na manhã do Pascoa mandavam fazer uma solemne procissão, em que hiam os reis, principes, e infantes com todas as damas, e cortezãos, precedendo adiante os porteiros das massas, e todo o genero de instrumentos musicos, que na corte havia. Acompanhavam a elrei nesta procissão o mordomo mór, porteiro mór, védor da casa, e mestre-sala com os cavalleiros do habito de Christo. Ordinariamente levava elrei uma das varas do pallio, e as outras os commendadores mais antigos, porem elrei D. Sebastião usou em lugar d'elles dos condes, e conselheiros de estado, e elle hia sempre vestido com o seu habito branco de cavalleiro.

Quando esta procissão passava pelo terreiro do Paço, se chegavam bem á terra as mais das náos, e navios, que n'aquella paragem estavam, e disparavam toda a artilharia, e muitas invenções de fogo festivo. A todos os fidalgos, que hiam na procissão, mandava elrei duas vélas, e ao povo se repartiam em numero de sete, ou oito mil. Chegando á sala grande, se recolhiam elrei, rainha, e infantes a commungar em seus oratorios. Elrei ouvindo missa rezada de seu confessor, commungava da

sua mão: tinham-lhe a toalha dous bispos, e dous capellães fidalgos duas tochas. Depois da communhão se recolhia algum espaço, e logo se retirava á sua camera, d'onde tornava a seu tempo para ouvir a missa do dia com a rainha, principe, e infantes, damas, e mais corte, vestidos todos de festa.

Dia do corpo de Deus hia elrei á Sé acompanhar a procissão. Sahia do paço com a rainha, infantes, damas, e toda a mais corte, levando o mordomo mór, e porteiro mór suas canas ao hombro, e o copeiro mór o estoque. Os outros porteiros hiam com massas de prata, os reis de armas com as ópas ricas, e o apresentador das tavoas da rainha com ellas ao hombro. Apeavam-se todos na Se, onde ouviam missa cantada por uma dignidade da igreja, mas officiada pela capella. Depois se ordenava a procissão, e por concerto, que fez o arcebispo D. Fernando de Vasconcellos e Menezes, que tambem era capellão mór, um anno levava o cabido a mão direita, e o outro a capella real. Elrei hia detraz dos commendadores da Ordem de Christo, posto no meio, e o commendador mór da parte direita. (1) Nos ultimos annos delrei D. João, porque não podia tornar com a procissão á Sé, ordenou que se desfizesse em S. Domingos, ficando o Senhor encerrado no sacrario da capella mór, e d'aqui teve principio este costume, que durou muitos tempos depois.

Entrando neste reino os poderosissimos reis de Castella, não consentiram todavia, que se diminuisse o decoro, e esplendor da capella real, antes sabendo Filippe II, que não havia nella estatutos sobre a fórma do seu governo, ministrando-se somente as cousas por tradição, e costume, mandou fazer novo regimento em 2 de janeiro de 1592, sendo capellão mór D. Jorge de Ataide.

Constava elle de vinte capitulos, dos quaes daremos um brevissimo extracto, por ser este o primeiro Regimento da capella real, de que temos memoria. No primeiro trata do capellão mor, suas qualidades, obrigações, e regalias. No segundo do deão, que deve succeder em capellão mór. No terceiro do bispo dos pontificaes, que não tenha obrigação pastoral, para estar liberto, e fazer os pontificaes na capella. No quarto dos prégadores. No quinto do auditor do capellão mór, e juiz ordinario dos capellães, e mais ministros da capella. No sexto do thesoureiro da capella, o qual diz, que será capellão de authoridade, e terá as chaves do sacrario, e do thesouro.

No setimo trata do numero dos capellães, e ordena que além do capellão mór, deão, e thesoureiro haja trinta capellães, vinte e seis para

(1) Tirámos a memoria desta Liturgia de alguns manuscritos, que vimos do insigne Chantre de Evora Manoel Severim de Faria, dos quaes tambem teve noticia o eruditissimo, e Excellentissimo Principal, D. Francisco de Almeida, pois faz menção desta Concordata das Notas ao primeiro tomo do Codex Titulor. S. L. E. pag 39. Veja-se tambem a Relação da solemnissima Procissão, que se fez em Lisboa no anno de 1588 no recebimento das Reliquias, que se collocarão na Igreja de S. Roque, pag. 11.

rezarem no coro, e os quatro para confessarem: aqui manda tambem que todos tragam lobas, e sobrepellizes, salvo os que forem freires das Ordens de Christo, e S. Bento de Aviz, que trarão mantos brancos de seu habito sobre as lobas; e os freires do habito de Santiago não trarão mantos, senão sobrepellizes, conforme a sua regra, e todos juntamente rezarão na capella as Horas Canonicas Romanas.

No oitavo trata do provimento dos capellães, que quer sejam todos filhados. No nono do mestre das ceremonias, que ordena sejam dous escolhidos de entre os capellães. No decimo dos cantores, tangedores, e porteiros. Diz que haja um mestre de capella, e vinte e quatro cantores, seis de cada voz, dous baixões, e uma corneta, os quaes cantores serão tambem filhados: que haja dous tangedores de orgão, quatro porteiros da capella, e que nenhum d'estes ministros poderão entrar nella, nem ir nas procissões com espadas, nem com sombreiros, nem capas de capello, senão com manteos, ou farregoilos compridos, que pelo menos passem de meia perna, com barretes, carapuças, ou gorras.

Trata no capitulo undecimo dos moços da capella, e ordena que haja dezoito, de bom nascimento, vida, e costumes: que tragam roupas compridas, que pelo menos lhe dem quatro dedos abaixo dos joelhos, e na capella tragam lobas com mangas até os pés, e os que a tiverem, a trarão tozada por todas as partes; e tanto que algum d'elles casar, será logo riscado, e passará a outro foro. No duodecimo falla dos moços da estante, e diz que haja quatro. No decimo terceiro trata do varredor da capella. No decimo quarto da distribuição: alli se vê que o gasto todo da capella naquelle tempo montava em um conto quinhentos setenta e dous mil quatrocentos oitenta e dous réis, o qual por parecer pouco a elrei, o accrescentou, e dotou em dous contos de réis.

No capitulo decimo quinto trata da eleição dos officiaes da distribuição. No decimo sexto trata das offertas, e diz como em dia de Reis dava o esmoler mór doze mil réis, e cinco arrateis de incenso, e um de myrrha; e em dia, que algum capellão dizia missa nova, lhe dava o mesmo esmoler seis mil réis para elle, e mais vinte e quatro mil réis para repartir pelos outros capellães: que em dia da adoração da Cruz em Sexta feira Santa dava o dito esmoler doze mil réis; e nos dias do nascimento dos reis, rainha, e principes dava tantos cruzados, quantos eram os annos de suas idades.

No decimo setimo expõe os ordenados, que percebiam cada anno os ministros da capella, com a distribuição seguinte; advertindo, que o mestre da capella além do seu ordenado tinha cinco moios de trigo, e todos os mais ministros, quando estavam doentes, tinham medico, cirurgião, e botica, segundo neste mesmo capitulo faz expressa menção o Regimento.

1	Ao capellão mór	600$000		pella	100$000
1	Ao deão	400$000	30	A cada capellão	40$000
1	Ao bispo dos pontifi-		3	A cada mestre de ce-	
	caes	200$000		remonias	12$000
4	A cada um dos pré-		1	Ao mestre da capella	80$000
	gadores	50$000	24	A cada cantor	50$000
1	Ao auditor da capella	20$000	2	A cada organista	50$000
1	Ao promotor da justiça	10$000	4	A cada porteiro	40$000
1	Ao thesoureiro da ca-		18	A cada moço da capella	20$000

No capitulo decimo oitavo trata de como se hão de multar as faltas. No decimo nono do recebedor, e no vigesimo das despezas miudas.

O mesmo capellão mór D. Jorge de Ataide em 31 de agosto de 1608 fez uma consulta a elrei para haver de se reformarem algumas cousas da capella; e elrei ordenou, que os trinta capellães do regimento se reduzissem a vinte e quatro, e que d'estes fossem tres letrados, e confessores, aos quaes se accrescentasse mais dez mil réis de congrua, e tres moios de cevada com a obrigação de terem mula. Tambem reformou o numero dos cantores, mandando que houvesse quatro tiples, cinco contraltos, cinco tenores, e tres contrabaixos.

Não foi menor a estimação, e cuidado no augmento da capella real, que teve elrei D. Filippe III, pois conhecendo a authoridade dos capellães regios, mandou ao arcebispo D. Miguel de Castro, que então o era d'esta cidade, e um dos cinco governadores d'este reino, que fosse fazer o pontifical nas exequias delrei Filippe II, e que não levasse as dignidades da Sé para lhe assistirem, por quanto era servido que os capellães da sua real capella o fizessem. (1)

Depois no anno de 1610 se renovou com grande magnificencia a mesma capella, e o seu pateo por direcção do marquez de Castello Rodrigo, sendo vice-rei d'este reino, á custa dos quatrocentos mil cruzados, que a cidade de Lisboa promettera a elrei D. Filippe III. E no anno de 1619, tendo o marquez de Alanquer, vice-rei de Portugal, certeza de que o dito rei Filippe III vinha a esta cidade, mandou logo, entre outras muitas cousas, concertar os paços de Lisboa; e porque a capella real ficava em baixo, e dava grande descommodo a elrei, a fez edificar de novo no andar de cima, (2) posto que incomparavelmente muito mais ennobrecida, e augmentada pelo fidelissimo rei D. João V.

Com a feliz acclamação do senhor rei D. João IV adquirio a capella real novo lustre, e adiantamento. Foi sempre nos serenissimos duques de Bragança muito distincta a sobrenatural sympathia para as cousas

(1) Consta de uma Carta, ou Aviso registado na Secretaria de Estado. Anno de 1599.

(2) Assim consta da Hist. annual de Port. m. s. de Manoel Severim de Faria. O Author do Santuario Mariano. tom. I. pag. 297. diz, que depois da Acclamação delrei D. João IV estivera a Capella Real na Sala dos Tudescos, em quanto se não fabricava a nova Capella.

ecclesiasticas, e este principe, que nos soberbos palacios de Villa-Viçosa tinha subido a uma alta reputação o esplendor da sua capeila, illustrando-a com amplissimos privilegios, e graças pontificias, (1) continuou a mesma magnificencia na de Lisboa, dispondo nova ordem de liturgia para os dias, e festas solemnes, em que assistia publicamente aos divinos officios com pompa regia na fórma seguinte. (2)

Tanto que o capellão mór dava recado em como tudo estava prompto para elrei poder ir, sahia sua magestade do seu aposento acompanhado dos titulos, officiaes da casa, e mais fidalgos, que alli se achavam, e eram avisados antecedentemente pelo porteiro mór. Os titulos hiam da parte direita, e esquerda por suas precedencias distancia de tres, ou quatro passos diante delrei, e diante d'elle o mordomo mór com a sua insignia na mão, que ainda não sendo titulo, hia neste lugar, excepto se acompanhavam infantes, diante dos quaes passava o mordomo mór. Depois dos titulos hião os tres officiaes da cana, porteiro mór no meio, o veador da banda direita, e o mestre-sala da esquerda; e havendo dous veadores, o que não era de semana hia tambem da parte direita, mas no meio com o porteiro mór. Os demais officiaes da casa, e moços fidalgos, hiam diante d'estes sem precedencia, e mais adiante os outros fidalgos, que alli se achavam. Os officiaes da casa eram mordomo mór, porteiro mór, camareiro mór, estribeiro mór, guarda mór, reposteiro mór, copeiro mór, veador, mestre-sala, trinchantes, capitães da guarda, capellão mór, sumilheres da cortina, aposentador mór, monteiro mór, armador mór, esmoler mór.

Detraz de sua magestade hiam os cardeaes, e depois d'elles os embaixadores, e logo os arcebispos, e bispos, e capellão mór com elles, se era bispo; e não o sendo, hia com os mesmos officiaes da casa, advertindo, que, se elrei levava cauda, lhe hia pegando nella descuberto o camareiro mór mais junto á pessoa. Nesta fórma baixava sua magestade á capella, e á porta, que estava no fim da escada, que descia da galaria da banda de fóra, por uma, e outra parte estavam as guardas em duas alas governadas por seus capitães, e tenentes. O corregedor do crime da corte, e casa hia diante de todos, levando comsigo o meirinho da corte.

Antes delrei chegar á porta da capella, o arcebispo, ou bispo mais antigo, que alli se achava, se adiantava para dar agua benta a Sua Magestade, e não havendo bispo o fazia o capellão mór, ainda que não fosse bispo. Tanto que elrei entrava na cortina, lhe chegava o reposteiro mór a cadeira ou almofada, e o mesmo fazia aos infantes filhos legitimos delrei, e na ausencia do reposteiro mór tocava ao veador da casa esta ceremonia; e logo que sua Magestade se assentava, sahiam todos que o acompanharam para os seus lugares.

Os cardeaes tinham seus lugares da parte do Evangelho mais che-

(1) Refere Sousa no tom. 1. das Prov. pag. 733. (2) Ibidem.

gados ao altar em cadeiras de espaldas, e logo abaixo em banco cuberto de rás os arcebispos e bispos por suas antiguidades, começando a precedencia do altar. O capellão mór, sendo bispo, se sentava em uma cadeira rasa, que estava da cortina para cima, entre ellas, e os degraus que subiam para a parte do Evangelho; e, quando sua Magestade não hia á capella, se sentava no banco dos bispos, precedendo a todos, ainda que fosse mais moderno, por diocesano da casa real; e não sendo bispo, estava em pé abaixo da cortina com os sumilheres, nem fazia função alguma na capella sem sobrepelliz.

Os embaixadores se assentavam da grade para dentro em cadeiras rasas de veludo com almofadas do mesmo defronte da cortina delrei, alguma cousa mais para baixo, e diante de cada um se punha um banquinho cuberto com um panno de veludo. Os duques da mesma grade para dentro junto á cortina delrei em cadeiras rasas de veludo com suas almofadas do mesmo, e uma alcatifa debaixo das cadeiras não muito larga, em que punham os joelhos. Da grade para fóra em primeiro lugar se punha o assento do mordomo mór, ainda que não fosse titulo, por preeminencia do officio, sendo que então era a cadeira rasa de couro preto. Depois d'elle se seguiam os assentos dos marquezes, que eram cadeiras rasas de veludo com almofadas do mesmo, e logo abaixo o dos condes, que era um banco cuberto com espaldeira de rás.

O sumilher da semana se punha ao canto da cortina da banda debaixo, e os tres officiaes da cana, porteiro mór, veador, e mestre sala em pé com suas insignias da grade para dentro em fileira defronte da cortina delrei, alguma cousa por cima do lugar dos embaixadores. Dentro da cortina se assentava Sua Magestade em cadeira de espaldas, e logo abaixo o principe, e os infantes em cadeiras iguaes, e em igual fileira; e os filhos dos infantes mais abaixo em almofadas, duas a cada um em lugar de cadeiras. O abrir da cortina tocava ao sumilher da semana.

Depois de elrei estar na cortina, ia logo o capellão mór ao Asperges, no dia, que se devia fazer: e fazendo primeiro sua inclinação a elrei, lhe deitava agua benta, e do mesmo lugar, fazendo a mesma inclinação a deitava á rainha, e logo ao principe, e infantes, os quaes, quando lh'a deitavam, a vinham buscar um passo fóra da cadeira, e seus filhos dois, a quem o capellão mór, sendo bispo, não fazia inclinação; e não sendo bispo deitava agua benta o prelado mais antigo.

Começada a missa, ia o capellão mór dizer a confissão, gloria e credo com elrei dentro da cortina, e, se havia de rezar o officio divino, o resava tambem com elle, e em sua ausencia tocava ao deão da capella. Trazia o mesmo capellão mór o evangelho, o incenso, e o Porta-Paz para elrei beijar, e o principe, e os infantes, advertindo que elrei e o principe ficavam assentados, e os infantes iam beijar, fazendo mesuras a Sua Magestade á ida e vinda.

Quando elrei ia á offerta, estava prestes um reposteiro com uma

almofada de veludo, e beijando-a, a dava ao reposteiro mór, e elle tomando-a em ambas as mãos, e beijando-a, a punha aos pés do celebrante, que estava no ultimo degrau do altar; e, se a rainha estava presente lhe punha o seu veador outra almofada na mesma fórma. Alli ia elrei com a rainha, e o celebrante lhe dava a imagem a beijar, e lhe deitava a benção; e, se era bispo, lhe dava tambem o anel a beijar; e o esmoler, que estava diante do subdiacono, lançava a offerta no prato, e logo se tornava elrei á cortina; e quando sahia, tambem sahiam o principe, e infantes, e estavam em pé fóra da cortina, até que Sua Magestade voltava, e, quando passava, lhe faziam mesura, e se tornavam a seus lugares. Se a offerta era no dia da Cruz, ou de missa nova, iam primeiro offerecer os prelados por suas antiguidades, e toda a capella depois d'elles: e então elrei, principe, infantes, embaixadores, duques, marquezes, condes, e fidalgos. Em dia de Reis se fazia a offerta da mesma sorte, só com a differença, que o esmoler dava a offerta ao principe, e este a elrei, que a lançava por sua mão no prato.

Em dia de Nossa Senhora das Candeias iam primeiro tomar as velas os prelados, e capella, e depois elrei. Dava as velas quem fazia o officio, e depois que elrei vinha do altar, a entregava ao capellão mór, e este a dava a um moço fidalgo; e, quando queria sahir a procissão, tornava este a dal-a acceza ao capellão mór, o qual a entregava a elrei. A vela, que se dava a sua Magestade, era de uma vara e duas terças de comprido, e tinha cinco arrates de pezo: a da rainha era quasi, ou pouco menos, da mesma grandeza, e pezo: a dos infantes de vara e meia, e de tres arrates e meio de pezo: a dos embaixadores e duques de vara e terça, e de tres arrates: a dos arcebispos e marquezes de vara e sesma, e de dois arrates e meio: a dos bispos e condes de uma vara, e de dois arrates: a dos do conselho de uma vara menos uma sesma, e de arratel e meio, e assim á proporção a das outras pessoas.

Na Procissão da mesma festividade ia Sua Magestade atraz do bispo com os commendadores ornados com os seus mantos: e havendo alguns prelados, hiam atraz dos capellães, diante do celebrante. Em dia de Cinza hia elrei tomal-a ao altar mór na mesma fórma em que hia ás offertas; e depois que o bispo a dava ás pessoas reaes, para o que lhe tiravam a mitra, a tornava a pôr para dar a cinza aos embaixadores, duques, marquezes, e condes, estando em pé, e depois se sentava, e a dava aos officiaes da casa, fidalgos, e mais gente.

No dia de Paschoa dava o mordomo mór a vela a elrei para ir na procissão, na qual como hia o Sacramento, e Sua Magestade com manto, não lhe levava o camareiro mór a cauda, mas elrei a punha sobre as guarnições da espada. Os commendadores hiam com seus mantos do pallio para traz, e Sua Magestade no fim de todos, seguindo-se junto a elle de uma, e outra parte as dignidades da ordem de Christo, e depois as de Santiago e Aviz. N'este dia de Paschoa commungava Sua Mages-

tade com todos os commendadores, e cavalleiros das ordens: ao dizer da confissão se inclinava elrei um pouco, punha-lhe o reposteiro mór a almofada, mas Sua Magestade sempre lh'a mandava tirar: sustentavam-lhe a toalha dois sumilheres, e dava-lhe a communhão quem dizia a Missa, e o lavatorio o capellão mór; e se este dizia a missa, dava-lhe o lavatorio o deão. Depois hiam commungar os commendadores por suas antiguidades.

Com esta formalidade assistia o senhor rei D. João IV ás funcções ecclesiasticas na sua capella, cuja liturgia praticaram depois seus successores com pouca discrepancia, não se esquecendo já mais de augmentar n'ella o maior culto de Deus tanto no formal, como no material: e, como o serenissimo rei D. Pedro II herdou de seu memoravel pai o mesmo espirito de religião, não foi n'elle menor a grandeza de seu zelo, nem desigual o ardor de promover o decoro da sua egreja. Entre outros monumentos, que qualificam o desvelo d'aquelle real animo, foi a fabrica do thesouro da capella real, que mandou fazer, e existia no sitio da Calcetaria junto da casa da moeda, como consta de uma inscripção aberta em letras de bronze em uma pedra primorosamente lavrada, a qual inscripção foi composta pelo conde da Ericeira D. Luiz de Menezes; e, porque não se perca de todo a sua momoria, a copiamos aqui.

Sacram æque supellectilem
Regii Sacelli
Hæc domus condit,
Ac vere Regiam Conditoris munificentiam,
Pietatem, Religionem aperit,
Augustissimi videlicet Principis Petri,
Cujus auspiciis, et expensis
Erecta, compta, ditata est.
Anno ab asserta orbis salute
M.DC.LXXXII.
A' vindicata Lusitana libertat XLIII.

Todo este edificio ultimamente se demoliu no mez de Abril de 1751, quando o fidelissimo rei D. Joseph I fez doação das casas, e sitio da Calcetaria ao reverendo collegio dos excellentissimos principes da santa igreja patriarcal, para n'elle fazerem o tribunal da congregação da administração da fazenda, e thesouro da dita igreja.

Chegou finalmente o tempo, e o governo do sempre memoravel, magnanimo, e fidelissimo rei D. João V, em que estava decretado do ceu para a capella real a maior ostentação da sua grandeza. Aquelle grandioso espirito igualmente regio, e religioso, que desde o seu principio lhe inspirou Deus para exaltar as glorias da sua igreja, se vio n'elle tão constantemente continuado até os ultimos alentos da sua vida, que bem

podemos dizer a acabára, levando atravessados no peito os sagrados designios, e incomprehensiveis idéas da magestade no augmento insaciavel da religião, e seu culto.

Ainda não tinha completos tres annos de governo, quando em 24 de Janeiro de 1709 manifestou logo o seu liberal genio em accrescentar a consignação á sua capella real, constituindo-lhe mais um conto e seiscentos mil réis todos os annos de congrua nos rendimentos da alfandega d'esta cidade. No mesmo anno ampliou por Breve de Clemente XI a dignidade, regalias, e jurisdições do seu capellão mór.

Não satisfeita a sua idéa, fez erigir na sua real capella por constituição do mesmo summo pontifice Clemente XI em o primeiro de Março de 1710 uma insigne collegiada com o titulo de S. Thomé apostolo, condecorada com grandes prerogativas, e honras, instituindo-lhe seis dignidades, dezoito conegos, e doze beneficiados, além de outros ministros subordinados todos ao capellão mór, como seu proprio ordinario, e lhes estabeleceu para congrua sustentação doze contos quinhentos e cincoenta mil quinhentos e sessenta réis; de fórma que ao deão competiquatrocentos mil réis de congrua, a cada um dos cinco dignidades trezentos mil réis, a cada um dos dezoito conegos trezentos mil réis, a cada um dos doze beneficiados cento e cincoenta mil réis, e a cada um dos mansionarios oitenta mil réis, e assim tomaram posse aos 16 de Maio de 1710. (1)

Constituida d'esta fórma a insigne collegiada de S. Thomé na capella real, passou o mesmo soberano a condecorar os seus ministros com um habito choral distincto do antigo, ordenando que os conegos podessem trazer sobre o roquete capa magna roxa com capello forrado de pelles brancas de arminho em tempo de inverno, isto é, desde vesperas de todos os santos até sabbado de alleluia, e no verão usariam das mesmas capas forradas de seda encarnada, e os beneficiados trariam tambem capa magna roxa com capello forrado de pelles cinzentas no tempo de inverno, e no verão andariam com a mesma capa, e capello forrado de seda roxa, (2) accrescentando mais a cada conego cem mil réis, e a cada um dos beneficiados cincoenta mil réis.

Toda esta abundancia de graças, e honras, com que o magnanimo rei D. João V, engrandeceu a sua real capella, ainda se não proporcionava com o dilatado do seu pio, e regio coração; e assim obtendo da santidade de Clemente XI a bulla Aurea, que começa: *In supremo apostolatus solio*, expedida em 7 de Novembro de 1716, fez exaltar a sua insigne collegiada em cathedral, metropolitana, e patriarcal com a invocação de nossa Senhora da Assumpção, dividindo para este effeito esta

(1) Consta da Bulla Apostolatus ministerio de Clemente XI, expedida no primeiro de Março do anno de 1710, que vem no t. 1. Codex Titulor. S. L. E. p. 11. (2) Consta do Indulto de Clemente XI. Romanum decet Pontificem, passado a 30 de Janeiro de 1716. O mesmo concedeu Innocencio XIII. pela Bulla Ad regimen univ. Eccles. cujo privilegio de andarem os beneficiados da santa igreja patriarchal em habito prelaticio se não poz em pratica.

cidade, e seu arcebispado em duas partes, como temos dito, estabelecendo na parte occidental um patriarca, a quem uniu a dignidade de capellão mór com distincta jurisdição da metropolitana, o qual como patriarcha ficou superior a todos os arcebispos e bispos do reino, e ainda ao de Braga.

Para maior decoro e magnificencia da sua dignidade lhe alcançou a regalia de poder andar vestido em habito purpureo á maneira do arcebispo Salisburgense primaz de Alemanha, e outros muitos privilegios, e preeminencias, unindo-lhe tambem as honras e tratamento de cardeal, que lhe mandou dar por decreto de 17 de Fevereiro de 1717. E porque esta honra cardinalicia lhe fosse propria, e fixa, fez com que o papa Clemente XII não só o elevasse áquella dignidade, como o elevou por bulla de 27 de Dezembro de 1737, que começa: *Inter præcipuas Apostolici ministerii*; mas pela mesma estabeleceu para sempre, que a pessoa, que fosse preconisado patriarca de Lisboa, fosse logo creado cardeal no consistorio immediatamente seguinte.

A estas exuberantes prerogativas, realçando sempre elrei com excesso a sua inexplicavel grandeza, consignou do patrimonio real, e do rendimento dos quintos das Minas geraes para sustentação magnifica do patriarca, e seus successores, em perpetua doação todos os annos duzentos e vinte marcos de ouro, que montam mais de cincoenta mil cruzados, e o grande rendimento da lezima da Foz de Almonda, para que sem prejuiso dos pobres podesse luzir com esplendor em tão alta dignidade. (1) E proseguindo na ampliação da nova cathedral, creou novas dignidades, e conegos para formarem um respeitoso cabido, enchendo-os de grandes authoridades e honras, (2) alem das que o papa Clemente XI lhes outorgou pela constituição *Gregis Dominici*, de 3 de Janeiro de 1718.

Continuou a exercitar novas grandezas, que já pareciam impossiveis á imaginação, e sómente sondaveis, e factiveis á dilatada esfera da sua idéa. Tornou a unir as duas cidades em uma só, e por constituição do papa Benedicto XIV, passada em 13 de Dezembro de 1740, e principia: *Salvatoris nostri*, fez abrogar e extinguir a antiquissima Sé de Lisboa oriental, incorporando e estabelecendo uma só igreja patriarcal com omnimoda jurisdição metropolitica; e, para que as suas dignidades se distinguissem mais especificamente, erigiu um excellentissimo collegio de vinte e quatro excellentissimos principaes com habito cardinalicio, divididos em varias jerarquias, a saber: prelados presbyteros com insignias episcopaes, e exercicio de pontifical, protonotarios, subdiaconos, e acolytos. Vinte meritissimos conegos, doze reverendos beneficiados de setecentos mil réis, trinta e dois reverendos beneficiados, trinta e dois re-

(1) Consta da Carta de Doação delrei do primeiro de Abril de 1719, que vem no t. 1. do Codex Titulor. S. L. E. p. 288. e 2 2. (2) Consta do Alvará de 21 de Dezembro de 1716. Lx Codic t. 1. p. 169.

verendos clerigos beneficiados, e outros mais ministros da igreja patriarcal, condecorando a todos com grandes privilegios.

A toda esta pompa sumptuosissima accrescentou com generosidade incomparavel preciosissimos ornamentos. joias de inextimavel valor, armações primorosas, peças de ouro, e prata innumeraveis, com que dotou e enriqueceu a Santa igreja patriarchal para se celebrarem n'ella todas as suas funcções com magnifico apparato: e para que não só as obras, mas as vozes chegassem ao ceu com pura, e suave harmonia, sem mistura de sinfonias profanas, mandou vir de varias provincias de Italia os melhores musicos com grossos estipendios, de que formou um coro especial, e grave dos mais celebres cantores. Fez tambem guarnecer a torre da igreja de muitos e harmoniosos sinos. Constava ella de dois andares de sineiras: o primeiro tinha dois em cada lado, em que havia oito sinos: no segundo andar havia quatro sineiras; porem o sino grande tomava todo o vão do meio, de sorte que se via por todas as quatro partes. e se sustinha em madeiras, que não tocavam nas paredes da torre. O primeiro sino peza oitocentas arrobas, e toca nas festas de primeira classe, e nas exequias das pessoas reaes, patriarchas, cardeaes, e principaes: o segundo peza cento cincoenta e duas arrobas; toca nas segundas classes, e dobra aos fidalgos titulares, monsenhores, e conegos: o terceiro tem cento e dez arrobas, e toca nas exequias dos beneficiados: o quarto oitenta e sete arrobas, e toca pelos capellães: o quinto tem setenta e sete arrobas, e toca pelos sacristas: o sexto trinta e cinco arrobas: o setimo vinte e nove arrobas: o oitavo vinte e cinco: o nono vinte e duas: a garrida duas. Havia outra torre chamada do relogio separada da igreja patriarcal, cujos sinos tocavam nos dias seguintes: Dia de reis, S. Vicente, Sabbado de Alleluia, Domingo de Pascoa, Sabbado e Domingo do Espirito Santo, Corpo de Deus só á procissão, Conceição, e Natal.

Era tenue para este grande monarca toda a profusão, que se empregava no culto da igreja, para cujo ornato mandou tambem fazer, e conduzir de todas as partes do mundo os adornos, adereços, e alfaias mais preciosas. (1) Entre ellas são dignos de especial memoria os nove riquissimos castiçaes, e maravilhosa cruz de exquisita, e nova invenção, que a sua heroica piedade mandou fabricar a Florença, e a Roma no anno de 1732 pelo desenho e artificio do famoso Antonio Arrighi Romano, cuja primorosa e incomparavel arquitectura excedeu a importancia de trezentos mil cruzados. Toda a maquina de prata excellentemente dourada, que formava a grande cruz, se levantava na altura de dezasete palmos desde a planta do pé de figura quadrangular, que tinha tres palmos e meio de diametro.

(1) Qui sacras Orientalium Christianorum supellectiles, et Ecclesiasticos codices ad Regii sui sacelli ornatum undique conquisivit. Assemanus in Bibliothec. Mediceae Catalogo, p. 81.

Era esta obra no seu genero unica, e singular, e que mereceu as attenções, e elogios do sacro collegio pontificio, principes, e nobreza romana a primeira vez que lhes foi manifesta. Com a mesma admiração foi applaudida de todos os cavalheiros toscanos, e corte florentina, e verdadeiramente a obra, a idéa, e a materia vencia o mais encarecido louvor. Viam-se distribuidos com admiravel simetria pelas bases, e balaustes assim da cruz, como dos castiçaes muitos symbolos, jeroglyficos, e genios, querubins, e estatuas, umas de vulto, outras de meio elevo com differentes acções, que alludiam com propriedade aos mysterios de Christo, e de Maria Santissima: outros caracterisavam a magnificencia da santa igreja patriarcal, outros o imperio da magestade portugueza no reino, e suas conquistas; porem tudo guarnecido com muitos e polidos festões da mesma prata dourada, com muitas tarjas e quartellas de perfeitissimo lapislazuli, com muitos engraçados esmaltes, e embutidos de epigrafes, de pedras, e diamantes preciosissimos.

Esta cruz, e estes castiçaes, como tão singulares, estavam destinados para ornar a banqueta do altar da capella mór d'esta santa igreja sómente nas funcções regias de casamentos, bautismos, e acclamações de nossos principes, ou em outros quaesquer dias, que o rei determinasse; porque para as outras festividades reservava o thesouro d'esta igreja proporcionadamente outros ternos de castiçaes, e cruzes tambem magnificos e de preço, e artificio estimavel, constituindo-se d'esta fórma ainda na opinião dos mesmos estrangeiros uma regia capella, ou igreja patriarcal a mais magestosa, rica, e egregia, que se venerava em todo o mundo christão.(1) Porem tudo lastimosamente pereceu com o incendio do primeiro de Novembro de 1755.

Parte d'esta inimitavel generosidade se confirma com as pingues congruas, e ordenados, que estabeleceu para o dispendio, e ministros da dita igreja, importando o seu dote até 18 de Julho de 1747 um milhão e dezoito mil cruzados entre o antigo, e moderno; e parecendo impossivel, que esta generosa grandeza podesse ainda crescer no augusto coração delrei, sabemos que, em quanto viveu, foram sempre as suas acções para com a igreja continuados padrões de ouro, que juntamente erigiu á eternidade do seu augustissimo e immortal nome. Para que se veja com distincção o que percebem por anno todos os ministros da santa igreja patriarcal, e outras despezas, que n'ella se fazem, expomos por curiosidade o mappa seguinte, calculado segundo a folha da primeira mezada do anno de 1754. d'onde o extrahimos, sendo preciso advertir, que de então até o presente se tem admittido mais musicos italia-

(1) Ex quibus omnibus patet. Capellam Regiam, seu Ecclesiam Patriarchalem Olisiponensem ob summam, ac ferè singularem Joannis V. Regis munificenciam, et pietatem nulli in toto Christiano orbe Ecclesiae, vel Ministrorum copia, dignitate, et opibus, vel sacrarum rerum cultu, et splendore, vel denique privilegiis, jurisbusque concedere. Carafa de Capella Regis utriusque Siciliae p. 418.

nos, e capellães cantores tambem com ordenados muito pingues, sem embargo que em muitas partes tambem se diminuiu o dispendio com a ruina que tem padecido o grosso da sua fabrica.

Calculo de todo o rendimento da reverenda fabrica da santa igreja patriarcal até o anno de 1747

Renda chamada dote antigo	30:005$560
Rendimento das terças dos bispados, e mais beneficios	94:982$512
Rendimento das igrejas, casas, e producto das lezirias	31:474$717
Rendimento dos juros distratados, comprados, etc.	250:843$880
Somma total	407:306$669

Congrua dos excellentissimos, e reverendissimos principaes da santa igreja lisbonense

Cada um dos 24 excellentissimos e reverendissimos principaes recebe em 10 mezes do anno a 50 moedas por mez	2:400$000
Recebe mais nos dois mezes para inteirar o anno	753$200
Recebe mais do accrescimo incerto das rendas	1:500$000
Congrua total de cada um	4:653$200

Alem d'isto recebe cada um dos cinco excellentissimos principaes primarios cada anno	100$000
E o excellentissimo principal decano	200$000

Congrua, e ordenados que os ministros e mansionarios da sacrosanta igreja patriarcal de Lisboa recebem cada anno

Num.		
72	A cada illustrissimo e reverendissimo monsenhor	1:600$000
20	A cada reverendo conego	1:000$000
12	A cada reverendo beneficiado	700$000
32	A cada reverendo beneficiado	500$000
32	A cada reverendo clerigo beneficiado	250$000
2	A cada mestre de ceremonias	110$000
3	A cada mestre de ceremonias	100$000
	A cada mestre de ceremonias da basilica	
7	A cada acolyto da capella mór	50$000

Capellães cantores

17	A cada um	150$000	2	A cada um	260$000
1	A um	280$000	1	A um	250$000

1	A um	170$000	2	A cada thesoureiro da sacristia	110$000
3	A cada um	130$000	1	Ao thesoureiro da cera	140$000
4	A cada um	100$000	20	A cada sacrista	74$100
1	A um padre thesoureiro do thesouro	150$000			
1	A outro	130$000			

Capellães, que dizem as missas das capellas antigas

1	Pelo senhor rei D. Manoel	44$640

Da mesma esmola

1	Pela rainha D. Maria	1	Pela rainha D. Catharina	
1	Por elrei D. João III	1	Pela rainha D. Anna de Austria	
1	Pelo cardeal D. Henrique	1	Por elrei D. Sebastião	
1	Pelo principe D. João	2	Pelos anjos	
1	Pela princeza D. Joanna	1	A S. Sebastião	
1	Por elrei D. João IV	3	Por tenção	
1	Pelas almas			54$800

Cantores italianos e portuguezes

1	A um	892$800	3	A cada um	180$000
6	A cada um	720$000	1	A um	160$000
1	A um	660$000	5	A cada um	150$000
16	A cada um	600$000	1	A um	100$000
3	A cada um	540$000	1	A um	84$000
17	A cada um	480$000	3	A cada um dos cantores antigos	100$000
1	A um	444$000	1	A um	54$000
3	A cada um	364$000	4	A cada organista	130$000
2	A cada um	300$000	1	Ao compositor da solfa italiana	180$000
3	A cada um	240$000			
3	A cada um	192$000			

Officiaes seculares

1	Ao porteiro do excellentissimo collegio	120$000	6	A cada varredor	44$640
2	A cada custodio dos aposentos	40$000	2	A cada faquino	74$040
4	A cada custodio da Basilica	60$000	1	Ao ourives	640$000
12	A cada masseiro	30$000	1	Ao armador	240$000
4	A cada cursor	20$000	1	A outro armador	172$000
			1	A capelleira	9$480
			2	Aos sineiros	100$000
				Com varios repiques	200$000

1	Affinador dos orgãos	20$000		estampador	600$000
1	Escritor, miniator, e				

Varias despezas

12	A cada confessor	50$000		Carvão	20$000
42	A cada uma das religiões que costumam vir prégar	24$000		Palmas	600$000
				Folhinhas de reza	48$000
	Com cera	6:200$000		Trezena de Santo Antonio	70$000
	Com a pintura da cera	210$000		Pannos verdes e encarnados	60$000
	Com procissões, bancos, e limpeza da igreja	2:000$000		Com armações da igreja cinco vezes no anno, por cada vez 26$000; e quando se arma a escada, se dá mais 6$000; e pela armação do pateo 100$000 importa tudo cada anno	236$000
	Com a limpeza, e concerto da prata	250$000			
	Lavagem, e encrespad. da roupa	392$000			
	Concertos de roupa branca	120$000			
	Azeite para 45 alampadas	500$000			
	Vinho para as missas	150$000		Com o seminario	1:800$000
	Hostias	24$000		Com despezas incertas	800$000
	Incenso	24$000			

Faltava ao material da igreja a sagrada fabrica de um edificio competente, que merecesse no magnifico o nome de Basilica, e templo regio patriarcal. Preoccupado o zelo delrei com este santissimo pensamento, mandou chamar á sua real presença em 7 de fevereiro de 1719, alguns fidalgos, ministros, e medicos pelo que tocava á eleição de um sitio saudavel, e arquitectos, que dirigissem a projecção da grande obra, que intentava.

Havia sua magestade examinado do mar, e dos lugares mais eminentes os sitios, que podiam entrar em questão em toda a agradavel perspectiva da sua grande cidade, tendo mandado tirar uma planta exacta de Lisboa, e reduzindo toda a duvida á questão de haver de edificar-se a igreja patriarcal, e novo palacio no lugar, em que hoje estavam, ou no sitio chamado Buenos Aires na parte da cidade eminente á ribeira de Alcantara.

Os medicos assentaram uniformemente, que o sitio, em que estava hoje o palacio, e a santa igreja, não era o que a arte, que professavam, devia escolher por favorrvel á saude, porque o monte do Castello, e os edificios altos da cidade lhe embaraçavam o norte, e os ventos mais benignos: que todos os outros participavam de vapores impuros, e este

damno se accrescentava com o das aguas detidas, e das mesmas praias, e marezia, de que resultava a humidade, e quentura nociva á saude, e que, ainda que o não julgavam pestilente, reconheciam em Buenos Aires todas as vantagens, que a filosofia natural, e a medicina procuravam no caso proposto.

Os mais votos se dividiram, porque os marquezes de Abrantes, e Minas, o conde de Assumar, o padre D. Manoel Caetano de Sousa, Mons. Berger se inclinavam a edificar no terreiro do Paço. O marquez de Alegrete, os condes de Aveiras, Unhão, Ericeira, Valladares, e S. Lourenço, e Federico foram de parecer, que se preferisse Buenos Aires, e D. Filippe Ibarra, principal Arquitecto siciliano, não declarou o seu voto. Com esta diversidade de pareceres ficou indeciso o projecto, contentando-se elrei de que supposto á maneira de David não edificara na sua corte sumptuoso templo a Deus, como emprendera, deixava ao menos as riquezas, para que seu filho imitando a Salomão o edificasse.

D'esta sorte aproveitando-se do antigo templo da sua real capella, e vendo que Deus aceitava em toda a parte as adorações, e os holocaustos, melhorando, e accrescentando em algumas partes a fabrica do edificio quanto foi possivel, intentou a sagração da igreja com o novo titulo de Salvador do Mundo, e Nossa Senhora da Assumpção. Para isso decretou o dia 13 de novembro de 1746, em que o eminentissimo, e reverendissimo Cardeal Patriarca D. Thomaz de Almeida com todas as ceremonias, que manda o Pontifical Romano, e com maravilhoso, e grave desembaraço sagrou a igreja, e o altar mór da sacrosanta igreja patriarcal, onde collocou as reliquias dos Apostolos S. Pedro, e S. Paulo, Santiago Maior, e S. Thomé.

Na segunda feira seguinte, que se contavam 14 do dito mez, e anno, o arcebispo de Lacedemonia D. Joseph Dantas Barbosa sagrou o altar do Santissimo Sacramento dedicado á Santissima Trindade, e collocou nelle as reliquias dos Apostolos Santo André, e Santiago Menor.

Na terça feira sagrou o altar dedicado á Sagrada Familia o Bispo, que tinha sido do Rio de Janeiro D. fr. João da Cruz, da ordem dos Carmelitas descalços, e lhe collocou as reliquias dos Apostolos S. Filippe, e S. Bartholomeu.

Na quarta feira o altar dedicado a S. Thomé, e mais Apostolos sagrou o Bispo de S. Thomé D. fr. Luiz das Chagas, da ordem dos Eremitas descalços de Santo Agostinho, e lhe collocou as reliquias de S. Mattheus Evangelista, e S. Barnabé Apostolo.

Na quinta feira os altares dedicados o primeiro aos Apostolos S. Pedro, e S. Paulo, Processo, e Martiniano, e o segundo aos Santos Martyres Vicente, e Sebastião, e S. Roque, sagrou o Bispo de Angola D. fr. Manoel de Santa Ignez, da ordem dos Carmelitas descalços, e collocou no primeiro as reliquias de S. Braz, e S. Januario Martyres, e no segundo as de S. Lourenço, e S. Sebastião Martyres.

Na sexta feira os altares dedicados o primeiro a Santo Antonio, e o segundo a S. Carlos, e a S. Filippe Neri, sagrou o Bispo do Maranhão D. fr. Franciseo de Santiago, da provincia de S. Francisco da Cidade, e collocou no primeiro as reliquias de S. Canuto, e Santo Thomaz de Cantuaria Martyr, e no segundo as de Santo Estevão Protomartyr, e S. Venancio Martyr.

No sabbado os altares dedicados o primeiro a Santa Isabel, S. Bento, S. Bernardo, S. Francisco, S. Domingos, Santa Teresa, Santa Sancha, Santa Joanna, e o segundo a S. Francisco Xavier, S. Francisco de Borja, e Santo Ignacio, sagrou o Bispo de Malaca D. fr. Miguel de Bulhões, da ordem de S. Domingos, e collocou no primeiro as reliquias de S. Wenceslau, e S. Hermenegildo Martyres, e no segundo as de Santo Eustaquio, e S. Pedro Martyres.

No domingo finalmente, que se contavam 20 de novembro do sobredito anno, o altar dedicado a Nossa Senhora da Piedade sagrou o Bispo de Ceimbra D. Miguel da Annunciação, da congregação dos Conegos Regrantes de Santa Cruz de Coimbra, e lhe collocou as reliquias dos Santos Innocentes, e S Vito Martyres.

Como o fidelissimo rei D. João V era tão zeloso, e pontual na observancia da liturgia, ou serviço divino, quiz que na sua real capella se executassem todas as funções ecclesiasticas com a maior exacção, decoro, e respeito N'aquellas, em que elle publicamente assistia, chamadas capellas patriarcaes, que juntamente vem a ser funções da capella real, se faziam por um de tres modos: ou celebrando o patriarca, ou assistindo sómente, ou não assistindo, e de qualquer modo, occorrendo os dias determinados de capella, sempre sua magestade descia a ella, usando-se diversas formalidades nas ceremonias, conforme os dias, e porque o rito é hoje o mesmo, diremos brevemente o que conduz, e pertence a cada função.

Sempre que sua magestade desce á capella, é recebido por todas as jerarquias dos seus ministros á porta d'ella, e achando-se presente o patriarca, lhe pertence como capellão mór, lançar agua benta a todas as pessoas reaes, e quando não está presente o patriarca, faz esta acção ou o deão, ou outro, que seja o mais antigo dos principaes. Logo que entra na capella, ou se recolhe d'ella para o paço, vai fazer oração ao altar do Sacramento, acompanhando-o sempre a corte, e todas as ordens de prelatura, os principaes, e ainda o patriarca.

Em dia de Reis celebra a missa o deão, e estando este impedido, o principal seu immediato. O patriarca só costuma assistir, e neste caso, acabado o Evangelho, vai o subdiacono da missa dar a beijar o Texto ao patriarca, e logo descendo com o livro ao plano, troca aquelle com outro livro tambem dos Evangelhos, que immediatamente vai offerecer aberto a elrei para oscular o Texto, e successivamente faz o mesmo aos senhores infantes.

Ao offertorio entram na quadratura o reposteiro mór, o guarda-tapeçaria para lhe dar a almofada delrei, e um moço da tapeçaria com ella debaixo do braço. O esmoler mór seguido de tres moços da camara sem espada com as offertas em pratos, e vasos dourados, e fazendo todos as devidas reverencias, se avisinham ao throno do patriarca. Ao mesmo tempo chegam tambem ao de elrei o mordomo mór, o capitão da guarda real, e os camaristas de todas as pessoas reaes. Então se levanta elrei, e seguido dos senhores infantes desce ao plano, ajoelha ao altar, reverencea ao patriarca, (o qual para lhe corresponder se levanta, mas torna-se logo a assentar) e ajoelhando sobre a almofada, que já tem posto o reposteiro mór, recebe do esmoler mór, que tambem está de joelhos, os tres vasos descubertos, e os offerece ao patriarca, o que feito, se retira ao seu throno, e todos os mais fazem o mesmo.

Acabada a incensação do Altar, vem o diacono da missa, depois de ter incensado ao celebrante, diante do patriarca, e entrega o thuribulo ao principal presbytero assistente, o qual acabando de incensar o patriarca, continúa a incensar a elrei, e mais pessoas reaes. Depois incensa o diacono aos principaes do throno patriarcal, aos da quadratura, aos prelados mitrados assistentes, e não assistentes, protonotarios, a corte de elrei, e depois d'ella aos mais prelados subdiaconos, e acolytos.

O mesmo sobredito presbytero assistente depois do *Agnus Dei* vai ao altar receber a paz do celebrante, e a vem dar ao patriarca, a elrei, e aos senhores infantes, e se recolhe ao seu lugar da quadratura, onde o está esperando o presbytero assistente do celebrante, o qual recebe d'elle a paz para a communicar aos mais principaes, e prelados mitrados, e depois de a ter dado a estes, a communica ao mestre de ceremonias, e este a vai dar aos protonotarios, á corte delrei, e ás mais Ordens de prelaturas.

Quando o patriarca não assiste, é a primeira dignidade dos principaes o que dá o livro dos Evangelhos a elrei para o oscular, e tambem é o que o incensa, e lhe dá a paz. As offertas no tal caso são recebidas pelo celebrante *apud Altare*, estando em pé com as costas para a cruz, e sem mitra, e elrei ajoelha no primeiro degráo sobre almofada posta pelo reposteiro mór. Quando elrei não assiste, é o esmoler mór o que dá estas offertas ao patriarca, e se tambem este não está presente, as recebe do mesmo esmoler mór o celebrante, estando ainda no altar sentado no faldistorio, e cuberto de mitra.

No dia das Candeas não celebra o patriarca, mas faz a benção, e distribuição das vélas, e elrei vai receber a sua ao throno do patriarca, depois os senhores infantes, os principaes, os prelados mitrados, penitencieiros, (por estarem paramentados) protonotarios, a corte delrei, os subdiaconos patriarcaes, e todos os mais pela sua ordem costumada, porem quando o patriarca não faz esta acção, vai sua magestade ao altar receber a véla da mão do celebrante, o qual lh'a dá estando em pé,

e sem mitra, e ou assista, ou não assista o patriarcha, sempre elrei acompanha a procissão, seguindo-o a sua corte. Isto mesmo se observa em Domingo de Ramos.

Em quarta feira de Cinza faz o patriarca a benção, e imposição da cinza, e assiste á missa elrei com os senhores infantes, que vão recebel-a depois dos principaes, e, quando o patriarca não assiste, vão ao altar recebel-a da mão do celebrante.

Na manhã de Quinta feira Santa desce sua magestade muito cedo particularmente com os senhores infantes á capella do sacramento para receber da mão do cura a communhão por desobrigação pascal, mas volta logo para cima a esperar o tempo de descer publicamente para assistir á missa selemne, no fim da qual acompanha sua magestade a procissão do Sacramento até o sepulchro com cirio que lhe dá acezo o mordomo mór: o que feito com o costumado cortejo, se recolhe ao paço, onde immediatamente com as costumadas ceremonias lava os pés a treze pobres, dando-lhe um esplendido jantar, que consta de varias iguarias expostas em meza magnifica; e a mesma função faz a rainha no seu quarto.

Nos dias em que costuma celebrar o Patriarca é um dos principaes da Ordem Diaconal o diacono da missa, e a elle toca o incensar a elrei, e por isso depois que ao Offertorio incensa o patriarca, vai diante de elrei, e o incensa com tres ductos, e da mesma sorte aos senhores infantes. Volta para o altar, e incensa ao deão, que serve de presbytero assistente da missa, e subsequentemente aos dous principaes diaconos assistentes do patriarca. Depois desce á quadratura a incensar os principaes, e torna ao altar, e incensa os prelados mitrados assistentes tanto de uma parte, como da outra, e logo larga o thuribulo a um subdiacono patriarcal, e este o incensa com dous ductos, e passa a incensar com um aos prelados mitrados não assistentes, aos penitencieiros, protonotarios, corte de elrei, e ás mais ordens de prelatura. Ao tempo da paz vai o deão para o lado da epistola, e recebendo-a do patriarca, a vai dar a elrei, e aos senhores infantes. Desce á quadratura, e depois de a ter communicado aos tres cabeças das ordens dos principaes, torna ao presbyterio, onde faz o mesmo ao primeiro prelado mitrado assistente de cada parte: ultimamente a communica a um subdiacono patriarcal, que a vai distribuir a todos os mais com a mesma preferencia, que dissemos do incenso.

Em Sexta feira Santa não costuma celebrar o patriarca, mas só assistir. O throno delrei não tem nesse dia espaldar, nem docel, nem cubertura os degraus: as cadeiras, e almofadas são de côr roxa, e sem ouro. Elrei, e suas altezas vão adorar a cruz depois dos principaes, e nesse mesmo tempo, o esmoler mór lança no prato a costumada offerta, ou esmola.

No dia do Corpo de Deus desce Elrei á capella com manto da Or-

dem de Christo para pegar na vara do pallio, o que faz á porta della, recebendo-a da mão do mordomo mór. A' sahida do pateo larga a vara, e acompanha a procissão atraz do Sacramento, e ao recolher-se torna a pegar na vara do pallio á entrada do pateo, e a leva até os cancellos do altar mór. No dia oitavo de tarde, que é a solemnidade do Corpo de Deus da casa, vem elrei assistir á procissão, e pega na vara do pallio á sahida da porta da capella, e a leva atê o fim da procissão. Em dia da Conceição da Senhora assiste tambem elrei á missa, ou a celébre o patriarcha, ou algum dos principaes, e ao offertorio vai offerecer o tributo do reino com aquella formalidade, que em outras occasiões referimos acima.

Com esta magnificencia, e rito concorre elrei ás funcções na sua real capella, e igreja patriarcal, onde todas as ceremonias ecclesiasticas tocantes ao culto divino se executam com uma pomposa exacção, e admiravel respeito, applaudido até dos mesmos estrangeiros, os quaes confessam estar sincopada nesta igreja, com emulação virtuosa, e gravidade, o esplendor, e o decoro da mesma capella pontificia de Roma.

Nesta conformidade se achava a liturgia na santa igreja patriarcal de Lisboa, quando impensadamente sobrevindo o tragico accidente do terremoto em o primeiro de novembro, seus ministros, que estavam acabando de rezar terça para se começar a missa, se viram summamente perplexos, attonitos, e afflictos.

Desampararam com presteza o coro, que era no meio da igreja, procurando cada um em confusa desordem escapar de tão proxima ruina, ameaçada por um violento, e continuado tremor, que fazia horrorosamente abalar todo o edificio. Taes houve naquelle subitaneo conflicto, que sofregos do seu damno, achando as passagens entupidas com o tumulto da gente, querendo fugir á morte, pretenderam antecipal-a, lançando-se inconsideradamente das janellas ao pateo chamado da capella, onde posto que livraram a vida, ficaram todavia estropeados.

Nova consternação occupou naquelle transe o animo dos excellentissimos principaes; porque achando-se em seus cubiculos quasi promptos para entrarem á capella mór, não podiam buscar o desvio opportuno, por se acharem fechadas as portas dos corredores. Constrangidos da necessidade, preferiam ao conselho proprio o alheio, mas com uma constancia christã pediam a Deus misericordia; até que abrindo-se uma porta cuidou cada qual escapar do perigo por onde o quiz favorecer o seu destino; menos o do excellentissimo principal D. Francisco de Noronha, filho dos marquezes de Angeja, que dirigindo apressadamente os passos pelo corredor, que hia dar á sala dos Tudescos, alli experimentou na flôr da idade o cruel incidente da morte intempestiva; porque desabando de improviso a varanda sobranceira ao corpo da guarda, cahiu submergido entre as ruinas; servindo-lhe de mortalha a mesma purpura, que era a segunda vez com que se ornara, por haver sido mo-

dernamente exaltado desde a nobilissima jerarquia dos conegos ao sacro collegio dos principaes.

Ao terremoto succedeo o incendio, que devorou irreparavelmente toda a grande opulencia d'aquelle templo. Nesta confusão, e desamparo, derrubadas as pedras do santuario, e dispersos os seus ministros, faltou por alguns dias a harmonia nos ministerios, por se não haver assinalado logar commodo, e conveniente ao seu exercicio.

Soube o eminentissimo prelado, que a ermida de S. Joaquim, e Santa Anna, contigua ao palacio do marquez de Abrantes em o sitio de Alcantara, havia ficado isenta de ruinas, e alli ordenou se colocasse interinamente a Basilica Patriarcal, onde se deu principio aos officios divinos com as primeiras vesperas da Conceição da Senhora, assistindo igualmente divididos por turmas, segundo a possibilidade dos ministros, principaes, monsenhores, conegos, beneficiados, e capellães cantores.

Assim se foi continuando até dia de S. Thomé, em o qual estando-se rezando matinas succedeu um grande tremor, que metendo em susto a todos pela experiencia da tragedia recentemente passada, os obrigou a sahir com impeto para a rua: e sem embargo de não causar o tremor alguma ruina á dita ermida, se resolveu erigir promptamente um altar dentro no jardim do mesmo marquez, onde se foram concluir os officios divinos no mesmo dia, e se continuaram nos dous seguintes. Depois com taboado, e lonas se formou uma barraca em o terreno mais plano do jardim, na qual desde 24 de dezembro se começou a officiar, servindo de sacristia a da mesma ermida.

Como para a grandeza de tão regia metropoli era preciso um terreno mais amplo, e desafogado, lembrou á vigilancia do eminentissimo patriarca, e excellentissimos principaes aproveitar-se do grande edificio que no sitio da Cotovia havia principiado o conde de Tarouca, o qual tendo trezentos e vinte e seis palmos em quadro, era de uma área capacissima para comprehender não só a igreja, mas todas as suas officinas adjacentes.

Escolhido o sitio, se começou a projecção da nova fabrica, edificando-se as paredes interiores de frontal, e n'aquella parte que havia de servir para casa de paramentos de sua eminencia, por se haver acabado mais promptamente, se levantou um altar, no qual feita a ceremonia da benção por monsenhor Perim em 16 de junho de 1756, em cujo dia se principiaram alli os officios divinos, e continuaram até 8 de junho de 1757, no qual concluida a nova igreja, e a ceremonia da benção por monsenhor Bernardes, presidente da turma, disse no seu altar mór a primeira missa rezada por monsenhor Guimarães.

Consta esta nova igreja patriarcal de tres naves, a primeira de quarenta palmos de largo, e cada uma das duas de dezoito. Tem de comprido cento setenta e um palmos até a capella mór, e esta, onde está a quadratura dos principaes, tem de largo cincoenta palmos, e noventa

de comprido. O seu cruzeiro, que é summamente alegre; fórma a figura, ou zimborio oitavado com oitenta palmos de largura. Nelle ha duas capellas, que proporcionam a cruz da igreja, cada uma com quarenta palmos de largo, e sessenta e cinco de fundo. Serve a da parte do Evangelho para deposito do Santissimo, e a da Epistola é dedicada á sagrada, e devota imagem de Nossa Senhora da Piedade. No meio da igreja ha mais duas capellas fundas, uma que fica para a parte da epistola, e tem quarenta palmos de largo, e noventa e um de comprido, e serve de Basilica, e a que lhe corresponde tem trinta e seis de largo, e sessenta e cinco de comprido. Consta mais a igreja de quatro capellas pequenas de cada lado, que ao todo fazem treze altares, além do que está na sacristia, e outro na capella interior dos monsenhores.

Fizeram-se tambem vinte e quatro cubiculos para os excellentissimos principaes, casas de paramentos para o eminentissimo patriarca, casas de fabrica, da congregação, de thesouro, de armarios, e para outras officinas precisas. Fizeram-se tres coretos para musica, uma tribuna para as magestades, outra para as damas, e sobre o portico, ou atrio da igreja, que consta de trinta e seis palmos de largo, e noventa de comprido, ha outra tribuna, que occupa o mesmo espaço, a qual serve para verem d'ella as magestades as funções da igreja, e a procissão de Corpus Christi. Em o angulo da parte do nascente, e dentro do recinto, ha de ficar a torre, que constará de duas ordens de sineiras, e no alto d'ellas, para firmeza da mesma torre, o sino grande, que escapou da ruina só com a perda de uma aza.

Reduzida a este estado o mais commodo, que foi possivel, na occasião presente a magnificencia da santa igreja patriarcal, observa com tudo exactamente a formalidade da sua liturgia do mesmo modo, que antes do terremoto, excepto a fórma da residencia dos ministros da Basilica, porque attendendo á sua possibilidade, permittiu o eminentissimo prelado, com o consentimento regio, se dividissem por turmas na conjunctura presente.

§ VII—*Igrejas paroquiaes dentro da cidade*

Uma das partes integrantes, que contribue não pouco a ennobrecer a Historia ecclesiastica de qualquer diocese, é a noticia das suas igrejas paroquiaes, por cuja causa exhibimos agora por ordem alfabetica, segundo o nosso estylo, a serie de todas as que existem dentro em Lisboa, com a mais verdadeira, e antiga instituição, que pudémos indagar de cada uma.

D'este modo reproduzimos não só as memorias do estado, em que se achavam antes que o commum infortunio do terremoto fizesse consumir muitos dos seus documentos, mas accrescentamos a circumstancia das que padeceram ruina, e perda em tão grande fatalidade, men-

cionando tambem o estado, que actualmente conservam, com os mais templos adjacentes dentro dos seus limites.

1—*Nossa Senhora da Ajuda*

Considerada presentemente a vasta extensão de Lisboa, já esta freguezia não é reputada suburbana, mas antes se julga inclusa dentro dos limites da cidade, por cuja causa na solemnissima procissão do Corpo de Deus se manda concorrer, e emparelhar a sua cruz com as outras da corte, não obstante afastar-se do centro, e coração d'ella uma legoa para o poente na eminencia de um sitio aprasivel.

Não ha no cartorio d'esta igreja noticia da sua primeira origem, porque os mais antigos livros dos assentos dos bautizados discorrem desde o anno de 1592, e já no de 1587 havia n'ella irmandades, como bem se collige de uns paineis de azulejo, que ainda permanecem nas paredes da igreja, onde se declara serem feitos no dito anno, e pertencerem um á irmandade de S. Vicente, outro á do Santo Nome de Jesus, outro á da Senhora da Ajuda, e a mesma inferencia de antiguidade se póde fazer por algumas antigas sepulturas, que aqui se conservam.

No alpendre da igreja, defronte da porta principal, está um monumento de pedra antiquissimo mettido no vão da parede com suas columnas, e por detraz da dita sepultura fórma um painel de marmore, em que se vê gravado um elmo, e uma espada com as letras abertas na mesma lapida, que dizem: *Ja fuy home, hoje sua terra.*

Quando em 20 de agosto de 1663 se tiraram d'esta igreja as campas de pedra para se porem outras de taboas, o padre Clemente de Seixas, capellão de Nossa Senhora, teve a curiosidade louvavel de copiar em um livro de quarto, que se conserva ainda no cartorio, os letreiros, que estavam esculpidos nas ditas campas, onde entre outros se lê um de uma sepultura, que estava no alpendre d'esta igreja, e dizia: «Sepultura do Capitão Bartholomeu Ferraz de Andrade, Coronel que foy no Reino de Infantaria do esclarecido Rey D. João III, e de Isabel de Oliveira sua mulher, e de seus descendentes, e herdeiros. 1550.

Em umas memorias m. s. que vimos do desembargador Francisco Monteiro Leiria, extrahidas do cartorio do Senado de Lisboa, d'onde era vereador, encontrámos uma celebre petição feita ao Cabido de Lisboa aos 8 de março de 1550, que declara, e serve muito ao intento, e é do teor seguinte: «Diz Bartholomeu Ferraz de Andrade, Coronel nestes Reinos de Portugal, que elle tinha vivido neste mundo mais do que esperava viver, no qual tempo que assim viveo, correo grande parte delle trabalhando por ganhar honra, e fama de suas obras, por ficar delle memoria aos que delle descendessem: e como quer que sempre foy ajudado do Senhor Deos, e da Virgem Maria sua Madre, queria ordenar a casa, e morada donde havia morar para sempre, etc.» O despacho do

Cabido foi: Que havendo respeito á sua muita nobreza, e virtude lhe dá o jazigo dos alpendres de Nossa Senhora da Ajuda.

Do referido se collige bem a antiguidade da igreja; porem quanto á dignidade paroquial, suppomos que seria erecta pouco depois do anno de 1551, porque neste tempo, em que imprimio Christovão Rodrigues de Oliveira o Summario das cousas de Lisboa, ainda lhe não dava o titulo de paroquia, mas só de ermida annexa á Sé.

O paroco teve o titulo de cura, hoje logra o predicamento de reitor, e o apresenta como donatario o eminentissimo Cardeal Patriarca. Tem de rendimento certo um moio de trigo, um quarto de vinho, e cinco mil réis em dinheiro cada anno. O incerto é o chamado pé de altar, que unido tudo renderá quatrocentos mil réis. Satisfaz-se o rendimento certo por ordem dos reverendos conegos camararios da Basilica de Santa Maria, que são os fabricanos d'esta igreja, por perceberem parte dos dizimos da freguezia.

Ha na igreja cinco capellanias: uma da irmandade de Nossa Senhora da Ajuda em domingos, e dias santos, com a congrua de trinta mil réis: outra da mesma irmandade instituida por Domingos da Costa Belem de missa quotidiana com sessenta mil réis. As tres são da irmandade das Almas, de esmola cada uma de sessenta mil réis. Tem mais a irmandade do Santissimo, e quasi extinctas a do Menino Jesus, e a de Santo Antonio.

Comprehendem-se nesta freguezia os sitios de Alcantara, a quem fertiliza a sua ribeira, Alcolena, Santo Amaro, Nossa Senhora da Ajuda, Belem, chamado antigamente o surgidouro de Rastello, Bom-Successo, Cazellas, Junqueira, Monsanto, Oliveiras, Pedrouços, Pimenteira. E como ha notavel distancia de uns a outros, tem esta paroquia distribuido, e destinado com piedosa providencia tres depositos, ou sacrarios, para se administrarem os sacramentos aos freguezes mais commoda, e promptamente. Um está na igreja Matriz, outro no real convento de Belem, outro no mosteiro das Flamengas de Alcantara, de cujos sacrarios se tem já sacramentado algumas Pessoas reaes, como foram o senhor rei D. Pedro II no anno de 1706, a senhora infanta D: Maria Anna em 27 de julho de 1752, a serenissima rainha D. Maria Anna de Austria em 24 de julho de 1754, e ultimamente o serenissimo infante D. Antonio, que em 2[illegible] de outubro de 1757 faleceu na quinta da Tapada com grande saudade de todos.

Como pelo terremoto passado não padecesse esta igreja ruina alguma, e sua magestade fidelissima desejasse ter junto á sua real pessoa a consolação espiritual dos officios divinos, mandou que por ministros da Santa Igreja patriarcal se désse principio a elles nesta paroquial de Nossa Senhora da Ajuda em Vespera da Conceição da Virgem, do mesmo anno de 1755.

No [illegible]seguinte desceu elrei á igreja com toda a corte, assistindo a

rainha, princeza, e infantas no coro alto da mesma igreja como em tribuna. Succedeu na manhã d'este mesmo dia ao tempo da missa um tremor da terra, que fez assustar grandemente a todos os circumstantes, de que procedeu mandar elrei, que se abreviasse a construcção da sumptuosa barraca, ou casa de campo regia de madeira, a qual se andava fazendo junto d'esta paroquia para habitação interina das magestades.

Concluido com toda a diligencia este novo, e espaçoso aposento, se transferiram para elle as magestades fidelissimas, e mais pessoas reaes desde as magnificas tendas de campanha, que haviam mandado armar por occasião do grande terremoto do primeiro de novembro em uma das suas quintas de Belem, onde residiam. A primeira função, que se celebrou nesta nova, e regia morada, foram as primeiras Vesperas do Natal do mesmo anno de 1755, assistindo elrei na tribuna da capella, que se fez da parte da epistola.

Transferiu-se tambem para esta nova capella real o Sacramento da paroquia, d'onde o administra o reitor d'ella aos seus freguezes, não sendo pessoa real a que communga. Todos os mais actos paroquiaes se celebram na igreja de Nossa Senhora da Ajuda; e supposto que na regia barraca se vê tambem a fonte bautismal, ella não serve mais que para as funções dos sabbados de Alleluia, Pentecoste, e bautismos de filhos de criados.

Havia aqui coro todos os dias ordinariamente rezado pelos capellães, e cantado nos dias solemnes, domingos, e dias santos; celebrando-se a liturgia pelos ministros da patriarcal: sendo que os que sua magestade nomeou para officiarem alli quotidianamente, foram quatorze capellães, nove musicos, um mestre de ceremonias para assistir sómente ás missas, e vesperas solemnes; quatro moços de capella, e um thesoureiro, que tambem serve de altareiro. Mandou-se fazer mais uma torre de madeira totalmente separada da paroquia, na qual se collocaram quatro sinos, que o arcebispo de Lacedemonia sagrou, e lhe assistiram conegos da Basilica, fazendo-se esta função dentro da mesma barraca, assistindo sua magestade na tribuna.

Sempre que elrei tem de assistir publicamente na igreja com a corte (que é em todos aquelles mesmos dias, em que o costumava fazer na patriarcal) o vem servir um principal em habito ordinario de murzeta, e manteleta. A' entrada da porta lhe lança agua benta, e assiste a toda a função, tendo o seu lugar em banco de espalda, cuberto de raz, situado da parte da epistola bem defronte do throno real. Administra tambem a sua magestade o livro dos Evangelhos para o beijar, depois de ser cantado pelo diacono: elle o incensa, e no tempo da paz, a vai receber do celebrante da missa, e a communica por amplexo a sua magestade, e altezas.

Nos dias das Candeas, e palmas, depois que o principal dá a véla, ou palma ao celebrante, logo immediatamente se retira ao seu lugar;

porque, primeiro que elle, a vão receber elrei, e mais pessoas reaes: porem no dia de Cinza, exercita sua magestade o acto de humildade, indo recebel-a depois do principal: e pela mesma razão em Sexta feira Santa depois do principal adorar a cruz, unido juntamente com o celebrante, então é que sua magestade, e altezas a vão adorar. Toda esta formalidade, que em a nova regia capella se pratica respectiva ás funções liturgicas, é para supprir d'este modo na occasião presente o pio intuito do magnanimo fundador, em quanto outra vez materialmente se não incorpora ao palacio regio a metropoli patriarcal, como fora supplicada, e concedida pelos summos pontifices.

Dentro dos limites d'esta paroquia existem os templos seguintes:

Convento—Nossa Senhora de Belem. De religiosos de S. Jeronymo. É edificio nobilissimo, e magestoso, onde, como bem diz Manoel de Faria, (1) se vê acompanhada a grandeza de curiosidade, de arte a arquitectura, e de preço a materia. Fundou-o junto do mar, não muito distante da foz do Tejo, elrei D. Manoel no anno de 1499, que elrei D. João III seu filho ampliou com igual magnificencia, confórme expressam os disticos latinos compostos pelo mestre André de Resende, que estão gravados em pedra por cima da portaria do convento, e dizem:

Vasta mole sacrum Divinæ in litore Matri
Rex possuit Regum Maximus Emmanuel.
Auxit opus hæres Regni, et pietatis uterque
Structurâ certant, religione pares.

Nesta grande igreja estão depositados os corpos de muitas pessoas reaes, que declaram as inscripções dos seus tumulos. Havia resistido fortemente este soberbo edificio ao terremoto geral do primeiro de novembro de 1755; mas como ficou abalado, e lhe não applicaram reparos convenientes para sua maior segurança, no mez de dezembro do seguinte anno cahiu a abobeda da igreja, e se arruinaram muitas das suas partes. Defronte d'esta sagrada, e real fabrica, dentro da agua, fez edificar o mesmo rei D. Manoel da parte do norte uma torre de estructura quadrada, e magnifica, munida com duas batarias alta, e baixa para defender não só o convento, mas a entrada do porto de Lisboa. Novamente se vê aqui nas margens do Tejo um formoso, e espaçoso caes, que no anno de 1753 mandou fazer o fidelissimo rei D. Joseph I para commodo melhor do desembarque, e para adorno da casa regia de campo, que alli ha.

Mosteiros—Nossa Senhora do Bom-Successo. De religiosas dominicas irlandezas junto a Pedrouços. Teve principio a sua fundação no anno

(1) Faria sobre a estanc. 87 do cant. 4. de Cam. Veja-se tambem a Damião de Goes na Chron. delrei D. Manoel part. 1. cap. 53 e part. 4. cap. 85 Carvalho na Corografia Portug. tom. 3. p. 665. Colmenares nas Delicias de Portug. tom. 4. p. 766. e a 2. part. da nossa Recreação Proveitosa p. 116.

de 1626, e se clausurou no de 1639, para cujo dispendio concorreu a condessa de Atalaya D. Iria de Brito com o fim de ser para religiosas de S. Jeronymo, que depois pelo patrocinio da rainha D. Luiza de Gusmão, e diligencia do seu confessor fr. Domingos do Rosario dominico, veio a servir para as religiosas irlandezas. São sujeitas immediatamente ao geral de S. Domingos, e por commissão ao reitor do collegio de Nossa Senhora do Rosario dos irlandezes, situados ao Corpo Santo. A pequena ruina, que lhe fez o terremoto, se acha reparada.

Calvario.—De Religiosas Observantes Franciscanas, que fundou no anno de 1617 defronte do palacio de Alcantara D. Violante de Noronha, mulher de Manoel Telles de Menezes. Totalmente ficou este mosteiro arruinado, e abatido, perecendo nas suas ruinas vinte e duas religiosas, quatro recolhidas, e seis serventes. As poucas, que escaparam, foram algumas para o mosteiro, que lhe fica defronte, chamado das Flamengas, e outras para as casas de seus parentes.

Nossa Senhora da Quietação. De Religiosas Descalças da primitiva Regra de Santa Clara, chamadas vulgarmente Flamengas; porque as fundadoras fugindo da perseguição dos Calvinistas dos Paizes baixos de Alemanha, vieram refugiar-se a este reino pelos annos de 1582, em tempo, que governava elrei Filippe II, o qual mandando-as recolher primeiramente no mosteiro da Madre de Deus, e depois na ermida de Nossa Senhora da Gloria, passaram ultimamente para este mosteiro de Alcantara no anno de 1586, em cujo tempo se tinha acabado de edificar por dispendio do mesmo rei. Não teve este mosteiro ruina consideravel, e a que padeceu, se acha reparada.

Ermidas—Nossa Senhora dos Afflictos, e Santo Christo. Na quinta do principal D. Lazaro Leitão, situada na Junqueira. Padeceu muito pouco pelo terremoto.

Santo Amaro. Na eminencia de um monte de excellente vista. Sobe-se por uma bem lançada escada de pedraria com espaçosos taboleiros. A construcção da igreja mostra antiguidade, e d'ella faz menção Christovão Rodrigues de Oliveira, que escreveu no anno de 1551. Foi uma das que escaparam felizmente ao terrivel destroço do terremoto. Defronte d'esta igreja, para a parte da marinha, existe um palacio dos excellentissimos Saldanhas, no qual havia um espaçoso jardim em terrapleno tão mistico da praia, que as aguas da visinha ribeira lhe estão pelas marés batendo nos muros. Compunha-se, alem da excellente horta, de copados arvoredos frutiferos, e silvestres quasi sempre frondosos. Toda esta viçosa, e verde formosura, se vio lastimosamente no dia do terremoto desfeita, e desfigurada; porque embravecidas, e alteradas as aguas do mar visinho, rompendo o freio das praias ao primeiro estremecimento da terra, avançaram, desfizeram, e salmouraram tudo em breves minutos; introduzindo-lhe dentro pasmosamente com a resaca das ondas grandissimos mastros de navio.

Nossa Senhora da Annunciação. Na deliciosa quinta, e palacio de Diogo de Mendoça Corte-Real. Tambem ficou intacta.

Santo Antonio. Na quinta de Antonio Joseph Diniz de Ayala no sitio de Oliveiras.

Nossa Senhora da Conceição. Na quinta do duque de Cadaval no lugar de Pedreuços.

Nossa Senhora da Conceição. No lugar de Belem na travessa da Horta, instituida pelo padre Joseph da Silva de Carvalho, clerigo secular, e tio do administrador actual Joseph da Silva Pinto.

Nossa Senhora da Conceição. Na Fabrica da Polvora. Não padeceu ruina consideravel.

Nossa Senhora da Conceição. Na quinta, que foi do elegante, e erudito D. Francisco Manuel de Mello na ribeira de Alcantara. Ficou isenta de ruina.

Nossa Senhora da Graça. Na quinta de Joseph da Cunha de Araujo no lugar de Cazellas.

S. Joaquim, e Santa Anna. Na quinta do marquez de Abrantes em Alcantara. Esta ermida, que não padeceu com o terremoto o minimo abalo, ou ruina, está edificada segundo o gosto moderno da arquitectura. Consta de tres altares ornados com excellentes pinturas do nosso insigne lisbonense Francisco Vieira. Tem muitos, e preciosos paramentos summamente asseados, e taes que puderam bastantemente supprir a indigencia, em que se viu a Santa igreja patriarcal no principio da sua destruição, e incendio: porque estabelecendo-se aqui, como já dissemos, por benigno consentimento dos excellentissimos marquezes seus padroeiros, acharam os ministros da santa igreja commodo, e agazalho tão amplo, que os nossos maiores elogios não são bastantes para engrandecer a nobreza de animo, e piedade com que alli fomos recebidos.

S. João Bautista. Nas casas de João Jorge na Junqueira. Ficou sem damno, e sempre n'ella se celebrou.

Nossa Senhora da Nazareth. Na quinta de Gervasio do Couto na Pimenteira.

Nossa Senhora do Populo. Na quinta que foi do dezembargador Joseph Finza Correa em Alcantara. Não teve ruina.

Nossa Senhora do Livramento, e S. Joseph. Esta igreja se começou a erigir em Belem no sitio que fica entre a quinta do meio, e a quinta de cima, onde está o real palacio, lugar em que a magestade fidelissima de D. Joseph I em a funestissima noite de 3 de setembro de 1758 escapou milagrosamente de dous execrandos tiros de bacamarte, com que lhe queriam tirar a sua vida estimadissima varios socios conjurados para tão horrivel insulto. Agradecido a tão especial favor de Maria Santissima, e seu casto esposo S. Joseph, quiz sua magestade que ficasse tão efficaz patrocinio perpetuamente memoravel na erecção deste templo, cuja primeira pedra, que era de marmore branco, e de palmo

e meio em quadro, tinha em as duas faces oppostas as inscripções seguintes:

JOSEPHUS I
LUSITANIÆ REX
Fidelissimus
Deiparæ Liberatricis
Protectione
III. Nonas Setembris Anni MDCCLVIII
Hic inter densos globos plumbeos
Sospes evadens
Conjuratorum insidias
In eum
Gemina scloporum displosione
Irruentium
Templum hoc
In perpetuum tanti beneficii
Monumentum
Ædificari fecit

Da outra parte dizia assim:

✠
Hujus Templi in honorem
Dei, et Beatissimæ Virginis Mariæ
Liberatricis, ac ipsius Sponsi
Sancti Joseph dicandi
Lapidem hunc primum
In fundamentum
Ab ipso Rege delatum
Benedixit, ac imposuit
Emus D. Franciscus I
S. R. E. Cardinalis de Saldanha
Patriarcha Lisbonen.
Summo Pontifice Clemente XIII
Die III Septembris
Anno Domini M. DCC. LX
Post terræmotum V.

Esta pedra fundamental, que estava em uma padiola sobre uma credencia foi levada solemnemente por elrei assistido do senhor infante D. Pedro, o senhor D. João, e o marquez de Angeja, e depois que o patriarca lançou sobre ella a benção com toda a cerimonia conforme o pontifical romano, tornou elrei, e os mais senhores a caminhar com ella processionalmente assistido de toda a corte, e collegio dos principaes, e capella real, e chegando até o lugar do alicerse, n'elle se col-

locou a pedra, e alli lançou o esmoler mór doze medalhas, seis de ouro, e seis de prata de varios lotes. As maiores, que eram de ouro pezava cada uma 32$000 réis: as do lote mediano 39$000 réis: e as do ultimo lote 26$000. O seu feitio tambem era de tres qualidades, porque umas tinham de uma parte em perfil o retrato de sua magestade, e ao redor esta letra, *Joseph I Portugalliæ Rex*, e no reverso: *B. V. Mariæ Liberatrici, et S. Joseph Protectori suo accepti beneficii monumentum posuit an. Domini MDCCLX.* Outras tinham as imagens de Nossa Senhora do Livramento, e S. Joseph, e por baixo esta letra: *A' periculis cunctis libera nos*: e no reverso em relevo o frontispicio, que ha de ter a nova igreja, e ao redor: *Accepti beneficii hoc posuit monumentum*, e em baixo: *An. Dni MDCCLX.* As outras tinham de uma parte as armas reaes, e em circulo: *Josephus Portugalliæ, et Algarbiorum Rex anno regni sui X.* No reverso a planta da nova igreja, e em roda a seguinte letra: *In honorem B. V. M. Liberatricis, et S. Joseph fundavit Bethlem anno Domini MDCCLX.*

Constava esta freguezia, antes do terremoto, de seiscentos fogos. Presentemente se tem augmentado o seu numero, pelo muito povo, que para este sitio concorreu, onde se tem edificado innumeraveis barracas em o terreno baldio. As suas ruas são as seguintes:

Ruas, e travessas —Em Alcantara, rua Direita, rua da Cruz, e da Tapada: travessa das Fontainhas, dos Fornos, das Pedreiras, do Principe, do Quebracostas. Em Belem, rua Direita, travessa das Brazias, ou de Manuel de Faria, do Ferreiro, da Horta, do Guarda mór, da Praça, do Serralheiro.

Freguezias confinantes—A de Santos, Santa Isabel, Senhora do Amparo em Bemfica, S. Romão de Carnexide.

II— *Santo André*

Esta freguezia é das antigas da cidade, e foi do padroado real: porém elrei D. Diniz em o primeiro de agosto de 1286 fez doação d'elle a Ayres Martins, e a sua mulher Maria Esteves, attendendo não só aos merecimentos do dito Ayres Martins, que foi escrivão da Puridade, e seu vice-Chanceller, mas ás supplicas do bispo de Lisboa D. João Martins de Soalhães, que era seu particular amigo. (1)

Passados alguns annos, vendo os padroeiros, que era muito tenue a renda, que a igreja tinha, e não menos a falta de ministros para o culto Divino, doaram á mesma igreja o direito do padroado, e juntamente as fazendas, que possuiam na Azoya, freguezia de Santa Iria, para que houvessem mais dous capellães, ou raçoeiros, que com o reitor rezassem em coro as Horas Canonicas, e vivessem em communidade, determinando, que assim que vagasse algum beneficio, o podesse apresentar

(1) Brandão na Monarquia part. 5. liv. 16. cap. 61.

logo o reitor com o beneplacito dos mais raçoeiros: e falecendo o reitor, os ditos raçoeiros elegessem de entre si um d'elles no espaço de seis dias immediatos ao seu fallecimento: e não concordando na eleição dentro do dito tempo, ficaria devoluta ao reitor do convento de Santo Eloy d'esta cidade para o nomear dentro de outros seis dias: e não o fazendo, poderia então o prelado maior, ou o seu vigario geral eleger prior, com tanto que fosse sempre um dos taes raçoeiros. (1)

Esta formalidade de eleição ainda hoje se pratica, e d'ella ha exemplos antigos, e modernos. No anno de 1439 vagando o priorado d'esta igreja, e elegendo os beneficiados prior, como era costume, se oppoz o procurador da coroa d'elrei D. Affonso V, pretendendo, e allegando que ao rei tocava a apresentação, por ser igreja do seu padroado: e correndo litigio, obtiveram os beneficiados a sentença a seu favor, que se guarda no cartorio da igreja, e se confirmou por outra resolução da sagrada Rota em o primeiro de Fevereiro de 1602, a instancias do doutor Ambrosio Cardoso, prior d'esta paroquia.

O rendimento d'este priorado, e reitoria, tirando a terça do prelado, se regula uns annos por outros em quatrocentos até quinhentos mil réis; advertindo, que esta renda é attendendo a dous beneficios, que por Bulla de Alexandre VI se annexaram ao priorado desde o anno de 1496. Ha n'esta igreja cinco beneficios, de que é donatario o mesmo prior, e rende cada um cem mil réis. Antigamente não só dava o prior os beneficios, mas tambem collava n'elles aos beneficiados na presença de um Notario apostolico, de cujos actos ha no seu cartorio bastantes documentos. A negligencia, ou dissimulação de algum prior deixou perder esta regalia, em que se introduziram depois os prelados d'esta diocese.

Acham-se instituidas n'esta igreja cinco capellanias: a primeira, de que é capellão, e administrador o prior, instituiu Aires Martins, e sua mulher Maria Esteves, padroeiros, com o titulo de Santo Ambrosio, e com Missa quotidiana, que hoje se acha na esmola de tostão, mas tem casas de residencia. Junto ao altar d'esta capella estão sepultados a dita instituidora, e seus filhos; e da inscripção da mesma sepultura consta, que seu marido, e padroeiro Aires Martins, indo visitar os lugares santos de Jerusalem, morrera no caminho.

A segunda capella instituiu o beneficiado, que foi d'esta igreja, Martinho Domingues na capella de Nossa Senhora da Vida com a esmola ordinaria de seis vintens. São seus administradores, e donatarios o prior, e beneficiados. A terceira instituiu na mesma capella um prior, que foi d'esta igreja chamado Bartholomeu Vaz de Lemos, com obrigação de Missa cantada em todos os sabbados: anda a administração d'ella na casa, e morgado de João Pedro de Noronha Soares.

Instituiu a quarta capella Antonio Alvares Malheiros com Missa quo-

(1) Santuar. Marian. tom. 7. pag. 73.

tidiana na capella de Nossa Senhora da Conceição de esmola de trinta e cinco mil réis, que hoje se acha reduzida a meio annal de Missas, e é seu administrador Jeronymo Leite Malheiro Pacheco. A quinta é a do Senhor Jesus da Pobreza, e Almas, erecta ha pouco tempo por uma nova irmandade, que fabricou esta capella no vão, que servia de porta travessa da igreja, e tem um capellão, que lhe diz Missa todos os domingos, e dias santos do anno, a quem se dá cincoenta mil réis.

A padroeira instituiu mais n'esta igreja sete mercieiras, que hoje se acham reduzidas a quatro por Bulla de Xisto V desde o anno de 1586. Tem casas em que vivem, e cada uma cincoenta e dous alqueires de trigo cada anno; duzentos e cincoenta réis em dinheiro cada mez, dez tostões para manto, trezentos réis para çapatos, dous tostões para o jantar da Pascoa, e outros dous para o do Natal, e um pote de azeite. Provê estas mercearias o prior em mulheres donzellas honestas, e recolhidas, ou viuvas de bom procedimento, preferindo sempre as que tiverem tido bens de seu, e se acharem reduzidas a pobreza. Dispoz mais a padroeira, que no fim de Laudes, e Vesperas se lhe rezasse no coro um Responso; e em dia da Commemoração dos defuntos se distribuisse pelos pobres, e necessitados um saco de pão, a que tudo se tem dado cumprimento.

Com o lamentavel successo do terremoto passado cahiu todo o corpo da igreja até á porta, a qual ficando com as ruinas entulhada, a gente que estava dentro escapou toda felizmente, retirando-se pela serventia, que tem o prior para as casas da sua residencia. Ficou todavia livre a capella mór, o cruzeiro, a sacristia, e as duas capellas de Santo Ambrosio, e a da Senhora da Vida, que é imagem milagrosa, e de muita devoção, a qual passados tres dias foi tirada a todo o risco por certos devotos, que a foram collocar em um altar da igreja do Menino Deus, que está perto, para onde foi tambem conduzido o Divinissimo Sacramento. Alli esteve até que o prior mandando fazer á sua custa, e dos beneficiados uma decente accommodação de madeira dentro da mesma igreja paroquial, e na parte que não teve ruina, fez restituir outra vez o Sacramento, e a imagem da Senhora immaculada, collocando-a no altar mór, e deu principio aos Divinos officios em dia da Conceição da Virgem, no mesmo anno, com uma solemne Missa cantada em acção de graças. N'este estado se acha a igreja, e se vão continuando n'ella os officios ecclesiasticos com o decoro possivel.

Tem dentro do seu territorio.

Convento—Nossa Senhora da Graça. De religiosos eremitas de Santo Agostinho, templo de uma nobre, e magestosa fabrica, elevada sobre a eminencia de um sitio chamado em outro tempo Almofala, que ultimamente reedificara o veneravel fr. Luiz de Montoya no anno de 1556. O author da Corografia Portugueza no tom. 3. pag. 357, largamente o descreve. Entre todas as suas partes mais memoraveis, será sempre di-

gna de attenção a singular tribuna, com o seu preciosissimo cofre, deposito do Santissimo Sacramento. Prenda composta de muitas dadivas, para as quaes concorreram o arcebispo de Goa D. fr. Aleixo de Menezes, o de Hiponia D. fr. Antonio Botado, e Filippa de Vilhena, mulher do grande vice-rei da India Affonso de Albuquerque. Igual apreço se deve fazer da capella do Senhor dos Passos, cuja imagem de Christo com a Cruz ás costas, é da maior veneração, e respeito que tem esta corte, e talvez o reino. Merece tambem especial memoria a primorosa sacristia, na qual se fazia admiravel o mais rico, e decente deposito dos vasos, e reliquias sagradas, para cujo dispendio, e ornato contribuiu muito o precioso movel de Mendo de Foyos Pereira, secretario de estado delrei D. Pedro II. Não menos é attendivel a excellente biblioteca, onde se numera uma grande, e escolhida collecção de volumes de todas as faculdades, e bellas letras, impressos, e manuscritos.

Padeceu muito este edificio com o grande terremoto, especialmente a igreja. Apontaremos em summa as partes mais consideraveis da sua ruina. Sendo o coro della um dos melhores da corte, e estando os religiosos n'elle cantando Terça para se entrar á missa conventual, ao segundo Psalmo começou a abalar-se tudo com um vehementissimo tremor: sahiram os religiosos a toda a pressa, quando de improviso cahiu o tecto, e logo o plano com tanta violencia, que a imagem de um crucifixo, collocada junto ás grades do dito coro, se fez em pedaços, e se lhe foi achar a cabeça na capella mór, que é uma grande distancia. Aqui se destruiu totalmente não só todo o ornato do coro, mas tres admiraveis orgãos, que n'elle estavam, fazendo-se mais sensivel a perda do maior, por ser antigo, e por ter umas vozes suavissimas, a que talvez não igualasse outro algum da cidade.

Depois do coro cahiu a capella mór, mas ficou livre toda a sua grande tribuna, e n'ella o Santissimo Sacramento, que estava recluso no precioso e singular cofre. Logo cahiu o tecto do cruzeiro, e o da igreja com seus altissimos gigantes, exceptuando um, que com admiração de todos ficou sustido em uma pequena parte da sua base, dando nisso a inferir-se, que o movimento do terremoto fora provavelmente o de pulsação. Deve aqui notar-se, que sendo as paredes mestras da igreja fabricadas sem alicerses, conforme a santa idéa do veneravel Montoya, que nas Cruzes que mandou distribuir, e collocar pela ultima cimalha, dizia estava toda a firmeza d'aquella maquina, foi cousa prodigiosa, que nenhuma d'ellas teve agora ruina, ficando firmes como d'antes; excepto a parede do frontispicio, que sem embargo de ser mais forte, por ser feita posteriormente ao veneravel padre, se arruinou.

Quasi todas as capellas do corpo da igreja padeceram igual ruina com mais, ou menos damno. As duas collateraes do cruzeiro ficaram totalmente destruidas; porém as suas sagradas imagens com felicidade

se descobriram, e recuperaram. Eram ellas a sempre veneravel do Senhor dos Passos, que ficando dentro da sua tribuna opprimida com o pezo da parede, que sobre ella cahiu, foi extrahida pela nobre, e pia diligencia de alguns grandes da corte, suggeridos do empenho, e devoção do nosso monarca fidelissimo. A outra imagem era a prodigiosa da Senhora da Graça, cujo corpo sendo coberto de prata primorosamente lavrada em tempo, e por obsequio da infanta D. Maria, filha do senhor rei D. Manuel, se achou todo desfeito: porém a cabeça, e as mãos sem macula consideravel: devendo-se á piedade do illustrissimo monsenhor Joseph Francisco de Mendoça, que muito se preza de ser seu afilhado, a nova reforma do corpo da senhora, que hoje se vê caprichosamente estofado.

Estas duas imagens se acham já expostas á publica veneração dos fieis; participando tambem do mesmo culto a imagem veneranda, e prodigiosa do Santo Christo crucificado, que ao veneravel padre Montoya vieram offerecer dous mancebos quasi mysteriosamente. Esta descoberta de entre as ruinas sem lezão reputavel, por diligencia do excellentissimo bispo do Porto D. fr. Antonio de Sousa, se collocou em uma bem ornada capella, que elle lhe mandou edificar no antecoro, que de presente tem o convento, e depois se trasladou para a capella do Sacramento.

A nobilissima sacristia com o seu notavel Santuario tambem se arruinou, caindo não só o tecto, mas a parede, que a dividia da capella mór; e com esta o altar, em que se conservavam as mais preciosas reliquias. D'estas se acharam muitas em seus lugares: taes foram seis corpos de prata dos Santos Apostolos, e de Santo Agostinho, Santa Monica, os Santos Lenhos, a cabeça de Santa Christina, e outras nos seus cofres tambem de prata: entre estas se achou sem damno algum a cana de um braço do glorioso Martyr S. Vicente, que agora se faz mais estimavel, por ser a unica reliquia notavel, que existe do corpo do Santo, depois que no grande incendio, de que participou a basilica de Santa Maria, se reduziu lastimosamente a cinzas o tumulo, e o cofre, em que se achava depositado: Conservam os religiosos esta reliquia de tempo antiquissimo, e como testemunho certo, e invariavel da antiguidade do seu convento. (1)

Appareceu tambem debaixo d'aquellas ruinas a grande e preciosa Cruz, donativo que fez a este convento o illustrissimo D. fr. Aleixo de Menezes; e sem embargo de se achar com bastantes quebras, e muitas

(1) Fundam-se na memoria da Trasladação do invicto Martyr, feita por Estevão, chantre da mesma Sé, e coetano, a qual se transcreve no Appendix da 3. p. da Monarq Lusit Escritur. 25., onde se leem estas palavras: «Currunt igitur praenominati Regulares aliquid de Reliquiis pretiosi Martyris petituri.» D'onde se infere, que os taes religiosos eram Eremitas de Santo Agostinho: pois que entre elles se acha de tempo immemorial uma tal reliquia do Santo Martyr, que elles pediram com tanta efficacia, e justiça; e é crivel ser esta a que se lhes deu então.

de suas pedras preciosas, sacudidas d'ella com impulso da ruina, quasi todas se descobriram, excepto um diamante de maior grandeza, e algumas outras pedras mais miudas, que não appareceram. Acha-se tadavia tão rico, e veneravel instrumento da Redempção humana já concertado, e restituido á sua antiga fórma. Os ornamentos, e mais prata da sacristia tudo se salvou, ainda que esta pela maior parte bastantemente damnificada; porém aquelles se preservaram de todo o risco, por causa dos fortissimos caixões, em que se guardavam. O que se faz sensivel é destruir-se totalmente a maravilhosa pedra, que estava no meio da sacristia, onde se collocavam os calices; porque não so era estimavel pelo precioso da materia, mas pelo exquisito debuxo de seus marchetados, e embutidos: os calices porém supposto ficarem todos amassados, já se acham restituidos á sua antiga fórma, e dourados de novo.

O claustro grande, sendo todo fabricado de cantaria, padeceu grandissimo abalo em suas abobedas, e cahiu quasi toda a cimalha real, e os balaustres com seu corrimão, que formavam as varandas por cima d'ella. A formosa casa da livraria com suas estantes de grande custo, e o dormitorio do noviciado, que ficava por baixo, tudo se arruinou; porém o incansavel zelo, e desvelo do excellentissimo bispo do Porto, provincial, que então era, acodindo prompto ao desentulho, fez com que os livros não padecessem damno consideravel, e lhe destinou a casa da livraria velha, que fica por cima do capitulo, para sua mais segura residencia, mandando reedificar tambem o dormitorio do noviciado: fez examinar por architectos a torre dos sinos; mas por estarem todas as suas pedras gateadas de ferro, desenganaram os mestres que tinham a segurança precisa, posto que o sentimento, que fizeram as suas obras mortas, e adjacentes, causasse susto ao principio.

Em todo este lamentavel catastrofe ficaram comprehendidos dous religiosos, que estavam no confessionario, o padre M. fr. Marcos de Santo Antonio, e o definidor fr. Alberto de Brito. Vendo em fim os religiosos, que as suas forças não podiam chegar ao reparo, e reedificação de tão magnifico edificio; porque constando, que semelhante obra custara ao veneravel padre fr. Luiz de Montoya, em tempo que tudo era mais barato, sessenta mil cruzados, e agora seriam precisos mais de seiscentos, tomaram resolução de formar igreja na casa grande entre o claustro e portaria, a qual tem adornado com cinco altares, e sua quadratura, em que celebram os officios divinos com toda a decencia.

Ermida — O Senhor dos Passos. Na calçada, que vae para a Graça, a qual administra a irmandade do Santissimo da freguezia.

Constava esta freguezia antes do terremoto de cento, e quarenta fogos, e numerava setenta moradas de casas, em que habitavam quinhentas e cincoenta pessoas. Depois do terremoto acham-se duzentos e treze fogos, e setecentas cincoenta e sete pessoas. Este augmento é cau-

sado de algumas propriedades de casas, que de novo se fizeram junto ao sequeiro chamado da Graça. Distribuem-se pelas seguintes:

Ruas, e becos—Adro da igreja, rua Direita, rua dos Cegos, beco dos Froes. beco da Lage. calçada do Convento da Graça.

Freguezias confinantes. Santa Marinha, S. Thomé.

III—*Nossa Senhora dos Anjos*

É esta freguezia filial da de Santa Justa, que o cardeal arcebispo D. Henrique desanexou d'ella, por ser grande o seu districto, estabelecendo-a na ermida de Nossa Senhora dos Anjos, que depois se ampliou com o dinheiro produzido de cinco por cento dos alugueres das casas existentes na mesma paroquia em tempo d'el-rei Filippe IV. O paroco tendo sómente titulo de cura, o eminentissimo cardeal patriarca D. Thomaz de Almeida o collou em o predicamento de reitor, cuja reitoria lhe renderá setecentos e cincoenta mil reis.

N'esta igreja ha uma collegiada de onze capellães com sessenta e quatro mil réis de congrua annual cada um, e é seu donatario, e administrador D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho. Ha mais a irmandade do Santissimo com dous capellães, a das Almas com quatorze, a de Nossa Senhora da Conceição com um: a confraria dos Anjos com um, e a de S. João Bautista com outro.

Por causa do terremoto ficou esta igreja arruinada, e assim o paroco transferiu o Sacramento para a ermida do dezembargador Alexandre Metello no Campo do Curral, onde existiu por alguns annos. A mesma destruição experimentaram muitas propriedades de todo este territorio; das quaes umas já estão reparadas, outras jazem na mesma ruina. Dentro dos limites d'esta paroquia desde as portas do paço da rainha, ou Bemposta até Arroyos, e dentro do olival de Nossa Senhora do Monte se fizeram de novo varios abarracamentos fabricados uns de madeira, e tabique, outros de pedra, e cal, para habitação de muita gente, que para alli veio fugindo ao incendio, e destroço do interior da cidade.

Estão edificados na circumferencia d'esta freguezia os seguintes:

Conventos—Nossa Senhora do Desterro. De religiosos Bernardos, fundado no anno de 1591, segundo consta de uma inscripção aberta em pedra, que se vê collocada no claustro velho, a qual transcreve o auctor do *Santuario Mariano em o tom.* 1. pag. 289. Ordinariamente assistem aqui poucos religiosos. No anno de 1750 foram levados a occupar este convento os doentes do hospital real, que em 10 de agosto do dito anno se viu reduzido a cinzas com um deploravel incendio. Fizeram-se as accommodações precisas para todos á custa da fazenda real, com que a grande piedade do fidelissimo rei D. Joseph I mandou benigno soccorrer o seu desamparo. Aqui estiveram até o anno de 1751, em que vol-

taram para a enfermaria de S. Camillo, que foi a que sómente escapou no sobredito hospital, e os religiosos se restituiram outra vez ao seu convento, que em todo este tempo haviam estado hospedados nos paços chamados do arcebispo a Santa Maria. Experimentou este edificio com o terremoto, a ruina da igreja, cujas abobedas totalmente se abateram. O convento posto que em partes arruinado, ainda se habita pelos religiosos.

Nossa Senhora de Penha de França. De religiosos eremitas de Santo Agostinho. Está edificado este convento na eminencia de um monte entre os mais altos da cidade, e no sitio chamado antigamente Cabeça de Alperche, d'onde com agradavel perspectiva se mostra aos olhos um dos mais formosos paineis, que a natureza póde pintar; porque olhando do alto para o fundo da campina dilatada, estão se vendo em todos os seus arredores copiosos arvoredos, quintas agradaveis, hortas amenas, e terras lavradias; e ao longe montes, e serras, que d'alli se avistam na distancia de mais de oito leguas.

Deve o seu principio ao zelo de um Antonio Simões, official de dourador, que no primeiro de agosto de 1603, fazendo doação aos religiosos da igreja da Senhora de Penha de França, que já existia desde o anno de 1597, elles com esmollas foram fazendo o convento, e o chegaram a concluir com os bens de Antonio Cavide, insigne bemfeitor da Ordem, e devotissimo da Senhora. Depois no anno de 1754 se renovou a igreja primorosamente tambem á custa de esmolas dos fieis. O Senado de Lisboa por voto, que fez em occasião de uma grande peste, que em outro tempo opprimia esta cidade, costuma ir de madrugada em procissão todos os annos a esta igreja em dia de Nossa Senhora das Neves. (1)

Achava-se cabalmente perfeito este sagrado edificio, e com a permanencia de cento e cincoenta e dous annos desde a sua primeira fundação, quando succedendo o fatal dia de todos os Santos, padeceu a sua igreja um destroço horrivel com o tremendo terremoto. Cahio primeiramente o coro; e foi alta providencia de Deus, que sendo tempo de se congregarem n'elle os religiosos para rezar, mandasse o prelado suspender n'aquella hora o toque do sino, em quanto se demoravam alguma cousa mais na igreja com a expedição das confissões dos fieis, que em grande numero havia alli concorrido. A verdade do successo fez ver depois, que aquella suspensão de minutos ao ingresso do coro, mais pareceu cautella cheia de vaticinio, que de acaso, para que n'aquelle lugar ninguem perecesse.

Outra differença de sorte experimentaram os que se achavam dentro da igreja, porque cahindo as suas abobedas de improviso, ficaram todos sepultados debaixo d'ellas. Conjectura-se, que seriam mais de tre-

(1) Santuar. Marian. tom. 1. pag. 119 Corograf. Portug. tom. 3. pag. 421. Sousa no Agiolog. Lusitan. tom. 1. pag. 436.

zentos os mortos: o certo é, que pelo numero das sagradas Fórmas, que se achou menos nas Pyxides do Sacrario, se calculou depois terem commungado n'aquelle dia oitocentas pessoas. Aqui acabou entre ellas, ajudando á missa, o irmão leigo fr. André de Penha de França, natural de Chaves, de idade mais de setenta annos, e religioso, em quem resplandecia um conglebado de muitas virtudes. Acompanhou-o no mesmo fim o irmão Donato Joseph de Macedo. Igual saudade deixou o padre fr. Joseph de S. Joaquim, o qual dous mezes antes tendo dito a sua primeira missa nova, e n'aquelle dia havendo-a acabado de dizer, se achava dando graças a Deus na sua cella, que abatendo-se com elle, o sepultou.

Cahindo a capella mór, e a sua tribuna, ficou a imagem da veneranda, e milagrosa Senhora de Penha de França debaixo das suas ruinas; e acodindo logo os religiosos com muita gente no domingo seguinte para diligenciarem a sua extracção, se singularisou entre todos n'aquella empreza o gentil desembaraço de um valeroso sargento chamado Antonio Dias Panão, para o qual estava guardada a gloria de salvar d'aquellas ruinas o sagrado vulto da Senhora. Com incansavel diligencia descobriu elle a imagem, e recebendo-a logo com fervorosa devoção em seus braços, entoando louvores ao ceo, com immenso povo, que o seguia, a foi transferir, e collocar sobre o eirado de uma quinta proxima ao adro da igreja para ser vista de todos. Alli esteve a prodigiosa Senhora quasi um mez assistida dos religiosos, e de um extraordinario concurso do povo, que a todas as horas com perpetuos rogos, e incessantes lagrimas pediam a Deus pelos merecimentos de tão soberana Virgem a suspensão d'aquelle flagello.

Como os religiosos nunca se apartaram do convento, e ficaram na sua cerca administrando o remedio espiritual a muita gente, foram proseguindo na tarde da segunda feira o desentulho das ruinas; entre as quaes descobrindo o cofre do Sacramento, que se achou intacto, o levaram para a ermida da Senhora do Monteagudo, que fica pouco distante, com uma devota procissão. Logo na terça feira, continuando a empreza, descobriram felizmente vivo, de entre as ruinas, um homem chamado Filippe Neri, mestre pedreiro, que como estava ainda escrito no livro da vida, foi respeitado em todo aquello tempo da sua sepultura dos proprios instrumentos, que a outros serviram de morte.

Na casa chamada de Profundis, dentro do convento, levantaram os religiosos um altar, onde collocaram o Sacrario. Depois com a possivel decencia fizeram uma barraca de madeira, em que despenderam quatrocentos mil réis, tudo de esmolas, e exposeram a veneranda imagem da Senhora. Porém concorrendo cada vez mais a piedade, e devoção, erigiram uma nova igreja de tabique, e de pedra, e cal, que tem importado doze mil cruzados, onde a Senhora é venerada, como sempre, pelos fieis com um culto, e fervor extraordinario.

Nossa Senhora da Conceição. Hospicio de religiosos capuchos da provincia da Conceição da Beira, e Minho, reedificado no anno de 1738 na estrada da Carreira dos Cavallos pela devoção, e dispendio do serenissimo infante D. Francisco, e ultimamente o serenissimo senhor infante D. Pedro o mandou reedificar de novo no anno de 1755 em todas as suas officinas, dormitorios, e cellas com generosidade verdadeiramente regia. Com o terremoto padeceu pequeno damno: porém os religiosos para se livrarem de todo o susto, rezaram alguns tempos na portaria, e mandaram renovar na parede do altar mór um pedaço de abobeda, que unicamente padecera.

Nossa Senhora da Nazareth. Collegio, e noviciado, que foi dos padres Jesuitas, que se destinavam para as missões da India, foi fundado no sitio de Arroyos em o anno de 1705. Foi pequena a ruina, que o terremoto causou a este edificio, que já se acha restaurada.

Ermidas—Santo Antonio. Na quinta dos Cyprestes, que é de Francisco Monteiro de Sousa.

Santo Antonio. Na quinta de Luiz Alvares de Andrade, acima de Arroyos.

Santa Barbara. Na quinta, que foi do desembargador Luiz Borges de Carvalho, e hoje é de D. Ignez Rosa de Moura. Não teve com o terremoto destroço algum, antes ficou tão intacta, que se abrigou n'ella a paroquia de S. Jorge.

Nossa Senhora da Conceição. Nas casas de D. Christovão Manuel de Vilhena a Arroyos. Tambem não padeceu ruina consideravel.

Nossa Senhora da Conceição. Na quinta do Pina.

Nossa Senhora da Conceição. No campo real da Bemposta. Foi erecta pela serenissima infanta de Portugal, e rainha de Grão Bretanha a senhora D. Catharina, estabelecendo n'esta igreja, e capella real uma collegiada com doze capellães cantores obrigados ao coro todos os dias, e com a congrua de oitenta mil réis cada um. É hoje seu denatario, e administrador o serenissimo senhor infante D. Pedro, por ter conseguido por sentença a grande casa do infantado, o qual em 11 de dezembro de 1758 accrescentou mais oito capellães com cem mil réis cada um de congrua, um thesoureiro, um moço de capella, cinco cantores, um organista, e um maceiro, e fez reduzir a igreja a fórma magnifica, e competente a uma regia collegiada.

S. Gonçalo. Ao poço dos Mouros, de que é administrador Jeronymo Pereira Coutinho.

Jesus, Maria, Joseph. No paço da Bemposta, de que é administrador João da Silva Furtado. Com o terremoto ficou arruinada bastantemente.

S. João Bautista. Na quinta da Cruz de Almada.

S. João Bautista. Na quinta, que hoje é do desembargador João Marques Bacalháo.

Nossa Senhora do Monte. Foi edificada no anno de 1243 por uma dona Susana. Os religiosos eremitas de Santo Agostinho logo nos principios da sua introducção n'esta cidade habitaram aqui, e foi este o segundo convento, que tiveram com o titulo de Erimitorio de S. Gens. Por justos motivos o desampararam, mas sempre ficaram conservando a sua administração, e é governada por um capellão, religioso do mesmo convento, eleito em capitulo.

Debaixo do alpendre d'esta igreja, em um angulo d'elle, permanece ainda a cadeira de S. Gens, que o illustrissimo D. Rodrigo da Cunha conjectura ter sido bispo de Lisboa. Esteve ella na primeira habitação d'estes religiosos eremitas na raiz do monte, na qual dizem se sentava aquelle santo prelado para pregar ao povo: foi transferida para o sitio onde agora se acha: e é maior a sua veneração, depois que a serenissima rainha D. Maria Anna de Austria lhe mandou pôr grades de ferro á roda na occasião, quando veio aqui no anno de 1723 sentar-se n'ella para ser bem succedida nos seus reaes partos, segundo a inveterada fé, que as matronas lisbonenses tem com a intercessão d'este Santo, experimentando quando estão proximas ao parto, o serem bem succedidas, se assim o executam.

Totalmente se arruinou esta ermida com o terremoto, falecendo debaixo de suas ruinas o ermitão Donato da Ordem, que tinha n'aquelle instante acabado de commungar, e se achou depois de joelhos com os braços em cruz. A sagrada imagem da senhora, que é perfeitissima, e titular da igreja, se achou debaixo das ruinas sem lesão consideravel, e logo o padre capellão regente, com adjutorio de muitos devotos, lhe fez edificar uma capella de madeira no mesmo sitio, e territorio da ermida, onde com a possivel decencia foi por algum tempo venerada, e com fervor se foi cuidando na reedificação do templo arruinado para onde depois se trasladou.

Nossa Senhora do Monteagudo. Existe no caminho de Penha de França. Foi edificada por Lourenço Pires de Carvalho, commissario da Bulla da Cruzada, no anno de 1693, e é hoje seu administrador o conde de Soure. Ficou intacta, e firme aos impulsos do terremoto.

Nossa Senhora da Nazareth. Nas Olarias.

Nossa Senhora do Populo. No palacio de D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho em Arroyos.

Nossa Senhora dos Remedios. Na quinta de Manuel de Oliveira.

Santa Rosa. Em Arroyos no palacio do senhor de Murça. Não sentiu ruina alguma. Antes para esta ermida se foram refugiar algumas paroquias.

S. Vicente Ferrer. Ao forno do tijolo. Tambem não padeceu ruina.

Constava esta freguezia antes do terremoto de dous mil cento e quarenta fogos, agora numera em todo o seu districto, e habitantes em casas, dous mil cento e dezasete fogos: e dispersos não só nos dou

abarracamentos, que acima dissemos dentro nos limites da freguezia, mas tambem nas outras alheias, que conforme a pastoral do eminentissimo cardeal patriarca, se reputam como proprias, duzentos noventa e tres fogos; que todos juntos vem a fazer o numero de dous mil quatrocentos e dez fogos, até o anno de 1757. Consta das seguintes:

Ruas—Arroyos, Santa Barbara, Bemposta grande, e pequena, Bombarda, Calçadas de Alvalade, de Santo André, do Conde de Pombeiro, do Monte, Caracol da Penha, Carreira dos Cavallos, Carreirinha, Cruz dos quatro caminhos, Cruz dos Ciganos, Estrada de Sacavem, Fontainha, Graça, Monteagudo, Olarias, Penha de França, Poço de Mouros, Rol, Rua Nova, Sol, Terreirinho, Travessa do Monte.

Becos—Almocreves, Cativos, João do Monte, Jordão, Imaginario.

Freguezias confinantes—Santo André, Santa Engracia, S. Lourenço, Senhora dos Olivaes, Senhora da Pena, S. Sebastião da Pedreira, Senhora do Soccorro.

IV — *S. Bartholomeu*

A maior antiguidade, que podemos descobrir d'esta paroquia, é a que consta de uma escritura feita pelo bispo de Lisboa a D. Alvaro no anno de 1168, na qual se faz já menção da igreja de S. Bartholomeu, como bem adverte D. Rodrigo da Cunha. (1) Foi capella real delrei D. Diniz, quando vivia no palacio fronteiro da igreja, para a qual tinha passadiço, e tribuna: e querendo o bispo D. Domingos Jardo fundar o hospital de S. Paulo, hoje convento de Santo Eloy, no districto d'esta freguezia, elrei D. Diniz no anno de 1286 lhe fez mercê do padroado della para applicar ao hospital as suas rendas. (2)

De sorte, que o reitor de Santo Eloy, em quem recahiu o padroado por transferencia do bispo, é o que hoje apresenta a dita igreja, que renderá, uns annos por outros, seis centos mil réis. Reedificou-se o antigo edificio por diligencia do prior Manuel da Silva e Moura pelos annos de 1707, pouco mais, ou menos. (3)

Ha aqui tres beneficios, que apresenta, e colla o reitor do sobredito convento, e renderá cada um, entre frutos, anniversarios, e pé de altar, noventa mil réis. Ha mais tres capellanias: uma que instituiu João da Fonseca com obrigação de missa quotidiana, e de rezar no coro: outra que ordenou Maria de Alcaçova, mulher de Antão da Fonseca: outra de Francisco de Matos, que todas pelo seu tenue rendimento se não satisfazem, e vão para os legados não cumpridos. Houve aqui tambem outra capella, que instituiu o bispo do Algarve João Soares Alão no anno de 1308, de que se lembra o author da Monarquia Lusitana, liv. 18. c. 30. Ha mais na igreja duas confrarias, uma das Almas com a protecção

(1) Cunha Histor. Eccles. de Lisboa part. 2. cap. 7. (2) Ibid. cap. 69. Monarq. Lusit liv. 16. cap. 54 (3) Santuar. Marian. tom. 7. p. 136.

de S. Miguel: outra de Santo Antonio dos pobres, além da do Santissimo Sacramento.

Não lhe resultou a esta igreja pequeno prejuizo com o terremoto, e incendio memoravel; porque um lhe derrubou o tecto, e frontaria: e outro lhe destruiu as melhores tres capellas, que tinha: devorou a maior parte da sua prata, e dos seus ornamentos, e tirou a vida a quarenta e cinco pessoas d'esta paroquia; salvando-se todavia sem lesão alguma os ornatos, e mais fabrica pertencentes á milagrosa imagem da Senhora da Graça. Vendo-se n'este desamparo, e consternação o paroco d'esta igreja, como os seus freguezes se tinham hido abarracar em maior numero para o Campo de Santa Clara, quinta do Alcaide Fidalgo, Cardal, e Cruz dos quatro caminhos, determinou erigir uma barraca decente, posto que pobre, no Cardal da Graça, aonde existiu, sem faltar á administração dos Sacramentos.

Ha no seu districto os templos seguintes:

Convento — Santo Eloy. De conegos seculares de S. João Evangelista. Foi fundado pelo bispo D. Domingos Jardo no anno de 1286 com o titulo de Hospital de S. Paulo. Por morte do bispo ficou seu sobrinho Affonso Annes com o governo do dito hospital, e com o titulo de provedor; até que indo em decadencia a sua administração, recorrendo ao Papa Eugenio IV, o infante D. Pedro, que governava este reino pela minoridade de D. Affonso V, o deu a esta nobilissima congregação, do qual tomou posse D. Affonso Nogueira em 21 de abril de 1442. Foram os conegos d'esta veneravel congregação os que instituiram a primeira irmandade do Santissimo Sacramento, que houve em Lisboa. (1)

Com o grande, e insolito abalo do terremoto, padeceu esta igreja notavel destroço. Cahiram-lhe immediatamente as duas torres, uma chamada a torre velha, onde estavam os sinos, e relogio; e a outra chamada a torre nova, que ainda não tinha sinos, e existia por cima da porta da igreja. Logo lhe cahiu o tecto, e as suas paredes até as cimalhas das capellas, ficando os dous arcos da capella mór, e do coro em pé. Ao mesmo tempo cahiu tambem o tecto da sacristia, e uma parede, que ficava para a banda do pateo, e corria igual com a parede fronteira da capella mór, que toda se abateu.

N'este estrago conjectura-se, que acabaram a vida mais de noventa pessoas: e da communidade pereceram o reitor, e vice-reitor, o procurador geral, mais dous padres, um corista, e um leigo.

O convento só teve de ruina com o terremoto, cahir metade da parede do fronstispicio para a parte do Limoeiro: o mais resistiu firme; porém sobrevindo o fogo, ardeu todo o dormitorio, e livraria, que estava nas varandas do claustro; ficando todavia illesas do incendio a casa do cartorio, que tambem estava no mesmo claustro, e a igreja, e a sa-

(1) Santa Maria no Ceu Aberto na Terra liv. 1. p. 299. e liv. II. p. 437. Santuar. Marian. tom. 1. p. 188.

cristia: mas não se poderam livrar da actividade das chammas os celeiros, adegas, refeitorio, e botica, que estavam por baixo do dormitorio.

Resolveram os padres n'este desamparo, hirem no mesmo dia buscar o abrigo de outro seu convento, que tem em o sitio de Xabregas junto á marinha; e passado algum tempo, o novo reitor, que elegeram, chamado Joseph da Cruz Ortigão, mandou fazer no claustro d'este convento arruinado uma barraca por modo de hospicio, e no andar de cima nove cellas. Fez mais uma capellinha com um só altar para se dizer Missa, e outras accommodações, e officinas, em que actualmente assiste com dous padres, e tres leigos.

Seminario—Santa Catharina. De collegiaes seculares, estabelecido pelo cardeal D. Henrique, sendo arcebispo de Lisboa. Eram governados por um reitor jesuita, e vice-reitor clerigo secular, que os acompanhava ao collegio de Santo Antão, onde hiam aprender as faculdades, que alli se ensinavam Tambem padeceu muito com o terremoto, e incendio, ficando em deploravel estado.

Constava esta freguezia antes do terremoto de cento e quarenta fogos, e de quinhentas pessoas: presentemente acha-se com cincoenta e um fogos, e cento e setenta pessoas: porque se arruinaram, e destruiram com o fogo mais de noventa e sete moradas de casas. As ruas estão quasi desertas, e são as seguintes:

Ruas—Amargura, Chão da Feira, Jerusalem, Lage, Passadiço, Portas de Alfofa, Seminario, Torre, Travessa do Chão da Feira.

Freguezias confinantes—Santa Cruz do Castello, S. Mamede, Santa Maria, Santiago.

V—*Santa Catharina*

Foi fundada esta igreja na eminencia de um monte, chamado antigamente do Pico, ou Belver, em 27 de maio de 1557 pela devoção de elrei D. João III, e da rainha D. Catharina sua mulher, intervindo o padre fr. Miguel de Valença da Ordem de S. Jeronymo. Deu a rainha para a sua fabrica a maior parte do gasto, e a dotou de muitos, e preciosos ornamentos. (1) Depois a instancias da mesma rainha foi erecta em paroquia com beneplacito do cabido da Sé metropolitana por escritura feita em 9 de outubro de 1559, desmembrando-se do territorio, que pertencia á paroquia dos Martyres, e começou a exercer as suas regalias desde o primeiro de janeiro de 1560. (2)

Assim a foi possuindo a dita rainha no seu real padroado, conservando porém sempre na sua administração a confraria antiga dos livreiros, (por serem ministros da sabedoria, de que esta Santa é protectora) os quaes se tinham mudado para esta nova igreja, da ermida de Santa Catharina de Ribamar, onde tiveram o seu primeiro estabelecimento,

(1) Brand. Monarq. Lusit liv. 18. cap. 46. Cardoso Agiolog. Lusit. tom. 2. pag. 715.
(2) Bayão Portug. Cuidad. liv. 4. cap. 20. Fr Apollin. Demonstraç. Histor. pag. 212.

desde o anno de 1460: até que a supplicas do livreiro da casa real, fez a rainha mercê do padroado ao dito officio, incorporado em irmandade no anno de 1567, com a obrigação de servir sempre de juiz um fidalgo da primeira grandeza, como até o presente se observa.

O paroco tem predicamento de cura, que a mesa da sobredita irmandade, como donataria, provê annualmente, e tambem tres coadjutores, e um thesoureiro, que são os ministros d'esta igreja, aos quaes confirma o prelado d'esta diocese. Ao cura renderá a paroquia seiscentos mil réis, só do que se chama pé de altar, porque não tem dizimos, e cada um dos coadjutores cento e sessenta mil réis, e o mesmo ao thesoureiro.

Tem esta igreja cinco irmandades, a do Santissimo, a das Almas. Santa Catharina, S. Joseph, S. Sebastião. Conta dezanove capellas, a saber: quatro da irmandade do Santissimo, das quaes uma é de sessenta mil réis, e as tres de cincoenta: dez da irmandade das Almas, todas de quarenta e oito mil réis: uma no altar de Nossa Senhora da Nazareth com sua confraria, e capellão com cincoenta mil réis: uma no altar do Santo Christo de esmola quotidiana de cento e vinte réis, a qual administra Bernardo de Almada, provedor da casa da India: duas que administra a irmandade da Congregação da Doutrina, e cada uma de cem mil réis, mas com obrigação de acompanhar o Santissimo; e uma que administra a irmandade de Santa Catharina com a congrua de cincoenta mil réis.

Experimentou esta paroquia bastante ruina com o terremoto: pois não só destruiu o seu impulso a igreja paroquial, e a dos religiosos de Jesus da Ordem Terceira, mas os palacios do conde de S. Lourenço, da condessa do Rio grande, de D. Joseph de Lancastro, de D. Joseph de Menezes, de D. Antonio Alvares da Cunha, e mais duzentas e quarenta e nove propriedades de casas de varios senhorios, e moradores; das quaes vinte e duas totalmente consumiu o incendio subsequentemente no terremoto.

N'este doloroso estado passou logo o paroco a estabelecer a freguezia na ermida do Espirito Santo do Recolhimento dos Cardaes: e porque esta não tinha commodidade opportuna para se recolherem n'ella as insignias da irmandade do Santissimo, foi abrigar-se tambem na barraca dos religiosos Terceiros, d'onde sahia o Santissimo por Viatico aos enfermos; conservando juntamente na dita ermida o Sacramento para as communhões quotidianas dos freguezes, e mais povo. Aqui permaneceu até 23 de novembro de 1757, em cujo dia se transferiu para a antiga igreja paroquial, que se acha sufficientemente reedificada, e onde se fez em acção de graças um triduo festivo com toda a solemnidade.

No seu districto existem os conventos seguintes:

Conventos—Nossa Senhora de Jesus. De religiosos da Terceira Or-

dem de S. Francisco. Teve origem em uma ermida, em que habitava um ermitão no sitio dos Cardaes, e d'ella tomaram posse os religiosos no anno de 1595, onde fizeram hospicio. Depois no anno de 1615 a 30 de Julho se lançou a primeira pedra no edificio novo, em que se disse a primeira missa a 24 de fevereiro de 1623. (1) É templo grandioso com espaçosa área. Fabricou-lhe a capella mór o arcebispo de Lisboa D. João Manuel no anno de 1633, por cujo principio ficaram sendo padroeiros d'ella os condes de Atalaya, hoje marquezes de Tancos. A capella dos Terceiros seculares é attendivel: fórma quasi uma igreja separada com sete altares perfeitamente adornados.

Todo este sagrado templo ficou sujeito á lastimosa ruina, que lhe occasionaram os violentos impulsos do terremoto. Cahiu primeiramente a parede do oculo, que ficava ao Norte por cima da capella mór, e arruinando o seu tecto, que era de cantaria almofadada, despedaçou não só todo o retabulo de talha dourada, e todo o altar mór, mas a preciosa capella do Santissimo, que lhe ficava contigua. Os arcos de pedra, que sustentavam o tecto da igreja, e dividiam o cruzeiro, e o coro, se desfizeram, e levaram comsigo parte do ornato do mesmo coro, e offenderam outras partes da igreja, acabando de se arruinar tudo em a noite de 20 de janeiro de 1756, em que cahiu o tecto da igreja, e se perdeu o coro, que conforme os arquitectos de bom gosto, era o mais formoso, e regular, que havia na corte.

Arruinou-se tambem a casa do refeitorio magnifica, o dormitorio da parte do Sul, e o do Cardal, que fica ao Norte: o lanço do claustro immediato á igreja, e a enfermaria com as suas officinas. As sagradas imagens, que se veneravam n'este templo, e com elle participaram dos seus destroços, acham-se todavia pela maior parte já remediadas, e expostas á publica veneração por diligencia de varios devotos. Dentro da igreja morreram vinte e uma pessoas, a saber: dous homens, e dezanove mulheres. Dos religiosos foi só o P. prégador fr. Manuel da Madre de Deus com oitenta e cinco annos de idade, e sessenta e dous de professo, o que perecen dentro do convento, porque nos estragos da rua Nova ficou sepultado fr. Manuel de S. Jeronymo Farto, commissario da corte.

Vendo-se os religiosos em tanta oppressão, e desarranjo, foram refugiar-se na capella de S. Francisco, que está na sua cerca, onde no dia seguinte 2 de novembro celebraram, e officiaram, transferindo para a dita capella o divinissimo Sacramento, que ficou sem perigo algum no seu sacrario. N'este lugar se conservaram muitos religiosos em corpo de communidade, reparados com pobre abrigo das inclemencias do tempo.

(1) Assim o refere Fr. Apollinar. da Conceição no Claustro Franciscan. pag. 66; porém Jorge Cardoso no Agiolog tom. 1. pag. 87. diz, que os religiosos tomaram posse a 4 de Outubro de 1599 a quem segue D. Luiz de Lima na Geogr. Histor. tom. II. p. 151, e o Author do Santuar. Marian tom. 1. p. 308, e tom. 7. p. 109.

D'aqui sahiam a administrar os sacramentos aos moribundos, e a buscar os mortos para lhes dar decente sepultura. D'aqui soccoriam as necessidades do proximo, exercitando compassivos muitos actos de caridade com o attenuado povo, que em turbas se havia acolhido áquelle lugar.

Continuava o descommodo, e apertava o rigor do tempo; e assim foi perciso ao P. commissario visitador, e provincial mandar levantar, entre outras, uma decente barraca, onde se principiaram a celebrar os officios divinos com solemnidade, canto, e orgão na vespera da Natividade de Christo de 1755, e se continuaram até que novamente se restituiram á igreja, que se acha nobremente reedificada. Muito deve a communidade ao zelo dos RR. PP. fr. Manuel da Conceição Poiares, ex-difinidor, e ministro local da casa, e ao commissario provincial, e visitador; porque um mandando desentulhar a igreja, e resgatar dos estragos das ruinas muitas excellentes pinturas, e trastes estimaveis, por não perecerem de todo: e o outro mandando restaurar varias porções do convento, o tem feito capaz, quanto é possivel, de habitarem n'elle os religiosos.

A grandiosa capella dos Terceiros, cujo tecto era de abobada, cahiu ao primeiro tremor, mas a tempo que todos os que estavam dentro haviam fugido para o pateo do Hospital, de sorte que não perigou ninguem: despedaçando a abobada o que continha a capella, e ficando tambem destruida a casa do despacho: porem tudo se acha restaurado excellentemente pelo zelo, e dispendio dos irmãos Terceiros.

Santissimo Sacramento.— De Religiosos Paulistas da Congregação da Serra de Ossa. Deve este convento a sua erecção ao grande zelo do P. M. Jubilado fr. Diogo da Ponte, que com o patrocinio delrei D. João IV lhe deu principio no anno de 1647 com uma grandezá, e magnificencia notavel. Com o terremoto participou de algumas ruinas; porque cahiram as pyramides das duas torres, e varanda; abriu a abobada da igreja pelo meio quasi um palmo; cahiram até o meio as paredes das ultimas duas cellas, que olham para o norte, e occidente, e padeceram seu destroço as paredes do novo dormitorio; porem não chegou o infortunio a tirar a vida neste lugar, mais que a uma mulher, que morreu da ferida de uma pedra, que lhe cahiu estando dentro do cruzeiro.

Obrigou esta fatalidade aos religiosos irem aquartelar-se na cerca em barracas, que a prompta providencia dos prelados mandou fazer, e com especialidade uma para se celebrarem nella os officios divinos, em quanto a igreja se não punha expedita: nesta diligencia se trabalhou com efficacia. O templo ficou com a vantagem de melhorar no esplendor, desafogo, e claridade; porque sobre as paredes antigas da igreja se accrescentaram na altura mais seis palmos, para se plantar sobre ellas vigamento, e formar o tecto de estuque. O convento porem se acha inteiramente não só reparado, mas habitado, e abastecido com o grande re-

forço de grossas linhas de ferro, que se introduziram por entre as paredes quasi em todas as cellas, e dormitorios.

Recolhimentos—Nossa Senhora do Carmo. É administrado pelo conde de S. Lourenço. Teve grande ruina, e as recolhidas foram quasi todas para o palacio, que foi do conde de Sabugosa na visinhança de Santo Amaro, o qual hoje possue o dito conde de S. Lourenço.

Espirito Santo—Foi fundado no anno de 1671 por D. Maria Borges, mulher nobre, para nelle viverem retiradas do mundo algumas mulheres graves. Desde o anno de 1680, que o administram os religiosos de Jesus da Terceira Ordem de S. Francisco. Padeceu pequena ruina com o terremoto, e a que teve, se acha recuperada.

Constava esta paroquia antes do terremoto de mil oitocentos e setenta e quatro fogos, pessoas de communhão oito mil duzentas e cincoenta e cinco. Acha-se presentemente com mil quatrocentos e sessenta e cinco fogos: e oito mil e vinte pessoas de communhão, e cento e quarenta menores, distribuidas pelas seguintes ruas, a maior parte desertas.

Ruas—Adro da Igreja, Almada, Arrochela, Bica grande, e pequena, Cabral, Caldeira, Calçada do Combro, Cardaes, Casas cahidas, Conde, Convertidas, Cruz de pão, Direita, Era, Esperança, Ferreiros, Frontaria de S. Bento, Gaivotas, Igreja, João Braz, Lambaz, Marcos Marreiros, Parreiras, Paz, Peaes de S. Bento, Pedro Dias, Portugueza, rua Nova de S. Bento, Secretario, Sol, Terreirinho da Cruz, Valle, Valle das Chagas.

Becos, e travessas—Arcipreste, Carrasco, Benedicto, Bento da Silva, Esfolabodes, Judeu, Larangeiro, Marçal, Pascoa, Queimada, Rosa, Rua fresca, Siqueira.

Freguezias confinantes—Encarnação, Santa Isabel, Mercês, S. Paulo, Santos.

VI—*Chagas de Jesus*

Sem embargo de não ter esta freguezia territorio determinado, por ser sómente propria para os homens maritimos da carreira da India, e mais conquistas: com tudo como tem pia bautismal, e goza das regalias paroquiaes, a incluimos em o numero das freguezias da cidade.

Teve o seu principio de uma Irmandade das Chagas, que no convento da Santissima Trindade d'esta corte instituira fr. Diogo de Lisboa, ministro do mesmo convento; e por discordia, que houve entre a irmandade, e os religiosos, se separou d'elles, pedindo licença ao pontifice Paulo III para erigirem á sua custa uma igreja, que tivesse todas as insignias de paroquia, e faculdade para nomearem capellão, e ter um hospital, em que se curassem os feridos, e enfermos das armadas: allegando para isso os serviços, que os da dita irmandade, como homens navegantes, tinham feito á igreja nas armadas contra os infieis.

Concedeu-lhes benignamente Paulo III o que pediam, e pondo elles em execução a faculdade pontificia, deram ordem a fabricar a igreja no alto de um dos montes d'esta cidade para a parte do occidente, onde se disse a primeira missa em dia de Santo André do anno de 1542. O mesmo pontifice a annexou á igreja lateranense de Roma com varios privilegios, que Urbano VIII confirmou em 23 de outubro de 1623, depois de varias duvidas, que a irmandade teve com o Ordinario: sendo que a Bulla do Papa declara, que no que toca á isenção do Ordinario quer se guarde a forma do Concilio Tridentino, e em quanto ao Cura administrar os Sacramentos aos individuos d'esta irmandade, devia ser primeiramente approvado pelo prelado diocesano. (1)

É a dita irmandade padroeira, e administradora de todos os bens pertencentes a esta igreja, na qual tem cura, um thesoureiro, e tres capellães, cujo rendimento é incerto; pois se extrahe de todos os que embarcam nas náos de elrei, que fazem viagem para a India, e Brasil; e tambem das esmolas, que dão aos fieis á milagrosa Imagem da Senhora com o titulo da Piedade, que se venerava em um altar por debaixo da capella mór. (2)

Ficou esta igreja não só arruinada com o terremoto, mas destruida totalmente com o fogo, que pelas duas horas da tarde d'aquelle fatal dia do primeiro de novembro a devorou: nella perderam a vida tres mulheres, e um religioso xabregano, e ficaram outras algumas pessoas estropeadas. Perdeu a igreja os seus ornamentos, e a maior parte da sua prata; e nas ruinas da capella mór ficaram as sagradas pyxides, com o Sacramento, posto que dentro do sacrario, e as venerandas imagens da Senhora da Piedade, do Senhor morto, de S. João Evangelista, e Santa Maria Magdalena, que todas escaparam do incendio.

Socegado d'aquelle susto por alguns dias, recorreu o cuidadoso paroco d'esta igreja á diligencia de extrahir d'aquella miseravel ruina ao divinissimo Sacramento, o qual achando-se intacto, e as demais imagens da capella mór, foram conduzidas para o oratorio da quinta de Bento Gonçalves Forte, chamada a quinta nova a sete Rios, onde estiveram até 20 de junho de 1756, em que disposta, e erecta uma nova ermida de madeira, e frontal em o sitio dos Cardaes na Cotovia, se estabeleceo alli a paroquia, onde presentemente se acha, não se tendo feito mais reparo na antiga, que desentulhar-se, e demolir-se algumas paredes, que ameaçavam eminente ruina.

VII — *S. Christovão*

D'esta paroquia não darei noticia alguma, porque para eu publicar

(1) Fr. João Figueira Carpi in Chr. Ord. Sanct. Trin t. ad ann. 1493. e Fr. Pedro de Altuna in Chron. p. 1. l. 2. p. 210., dizem, que o Conservador Apostolico desta graça são os Bispos do Algarve. (2) Fr. Agostinho de Santa Maria no Santuario Mariano t. 1. p. 321.

o verdadeiro, e historico summario de todas as freguezias d'esta corte, segundo o actual estado, em que se achavam antes do terremoto, me vali de ordem superior para os reverendos parocos me participarem as informações veridicas, e competentes, o que elles executaram com acerto, e pontualidade.

Porem sendo repetidas as diligencias, que se fizeram, para que o R. Doutor Joaquim Salter de Mendoça, prior d'esta igreja, me communicasse as noticias da dita paroquia, se achou sempre nelle uma tal repugnancia, que me resolvi procural-o em 11 de maio de 1755, dizendo-lhe, que a impressão d'este tomo tinha chegado aos termos de parar por falta das noticias supplicadas. A isto me respondeu severo (sem mais informação da minha empreza) que não as dava, por quanto semilhantes obras eram inuteis, pois nellas se comettiam muitos erros, por não serem escritas, e authenticadas com documentos originaes.

D'esta sua reposta discreta, e prudente só terei o desengano, e a republica literaria póde ter bem fundada expectação, de que o mesmo R. Prior a illustrará com as memorias historicas da mencionada freguezia, as quaes só elle poderá compor com aquelle acerto, e formalidade, que se admira nas suas sentenças, e acordãos, por ser um ministro muito especialissimo da curia patriarcal, e ser a sua inteireza unicamente comparada, com a urbanissima attenção, e exacta pontualidade com que ouve as partes, e despacha os pretendentes.

VIII—*Nossa Senhora da Conceição*

Teve origem esta paroquia em tempo do Cardeal Arcebispo D. Henrique, o qual em 16 de janeiro de 1568 a erigiu, e incorporou na igreja da Real Collegiada da Conceição dos Freires da Ordem de Christo, tirando o computo dos seus fogos parte da freguezia de S. Julião, e parte da Magdalena. Alli se conservou até o anno de 1682, no qual por controversias, que houve entre o cura, e os beneficiados da Collegiada, por decreto de elrei D. Pedro II, e pastoral do arcebispo D. Luiz, se mudou para a ermida de Nossa Senhora da Victoria, sita na Caldeiraria, freguezia de S. Nicolão, onde permaneceu até o anno de 1699.

Havia-se dado principio na rua Nova, chamada dos Ferros, a uma sumptuosa igreja desde 15 de junho de 1698 com o titulo de Nossa Senhora da Conceição, e com tanta diligencia, e fervor se trabalhou na fabrica, que logo no seguinte anno de 1699 se disse nella a primeira missa a 23 de agosto. Ordenou então o cardeal arcebispo D. Luiz de Sousa, que para ella se transferisse o Santissimo Sacramento da ermida de Nossa Senhora da Victoria, onde estava. Assim se fez com uma solemnissima procissão em 13 de Setembro de 1699, levando o mesmo cardeal arcebispo a sagrada custodia com o Santissimo, acompanhando-o os conegos da cathedral, e todo o clero da cidade.

Estabelecida a paroquia em a nova igreja, se acabou esta de concluir, e aperfeiçoar no anno de 1730. O paroco até o anno de 1754 teve o predicamento de cura amovivel; porem o eminentissimo cardeal patriarca D. Thomaz de Almeida, conferindo a dita igreja como prelado donatario em o seu gentil homem ecclesiastico Braz Joseph Rebello Leite, o collou com o titulo de Reitor, e lhe rende trezentos e cincoenta mil réis. Ao cura com a sua capella, e mais benesses, renderá cento e quarenta mil reis. Tem um thesoureiro, que apresenta a mesa do Santissimo, sem recorrer ao prelado, e leva a terça parte das offertas por costume assim introduzido.

Ha nesta igreja doze capellães com obrigação de coro, cujas capellas se levam por concurso, e são providos nellas, os que tem melhor voz, e sciencia de cantochão. Administra estas capellas a mesa do Santissimo, que dá a cada capellão oitenta mil réis, excepto um, que tem cem. Ha mais um ajudante do coro com trinta mil réis, e benesses da igreja. A irmandade do Santissimo tem nove capellães com diversa congrua: porque quatro tem sessenta mil réis cada um, tres recebe cada um cincoenta mil réis; um cincoenta e cinco, e outro trinta mil réis, e meio annual de missas de esmola de cento e cincoenta réis cada uma. A irmandade das Almas tem quinze capellães com cincoenta mil réis cada um. Tem mais tres irmandades, uma de Santa Anna, outra de Nossa Senhora do Rosario erecta no anno de 1715, com um capellão de oitenta mil réis, (1) e outra de Nossa Senhora Mãi dos Homens com seu capellão de sessenta mil réis.

Neste estado se conservava esta paroquia, quando succedendo o grande terremoto, o coro se abateu, e a frontaria da igreja algum tanto se abriu pelo meio de entre as duas torres, ficando tudo o mais em pé, com a perda porem de setenta e seis pessoas, que alli morreram. Havia o cura Joseph Frazão pouco antes sahido com o Santissimo debaixo do pallio, como é costume, para dar o sagrado Viatico a um enfermo, que habitava na rua da Tinturaria, e supportando com grande susto a violencia d'aquelle fatal fenomeno, vendo-se exposto ao urgente risco da vida no meio de ruas estreitas, cujos edificios ameaçavam manifestas ruinas com os amiudados tremores da terra, não podendo voltar para a sua igreja com o receio do perigo, se conduziu como poude para o terreiro do paço.

Alli mal accommodado, mas com a assistencia de vinte e cinco irmãos do Santissimo, que sempre o acompanharam zelosos, sacramentou mais de quatrocentas pessoas, que já em turbas desordenadas, e em tristes clamores tinham vindo buscar o desafogo d'aquella praça para evitar os estragos, em que viam perecer os amigos o os parentes. Informado porem, que sobre a primeira afflicção padeciam os moradores a violencia do fogo, que já sem haver quem o atalhasse, hia abrazando

(1) Vid. Liverzani Thesaur. Resol. sacr. Congreg. Concil. tom. 1. pag. 100.

toda a freguezia, determinou procurar o abrigo da igreja dos Conegos Seculares de S. João Evangelista, chamada vulgarmente o Beato Antonio, que fica na distancia de meia legua pela marinha acima, onde com o Senhor sacramentado se recolheu, seriam quasi dez horas da noite, levando apoz si uma grande multidão de homens, mulheres, e meninos, em maior numero de tres mil almas, que, como gente arrancada de suas casas, e despedaçada dos seus bens, com vozes, e lagrimas hiam lamentando a sua perda, mas sempre louvando, e seguindo aquelle supremo Senhor, e Omnipotente, que sem resistencia pode fundar, e desfazer os reinos, e as cidades, esperando só nelle o remedio de tanto desarranjo.

Passados dez dias, ordenou o arcebispo vigario geral, que visto ficar livre de ruina a ermida de Santa Rosa de Lima, contigua ao palacio do Senhor de Murça Luiz Guedes de Miranda, situada ás Fontainhas, se transferisse para ella a freguezia, onde esteve até 4 de abril de 1756, em cujo dia passou a estabelecer-se no terreiro do Paço em uma barraca do frontal, que consta de tres altares, com a porta para o nascente: e aqui actualmente existe com o descommodo, que a estreiteza da habitação occasiona, e a sua indigencia permitte; tendo só a consolação de livrar do incendio os livros dos bautizados, recebimentos, confissão, e defuntos, com os mais, que pertenciam a esta freguezia, excepto o dos bautizados, que corriam desde março de 1754 até o dia do terremoto, que se queimaram na sacristia.

Não seria prodigio, mas pareceo mais que pura casualidade, o que agora referimos. Observou-se, que ficando totalmente destruidas no ambito d'esta paroquia as mais propriedades, só escapassem á vehemencia do terremoto, e voracidade das chammas aquellas casas da Tinturaria, onde, como temos dito, se havia recolhido o Santissimo Sacramento ao primeiro estremecimento da terra: as quaes desamparadas de seus inquilinos, a Providencia as defendeu de sorte no meio de tanto incendio, que até umas innocentes aves, ficando alli reclusas, e solitarias pelo espaço de cinco dias, testemunhando tão lastimoso espectaculo, se salvaram depois illezas com admiração universal.

Dentro do destricto d'esta paroquia existe a seguinte

Collegiada — Nossa Senhora da Conceição. Dos Freires da Ordem de Christo. A primeira fabrica da igreja tinha sido synagoga dos judeos, aos quaes em certos dias da semana lhes hia prégar o veneravel fr. Miguel de Contreras religioso trinitario. Depois elrei D. Manoel a mandou purificar, e consagrar em templo, mudando para aqui os freires da Ordem de Christo, em troco da ermida de Nossa Senhora do Restello, que era da dita Ordem, em o sitio de Belem, onde o mesmo rei havia fundado o sumptuosissimo convento, que alli se vê. (1) Dotou esta igreja o mesmo rei com rendas para sua subsistencia. Deu-lhe Regimento em

(1) Goes Chron. delrei D. Manoel part. 1. cap. 83. Santuar. Mariar. tom. 1 p. 129. S. Memor. Histor. part. 2. num. 358.

29 de janeiro de 1504, que approvou Julio II, eximindo-a, e ás pessoas d'ella do poder dos Ordinarios, sujeitando-os pleno jure a elrei, como administrador da Ordem de Christo.

Foram os ministros d'esta igreja accrescentados em diversos tempos, e ultimamente pelo senhor rei D. João V por consulta da Mesa da Consciencia em 28 de maio de 1733, na qual se manda dar ao vigario cento e sessenta mil réis, e moio e meio de trigo, ao thesoureiro oitenta mil réis, e meio moio de trigo; a cada beneficiado cento e seis mil réis, e um moio de trigo, aos moços do coro vinte e cinco mil réis a cada um, e alem d'estes ordenados repartem entre si outras certas distribuições. Supposto não padecer muito este templo com o terremoto, com tudo o incendio o abrazou de fórma, que d'elle se não vê mais que o esqueleto com toda a pedraria estalada, sendo que a torre não cahiu, nem desmentiu da nivelação. Elrei no sitio da capella mór mandou erigir uma barraca para os freires rezarem, e o corpo da igreja se mandou demolir por causa do novo plano regular da cidade.

Numerava esta freguezia antes do terremoto oitocentos e cincoenta fogos, e tres mil e quatrocentas pessoas. Presentemente se acha com oitenta e quatro fogos, e quatrocentas e trinta e oito almas. Os doze capellães cantores se reduziram a cinco. Os oito da irmandade do Santissimo se recopilaram a quatro, e os quinze da irmandade das Almas a dous. Aquellas ruas, e travessas, por onde se distribuiam os moradores, estão hoje tão confusas, e alteradas, que não se distinguem nellas mais que montes de pedras, e de caliça. Eram ellas as seguintes.

Ruas—Adro da Conceição, Corrieiria em parte, Gibitaria, S. João, Largo dos Carmelitas, Largo do poço da Fotea, Latoeiros, Mataporcos, Mercadores, Pateo da Rosa, Rua nova em parte, Tinturaria.

Becos, e Travessas—Chamiça, Coveiro, Feijão, Lavacabeças, Mena, Ourinol, Pasteleiro, Sardinha, Seguros, Tintes, Travessa da Conceição, e da Corrieiria,

Freguezias confinantes — S. Julião, Santa Maria Magdalena, S. Nicolão.

IX — *Santa Cruz do Castello*

É provavel, que o inclito, e santo rei D. Affonso Henriques fundasse esta igreja, logo depois que tomou Lisboa aos mouros. D'ella se faz menção naquella escritura do bispo D. Alvaro, que referimos acima na paroquia de S. Bartholomeu, em cuja antiguidade tambem esta deve coincidir. Tem o paroco predicamento de prior, que apresenta por concurso o prelado, e rende seiscentos e quarenta mil réis. Consta de cinco beneficios, que dá o papa, e rende cada um cento e setenta mil réis. Um d'elles tem dous aprestimos, ou pensões, com as quaes chega a render duzentos e setenta mil réis. Apresentam nesta igreja o visconde de Villa Nova da Cerveira, e o conde de Villa Nova, duas capellas,

cada uma de quarenta mil réis. A confraria das Almas tem só dous capellães, com cincoenta mil réis cada um.

Pelo terremoto se arruinou a igreja, mas o paroco teve a providencia de mandar fazer no mesmo adro uma ermida de madeira, com todos os commodos necessarios a uma freguezia, onde assiste ainda exercendo as obrigações paroquiaes. Os edificios de todo este elevado terreno padeceram tambem grandissima derrota: mais de quarenta e seis moradas de casas se arruinaram, e entre ellas o thesouro da tapeçaria, e roupas, as casas do conde de Santiago, o paço real, que hoje era dos alcaides móres de Lisboa, a Torre do Tombo, os quarteis dos quatro regimentos de infantaria da guarnição da corte, as torres chamadas de Ulysses, e algumas porções de muralhas, com as casas dos tenentes do Castello, que estas se acabaram de consumir com o fogo, perecendo lastimosamente nesta paroquia cincoenta e cinco pessoas.

Acham-se presentemente já reedificadas muitas moradas de casas de varios moradores, e supposto que os regimentos dos soldados, que neste castello se aquartelavam, passaram para varios sitios da cidade, onde se acham abarracados, ainda nos quarteis destruidos se accomodam mais de trezentos homens. Contém esta paroquia dentro do seu destricto.

Hospital—Nossa Senhora da Conceição. De Religiosos Hospitalarios de S. João de Deus. Foi fundado no anno de 1673, governando elrei D. Pedro II como principe regente. Curavam-se aqui os soldados enfermos, e os religiosos lhe assistiam com toda a caridade. Com o terremoto, e incendio geral se destruio tudo, e os religiosos passaram para o seu convento de S. João de Deus á Pampulha.

Recolhimento—Nossa Senhora da Encarnação. Para amparo, e abrigo de algumas orfans nobres, e pessoas honradas erigiram alguns religiosos, e homens de negocio desta corte um recolhimento, que sustentavam. Vendo elrei D. João III o bom fim, a que se dirigia acção tão pia, tomou este recolhimento debaixo da sua protecção no anno de 1543, dotando-o com rendas certas, e annuaes para sustentação de vinte e uma orfans honradas, filhas de ministros, e ainda fidalgas, cujos pais houvessem fallecido em serviço da coroa: ordenando, que de tres em tres annos se enviassem para a India, e Brasil algumas das ditas orfans com carta para os vice-reis, e governadores as casarem com a decencia possivel, preferindo-as nos provimentos de officios para seus dotes, e tiveram na India tanta estimação estas orfans, que uma chamada D. Maria foi rainha da Maldiva, porque o rei d'aquellas ilhas casou com ella em Goa no anno de 1548, (1) e soube ella muito bem reconhecer a criação, que teve no recolhimento, pois mandou para a igreja d'elle um frontal, e uma casulla, que para memoria ainda se conservava no anno de 1731.

(1) Santa Maria no Ceo aberto liv. 1. cap. 28. pag. 10. 15 e 1019.

A primeira habitação das orfans foi junto ao hospital real em umas casas contiguas á roda, ou beco dos engeitados, na Bitesga, e por occasião de um contagio, que houve na corte, as mandou mudar d'aquelle sitio elrei D. Sebastião para umas casas junto do Castello. O bom trato, recolhimento, e honra, com que viviam estas orfans, lhes fez adquirir tal nome, que muitas donzellas, e ainda viuvas, com as qualidades do Estatuto, procuravam recolher-se como porcionistas neste recolhimento: e assim cresceu tanto o numero, que já não cabiam, por cuja causa no anno de 1583 passaram para as casas do duque de Aveiro, que eram onde se fez o hospital dos soldados. No tempo de elrei D. João IV passaram para as casas, em que estavam antes do terremoto, e tinham sido de D. Fradique Manoel, e a superioridade do tal recolhimento, que tinha sua igreja com sacrario, e capellão, é da administração da Mesa da Consciencia. Desfez tudo o terremoto, e o incendio: passaram as recolhidas para diversas partes até se repararem as ruinas, e poderem restituir-se ao antigo domicilio.

Ermidas—O Espirito Santo. Dizem, que esta ermida fora fundada em tempo de elrei D. Manoel, pelos navegantes da carreira da India, logo nos principios do seu descubrimento. Tambem se arruinou com o terremoto.

S. Miguel.' Vulgarmente chamada a ermida de Santa Barbara. (1) Padeceu a mesma ruina.

D'entro do castello, e limites d'esta freguezia existia o archivo real, ou cartorio de todo o reino, chamado Torre do Tombo, onde se conservam, e guardam as doações, leis, privilegios, e tudo, que costumam os reis mandar passar pela chancellaria do reino, para memoria dos vindouros. Do prologo do livro 8. da Estremadura, que está no mesmo archivo, mandado fazer por elrei D. Manuel, consta que os senhores reis seus antecessores haviam já constituido este cartorio em uma das torres de Lisboa, conforme se infere das palavras seguintes: «Por tanto hordenarom nossos antecessores neesta nossa muy nobre, e sempre leal cidade de Lisboa uma torre, em que para sempre estevecsse ho tombo, e a memoria de todas estas cousas, a qual assi hordenada, e sabida, foi avida por causa de tanta estima, e prudencia, nom soomente em nossos regnos, mas em outras partes, que alguns reis, duques, marquezes, condes, e prelados dos regnos de Castella, e de França, e de outros senhorios, mandarom poer na dita torre em guarda, e fieldade seus testamentos, escaymbos, permudações, e outros contrautos, e assi escrituras outras que memorias de suas cousas contem, etc.»

Porém elrei D. João III devia mandar fazer no anno de 1540 a casa n'este castello de S. Jorge, para se collocar o cartorio com melhor disposição, porque assim o dava a entender a inscrição latina, que estava sobre a porta, pela qual se entrava para a primeira casa dos ar-

(1) Vide o nosso Mappa de Portug. Tom 2. part. 3. pag. 230.

marios, indo da primeira casa da torre, onde se escrevia, e dizia assim:

Sempiternæ memoriæ sacrum

Joannes III Rex Portugalliæ, et Algarbiorum, Mauritanicus, Lybicus, Æthiopicus, Arabicus Persicus, Indicus, cujus celsi animi virtus, pia mentis religio, summa prudentia, ac mirabilis, Divini cultus observantia, inter omnes ætatis suæ Principes summa cum laude incredibilis pacis arte floruere, Bibliothecam hanc in communem Reipublicæ utilitatem, ac perpetuum maiorum suorum Regum, æternique nominis sui monumentum fieri, ordinarique curavit. Ann. Domini MDXXXX ætatis suæ XXXVIII et Regni XVIII.

Regnante Petro II D. Antonio Alvares da Cunha Regii Archivi Custode Maximo, et Petro Semmedo Estaço ipsiusmet Archivi á secretis hæc inscriptio instaurata fuit. Ann. Domini MDCLXXXVII.

Na parede fronteira se achava em um quadro pintado um solho com a declaração no letreiro seguinte:

No anno de MCCCXXI junto a Montalvão no Tejo se tomou um solho da grandeza, que representa esta pintura, e pesou pelos pesos de Santarem XVII arrobas e meia, de que ha justificação neste Arquivo, que nelle mandou lançar D. Diniz, a quem se presentou, como consta da mesma justificação.

Esta justificação, e instrumento legal se guarda na gaveta das extravagantes, como diz o nosso chronista mór fr. Francisco Brandão no livro 19. da Monarquia Lusitana cap. 24., e accrescenta, que o tal solho tinha tão grande boca, que mettendo-lhe por ella um raposo, que os caçadores tinham morto, o lançava fóra com o sopro, e respiração. De comprido tinha dezasete palmos, e sete de grosso, e da cabeça pelo espinhaço até á cauda lhe contavam trinta escamas como conchas grandes.

O guarda mór actual d'este archivo Manuel da Maya, mestre de campo general, e engenheiro mór do reino, pessoa de um muito distincto zelo da patria, havia reformado este cartorio com louvavel fadiga: porém succedendo a funesta tragedia do espantoso terremoto, e arruinando, e destruindo o alto edificio, em que estava o cartorio, se pozeram os seus livros, e papeis em grande confusão: mas n'este apertado caso foi Manuel da Maya o restaurador do real archivo da Torre do Tombo, pois não só o livrou das primeiras ruinas, mas do segundo, e maior susto; porque faltando-lhe dezenove livros da chancellaria do senhor rei D. Affonso V, estes se foram descobrir em 28 de dezembro de 1755 com grave perigo de vidas, onde parecia impossivel, que o terremoto os podesse ter lançado; devendo-se á providencia, e actividade do

dito guarda mór a boa arrecadação do archivo; pois prompta, e interinamente o mandou recolher em uma casa de madeira com seu telhado, que fez erigir com parte dos destroços do mesmo edificio na Praça de armas do dito castello.

E, porque o edificio antigo se achava destruido, aberto, e prostrado, fez com que em 26, e 27 de agosto de 1757, por decreto de elrei se mudasse todo o cartorio da Torre do Tombo para dous quartos das casas chamadas dos bispos, contiguas ao convento de S. Bento da Saude, e com serventia para a rua, ou calçada publica da Estrella, que medeia entre o dito convento, e o das religiosas Francezinhas do Crucifixo. Consta esta acommodação de primeiro, e segundo pavimento alto, e baixo, ambos fechados de excellentes abobedas sem o receio do perigo do fogo: destinando-se o quarto alto para recolher os livros das chancellarias em casas separadas, ficando outras para se guardarem aquelles livros, e documentos, que na antiga torre estavam na casa chamada da coroa: e o quarto baixo fica para n'elle escreverem os officiaes d'este expediente.

Constava esta freguezia antes do terremoto de trezentos e vinte e dous fogos, agora se acha com duzentos e cincoenta e um distribuidos pelas seguintes

Ruas—Castello da parte de fóra, Cozinhas, Crasta, Espirito Santo, Flores, Hospital, largo de Santa Barbara, largo da igreja, e do Recolhimento, Mouraria, Praça de Armas, Rua Direita da Igreja para as portas do Castello, Rua Direita para o recolhimento, Rua Nova da Madeira.

Becos—Do Forno, Hospital, Penozinhos.

Freguezias confinantes—S. Bartholomeu, Santiago, S. Thomé.

X—*Nossa Senhora da Encarnação*

Querendo o cabido da antiga cathedral de Lisboa instituir uma nova paroquia, e desmembrar porção do territorio, que comprehendia a freguezia dos Martyres por ser muito extenso, se contratou com os italianos, para que a admittissem na sua igreja, fazendo-se d'este contrato um instrumento publico em 2 de Janeiro de 1551. Algumas memorias constituem este ajuste no anno de 1560; outras no de 1604, outras pouco depois do anno de 1523. O certo é que no anno de 1551 já existia na igreja do Loreto esta paroquia, como consta da relação de Christovão Rodrigues de Oliveira.

Aconteceu em 29 de Março de 1651 o deploravel incendio, que reduziu a cinzas toda aquella sumptuosa igreja: e passando a freguezia para a ermida de Nossa Senhora do Alecrim, como consta da escritura, que os italianos fizeram com o dezembargador Antonio Moniz de Carvalho, e sua mulher D. Isabel Soares de Albergaria, padroeiros da dita ermida, em 7 de maio de 1651: alli se conservou até o anno de 1676,

em que reedificada a dita igreja do Loreto,se restituiu outra vez para ella.(1)

Este regresso se fez com grande solemnidade em 7 de setembro de 1676. Sahiu a procissão da sobredita ermida, e discorrendo pelas principaes ruas do bairro alto acompanhada de todas as religiões da corte, que levavam andores com os seus Patriarcas, era conduzido pelo Nuncio D. Marcello Durazzo, arcebispo de Calcedonia, que no dia seguinte celebrou pontificalmente com a assistencia delrei. No segundo dia fez pontifical D. fr. Christovão de Moura, provisor do arcebispado de Lisboa: e no terceiro dia celebrou o arcediago de Bago D. João Mascarenhas, assistindo todos os conegos em corpo de cabido.

Alguns annos depois pertenderam os italianos conseguir o direito do padroado d'esta freguezia, sobre o qual tiveram litigio com o reverendo cabido, e durou até o anno de 1679, no qual se ordenou ao paroco Manuel Ferreira Lobato, consumisse na missa, que celebrasse na igreja do Loreto, todas as Fórmas, que estivessem no sacrario, e acabada ella, se passasse para a ermida de Nossa Senhora do Alecrim, onde havia no mesmo dia celebrado outro sacerdote, e consagrado Fórmas, para d'alli por diante se administrar o Santissimo Sacramento aos freguezes na dita ermida.

Determinara a condessa de Pontevel D. Elvira de Vilhena, viuva do primeiro conde de Pontevel Nuno da Cunha de Ataide, edificar á sua custa um templo a Nossa Senhora da Encarnação, e elegendo o sitio fronteiro á igreja do Loreto, deu principio á obra em 4 de junho de 1698, deitando no fundamento do edificio a primeira pedra com acto solemne o cardeal arcebispo D. Luiz de Sousa, e concluindo-se a fabrica no anno de 1708, fez o cabido celebrar n'ella a primeira missa em 9 de setembro, cedendo o padroado da mesma igreja na dita condessa fundadora em sua vida sómente, a qual a dotou com tanta liberalidade, e com o verdadeiro fim do culto de Deus, que por fugir á minima vangloria, não quiz ter o gosto de entrar na igreja senão depois de morta, que foi em 30 de dezembro de 1718, onde jaz na sua capella mór. (2)

Concluido tão magestoso templo, se passou para elle o Santissimo Sacramento da ermida de Nossa Senhora do Alecrim em 8 de setembro de 1708, fazendo-se para esta transferencia uma procissão solemnissima, composta de muitos andores, e figuras a cavallo ricamente vestidas, e de um carro triunfante de soberba fabrica, e continuaram as festas na sobredita igreja nova por oito dias successivos com grande e geral applauso. (3)

(1) Persuadem-se alguns, que a primeira transferencia, que esta freguezia fizera depois de se queimar a igreja do Loreto, fora para o Convento da Santissima Trindade, e assim o affirma uma relação, Additamento, que modernamente se fez ao Summario de Christovão Rodrigues de Oliveira, accrescentando mais, que estivera tambem no Recolhimento das Convertidas; porem além de ser isto muito duvidoso, como já ponderou Fr. Apollinario da Conceição na «Demonstração Historica» num 262. verifica-se o contrario pela Escritura, que allegamos, a qual se acha nas Notas do Tabellião Theodoro da Costa e Sousa.

(2) Sousa Histor. Geneal. tom. 12. part. 2 pag. 915. (3) Anno Histor. tom. 3. pag. 36.

*

Tem o paroco predicamento de cura; mas tem tres coadjutores com a mesma obrigação, e um thesoureiro, e todos apresentados annualmente pelo eminentissimo patriarca, a quem pertence *in solidum* o padroado d'esta igreja, a qual rende ao cura tresentos, e cincoenta mil réis; e a cada um dos coadjutores cento e dezaseis mil reis; e toda esta renda é procedida do que chamam pé de altar.

Não ha aqui beneficiados, mas tem a igreja doze capellães de coro, a saber: quatro que instituiu a condessa fundadora com esmolla de cem mil réis cada um, e meio annual de missas livres, com obrigação de acompanharem o Santissimo, quando sahir fóra: a mesa do Santissimo é que administra estas capellas: outros quatro capellães do coro instituiu D. Antonia Francisca de Mendoça, viuva de João Rebello de Campos, com a congrua de duzentos mil réis, e uma missa livre cada semana, e com a mesma obrigação.

Os outros quatro capellães tem capellas na mesma igreja, de que a mesa do Santissimo é administradora, uma das quaes instituiu o sobredito João Rebello de Campos com a congrua de oitenta mil réis, e uma missa livre cada semana; outra capella instituiu Luiz Salinas de Oliveira com cento e dez mil réis de congrua, e missa livre; as outras duas são instituidas pela mesa do Santissimo com a mesma obrigação de coro, e de acompanhar o sagrado Viatico, quando sahir fóra aos enfermos.

Ha mais as capellas seguintes. Duas que instituiu Estevão da Silva com setenta e cinco mil réis cada uma; duas que instituiu Maria Nunes da Silva com oitenta mil réis; uma que instituiu o padre Manuel de Sousa Caldeira com sessenta mil réis; uma que instituiu Maria Barbosa com cincoenta mil réis; outra que instituiu Marcos da Silva com sessenta mil réis: quatro de Nicolau Pereira com oitenta mil réis, e com a obrigação dos capellães confessarem na igreja, e acompanharem o Santissimo. De todas estas capellas é administradora a mesa do Santissimo Sacramento. Havia mais n'esta igreja seis irmandades: a do Santissimo, a das Almas, com seis capellães, cada um com cincoenta mil réis, e missa livre cada semana: a de S. João Bautista, a de S. Vicente Ferrer, a de Nossa Senhora dos Prazeres, a de Santo Antonio, que todas tinham seus capellães.

Tal era o estado d'esta paroquia até o tempo, em que succedendo o espantoso, e nunca visto terremoto, padeceu a igreja a destruição do seu coro, e a ruina de duas piramides da torre, que desabando sobre o adro, tiraram a vida a uma mulher, e a dous padres da mesma igreja, o padre Ivo, e o padre Manuel Pinto. Depois sobrevindo o fogo, este consumio tudo de sorte, que apenas se salvou o cartorio, menos os tres livros, que actualmente serviam para os assentos dos bautizados, recebimentos, e obitos, que se queimaram.

Cuidou logo o paroco em mudar o Sacramento para a igreja do

Loreto, d'onde em o mesmo dia se transferiu para a paroquial de Santa Isabel: e, porque haviam corrido para alli os sagrados vasos de outros templos, fez o reverendo coadjutor Vicente Ferreira Rolim erigir dentro do ambito das chamadas obras do conde de Tarouca, uma decente barraca, em que collocou o Santissimo para melhor expedição dos actos paroquiaes: d'aqui se passou para a parte de fóra, e levantou altar contiguo á parede do mesmo edificio, para melhor commodidade do povo. Porem, como aquelle sitio era summamente desabrido, e não havia reparos opportunos para resistir á inclemencia do tempo, convidado da piedade de Jorge Rodrigues mestre das reaes obras, que no sitio do Pombal havia feito uma barraca de madeira mais commoda, transferiu para ella o Santissimo no mez de fevereiro seguinte, e alli esteve até vespera de Ramos do mesmo anno de 1756, em cujo dia se mudou para a igreja do convento de S. Roque, onde existe na capella do mesmo Santo, que fica no corpo da igreja da parte da Epistola.

No districto d'esta freguezia se acham erectos os seguintes:

Conventos — S. Pedro de Alcantara. De religiosos arrabidos, cuja igreja foi fundada pelo primeiro marquez de Marialva D. Antonio Luiz de Menezes em 12 de agosto de 1680. No adro d'ella fez edificar o inquisidor geral D. fr. Verissimo de Alemcastre, uma capella dedicada aos Santos Martyres portuguezes, Verissimo, Maxima, e Julia, estabelecendo renda para quatro capellães clérigos seculares, com oitenta mil réis cada um, dos quaes é hoje donatario, e administrador o conde de Villa Nova. Defronte da igreja d'este convento, e no grande terrapleno, que alli se ampliou, se erigiu um publico chafariz de cantaria com cinco bicas de excellente agua, conduzida por canos desde o chafariz de Campolide, e começou a correr no dia 8 de Setembro de 1754.

Esta igreja, e convento padeceu grande ruina em o dia do terremoto; porque tudo que se diz convento da fundação, principiando do frontispicio da igreja, dormitorios, portaria, sacristia, casa de capitulo, menos o claustro, refeitorio, de profundis, e cosinha, tudo se prostrou, e destruiu com todos os livros e cousas pertencentes ao coro, e com a perda de bastantes pessoas. Acham-se presentemente accommodados os religiosos em varias cellas, e casas do mesmo convento da reedificação moderna: e a igreja no sitio, onde era a portaria do carro debaixo de uma grande abobeda, accrescentando-se uma barraca em um pateo, que faz capella, coro, e sacristia: e aqui se fazem os actos da communidade, e funcções ecclesiasticas, em quanto se não conclue a reedificação fundamental.

S. Roque. Casa professa, que foi dos religiosos da Companhia de Jesus, os quaes no anno de 1555 se estabeleceram n'este sitio por ordem de elrei D. João III, tomando posse de uma ermida de S. Roque aqui edificada desde o anno de 1506. Reedificou-se depois no anno de

1567. (1) Teve principio n'esta igreja em o ultimo de dezembro de 1718, a instancias do eminentissimo cardeal patriarca D. Thomaz de Almeida, o solemne, e piissimo acto de acção de graças a Deus, que se costumava fazer todos os annos n'este mesmo dia com magnificencia, onde concorriam, e assistiam publicamente as pessoas reaes, com todos os grandes da corte, e se cantava o *Te Deum* a dous coros pelos melhores musicos, e instrumentos, alternando alguns versos devotissimamente todos os estudantes do collegio de Santo Antão, e o mais concurso do povo. Depois do terremoto cessou n'esta igreja o dito acto: porque se costuma fazer na capella regia do novo palacio, junto a Nossa Senhora da Ajuda, tambem com grande pompa, e assistencia das pessoas reaes.

Em 13 de Janeiro de 1751 foi a primeira vez, que se patenteou n'esta igreja de S. Roque a preciosa, e singular capella de S. João Baptista, onde se admiram uns excellentes quadros de obra mosaica, a qual o sempre memoravel, e fidelissimo rei D. João V mandou aqui collocar, tendo-se fabricado em Roma pelos melhores artifices, da mais fina, e preciosa pedraria, e ornada com os mais primorosos ornamentos, em cuja fabrica maravilhosa, dizem que se dispendera a importancia de dous milhões. O flagello do terremoto arruinou parte do frontispicio da igreja, e a torre: mas tudo se acha reparado.

Hospital—Nossa Senhora da Conceição. Dos clerigos pobres. Foi instituido em 12 de dezembro de 1651 pelo tenente general de artilheria Ruy Correa Lucas, e sua mulher D. Milicia da Silveira, para treze clerigos pobres, que não sejam naturaes de Lisboa, e costumam vir a esta cidade a seus negocios. A igreja se começou a edificar em 18 de abril de 1722: tem sido administrado este hospicio em diversos tempos por Henrique Henriques de Miranda, Joseph Galvão de Lacerda, Rodrigo de Oliveira Zagalo, e ultimamente o é por Francisco Carneiro de Araujo, subordinado porém ao provedor dos residuos, e á Mesa da consciencia. Pelo terremoto padeceu sua ruina: mas esta se reparou de sorte, que a parede, e frontaria da rua ficou melhorada no seu projecto.

Collegio—Dos Cathecumenos. Para serem cathequizados, e instruidos na doutrina christã, e na crença da fé catholica os turcos, e quaesquer infieis, que vem a esta cidade, instituiu o cardeal rei D. Henrique este collegio no anno de 1579, a instancias do padre Pedro da Fonseca Jesuita. (2) Está na rua dos Calafates. Tem regimento, que se lhe fez no anno de 1608, que faz executar um reitor clerigo secular, e um provedor com titulo de superintendente, que depois de o haver sido vinte e cinco annos o bispo de Targa D. fr. Jeronymo de Gouvea, a Mesa da Consciencia encarregou depois esta superintendencia a um dos seus deputados.

Recolhimento — Nossa Senhora da Natividade. Das Convertidas. É

(1) Telles Chron. da Companhia part. 2. liv. 4. c. 25. Santuar. Marian. tom. 7. pag. 121.
(2) Telles Chron. da Comp. tom. 2. pag. 183.

casa pia, que instituiram os padres da Companhia de Jesus no anno de 1586, para mulheres governadas por uma regente, e dirigidas pelos mesmos padres. (1) Fez-lhe o terremoto gravissimo prejuizo, de fórma que as obrigou a passarem para o sitio da Fonte Santa, onde estiveram abarracadas até passarem para o sitio do Rego.

Ermida.—Nossa Senhora do Alecrim. Foi fundada no anno de 1641. Acha-se arruinada, e totalmente destruida com o terremoto e incendio.

Constava esta freguezia de dous mil e setenta e dous fogos; e de nove mil quinhentos e vinte tres habitadores. Hoje numera unicamente quatro mil pessoas. As ruas d'esta paroquia, como experimentaram os terriveis effeitos do incendio depois do terremoto, acham-se pela maior parte dezertas, e eram as seguintes:

Ruas—Atalaia, Barroca, Calafates, Chagas, Conde, Flores, Gaveas, Hospital das Chagas, largo de S. Roque, Lima, Loreto, Metade, Moinho de vento, Mouros, Norte, Parreiras, Rosa das Partilhas, S. Roque, Sequeiro das Chagas, Teixeira, Trombeta.

Travessas—Agua de Flor, Ataide, Boa hora, Braz da Costa, Cara, Espera, Estrella, Fieis de Deus, Guarda mór, Horta secca, e pequena, S. Pedro de Alcantara, Poço da cidade, Queimada, Salgadeiras.

Freguezias confinantes—Santa Catharina, S. Joseph, Martyres, Mercês, Sacramento.

XI—*Santa Engracia*

Inflamada do zelo, e caridade christã a serenissima infanta D. Maria, por se achar moradora no sitio do Campo de Santa Clara, e visinha ao convento da mesma Santa, fez desannexar da paroquia de Santo Estevão por Breve de 30 de agosto de 1568 do Papa Pio V, e consentimento do arcebispo eleito D. Jorge de Almeida em 2 de dezembro de 1569, uma grande porção dos moradores, que ficavam extra muros d'esta cidade, erigindo de novo um prior, cura, e beneficiados, que se denominaram da paroquia de Santa Engracia, cuja igreja se edificou por finta dos ditos freguezes dezannexados.

Dividiu então o arcebispo a renda d'esta igreja em nove partes, das quaes foram quatro para o reitor de Santo Estevão, tres para o de Santa Engracia, e as duas para dous coadjutores de ambas as paroquias. De oito beneficiados, que havia na igreja de Santo Estevão, separou tres para a nova igreja de consentimento d'elles, os quaes haviam de rezar n'ella em coro, e dizer as missas cantadas dos anniversarios, e capellas, que tinham em Santo Estevão, e as de semana, que lá lhe pertenciam. (2)

Presentemente consta de um paroco, o qual tem predicamento de

(1) Franco Imagem da Virtude tom. 1. liv. 2. pag. 397.

(2) Consta de umas memor. m. s. dos Arceb. de Lisboa extrahidas do Cartorio do Senado desta cidade, que tivemos na nossa mão, e tambem do liv. 21. p. 146 e 211. da Chancellaria delrei Filippe II.

prior apresentado pelo patriarca, e lhe rende quinhentos mil réis: tem mais um beneficiado coadjutor, com a congrua de cento e oitenta mil réis. Na igreja ha irmandade do Santissimo com dous capellães: a do Senhor da Via-Sacra, e Almas com quatro; a confraria de Nossa Senhora da Esperança, e a de Santo Antonio.

Em a noite tempestuosa de 15 de janeiro de 1630 se arrombou a porta do sacrario desta paroquial igreja, e delle usurparam as sagradas Fórmas. Causou grande horror, e sentimento este atrevido sacrilegio: fizeram-se exactas diligencias para se descobrir o perfido executor: achou-se um Simão Pires Solis, que por indicios foi condemnado, inda que aceleradamente a ser queimado vivo, cortadas primeiro as mãos. (1) D'este execrando roubo permittiu a Providencia do Altissimo, que se originasse para sua maior gloria accidental, a erecção de uma illustrissima irmandade da melhor fidalguia da corte, que com o numero de cem pessoas, e o nome reverente de escravos do Santissimo Sacramento o servem, e festejam todos os annos por tres dias successivos, assistindo elrei, e a capella patriarcal no primeiro, e ultimo d'elles.

Desde então determinou a fidalguia de Lisboa fazer uma nova igreja no mesmo sitio, transferindo-se a paroquia para a ermida da Senhora do Paraiso, e, porque o ambito d'esta ermida não é capaz de comprehender a multidão da nobreza, e pompa, que concorre n'aquelle triduo, se fazia a festa no grande templo de S. Vicente de Fóra, e depois do terremoto se faz na real capella de Nossa Senhora da Ajuda, em quanto se não conclue o insigne edificio da nova igreja, que depois de padecer fatal ruina estando quasi acabada, se edificou pela mesma nobreza outra de mais elegante fabrica no anno de 1682, cuja primeira pedra fundamental lançou nos seus alicerces com toda a cerimonia o Senhor rei D. Pedro II, a qual continha a seguinte inscripção:

Cum ineunte trigesimo supra milesimum sexcentesimum salutis anno ex D. Engratiæ Æde quidam nefarius homo per tenebras procellosæ noctis Sanctissimum Corpus Domini furatus esset, Nobilitas Lusitana in tanti sacrilegii expiationem centumvirale sodalitium constituit, et eodem in loco magnificum Templum propriis sumptibus construere decrevit, ut ubi impia manus sacrosanctam Eucharistiam temerare fuerat ausa, ibi à piis animis æternum colenda foret. At opere jam perfectioni proximo forté colapso, iterum Nobilitas Lusitana impellente, ac magnifice adjuvante Serenissimo Petro Portugalliæ Principe, et Moderatore, aliud Templum, sed elegantioris structuræ, erigere statuit, cujus primum fundamentorum lapidem idem Serenissimus Princeps

(1) Brito de Lemos no Abcedario Milit. p. 84. Cardos. Agiol. Lusit. tom. 2. p. 690. Anno Histor. tom. 1 a 15. de janeiro.

pro insita Lusitanis Regibus pietate propria manu jecit. Ann. Dni. M. DC. LXXXII

Este magestoso templo, que é de figura orbicular, ainda se não terminou de todo; porque chegando até á cimalha real, houve entre os arquitectos receio de que sobrepondo-lhe as abobedas, padecessem as suas paredes outro lastimoso fracasso: e assim está, ha annos, em profundo esquecimento aguardando maior oportunidade de tempo á sua final perfeição.

Nem este edificio, nem a igreja paroquial padeceram com o terremoto ruina alguma: só a experimentaram os edificios grandes, e ordinarios do seu territorio, dos quaes uns se acham já reedificados, outros ainda jazem nas mesmas ruinas. Como o temor, e desamparo dos freguezes foi urgente, dos quaes morreram trinta, resolveram-se os que ficaram vivos occupar os terrenos baldios com barracas, e tendas de campanha no Campo de Santa Clara, no largo da portaria do carro da Graça, ê seu Cardal, na Cruz dos quatro caminhos, no Olival de Penha de França, para onde concorreram no principio do lastimoso desastre.

Comprehende dentro dos seus limites os seguintes

Conventos—Santa Maria de Jesus de Xabregas. De religiosos franciscanos da santa provincia dos Algarves. Foi fundada por D. Guiomar de Castro, mulher de D. Alvaro Gonçalves de Ataide, primeiro conde de Atouguia no anno de 1455, por doação, que deste sitio lhe fez elrei D. Affonso V. No anno de 1460 em 17 de abril tomaram os religiosos posse com um acto solemnissimo, a que assistio o mesmo rei, e muita nobreza. Os religiosos fundadores, que no anno antecedente tinham vindo da Ilha Terceira, foram nove, dous sacerdotes, e sete leigos, e o prelado se chamava fr. Pedro da Zarça, frade leigo, porque n'aquelle tempo precediam as virtudes ás letras. Assistem n'este convento mais de cem frades ordinariamente, e n'elle está sepultado fr. André Cidade, pai do santo patriarca da hospitalidade de S. João de Deus, que tomando aqui o Serafico habito, em só dous annos, que viveu na religião, merecen acabar com opinião de Santo em 11 de março de 1520. É muito celebrada na igreja d'este convento uma prodigiosa imagem de Nossa Senhora com o titulo de Mãi dos Homens, que fez collocar aqui o devotissimo, e religiosissimo padre fr. João de Nossa Senhora, missionario, e varão verdadeiramente apostolico dos nossos tempos.

Na geral destruição do terremoto padeceu este convento uma total ruina, assim na igreja, como nos seus dormitorios, e claustros, mas com a felicidade de que não morreu ninguem, e só cahiu a frontaria do dormitorio grande da parte do adro: porque o mais se demoliu para se reedificar de novo, como se vai fazendo, principiando a obra pelo dormitorio chamado dos prégadores. Vinte dias esteve a communidade posta na cerca ao rigor do tempo, e com limitado reparo, até que forman-

do dentro em uma casa terrea, que servia de celeiro, uma pobre igreja com quatro altares, alli celebraram os officios divinos até á festa dos Reis do anno de 1757, em cujo dia se mudaram para outra casa, que servia de enfermaria, onde erigiram nova igreja com sete altares, coro, e orgão para o culto Divino, e ainda aqui existem em accommodações de madeira.

Nossa Senhora dos Anjos. De Religiosos Barbadinhos missionarios italianos, de que já fallamos no tom. 2. part. 3. cap. 3 § 9 d'este nosso Mappa. Foi o dos bem livrados no terremoto.

Collegio—S. Francisco Xavier. Foi de Religiosos jesuitas, fundado por Jorge Fernandes de Villa Nova no anno de 1679, que deixou um riquissimo legado, para se ensinarem publicamente aos meninos as primeiras letras, e rudimentos da grammatica latina. Teve pequena ruina com o terremoto geral.

Mosteiros — Madre de Deus. De Religiosas Franciscanas Descalças da primeira Regra de Santa Clara. Foi fundado pela rainha D. Leonor em 23 de junho de 1509, e melhorado no edificio, e igreja por elrei D. João III. Venera-se aqui um precioso exemplar do Santo Sudario de Christo muito semelhante ao original, que está em Turim, e um grande thesouro de notaveis reliquias. A devotissima Imagem da Mãi de Deus, que na igreja d'este mosteiro se venera em sua capella da parte do Evangelho, é da maior perfeição, e respeito, que se conhece em todo o reino. (1) Merece tambem honrosa memoria a sacristia d'este templo, pelo primor, aceio, e bom gosto, com que está ornada por diligencia, e direcção do devoto padre Joseph Pacheco da Cunha clerigo secular.

Grande ruina experimentou a igreja d'este mosteiro, a qual quasi milagrosamente se susteve aos impetuosos abalos, com que a accommetteu o terremoto passado. Levaram as religiosas toda a força d'elle no coro, d'onde uma só sahio mal ferida na cabeça, que logo melhorou. Apearam-se meias paredes da capella mór, a parede do coro correspondente á igreja, e algumas officinas do interior da clausura, que tudo se acha quasi reparado com mão larga pela magnificencia da magestade fidelissima de elrei D. Joseph I.

Santos o Novo. De Religiosas commendadeiras da Ordem de Santiago. Foi fundado por elrei D. João II em uma ermida da invocação de Nossa Senhora do Paraiso, situada entre o convento de Xabregas, e o mosteiro de Santa Clara, e para elle mandou o dito rei mudar as religiosas, que se conservavam no antigo mosteiro de Santos o velho, que hoje é igreja paroquial. Fez-se esta trasladação em 5 de setembro de 1490 (2) trazendo-se com religiosa pompa, e solemnidade os corpos dos

(1) Fr. Jeron. de Belem Chron. Serafic. part. 3 liv. 13. cap. 8. p. 27. (2) Assim o escreve fr. Jeron. Roman. na Hist. da Ord. Equestre de Santiag., e Garcia de Resende na Chron. de ElRei D. João 2.º cap. 11. Porem D. Rodrigo da Cunha nos Bispos de Lisboa part. 1. cap. 18. n. 8., diz que a translação fora no anno 1475.

Santos Martyres Verissimo, Maxima, e Julia, acampanhando as sagradas reliquias, e as religiosas o cabido da cathedral com toda a cleresia, e religiões. É este mosteiro de grande authoridade; porque se tratam as religiosas como senhoras, que são: e a sua commendadeira sempre é uma senhora de conhecida nobreza, e qualidade, que presentemente é D. Maria Rosa de Portugal desde o anno de 1743, em que foi nomeada depois da morte de seu marido o conde de Pombeiro D Pedro de Castello-Branco da Cunha. Com o terremoto ficou este grande edificio arruinado por dentro, e incapaz de habitarem nelle as religiosas, as quaes mandaram fazer na sua cerca varias barracas, onde permanecem ainda.

Santa Clara. De religiosas Seraficas observantes da provincia chamada de Portugal. Foi fundada a igreja no anno de 1294 por uma D. Ignez, viuva de D. Vivaldo nacional de Genova, mas cidadão honrado de Lisboa, posto que já no anno de 1292 existiam aqui religiosas. (1) D'este mosteiro amplissimo, exceptuando o dormitorio chamado da benção, e o dos corredores, duas varandas, e algumas capellas, tudo mais, que em dormitorios, e casas particulares recolhia mais de seiscentas mulheres entre religiosas educandas, recolhidas, e criadas, ficou ou de todo abatido, ou irreparavelmente arruinado com o terremoto. O seu famoso templo, que era um monte de ouro, e na grandeza excedia a todos os dos mais mosteiros da corte, ficou totalmente prostrado, excepto a tribuna, e costas da capella mór, sepultando mais de quatrocentas pessoas, que estavam assistindo aos officios divinos. O coro de cima, que era um paraiso na terra, tambem se abateo, e servio de sepultura com suas ruinas a quasi todas as religiosas, que foram cincoenta e seis, além de oito educandas, uma noviça, quatorze recolhidas, quarenta e tres criadas, e nove escravas, que por todas fazem cento e trinta e uma pessoas dentro do mosteiro, que pereceram nesta tragica fatalidade.

Santa Apollonia. De religiosas da primeira Regra de Santa Clara. Deu principio a este mosteiro uma beata de habito fechado que professava a Regra de S. Francisco, e lhe chamavam Isabel da Madre de Deus, a qual tinha vindo de Villa Viçosa com a familia da serenissima casa de Bragança. Foi muito venerada da rainha D. Luiza, que a intitulava a sua Capuchinha. Recolheu-se esta serva de Deus em uma ermida de Santa Apollonia, que era dos confeiteiros, com o intuito de tratar da capella da Santa, e como era muito estimada da casa real, a levou comsigo a senhora D. Catharina para Inglaterra no anno de 1662, d'onde voltando depois no anno de 1693, tornou para a dita ermida, e com outras mais companheiras, especialmente uma, que chamavam Luiza da Assumpção, deu principio ao recolhimento por direcção do P. Fr. Amaro da Esperança commissario dos Terceiros de S. Francisco da Cidade.

Muito deveu este recolhimento na sua origem á casa real, porque

(1) Monarq. Lusit. liv. 17 cap. 19. Corograf. Portug tom. 3. p. 379 Fr. Apollin. Claustro Francisc. p. 193.

as melhores peças, e ornamentos de valor, imagens de santos, e seus ricos vestidos lh'os deu a serenissima rainha D. Luiza, e até o vestido, com que se recebeu a senhora rainha da Gram-Bretanha na Sé de Lisboa, lh'o mandou dar para vestidos de santos. Vivendo pois estas servas de Deus com grande exemplo, e edificação, houve por bem o Papa Clemente XI transformar o recolhimento em mosteiro, cujas recolhidas em 6 de fevereiro de 1718 professaram com grande solemnidade, e com obediencia ao ordinario diocesano. Ficou pouco arruinado este mosteiro, porem as religiosas se abarracaram no Forte a elle contiguo, e a piedade de certo devoto o tem mandado reedificar todo a fundamentis, com prompta, e liberal grandeza.

Recolhimento—Nossa Senhora dos Anjos. Foi instituido pelo excellentissimo principal D. Lazaro Leitão no anno de 1747 para recolhimento de viuvas nobres, e se estabeleceu no mesmo hospicio, que os religiosos Barbadinhos italianos largaram.

Ermidas — Santa Anna.

Senhora da Conceição. No Valle de Chellas.

Senhora da Conceição, e Santo Antonio no Caes dos Soldados.

S. João Bautista.

Madre de Deus. Na travessa do Cascão.

Senhora do Paraiso. Esta ermida serve de paroquia, e d'ella escrevem D. Rodrigo da Cunha nos Bispos de Lisboa pag. 260. O author da Corographia Portugueza tom. 3. pag. 366 e o do Santuario Mariano tom. 7. pag. 68.

S. Pedro de Alcantara. Junto a Santa Apollonia.

Senhora do Rosario da Restauração. Ao Grilo. Foi fundada esta ermida por D. Gastão Coutinho fidalgo da casa de sua magestade, e do seu conselho, instituindo-a por cabeça de morgado na quinta chamada do Grilo, cujos capellães, que são quatro, provê o administrador, mas com approvação, e beneplacito do geral dos Loyos, e de dous conegos, que para isto elege a communidade, e sem seu consentimento não se póde remover algum dos ditos capellães, como diz Santa Maria na Chronica intitulada *Ceo aberto na terra* liv. 2. pag. 493.

Senhora do Rosario. Em Villa Gallega.

Constava esta freguezia antes do terremoto de mil trezentos e trinta fogos: presentemente consta de mil duzentos e dez: em cujo numero sente a diminuição de cento e vinte. Experimenta mais a decadencia na qualidade de seus habitadores, que os mais opulentos desertaram, por ficarem distantes os tribunaes; vindo occupar as casas os hereges protestantes, que já passam de quatorze fogos, por se acharem agora mais proximas as alfandegas. Distribuem-se os moradores pelas seguintes

Ruas—Santa Apollonia, Bica do Çapato, Caes, Calçada dos Barbadinhos, Calçada do Forte, do Grilo, Cruz, Cruz da pedra, e dos quatro caminhos, Galé, Graça, Grilo, Paraiso, Penha, Piedade, Xabregas.

Becos, e Travessas—Arcipreste, Calçada de Santa Clara, e da Cruz, Campo de Santa Clara, Cascaes, Conde de Avintes, Era, Flores, Freiras, Lages, Meio, Mouros, Paraiso, Postigo do Arcebispo, de S. Vicente, Raposo, Santos, Valle de Chellas, Valle escuro, Veronica, Vibre, Zagallo.

Freguezias confinantes—Senhora dos Anjos, Santo Estevão, Senhora dos Olivaes, S. Vicente.

XII—*Santo Estevão*

A memoria mais fidedigna, que encontramos da antiguidade d'esta paroquia, é do anno de 1295, no qual a 18 de maio passou elrei D. Diniz provisão para ser collado nella em prior o mestre João, fisico da rainha D. Brites; e foi elle o ultimo, que obteve esta igreja, estando ainda no padroado real; porque a 8 de julho do mesmo anno fez o dito rei mercê d'elle ao bispo de Lisboa D. João Martins de Soalhães, para continuar em seus successores, (1) e d'esta sorte se incorporou na mitra, cujos prelados são presentemente seus donatarios.

O paroco tem predicamento de prior, que é provido por concurso, e se estima a sua renda em quatrocentos mil réis: sendo que d'estes ha de dar a quarta parte a um coadjutor. Ha aqui oito beneficios, que apresenta alternativamente a Sé Apostolica, e o prelado diocesano, e rende cada um cincoenta mil réis. As irmandades, que se acham aqui estabelecidas, são: a do Santissimo, que apresenta uma meia capella: a da Via-Sacra, que apresenta tres capellas, para o que tem propriedades vinculadas: a da Conceição, e Mãi dos Homens: a de Nossa Senhora da Atalaya, imagem antiga, e milagrosa, e que tem uma irmandade dos mareantes, e pescadores com seu capellão.

Aos insolitos abalos do terremoto cahiu nesta igreja uma imagem de pedra do Santo Patrono Protomartyr, que estava no frontispicio, e arruinou o coro com a sua queda, mas já se acha reedificado: apeou-se parte da torre, que ameaçava ruina, e com o temor de outra maior, passou a paroquia para a ermida de Nossa Senhora do Rosario no largo do sitio das Galés. Não consta que morresse na igreja pessoa alguma nesse dia; porem pelo destrito da freguezia, segundo o assento do livro dos obitos, não chegaram a quarenta: contém no seu territorio as seguintes

Ermidas.—Senhor Jesus da Boa nova. Ás portas da Ribeira junto da Galé. É administrada por uma irmandade secular com o titulo de Via-Sacra. Tem para seu estabelecimento duzentos mil réis em uma propriedade mystica á dita ermida, a qual com o terremoto não padeceu destroço.

Nossa Senhora dos Remedios. Junto ao chafariz de dentro. Tem de rendimento oito mil cruzados, e é administrada pela irmandade do Espirito Santo, que se compõe dos navegantes, e pescadores de Alfama,

(1) Cunha Catalog. dos Disp de Lisb. part. 2. cap. 77.

com seu juiz conservador, que é o corregedor do crime da corte. Tem tambem seu hospital para se curarem nelle os irmãos pobres. (1) Ficou arruinada com o terremoto, porem acha-se inteiramente reedificada.

Constava esta paroquia antes do terremoto de mil cento e vinte e nove fogos, e quatro mil trezentas e vinte cinco pessoas de communhão: presentemente numera oitocentos e setenta e oito fogos; e tres mil quatrocentas pessoas de communhão. Distribuem-se pelas seguintes

Ruas. Portas da Cruz, (2) Rua direita, dos Remedios, do Vigario.

Freguezias confinantes. Santa Engracia, S. Miguel, Salvador, S. Vicente.

XIII — *S. João da Praça*

A origem d'esta paroquia é antiga, porque já no anno de 1317 achamos, que o bispo de Lisboa D. fr. Estevão II collara nella em 28 de setembro ao prior, a quem elrei D. Diniz havia feito mercê como padroeiro da dita igreja. (3) A mesma mercê fez depois elrei D. Affonso IV a um capellão da capella real, como consta do livro dos padroados, que está na Torre do Tombo na casa da corôa fol. 14. vers. col. 1. O senhor rei D. Pedro II fez mercê d'este padroado a D. Pedro Joseph de Noronha, primeiro marquez de Angeja.

Rendia esta igreja ao prior antes do terremoto quatrocentos mil réis, e cada um dos quatro beneficios, que ha aqui, renderá pouco mais, ou menos cem mil réis. Sobre a apresentação d'estes beneficios litiga o procurador da corôa com os beneficiados, sem embargo de que se mostram muitas apresentações feitas pelos priores. Ha nesta igreja as irmandades e capellanias seguintes. A do Santissimo com uma capella de oitenta mil réis; a das Almas com dez capellães de cincoenta mil réis: a de S. João Bautista: a de Nossa Senhora da Encarnação, a qual só consta de cortadores, e apresenta dous capellães com sessenta mil réis cada um. Além d'estas estabeleceu aqui uma capella a Santa Catharina um Joseph Rodrigues de Figueiredo, que concorria com tudo que era preciso.

Com o geral fracasso do terremoto, e incendio, se arruinou, e quei-mou, ficando em deploravel estado: á vista do qual determinou a mesa com o paroco se collocasse o Santissimo em uma ermida existente na travessa da Veronica, em quanto se cuidava em melhor accommodação; o que depois se fez, erigindo uma decente ermida no caes de Santarem, onde existe. Numera trezentos fogos distribuidos pelas seguintes

Ruas. Adro da igreja, Santo Antonio na Ribeira, Arco do Chafariz,

(1) Santuar. Marian. tom. 1. p. 231. (2) Neste sitio fundou elrei D. Diniz no anno de 1290 a primeira Universidade que houve em Portugal, como diz o Chronista Brandão na Monarquia Lusitana part. 5. liv. 16. cap. 82 accrescentando, que póde este reino venerar esta Porta como solar das boas letras, e primeira habitação da sciencia, e que parece não quer Deus tenha Portugal nenhuma boa dita, que não seja apadrinhada de sua Cruz sagrada.

(3) Cunha Histor. Eccles. de Lisb. part 2. cap. 81 n. 7.

e do Conde de Coculim, e o de Jesus, Armazens, Atafonas, Barão, Caes de Santarem, largo da Botica, Marichal, Pasteleiro, Rua direita de S. João da Praça da parte esquerda, Temte lá, Varandas do conde de Villa-Flor.

Becos. Santo Antonio, Igreja, João Seco, Pardieiro, Silva.

Freguezias confinantes. S. Jorge, Santa Maria, S. Pedro.

XIV—*S. Jorge*

Coincide a antiguidade d'esta freguezia com a de S. Bartholomeu. Elrei D. Diniz a annexou á cadeira do mestre-escola da Sé, que nunca a apresentou, e sempre andou em concursos, e renuncias até o presente. O paroco tem predicamento de prior, cuja renda era estimada em seiscentos mil réis. Ha na igreja quatro beneficios, que servidos chegavam a duzentos mil réis cada um, e estes tem um aprestimo na Chamusca, em que não entra o prior, o qual rende a cada um vinte moedas. São estes beneficios da apresentação do prelado, e tambem de renuncia.

As capellas, que havia na igreja, eram a do Santissimo, instituida por Francisco de Lima, que a mesa apresenta com sessenta mil réis de congrua para o capellão; duas das Almas com cincoenta mil réis cada uma: mais uma do Menino Jesus, que era dos cegos. Defronte d'esta igreja houve antigamente um collegio, que o doutor Diogo Affonso Manga-ancha mandou fundar no anno de 1447, para dez collegiaes pobres. (1)

Ficou tambem destruida com o terremoto, e fogo, por cuja causa se transferiu para a ermida de Santa Barbara, para diante do Campo do Curral, e depois se tornou a estabelecer do modo possivel na mesma freguezia. Constava de cincoenta e oito fogos, e das ruas seguintes presentemente desertas.

Ruas. Parte da rua direita, que vai do largo da igreja para o Limoeiro da banda direita, parte do beco do Bogio, parte do beco do Alecrim do mesmo lado da igreja.

Freguezias confinantes. S. João da Praça, Santa Maria, S. Martinho.

XV—*S. Joseph*

O cardeal infante D. Henrique, sendo arcebispo de Lisboa desmembrou do territorio da freguezia de Santa Justa, por ser dilatado, a porção, que deu a esta de S. Joseph a 20 de novembro de 1567, erigindo a paroquial na ermida da mesma invocação, que os pedreiros, e carpinteiros haviam fundado á sua custa com licença do arcebispo D. Fernan-

(1) Leitão Ferreira Noticias Chronologic. num. 764.

do de 6 de julho de 1545 fora dos muros antigos de Lisboa, passando as portas de Santo Antão mil e quatrocentos passos andantes.

Ha pouco mais de cem annos, que a maior parte d'esta freguezia eram matos cerrados com algumas hortas, olivaes, e quintas, hoje está summamente povoado o seu destricto, que entre as paroquias da cidade é um dos mais aprazíveis, pois observado da Cotovia faz um prospecto agradavel todo o seu terreno.

Tem o paroco predicamento de vigario, posto que o cardeal arcebispo no alvará da fundação da freguezia, que vimos, lhe dá sómente o titulo de cura. É igreja da mitra, e rende mais de seiscentos mil réis. Tem um coadjutor, que a irmandade de S. Joseph apresenta, e o prelado approva, levando por isso a quarta parte de todos os benesses, e emolumentos da igreja, como expressamente o declara o mesmo alvará. Consta mais de um cura, a quem o vigario dá trinta mil réis, e de um thesoureiro, que apresenta o prelado, e costuma render perto de cem mil réis.

Na igreja ha as irmandades, e capellas seguintes. A de S. Joseph erecta pelos pedreiros, e carpinteiros no anno de 1532, como consta da inscripção, que está no frontispicio da mesma igreja, que logo transcreveremos. Esta irmandade tem a administração da capella mór, e da Senhora da Fé com sete capellães, a quem dão quarenta e oito mil réis a cada um. Ha mais a irmandade do Santissimo bastantemente opulenta, e foi erecta no anno de 1571, como consta do seu Compromisso, e administrava, e pagava a doze capellães de missa quotidiana, cujos instituidores são os seguintes.

O conde da Castanheira Simão Correa da Silva instituio duas de setenta mil réis cada uma. D. Marianna da Maia uma de oitenta mil réis. Joseph de Moraes, e sua mulher Isabel Martins outra de sessenta mil réis. Francisco Ribeiro da Fonseca tres de setenta mil réis. Barbara de Carrião duas de cem mil réis. Tem mais tres capellães, que dizem as missas pelos irmãos, e outras de legados, que deixaram Affonso Gonçalves, o padre Belchior do Rego Belliago, João de Carrião, Francisco Pires, e outros. Dá tambem esta irmandade do Ssntissimo um dote de oitenta mil réis cada anno, que deixou o P. Manoel Pereira.

Ha mais uma capella, que instituio Manoel Galvão de sessenta mil réis, e ha mais outras de sessenta e cinco mil réis instituidas pelo sargento mór de batalha Antonio de Sá de Almeida. A irmandade das Almas tem doze capellães com quarenta e quatro mil réis cada um, cuja congrua sahe toda das esmolas, que se tiram quotidianamente dos fieis com a bacia.

Com o terremoto passado padeceu esta igreja pequena ruina, ficando sómente o seu frontespicio algum tanto esquartejado, por cujo motivo a irmandade do Santissimo mandou fazer no campo da horta por detraz do palacio de Marco Antonio uma barraca de madeira, para en-

de se mudou o Sacramento, e se faziam as funções paroquiaes. Aqui esteve a freguezia até 22 de julho de 1757, em cujo dia se restituio por ordem de sua eminencia para a sua antiga igreja, a qual os pedreiros, e carpinteiros reformaram, e melhoraram, quanto á arquitectura da frontaria, onde fizeram esculpir estes dous padrões. O primeiro, que fica da banda do Evangelho, diz:

In. a. o.

Por causa do lamentavel terremoto do primeiro de novembro de 1755 se arruinou a frontaria d'esta igreja. A irmandade do Senhor S. Joseph, como Padroeira da mesma, a mandou levantar no estado em que se acha, no anno de 1757.

Ultra non commovebitur, lib. 1. Par. 17.9.

Debaixo d'este padrão estão gravadas na mesma pedra com primor os instrumentos do officio de pedreiro, nos quaes se lêem estas letras: *Hic est Faber.* Marc. 6. 3. *Joseph faber lapidarius.* Calmet. As letras *In. a. o.* que estão no principio, querem dizer *In anathema oblivionis*: isto é, para memoria perpetua da gratidão: cuja epigrafe é tirada do cap. 16. de Judith. v. 23.

O segundo padrão está da parte da Epistola, e diz:

M. S.

Na era de 1537 se principiou a Confraria do Senhor S. Joseph, que foi a primeira d'este Reino: e na era de 1546 a 7 de abril se tirou S. Joseph de Santa Justa para esta casa.

Possederunt filii Joseph. Josué. 16.4.

Debaixo d'esta inscripção se vêem insculpidas as ferramentas do officio de carpinteiro muito bem abertas, e sobre a serra se lê *Joseph faber lignarius.* Vers. Hebraica.

Comprehende esta paroquia dentro dos seus limites os templos seguintes:

Convento—Corpus Christi. De religiosos Carmelitas Descalços, erecto no anno de 1756 no principio da travessa fronteira ao palacio de D. Diniz de Almeida.

Hospicios—Brunos. É dos religiosos da Cartuxa de Laveiras, e está na estrada do Salitre, na rua da Palmeira. Foi principiado em uma horta, que lhes deu o bispo capellão mór D. Jorge de Ataide no anno de 1609, para dote de duas cellas, que estabeleceu no dito convento. Tem sua capellinha, onde diz missa o procurador, quando vem á cidade. A ruina, que padeceu com o terremoto, se acha recuperada.

Carmelitas Calçados. Da provincia do Maranhão. Está na rua direita de Santa Martha, e foi fundado no anno de 1745.

Dominicos. Na igreja de Santa Joanna. Foi fundado em 25 de novembro de 1699, em uma quinta de D. Alvaro de Castro, sita a diante de Santa Martha, e a deixou em testamento para se estabelecer um collegio de missionarios da India. Pelo terremoto não padeceu ruina alguma: e assim como aqui assistiam poucos religiosos, e as da Annunciada se considerassem na urgencia de abandonarem o seu mosteiro, mudaram-se para a cerca de Santa Joanna, accommodando-se em varias barracas, que mandaram erigir. Depois com animo de persistirem neste sitio, tem concorrido a grandeza de elrei com o dispendio de duzentos mil cruzados, para lhes fazer um mosteiro amplissimo, que ainda não está completo.

Mercenarios. Este hospicio foi fundado na rua do Passadiço no anno de 1747, e nas terras do desembargador Antonio de Macedo, que as deu para o tal edificio, sendo procurador geral o padre fr. André Pinto da Silva. A pequena ruina, que padeceu, se acha remediada.

Mosteiros—Nossa Senhora da Annunciada. De religiosas Dominicas. Foi primeiramente habitado de religiosos de Santo Antão no anno de 1400. Trocaram este convento no anno de 1539 com o das freiras da Annunciada, que elrei D. Manoel havia fundado no anno de 1519 ao pé do Castello, junto á Mouraria; e assim as religiosas trouxeram comsigo a invocação da Annunciada para o convento dos frades de Santo Antão, e os frades levaram o nome do santo para o mosteiro, que ainda hoje conserva o de Santo Antão o Velho. Com o terremoto se arruinou bastantemente não só o mosteiro, mas a igreja, ficando nesta toda a sua abobeda aberta pelo meio até o arco da capella mór, e perecendo neste estrago dez religiosas; entre as quaes merece especial memoria a madre Soror Caetana da Encarnação, filha do II marquez de Tavora, de vida exemplarissima, e virtuosa: não menor lembrança deixaram da sua virtude as madres Soror Josefa Teresa, Soror Anna Felicia, e Soror Luiza Victoria, filha dos Barões da Ilha grande, e de vida inculpavel. Preoccupadas as mais religiosas do grande temor, que tambem a violencia do fogo já proximo as ameaçava, resolveram sahisse toda a communidade para uma horta alli contigua chamada do Cardador, onde estiveram até quarta feira ao jantar, em cujo dia se passaram para o convento de Santa Joanna, onde se conservam ainda em uma grande accommodação, que elrei lhes mandou fazer generosamente.

Defronte d'este mosteiro existia o palacio dos condes da Ericeira, hoje marquezes do Louriçal, fundado por Fernando Alvares de Andrade do conselho delrei D. João III no anno de 1533. Depois se accrescentaram dous novos quartos, que tudo comprehendia cento e vinte casas, dez pateos, jardins, e hortas, e lograva mais de duzentas pinturas, muitas d'ellas de Ticiano, Corregio, Rubens; e sobre tudo uma excellente livraria, que continha dezoito mil volumes impressos: mil collecções de papeis varios, a Historia do Imperador Carlos V, escrita pela sua pro-

pria mão, um livro de hervas, e plantas illuminadas com as suas naturaes cores, que foi de Mathias Corvino rei de Hungria, cartas de marear dos primeiros descubridores das nossas conquistas, e muitos volumes manuscritos em diversas materias pelos senhores da casa da Ericeira. Tudo isto devorou o incendio no mesmo dia do grande terremoto, reduzindo a cinzas em breves minutos tão preciosas, e irrecuperaveis alfaias.

Santa Martha. De religiosas de S. Francisco. Teve principio depois do anno de 1569 em um recolhimento de donzellas orfans, que por agencia do padre Antonio de Monserrate da Companhia de Jesus, elrei D. Sebastião estabeleceu para as filhas dos seus criados, que haviam morrido da grande peste succedida em Lisboa por aquelle tempo. Transformou-se em mosteiro no anno de 1580, lançando-se a primeira pedra a 6 de fevereiro, e no anno de 1583 se reduzio a clausura a instancias do padre Pedro da Fonseca jesuita, que lhe fez estatutos especiaes em ordem á sua conservação. É sujeito ao Ordinario. Alguma cousa padeceu com o terremoto, que obrigou ás religiosas abarracarem-se na sua cêrca, porem reparada a ruina, se acham já restituidas ás suas cellas. O grande palacio dos condes de Redondo contiguo a este mosteiro, para cuja capella mór tem uma magestosa tribuna, onde tivemos a honra de celebrar a nossa primeira missa em 7 de novembro de 1733, ficou izento dos horrorosos abalos do terremoto: antes serviram algumas das suas officinas de commodo, e abrigo aos pobres doentes, e miseraveis, a que os senhores d'esta casa mandaram assistir caritativamente por acção propria da sua innata piedade.

Ermidas—Nossa Senhora do Bom Successo. Na calçada do Lavre, que antigamente se chamava calçada de Damião de Aguiar. Foi edificada no anno de 1568 por João Rodrigues Torres. A Imagem da Senhora dizem, que apparecera sobre o bocal de um poço, que está debaixo da mesma capella. Permanece ainda aqui uma irmandade da Via-Sacra, que instituio o veneravel fr. Antonio das Chagas. Não padeceu ruina alguma, e nella residiu depois do terremoto a collegiada da Misericordia.

Nossa Senhora da Gloria. Foi edificada esta ermida por Fernão Paes, nobre cidadão do Porto, no anno de 1570. Depois a possuiram os condes da Castanheira, e hoje D. Luiz de Portugal. Nesta igreja estiveram hospedadas umas religiosas flamengas, que no anno de 1582 vieram para este reino desterradas, fugindo á herezia Lutherana, em tempo de elrei Filippe II, e depois de quatro annos, se passaram para o sitio de Alcantara, onde se edificou o mosteiro de Nossa Senhora da Quietação. Acha-se esta ermida arruinada por causa do terremoto.

S. Luiz Rei de França. Consta que a confraria de S. Luiz da nação franceza estivera na ermida de Nossa Senhora da Oliveira no anno de 1558. Começou-se a fazer a nova igreja de S. Luiz ás portas de Santo Antão no anno de 1563, a qual se concluio, e juntamente um hospital para agazalhar, e curar os doentes pobres da sua nação, no anno de

1572, e em cujo anno a 20 de agosto lhes concedeu licença o arcebispo D. Jorge de Almeida para se dizer nella missa, a qual se verificou a 25 dia do santo: e por ficarem izentos da matriz, se contrataram com o cura da igreja de S. Joseph, que então era Nuno Cabral Camello, em seiscentos réis cada anno. Tambem nos consta de documentos authenticos, que vimos, que a imagem do santo, e mais ornamentos estiveram na ermida de Nossa Senhora da Victoria. Tem a dita confraria, e o seu capellão muitos privilegios concedidos pelo Papa Paulo IV no anno de 1561. Fez a dita irmandade no anno de 1580 um concerto com Marcos Heitor, cosinheiro mór na caldeiraria, por este lhe fazer mercê de umas casas suas, sitas defronte da dita igreja, onde se fez o adro, com obrigação de lhe mandarem dizer cada semana uma missa rezada pela sua alma, e de sua mulher, com outras mais clausulas. A ruina, que teve com o terremoto, se acha recuperada.

Nossa Senhora da Pureza. Na calçada de S. Roque. Foi fundada no anno de 1581 por Manoel de Castro solicitador dos orfãos, e sua mulher Filippa Lourenço, e a dotaram de cem mil réis para a fabrica. Agora a administra o conde de Castello Melhor, que comprou o direito aos herdeiros em 18 de maio de 1711. Não padeceu ruina alguma, e nella existe a paroquia de S. Nicolão.

Constava esta freguezia antes do terremoto de mil e cem fogos, e de cinco mil e seiscentas pessoas de communhão. Depois se tem augmentado, e povoado pelas terras da Cotovia, e algumas hortas mais de sessenta fogos, e se vão continuamente erigindo propriedades em grande numero com ruas, a que ainda se não sabe os nomes, sendo as antigas as seguintes:

Ruas. Calçada da Gloria, e do Lavre, Calçadinha de Santo Antonio, ou de Rilhafolles, Caridade, Carrião, Cazal das Moças, Cisterna, ou Santa Barbara, Condes, Direita, Esperança, Fé, Horta dos Ulmeiros, Largo de S. Luiz, Macedo, ou Oliveirinha, Metade, Palmeira, Passadiço, Praga, Pretas, Rua Nova da Gloria, Salitre, Telhal.

Becos. Mancebia, Siqueiro, Tem tem.

Travessas. Açougue, Cotovia, Despacho, Freiras, Melro, Parreiras, Passagem, Sem sahida.

Freguezias confinantes. Senhora da Encarnação, Santa Isabel, Santa Justa, Pena, S. Sebastião da Pedreira.

XVI — *Santa Isabel*

Crescendo excessivamente a povoação nos suburbios da cidade, e sitio de Campolide, determinou o eminentissimo Cardeal Patriarca D. Thomaz de Almeida erigir uma nova paroquia, separando parte dos moradores das freguezias de Santos, e S. Sebastião da Pedreira, e parte da de Santa Catharina, e S. Joseph, e elegendo para esta erecção a er-

mida de Santo Ambrosio, que existia pouco acima do mosteiro de Trinas no sitio do Rato, nella disse missa a 14 de maio de 1741, collocando no sacrario o Santissimo Sacramento com grande solemnidade, ordenando que d'alli por diante se invocasse a freguezia com o titulo de Santa Isabel rainha de Portugal, e que os freguezes do territorio assignado reconhecessem por seu paroco ao reverendo Felisberto Leitão de Carvalho, a quem constituio no caracter de primeiro reitor d'ella.

No anno seguinte de 1742 a 4 de julho fez o mesmo eminentissimo Cardeal Patriarca fundar uma nova igreja para estabelecimento da paroquia, cuja primeira pedra lançou nos fundamentos do edificio, com rito solemne, o excellentissimo principal Almeida seu sobrinho. Subio a obra de cantaria até a cimalha real, mas descobrindo-se no desenho alguns excessos, em que não se reparou no principio, e tambem por falta de cabedaes, esteve suspensa alguns annos: até que desejoso o magnanimo prelado de vêr concluido um templo, que elle havia principiado com gosto, entregou generosamente em 27 de outubro do anno de 1753 á Irmandade do Santissimo da dita paroquia toda a sua preciosa copa de prata, com cuja importantissima esmola se foi continuando a obra da igreja com fervor, emendando-se do primeiro risco o que foi possivel.

Rendia esta freguezia ao seu reitor mais de seiscentos mil réis, e depois do terremoto, quasi que rende outro tanto. Apresenta elle quatro curas para o ajudarem no ministerio, e tem um thesoureiro, que apresenta o prelado, e renderá mais de cento e cincoenta mil réis. Ha na igreja dezaseis capellas a saber: uma do Santissimo, outra de Nossa Senhora da Arrabida, e quatorze das Almas, de cincoenta mil réis cada uma. Ha mais uma Irmandade da Via-Sacra com o titulo do Senhor Jesus dos Afflictos.

Na lastimosa tragedia do terremoto foi esta paroquia a mais bem livrada; porque nem a Igreja, que ainda não está acabada, nem a em que reside a paroquia sentiram ruina alguma; nem consta, que em todo o destricto da freguezia padecesse alguem. Só na rua da Cotovia desde as casas de D. Rodrigo até as obras do conde de Tarouca, e bairro do Pombal houve alguma derrota nos edificios; porem tudo reparavel, e já habitado.

Existem no destricto d'esta freguezia os seguintes templos:

Conventos—S. Bento da Saude. De Monges Benedictinos. Foi erecto no anno de 1598 pelo seu geral fr. Balthazar de Braga a expensas da religião, como consta dos disticos latinos abertos em uma pedra, que se lêem por cima da portaria, que dá entrada para os claustros, que dizem:

Cui tantum sacratur opus, cui nobile Templum
Hæc Bene bis dicto dedicat Ordo Niger.
Qui parat expensas Monachum ditissima pulchrum
Pauperies propriis sumptibus fecit opus, etc.

O vulgo cuida que fora fundado pelo marquez de Castello-Rodrigo, o qual só tomou a capella mór á sua conta, e para seu jazigo; cujo contrato desfizeram os religiosos com os herdeiros do marquez, dando-lhe este convento dez mil cruzados no anno de 1718, sendo então abbade o padre fr. Bartholomeu de S. Jeronymo. É este edificio magnifico pela situação do terreno, e pela grandeza de todas as suas partes, que o compõem.

Do insolito, e geral estrago do terremoto ficou todo este sagrado edificio tão preservado ainda da menor ruina, que esteve em termos de se congregar no seu templo a nobilissima, e grande communidade da Santa Igreja Patriarcal, para nelle exercer as funções ecclesiasticas: e assim se mandou logo insinuar ao D. Abbade d'este convento por carta do secretario de estado o excellentissimo Sebastião Joseph de Carvalho e Mello, cuja copia é a seguinte:

«Tendo a incomparavel piedade de Elrei Nosso Senhor preferido a todos os grandes cuidados da conjunctura presente o de se restabelecerem logo, e sem perda de tempo os exercicios de Coro, e da Santa Igreja Patriarcal, em que se devem perennemente dar a Deus os infinitos louvores, que devemos á sua Divina misericordia, por nos preservar depois de uma tão grande calamidade as Reaes Pessoas de Suas Magestades com toda a Familia Real, e a uma tão grande parte das pessoas, que constituem todos os estados d'este Reino. E não se achando nem na Corte, nem nos seus suburbios outra Igreja com estado de substituir com a brevidade, que é indespensavel á Patriarcal, de que Deus foi servido privar-nos, se não for o Templo d'esse Mosteiro, que a Divina clemencia preservou dos estragos, a que se reduziram tantos outros: para que de todo não cessem os seus santos louvores, me manda Sua Magestade participar a V. Paternidade, que nesta extremosa urgencia, de acordo com o Eminentissimo, e Reverendissimo Senhor Cardeal Patriarca, tem assentado, em que nessa Igreja de S. Bento da Saude, e em algumas das casas, e officinas misticas a ella, que necessarias forem, se celebrem por ora, e em quanto o mesmo Senhor não der mais ampla providencia, que tem determinado, todos os Officios Divinos, que até o dia primeiro do corrente se celebravam na Santa Igreja Patriarcal: esperando que o zelo do serviço de Deus, e de Sua Magestade, que tanto tem resplandecido na Communidade, a que V. Paternidade reside, nesta occasião o fará cooperar para o dito effeito, de sorte que os exercicios da Cathedral se façam compativeis com os do Coro, que a mesma Communidade frequenta com tão exemplar observancia. Deus guarde a V. Paternidade. Paço de Belem a 17 de novembro de 1755.»

Esta determinação não teve effeito, porque a patriarcal foi para a ermida de S. Joaquim, em Alcantara, como temos dito; mas não deixou

tão vasto edificio de dar commodo dentro do seu ambito ao archivo real da Torre do Tombo, como já dissemos, e á academia militar, ou aula da fortificação, que se estabeleceu em uma casa situada no portico da igreja, para onde tem sua principal serventia opposta á portaria conventual do sobredito convento, cujo exercicio teve principio em outubro de 1757.

Nossa Senhora da Estrella. Dos mesmos monges benedictinos, fundado no anno de 1572 pelos seus reformadores. Serve de collegio aos taes religiosos. Padeceu fatal destroço com o terremoto; porem toda a sua grande ruina se acha quasi remediada.

Nossa Senhora da Assumpção. Noviciado, que foi dos religiosos jesuitas no sitio da Cotovia, fundado em 23 de abril de 1603 por Fernão Telles da Silva, governador da India e sua mulher D. Maria de Noronha. Experimentou este templo seu destroço, mas já se acha restabelecido, e n'elle fundado nobremente o novo collegio chamado dos Nobres.

Senhor Jesus da Boa Morte. Hospicio de Congregados, que fundou o irmão Antonio dos Santos no anno de 1736, e de quem já fallamos no tom. 2. part. 3. d'este nosso mappa cap. 3. § XIX. Não padeceu ruina alguma com o terremoto.

Mosteiro—Nossa Senhora dos Remedios. De religiosas Trinitarias, no sitio do Rato. Havia Manuel Gomes de Elvas fidalgo da casa de sua magestade em seu testamento, que fez em Lisboa a 29 de Junho de 1620. instituido dous morgados de seus bens, de que hoje é administrador Luiz Joseph Correa de Lacerda, tenente coronel no regimento de Olivença, mandando que á custa dos seus bens se fizesse com a maior grandeza um mosteiro da Ordem, e invocação da Santissima Trindade, para o qual havia alcançado licença de elrei, e que se fundasse em o sitio de Campolide, chamado hoje o Rato, e que n'elle entrariam quarenta religiosas sem dote, as quaes seriam apresentadas pelos successores, e administradores dos referidos morgados por elle instituidos, como tambem dous capellães, para cujas despezas, e sustentação deixou fundo competente. Determinou mais que na capella mór se faria jazigo para os ditos administradores: e que o seu corpo fosse depositado na igreja de Nossa Senhora do Carmo d'esta corte, para que, quando estivesse acabada a igreja do mosteiro, fossem para ella trasladados os seus ossos. Depois que morreu o dito Manuel Gomes de Elvas, se deu principio á undação do mosteiro, e chegando-se a concluir, houve entre os testamenteiros algum descuido, até que o zelo, e actividade do patriarca D. Thomaz de Almeida, fazendo que em o mez de junho de 1721 tivesse principio a clausura do mosteiro, n'elle entraram religiosas com apresentações do administrador. E, porque se reconheceu que as rendas applicadas ao dote do mosteiro não poderiam subsistir para a prompta sustentação das quarenta religiosas, como recommendava seu instituidor se reduzia ao numero de trinta; e mais seis conversas para o ministerio

particular do mosteiro, em cujo numero se conserva presentemente sujeito á jurisdicção do ordinario. Os ossos do instituidor até agora não se trasladaram por falta de noticias, que ha do lugar onde positivamente foi sepultado seu corpo na igreja do Carmo. A pequena ruina, que padeceu este mosteiro, e igreja pelo terremoto, logo se remediou.

Hospicio—Dos missionarios do Varatojo. Na rua da Conceição á Cotovia, por mercê d'elrei fidelissimo D. Joseph I desde o anno de 1760.

Ermidas—Santo Ambrosio. Presentemente serve de paroquia. Não experimentou ruina alguma.

Santa Anna. Na ribeira de Alcantara.

Senhora da Conceição. Na Fonte Santa.

Senhora da Conceição. Na quinta chamada do inferno.

S. João dos Bem Casados. Edificou-a Antonio Simões, official de dourador no anno de 1580.

Nossa Senhora Mãi dos Homens. Na quinta de Joseph Ribeiro escrivão dos armazens, fundada no anno de 1755.

S. Pedro. Fundada por um Pedro Marques no anno de 1621.

Nossa Senhora da Piedade. Na quinta chamada do Tenente coronel.

Nossa Senhora dos Prazeres. Na quinta dos condes da ilha, junto á ribeira de Alcantara, com quem o povo de Lisboa tem grande devoção.

Depois do terremoto se fundaram as ermidas, e templos seguintes:

Santa Anna. Defronte da igreja nova de Santa Isabel, fundada por D. Margarida.

Santo Antonio, e Nossa Senhora da Conceição. Na rua de S. João dos Bem-Casados. Foi fundada no anno de 1756 por D. Nuno, filho do duque de Cadaval.

Nossa Senhora da Piedade das Chagas. Aos Cardaes, de que já fallamos.

A Santa igreja Patriarcal. No sitio das obras do conde de Tarouca, de que tambem ja fallamos.

S. Francisco de Borja. Residencia que foi dos procuradores Jesuitas da America, e Asia. Hoje serve de seminario da Patriarcal.

Senhor Jesus dos Afflictos. Na rua da Madre de Deus.

Santo Antonio. Na rua para baixo do Pombal, onde esteve a paroquia da Encarnação. Fabricou-se de madeira pelo mestre de obras Jorje Rodrigues de Carvalho, mas depois se extinguiu.

Santo Antonio. Onde esteve a misericordia na rua de S. Bento. É de Antonio Rodrigues Gil.

Menino Jesus. Em a rua chamada Campo de Ourique.

Nossa Senhora dos Milagres. Que fundou Manuel de Jesus na travessa dos ladrões.

Convento de Nossa Senhora do Monte do Carmo. No sitio das Aguas livres.

Convento de S. Francisco. Na quinta de D. Elena, hoje dos padres da Congregação do Oratorio ao Rato. Estes dous conventos não foram de muita presistencia, porque se fizeram para accommodação interina dos religiosos, que andavam sem abrigo por causa do terremoto, e incendio lhes destruir os seus conventos, para os quaes se recolheram depois de se fazerem promptos.

Constava esta freguezia antes do terremoto de mil quatrocentos e sessenta fogos, e de cinco mil seiscentos e vinte e seis pessoas de communhão. No anno de 1757 numerava dous mil quatrocentos e quinze fogos: e onze mil seiscentas e cincoenta e cinco pessoas de communhão. Todo este augmento accresceu a esta freguezia, pelos muitos edificios, que no seu terreno baldio se tem edificado, e vai continuando, de fórma, que será a paroquia mais populosa da cidade, e como bem diz no seu *Clamor Justificado* o reitor da Conceição, Braz Joseph Rebello Leite, d'ella se podem separar ovelhas para outras duas paroquias sufficientemente. As ruas que tem nome, são as seguintes.

Ruas—Almas, Santa Anna, Santo Antonio, Arrabida, S. Bento, Boa Morte, Senhora do Cabo, Campolide, Campo de Ourique, Cardaes, Conceição, Cotovia, Estrella, Fabrica, Fontesanta, Hortanavia, S. João dos Bemcasados, Santa Isabel, Largo do Rato, Madre de Deus, Senhora dos Milagres, Monte Olivete, Norte, Penha de França, Pombal, Prazeres, Santa Quiteria, Rato, Ribeira de Alcantara, Rua nova da Patriarcal, Salitre, Sol, Travessa dos cegos, Val de Pereiro.

Freguezias confinantes—Ajuda, Bemfica, Santa Catharina, Encarnação, S. Joseph, Mercês, Santos, S. Sebastião da Pedreira,

XVII—*S. Julião*

Entre as igrejas paroquiaes de Lisboa goza esta chamada em outro tempo S. Gião, de uma muito antiga, e honrosa origem: porque segundo a memoria de alguns escritores (1) já no anno de 1200 estava erecta em paroquia, sendo n'ella bautizado o Papa João XXI ou XXII, a quem chamaram Pedro Julião. Não consegue menor honra, e gloria em terem sido aqui purificados com a agua do bautismo o veneravel padre Affonso de Castro, que morreu martyr nas Molucas, e o veneravel mestre João Vicente, fundador da illustrissima Congregação dos conegos seculares de S. João Evangelista. (2)

Reinando elrei D. Sancho II dizem que fora a antiga igreja sagrada pelo bispo D. Domingos Jardo no anno de 1241, e que elrei D. Diniz fizera doação do padroado d'ella ao cabido da Sé. Depois quando el-

(1) Agiolog. Lusit. tom. 3. p. 824. Monarq. lusit. liv. 75. cap. 13. da impressão accrescentada. (2) Idem Agiol. tom. 1. no 1. de janeiro. Santa Maria no Ceo Aberto liv. 3. c. 1.

rei D. Manuel mandou edificar á borda do Tejo o magestoso palacio, chamado Paços da Ribeira, como existente dentro dos limites d'esta paroquia, a honrou com tanta especialidade, que não só a mandou generosamente reedificar, (1) mas ordenou, que, quando fosse preciso aos enfermos do paço receber os Sacramentos, se administrasse tudo d'esta freguezia, não obstante haver sacrario na capella real de S. Thomé; e para salvar os privilegios do seu capellão mór, e poder livremente exercer estas funcções dentro de palacio o prior de S. Julião, lhe fez mercê de o condecorar com o titulo de capellão regio. (2)

Continuaram os augustissimos reis portuguezes em promover o culto d'esta igreja de tal fórma, que elrei D. Sebastião por seu embaixador Lourenço Pires de Tavora, alcançou do Papa Pio IV em 20 de outubro de 1560 um Breve, para que a confraria do Santissimo d'esta freguezia se annexasse á que existia em Roma na igreja do convento da Minerva, e lograsse os mesmos privilegios, e indulgencias, que são muitas, e podesse communical-as a outras confrarias de Portugal, e suas conquistas, logrando por este respeito o titulo de archi-confraria.

Não satisfeita a devoção d'este soberano monarca, para maior culto do Santissimo Sacramento d esta paroquia, lhe fez a mercê de vinte arrobas de cera de quatro em quatro annos: e esta grandiosa esmolla, que se havia extincto com a introducção dos reis Filippes, renovou o felicissimo rei D. João IV, querendo juntamente ser admittido por confrade com o principe D. Theodosio, que no anno de 1644, foi eleito juiz da sobredita archi-confraria, ficando desde então por estylo elegerse para juiz perpetuo d'ella uma das pessoas reaes, as quaes costumavam mandar pagar todos os annos a esta paroquia oito mil réis pelas conhecenças, a que eram obrigados como seus paroquianos, as pessoas que viviam no paço: cujo pagamento por supplica do prior, e beneficiados, mandou o senhor rei D. Pedro II por decreto de 18 de julho de 1679, que se pagasse na folha da ucharia, como de facto se pagava.

Constituida porém a capella real em paroquia propria de toda a regia familia, por Breve de Clemente XI de 24 de agosto de 1709, e erigindo-se n'ella uma nova confraria do Santissimo Sacramento, mandou elrei D. João V por decreto de 27 de março de 1710, que as vinte arrobas de cera, que se costumavam dar á irmandade do Santissimo da freguezia de S. Julião, ficassem applicadas para a irmandade do Santissimo da sua real capella; retribuindo todavia a falta d'esta mercê com uma vantajosa esmola.

Consta esta paroquia de um prior, que o eminentissimo patriarca apresenta, cujo rendimento de fructos certos, e incertos importava cada anno, pouco mais ou menos, em seiscentos mil réis. Tem seis beneficiados de alternativa com o pontifice, e prelado, e com obrigação de

(1) Goes Chron. delrei D. Manuel part. 4 cap. 83. Mariz Dialog. 4. cap. 19.
(2) Almeid. nas Notas ao Codex Titulor S. L. E. tom. 1 num. 4. pag. 25

coro de manhã, e tarde; rende cada um cento e cincoenta mil réis. Tem mais dous curas, que apresenta o prior, e dous thesoureiros, um da igreja com rendimento pingue, e outro da irmandade do Santissimo, que ella apresenta, e juntamente é seu capellão.

A archi-confraria do Santissimo foi opulenta, e se prezava de ter o movel mais precioso, de ricos ornamentos para o culto divino (1) Provia, e administrava vinte e tres capellas de varios instituidores, a saber: tres de oitenta mil réis, quatro de sessenta, oito de cincoenta, duas de quarenta e seis, duas de quarenta, uma de trinta. Mais duas capellas de missa quotidiana, que a mesma irmandade instituiu com cincoenta mil réis cada uma pelas almas de seus irmãos, e com Breve de Benedicto XIV para que os altares d'esta igreja, onde as ditas missas se dissessem, fossem privilegiados *pro interim*. Instituiu n'esta igreja a madre Soror Maria Tereza de S. Lourenço uma capella, para depois de sua morte ser administrada por esta irmandade, com a esmola de mil e duzentos réis cada missa.

Havia uma sacristia da irmandade do Santissimo, por cima da qual estava a casa do despacho, e outra em que se guardavam os ornamentos. Tambem tinha dous carneiros, ou jazigos, para deposito dos defuntos, um antigo nos degráos da capella mór, outro á porta da igreja. No altar mór estavam as imagens de S. Julião, e de Santa Basiliza, de cuja irmandade é juiz perpetuo o marquez de Abrantes. Estavam mais outras duas imagens de S. Pedro, e S. Paulo, que mandou fazer a irmandade dos Clerigos, que aqui estabeleceram o prior, e beneficiados no anno de 1652.

Das capellas, que estavam da parte do Evangelho, era a primeira a dos Alemães com o titulo de S. Bartholomeu, que tinha na igreja a setima parte, por ser no principio ermida de Santa Barbara, cuja imagem conservavam no mesmo altar, que era dos bombardeiros, e por concederem estabelecer-se n'ella freguezia, ficaram conservando a dita setima parte com grandes privilegios. Tinha sacristia por baixo da capella, e sua porta, que era a travessa da igreja. Apresentava cinco capellães, o primeiro com obrigação de ser confessor, e lhe rendia cem mil réis, e a cada um dos quatro cincoenta mil réis.

A segunda capella era de S. Sebastião, que estava abaixo da porta travessa, e ainda entrava na dita setima parte, e com irmandade, que era dos sapateiros de vaca, de que sempre o juiz havia de ser Alemão. A terceira capella era do Senhor Jesus Crucificado, imagem veneravel, tinha sacristia propria com irmandade dos mercadores, sirgueiros, e vestimenteiros, e seu capellão, a quem davam sessenta mil réis.

(1) Macedo nas Flores de Hespanha cap. 9. excle. 9. Veja-se a Relação da solemne Procissão do Corpo de Deus, que esta Irmandade fez a 2 de Setembro de 1582. e se imprimiu novamente na officina de Joseph Antonio da Silva no anno de 1731, e Jorge Cardoso no Agiol. Lusit tom. 3 p. 324., que como filho desta Paroquia escreve muitas grandezas d'ella.

Da parte da Epistola estava a capella de Nossa Senhora das Candeas, e por estar unida, e incorporada ao cabido de S. João Lateranense em Roma, gozava dos seus privilegios. A sua irmandade era dos alfaiates de medida, com dous capellães perpetuos de cincoenta mil réis. Seguia-se a capella de Santa Catharina dos alfaiates da calcetaria com seu capellão: a de Santa Anna, dos Tanoeiros: a de Santo Eloy, dos ourives do ouro, com seu capellão de sessenta mil réis, e pelas missas do Natal lhe davam uma moeda de ouro: a de Santiago, que é dos sombreireiros. com seu capellão; e todas estas capellas com privilegio real. para que não possa nenhum dos officios, que lhes pertence, entrar na casa dos Vinte quatro, sem primeiro terem servido estas irmandades. A das Almas apresentava trinta e quatro capellães, cujo rendimento, que era de cincoenta mil réis cada uma, sahia todo das esmolas, que se pedia com a bacia. A de Santo Antonio com seu capellão de cincoenta mil réis.

Acontecendo em o primeiro de novembro o tragico infortunio do terremoto, se arruinou a igreja, e veio toda ao chão, perecendo em suas ruinas algumas pessoas, e entre ellas alguns ministros ecclesiasticos da mesma igreja, causando fim não menos lastimoso o incendio successivo; porque reduziu a cinzas toda a opulencia d'este famoso templo, escapando unicamente do fogo, posto que debaixo do entulho, a casa do despacho da irmandade de Nossa Senhora das Candeas, e a fabrica, e capella da confraria de Santo Antonio. N'esta urgencia, e desamparo tomou o paroco a providente resolução de mandar erigir no terreiro do Paço uma barraca de madeira, onde permaneceu exercitando as funções paroquiaes até 8 de janeiro de 1758, em cujo dia se transferiu para o antigo sitio da igreja, dentro de cujo ambito se edificou outra de frontal muito decente, que consta de cinco altares, para o qual concorreram, prior, beneficiados, e alguns devotos com suas esmolas amplissimas.

Dentro dos limites d'esta freguezia se comprehende o seguinte.

Convento —Nossa Senhora da Boa Hora. De religiosos Agostinhos Descalços. Está fundado no fundo da rua nova de Almada, e no sitio chamado em outro tempo as Fangas da farinha. Houvera aqui antigamente um pateo de comedias contiguo ao palacio dos senhores de Barbacena, e correndo o anno de 1633, vindo refugiar-se a Lisboa os religiosos dominicos irlandezes, perseguidos dos hereges de Inglaterra, Luiz de Castro do Rio lhes fez mercê d'aquelle terreno para n'elle fundarem religiosa habitação, onde estiveram até o anno de 1658, no qual se passaram para o sitio do Corpo Santo, onde a rainha D. Luiza de Gusmão lhes havia fundado convento mais amplo. Devoluta a primeira habitação dos Dominicos irlandezes, vieram occupal-a os Congregados do Oratorio de S. Filippe Neri em 16 de julho de 1668, e aqui permaneceram até o anno de 1674, em cujo anno, vespera da Assumpção da

Senhora, com solemne procissão se mudaram para a igreja do Espirito Santo chamado da Pedreira, que fica na mesma rua um pouco mais acima. Até que finalmente os religiosos Agostinhos descalços vieram a ser os ultimos habitadores d'esta casa, da qual tomaram posse no mesmo anno de 1674 por mercê da rainha D. Luiza, e consentimento do visconde de Barbacena Jorge Furtado de Mendoça, primeiro padroeiro deste convento. (1) Com o terremoto, e incendio ficou totalmente destruido, e os seus religiosos passaram para uma barraca de madeira, que a providencia do seu vigario geral fez erigir no sitio de Belem. Presentemente se acham alguns religiosos occupando o antigo sitio, e da portaria do carro fizeram igreja onde rezam.

Ermida —Nossa Senhora da Oliveira. Estava no adro d'esta igreja paroquial, e a mandaram fazer Pedro Esteves, e sua mulher Clara Giraldes naturaes de Guimarães. (2) Passou ao dominio dos Lavapeixes da ribeira, os quaes, como pobres, não podendo reedificar a ermida, que se havia arruinado, renunciaram todo o dominio, e posse d'ella no prior, e beneficiados de S. Julião; e estes depois no anno de 1646 venderam o chão da ermida aos confeiteiros por setenta mil réis, para a reedificarem, como fizeram, e com o direito de poderem apresentar capellão, o qual presidiria em todas as funcções, que se fizessem na dita ermida, sem que a igreja o encontrasse em cousa alguma; para o que se obrigaram os confeiteiros a dar-lhe como foro, ou censo cada anno seis mil réis; e das festas, que pertencem á casa, sendo com vesperas, mil e duzentos réis, e sendo só Missa, seis tostões, entrando o capellão igualmente com o dito prior, e beneficiados em todas as offertas das festas, que pertencem á dita ermida. A esta destruiu, e desfez o incendio totalmente, perecendo n'ella o seu capellão mór.

Constava esta freguezia antes do terremoto de mil e seiscentos fogos, e de pessoas de communhão sete mil e dezeseis. Presentemente numera em varias partes da cidade abarracadas mil setecentas, e dezanove pessoas. As ruas, de que se compunha esta freguezia, posto que se acham todas confuzas, e destruidas, e não para se ver, mas sim para se chorar, eram as seguintes:

Ruas—Adro da Igreja, Arco dos Barretes, Arco dos Prégos, Baluarte, Bocanegra, Calçada de S. Francisco, (3) Calcetaria, Canal de Flandes, Confeitaria, (4) Corrilho, Crucifixo, Esteiras, Fangas da Farinha,

(1) Santuar. Marian. tom. 1. p. 226. e tom. 7. p. 131. (2) Corograf. Portug. tom. 1. p. 86. Santuar. Marian. tom. 1. p. 57. e tom. 7. p. 148. (3) Esta calçada se começou a reedificar por novo, e nobre desenho em Março de 1751, fundando-se de pedraria lavrada, e elevando-se desde a boca da Calcetaria nivelada com a esquina da Capella mór da Patriarcal até o palacio, que foi do conde da Ribeira aos Martyres. O grande terremoto arruinou, tudo antes de se concluir. (4) N'esta rua existia um famoso nicho por modo de Oratorio, em que estava collocada a imagem de Maria Santissima com o titulo da Oliveira, que floresceu em muitos milagres, mas o incendio consumiu tudo de fórma, que se lhe não divisam os vestigios da sua situação, conservando-se todavia a Imagem da Senhora em uma barraca no terreiro do Paço por pia actividade de alguns devotos.

Ferraria, Fornos, Louceiras, Manilhas, Mercadores, Ourives, Painel do Anjo, Parreirinha do Espirito Santo, Parreirinha detraz da Igreja, Passadiço, Passarinhos, Porta travessa, Rua nova do Álmada, Rua nova dos Ferros. (1) Salvagens, Tronco. Varandas do Terreiro do Paco.

Becos—Alemo, Gaspar das náos, Jardim, João de Deus, Lages, Loureiro, Vidro.

Travessas—Da rua das Esteiras, da rua dos Ourives, do Tronco.

Com as reaes obras desde o anno de 1714 se havia supprimido muita parte d'esta freguezia, extinguindo-se-lhe as ruas do arco do Ouro, Tanoaria, Largo da Patriarcal, Trabuqueta, Calçada antiga de S. Francisco, Beco das Cruzes, Torrinha, e outras; porém o fatal incendio de 1755 a fez reduzir á ultima decadencia, vendo-se destruida de templo, de casas, de ruas, e de freguezes.

Freguezias confinantes—Conceição, Magdalena, Martyres, S. Nicolau.

XVIII—*Santa Justa, e Rufina*

Uma das tres freguezias primitivas, que formou, e instituiu n'esta cidade o bispo D. Gilberto, logo que o inclyto D. Affonso Henriques a conquistou aos mouros, foi a de Santa Justa; (2) e segundo consta das nossas Historias (3) correndo o anno de 1173, a primeira igreja, para onde foi conduzido o sagrado corpo do invicto martyr S. Vicente, assim que chegou do Promontorio sacro do Algarve a este porto, foi para esta de Santa Justa, (4) para cuja lembrança permanecia na porta principal da igreja um nicho de pedra da parte do Evangelho com a imagem do santo. (5)

Com desconfiança se deve trazer á memoria n'este logar a especial noticia, que nos offerece fr. Appollinario da Conceição na Demonstração Historica num. 204., copiada de um livro m. s. intitulado «Antiguidades de Lisboa,» composto por Antonio Coelho Gasco, o qual affirma, que n'aquelle tempo o deão da Sé chamado Ribeiro, com beneplacito dos mais conegos desannexaram de si uma conesia para a darem a D. Moniz, que então era o prior d'esta paroquia, em gratificação de lhes

(1) Por baixo da ermida de Nossa Senhora da Oliveira, estava um chafariz com gran de tanque, a que chamavam dos Cavallos, por causa de dous, que alli havia de bronze, como diz Duarte Nunes Chron. de elrei D. Fernando, pag. 205. Esta rua, que era tão populosa, se vê deserta, e já confusa, e extincta com o novo plano da cidade. (2) Cunha nos Bisp. de Lisb. part. 2. cap. 2. (3) Monarquia Lusit. liv. II. cap. 23. Galv. Chron. de elrei D. Affons Henriq. cap. 44. (4) E' fama, que n'aquella occasião vieram desembarcar com a sagrada reliquia a esta Igreja, onde chegava o mar com braço navegavel; mas nisto parece não convir de boa vontade o nosso Chronista Fr. Antonio Brandão no logar acima allegado: onde diz, que no valle, que ficava entre o Castello, e a Igreja dos Martyres, houvera grandes escaramuças na tomada de Lisboa, o que não podia ser, se o terreno estivesse cuberto de agua. (5) «Tandem adplicuisse» (falla Resende do corpo de S. Vicente) «Olisiponi juxta fanum Divarum Justae, et Rufinae, quo loci porta Urbis etiam nunc est Sancti Vicentii adpellata, Eo enim usque mare tunc erat, quod paulatim postea propulsum ampliandae Urbi locum reliquit: Resende in epist. ad Rebedum pag. 164.

não querer embaraçar a transferencia do veneravel corpo de S. Vicente para a metropoli; e que estando os priores de Santa Justa na posse d'este decoroso predicamento mais de cento e oitenta annos, se levantara o cabido com a conesia, desmembrando-a da promessa e direito antigo dos priores, constituindo-a doutoral; porém com tanta infelicidade, que os conegos n'ella providos d'alli por diante morriam sem duvida de algum desastre, o que se observou em muitos casos successivos até o anno de 1609, interpretando tão infeliz derrota a ser castigo do Santo; como querendo se conservasse n'esta paroquia a memoria do seu primeiro deposito, com a distincta honra do seu prior. Mas como esta noticia é fundada no solitario testemunho de um só author, e com algumas circunstancias, que debilitam o seu credito, por isso dizemos, que se deve ler com desconfiança.

Tem o paroco d'esta igreja predicamento de prior, e não de vigario, que em juizo contencioso obteve por sentença no anno de 1752 o prior Alexandre Ferreira Freire contra os beneficiados. É igreja de concurso, e do padroado ecclesiastico, posto que antigamente foi do padroado real, que elrei D. Diniz transferiu no anno de 1305 aos religiosos de S. Vicente de Fóra. (1) Estima-se o seu rendimento em seiscentos mil réis, e ha na igreja oito beneficios de duzentos mil réis cada um; seis dos quaes são do padroado ecclesiastico com alternativa com o papa, dous do padroado real, por se lhe annexarem no anno de 1550 os frutos de uma commenda, e se unirem para repartirem pro rata entre os beneficiados toda a maça da terça beneficial, ficando das duas, que restam, uma para a coroa, e outra para a mitra.

Das irmandades aqui estabelecidas, é antiquissima, e exemplar a dos clerigos chamados Ricos, não só pelos muitos bens espirituaes de que goza, mas pelos muitos fóros e propriedades de que foi possuidora com o titulo da Santissima Trindade, á qual deu principio no anno de 1247 o padre Pedro Domingues estabelecendo-a na Sé. Depois passou para a paroquial de Santiago, e d'ahi para a da Magdalena d'onde veio para Santa Justa. Assim consta do prologo do seu compromisso approvado pelo arcebispo D. Miguel de Castro a 11 de fevereiro de 1593. O senhor patriarca D. Thomaz de Almeida confirmou o additamento de varios capitulos em 14 de setembro de 1731.

A irmandade do Santissimo era muito rica, e copiosa. D'ella era juiz perpetuo o duque de Cadaval. Constava de outras irmandades, como a das Almas, com quinze capellães de cincoenta mil réis cada um, de Santa Justa, que é dos oleiros, de S. Marçal dos pasteleiros, de Santa Cicilia dos musicos, e outras confrarias, que todas faziam suas festas com esplendor.

Resistiu fortemente este templo aos violentos abalos do terremoto,

(1) Monarquia Lusitan. liv. 18. cap. 21.

de fórma que n'elle se cantou missa conventual, e houve sermão no mesmo dia de todos os Santos, e assim permaneceu estavel até á noite; mas vendo o prior no dia seguinte, que o incendio já implacavel acommettia por quatro partes atrevidamente a igreja, deu ordem primeiro que tudo a pôr em salvo o Santissimo Sacramento, e pegando nos dous vasos sagrados, que estavam no sacrario, um da sua paroquia, e o outro da de S. Nicolau, que alli se havia recolhido já pela ruina do seu templo, se encaminhou processionalmente para a visinha praça do Rocio.

Era espectaculo verdadeiramente lastimoso vêr o enleio, a confusão, e a ancia com que homens, e mulheres vinham por fugir do fogo, e das ruinas buscar atropeladamente o valhacouto d'aquella praça; porêm o que mais fazia mover a lagrimas, era ver-se uma piedosa comitiva de pessoas devotas atraz do Sacramento, as quaes não se lembrando de salvarem as proprias alfaias das suas casas, tomaram zelosamente a seu cargo, livrarem sobre seus hombros os ornamentos, e imagens sacras d'esta igreja, para que não experimentassem o desacato sacrilego de tamanho incendio.

Com prompta diligencia se erigiu na dita praça um tabernaculo, ou barraca, ainda que humilde, decente, defronte da igreja do hospital, em que se collocaram as sagradas pyxides, e d'aqui se deu o Viatico a innumeravel copia de catholicos feridos perigosamente nas ruinas, que desde o terreiro do Paço, e Ribeira, e mais partes eram conduzidos por caridade áquelle theatro tragico do Rocio. Aproveitaram-se do mesmo tabernaculo para recolherem n'elle o Santissimo da igreja do hospital real, e do hospicio, ou enfermaria dos religiosos arrabidos alli existentes.

Dous mezes e meio esteve a freguezia em barraca na sobredita praça, administrando-se n'ella os Sacramentos, e fazendo-se todas as funções paroquiaes: porêm crescendo a innundação das agoas do inverno, se transferiu o Sacramento para a ermida de S. Camillo, sita no palacio, que foi do marquez de Cascaes ao Borratem, onde esteve até vespera de Ramos do anno de 1757, em cujo dia se mudou para a sua antiga igreja, dentro da qual se fez uma accommodação, que custou mais de cinco mil cruzados, onde existiu algum tempo, até que se mandou deitar a baixo por causa do novo plano da cidade.

No ambito d'esta paroquia se comprehendem os templos seguintes.

Convento—S. Domingos. De religiosos da Ordem dos prégadores. Foi primeiramente fundado por elrei D. Sancho II, o qual em outubro de 1241, lançou a primeira pedra nos alicerces. Depois no anno de 1249 lhe mandou fazer a igreja elrei D. Affonso III, e o dormitorio elrei D. Manuel. A maior parte do convento foi fabricado pela industria dos priores d'elle, que ajudados de pessoas particulares, e devotas, foram mudando, e melhorando conforme a necessidade dos tempos, e ca-

bedal, com que se achavam. Assim vimos no anno de 1724, que por actividade do provincial fr. Antonio do Sacramento se reduziu ao moderno todo o corpo da igreja antiga, emendando-se a desigualdade das capellas, pois as que ficavam em a nave da parte do Evangelho, eram fundas, e escuras, e as da parte da Epistola estavam quasi todas á face da parede, e com desigualdade, umas mais altas do que outras. Ultimamente no anno de 1748 se fabricou a capella mór de excellente pedraria lavrada pelo desenho, e risco do insigne João Federico Ludovici, e concluida pelo celebre Belino de Padua, cuja obra custou mais de cem mil cruzados, para a qual havia concorrido a generosa piedade de elrei D. João V, com a esmola de vinte e dous mil cruzados, além de outros adjutorios precisos, que mandou fazer promptos dos seus armazens reaes.

Todo este sagrado edificio padeceu muito com o grande terremoto, pois ao primeiro impulso d'elle cahiu o oculo do frontispicio da igreja, que matou bastante numero de gente, que vinha fugindo para o adro. Cahiu logo a tribuna da capella da Senhora do Rosario, e a de S. Domingos, a torre do sino, fazendo precipitar tudo que achou por diante; grandes porções das paredes dos dormitorios, e capella do noviciado, e da grande casa da livraria, e parte das paredes do dormitorio de cima, que olhava para o Rocio.

N'este deploravel estado poz o terremoto ao convento: mas pegando no mesmo dia o fogo de uma vela, que estava na tribuna da capella da Senhora da Defensão, em uma cortina, d'aqui se communicou o incendio á mesma tribuna, igreja, e convento, fazendo em cinzas tudo, que não estava debaixo de abobedas: escapando sómente do fogo o noviciado, e o dormitorio junto a elle; sendo que este ficou tão arruinado com o terremoto, que foi preciso fazer novos arcos na horta, e novas paredes, assim da parte do hospital, como da parte do Norte.

Consummiu o fogo na igreja todas as sagradas imagens; sendo entre ellas de perda sensivel a do Senhor Jesus crucificado, muito antiga, e de grande veneração, a da Senhora do Rosario, e a formosissima das Virtudes; salvaram-se porém com grande trabalho os cofres, em que estava o Santissimo Sacramento na capella mór, que ficou illeza, e na do Senhor dos Passos, e o relicario, que com o Sacramento envolto em um corporal estava em continuo lausperene no lado da sobredita imagem do Senhor Jesus.

Com a mesma fatalidade se abrazaram no coro junto á capella mór os excellentes quadros, com que se ornavam as paredes, e eram todos do punho do nosso insigne Bento Coelho: todos os livros, que serviam n'esse dia no coro, que eram de estampa em pergaminho com uma bem lavrada estante de páu santo, que tinha sido da Basilica de Santa Maria, sendo ainda cathedral. Queimaram-se outros originaes de admiraveis pinturas, um precioso ornamento de veludo bordado de ouro alto com

as armas do Santo Officio, que servia para a festa de S. Pedro Martyr, toda a armação da igreja, que era de damasco carmezim com galões de ouro, uma estante grande de prata, que servia no coro nas festas mais solemnes, e havia custado dez mil cruzados, um throno magestoso de prata, que tinha quatro mil marcos lavrada, e assentada em xarão, para n'elle se expor em Quinta feira santa o Santissimo Sacramento em um grande cofre de prata, que tinha dado o eminentissimo Cardeal da Cunha, todos os paramentos ricos da irmandade dos Passos, que serviam na sua procissão, todas as alampadas de prata da igreja, que eram vinte, e entre estas duas da capella do Senhor dos Passos, que tinham custado perto de dez mil cruzados: tambem devorou o fogo a ermida de Nossa Senhora da Escada com todas as suas veneraveis imagens, a qual estava por cima da igreja sobre a nave da parte do Evangelho.

Entre as perdas, e prejuizos, que padeceu este convento, foi muito penoso para todos a da grande copia de livros, que o fogo consummiu, sem deixar um só nas suas duas famosas bibliothecas. Existiam estas no fim do dormitorio de cima, e constava a maior de uma formosa casa com seis janellas para o Nascente, e Poente, e tinha cento e dous palmos e meio de comprido, quarenta e sete e meio de largo, e vinte e oito de altura. Para vencer, e occupar esta, corria por cima das primeiras estantes uma varanda, para onde se subia por uma escada occulta mettida por entre a parede. Nas estantes debaixo, que eram quarenta e tres, se continham tres mil oitocentos e quarenta e cinco volumes: e nas de cima, que tinha quarenta e seis estantes, se numeravam cinco mil novecentos e quarenta e tres livros. Eram todos encadernados em pasta dourada, e de todas as faculdades distribuidos methodicamente, franqueando-se a sua lição a todas as pessoas de fóra em qualquer hora do dia: para o que além do bibliothecario mór, havia um leigo destinado a facultar este ministerio, com sua tença estabelecida pelo memoravel zelo do religiosissimo padre frei Manuel Guilherme.

Na outra casa da livraria chamada pequena, contigua a esta, se guardavam livros muito raros, e particulares manuscritos, e entre estes os originaes dos commentarios sobre a sagrada Escritura do padre fr. Francisco Foreiro, e do padre fr. Francisco de Bovadilha, o original da chronica do padre fr. Luiz de Cacegas, que escreveu a Historia da provincia de Portugal, o original do Tratado do Purgatorio do padre fr. Manuel Homem: as Postillas do doutor infeliz Antonio Homem: um tomo de sermões da propria letra do veneravel fr. João de Vasconcellos: os manuscritos do beneficiado Francisco Leitão Ferreira, cura que foi da igreja do Loreto, e eram cento e quatro volumes entre grandes, e pequenos, cheios de muitas noticias adquiridas pelo seu incansavel estudo: e outros muitos mais, que faziam o computo de cinco mil e quinhentos volumes, os quaes unidos com os da casa grande formavam o numero de quinze mil cento e oitenta e oito corpos de livros.

Seguiu a mesma infelicidade a famosa botica d'este convento, ardendo com toda a sua fabrica. A sacristia porém, supposto padecer sua ruina com o terremoto, que lhe rachou em varias partes a abobeda, com tudo o fogo lhe não entrou dentro, sem embargo de lhe queimar a porta porque intrepidamente a defendeu da voracidade das chammas o irmão: converso fr. Diogo do Rosario, que no estado ainda de secular servia n'este tempo na sacristia, salvando-se por sua intrepida actividade toda a prata, e ricos ornamentos, que estavam n'ella guardados, expondo-se elle a perder a vida entre as lavaredas, não só para salvar a sacristia, mas para recolher o frontal rico bordado de ouro, que estava no altar mór, em que já o fogo tinha pegado, e toda a prata da banqueta do mesmo altar, executando tudo com zelo grande, sem ter quem o ajudasse, porque todos se haviam retirado do convento amedrontados.

N'este estrago faleceram o padre presentado fr. Manuel dos Santos excellente prègador, que estava para prègar n'aquelle dia, o padre fr. Joseph de Castello Branco, filho dos condes de Pombeiro, e o padre fr. Antonio Joseph Cesar organista, um official da botica, e dous criados do convento, ficando muitos outros religiosos mal tratados, e feridos. Parte d'elles se foram logo refugiar para o convento de Santa Joanna, outros para o de S. Domingos de Bemfica, e outros para o de Santarem. O prior, que então era fr. João Franco, ficou com alguns religiosos no Rocio guardando o cartorio, e sepultando mortos no adro.

Quando o fogo deu lugar, se recolheram estes poucos para o convento, e passados dous mezes começaram a tirar o entulho, demolir as paredes arruinadas, e no dormitorio, que cáe para o Rocio, fizeram algumas accommodações, e, quando chegou o triduo das quarenta horas, em um lanço do claustro fizeram igreja, expozeram o Santissimo, e tiveram sermões; da mesma sorte celebraram os officios da Semana santa, e pela Pascoa do Espirito Santo, servindo já de igreja a casa do capitulo, n'elle se fez a festa das Justiças com assistencia do regedor.

Demolindo as paredes do dormitorio de cima, reformaram os dormitorios de baixo, e o que cáe para a parte do hospital o estenderam pelo dormitorio, que era do noviciado. Fizeram da parte da adega casa de botica com porta para o claustro. Fizeram uma casa de livraria, que já tem guarnecido com bastantes livros facultativos, e de Historia. Serve-lhe de igreja a casa do capitulo, e um lanço do claustro, a casa de profundis de refeitorio, o antecoro de aula de Theologia, e a casa da portaria de aula para os collegiaes clerigos do collegio de Nossa Senhora da Escada, e finalmente se acham com accommodações para noventa religiosos.

Hospicios—Santo Antonio. De religiosos capuchos da provincia da Piedade, existente no palacio do duque do Cadaval, para a parte do Rocio, em que principiaram a residir desde o anno de 1640. Arruinou-se com o terremoto.

S. Camillo de Lelis. De clerigos regulares ministros de enfermos, erecto no anno de 1754 na ermida de S. Matheus, que ficou perdendo este titulo com a introducção dos ditos religiosos, aos quaes se uniram por decreto pontificio, e regio os congregados da Tomina, para assistirem a agonisar os moribundos do hospital real, occupando para este effeito parte do palacio, que foi do marquez de Cascaes, cujas casas mandou comprar o fidelissimo rei D. Joseph I, para se incorporarem á enfermaria, que escapou do incendio succedido em 10 de agosto de 1750, que abrasou o dito hospital. Esta ermida de S. Matheus foi titular do morgado, e grande casa de Monsanto. D. Luiz de Castro, senhor d'ella, alcançou do papa Paulo III uma Bulla passada em Roma a 29 de abril de 1541, pela qual lhe concedeu faculdade para comprar a Christovão de Magalhães escrivão da camara de Lisboa, um espaçoso predio, situado nas visinhanças do Poço do Borratem, foreiro em vidas á paroquial de S. Nicolau, e unil-o ao morgado de sua casa, e fazer no dito predio accommodação para tres capellães, e vinte mercieiros, que se occupavam na ermida sobredita de S. Matheus. Hoje tudo vemos extincto. O terremoto arruinou alguma cousa a ermida; porém está reparado, a melhorado todo o damno.

N. Senhora da Conceição. De religiosos Arrabidos junto ao hospital real, fundado no anno de 1542.

Ermidas—Nossa Senhora do Amparo. Existia debaixo dos arcos do Rocio, onde havia uma enfermaria para pessoas incuraveis, que a Irmandade da Misericordia administrava. Consumio tudo o incendio. Depois por aviso do conde de Oeiras de 19 de junho de 1759 se cortou, e abriu por este meio uma rua de quarenta palmos de largo até a rua dos Canos, separando o convento de S. Domingos do Hospital real.

Nossa Senhora da Escada. Era igreja antiga, e que conservava sua memoria desde o Bispo D. Gilberto. Estava contigua ao adro do convento de S. Domingos, e com tribuna regia para a sua igreja. Tambem o terremoto, e incendio a arruinou, e consumio.

Nossa Senhora da Graça. Na chamada Hortinha do Hospital. Padeceu a mesma desgraça.

Hospital real. Este hospital intitulado de todos os Santos, foi fundado por elrei D. João II. que lançou a primeira pedra no edificio a 15 de maio de 1492. Elrei D. Manoel o acabou, e alcançou Breve de Alexandre VI no anno de 1501, que começa; «Ferentes in desideriis cordis nostri, ut hospitalia, etc., para incorporar nelle todos os mais hospitaes, que se achavam dispersos por differentes partes do reino, mandando fabricar juntamente todas as casas, que faziam face para a praça do Rocio desde a rúa da Bitesga, até o convento de S. Domingos. O grandioso edificio da igreja padeceu um fatal incendio em 27 de outubro de 1601, e em 10 de agosto de 1750 lhe succedeu outro, que o reduzio totalmente a cinzas; ficando unicamente da igreja a admiravel

fachada do seu portico, taboleiro, e escadas, e das enfermarias a de S. Camillo. (1)

Fez-se mais sensivel esta desgraça, porque havia bem pouco tempo, que se tinha concluido inteiramente a reedificação do dito hospital em templo, enfermarias, e casas do Rocio com grande dispendio, para o qual concorrera não só a incomparavel piedade de elrei D. João V, mas a grande somma de dinheiro, que se lhe applicou da testamentaria de um Francisco Pinheiro, por Bulla de Benedicto XIV, e assim se reduzio todo o hospital á enfermaria de S. Camillo, que para maior commodo dos doentes se alargou para o palacio do marquez de Cascaes.

Succedendo porém o espantoso incendio no dia de todos os Santos, depois do memoravel terremoto, experimentou este hospital a extrema destruição. Os enfermos, que escaparam, foram trazidos para baixo das cabanas do Rocio, onde estiveram quasi tres semanas miseravelmente expostos ao rigor do tempo. Depois se passaram para umas cocheiras do conde de Castello Melhor, fronteiras ao palacio do conde de Povolide. Hoje acham-se restituidos ao mesmo hospital, por se terem nelle feito muitas enfermarias, por ordem, e despeza real.

No territorio d'esta freguezia existe o tribunal do Santo officio nos Paços chamados dos Estáos, que mandou fazer o infante D. Pedro, filho de elrei D. João I, quando governava este reino, destinando-o para se apozentarem n'elle os embaixadores. (2) Sobre a palavra Estáos ha varias interpretações. O padre Fonseca (3) diz, que se chamou este palacio dos Estáos, por serem os seus alicerces fundados sobre estacas de pinho, a respeito de ser o solo de arêa todo inundado de agua. O P. D. Rafael Bluteau (4) diz, que se deriva da palavra stallum, que na baixa latinidade queria dizer: «locus ubi quis stat:» ou do francez Estau, que vale o mesmo, que corte de açougue, e poderia ser que no Rocio houvesse antigamente açougue no lugar, onde se fizeram os taes paços. Joseph Soares da Silva (5) diz, que Estáos se deriva da palavra franceza Estau, que significa uma tenda pequena portatil, ou fixa, em que se mostram os generos, que se vendem; porque no pateo d'este palacio se vendiam como na capella, varias mercadorias.

Nenhum d'estes authores alcançou a genuina intelligencia da palavra Estáos, a qual parece, que só se entende pelo que se lê na Chronica de Elrei D. Affonso V, cap. 8, composta por Duarte Nunes, onde diz: «No tempo das cortes entre outras liberdades, que o infante em nome de elrei concedeu ao povo de Lisboa, foi que naquella cidade não hou-

(1) Tratão do Hospital Real Christovão Rodrigues de Oliveira no seu Summario pag. 60. da impressão moderna. F. Nicol. do Oliv. nas Grandez. de Lisboa fol. 118. D. Francisco de Herrera na Vida do Ven. Obregon, pag 148. Costa na Corograf. Port. tom. 3. pag. 333. Ann. Histor. tom. 2. pag. 86. Oliveira Freire Descripç. Corograf. de Portug. pag. 78.

(2) Brand. Monarq. Lusit. liv. 10. cap. 26 Nun. Chron. de El-rei D. João I. cap. 131.

(3) Fonsec. Evora Glorios. n. 92. (4) Blut. no Supplem. verb. Estáos. (5) Silva Vida de El-rei D. João I. liv. 1. cap. 72. pag. 367.

vesse aposentadorias, e que se fizessem os Estãos no Rocio, em que elrei podesse alojar a sua corte.... Pelo qual beneficio quizeram os cidadãos ordenar uma estatua de marmore ao infante sobre os mesmos Estãos, que elle mandou edificar: e perguntando ao infante, com que fórma, e postura queria, que se fabricasse, elle com rosto tristonho lh'o defendeu, etc.» Confirma-se isto com um alvará passado em Almeirim a 13 de outubro de 1449, que se achava no cartorio da serenissima casa de Bragança no maço 94. n. 1, que nos communicou o excellentissimo Manoel da Maya, e dizia: «Nós Elrei fazemos saber a bos Vereadores, Procurador, e homens bons da nossa mui nobre, e mui leal Cidade de Lisboa, que nas Cortes, que em essa Cidade fizemos, foi acordado segundo sabees, que nos bairros dos Senhores ácerca dos paaços que em essa Cidade tivessem, fossem feitos Estãos, em que os seus podessem pousar por seus dinheiros; e por quanto o Conde de Ourem mei primo hi tem seus paaços como sabees, porem vos mandamos, que logo mandees fazer os ditos Estãos no dito seu bairro o mais acerca dos seus paaços, que bem poderdes em tal guisa, que os seus abastadamente em elles possão pouzar, etc.» Ficou este palacio totalmente arruinado, e destruido com o terremoto, e o tribunal mandou fazer no meio do Rocio uma accommodação interina de madeira em quanto se reedificava o antigo, que já se acha expedito pelo que toca sómente ao tribunal.

Constava esta paroquia antes do terremoto de mil novecentos e quarenta fogos, e de oito mil pessoas de communhão: presentemente numera duas mil novecentas e setenta e seis pessoas, distribuidas pelas seguintes ruas, das quaes consumio totalmente o fogo as que vão aqui assinaladas com asteriscos.

Ruas. Adro, Albardeiros, Alemos. Arcas * Arco de João Correa, Arcos do Rocio, (1) Balthazar de Faria, Barroca, Bitesga *, Borratem, Calçada de Santa Anna, Carreiros, Corredor *, Crespa *, Cutellaria *, Nossa Senhora da Escada, Fontainhas, Hospital Real, e de S. Lazaro, (2) Inquisição, Lagar do Cebo * Magalhães, Mendanha *, Mestre Gonçalo *, Mou-

(1) Por baixo destes arcos, que eram vinte e cinco de pedraria com sua abobeda, cujo solo parte pertencia ao Senado, parte aos Religiosos Dominicos, e que occupavam o comprimento do Rocio desde a Bitesga até o adro de S. Domingos, existiam quasi duzentas logeas portateis por uma, e outra parte, onde se vendia panno de linho, chitas, colchas, meias, fitas, rendas, e outros muitos generos de semelhante mercadoria, as quaes tendas recolhiam todas as noites para armazens certos homens de ganhar chamados mariolas, a quem pagava cada tendeiro por mez sete tostões, uns por outros, e vinha a importar na roda do anno quatrocentos e vinte mil reis. Hoje fizeram logeas em que se vendem varios generos. Estava a grande, e espaçosa praça do Rocio que tem mais de quatrocentos passos de comprido, e duzentos de largo, cercada de nobres edificios, e do famoso Templo do Hospital Real com o ornato de um vistoso chafaris; e pouco antes do fatal terremoto se tinha feito nella o primeiro combate de touros (ainda que mal presagiado pelo povo) a 22 de julho de 1755. havendo já succedido na mesma praça. e no anno de 1647 outro semelhante festejo, como se prova da Relação, que imprimio Antonio Barbosa Bacelar. Hoje porêm se ve reduzida a um prospecto muito differente.

(2) Esta rua, onde existe uma Ermida com um Hospital, não está nos limites desta Paroquia, mas sim no territorio da Freguezia de Nossa Senhora do Soccorro; porem ficou pertencendo á de Santa Justa pela renda, que o Senado lhe paga

raria, Nuno Alvares, Pocinho d'entre as hortas *, S. Pedro Martyr, Porta nova, Praça da palha *, Valverde *, Vinagres.

Becos. Alemo, Bonete, Calçada de S. Christovão, D. Carlos, Comedia * Crasta * Cristaleiras * Farinhas, Ferro, Forno, Frades *, (1) Ligeiro, Mezes, Pato, Povoas, Regedor, Resende *, Tarouca.

Freguezias confinantes. S. Christovão, S. Josepb, S. Lourenço, S. Nicolão, Senhora da Pena, Senhora do Soccorro.

XIX — *Nossa Senhora do Loreto*

Não tem esta freguezia determinado territorio, pois sendo estabelecida para os individuos da nação italiana dispersos, e residentes por toda Lisboa, transcende o seu exercicio paroquial por um limite interminavel. Foi erecta a primeira igreja em uma ermida da invocação de Santo Antonio, que os Confrades italianos ampliaram por concessão do Papa Leão X, e de elrei D. Manoel pelos annos de 1517, annexando-se depois ao Cabido Lateranense por breve, que o dito cabido lhe passou em 20 de abril de 1518, confirmado pelo mesmo Pontifice Leão X, e por Clemente VII em 1523, e ultimamente por Benedicto XIII em 6 de abril de 1726.

A primeira vez que se abriu esta igreja na sua primeira edificação, foi em 8 de janeiro de 1522, reinando já elrei D. João III, que lhe concedeu o uso da muralha antigada cidade, junto á qual está edificada fóra das portas, que se chamam de Santa Catharina. E no anno de 1573 recorreram os italianos a elrei D. Sebastião, representando-lhe, que para a dita igreja ficar perfeita, conforme a planta, era necessario derribar-se uma torre, que servia de fortaleza da cidade, a cujo requerimento deferiu elrei, como pediam, debaixo de certas condições, a que os italianos se obrigaram por escritura de 24 de abril de 1577.

Vendo-se os Confrades italianos com a igreja feita, e annexa ao Cabido Lateranense, determinaram instituil-a paroquia nacional isenta. Queixou-se o Cabido Metropolitano de Lisboa ao Papa Paulo III, o qual commetendo a causa ao tribunal da Rota, sentenciou este, que os taes Confrades não podiam instituir paroquia no destricto da freguezia de Nossa Senhora dos Martyres sem consentimento do Cabido de Lisboa, e que os privilegios Lateranenses não lhe podiam valer, senão em quanto a graças espirituaes. Passados porem cinco annos, movido a piedade o Cabido da Cathedral lisbonense, permittiu, que na dita igreja de Nossa Senhora do Loreto se erigisse uma paroquia, renunciando os italianos todos os privilegios presentes, e futuros, que fossem contra a jurisdi-

(1) Neste beco existia um Hospicio dos Religiosos de Belem, o qual devia ser antigo, pois Christovão Rodrigues de Oliveira no seu Summario, que imprimio no anno de 1551, faz memoria delle. O fogo totalmente o converteo em monte de pedras.

ção ordinaria, de cujo contrato se fez um instrumento publico em 2 de janeiro de 1551.

Succedeu queimar-se esta igreja quarta feira da semana de Lazaro em 29 de março de 1651 com a perda de mais de quatrocentos mil cruzados, podendo-se apenas salvar o cofre do Santissimo Sacramento, que se transferiu para a ermida de Nossa Senhora do Alecrim, e a 17 de abril do dito anno em dia de Nossa Senhora dos Prazeres se começou a desentulhar a igreja para a nova reedificação, cuja obra durou vinte e cinco annos, ficando um templo acabado com todo o asseio, e magestade em fabrica, adorno, e pinturas.

Com este motivo alcançaram os ditos italianos em agosto de 1664 um monitorio do cardeal Colona arcipreste da sacrosanta Basilica Lateranense, e juiz ordinario privativo das suas causas, em que annularam a mencionada transacção, ou composição entre o Cabido metropolitano de Lisboa, e elles italiannos, por ser feita sem consentimento do Cabido lateranense, sobre cuja causa tinham os italianos abrido já uma sentença na Legacia em 23 de novembro de 1662, em que se julgou extincto o sobredicto contrato com o incendio, e ruina da mesma igreja, não passando á novamente reedificada a sujeição, e obrigação, que tinha a primeira ao Cabido de Lisboa, por força do contrato.

Mas não obstante isto, consta que depois da sua reedificação fôra esta igreja visitada pelo cardeal arcebispo D. Luiz de Sousa em 25 de agosto de 1677, e ultimamente em 29 de outubro de 1725 pelo doutor Manoel Lopes Simões, ministro então da curia patriarcal, e depois bispo de Portalegre, conforme a ordem do eminentissimo cardeal patriarca D. Thomaz de Almeida.

É administrada esta igreja por um provedor, escrivão, thesoureiro, e mais votantes italianos, que se elegem annualmente na primeira Dominga de setembro. Apresenta a mesa um cura, que lhes administra os Sacramentos em qualquer paroquia, em que habitem: e quando morrem, os vai buscar para a sepultura com estola, cruz, e tumba propria da nação, ao qual dão sufficiente ordenado com casas junto da igreja, para morar elle, e o thesoureiro.

Ha nella dezaseis capellães com obrigação de coro, e missa quotidiana, dos quaes oito foram instituidos por Francisco André Carrega, negociante genovez, que falleceu em 6 de junho de 1676, e estabeleceu renda para subsistencia de quatro estudantes servirem na sacristia: outros quatro capellães instituio Nicolão Micon, tambem contratador genovez, que falleceu em 22 de abril de 1675. Foram estes dous italianos os principaes motores da reedificação da igreja, cujos retratos originaes se conservavam nas paredes da sacristia, na qual os corpos dos sobreditos estão sepultados.

Cesar Ghersi, que falleceu em 28 de março de 1697, e seu irmão João Thomaz Ghersi, fallecido em o primeiro de janeiro de 1700, ambos

testamenteiros dos mencionados reedificadores, instituiram mais tres capellães: e Mathias Thomaz Ghersi, que morreu em 7 de março de 1705 instituio outro, que fazem os dezaseis capellães do coro, os quaes por terem diversidade nos ordenados, determinou a mesa no anno de 1720, sendo então provedor Thomaz Caetano Medici, e thesoureiro Pedro Franco Olivieri, que cada capellão do coro tivesse de ordenado cem mil rs., e que a um d'elles se lhe désse cento e vinte mil réis, com obrigação de ensinar grammatica aos estudantes da sacristia, que tambem augmentaram ao numero de sete com ordenado mais avantajado.

Tem esta igreja mais oito capellães de missa quotidiana, e de varios instituidores: uma de oitenta mil réis, que instituio o desembargador Paulo Joseph de Andrade; outra de sessenta e quatro mil réis, instituida por João André Cambiaso, negociante genovez. As outras foram instituidas, tres por Antonio da Silva, que falleceu em 20 de dezembro de 1679 com cincoenta mil réis a cada capellão, e com variás esmolas para pobres, e viuvas honestas; duas que instituio o doutor Clemente Felix de cincoenta mil réis cada uma, e outra de missa quotidiana por vivos, e defuntos. Paga mais a mesa cem mil réis a um organista, e a um mestre de capella, e musicos para domingos, e dias santos differentes ordenados. Resplandece tambem aqui uma irmandade de clerigos com grande asseio, e grandeza em todas as suas funções.

Com o violento accidente do terremoto proximo passado, não foi esta igreja a que experimentou ruina consideravel, sem embargo de serem grandes os abalos, a que resistiu. Cairam sómente algumas pyramides, e pedras da sua famosa torre, e frontispicio sem prejuiso de pessoa alguma. Esta grande fortaleza animou gente innumeravel a buscarem o refugio d'este sagrado asylo, onde passaram o dia, e toda a noite do sabbado primeiro de novembro, até a domingo seguinte em clamores a Deus.

No meio de tanta consternação, e sustos, assistiram sempre com estremada constancia, e valor o paroco d'esta igreja João da Costa Machado, e o seu thesoureiro o beneficiado Clemente da Fonseca, os quaes depois de fazerem o officio, e obrigação de bons ministros ecclesiasticos, confessando, e dando a communhão a um grande numero de pessoas, vendo que no domingo de tarde se vinha aproximando o fogo, tiveram o vigilante acordo de pôr em salvo os livros da paroquia, e os vasos sagrados do divinissimo Sacramento, que estavam nos sacrarios d'esta igreja, dous que lhe pertenciam, dous do convento de Nossa Senhora da Boa-hora, um da freguezia do Santissimo Sacramento, e outro da paroquial da Encarnação, que todos se tinham acolhido á sombra d'este templo, pegando o padre cura em quatro, e o padre thesoureiro em dous, com sobrepelizes, e estolas sahiram no domingo quasi noite, e os foram collocar na igreja da freguezia de Santa Isabel, que fica mais de dous mil passos distante, obrando em tudo quanto correspondia ao desempe-

nho do seu caracter, e fazendo d'este modo memoravel o seu espirito, vigilancia, e zelo.

Porem a felicidade, que concedeu a este templo o impulso do terremoto, lhe não outorgou o triste infortunio do incendio; porque communicando-se na segunda feira 3 de novembro pelos telhados do palacio, que foi do secretario de guerra João Pereira da Cunha Ferraz, e hoje era da mesma igreja, e a ella contiguo, não só a abrazou, mas consumio toda a prata, que nella havia, todas as alampadas, e especialmente a grande, que estava no cruzeiro, que pezava onze arrobas, os muitos, e ricos ornamentos, os singulares quadros de bellas pinturas, que ornavam as capellas, fazendo o mesmo incendio estalar com a força das suas chammas as primorosas estatuas dos sagrados Apostolos, os jaspes, e a pedraria das famosas columnas dos altares, e de toda a igreja.

Viu-se todavia, que a violencia do fogo respeitara o sagrado vulto da Senhora do Loreto, imagem de cedro, feita em Italia, a qual estando no altar mór, cahiu para detraz d'elle, e alli se preservou intacta, participando da mesma fortuna os veneraveis ossos do martyr S. Justino, com outras reliquias, que se guardavam em uma caixa de madeira dourada no concavo do mesmo altar. Tambem a ambula dos santos oleos escapou das chammas, queimando-se o armario, onde estava junto á pia bautismal.

O que fez maior admiração foi, communicar-se o incendio á grande casa do despacho da irmandade dos italianos, e devorar alli muita prata, e um riquissimo ornamento inteiro de lhama branca recamado de ouro, e matizes, que poucos annos antes se havia mandado fabricar a Genova: consumir, e abrazar uma grande porta de angelim da casa do cartorio, e thesouro da mesma igreja, e não entrar na casa nem uma pequena faulha, salvando-se prodigiosamente tudo quanto estava dentro d'ella; porem calculando-se pelo grosso a perda, que o incendio causou a esta igreja, se reputa em mais de quinhentos mil cruzados.

Como a sacristia, e um grande corredor chamado Via-Sacra ficaram sem damno algum, determinaram os italianos se fizesse nella a igreja, e assim no vão do altar, que havia na mesma sacristia, se abriu uma porta para a rua larga de S. Roque, e na parede fronteira se fez o altar mór, onde se collocou o sacrario, e a imagem da Senhora, e no concavo os ossos de S. Justino martyr, no altar collateral da parte do Evangelho se collocou a imagem do Santo Christo milagroso, que se venerava em um dos pulpitos, e o tinha livrado do incendio o padre Pedro Francisco Caneva, capellão da mesma igreja, levando-o para sua casa; no altar da parte da Epistola se collocou a imagem de Santo Antonio, que tambem livrou um devoto, levando-a para a ermida da quinta do desembargador Joseph Simões Barbosa, no sitio de Palma. A' entrada da igreja da parte esquerda no vão de uma porta se poz a pia de bautizar, e se fizeram grades de madeira pintada á roda dos altares. O cor-

redor, ou via-sacra, que fica detrás do altar mór, se dividiu, e na parte, que corresponde immediata ao mesmo altar se formou coro, onde rezam os padres capellães.

Principiaram a celebrar-se os officios divinos nesta igreja nova no dia 5 de junho de 1756, e se continúa a rezar no coro de manhã, e de tarde pelos capellães, que sendo antes dezaseis, são agora quatorze, porque se suspenderam duas capellanias, por falta dos rendimentos hipothecados em propriedades, que se queimaram, e havendo tambem na dita igreja, como dissemos, oito capellanias de missa quotidiana sem obrigação de coro, pela mesma causa se suspenderam tres, uma de cem mil réis, e as duas de cincoenta e tres cada uma. Neste estado se acha esta igreja, em cuja reedificação se cuida com diligencia.

XX—*S. Lourenço*

A memoria mais authentica da antiguidade d'esta paroquia, é um padrão de pedra com letras antigas, que se acha nesta igreja, do qual consta, que o bispo de Lisboa D. Mattheus na era de 1309, que corresponde aos annos de Christo 1271, erguera com suas mãos na dita igreja um altar á honra da Virgem Santa Victoria a rogos de Vicente Martins vigario de elrei, e Alvaro de Lisboa, que o edificaram. O certo é, que desde o seu principio até agora foi esta igreja sem contradição alguma do padroado dos viscondes de Villa Nova da Cerveira, como administradores do morgado dos Nogueiras, e capella de Santa Anna aqui instituida, como se póde vêr em D. Rodrigo da Cunha. (1)

Rendia o priorado quatrocentos mil réis, e cada beneficiado dos quatro, que aqui ha, e apresenta o mesmo padroeiro, rende cem mil réis. As capellas, que ha nesta igreja, são ás seguintes: tres que apresentam os sobreditos padroeiros, como administradores do morgado de Santa Anna, e tem de congrua quarenta mil réis cada um. Apresentam mais outra, que se acha reduzida a cento e noventa e cinco missas: apresentavam mais duas, que se acham reduzidas a uma só de duzentas e dezaseis missas. Ha outra capella de Santa Victoria, que administrava D. Antonio da Silveira de lote de oitenta mil réis, que nunca se satisfez. Ha outra de Santa Catharina com obrigação de coro, que administra uma D. Isabel Josefa, assistente em Tilheiras. Administram os priores outra capella de oitenta mil réis com obrigação de coro. A Irmandade do Santissimo provê, e administra quatro, e a Irmandade das Almas tres de cincoenta mil réis cada uma.

Padeceu esta igreja com o terremoto bastantemente, porque ao seu abalo cahiu o coro, e quasi metade do tecto da igreja desde a porta principal, deixando todavia illeza a capella mór, e não perecendo nesta ruina pessoa alguma. Serenado o violento fracasso, se mudou logo o Sa-

(1) Cunha nos Bispos do Lisbõa part. 2. cap. 92.

cramento para a igreja do menino Deus, e dentro da cerca do visconde de Villa Nova da Cerveira se ergeu um altar, em que se celebraram os officios divinos por alguns dias, em quanto por ordem do dito visconde se reparou, e ornou com muita decencia uma das salas do seu palacio, para onde veiu em procissão o Sacramento, e em que ainda se celebram todas as funções pertencentes ao culto divino.

Dentro do destricto d'esta paroquia está

Mosteiro—Nossa Senhora do Rosario. De religiosas Dominicas. Foi fundado no anno de 1519 por Luiz de Brito, e sua segunda mulher D. Joanna de Ataide, segundo consta de uma inscripção sepulchral, que está defronte da porta, e diz:

> Aqui jaz o senhor Luiz de Brito Nogueira, senhor dos morgados de S. Lourenço de Lisboa, e senhor dos morgados de Santo Estevão em a cidade de Beja, o qual senhor foi tão bom cavalleiro em seu tempo, que o não houve melhor; e com elle jaz sua mulher D. Joanna de Ataide de Sousa, a qual com seu consentimento fez este mosteiro, a que deixou toda sua fazenda, porque não tinha filho, nem filha, e elle dito senhor deixou sua terça, porque tinha filhos de outra mulher, que herdavam seus morgados. Era 1523.

Pela vehemencia do terremoto memoravel cahiu o tecto da igreja, e ficaram as paredes do coro, da torre, e de alguns dormitorios com suas ruinas, as quaes facilmente se podem reparar: os muros do convento da parte do Castello cahiram, mas já se acham levantados. As pessoas, que morreram neste estrago, foram uma religiosa, uma secular, uma criada, e uma escrava. Com o repentino temor d'este incidente, se viram obrigadas as religiosas romper a clausura, e parte d'ellas foram como poderam para casa de seus pais, e parentes, outras se recolheram em uma barraca na quinta dos religiosos Dominicos a Arroios. Hoje se acham restituidas ao seu mosteiro mais de trinta e nove religi sas, além de seculares, e criadas.

Numerava esta freguezia antes do terremoto cento e cincoenta fogos, e seiscentas e cincoenta pessoas de communhão. Presentemente consta de cento e quarenta e tres fogos, e quatrocentas e oitenta e duas pessoas, distribuidas pelas seguintes

Ruas, e Becos — Rua direita de S. Lourenço, Rua nova das Farinhas, Beco das Atafonas, da Cruz, do Poço do Borratem, da Rosa.

Freguezias confinantes — Senhora dos Anjos, S. Christovão, Santa Justa.

XXI — *S. Mamede*

Conforme escreve D. Rodrigo da Cunha, (1) parece que se estabeleceu esta paroquia em tempo do bispo D. fr. Estevão II. pois da vida d'este prelado consta, que achando-se em Avinhão em 16 de maio de 1312, commetera a Martim Mattheus, e a Pedro de Formão a instituição d'esta igreja, que então se fundava; porem de uma escritura, que se achava no seu cartorio, a qual viu, e examinou Jorge Cardoso (2) se infere, que esta freguezia já estava erecta no anno de 1220, em cujo anno instituio nesta igreja Maria Pires, mulher de Pedro Martins de Bulhão irmão do nosso gloriosissimo patricio Santo Antonio, uma missa cantada em sua vida todas as sextas feiras á honra da Santa Cruz, por quatro soldos de esmola. Quasi da mesma antiguidade era o nobre sepulchro de pedra, em que por tradição constante jazia o pai do Bemaventurado Santo Antonio, a qual sepultura estava collocada debaixo de um arco junto aos degráos do adro d'esta igreja, segundo o antigo uso d'aquelles tempos; e ficou da parte de dentro da sacristia, que aqui se fez no anno de 1665, conforme se lembra o mesmo Jorge Cardoso.

É esta igreja do padroado real, cujo priorado era de lotação de duzentos e cincoenta mil réis, e cada beneficio dos quatro, que ha aqui, e apresenta o prior, é de trinta mil réis. Tem sete capellanias; uma do Santissimo de setenta mil réis: duas das Almas de cincoenta mil réis; uma que instituio a condessa de Valladares de quarenta e oito mil réis; outra do Correio mór de cincoenta mil réis; e outra de João Ribeiro, instituida na capella do Senhor Jesus, com a congrua de trinta mil réis.

Experimentou este templo uma grande derrota, porque o incendio geral não só o reduzio a cinzas, mas todas as suas alfaias, e livros, que lhe pertenciam, em cujo fracasso morreram quarenta pessoas pouco mais, ou menos; fazendo mais deploravel perda a extinção quasi total de todas as propriedades dos seus limites paroquiaes. Neste desamparo se foi acolher o paroco á igreja de S. Christovão, d'aqui passou para a de S. Patricio na calçada de S. Crispim, onde existe ainda exercendo a sua obrigação nas poucas ovelhas, que lhe restaram, esperando augmento no rebanho, segundo a nova divisão das paroquias, que medita o vigilante, e piissimo prelado.

Dentro do territorio d'esta freguezia se comprehende o seguinte:

Collegio — S. Patricio. Foi fundado por Antonio Fernandes Ximenes, que nelle instituio uma cadeira de Theologia moral, deixando rendas sufficientes aos religiosos Carmelitas Descalços para este ministerio, porem os religiosos Jesuitas lhe compraram todo o direito, que a elle tinham, e se meteram de posse no anno de 1605. Padeceu tambem com o terremoto, e incendio, e se acha reparado.

(1) Cunha nos Bispos de Lisboa part. 2. cap. 84.
(2) Cardos. no Agiol. Lusit. tom. 3. pag. 675.

Ermida — S. Crispim, e S. Crispiniano. Está junto das portas da Alfofa, e é administrada por uma grande Irmandade, que se compõe do officio de Çapateiro. Teve ruina, mas acha-se recuperada.

Constava esta freguezia antes do terremoto de trezentos fogos, e mil trezentas e setenta pessoas de communhão. Presentemente se acha com doze fogos, e sessenta freguezes pouco mais, ou menos; porque os mais que escaparam, foram assistir para outras freguezias. As ruas eram as seguintes, todas pela maior parte destruidas, e deshabitadas, não ficando d'ellas mais qus os nomes, e as ruinas.

Ruas—Adro da Igreja, Arco da Piedade, Arco da Rosa, Calçada de S. Crispim, Costa, Costa do Castello, Detraz da Igreja, Largo do Correio, Largo do forno, Lista, Muro do Correio, Passadiço, Pedras negras, Rua direita, Sete Cotovelos, Terreirinho de Ximenes.

Becos — Esmeralda, Namorados.

Freguezias confinantes—S. Christovão, Santa Maria, Santa Maria Magdalena, S. Nicolao.

XXII — *Santa Maria*

Teve para si Miguel Leitão de Andrade, (1) que esta igreja fora mandada edificar pelo imperador Constantino, ou por sua mãi Santa Elena, persuadido da antiga construcção do edificio fabricado interiormente com grande numero de columnas, e varandas á maneira do insigne templo de Santa Sofia em Constantinopla erecto pelo mesmo imperador. Outros creram, que tinha sido a mesquita maior dos mouros, e que elrei D. Affonso Henriques, quando ultimamente lhes ganhou Lisboa, a mandara purificar pelo bispo D. Gilberto. (2)

Porem de escrituras authenticas se mostra, e de outros testemunhos authoritativos, (3) que aquelle primeiro manarca portuguez fabricara este templo desde os alicerses para cabeça, e residencia metropolitica, dedicando-o ao culto de Maria Santissima, onde logo estabeleceu, e collocou por bispo a D. Gilberto, e este nomeou conegos, ordenando-lhes vivessem em commum, e em quanto se não fazia dormitorio junto á claustra

(1) Leitão nas Miscellaneas pag. 56. Convèm no mesmo o A. da Corograf. Port. tom. 3. pag. 342. (2) Garibaí tom. 4. lib. 34. cap. 12. Marinho Antiguid. de Lisb. liv. 4. c. 26. De la Clede Histoir. de Portug. tom. 2. liv. 6. p. 102. Cunha nos Bisp. de Lisb. part. 2. cap. 2. n. 7.

(3) Consta da memoria, que o Mestre Estevão, Chantre naquelle tempo de Lisboa, fez da Trasladação, e milagres de S. Vicente, a qual se vê transcripta no tom. 3. da Monarq. Lusit. no Appendice do fim, Escritura 25., onde fallando de el rei D. Affonso I. diz: «Gaudet et insuper Ecclesiam, quam ipse ad honorem Dei, et memoriam B. Virginis Mariæ constituit, et dicavit, manuque propria, sumptuque fundatam ædificavit, et beneficiis amplioribus, etc.» Esta mesma Relação verteo em Portuguez o Arcebispo D. Rodrigo da Cunha na 2 parte do Catalogo dos Bispos de Lisboa cap 9. Confirma-se mais o sobredito com o livro velho chamado dos Obitos da mesma Sé, que allega Jorge Cardoso no tom. 3. do Agiologio Lusitano p. 674., e o A. do Santuar. Marian tom. 7. pag. 27., de que tambem faz memoria Brandão na Monarquia Lusit. liv. 10. cap. 30 O mesmo segue Paes Viegas nos Principios de Portugal p. 181.

da mesma Sé, lhes assignou elrei trinta moradas de casas na rua, que ainda hoje chamavam dos conegos. (1)

Tinham já passado cento e noventa e sete annos, quando no anno de 1344 um espantoso terremoto arruinou a capella mór, e esteve em grande perigo o templo todo. Acudio logo elrei D. Affonso IV ao seu remedio, mandando-a reedificar com magnificencia, e liberalidade, elegendo-a para seu deposito, e da rainha D. Brites sua mulher, onde jazem em primorosos mausoléos ao lado do Evangelho levantados do pavimento. Jazem mais com elle a infanta D. Brites, bisneta dos mesmos reis, e filha primogenita de elrei D. João I. (2)

A capella mór, que ainda hoje se vê, posto que tão desfigurada, não é a mesma que fez edificar elrei D. Affonso IV, porque abrindo esta com um grande terremoto succedido em 24 de agosto de 1356, dia de S. Bartholomeu, e augmentando-lhe depois muito mais perigo, e ruina a violencia de um raio, que sobre ella cahiu, tornou outra vez a ser reedificada por elrei D. João I, o qual mandou então collocar aqui os tumulos dos ditos reis, que segundo dá a entender Ruy de Pina, ainda não estavam alli até este anno. (3) Tem elles na face, que se deixa ainda vêr esculpidos alguns martyrios do glorioso S. Vicente, e por cima tinha uma figura da Fama com buzina na mão, a qual trombeta fora despojo da batalha do Salado, conforme os versos, que se liam em tarja dourada.

Hæc Tuba, quam Mauris Alphonsus nomine quartus
Abstulit, ut fama primus in orbe foret.
Dum resonat Regem, partumque à Rege triumphum,
Alphonsum ad famam surgere, voce jubet.

Em correspondencia d'estes tumulos estava da parte da epistola o altar do glorioso martyr S. Vicente nosso padroeiro, cujo preciosissimo corpo trasladado do promontorio sacro do Algarve ao porto de Lisboa, foi collocado nesta igreja em 15 de setembro de 1173. Com o tempo se desvaneceu a noticia do lugar positivo, até que passados annos se descobriu casualmente em 13 de janeiro de 1614, sendo arcebispo D. Miguel de Castro, por cuja causa se fizeram na Sé grandiosas festas, que duraram desde 14 de março até 16 de setembro. (4)

Constituida neste grande templo a cathedral de Lisboa pelo bispo D. Gilberto no anno de 1150 com a formalidade, e numero de conegos,

(1) D. Nicol. Chron. dos Conegos Regr. liv. 5. c. 8. Severim de Faria nos Disc. var. Discurs. 4. p. 103. Adverte bem D. Rodrigo da Cunha na Histor. Eccles. de Lisb. part. 2. c. 2. n. 3., que neste modo de viver houvera variedade conforme os Prelados, e muitas vezes segundo o voto dos mesmos Conegos. (2) Cunha nos Bispos de Lisb. part. 2. cap. 88. Monarq. Lusit. part. 7. liv. 10. cap 5. (3) Apud. Monarq. Lusit. part. 7. liv. 7. c. 9. e liv. 10. cap. 22. n. 3. (4) Assim o diz D. Rodrigo da Cunha na Historia Ecclesiastica de Lisboa part. 2. cap. 14. n. 7. porem devia outra vez occultarse o cofre; porque passados setenta e oito annos, no de 1692 se descobrirão, como vimos na Vida do Arcebispo D. Luiz de Sousa pag. 231.

prebendas, e tudo que pertencia ao coro, foram sempre os nossos soberanos reis, pontifices, e prelados não só conservando, mas exaltando o seu culto com privilegios, rendas, e dignidades, em cujo estado se conservou até o reinado felicissimo de elrei D. João V, em o qual tempo, achando-se esta cathedral em Sé vacante pela morte do seu ultimo arcebispo D. João de Sousa, se dividiu o arcebispado em duas dioceses por virtude da Bulla Aurea de Clemente XI de 7 de novembro de 1716, ficando esta Sé com o titulo de Arcebispado Oriental, constituindo-se o seu Cabido de oito dignidades, a saber, Deão, Chantre, Arcediago de Lisboa, Thesoureiro mór, Arcediago de Santarem, Mestre Escola, Arcediago da terceira cadeira, Arcipreste, vinte Conegos, quatro meios Conegos, doze Quartanarios, dez Bachareis, e varios Capellães.

Depois pela Bulla Salvatoris nostri de Benedicto XIV, expedida aos 13 de dezembro de 1740 se abolio o titulo de Sé, e se condecorou com o nome honorario de Santa Maria: extinguindo-se juntamente não só a dignidade archiepiscopal, que se unio ao novo patriarcado, e metropoli de Lisboa erecto na antiga capella real, mas ficaram supprimidas, e extinctas para sempre todas as suas dignidades, canonicatos, meias prebendas, e quartanarias, removendo elrei por virtude do mesmo motu proprio a cada um dos conegos, que actualmente existiam, de seus canonicatos, e prebendas: compensando-lhes porem todo o prejuizo, que lhes resultava, em outras honras, e equivalentes do seu real thesouro; como foram aos dignidades, e conegos o habito de Christo, e a cada um dos meios conegos o de Santiago: e aos quartanarios o de Aviz, com tenças proporcionadas á sua grandeza; expedindo um decreto ao Conselho da Fazenda em 12 de novembro de 1742, para todos serem pagos por mezadas pelo thesoureiro da casa da Moeda, e na sua falta pela Thesouraria da Alfandega do Tabaco. Os quaes conegos em sabbado 17 de novembro de 1742, foi o ultimo dia, que rezaram em coro, expirando então o seu titulo, habito, e residencia totalmente. Exporemos em breve mappa os ultimos conegos, que existiam na Sé velha, com o rendimento de seus beneficios, e compensação que se lhes deu por virtude do tal decreto.

DIGNIDADES

	Renda	*Compensa*	*Accrescimo*
Estevão de Barros Pereira	1:658$347	1:790$000	131$653
Antonio Miguel Aires	1:310$263	1:410$000	99$737
João Sinel de Cordes	1:164$864	1:290$000	125$136
Antonio Joseph Reison	695$350	790$000	194$650
Joseph Antunes da Costa	1:310$130	1:400$000	89$870

Conegos

Antonio de Castro Alvelos	1:215$830	1:290$000	74$170
Antonio Alvares Cotrim	1:233$810	1:310$000	76$190
Thomé Estoff Ferreira	1:175$663	1:260$000	84$337
João Chrysostomo da Silva	1:168$200	1:250$000	81$800
João Guilherme Nobel	1:183$650	1:270$000	86$350
João Pimenta e Antas	1:202$755	1:280$000	77$245
Francisco Carneiro de Figueiroa	1:233$945	1:310$000	76$055
Silvestre de Sousa Soares	1:265$140	1:350$000	84$860
Manoel Gomes de Faria	1:267$450	1:340$000	72$560
Filippe Neri Xavier	1:159$758	1:240$000	80$242
Manoel de Aguiar	1:205$818	1:280$000	74$182
Manoel Gomes Monteiro	597$909	670$000	72$090
Manoel de Oliveira da Mata	1:195$780	1:280$000	84$220
Rafael Monteiro da Silva	1:155$770	1:230$000	74$230

Meios conegos

Manoel de Sousa Rocha	592$714	620$000	27$286
Clemente Botelho	557$914	580$000	22$086
Miguel Joseph	575$901	600$000	24$099

Quartanarios

Luiz de Azevedo	280$472	290$000	9$528
Manoel de Paiva Reis	280$472	290$000	9$528
Antonio Alvares	280$472	290$000	9$528
Joseph Gonçalves Vilella	280$054	290$000	9$946
Joseph de Lima Ribeiro	280$054	290$000	9$946
Martinho de Figueiredo	280$054	290$000	9$946
Antonio Barreto	279$850	290$000	10$150
André Machado	279$850	290$000	10$150
Manoel de Moraes Cabral	279$850	290$000	10$150

Supprimidas as dignidades, canonicatos, e quartanarias da igreja de Santa Maria, e extincto o seu antigo Cabido, se erigiu no mesmo templo uma nova Basilica por virtude das Bullas *Ea quæ providentiæ* de Benedicto XIV, passada em 14 de julho de 1741, e da Salvatoris nostri do mesmo pontifice, ficando os conegos novamente erectos, e os mais ministros subordinados ao patriarca, e o direito do padroado competindo ao rei. Teve principio esta Basilica patriarcal de Santa Maria em 18 de novembro de 1742, e consta dos seguintes ministros.

Um presidente com habitos prelaticios, cujo lugar não tem collação,.

e se intitula officio, o qual foi concedido por Benedicto XIV, em Bulla de Motu proprio, passada em Roma aos 17 de agosto de 1754, e aceita em Lisboa por Monsenhor Bernardes em 8 de outubro do dito anno, e por elle sentenciada em 12 do dito mez. Tem de rendimento annual o de uma conesia, que o papa Benedicto XIV supprimiu, e lhe applicou.

Vinte e sete conegos, que tem de rendimento cada um oitocentos mil réis.

Vinte beneficiados, com quatrocentos mil réis.

Dezoito clerigos beneficiados, com duzentos mil réis.

Dez padres bachareis, com cem mil réis.

Seis padres capellães providos em seis capellas, que instituio na mesma igreja o arcebispo D. Miguel de Castro, com obrigação de coro, e canto de orgão, e de vinte e seis missas sómente por mez cada capellão. Tem cada um d'elles cento e quarenta e oito mil quatrocentos e quarenta réis.

Dous padres capellães providos em duas capellas, que instituio o conego doutoral João de Azevedo com as mesmas obrigações. Tem cada um cento cincoenta e oito mil setecentos e cincoenta réis.

Quatro padres capellães com cento e vinte tres mil réis, providos em quatro capellas, que instituio Antonio Gonçalves Prégo com obrigação de coro.

Seis moços de coro do numero, a que vulgarmente chamam meninos do coro, dos quaes o mais antigo tem trinta mil réis, e os outros vinte e seis mil réis cada um.

Oito moços, ou meninos do coro extranumerarios, cada um com dezoito mil réis.

Dous mestres de ceremonias, um, a que chamam o primeiro, tem vinte mil réis: o outro seis mil réis.

Seis contraltos: dous com cento e vinte mil réis cada um: dous com oitenta mil réis; um com oitenta e dous mil réis, e outro com cincoenta mil réis.

Tres tenores: dous com cento e vinte mil réis, e um com cem mil réis.

Tres contrabaixos com cem mil réis cada um.

Dous organistas; um com oitenta mil réis, e dous moios de trigo; outro com sessenta mil réis, e um moio de trigo.

Um mestre de musica com cem mil réis, e dous moios de trigo.

Um mestre da classe da solfa com cincoenta mil réis.

Tres cursores, ou custodios do coro, que não tem ordenado estabelecido.

Consta mais de uma camera para o governo interior, e economico da dita igreja, sua fabrica, e sacristia, em cuja administração se occupam:

Tres camerarios, que é o presidente um, e dous conegos providos

todos os annos pelo prelado, a quem toca privativamente o governo todo, e tem cada um oitenta mil réis.

Um secretario, que é um beneficiado provido todos os annos pelo mesmo prelado, e tem sessenta mil réis.

Um porteiro, que é um dos cursores com vinte mil réis

Dous letrados com setenta mil réis cada um.

Um procurador, que cobra os fóros, com quatrocentos mil réis, cujo officio provê o prelado.

Tres procuradores para as causas, e mais dependencias, dos quaes um tem sessenta mil réis, e os dous trinta cada um.

Um escrivão dos emprazamentos com duzentos mil réis, cujo officio dá o prelado.

Um vêdor da sacristia, que é um conego, e tem livre do coro o tempo, que precisar para o serviço da igreja.

Um thesoureiro da fazenda, que é um beneficiado com o tempo livre do coro, que fôr preciso.

Um fabriqueiro, que é um conego, com a mesma liberdade, e todos tres providos pelo prelado.

Um thesoureiro, que mora dentro da mesma igreja, e tem cento e vinte mil réis.

Um altareiro com cento e dez mil réis.

Dous moços da limpeza da igreja, que tem cada um por dia um tostão, quinze alqueires de trigo, e oito mil réis para vestiaria cada anno.

Um sineiro com cincoenta mil réis, e os sinaes livres.

Um armador com sessenta mil réis.

Um mestre de latim com quarenta mil réis.

Considerada esta igreja como paroquia, sempre foi administrada por um cura, até que o eminentissimo prelado D. Thomaz de Almeida o collou com o titulo de reitor. Rende quatrocentos mil réis. Consta mais de um cura com a congrua ad libitum do reitor: de um prioste, que é um dos bachareis, o qual tem trinta e nove dias livres, e trinta mil réis de ordenado: de um escrivão do priostado, que tambem é um dos bachareis, e tem nove dias livres, e um capão: de um contador do priorado, que tambem é um dos bachareis com os mesmos nove dias livres.

Existiam nesta freguezia as Irmandades seguintes. A Irmandade do Santissimo Sacramento, que apresentava nove capellas de varios instituidores, e de varias congruas. A Irmandade das Almas com sete capellães de cincoenta mil réis cada um. A Irmandade da Senhora da Piedade, que é dos calafates com seu capellão só para os sabbados, domingos, e dias santos com vinte mil réis de congrua. A Irmandade de Santo Aleixo com seu capellão de domingos, e dias santos, com cento e cincoenta réis de esmola por cada missa. A Irmandade do Senhor Jesus da Boa Sentença com duas capellas de cincoenta mil réis cada uma. A Irmandade de Jesus Maria José, que é dos correios com seu capellão de domingos, e dias

santos, que tem de esmola por cada missa cento e cincoenta réis.

Havia mais nesta igreja a confraria de Santa Anna, que lhe fazia novena, e festa no seu dia, e tratava do ornato da sua capella. Outra confraria da mesma Santa em uma capella no cruzeiro da igreja, que era dos officiaes da casa da Moeda, os quaes lhe faziam festa no seu dia. A confraria de foreiros de Santo Amaro. A confraria de foreiros da Senhora a Grande. A confraria de Santo Antonio, que é dos meninos do coro, os quaes concorrem para o gasto dos dias da sua Trezena, e os conegos para os gastos da festa do dia, e da sua trasladação.

As capellas aqui estabelecidas são as seguintes:

Uma de missa quotidiana, que instituio o arcebispo D. Affonso Furtado de Mendoça, com obrigação de confessar, a qual administra a camera, e provê o prelado: tem de congrua setenta mil réis.

Duas de missa quotidiana, instituidas pelo quartanario Manoel da Silva, que administra a camera, com quarenta mil réis cada uma.

Uma de missa quotidiana, cuja administração está incorporada na fabrica, e provê o prelado: rende cincoenta mil réis.

Uma de missa quotidiana, que instituio o arcebispo D. Jorge de Almeida, de quarenta e seis mil réis, que administra a camera, e provê o prelado.

Uma com obrigação de duzentas e cincoenta missas, que instituio Maria Machada, e rende trinta mil réis, a qual tambem a camera a administra.

Uma com obrigação de cento e sessenta e seis missas, instituida pelo conego Pantaleão Rodrigues Pacheco, que administra a camera, e a dá o prelado, rende vinte mil réis.

Além das sobreditas capellas, tem a camera a administração de outras antiquissimas, as quaes por falta de renda se acham reduzidas por Breves Apostolicos ao numero de duas mil e oitenta e oito missas, que todos os annos se mandam dizer. Ha mais estabelecidas nesta igreja as capellas seguintes:

Duas capellas de S. Sebastião pertencentes á cadeira de Mafra supprimida, as quaes provê o prelado, e rende cada uma cincoenta mil rs.

Uma de S. Bartholomeu, que rende cincoenta mil réis. Esta capella tinha quatro mercieiros, com quatro mil e oitocentos réis cada um.

Uma de S. Pedro, com obrigação de sessenta e duas missas, as quaes cumprem os bachareis, a quem anda annexa pelo rendimento de um moio de trigo, vinte alqueires de cevada, e tres mil réis para a cêra do altar. Esta capella foi antigamente chamada do Santo Lenho, na qual estão enterrados Ruy Figueira, e seu pai João Gomes de la Higuera, e se deu depois ao bispo de Bona D. Pedro Fernandes, que lhe fez picar as cinco folhas de figueira, que tinham as ditas sepulturas.

Uma de S. Lourenço com obrigação de tres missas sómente em cada semana, e rende quarenta e quatro mil réis.

Duas de Nossa Senhora da Conceição de missa quotidiana, que administra a casa de Jeronymo Leite de Vasconcellos Pereira Malheiro, e rende cada uma quarenta e dous mil réis. Pertence a estas capellas uma merciaria, que renderá quinze mil réis.

Uma de S. Manços de duzentas Missas, e as quartas feiras do anno; é administrada pelo mesmo.

Havia a capella chamada a Missa de S. Vicente, que quotidianamente celebravam os bachareis por alternativa no altar, onde estava o seu corpo, com o privilegio de ser a propria do santo em qualquer dia, ou festividade do anno sem excepção alguma. Constava esta Missa de algumas orações, que não ha nas outras Missas: era de um só padre; porém cantada a canto chão pelos meninos do coro, tocando-se em todo o tempo do Canon uma roda de campainhas, que estava na claustra por detraz da capella do santo, e se observava indispensavelmente. No seu oitavario era a missa de tres padres, cantada a canto de orgão pelos mesmos meninos do coro, e tudo se fazia por uso antiquissimo.

Ha mais dez capellas, que instituiu elrei D. Affonso IV no anno de 1333, com obrigação de Missa quotidiana, e de dizerem os capellães em o coro o officio Divino rezado ao mesmo tempo, que os conegos o fazem cantado, o que elles executavam na capella de S. Ildefonso. O capellão mór tem de renda cento e seis mil réis, e um moio de trigo; e cada capellão cento, e seis mil réis, e medico, cirurgião, e botica, quando estão doentes, e tudo administra a Mesa da Consciencia.

Pertencem a estas capellas vinte e quatro mercieiras, doze para homens, e doze para mulheres com obrigação de assistirem de manhã, e de tarde aos mesmos officios Divinos. Tem cada um de mezada mil e duzentos réis, e pelo Natal tres mil réis, e outro tanto pelo S. João: tem mais um pote de azeite de tres em tres mezes, e quarenta e oito alqueires de trigo. As mercieiras tem de mezada cada uma dez tostões, e tres mil réis pelo Natal, e outro tanto pelo S. João, vinte canadas de azeite, e quarenta e oito alqueires de trigo. Para vivenda, e recolhimento d'estes mercieiros mandou o mesmo rei D. Affonso IV edificar um hospicio com divisão (1) junto do mar, o qual por tradições achamos que fôra no sitio, em que se edificaram as casas dos senhores de Bellas, até ás que foram dos marquezes de Gouvea, defronte do campo chamado das Cebolas na Ribeira. Achava-se este hospital dos doze mercieiros antes do terremoto em umas casas defronte da porta do Senado da camara nas costas da igreja de Santo Antonio, as quaes casas foram muito antecedentemente recolhimento de donzeilas orfãs pelos annos de 1594. (2) E as doze mercieiras assistiam em umas casas na rua dos Conegos defronte da porta travessa da Basilica de Santa Maria da parte do Norte.

(1) Consta da Provisão do anno de 1129 no liv. dos Testamentos fol. 58. vers. da Mesa da Consciencia. (2) Oliveira Grandez. de Lisboa pag. 71.

Não foi pequeno o damno, que occasionou a este antiquissimo templo o horrido incidente do grande terremoto: pois com o seu impulso extraordinario cahiu a cupula, e fabrica exterior do Zimborio sobre a nave do meio da igreja, e rompendo-lhe a sua fortissima abobeda, veio descançar no plano da mesma nave. Ao mesmo tempo cahiu a torre da parte do mar, em que estava o relogio, a qual com alguns sinos se fez em pedaços. Dentro da igreja cahiu a imagem de Nossa Senhora, que estava no altar mór, e se lhe separou a cabeça do corpo, a qual se foi achar depois nos suburbios d'esta corte em casa de uma mulher. O mesmo estrago experimentou a imagem do Crucifixo, que estava no coro de cima, e o magnifico orgão no corpo da igreja.

O incendio furiosamente successivo ainda lhe causou maiores prejuizos: sendo irreparavel o desfazer não só o cofre, em que estava recluso o corpo do glorioso martyr S. Vicente, mas o mesmo corpo, de que se acharam depois no seu altar pequenas reliquias dispersas, e queimadas. Queimaram-se tambem todas as imagens sagradas, retabulos, e ornamentos da mesma igreja. Sómente as chammas, que accommetteram o altar da Senhora chamada a Grande, refrearam a sua voracidade para com a veneranda imagem, e todo o seu ornato corporal, e sitial do seu nicho. O fogo fez mais ruina em umas partes da igreja, que em outras, e assim n'elle se vê estalado mais o tecto da nave da banda da terra, que da parte do mar: o mesmo se observa em outras capellas interiores do claustro, experimentando total ruina, e irreparavel o seu antiquissimo cartorio, que todo se reduziu a cinzas, havendo bem pouco tempo, que o havia posto em uma expedita arrumação a diligencia do engenheiro mór Manuel da Maya. Não chegou este flagello á sacristia: e por isso escaparam os ornamentos, e alfaias d'esta Basilica.

Entre as ruinas pereceram algumas pessoas, especialmente no adro com o precipicio da torre: taes foram o beneficiado Francisco de Sales de Freitas, e mais outro, que lhe ignoramos o nome, alguns meninos do coro, e o Custodio d'elle Antonio Francisco. O conego Ludovici padeceu a infelicidade de lhe cairem algumas pedras da mesma torre, porém não morreu logo, mas d'ahi a poucas horas. Ao beneficiado Lucas dos Santos lhe succedeu o mesmo. Dispersos, e afflictos os ministros d'esta igreja, não achavam lugar opportuno para exercerem os actos do coro, e mais officios Divinos. N'esta urgencia se foram recolher em uma ermida ao Cardal da Graça, onde rezaram um só dia: logo se passaram para uma proxima barraca, em que rezaram sete dias, mas por ser pobre, e indecente, lhe assinou o eminentissimo cardeal patriarca a igreja do Senhor Jesus da Boa Morte, onde se armou quadratura em 21 de dezembro, em cujo dia repetindo a terra um grande tremor, embaraçou com o susto não se executar a ordem do prelado, o qual resolveu se estabelecessem na barraca da freguezia de S. Joseph, o que fizeram desde 24 do dito mez de dezembro até 16 de julho de 1757, em cujo dia

passaram para a igreja do Menino Deus, e d'alli se transferiram para a de S. Roque, onde presentemente residem.

Os capellães das capellas de elrei D. Affonso IV, que existiam n'esta Basilica, e tinham hido por ordem do eminentissimo prelado em fevereiro de 1756 para a ermida de S. Vicente Ferrer, situada ás Olarias, se acham presentemente restituidos a uma capella junto da sua antiga, que escapou do estrago n'esta mesma Basilica.

No districto d'esta paroquia existem os seguintes templos.

Igrejas, e ermidas—Santo Antonio. Ordenou elrei D. João II no seu testamento, que se fizesse uma igreja a Santo Antonio no mesmo lugar, e sitio, onde nasceu em Lisboa, para o que lhe deixou mil justos de ouro, que importava em seis centos mil réis, dizendo, que queria fosse a fabrica igual no gosto, e na riqueza. Cumpriu esta clausula primorosamente elrei D. Manuel, e assim se deve a erecção d'este edificio á piedade d'estes dous monarcas: ao que attendendo o engenho do architecto, fabricou o rotulo, que servia de grinalda ao arco da porta principal com letras de pedra formadas de troncos de arvores, e varios bichos esculpidos, que vinham a dizer: *Joannes II Emmanuel I Reges hoc opus construxerunt.* (1) Tudo se verifica de uns padrões, ou disticos latinos esculpidos em pedra na capella mór da parte da Epistola, e do Evangelho, e com mais clareza se comprova de um letreiro, que estava em uma pedra dourada por baixo da tribuna da camara, o qual transcreve Antonio Coelho Gasco no livro m. s. das Antiguidades de Lisboa cap. 35, o qual é o seguinte:

«O muito alto, e muito poderoso rei D. João II d'este nome, mandou em seu testamento passar esta capella do bemaventurado Santo Antonio da Sé, donde estava. E que n'este lugar, que foi a propria casa, donde nasceu, á sua honra se edificasse, por ser tanta razão, que aonde a Nosso Senhor aprouve, que tão bemaventurado Santo nascesse, espirito de tanta santidade, e digno de tanta veneração, assim como natural d'esta cidade intercessor d'ella, e dos reis d'este reino fosse venerado. E por ficar encommendado o cumprimento do testamento ao muito alto, e muito poderoso rei D. Manuel o primeiro d'este nome, a mandou fazer para louvor de Deus, e memoria das graças, que este reino sempre lhe deve, pola mercê que fez no desejado nascimento do muito alto, e muito excellente principe D. Sebastião a 20 de janeiro de 1554, que é o dia em que se celebra a festa do bemaventurado S. Sebastião, ordenou que Francisco Correa, que então era vereador, e servia de provedor d'esta capella do bemaventurado Santo Antonio, antes de entrar á Missa do dia, o sacerdote que a houver de dizer levantasse em canto solemne o hymno *Te Deum laudamus*, para que todos que ouvirem,

(1) Sousa Histor. Genealog. tom. 3. p. 138. Goes Chron. de elrei D. Manoel part. 4. cap. 85. Cardoso no Agiol. Lusit. tom. 3. p. 775.

venham a saber a razão d'esta nova extraordinaria solemnidade, e sabida tão obrigatoria causa, como foi para sempre para estes reinos a memoria de tão grande beneficio, e por elle graças a Deus peçam por intercessor o glorioso Santo Antonio a vida, e saude do principe nosso senhor, com muitos, e muitos perpetuos annos de elrei, e da rainha nossa senhora para seus serviços.»

Esta inscripção me persuado ser apocrifo o que dizem se lê no officio, e historia da conquista de Tangere escrita por um certo Alvaro, cujo apellido se ignora, no qual se affirma, que elrei D. Affonso V mandara collocar no templo de Santo Antonio d'esta cidade umas portas de bronze, que fizera conduzir de Tangere: d'onde se infere que já no tempo de elrei D. Affonso V estava feito o templo do Santo: o que é contra o que dizem os nossos historiadores, e consta do mencionado letreiro. Refere isto a Bibliotheca do abbade Barbosa no tom. 4. pag. 10. accrescentando mais para confirmar o pouco credito que se deve dar a esta noticia, dizer; que o dito livro se conservava na livraria do senhor infante D. Pedro, o que tal não ha, nem antes, nem depois do terremoto: porque assim o examinei com exacção.

Estabeleceu-se n'esta igreja uma collegiada, que consta de um capellão mór, que tem de ordenado trinta mil réis para casas; sessenta mil réis para uma mula; vinte mil e seis centos para barrete, e sobrepeliz; e sessenta mil réis pela capella dos irmãos cidadãos vivos, e defuntos; e por superintendente do coro trinta mil réis, que tudo faz a somma de trezentos e doze mil réis. É elle só obrigado a ir ao coro nos dias classicos: e em quanto capellão mór, é provido pelo Senado; quanto ao mais é provido pela Mesa. Consta o coro alem do superintendente, de dezanove capellães cantores, dos quaes seis tem cento e vinte mil réis, que instituiu a piedade de elrei D. João V, tres tem noventa mil réis, e dez tem oitenta mil réis. O presidente do coro, que é um dos tres capellães, tem mais vinte mil réis, e o mesmo tem o regente do mesmo coro. O primeiro Prioste, e escrivão do coro tem cincoenta mil réis, e o segundo Prioste dous mil e quinhentos réis. Ha mais quatro meninos da capella numerarios, que tem cada um cincoenta e cinco mil réis, e tres supranumerarios com vinte mil réis. Tem esta casa, e igreja mais de vinte mil cruzados de renda, que a mesa administra com muito zelo.

Com o repentino assalto do terremoto, e incendio ficou este grandioso templo arruinado, e mais que tudo consummido, e desfigurado o famoso embutido das suas pedras, de que o corpo todo, e tecto da igreja era formado primorosamente. Porém observou-se como prodigio, que a voracidade das chammas, abrazando os retabulos, e tudo que estava mystico á tribuna do Santo, não offenderam a sua veneranda imagem, nem ousaram entrar dentro, trocando o furor em respeito, segundo con-

jectura a piedade, e devoção. Fez-se na igreja um sufficiente commodo para o exercicio do coro, e mais officios Divinos, em quanto se cuida na reedificação fundamental.

Nossa Senhora da Caridade—Foi edificada esta ermida pelos irmãos da Caridade no anno de 1747, junto á Basilica de Santa Maria da parte do mar. Padeceu bastante ruina.

Nossa Senhora da Consolação—Ficava esta ermida, ou capella por cima da porta da cidade chamada a porta do Ferro, ou arco da Consolação, e n'ella mandava a irmandade da Misericordia dizer uma Missa quando havia padecente, para que este adorasse ao Senhor no tempo, que por alli passava para o supplicio. Acha-se presentemente destruida com o terremoto, e incendio: e depois se mandou demolir o arco, e se extinguiu totalmente a sua existencia. Junto da escada, que subia para a tal capella, estava um marmore romano a modo de um marco pequeno com seu frizo, e uma inscripção, que dizia:

Æsculapio
Aug.
Sacrum
Cultor. Larum
Maliæ, et Malio
li M. Cossituo
Macrinus donavit.

O qual vem a dizer: «Este templo é consagrado a Esculapio Augusto, Marco Cossituo Macrino o deu graciosamente a Malia, e Maliole amadores dos Deuzes Lares.» Lembra-se d'este marmore Antonio Coelho Gasco nas «Antiguidades de Lisboa cap. 50.

Senhor Jesus dos Desamparados, e Nossa Senhora do Rosario — Principiou a fundar-se de novo esta ermidinha no anno de 1755 em a rua das Canastras, e no mesmo sitio, onde havia estado uma casa de Oração, que se havia abrazado com o fracasso de um incendio: porém com o terremoto, e fogo do anno de 1755 se consumiu de todo.

Nossa Senhora da Misericordia—Fundou este sumptuoso templo elrei D. Manuel, e se concluiu governando elrei D. João III no anno de 1534. Estabeleceu-se aqui uma nobilissima irmandade, que na opinião ainda dos estrangeiros é de summo respeito. (1) Instituiu-a no claustro da antiga cathedral o veneravel fr. Miguel de Contreras, religioso trinitario natural de Segovia, com approvação da rainha D. Leonor mulher de elrei D. João II no anno de 1498. Compondo-lhe o mesmo veneravel

(1) Gil Goncalv. de Avila nas Grandez. de Madrid lib. 4. apud Maced. nas Flor. de Espana cap. 9. excel. 9. n 2. Merveln Memoires instructifs pour un Voyageur tom 2. p. 144 D. Franc. de Herrera na Vida do B. Obregon p. 151. Cardos. Agiol. Lusit. tom 1. p. 284. Santuar. Marian. tom. 1. p. 64.

padre um compromisso fundado em tanto zelo do proximo, que parece foi inspirado por Deus. Foi-se extendendo a irmandade por todo o reino, até que concluida esta igreja da Misericordia, se transferiu para ella em 25 de março de 1534 com uma procissão solemnissima: e para se conservar a memoria do fundador, se fez um assento no anno de 1575 em que a Mesa mandou se pintasse sempre nas bandeiras da casa a copia, e retrato do sobredito religioso no mesmo habito da sua Ordem com estas letras F. M. I, que querem dizer fr. Miguel Instituidor.

Começou esta irmandade por cem irmãos, cincoenta nobres, e cincoenta mecanicos: depois se alargou o indulto a seiscentos. Compõe-se de um provedor, que sempre é cavalheiro, dos quaes expende um catalogo D. Antonio Caetano de Sousa no tom. 4. do Agiolog. pag. 26. desde D. Pedro de Moura, que foi o primeiro até D. Pedro de Almeida marquez de Alorna: tem mais um escrivão, um recebedor das esmolas, dous mordomos dos presos, seis visitadores, e outros mais irmãos competentes para o seu governo; mas todos eleitos por votos em dia da visitação de Nossa Senhora a 2 de julho.

É o instituto d'esta irmandade acodir ás necessidades do proximo, casar orfãs, curar enfermos, sustentar, e visitar viuvas pobres, passar cartas de guia, ou de recomendação para commodo dos peregrinos enterrar os defuntos, defender as causas dos presos, sustental-os, e livral-os dos carceres, acompanhar os justiçados até o patibulo, e finalmente concorrer para todo o exercicio, que for obra de caridade, e misericordia; dispendendo em todos estes actos grande somma de dinheiro, para que tambem concorre muito a piedade dos catholicos, que a tem enriquecido com muitos legados, passando a renda d'esta santa casa de cem mil cruzados cada anno.

Tem ella cinco actos publicos, em que devem assistir todos os irmãos sem falta. I. No dia da Visitação de Nossa Senhora á eleição annual, e á festa. II. Em dia de S. Lourenço para a eleição dos seis visitadores. III. Em dia de todos os Santos de tarde para a trasladação dos ossos dos padecentes, que morreram enforcados. IV. Em dia de S. Martinho Bispo para o officio solemne dos irmãos defuntos. V. Em a noite de Quinta feira santa para a procissão com que visitam as igrejas. Antigamente se fazia esta procissão com muita solemnidade, e penitencia. Referiremos o que achamos ácerca d'isto em uma fidedigna relação d'aquelle tempo.

«Partem da igreja os irmãos em anoitecendo, e vão pela rua nova «ter a S. Francisco, e d'alli passam á Trindade, e descem ao Carmo, e «d'alli vão a S. Domingos, e tornam pelo Rocio, pela Praça da Palha, «rua das Arcas. Correaria até á Sé, e da Sé tornam á Misericordia, gas«tando n'isto até á meia noite, e ás vezes até a uma hora. Os irmãos «serão sempre duzentos e cincoenta, até trezentos, e todos vão vestidos

«com suas vestimentas pretas, e postos em ordem de procissão com suas «velas nas mãos.

«Diante d'elles vão oitocentos, novecentos, até mil homens, e mu-«lheres disciplinando-se, os quaes todos vão vestidos de vestimentas «pretas, e assim homens, como mulheres, se ferem com as disciplinas, «que tiram muito sangue; e esta procissão vai repartida em tres, ou «quatro estancias, e entre uma, e outra um retabulo, ou Christo posto «na Cruz, e no meio vão dez, ou doze irmãos com suas varas regen-«do-os, e metendo-os em ordem.

«Entre estes disciplinantes vão muitos homens com barras de fer-«ro, e cruzes de páu grandes, e pedras ás costas: e para claridade da «gente levam cincoenta faroes de fogo, em que se gastam dous mil no-«velos de fiado de tomentos engraxados em borras de azeite, e cebo «para darem bom lume, os quaes faroes vão postos em hasteas muito «compridas, e altas; e levam trinta lanternas muito grandes metidas «tambem em hasteas com velas dentro acezas; e os irmãos, que regem, «trazem nas mãos quantidade de velas para tanto que faltar proverem «de outras: levam mais trinta homens com bacias nas mãos cheias de «vinho cozido, e os disciplinantes molham, e lavam n'elle as disciplinas, «porque lhe apertam as carnes. Da mesma maneira vão dez, ou doze «homens com caixas de marmelada feita em fatias, as quaes mandam «muitas pessoas fidalgas, e devotas, que dão aos penitentes; e levam ou-«tras de confeitado, e de cidrão para os que enfraquecerem soccorrem-«lhe com um bocado: e vão outros tantos homens com quartas de agua, «e pucaros nas mãos dando agua aos que tem d'ella necessidade. E tan-«to que chegam á casa da Misericordia estão fisicos, que expremem as «chagas dos penitentes, e lh'as lavam com vinho para isso confeiciona-«do, e os apertam, e vestem, e se vão curados para suas casas.

Recolhimento — Aos lados da igreja se fundaram dous magnificos recolhimentos de donzellas orfãs, que ainda que separados, tinham communicação um com outro, e com tribunas para a igreja. A Mesa da Misericordia o administra, e provê cincoenta e oito lugares para orfãs, dos quaes quarenta foram instituidos por Manuel Rodrigues da Costa, fidalgo, e commendador da Ordem de Christo, que falleceu em junho de 1684, deixando para cada orfã cem mil réis de dote. Os outros lugares são da casa. Havia finalmente nesta igreja por detraz do altar mór um coro, em que rezavam sessenta capellães as Horas Canonicas.

Succedendo o grande terremoto do primeiro de novembro, cahiu do cruzeiro da igreja uma porção de abobeda, e um campanario, que ficava por cima da porta da banda do terreiro; de cujo precipicio, e ruina morreram algumas pessoas. Ficou o padre thesoureiro na sacristia todo o sabado até quasi noite, e as orfãs até esse tempo se conservavam no recolhimento; mas vendo que os tremores continuavam, se resolveram a sahir, e foram para a horta da Bica do Sapato em companhia de um

homem do azul, que era o porteiro, e do padre thesoureiro, que com grande enleio, sem se lembrar de mais nada, deixando as portas da igreja, e da sacristia abertas, expoz á maior ruina toda a sua fabrica, assim de ornamentos, que havia muitos, e excellentes, por se acharem de proximo reformados; como de prata, de que apenas por diligencia dos officiaes da justiça se livraram algumas alampadas, podendo livrar-se tudo com muito socego de ladrões, e do incendio, porque este não entrou na igreja da Misericordia, senão pelas nove horas da manhã do domingo seguinte.

Abrazou-se finalmente o recolhimento, e demoliu-se com o incendio a igreja, ficando todavia isenta a capella do Santissimo, onde esteve ao desamparo cinco, ou seis dias, em que durou o fogo. Tambem ficou illeso o retabolo da capella do Santo Christo dos padecentes, que já a este tempo haviam livrado a veneravel imagem, posto que até agora ainda se não restituiu, nem a instancias de censuras, que para este fim, e de outras mais cousas se tem publicado. Ficou da mesma sorte reduzida a cinzas a casa do despacho, secretaria, e cartorio, sem que ficasse cousa alguma. Abrazou-se a sagrada reliquia do braço de Santa Anna, que estava em um oratorio na casa da Mesa, ficando consumida dentro do mesmo relicario de prata; cujas cinzas, e dous ossinhos, que mostravam ser de dedos, se conservam ainda no mesmo relicario, que se mandou guardar com toda a decencia.

Passados alguns dias se ordenou, que os padres continuassem na capella do Sacramento a exercer os actos do coro, o que fizeram em turmas, e assim continuaram até o dia de S. Thomé do mesmo anno, em que por medo do tremor de terra, que então houve, se passaram para a barraca da freguezia de S. Joseph, onde só um dia rezaram; porque aproveitando-se o eminentissimo prelado da mesma barraca, mandou ir para ella a communidade da Basilica de Santa Maria, e os padres capellães da Misericordia passaram para a ermida de Nossa Senhora do Bom Successo na calçada do Lavre, e aqui rezaram até setembro do anno de 1756. Depois com racionavel motivo foram para a ermida de S. Pedro de Val de Pereiro, onde estiveram alguns dias. Ultimamente se transferiram para a ermida de S. Vicente Ferrer ás Olarias, onde actualmente existem.

As orfãs porém não se achando bem accommodadas na Bica do Sapato, para cujo sitio se haviam refugiado, passaram para Belem, e aqui experimentando maior descommodo, se lhe alugou as casas de Diogo Liberato na rua dos Anjos defronte da travessa do Desterro, onde permaneceram até o S. João de 1756, em cujo dia se mudaram para umas casas nobres do desembargador Filippe Ribeiro da Silva, contiguas á ermida de S. Vicente Ferrer, das quaes passaram para a calçada de S. André, accommodando-se nas casas, que desoccuparam os engeitados, pela passagem que estes fizeram para o collegio de Santo Antão, pelo Natal

do anno de 1762: e aqui presentemente se acham mais bem accommodadas.

N'este meio tempo fazia tambem a Mesa diligencia pela sua accommodação; porque supposto não faltavam avisos da secretaria de estado, para se darem á misericordia os materiaes, que fossem precisos, era tal a desordem, e confusão d'aquelles primeiros dias, que não se podia pôr cousa alguma em execução; até que se resolveu em fazer os actos da Mesa em uma barraca de panno, e taboas velhas, que estava na rua de S. Bento, a qual era de Antonio Rodrigues Gil mestre carpinteiro, e irmão da Misericordia; e reformando-se esta pelo tempo adiante com mais largueza, alli assistiu a Mesa até o S. João de 1756; porque uma accommodação, que intentou fazer na Cotovia, não teve effeito; depois se passou para as casas de Diogo Liberto, d'onde tinham sahido as recolhidas; e ultimamente se estabeleceu a Mesa nas casas, que alugou junto da ermida de S. Vicente Ferrer ás Olarias.

S. Sebastião. Existiu primeiramente esta ermida na rua da Padaria, onde foi fundada no anno de 1471, conforme affirma Christovão Rodrigues de Oliveira no seu summario; porém com a ultima reedificação, que se lhe fez, tinha a porta para a parte da Misericordia, e era administrada pelo tribunal de saude. Com o terremoto, e incendio se demoliu de sorte, que não se conhece o sitio onde existia.

Numerava esta paroquia oitocentos e noventa e seis fogos, e quatro mil e duzentas e cincoenta e cinco pessoas de communhão. Hoje está reduzida a uma deploravel decadencia: vendo-se deserta, e arruinada uma grande parte das suas ruas, que eram as seguintes

Ruas—Albuquerque, Almargem, Arco da Consolação, e de S. Francisco, Barão, Calçadinha da Graça, e de Quebracostas, Campo das Cebolas, Canastras, Conegos. Cruzes da Sé, Direita de Santo Antonio, Detraz de Santo Antonio, João Fogaça, S. João da Praça, S. Jorge, Largo do Aljube, e da Basilica, e das Cruzes da Sé, e do Senhor de Bellas, Meio da Ribeira, Mercearias dos homens, e das mulheres, Parreirinha, Passadiço da Ribeira, Pateo de Santo Antonio, e da Audiencia, Portas do Ferro, e do Mar.

Becos—Abreu, Alecrim, Aljube, Amada, Armazens, Bogio, Grinalda, Jasmim, Leão, Mel, Merceeiras, Perola, Seixo da parte de baixo, e da parte de cima.

Freguezias confinantes—S. Bartholomeu, S. João da Praça, S. Jorge, S. Mamede, Santa Maria Magdalena.

XXIII—*Santa Maria Magdalena*

Não obstante haver padecido esta igreja por varias vezes alguns contratempos, como foram os incendios succedidos no anno de 1369, em

tempo de elrei D. Fernando, e de elrei D. Manuel (1) os terriveis effeitos da peste do anno de 1560, e o memoravel estrago do furacão de vento no anno de 1600, cujos successos arruinaram, e consumiram a maior parte dos documentos do seu cartorio: todavia conservava-se ainda n'elle um livro antiquissimo, que vimos, pelo qual constava, que era de 1202, que corresponde aos annos de Christo de 1164, falecera D Fuas, prior desta igreja, e lhe deixara as terras, e herdade do Murganhal com um encargo de anniversario, o qual ainda se fazia a 13 de setembro.

Continuam as memorias d'esta paroquia ainda pelos annos de 1237, pois segundo refere o chronista mór fr. Francisco Brandão, (2) por esse tempo reinando D. Sancho II, consta de uma escritura, que João Annes, e Ouroona Richardes pagavam ás religiosas de Chellas o foro de umas casas, que estavam sitas na freguezia da Magdalena junto ao Paço dos navios de elrei: *Quas habemus in Paroquia Santæ Mariæ Magdalenæ circa Palatium navigiorum Regis.*

A' vista desta antiguidade tiveram alguns para si, que a causa de pertencerem os irmãos do Santissimo desta paroquia hombrear nos actos publicos processionaes com os da freguezia de Nossa Senhora dos Martyres, era respeitando a igual primazia das suas origens, e erecções: o que não póde ser, porque a dos Martyres é sem controversia mais antiga. A razão fundamental desta igual concurrencia procede da tradição, que ha de serem os irmãos do Santissimo da Magdalena os primeiros, que nesta cidade introduziram as oppas, ou capas vermelhas, sem embargo, que não falta quem lhes refuta esta primeira invenção. (3)

Sempre foi esta igreja do padroado real, como consta do censual da mitra feito pelo arcebispo D. Fernando de Menezes no anno de 1547, que vimos: e de um contrato celebrado no anno de 1352, sendo bispo de Lisboa D. Theobaldo, em que com authoridade regia, sendo prior, ou reitor o mestre João Fogaça, se dividiram os frutos desta igreja entre o prior, e beneficiados, que até aquelle tempo viviam juntos em umas casas misticas á igreja. Presentemente é do padroado das Serenissimas rainhas, e era reputado o seu rendimento até o dia do terremoto em seiscentos mil réis.

Ha nesta igreja cinco beneficios de cem mil réis cada um, que apresenta, e colla o mesmo prior. Havia mais de quarenta capellães obrigados a dizer Missa nesta igreja todos os dias. Constava ella de onze altares. O altar mór era administrado pela irmandade do Santissimo, a qual com toda a grandeza em as festas, que celebrava, dava bem a entender o seu zelo, e obsequio; apresentando, e administrando vinte e uma capellas de differentes ordenados.

No altar da parte do Evangelho, e mais proximo á capella mór, que era de Santa Anna, se havia collocado no anno de 1715 a sagrada, e an-

(1) Duarte Nunes Chronic dos Reis de Portug. pagt mihi 165.
(2) Monarq Lusit. liv. 16. cap. 12. (3) Fr. Apollinar. na Demonstr. Histor. num. 151.

tiquissima imagem do Senhor Jesus dos Perdões, na qual o zelo do padre Pedro de Oliveira instituiu uma nobre congregação, e em todas as primeiras sextas feiras dos mezes se expunha o Santissimo no lado da mesma imagem com muitas indulgencias. Participava esta irmandade de uma especial sacristia ornada com um bom numero de reliquias: entre as quaes se distinguia a do Santo Lenho, e um osso de Santa Catharina que deu o bispo de Tagaste D. Manuel da Silva Francez, seu primeiro protector.

Seguia-se a capella de Santa Luzia, que em algum tempo festejavam os correeiros. No outro altar immediato, que era de S. Christovão, estava collocada a bella imagem do Menino Jesus com o titulo de Bom Pastor, e a de S. Tude: a cujos simulacros festejavam devotos particulares solemnissimamente. O altar, que se seguia, era dos Santos Apostolos, Simão, e Judas, onde tambem se venerava uma imagem da Senhora Santa Anna. O ultimo altar proximo á porta era o de S. Clemente.

Da parte da Epistola era o primeiro o de Nossa Senhora das Candeas: o segundo o de S. Miguel, e Almas com vinte capellães de cincoenta mil rêis cada um, extrahida toda esta renda das esmolas da bacia: o terceiro de S. Cosme, e S. Damião, a quem festejavam os professores da Medicina. O quarto S. Eloy, cujo culto corria por conta dos ourives da prata. O quinto, e ultimo era de S. Sebastião o mais antigo d'esta igreja, e a quem festejavam os alfaiates da rua do Principe.

N'este florentissimo estado se achava tão veneravel paroquia, quando resistindo victorioso o seu templo ao incidente do terremoto, não poude todavia escapar ao incendio successivo, que tudo reduziu n'elle ao ultimo estrago, e destruição: livrando-se unicamente o Santissimo Sacramento por diligencia do paroco João Pinto da Cruz, que sem algum ornato, mas como fugindo apressadamente de tão violento inimigo, se foi refugiar abraçado com a sagrada Pyxide em a igreja de Santa Appollonia, d'onde veio depois agregar-se á freguezia de S. Julião em uma pobre barraca no Terreiro do Paço, d'onde passou para a freguezia de S. Martinho, em que ainda existe. Pereceram n'este horrivel fracasso cento e trinta e nove pessoas.

Achavam-se erectas no territorio d'esta paroquia as seguintes:

Ermidas—Nossa Senhora da Assumpção. Era uma pequena ermida, que estava no meio da rua dos Ourives da prata, a qual elles fabricaram á sua custa no anno de 1697, e a tinham muito bem ornada. O fogo a consumiu de sorte, que não permanece d'ella, nem sinal onde esteve.

Nossa Senhora de Belem. Era um hospital, ou Albergaria, chamada Hospital dos Palmeiros fundado no anno de 1330, segundo se colligia de um letreiro, que estava por cima da porta. (1) Tambem o incendio totalmente o consumiu.

(1) Veja-se o Summario de Christovão Rodrigues de Oliveira, e a Corograf. de Port. 3. p. 133. e o Santuar. Marian. tom. 7. p. 141.

Constava esta freguezia antes do terremoto de oitocentos fogos, e tres mil setecentas pessoas de communhão: hoje acha-se com quatro fogos, e quatrocentas e trinta e quatro pessoas dispersas por varias barracas, porque as ruas totalmente se extinguiram com a ruina dos edificios: eram ellas as seguintes

Ruas—Arco do Caranguejo, Arco de D. Thereza, Armazens, Caes da Pedra, (1) Calçada do Correio, Calçada detraz da Igreja, Carneçarias, Celleiros, Confeitaria, Correaria, Escada de pedra, Fancaria, D. Gil e Annes, Hospital dos Palmeiros, Louceiras, D. Mafalda, Padaria, (2) Pedras negras, Pelourinho, (3) Porta de ferro, Porta do Terreiro, Portagem, Principe, Rua nova da parte dos Livreiros, Rua nova da parte dos Mercadores, Rua da prata, Terreiro do Paço, (4) Travessa dos Armazens, Veropezo.

Becos—Açougue, Cura, Espera rapaz, Martim alho.

Freguezias confinantes—Nossa Senhora da Conceição, S. Julião, S. Mamede, Santa Maria, S. Nicolau.

(1) Este Caes, que ultimamente se havia ampliado, e roedificado com toda a fortaleza experimentou uma total submersão em o fatal dia do terremoto· tragando-o o mar com tão exquisito furor, e nelle a muitas pessoas, que por muitos dias se lhe não pode conhecer fundo do seu abatimento. (2) Nesta rua, que era habitada de officiaes de Sapateiro, houve no meio d'ella da parte direita, indo da Misericordia para Santa Maria, umas casas chamadas o Paço dos Tabelliães, onde como em Tribunal assistiam Notarios publicos, que faziam Escripturas, e outros instrumentos de compras, e vendas, etc. Da origem deste quasi Tribunal não se acha memoria; e o que sabemos é, que pelo desconcerto dos tempos se foram em nossos dias incensivelmente exonerando desta obrigação alguns dos ditos Tabelliães, e os poucos, que ficaram residindo no dito Paço alcançaram de elrei D. João V a faculdade, que lhe supplicaram de servirem os Officios em suas casas: por cujo motivo ficando devoluto o tal domicilio, o pediu ao sobredito Monarca Felix Joseph de Carvalho Moço da Prata, e Escrivão da Ouvidoria da Alfandega, o qual lh'o concedeu por um Aviso, que o Secretario de Estado Marco Antonio de Azevedo escreveu em 23 de abril de 1749 ao Desembargador Francisco da Cunha Rego, Vereador mais antigo da Camara de Lisboa. (3) N'este sitio havia antigamente o costume de assistirem varios homens com suas mesas para escrever cartas, e petições ás pessoas, que tinham d'ellas necessidade. Lembra-se disto Damião de Goss na Descripção de Lisboa, que publicou na lingua Latina em o anno de 1551, onde diz: «E' regione hujus portorii forum quod veteris pali» (isto é, Pelourinho velho) «vocatur, apparet, in quo semper non pauci homines mensis assistentes reperies, quos notarios, vel librarios vocare possimus, nullis tamen Civitatis ministeriis obligatos. Hi omnes ex hoc vitae genere sibi alimentum supeditant, quod omnium accedentium, mentesque suas explicantium sensum assequantur, ordineque in eodem ipso loco subito schedis, scribant, patentibusque dato pro ratione materiae pretio tradant; in tantum ut literas, epistolasque amatorias, elogia, orationes, epitaphia, carmina, laudes, parentalia, petitiones, syngrapha, et cujuscumque generis alia, quae ab eis postulareris, ad ea habeant dispositum scribendi stilum, quod nullibi in totius Europae urbibus fieri vidi.» O mesmo affirma Christovão Rodrigues de Oliveira, como se lê no seu Summario impresso no anno de 1551.

(4) Uma das maiores praças, que tinha Lisboa era este espaçoso terrapleno, em o qual a vista do palacio real, e outros illustres edificios da parte da terra com a variedade das muitas embarcações grandes, e pequenas no mar visinho, formavam uma bella perspectiva. Destiguron tudo o terrivel incendio successivo ao terremoto, reduzindo a cinzas quanto encerrava tão famoso palacio; e sobre tudo com perda irreparavel a preciosissima, e vasta Bibliotheca regia cheia de innumeraveis corpos de livros rarissimos, e codices m. s. O palacio se tem demolido, para se projectar outro artefacto, e formar uma nobilissima praça do Commercio, com varias accommodações para os tribunaes.

XXIV—*Santa Marinha*

De uma inscripção, que está sobre a porta principal d'esta igreja da parte do Evangelho, consta ter sido sagrada aos 12 de dezembro de 1222, (1) e este é o documento mais certo da sua antiguidade. Foi ella do padroado real, que elrei D. Diniz deu a Pedro Salgado: hoje acha-se na Ordem de Christo. O seu prior é de collação ordinaria, e tem alternativa com Roma, reputa-se o seu rendimento em setecentos mil réis, por lhe andar annexa a capella, que aqui instituiu o sobredito Pedro Salgado. (2) Ha na igreja cinco beneficios com obrigação de coro, que apresenta o prelado, e rende cada um oitenta mil réis.

As capellas aqui estabelecidas são as seguintes, uma do mencionado Pedro Salgado de Missa quotidiana com quarenta mil réis; estabeleceu mais o mesmo instituidor tres mercieiras com a congrua de doze alqueires de trigo a cada uma, quinhentos réis em dinheiro, e casas para morarem. No anno de 1621, instituiu aqui outra capella o desembargador Carlos Brandão Pereira de Missa quotidiana com a congrua de cezasete mil e quinhentos réis cada anno, a qual se não satisfaz, e vai para os legados não cumpridos. Ha mais outra capella de Missa quotidiana com uma livre cada semana, instituida pelo fisico mór do reino Manuel Pereira da Costa com a congrua de cincoenta mil réis. Foi muito pequeno o prejuizo, ou quasi nada, que esta igreja experimentou no dia do grande terremoto. Constava antes d'elle de duzentos fogos distribuidos pelas seguintes

Ruas, e becos—Adro da Igreja, Calçada da Graça, e de Santa Monica, Beco do Agulheiro, e das Cabras, largo da Igreja, e de Santa Monica, rua Direita, e da Oliveirinha, e do Tijolo, Terreirinho, Travessa de Santa Monica.

Freguezias confinantes—Santo André, S. Thomé, S. Vicente.

XXV—*S. Martinho*

A fundação d'esta paroquia é reputada entre as antigas da cidade, porque já desde o anno de 1168, achamos em escrituras memorias d'ella. (3) Na mesma igreja existe um authentico documento da sua antiguidade, pois entre a capella de S. Francisco, e o cunhal do arco do coro está um nicho, que foi feito para confessionario, no qual se lê em uma pedra a inscripção seguinte.

XIII. K. Februarij. IHN̂VS Ramirus IIu. Eccæ Priorus Prefectus
Obijt E. M. CC. XXI.

(1) Corograf. Port. tom. 3. pag. 363. (2) Brandão na Monarq. Lusit. liv. 17. cap. 19. (3) Vide Cunha no Catalogo dos Bisp. de Lisb. part. 2. cap. 7. n. 4.

Quer dizer. *Decimo tertio Kalendas Februarii Hieronymus Ramirus hujus Ecclesiæ Priorus Præfectus obiit æra* 1221. De cujo monumento se collige, que no anno de Christo de 1183, a que corresponde a data da era de 1221, lograva esta igreja a preeminencia de priorado. Tambem consta, que no primeiro de maio de 1191, assistira o prior d'esta igreja ao Synodo, que na cathedral fizera o bispo D. Sueiro Annes. (1)

Com o tempo se arruinou o primeiro edificio, e querendo o conde de Villa Nova D. Gregorio de Castello Branco correr com o dispendio da sua reedificação, lhe lançou solemnemente a primeira pedra nos fundamentos da nova igreja a 11 de novembro de 1634, sendo então prior d'ella o doutor Simão Torrezão Coelho deputado do Santo Officio, e lente da Universidade. Da memoria d'esta reedificação consta, que a primeira pedra fundamental se collocara n'aquella parte, em que se levantou o cunhal da igreja, sobre que está fabricado o arco do passadiço, que vai das casas do conde para a tribuna, e que a dita pedra está coberta com outra, a qual tem gravada a seguinte inscripção.

✠
I H S.

Anno á Christo nato MDCXXXIV, sedente ad Ecclesiæ Romanæ clavum Urbano VIII. P. M. Imperante Philippo Hispaniarum 4 et 3. hujus nominis Lusitaniæ Rege, Ecclesiam istam D. Martino Turonen. Episcopo, et pauperum patri dicatam, temporum injuriis, jam ac vetustate labentem, avita pietate, et regia magnificentia, propriis impensis iterum á primis erexit fundamentis, et in elegantiorem faciem, quam quondam habuerat, restituere curavit D. D. Gregorius á Castelbranco, Comes Villæ Novæ, Sortelliæ, et Goesiæ domus Dymnasta, Regijque corporis Custos maximus. XI. q. Novembr. die eidem Sanctiss. Præsuli sacro, primum istum lapidem jecit.

São as serenissimas rainhas donatarias d'esta igreja, cujo padroado se reputa render quatrocentos mil réis, pouco mais, ou menos, porque se extrahem da quarta parte dos dizimos de Barcarena, e Alverca. Pelo novo Regimento da Casa da Supplicação se manda dar ao paroco d'esta freguezia trinta mil réis em gratificação, e reconhecimento do trabalho, que tem com os prezos das cadeas do Limoeiro. Ha na igreja quatro beneficios, que apresenta o prior, os quaes são quatro aprestimos, ou prestimonios, que tem os beneficiados separados do monte grande; tres dos quaes rende cada um oitenta mil réis, e o outro quarenta mil réis, que os podem comer inteiramente em casa, se não querem residir; porém residindo, tem além do grosso do seu beneficio noventa alqueires de

(1) D. Nicol. de Santa Maria Chron. dos Coneg. Regr. part. 2. cap. 11. pag. 115.

trigo, e uma pipa de vinho cada um, fóra o que rende o pé de altar pro rata.

As capellas, que ha nesta igreja, são estas: uma de missa quotidiana, e com a obrigação de se rezar um nocturno a 3 de novembro pela alma de D. Lopo de Castellobranco, de que é administrador o conde de Villa Nova, mas não se satisfaz, por ser de tenue esmola. Outra de quarenta mil réis, e de missa quotidiana pela alma de D. Antonio de Castellobranco, a qual administra o conde de Valladares, e se satisfaz. Outra de cem missas de esmola ordinaria ditas no altar da Senhora da Piedade pela alma de João de Loredo. Ha outra de ambulatoria, que se reduzio a seis mezes de missas, instituida por Marianna Preta de Negreiros, que tem de congrua não mais que vinte e cinco mil réis, pagos como juro na thesouraria do Tabaco.

Padeceu esta igreja suas ruinas com o espantoso terremoto, abrindo-se, e cahindo aos seus impulsos algumas porções das abobedas, e paredes, e precipitando-se um dos sinos da sua torre, que se fez em pedaços. Arruinaram-se tambem algumas casas pertencentes á Mesa Prioral d'esta igreja, e outras mais da propria freguezia, e com especialidade as cadeas da cidade, e da corte, d'onde os prezos sahiram francamente, e a casa da relação experimentaram horrivel destroço. Nesta ruina falleceram á porta da igreja sete pessoas, entre as quaes ficou incluso Paulo Farinha sargento mór engenheiro, cuja capacidade, e intelligencia nas materias mathematicas era digna de estimação; participando sua mulher, e uma criada da mesma violenta morte, com que alli foram acommetidas.

Passado um mez, em que a maior perturbação dos animos se havia algum tanto serenado, foi esta freguezia situar-se na ermida de Santa Barbara ás Fontainhas, onde esteve por espaço de nove mezes na companhia da de S. Jorge, em a qual ermida ambos os priores exercitaram por turnos os officios divinos, com uma alternada harmonia até setembro de 1756, em cujo tempo, e dia do Santissimo Nome de Maria, se restituio a esta antiga igreja de S. Martinho já reparada o seu prior Rodrigo Joseph Dourado de Mariz Sarmento, celebrando nella em acção de graças pontificalmente o excellentissimo principal Portugal.

Constava esta freguezia antes do terremoto de trinta fogos, e perto de trezentas pessoas de communhão. Os mesmos conserva ainda hoje, experimentando somente a diminuição nas pessoas do Limoeiro, por ficar desfeita, e totalmente inhabitavel a cadea da cidade. Esta cadea, ou carcere de malfeitores, chamada Limoeiro, e a Casa da Supplicação alli contigua foi obra sumptuosa, que mandou fazer elrei D. Manoel, e segundo escreve a chronista mór Fr. Francisco Brandão, aqui habitaram as commendadeiras de Santos pelos annos de 1405, quando estes paços eram do infante D. Duarte, filho de elrei D. João I, (1)

(1) Goes Chron. de ElRei D. Manoel part. 4. cap. 85. Monarq. Lusit. liv. 17. cap. 57.

Ruas — É muito pequena a extensão d'esta paroquia, porque não passa do beco do Bogio, que é uma rua, ou travessa, que fica logo abaixo da igreja indo para a de S. Jorge, e acaba no fim da cadea até a chancellaria exclusive. Tem mais nos seus limites o pateo chamado do Carrasco, que fica para a parte esquerda da igreja.

Freguezias confinantes — S. Jorge, Santiago.

XXVI—*Nossa Senhora dos Martyres*

A primeira fundação d'esta igreja se deve aos cavalleiros estrangeiros, que ajudaram ao famoso heroe D. Affonso Henriques na expugnação de Lisboa pelos annos de 1147. Havia o inclito rei mandado benzer este sitio pelo arcebispo de Braga D. João Peculiar, que o acompanhou nesta guerra, para servir de cemiterio decente aos corpos dos que morriam na conquista d'esta cidade, e logo aquelles cavalleiros fizeram erigir nelle uma ermida, onde collocaram a imagem de Nossa Senhora, (1) que haviam trazido na armada: e, porque se reputavam por martyres os que acabavam a vida derramando seu sangue nesta empreza, se chamou d'elles a Senhora, e o templo, ao qual depois de conquistada a cidade ampliou mais o mesmo rei.

Por esta indubitavel origem sem contradição alguma goza esta igreja da primazia entre as mais paroquias da corte, corroborando não pouco esta preeminencia não só conservar-se nella a primeira pia bautismal com a inscripção, posto que renovada no anno de 1602, de se ter alli bautizado o primeiro christão d'esta cidade, mas de estar de posse de tempo immemoravel de fazer com solemne procissão a festa do Santissimo Sacramento na vespera do Corpo de Deus, primeiro que nenhuma outra freguezia da cidade.

Foi esta igreja sagrada, como consta da sua dedicação celebrada a 13 de maio, de que faz memoria o Martyrologio Lusitano, e por tres vezes tem sido reformada a sua architectura. A primeira no anno de 1598, em cuja obra, que durou quatro annos, se gastaram cinco mil cruzados extrahidos de uma finta, que se lançou por todos os seus freguezes. A segunda no anno de 1710, em que se despenderam mais cincoenta mil cruzados. A terceira se concluio no anno de 1750 com o dispendio de mais de cem mil cruzados, procedidos de esmolas particulares, ficando d'esta ultima vez reedificada na ultima perfeição, especialmente na magnificencia interior do templo, sem duvida um dos melhores da corte.

O rendimento do paroco é todo extrahido do chamado pé de altar,

(1) Por intervenção d'esta sagrada Imagem obrou Deus muitos milagres, o que dá a entender Camões no Soneto 50 da addição das Rimas apud Faria p. 351. Veja-se tambem o Santuar. Mariano tom. I. e a Fr. Appollinar. da Conceição, que no livro intitulado «Demonstração Historica» tratou largamente d'esta paroquia.

que importava quinhentos mil réis cada anno, dos quaes levava o dito paroco metade, e a outra metade se repartia por tres coadjutores. O eminentissimo patriarca apresenta o paroco com titulo de cura, e este apresenta o thesoureiro, que terá de congrua cem mil réis. Não tem beneficiados esta igreja, mas tem coro, onde rezam todos os dias as Horas Canonicas, que teve principio em Quarta feira maior do anno de 1733. Consta de nove capellães cantores, que apresenta, e administra a Irmandade do Santissimo com a congrua de cem mil réis uns, e cento e vinte outros.

Tem esta igreja varias capellanias de differentes instituidores, que administra, e apresenta a mesma irmandade do Santissimo, a saber: sete de sessenta mil réis pelas almas de Duarte Teixeira, e de João Vanganipe, e do Conego Manoel da Silva Cardoso: uma de cem mil réis pela alma de Guilherme Cabral Botelho: uma de oitenta mil réis por Manoel dos Santos: duas capellas, e meio annal de missas de setenta mil réis por Gonçalo Dias de Aguiar. A Irmandade das Almas com doze capellães de cincoenta mil réis cada um extrahidos do rendimento, e peditorio da bacia. Além d'estes capellães apresenta, e administra a mesma irmandade oito capellas de varios instituidores, que são quatro de setenta mil réis, tres de sessenta, e uma de cincoenta. Na mesma capella, ou altar das Almas instituio Martim Gonçalves de Souto tres capellas de cincoenta mil réis, que administra, e provê a mesa da Misericordia, e no altar de Nossa Senhora da Piedade instituio Manoel da Costa Calheiros tres capellanias de oitenta mil réis, que administra a Irmandade do Santissimo.

Além d'estas capellanias dispendia a Irmandade do Santissimo grosso cabedal em muitas obras pias. Em esmolas a freguezes necessitados tres mil cruzados cada anno. Dotava annualmente a doze donzellas com cem mil réis a cada uma: e dava mais seis dotes de cincoenta mil réis cada um a moças donzellas, dous em dia de S. João Bautista; dous em dia de Santo André, um em dia de Santa Barbara, e outro em dia da Senhora dos Martyres. Em fim é tal a caridade dos Irmãos do Santissimo d'esta primacial paroquia, que sendo o seu rendimento nove contos e quinhentos mil réis pouco mais, ou menos, sempre a despeza excedia todos os annos ordinariamente a receita.

A maior parte d'esta opulencia se destruio com o fatal terremoto, porque este a arruinou, e o incendio acabou de destruir não só a igreja paroquial, mas templos, e propriedades, que havia em todo o ambito da sua freguezia: sepultando-se entre as ruinas, e as chammas, o que não é possivel reduzir-se a calculo. Apenas escaparam dez familias no pateo de dentro chamado dos coches em o palacio do paço do Duque. Aqui se faz deploravel a grande perda do cartorio da serenissima casa de Bragança, que não havia muito tempo estava reduzido á mais distincta arrumação pela excellente idéa do mestre de campo general, e seu guarda mór Manoel da Maia.

Passado o dia do terremoto foi esta paroquia refugiar-se em uma barraca, que por modo de ermida com o titulo de Nossa Senhora da Conceição se havia levantado na quinta das casas, em que residem os reverendos doutores Ignacio Barbosa Machado, e seu irmão Diogo Barbosa em o sitio de Relhafolles, e alli esteve até vespera de Natal, em cujo dia se transferiu para a ermida de Nossa Senhora dos Martyres sita ao Rego nas casas dos herdeiros de Jacinto Dias Braga, onde se cantaram a primeira vez matinas da festividade do Natal: aqui estiveram expostos á publica veneração, ainda que em pobre deposito, os veneraveis ossos, e reliquias dos santos martyres, que padeceram por Christo na expugnação de Lisboa, e a quem as chammas unicamente perdoaram. Depois passou a freguezia a estabelecer-se na ermida de S. Pedro Gonçalves ao Corpo Santo em o meio da Quaresma de 1756, onde presentemente se acha.

Dentro dos seus limites se comprehende o

Convento—S. Francisco. Chamado da Cidade. Foi fundado pelo S. Fr. Zacharias, governando elrei D. Affonso II no anno de 1217, e ampliado por outros monarcas portuguezes. Tem padecido varias ruinas por causa de incendios, como foram o de junho de 1707, e o de 30 de novembro de 1741, que reduzio a cinzas o convento. Achava-se elle já recuperado desde os alicerces em tudo, que tocava da parte do nascente, e do norte, e se hia continuando da parte do poente: tendo-se gasto na obra até o anno de 1755, em que succedeu o terremeto, mais de seiscentos mil cruzados, extrahidos não só da consignação regia, que eram cem mil cruzados em dez annos, que lhes concedeu o fidelissimo rei D. João V, e lhes continuou o fidelissimo senhor D. Joseph I; mais de duzentos mil cruzados de esmolas do Brasil; quarenta e tres, que deu a Santa Casa de Jerusalem; dezoito, que se tirou na corte, e cinco do bispado do Porto.

D'esta sorte se hia restabelecendo um dos maiores edificios sagrados, que tinha Lisboa, porque a igreja era formosissima Constava de tres naves formadas com doze columnas de notavel altura. Era o seu coro muito alegre, espaçoso, e nobilissimo, e tinha o tecto de abobeda pintado de excellente architectura pelo famoso Baccarelli. Ornavam a igreja muitas capellas, algumas de grande custo, e nellas se dava culto a muitas imagens de Jesus Christo, e de Maria Santissima: d'esta eram mais de onze, tendo todas suas irmandades, que tratavam d'ellas com exemplar devoção; excedendo a todas a da Ordem Terceira, de que eram irmãos todas as pessoas reaes, e quasi toda a fidalguia da corte, e innumeravel gente de todos os estados: dizem que em alguns annos chegou a numerar vinte mil irmãos, e render sessenta mil cruzados.

Achava-se nesta conformidade tão grande templo, e convento, em que assistiam duzentos religiosos, e elle com a duração de quinhentos e trinta e oito annos desde a sua primeira fundação, promettendo quasi

eterna permanencia, segundo a fortaleza, com que hia reedificado; porem o formidavel terremoto destruio, e abateu totalmente o coro, igreja, capella mór, as varandas do claustro grande junto da igreja, e os seus arcos, que se conservavam na reedificação, e sobrevindo logo o vehemente incendio converteu em cinzas a maior parte do convento, e igreja com todos os viveres da communidade, toda a sua livraria, que constava de mais de nove mil volumes, todas as suas alfaias, as muitas, e preciosas da veneravel Ordem Terceira, as da celebre, e antiga Irmandade da Madre de Deus, e sua excellente capella, a de todas as mais irmandades, e se presume, que derreteu a maior parte da prata, pois até agora não tem apparecido mais que um calix, e um thuribulo. Sendo o mais sensivel d'este fracasso a morte de quasi seiscentas pessoas, e doze religiosos, que pereceram dentro da igreja, e convento, porque, como a ruina foi subitanea, não deu lugar a que muita gente, que estava dentro podesse toda por-se em salvo.

Da obra nova ainda ficou livre a quadra, em que está o Hospicio da Terra Santa para a parte do sul, que consta de tres dormitorios, e de espaçosas casas de officinas: aqui ficaram poucos religiosos, porque os mais se passaram para o sitio de Campolide, onde fizeram logo uma pobre barraca de lona, para se abrigarem das inclemencias do tempo, e nella a primeira vez, que rezaram, foi em vespera da Conceição da Senhora no mesmo anno: porém, como estavam alli padecendo muitos incommodos, se resolveram transferir-se para o sitio do Rato, e na quinta de D. Helena, hoje dos padres da Congregação de S. Filippe Neri, erigiram com o adjutorio de varias esmolas uma ermida de madeira com tres altares, e seu coro, onde em vespera de Natal do dito anno deram principio aos divinos officios, e á erecção de um conventinho com as accommodações possiveis, em que existiram até que se transferiram para o sitio antigo do seu convento, que em agosto do anno de 1757 se principiou a desentulhar.

Hospicio—Dos Missionarios do Varatojo. Teve principio no anno de 1685 por mercê de elrei D. Pedro II, e existia na Cordoaria nova. Ficou totalmente destruido com o terremoto, e fogo. Elrei D. Joseph I lhe fez mercê para hospicio de dous quartos das casas que foram dos padres da Companhia na rua da Conceição á Cotovia.

Recolhimento — De meninas pobres. Foi estabelecido no anno de 1746 por Ignez de Jesus Maria na rua do Ferregial; viviam de esmolas, e andavam vestidas no habito de Nossa Senhora do Carmo. Destruiu-se com o terremoto, e incendio.

Ermida — Nossa Senhora da Graça. Existia nos paços da serenissima casa de Bragança. Foi reedificada no anno de 1712, e nella se faziam duas festas cada anno: a primeira em 4 de outubro, e a segunda no dia oitavo da Conceição, cujo obsequio lhe tributavam os academicos da Academia Real da Historia. Tambem o fogo lhe não perdoou, reduzin-

do-a a cinzas; devendo-se com razão lamentar entre as grandes perdas, que neste infortunio padeceu Lisboa, não só a ruina d'este amplissimo palacio, mas o importante thesouro de alfaias preciosas, que os monarcas portuguezes alli conservavam.

Constava esta freguezia antes do terremoto de mil e seiscentos fogos, e quasi sete mil pessoas. Depois no anno de 1756 se desobrigaram nella como freguezes duas mil e duzentas e oitenta e oito pessoas de communhão: e na Quaresma do anno de 1757 se desobrigaram mil e trezentas e cincoenta e cinco pessoas. Repartiam-se pelas seguintes

Ruas—Ametade, Arco de D. Francisco, Barroca, Boa viagem, Cabides, Calçadinha, que vai para o Corpo Santo, Cheado, Commendadeira, Cordoaria Nova, e Velha, Corte Real, Cruzes de S. Francisco, Cubertos, Cura, Direita dos Martyres, Direita das portas de Santa Catharina, Ferregial, Figueira, Fontainhas, Fundição, Luiz de Castro, Manga, Oliveirinha, Oiteiro, Paço do Duque, Pelada, Parreirinha, Picadeiro das portas de Santa Catharina, Pocinho, Saco, Sobre o Muro, Terreiro de S. Francisco.

Becos—Amendoeira, Cancello de cima, e de baixo, Cortezia, Forno da Rocha, Manga, Pelada, Pedro Rodrigues. Quasi todas estas ruas se vêem desertas, e confundidas.

Freguezias confinantes—Nossa Senhora da Encarnação, S. Julião, S. Nicoláo, S. Paulo, Sacramento.

XXVII—*Nossa Senhora das Mercès*

Estando a santa igreja de Lisboa em Sé vacante pela morte de seu arcebispo D. Rodrigo da Cunha, concedeu o reverendo Cabido licença no anno de 1652 ao desembargador do paço Paulo de Carvalho, para que se pudesse estabelecer em igreja paroquial uma ermida sita na rua Formosa, e dedicada a Nossa Senhora das Mercês, junto da qual havia um recolhimento de mulheres devotas, que depois se extinguio; a qual ermida elle reedificara com grandeza, annexando-a em cabeça de um morgado, que instituira. (1) Permittio-lhe o mesmo Cabido privilegio de poder, como padroeiro, apresentar cura, coadjutor, e thesoureiro, cuja regalia herdam seus successores, de quem é hoje seu sobrinho o illustrissimo, e excellentissimo conde de Oeiras Sebastião Joseph de Carvalho e Mello, secretario de estado de elrei fidelissimo dos negocios do Reino.

Tem o paroco predicamento de cura, e de renda mais de trezentos mil réis: ao coadjutor renderá cento e vinte mil réis, e ao thesoureiro setenta mil réis. Consta de duas Irmandades; a do Santissimo Sacramento, que apresenta oito capellas de missa quotidiana, duas de sessenta mil réis, uma de cincoenta, e as outras de quarenta. A Irmandade das

1) Santuar. Marian. tom. 7. pag. 91.

Almas tem um capellão de missa quotidiana com a congrua de cincoenta mil réis. As outras capellas aqui instituidas são estas: uma pela alma do primeiro padroeiro de sessenta mil réis: outra que instituio o padre Caetano Lopes Prior, que foi da igreja da Magdalena, com a congrua de sessenta mil réis: outra que instituio D. Antonia Maria do Amaral de cincoenta mil réis, e missa quotidiana, da qual é hoje seu administrador Caetano Joseph da Silva Sena.

Nesta paroquial igreja com o memoravel terremoto se arruinou a tribuna da capella mór, a frontaria da igreja, a torre dos sinos, quebrando-se todos os que nella estavam, e com o seu precipicio ficou destruido o coro, e uma nobilissima casa da tribuna, que alli tem o padroeiro. Padeceram tambem consideravel ruina mais de setenta propriedades de casas dentro dos limites d'esta paroquia, das quaes a maior parte se acham restabelecidas, em cuja destruição perderam a vida mais de noventa pessoas. Obrigou este aperto ao paroco transferir o Santissimo para a ermida da Ascensão de Christo, sita na calçada do Combro, que ficou livre, e aqui esteve, em quanto a igreja paroquial se acabou de reedificar das ruinas, tornando a mudar-se para ella o Santissimo Sacramento com uma solemnissima procissão a 22 de maio de 1757, onde permanece.

Os sagrados edificios, que se acham erectos dentro do territorio d'esta freguezia, são os seguintes:

Convento—Nossa Senhora da Divina Providencia. De Clerigos Regulares de S. Caetano. É casa, que fundou o padre D. Antonio Ardizone desde o anno de 1650 por concessão de elrei D. João IV, e se foi augmentando mais com a piedade, e grandeza do senhor rei D. Pedro II, que concedendo-lhe faculdade para maior edificio, se lhe deu principio em 7 de abril de 1698, lançando-lhe a primeira pedra o cardeal arcebispo D. Luiz de Sousa, a qual igreja se não acabou. Todo este sagrado edificio padeceu bastante ruina com o terremoto, por cujo motivo passou a maior parte dos religiosos para a sua quinta do Campo Grande, e outros para as casas dos seus parentes; porém a dispendio do padre D. Luiz Caetano de Lima se reparou a igreja, e o convento de fórma, que os religiosos se restituiram a elle pela Quaresma de 1757.

Collegio—S. Pedro, e S. Paulo. Foi fundado no anno de 1632 por D. Pedro Coutinho fidalgo de grande zelo pela fé de Christo, pois o instituio para seminario de inglezes catholicos romanos, os quaes aprendem aqui filosofia, e theologia dogmatica para confutar os hereges nas missões de Inglaterra, e outros paizes hereticos. É seu protector o inquisidor geral. A ruina, que padeceu com o terremoto, se acha já recuperada.

Mosteiro—Nossa Senhora da Conceição. De Carmelitas Descalças Fundou-o no sitio dos Cardaes D. Luiza de Tavora, commendadeira do mosteiro de Santos pelos annos de 1681. Teve grande ruina pelo terre-

moto este mosteiro, e assim as religiosas mandaram erigir barracas na sua cerca, onde ainda se conservam, em quanto se repara o mosteiro, e igreja.

Hospicios—Nossa Senhora dos Anjos. Está situado na travessa do Oratorio, e é de missionarios de Brancanes desde o anno de 1717, porém fundado com melhor accommodação no anno de 1725. Pequeno prejuizo padeceu com o terremoto.

Nossa Senhora do Carmo. De Religiosos Carmelitas da Provincia de Pernambuco.

Nossa Senhora da Conceição. De Religiosos Franciscanos do Rio de Janeiro, situado na travessa da Estrella, e estabelecido no anno de 1703.

Nossa Senhora da Conceição. Existente na rua do Carvalho de Religiosos Franciscanos da Ilha da Madeira. Todos estes tres hospicios se acham restituidos da pequena perda, que tiveram com o terremoto.

Ermidas—Nossa Senhora da Ajuda, e Santos Fieis de Deus. Foi fundada no anno de 1551 por um Affonso Braz, e depois addicta á archiconfraria do hospital de Santo Espirito em Roma. D'esta ermida escreve fr. Agostinho de Santa Maria no Santuar. Mariano tom. 7. p. 26.

Ascensão de Christo. Foi fundada no anno de 1500 por um Antonio Simões de Pina. Ficou livre dos terriveis effeitos do terremoto.

Nossa Senhora do Carmo. Erecta na rua Formosa, de que é padroeiro Manoel de Sampaio e Pina. Tambem o terremoto lhe não fez damno algum.

Constava esta freguezia antes do terremoto de oitocentos e quarenta fogos; presentemente se acha com diminuição, e tem as seguintes

Ruas—S. Boaventura, Caetanos, Calçada do Combro, Cardaes, Carvalho, Cruz de Páo, Horta do Cabra, e do Conde de Soure, Jesus, Moinho do vento, Rosa das Partilhas, metade sómente, rua Formosa, Vinha.

Becos, e travessas—André Valente, Beco das Freiras, Conde de Soure. Fieis de Deus, Inglezes, Oratorio.

Freguezias confinantes—Santa Catharina, Nossa Senhora da Encarnação, Santa Isabel.

XXVIII—*S. Miguel*

Da origem, e antiguidade d'esta paroquia não achamos outro documento mais que a memoria, que Christovão Rodrigues de Oliveira faz d'ella no seu Summario impresso no anno de 1551, por onde se prova a sua anterior existencia. O padre Antonio Carvalho no tom. 3. da Corografia diz, que se reedificara á fundamentis no anno de 1674, por estar ameaçando ruina o edificio antigo. É igreja do padroado real, e o seu paroco tem o predicamento de prior com a lotação de trezentos mil réis. Ha nella quatro beneficios com obrigação de coro, os quaes apresenta o mesmo prior, e rende cada um setenta até oitenta mil réis. Consta das Irmandades seguintes: a do Santissimo Sacramento, que

apresenta uma capella de sessenta mil réis, a das Almas, que antes do terremoto apresentava treze capellas de cincoenta mil réis cada uma; a do Senhor Jesus da Pobreza. Tem cinco confrarias, a saber; a da Senhora Santa Anna; a da Senhora das Candeas, que algum tempo se intitulou dos Milagres pelos muitos, em que resplandecia; a de Santo Antonio, e a de S. Sebastião.

Não ficou esta igreja isenta dos estragos, que lhe causou o grande e repentino terremoto; porque arruinando-se o tecto, que ficava sobre o coro, o prostrou, com tudo o que comprehendia: tambem o precipicio das suas duas torres não só fez estremecer as paredes do lado esquerdo, mas quasi as de toda a igreja. Este estrago obrigou a que se estabelecesse a paroquia em umas casas fronteiras ao Campo da Lã, d'onde se restituiu para a sua igreja depois de reparada quanto foi possivel.

Constava antes do terremoto de oitocentos e setenta fogos; e de tres mil e setecentas pessoas de communhão. Depois experimentou a diminuição de ametade, porque as melhores propriedades de casas, que estavam no ambito d'esta freguezia, ficaram summamente arruinadas, e seus inquilinos, e donos passaram para outros territorios; e para estas ruinas pobremente reparadas vieram assistir gentes humildes, e pela maior parte homens de ganhar com a utilidade, que tem dos novos armazens da Alfandega, onde lidam. As ruas, inda que algumas destruidas, são as seguintes:

Ruas — Adiça, Banda da Praia, Castello Picão, Chafariz de Dentro, Figueira, Largo do Adro, Pateo do Almotacé, Pateo das Canas, Rigueira, rua Direita de cima, e de baixo.

Becos — Alcaçarias, (1) Alegrete, Alfama, (2) Azinhal, Bicha, Cardosa, Cativo, Cego, Corvina, Santa Elena, Formosa, Mel, Mexias, Mortos, Pocinho, Terreirinho do Mestre Leal.

Freguezias confinantes — Santo Estevão, S. Pedro, Salvador.

XXIX — *S. Nicolau*

A igreja, e notavel freguezia de S. Nicolau é uma das antigas de Lisboa, pois consta não só por tradição, mas pela Historia ecclesiastica d'esta diocese, que o bispo D. Matheus a mandara de novo erigir no anno de 1280, posto que n'este tempo se achava ausente em Italia. (3) E sendo certo que elrei D. João I no anno de 1430 annexara a renda

(1) Existem aqui os banhos chamados das Alcaçarias de grande utilidade, não só para quem os aluga, mas para remediar varios achaques, de que falla Mirandella no Aquilegio Medicinal cap. I. § 27. (2) O P. D. Rafael Bluteau no Vocab. Portug. diz que este é o bairro mais antigo de Lisboa. O nome é arabigo, que quer dizer banho de agua quente, conforme explica João de Barros nas antiguidades do Minho cap. 2. E porque em Alfama ha grande copia de aguas calidas, e já as havia em tempo dos mouros, por isso chamaram a este sitio «Alfama» que corresponde ás Thermas dos gregos. Os curiosos podem vêr a Duarte Nunes na Descripção de Portugal cap. 12. pag. 34. (3) Cunha nos Bisp. de Lisb. part. 2 cap. 54.

dos frutos d'esta igreja á Universidade de Lisboa, (1) bem se infere, que ja antecedentemente estava estabelecida, e que era do padroado real.

Passados tempos foi preciso reedificar-se, (2) e assim se transferiu o seu sacrario para a ermida de Nossa Senhora da Victoria, que estava dentro dos seus limites, onde permaneceu até 8 de agosto de 1627, em cujo dia se restituiu solemnemente para a sua igreja reedificada, a qual se acabou de rebocar no anno de 1650, como consta da inscripção de uma pequena pedra, que estava collocada na parede da parte de fora da mesma igreja nas costas da capella de S. Bartholomeu, cujo letreiro dizia:

> «Aos 8 de Agosto de 1627 se passou o Santissimo Sacramento de Nossa Senhora da Victoria para esta Igreja de S. Nicolau, e se rebocou com o dinheiro, que o Procurador, e o Thesoureiro do Reino alcançaram da finta passada d'esta Igreja 1650.»

É hoje esta igreja do padroado das serenissimas rainhas, e n'ella tem havido alguns priores muito estimaveis pelas suas virtudes, como foi o reverendo prior João Pissarro, que fallecendo a 6 de maio de 1660 com sinaes de predestinado, ainda vive a memoria das suas virtuosas acções em toda Lisboa. Rendia este priorado antes do terremoto um conto quatrocentos e quarenta mil réis, de que ao prior não pertencia tudo, por tocar á Universidade de Coimbra uma terça parte, por lhe ser annexa. Apresenta o mesmo prior dez beneficios, que respectivè aos frutos renderá cada um cincoenta mil réis certos. Consta o coro, além dos beneficiados, de seis capellães cantores com differentes ordenados. A irmandade do Santissimo apresentava vinte e seis capellanias tambem de congruas diversas; e a das Almas apresentava quatorze capellas de quarenta e oito mil réis cada uma.

Entre as mais irmandades, que se achavam aqui estabelecidas, era veneravel por antiga a de Nossa Senhora das Mercês: porque trazendo sua origem de uma romagem, que certos devotos affervorados com o exemplo da festa instituida em Alemquer pela rainha Santa Isabel, faziam todos os annos indo de Lisboa á igreja da Merciana com um cirio; no anno de 1431 não querendo admitil-os os mordomos da Merciana por causa da peste, que então affligia Lisboa, os taes confrades voltando descontentes, estabeleceram a mesma confraria em S. Nicolau com

(1) Leitão Ferreira Notic. Chronolog.da Univ. de Coimbr. num. 1231.

(2) Nas ruinas da Igreja velha se acharam algumas antigas Inscripções em pedras, como refere Luiz Marinho de Azevedo, e transcreve uma no cap. 8. do liv. 3. das Antig. de Lisboa: e dellas se mostra haver neste sitio Templo erecto á Deusa Tethis por voto dos marinheiros, e barqueiros Lisbonenses no tempo da gentilidade, como bem se persuade o mencionado Francisco Leitão Ferreira.

o novo titulo de Nossa Senhora das Mercês, e fazendo o seu compromisso, não só lh'o approvou o Nuncio Jeronymo Riceno chamado Cabeça de ferro aos 27 de janeiro de 1538, mas lhes deu faculdade para erigirem capella com adro, e sino. Este compromisso foi depois confirmado por D. Jorge de Almeida em 28 de agosto de 1565, o qual compromisso nós vimos, e começava: «Considerando quão grandes, e maravilhosas são as obras de Nosso Redemptor, e Salvador, etc.» No anno de 1728 se agregou esta irmandade á archi-confraria de Santo Adrião de Roma, para participar das muitas graças, e indulgencias, que os Summos Pontifices lhe tem concedido.

No infausto dia do grande terremoto experimentou esta igreja uma total, e horrorosa destruição, e com o incendio subsequente a perda de todo o seu movel preciosissimo; e para que a lastima fosse mais sensivel, morreram n'esta tragedia dentro dos limites d'esta paroquia perto de quatro mil pessoas. Ficando d'esta sorte a freguezia arruinada, deserta, e inhabitavel: passou o seu paroco a estabelecer-se na ermida de Nossa Senhora da Pureza na Calçada da Gloria, onde actualmente existe; havendo estado os primeiros dous mezes depois da fatalidade, unida com a paroquia de Santa Justa em a barraca do Rocio.

Dentro do seu territorio se achavam erectos os seguintes:

Conventos—Corpus Christi. De religiosos Carmelitas descalços. Foi fundado no anno de 1648, lançando-lhe a primeira pedra fundamental em 28 de setembro o arcebispo eleito de Lisboa D. Manuel da Cunha. E este mesmo lugar, que a aleivosia do traidor Domingos Leite, dirigido pela obediencia castelhana, havia escolhido para tirar n'elle a vida a elrei D. João IV, converteu a piedade da serenissima rainha D. Luiza sua mulher em templo consagrado a Deus, a Maria Santissima, ao Anjo Custodio, a S. Jorge, á Rainha Santa Isabel, e ao bemaventurado portuguez Santo Antonio em agradecimento de livrar milagrosamente a elrei d'aquelle intentado parricidio. No anno de 1651, entregou a mesma serenissima rainha esta igreja, e convento aos religiosos carmelitas. O terremoto, e incendio memoravel poz todo este sagrado edificio na ultima miseria, transformando em cinzas, o que n'elle havia, sendo a perda mais para sentir, a da procuradoria geral, onde se conservavam os titulos, padrões, e escrituras originaes de todos os conventos da provincia, com outros muitos papeis de grande importancia de varias pessoas d'esta corte, e reino. Vendo-se n'este aperto os religiosos, determinaram ir para o Campo do Curral, onde armaram uma decente barraca, e sua ermidinha, e aqui estiveram até a Quaresma do anno de 1757, em que foram habitar para um novo convento, e igreja, que erigiram á fundamentis na freguezia de S. Joseph, no principio da rua chamada do Passadiço.

Espirito Santo. Dos padres da Congregação do Oratorio de S. Filippe Neri. O templo foi reedificação mandada fazer por elrei D. Manuel

pelos annos de 1514, pois o antigo, segundo consta de uma escritura, que allega o author da Corografia Portugueza no tom. 3. pag. 445, já estava erecto no anno de 1279. Para aqui se mudaram os Congregados vespera da Assumpção da Senhora em 14 de agosto de 1674, havendo permanecido na rua nova de Almada no sitio chamado as Fangas da Farinha, onde o veneravel padre Bartholomeu do Quental seu fundador havia instituido a Congregação em 16 de julho de 1668.

Floreciam aqui estes sabios congregados no pratico beneficio da educação literaria, em que se destinaram a ensinar publicamente a grammatica, filosofia, e theologia, com grandes esperanças de promover estas faculdades, segundo o abreviado systema do seu novo methodo: porém sobrevindo por Divina permissão o terremoto, e furioso incendio, templo, e convento se reduziram a cinzas com tudo quanto occupavam, e com a morte de quatro padres congregados, e outras pessoas, que morreram na igreja, reputando-se entre as mais perdas, por notavel a de uma preciosissima custodia de diamantes, e a grande collecção de estimaveis reliquias, que se veneravam no altar de Jesus Maria Joseph, e a da immensa copia de livros escritos em louvor da Mãi de Deus, que formavam uma singular, e distincta Bibliotheca Marianna. Os padres depois do infortunio passaram para o seu regio convento das Necessidades, situado junto a Alcantara, onde exercitam o mesmo magisterio com grande applauso dos doutos.

Ermidas—Ascensão de Christo. Estava no largo do Valverde, e era administrada por trinta pessoas circumvisinhas. Foi erecta no anno de 1655, segundo consta de um letreiro, que ainda se lia por cima da porta travessa. Tinha seu capellão com casas contiguas para morar, e quarenta mil rèis de ordenado. Junto d'esta ermida tivemos o nosso nascimento, em que vimos a primeira luz do mundo aos 2 de fevereiro de 1701. Esta memoria, que muitos terão por escusada, nos desculpa o amor da patria, o qual sempre nos faz guardar no interior uma plena satisfação, e lembrança dos primeiros objectos, que conhecemos. Hoje porém nos serve de magoa a sua deploravel ruina.

Nossa Senhora da Palma. Ficava por detraz da igreja de S. Nicolau. Da sua primeira fundação se lembra Christovão Rodrigues de Oliveira no seu Summario. Reedificou-se no anno de 1717, mas pelo terremoto teve sua ruina, e depois total extinção com o novo plano da cidade.

Nossa Senhora da Victoria. Foi fundada no anno de 1556, como constava da inscripção gravada em uma pedra sobre a porta da igreja. Fabricou-se não só com o producto de certas propriedades, que lhes deixou Margarida Lourenço, mas com varias esmolas, que adquiriram os officiaes da caldeiraria seus administradores, e com as rendas de um hospital chamado de Santa Anna situado ás Fangas da Farinha, que incorporaram, e uniram á ermida, com a mesma obrigação de curarem

os enfermos. Tambem padeceu bastante ruina com o terremoto, e fogo, e depois totalmente se extinguio com o plano da cidade.

Hospital—Na Calçadinha chamada do Carmo, que pertencia aos limites desta freguezia, estava um sumptuoso hospital, em que se curavam com muita caridade, grandeza, e asseio os irmãos da veneravel Ordem Terceira do Carmo. Era neste genero uma das obras magnificas da Corte, em que os irmãos gastaram mais de cem mil cruzados, para que muito concorreo o grande zelo do seu padre commissario fr. Joseph de Jesus Maria, que lhe deu principio no anno de 1704. Acha-se presentemente irreparavel não só pelas ruinas, que lhe causou o terremoto, e incendio passado, mas com a erecção da nova muralha, que elrei mandou fazer para amparar a igreja do Carmo.

Constava esta freguezia antes da infausta tragedia, de dous mil trezentos e vinte e cinco fógos: e pessoas de communhão nove mil e oitocentas e quatorze. Acha-se agora com quinhentos e setenta e cinco fógos, e com mil e quinhentas e vinte pessoas de communhão, dispersos, e abbarracados por varias freguezias da corte. As ruas de que constava, todas estão destruidas, confusas, e inhabitaveis, mas para que se não perca de todo a sua memoria, eram as seguintes:

Ruas—Arcas, Arco de Jesus, Barreiro, Cabreiros, Cabriteiras, Calçada de Payo de Novaes, Calçado velho, Caracol do Carmo, Chancudo, Crasta, Crucifixo, Cutelaria, Douradores, Espingardeiros, Espirito Santo, Esteiras, Lagar do Cebo, Mestre Gonçalo, Mudas, Odreiros, Pedras negras, Pichellaria, Pinovai, Poço do Chão, Quebracostas, Solteiros, Servilharia, Sombreiraria, Forneiros, Valverde.

Becos — Atafonas, Cardim, Carrança, Carretão, Desnarigada, Formosinha, Freira, Lamirante, Luzia, Manquinho, Mezes, Misarada, Moças, Namorados, Pocinho, Refrigerio, Regalada, Rolim, Sardim, Seirão, Silvestre.

Pateos—Almas, Esnoga, Valentim Lobo.

Freguezias confinantes—Senhora da Conceição, S. Julião, Santa Justa, S. Mamede, Santa Maria Magdalena, Senhora dos Martyres, Santissimo Sacramento.

XXX—*Santa Igreja Patriarcal*

Foi constituida a capella real em paroquia desde 24 de agosto de 1709 por Breve do Papa Clemente XI, que começa «Piis Catholicorum Regum votis: (1) e considerada esta igreja com semelhante regalia, consta de um cura, que o eminentissimo cardeal patriarca apresenta como capellão mór, o qual tem de ordenado trezentos mil réis, e de um coadjutor provido pelo mesmo prelado com a congrua de cento e cincoenta mil réis.

(1) Codex Titul. S. L. E. P. tom 1. pag. 2. Monarq. Lusit. liv. 15. cap. 43.

Pertence ao dito cura administrar os Sacramentos a todas as pessoas, que servirem, e residirem no palacio de elrei, ou sejam seus criados, ou familias, e criados dos mesmos criados, com tanto que todos tenham sua residencia no mesmo palacio, e posto que tambem lhe pertença o direito referido pelo que respeita ás proprias pessoas dos criados de elrei dispersos pela corte; se não extende ás familias d'estes, e seus criados, que só são paroquianos da freguezia, onde habitam, como tudo consta de um acordão da Relação ecclesiastica de 15 de Dezembro de 1757 explicando a sobredita Bulla. Tambem são freguezes d'esta paroquia todos os ministros, e pessoas, que servem a santa igreja Patriarcal, e capella real: e antes do terremoto lhe pertenciam os habitadores nos Cubertos da Ribeira das Náos, que eram mais de quatrocentas pessoas, por terem sua residencia dentro dos muros do paço.

A Irmandade do Santissimo Sacramento aqui estabelecida em novembro de 1709 pelo fidelissimo rei D. João V, o qual se constituio por juiz perpetuo, e a todos os seus criados elegeu para irmãos do Santissimo, provê duas capellas, uma de cento e vinte mil réis, e outra de cem: provê mais tres acolytos, o primeiro com oitenta mil réis, o segundo com setenta, e o terceiro com sessenta.

Ha aqui outra Irmandade da Senhora das sete Dores, erecta com authoridade de Innocencio XIII aos 7 de maio de 1723 por supplicas da augustissima rainha D. Maria Anna de Austria, a qual consta de muitas indulgencias, e graças concedidas aos seus confrades. (1) Teve origem esta irmandade na devoção, e affecto, com que o padre Bernardo Pinto dos Santos capellão do Santissimo d'esta igreja, começou a venerar desde o anno de 1716 a milagrosa imagem de Maria Santissima pintada em um singular quadro pelo insigne Alberto Dureiro, em que se via morto o Author da Vida, e a piedosa Senhora lastimada. (2) Existia este quadro em um altar dedicado á mesma Senhora com o titulo da Piedade, onde havia uma preciosa cruz de cristal de roca da altura de dous palmos e meio muito bem obrada, e metida em um sacrario com seus vidros. A todos os fieis, que venerassem esta cruz, que foi feita em Roma, havia o Papa Benedicto XIII concedido no anno de 1727 muitas indulgencias. (3)

Existia mais n'esta igreja um copioso, e estimavel santuario de innumeraveis reliquias de Santos distribuidas por todos os dias do anno. Era tambem obra romana de especial attenção a pia bautismal, não só pelo exquisito, e diverso genero de pedras, de que era fabricada, mas pelo bom gosto de todo o artefacto, com grades de bronze dourado de excellente lavor, que a cercavam, e um estimadissimo quadro do bautismo de Christo, feito em Roma pelo notavel Agostinho Mastucci no anno de 1745. A estas, e outras innumeraveis preciosidades, que ornavam, e

(1) Codex Titul S. P. E. L. tom. 1. pag. 384. (2) Santuar. Marian. tom. 7 pag. 138. (3) Codex ibid. pag. 397.

continha esta santa igreja, consumiu o fatal incendio de fórma, que bem nos podemos lamentar com Isaias. (*) Não se salvou d'ella senão alguma prata derretida, da qual se tem fundido mais de trinta mil marcos. Hoje se acha estabelecida nas chamadas obras do conde de Tarouca em o sitio da Cotovia, como já temos dito.

XXXI—*S Paulo*

Se houvermos de dar credito a uns versos, que em fórma de inscripção collocados sobre a porta d'esta igreja, e abertos em pedra, diziam assim:

Numen adest intus, Paulo maiora canamus,
Regia dum mirum numera pandit opus
Æra salutis habet bis septem sæcula Phœbi,
Bis sex annorum si tamen excipias.

havemos de affirmar, que fora erecta no anno de 1412. (1) Porém da relação de Christovão Rodrigues de Oliveira consta, que no anno de 1551 não havia ainda tal paroquia, nem igreja, e que a memoria mais antiga, que ha d'ella é desde o anno de 1572, de que faz menção Jorge Braunio no Mappa de Lisboa; e assim com certeza se não pode fixar época verdadeira da sua primeira origem.

O paroco tem o predicamento de vigario, e lhe rendia seiscentos mil réis a igreja, de quem é donatario o eminentissimo patriarca. Ha aqui um coadjutor, que apresenta o mesmo prelado, e tem de congrua a quarta parte do rendimento da igreja. A irmandade do Santissimo apresentava dez capellas, das quaes a maior era de sessenta e cinco mil réis. A irmandade das Almas provia dezaseis de cincoenta mil réis cada uma. Havia mais a irmandade de Nossa Senhora da Piedade com quatro capellães de cincoenta mil réis cada um; a irmandade de Nossa Senhora da Boa-Viagem, que era dos soldados da Junta com seu capellão, a quem dava sessenta mil réis.

Arruinou-se com o grande terremoto a igreja, onde morreram mais de sessenta pessoas, e entre ellas dous sacerdotes da mesma igreja. Succedendo immediatamente o fogo, este acabou de destruir o templo, e tudo mais, que n'elle se comprehendia. Escapou unicamente o Santissimo Sacramento, que foi levado para a igreja de S. João Nepomuceno, onde esteve um só dia; no domingo seguinte á noite passou para a igreja paroquial de Santa Isabel, e d'ahi voltou outra vez para o templo de S. João Nepomuceno, até que fazendo-se uma igreja de madeira

(*) «Domuss anctificationis nostrae, et gloriae nostrae ubi laudaverunt te patres nostri, facta est in combustionem ignis, et omnia desiderabilia nostra versa sunt in ruinas. Isai. 64. (1) Assim se persuadiu o author do Santuar. Marian. tom. 1. pag. 493. mas o author da Demonstração Historica o reprova com razão em o num. 266.

junto da antiga, se restituiu a ella vespera do Corpo de Deus da mesma paroquia em o anno de 1757.

Existem dentro dos limites d'esta freguezia os seguintes templos.

Collegio—Nossa Senhora do Rosario. De religiosos Dominicos irlandezes. Foi fundado no anno de 1659 pela serenissima rainha D. Luiza de Gusmão. (1) Padeceu esta igreja, e convento grande ruina com o terremoto do primeiro de novembro memoravel. Um religioso irlandez, que se achava n'esse tempo dando a communhão, animou fortemente aos fieis, e desembaraçando-se intrepido d'entre as ruinas, prevendo maior perigo, não largando das mãos a sagrada Pixide, com ella caminhou até á igreja paroquial de Santa Isabel, acompanhado de innumeravel povo, que a altas vozes hia implorando a misericordia do todo Poderoso. Depois se restituiu para uma decente ermida, que se fez no seu antigo convento, onde era portaria, em quanto se não cuida em maior commodo.

Hospicio—S. João Nepomuceno, e Santa Anna. De religiosos Carmelitas descalços de Alemanha. Foi fundado no anno de 1737 pela serenissima rainha D. Maria Anna de Austria, por industria do padre Fernando Maria de Santo Antonio, missionario apostolico alemão da mesma Ordem. Dotou-o, e enriqueceo-o a serenissima fundadora com sufficientes rendas, e alfaias no anno de 1752. Jaz aqui seu corpo. (2) Teve esta igreja pequena ruina, de que está recuperada.

Ermida—Nossa Senhora da Graça, e S. Pedro Gonçalves. É ermida antiga. Os homens maritimos festejam com muita solemnidade a imagem de S. Pedro Gonçalves, que aqui se venera, sahindo d'esta ermida em dia de Nossa Senhora dos Prazeres com o Santo debaixo do Palio, e correndo as hortas, e ruas da cidade com grande folia. Não padeceu ruina alguma esta ermida com os abalos do terremoto.

Constava esta paroquia de mil fogos, e quatro mil pessoas. Depois do terremoto experimentou alguma diminuição de habitadores, mas hoje se vai recuperando, posto que bastantes propriedades estejam nas mesmas ruinas. Numerava as seguintes

Ruas—Adro da Igreja, Bica grande, e dos olhos, Boa-vista, Casa da Moeda, (3) Casas novas, Calçada da Paciencia, e de Salvador Correa, Cocheiras da praia, Defronte da Igreja, e da Moeda, Direita para

(1) Santuar. Marian. tom. 7. pag. 83. e 131. Corograf Port. tom 3. pag. 488.

(2) P. Joseph Ritter in vita Mariae Annae Regin. Portug. pag. 385. e 247.

(3) Para esta casa da Moeda, que é onde se lavra o dinheiro, e se deposita todo o que vem das Conquistas, costuma ir sempre uma companhia de Infanteria com seus officiaes para sua guarda: porém no dia do terremoto de 1755 succedeu preocupar tal medo aos soldados da dita guarda, que a desampararam, ficando só o tenente, que era Bartholomeu de Sousa Mexia, com o sargento, e tres soldados, portando-se com tal valor, que trabalhou o possivel para que nem lhe chegasse o fogo, nem os ladrões, que o acommetteram varias vezes com pretextos fingidos. Esta acção verdadeiramente honrosa lhe fez merecer o agrado de Elrei, que logo o nomeou capitão da primeira companhia que vagasse: e sobre tudo merece que fique perpetuamente memoravel até no pequeno brado da nossa penna.

a Cruz de Catequefarás, e para a rua de cima, e para o Corpo Santo, Detraz da Capella mór, Dentro do Forte, Fóra do Forte, Gaivotas, Largo do Corpo Santo, Pateo do Conde da Ilha, e do Elvas, Portas do Pó, Praia de S. Paulo, Remolares, rua de cima.

Becos—Apostolos, Assucar, Caes do Rocha, Carvalha, Carvão, Esfolabodes, Estopa, Francisco André, Junta, Sampaio, Taboas, Tibau.

Freguezias confinantes — Santa Catharina, Encarnação, Martyres, Santos.

XXXII—*S. Pedro*

Na historia ecclesiastica de Lisboa escrita pelo arcebispo D. Rodrigo da Cunha, achamos duas memorias quasi repugnantes sobre a origem d'esta igreja; porque na vida do bispo D. Soeiro Anes cap. 18. diz, que no anno de 1191 dera este prelado á fabrica da Sé a igreja de S. Pedro de Alfama. E na vida do bispo D. Vasco Martins cap. 90., affirma que este prelado estando em Santarem, commettera em 21 de abril de 1344 a D. Diogo seu vigario geral a instituição da igreja de S. Pedro, de Alfama. D'onde parece se deve inferir, que esta igreja, ou tivera duas instituições; ou que a segunda fora reformação da primeira; mas de qualquer sorte, sempre ella é antiquissima, e hoje do padroado das serenissimas rainhas.

Consta de um prior, e dous beneficiados, que apresenta, e colla o mesmo prior; a este renderá a igreja duzentos mil réis, e a cada um dos beneficiados, sessenta mil réis. A irmandade do Santissimo apresentava onze capellas de varios instituidores, e differentes congruas. A irmandade da Santa Cruz, e Almas, provia tres de cincoenta mil réis; e a irmandade do Senhor Jesus dos afflictos uma de quarenta e quatro mil réis. As outras irmandades, e confrarias aqui erectas, como a da Senhora da Luz, do Soccorro, e de Santa Anna, e Santo Antonio, festejavam os seus patronos solemnemente em seus dias.

Experimentou com o soberbo terremoto esta igreja a sua total ruina, ficando sómente em pé a parede da parte do Evangelho ao Norte, com a capella da irmandade da Santa Cruz, e Almas, em cujo estrago morreram mais de cem pessoas de ambos os sexos. A mesma destruição padeceram quasi todas as propriedades d'esta paroquia, porque constando ella de cento e oito, só seis ficaram capazes de serem habitadas. Á vista d'este fatal catastrofe se foram refugiar os habitantes nos campos, e suburbios da cidade, fabricando abrigos, e barracas para se recolherem em varias situações.

Vendo-se o vigilante paroco Joseph Xavier em tão lamentavel desarranjo, recorreu ao compassivo monarca o senhor D. Joseph, o qual lhe mandou dar um armazem ao Chafariz de Elrei para n'elle erigir o sagrado tabernaculo, e administrar os Sacramentos ao povo. Mandou logo o paroco ornar a casa com toda a decencia, e fazendo conduzir para

*

ella o mais precioso movel, que poude salvar, e sobre tudo os sagrados vasos.(depois que a todo o risco, e sobresalto consumiu as Fórmas) alli se estabeleceu desde vespera de Natal de 1755. Porém sendo precisa a casa, ou armazem para se continuar a planta da nova alfandega, mandou elrei, que a junta da mesa do Bem Commum, e Commercio, fizesse a decente accommodação para a paroquia. Esta se fez exactamente na antiga igreja, com toda a promptidão, grandeza, e segurança, para a qual se transferiu o Sacramento com uma procissão solemnissima em 19 de março dia do Senhor S. Joseph do anno de 1757. Dentro do seu destricto existe a seguinte

Ermida—Nossa Senhora do Rosario. Está situada no Campo da Lã com sua irmandade, que festeja a Senhora em 15 de agosto com muita grandeza.

Numerava esta freguezia antes do terremoto, trezentos e cincoenta e dous fogos, e mil e quinhentas pessoas de ambos os sexos. Presentemente se acham nas propriedades reedificadas cento e cincoenta fogos, e n'elles setecentas pessoas. As suas ruas eram as seguintes:

Ruas, e becos—Adiça rua em subida ate á porta do Sol, Galé, Judearia, rua Direita de S. Pedro para o Chafariz, Beco de Alfama, e d'este até o Chafariz de Elrei, (1) Beco do Fogão, do Guedes, das Lavandeiras, do Prior.

Freguezias confinantes—S. João da Praça, S. Miguel.

XXXIII—*Nossa Senhora da Pena*

A primeira instituição d'esta freguezia foi estabelecida na igreja do mosteiro de Santa Anna de religiosas Terceiras de S. Francisco, intitulando-se então por esse motivo paroquia de Santa Anna. Suppõe-se que seria erecta pelo cardeal arcebispo D. Henrique, desmembrando-a de Santa Justa, pois a memoria mais antiga da sua existencia é constar, que fora visitada pelo arcebispo D. Jorge de Almeida no anno de 1570.

Depois por justas causas unindo-se alguns freguezes com os irmãos do Santissimo, passaram a freguezia para uma igreja, que se andava fazendo, dedicada a Nossa Senhora da Pena, mudando para ella o Sacramento com solemne procissão em 25 de março de 1705. (2) E caprichando em concluir o sagrado edificio, o aperfeiçoaram de fórma, que era um dos templos excellentes, e em que gastaram grosso cabedal.

(1) Corre com bastante affluencia este chafariz por seis bicas de bronze, e é a sua agua moderadamente quente. Damião de Goes na Descripção de Lisboa, intitulada «Olisipo,» impressa no anno de 1552, diz, que não vira outra agua melhor, nem ainda igual.«Illic autem saporis, et splendoris, et fœtatis præ-tantia omnium fontium, quos unquam me videre meminerim, aquam, aut æquat, aut superat.» Pelas mesmas palavras diz o mesmo Jorge Braunio no tom. 1. «Civit. Orb terrar.» Luiz Mendes de Vasconcellos no tratado do Sitio de Lisboa p. 139., diz, que esta agua tem a propriedade de fazer boas vozes, e bom cantão. Duarte Nunes approva o mesmo no cap. 12. da Descripção de Portugal. Veja-se o Aquilegio Medicinal cap. 2.

(2) Santuar. Marian. tom. 7. pag. 117.

O paroco tem o predicamento de cura, que não é collado, mas annualmente o apresenta o eminentissimo patriarca. O seu rendimento se extrahe do chamado pé de altar, que se reputava uns annos por outros em quatrocentos mil réis. Ao thesoureiro, que tambem é da apresentação do prelado, render-lhe-hia cento e cincoenta mil réis. A irmandade do Santissimo apresentava treze capellas de varios instituidores, e congruas differentes a saber: duas de setenta e dous mil e quinhentos réis cada uma, que instituiu Maria Luiza de Bulhão com o rendimento na alfandega d'esta cidade, e no almoxarifado da casa das carnes, mas com a obrigação de serem confessores os capellães. Sete de sessenta mil réis cada uma, que instituiram o capellão mór João do Rego Barros, Pedro Jorge, Manuel Dias Vicente, e outros mais; uma de cincoenta mil réis, que a mesma irmandade do Santissimo instituiu pelos irmãos vivos, e defuntos; duas de quarenta mil réis, que instituiram Catharina Pereira, e D. Anna de Menezes; e uma de trinta mil réis instituida por Antonio Antunes, que se acha reduzida a seis mezes. A irmandade das Almas apresentava oito capellas de quarenta e cinco mil réis cada uma, e missa livre cada semana, e a irmandade da Senhora da Pena tem seu capellão, a quem dá cincoenta mil réis.

Ficou esta igreja totalmente derrotada com o espantoso terremoto, porque aos seus primeiros impulsos cahiram logo os remates das torres do frontespicio, que sepultaram a algumas pessoas, que vinham fugindo para o adro; e abatendo-se immediatamente o tecto pintado de admiravel arquitectura pelo nosso portuguez Antonio Lobo, tirou a vida a muitas pessoas, que estavam na igreja, experimentando outras muitas a mesma fatalidade nas ruinas de varias casas em os limites d'esta paroquia.

Neste desamparo lamentavel se foi valer o paroco, e abrigar-se em uma ermida, que fica á entrada da portaria do carro do Collegio de Santo Antão, que foi dos Padres Jesuitas, para onde mudou o Sacramento, e alli esteve parte do mez de novembro do fatal anno de 1755, exercendo os actos paroquiaes, e depois se transferiu para a igreja do Recolhimento de Nossa Senhora da Encarnação, e Carmo no sitio de Rilhafolles, e d'ahi para a ermida de Alexandre Metello, da qual passou para a freguezia que se acha reedificada.

Ha no territorio d'esta freguezia as seguintes casas religiosas.

Conventos — Santo Antonio dos Capuchos. — De Religiosos Franciscanos da provincia de Santo Antonio. Foi fundada a igreja em 15 de fevereiro de 1570, e se disse nella a primeira missa no anno de 1579. (1) Floreceu aqui neste ultimo seculo fr. João de S. Diogo chamado vulgarmente fr. João Peccador, varão de raras virtudes, singular penitencia, e continua oração, com espirito profetico; faleceu santamente em o anno de 1690. O seu corpo existe inteiro.

O prejuizo, que padeceu este convento, e templo com o terremo-

(1) Cardos. Agiol. Lusit. tom. 1. p. 187. Carvalho Corograf. Port. tom. 3. p. 111.

to, foi cair a abobeda do corpo da igreja, que sepultou dez mulheres, e um homem: arruinou-se tambem a capella chamada do Bispo, a capella do Santo Christo da Cerca, e a celebre capellinha do famoso presepio tambem experimentou sua ruina. O susto, e receio de maior fracasso obrigou aos religiosos levantar na cerca para a parte do norte uma barraca, e nella formaram uma decente igreja, em que celebraram os officios divinos até 14 de março de 1758, em cujo dia se mudaram para a sua antiga igreja reedificada, e em muita parte melhorada a dispendio de varias esmolas, em que se distinguio a generosa liberalidade do conde de Povolide seu padroeiro na reedificação da capella mór.

S. Vicente de Paulo. Dos padres da Congregação da Missão, de quem já fallamos no tomo 2. part. 3. d'este nosso Mappa cap. 3. § 21. Experimentou pequena ruina com o terremoto.

Mosteiros—Santa Anna. De Religiosas Terceiras Franciscanas com obediencia á provincia de Portugal. Foi fundado no anno de 1561 por ordem da rainha D. Catharina, em uma antiga ermida de Santa Anna, d'onde tomou o nome, sendo as suas fundadoras vinte e quatro recolhidas chamadas as Penitentes da Paixão de Christo, que existiam no Castello. (1) Apresenta elrei neste mosteiro vinte lugares, como consta de um alvará de elrei D. Sebastião, que vimos, feito em 24 de setembro de 1577, e a rainha apresenta tambem dous lugares (2) instituidos pela serenissima rainha D. Catharina.

Cahiu a igreja com o terremoto, e do mosteiro dous dormitorios, um que ficava para a banda da portaria, e outro para a calçada do Lavre; cahiram mais tres varandas do claustro, e varias casas, e officinas, ficando sepultadas nestas ruinas cinco religiosas, cinco seculares, cinco criadas, e uma educanda; além de outras, que ficaram estropeadas. Persuadidas, e afflictas as religiosas com este formidavel assombro, sahiram da clausura, e foram para a cerca do collegio de Santo Antão, onde estiveram no sabbado, e no domingo, em cujo dia se mudaram para a quinta da Bemposta do serenissimo infante D. Pedro, que lhe mandou fazer barracas promptissimamente, e aqui estiveram até vespera de S. João de 1756, em que se recolheram para o seu mosteiro reparado no summamente preciso, em cujos coros rezam, e exercitam todas as suas funções regulares.

Nossa Senhora da Encarnação. De Religiosas Commendadeiras da Ordem Militar de S. Bento de Aviz. Foi este mosteiro mandado edificar pela infanta D. Maria, filha delrei D. Manoel, e nelle entraram a 15 de setembro de 1630 as primeiras religiosas fundadoras, que eram D. Luiza de Noronha, e Maria da Purificação do mosteiro da Esperança, e D. Antonia da Silva de Odivellas, por Breve de Paulo V, ás quaes se transfe-

(1) Fr. Apolinar. no Claustro Franciscan. p. 135. Corograf. Portug. tom. 3. p. 416. Agiolog Lusit. tom. 2. p. 271. Christovão Rodrig. de Oliveira no Summario de Lisboa p. 85 da impressão moderna. (2) Soled. Histor. Serafica part. 4. p. 525

riram desde a ermida de S. Mattheus, e palacio da casa de Cascaes, sito ao Borratem, onde haviam estado esperando por emprestimo, que se acabasse este mosteiro desde agosto de 1614. (1) A tenção da infanta não foi edificar mosteiro para Religiosas Commendadeiras da Ordem Militar de Aviz; o Papa Paulo V é que fez a commutação a supplicas de elrei D. Filippe II. (2) Estão estas religiosas subordinadas ao tribunal da Mesa da Consciencia. No anno de 1734 a 10 de agosto, padeceu este mosteiro um terrivel incendio, que destruio uma grande parte do seu edificio. Passaram as religiosas para o mosteiro das Commendadeiras de Santos, onde estiveram hospedadas, até que se reedificou o seu mosteiro sumptuosamente por ordem de elrei D. João V, e se restituiram para elle.

Succedendo porem o infausto, e formidavel tremor de terra, fez este estremecer, e abalar todo o mosteiro de sorte, que supposto o não precipitasse, lhe causou bastantes ruinas; e deixando-o incapaz de se habitar, foram as religiosas, que todas são senhoras nobilissimas, abrigar-se cheias de sustos, na cerca do collegio de Santo Antão, onde cada uma á sua custa fez o seu abarracamento, e alli estiveram até 15 de março de 1758, em cujo dia por ordem de elrei fidelissimo D. Joseph foram conduzidas em coches da casa real para o seu antigo mosteiro, que o mesmo senhor com incomparavel piedade lhe mandou concertar do melhor modo, que foi possivel, em quanto se cuida em reedificação mais ampliada.

Recolhimento — Nossa Senhora da Encarnação, e Carmo. Está no sitio de Rilhafolles, e lhe deu principio uma devota mulher, chamada Isabel Francisca no anno de 1704, dirigida pelo padre Alvaro Cienfuegos Jesuita, que depois foi cardeal, e tinha vindo a Lisboa por confessor de Carlos III. Foram-se aggregando outras devotas, e tão affectas ao recolhimento, que em vespera de Natal de 1738 começaram a rezar em coro o officio de Nossa Senhora, e em 24 de março de 1740 obtiveram licença do eminentissimo cardeal patriarca para se vestirem com o habito de Nossa Senhora do Monte do Carmo, de que actualmente usam. De fórma se foram applicando á perfeição religiosa, que pela Pascoa de 1742 deram principio a rezar coralmente as Horas Canonicas, e com tanta regularidade o executam, que parece o seu coro, e canto de uma communidade mais observante da perfeição do culto divino. Resplandece este não menos no asseio da sua igreja, que benzendo-se em 6 de dezembro de 1746, e collocando-se nella a 4 de fevereiro de 1748 o divinissimo Sacramento com grande festividade, em cujo dia fez pontifical o arcebispo de Lacedemonia D. Joseph Dantas Barbosa, se celebram nella todas as suas festas com singular decóro, e grandeza. Persuadido o Papa Benedicto XIV da grande edificação, com que estas Recolhidas vivem, lhes fez a graça em janeiro de 1758 de poderem trazer véo pre-

(1) Cardos. no Agiol Lusit. tom. 2. pag. 297. (2) Lima Geograf. Hist. 2. pag. 154.

to, como se fossem religiosas professas; as quaes pelas virtudes preclaras, em que solidamente cultivam o espirito, servem de vivos exemplares da perfeição religiosa. O pequeno damno, que lhes causou o terremoto, se acha restaurado.

Ermidas — Senhor Jesus da Salvação. É uma ermidinha na calçada de Santa Anna junto ao muro das Religiosas Commendadeiras, a qual é administrada por uma confraria da Via-Sacra.

S. Lazaro. Nesta ermida está um hospital, que pertence á freguezia de Santa Justa.

Nossa Senhora da Salvação. Fica junto ao cemiterio, onde se enterram os pobres doentes, que fallecem no hospital real.

Via-Sacra. Está contigua ao palacio do desembargador Alexandre Metello de Sousa no Campo do Curral. Nenhuma d'estas quatro ermidas sentio os effeitos do terremoto. Depois d'este se edificaram algumas ermidas de frontal em o mesmo campo, e são as seguintes:

Senhora da Caridade. Que erigiram os irmãos do mesmo titulo, por se haver destruido a que tinham feito junto á Basilica de Santa Maria.

O Senhor da Paz.

A Senhora do Rosario.

Constava esta freguezia antes do terremoto de mil e trezentos e trinta e seis fogos, e de cinco mil e sessenta e seis pessoas de communhão. Depois do terremoto com as pessoas que se abarracaram no campo chegou ao numero de mil quatrocentos e trinta e dous fogos. As ruas são as seguintes:

Ruas—Santa Anna, Santo Antonio, Campo do Curral, Carreira dos Cavallos, Casas dos Bernardos, Casas da Misericordia, Cemiterio, Cruz, Encarnação. S. Lazaro, Martim Vaz, Moinho de Vento, Mosteiro de Santa Anna, Muro dos Apostolos, Portaria do carro do Collegio, Recolhimento, Rilhafolles.

Freguezias confinantes — Anjos, S. Joseph, Santa Justa, S. Sebastião da Pedreira, Soccorro.

XXXIV—*Santissimo Sacramento*

Teve esta freguezia o seu principio na igreja do Convento da Santissima Trindade, estabelecendo-a o arcebispo de Lisboa D. Jorge de Almeida pelos annos de 1584 na primeira capella da mão direita a quem entrava na igreja, e desmembrando-a da freguezia de S. Nicolao, e Martyres. (1) Depois no anno de 1664, desavindo-se com os religiosos os irmãos do Santissimo, se passaram para a igreja das Convertidas, onde estiveram pouco tempo, e os bautismos se faziam na paroquial dos Martyres com licença do cabido. (2)

(1) Cunha nos Bisp de Lisb. part. 2. cap. 83. de cuja authoridade se prova, que esta freguezia não foi separada de S. Julião, como affirma Leitão Ferreira nas Noticias Chronologicas num. 1233 (2) Fr. Apolin. na Demonstração Histor. num. 167.

Havia-se dado principio a uma nova igreja já com o titulo do Santissimo Sacramento para servir de paroquia no sitio fronteiro ao palacio do marquez de Arronches, lançando-se a primeira pedra no edificio a 26 de novembro de 1667, e estando feita grande parte, se demoliu por embargos do mesmo marquez, até que o conde de Valladares offerecendo liberalmente terreno proprio defronte de seu palacio para fundamento da igreja, se começou esta a fabricar-se no anno de 1671, e concluindo-se no de 1685, para ella se transferiu o Santissimo Sacramento solemnemente em a Dominga da Quinquagesima desde a igreja do Carmo. (1)

O paroco, que tinha o predicamento de cura, hoje tem o de reitor, a que a elevou o eminentissimo cardeal patriarca D. Thomaz de Almeida, como donatario d'esta igreja, a qual rendia quatrocentos mil réis; e ao thesoureiro, que apresentam alternativamente o paroco, e a Irmandade do Santissimo, lhe rendia cento e vinte mil réis. Apresentava a sobredita Irmandade nove capellas, quatro de esmola de sessenta mil réis com obrigação de confessar, e acompanhar o Santissimo, uma de cem mil réis com obrigação de coro, para quando se estabelecesse; outra de oitenta mil réis com a mesma obrigação; e duas de ambulatorias. Esta mesma Irmandade se achava muito opulenta, e possuia riquissimos ornamentos, e muitas peças, e cofres de prata, e estimadissimas reliquias. (2) A Irmandade de S. Miguel, e Almas apresentava quatro capellães, um com cincoenta mil réis, os outros com quarenta mil réis, e missa livre.

Em o tremendo dia do terremoto, e memoravel incendio padeceu esta igreja uma total derrota; porque o templo se arruinou, sepultando setenta e cinco pessoas, e todo o movel da igreja se reduziu a cinzas, reputando-se a sua perda em mais de duzentos mil cruzados, pois só escapou a sagrada pyxide com o Santissimo Sacramento. Com o susto d'este lastimoso successo passou logo o paroco o Sacramento para a ermida de Nossa Senhora da Conceição dos Cathecumenos, refugiada, e erecta no telheiro de aguas livres, onde esteve tres mezes: depois se mudou para o mosteiro das Religiosas Trinas ao Rato, onde permaneceu até se transferir para a nova accomodação, que se fez mistica á mesma igreja.

Dentro do ambito d'esta paroquia existem os seguintes

Conventos—Nossa Senhora do Carmo. De Religiosos Carmelitas Calçados. Foi este edificio verdadeiramente magnifico fundado no anno de 1389 pelo virtuoso condestavel D. Nuno Alvares Pereira, e começaram

(1) Corograf. Portug. tom. 3. p. 458. (2) Entre estas reliquias, conforme a noticia, que nos mandou o rev. reitor desta paroquia Manoel Luiz Ribeiro, existia o calix, em que Christo Nosso Senhor consagrou seu preciosissimo sangue, e fora dadiva do bispo do Porto D. Fr. Joseph de Evora, quando veio de Roma no anno de 1741, porem sempre nos causou muita duvida, pois na Vida de Christo p. 429 deixámos provado, que esta reliquia se conserva na cathedral de Valença.

os religiosos, que vieram da villa de Moura, a exercer aqui os actos de communidade no anno de 1397. D'esta sagrada fabrica faz uma exacta descripção o seu grande chronista fr. Joseph Pereira de Santa Anna. (1) Mas sendo esta obra tão estimavel pela sua grandeza, fortaleza, e arquitectura, muito mais o era pelas muitas, e importantes alfaias, que serviam ao adorno, e veneração. Tudo se perdeu fatalmente com o soberbo terremoto, e immediato incendio em o primeiro de novembro infausto: acabando a vida em tão lamentavel tragedia quatorze religiosos, que é perda para mais sentir-se.

Nesta desordem, e confusão procurou a maior parte da communidade o refugio no sitio da Cotovia dentro das obras do conde de Tarouca: porem espalhando-se uma voz vaga, que o incendio hia chegando ao Castello, e que pegando facilmente no armazem da polvora, acabaria de desbaratar, e arrazar horrendamente a cidade; compellidos d'este pavor, buscaram maior distancia, indo para o Campo Grande com a veneranda Imagem da Senhora do Carmo, que foi a que se poude salvar, e o Santissimo Sacramento, onde armando tendas de campanha, alli estiveram abarracados até vespera de Natal do mesmo anno, em cujo dia passaram para o terreno contiguo ao arco das Aguas Livres acima do Rato, onde haviam mandado fabricar uma ermida com accomodação decente para os mesmos religiosos. Mas como não parecesse justo ao zeloso provincial desamparar o antigo sitio do sagrado Convento, nem a companhia do venerando corpo do virtuoso condestavel, dispoz á custa de grande dispendio, e trabalho, que entre a portaria regular do convento, e a do carro se eregisse nova igreja, e proporcionados commodos, para onde com a brevidade opportuna se estabeleceram.

Santissima Trindade. De Religiosos Trinitarios. A primeira fundação d'este Convento foi, segundo escreve D. Rodrigo da Cunha, (2) no anno de 1294: dando-lhe a cidade liberalmente aos primeiros fundadores, que vieram de Santarem, o sitio em que se incluia uma ermida de Santa Catharina, que lhes servia de igreja, em quanto se edificava o novo convento. Cresceu este á custa das esmolas dos fieis, e particularmente da rainha Santa Isabel, a qual mandou lavrar nelle uma especial capella com o titulo da Conceição da Senhora, que foi a primeira neste Reino dedicada a tão soberano mysterio, de que era devotissima. (3) Depois no anno de 1560 se melhorou o edificio com grandeza, e magestade, pois só no templo se numeravam duzentos e trinta e um palmos de comprido: e cento e vinte e dous de largo, cento e quarenta e oito de altura, com grande numero de amplissimas capellas. Escapou felizmente a igreja do fatal incendio, que em 22 de setembro de 1708 devorou a maior parte d'este convento. (4)

(1) Pereira Chron. do Carmo tom. 1. part. 4. c. 1. Veja-se tambem Jorge Cardoso no Agiol. tom 3. p. 213. (2) Cunha Histor Eccles. de Lisboa part. 2. cap. 83 (3) Monarq. Lusit. liv. 19. c. 23 Corograf. Port. tom. 3 p. 460. (4) Anno Historic. tom. 3. pag. 87.

Achava-se elle quasi na ultima perfeição reputado entre os magnificos da corte, quando aos violentos impulsos do sempre memoravel tremor de terra cedendo a grandeza do edificio, em breves minutos se vio prostrado, e reduzido a uma montanha de confusa penedia; acabando de transformar tudo em cinzas o implacavel incendio, que immediatamente lhe succedeu. Consumiram-se nesta lamentavel desgraça mais de cem imagens de vulto, que ornavam os dezoito altares da igreja. Eram a maior parte d'ellas especialissimas, e devotas: a do Santo Christo crucificado com o titulo de milagroso; o Santo Christo do Coro; o Senhor morto; o Senhor dos Passos; a Senhora da Conceição, a Senhora da Salvação, e outras muitas, escapando unicamente o Senhor Resgatado, posto que debaixo de ruinas.

Não ficou sendo menos deploravel a perda de innumeraveis reliquias, que occupavam, e enchiam quatro altares, entre as quaes eram preciosas as de dous corpos inteiros de S. Liberato, e S. Bono: um Santo Lenho de meio palmo de alto, e um dedo polegar de largo; um espinho da corôa do Senhor, e o Sudario santo tocado no verdadeiro, que se venera em Turim. Fez crescer o augmento da perda a destruição da espaçosa sacristia com as suas estimadissimas, e custosas alfaias: onze custodias, tres cofres, um de valor de cinco mil cruzados, cento e dous castiçaes de pé alto, vinte e uma corôas, vinte e dous resplandores, em que entrava um de ouro cravado de diamantes, trinta e duas alampadas, das quaes duas da capella mór custaram seis contos de réis, dezanove cruzes, entre as quaes havia duas, que tinham custado seis mil cruzados, seis ciriais de excessiva grandeza, e valor, e outras muitas peças de prata, que não referimos, por ser mais memoravel a perda dos dous famosissimos orgãos da igreja, e do coro magnifico, os quaes haviam custado perto de cincoenta mil cruzados.

Entre estas perdas será tambem muito sensivel, e quasi irrecuperavel a grande collecção de livros, que comprehendia a famosa, e estimavel Bibliotheca d'este convento, que pela sua raridade estava avaliada em duzentos mil cruzados: e por evitar palavras, todo o convento com a sua elevada torre se reduzio a terra, e a cinzas, não ficando em rigor nem ainda paredes, porque alguma, que em pé se sustenta, será preciso demolir-se.

Ficaram sepultados debaixo das ruinas quinze religiosos, de que faremos memoria: o padre prégador geral fr. Luiz de Salazar, de noventa annos de idade, e perfeito religioso, estava dizendo missa no altar de Santa Anna. O prégador geral fr. João de S. Felix, de setenta e seis annos, excellente prégador, e ornado com as prendas de insigne compositor de musica, e destro do orgão, e rebecão. O padre presentado Fr. Joseph de Gouvea, duas vezes ministro do Livramento, e de cincoenta e oito annos de idade, religioso muito cheio de zelo, e de temor de Deus, estava dizendo missa na capella do Resgate. O padre mestre Fr. Manoel

de Santo Thomaz, de cincoenta annos de idade, e de grande ornamento da religião, muito exemplar, muito abstinente, singular theologo, e letrado, prompto em todas as materias, em que o consultavam, incansavel no confessionario, e em exercer os actos da communidade. O padre Fr. Antonio de Almeida, actual procurador geral da provincia, religioso de cincoenta e um annos, e que tinha servido varios empregos na religião, estava confessando. O padre Fr. Thomaz de S. Joseph, de cincoenta e cinco annos, bom theologo, prégador, e de vida exemplar, pereceo indo da sacristia para a igreja. O padre Fr. Vicente Ferreira, de cincoenta e cinco annos, que tinha sido prelado em Lagos, e Setubal, estava confessando. O padre Fr. Joseph da Expectação de exemplar procedimento, e bom prégador. O padre Fr. Manoel Ferreira, de trinta e dous annos, muito exemplar, e applicado á lição dos livros: tinha acabado de celebrar missa, e recolhendo-se á sua cella para recordar um sermão, que havia de prégar no dia seguinte, cahio a torre sobre elle, e se achou depois meio queimado em um lanço das varandas. O padre Fr. Domingos de Santa Anna, cantor mór do convento, de trinta e dous annos, excellente musico, e destrissimo em tocar rebecão, e sobre tudo de vida muito ajustada, pereceo estando dizendo missa na capella da Conceição. O padre fr. Joseph Cabral, de trinta e um annos, prégador com boa aceitação, cahio do coro, e veio morrer na igreja. O padre Fr. Felix de Sousa, estudante theologo de vinte e quatro annos, mas muito pacifico, e de grandes esperanças, estava dando a communhão, quando succedendo o repentino incidente do terremoto, fechando o vaso das sagradas Particulas, as quiz salvar fugindo para a sacristia, onde pereceu, e junto a ella se desenterrou depois de muitos mezes com o sagrado vaso unido a seu peito. O padre Fr. Bernardo de S. Luiz, estudante theologo. O padre Fr. Joaquim de Santa Anna, organista, e musico de excellente voz. Fr. Giraldo da Luz, religioso leigo de cincoenta annos, e sineiro muito zeloso, e exacto na sua obrigação, cahiu com a torre, que o sepultou.

Os mais religiosos, que escaparam, sem se vencerem do temor, que lhes representava o excesso d'esta tragedia, não desampararam todavia o convento, antes vendo que no pateo da porta do carro lhes ficara um palheiro velho ainda cuberto, alli seis, ou sete pobremente se accommodaram, e os outros foram para o seu convento de Nossa Senhora do Livramento, junto a Alcantara. Cuidaram logo em fazer no dito pateo uma igreja, abrindo-lhe porta para a rua, e a tem ornado com seis capellas, e com varias imagens; collocando em um dos altares o Senhor Resgatado, que salvaram illeso d'entre as ruinas. Em um celeiro, que alli estava no mesmo pateo menos arruinado, fizeram seus cubiculos, onde habitaram mais de vinte religiosos, para melhor celebrarem os divinos officios.

Numerava esta freguezia antes do terremoto seiscentos e quarenta e dous fogos, e tres mil e quatrocentas pessoas. Depois do terremoto,

como se queimou quasi toda a freguezia, numera presentemente situadas em barracas dispersas, mil e cem pessoas; e é esta uma das paroquias, que ficou bem destruida: as suas ruas, que hoje se vêem quasi solitarias, e confusas, eram as seguintes:

Ruas—Adro da Igreja, Arco de D. Manoel, Calçadinha do Carmo, Chiado, Condeça, Gallegos, Oliveira, Portaria do carro do Carmo, e da Trindade, Postigo de S. Roque.

Becos, e Travessas —André Soares, Arcebispo, Cruz, Estevão Galhardo, Forno, largo do Carmo, Lavandeira, Loreto, Marqueza, Pasteleiro, Ricardo, Salema, Secretario de Guerra.

Freguezias confinantes—Encarnação, Martyres, S. Nicolão.

XXXV— *Salvador*

Com a prodigiosa invenção da santa imagem de um Crucifixo, que neste sitio se descobriu logo nos principios de Lisboa conquistada, se erigiu uma ermida com o titulo de Santo Salvador da Matta, á qual concorria muita gente pelos grandes prodigios, que Deus obrava por intervenção d'esta veneranda imagem. A devoção continua do povo, e o concurso dos fieis moveram ao prelado diocesano, a que erigisse na ermida uma paroquia: quem elle fosse, e em que anno se estabeleceu, não se sabe com certeza: só achamos, que o bispo do Porto D. João Esteves de Azambuja, que depois foi o segundo arcebispo de Lisboa, constituira esta igreja em priorado com beneficiados, annexando-lhe a igreja de Bemfica, de quem recebiam as duas partes dos dizimos, e a Sè a terceira parte, ficando todavia a apresentação d'este priorado incorporada no padroado da corôa.

Depois no anno de 1391 obteve o mesmo prelado de elrei D. João I a mercê do padroado d'esta igreja para si, e seus descendentes; e no mesmo anno alcançou de Bonifacio IX um Breve, que começa: «Ad ea, quæ Divini cultus augmentum», (1) para fundar na dita igreja um mosteiro de religiosas Dominicas, e poder-lhe annexar as rendas, e direito, que ao prior, e beneficiados da sobredita paroquia pertenciam; de tal fórma, que vagando os ditos beneficios a prioreza, e freiras do mosteiro podessem tomar posse das rendas, e convertel-as em seus usos: e para administrar os sacramentos aos freguezes, elle se obrigou a constituir um vigario, deputando-lhe ordenado competente para sua sustentação. E sem embargo, que depois de começada a obra houveram duvidas com o diocesano de Lisboa, que dizia ser em prejuizo das rendas episcopaes; fez-se composição, pela qual o bispo do Porto, prioreza, e freiras largaram ao prelado de Lisboa a terceira parte dos dizimos da igreja do Salvador em 29 de julho de 1393.

Tem o paroco d'esta freguezia titulo de vigario, que apresentam os

(1) Refere Soror Maria do Bautista no livro da Fundação d'este Mosteiro, pag. 22.

condes dos Arcos, como descendentes de João Esteves alcaide mór de Lisboa, chamado o Privado, e irmão do sobredito arcebispo D. João Esteves de Azambuja, posto que os condes usam hoje do appellido de Noronha. Rende a vigairaria duzentos e cincoenta mil réis. Ha mais dous capellães apresentados pelo dito conde, os quaes entram nas offertas com o vigario, e com as freiras, que levam metade. As Irmandades aqui estabelecidas, são a do Santissimo Sacramento, que por voto das religiosas, e não por solemnidade de Corpo de Deus, faz todos os annos uma pomposa procissão com o Santissimo na primeira Dominga depois da Ascensão do Senhor. (1) A da Senhora dos Remedios imagem muito milagrosa. (2) A da Senhora do Rosario, e a da Senhora da Assumpção.

Ha nesta paroquia o seguinte

Mosteiro — S. Salvador. De Religiosas Dominicanas. Foi fundado pelo arcebispo de Lisboa D. João Esteves de Azambuja no anno de 1391, cujo corpo jaz no coro de cima com seu epitafio, que transcreve D. Rodrigo da Cunha. (3) Para effeito d'esta instituição reduzio por Breve de Bonifacio IX, que acima allegamos, as rendas da paroquia aqui existente a uma vigairaria, e com os frutos remanecentes estabeleceu renda fixa para as religiosas, fazendo que ellas professassem a regra de S. Domingos, sendo antecedentemente umas mulheres, que faziam vida penitente, e solitaria, a quem chamavam naquelles tempos Emparedadas, e viviam neste sitio em um pobre recolhimento. A rainha D. Leonor, mulher de elrei D. João II lhe acabou o edificio no anno de 1478.

O corpo da igreja d'este mosteiro, onde está estabelecida a paroquia inteiramente se arruinou com o terremoto de fórma, que será impossivel reparar-se, sem a levantarem por toda a parte desde os alicerces. Retirou-se o Santissimo para a igreja do Menino Deus, onde esteve dous mezes, e se recolheu para a casa, que era da grade das religiosas onde interinamente está ainda, tolerando sómente com a necessidade do tempo a menor decencia do lugar. Das religiosas morreram doze professas, uma noviça leiga, duas seculares, e uma criada. As mais que ficaram, sahiram da clausura, e umas foram para o Cardal da Graça, e se aposentaram na quinta do alcaide fidalgo, outras estiveram no Campo Grande em casa do desembargador Francisco Lopes de Carvalho. Passados alguns mezes, se foram recolhendo para o mosteiro, onde se acham já mais de oitenta exercendo os actos da communidade.

Constava esta freguezia de duzentos e sessenta e seis fogos, e mil e cincoenta pessoas de communhão. Hoje terá menos setenta fogos distribuidos pelas seguintes

Ruas, e becos — Beco do Gracez, que ficou destruido, Calçadinha

(1) Fr. Apollinario na Demonstração Historica num. 161. (2) Santuario Mariano tom 1. p. 45. (3) Cunha nos Bispos do Porto part. 2. na addição ao cap. 23 diz, que este arcebispo fallecera, segundo consta do seu epitafio, a 23 de janeiro de 1413, dous annos menos do que dissemos a pag. 125 guiados pela authoridade do mesmo D. Rodrigo da Cunha.

das Escolas geraes, Castello Picão, Largo da Igreja, tambem destruido, Loureiro, Rigueira, Travessa das Cruzes.

Freguezias confinantes—Santo Estevão, S. Miguel, Santiago, S. Thomé, S. Vicente.

XXXVI—*Santiago*

O documento mais verdadeiro, que se conserva no cartorio d'esta igreja, por onde se possa inferir a sua antiguidade, é uma composição, que o prior, e beneficiados fizeram entre si no anno de 1337. No de 1371 ha memoria da sua existencia, porque tambem se conserva a de seu prior João de Soure vigario geral do bispo Agapito Colona, de que se lembra a historia ecclesiastica de Lisboa. (1) Continuam as memorias até o anno de 1551, em que Christovão Rodrigues de Oliveira faz d'ella menção no seu Summario: e desde o anno de 1555 é o tempo d'onde começam a correr os assentos no livro mais antigo dos bautizados, que tem esta igreja, na qual todavia se conserva a tradição de ser erecta pelo primeiro bispo de Lisboa D. Gilberto. (2) No seu adro existia collocada uma pedra antiquissima em que se lia;

Asclepo Clicini
Decimi

Da qual se lembra Cardoso no Agiologio tom. 2. pag. 31. E era memoria que os moradores de Lisboa dedicaram ao presente Asclepo pelos annos 300 de Christo.

Participa o paroco do honorifico titulo de prior, e como igreja do padroado real é apresentada por elrei. Rende-lhe duzentos e cincoenta mil réis, e cada um dos tres beneficios, que aqui ha, e apresenta o prior, renderá oitenta mil réis, servindo-o. As capellas, que ha n'esta igreja são cinco, a saber: uma que instituiu o conego magistral Nuno da Cunha Deça com oitenta mil réis de congrua, e com obrigação de rezar o capellão no coro com os beneficiados, os quaes com o prior, são os que a apresentam: outra que deixou o prior d'esta igreja André Franco com a congrua de cincoenta mil réis, de que são administradores os filhos de Joseph de Sousa Carneiro: outra que instituiu Pedro Nunes da Costa Gentil com a esmola de cincoenta mil réis: outra de sessenta mil réis, que apresentam os cirieiros da irmandade aqui erecta de Nossa Senhora a Franca: (3) outra de cento e cincoenta réis cada Missa, que instituiu Balthasar Pinto, mas é só meio annal, e são seus administradores os herdeiros de Dionisio de Oliveira, escrivão que foi da chancellaria da corte.

(1) Cunha Histor. Eccles. de Lisboa part. 2. cap. 103. n. 2. (2) Corograf. Portug. tom. 3. pag. 350. (3) Santuar. Marian. tom. 1. pag. 336.

A pequena ruina que padeceu se acha reparada. Tem dentro do seu districto as seguintes

Ermidas—S. Braz. Vulgarmente chamada Santa Luzia, é igreja isenta, por ser commenda da religião militar de Malta. O pequeno damno, que experimentou com o terremoto, se acha recuperado.

S. Filippe, e Santiago. Antigamente lhe chamavam Hospital dos Castelhanos. Administra-a Rodrigo Antonio de Figueiredo, que depois de a possuir, lhe ficou chamando Ermida do Amparo, por causa de uma imagem da Senhora com este titulo. Tem um altar, que pertence á irmandade da Senhora Mãi dos Homens de Xabregas, por sahir d'esta ermida o Terço, e a irmandade, quando vai acompanhar os irmãos, que fallecem. Tem mais outro altar do Senhor Jesus com o titulo de Reformador de Lisboa, que os senhores d'esta casa querem pôr em cabeça de morgado.

Constava esta freguezia de cento e vinte fogos, distribuidos pelas seguintes

Ruas — Rua que vai do Limoeiro para as portas do Sol, rua que vai da igreja de S. Braz para o Chão da Feira, Rua da Lagem, de uma parte sómente. porque da outra pertence á freguezia de S. Bartholomeu, Rua do Funil: Passadiço, que vai para os Loyos, sómente de uma parte. Rua larga, que vai da igreja para os Loyos.

Freguezias confinantes—S. Bartholomeu, Santa Cruz, S. Martinho, S. Thomé.

XXXVII—*Santos*

Serve esta igreja do maior padrão da antiguidade, que tem o Christianismo em Lisboa; porque neste sitio grangearam a coroa do Martyrio os gloriosissimos tres irmãos Verissimo, Maxima, e Julia na perseguição do imperador Diocleciano pelos annos de Christo 303. (1) Aqui lhe deram os Christãos sepultura, e lhe ergueram certo genero de altar, ou ermida; e os Santos como protectores nacionaes d'esta cidade a defenderam milagrosamente de um cerco apertado, que lhe poseram depois os barbaros alanos. (2)

Occupada Lisboa pelos mouros, uma das igrejas, que elles deixaram intacta aos christãos para celebrarem os seus officios, foi esta, em que estavam sepultados os veneraveis corpos dos martyres invictos, a quem pela fama dos prodigios, que Deus obrava por sua intercessão, lhes tinham respeito os proprios sarracenos; e quando elrei D. Affonso Henriques houve de lhes conquistar ultimamente Lisboa, se viram estes santos visivelmente auxiliar o exercito christão contra os arabes: por cujo motivo aquelle inclito heroe, tanto que se viu victorioso, melhorou a an-

(1) Assim o diz Baronio nas Notas ao Martyrologio Romano em o primeiro de Outubro.
(2) Monarq. Lusit. liv. 5. cap. 23.

liga ermida, fazendo erigir no mesmo lugar um templo mais amplo, dedicando-o ao nome trino dos Santos gloriosos martyres. (1)

Passado pouco tempo, depois que a Ordem da Cavallaria de Santiago começou a florescer, e augmentar-se em Portugal, tratou elrei D Sancho I de lhe fundar um convento, onde houvessem religiosos da mesma Ordem, para administrarem os Sacramentos aos cavalleiros, que andavam na guerra, e servisse de sepultura aos que morressem no reino, e assim o fez edificar junto d'esta ermida no anno de 1192 sendo então mestre da Ordem D. Sancho Fernandes, e prior do convento D. Christovão. (2)

Aqui viveram os religiosos até o tempo de elrei D. Affonso III, no qual ganhando-se aos mouros a villa de Alcacer do Sal, passaram para ella os sacerdotes d'este convento de Lisboa, (3) e com esta mudança elle se converteu em mosteiro de religiosas da mesma Ordem, occupando-o as mulheres, e filhas dos commendadores, (4) e alli perseveraram por muitos tempos onde houveram senhoras nobilissimas, e religiosissimas, até que no anno de 1490 se passaram para o novo mosteiro de Santos, que lhes mandou edificar elrei D. João II transferindo-se juntamente com as religiosas os corpos dos veneraveis martyres com uma solemnissima procissão.

Ficando esta igreja desoccupada, a elegeu o cardeal Henrique, sendo arcebispo de Lisboa no anno de 1566 para paroquia, (5) desmembrando-a da freguezia de Nossa Senhora dos Martyres. (6) As casas, e mais aposentos ficaram vagos para as commendadeiras por morte de elrei D. Sebastião; e parecendo a estas senhoras mais util ao mosteiro de Santos o Novo, venderem o dito sitio, se contrataram com D. Luiz de Lancastre commendador mór da Ordem de Aviz, e lh'o venderam por dez mil cruzados; mas, porque a dita venda foi feita sem consentimento do grão mestre da Ordem, lh'a annulou D. Manuel de Seabra bispo deão da capella real, indo no anno de 1593 visitar o mosteiro de Santos o Novo por ordem de elrei Filippe II.

Consta a paroquia de um vigario do padroado da mitra, ao qual rende um conto de réis: não tem beneficio algum: ha porém doze capellas com obrigação de missa quotidiana, e de rezarem no coro o Officio Divino, a cada um dos quaes rende hoje oitenta mil réis pela diminuição do juro, porque antigamente rendia cem mil réis: administra, e provê estas capellas a Irmandade do Santissimo em concurso. É

(1) Cunha nos Bisp. de Lisb. part. 1. cap. 18. num. 7. (2) Fr. Jeron. Roman. Histor. da Caval. de Santiago m. s. cap. 4. (3) Fr. Jeronymo Roman. acima allegado, diz que a primeira mudança, que esta Ordem fizera de Lisboa, fora para Mertola, e depois para Alcacer; porém o Chronista mór fr. Antonio Brandão no liv. 11. cap. 25. da Monarquia Lusitana o emenda, a quem seguimos. (4) Fr. Francisco Brandão na Monarq. liv. 17 c. 57. affirma, que as Commendadeiras, e Freiras d'esta Ordem estiveram primeiro na villa da Arruda, donde vieram para este Mosteiro de Santos o Velho (5) Consta de um assento, que se acha no principio do primeiro livro dos bautizados desta paroquia. (6) Fr. Apolinar. na Demonstração Histor. num. 265.

tambem administradora a mesma irmandade de mais cinco capellas, das quaes tres são de sessenta mil réis, e duas de cincoenta com obrigação de Missa quotidiana.

A irmandade de Nossa Senhora da Piedade administra, e provê tres capellas, das quaes uma é de sessenta mil réis de Missa quotidiana, e com obrigação de se dizer ás onze horas nos domingos, e dias santos de guarda: as outras duas são de cincoenta mil réis com obrigação de acompanharem todas as sextas feiras do anno a Via-sacra. A irmandade das Almas administra, e provê seis capellas de cincoenta mil réis cada uma com obrigação de Missa quotidiana, sendo uma dita de madrugada. Ha mais uma capella de cincoenta mil réis, que administra e provê a irmandade dos Santos Martyres.

Não foi muito o prejuizo, que o horroroso terremoto causou a esta igreja, porque sómente sentio alguma ruina no coro facilmente reparavel: porém não obstante, foi tal o susto n'aquelles primeiros dias, que por cautella de maior estrago, mandou o providente paroco se mudasse o Santissimo para uma ermida, ou barracaa das casas de D. Rodrigo de Noronha, contigua ao convento dos Padres Marianos. Depois se recolheu para a sua propria igreja, onde exercita os actos paroquiaes. Dentro do territorio d'esta freguezia existem os seguintes

Conventos—S. Francisco de Paula. De religiosos Minimos. Foi fundado com o titulo de Hospicio no anno de 1719 á custa de esmolas, que tirou fr. Ascenso Vaquero, religioso leigo da mesma Ordem, e da provincia de Andaluzia, pessoa que conhecemos de estremada sinceridade, e virtude. No anno de 1753 por decreto de elrei fidelissimo se começou nova fabrica com o titulo de convento, e se acha muito adiantada com os auxilios da serenissima rainha D. Maria Anna Victoria sua protectora. Foi um dos edificios mais bem livrados das violencias do terremoto.

S. João de Deus. De religiosos Hospitalarios. Fundou-o no anno de 1629 D. Antonio Mascarenhas deão da capella real, deputado da Mesa da Consciencia, e commissario da Bulla da Cruzada. Estes religiosos administram aqui um hospital, que o mesmo fundador estabeleceu para clerigos pobres. Tambem o terremoto espantoso não fez impressão, que prejudicasse a este convento.

Nossa Senhora do Livramento. De religiosos da Santissima Trindade, no sitio de Alcantara. A primeira fundação d'este convento é do anno de 1679. A segunda, que agora existe, se deve ao zelo, e dispendio de fr. Jeronymo de Jesus religioso da mesma Ordem, que fez concluir a fabrica no anno de 1698. (1) Com o terremoto experimentou não muita ruina, mas sem embargo disso, se mandou logo apontoar: e como a rainha nossa senhora é devotissima da sagrada Imagem, que alli se venera de Maria Santissima com o titulo do Livramento, ordenou se fizes-

(1) Corograf. Portug. tom. 3. pag. 331.

se promptamente na cerca uma igreja de madeira, onde se celebraram os Officios Divinos, e os religiosos estiveram abarracados em aposentos, e cubiculos tambem de madeira, em quanto se não poz expedito o convento.

Nossa Senhora das Necessidades. Dos Congregados do Oratorio de S. Filippe Neri. Foi edificado na eminencia, que domina a ribeira de Alcantara, junto de uma ermida da Senhora, feita com as esmolas dos fieis, como publica o letreiro, que está na porta da mesma ermida, cuja inscripção foi estipulada entre a irmandade dos homens do mar, que as procurou, e Anna de Gouvea de Vasconcellos sobrinha do famoso Francisco Valasco, que o permittiu, por ser senhoria do dito sitio no anno de 1613. Sendo ultimamente senhor d'esta ermida, e de uma quinta a ella contigua Balthasar Pereira do Lago, elrei D. João V lh'a comprou no anno de 1743, mandando reedifical-a de novo, e fundar este sumptuosissimo edificio para habitação dos padres congregados, os quaes tomaram posse delle nas primeiras vesperas da Ascensão de Christo em 6 de maio de 1750.

Compõe-se este regio artefacto de excellentes cellas, vastos dormitorios, e primorosas officinas: de uma diliciosa, e dilatada cerca, onde os jardins ornados com immensa copia de flores, e grande numero de estatuas, e bustos, bellas fontes de pedraria, compridos passeios, e bem ordenadas ruas povoadas de arvores diversas, formam primorosamente o sitio mais agradavel, que se vê em Lisboa, sendo antes agreste por natureza. Muito conduz para ennobrecer a magestade desta obra o palacio real, que a um dos seus lados mandou tambem traçar, e erigir o mesmo soberano com tribunas para a igreja, e onde hoje habita o serenissimo infante D. Manuel. Grandemente illustra tambem esta regia casa o admiravel collegio estabelecido pelo mesmo rei fidelissimo, para se ensinarem n'elle não só as primeiras letras, mas todas as mais artes, e sciencias, as quaes os doutos congregados vincularam de tal sorte com a virtude, que tem idoneos mestres para cultivar os seus alumnos em grande credito do seu novo methodo. Logram mais um rico movel de numerosos, e selectos livros, e uma bem trabalhada collecção de maquinas, e instrumentos para todas as experiencias de seu curso fisico, a cujas lições recorrem em dias determinados não só a nobreza, e litteratos da corte, mas as pessoas reaes, que muitas vezes tem assistido ás operações fisicas, e mathematicas d'este collegio.

Ficou a igreja isenta, e livre dos perigosos impulsos do grande terremoto; o convento porem escapou da ultima ruina, a que está exposta a sua elevada construcção por causa da prevista vigilancia do insigne Caetano Thomaz, que na fundação mandou segurar com linhas de ferro todo o edificio, e agora para o seu reparo arbitrou o dito arquitecto quarenta mil cruzados. Os congregados todavia se abarracaram na cerca, onde tambem o serenissimo infante D. Manuel mandou fazer para si uma decente accommodação de madeira.

*

Nossa Senhora da Porciuncula. De religiosos Capuchos francezes da provincia da Bertanha, chamados vulgarmente os Barbadinhos. Estabeleceram-se no anno de 1648 em umas casas, de que lhe fez doação D. Maria de Guadalupe duqueza de Aveiro. Não experimentou fracasso, nem ruina com o fatal terremoto.

Nossa Senhora dos Remedios. De religiosos Carmelitas descalços. Foi fundado no anno de 1606, e para elle se passaram os religiosos com uma devota procissão em 3 de maio de 1611 desde umas casas, em que habitavam defronte da igreja de S. Crispim. Faz d'esta igreja, e convento uma exacta descripção o author da Corografia Portugueza tom. 3. pag. 522. A ruina que esta igreja, e convento padeceu com o terremoto, se acha recuperada.

Mosteiros—Santo Alberto. De religiosas Carmelitas Descalças. Fundou-o no anno de 1584 o cardeal Alberto. Com o terremoto ficou tão arruinado, que todas as religiosas estiveram bastante tempo abarracadas na quinta do Provedor dos armazens a S. Sebastião da Pedreira. Depois se retiraram para o palacio do conde da Ribeira á Junqueira, e d'ahi foram para o seu mosteiro, onde estiveram abarracadas na cerca, em quanto se não concertou.

Santa Brigida. De religiosas vulgarmente chamadas Inglezinhas: porque as primeiras fundadoras, que foram quinze, vieram expulsas de Inglaterra, fugindo á herezia de Henrique VIII, e chegando a Lisboa no anno de 1594, se estabeleceram no bairro de Mocambo, e com esmolas fizeram sua igreja, que a 17 de agosto de 1651 se queimou, e se passaram para o mosteiro da Esperança, onde estiveram hospedadas sete mezes, até que se recolheram em umas casas da mesma visinhança, em quanto se não fez o novo mosteiro, e igreja, para cujo dispendio concorreu Ruy Correa Lucas, e sua mulher D. Milicia da Silveira. (1) O prejuizo, que lhe occasionou o terremoto, se vai reparando.

Santo Crucifixo. De religiosas Capuchas chamadas Francezas da primeira Regra de Santa Clara. Vieram as fundadoras de Pariz em companhia da rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya sua padroeira, a qual lhes erigiu o mosteiro defronte de S. Bento, que o povoaram desde o anno de 1667. Foi primeiramente da obediencia dos Nuncios deste reino, depois por Bulla de Clemente XII, ficou sujeito ao ordinario em 23 de abril de 1739. (2) Os abalos do grande terremoto não lhe causaram ruina consideravel: as religiosas porém se abarracaram na sua cerca, em quanto se não repararam os prejuizos.

Nossa Senhora da Esperança. De religiosas Franciscanas, que fundou D. Isabel de Mendanha, fidalga illustre, no anno de 1530, e entraram a povoal-o no anno de 1536. (3) Padeceu a igreja com o forte terre-

(1) Corograf. Portug. tom. 3. p. 516. Ann. Histor. tom. 2. p. 537. (2) Fr. Apollinar. no Claustro Franciscano pag. 161. Corograf. Port. tom. 3. p. 515. (3) Cordos. no Agiolog. tom. 1. pag. 18.

moto bastante ruina em as abobedas, que foi preciso apeal-as por evitar maior estrago; o mesmo experimentaram algumas porções do mosteiro. Assustadas as religiosas com tão urgente motivo, se foram abarracar para a sua cerca, onde existiram algum tempo em companhia das religiosas de Santa Clara, que se vieram aqui recolher, em quanto se não acabava um sumptuoso mosteiro, que o compassivo, e fidelissimo senhor rei D. Joseph I tem mandado edificar contiguo a este da Esperança, para n'elle se clausurarem as duas communidades de Santa Clara, e Calvario, que ficaram totalmente desaccommodadas.

Nossa Senhora da Nazareth. De religiosas Recolletas de S. Bernardo. Principiou em um recolhimento de mulheres penitentes, o qual se converteu em mosteiro no anno de 1654 por diligencia do padre fr. Vivaldo de Vasconcellos monge Bernardo. Teve este mosteiro inteira destruição com o grande terremoto; por cuja causa toda a communidade se retirou para o da Esperança, em cuja cerca estiveram abarracadas as religiosas até 25 de maio de 1756, em que se foram clausurar na quinta chamada dos Louros, situada no Campo pequeno, a qual elrei lhes comprou por vinte mil cruzados.

Sacramento. De religiosas Dominicas. Foi fundado pelo conde de Vimioso D. Luiz de Portugal, e sua mulher D. Joanna de Castro no anno de 1612. Estão as religiosas sujeitas ao Geral da Ordem. O damno que lhe causou o terremoto, está quasi reparado.

Nossa Senhora da Soledade. De religiosas Trinas Recoletas. Foi fundado pelo illustre Flamengo Cornelio Wandali, sobrinho do primeiro bispo de Gandavo D. Cornelio Jansenio em o anno de 1657. Começou-se a povoar em o de 1661, vindo as fundadoras do mosteiro do Calvario. Não foi consideravel a ruina, que este mosteiro experimentou em o dia do terremoto fatal: todavia as religiosas com o susto foram para a Portella, e estiveram abarracadas na quinta chamada do Meio milhão, d'onde se restituiram para o seu mosteiro em 8 de janeiro de 1757.

Ermidas--Nossa Senhora da Conceição. Sita na rua do Acipreste nas casas de Joseph Machado Pinto, contratador que foi do tabaco: parece ser a mesma, a que o author da Corografia Portugueza dá o titulo da Senhora da Caridade.

Nossa Senhora da Conceição. Sita nos quarteis de Alcantara, a qual ornam, e festejam os soldados da dita praça de armas.

Nossa Senhora de Monserrate. Na rua larga de S. Bento nas casas de D. Antonio de Menezes.

Senhor Jesus da Via-Sacra. Contigua á igreja do mosteiro da Esperança. Foi erecta pelos irmãos da Via-Sacra, pouco antes do terremoto. Depois se começou a dizer n'ella missa, e hoje é da invocação do Espirito Santo, onde os naturaes das ilhas fazem todos os annos grande festa. As ermidas, que se erigiram nesta freguezia depois do terremoto, são as seguintes:

Senhor Jesus dos Navegantes. Na rua, que de novo se fez, chamada do Quelhas para diante do convento da Estrella: principiou de madeira, hoje se acha fabricada de cantaria lavrada.

Senhora da Lapa. Cuja imagem, que é perfeita, mandou fazer o padre Angelo de Siqueira, clerigo secular, e missionario apostolico Junto a esta ermida está um recolhimento chamado das Orfãs desamparadas, erecto pela exemplar piedade de monsenhor Brandão, prelado da Santa igreja patriarcal, que chegou n'elle a recolher, e sustentar caritativamente mais de sessenta meninas, que andavam dispersas, e expostas aos desarranjos, e perigos, que occasionara o formidavel terremoto. Porém eleito em bispo do Funchal, e transferindo-se para o convento do seu rebanho em o anno de 1757, ficou monsenhor Sampaio substituindo a conservação das ditas orfãs, que presentemente são só treze.

Constava esta freguezia antes do terremoto de mil e oitocentos fogos, e pessoas de communhão oito mil cento e cincoenta. Presentemente se tem augmentado muito com a construcção de novos edificios, e propriedades, que formam largas, e espaçosas ruas, das quaes a maior parte ainda não tem nome, sendo das antigas as seguintes

Ruas—Arcipreste, S. Alberto, Amoreira, Santa Anna, Barbadinhos, Bellavista, da Mesquitella. S. Bento, S. Bento das Trinas, Bernardas, Boavista, Caetano Palha, Calçada de S. Bento, Campo das Trinas, Casas novas das Necessidades, Cura, Esperança, Ferreiros, Fresca, Gaivotas, Guarda mór, Janellas Verdes, Inglezinhas, S. João de Deus, Madres, Mandragoa, Marianos, Mercatudo, Olival, Palha, Pampulha, Pé de Ferro, Pescadores, Poço dos Negros, Poiaes de S. Bento, Sacramento, Silva, Torre da Polvora.

Travessas—Atafona, Castello Picão, Conde de Obidos, Doutor, Inglezinhas, Isabeis, Oliveira, Pastelleiro, Praia. (1)

Freguezias confinantes—Nossa Senhora da Ajuda, Santa Catharina, Santa Isabel, S. Paulo.

(1) E' muito para reparar o milagre continuo, que testefica a gloriosa memoria do martyrio dos Santos Verissimo, Maxima, e Julia, achando-se por todas as praias contiguas a esta igreja umas pedrinhas roliças salpicadas de sangue, e com uma Cruz nellas impressa, das quaes conservamos algumas, e são tidas em grande estimação pelos devotos. Lembra-se dellas um Hymno antigo, que refere fr. Agostinho de Sansa Maria na Historia Tripartita, onde se lê em uma Estrofe, fallando dos Santos Martyres.

Fracti sunt laqueis, saxa per aspera
Exculpsit fluidas sanguis imaginem
Non vi, nec manibus, sed cruce fulgida
Testantur lapides fidem.

E o Alferes Francisco de Segura no Romanceiro dos Reis de Portugal part. 1. Rom. 26.

Ay en ti pedras redondas,
de las quales Plinio escrive
cerca de Santos el viejo,
que una Cruz a todos cine.

Que metidas en la massa,
si es que brevidad se pide,
sasonan al punto el pan,
y dellas suelen servirse.

XXXVIII—*S. Sebastião da Pedreira*

Reinando elrei D. João IV, e estando a santa igreja de Lisboa em Sé vacante, se estabeleceu esta paroquia pelos annos pouco mais ou menos de 1652, edificando-se a igreja á custa dos freguezes, e junto de uma antiga ermida com a mesma invocação, que era dos carpinteiros da rua das Arcas, onde costumava assistir desde que veio da India o patriarca de Alexandria D. João Bermudes, o qual fallecendo no anno de 1570, e mandando-se alli sepultar, foram depois seus ossos transferidos por ordem de D. Filippa de Tavora sua sobrinha, para o cruzeiro da capella mór da nova igreja, onde presentemente jazem em sepultura raza com as suas armas esculpidas sobre a campa, e com a humilde inscripção: «Sepultura do Patriarca Da Lexandria Dom João Bermudes. (1)

Tem o paroco predicamento de vigario, que apresenta o eminentissimo patriarca, e lhe rende trezentos e cincoenta mil réis. Existem n'esta igreja quatro irmandades: a do Santissimo, que apresenta tres capellas uma de setenta e tres mil réis, e as duas de sessenta cada uma. Possue uma casa de despacho das mais nobres, e asseadas, que tem a corte, com um precioso movel de todos os paramentos preciosos para o culto divino: a das Almas, que administra, e provê oito capellas, seis de sessenta mil réis cada uma, e duas de cincoenta: a de S. Sebastião, que apresenta, e provê uma capella de cincoenta mil réis: e a do Senhor Jesus da Via-Sacra com seu deposito, e oratorio separado pouco mais abaixo da igreja. Ficou intacta esta igreja paroquial dos horriveis impulsos do terremoto.

Dentro dos limites d'esta paroquia está incluso o seguinte

Convento—Santa Rita. De religiosos Agostinhos Descalços. Existem na estrada de Andaluz, e tomaram d'elle posse os religiosos em 2 de abril de 1749. Foi muito pequeno o damno, que lhe causou o terremoto.

Ermidas—Santa Anna. Em Sete Rios na quinta de D. Antonio Ignacio da Silveira.

Santo Antonio. Na Cruz da Pedra.

Santo Antonio. Na quinta de Manoel Alvares Lousa, onde chamam o Pinhal.

Santo Antonio. Na quinta que foi do duque de Aveiro.

Nossa Senhora do Cabo. Na rua Direita, e nas casas de Fernando Antonio Prégo.

Nossa Senhora do Carmo. Ao Rego na quinta dos herdeiros de Antonio Furtado de Mendoça.

(1) Deste patriarca escreve o P. Joseph Cassani tom. 7. pag. 318 na continuação dos Varões illustres de Nieremberg. Cardos. Agiolog. tom. 2. p. 362. Ann. Histor. tom. 1. p. 531. e Brandão na Monarq. Lusit. liv. 18. cap. 15.

Nossa Senhora do Carmo. Na quinta de Antonio das Neves Collaço ás Picoas.

Nossa Senhora da Conceição. Na quinta de Rodrigo Ximenes.

Nossa Senhora da Conceição. Na quinta dos Louros. Esta quinta comprou elrei fidelissimo D. José I por vinte mil cruzados para nella se clausurarem as religiosas Bernardas em 25 de maio de 1756.

S. João Bautista. Em Palhavã na quinta, e palacio, que foi do conde Sarzedas, e onde habitaram os senhores D. Antonio, e D. Gaspar arcebispo de Braga, e D. Joseph que foi inquisidor geral, filhos declarados de elrei D. João V. Supposto não padecer esta ermida, nem o palacio ruina consideravel, os senhores se abarracaram no seu jardim com a maior parte da sua familia, mandando tambem apontoar o edificio para maior segurança d'elle.

S. João Bautista. Na quinta das Larangeiras.

Nossa Senhora dos Martyres. Na rua da Piedade ao Rego, e na quinta dos herdeiros de Jacinto Dias Braga.

Nossa Senhora da Piedade. Em Campolide na quinta, que possuem os padres Congregados do oratorio. Todas estas ermidas padeceram pouca ruina.

Constava esta freguezia antes do terremoto de duas mil e cem pessoas de communhão: presentemente se lhe tem augmentado o numero, e se distribuem pelas seguintes.

Ruas — Convalecença, S. Francisco Xavier, Palhavã, Pidade, Rua nova nas Picoas, Rua direita, do Rebello, Sete Rios, Travessa, que vai para a Carreira dos Cavallos.

Freguezias confinantes—Senhora dos Anjos, Bemfica, Santa Isabel, S. Joseph, Pena, Santos Reis do Campo Grande.

XXXIX—*Nossa Senhora do Soccorro*

E' esta Paroquia filial da de Santa Justa donde se desmembrou em tempo do arcebispo D. Miguel de Castro, collocando-se na igreja de S. Sebastião da Mouraria, que era dos artilheiros pelos annos de 1596, e se começou a intitular freguezia de S. Sebastião da Mouraria. Foi-se augmentando o numero dos freguezes, e parecendo pequena a ermida, determinaram fabricar outro maior templo, para cujo edificio concorreo com o maior gasto Agostinho Franco de Mesquita, e sua mulher D. Anna da Cunha, que como padroeiros da capella mór jazem alli sepultados. Com tanto fervor se diligenciou a obra da nova igreja, que em 29 de setembro de 1646, foi nella collocado o Santissimo Sacramento, vindo em procissão da sobredita ermida, donde tambem se transferio a imagem da Senhora do Soccorro, que deu titulo ao novo templo, e paroquia. (1)

(1) Corograf. Portug. tom. 3. pag. 408. Santuar. Marian. tom. 1. pag. 370.

Logo nos seus principios tiveram os parocos predicamento de Curas, depois se intitularam vigarios, que hoje conservam, sendo da collação ordinaria, cujo rendimento extrahido dos direitos paroquiaes chega a seiscentos mil reis. Administra, e apresenta a irmandade do Santissimo seis capellas de missa quotidiana, tres das quaes rendem sessenta mil reis cada uma, e as outras tres são de cincoenta. A irmandade das almas com a invocação de Santo André apresenta dezaseis capellães de missa quotidiana com cincoenta mil reis de congrua.

Ha mais nesta igreja duas capellas instituidas pelos padroeiros, que apresenta a mesa da misericordia desta cidade com a congrua de trinta e cinco mil reis, e casas para morar o capellão junto á capella mór da igreja, onde tambem estão casas para habitarem tres Mercieiras com obrigação de ouvirem as ditas missas, e se lhes dá em dinheiro a cada uma quatorze mil e quatrocentos reis, e se lhes assiste com medico, e botica nas doenças. O Paroco tem casas com os ditos capellães com obrigação de tomar conta da residencia das mercieiras.

No dia memoravel do grande terremoto se arruinou, e ficou por terra a capella mór, e o cruzeiro da igreja, como tambem as capellas do Santo Christo, Nossa Senhora do Soccorro a velha, e a de Santo Antonio, e o mais que permaneceo em pé, ficou summamente estremecido, e arruinado. Não morreram neste estrago mais que quatro pessoas, que foram o padre Joseph Formão capellão das almas, e tres mulheres. Cuidou-se logo em transportar o Sacramento para a ermida de Nossa Senhora da Conceição, que está na segunda portaria do collegio que foi de Santo Antão, de donde passou para a mesma antiga igreja.

No seu destricto se acham situados os seguintes.

Collegios — Santo Antão. Foi este collegio de Jesuitas fundado no anno de 1579, com adjutorio do Cardeal D. Henrique, em cujo magnifico edificio se lançou a primeira pedra a onze de Maio. Concluido elle, vieram os padres habital-o, vendendo aos religiosos gracianos a antiga residencia, ou primeiro collegio, que possuhiam no bairro da Mouraria. Compunha-se esta grandiosa fabrica de um magestoso templo de pedraria, para cujo dispendio concorreo a grande liberalidade da condessa de Linhares D. Filippa de Sá, a qual escolheo para seu jazigo a capella mór, primorosamente obrada. Nesta igreja se disse a primeira missa no anno de 1652, em dia de Santo Ignacio, a quem se dedicou, com toda a solemnidade. (1) O collegio se compunha de varios Cathedraticos Jesuitas, que ensinavam publicamente as artes, e faculdades, distribuidos por diversas classes, e aulas, onde a instrucção dos estudantes se fazia gratuita.

Via-se este convento, e collegio sumptuosissimamente renovado, e augmentado em primorosa sacristia, excellentes torres, espaçosos dormitorios, e em todas as mais partes, que ornão um magnifico artefacto;

(1) Cardoso no Agiolog. Lusit. tom. 2. pag. 125.

tudo por actividade do padre João Bautista Carbone, Jesuíta Napolitano, a quem elrei D. João V, muito estimava, o qual sendo reitor do dito collegio falleceu aqui a 5 de abril de 1750: quando succedendo o terrivel Metheoro do espantoso terremoto, se precipitou o zimborio da igreja, ficando esta em muitas partes arruinadissima, e uma das suas torres: o mesmo estrago experimentou o convento, principalmente o dormitorio, que cahia para a parte das Classes: perecendo nesta fatalidade tres religiosos, que eram o padre Marcello Leitão, e dous cathedraticos, além de outras vinte pessoas seculares. Foram logo os padres refugiar-se na sua cerca, na qual se abrigou tambem innumeravel povo, e fazendo varios abarracamentos para seu commodo, e uma igreja de madeira, alli se conservaram, em quanto não foram expulsos de todo.

Santo Antão o Velho. Chamado vulgarmente o colleginho. De religiosos eremitas de Santo Agostinho, situado na raiz do Castello, no bairro da Mouraria. Foi a primeira habitação, que os padres Jesuitas tiveram neste reino, e onde assistio S. Francisco Xavier, antes que fosse alluniar o Oriente com as luzes do Evangelho. Dizem alguns, que fora morada dos Templarios, outros affirmam, (1) que fora mesquita dos Mouros, e que a rainha D. Leonor mulher de elrei D. João II, a mandara purificar, e erigir nelle o mosteiro de religiosas dominicas, que depois passaram para o sitio da Annunciada, por troca, que fizeram com os padres de Santo Antão abbade, e estes com os Jesuitas, os quaes ultimamente o venderam aos religiosos gracianos aos 28 de abril de 1594, que até hoje o possuem, e habitam como collegio, onde ha estudos de Theologia, em que lêem quatro mestres, que regem as quatro cadeiras, e daqui sahem muitos operarios para as missões, que a religião manda para o estado da India. Padeceo este collegio grande estrago no dia do terremoto, pois todo elle ficou arruinado, e a sua igreja cahio toda por terra, excepto a capella mór, e ficando debaixo do entulho sete mulheres, todas escaparam, posto que mal tratadas, e feridas. Os religiosos se abarracaram na sua cerca, onde fizeram uma capellinha para os Officios Divinos, em quanto se não reedificava o collegio, e a igreja.

Jesus. Este collegio é dos meninos Orfãos, situado na rua da Mouraria. Teve sua primeira fundação pela rainha D. Brites, mulher de elrei D. Affonso III., e mãi de elrei D. Diniz, o qual collegio dotou depois a rainha D. Catharina, mulher de elrei D. João III. (2) Pelo regimento, com que se governa este collegio feito em 20 de agosto de 1615, consta ser instituido no anno de 1549, a instancias do padre Pedro Domenec, natural de Catalunha, Conego de Barcelona, e capellão do dito rei, por Breve, que passou o Nuncio deste reino D. João Arcebispo Sepontino, no qual Breve se involvia não só o titulo da invocação,

(1) Cardoso no Agiolog. Lusit. tom 1. p. 105. e tom. 2 p. 421. Santuar. Mariau. tom. 1. p. 118. (2) Monarq. Lusit. liv. 18. cap 9.

que era o da Senhora de Monserrate, mas se nomeava uma tal confraria do menino Jesus, donde talvez nasceria o chamar-se o collegio de Jesus. A instituição só dá faculdade para aceitarem não mais que trinta Orfãos desamparados, preferindo sempre os naturaes de Lisboa, e seu arcebispado. (1) Ultimamente se havia reedificado todo este collegio desde os alicerses por ordem, e dispendio do fidelissimo rei, e Senhor D. Joseph, e concluido no anno de 1754, como consta da inscripção de um padrão gravada em pedra, que está no pateo, ou portaria. Com o terremoto padeceu sua ruina, cahindo uma porção de parede para a parte, que confina com a rua de João de Oiteiro: estalaram, e abriram varias abobedas, e paredes, mas tudo facilmente reparavel. Ninguem pereceo nas ruinas, nem no collegio, porque se foram logo abarracar na cerca. Presentemente assistem aqui poucos collegiaes por falta de rendas sufficientes. Tem um Provedor, ou Conservador, que hoje anda em um dos deputados da Mesa da Consciencia: tem mais um reitor clerigo, um vice-reitor, e um mestre de Latim.

Ermida—Nossa Senhora da Saude. Foi esta ermida erecta, e dedicada pelos artilheiros a S. Sebastião: e collocando-se nella a imagem de Nossa Senhora da Saude em 20 de abril de 1662, em cujo dia sahio com solemne procissão da igreja dos meninos orfãos, onde havia estado noventa e tres annos, desde então se começou a intitular a ermida de Nossa Senhora da Saude. (2) Arruinou-se com o terremoto: porém já se acha reparada, e se diz nella missa. Fronteiro da igreja dos meninos orfãos está um nicho, onde se venera uma imagem do nosso glorioso Patricio Santo Antonio, com quem os Lisbonenses tem grande devoção.

Constava esta freguezia antes do terremoto de mil e seiscentos fógos, hoje só se acha com oitocentos e quarenta distribuidos pelas seguintes.

Ruas—Amoreira, Calçada do Collegio, Canos, Capellão, Carreirinha, Cavalleiros, Collegio, Colleginho, Detrás de S. Domingos, Entre as hortas, João de Oiteiro, Largo da Igreja, S. Lazaro, Livreiros, Mouraria, Parreiras, Paço do Bemformoso, Rua nova da Palma, Sima, Suja, Tendas, S. Vicente.

Becos — Amoreira, Barbaleda, Cozinheiro, Crasto, Jasmim, Mello, Tres Engenhos.

Freguezias confinantes—Anjos, Santa Justa, Pena.

XL—*S. Thomé*

Supposto não poder averiguar-se a verdadeira origem desta igreja é sem duvida, que ella goza de uma grande antiguidade. Do primeiro livro dos privilegios, e mercês de reis, o principes fol. 25.. que se con-

(1) Faria Asia Portug. tom. 2. p. 288. Cardos. Agiolog. tom. 3. p. 871. Oliveira Grandez. de Lisb. pag. 68. (2) Santuar. Marian. tom. 1. pag 261.

servava no cartorio de Santa Maria, constava que elrei D. Diniz com a rainha Santa Isabel fizera doação ao mosteiro de Alcobaça do Padroado da igreja de S. Thomé pelos annos de 1320. Consta mais, que no anno de 1414, mandara a Universidade então existente em Lisboa, tomar posse desta igreja, que tinha vagado por morte de seu prior Gomes João. (1) Dos tempos mais chegados a nós temos memorias da sua existencia no anno de 1551, segundo o summario, que então imprimio Christovão Rodrigues de Oliveira. E na sacristia desta igreja existe uma sepultura de Affonso Gomes Abren, e sua mulher Maria Antunes, que falleceu aos 11 de janeiro de 1591.

É este priorado de concurso, e da apresentação ordinaria, da lotação de trezentos mil reis, liquidos, depois de tirada a terça em todos os frutos, excepto offertas, capellas, e Laudemios, que paga á universidade de Coimbra. Tem cinco beneficios, que apresenta o prelado, e rende cada um oitenta mil réis. Instituio aqui o padre Henrique Fernandes Homem uma capella de cento e cincoenta mil réis, que administra, e provê em concurso a Ordem Terceira da Graça. A irmandade das almas provê tres capellas de cincoenta mil réis cada uma. Ha mais a irmandade do Senhor Jesus do Penedo com seu capellão.

Fez o terremoto estremecer, e causar alguma ruina nesta igreja, mas não derrubou senão algum estuque, e pintura da abobeda da capella mór, e azulejos do coro, tendo a felicidade de não morrer pessoa alguma dentro da igreja, posto que pereceram no mesmo dia trinta e nove paroquianos em outras partes diversas. A imagem do Senhor Jesus do Penedo, que era de barro mas muito antiga, e feita na India, caindo do altar, e capella em que estava, se fez em pedaços; mas os irmãos da sua irmandade mandaram fazer outra da mesma grandeza, que se collocou solemnemente no mesmo altar em 3 de maio de 1757. Os actos paroquiaes se fizeram ao principio na mesma igreja, da qual se mudou o Santissimo para a do menino Deus onde esteve até dia de S. Bartholomeu do anno de 1762, em que se transferio para a sua propria igreja.

Dentro dos limites desta freguezia existe o seguinte

Hospicio—Menino Deus. É este um recolhimento de Mantelatas da Ordem Terceira de S. Francisco de Xabregas onde tambem ha hospital para enfermos da mesma Ordem. Teve principio a sua fundação no anno de 1710; porém a 4 de julho de 1714, lhe lançou a primeira pedra no edificio a Magestade de elrei D. João V, concorrendo com grande esmola para continuação da obra. A Ordem Terceira se obrigou por uma escritura a pagar todos os annos setenta mil réis ao prior, e beneficiados desta paroquia pela falta da regalia das festas, que a mesma Ordem executa com os religiosos neste Hospicio, e por poderem sepultar na sua igreja os Terceiros. Ficou esta igreja livre do perigo, e para

(1) Leitão Ferreira. Notic. Chronolog. n, 387. pag. 256.

elle foram os conegos, e mais Basilica de Santa Maria residir: sendo a primeira vez, que exerceram os actos ecclesiasticos dia do Anjo Custodio do anno de 1757, havendo antecedentemente estado na barraca da freguezia de S. Joseph. As enfermarias porém deste hospicio, e a casa do despacho da Ordem Terceira ficaram muito arruinadas.

Constava esta paroquia antes do terremoto de duzentos e setenta e cinco fogos: hoje numera duzentos e cincoenta existentes em casas: e em barracas quarenta e tres: pessoas de communhão neste presente anno, são novecentas e oitenta e nove, distribuidas pelas seguintes

Ruas—Adro da Igreja, Calçada do Menino Deus, Calçadinha detrás da Igreja, Calçadinha de S. Thomé, Cego, Escolas Geraes, Hospital do Menino Deus. Portas do Sol, Portaria do Salvador, Rigueira.

Becos—Era, Funil, Maldonado, Norte, Oliveirinha.

Freguezias confinantes—Santo André, Santa Cruz do Castello, Santa Marinha, Salvador, Santiago, S. Vicente.

XLI—*S. Vicente*

Estabeleceu-se esta paroquia dentro do insigne, e sumptuoso templo de S. Vicente de Conegos Regrantes de Santo Agostinho, que apresentam o Cura, sobre a qual jurisdição houve grandes demandas com a mitra, que vieram finalmente a resolver-se no anno de 1541, em que julgou o arcebispo D. Fernando de Vasconcellos ser a paroquia do convento de S. Vicente isenta de jurisdição ordinaria, que o papa Paulo III, confirmou aos 12 de junho no anno oitavo de seu pontificado. (1)

Rende esta igreja ao Cura duzentos e cincoenta mil réis certos, e a irmandade do Santissimo apresenta quatro capellas de quarenta e cinco mil réis cada uma, e missa livre. A das almas provê duas da mesma congrua. Ha mais as irmandades de Nossa Senhora das Necessidades, e a de Nossa Senhora do Pilar, que não tem capellães. Comprehende o seguinte

Convento—S. Vicente. De Conegos Regulares de Santo Agostinho. Foi fundado primeiramente pelo veneravel heroe D. Affonso Henriques para jazigo dos cavalleiros alemães, que morriam na expugnação de Lisboa, lançando-lhe elle mesmo a primeira pedra fundamental aos 21 de novembro de 1147. (2) Entre aquelles illustres cavalleiros, que então morreram, resplandeceo em prodigios um chamado Henrique, natural de Colonia, de cuja sepultura rebentou, e se produzio uma palmeira, que com o seu contacto dava saude aos enfermos. (3) Depois foi esta igreja, e convento reedificado magnificamente por elrei Filippe II., cuja

(1) Cunha nos Bisp. de Lisb. part. 2. cap. 4. num. 7. Sousa Histor. Genealog. tom. 12. liv. 13. p. 130. (2) D. Nicol. de Santa Maria Chron. dos Coneg. Regr. part. 2 cap 3. num. 3 (3) Cunha nos Bispos de Lisboa part. 1. cap. 33. n. 8. Marinho de Azev. Antig. de Lisboa liv. 4. cap. 28.

primeira pedra lhe lançou o cardeal Alberto em 25 de agosto de 1582. estando presente o dito rei, o qual mandara demolir uma igreja, que elrei D. Sebastião havia começado a fundar á borda do Tejo na ponta do Terreiro do Paço junto á Alfandega, collocando nos seus alicerses a primeira pedra em março de 1571, e havendo-se trabalhado nella alguns annos, com o parecer de muitas pessoas prudentes, que observaram incongruencias naquelle sitio para o culto Divino, elrei Filippe a mandou desfazer, e applicar a mesma consignação, e materiaes para a igreja de S. Vicente de Fóra, onde pelos frizos da cimalha real ha flechas aspadas, que bem mostram ser pedras do templo demolido, pois que elrei D. Sebastião o fundava com o intuito de o dedicar ao invicto Martyr S. Sebastião, para ser cabeça de huma nova ordem militar, intitulada da Flecha, que meditava instituir. (1) Passados vinte e tres annos, que se gastaram nesta ultima fabrica, se collocou na sua igreja o Santissimo Sacramento em 18 de maio de 1605. (2) É todo este edificio magnifico, e de primorosa arquitectura; cujo tecto da sua nobilissima portaria foi pintado pelo famoso Bacarelli com a delineação, e regras de admiravel perspectiva.

Aos violentos impulsos do terremoto estremeceo todo este grande edificio, e se prostou logo cahindo no meio da igreja o seu formoso, e admiravel zimborio, e muitas pyramides, que por ornato o cercavam: a mesma ruina padeceo o convento, em o dormitorio de cima da porte do Nascente com outras porções da sua fabrica, mas sem o infortunio de perecer nelle mais que uma, ou duas pessoas; porém na freguezia morreram mais de cincoenta e sete, e se arruinaram muitas propriedades de casas em todo o seu ambito, em que entrou o palacio do conde de Val de Reis, o de D. Josefa Helena, o de D. Diogo de Napoles, o em que morava Pedro Jansen, o de Ruy Vaz de Siqueira, o de Joseph Galvão de Lacerda, e outros mais; de que alguns já se repararam: outros jazem nas mesmas ruinas. Transferiram-se logo os religiosos para a sua cerca, onde se abarracaram: não deixando com tudo de exercitar exemplarmente a virtude da caridade para com o povo afflicto, e desamparado, que se foram valer do seu abrigo, e piedade. Tem-se feito alguns reparos no convento mais precisos.

Mosteiro—Santa Monica. De Religiosas de Santo Agostinho. Foi fundado no anno de 1586, por D. Maria de Abranches, senhora illustre, filha de Alvaro de Abranches capitão mór de Azamor: a qual no primeiro de janeiro do sobredito anno lhe lançou a primeira pedra fundamental com suas proprias mãos; e começou a povoar-se de religiosas desde onze de outubro do mesmo anno. (3) Arruinou se, e destruio-se neste mosteiro com o extraordinario terremoto a porção mais moderna do seu edificio, fundindo-se perto de cento e sessenta commodos, que estavam perfeita-

(1) Faria nas Rim. de Cam. Oitav. 3. p. 119. Santuar. Marian. tom. 1. p. 217.
(2) Cunha nos Bispos de Lisboa part. 2. cap. 4 n. 7. (3) Anno Historic. tom. 1. p. 16.

mente acabados: nestes estragos pereceram sete religiosas; entre as quaes se faziam distinctas na pratica das virtudes Soror Magdalena de Christo, Soror Perpetua das Brotas, e Soror Maria Leocadia: morreram tambem duas seculares, duas criadas, e uma negra, e na igreja se prostrou, e destruio totalmente a capella mór com a morte de algumas pessoas.

Este successo tão espantoso motivou a toda a communidade, que constava de cento e noventa e duas religiosas, além de muitas seculares, educandas, e criadas, que por todas faziam o numero de trezentas pessoas, a irem refugiar-se para a cerca: e sahindo pelas oito horas da noite com grande trabalho, alli passaram até o domingo pela manhã cheias de sustos, e afflições: daqui se mudaram para a quinta contigua chamada do Abelha, e fazendo erigir promptamente um altar, nelle se celebrou missa para cumprirem com o preceito, e rezaram o Officio Divino. Passaram neste sitio todo aquelle dia, e noite calamitosamente sem abrigo algum, até que a mesma necessidade lhes fez lembrar o refugio da quinta da mitra, que o eminentissimo patriarca possue em Marvilla. Com esta determinação se pozeram ao caminho processionalmente, e nelle gastaram desde as oito horas da manhã do dia terceiro de novembro até ás cinco horas da tarde do mesmo dia, em que chegaram muito quebrantadas de forças mas não de animo. Accommodaram-se em algumas casas do palacio, que lhes mandou franquear sua eminencia, onde existiram exercitando recta, e exemplarmente as suas obrigações religiosas, em quanto se não restituiram para o seu antigo domicilio.

Hospicio — Nosso Senhor Jesus Christo. De religiosos Thomaristas da Ordem de Christo. Arruinou-se com o terremoto.

Constava esta freguezia de quinhentos e quarenta e quatro fógos; hoje se acha com diminuição de cincoenta pouco mais ou menos, distribuidos pelas seguintes

Ruas—Adro de Santo Estevão, Adro da Graça, Alfurja, Arco de S. Vicente, Atafonas, Cruz de Santa Elena, Cruz do Máo, Escolas Geraes, (1) Loureiro, Marco Salgado, Monsinhos, Oiteiro da Amendoeira, e da Fundação, Pateo da Atafona, Tijolo, Tilheiro de S. Vicente, S. Vicente, Vigario.

Becos, e Travessas — Amador, Beguinas, Clerigos, Corretor, Mó, Travessa das Bruxas, e de Santa Marinha, e de Santa Monica.

(1) Nesta rua, que sobe para o Convento de S. Vicente de Fóra, se conservam nmas casas com o nome de Escolas Geraes, onde estiveram os Estudos publicos na segunda mudança, que elrei D. Manuel no anno de 1503 mandou dispor em forma de Universidade, para alli se ensinarem as Sciencias. Depois passaram estas casas a varios possuidores; e antes do terremoto as possuhia o Capitão mor do Sardoal Francisco Xavier de Mendoça, e habitava nellas Monsenhor Amaral. Com o terremoto se arruinaram grandemente. Os curiosos podem ler a fr. Francisco Brandão na 5 parte da Monarquia Lusitana liv. 16 cap. 82, e ao beneficiado Francisco Leitão Ferreira nas Noticias Chronologicas da Universidade de Coimbra num. 930.

Freguezias confinantes — Santa Engracia, Santo Estevão, Santa Marinha, Salvador, S. Thomé.

CAPITULO III

Igrejas Paroquiaes no Termo de Lisboa

O que chamamos Termo de Lisboa terá quando muito o espaço de nove legoas de comprido, se contarmos de Oeiras até Santiago dos Velhos; e de largo pouco mais de tres leguas. Luiz Mendes de Vasconcelos configurou maior extensão em todo o seu ambito, porque diz que terá dez leguas de comprido, contando de Torres até Cascaes, e cinco de largo. (1) O certo é que todo este circuito é um terreno muito povoado, alegre, e fertil, por onde antigamente os serenissimos reis de Portugal tinham suas casas de recreação, e regalo, convidados da bondade do sitio, que por todas as partes merece ser buscado, e habitado. (2) Hoje bem póde livremente chamar-se uma cidadec ontinuada, cujos habitadores, e colonos são muito aptos para a lida do campo, e não menos as mulheres, as quaes são assistidas de um animo tão varonil, que metem em grande admiração aos estrangeiros. (3) Compoem-se de trinta e tres freguezias repartidas pelos lugares seguintes. (4)

I — *Ameixoeira*

Affasta-se este lugar de Lisboa pouco mais de uma legua para o Norte. Está em um sitio elevado que o faz ser alegre, e lograr um ar salutifero. É terra de elrei, e consta de setenta visinhos subordinados nas sausas Civeis, e Crimes ao Corregedor do bairro de S. Paulo de Lisboa. A paroquia é dedicada a Nossa Senhora com o titulo da Incarnação, cuja imagem é antiquissima, e por ella obra Deos muitos milagres. Foi achada entre um funchal, donde em outro tempo foi invocada com este titulo, que conservou até o anno de 1541. (5) O edificio da igreja é antes do anno de 1500; porque no de 1664, se começou a reedificar á custa de elrei, e tambem de esmolas particulares.

Era esta igreja annexa á freguezia do Lumiar; porém no anno de 1536, se desmembrou della, para se estabelecer nova, e distincta paroquia, obtendo para isso Breve do Nuncio apostolico, que ou era Marcos

(1) Vasconcel. no Sitio de Lisb. p. 165. (2) Monarq. Lusit. liv. 17. cap. 23. E Damião de Goes na Descripção de Lisboa que compoz em Latim. disse: «Quo excursu crebra villarum suburbanarum ædificia, mira elegantia, et amœnitate constructa, licet cernere.

(3) Cùm passim in Lusitania videantur mulieres adeo generosae, ac robustae; cujusmodi ventitant Olisiponem ex pagis, et viculis circumvicinis, quae gentes exteras non minus Christiano pudore, quam masculo robore in stuporem sui adducunt.» Disse o P. Bento Fernandes tom 2. in Genes. cap. 24. sect. 3 n. 10. (4) O P. Santa Maria no Ceo aberto pag. 493 diz que o Termo de Lisboa comprehende cincoenta e nove Paroquias: devia figurar-lhe maior extensão. (5) Santuar. Marian tom. 1. pag. 423.

Vigerio, ou Pompeyo Zambucari, cuja isenção foi depois confirmada por varias Bullas Pontificias, que se guardam no cartorio da igreja. O Paroco até o anno de 1726, teve o titulo de cura, hoje é collado no de reitor, que apresenta a mesa da confraria da Senhora, e lhe renderá cem mil réis. Ha na igreja tres irmandades, a do Santissimo com muitas indulgencias, e da Senhora do Rosario incorporada na do Santissimo, e a das Almas.

Foi este sitio habitado pelos Romanos, como consta da inscripção aqui achada no anno de 1720. (1) Depois os Mouros fizeram grandes tulhas, ou covas para recolherem os seus fructos, das quaes pelo tempo adiante se serviram tambem os Templarios, a que se seguiram os cavalleiros da Ordem de Christo.

No destricto desta freguezia ha as seguintes

Ermidas—Santo Antonio. Na quinta de Manoel de Foyos de Sousa, que edificou seu pai o Doutor Luiz de Foyos de Sousa Vereador da Camera de Lisboa no anno de 1684.

S. Bento. Na quinta do doutor Antonio Falcão de Serpa Sotomayor, e edificada no anno de 1631 por Bento Rodrigues Taveira.

S. Gonçalo de Amarante. Na quinta de Luiz Francisco Pimentel cosmografo mór do reino, o qual a tem reformado, e augmentado com grande asseio.

Havia mais a ermida de Jesus Maria Joseph nas casas do morgado que instituio o conego da Sé de Evora Joseph Pinto de Amaral, e outra de Santo André; mas ambas se acham profanadas, e destruidas. O que ainda permanece, é junto da paroquia uma albergaria, ou hospital para agazalhar peregrinos, administrado pelos confrades de Nossa Senhora.

II — *S. Antão do Tojal*

Chamam vulgarmente a este lugar Santo Antonio do Tojal, que dista de Lisboa tres leguas para o norte, junto á estrada que conduz para Vialonga. Está elle situado em planicie cercada de montes, e o terreno pela maior parte cuberto de olivaes, que o fazem algum tanto melancolico. A igreja paroquial dedicada a Santo Antão é da mitra, e antiquissima, pois nella se conserva ainda um antifonario com missa propria do santo, de tempo immemoravel: e já o bispo de Lisboa D. Domingos Jardo no seu testamento, que fez em 19 de dezembro de 1291, faz memoria da sua quinta de Pero Viegas, que, como diz D. Rodrigo da Cunha, (2) é a de Santo Antonio do Tojal; sitio de que os prelados de Lisboa sempre fizeram muito caso.

O arcebispo D. Fernando de Vasconcellos devia fundar maior igreja augmentando a obra com palacio, e jardim, e mandando lavrar na

(1) Cardoso no Diccionar. Geograf. tom. 1. p. 413.
(2) Cunha na Histor. Eccles. de Lisboa part. 2. cap. 69. n. 7.

torre da igreja em uma das faces, que hoje olha para o chafariz, o anno em que fizera a obra, que foi no de 1554. (1) Ultimamente o eminentissimo Cardeal Patriarca D. Thomaz de Almeida a mandou reedificar toda, reduzindo-a a um magestoso templo com um nobilissimo frontispicio, ao qual ornam algumas estatuas de santos feitas na Italia de fino jaspe, fazendo collocar na torre harmoniosos sinos, e na praça, e estrada chafarizes de excellente agua, que em beneficio publico fez conduzir de longe por aqueducto custoso de muitos arcos.

O paroco tendo antecedentemente o titulo de vigario, o senhor D. Thomaz primeiro Patriarca de Lisboa o collou no de prior em o anno de 1734, a quem rende quatrocentos mil réis, e o primeiro, que obteve este caracter, foi o reverendo doutor Feliz Dantas Barbosa, irmão do excellentissimo arcebispo de Lacedemonia, que presentemente reside na sobredita igreja com exemplar zelo do culto divino.

Ha na igreja uma collegiada, que o mesmo eminentissimo Patriarca estabeleceu no anno de 1739, e consta de dous beneficiados com cem mil réis cada um, e de quatorze capellães cantores de escolhidas, e excellentes vozes, dos quaes oito tem cento e vinte mil réis, casas pagas, e as missas livres: quatro tem cento e vinte mil réis, e as missas cativas, e d'estes quatro ha dous, que pelas suas vozes serem melhores tem mais cada anno trinta e oito mil e quatrocentos réis cada um.

Consta mais de quatorze capellanias, das quaes nove são capellães os mesmos cantores, e rendem cento e vinte mil réis: uma de oitenta mil réis annexa ao cantor mais antigo, que chamam Primicerio, mas não tem obrigação de coro. Ha outra capella instituida em Nossa Senhora do Rosario que rende cincoenta mil réis, e administra o guarda reposta Antonio da Cunha. A Irmandade das Almas provê, e administra duas, uma de cincoenta mil réis, e outra de vinte mil réis para domingos, e dias santos. A Irmandade dos Passos provê outra com obrigação de dizer o capellão missa todas as sextas feiras do anno, a quem dá seis mil trezentos e sessenta réis. Tem mais esta igreja quatro confrarias, Santo Antão, Santo Antonio, S. João Bautista, Nossa Senhora do Rosario: e quatro Irmandades, a do Santissimo, a do Senhor dos Passos, a das Almas, e a da Ordem Terceira instituida na ermida do Espirito Santo. Dentro dos seus limites se incluem as seguintes

Ermidas—Nossa Senhora da Apresentação. Na grandiosa quinta do desembargador Gonçalo Joseph da Silveira Preto em Pinteos.

Nossa Senhora do Carmo. Na quinta das Carrafoiças.

Nossa Senhora da Conceição. Na quinta dos padres Loyos em Pero Viegas.

Espirito Santo. No sitio mais desafogado que tem este lugar.

S. João Bautista. Na quinta do Valle, ou do Lago.

S. Roque. Junto a ponte do rio chamado das Gallinhas, de cuja

(1) Dissemos na Vida d'este Prelado cap. 9. §. 11 d'este tomo.

ermida, e santo já fallamos no tomo 2. parte 3. d'este Mappa cap. 7. §. 3.

Além d'estas casas pias ha o nobilissimo palacio junto da igreja paroquial, que o mesmo primeiro eminentissimo patriarca D. Thomaz reduzio a melhor policia, accrescentando-o, e augmentando-o com generosa liberalidade, e enriquecendo-o de excellentes adornos proprios de um principe. Com este mesmo animo dispoz se formasse um delicioso, e dilatado jardim junto ao palacio que o domina, repartindo o plano em formosissimos quadros ennobrecidos com bellas estatuas de porfido. Alli se vêem entre o matizado das plantas os buxos, e as murtas sempre verdes fingir varias figuras, que a arte com prolixa, mas admiravel cultura as obriga representar. Vêem-se muitas fórmas de fontes, de flôres, e de arvores exquisitas, mas estereis, que só por fruto dão sombra aos que passeam por suas dilatadas ruas. Servem de remate ao principal quadro do jardim, em fórma cylindrica, dous viveiros de pombos domesticos, que na variedade de suas côres, e copiosos giros que fazem pelo ar, e pelo campo, augmentam a recreação aos olhos. É fabrica certamente vistosa; á qual concorrem muitas pessoas de differentes partes só para lograrem a formosura de um theatro magnifico, e de tão aprasivel amenidade onde o verão, e o inverno

Não lhe impede gozar de abril eterno.

Numera este lugar perto de mil pessoas repartidas pelos sitios, e aldeas de Santo Antonio das lebres, Manjoeira, Murteira, Pinteos, etc. subordinados á correição do ministro do bairro da Ribeira d'esta cidade.

III — *Appellação*

Dista de Lisboa duas leguas para o norte, e meia do rio de Sacavem que lhe serve de grande conveniencia. O sitio é baixo, cercado de montes, porem ameno, e sadio. A igreja paroquial é dedicada a Nossa Senhora da Encarnação, que hoje está novamente reedificada ao moderno, e foi fundada por Bartholomeu de Oliveira Botelho, commendador da Ordem de Christo, no anno de 1594 onde jaz, e sua mulher. No anno seguinte foi erecta em paroquia pelo arcebispo D. Miguel de Castro, sendo antecedentemente os seus muradores sujeitos no espiritual á freguezia de Unhos, d'onde se desmembraram.

Tem o paroco titulo de cura, que apresenta ad nutum Jorge de Mesquita da Silva Mascarenhas descendente do fundador, e rende cincoenta mil réis. Ha na igreja quatro capellanias: uma que instituio Miguel da Paz com quarenta mil réis: outra que instituio o dezembargador Francisco da Fonseca Sisnel com sessenta mil réis, que apresenta o senado da camera de Lisboa: outra que instituio o fundador, e apresenta o padroeiro: outra das Almas com cincoenta mil réis, cuja Irmandade tem

muitos privilegios concedidos pelo Papa Innocencio XII. Consta o lugar de cincoenta moradores sujeitos ao corregedor da repartição do bairro alto. Tem no seu limite as seguintes

Ermidas—Santo Amaro. Na quinta de Antonio de Abreu do Rego, irmão de monsenhor Soares.

Santo Antonio. Na quinta que possue D. Ursula, irmã de Joseph Pinheiro de Azevedo thesoureiro das despezas do conselho da fazenda.

IV—*Arranhol*

Está situado este lugar em um monte distante da cidade cinco leguas para o norte. A igreja paroquial está fóra do povoado, e é da invocação de S. Lourenço, cujo paroco tem só o titulo de cura, a quem o prior de S. Christovão de Lisboa apresenta annualmente com a congrua de um moio de trigo, trinta alqueires de cevada, uma pipa de vinho, e quatro mil e quinhentos réis em dinheiro. Consta este lugar de trinta fogos sujeitos ao corregedor da Mouraria, e ha no seu destricto as seguintes

Ermidas—Nossa Senhora da Ajuda. Está fóra do povoado, e tem seu ermitão, que apresenta o mesmo prior de S. Christovão.

Nossa Senhora da Encarnação. Está na aldêa chamada Algobellas, que se compõe de dezasete visinhos.

V—*Barcarena, ou Barquerena*

Pelas raizes de varios montes, cujos cimos guarnecem bastantes moinhos de vento, está situada a povoação d'este lugar affastada de Lisboa duas leguas para o noroeste. É a sua paroquia titular de S. Pedro, cujo paroco, que tem o predicamento de cura, é apresentado pelo prior de S. Martinho de Lisboa annualmente, e renderá o curato duzentos mil réis. Ha nesta igreja tres Irmandades, a do Santissimo, a de Nossa Senhora do Rosario, e a das Almas.

Consta a freguezia de duzentos e sessenta visinhos, repartidos pelos casaes de Caruncho, Leão, Lecea, Queluz, Ribeira, Serra de cabanas, Telaide, Torcena, Valejas. A maior parte d'estes lugares fertiliza abundantemente a ribeira chamada de Barcarena, que neste sitio dá exercicio á fabrica real da polvora reedificada no anno de 1729 por Antonio Cremer. Estão todos estes moradores sujeitos ao corregedor de S. Paulo para a decisão das suas causas. Ha no seu destricto as seguintes

Ermidas—Nossa Senhora do Amparo. No lugar do Leão, ou Layão.

Santo Antonio. Na quinta de Francisco Leitão de Faria no lugar de Trosena.

Santa Barbara. Na quinta que foi de Domingos Pires Bandeira no lugar de Telaide.

S. Bento. No lugar de Valejas.

Nossa Senhora da Conceição. Na quinta de Antonio Luiz Sinel de Cordes.

Senhor Jesus Rei dos Reis. Na quinta de Joseph de Brito de Miranda.

S. Miguel. No lugar da Serra de Cabanas.

S. Sebastião. No lugar de Barcarena.

Nossa Senhora do Soccorro.

Confina esta freguezia com a de S. Romão de Carnexide, com a de Nossa Senhora do Amparo de Bemfica, com a de Nossa Senhora da Misericordia de Bellas, com a de S. Domingos de Ranna, com a de Rio de Mouro, com a da Purificação de Oeiras.

VI — *Bemfica*

Na estrada, que conduz para a villa de Cintra, fica este lugar apartado de Lisboa pouco mais de uma legua para o norte, e por estar em sitio aprazivel, e ameno, grangeou o nome que lhe deram. A sua igreja paroquial tem por orago a Nossa Senhora do Amparo, que apresentam as religiosas do mosteiro do Salvador, as quaes recebem os dizimos, e ao cura renderá trezentos mil réis. Hoje se acha a igreja nobremente reedificada com esmolas não só do povo, mas da pia generosidade de elrei, para a qual tem concorrido.

Consta a freguezia de trezentos e cincoenta visinhos repartidos por estes lugares: Adeão de baixo, e de cima, Alfarrobeira, Alfornel, Alfragide, Barcal, Bomnome, Brandoa, Buraca, Burrel, Calhao, Calhariz, Caranque, Casal das Cruzes, e do Mercador, e da Serra, Castellos de cima, e de baixo, Correa, Cruz da pedra, Cruzes, Estrada da Luz, Falgueira, Feteira, Granja, Junqueira, Lage, Louro, Maia, Mira, Monsanto, Montijo, Montinel, Noidel, Oiteiro, Paian, Pinheiro, Penedo, Porcalhota, Preza, Reboleira, Salgado, Salrego, Saraiva, Serra, Tojal, Val de Teresa, Venda nova, Vinteira.

Dentro dos seus limites existem os seguintes

Conventos—S. Domingos. De religiosos Dominicos. Foi fundado por elrei D. João I em uma casa de recreação, que tinha neste lugar, intervindo para se erigir este convento o grande jurisconsulto João das Regras, que jaz aqui sepultado. Tomaram os religiosos posse do convento em 22 de maio de 1399. A igreja, que hoje se vê, foi reedificada no anno de 1630 pelo memoravel padre fr. João de Vasconcellos, sendo alli prior.

Santo Antonio. De religiosos Capuchos no sitio da Cruz da pedra, a que chamara a Convalescença, que com este titulo começou no anno de 1640, e passou a Guardiania no de 1720, e ultimamente foi reedificado no de 1746.

Ermidas—Santa Anna. Na quinta de Mauricio da Costa.

Santo Antonio. Na Porcalhota, e na quinta que foi de Lourenço Luiz Galvão estribeiro menor de elrei.

Santo Antonio. Nas casas que foram de Fernão Joseph da Gama.

Santo Antonio. Na quinta da Costa em Payan.

Nossa Senhora da Assumpção. Na quinta que foi do desembargador Antonio de Basto Pereira no lugar de Noidel.

Nossa Senhora da Assumpção. Na quinta que foi de João Pedro Ludovici.

Nossa Senhora da Conceição. Na quinta do secretario de estado, que foi, Diogo de Mendoça Corte Real.

Espirito Santo. Em Bemfica.

Familia Sacra. Na quinta que foi de D. Affonso Manoel de Menezes.

S. Francisco. Na quinta do Oiteiro.

Jesus Maria Joseph. Na quinta do Caminha em Calhariz.

Nossa Senhora da Piedade. Na quinta de Antonio Xavier Leitão escrivão dos Moedeiros.

Nossa Senhora da Saude. Em Calhariz.

Nossa Senhora . . . Na quinta de Joseph de Oliveira em Montijo.

Nossa Senhora . . . No Pinheiro.

Nossa Senhora . , . No lugar da Brandoa.

No destricto d'esta freguezia está a grande, e famosa quinta do marquez de Fronteira, cuja poetica descripção se póde vêr nas Horas successivas de Aleixo Collotes de Jantillet. Confina esta freguezia com a de S. Sebastião da Pedreira, com a de Nossa Senhora da Ajuda, com a de S. Romão de Carnaxide, com a de S. Lourenço de Carnide, com a do nome de Jesus de Odivellas, com a de Bellas, com a de Barcarena.

VII — *Bucellas*

Na distancia de quatro leguas para o norte está fundado este lugar em sitio baixo, e cercado de montes; porém aprazivel, onde se produzem as melhores cerejas, e onde existe uma grande fabrica de serrar pedras. A paroquia é dedicada a Nossa Senhora da Purificação, e é templo que indica magestade, porque além de ser espaçoso, e elevado, estriba-se em oito columnas, e tem uma bem lançada escada por onde se sobe para o coro. A capella mór foi sagrada pelo seu prior D. Jorge de Ataide, sendo então bispo de Viseu, em 23 de janeiro de 1569, como consta da inscripção que se lê no altar mór. O priorado é pingue, e renderá quatro mil cruzados, e cada um dos quatro beneficios, que tem a igreja, oitenta mil réis, e tudo da apresentação da serenissima casa do infantado.

Ha no adro d'esta igreja um famoso marmore romano de dez palmos de alto, com uma carapuça quadrada com sua moldura ao redor, e lhe chamam a Memoria: tem esta inscripção:

D. M.
L. P. J. L. F. Tus-
sia | Edo | Ann.
XXVIII.

Quer dizer: «Este tumulo é consagrado aos Deuses das almas. Aqui jaz Lucio Publio filho muito amado de Julio Lucio, e de Tussia Edomicilia, que morreu de vinte e oito annos. (1)

Consta esta paroquia de tres Irmandades, a do Santissimo, a de Nossa Senhora do Rosario, e a das Almas. Em toda a freguezia haverá quatrocentos visinhos, distribuidos por varios casaes, e lugares sujeitos ao corregedor do bairro do Rocio; e no seu destricto se incluem as seguintes

Ermidas — Santa Anna. Em Villa nova.

Nossa Senhora da Boa morte. Na quinta do capitão Nicoláo Cardoso.

Nossa Senhora da Encarnação. Na quinta do excellentissimo duque de Lafões no sitio da Romeira.

Espirito Santo. No adro da mesma igreja paroquial, junto da qual ha uma albergaria para peregrinos,

Santa Maria Magdalena.— Nossa Senhora da Paciencia.— Nossa Senhora da Paz.—Nossa Senhora da Piedade.—S. Sebastião.

VIII — *Camarate*

Fica este lugar distante de Lisboa duas pequenas leguas para o norte em sitio desigual composto de montes, e valles, mas povoado de muitas quintas, e vinhas, onde ha excellentes frutas. Tem a paroquia o titulo de Santiago, e o seu paroco o de cura, que apresentam os freguezes desde o anno de 1511, em que se desanexaram da sujeição paroquial de Sacavem, e lhe rende noventa mil réis. Ha na igreja tres Irmandades, a do Santissimo, a de Nossa Senhora do Rosario, e a das Almas. Compõe-se a povoação de cento e noventa visinhos subordinados ao corregedor do bairro do Castello. Dentro dos seus limites está edificado o seguinte

Convento — Nossa Senhora do Soccorro. De religiosos Carmelitas calçados. Foi primeiramente uma ermida, que edificara o santo Condestavel na quinta de que lhe fez mercê elrei D. João I da qual tomando posse os religiosos, se estabeleceu nella uma Vigairaria da Ordem no anno de 1602; e no capitulo que se celebrou na convento da Vidigueira a 26 de abril de 1608, se fez priorado este convento, e foi o seu primeiro prior Fr. Sebastião da Silva, religioso de grande exemplo, e virtude. (2)

(1) Ref. Antonio Coelho Gasco nas Antiguidades de Lisboa cap. 49. (2) Carvalho na Corograf. Port. tom. 3. pag. 618. Sant. Marian. tom. 7. pag. 187. Sá nas Memor. Historic. tom. 1 pag. 482. num. 705.

Ermidas—S. Joseph. Na quinta de Antonio Salter de Mendoça em Val de Freiras.

S. Pedro Apostolo. Na entrada do lugar.

IX — *Campo grande*

Na distancia de tres quartos de legua affastado de Lisboa para o norte se vê este grande, e espaçoso terreno, em sitio alto, lavado dos ventos, e por isso salutifero, cercado de quintas, hortas, e palacios, que em toda a sua circunferencia terá um quarto de legua, por cuja longitude alcançou o nome de Campo grande, tendo antigamente o de Alvalade, que se fez famoso pela reconciliação, e ajnste de paz que a rainha Santa Isabel no anno de 1323 fez celebrar neste sitio entre seu marido elrei D. Diniz, e seu filho o infante D. Affonso, que ambos estavam dispostos combater-se em rigorosa batalha. (1) Ainda se acha d'isto memoria em um cruzeiro de pedra á entrada do Campo.

A igreja paroquial é dedicada aos santos Reis Magos, cujo paroco apresentam os freguezes, e tem de congrua vinte e oito mil réis além do que lhe rende o pé de altar. Consta de tres Irmandades, a do Santissimo, a da Senhora do Rosario, e a das Almas. Numera novecentos fogos subordinados ao corregedor do bairro Alto para a decisão das suas causas. Dentro do seu destricto se acham erectas as seguintes

Ermidas—Santa Anna. Na quinta do doutor Leal.

Santo Antonio.

S. Caetano. Dos padres Theatinos no mesmo Campo.

Nossa Senhora da Conceição.—Jesus Maria Joseph.— S. João Baptista.— Nossa Senhora das Mercês.

Nossa Senhora dos Milagres. Na quinta do Ceboleiro.

Nossa Senhora da Piedade. Na quinta da condessa de Mesquitella.

Nossa Senhora da Nazareth. Em Palma.

Os Santos Reis. Na quinta do Ferro.

X — *Carnaxide*

Em situação fragosa, e na distancia de duas leguas de Lisboa para o poente está este lugar, cuja igreja matriz é dedicada a S. Romão, na qual apresenta cura o prior de Santa Cruz do Castello d'esta cidade, o qual tem de congrua um moio de trigo, uma pipa de vinho, e o que rende o pé de altar. Tem duas Irmandades, a do Santissimo, e a das Almas, e consta de trezentos visinhos subordinados ao corregedor de S. Paulo, e distribuidos pelos lugares de Algez, Alfragide, Barronhos, Janor, Ninha a Pastora, Ninha a velha, Outorella, Quejas, Romeiras. No seu destricto se acham erectos os seguintes

(2) Monarq. Lusit liv. 19. cap. 36. e na part. 7. liv. 1. cap. 13.

Conventos—Nossa Senhora da Boa Viagem. De religiosos Arrabidos. Fica legua e meia affastado de Lisboa para a parte da foz do Tejo, e fundado á borda d'elle desde o anno de 1618.

Santa Catharina de Ribamar. Dos ditos religiosos Arrabidos, e pouco distante do da Senhora da Boa Viagem: porem fundado sobre a elevação de um monte sobranceiro ao mesmo rio, desde o anno de 1551. No de 1634 se ampliou o edificio com titulo de Guardiania. O cardeal arcebispo D. Luiz de Sousa reedificou a igreja primorosamente, de que hoje é padroeira a casa do duque de Lafões, como herdeira da casa de Arronches.

S. Joseph de Ribamar. De religiosos tambem Arrabidos. Foi fundado defronte da Torre velha no anno de 1559 por D Francisco de Gusmão, e sua mulher D. Joanna, e goza hoje o seu padroado o excellentissimo marquez de Valença. Existe neste convento o estimavel quadro do Senhor S. Joseph com a tradição de ser vera effigie, e retrato do santo, como dissemos na sua Vida.

Ermidas — Santo Antonio. Na quinta do Rodisio.

Nossa Senhora do Cabo. Na aldea de Algés. A Imagem da Senhora e milagrosa, e concorre a visital-a muita gente em romaria.

Nossa Senhora da Conceição. No lugar de Outorella.

Nossa Senhora da Graça. Na quinta dos religiosos da Graça.

S. João Bautista. No lugar de Ninha a Pastora.

S. Joaquim. No lugar de Quejas.

Nossa Senhora do Rosario. No lugar de Ninha a Velha.

Nossa Senhora do Rosario, e S. Gonçalo. Na quinta do conego Manoel Gomes Monteiro.

Nossa Senhora da Salvação. No convento de Santa Catharina.

Nossa Senhora da Saude. Na quinta dos Grillos.

Confina esta freguezia com a da igreja da Ajuda, com a de Barcarena, com a de Oeiras, e com a de Bemfica.

XI — *Carnide*

Está situada esta povoação em uma campina, que participa de bons ares, affastada de Lisboa uma legua para a parte do noroeste. É a sua igreja paroquial dedicada a S. Lourenço, e o paroco é vigario collado, que apresentam os religiosos de Nossa Senhora da Luz da Ordem de Christo, ao qual rende oitenta mil réis. Tem tres Irmandades, a do Santissimo, a da Senhora do Rosario, e a das Almas. Numera duzentos e vinte visinhos sujeitos ao corregedor de S. Paulo, e se incluem no seu destricto os seguintes

Conventos—S. João da Cruz. De Carmelitas Descalços. Foi fundado pela senhora D. Maria filha illegitima de elrei D. João IV no anno de 1681.

Nossa Senhora da Luz. De religiosos da Ordem Militar de Christo. Fundou-se este convento em uma antiga ermida, que no anno de 1463 haviam erecto á Senhora da Luz os visinhos d'este lugar, e o devoto Pedro Martins tambem d'aqui natural, para memoria do milagre, e beneficio que a Senhora lhe fez de o livrar do cativeiro de mouros, onde estava prezo, trazendo-o prodigiosamente a Portugal com as mesmas cadeas, que muito tempo estiveram collocadas na ermida velha. Elrei D. João III no anno de 1545 deu esta ermida aos religiosos da Ordem de Christo para fundarem o convento, cuja capella mór mandou fazer no anno de 1575 a senhora infanta D. Maria filha de elrei D. Manoel, com sumptuosa, e magestosa arquitectura, e alli está sepultada. (1)

Mosteiros—Nossa Senhora da Conceição. De religiosas Recoletas de Nossa Senhora da Conceição. Foi fundado por Nuno Barreto Fuzeiro, e sua mulher D. Maria Pimenta no anno de 1694, e as religiosas entraram em dia de Nossa Senhora dos Prazeres de 1699.

Santa Teresa. De religiosas Carmelitas Descalças. Foi fundado no anno de 1642 pela senhora Michaella Margarida filha do imperador Rodolfo II, em um terreno que foi do correio mór Antonio Gomes da Mata. (2) A senhora D. Maria filha de elrei D. João IV não só se educou neste mosteiro desde o anno de 1649, mas o reedificou, e mandou sepultar-se nelle no coro debaixo.

Hospital—Fundou este Hospital a serenissima infanta D. Maria, filha de elrei D. Manoel, com uma liberalidade regia não só no material do edificio, que é regular, concluido no anno de 1618, mas no formal, e fundo, com que o dotou para a sua subsistencia. É administrado pelos religiosos de Nossa Senhora da Luz, e sujeito ao tribunal da Mesa da Consciencia. (3)

Ermidas—Nossa Senhora da Assumpção. Na quinta de Joseph Falcão de Gamboa.

Espirito Santo. — S. Sebastião.

XII — *Charneca*

Pouco mais de uma legua para o norte se affasta de Lisboa este lugar, cuja paroquia é dedicada a S. Bartholomeu, e em cuja vespera, e dia se costuma fazer na sua praça uma feira franca. O cura é apresentado annualmente pelo prior do Lumiar. É este lugar de cento e trinta visinhos sujeitos á correição de Alfama, e comprehende as seguintes

Ermidas—Santa Anna. Na quinta de Balthazar da Silva.

Santo Antonio. — Santa Luzia.

Nossa Senhora dos Remedios. Na quinta nova.

(1) Fr. Roque do Soveral na Histor. da Senhora da Luz P. Telles na Chron. da Comp. p. 2, l. 5. c. 51. Far. na Europ. Port. t. 3, p. 3. Cardos. no Agiol. Lusit. tom. 2. p. 175. Carvalho na Corograf. tom. 3. p. 643. Santuar. Mariano tom. 1. pag. 98. (2) Lima Geograf. Histor. tom. 2. p. 166. (3) Santuar. Mariano t. 1. p. 103. Oliveir. Grandez. de Lisboa p. 84.

Nossa Senhora da Saude. Na quinta da Granja, que possue Domingos de Oliveira Braga, thesoureiro que foi do senhor infante D. Antonio. É ermida novamente reedificada com primor, e se disse nella a primeira missa em dia do Santissimo Nome de Maria do anno de 1749.

S. Sebastião.

XIII — *Santo Estevão das Galés*

Fica este lugar ao poente de Lisboa na distancia de quatro leguas, em sitio elevado, e lhe deu nome o santo a quem é dedicada a igreja matriz, a qual se desmembrou da de Santa Maria de Loures. Apresentam os freguezes ao cura, a quem rende cento e sessenta mil réis com o pé de altar. Consta de cem visinhos subordinados ao corregedor da Rua nova.

XIV— *Fanhões*

Existe este lugar affastado de Lisboa tres leguas para o norte, e a sua paroquia é dedicada a S. Saturnino advogado dos meninos quebrados. Desmembrou-se da freguezia de Santo Antão do Tojal; mas sempre lhe ficou de alguma sorte subordinada, pois em dia da procissão do Corpo de Deus da freguezia de Santo Antão é obrigado a ir o procurador da Irmandade do Santissimo de Fanhões assistir com a sua cruz na Igreja de Santo Antão, como tambem no dia do santo: nem na paroquia de S. Saturnino se podem cantar missas, ou fazer quaesquer festividades, sem se dar parte ao prior de Santo Antão do Tojal. O cura de Fanhões é apresentado pelos freguezes, e lhe rende perto de duzentos mil réis. Tem a igreja dous capellães das Almas com cincoenta mil réis cada um. Consta de cento e quarenta fogos subordinados ao juiz do crime da Ribeira, e no seu limite se acha erecta a

Ermida—S. Julião. Na Cabeça de Montachique.

XV — *Frielas*

Junto ao rio, que corre de Sacavem, distante de Lisboa duas leguas para o norte, está fundada esta povoação nas margens de uns montes, porem com alegre vista. Houve antigamente aqui uns grandiosos paços que elrei D. Diniz no anno de 1313 honrou, erigindo nelles uma capella de Santa Catharina com seu capellão de missa quotidiana, e com obrigação de rezar nella as Horas Canonicas todos os dias. Depois deu estes paços elrei D. Fernando aos religiosos de S. Jeronymo no anno de 1378. Hoje se acham desfeitos, e arruinados. (1)

A igreja paroquial é dedicada a S. Julião, e Santa Basiliza, e é igreja antiga, pois já no anno de 1191 o bispo de Lisboa D. Soeiro Anes, na divisão que fez das igrejas do bispo, e Cabido, entre as que reservou para si, foi uma a de Frielas, que antecedentemente pertencia

(1) Brand. na Monarq. Lusit. liv. 18. cap. 46.

á fabrica da Sé. (1) O paroco tem o titulo de prior, que apresenta a abbadessa do real mosteiro de Odivellas, ao qual rende trezentos mil réis. Numeram-se na povoação trezentos visinhos, a maior parte d'elles pescadores, sujeitos ao juiz do crime do bairro da Sé. Está no seu districto a

Ermida—Nossa Senhora do Monte. Edificada no cimo de um monte de admiravel vista, e na quinta da Ramada, Reguengo de Sacavem, a que deu principio Lopo de Abreu no anno de 1579, e passados vinte annos a reedificou; porém no anno de 1686 a augmentou muito mais Miguel de Sousa Ferreira, e a acabou de aperfeiçoar seu filho Manoel de Sousa Soares no anno de 1699: o que tudo consta de uma inscripção, que está por baixo do pulpito. O author do Santuario Mariano fr. Agostinho de Santa Maria applaude summamente esta ermida, e diz que no asseio, e adorno é das mais attendiveis, que ha no termo de Lisboa.(2) Tambem o jurisconsulto Manoel Alvares Pegas falla honorificamente d'esta quinta. (3)

XVI—*Granja de Alpriate*

Dista esta povoação de Lisboa para o nordeste tres leguas, e jaz em um ameno valle. A sua paroquial igreja é dedicada a S. Sebastião, commenda da Ordem de Christo, de quem é commendador o conde de Valladares. Foi annexa a Santa Iria da Azoya, que pela distancia, e discommodo, que dava aos moradores da Granja, estabeleceram freguezia separada na dita igreja de S. Sebastião, a qual, segundo as memorias de alguns, dizem que fora sagrada, e por antiga se foi arruinando, desorte, que se lhe mandou tirar o sacrario, e só alguns dias celebravam nella missa. Deve-se o seu restabelecimento ao reverendo padre Francisco de Sousa da Costa, o qual entrando alli por capellão começou com tanta efficacia, e zelo, a cuidar da reforma, e culto da igreja, que com esmolas a reduzio ao esplendor com que hoje se vê, obtendo do eminentissimo Cardeal Patriarca D. Thomaz de Almeida faculdade para nova erecção de sacrario, e alcançando do povo a congrua de quarenta mil réis para sua subsistencia, e casas onde reside, que com uma capella, que tambem serve, terá de renda cem mil réis. Com este dispendio, e beneficio ficou o povo na posse de apresentar o capellão, bem contra vontade do commendador. Consta de cento e trinta visinhos subordinados ao juiz do crime da Ribeira. Ha aqui uma nobre quinta do monteiro mór, e no seu districto existem as seguintes

Ermidas—A Degolação de S. João Bautista. Na quinta chamada do Herdeiro.

Nossa Senhora da Nazareth. Na quinta chamada do Carlos.

(1) Cunha nos Bisp. de Lisb. part. 2. c. 18. n. 6. (2) Sant. Marian. tom. 1. p. 372.
(3) Pegas. Resoluç. Forens part 2. cap. 9. n. 265.

XVII—*S. João da Talha*

Duas legoas e meia para o Norte, se affasta de Lisboa esta povoação, cuja igreja paroquial, que deu o nome á terra, é vigairaria que apresenta a Universidade de Coimbra desde o anno de 1388, em que o prior de Sacavem dimitiu de si este lugar a quem pertencia, por lhe ficar livre a sua igreja. Consta de trezentos vizinhos sujeitos á correição do Limoeiro. No seu districto ha a seguinte

Ermida—Santa Catharina. No lugar de Budel, onde se vêem ainda as ruinas de uma antiga torre.

XVIII—*Santa Iria*

Quasi na mesma distancia de duas leguas e meia de Lisboa está situada esta povoação, cuja igreja matriz é um Curato, que apresenta o prior de Santo André d'esta cidade, d'onde teve origem o padroado, ficando elle por esta causa conservando o titulo de reitor de Santa Iria. Tem o cura de congrua um moio de trigo, uma pipa de vinho, e com os mais beneses lhe renderá tudo duzentos mil réis. Consta de duzentos visinhos sujeitos ao corregedor do bairro do Limoeiro. Existe nos seus limites o

Convento—Nossa Senhora da Conceição. De religiosos arrabidos, que foi primeiro habitado pelos padres Jeronymos, e despovoando-o, tomaram d'elle posse os religiosos da provincia da Arrabida no anno de 1584, e entre os seus conventos é um dos perfeitissimos.

Ermida—Santa Maria Magdalena. Existe no lugar da Povoa chamada de D. Martinho, onde os moradores contribuem para a congrua de um capellão, que lhes diz missa nos dias de preceito, quando não podem ir ouvil-a á matriz de Santa Iria.

XIX—*S. Julião do Tojal*

Com pouca distancia de Santo Antão do Tojal para o Norte fica este pequeno lugar, cujo paroco tem o titulo de cura apresentado annualmente pelo prior dos conegos regrantes de Fóra, ao qual dão um moio de trigo, uma pipa de vinho, seis cantaros de azeite, e dez mil réis em dinheiro, além do que lhe rende o pé de altar. Consta de cem visinhos sujeitos ao Juiz do Crime da Ribeira. Ha no seu districto as seguintes

Ermidas—Nossa Senhora da Apresentação. Na quinta da Ponte, uma das mais pingues do sitio, que instituiu Joseph Felix Rebello escrivão no conselho da fazenda.

Nossa Senhora do Carmo. No lugar do Zambujal.

Espirito Santo. Defronte da Matriz.

S. Sebastião. Fica esta ermida na estrada que vai para Vialonga, e pouco mais para cima de um poço publico chamado de Santa Clara. Os moradores do Tojal teem grande fé com a imagem do Santo, que se venera n'esta ermida.

Nossa Senhora do Soccorro. Na quinta chamada antigamente do Arraes, que hoje possuem os religiosos Vicentes. É das mais dilatadas, fructiferas, e rendosas, que ha no termo de Lisboa, onde os padres tem gasto muitos mil cruzados com grandeza verdadeiramente regia, não só na cultura do dilatado terreno de que consta, casas, e officinas: mas na conducta do rio Trancão, que a ferteliza perenemente a pezar de outras quintas circumvisinhas, que tambem se utilisavam das suas aguas.

XX—*Loures*

Ao Norte de Lisboa na distancia de duas leguas está situada esta povoação em lugar alto, e alegre. A matriz é dedicada a Nossa Senhora da Assumpção, e é freguezia antiga, pois d'ella ha memoria antes do anno de 1250, em tempo do bispo de Lisboa D. Aires Vasques. (1) O paroco tem titulo de vigario, e numera novecentos visinhos distribuidos pelos lugares de Alvogas, Barro, Calvos, Canessas, Covão, Codiceira, Granja, Marnotas, Mealhada, Montemór, Murteira, Palhaes, Pinheiro, Ponte de Frielas, Ponte de Lousa, Tojalinho, Val de Nogueira, subordinados ao corregedor da Rua nova. Incluem-se nos seus limites o seguinte

Convento—Espirito Santo. De religiosos arrabidos, situado na ladeira de um oiteiro alegre, proximo ao lugar da Mealhada, e duas leguas distante de Lisboa. Teve seu principio no anno de 1575, em que o fundou Luiz de Castro dos Rios. (2)

Ermidas—Santa Anna No lugar de Alvogas.

Nossa Senhora da Conceição. Na quinta da Promealha.

Nossa Senhora dos Enfermos. No lugar de Canessas, e na quinta chamada dos Fetaes, onde concorre muita gente em romaria, por ser a imagem da Senhora milagrosa. D'ella escreve o author do Santuario Mariano em o tom. 7. pag. 193.

S. Joaquim, e Santa Anna.

Santa Luzia. Na ponte de Lousa.

Nossa Senhora dos Prazeres. Em Palhaes, na quinta que hoje possue o conde de Castello Melhor.

Nossa Senhora do Rosario. No sitio da Paradella, na quinta que foi de Antonio Wamplate.

Nossa Senhora da Rotunda. No lugar que chamam a dos Calvos, na quinta do conde de Valladares.

Nossa Senhora da Saude. Na dilatada eminencia de um monte no

(1) Cunha Histor. Eccles. de Lisboa pag. 164. (2) Agiolog. Lusit. tom. 2. pag. 272.

lugar de Montemór, á qual concorre muita gente de romagem no primeiro domingo de setembro.

S. Sebastião.

XXI—*Lousa*

Este lugar que fica duas leguas e meia para o norte de Lisboa, tem a sua paroquia dedicada ao Apostolo S. Pedro. Os freguezes apresentam o paroco, que tem titulo de cura, a que dão cento e vinte mil réis. Compõe-se de duzentos visinhos sujeitos ao corregedor da Rua nova, e tem nos seus limites as seguintes

Ermidas—O Espirito Santo—S. Julião.

XXII—*Lumiar*

O sitio em que está fundada a igreja paroquial d'esta povoação, dedicada ao glorioso precursor S. João Bautista, e S. Matheus, dista de Lisboa pouco mais de uma legua para o norte, em terreno plano, alegre, e de bons ares. N'este lugar teve elrei D. Affonso III uma casa de campo, á qual chamavam o Paço; e depois pela possuir Affonso Sanches, filho bastardo de elrei D. Diniz, chamaram o Paço de Affonso Sanches.

Em uma terra da sobredita quinta fundou de novo o bispo de Lisboa D. Matheus, estando em Unhos, esta igreja, e a erigiu em paroquia a 2 de abril de 1276, cujo padroado doou D. Theresa, senhora de Albuquerque, viuva já então do dito D. Affonso Sanches, ao mosteiro de Odivellas em 21 de agosto de 1334, (1) por cuja doação apresenta a abbadessa o priorado, que rende quinhentos mil réis, e dous beneficios que alli ha. Consta a paroquia de quatrocentos visinhos, e do seguinte

Convento—Nossa Senhora da porta do Ceo. De religiosos Franciscanos da provincia de Portugal no sitio de Telheiras, fundado por um principe da Asia chamado D. João senhor de Candia, o qual passando a este reino, e instruido na fé por estes religiosos, lhes edificou o convento no anno de 1633, onde depois de fallecer em Lisboa no anno de 1642, se começou a estabelecer a communidade. Jaz o fundador em elevada sepultura de marmore, que elle fez erigir ao lado da capella mor. (2)

Ermidas—Espirito Santo—S. Sebastião.

XXIII—*Milharado*

Quatro leguas ao norte dista este lugar de Lisboa. É a sua igreja paroquial dedicada ao Archanjo S. Miguel, e tem por paroco um cura, que annualmente apresentam o prior, e beneficiados da freguezia de S. Nicolau de Lisboa. Consta de trezentos visinhos distribuidos pelos luga-

(1) Brand. na Monarq. Lusit. liv. 17. c. 23. (2) Soledade. no tom. 5. da Histor. Seraf. num. 892.

res da Bituaria, Canas, Charneca, Castelpicão, Cartexaria, Cachoeira, Ceiceira grande, e pequena, Jurumelo, Pousada, Povoa da Gallega, Prizinheira, Rolia, Sobreira. Inclue-se no seu districto a seguinte

Ermida—Nossa Senhora da Victoria. No lugar da Cartexaria. Foi fundada no anno de 1550 por João Lopes lavrador, e sua mulher Filippa Gonçalves.

XXIV— *Odivellas*

O val de Odivellas está quasi duas legoas de Lisboa para o norte. A paroquia é dedicada ao Menino Jesus, e os freguezes apresentam o paroco annualmente com o predicamento de cura. Consta de trezentos visinhos repartidos pelos lugares da Barrosa, Bica, Moreira, Pombaes, Porto, Frigache, etc. subordinados á correição do bairro Alto. Comprehende o seu limite o seguinte

Mosteiro—S. Diniz. De religiosas Bernardas. Está situado em uma planicie, que cercam tres montes visinhos, junto a um dos quaes, que fica para o Occidente, corre um pequeno rio, o qual entrando na cerca do mosteiro, e regando o seu jardim de Val de flores, sáe a fertelizar algumas quintas d'aquelles contornos, e a encorporar-se com outro pequeno riacho, que corre ao pé do monte da Senhora da Luz, e ambos se vão recolher no esteiro do mar junto a Friellas.

Foi edificado este mosteiro por elrei D. Diniz, que lhe lançou a primeira pedra com grande solemnidade em 27 de fevereiro de 1295. e se veio a concluir com todas as suas officinas no anno de 1305. Por muitos titulos, e circunstancias é digno de attenção este mosteiro pela grandeza do templo: pelo asseio, e adorno de suas capellas; pela magestade e apparato do culto divino: pela opulencia, com que o dotou o rei seu fundador; pelo grande numero de religiosas, e suas admiraveis vozes, que tanto encarece, e applaudia no seu tempo Luiz Mendes de Vasconcellos: (1) e finalmente por outros muitos argumentos, com que poucas igrejas, e communidades se lhe podem igualar.

Honra muito esta casa o regio monumento de elrei D. Diniz, o qual jaz na igreja junto da porta da sacristia em sepultura de pedra elevada de bom lavor, e cercada de grades de ferro com o retrato do seu corpo em cima esculpido em marmore; e em uma das bazes, sobre que assenta a sepultura, se vê a effigie de um usso, debaixo do qual está a figura de um homem cravando-lhe um punhal, que tudo allude ao caso milagroso que se conta na vida do sobredito rei. (2)

Ermida — Senhor Jesus Roubado. Principiou esta ermida em um cruzeiro de pedra, que o devoto Antonio dos Santos erigiu no anno de 1744 em o mesmo sitio, em que foi achada a sagrada Pyxide, roubada do sacrario da freguezia de Odivellas no anno de 1671. Depois conti-

(1) Vasconcel. Sitio de Lisboa pag. 210. (2) Brandão na Monarq. Lusit. liv. 17 c. 21. Cunha na Hist. Eccles. de Lisb. part. 2. cap. 82.

nuaram os devotos a concorrer de fórma, que é hoje um dos santuarios muito frequentado dos fieis; e se entre os confrades houvera melhor economia, poderam ter feito um formoso templo, mais amplo, e com melhor formalidade.

XXV—*Oeiras*

Supposto que o lugar de Oeiras fosse erigido em villa a 7 de junho de 1759 por mercê do fidelissimo rei D. Joseph I da qual o mesmo senhor creou conde de juro, e herdade a Sebastião Joseph de Carvalho seu secretario de estado, como da ponte para cá pertence ao termo de Lisboa, me pareceu conveniente fallar d'este sitio.

Está elle affastado da cidade tres legoas ao poente, e o faz muito fertil, e appetecivel um rio que lhe passa pelo meio, fazendo trabalhar muitas azenhas. A sua igreja paroquial, que ha pouco se reedificou por actividade de Antonio Rebello thezoureiro geral da Bulla da Cruzada, tem o titulo da Senhora da Purificação, e o paroco o nome de cura, apresentado pelo prior, e beneficiados de S. Lourenço de Lisboa. Compõe-se de quatrocentos visinhos distribuidos pelos lugares de Arieiro. Barril, Cacilhas, Casal da Medrosa, Ceirogato, Espargal, Espargueira, Feitoria de S. Gião, Lage, Laveiras, Murgalhal, Paço de Arcos, Porto Salvo, Terrugem, Villa de Bussaco, Villa Fria. No seu districto existe o seguinte

Convento—Vallis Misericordiæ. De religiosos monges Cartuxos de S. Bruno, de quem já fallamos no tom. 2. part. 3. d'este mappa cap. 3. § 7. A sua igreja achei que fora fundada no anno de 1614, segundo consta da inscripção seguinte:

Ann. Dni 1614 *die* 8 *de Decembr.*
Ego Hier. Isat. et Tingit. Eps.
Ad honorem B. Mariæ Virginis
Primum hunc lapide benedixi
In alma Carthusiæ Vallis Misericordiæ
Sedente S. P. Paulo 5. *Pont. Max.*
Et Philippo 2. *Portug. et Hisp. Rege.*

Dentro dos seus limites existem as seguintes

Ermidas—Nossa Senhora dos Anjos. Na quinta do Forneiro
Santo Antonio. Em Laveiras.
Santo Antonio. Na quinta da Boiça.
S. Bartholomeu. Na quinta do Barril.
Nossa Senhora do Bom Successo. Na quinta da Ponte.
Nossa Senhora da Conceição. No lugar de Cachias.
Nossa Senhora da Conceição. Na Feitoria.
Nossa Senhora da Conceição. Na quinta do Reguengo.

Nossa Senhora do Egypto.
Senhor Jesus dos Navegantes. Em Paço de Arcos.
S. João Bautista. No Forte das Maias.
S. João Bautista. Na quinta do Jardim.
S. João Nepomuceno. Na quinta da Medrosa.
S. Joseph. Na quinta da Costa.
S. Lourenço. Na Cabeça seca.
Madre de Deus. Em Villa Fria.
Nossa Senhora da Penha de França. Na quinta dos Valles.
S. Pedro. Em Cacilhas.
Nossa Senhora da Piedade. Na quinta do Couto.
Nossa Senhora da Piedade. Na quinta do Quintão.
Nossa Senhora do Porto Salvo. No lugar de Caspolima.

Na fortaleza de S. Julião ha uma igreja paroquial com o titulo de Santa Barbara. O paroco tem o predicamento de cura, que apresenta o provedor dos armazens, e consta de cem visinhos, além das companhias do presidio, e artilheiros.

XXVI— *Olivaes*

Prolonga-se de Lisboa este sitio o espaço de legua e meia para o nordeste, e n'elle ha uma paroquia, cuja igreja é dedicada a Nossa Senhora com o titulo dos Olivaes, por apparecer milagrosamente a sua imagem no tronco de uma oliveira n'este mesmo sitio. A freguezia é antiquissima, pois consta que o seu prior offerecera a igreja para habitação dos primeiros congregados dos conegos seculares de S. João Evangelista no anno de 1420. Depois no anno de 1483 o cardeal arcebispo D. Jorge da Costa a uniu á capella de Nossa Senhora da Assumpção do convento de Santo Eloy, cujo reitor percebe os dizimos d'esta freguezia, e apresenta um vigario com a congrua de cem mil réis. Consta a paroquia de novecentos visinhos subordinados ao corregedor de Alfama, e tem no seu destricto os seguintes

Conventos—S. Bento: De conegos seculares de S. João Evangelista, a que o vulgo chama S. Bento dos Loyos. Está fundado este convento nas margens do Tejo meia legua para o oriente de Lisboa. Havia D. Estevão de Aguiar D. abbade de Alcobaça edificado alli uma ermida ao grande patriarca S. Bento (e foi a primeira casa que o Santo teve em Lisboa) com o designio de formar alli um collegio, ou hospicio para a sua Ordem; porém sobrevieram-lhe embaraços, que lhe impediram os seus projectos. Governava então o reino elrei D. Affonso V com a serenissima senhora D. Isabel sua mulher, a qual sendo summamente affecta ao sagrado Evangelista, tratou de lhe edificar um convento, cuja idéa lhe embaraçou a morte.

Fazendo porém testamento, mandou se edificasse o convento, para

o que deixou oito mil coroas de ouro, e que depois de acabado se entregasse aos bons homens de Villar, e que fosse cabeça da congregação. Deu logo elrei cumprimento a esta vontade da rainha; e mandando pedir a ermida ao D. Abbade a entregou aos padres, que tomaram posse d'ella no anno de 1455, e logo se começou a fundar a nova casa, e juntamente a ser cabeça da congregação, a qual no anno de 1461 por Breve de Pio II se começou a denominar dos conegos seculares de S. João Evangelista, cujo convento principiou a governar o padre João Rodrigues.

Com os tempos se foi consumindo a primeira febrica, até que o veneravel padre Antonio da Conceição lhe deu principio no anno de 1600 com sete tostões, que lhe haviam dado de esmola. A capella mór correu por conta de D. Joanna de Noronha, filha dos condes de Linhares. (1)

Nossa Senhora da Conceição de Monte Olivete. De religiosos Agostinhos Descalços. É fundação da rainha D. Luiza mulher de elrei D. João IV, e lhe lançou a primeira pedra no edificio elrei D. Affonso VI em 15 de maio de 1666, (2) assistindo a este solemne acto toda a corte, e communidade de Nossa Senhora da Graça. Em 23 de outubro de 1683 padeceu a igreja, e convento um incendio, que em duas horas consumiu grande parte da sua primeira fabrica.

S. Cornelio. De religiosos arrabidos. Foi fundado para convalescença no anno de 1674 pelo sargento mór João Borges de Moraes, em uma ermida de Nossa Senhora da Estrella; depois passou a convento no anno de 1718. Não sabemos o fundamento que houve para os devotos que concorrem a esta igreja, offerecerem ao santo certos corninhos, ou de cera, ou de prata; acção, que como já dissemos em outra parte, o bem reparou o douto Feijó, (3) involve um culto irrisorio, que a prudencia politica muitas vezes costuma tolerar ao povo material, e rude.

Mosteiros—Santo Agostinho. De religiosas agostinhas descalças. Foi fundado no sitio do Grillo pela rainha D. Luiza Francisca de Gusmão, mulher de elrei D. João IV, e lhe deu principio em 2 de abril de 1663, sendo a primeira fundadora a veneravel madre sor Maria da Presentação, que veio com outras cinco religiosas do mosteiro de Santa Monica de Lisboa. (4)

Nossa Senhora da Conceição. De religiosas de Santa Brigida. Está fundado no sitio de Marvilla pelo arcediago de Lisboa Fernando Cabral em 18 de março de 1660. N'este sitio renovou o primeiro patriarca de Lisboa D. Thomaz de Almeida o antigo palacio, e quinta da mitra, enriquecendo-o de nobilissimo ornato, e com especialidade duas grandes

(1) S. Maria no Ceo aberto liv. 1. cap. 6. e liv. 2. cap. 25. Santuar. Marian. tom. 1. pag. 275. Carv. na Corograf. tom. 3. p. 593. (2) Santuar. Marian. tom. 1. p 477.
(3) Feijó no Theatro Critico tom. 7. disc. 8. n. 25 (4) Santuar. Marian. tom. 7. pag. 10.

*

salas, em que mandou collocar os verdadeiros retratos de todos os excellentissimos arcebispos de Lisboa em quadros renovados pelo excellente pincel do insigne Francisco Vieira, por ordem do senhor rei D. João V. Direi a disposição com que alli estão collocados, que não é chronologica, e ensinuarei os caprichos pitorescos do mesmo artifice com que os illustrou.

O primeiro retrato da primeira sala não tem nome. Fatal descuido!

O segundo retrato é de D. Antonio de Mendoça, filho do primeiro conde de Val de Reis, e decimo oitavo arcebispo. Como elle vinculou toda a sua fazenda na casa de Val de Reis, fingiu-lhe Vieira no mesmo quadro um painel pendurado, que representa Eneas com o pae ás costas, e um mote na moldura, que diz: *Pius in Parentem.*

O terceiro é do cardeal D. Luiz de Sousa, decimo nono arcebispo. Tem uma inscripção dos seus titulos honorificos em um dobrado, e fingido papel encostado a um grande copo de crystal com as suas armas expressadas á imitação dos vidros de Alemanha, e é o que o retrato tem do pincel de Vieira. Mostra o tal copo estar cheio de agua.

O quadro e de Rodrigo da Cunha, decimo setimo arcebispo. Este retrato é antigo, foi retocado por Vieira, que lhe accrescentou uma livraria, cujos titulos dos livros são os que o mesmo arcebispo compoz. Tem estes disticos, que dizem:

Invida naturae portuit tibi tollere vitam
Mors, vitam Famæ tollere non potuit.
Vivit adhuc, spiratque simul tua Præsul imago.
Vivit in his libris, spirat in hac tabula.

O quinto é de D. Jorge da Costa, chamado o cardeal Alpedrinha, e oitavo arcebispo. Está encostado a um bofete, em que tem um livro aberto, onde se vê a estampa do paralytico com a cama ás costas, a quem Christo disse: *Tolle grabatum tuum*; e allude á fugida occulta, que o cardeal arcebispo fez para Roma, por contradições que teve com o principe D. João, que succedeu no reinado a elrei D. Affonso V. Em cima do bofete se vê um globo, onde se divisa uma roda de navalhas, em lembrança do que devia á infanta D. Catharina, empreza de que sempre usou. As suas armas proprias estão em um supposto retracto do mesmo cardeal arcebispo, expressadas na moldura no canto do painel.

O sexto é D. João Manoel, decimo sexto arcebispo, e vice-rei de portugal.

O setimo é D. Affonso Furtado de Mendoça, decimo quinto arcebispo.

O oitavo é D. Miguel de Castro, decimo quarto. Deste arcebispo não se achou em todo portugal outro retrato mais que um feito depois d'elle morto, com os olhos fechados, e deitado: e dizendo elrei a Vieira,

que era preciso resuscital-o, elle o expressou com a mão esquerda no peito, e com a direita apontando para um relogio, que mostrava em duas aberturas adequadas o numero do dia, e o nome do mez em que fallecera, e no termo inferior do dito relogio o anno: e para significar que o tal relogio alli cessara, fez-lhe o apontador cahido no bufete; e para dar satisfação á ordem do rei, figurou lhe no fundo um medalhão pendurado com a resurreição de Lazaro, e um letreiro na moldura, que diz: *Veni foras.*

O nono é D. Jorge de Almeida, decimo terceiro arcebispo.

O decimo é o cardeal rei D. Henrique, duodecimo arcebispo. Está elle figurado em um jardim solitario em acto pensativo, com um maço de papeis nas mãos, e estas encruzadas. Ao lado direito uma estatua de bronze, que representa a Lusitania, com a sua lança cahida, e a figura disposta de modo, que está sem cabeça, porque juntamente fica cortada com a moldura para dissimular o conceito. Junto do pedestal da dita figura está uma planta de cardo seco com dous caracoes pegados. Da parte esquerda está um bufete de pedra avermelhada, e sobre este livro grande fechado, que tem no lombo escrito um letreiro, que diz: Reino de Portugal. Sobre o dito livro está uma coroa de louro, e sobre ella uma coroa real, e um coelho, simbolo de Hespanha, que desde um canto puxa pela laurea, e tomba a dita coroa regia.

O undecimo é D. Fernando de Vasconcellos e Menezes, undecimo arcebispo. Tem na fingida parede do seu quarto pendurado um Agnus Dei de Paulo III., que foi o pontifice, que creou arcebispo.

O duodecimo é o cardeal infante D. Affonso, decimo arcebispo. Está expressado de modo, que mostra por meio de jeroglificos, estimar, e favorecer mais fervorosamente a Theologia, que a Filosofia.

O decimo terceiro é D. Martinho Vaz da Costa, irmão do Alpedrinha, nono arcebispo. Mostra elle estar lendo umas conclusões, em que se vê na dedicatoria o seu nome: e em uma urna Indiana, as suas armas. Esta é a serie confusa dos arcebispos de Lisboa, que naquellas duas salas se vêem collocados, podendo estar por melhor ordem, e completos com os mais retratos que faltam.

O mesmo eminentissimo prelado mandando fazer á borda da praia uma calçada magestosa, servio com esta grande obra de utilidade ao bem commum, a que o seu nobre espirito muito attendia.

S. Felis, e Santa Adrião. De religiosas conegas regrantes de Santo Agostinho. Está fundado este mosteiro no fim de um Valle, que chamam de Chellas, muito fresco, e aprazivel por causa das muitas hortas, e quintas, que o cercam, affastando-se de Lisboa, meia legua pelo Tejo acima quasi de meio dia para o Norte. É fundação antiquissima, e dizem alguns, (1) que no tempo da gentilidade habitaram nelle Virgens Vestaes, o que é muito duvidoso.

(1) Luiz Marinho Antiguid. de Lisboa liv. 2. cap. 1.

Depois no principio da christandade se edificou templos, dedicando-o aos gloriosos Martyres S. Felis, e Santo Adrião, que em diversos tempos, e por varios casos vieram aportar a este sitio, onde então chegava o mar pelo valle de Xabregas. Permaneceo este templo no imperio, e sujeição dos Arabes, mas não consta se na maior furia, e perseguição delles conseguio a mesma liberdade. O que se tem por mais certo é que as reliquias dos santos se esconderam pelos christãos, e que recuperada Lisboa ultimamente pelo invicto rei D. Affonso Henriques, se descobriram, e a igreja se renovou.

Logo nos principios desta restauração fez elrei D. Sancho I., no mez de agosto de 1192, mercê desta igreja a certos religiosos, cuja ordem se ignora. Depois no reinado de elrei D. Affonso III, no anno de 1271, consta que já havia riligiosas, mas que ordem professassem, é ponto controverso; porque o chronista fr. Luiz de Sousa pertende fossem dominicas: e o chronista mór fr. Antonio Brandão é de parecer, que sempre foram conegas regrantes. (1) Ultimamente foi esta igreja aperfeiçoada no anno de 1690, e é o seu mosteiro subordinado ao prelado Diocesano.

Ermidas—Santo Antonio. Na quinta da Concha.
Santo Antonio. No Braço de prata.
S. Bento. Na quinta dos Padres Loyos.
Bom Pastor. Na rua nova.
Nossa Senhora do Carmo. No Condado.
Nossa Senhora da Conceição. Na quinta do Bizato.
Nossa Senhora da Conceição. Na quinta do Marquez de Marialva.
Nossa Senhora da Conceição. Em Cabo ruivo.
Nossa Senhora da Conceição. No sitio do Candieiro.
Jesus Maria Joseph. Na quinta dos Mozinhos.
Jesus Maria Joseph. Em Marvilla.
S. João Bautista. Na Panasqueira.
Madre de Deus. Em Alfundão.
Madre de Deus. No Cabeço.
Nossa Senhora das Mercês. Na Bella vista.
Nossa Senhora da Piedade. Dos Padres Trinos.
Nossa Senhora da Purificação. Na quinta da Flamenga.

XXVII — *Povoa*

Este lugar, que dista de Lisboa pouco mais de legua e meia, consta de uma freguezia, cuja igreja é dedicada a Santo Adrião, a qual se desannexou da paroquia de Loures pelo descommodo que experimentavam os freguezes moradores neste lugar, especialmente no tempo de inverno;

(1) Sousa Chron. de S. Doming. liv. 1. cap 13. e 14. Brand. na Monarq. Lusit. liv. 10. cap. 35. Veja-se a D. Rodrig. da Cunha no Catal. dos Bispos de Lisboa part. 2. cap. 38. n. 6

e assim estabelecendo congrua ao Paroco, são elles os que o apresentam com titulo de cura, e com uma capella, que tem annexa, lhe renderá o Curato duzentos mil réis. Tem setenta fogos, e perto de quatrocentas pessoas. No seu destricto existe a

Ermida — Nossa Senhora do Bom Successo.

XXVIII — *S. Quintino*

Distante de Lisboa cinco leguas para o Norte se vê este lugar em sitio alto. A sua igreja Matriz é dedicada a Nossa Senhora da Piedade, cujo Paroco tem o titulo de Vigario. Ha no seu destricto duas

Ermidas—Espirito Santo. — Nossa Senhora da Fé.

XXIX — *Sacavem*

Nas margens de um vistoso rio, que desemboca no Tejo duas leguas distante do Oriente de Lisboa, está edificada esta povoação em lugar fertil não só pelo terreno, mas pelo bom commodo do porto. A sua paroquia é antiga, pois desde o anno de 1191, temos d'ella memoria, (1) e é dedicada a Nossa Senhora da Purificação, sendo o seu padroado da real casa de Bragança, que apresenta o prior, e este a seis beneficiados. Consta de novocentos visinhos sejeitos á Correição de Alfama. Inciuem-se no seu destricto os seguintes templos.

Mosteiro — Nossa Senhora dos Martyres. De religiosas capuchas da primeira Regra de Santa Clara. Foi fundado no anno de 1577, por Miguel de Moura secretario de estado, escrivão da puridade de elrei D. Sebastião, e sua mulher Brites da Costa, no sitio onde estava uma antiga ermida com o mesmo titulo da Senhora dos Martyres, a qual havia erigido elrei D. Affonso Henriques para memoria de uma milagrosa batalha, que alli alcançara dos Mouros. (2)

Ermidas — Espirito Santo.

S. Joseph. Na quinta Conde de Alvor.

Nossa Senhora Madre de Deus. Na quinta da Francelha, que possue Estevão da Costa Solano, Thesoureiro que oi da Alfandega d'esta Cidade.

Nossa Senhora da Saude.

S. Sebastião. Na quinta do Visconde.

Nossa Senhora da Victoria.

No braço de mar, que por aqui entra, existe hoje uma barca chamada da carreira, que por invenção engenhosa de Bento de Moura fa-

(1) Cunha na Histor. Eccles. de Lisboa part. 2. c. 18. n. 6. (2) Brand. na Monarq. Lusit. liv. 10. cap. 27. Far. tom. 3. da Europ. pag. 14. Marinho de Azev. nas Antig de Lisboa liv. 4. cap. 24 Cardos. no Agiolog. tom. 1. p. 451. e tom. 2. p. 309. Leitão nas Miscellan. dialog. 2 pag. 3[illegible]. Santuar. Marian tom. 1. p. 128. Barbosa Bibliot. tom. 3. p, 478.

cilita muito a passagem de uma para outra parte. Antigamente havia uma ponte de que se lembra Francisco Dolanda, como refiro no Roteiro Terrestre; a qual depois que cahiu, nunca mais se levantou por incuria dos portuguezes, segundo bem deplora o author do Santuario Mariano. (1)

XXX—*Santiago dos Velhos*

Neste pequeno lugar, que fica uma legua para diante de Bucellas, ha uma freguezia, que consta de noventa fogos, com um cura que o povo apresenta. A invocação da Matriz deu nome ao lugar.

XXXI—*Sapataria*

Jaz em um sitio baixo, e na distancia de quatro leguas e meia para o Norte. A sua Matriz é consagrada a Nossa Senhora da Purificação, e o seu cura é apresentado pelo Prior de S. Julião da Cidade, e lhe rende oitenta mil réis. Consta de quatrocentos visinhos repartidos pelos lugares seguintes: Bica, Bouço, Casalcochim, Gallegos, Gudeis, Limões, Malforno, Moita, Moitellas, Molhados, Sarreira, Silveira. Contém no seus limites estas

Ermidas—Nossa Senhora do Desterro.—Espirito Santo.—S. Giraldo.—Nossa Senhora da Guia.—S. Martinho.—Nossa Senhora da Salvação.—S. Sebastião.

XXXII—*Via-Longa*

Estabeleceu-se esta povoação, a que muitos intitulam Villa-Longa, em sitio alto, e alegre affastado de Lisboa tres leguas ao Norte. A sua paroquia dedicada a Nossa Senhora da Assumpção é annexa á paroquial de Santo André da cidade, e o cura de Via-Longa paga á de santo André oito mil réis por conta das offertas; porque no anno de 1390, os moradores de Via-Longa fizeram á sua custa uma ermida, e pediram licença ao prelado, que então era D. João Annes, para terem capellão, que lhes administrasse os Sacramentos sem prejuizo dos direitos paroquiaes de Santo André.

Depois no anno de 1440, tornaram a supplicar os moradores ao prelado diocesano lhes concedesse poderem ter cura separado com a condição de se repartirem as offertas entre o prior de Santo André de Lisboa, e o cura de Via-Longa, o qual seria apresentado pelo dito prior, e os beneficiados. Sobre isto houveram varias demandas, e o que presentemente se observa é dar o cura de Via-Longa oito mil réis ao prior de Santo André, e o povo daquelle lugar apresentar o cura, a quem rende o curato trezentos mil réis. Consta a freguezia de seiscentos visinhos, e comprehende nos seus limites os templos seguintes.

(1) Santuar. Mar. t. 1. p. 129. Veja-se tambem a Monarq. Lus. l. 19. c. 27.

Convento—Nossa Senhora do Amparo. De religiosos capuchos. Intitula-se este convento a casa nova da Capucha, e está fundado em uma baixa do lugar da Verdelha, cuja erecção se deve a Pedro de Alcaçova Carneiro primeiro conde da Idanha a nova, e Vedor da fazenda de elrei D. João III, do qual convento tomaram posse os religiosos no anno de 1553. (1)

Mosteiro — Nossa Senhora dos Poderes. De religiosas observantes claristas. Foi a sua fundadora D. Brites de Castello-Branco, filha de Heitor Mendes Valente Alcaide mór de Terena, a qual obteve Breve de Pio IV, no anno de 1561, para esta fundação, e o mesmo pontifice declarou na Bulla, que fosse o mosteiro dedicado a Nossa Senhora dos Poderes, não obstante pedir a instituidora o titulo para a Senhora da Incarnação. Até o anno de 1574, estiveram as religiosas subordinadas ao prelado diocesano; porém no seguinte deram obediencia á provincia de Portugal, e no mesmo anno se transformaram de terceiras em religiosas de Santa Clara, cuja regra observam. (2)

Ermidas—Nossa Senhora da Graça. Na quinta, e palacio do conde de Val de Reis. É uma das ermidas nobres, e das mais asseadas que temos visto.

Nossa Senhora das Mercês. Na quinta do duque de Cadaval no sitio da Alfarrobeira. Aqui succedeu aquella deploravel batalha de 20 de maio de 1449, em que morreu o infante D. Pedro filho de elrei D. João I.

XXXIII—*Unhos*

Está fundado este lugar junto do rio de Sacavem na distancia de duas leguas de Lisboa para o Norte. A sua igreja, não obstante dizer o arcebispo D. Rodrigo da Cunha, (3) que fora erecta no anno pouco mais, ou menos de 1277, pelo bispo D. Mattheus, consta de uma carta original de elrei D. Affonso III., que existe no cartorio desta igreja, que já no anno de 1257, estava estabelecida.

É ella do padroado da serenissima casa de Bragança, e rende ao paroco quatrocentos mil réis com o beneficio que lhe é annexo. Permaneceo com o titulo de Vigairaria até os principios do seculo decimo sexto, em que sendo provido pelo senhor D. Jayme I, do nome, e IV Duque de Bragança o Padre D. Gonçalo Fernando conego regular de Santo Agostinho, teve a denominação de prior, com a qual foram collados todos os seus successores; os quaes apresentam dous beneficios de oitenta mil réis cada um. Compõe-se este lugar de duzentos visinhos subordinados á correição de Alfama. Dentro dos seus limitos ha as seguintes

(1) Carvalho na Corograf. Port. tom. 3. p. 596. Claustr. Francisc pag. 47. Santuar. Marian. tom. 1. p. 455. (2) Cardos. no Agiol. Lus. tom. 1. p. 291. e tom. 2. p. 223. Soledade tom. 5. Hist. Seraf liv. 1. cap. 19. Santuar. Mariau. tom. 1. pag. 438 (3) Cunha Catalog. dos Bisp. de Lisboa pag. 179.

Ermidas—Nossa Senhora da Esperança. Na quinta da Malvazia. Foi fundada por D. Brites de Velasco, e se celebrou nella a primeira missa no anno de 1599.

Nossa Senhora da Nazareth. No lugar do Catejal. É imagem milagrosa, com quem os moradores de Lisboa tem muita devoção. (1)

Nossa Senhora do Populo. Na quinta da Bouça contigua ao lugar de Unhos.

S. Sebastião. Situada no arrebaldo deste lugar. Foi fundada pelos annos de 1531.

Nas Antiguidades de Lsboa, que escreveu Antonio Coelho Gasco, se lembra elle no cap. 50, de vêr na igreja de Unhos uma pedra de sepultura Romana, cujo cippo dizia assim:

Julius : *Ita-*
licus : *Augus-*
Tal : *H. S. E.*

Isto é: Aqui está enterrado Julio Italico Sacerdote de Augusto.

(1) Santuar. Marian. tom. 1. pag. 473.

SUMMARIO

DOS CAPITULOS E MATERIAS QUE CONTE'M ESTE TOMO

—

Capitulo I. Explicação das Taboas topograficas, em que se comprehendem as principaes povoações da provincia da Estremadura, 4.
Cap. II. Da cidade de Lisboa. 32.
§. I. Sitio, clima, e origem da dita cidade, 32, 54.
§. II. Nações varias, que a dominaram, 37.
§. III. Fortificação antiga, e moderna, 46.
§. IV. Multidão de seus habitadores, 51.
§. V. Novo plano regular da cidade, 55.
§. VI. Catalogo de seus prelados, 57.

Bispos certos

Paulo, 58.
Goma, ou Gomarelo, 59.
Viarico, idem
Neufridio, 60.
Cesario, idem.
Thedorico, idem.
Ara, idem.
Landerico, 61.

Bispos em tempo de reis portuguezes

D. Gilberto, 61.
D. Alvaro, 62.
D. Soeiro I, idem.
D. Soeiro Viegas II, 63.
D. Payo, 64.
D. João I, idem.
D. Aires Vaz, idem.
D. Matheus, 65.
D. Estevão Annes de Vasconcellos, idem.
D. Domingos Jardo, idem.
D. João Martins Soalhães, 66.
D. Fr. Estevão II, idem.
D. Gonçalo Pereira, 67.
D. João Affonso de Brito, idem.
D. Vasco Martins, 68.
D. Estevão Annes III, idem.
D. Theobaldo, idem.
D. Reginaldo, idem.
D. Lourenço Rodrigues, 69.
D. Pedro Gomes Barroso, idem.
D. Fernando, idem.
D. Vasco II, idem.
D. Agapito Colona, 70.
D. João de Ais, idem.
D. Martinho, idem.
D. João Annes, 71.
Mappa geral de todos os bispos, 71.

Arcebispos

1.º D. João Annes, 72.
2.º D. João Esteves d'Azambuja, cardeal, 73.
3.º D. Diogo Alvares, 74.
4.º D. Pedro de Noronha, idem.
5.º D. Luiz Coutinho, 75.
6.º D. Jayme, cardeal, 76.
7.º D. Affonso Nogueira, 77.
8.º D. Jorge da Costa, cardeal, 78.
9.º D. Martinho da Costa, 79.
10.º D. Affonso infante, e cardeal, 79
11.º D. Fernando de Vasconcellos e Menezes, 81.

12.º D. Henrique cardeal, e rei, 82.
13.º D. Jorge de Almeida, 84.
14.º D. Miguel de Castro, idem.
15.º D. Affonso Furtado de Mendoça, 85.
16.º D. João Manoel, 86.
17.º D. Rodrigo da Cunha, 87.
18.º D. Antonio de Mendoça, 88.
19.º D. Luiz de Sousa, cardeal, 88.
20.º D. João de Sousa, 90.

Patriarcas

1.º D. Thomaz de Almeida, cardeal, 91.
2.º D. Joseph Manoel, cardeal, 93.
3.º D. Francisco de Saldanha, cardeal, 94.
Mappa chronologico dos arcebispos, e patriarcas de Lisboa, 95.
§. VI. Da capella real, e santa igreja patriarcal de Lisboa, 95.
§. VII. Igrejas paroquiaes dentro da cidade, 120.

Paroquias

1.ª Nossa Senhora da Ajuda, 121.
2.ª Santo André, 128.
3.ª Nossa Senhora dos Anjos, 134.
4.ª S. Bartholomeu, 139.
5.ª Santa Catharina, 141.
6.ª Chagas de Jesus, 145.
7.ª S. Christovão, 146.
8.ª Senhora da Conceição, 147.
9.ª Santa Cruz do Castello, 150.
10.ª Senhora da Encarnação, 154.
11.ª Santa Engracia, 159.
12.ª Santo Estevão, 165.
13.ª S. João da Praça, 166.
14.ª S. Jorge, 167.
15.ª S. Joseph, idem.
16.ª Santa Isabel, 172.
17.ª S. Julião, 177.
18.ª Santa Justa, 182.
19.ª Senhora do Loreto, 191.
20.ª S. Lourenço, 195.
21.ª S. Mamede, 197.
22.ª Santa Maria, 198.
23.ª Santa Maria Magdalena, 213.
24.ª Santa Marinha, 217.
25.ª S. Martinho, idem.
26.ª Senhora dos Martyres, 220.
27.ª Senhora das Mercês, 224.
28.ª S. Miguel, 226.
29.ª S. Nicolão, 227.
30.ª Patriarcal, 231.
31.ª S. Paulo, 233.
32.ª S. Pedro, 235.
33.ª Senhora da Pena, 236.
34.ª Santissimo Sacramento, 240.
35.ª Salvador, 245.
36.ª Santiago, 247.
37.ª Santos, 248.
38.ª S. Sebastião, 255.
39.ª Senhora do Soccorro, 256.
40.ª S. Thomé, 259.
41.ª S. Vicente, 261.

Conventos, hospicios, e collegios

Nossa Senhora dos Anjos, 162. 226.
Santo Antão, collegio que foi de jesuitas, 257.
—o Velho, collegio de Agostinhos calçados, 258.
Santo Antonio dos Capuchos, 277.
—da Cruz da Pedra, 255.
—Hospicio de Piedosos, 187.
Assumpção na Cotovia, 176.
Senhora de Belem. De Religiosos Jeronymos, 124.
S. Bento, 173.
Boa Hora. De Agostinhos Descalços, 180.
—Morte. De Congregados da Caridade, 175.
Brunos, 169.

S. Camillo de Lellis, 188.
Senhora do Carmo, 241.
—Carmelitas do Maranhão, 169.
—De Pernambuco, 226.
Conceição. De Religiosos Capuchos, 137.
—Da Ilha da Madeira, 226.
—De Religiosos Arrabidos, 188.
—De Religiosos Hospitalarios, 151.
Collegio dos Cathecumenos, 158.
Corpo Santo. De Dominicos Irlandezes, 234.
Corpus Christi. De Carmelitas descalços, 229.
Cotovia. Vide Assumpção.
Senhora do Desterro. De Religiosos Bernardos, 134.
S. Domingos, 184.
Santo Eloy, 140.
Espirito Santo. De Congregados do Oratorio, 229.
Estrella. De Monges Benedictinos, 295.
S. Francisco da Cidade, 222.
—de Borja, 176.
—de Paula, 250.
—Xavier, 162.
Senhora da Graça. De Religiosos Agostinhos calçados, 130.
Hospicio de Clerigos pobres, 158.
Jesus. De Religiosos Terceiros Franciscanos, 142.
—Collegio de Meninos Orfãos, 258.
—De Religiosos Thomaristas, 263.
S. João de Deus. De Religiosos Hospitalarios, 250.
—Nepomuceno. Carmelitas descalços alemães, 234.
Santa Joanna, 170.
Senhora do Livramento. De Religiosos Trinitarios, 250.
Senhora da Nazareth. Collegio que foi de Jesuitas, 137.
Mercenarios, 170.
Senhora das Necessidades. Real casa dos Congregados do Oratorio, 251
S. Patricio. Collegio que foi de Jesuitas, 197.
Paulistas, 144.
S. Pedro de Alcantara. Religiosos Arrabidos, 157.
S. Pedro, e S. Paulo. 225.
Senhora da Penha de França. De Agostinhos calçados, 135.
Senhora da Porciuncula. Capuchinos francezes, 252.
Divina Providencia. De Clerigos Regulares, 225.
Senhora dos Remedios. De Carmelitas descalços, 252.
Santa Rita. De Agostinhos descalços, 255.
S. Roque. Casa professa que foi de Jesuitas, 157.
S. do Rosario. Vide Corpo Santo.
Santissimo Sacramento de Religiosos Paulistas. Vide Paulistas.
Santissima Trindade, 242.
Varatojo, 176, 223.
S. Vicente. De Conegos Regulares, 261.
—de Paulo. 238.
Xabregas. De Religiosos Franciscanos, 161.

Mosteiros, e recolhimentos

Santo Alberto de Carmelitas descalças, 252.
Senhora dos Anjos. Recolhimento, 164.
Santa Anna. De religiosas Franciscanas, 233.
Annunciada. De religiosas Dominicas, 170.
Santa Apollonia. De religiosas Franciscanas, 163.
Bom Successo. De religiosas Domi-

nicas, 124.
Santa Brigida, 252.
Calvario, 125.
Senhora do Carmo. Recolhimento, 145.
Santa Clara. Religiosas Franciscanas, 163.
Conceição. Carmelitas descalças,225
Santo Crucifixo, 252.
Encarnação. De Commendadeiras de Aviz, 151.
—Recolhimento do Castello, 151.
—Recolhimento em Rilhafolles, 239
Esperança. Religiosas Franciscanas, 252.
Espirito Santo. Recolhimento, 145.
Flamengas. Vide Senhora da Quietação.
Francezinhas. Vide Santo Crucifixo.
Senhora da Lapa. Recolhimento de Orfãs desamparadas, 254.
Madre de Deus. Religiosas Franciscanas, 162.
Santa Martha. De Religiosas Franciscanas, 171.
Menino Deus. Terceiras Mantelatas, 260.
Meninas pobres, 223.
Misericordia, 211.
Santa Monica. Religiosas Agostinhas descalças, 262.
Senhora da Natividade. Recolhimento de convertidas, 158.
Senhora da Nazareth. Religiosas Bernardas, 253.
Senhora da Quietação. Religiosas Claristas descalças, 125.
Senhora dos Remedios. Religiosas Trinas, 175.
Senhora do Rosario. Religiosas Dominicas, 196.
Sacramento. Religiosas Dominicas, 253.
Salvador. Religiosas Dominicas, 246
Santos o Novo. Commendadeiras de Santiago, 162.
Senhora da Soledade, 253.

Igrejas, collegiadas, seminarios, ermidas, e hospitaes

Nossa Senhora dos Affiictos, 125.
Senhora da Ajuda, e Santos Fieis de Deus, 226.
—do Alecrim, 159.
Santo Amaro, 125.
Santo Ambrosio, 176.
Senhora do Amparo, 188.
Santa Anna, 164, 176, 255.
Santo Antonio, 126, 137, 176, 207, 255.
Senhora da Annunciação, 126.
Ascensão de Christo, 226, 230.
Senhora da Assumpção, 215.
Santa Barbara, 137.
Senhora de Belem, 215.
—do Bom Successo, 171.
S. Braz, 247.
Senhora do Cabo, 255.
—da Caridade, 209, 240.
—do Carmo, 145, 226, 177, 255.
Santa Catharina, Seminario, 141.
Senhora da Conceição. Collegiada, 149. Ermidas, 126, 137, 164, 176, 253, idem.
—da Consolação, 209.
S. Crispim, e Crispiniano, 198.
Senhora da Escada, 188.
Espirito Santo, 145, 152.
S. Filippe, e Santiago, 247.
S. Francisco, 176.
—de Borja, idem.
Senhora da Gloria, 171.
S. Gonçalo, 137.
Senhora da Graça, 126, 188, 223.
Hospital do Carmo, 231.
—de Todos os Santos, 188.
Jesus Maria Joseph, 137.

Senhora dos Afflictos, 176.
—dos Bemcasados, idem.
—da Boanova, 165.
—dos Desamparados, 209.
—dos Navegantes, 254.
—da Salvação, 240.
—da Via Sacra, 240, 253.
S. João Bautista, 126, 137, 164, 256.
S. Joaquim, e Santa Anna, 126.
Senhora da Lapa, 254.
S. Lazaro, 240.
Senhora do Livramento, e S. Joseph, 126.
S. Luiz Rei de França, 171.
Senhora Madre de Deus, 164.
—Mãi dos Homens, 176.
—dos Martyres, 256.
—do Menino Jesus, 176.
S. Miguel, 152.
Senhora dos Milagres, 176.
—da Misericordia, 209.
—de Monserrate, 253.
—do Monte, 138.
—do Monte agudo, idem.
—da Nazareth, 126, 138.
—da Oliveira, 181.
—da Palma, 230.
—do Paraiso, 164.
—da Paz, 240.
—da Piedade, 174, 256.
—do Populo, 126, 138.
—dos Prazeres, 176.
—da Pureza, 172.
Senhor dos Passos, 133.
S. Pedro, 176.
—de Alcantara, 164.
—Gonçalves, 234.
Senhora dos Remedios, 138, 165.
Santa Rosa, 138.
Senhora do Rosario, 164, 236, 240.
—da Salvação, 240.
—da Saude, 259.
S. Sebastião, 213.
Senhora da Victoria, 230.
S. Vicente Ferrer, 138.
Cap. III. Igrejas paroquiaes no Termo de Lisboa, 264.

Paroquias

1.ª Ameixoeira, 264.
2.ª Santo Antão do Tojal, 265.
3.ª Appellação, 267.
4.ª Arranhol, 268.
5.ª Barcarena, idem.
6.ª Bemfica, 269.
7.ª Bucellas, 270.
8.ª Camarate, 271.
9.ª Campo grande, 272.
10.ª Carnaxide, idem.
11.ª Carnide, 273.
12.ª Charneca, 274.
13.ª Santo Estevão das Gallés, 275.
14.ª Fanhões, idem.
15.ª Friellas, idem.
16.ª Granja de Alpriate, 276.
17.ª S. João da Talha, 277.
18.ª Santa Iria, idem.
19.ª S. Julião do Tojal, idem.
20.ª Loures, 278.
21.ª Lousa, 279.
22.ª Lumiar, idem.
23.ª Milharado, idem.
24.ª Odivellas, 280.
25.ª Oeiras, 281.
26.ª Olivaes, 282.
27.ª Povoa, 286.
28.ª S. Quintino, 287.
29.ª Sacavem, idem.
30.ª Santiago dos Velhos, 288.
31.ª Sapataria, idem.
32.ª Via-Longa, idem.
33.ª Unhos, 289.

Conventos, e mosteiros do Termo

S. Domingos de Bemfica, 269.

Santo Antonio da Cruz de pedra, idem.
Nossa Senhora do Soccorro de Camarate, 271.
Nossa Senhora da Boa Viagem, 273.
Santa Catharina de Riba mar, idem.
S. Joseph de Riba mar, idem.
S. João da Cruz de Carnide, idem.
Nossa Senhora da Conceição de Carnide, 274.
Santa Teresa, idem.
Nossa Senhora da Conceição de Santa Iria, 277.
Espirito Santo de Loures, 278.
Nossa Senhora da Porta do Ceo do Lumiar, 279.
S. Diniz de Odivellas, 280.
Vallis Misericordiæ de Oeiras, 281.
S. Bento dos Olivaes, 282.
Nossa Senhora da Conceição do Monte Olivete, 283.
S. Cornelio, idem.
Santo Agostinho, idem.
Nossa Senhora da Conceição, idem.
S. Felix, e Santo Adrião, 285.
Nossa Senhora dos Martyres de Sacavem, 287.
Nossa Senhora do Amparo de Via-Longa, 289.
Nossa Senhora dos Poderes de Via-Longa, idem.

—

ROTEIRO TERRESTRE

DE

PORTUGAL

Em que se ensinam por jornadas, e summarios não só os caminhos, e as distancias, que ha de Lisboa para as principaes terras das provincias deste reino, mas as derrotas por travessia de umas a outras povoações d'elle.

INTRODUCÇÃO

Este roteiro, que pelo assumpto havia de servir de complemento ao nosso Mappa de Portugal, apparece agora com antecipação depois da quinta parte d'elle a instancias da curiosidade. Eu já havia reflectido ser summamente importante o conhecimento das estradas com as distancias, que entre si guardam os lugares, por onde se discorre, não só para o bom commodo dos viajores, segurança das expedições militares, (1) e facil conducta dos generos concernentes ao commercio reciproco, mas sobre tudo para o soccorro, que contribue á verdadeira posição, e noticia local das terras, que é a baze da Geografia, e uma das principaes luzes da historia. (2)

Confesso porém, que desde que emprendi esta obra preoccupou bastantemente o cuidado o poder satisfazel-a nesta parte pela falta, que tinhamos desta instrucção; e sendo-me quasi impossivel poder indagar isto pessoalmente, como era preciso, de algum modo o consegui, valendo-me da intervenção de meus amigos Antonio Daniel, tenente do correio mór deste reino, e de Manoel Gomes Rebello, official antigo do mesmo expediente, os quaes mandando pedir a todos os correios assistentes das provincias os itinerarios, que dos seus destritos havia até Lisboa, os mais d'elles, informando-se de pessoas práticas, remetteram

(1) «Primum itineraria omnium regionum, in quibus bellum geritur, plenissime debere habere per scripta, ita ut locorum intervalla non solum passuum numero, sed etiam viarum qualitates perdiscat.» Vegecio lib 3. de Re militari cap. 6. (2) «Est autem itinerum notitia non tantum mercatoribus necessaria, qui per varias regiones peregrinantur, sed exactiori locurum descriptioni plurimum inservit, et totius Geographiae fundamentum est, Simlerus in praefat. Itiner. Antonini.» E mais para diante: «Affert etiam Itinerum cognitio multum lucis Historiarum lectioni.» Veja-se Mons. D. Audiffret no Pref. da Geogr. tom. 1. e ao P. Segura na 1. p. do Norte Critico disc. 2. §. 5.

relações provavelmente bem averiguadas, de que formei o presente roteiro com a melhor formalidade, e exacção, que foi possivel; sem embargo de que em algumas partes vai diminuto, não só por falta de noticias, e algumas indigestas, mas por ser esta uma empreza verdadeiramente desigual ao meu talento, e mais propria de pulso superior.

A verdade é, que parte deste projecto não só foi já intentado, mas posto em execução por elrei Filippe IV, desde o anno de 1638, quando governava este reino; porque desejando saber as distancias, que havia de umas a outras terras d'elle, passou um decreto, para que os corregedores das comarcas fizessem tirar com individuação o calculo destas medidas pelas terras da sua alçada, encarregando a diligencia ao duque de Villa Hermosa. As listas, ou relações originaes, que se remetteram a Madrid, me communicou já ha tempos o erudito fr. Francisco de Santa Maria, religioso Augustiniano, que a morte nos usurpou tão depressa, as quaes em dous volumes de folha existem presentemente na insigne livraria do convento de N. Senhora da Graça desta corte, e d'ellas me aproveitei quanto a alguns summarios sómente: porém estão defeituosas, e incompletas; porque embaraçando-se com outras averiguações, deixam em muitas de corresponder as respostas aos interrogatorios.

Tambem o laborioso, e diligente padre Antonio Carvalho da Costa (1) prometteo um roteiro breve de Lisboa para as principaes povoações do reino; mas sem duvida ficou só na promessa, pois não me consta que alguem o visse; de sorte, que esta minha idéa, officiosa em beneficio publico do reino, sem mais interesse, que o seu proprio lustre, bem póde merecer o titulo de primeiro itinerario, que até agora se tem visto disposto para o nosso particular Paiz.

N'elle, depois de dar uma breve noticia das vias militares, que no tempo dos Romanos discorriam pelas nossas terras, e de algumas pontes, que atravessavam pelos nossos rios (memoria, que achei não ser impropria do assumpto presente) entro a delinear o itinerario moderno, constituindo a cidade, e corte, de Lisboa, centro de todos os roteiros, que distribuo para as principaes povoações das provincias, e destas faço produzir, e derivar outras Vias por travessia, que servem como ramos, que vão pegar nos lugares circumvizinhos mais notaveis. E porque não foi possivel demarcar por jornadas, e mansões todos os interval-os, que ha de uns a outros sitios, reduzi alguns a compendios, ou summarios; fazendo porém muito pelos orientar, ou ajustar á melhor arrumação, com que umas terras se correm com outras, regulando-me para isso pelo Mappa de João Bautista Homannu. Não sei todavia se acertei em todos os rumos.

O ponto central, que elegi para d'elle lançar os roteiros para as mais partes, pareceu-me ser adequado, e util para a clareza. Lisboa, como corte do reino portuguez, é o coração da sua monarquia, não tanto

(1 Na Corograf. Portug t. 3. no princip. do liv. 2.

pela vantajem do felicissimo sitio, em que está, quanto pela grande capacidade, e conveniencia do commercio, que tem; onde á maneira do coração nos corpos viventes, que é o principal fundamento, que vivifica todos os seus membros, assim Lisboa com uma facil, e continua distribuição communica, e reparte a substancia vital dos cabedaes a todas as partes mais remotas das suas Comarcas; ou já pelas veas dos portos, e trajectos dos rios, ou pelas vias das estradas, por meio das quaes recebe tambem com reciproca affluencia a fertilidade, e regalo dos frutos, que todas as terras deste continente lhe estão tributando, como a princeza.

Em nenhum tempo melhor que no pacifico, e fausto reinado d'elrei D. João V, se verificou toda esta felicidade, pois a effeitos de seu heroico espirito sempre pio, augusto, e providente, vimos as ruas, e as praças de Lisboa mais largas, e as estradas, que nos conduzem a ella, mais espaçosas. Observou Tibullo, (1) que os moradores dos suburbios de Roma cantavam louvores a Marco Messalla, porque havia mandado reedificar os caminhos Tusculano, e Albano, pelos quaes voltavam seguros para as suas terras, ainda que fossem de noite, sem perplexidade alguma:

. . . . . *Hîc glarea dura*
Sternitur; hic apta jungitur arte silex.
Te canit agricola, è magna cum venerit urbe
Serus, inoffensum retuleritque pedem.

Porém a incomparavel providencia de sua magestade, eximindo de todos estes descommodos a seus vassallos, perpetuou os seus louvores: porque mandou ampliar os caminhos, e desimpedir as estradas, fez facilitar a communicação dessa fertilidade, e multiplicou juntamente as occasiões, de que podessem todos com suavidade vir lograr a miudo os mimos da corte, e gozar da magestosa presença de um monarca verdadeiro Tito, igualmente benefico, soberano, e affavel. É o que por este motivo cantou um nosso poeta grande imitador dos antigos. (2)

Agora um dos pontos principaes, que neste assumpto se faz preciso advertir, é sobre o calculo das leguas. Neste reino não ha medida certa itineraria, e por isso encontramos pelas provincias tanta irregularidade neste particular: pois vemos que as leguas da Estremadura pela maior parte são pequenas, as do Alemtejo maior, e as de Tras os Montes, e Algarve demasiadamente compridas: donde disse bem o padre

(1) Tibul. l. 1. eleg. 7. ad. fim. (2) D. Luiz de Lima part. 2. epigr. 60.
Hic augusta patent, spatiosaque strata viarum,
Teque jubente, cita jungitur arte silex.
Urbs tua sic, populis sedet undique pervia Princeps,
Quique et inoffensum fertque, refertque pedem,
Obice jam dempto properat, gestitque viator;
Sicque datur citius Principis ore frui.

Argote, (1) que entre as leguas portuguezas apenas se acham duas, que convenham no comprimento: e tudo nasce, porque vulgarmente se medem as leguas por estimativa.

No systema do engenheiro mór (2) de computar-se a legua por uma hora de caminho a passo cheio, e ordinario, dando a cada legua trez mil passos geometricos, e a cada passo geometrico cinco pés geometricos, que fazem quasi sete palmos de craveira. Não quizera metter agora ao leitor em prolixas averiguações deste ponto, que póde ver em outros authores mais de espaço; (3) só é bem que saiba ter-se observado ordinariamente, que um postilhão, ou correio, indo a pé, caminha em vinte e quatro horas de verão quatorze leguas, e de inverno treze; e indo pela posta, anda nas vinte e quatro horas trinta leguas.

Da medida do pé horario, que se determina mediante as vibrações de um pendulo, quando se praticasse universalmente, diz Pedro Du-Val, (4) que resultariam certas as distancias itinerarias em toda a parte; e já hoje alguns geografos peritos usam deste engenhoso instrumento para regularem sem fallencia as leguas, e interval-os progressivos. (5) Porém em quanto se não observa geralmente, ou não se tomam outras precauções para esta medida, me foi preciso accommodar na assinação das leguas com a vulgar estimativa do Paiz, praticada entre os caminhantes, que mais cursam as estradas: e por isso advirto, que entre nós não merecem muito credito os Itinerarios de Cherubim Stella, João Maria Vidari, e D. Pedro Ponton: não só porque erram os nomes das nossas terras nas poucas viagens, que por este reino descrevem, mas tambem, porque não acertam na medida actual, que ha entre terra, e terra.

Nesta, e nas mais noticias, que pertencem ao nosso reino, são ordinariamente miseraveis os Authores Estrangeiros: (6) porque ou seja por malicia, ou ignorancia, umas vezes escrevem o que não se deve dizer, outras dizem o que não é: e deste defeito fiquei summamente estimulado, quando li no tomo XV, do «Estado presente da Europa» o que seu author escreve modernamente de Portugal. Elle diz o que nunca houve: mistura o antigo com o moderno sem o separar: erra os nomes das pessoas conspicuas, e pouco acerta com a época dos tempos: de uma particularidade tira conclusões universaes para informar ao mundo dos nossos costumes; em fim omitto muitas patranhas, que o author refere, porque não é este o lugar para criticas. E assim tornando á falta das medidas itinerarias, parece-me que se evitaria este inconveniente, se se abraçasse o arbitrio de mandar collocar

(1) Argote nas Antig. da Chancel. de Braga p. 202. (2) Manoel de Azev. Fort. no Modo de fazer as Cartas Geograf. pag. 4. (3) Cluverio na Geograf. Fort. no Engenh. Portug. t. 2. l. 1. c. 6. Fr. Bern. de Brit. na Monarq. Portug. p. 2. l. 5. c. 11. Barreir. na Corograf. fol. 61. (4) Du-Val Trat. do Uso do Gobo, e do Mappa. (5) D. Jorge. Juan. nas Observ. Astronomic. feit. por ordem do rei Filippe V, l. 8. c 1. ha pouco impresso.

(6) Quod siqui exteri res Lusitanas attigerunt, pauci ii sane sunt admodum, idque adeo dubia plerumque fide fecerunt, ut sæpe tota errent via. Metel. in Præfat. ad libr. Osorii de Reb. Emman.

nas entradas, e sahidas das povoações do reino, e de espaço a espaço por todos os caminhos mais frequentados cruzeiros de pedra, em os lados de cujas bazes estivessem numeradas as distancias das leguas, ou dos passos, que ha de um a outro lugar, calculados todos por uma medida certa.

Imitariamos nisto louvavelmente aos Romanos, que assim o usaram para guia dos passageiros por todas as terras do seu Imperio em columnas altas, e grossas: e já elrei D. João V, com advertida providencia fez dar principio a este bem commum, mandando pôr no caminho real de Mafra padrões com letras gravadas em lingua vulgar, que declaram a separação das estradas, e a distancia, que ha d'alli até ás mais proximas povoações.

Parece-me que tenho dado aos leitores a razão, que basta para penetrarem não só os fundamentos da minha idéa, e o caracter da obra, mas poder merecer-lhes tambem a desculpa dos defeitos d'ella, para que talvez concorreram muitos accidentes inevitaveis, os quaes poderá emendar o tempo com a diligencia, que applicar outro qualquer zeloso do bem publico em o desempenho deste projecto.

Passemos agora a dar uma noticia previa, e summaria das vias militares, e pontos, que havia neste reino em tempo dos Romanos. É de saber, que a maior obra publica, mais magnifica, e mais util, que os Romanos fabricaram por todas as terras do seu dominio, foi a das vias militares, ou calçadas, e estradas reaes. Discorriam ellas desde os ultimos fins do Occidente, que era a Lusitania, até além de Babilonia Oriental, e de Norte a Sul desde a Escocia até Africa. Com esta continuada progressão, e serie de caminho hiam pa ar todos como em centro no meio da praça de Roma junto ao Colisseo, onde estava uma baliza, ou meta, que se chamava *Umbilicus Urbis*.

Nas Taboas Geograficas de Peutinger, que vem no fim do tratado doutissimo, que deste assumpto compoz Nicolão Bergier, (1) se observa, que as taes estradas estavam lançadas pelas terras do Imperio Romano da mesma fórma, que vemos descriptos os rumos, ou linhas nas cartas de marear, pelos diversos ramos, que enlaçavam, e faziam pegar uns caminhos com outros caminhos, até pararem nas povoações, a que se dirigiam. A este fim rompiam por entre penhascos, e rochedos, circulavam montanhas, e valles, atravessavam ribeiras, e rios por cima de magestosas pontes, procurando sempre nesta obra verdadeiramente regia a fortaleza d'ella, e a commodidade dos passageiros, que em qualquer tempo, e a qualquer hora, ou fossem a pé, ou a cavallo, nunca achavam embaraço algum.

Eram as estradas pela maior parte espaçosas, cujo pavimento compunham pelo meio pedras pretas, a que chamavam *Silice*, e guarneciam as ourellas outra casta de pedrinhas mais miudas, como cascalho, a que

(1) Apud Bergier tom. 2. Histoire des grands Chemins de l'Empire, in fine.

chamavam *Glarea*, todas perfeitamente unidas umas ás outras; de cuja construcção, arquitectura, e asseio tinham cuidado diversos magistrados, e personagens, a quem os imperadores davam este officio, e superintendencia com o honroso titulo de *Triumviri viarum curandarum*, cujo cargo ainda hoje existe em Roma, restituido á sua antiga magestade por Martinho V, e augmentado por outros Summos Pontifices. (1)

Pelas margens destas estradas se viam collocados de quarto a quarto de legua não só certos poyaes de pedra, para d'elles se montarem a cavallo os passageiros, mas columnas altas, e grossas, em que estava gravado em latim o numero das milhas, que tinham andado, e as que lhe faltavam andar d'alli para diante. De todas estas medidas, e distancias bem calculadas mandaram os imperadores compor um itinerario, de que se extrahio o Codice, que hoje existe, chamado de Antonino, (2) do qual injustamente faz pouco caso o padre Larramendi, como se póde vêr no *Diario de los Literatos de Espana* tom. 2. pag. 16.

Deste itinerario, principiado por Julio Cesar, continuado por Octaviano, publicado por um dos imperadores Antoninos, e aperfeiçoado por Theodosio o Maior, se aproveitavam não só os postilhões para saber onde haviam de pernoitar, e mudar de cavallo, mas servia muito para a jornada dos Pretores, Presidentes, e Legados, que com os seus ministros passavam de Roma a visitar as suas provincias, e conventos Juridicos, e sobre tudo para a marcha das tropas, a cujos cabos se dava sempre um destes itinerarios, ou roteiros para por elle se governarem nas marchas, e saber por onde haviam de ir, e onde haviam de aquartelar-se. (3)

Da magnificencia destas obras Romanas participou o nosso reino em muitas partes d'elle, de que apenas hoje se vêem as suas ruinas. Quanto ás pontes, a que permanece com menos lesão, é a do Tamega, rio, que passa por dentro da Villa de Chaves, e consta de dezaseis arcos, que occupam o comprimento de noventa e dous passos geometricos, tendo de alto trinta e dous palmos craveiros, e de largo vinte e seis, incluindo a grossura do parapeito. (4) E é cousa para reparar, que semelhante edificio se conserve ainda tão fixo ha tantos annos.

Havia tambem a ponte, que os romanos edificaram sobre o rio de Sacavem, cujos vestigios ainda permaneciam no anno de 1570, pois d'elles se lembra o curioso Francisco Dolanda no cap. 7 do seu singular tratado da «Fabrica, que fallece á cidade de Lisboa;» cujo livro, porque

(1) Jacob Cohelli in Notitia Cardinalatus c. 15. Congregat. 16. pag. 96. (2) Plutarc. in vita C. Gracchi Muratori tom. 8. Scriptor. Italic. pag. 474. (3) S. Ambrosio super. Ps. 118. Miles, qui ingreditur iter, viandi ordinem non ipse disponit sibi... sed Itinerarium ab Imperatore accipit, et custodit illud, praescripto incedit ordine, rectaque via conficit iter, ut inveniat commeatuum parata sibi subsidia, etc. O mesmo dizem Zurita, e André Schott no Prefacio do Itinerar. de Antonino: Ducibus vero, militibusque, ac Proconsulibus, et Praetoribus in Provincias proficiscentibus compositum apparet Itinerarium, ne aberrarent á via, etc. Vegecio De Re militar l. 3. c. 6. (4) Monarch. Lusitan. apud. Argote nas Memor de Braga t. 1. l. 2. c. 3 n. 462.

nunca se imprimiu, é visto de bem poucos. E supposto que o reverendo doutor Ignacio Barbosa Machado o allega no seu eruditissimo Tratado Historico-Juridico do «Aqueducto de Lisboa,» é só pela informação, que nós lhe communicámos, e elle poude adquirir da primeira parte do nosso «Mappa de Portugal.» No lugar citado diz pois o tal author, fallando com elrei D. Sebastião: «A primeira das pontes foi sobre o rio de Sacavem, como se vêem claros, e manifestos o começo, e o fim, e esta deve V. Alteza mandar reedificar, porque é proveitosa muito, e tambem para passar por ella a Corte, sem o rodeio de ir ao Tojal.»

Outra ponte fizeram os romanos sobre o rio Tejo em Santarem, de que o mencionado Francisco Dolanda diz, que ainda se conserva alguma memoria nas junqueiras, onde chamam a Terruja, palavra derivada do francez (quando estes occuparam Santarem no tempo de Carlos Magno) de «Torre roxa,» porque era o pégão da ponte de tijolo vermelho, como testifica o mesmo author. Assim de Abrantes, onde diz que estavam os pégões, e montes de pedra, havia outra ponte magnifica; para reedificar as quaes traz o allegado Francisco Dolanda dous desenhos muito bons.

Porém deixando a noticia de outras pontes, e tornando ás vias militares, que os Romanos fabricaram em nossas terras, d'ellas farei aqui resumida lembrança, segundo as expõe o Itinerario de Antonino, aproveitando-me do que ácerca d'este assumpto escreveram o mestre André de Resende nas «Antiguidades da Lusitania,»; o exacto Argote nas «Memorias do Arcebispado de Braga,» e os commentadores de Antonino, accrescentando tambem alguns reparos meus.

§ I—*Da primeira via militar, que de Lisboa sahia para Merida*

Equa bona, Coina 12 mil passos, ou 3 leguas.

Cetobriga, Setubal 12 mil passos.

Ciciliana. Mais depressa me atrevera a dizer, que esta povoação era, onde hoje está Agualva, duas leguas de Setubal, que fazem os 8 mil passos, que lhe dá Antonino, do que Alcaçovas, como querem alguns, pois está muito mais affastada. Resende de Equa-bona passa logo a Ciciliana.

Malceca, Marateca 16 mil passos.

Vasconcellos nos «Escolios a Resende» emenda a distancia d'estes 16 mil passos em 8 mil sómente.

Salacia, Alcacer do sal 12 passos.—Ebora, Evora 44 mil passos.

Estas quarenta e quatro milhas, que o Itinerario de Antonino conta de Alcacere a Evora, fazem onze leguas; mas como bem adverte Gaspar Barreiros na «Corografia pag. 63 v.» comprehendem-se nas nove grandes, que hoje contam os caminhantes de um a outro sitio mencionado.

De Evora passava ao Guadiana, e se mettia em Castella até Merida; mas é de advertir, que o Itinerario de Antonino, conforme o Codice Blandiniano, assigna a este caminho 161 mil passos. O exemplar de Zu-

rita, chamado Napolitano. lhe dá 477 mil. Resende augmenta-o a 203 mil passos, e Vasconcellos a 212 mil.

§ II—*Da segunda via militar para Merida*

Aritio-Pretorio, Benavente, ou Salvaterra 38 mil passos.

Abelterio, Alter do Chão 28 mil passos.

Admira-me achar em todos os Codices do Itinerario de Antonino as vinte e oito milhas de distancia, que são sete leguas entre Benavente, ou Salvaterra, e Alter do Chão; sendo que hoje contamos dezoito leguas de um lugar a outro.

Matusaro, Ponte de Sor 24 mil passos.

Vasconcellos nos «Escolios de Resende l. 3. pag. 249» primeiro põe esta estancia de Matusaro, e depois a de Alter: e parece que assim deve ser, segundo vemos em quasi todos os Mappas, a situação d'estas terras, regulando direitamente a via militar; porém no Mappa antigo de Abrahão Ortelio está primeiro Abelterium, e depois Matusarum.

Ad Septem Aras, Assumar 48 mil passos.

Conforme a arrumação do Mappa de Ortelio, bem se regula o progresso, que descreve o Itinerario de Antonino; porque de Matusarum ao sitio chamado Ad Septem Aras contar-se-hiam as oito milhas; mas se Matusaro é a Ponte de Sor, e Ad Septem Aras a villa de Assumar, devemos dizer, que ou a conta dos 8 mil passos, que lhe dá o Itinerario, está errada, porque devem ser mais, ou que a mudança feita por Vasconcellos está racionavel.

Budua, 12 mil passos.

D'aqui passava a Plagiaria, e se mettia em Merida.

§ III — *Da terceira via militar para Merida*

Jerabrica, Alemquer 30 mil passos.—Scalabin, Santarem 32 mil.—Tubucci, Abrantes 32 mil.—Fraxinum, Alpalhão 32 mil.—Medobriga, Aramenha 30 mil.—Ad Septem Aras, Assumar 14 mil.

D'aqui passava a Plagiaria, e d'ahi se mettia em Merida.

§ IV—*Da via militar, que sahia de Lisboa para Braga*

Jerabrica, Alemquer 30 mil passos.—Scalabin, Santarem 32 mil.—Cellium, Ceice 32 mil.—Conimbrica, Condeixa a Velha 34 mil.—Eminio, Agueda 40 mil.—Talabrica, Aveiro 10 mil.—Langobrica, Feira 18 mil.—Calem, Porto 13 mil.—Bracara, Braga 35 mil.

Esta estrada, como bem adverte o padre Argote tom. 2. l. 3. cap. 9. das «Memorias de Braga,» era quasi a mesma, que ainda hoje se pratica; posto que em algumas partes se difference da romana.

§ V—*Da primeira via militar, que de Braga sahia para Astorga*

Salacia, Salamonde 20 mil passos.—Presidio, Codeçoso do Arco

26 mil.—Caladuno, Ciada 26 mil.—Ad Aquas, Chaves 18 mil.—Pinetum, Val de Telhas 20 mil.—Roboretum. D'aqui para diante sahe fóra de Portugal.

A maior parte d'esta estrada discorria por cima de montanhas, mas por planicies commodas, e para fugir de más passagens, fazia alguns rodeios, d'onde procede não concordar o Itinerario de Antonino nas distancias, que assina a esta via militar com a estrada actual, que hoje se pratica, porque de Braga a Chaves contamos quinze leguas, e o Itinerario da estrada romana conta vinte e duas e meia. Os curiosos, se quizerem, podem vêr a descripção d'esta estrada real no tom. 2. das «Memorias de Braga» do padre Argote, que com especial miudeza a descreve desde pag. 571 até 594.

§ VI—*Da segunda via militar para Astorga*

Aquis Celenis, Fão 165 estadios.—Vico Spacorum, Foz do rio Ancora 195 estadios.—Duo Pontes, Rio de Vigo 150 estadios.

Esta estrada parte d'ella era terrestre, e parte maritima, porque sahindo de Braga, se encaminhava para o rio Cavado, e alli se embarcavam os passageiros, e caminhavam até Aquas Celenas, e por isso estas distancias maritimas se descreviam por estadios.

§ VII—*Da terceira via militar para Astorga*

Salaniana, junto de Viana 21 mil passos.—Aquis Originis, já cahia fóra dos limites de Portugal.

Esta via militar romana, a que hoje chamam a Geira, era uma das mais soberbas estradas, que os romanos fabricaram. Trata d'ella com individuação o padre Argote tom. 2. alleg. 1. 3. cap. 10 e 11.

§ VIII— *Da quarta via militar para Astorga*

Limia, Ponte de Lima 19 mil passos.—Tude, Tuy 24 mil.

§ IX—*Da via militar, que corria de Xerez para Beja*

Balsa, Tavira 24 mil passos.—Ossonoba, Estombar 16 mil.—Aranni, 60 mil.—Rarapia 32 mil.—Ebora, Evora 44 mil.—Serpa, Serpa 13 mil.—Finis, Paimogo 20 mil.—Aruci, Moura 22 mil.—Pace Julia, Beja 30 mil.

A ordem, com que as terras d'esta via estão lançadas no Itinerario de Antonino, está perturbada, como bem advertem os seus expositores, talvez por vicio dos copistas.

De todas estas estradas reaes, ou grandes caminhos, que os imperadores romanos mandaram fazer em Portugal, não existem mais, que umas pequenas memorias em alguns padrões, porque o tempo tudo arruina, e consome, (1) e cada vez mais, pois já hoje não ha memoria da

(1) Resend. de Antiquit Lusit. lib. 3.

via militar, que sahia de Lisboa para Sacavem, e d'aqui discorria até Roma, como Francisco Dolanda observou no anno de 1570, e o escreve no curioso Tratado, que referi acima cap. 7, por estas formaes palavras.

«E não pudera eu crer esta cousa, se quando parti de Lisboa, indo a Roma, logo em Sacavem não achara a via romana, e a ponte quebrada no rio, e nas charnecas de Montargil, alli onde chamam as Mestas, as calçadas de Silice, e em Castella nos barcos d'Alconete, e na antigualha de Capara, e depois em Aragão, Lerida, e Catalunha, e depois em França na cidade de Nimes, onde está o famosissimo Anfiteatro, e memorias dos antigos, e depois em o Fóro de Julio em Provença, em Antibo, e nos Alpes, e por toda a Liguria, e Toscana, sempre achando a mesma calçada, que achei, sahindo de Lisboa, até entrar em Roma.» Porém deixadas estas deploraveis ruinas, passemos ao nosso principal assumpto.

—

DIVISÃO I

Roteiro de Lisboa para as principaes povoações da Provincia da Estremadura

Esta provincia, que, se attendermos á etymologia rigorosa do seu nome, impropriamente conserva, e explica o que tem, porque a sua extrema não é o rio Douro, mas o Mondego, e o Tejo, comprehende-se dentro dos limites de quarenta leguas em todo o seu comprimento, e nas vinte da sua maior largura. É a parte do reino, que fica mais sobranceira, e debruçada para a costa do mar Oceano, que a provê de muito, e saboroso peixe; em tudo o mais é fertil, rica, habitada, cultivada, e capaz das marchas de exercitos; e ainda que tenha algumas terras asperas, são pouco fragosas. Divide-se presentemente em nove comarcas, que vem a ser: Lisboa, Torres Vedras, Alenquer, Leiria, Thomar, Ourem, Santarem, Setubal, e Abrantes. Para as suas principaes povoações deremos os roteiros por jornadas, e as distancias por summarios, e na fórma seguinte:

CAPITULO I

Summario das distancias, que ha de Lisboa aos lugares, e povoações do seu Termo

De Lisboa a

Adeão de cima 1 leg. e 1 q. Adeão de baixo 1 e 1 q. Ado Baço 4 e meia. Alcantara meia. Alfarrobeira 1. Alfornel 1. Alfragide 1 e meia.

De Lisboa a

Algobellas 4 e meia. Alpriate 3. Alvogas 2. N. S. da Ajuda 1. Santo Amaro 3 q. Ameixoeira 1 e 1 q. S. Antonio do Tojal 3. B. Antonio 1. Appellação 2. Arieiro 2. Arranhol 5. Arroios 1 q.

Barçal 1. Barcarena 2. Barril 2 e meia. Barro 2. Barrosa 1 e meia. Barronhos 2. Belem 1. Bemfica 1. Bemposta 4 e 1 q. Bica 1 e meia. Bituaria 4. Boa viagem 2. Bom Successo 1 e 1 q. Bucellas 4. Bucicos 3 e meia. Buraças 1 e 1 q. Burrel 1 e 1 q.

Cabeça de Montach. 3. Calhariz 1. A dos Calvos 3. Calhao 3 q. Camarate 2. Campo grande 1. Campo pequeno meia. Campolide meia. Canessas 2 e meia. A dos Caons 2. Caranque. Carnide 1 e 1 q. Carnexide 2. Cartexaria 4. Carvalhal 4 e meia. Caruncho 2. Castellos 1. Castejal 2 e 1 q Caxoeira 4. Cazainhos 3. Cazal cochim 4 e meia. Cazellas meia. Caxias 1 e meia. Ceiceira grande 4. Ceiceira pequena 4. Ceirogato 2 e meia. Charneca 1 e 1 q. Charneca do Milhar 4. Chellas meia. Codiceira 2 e meia. A dos Comundos 4 e meia. Convalença 3 q. S. Cornelio 1.

Espargueira 3. Espragal 3 e 1 q. S. Estevão das Galés 4.

Filagueira 1. Fanagueira 1. Fanhões 3. Feteira 1 e 1 q. Freixeiras. Freixial 4 e 1 q. Frielas 2 e meia.

A dos Gallegos 4 e meia. A dos Gudeis 4 e meia. Granja de Alpriate 3. Grillo 3 q.

S. João dos Montes. S. João da Talha 2 e meia. S. Joseph. de Ribam. 1 e meia. Jamor 2. Santa Iria 2 e meia. S. Julião do Tojal 2 e meia. Junqueira 3 q. Jurumello 4.

Laranjeiras meia. Lage 2 e 1 q. Leão 2. Lecea 2. Laveiras 2 e 1 q. A dos Limões 4 e meia. Loures 2. Loural 4 e meia. Louro 1. Louriceira 4 e meia. Louza 2 e meia. Lumiar 1 e meia. N. S. da Luz 1.

Maia 1 e 1 q. Malforno 4 e meia. Marnotas 2 e meia. Marvilla 3 q. Mato 4 e meia. Mealhada 1 e 3 q. Melessas 2 e meia. Milharado 4. Mira 1. A dos Molhados 4 e meia. Moita 4 e meia. Moitellas 4 e meia. Monsanto meia. Montinel 1 e 1 q. Morzinheira 4 e meia. Murgalhal 2 e 1 q. Murtal. Murteira 2.

Ninha a postora 2. Ninha a velha 2. Noidel 1.

Odivellas 1 e meia. Oeiras 3. Olivaes 1 e meia. Oliveiras meia. Outorella 2. Outeiro 1. Outeiro das Doudas 4 e meia.

Paço d'arcos 2 e meia. Palhavã meia. Panasqueira 1. Pedrouços 1 e 1. q. Penedo 1. Pero negro 4 e meia. Pimenteira meia. Pinheiro 1. Pinteos 2 e 3 q. Poço do Bispo 3 quart. Pombaes 1 e meia. Porcalhota 1 e meia. Portella 1. Povoa de S. Adrião 1 e meia. Povoa da Gallega 4. Povoa de S. Martinho 3. Pouzada 4. Porto salvo 1 e meia. Preza 1. Prizinheira 4.

Queluz 2. S. Quintino 5.

De Lisboa a

Reboleira 1 e meia. Reis 3 quart. Ribeira de baixo 2. Ribeira de cima 2. A da Rolia 4. Ribas 3. Rego meia. S. Romão. Romeiras 2.

Sete rios meia. Sacavem 2. Santiago dos velhos 5. Sapataria 4 e meia. Sarreira 4 e meia. Silveira 4 e meia.

Terrugem 2 e meia. Tilheiras 1. Tojal 3. Tojalinho 2. Torcena 2. Torneiro 2 e 1 q. Torre da Bizoeira 3. Trigache 1 e meia.

Valejos 2. Via longa 3. Verdelha 3. Villa verde 4 e meia. Vinteira 1 e meia. Villa de rei 4 e 1. q.

Unhos 2 e meia.

Xabregas meia. Xamboeira 4 e 1 q.

Outros muitos sitios de varios nomes tem o termo da cidade de Lisboa, que pelos occuparem poucos moradores, não se faz aqui menção d'elles.

CAPITULO II

Roteiro de Lisboa para a villa de Torres Vedras, em que se contam sete leguas ao Norte

De Lisboa ao Lumiar 1. Do Lumiar a Loures 1. A' Cabeça de Montachique 1. A' Povoa 1. A' Enxara dos Cavalleiros 1. A' Cadreceira 1. A Torres Vedras 1.

§ I—*Roteiros traversos de Torres Vedras para as principaes terras circumvisinhas, e primeiramente para a villa das Caldas, em que se contam seis leguas ao Norte.*

De Torres ao Ramalhal 1. Do Ramalhal a S. Gião 1. A N. S. da Misericordia 1. A' Roliça 1 A' Villa de Obidos 1. A's Caldas 1.

§ II—*Roteiro de Torres Vedras para a villa de Mafra, em que se contam tres leguas ao Sudueste*

De Torres a Azueira 1. Da Azueira ao Gradil 1. A Mafra 1.

§ III—*Roteiro de Torres Vedras para a villa de Alemquer, em que se contam quatro leguas ao Leste*

De Torres á Serra de S. Gião 1. A' Ald. Galeg. da Mercian 1. A' Espiçandeira 1. A Alemquer 1.

§ IV—*Roteiro de Torres Vedras, para a villa de Peniche, em que se contam quatro leguas ao Noroeste*

De Torres ás pont. de Vill. Fac. 1. Lourinhã 1. Cruz da Lagoa 1. Peniche 1.

§ V—*Roteiro de Torres Vedras para a villa da Ericeira, em que se contam tres leguas ao Oeste*

De Torres á Ponte do Rol 1. A' Labogeira 1. A' Ericeira 1.

§ VI—*Roteiro de Torres Vedras para a villa do* Cadaval, *em que se contam quatro leguas ao Nordeste*

De Torres ao Ramalhal 1. Cabeça de Bombarral 1. Venda de Fernão da Cunha 1. Cadaval 1.

§ VII—*Roteiro de Torres Vedras para a villa da* Alhandra, *em que se contam cinco leguas ao Sueste*

De Torres á Ribaldeira 1. Aos Chãos de estira corda 1. Arruda 1. Alhandra 2.

O mesmo é para Alverca; e dos Chãos de estira corda se divide o caminho para Villa Franca, Povos, e Castanheira, e d'alli para qualquer destas villas fazem duas leguas.

§ VIII—*Roteiro de Lisboa para a villa de* Mafra, *em que se contam seis leguas ao Noroeste*

De Lisboa a Loures 2. A' Cabeça de Montachique 1. Ao Pinheiro da Seiceira 1. A' Abrunheira 1. A Mafra 1.

No tempo de verão se vai tambem por Odivellas.

§ IX—*Summario das distancias, que ha de Torres Vedras ás terras da sua correição*

De Torres Vedras a

Alhandra 4 para o Suest. Alverca 4 para o Suest. Arruda 3 para Lest. Bellas 6 para Sud.

Cadaval 4 para Nord. Cascaes 8 para Sud. Castanheira 5 para Lest. Chileiros 3 para Sud. Collares 7 para Sud.

Enxar. dos Cavall. 2 para Suest. Ericeira 3 para Sud.

Lourinhã 3 para Nort.—Mafra 3 para Sud.—Povos 4 para Suest.—Sobr. demont. agr. 2 para Suest.

Villa Franca 5 para Suest. Villa Verde 3 para Nord.

CAPITULO III

Roteiro de Lisboa para a villa de Alemquer, *em que se contam oito leguas ao Norte*

De Lisboa ao Campo grande 1. Do Campo grande a Bucellas 4. De Bucellas a Alemquer 3.

Por outro caminho

De Lisboa a Sacavem 2. De Sacavem a Alverca 2. De Alverca á Castanheira 4. Da Castanheira a Alemquer 2.

§ I—*Summario das distancias que ha da Villa de Alemquer ás terras principaes da sua correição*

De Alemquer a

Aldea Galleg. da Merc. 2 Nort.
Caldas 6 Nort. Chamusca 7 Lest. Cintra 9 Sud.
Obidos 5 Nort.—Selir do Porto 7 Nort.—Ulme 7 Nord.

§ II — *Summario das distancias, que ha da villa de Alemquer não só aos lugares do seu termo mas á villa de Torres Vedras*

De Alemquer a		T. Vedr.	De Alemquer a		T. Vedr.
Santa Anna	meia.	3 e m.	Labrugeira	1 e m.	2 e m.
Abrigada	1	3 e m.	Mata do Pereir.	1 e m.	2 e m.
Antas	1 e q.	3 e m.	Mato	1	3
Aparel	1 e m.	3 e m.	Meca	1	4
Atoug. das Cabr.	1 e m.	4 e m.	Memvezinho	1 e m.	3
Azedia	1	3	Moinh. do vent.	1	3
Bairo	1	4 e m.	Moita	1	4
Bufuaria	1	3	Monsaravia	1 e m.	3
Caban. do Cham.	1	3 e m.	Monte de leg.	1 e m.	5
— de Torres.	1 e m.	3 e m.	Montougil	1	3 e m.
Cachoeiras	2	4	Olhavo	1 e q.	3
Cadafaes	1	4	Ota de cima	1	5
Canados	meia.	3 e m.	— de baixo	1	5
Carneiros	1	3	Palaios	1 e m.	2 e m.
Carnota	1		Palhacana	1 e m.	
Carregado	1	5	Pancos	1 q.	3 e 3 q
Camarnal	meia.	4 e m.	Paul	1	
Carvalhal	meia.	3 e m.	Penados	1 e m.	3
Casaes	1	4 e m.	Pedra do ouro	meia.	4
Corsoaria	1		Pent. firm. da vet.	2	2 e m.
Espiçandeira	1 e m.	3 e m.	— da mata	1	3 e m.
Estrabeiro	1	3 e m.	Pereiro	1 e m.	2 e m.
Folhandal	meia.	3 e m.	Pipa	1	3
Gataria	1	3	Porcariça	1 e q.	3
Gavinheira	1	3	Porto	1 q.	3 e 3 q
Guizandaria	1	5	Prateiro	1	3

De Alemquer a		T. Vedr.
A dos Quentes	2	
Santa Quiteria	1	
Refugidos	meia.	4
Ribafria	1 e m.	2 e m.
Serra	1	4
Silv. da Mach.	1	3 e m.
— do Pinto	1	3
Sopo	1	3

De Alemquer a		T. Vedr.
Tojal	1 e m.	3
Torre derrub.	meia.	4
Val de Figueir.	meia.	3 e m.
Valverde	1 e m.	3
Ventosa	2	
Villa Nova da Rainha	1	5

§ III—*Roteiro de Lisboa para a villa das* Caldas, *em que se contam quatorze leguas ao Norte*

De Lisboa a Loures 2. A' Cabeça de Montachique 1. Povoa 1. Enxára dos Cavalleiros 1. Mata da Guerra 1. Torres 2. S. Gião 2. Azambujeira 2. Obidos 1. Caldas 1.

Pelas estradas de Runa fazem só treze leguas, que é, passada a Mata da Guerra, tomar a estrada da mão direita, ir a Runa, e sahir á Bugalheira, e assim se evita uma legua.

Por outro caminho, indo pelas villas

De Lisboa a Sacavem 2. De Sacavem a Alverca 2. Alhandra 1. Villa Franca 1. Povos 1. Castanheira 1. Moinho novo 1. Ota 1. Cercal 2. Sancheira 2. Caldas 1.

Esta jornada tambem se faz pelo Tejo acima até Villa Nova da Rainha, em que se contam nove leguas, e d'ahi se segue a mesma viagem.

§ IV—*Roteiros traversos das Caldas para algumas terras circumvizinhas, e primeiramente para a cidade de* Leiria, *em que se contam nove leguas ao Nordeste.*

Das Caldas a Selir do Mato 1. A Charnais 1. Valbom 1. Alcobaça 1. Aljubarrota 1. Cruz da legua 1. Batalha 1. Leiria 2.

§ V — *Roteiro das Caldas para* Santarem, *em que se contam sete leguas ao Leste*

Das Caldas á Fanadia 1. Á Mata d'Albergaria 1. Rio Maior 1. Escusa 1. Malhaqueijo 1. Pero Filho 1. Santarem 1.

§ VI—*Roteiro das Caldas para* Peniche, *em que se contam quatro leguas ao Oeste*

Das Caldas a Obidos 1. Ao Furadouro 1. Á Atouguia 1. A Peniche 1.

CAPITULO IV

Roteiro de Lioboa para a cidade de Leiria, *em que se contam vinte e tres leguas ao Norte*

De Lisboa a Sacavem 2. De Sacavem até Ota 8. De Ota a Tagarro 2. A' Venda da Agua 1. A' venda da palhoça 1. A' Venda da Costa 1. Aos Candieiros 1. Ao Moliano 2. A' Venda dos Carvalhos 2. A S. Jorge 1. A Leiria 2.

Esta jornada ordinariamente se reputa por vinte e duas leguas, e assim se paga, por serem pequenas as leguas das villas. Note-se que nesta estrada desde a Venda da Costa até á Venda dos Carvalhos é má a passagem, por ser pelo pé da serra: não fallando no Moinho Novo, e no Carregado, que em tempo de inverno é trabalhoso.

§ I—*Roteiro de Leiria para* Coimbra, *em que se contam doze leguas ao Norte*

De Leiria á Vend. dos Machad. 1. D'aqui á Venda do Gallego 1. A' Venda da Boiça 1. A' Venda Nova 1. A' Villa do Pombal 1. A' Villa da Redinha 2. A Porto Qualheiro 1. Ao Cartaxo 1. A Condeixa 1. A Coimbra 2.

Tem alguns ribeiros arrebatados no tempo de inverno.

§ II—*Summario das distancias, que ha de Leiria para as terras da sua correição, e algumas mais circumvizinhas*

De Leiria a

Alcobaça 5 Sud. Alfeizerão 7 Sud. Aljubarrota 4 Sud. Alpedriz 3 Sud. Alvorninha 8 Sud. Atouguia 12 Oest. Batalha 2 Sud. Santa Catharina 3 Sud. Cellas 6 Sud. Coz 3 Sud. Ega 9 Nort. Evora de Alcob. 5 Sud. S. Martinho 7 Sud. Maiorga 4 Sud. Obidos 10 Sud. Ourem 4 Lest. Pederneira 5 Sud. Peniche 11 Sud. Pombal 5 Nord. Porto de mós 3 Sud. Povoa de Mont. 2 e meia. Redinha 7 Nort. Selir do mato 8 Sud. Soure 6 Nort. Turquel 6 Sud.

CAPITULO V

Roteiro de Lisboa para a villa de Thomar, *em que se contam vinte e duas leguas ao Nordeste*

De Lisboa a Santarem 14. A' Cruz da entrad. 1. D'ahi a Alviella 1. Depois á Azinhaga 1. A' Gollegã 1. Ponte de Pedra 1. Val de Tancos 1. Guerreira 1. A Thomar 1.

Pelo caminho de Pernes, em que se contam as mesmas vinte e duas leguas, mas é peior estrada.

De Lisboa a Santarem 14. A Pernes 3. A' Zibreira 1. A Torres Novas 1. Ao pé de cão 1. A Paialvo 1. A Thomar 1.

§ I — *Roteiros traversos de Thomar para algumas terras circumvizinhas, e primeiramente para* Abrantes, *em que se contam quatro leguas ao Sueste*

De Thomar a S. Pedro 1. Dahi a Martinchel 1. Á Amoreira 1. A Abrantes 1.

A mesma jornada por Punhete, em que se contam cinco leguas com passagem no Zezere.

De Thomar á Guerreira 1. Ao Monte do Seixo 1. A Punhete 1. Ao Campo da Amoreira 1. A Abrantes 1.

§ II — *Roteiro de Thomar para* Leiria, *em que se contam sete leguas ao Noroeste*

De Thomar a Val dos Ovos 1. A Alcochete 1. Á Aldea da Cruz 1. Ao Homem morto 1. A Sete rios 1. A Leiria 2.

A mesma jornada por Gondomarias, em que se contam as mesmas sete leguas, é peior estrada.

De Thomar a Val dos Ovos 1. Alcochete 1. Pinheiro 1. Gondomarias 1. Sete rios 1. Leiria 2.

§ III — *Roteiro de Thomar a* Coimbra, *indo por Alvaiazere, por onde costuma ir o correio, em que se contam treze leguas ao Norte*

De Thomar á Venda Nova 1. A Ceras 1. Ao Pereiro 1. Alvaiazere 1. Venda das Papas 1. Venda do Negro 1. Anciam 1. Junqueira 1. Rabaçal 1. Fonte cuberta 1. Alcabideque 1. Venda do Cego 1. A Coimbra 1.

A mesma jornada pela Perucha, em que se contam as mesmas treze leguas; mas é estrada melhor para o tempo de verão, que de inverno.

De Thomar a Val dos Ovos 1. A Chão de maçans 1. A rio de couros 1. A Perucha 1. Ao Arneiro 1. A' Pulga 1. A Ancião 1.

Daqui para diante corre a mesma estrada, como no roteiro acima.

A mesma jornada, indo pelo Cabasso, em que se contam as mesmas treze leguas, e é peior caminho, a saber:

De Thomar á Venda Nova 1. Ao Pereiro 2. Ao Cabasso 1. A' Venda do Barqueiro 1. A' Tojeira 1. A' Venda das Figueiras 1. A's Vendas dos Moinhos 1. Ao Pastor 1. A Pudentes 1. A Chão de Lamas 1. A Coimbra 1.

§ IV — *Roteiro de Thomar para* Castello-Branco, *por Villa de Rei, em que se contam quinze leguas ao Nordeste*

De Thomar ás vend. dos Reis 2. Daqui á Barca 1. A' Villa de Rei 1. A Cardigos 2. A' Cortiçada 2. A' Sobreira 1. A Monte gordo 2. A Sarzedas 1. A Castello-Branco 3.

Para todas estas terras vai correio.

§ V—*Roteiro de Thomar para* Ourem, *em que se contam tres leguas ao Noroeste*

De Thomar ao Val dos Ovos 1. A Chão de Maçans 1. A Ourem 1.

§ VI — *Summario das distancias, que ha de Thomar ás Villas da sua Correição*

De Thomar a

Abiul 5 Nor. Aguas Bellas 2 Lest. Aguda 5. Alváres 10 Lest. Alvaro 12 Lest. Amendoa 4 Lest. Arêga 5 Nort. Assinceira 1 e m. Lest. Atalaya 3 Sul.

Chão de couce 6.

Dornes 3 e m. Nort.

Ferreira 2 e m. Suest. Figueiró dos Vin. 6 Nort.

Maçans de camin. 5 Nort. Mação 7 Suest.

Pampilhosa 12 Nord. Paio de Pelle 3 Sul. Pedrogão grande 8 Nort. Pias 3 Nort. Ponte do Sor 10 Suest. Punhete 3 Suest. Pussos 4 Nort.

Sardoal 5 Suest. Sovereira formosa 7 Nord.

Tancos 3 Sul.

Villa de Rei 4 Suest.

§ VII — *Roteiro de Lisboa para* Figueiró dos Vinhos, *em que se contam vinte e oito leguas ao Nordeste*

De Lisboa a Santarem 14. De Santar. ao Borrado. 1 e m.

A' Ponte d'Alviella meia. A' Ponte d'Almonda 1. A' Golegã 1. A' Atalaya 1. A' Assinceira 1 e m. A' Garreira meia A Thomar 1. Ao Pintado 1. A Seras e Frexo 1. Ao Pereiro 1. Ao Rego da murta meia. A Cabaços meia. A' Arega 1. A Figueiró 1.

Esta jornada tambem se faz embarcando-se em Lisboa, e caminhando até Tancos, em que se contam dezanove leguas, e dahi pela Assinceira se segue a mesma derrota.

CAPITULO VI

Roteiro de Lisboa para a villa de Abrantes, *em que se contam vinte e tres leguas ao Nordeste*

De Lisboa até Santarem 14. De Santarem ás Barrocas 1.

A' Ponte d'Alviella 1. A' Ponte d'Almonda 1. A' Golegã 1. A' Cardiga 1. A Tancos 1. A Punhete 1. A Abrantes 2.

Entre Tancos, e Punhete passa o rio Zezere, que tem barca sempre de verão, e de inverno.

§ I—*Roteiros traversos de Abrantes para algumas terras circumvizinhas, e primeiramente para* Castello-Branco, *em que se contam quatorze leguas ao Nordeste*

De Abrantes ao Penascoso 3. Do Penascoso ao Mação 1. A's Vendas Novas 2. Ao Perdigão 3. Aos Amarellos 3. A Castello-Branco 2.

§ II—*Roteiro de Abrantes para a cidade de* Evora, *em que se contam dezoito leguas ao Sul*

De Abrantes ao Azedo 2. Do Azedo á Ponte do Sor 3. A' Galvea 2. A Santa Margarida 2. A Cabeção 2. A Pavia 1. A Arrayolos 3. A Evora 3.

Por outra estrada

De Abrantes ao Azedo 2. A' Ponte do Sor 3. A' Galvea 2. A Avis 2. Á Casa branca 2. Ao Vimieiro 2. A Santa Justa 2. A Evora 3.

§ III—*Roteiro de Abrantes para a villa de* Estremoz, *em que se contam quinze leguas ao Sueste*

De Abrantes ao Azedo 2. Dahi á Ponte de Sor 3. A Benavilla 3. Ao Ervedal 2. Ao Cano 2. A Estremoz 3.

Na Ponte do Sor ha uma ribeira, que de inverno admitte passagem em barca para qualquer parte; as outras ribeiras tem pontes.

§ IV—*Roteiro de Abrantes para a cidade de* Portalegre, *em que se contam doze leguas ao Leste*

De Abrantes á Casa branca 3. Dahi ao Gavião 1. A Tolosa 3. A Gafete 1. A Alagoa 2. A Portalegre 2.

CAPITULO VII

Roteiro de Lisboa para a villa de Santarem, *em que se contam quatorze leguas ao Nordeste*

De Lisboa a Sacavem 2. De Sacavem á Povoa 1. A Alverca 1. A Alhandra 1. A Villa Franca 1. A Povos 1. A' Castanheira 1. A Villa-Nova 1. A' Azambuja 1. Ao Cartaxo 2. A Santarem 2.

§ I — *Roteiro de Santarem para Coimbra. em que se contam vinte e tres leguas ao Norte*

De Santarem a Tremes 3. De Tremes a Abrahão 2. A Porto de Mós 3. A Leiria 3. De Leiria aos Machados 1. Ao Pombal 4. A' Redinha 2. A Porto Coelheiro 1. A' Condexa 2. A Coimbra 2.

*

Por outro caminho, em que se contam vinte e uma leguas, a saber :

De Santarem á Golegã 4. A Paialvo 3. A chão de maçãs 2. A's Cacharias 1. Ao Pombal 4.

Daqui para diante se segue a mesma derrota.

§ II—*Summario das distancias, que ha da villa de Santarem ás villas da sua correição*

De Santarem a

Alcanede 4 para Nor. Alcoentre 4 para Poent. Almerim 1 para Suest. Aveiras de cima 4 para Sud. Aveiras de baixo 3 e m. a Sud. Azambuja 4 para Sul. Azambujeira 2 para Poent.

Erra 7 para Sud.—Golegã 4 para Nord.—Lamarosa 6 para Suest. Monte argil 7 a Lessuest. Mugem 2 para Sul.

Salvaterr. de Mag. 4 para Sul. — Torres Novas 5 para Nord.

§ III—*Summario das distancias que ha da villa de Santarem a alguns lugares do seu Termo*

De Santarem a

Adovagar 3. Agua Peneira 2. Albergaria 2. Alcaidaria 2. Alcanhoins 1. Alcobacinha 1 e m. Alcoentrinho 3. Alforzomel 2. Almoster 2. Alpiarça 1. Aramenha 1. Arrifana 3. Arrezario 2. Arneiro dos Borralh. 1 e meia. Arruda 3. Atalaya 2. Azinhaga 3. Azinheira 3 e meia. Azoia debaixo 1. Azoia de cima 3. Alfouvres 2.

Bairro falcão 2. Bompalreu 2 e meia.

Cabanas 1 e meia. Caila 3. Caparota 2. Carrapateira 2. Carrigueira 4. Carvalho 2. Cartaxo 2. Casal de Santa Maria 2. Casal do Paul 1 e meia. Casaes 1 e meia. Casaes de S. Braz 3. Casaes dos Cardiaes 1 e meia. Casaes de Porto mão 1. Caxalinhos 2. Chouto 4. Corredoira 2. Correas 3. Casevel 3. Chamusca 3. Comeira 3. Curutello 1.

Detrás da Serra 5. D. Belida 2. D. Constança 3.

Eireira 3. — D. Fernando 1 e meia. — Fontainhas meia. Fonte da Pedra 2.

Grainho 1. Gucherre 2.

S. João da Ribeira 3. Joaninho 2.

Lamarosa 3. Lobo morto 4. Louriceira 2. Lourosa 3.

Maçussa 3. Malhaqueijo 2. Marmelheira 3. Monchão 2. Monsarias 1 e meia.

Nabaes 2. — Oiteiro da Vargea 1.

Pero filho 1. Pé da Serra 5. Pimenteira 1. Pombal 2 e meia. Pontével 3. Porto de Mugem 2. Pousas 3. Povoa dos Gallegos 1 e meia. Povoa Nova 1 e meia. Povoa de trez 3. Povoa do Baixinho 1 e meia.

De Santarem a

Ribeira de S. João 3. Ribeira de Mugem 3. Ribeira de Pernes 3. Rio Maior 4. Romeira 1 e meia.

Senterra 3. Soudos 1 e meia. Sourisso 3.

Tanquinhos 6. Torre do Bispo 2. Tojosa 2. Topineira 3. Tremes 3.

Vallada 3. Valle 1. Val de Figueira 1 e meia. Val de Donzellas 1. Val de Cavallos 2. Val de Pinta 3. Vaqueiros 4. Ventozella 3. Verdelho 2. Villa gateira 1. Vil. Nova d'Almost. 3. Vitureira 2. Virtudes 3 e meia. — Ulme 3.

§ IV—*Roteiro de Lisboa para a villa de* Torres-Novas, *em que se contam dezanove leguas ao Nordeste*

De Lisboa a Sacavem 2. De Sacavem á Povoa 1. Da Povoa a Alverca 1.

E daqui pela mesma estrada, que assinámos até Santarem, e de Santarem a Torres-Novas, que fazem cinco leguas.

Por outro caminho, em que se contam vinte leguas.

De Lisboa a Loures 2. De Loures ao Trocifal 4. A Torres Vedras 1. Ao Ramalhal 2. A Martim Joannes 1. A' quinta de D. Durão 1. A' Venda da Pia 1. A Rio maior 1. A Alcanede 3. A Torres Novas 4.

§ V—*Summario das distancias que ha da villa de Torres Novas para algumas terras circumvizinhas*

De Torres-Novas a

Abrantes 5 Sueste. Aceisseira 2 Lest. Atalaya 1 Nord. Golegã 1 Sul. Leiria 7 Nort. Porto de Mós 4 Noroest. Punhete 3 Sueste. Ourem 3 Nort. Santarem 5 Suduest. Tancos 2 Sueste. Thomar 3. Nordest. Ulme 4 Sul.

CAPITULO VIII

Roteiro de Lisboa para Setubal, *em que se contam seis leguas ao Sul*

De Lisboa á Moita por mar 3. Dahi aos Olhos da agua 1. Dahi a Palmella 1. A Setubal 1.

Por outro caminho

De Lisb. a Alhos Vedr. por mar 2 e m. Dahi aos Olhos da agua 1 e m. Dahi a Setubal 2.

Por outro caminho

De Lisb. ao Barreir. por mar 2. Dahi a S. Anton. da Charneca 1. A' Barra cheia 1. A Palmella 1. A Setubal 1.

Por outro caminho

De Lisb. a Coina por mar 3. Dahi a Azeitão 1 e m. Dahi a Setubal 1 e m.

Por outro caminho

De Lisboa ao Seixal por mar 2. Dahi a Coina 1. De Coina a Setubal 3.

Por outro caminho

De Lisboa a Cassilhas por mar 1. Dahi ao rio do Judeo 1 e m. Dahi a Coina 1 e m. Dahi a Setubal 3.

§ I—*Roteiro de Setubal para* Monte-mór o Novo, *em que se contam onze leguas ao Nascente*

De Setub. a Aguas de Moura 3. Dahi á Landeira 1. A Cabrella 3. A's Silveiras 2. A Monte-mór 2.

Por outro caminho

De Setubal ao Espilra 4 e m. Dahi ás Vendas Novas 2 e m. Dahi ás Silveiras 2. A Monte-mór 2.

§ II—*Roteiro de Setubal para* Alcacer do Sal, *em que se contam sete leguas ao Sueste*

De Setub. a Aguas de Moura 3. A Palma 2. A Albergue 1. Alcacer 1.

§ III—*Summario das distancias, que ha de Setubal ás villas da sua Correição*

De Setubal a

Alcacer do Sal 7 Sul. Alcochete 4. Nort. Aldea Gallega 4 Nort. Alhos Vedros 3 Nort. Almada 6 Noroest. Azeitão 1 e m. Nort. Barreiro 4 Noroest. Cabrella 7. Çamora Correa 8 Nordest. Canha 7 Lest. Cezimbra 4 Oest. Coina 3 Noroest. Grandola 12. Lavradio 4 Noroest. Moita 3 Nort. Palmella 1 Nordest.

—

DIVISÃO II

Roteiro de Lisboa para as principaes terras da Provincia do Alemtejo

Chama-se esta provincia Alemtejo, ou Transtagana, por ficar da outra parte do rio Tejo a respeito da cidade de Lisboa. Divide-se dos rei-

nos de Castella, especialmente da sua Estremadura, pela parte do nascente, e por este lado tem de comprimento quarenta leguas, contando desde Mertola a Montalvão. Pela banda do sul confina com a provincia, e reino do Algarve, de quem o separa a Serra de Monchique, logrando por esta raia só vinte leguas pouco mais, ou menos de largura. Ao poente lhe fica o mar Oceano servindo de margem, e pelo norte o aparta o Tejo da Beira, e Estremadura portugueza.

É a mais plana entre as outras provincias do reino, de menos montes, e poucos rios, mas de grandes charnecas; abundante de pão, caça, e vinho, e por isso com grande commodidade para sustentar exercito moderado, tendo servido por varias vezes o seu terreno de theatro da guerra, de que procede conservar lugares, e praças de armas muito bem fortificadas. Tambem é a provincia, por onde se póde caminhar por postas, e a que tem melhores estalagens, e mais bem providas para commodo dos passageiros. Consta de oito comarcas, para as quaes daremos roteiros utilissimos.

CAPITULO I

Roteiro de Lisboa para a cidade de Evora, *em que se contam vinte leguas ao Sueste*

De Lisboa a Aldea Gallega 3. D'ahi aos Pégões 5. A's Vendas Novas 3. A's Silveiras 2. A Monte-mór o Novo 2. A Patalim 2 e m. A Evora 2 e m.

§ I — *Roteiros traversos de Evora para outras povoações circumvizinhas, e primeiramente para a* Moita, *em que se contam dezoito leguas ao Poente*

De Evora a Monte-mór 5. D'ahi ás Silveiras 2. A' Cabrella 2. A Aguas de Moura 3. A' Moita 6.

§ II — *Roteiro de Evora para* Alhos Vedros, *em que se contam dezoito leguas e meia ao Poente*

De Evora a Monte-mór 5. D'ahi ás Silveiras 2. A Aguas de Moura 5. A Alhos Vedros 6 e m.

§ III — *Roteiro de Evora para o Lavradio, em que se contam doze leguas ao Poente*

De Evora a Monte-mór 5. A's Silveiras 2. A's Vendas Novas 2. A Aguas de Moura 3. Ao Lavradio 7.

§ IV — *Roteiro de Evora para o* Barreiro, *em que se contam dezanove leguas e meia ao Poente*

De Evora a Monte-mór 5. A's Silveiras 2. A's Vendas Novas 2. A Aguas de Moura 3. Ao Barreiro 7 e m.

§ V—*Roteiro de Evora para* Cacilhas, *em que se contam vinte e uma leguas ao Poente*

De Evora a Monte-mór 5. D'ahi ás Silveiras 2. A's Vendas Novas 2. A Aguas de Moura 3. A Palmella 3. A Cacilhas 6.

§ VI—*Roteiro de Evora para* Almada, *em que se contam vinte e duas leguas ao Poente*

De Evora a Monte-mór 5.

E d'ahi segue a mesma estrada até Palmella, que fazem quinze leguas: e de Palmella até Almada, que fazem sete, e por todas as vinte e duas.

§ VII—*Roteiro de Evora para* Setubal, *em que se contam dezaseis leguas ao Poente*

De Evora a Monte-mór 5. D'ahi ás Silveiras 2. D'ahi a Setubal 9.

§ VIII—*Roteiro de Evora para* Alcacer do Sal, *em que se contam nove leguas ao Poente*

De Evora á Torre da Gesteir. 2. A Santiago do Escoiral 2. A Rio Mourinho 2 e m. A Alcacer do Sal 2 e m.

§ IX—*Roteiro de Evora para* Garvão, *em que se contam dezoito leguas ao Sul*

De Evora a Aguiar 4. D'ahi a Viana 1. A Villa Nova 1. A Ferreira d'Aves 3. Aos Longueiros 2. A Aljustrel 2. A' Defeza 3. A Garvão 2.

Nesta jornada entre os Longueiros, e Aljustrel se tem de passar a ribeira chamada do Roxo.

§ X—*Roteiro de Evora para* Mertola, *em que se contam vinte leguas ao Sul*

De Evora a Aguiar 4. A Agua de Peixes 2. A Villa Ruiva 1. A' Cuba 1. A Beja 3. Ao Valcovo 8. A Mertola 1.

Nesta derrota se passam algumas ribeiras, e rios, o Garavia, o Tegrés, e o Cobres.

§ XI—*Roteiro de Evora para* Serpa, *em que se contam doze leguas ao Sul*

De Evora á Torre dos Coelheir. 3. A Benalvergue 2. A' Vidigueira 2. A Serpa 5.

Passam-se nesta jornada as ribeiras Morteira, e de Peixes.

§ XII—*Roteiro de Evora para* Moura, *em que se contam onze leguas ao sueste*

De Evora a S. Mig. do Machede 1. A Monte de trigo 3. A Amieira 2. A Alqueva 1. Ao rio Guadiana 2. A Moura 2.

§ XIII—*Roteiro de Evora para* Mourão, *em que se contam nove leguas ao nascente*

De Evora á Vendinha 5. D'ahi ao Reguengo 1. D'ahi ao Mourão 3. Passa-se por aqui o rio Guadiana, que divide as duas villas Monsarás, e Mourão fronteiras, e uma legua distantes.

§ XIV—*Roteiro de Evora para* Elvas, *em que se contam doze leguas ao nordeste*

De Evora a Evora Monte 4. A Estremoz 2. A Elvas 6.

§ XV—*Roteiro de Evora para* Olivença, *em que se contam doze leguas ao nascente*

De Evora ao Alandroal 7. A Jurumenha 3. A Olivença 2.

§ XVI—*Roteiro de Evora para* Campo-maior, *em que se contam quatorze leguas ao nordeste*

De Evora a Estremoz 6. A Campo-maior 8.

§ XVII—*Roteiro de Evora para* Portalegre, *em que se contam quatorze leguas ao nordeste*

De Evora a Souzel 7. A Fronteira 2. A Portalegre 5.

§ XVIII—*Roteiro de Evora para a* Ponte do Sor, *em que se contam quatorze leguas ao norte*

De Evora ao Vimieiro 5. A Avis 4. A' Ponte do Sor 5.

§ XIX—*Roteiro de Evora para* Tancos, *em que se contam dezanove leguas ao norte*

De Evora a Arraiolos 3. A Pavia 3. A Cabeção 1. A Montargil 3. A Tancos 9.

§ XX—*Roteiro de Evora para* Santarem, *em que se contam doze leguas ao noroeste*

De Evora a Monte-mór 5. A Lavre 3. A Coruche 4.

§ XXI—*Roteiro de Evora para* Benavente, *em que se contam dezasete leguas ao noroeste*

De Evora a Monte-mór 5. A's Silveiras 2. A's Vendas Novas 2. A Benavente 8.

§ XXII— *Roteiro de Evora para* Coruche, *em que se contam doze leguas ao noroeste*

De Evora a Monte-mór 5. A Lavre 3. A Coruche 4.

§ XXIII—*Roteiro de Evora para* Marvão, *em que se contam dezaseis leguas ao nordeste*

De Evora a Souzel 7. Á Fronteira 2. A Portalegre 5. A Marvão 2.

§ XXIV—*Summario das distancias, que ha de Evora ás villas da sua correição*

De Evora a

Aguias 7 Noroest. Alcaçovas 5 Suduest. Canal 6 Lesnord. Estremoz 6 Nordest. Lavre 8 Poente. Monte-mór 5 Noroest. Montouto 5 Nascente. Pavia 6 Noroest. Viana 5 Sul. Vimieiro 5 Nordest.

§ XXV— *Summario das distancias, que ha de Evora a outras povoações*

De Evora a

Alvito 6 Sul. Alter do Chão 11 Nort. Alter Pedroso 11 Nort. Azeitão 16 e m. Poent.

Beja 9 Sul. Benavilla 8. Nort. Borba 8 Nord.

Cabeço de vide 11 Nord.

Erra 12 Noroest. Ervedal 7 Nort. Fronteira 9 Nordest. Monçarás 9 Nascent. Moura 7 Nort. Portel 6 Suest. Redondo 5 Nordest. Torrão 7 Suduest. Veiros 8 Nordest. Villa de Frades 7 Sul. Villa Viçosa 8 Nordest.

§ XXVI—*Roteiro de Lisboa para a villa de* Estremoz, *em que se contam vinte e uma leguas ao Nascente*

De Lisboa aos Pégões 5. A Vendas Novas 3. A Monte-mór 4. A Arrayolos 3. A' Venda do Duque 3. A Estremoz 3.

§ XXVII — *Roteiro de Estremoz para* Portalegre, *em que se contam oito leguas ao Norte*

De Estremoz a Veiros 2. A Monforte 2. A Portalegre 4.

§ XXVIII—*Roteiro de Estremoz para a villa de* Moura, *em que se contam treze leguas ao Sul*

De Estremoz ao Alandroal 3. A Terena 1. A Monçarás 3. A Mourão 1. A Moura 5.

§ XXIX—*Roteiro de Lisboa a* Monte-mór o Novo, *em que se contam quinze leguas*

De Lisboa a Aldea Galega 3. Aos Pégões 5. A's Vendas Novas 3. A's Silveiras 2. A Monte-mór 2.

§ XXX—*Roteiro de Monte-mór a* Elvas, *em que se contam quinze leguas*

De Monte-mór a Arrayolos 3. A' Venda do Duque 3. A Estremoz 3. A Elvas 6.

§ XXXI—*Roteiro de Monte-mór a* Béja, *em que se contam doze leguas*

De Montem. a Sant. do Escoir. 2. A Vianna 4. A Alvito 1. A Béja 5.

§ XXXII—*Roteiro de Monte-mór a* Evora, *em que se contam cinco leguas*

De Monte-mór a Patalim 2 e m. A Evora 2 e m.

CAPITULO II

Roteiro de ***Lisboa para*** Béja, *em que se contam vinte e duas leguas ao sueste*

De Lisboa á Moita 3. D'ahi á Palhota 2. A Aguas de Moura 3. A Porto Carvalho 2. A Rio Mourinho 2. Ao Torrão 3. A Alfundão 4. A Béja 3.

Por outro caminho, que seguem os almocreves

De Lisboa á Moita 3. A' Palhota 2. A Aguas de Moura 3. A Palma 2. A Alberge 1. A Porto de Lama 2. A' Palhota 2. A' Quint. de D. Rodrig. 1 e m. A Odivellas 3. A Alfundão 1 e m. A Béja 3.

Por outro caminho, que seguem os estafetas

De Lisboa a Aldea Gallega 3. D'ahi ás Rilvas 2. Aos Pégões 3. A's Vendas Novas 3. A's Silveiras 2. A Monte-mór 2. A. S. Braz 4. A Viana 2. A Alvito 1. A Beja 5.

Por outro caminho, que seguem as carruagens

De Lisb. a Aldea Gallega 3. D'ahi até ás Silveiras 10. A Santiago do Escoiral 3. A S. Braz 3. A Viana 2. A Agua de Peixes meia. A Villa Ruiva 1. A' Cuba 1 e m. A Béja 3.

§ I—*Summario das distancias, que ha da cidade de Beja ás villas da sua Correição*

De Beja a

Agua de Peixes 4. Nort. Albergaria 4 Nort. Alvito.

Beringel 1 Nort.—Faro 3 Nort. Ferreira 3. Poent. Ficalho 8 Nasc. Moura 7 Nasc.—Odemira 14 Poent. Oriola 5 Nort.

Portel.—Serpa 4. Suest.—Torrão 7 Nort.

Vidigueira 4 Nord. Villa de Frades 4 e m. Nord. Villa Alva 4 e m. Nort. Villa Ruiva 5 Nort. Villa-Nov. de Alv. 6 Nort.

§ II—*Roteiro de Lisboa para a villa de* Odemira, *em que se contam vinte e sete leguas ao sul*

De Lisboa á Moita por mar 3. Da Moita a Setubal 3. A' Comporta por mar 3. A Melides por charneca 6. A. Santiago de Cacem 3.

Este transito, que é de charneca, e arêas, tem tambem duas ribeiras pequenas, que passar.

De Santiago ao Cercal 4. Do Cercal a Odemira 5.

Estas cinco leguas do Cercal a Odemira é caminho de serra, porém soffrivel; e ha um ribeiro, em que entra a maré, que de inverno tem suas enchentes. Toda esta derrota é a ordinaria.

Por outro caminho

De Lisboa á Moita 3. A Marateca 5. A Aguas de Moura 2.

Aqui se passa uma ribeira grande.

De Aguas de Moura á Palma 2.

Neste caminho, supposto ser de charneca, ha tambem outra grande ribeira.

De Palma a Alcacer 2.

Ha aqui outra ribeira.

De Alcacer á Grandola 4.

Estas quatro leguas todas são de charneca.

De Grandola a Odemira 11.

Entre o espaço destas onze leguas ha cinco ribeiras, que passar: uma tem ponte, as mais são caudalosas de inverno, e não tem ponte.

§ III—*Roteiro de Lisboa a* Messejana, *em que se contam vinte e uma leguas*

De Lisboa á Moita 3. A Palhota 2. A Aguas de Moura 3. A Palma 2. A Alberges 1. A Alcacer do Sal. 1. A Val de juizo, ou Arcão 1. A Niza 3. Bairros 1. Alvallade 2. Messejana 2.

Em todas estas terras ha soffriveis estalagens.

Por outro caminho

De Lisboa pela mesma estrada até Alberges 11. A Val de Reis meia. A Porto de Lama meia. Quinta de D. Rodrigo 2. Agua do poço 1. Figueira dos Cavalleiros. 2. A Messejana 4.

Por outro caminho

De Lisboa á Moita 3. A Palmella 2. Setubal 1. Comporta por mar 3. Grandola 6. Alvalade 5. Messejana 2.

O correio vai a Messejana, que dista seis leguas grandes com duas ribeiras, de que uma chamada a Douroana, é caudalosa de inverno. Por Garvão se evita por ter duas pontes, porém é mais distante. De Messejana passa o correio a Beja, em que ha uma ribeira grande, e caudalosa, outra mais pequena, e são seis leguas; de sorte que dista Odemira de Beja doze leguas, ficando-lhe o Campo de Ourique, e sua comarca de permeio.

As villas de Campo de Ourique, com quem ha mais communicação, são estas :

Garvão que dista de Odemira 4. De Garvão a Ourique 2. De Ourique a Almodovar 3. De Almodovar á de Collos 4. A Sines 9.

Com o reino do Algarve ha tambem communicação, por ser Odemira a ultima da Provincia do Alemtejo. D'ella dista Lagos onze leguas sem embaraço dos rios, por haver barcos certos, e promptos.

§ IV—*Roteiro de Lisboa para* Alvito, *em que se contam dezoito leguas ao sueste*

De Lisboa á Moita 3. D'ahi a Aguas de Moura 5. A Porto Carvalho 2. A's Alcaçovas 5. A Villa Nova 2. A Alvito 1.

Por outro caminho, que é indo por Monte-mór, por onde vai o estafeta, e são vinte e duas leguas.

De Lisboa a Aldea Gallega 3. Aos Pégões 5. A's Silveiras 5. A Monte-mór 2. A Viana 6. A Alvito 1.

Por outro caminho se contam vinte leguas, indo por Palma.

De Lisboa á Moita 3. A Aguas de Moura 5. A Palma 2. A Alcacer 2. Ao Torrão 5. A Alvito 3.

§ V— *Summario das distancias, que ha de Alvito ás terras principaes circumvizinhas*

De Alvito a

Aguiar 2 Nort. Alcacer 8 Noroest. Beringel 3 Sul. Cuba 3 Sul. Evora 6 Nordest. Ferreira 3 Suduest. Portel 4 Nascent. Torrão 3 Poent. Viana 1 Nort. Villalva 1 Suest. Vidigueira 3 Suest.

CAPITULO III

Roteiro de Lisboa para Villa-Viçosa, *em que se contam vinte e seis leguas e meia ao nascente*

De Lisboa até Monte-mór 15. Dahi a Arrayolos 3. A' Venda do Duque 3. Estremoz 3. A Villa-Viçosa 2 e m.

Por outro caminho

De Lisboa a Monte-mór 15. A Evora 5. A' Venda do Redondo 4. A Villa-Viçosa 4.

§ I — *Roteiros traversos de Villa-Viçosa para algumas terras circumvizinhas, e principalmente para* Portalegre, *em que se contam oito leguas ao norte*

De Villa-Viçosa a Monforte 4. A Portalegre 4.

§ II—*Roteiro de Villa-Viçosa para* Olivença, *em que se contam cinco leguas ao nascente*

De Villa-Viçosa ao Forte 1 e m. A Jurumenha 1 e m. A Olivença 2.

§ III—*Roteiro de Villa-viçosa a* Mourão, *em que se contam seis leguas ao sul*

Ds Villa-viçosa ao Alandroal 1. D'ahi a Terena 1. A Monçarás 3. A Mourão 1.

§ IV—*Summario das distancias, que ha de Villa-viçosa ás terras de sua correição*

De Villa-viçosa a

Alter do Chão 7 Noroest. Arraiolos 8 Poente. Borba m. Poent. Chancellaria 10 Noroest. Evora-Monte 4 Poent. Monçarás 5 Sul. Monforte 4 Nort. Portel 9 Suduest. Sousel 4 Noroest. Villa-Boim 3 Nordest. Villa Fernand. 3 e m. Nort.

§ V — *Roteiro de Lisboa para* Arraiolos, *em que se contam dezoito leguas ao nascente*

De Lisboa a Aldea Gallega 3. Aos Pégões 5. A's Vendas Novas 3. A's Silveiras 2. A Monte-mór 2. A Arraiolos 3.

Por outro caminho

De Lisboa a Aldea Gallega 3. A Rilva 1. A Canha 4. A Lavre 4. A Arraiolos 5.

Por outro caminho

De Lisboa a Escaroupim 12. A N. S. da Gloria 2. A Coruche 2. A N. S. das Brotas 5. A Arraiolos 3.

§ VI—*Roteiro traverso de Arraiolos para* Tancos, *em que se contam quatorze leguas ao norte*

De Arraiolos a Pavia 3. A Cabeção 1. A Montargil 3. A Tancos 7.

§ VII — *Roteiro de Arrayolos para* Elvas, *em que se contam doze leguas ao Nordeste*

De Arrayolos a Estremoz 6. A Elvas 6.

§ VIII—*Summario das distancias, que ha de Arrayolos a outras terras circumvizinhas*

De Arrayolos a

Aguias 3 Nort. Avis 6 Nort.—Coruche 8 Noroest.—Evora-Monte 4 Nascent.—Monte-mór 3 Poent.—Pavia 3 Nort.—Vimieiro 2 Nordest.

CAPITULO IV

Roteiro de Lisboa para a cidade de Elvas, *em que se contam trinta leguas ao nascente*

De Lisboa até Monte-mór o Novo 15. Dahi a Arraiolos 3. A' Venda do Duque 3. A Estremoz 3. A Alcaraviça 2. A Elvas 4.

§ I—*Summario das distancias, que ha de Elvas ás villas da sua Correição*

De Elvas a

Barbacena 2 Noroest.—Campo-Maior 3. Nort. — Mourão 8 Sul.—Olivença 4 Sul. Ouguella 4 Nort. Terena 5 Suduest.

CAPITULO V

Roteiro de Lisboa para a cidade de Portalegre, *em que se contam trinta leguas ao nascente*

De Lisboa a Aldea Gallega 3. Dahi até Arraiolos 15. De Arraiolos ao Vimieiro 2. A Souzel 3. A Fronteira 2. A Portalegre 5.

Por segundo caminho, em que se contam trinta e duas leguas.

De Lisboa a Aldea Gallega 3. Dahi a Arraiolos 15. Dahi a Estremoz 6. A Monforte 4. A Portalegre 4.

Por terceiro caminho

De Lisboa a Escaroupim 11. A' Ponte de Sor 12. A' Chancellaria 3. Ao Crato 2. A Portalegre 4.

Por quarto caminho mais obliquo

De Lisboa até Santarem 14, e de Santarem á Gollegã 5. A Tancos 2. A Punhete 1. A Abrantes 2. A' Casa branca 3. Ao Gavião 1. A Gafete 4. A Portalegre 4.

§ I — *Roteiro de Portalegre a* Elvas, *em que se contam oito leguas ao sueste*

De Portalegre a Assumar 3. A Aldea de Santa Olaia 2. A Elvas 3.

§ II—*Roteiro de Portalegre a* Campo Maior, *em que se contam oito leguas ao sueste*

De Portalegre a Arronches 4. A Campo Maior 4.

§ III—*Summario das distancias, que ha de Portalegre para as villas da sua correição*

De Portalegre a

Alegrete 2 Sul. Alpalhão 4 Noroest. Arronches 4 Sul. Assumar 3 Sul. Arez 6 Poent.
Castello de Vide 2 Nordest.
Marvão 2 Nordest. Meadas 5 Nascent. Montalvão 6 Noroest.
Niza 6 Noroest. Povoa 4 Nort. Villa Flor 6 Noroest.

CAPITULO VI

Roteiro de Lisboa para o Crato, *em que se contam vinte e oito leguas ao nascente*

De Lisboa a Escaroupim 11.
Dahi segue-se a mesma derrota pela estrada, que fica apontada no terceiro caminho de Portalegre.

§ I—*Summario das distancias, que ha da villa do Crato ás villas da sua correição*

Do Crato a

Alvaro 15. Amieira 4. Nort.—Belver 5 Nornor.
Cardigos 9 Nort. Carvoeiro 7 Nort. Certã 12 Nort. Cortiçada. *Vid.* Proença a Nov.
Envendos 6 Nort. — Gáfete 2 Nort. Gavião 5 Noroest. — Olleiros 14 Nort.
Pedrogão pequen. 10 Nort. Proença a Nova 9 Nort.
Tolosa 3 Nort. — Villa-Nova de Cardig. *ut sup.* Villa-Nova de São João de Gáfete, *ut supra.*
Da Villa de Alvaro só pertence ao Priorado do Crato a jurisdição Ecclesiastica.
Da Villa de Cardigos só lhe pertence a jurisdição secular.

CAPITULO VII

Roteiro de Lisboa para a villa de Ourique, *em que se contam vinte e cinco leguas ao sul*

De Lisboa á Moita 3, a Palmella 2, a Setubal 1, á Comporta 3, a Grandola 6, a Alvalede 5, a Ourique 5.

§ I—*Roteiro de Lisboa para* Messejana, *em que se contam vinte e uma leguas ao sul*

De Lisboa á Moita 3, Dahi á Palhota 2, a Aguas de Moura 3, a Palma 2, a Alberges 1, a Alcacer do Sal 1, a Val de Guizio 1, a Nisa 3. aos Bairros 2, a Alvalade 1, a Messejana 2.

Por outro caminho

De Lisboa á Moita 3, dahi até Alberges 8, de Alberges a Val de Rei m., a Porto de Lama m., á Quinta de D. Rodrigo 2, a Agua do passo 1, á Figueira dos Cavalleiros 2, a Messejana 4.

§ II—*Summario das distancias, que ha de Ourique ás villas da sua correição*

De Ourique a

Aljustrel 4 nort. Almodovar 3 sul. Alvalade 4 nort. Castro Verde 2 nord. Collos 4 poent. Entradas 4 nord. Garvão 2 poent. Mertola 8 nasc. Messejana 4 nort. Padrões 4 nasc. Panoias 3 nort. Santiago de Cacem 8 nor. Sines 9 poent. Villa Nova de Mil fontes 8 poent.

—

DIVISÃO III

Roteiro de Lisboa para as principaes terras da provincia da Beira

Já disse na 1.ª Parte do «Mappa de Portugal», que esta Provincia se chama Beira, por ser antigamente habitada dos povos Berones, segundo affirma fr. Bernardo de Brito. Fica no coração do reino; e das partes, em que elle se divide, é ella a maior porção, grandemente montuosa. e com alguns rios arrebatados. Dão-lhe os geografos trinta e seis leguas de comprido, e outras tantas de largo, pouco mais, ou menos. Para commodidade dos passageiros é o terreno fertil, e em partes ameno; posto que em algumas estalajens não se experimente tão bom tratamento, como em outras Provincias.

Os francezes, e italianos, costumados á delicia dos seus paizes, e abundancia das ostarias, são os mais queixosos, quando chegam a transitar, ou girar por estas partes; e assim recommendam nas instrucções,

que fazem para os viajores. levem comsigo aquella provisão, que fôr possivel, por não experimentarem a penuria das estalajens da Beira. Em algumas assim é, em outras não, porque em toda a parte ha um bocado de máo caminho, e é necessario attender ao estylo dos paizes, e á frequencia dos passageiros.

CAPITULO I

Roteiro *de Lisboa para a cidade de* Coimbra, *em que se contam trinta e quatro leguas ao norte*

De Lisboa a Sacavem 2, de Sacavem á Povoa 1, a Alverca 1, a Alhandra 1, á Villa Franca 1, a Povos 1, á Castanheira 1, a Villa Nova 1, Azambuja 1, Cartaxo 2, Santarem 2, Lagar 1, Ponte d'Alviella 1, Almonda 1, Gollegã 1, Espraganal 1, Lamarosa 1, Paialvo 1, S. Lourenço 1, Chão de Maçans 1, Rio de Couros 1, Perucha 1, Arneiro 1, Gaita 1, Ancião 1, Junqueira 1, Rabaçal 1, Fonte Cuberta 1, Alcabedeque 1, Venda do Cego 1, Coimbra 1.

Por outro caminho, que se aparta na Castanheira, e é melhor para tempo de inverno, e nesta jornada contam-se vinte e seis leguas da Castanheira por diante, a saber:

De Lisboa á Castanheira 8, da Castanheira ao Moinho Novo 1, a Ota 2, a Tagarro 2, á Venda da Costa 3, ao Laranjo 2, aos Carvalhos 2, á Batalha 2, a Leiria 2, ao Pombal 2, á Redinha 2, a Porto Coelheiro 2, a Condeixa 2, a Coimbra 2.

§ I — *Roteiros traversos de Coimbra para algumas terras principaes circumvizinhas, e primeiramente para* Aveiro, *em que se contam nove leguas ao noroeste*

De Coimbra aos Fornos 1, dahi aos Marcos 1, a Murtede 1, á Venda Nova 1, a Samel 1, a Mamarosa 1, a Palhaça 1, ao Salgueiro 1, a Aveiro 1.

§ II—*Roteiro de Coimbra para o* Porto, *em que se contam dezoito leguas ao norte*

De Coimbra aos Fornos 1, dahi ao Carquejo 1, á Mealhada 1, a Pedreira 1, a Avelans 1, a Aguada 1, ao Sardão 1, ao Vouga 1, a Albergaria Nova 1, a Albergaria Velha 1, ao Pinheiro 1, a Oliveira de Azemeis 1, a Santo Antonio 1, a Souto redondo 1, a Grijó 1, aos Carvalhos 1, ao Porto 2.

§ III—*Roteiro de Coimbra para* Viseu, *em que se contam treze leguas ao nordeste*

De Coimbra a Eiras 1, a Botão 1, ao Galhano 1, a S. Antonio do Cantaro 1, a Freirigo 1, ao Barril 1, ao Criz 1, ao Casal de Maria 1, a S. Joaninho 1, a Tondella 1, á Sabugosa 1, a Fail 1, a Viseu 1.

§ IV—*Roteiro de Coimbra para a* Guarda, *em que se contam vinte e duas leguas ao nascente*

De Coimbra ás Torres 1, aos Carvalhos 1, a Algacia 1, a Santo André 1, á Ponte de Murcella 1, aos Poços 1, á Moita 1, á Venda do Valle 1, á Venda do Porco 1, a Galizes 1, á Chamusca 1, a Torrozelo 1, á Maceira 1, a Pinhancos 1, a Vinhó 1, a Sampayo 1, á Villa Cortez 1, a Cortiçó 1, a Celorico 1, á Lagiosa 1, á Faia 1, á Guarda 1.

§ V—*Roteiro de Coimbra para o porto de* Figueira, *em que se contam sete leguas ao poente*

De Coimbra a Faveiro 1, á Pereira 1, a S. Barão 1, a Monte-mór 1, a Maiorca 1, ao Minhoto 1, á Figueira 1.

Para Buarcos são oito leguas, seguindo a mesma derrota.

§ VI—*Roteiro de Coimbra para a* Lapa, *em que se contam dezanove leguas ao nordeste*

De Coimbra a Eiras 1, ao Botão 1, ao Galhano 1, a Mortagua 3, a Brida 1, a S. Joaninho 2, a Tondella 1, á Sabugosa 1, a Fail 1, a Viseu 1, a Cavernais 1 e m., á Pedrosa 1, ás Fontainhas 1, ao Oiteiro de Ferreira 1 e m. á Lapa 1.

§ VII—*Summario das distancias, que ha da Lapa a algumas terras principaes circumvizinhas*

Da Lapa a

Armamar 5, Cernancelhe 1, Cerolico 5, Freixo de Nemão 6, Guarda 9, Lamego 6, Leomil 2.

Penella da Beira 4, Pesqueira 7, Pinhel 8, Ranhados 4.

Torre de Moncorvo 10. Trancoso 4, Trevões 5.

Villa Nova de Foscôa 8, Villa Real 9.

§ VIII—*Summario das distancias, que ha de Coimbra ás villas de sua correição*

De Coimbra a

Alvayazere 8 sul. Ançã 2 sul. Ancião 6 sul. Arganil 7 nascent. Avó 9 nascente.

Bobadella 12 nascent. Botão 2 nordest. Buarcos 8 poent.

Cantanhede 4 noroest. Carvalho 4 sul. Celevisa 6 nascent. Cernaxe dos alhos 2 sul. Coja 8 nascent. S. Comba Dão 6 nordest.

Esgueira 8 e m. nort. Fajão 9 nascent. Goes 5 nascent.

Mira 7 noroest. Mirand. do Corvo 4 suest.

Pena Cova 3 nort. Pereira 2 poent. Podentes 3 nasc. Pombalinho 4 sul. Pombeiro 5 nasc. Pov. de S. Christin. 2 e m. nort.

*

De Coimbra a

Rabaçal 3 nort. Redondos 6 sul. Tentugal 2 poent.

Vacariça 3 nort. Villa Nova d'Anços 4 poent. Villa Nova de Monç. 4 nort.

CAPITULO II

Roteiro de Lisboa para as villas de Esgueira, *e* Aveiro, *em que se contam quarenta e duas leguas ao norte, indo passar a barca no campo de Coimbra*

De Lisboa á Castanheira 8, ao Carregado 1, ao Moinho novo 1, a Ota 1, a Tagarro 2, á Venda d'Agua 2, á Palhota 1, á Venda da Costa 1, aos Candieiros 1, ao Boliano 2, aos Carvalhos 1, a S. Jorge 1, á Cortiça 1, a Leiria 1, aos Machados 1, aos Crespos 5, á Almagreira 2, ás Casas Velhas 1, a Villa Nova d'Anços 1, a Fermozelhe 1, a Pereira 1, a Tentugal 1, a Villa Nova 1, a Cantanhede 1, á Camarneira 1, á Mamarosa 1, á Palhaça 1, ao Salgueiro 1, a Esgueira meia, a Aveiro meia.

Por outro caminho já fica assinado no § 1. do cap. 1. d'esta Divisão III.

§ I—*Roteiro traverso de Aveiro para o* Porto, *em que se contam dez leguas ao norte*

De Aveiro a Ovar por barco 5, de Ovar a Cortegaça 1, a Paramos 1, ao Corvo 1, ao Chamorro 1, ao Porto 1.

Por outro caminho, para quem não quer ir embarcado.

De Aveiro a Angeja 1, a Salreu 1, a Santiaes 1, a Vanca 1, á Ponte Nova 1, a Cortegaça 1, a Paramos 1, ao Corvo 1, ao Chamorro 1, ao Porto 1.

Advirta-se, que ainda que não se vá ao Porto pelo rio, sempre em Angeja se passa a barca em tempo de inverno.

§ II—*Roteiro de Aveiro para* Viseu, *em que se contam onze leguas ao nascente*

De Aveiro a Eixo 1, á Palhaça 1, á Arrancada 1, á dos Ferreiros 1, a Cabeça de cão 1, á Urgueira 1, a Monte tezo 1, á Portella 1, a S. Miguel de Oiteiro 1, á Cruz alta 1, a Viseu 1.

§ III—*Roteiro de Aveiro para* Vousella, *em que se contam nove leguas ao nascente*

De Aveiro á Palhaça 2, á Arrancada 1, á dos Ferreiros 1, ás Talhadas 1, ás Bemfeitas 1, a Ponte fóra 1, a Santiaguinho 1, a Vousella 1.

CAPITULO III

Roteiro de Lisboa para a cidade de Viseu, *em que se contam quarenta e sete leguas ao nordeste*

Este Itinerario já fica explicado acima na derrota de Coimbra, e dahi para Viseu, e assim é superfluo repetil-o.

§ I—*Roteiro traverso de Viseu para* Lamego, *em que se contam nove leguas ao norte*

De Viseu ao Campo 1, á Ponte do Almargem 1, a Rio de Mel 1, a Mamouros 1, ao Crasto 1, á Senhora da Ouvida 1, a Bigorne 1, á Cruz da Cam. 1, a Lamego 1.

§ II—*Roteiro de Viseu para a* Guarda, *em que se contam dez leguas ao nascente*

De Viseu a Fagilde 1, a Quintella 1, ás Chans 1, a Fornos 1, a Figueiró 1, a Cerolico 1, a Lagiosa 1, ao Porto de Carne 1, a Cabadoide 1, á Guarda 1.

§ III—*Summario das distancias, que ha de Viseu ás villas, e concelhos, da sua correição*

De Viseu a

Alva 3 nasc. Azere 5 sul. Azurara 2 suest.

Banho 3 noroe. Barreiro 1. sul. Bésteiros 3 sul. Bobadella 7 sul.

Canas de Sabugosa 2 sul. Canas de Senhorim 3 sul. Candosa 5 sul. Coja 8 sul. Currellos 4 sul.—Enfias 6 nasc.

Ferreira d'Aves 4 nasc. Folhadal 3 e m. sul.

Gafanhão 4 nort. Guardão 4 poent. Gulfar 4 nasc.

Lafões 3 noroe. Lagares 5 noroe.

Moens 3 nort. Mortagua 7 sul. Mourás 3 e m. sul.

Nogueira 7.—Oliv. do Conde 5 sul. Oliv. de Frades 4 noroe. Oliv. do Hospital 6 sul. Ovoa 6 sul.

Penalva d'Alva 8 suest. Penalva do Castell. 3 suest. Persellada 6. Pinheir. de Azere 6 sul. Povolide 2 m. nort.

Ranhados 1 q. nasc. Reriz 5 nort.

Sabugosa 2 poent. S. João de Areas 5. S. João do Monte 5. Sandomil 7 sul. Santa Comba Dão 5 poent. S. Pedro do Sul 3 noroe. Satam 3 nasc. Senhorim 2. Silvares 5 sul. Sinde 5 sul.

Taboa 6 sul. Tavares 3 m. nasc. Trapa 4 noroe. Treixedo 4 suest.

Vide de Foz de Piodão. Villa-Cova de Sub. 8 suest. Villa do Sul 4 nort.

CAPITULO IV

Roteiro de Lisboa para a cidade de Lamego, *em que se contam cincoenta e cinco leguas ao nordeste*

Esta derrota se faz indo de Lisboa até Santarem, onde se contam quatorze leguas. De Santarem para Coimbra, que fazem vinte leguas. E de Coimbra para Lamego, em que se completam vinte e uma leguas, da maneira seguinte:

De Lisboa até Coimbra 34. de Coimbra aos Fornos 1, á Mealhada 2, Avelans 1, Sardão 2, Aguada 1, á dos Ferreiros 1. ás Talhadas 1, Ponte fóra 2, Santiaguinho 1, Vouselia 1, S. Pedro do Sul 1, Cobertinha 1, a Alva 1, Castro Dairo 1, Collo de pito 1, Bigorne 1, Povoa 1, Lamego 1.

§ I—*Roteiro traverso de Lamego para a Moimenta da Beira, em que se contam quatro leguas ao nascente*

De Lamego a Ferreirim 1, dahi á Granja Nova 1, ao Sarzedo 1, á Moimenta 1.

§ II—*Roteiro de Lamego para a* Lapa, *em que se contam seis leguas*

De Lamego a Mós 1, a Mondim 1, a Alvite 1, á Lamosa 2, a Lapa 1.

§ III—*Roteiro de Lamego para* Villa-Real, *em que se contam quatro leguas ao nordeste*

De Lamego ao Pezo da Reg. 1, dahi a Santa Martha 1. á Comieira 1, a Villa-Real 1.

§ IV—*Roteiro de Lamego para o* Porto, *em que se contam quatorze leguas ao poente*

De Lamego a Santiaguinho 1, dahi a Mezamfrio 1. Teixeira 1, Carrasqueira 1, Giesta 1, Canavezes 1, Arrifana 2, Fonte Sagrada 1, Baltar 1, Ponte Ferreira 1, Vallongo 1, Venda-Nova 1, Porto 1.

§ V—*Roteiro de Lamego para* Braga, *em que se contam quatorze leguas ao Noroeste*

De Lamego a Santiaguinho 1, dahi a Mezamfrio 1, a Teixeira 1, ao Carneiro 1, á Ovelha 1, Amarante 1, Lixa 1. Deveza da Escorva 1, Pombeiro 1, Venda da Serra 1, Guimarães 1, Estalagem do Rio 1, aos Quatro Irmãos 1, a Braga 1.

§ VI — *Summario das distancias, que ha de Lamego ás villas e concelhos da sua correição*

De Lamego a

Alvarenga 7 sudueste. Arcos 4 e m. nasc. Arégos 4 poent. Armamar 2 e m. nasc. Arouca 8 poente.

Barcos 5 nasc. Barqueiros 2 m. noroe. Britiande 1 sueste.

Cabril 6 poente. Caria 5 nascent. Castello 3 e m. nasc. Castrodairo 4 sudnest. Chavães 4 e m. nasc. S. Christ. da Nog. 5 m. poent. S. Cosmado 3 nascente.—Ermida 5 poente.

Ferreiros 5 poente. Fontello 2 nordeste. Fragoas 4 nascente.

Goujoim 3 nascente. Granja do Fedo 4 nascente.

Lalim 2 sueste. Lazarim 2 e m. nasc. Leomil 3 nascente. Longa. Lumiares 2 nascente.

S. Mart. de Mour. 2 poente. Moiment. da Beir. 4 nascente. Mondim 2 nascente. Mossão 5 poente. —Nagosa 4 e m. nascente.

Paiva 8. Parada do Bispo 2 nordeste. Parada de Ester 5. Passó 2 nascente. Pendilhe 4 sul. Pera e Peva 4 nascente. Pezo da Regoa 2 norte. Pinheiros.

Resende 3 poente. Ribellas 1 e m. sul.

Sande m. nordeste. Sanfins 6 poente. Sinfães 5 poente. Sever 2 nascente.

Taboaço 5 nascente. Tarouca 2 sueste. Teixeira 3 poente. Tendães 5 poente.

Valdigem 1 nordeste. Varzea da Serra 3 sul.—Ucanha 1 e m. nasc. Villa Cova 4 sul. Villa Seca 3 nascente.

§ VII—*Roteiro de Lisboa para a villa da* Moimenta da Beira, *em que se contam cincoenta e quatro leguas ao nordeste*

Esta derrota se divide em quatro jornadas. Primeira de Lisboa até Santarem, que fazem quatorze leguas. Segunda de Santarem a Coimbra, em que contam vinte leguas. Terceira de Coimbra a Viseu, em que ha treze leguas. Estas tres jornadas já estão assinadas; resta só declarar o caminho, que vai de Viseu para a Moimenta da Beira, em que se numeram sete leguas, da maneira seguinte:

De Lisboa a Viseu 47, de Viseu a Cavernaes 1, dahi á Pedrosa 1, Fontainhas 1, Lamas 1, Segões 1, Granja de Paiva 1, Moimenta 1.

Por outro caminho indo por Thomar.

De Lisboa a Thomar 21, dahi ao Pintado 1, Ceras 1, Pereiro 1, Cabaços 1, Vendas de Maria 1, Vendas dos Moinhos 1, Espinhal 1, Corvo 2, Foz d'Arouce 2, S. Miguel 1, Cortiça 1, Sampaio 1, Pinheiro d'Azere 1, Santa Comba 1, Fonte do Salgueiro 1, Viseu 4, Moimenta 7.

§ VIII—*Roteiros traversos da Moimenta da Beira para as principaes terras circumvizinhas, e primeiramente para* Villa-Real, *em que se contam oito leguas ao norte*

Da Moimenta a Contim 1, a Gonjim 1, Villa Seca 1, Folgosa 1, Gafafulla, passando o Douro 1, Villa Real 3.

§ IX—*Roteiro de Moimenta da Beira para* S. João da Pesqueira, *em que se contam seis leguas ao norte*

Da Moimenta a Guedieiros 1, dahi a Paredes da Beira 1, dahi á villa de Trovões 1, a S. João da Pesqueira 3.

§ X—*Roteiro da Moimenta para* Braga, *em que se contam dezassete leguas ao noroeste*

Da Moimenta a Teixeira 7, dahi ao Carneiro 1, Amarante 2, Lixa 1, Deveza da Escorva 1, Venda da Serra 1, Guimarães 1, á Barca 1, aos Quatro Irmãos 1, a Braga 1.

§ XI—*Roteiro da Moimenta para o* Porto, *em que se contam vinte leguas ao noroeste*

Da Moimenta ao Sarzedo 1, do Sarzedo á Granja Nova 1, a Ferreirim 1, Lamego 1 q., Santiaguinho 1, Mezamfrio 1, Teixeira 1, Carrasqueira 1, Fonte do mel 1, Venda da Giesta 1, Canavezes 1, aos Quatro Irmãos 1, ao Castro 1, Arrifana de Sousa 1, Paredes 1, Baltar 1, Ponte Ferreira 1, Vallongo 1, Venda-Nova 1, Porto 1.

§ XII—*Roteiro da Moimenta á* Torre do Moncorvo, *em que se contam nove leguas ao norte*

Da Moimenta á Fonte Arcada 1, dahi a Chuzendo 1, a Penedono 1, Villa de Ranhados 1, Sedavim 1, Sevadelhe 1, Freixo de Nemão 1, Barca do Pocinho 1, á Torre do Moncorvo, passando o rio Douro 1.

§ XIII—*Roteiro da Moimenta para a Praça de* Almeida, *em que se contam doze leguas ao nascente*

De Moimenta á Villa da Rua 1, Villa da Ponte 1, Sarzeda 1, Torrinha 1, Moreirinhas 1, Cótimos 1, Santa Eufemia 1, Valbom 1, Pinhel 1, Pereiro 1, Valverdinho 1, Almeida 1.

§ XIV—*Roteiro da Moimenta para a villa de* Trancoso, *em que se contam seis leguas ao poente*

Da Moimenta á Villa da Rua 1, ao Garajal 1, Ponte do Abbade 1, Bem vende 1, Rio de Mel 1, Trancoso 1.

§ XV—*Summario das distancias, que ha da Moimenta da Beira para algumas povoações mais principaes*

Da Moimenta a

Ao Convento de Caria m., ao Convento de Salzeda 2, ao Convento de S. João de Tarouca 2, ao Convento de Tabosa m., á Lapa 2, a Sernancelhe 2, a Leomil m.

CAPITULO V

Roteiro de Lisboa para a villa de Pinhel, *em que se contam cincoenta e cinco leguas e meia ao nordeste*

De Lisboa a Santarem 14, de Santarem a Thomar 8, de Thomar á Venda Nova 1, Ceras 1, Pereiros 1, Cabaços 1, Barqueiro 1, Vendas de Maria meia, Venda dos Moinhos 1 e m, Espinhal 1, Corvo 2, Foz d'Arouce 2, S. Miguel de Poiares 1, Ponte da Murcella 1, Cortiça 1, Moita 1, Venda do Valle 1, Venda do Porco 1, Galizes 1, Chamusca 1, Çaragoça 1, Torrezello meia, Maceira 1, Pinhanços 1, Vinhó 1, Sampaio meia, a Villa Cortez 1, a Carrapichana meia, a Cortiçó 1, Celorico 1, Baraçal 1, Souro Pires 3, a Pinhel 1.

Por outro caminho, indo por Coimbra, se contam cincoenta e sete leguas, e por Leiria fazem cincoenta e nove e meia; mas esta estrada serve para quando os campos vão cheios de agua em tempo de inverno.

§ I—*Roteiro de Pinhel para a* Guarda *em que se contam cinco leguas ao sul*

De Pinhel a Aldea Nova 1, dahi ás Freixedas 1, dahi ao Carvalhal 1, dahi a Repoulla 1, dahi á Guarda 1.

§ II—*Roteiro de Pinhel para* Trancoso, *em que se contam quatro leguas ao poente*

De Pinhel a Valbom 1, á Povoa 1, ao Amial 1, A Trancoso 1.

§ III—*Roteiro de Pinhel para a praça de* Almeida, *em que se contam tres leguas ao nascente*

De Pinhel ao Pereiro 1, do Pereiro a Valverde 1, de Valverde a Almeida 1.

§ IV—*Roteiro de Pinhel para* Castello-Rodrigo, *em que se contam tres leguas ao nordeste*

De Pinhel a Villar-Torpim 2, d'ahi a Castello-Rodrigo 1.

§ V—*Roteiro de Pinhel para* Celorico, *em que se contam cinco leguas a sudueste*

De Pinhel a Souro Pires 1, ao Baraçal 3, a Celorico 1.

§ VI—*Summario das distancias, que ha de Pinhel ás villas da sua correição*

De Pinhel a

Aguiar da Beira 7 noroe. Alfayates 8 suest. Algodres 4 norte. Almeida 3 nasc. Almendra 5 nort.

Carapito 5 noroe. Castanheira 11 noroe. Casteição 5. Castel'o-Bom 6 suest. Castello-Mendo 4 suest. Castello Rodrigo 3. nord. Cedavim 6 noroe.

Ervedosa 10 noroe. Escalhão 4 nord.

Figueiró da Granja 8. Fonte Arcada 8 noroe. Fornos.

Guilheiro 7 noroe.—Horta 6 noroe.—S. João da Pesqueir. 10 norte.

Lamegal 2 poent. Langroiva 3 norte.

Marialva 4 norte. Matança 7. Meda 6 noroe. Moreira 4 poent. Muxagata 5 norte.—Nemão 6 nord.

Paradella 10. Paredes 9 noroe. Pena-Verde 6 noroe. Penedono 7 noroe. Penella 7, Ponte. Povoa 7.

Ranhados 6. Reigada 2 nasc.

Sinco Villas 2 nasc. Sernancelhe 8 noroe. Sindim 10 noroe. Soutello 10. Souto 6 e meia.

Tavora 11 noroe. Touça 6 noroe. Trancoso 4 poente. Trovões 8 noroe.

Valença do Douro 11 noroe. Val de Coelha 4 nasc. Val-longo 8. Varzeas 9 noroe. Veloso. Villa-Nov. de Fosc. 6. nort. Villar Maior 6 Sul.

§ VII—*Roteiro de Lisboa para a villa de* Trancoso, *em que se contam cincoenta e quatro leguas ao nordeste*

De Lisboa a Thomar 22, a Ceras 2, aos Pereiros 1, Cabassos 1, venda de Maria 1, venda das Figueiras 1, Espinhal 1, Corvo 2, foz d'Arouce 2, S. Miguel de Poyares 1. Ponte da Morcella 1. Sobreira 1, Poços 1, Moita 1, venda do Valle 1, Venda do Porco 1, Galizes 1, Chamusca 2. Çaragoça 1, Maceira 1. Pinhanços 1, Vinhó 1, Cortiçó, passando por Villa-Cortez, e Sampayo 2, Carrapichana 1, Celorico 2, Frontilhuro 1, Fiães 1, Trancoso 1.

Por outro caminho, que segue o correio, indo por Viseu.

De Viseu a Povolide 1 e m., a Roriz 1. Esmolfe 1. Sezures 1. Forninhos 1. Penaverde 1, Casaes do monte 1, venda do Cego 1, Trancoso 1.

§ VIII—*Roteiro de Trancoso para* Lamego, *em que se contam dez leguas ao noroeste*

De Trancoso a Bem-vend. 1, d'ahi á ponte do Abbade 1, á Lapa 1 e m. Lamosa meia, Ariz meia, Alvite 1 e m. Mondim 1, Villa meã 1, Britiande 1, Lamego 1.

§ IX — *Roteiro de Trancoso para* Almeida, *em que se contam sete leguas ao nascente*

De Trancos. á Povoa delRei 2, d'ahi a Val bom 1, Pinhel 1, Pereiro 1, Valverde 1, Almeida 1.

§ X—*Roteiro de Trancoso para a* Torre do Moncorvo, *em que se contam dez leguas ao nordeste*

De Trancoso á Moreira 1, d'ahi ao Carvalhal 1 e m., ao Convento dos Villar. 1 e m., á Meda 1 e m., fonte Longa 1 e m. Freixo de Nemão 1, Santo Amaro 1, á Barca do Douro 1, á Torre do Moncorvo 1.

Por outro caminho

De Trancoso a Valcovo 1, Rabaçal 1, Venda da Barriga 2, Marvão 1, barca do Douro 1 e m., torre do Moncorvo 1.

§ XI—*Roteiro de Trancoso á* Guarda, *em que se contam cinco leguas ao sueste*

De Trancoso aos Carnicaes, ou á Fonte de Cal 1, Baraçal 1, ponte do Ladrão 1, Cabadoide 1, Guarda 1.

CAPITULO VI

Roteiro de Lisboa para a cidade da Guarda, *em que se contam cincoenta e tres leguas ao nordeste*

De Lisboa a Thomar 22, de Thomar a Seras 2, Pereiro 1, Cabaços 1, Venda de Maria 1, Venda dos Moinhos 2, Espinhal 1, Venda do Corvo 2, Foz d'Arouce 2, S. Miguel 1, Ponte da Morcella 1, Cortiça 1, Moita 1, Venda do Valle 1, Venda do Porco 1, Venda Nova 1, Chamusca 1, Torrozello 1, Maceira 1, Pinhanços. 1, Vinhó 1, Carrapichana 2, Corticó 1, Celorico 1, Lagiosa 1, Cabadoide 1, Guarda 1.

Por outro caminho, indo pela estrada de Abrantes, em que se contam cincoenta e uma leguas.

De Lisboa a Abrantes 23, d'ahi a S. Domingos 3, á Palhota 2, Cardigos 1, Cortiçada 1, Sobreira formosa 1, Monte gordo 1, Sarzedas 1, Juncal 2, Tinalhas 1, Soalheiro 2, Atalaya 1, Quartão 1, Capinha 2, Peraboa 1, Caria 1, Belmonte 1, Vendas da Vella 2, Guarda 2.

§ I — *Roteiros traversos da cidade da Guarda para as principaes terras circumvizinhas, e primeiramente para a cidade do* Porto, *em que se contam vinte e seis leguas ao noroeste*

Da Guarda á Ponte do Ladr. 2, d'ahi á Quinta dos Vermelh. 1, Maceira 2, Antas 1, Souto de Vida 1, Castendo 1, Bacim 1, Cavernaes 1, Lustosa 2, S. Pedro do Sul 2, Trapa 1, Ponte dos Ovos 1, Manhouce 1, Gestoso 1, Marujal 1, Africana 1, Cabeçais 1, S. Vicente 1, Terreiro 1, Carvalhos 1, Porto 2.

Os rios principaes, que se atravessam nesta jornada, são: o Mondego, o Vouga, e o Paiva.

§ II—*Roteiro da Guarda para* Lamego, *em que se contam quatorze leguas ao noroeste*

Da Guarda a Cabadoide 1, á Ponte do Ladrão 1, Forno telheiro 1, Aldeia Nova 1, Cariz 1, Eirado 1, Aguiar da Beira 1, Quintella 1, Alvito 2, Mondim 1, Britiande 1, Lamego 1.

§ III — *Roteiro da Guarda para a Praça de* Almeida, *em que se contam seis leguas ao nordeste*

Da Guarda a João Bragal 1, Urgeira 1, Pinzio 1, Freixo 1, Aldea-Nova 1, Almeida 1.

§ IV—*Roteiro da Guarda para a* Torre do Moncorvo, *em que se contam doze leguas ao norte*

Da guarda ao Recamondo 1, Avelans da Ribeira 1, Alverca 1, Cerejo 1, Cótimos 1, Coriscada 2, Venda da Barriga 1, Marvão 1, Villa-Nova de Foscoa 1, ao Douro 1, á Torre do Moncorvo 1.

§ V—*Roteiro da Guarda para* Castello-Branco, *em que se contam quatorze leguas ao Sul*

Da Guarda ás Vend. da Vella 2, Belmonte 2, Caria 1, Peraboa 1, Capinha 1, Quartão 2, Atalaia 1, Lardosa 1, Alcains 1, Castello-Branco 1.

§ VI — *Roteiro da Guarda para a* Covilhã, *em que se contam seis leguas ao sudueste*

Da Guarda ás Vend. da Vella 2, a Belmonte 2, Teixoso 1, á Covilhã 1.

§ VII—*Roteiro da Guarda para a villa do* Fundão, *em que se contam nove leguas ao sudueste*

Da Guarda ás Vend. da Vella 2, Belmonte 2, Caria 1, Ferro 1, Fundão 4.

§ VIII — *Roteiro da Guarda para a villa do* Sabugal, *em que se contam cinco leguas ao nascente*

Da Guarda a Panoyas 1, Adão 1, Pega 1, Val Mourisco 1, Sabugal 1.

§ IX — *Roteiro da Guarda para a villa de* Manteigas, *em que se contam seis leguas ao poente*

Da Guarda á Curujeira 1, Famelicão 1, Valhelhas 1, Val de Moreira 1, Sameiro 1, Manteigas 1.

§ X — *Roteiro da Guarda para a praça, e villa de* Penamacor, *em que se contam nove leguas ao sul*

Da Guarda a Panoias 1, a Santa Anna 1, a Pousa foles 1, Aguas Bellas 1, Urgeira 1, Val de lobo 1, Meimoa 1, Santo André 1, Penamacor 1.

§ XI — *Roteiro da Guarda para a praça, e villa de* Alfaiates, *em que se contam seis leguas ao nascente*

Da Guarda a Villa Mendo 2, Marmeleiro 1, Rapoula de Coa 1, Nave 1, Alfaiates 1.

§ XII — *Roteiro da Guarda para a villa de* Villar-Maior, *em que se contam cinco leguas ao nascente*

Da Guarda á Villa Fernando 2, ao Monte Margarida 1, Ponte de Siqueiros 1, Villar-Maior 1.

§ XIII — *Roteiro da Guarda para a villa de* Linhares, *e dahi até á villa de* Cea, *em que se contam sete leguas ao poente*

Da Guarda á Misarella 1, Prados 1, Linhares 1, Villa de Mello 1, Villa de Gouvea 1, Villa de Santa Marinha 1, Villa de Cea 1.

§ XIV — *Roteiro de Lisboa para a villa de* Cea, *em que se contam quarenta e quatro leguas ao nordeste*

Esta derrota faz-se partindo de Lisboa para Thomar, até onde se contam vinte e duas leguas. De Thomar segue as mesmas estradas do caminho, que vai para Pinhel; mas chega sómente a Torrozello, e dahi á villa de Cea, que é uma legua. Esta derrota é mais breve, e direita por esta estrada, que pela de Coimbra, em que se contam quarenta e seis leguas, ou pela de Leiria, em que ha quarenta e sete leguas.

§ XV — *Roteiro de Lisboa para a villa de* Gouvea, *em que se contam quarenta e oito leguas ao nordeste, indo pela estrada de carruagens*

De Lisboa á Castanheira 8, dahi a Ota 2. Espinhaço de Cão 1, Rio Maior 1, Truquel 1, Alcobaça 2, Aljubarrota 1, S. Jorge 1, Batalha 1,

Leiria 2, Venda dos Machados 1, Venda do Gallego 1, Pombal 1, Venda do Diabo 1, Redinha 1, Condexa 3, Cernache 1, Cruz dos Moroissos 1, Coimbra 1, Mealhada 3, Mortagua 2, Ponte do Criz 1, S. Comba Dão 1, Cancella 1, Guarita 1, Carregal 1, Oliveira do Conde 1, Ervedal 2, Seixo 1, Lagarinhos 2, Gouvea 1.

Por outro caminho, que ordinariamente seguem os almocreves, e pessoas que vão a cavallo.

De Lisboa a Santarem 14, a Val de Figueira 1, Ponte de Alviella 1, Ponte de Almonda 1, Gollegã 1, Atalaya 1, Cenceira 1, Guerreira 1, Thomar 1, Pintado 1, Seras 1, Pereiro 1, Cabaços 1, Vendas de Maria 1, Venda dos Moinhos 1, Venda do Pastor 1, Villa-Flor, ou Barrocas do Corvo 1, Corvo 1, Foz d'Arouce 1, Venda Nova 2, Ponte da Murcella 1, Sobreira 1, Poços 1, Valle 1, Venda do Porco 1, Galizes 1, Chamusca 1, Torrozello 1, Maceira 1, Santa Comba 1, Lagarinhos 1, Gouvea 1.

§ XVI — *Roteiro traverso de Gouvea para a cidade de* Viseu, *em que se contam seis leguas ao norte*

De Gouvea ás Contensas 2, Mesquitella 1, Mangualde 1, Tagilde 1, Viseu 2.

§ XVII — *Roteiro de Gouvea para a praça de* Almeida, *em que se contam doze leguas ao nordeste*

De Gouvea a Villa Cortez 1, Carrapichana 1, Cortiçó 1, Celorico 1, Maçal 1, Baraçal 1, Soilo Pires 1, Pinhel 1, Pereiro 1, Carvalhal 1, Valverdinho 1, Almeida 1.

§ XVIII—*Summario das distancias, que ha da Guarda ás villas da sua correição*

Da Guarda a

Açores 2 norte. Alvoco da Serra 9 suduest. Baraçal 3 noroest.

Cabra 5 noroest. Castro-Verde 6 poente. Cea 6 poente. Celorico 3 noroest. Codeceiro 2 susudue. Covilhã 7 susudue. Folgozinho 4 poent.

Forno Telheiro 3 noroest. Gouvea 5 poent. Jarmello 3 sul.

Lagos da Beira 10 poente. Linhares 3 noroest. Loriga 8 suduest. Lourosa 10 poente.

Manteigas 6 poente. Santa Marinha 5 poente. Mello 5 poente. Mesquitella 4 poente. Midões 9 poente. Mosteiro 8 noroest.

Oliveirinha 11 noroest. Seixo. S. Romão 7 poente. Torrozello 9 sul.

Vallazim 8 poente. Valhelhas 3 susudue. Villa-Cova a Coelheira 9 susudue.

CAPITULO VII

Roteiro de Lisboa para a villa de Castello-Branco, *em que se contam trinta e sete leguas ao nordeste*

De Lisboa até Abrantes 23, de Abrantes a Mação 4, Venda Nova 2, Perdigão 3, Cernadas 2, Castello Branco 3.

§ I—*Roteiro de Castello Branco á* Covilhã, *em que se contam onze leguas ao norte*

De Castello Branco a Alcains 3, Alpedrinha 3, Composta 1, Fundão 1, Covilhã 3.

§ II—*Summario das distancias, que ha de Castello Branco ás villas da sua correição*

De Castello-Branco a

Alpedrinha 3 norte. Atalaya 4 nordest.

Belmonte 11 nordest. Bemposta 6 nascent. Castello-Novo 3 norte. Idanha a Velha 7 nascent. Idanha a Nova 5 nascent. Monsanto 7 nascent.

Penagarcia 9 nascent. Penamacor 8 nordest. Proença a Velha 6 nordest. Rosmaninhal 6 sueste.

Sabugal 11 nordest. Salvat. do Estrem. 8 nascent. Sarzedas 3 poent. Segura 7 nascent. Sortelha 10 nascent. Touro 12 nascent.

S. Vicente 3 norte. Villa-Velha de Rodão 3 sul. Zibreira 10 nascent.

—

DIVISÃO IV

Roteiros de Lisboa para as principaes povoações da Provincia do Minho

A porção do reino mais povoada, e mais fertil é a do Minho, que, segundo os melhores geografos, tem dezoito leguas de comprido, e doze de largo na maior extensão de nascente a poente. O rio Minho separa esta provincia de Galiza pela banda do norte, pela do sul confina ella com a Beira, ao nascente a divide a serra do Marão da provincia de Tras-os-Montes, e da parte do poente lhe serve de moldura o Oceano. É cortada de sete rios caudalosos, dos quaes seis vão desembocar ao mar, o Douro, Lega, Ave, Neiva, Lima, e Minho, além de infinitos outros rios, que entram nos capitaes, que para commodo dos passageiros estão sujeitos a mais de duzentas pontes de cantaria lavrada, e outras de pedra tosca, e madeira.

As estradas por todo, ou quasi todo o ambito d'esta provincia, tem

todas as circumstancias, que fazem agradavel o caminho aos viajores, e lhes facilita, e suaviza quaesquer difficuldades, ou aspereza, que possam encontrar. Consta de seis comarcas, para as quaes daremos os roteiros seguintes:

CAPITULO I

Roteiro de Lisboa para a villa de Guimarães, *em que se contam sessenta leguas ao norte*

Esta derrota é quasi a mesma, que havemos assinar no caminho de Braga, e por isso deixamos de o fazer aqui.

§ I—*Summario das distancias, que ha de Guimarães aos coutos, villas, e concelhos da sua correição*

De Guimarães a

Abbadim 5 nord. Aguiar Penha 10 nasc. Amarante 5 nasc. Athei 6 nasc.

Cabeceiras de Basto 5 nasc. Canavezes 5. Cepães. Cerolico de Basto 5 nasc. S. Cruz de Riba Tam. 4.

Felgueiras 2 nasc. Fonte Arcada.

Gestaço 5. Gouvea de Riba Tam. 5.—Hermello 7.

Jalles 12. S. João de Rei 3.

Lagiosa. Lannoso 3 nort. Lousada 3 nord.

Mancellos. Meinedo. Mondim 6. Monte alegre 12. Monte longo 2 nort. Moreira de Rei.

Ovelha 6. — Parada de Bouro. Pedraido. Pombeiro 1. Pousadella.

Refoios de Basto. Ribeira de Pena 8. Ribeira de Soás 4. Roças 5 nort. Ruivaes 6.—Serva 7.

Taboado. Thnias 6. Tibães 3 nort. Travanca.

Vieira 3 nord. Villa-Boa de Roda 4 nord. Villa-Cahiz 5. Vimieiro 4 noro.—Unhão 2 sul.

CAPITULO II

Roteiro de Lisboa para a cidade de Braga, *em que se contam sessenta leguas ao norte*

De Lisboa ao Porto 52, do Porto á ponte de Leça 1, ao Castelejo 1, a Carriça 1, Barca da trofa 1, Villa Nova de Famelicão 1, Santiago da Cruz 1, a Tabosa 1, a Braga 1.

§ I—*Roteiro traverso de Braga a* Chaves, *em que se contam quinze leguas ao nordeste*

De Braga ao Carvalho Déste 1, ao Pinheiro 1, Pardieiros 1, Pene-

do 1, Salamonde 1, Ruivaes 1, Campos 1, Venda Nova 1, Venda da Serra 1, Alturas 1, Carvalhelhos 1, Boticas 1, Casas Novas 1, Chaves 1.

CAPITULO III

Roteiro *de Lisboa para* Viana, *em que se contam sessenta e duas leguas ao norte*

Reparte-se esta derrota em quatro viagens. A primeira, partindo de Lisboa, se vai até Santarem, onde fazem quatorze leguas. Dahi para Coimbra, em que se contam vinte leguas. De Coimbra ao Porto dezoito, e do Porto até Vianna dez, da maneira seguinte:

De Lisboa até á cidade do Porto 52, do Porto ao Senhor do Padrão 1, á Moreira 1, á Magdalena 1, Casal de Pedro 1, Rates 1, á terra Negra 1, Barca de Lago 1, Redemoinhos 1, Viana 2.

§ I—Roteiro *traverso da distancia, que ha de Viana até* Melgaço, *em que se contam doze leguas ao norte*

De Viana a Caminha 3, de Caminha a Villa-Nova 2, a Valença 2, Monção 2, Melgaço 3.

§ II—Roteiro *de Viana para* Braga, *em que se contam seis leguas ao nascente*

De Viana á Senhor. das Neves 1, ás Boticas 1, Ponte de Anhel 1, á Senhora do Bom despacho 1, á Ponte de Prado 1, a Braga 1.

CAPITULO IV

Roteiro *de Lisboa para a villa de* Barcellos, *em que se contam sessenta leguas ao norte*

De Lisb. até á Cidad. do Port. 52, do Porto ao Padrão 1, ao Convento da Moreira 1, a Lameira 1, aos Nove Irmãos m.

O Espaço d'esta legua é perigoso de inverno pelos grandes atoleiros, que ha.

Á Magdalena m., ao Casal de Pedro 1, Ponte de Arcos m. Ponte da mulher morta m.

Neste transito, que é junto da Villa de Rates, ha uma ribeira, que passar.

Cacabaya 1 e m. Barcellos meia.

De Cacabaya a Barcellos ha outro ribeiro, que de inverno é de má passagem.

§ I — *Summario das distancias, que ha de Barcellos ás terras principaes circumvizinhas*

De Barcellos a

Braga 3.—Esposende 2.
Fão 2. Fralães 2. Guimarães 4. Ponte de Lima 5. Porto 7.
Rates 2. Vianna 4. Villa do Conde 3. Villa Nova de Famelicão 3.

CAPITULO V

Roteiro de Lisboa para a cidade do Porto, *em que se contam cincoenta e duas leguas ao norte*

De Lisboa até Coimbra 54, de Coimbra aos Fornos 1. Carquejo 1, Mealhada 1, Pedreira 1, Avelans 1, Aguada 1, Sardão 1, Ponte da Vouga 1, Albergaria Velha 1, Albergaria Nova 1, Pinheiro da Bemposta 1, Oliveira de Azemeis 1, S. João da Madeira 1, Souto Redondo 1, Grejo 1, Carvalhos 1, Rechoussa 1, Porto 1.

§ I— *Summario das distancias, que ha da cidade do Porto ás villas e concelhos circumvizinhos*

Do Porto a

Aguiar de Sousa 3. Arrifana de Sousa 6. Avintes 2. Azurara 4.
Bayão 9. Bem Viver 6.
Gaya 3. Gondomar meia. S. João da Foz meia.
Maya 4. Melres 4. Matozinhos 1. Pena fiel 6. Refoyos 4.
Porto Carreiro 6. Povoa de Varzim 4. Soalhães 8. Tibães 8.
Villa do Conde 4. Vimieiro 8.

§ II—*Roteiro do Porto a* Ponte de Lima *pela estrada de Barcellos, em que se contam doze leguas ao norte*

Do Porto ao Padrão da legua 1, dahi á Moreira 1, Magdalena 1, Casal de Pedro 1, Carvalho 2, Barcellos 1, Senhora da Portella 1. Senhora Apparecida 1, Portella de Santo Estevão 2, Ponte de Lima 1.

Pela estrada de Braga ha treze leguas.

Do Porto á Ponte de Leça 1, Castellejo 1. Carriça 1, Trofa 1, Villa Nova de Famelicão 1. Santiago da Cruz 1, Tebosa 1, Braga 1, Prado 1, Moure 1, Aguães 1, Ponte Nova 1, Ponte de Lima 1.

DIVISÃO V

Roteiro de Lisboa para as principaes povoações da Provincia de Traz os Montes

Como seja preciso para haver de entrar nesta Provincia subir os montes do Marão, e as serranias do Gerez, dahi veio chamar-se esta região a Provincia de Traz os Montes, que assim se considera respectivamente á do Minho. O seu ambito occupa mais de cento e trinta leguas, conforme o calculo de João Salgado de Araujo, e quasi que todo elle é de fórma quadrada; por isso advirto, que em todos os Mappas d'este reino, illuminados por estrangeiros, se accrescenta erradamente a esta Provincia toda a comarca de Pinhel, que pertence á Beira.

É aspero o seu terreno, e por essa causa as suas leguas são reputadas por maiores, ainda que as distancias sejam de menos passos. Reparte-se em quatro comarcas, cujos roteiros são os que se seguem.

CAPITULO I

Roteiro de Lisboa para a villa da Torre do Moncorvo, *em que se contam sessenta e tres leguas ao nordeste, que se reputam por sessenta e sete*

De Lisboa a Santarem 14, de Santarem a Thomar 8.

De Thomar segue o mesmo caminho, que assinámos de Lisboa para Trancoso até Celorico, que fazem trinta; e dahi se aparta caminhando para S. Martinho, que são 3.

De S. Martinho ao Rabaçal 2, do Rabaçal a Marvão 3, de Marvão ao Pocinho 2, dahi a Torre do Moncorvo 1.

Nesta derrota se passam algumas vinte ribeiras, que quasi todas tem ponte, o Douro particularmente, e em todas as mansões ha estalagens.

§ I— *Roteiros traversos da villa de Moncorvo para as principaes terras circumvizinhas, e primeiramente para a cidade de* Bragança, *em que se contam quatorze leguas ao norte*

Do Moncorvo á Portella 1, Junqueira 1, Santa Comba 1, Trindade 1, Bornes 1, Val bem feito 1, Grijó 1, Val de Prados 1, Quintella 1, Fernande 1, Sortes 1. Bragança 1.

Por este caminho ha boas estalagens, e onze ribeiras, que se passam sem perigo. uma das quaes se chama a Villariça, que é indo da Junqueira para Santa Comba.

§ II—*Roteiro de Moncorvo para* Freixo de Espadacinta, *em que se contam cinco leguas ao nascente*

Da Torre a Mós 2, de Mós a Freixo 3.

§ III—*Roteiro de Moncorvo para a cidade de* Miranda, *em que se contam treze leguas ao nordeste*

Da Torre a Carviçaes 2, ao Mogadouro 4, a Villadella 2, a Sindim 3, a Miranda 2.

§ IV—*Roteiro de Moncorvo para* Chaves, *em que se contam quatorze leguas ao norte*

Da Torre á Portella 1, a Villa-Flor 2, Meirelles 1, Frechas 2, Mirandella 1, Eixes 1, Rio Torto 1, Val Passos 1, Ervões 1, S. Lourenço 2, Chaves 1.

§ V—*Roteiro de Moncorvo para* Villa-Real, *em que se contam quatorze leguas ao noroeste*

Da Torre a Villa-Flor 3. Abreiro 2. Monte febres 2 e m, Murça 1 e m. Parafita 2. Justes 1. Villa-Real 2.

§ VI—*Summario das distancias, que ha da villa da Torre de Moncorvo ás terras da sua correição*

Da Torre de Moncorvo a

Abreiro 5 norn. Agua Revez 9 poent. Alfandega da Fé 4 nort. Anciães 4 poent.

Castro Vicente 5 nort. Chacim 7 nort. Cortiços 7 norn.

Frechas 5 nort. Frexiel 4 noro. Freix. de Espadacint. 5 suest.

Lamos de Orelhão 6 noro. Linhares 5 poent.

Mirandella 6 nort. Monforte de rio liv. 12 norn. Mós 2, e m. poent. Murça de Panoya 8 poent.

Nuzellos 9 nort.—Pinhovello 8 nord.

Sampayo 3 nort. Sezulfe 8 nort.

Torre de D. Chama 9 noro.—Valdasnes 6 nort. Villas-Boas 4 nort. Villa-Flor 3 norn. Villarinho da Castan. 3 poent.

CAPITULO II

Roteiro de Lisboa para a cidade de Miranda, *em que se contam setenta e seis leguas ao nordeste, que se reputam por oitenta*

Faz-se esta derrota pelo mesmo caminho, que assinámos de Lisboa para a Torre do Moncorvo, e d'ahi para Miranda, como já fica dito.

§ I—*Summario das distancias, que ha da cidade de Miranda ás villas da sua correição*

De Miranda a

Algozo 4 oessud. Azinhoso 7 sul.

Bemposta 5 sul.—Frieira 6 norte.—Mogadouro 7 sudue.—Penas de Royas 7.—Rebordainhos 8 norte.—Sanseriz.

Val de Passó 13 norte. Villarseco da Loba 17 norte. Vimioso 3 oesnor. Vinhaes 13 nornor.

CAPITULO III

Roteiro de *Lisboa para a cidade de* Bragança, *em que se contam setenta e cinco leguas ao nordeste*

É esta viagem pela mesma derrota, que fica assinada para a Torre de Moncorvo, e d'ahi para Bragança; porém indo por outras terras, se evita uma legua; da maneira seguinte.

Do Moncorvo á Portella 1, a Santa Comba 2, Burga 1, Bornes 1, Val bem feito 1, Fernande 2, Quintella de Lampaças 1, Bidoido 2, Rebordãos 1, Bragança 1.

§ I—*Roteiro de Bragança para* Chaves, *em que se contam doze leguas ao poente, pela estrada dos correios*

De Bragança a Grandais 1, Castrellos 1, Villa-Verde 1, Vinhaes 1.

Até aqui se tem de passar os rios Baceiro, e Tuella.

Sobreiró 1, Val Passos, ou a Curopos 1, Val d'Armeiro 1, Villartam 1.

Aqui se passa o rio Rabaçal

Lebução 1, Monforte 1, Fayões 1, Chaves 1.

Estas doze leguas é no tempo de verão, que de inverno é preciso rodear tres leguas, por passarem as aguas dos rios acima na ponte de Val de Telhas.

§ II—*Roteiro de Bragança para* Miranda, *em que se contam nove leguas ao sul*

De Bragança á Villa de Outeiro 3, d'ahi a Vimioso 3, d'ahi a Miranda 3.

Por outro caminho

De Bragança a Rio frio 2, Paradinha 1, Quinta de Val de pena 1, S, Joanico 2, Malhadas 2, Miranda 1.

CAPITULO IV

Roteiro *de Lisboa para* Villa Real, *em que se contam cincoenta e nove leguas ao norte*

Faz-se esta jornada pela derrota de Lamego, até onde se contam 55.

De Lameg. ao Pezo da Regoa 1, Santa Martha 1, á Comieira 1, a Villa-Roal 1.

Por outro caminho, indo pela estrada do Porto.

De Lisboa ao Porto 52, do Porto á Venda Nova 1, a Val longo 1, Baltar 2, Arrifana 2, Villa meã 2, Amarante 2, Ovelha 1, Campeam 2, Arabães 1, Villa-Real 1.

§ I—*Roteiro traverso de Villa Real para a* Torre de Moncorvo, *em que se contam onze leguas ao sueste*

De Villa-Real a Alvites 1, Justes 1, Parafita 1, Cadaval 1, Murça 1, Abreiro 1, Villas-Boas 1, Villa Flor 1, Carrascal 1, Moncorvo 2.

§ II—*Roteiro de Villa-Real para* Chaves, *em que se contam nove leguas ao norte*

De Villa-Real a Escariz 1, Amezio 1, Villa Pouca 2, Sobroso 2, Villa-Verde de Oura 1, Chaves 2.

§ III—*Roteiro de Villa-Real para* Mirandella, *em que se contam dez leguas ao nascente*

De Villa-Real a Alvites 1, Justes 1, Parafita 1, Cadaval 1, Murça 1, Palheiros 1, Franco 1, Lamas 1, Mirandella 2.

§ IV—*Roteiro de Villa-Real para* Amarante, Guimarães, *e* Braga, *que todas lhe ficam ao noroeste*

De Villa-Real a Arabães 1, a Campeam 1, Ovelha 2, Amarante 1, de Amarante a Lixa 1, a Caramos 1, Pombeiro 1, Guimarães 1, do Guimar. aos Quat. Irmãos 2. a Braga. 1.

—

DIVISÃO IV

Roteiros de Lisboa para as principaes povoações do Reino, e Provincia do Algarve

Sem embargo de ser montuosa esta provincia, é todavia fertil. Tem dezaseis leguas de fronteira com Andaluzia apartada pelo Guadiana, que se não vadêa. Attendendo á aspereza da maior parte das suas estradas, se reputam as leguas por cincoenta em qualquer viagem desta provincia, ou seja pouca, ou muita a distancia que se caminha.

Os productos deste reino, que consistem em excellentes vinhos, uvas, e figos passados, amendoas, e em muitos generos de peixes gostosos, servem grandemente ao commercio, e contrato não só das nações do Norte, que os conduzem daqui ás suas terras, mas aos proprios nacionaes, que por transporte vem com elles fertilizar as mais provincias

do reino, obrigando-os este interesse a transitar com mais frequencia pelas terras desta região.

CAPITULO I

Roteiro de Lisboa para a cidade de Faro, *em que se contam trinta e nove leguas ao sueste, as quaes se reputam, e costumam pagar-se por cincoenta*

De Lisboa á Moita 3, Aguas de Moura 5, Alberges 3, Quinta de D. Rodrigo 4, Figueira dos Cavalleiros 3, Aljustrel 4, Castro 3, Sembrana 3 e m., Amexial 3 e m., S. Braz 5, Faro 2.

Por outro caminho

De Lisboa a Aldea Gallega 3, A Montemór o Novo 12, a Viana 6, Alvito 1, Béja 5, Entradas 5, Crasto 2, Almodovar 3, Loulé 9, Faro 2.

§ 1 — *Summario das distancias, que ha de Faro ás terras do seu Termo*

De Faro a

Alagoa 7. Alcantarilha 5. Alferce 6. Algos 4. Alportel 2. Alvor 7. Ameixoeira grande 8. Ameixoeirinha 7.

Santa Barbara 2. S. Braz 2. S. Barthlomeu 6.

Estombar 6. Estoi 2.

Monchique 11.—Nexe 2.—Olhão 1.

Pera 5. Pixão 2—Quelfez 2.

S. João da Venda 1. Silves 7.

CAPITULO II

Roteiro de Lisboa para a cidade de Lagos, *em que se contam trinta e sete leguas ao sul*

De Lisboa á Moita por mar 3, Setubal 3, Comporta 3, Melides 6, Santo André 2, Villa-Vova de mil fontes 7, Odeseixas 6, Aljesur 2, Bensafrim 4, Lagos 1.

Quem não quer ir á Comporta, onde o barco é incerto, póde logo da Moita tomar o caminho seguinte.

Da Moita á Palhota 2, a Aguas de Moura 3, Alcacer do Sal 4, Melides 6.

Daqui continúa a estrada para diante, como fica dito acima.

§ 1—*Roteiros traversos de Lagos para as principaes terras circumvizinhas, e primeiramente para* Faro, *em que se contam onze leguas ao nascente*

De Lagos a Alvor 1, dahi a Villanova de Portimão 1, ao Lugar da Alagoa 1, ao Lugar de Porxes 1, ao Lugar de Pera 1, á Estalagem da Nora 2, á Quinta da Quarteira 1, a S. Lourenço do Almancil 2, a Faro 1.

§ II—*Roteiro de Lagos para* Silves, *em que se contam quatro leguas ao nordeste*

De Lagos a Villa-Nova de Portimão 2, dahi a Silves pelo rio, ou por terra 2.

§ III—*Roteiro de Lagos para* Sagres, *em que se contam sete leguas ao sudueste*

De Lagos até á Villa do Bispo 5, dahi a Sagres 2.

§ IV—*Roteiro de Lagos para* Albufeira, *em que se contam seis leguas ao nascente*

De Lagos ao lugar de Pera 5, dahi a Albufeira 1.

§ V—*Roteiro de Lagos para* Loulé, *em que se contam dez leguas ao nascente*

De Lagos á Quinta da Quart. 8, dahi a Loulé 2.

§ VI—*Roteiro de Lagos para* Tavira, *em que se contam quinze leguas ao nascente*

De Lagos até Loulé 10, dahi a Tavira 5.
Por Faro são dezaseis leguas.

§ VII—*Roteiro de Lagos para* Castro-Marim, *em que se contam vinte leguas ao nascente*

De Lagos a Tavira 16, dahi a Castro-Marim 4.
Indo por Loulé são dezanove.

§ VIII — *Roteiro de Lagos para* Alcoutim, *em que se contam vinte e seis leguas ao nordeste*

De Lagos a Castro-Marim 20, dahi a Alcoutim pelo Guadiana, ou pela serra 6.

§ IX—*Roteiro de Lagos para a villa do* Bispo, *em que se contam cinco leguas ao sul*

De Lagos ao lugar de Budes 2, dahi ao lugar da Figueira 1, ao lugar da Rapozeira 1, á Villa do Bispo 1.

§ X —*Roteiro de Lagos para a cidade de* Beja, *em que se contam vinte e tres leguas ao nordeste*

De Lagos ao lugar de Odeseix. 7, á villa de Odemira 4, á Aldea de Santa Luzia 4, á Messejana 2, a Aljustrel 1, a Beja 5.

Por outro caminho mais breve, indo pela serra.
De Lagos ao lugar de Monchique 5, á Estalagem da Palhota 4, á

Igreja de Santa Clara m., a S. Martinho das Amoreiras m., a Gravão 1, Panoyas 1, Messejana 1, Aljustrel 1, Beja 5.

§ XI—*Roteiro de Lagos para a villa de* Ourique, *em que se contam quatorze leguas ao norte*

De Lagos a S. Martinho das Amoreiras 12, dahi a Ourique 2.

§ XII—*Roteiro de Lagos para* Evora, *em que se contam vinte e nove leguas ao nordeste*

De Lagos até Messejana 15, dahi a villa de Ferreira 4, Alvito 4, Aguiar 2, Evora 4.

§ XIII—*Roteiro de Lagos para a* Vidigueira, e villa de Frades, *em que se contam vinte e tres leguas ao nordeste*

De Lagos a Aljustrel 16, á aldea do Ervedel 2, Beringel 2, Cuba 2, Vidigueira ou Villa de Frades 1.

§ XIV—*Roteiro de Lisboa para* Albufeira, *em que se contam trinta e seis leguas ao sul*

De Lisboa á Moita 3, Aguas de Moura 5, Palma 2, Alcacere do Sal 3, Val de Guizos 1, Bairros 4, Alvalade 2, Val de Santiago 3, S. Martinho 2, Santa Clara 3, S. Marcos 3, S. Bartholomeu 2, Albufeira 3.

Nesta jornada se passam seis ribeiras.

Por Lagos ha 35 leguas e meia, a saber:

De Lisboa a Setubal 6, á Comporta m., a Melides 5, a Villa-Nova de mil font. 6, Odeseixes 6, a Aljesur 1, a Lagos 5, a Alvor 1, a Villa-Nova de Portim. 1, á Albufeira 4.

Por esta jornada não ha ribeiras que passar.

Pelo serro do Malhão ha 38 leguas, a saber:

De Lisboa á Moita 3, a Aguas de Moita 5, a Palma 2, á Figueira 8, a Aljustrel 4, a Crasto 3, a Almodovar 3, ao Serro do Malhão 5, á Albufeira 5.

Tem esta jornada nove ribeiras que passar.

As terras principaes, e circumvizinhas a esta villa, contando de Albufeira até Castro Marim, são estas:

De Albufeira a Loulé 3, de Loulé a Faro 2, a Tavira 5, a Castro-Marim 3.

E contando de Albufeira até Lagos.

De Albufeira a Villa-Nova 4, a Alvor 1, a Lagos 1, á Villa do Bispo 5.

§ XV—*Roteiro de Lisboa para a Villa de* Loulé, *em que se contam trinta e sete leguas ao sul*

De Lisboa á Moita 3, dahi á Palhota 2, Aguas de Moura 3, Palma

2. Alberges 1, Val de Reis m., Porto de Lama m., Porto delRei 2, Quinta de D. Rodrigo 1, Figueira dos Cavalleiros 3, Aljustrel 4, Castro 3, Almodovar 3, Corte Figueira 3, Loulé 6.

Por outro caminho mais breve

De Lisboa á Moita 3, Setubal 3, Santiago de Cacem 10, Panoyas 5, Ourique 3, Corte Figueira 6, Loulé 6.

§ XVI — *Roteiro de Lisboa para* Villa-Nova de Portimão, *em que se contam trinta e oito leguas ao sul*

De Lisboa a Setubal 6, de Setubal á Comporta 3, Melides 6, Santo André 2, Villa-Nova de mil fontes 7, Odeseixas 6, Alsezur 2, Villa-Nova de Portimão 6.

Por outro caminho

De Lisboa á Moita 3. Aguas de Moira 5, Alcacer do Sal 5, Bairos 8, Val de Santiago 7, Palhota 6, Monchique 4, Villa-Nova de Portimão 4.

CAPITULO III

Roteiro de Lisboa para a cidade de Tavira, *em que se contam quarenta e uma leguas ao sul, e se reputam por cincoenta*

De Lisboa á Moita 3, á Palhota 2, Aguas de Moira 3, Palma 2, Alberges 1. Porto da Lama 1, Porto Delrei 2, Quinta de D. Rodrigo 1, Figueira 2. Aljustrel 4, Entradas 2, S. Marcos 2, S. João 2, S. Sebastião 1, á dos Caros 2, á dos Vargens 1, aos Giões 1, Zambujal 2, Tavira 7.

Por outro caminho, indo pela estrada de cima

De Lisboa á Moita 3, da Moita segue a mesma estrada até Aljustrel em que ha 19, de Aljustrel a Crasto 3, ao Ameixial 7, a S. Braz 5, a Tavira 4.

§ I—*Summario das distancias, que ha de Tavira ás terras da sua correição*

De Faro a

Alcoutim 9 nordest. Alte 8 noroest. Ameixial 9. Arenilha 4. Azinhal 5 nordest. Azor 7.

Benafins 7. Boliqueime 8 poent. Cacella 2 nascent. Cachoupo 5 noroest. Santa Catharina 2 nort. Castro-Marim 1 nordest. Conceição 1. Do deleite 6 nort. Fuzeta 2. Giões 9 nort. Loulé 6 poent. Luz 1. Martim longo 9 nort. Moncarapacho 2 sul. Pereiros 7 nort. Sellir 8 poent. Vaqueiro 6.

§ II— *Varios roteiros por travessia na viagem do Algarve*

De Lisboa a Lagos 50, de Lagos a Villa-Nova de Portimão 3, daqui a Silves 2, á Alagoa 3, á Albofeira 3, a Faro 2, a Tavira 5, a Castro Marim 5.

§ III —*Outra travessia*

De Lisboa a Sagres 50, de Sagres a Lagos 7, de Lagos a Villa-Nova 3, daqui á Alagoa 2, da Alagoa a Albufeira 3, da Albufeira a Silves 3, de Silves a Loulé 6, de Loulé a Faro 2, de Faro a Tavira 5, de Tavira a Castro Marim 5, daqui a Alcoutim 6, daqui a Mertola 5, de Mertola para Lisboa 34.

§ IV— *Outra travessia*

De Sagres a Lagos 7, de Lagos a Villa-Nova 3, daqui a Silves 2, de Silves á Alagoa 3, daqui á Albufeira 3, daqui a Loulé 3, daqui a Faro 2, daqui a Tavira 5, de Tavira a Lisboa 40.

Distancias de Lisboa ás principaes terras de Portugal

de Lisboa a

Abrantes 23. Aguas Bellas 20. Alcacer do Sal 14. Alcobaça 18. Alcochete 3. Alcoentre 11. Aldea Gallega 3. Aldea da Merciana 9. Alegrete 38. Alemquer 7. Alfayates. Alhandra 5. Alhos Vedros 3. Aljubarrota 18. Almada 1. Almeida 60. Almeirim 15. Alter do Chão 30. Alverca 4. Alvor. Alvorninha 13. Amarante 62. Angeja 40. Arrayolos 18. Arega. Arruda 6. Assumar. Atalaya 19. Atouguia 10. Aveiro 43. Avintes. Aviz 25. Azambuja 10. Azeitão 7.

Barbacena. Barcellos 59. Barreiro 2. Batalha 20. Beja 24. Bellas 1 e m. Benavente 9. Boarcos 39. Borba 26. Braga 60. Bragança 77. Bucellas 4.

Cadaval 12. Caldas 14. Çamora 7. Campo Maior 33. Carnota 9. Cascaes 5. Castanheira 8. Castello-Branco 40. Castello de Vide 32. Castello-Melhor. Castro Daire. Castro Marim 50. Cea. Celorico 50. Certã. Cezimbra 6. Chacim. Chamusca 18. Chaves 68. Chileiros. Cintra 5. Coimbra 34. Coina 3. Collares 6. Coruche 14. Covilhã 15. Coz 19. Crato 28.

Ega. Elvas 30. Enxara dos Cavalleiros 5. Ericeira 7. Escaroupim 11. Esgueira 35. Estremoz 24. Evora 20.

Faro 50. Feira 48. Figueiró dos Vinhos 28. Freixo de Espadacinta.

Galveas. Gaviam 28. Gollegã 18. Gouvea 51. Guimarães 60. Guarda 54. Jerumenha 29.

Lafões. Lagos 37. Lamego 55. Lavradio 2. Leiria 22. Loulé 50. Lourinhã 10.

Mafra 6. Mação. Mayorga. Mertola 34. Messejana 21. Miranda 79.

De Lisboa a

Moita 3. Moncorvo 67. Monsanto. Monte-mór o Novo 15. Monte-mór o Velho 36. Moira 30. Mourão 26. Mugem 12.

Nazareth 20. Niza 16.

Obidos 14. Oeiras 3. Olivença 34. Ourem 25. Ourique 25. Ota 11.

Palmella 5. Pampilhosa. Pederneira 18. Pégões 8. Pedrogão pequeno 32. Penamacor 50. Peniche 12. Perucha 25. Pernes 18. Pias. Pinhel 55. Pombal 28. Portalegre 32. Porto 52. Porto de Mós 19. Povos 7. Punhete 21.

Rabaçal 30. Rates. Redinha 28. Redondo.

Salvaterra de Magos 10. Sampayo. Sandomil. Santarem 14. Santiago de Cacem 22. Sardoal 24. Serpa 30. Setubal 6. Silveiras 13. Silves 50. Sines 20. Sobral 6. Soure 30.

Tagarro 12. Tancos 20. Tarouca 54. Tavira 50. Tentugal 35. Thomar 22. Tibães. Torrão 18. Torres Novas 19. Torres Vedras 7. Trancoso 55.

Vallada 12. Valladares 76. Valença do Minho 70. Valença da Beira. Varatojo 7. Viana do Alemtejo 21, Viana do Minho 62. Vendas Novas 11. Vidigueira 25. Villa do Conde 57. Vialonga 3. Villa Flor. Villa Franca 6. Villa Nova da Cerveira 76. Villa Real 71. Villa Verde 9. Villa Viçosa 26 e m. Villar Maior. Vimieiro 21. Viseu 47. Ulme 16. Unhão. Unhos 2.

FIM

Hic labor extremus, longarum hæc meta viarum.
Hinc me digressum vestris Deus appulit oris.
(Æneid, l. 3.)

OBRAS

DE QUE A. J. F. LOPES É EDITOR,

E SE VENDEM

NO ARMAZEM DE LIVROS, RUA AUREA, 132—134

Panorama, collecção completa de 15 vol. 15000 réis, encadernados..... 20000
Illustração Luso-Brazileira, 3 vol. completos, 7200 réis, encadernados..... 8400
Elucidario das palavras, termos e frases, por Santa Roza de Viterbo, 2 vol. in fol. a 2 col.. 4000
Chronica da Companhia de Jesus, pelo padre Simão de Vasconcellos, 2 vol em 4.°... 1800
Trabalhos de Jesus, por Fr. Thomé de Jesus, 2 vol. em 4.°..... 1800
Historia de S. Domingos, por Fr. Luiz de Sousa, 6 grossos vol. em 4.°..... 7200
Historia Insulana, pelo padre Antonio Cordeiro, 2 vol. em 4.°..... 2000
Origem e Ortographia da lingua portugueza, por Duarte Nunes do Leão, 1 vol..... 500
Reflexões sobre a lingua portugueza, por Francisco José Freire, 3 vol..... 720
Memorial dos Cavalleiros da Tavola Redonda, por Jorge Ferreira de Vasconcellos..... 1000
Mappa de Portugal, por j. Baptista de Castro, continuado até o presente, 4 vol. em 4.°.. 3600
Memorias da minha vida, recordações das minhas viagens, por Joseffine Neuville, 2 vol. 1200
Diccionario aristocratico que contém todos os Alvarás de fidalgos da casa real, etc etc. extrahido dos livros do registo das mercês existentes no Archivo publico do Rio de Janeiro desde 1808 até setembro de 1822, 1 vol. 3.° 400
A Conquista de Lisboa, romance historico, por Carlos Pinto d'Almeida..... 500
A Cruz pelas riquezas, romance historico, orginal, pelo mesmo..... 500

M. M. BARBOSA DU BOCAGE

Obras completas, colligidas, dispostas, e annotadas por I. F da Silva, e precedidas d'um estudo biographico sobre o poeta, escripto por Rebello da Silva, 6 vol..... 4320

BARRETO FEIO

Eneida de Virgilio, traducção com o texto latino, 3 vol..... 2880

LIMA LEITÃO

Naturesa das cousas, poema de Tito Lucrecio Caro, traduzido do original latino para versão portugueza, 2 vol. 8.°.... 800
Medicina Legal por Sédillot, 2.ª edição augmentada de notas. 2 vol. 8.° fr... 1200

F. EVARISTO LEONI

Genio da Lingua Portugueza, 2 vol.... 1800

REBELLO DA SILVA

Fastos da igreja, historia da vida dos santos, ornamentos do christianismo, com censura e auctorisação do patriarchado 2 vol..... 960
A Mocidade de D. joão V c. d. em 5 actos 480
Othello ou o mouro de Veneza, d. em 5 actos, imitação, 1 vol. 8.° fr..... 300

J. DA S. MENDES LEAL JUNIOR

Os Homens de Marmore, d. em 5 actos 360
Homem de ouro. d. em 3 actos..... 300
A Herança do Chanceller, c. em 3 actos, 400
Pedro. d. em 5 actos, 2.ª edição, 1. vol. 400
A Pobreza envergonhada, d. em 5 actos.... 480
Alva estrella, d em 5. actos..... 300
Canticos, 1 vol. 8.° fr..... 720

LOPES DE MENDONÇA

Memorias de litteratura contemporanea, 720
Lições para maridos, c. em 3 actos..... 400

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO

Chronica da rainha D. Maria II (completa) 3 vol. in fol..... 4500
1640 ou a restauração de Portugal, facto historico em 4 actos, 7 quadros..... 300
Minhas Lembranças, poesias..... 500

I. DE VILHENA BARBOSA

Cidades e villas da monarchia portugueza que teem brazão d'armas, 3 vol. com 126 estampas lithographadas..... 3000

F. SOARES FRANCO

Sermões, 6 vol. 8.° contendo 74 sermões 2880
Memorias da mocidade.—I—Rosas e espinhos do amor. Chronicas de Coimbra. Dever ou crime.—II—As duas costureiras. Um casamento á congreve.—2 vol. 1000
Folhas da vida. Poesias. 1 vol..... 600

ANTONIO DE SERPA

Dallila, d. em 4 actos e 6 quadros..... 400
Casamento e despacho, c. em 3 actos... 320

L. A. PALMEIRIM

Poesias, 4.ª edição correcta 1 vol..... 600
Dois casamentos de conveniencia, c. em 3 actos..... 360
Como se sobe ao poder, c. em 3 actos.. 400
O sapateiro d'escada, c. em 1 acto..... 160
A domadora de feras, c. em 1 acto..... 160

A. CEZAR DE LAGERDA

Um risco, c. em 2 actos..... 160

Scenas de familia, c. em 2 actos..... 320
A Duplice existencia, c. em 4 actos..... 240
A Probidade, c. em 2 actos e um prologo. 300
Os Filhos dos trabalhos, d. em 4 actos.. 360
Uma lição de florete, c. d. em 3 actos. 180
Trabalho e honra, c. em 3 actos..... 300
A Aristocracia e o dinheiro, c. em 3 actos 300
Coração de ferro, d. phantastico em 5 actos..... 300
O Chaile de cachemira, c. em 1 acto ... 120
E perigoso ser rico, c. em 1 acto. 160
As joias de familia, c. d. em 3 actos..... 300

MENDES LEAL ANTONIO

Poesias, um vol..... 500
Abel e Caim, c. em 3 actos..... 240
Uma victima, d. em 3 actos..... 160
Dôr e amor, c. d. em 3 actos..... 200

J. D'ABOIM

A' tarde entre a murta, c. em 3 actos... 240
O Recommendado de Lisboa, c. em 1 acto 80
O homem põe, e Deus dispõe, c. em 2 actos 120
As nodoas de sangue, d. em 3 actos.... 110
Cada louco com sua mania, c. em um acto. 100

E. BIESTER

Um quadro da vida, d. em cinco actos. 480
A Redempção, c. d. em 3 actos..... 360
Duas epocas da vida, c. em 2 actos..... 240
Uma viagem pela litteratura contemporanea..... 200
As Obras de Horacio, imitação, c. 1 acto 120
Um Homem de consciencia, c. em 2 actos. 160
O maestro Favilla, d. em 3 actos..... 160

I. M. FEIJOO

Camões do Rocio, c. em 3 actos.. 300
A torre do Corvo, d. em quatro actos.. 400
Carlos ou a familia de um avarento, c. em quatro actos..... 240
Pedro Cem, c. em cinco actos..... 300
Remechido, o guerrilheiro, d. em 3 actos. 300

ALFREDO HOGAN

As Brazileiras, c. d. em 3. actos..... 300
Ninguem julgue pelas apparencias, c. d. em 3 actos..... 360
Os dissipadores c. em 4 actos..... 400
É melhor não experimentar c. em um acto 200
Memorias do coração, romance 240
Duas mulheres da epocha, romance.... 240
A irmã da caridade c. em 2 actos..... 160
O marido no prego, c. em 1 acto..... 160
Já não ha tolos! c. em 1 acto 80
Não desprezes sem saber, c. em 1 acto.. 120
O colono, c. d. em 3 actos..... 160
Segredos do coração, c. d. em 3 actos.. 200
O juizo do mundo, c. d em 3 actos.... 240
A mascara social, c. d. em 3 actos..... 200
A pelle do leão, c. d. em 3 actos..... 200
A roda da fortuna, c. d. em 3 actos.... 160
Nem tudo que luz é oiro, c. d. em 3 act 200
O dia 1.º de dezembro de 1640, c. heroica em 3 actos 200
O ultimo dia dos jesuitas em Portugal drama original historico portuguez, em 8 quadros 4 actos e um epilogo..... 200
Pilatos no Credo, c. em 1 acto..... 80

J. CESAR MACHADO E ALFREDO HOGAN

A vida em Lisboa, c. d. em 4. actos.... 300
Primeiro o dever! c. d. em 3 actos..... 160

J. C. DOS SANTOS

O segredo d'uma familia, c. em 5 actos 240
O pai prodigo, c. em 3 actos..... 200
O homem das cautellas, c. em 2. actos.. 200
Gil Braz de Santilhana, c. em 3 actos... 180
Maria ou o irmão e a irmã. c. em 3 act. 200
Uma chavena de chá, c. em 1 acto.... 120
Convido o coronel !!! c. em um acto ... 100
Herança d'um tio russo. c. em 3 actos.. 220

HENRIQUE VAN-DEITERS

Poesias, um vol..... 360
Os moedeiros falsos, c. em tres actos.. 160
Dois cães a um osso, c. em um acto... 100
Não envenenes tua mulher qui proquo em um acto..... 120
Scenas intimas, c. d. em um acto..... 100
Brios militares, c. d. em um acto..... 160

JOAQUIM AUGUSTO D'OLIVEIRA

A coroa de Carlos Magno, peça magica de grandes espectaculos, em 4 actos um prologo e 21 quadros, formado sobre a lenda=Les quatre fils Aymon..... 320
A costureira, c. em um acto..... 100
Erros da mocidade. comedia em 3 actos 160
A Ave do Paraiso, comedia magica em 20 quadros formando tres actos..... 360
O paraiso perdido, ou a creação e o Diluvio, peça biblica em um prologo, tres actos, e um epilogo, formando 21 quadros..... 360

MANOEL ODORICO MENDES

Opusculo ácerca do Palmeirim de Inglaterra e do seu author no qual se prova haver sido a referida obra composta originalmente em portuguez..... 200

JULIO CEZAR MACHADO

A esposa deve acompanhar seu marido, comedia em um acto..... 140
O capitão Bitterlin, comedia em um act. 140

ARISTIDES ABRANCHES

Stambul, em 3 actos e 9 quadros..... 300
A mãi dos escravos, d em 4 actos..... 200
Como se descobrem mazellas, c. em 1 acto 120
Trovoadas de maio, comedia em um act. 160
Os dois pescadores, comedia em um act. 80
Nem todo o mato é oregãos, comedia em um acto..... 160

J. R. CORDEIRO JUNIOR

Amor e arte d. em 3 actos..... 220
O Arrependimento salva, drama em 3 act. 100

Fernando, c. d. em 4 actos..... 200

J. I. DE ARAUJO

A princeza de Arrentella, tragedia burlesca em 3 actos..... 160
A Sombra do sineiro, tragedia burlesca em 3 actos..... 200
Um bico em Verso, scena comica..... 60
O principe escarlate, tragedia burlesca em tres actos em verso..... 180
Um homem que tem cabeça, c. em 1 act. 100
Ultimos momentos d'um Judas, entre-acto tragico burlesco..... 80
Morte de reuhaunhau, destempero tragico carnavalesco Poesia comica..... 40

JOSE BENTO D'ARAUJO ASSIS

O segredo d'uma esmola, c. d. em 2. act. 180
As duas paixões, c. em 1 acto..... 120
Deus nos livre de mulheres, c. em 1 acto ornada de coplas..... 120
Sciencia aos trambulhões, c. em 2 actos 100
Enganos e loucuras, farça lyrica em 1 acto, ornada de musica..... 120

J. A. DE MACEDO

A creação, poema, 1 fol..... 120

ERNESTO MARECOS

As Primeiras Inspirações, poesias, 1 vol. 600
Juca, a Matumbolla—Lenda..... 160
Juramentos bem cumpridos, romance.. 600
Contos e recordações, 1 vol..... 500
As confidencias..... 400
Savitri, lenda indiana..... 140

CASEMIRO D'ABREU

As Primaveras, poesias, um vol. contendo todas as obras d'este auctor..... 400
O Camões e o Jau, scena dram..... 100

MANOEL MARIA PORTELLA

Ensaios poeticos, 1 vol. (poesias)..... 400

OBRAS DE DIVERSOS AUCTORES

Cirurgia e Medicina, um vol..... 360
Addições ao Manual do Tabellião, um vol. 200
Mentor da mocidade..... 120
Uma viagem á Inglaterra, Belgica e Franc. 120
Anjo, mulher e Demonio, c. d. em 2 act. 200
Amor e amizade, c. em um acto..... 80
Amor virgem n'uma peccadora, c. 1 acto 160
A Cruz, drama 5 actos..... 320
29 ou honra e gloria, c. de costumes militares, em tres actos..... 360
Tudo no mundo é comedia, c. em 3 act. 200
A conversão d'um agiota, c. em 2 actos.. 160
Graziella, d. em um acto..... 100
Os dois irmãos, d. em 4 actos..... 200
Guia do povo para escolher uma medicina, um vol..... 400
Dois contos por dia, um acto..... 160
O prestigiador 2 actos..... 300
O amor e o dever, 2 actos..... 240
A vingança, c um acto..... 80
Que é o destino, c. um acto..... 100
Duvidas do coração, c. um acto..... 120
Trevas e luz, c. dois actos..... 300
Honra e deshonra, c. um acto..... 160
Os dois proscriptos ou a Restauração de Portugal em 1640..... 360
Amor e dever (do Rio de Janeiro)..... 200
Vicio em doutrina, c. em 4 actos..... 300

OBRAS QUE TEM DE SORTIMENTO

Um livro por C. C. Branco, 1 vol..... 360
Grammatica Hespanhola para uso dos portuguezes por Peixoto 1 vol 300
Reportorio comentado sobre os foraes e doações regias por Ferrão 2 vol 2000
Elementos da arte militar por Camara Leme 1 vol..... 1500
Exceptos historicos e colleção dos documentos relativos á guerra denominada da Peninsula por Chavy 1.ª parte ... 1200
Catalogo dos manuscriptos da Bibliotheca Publica Eborense por Rivara 1 vol in fol. 1500
Relatorio sobre a fabricação e administração da polvora por conta do Estado 1 vol com um mappa..... 500
O defensor da religião em disputas com os incredulos 6 vol..... 1200
Medicina e Cirurgia Clinica positiva por Manoel da Rocha 1 vol..... 360
Justa acclamação do serenissimo rei de Portugal D. João 4.º pelo Dr. Francisco Vellasco de Gouvêa 1 vol..... 720
Coróa poetica no consorcio de D. Luiz e D. Maria de Saboya 200
Viagem da corveta D. João 1.º á capital do Japão por Marques..... 500
O verme roedor das sociedades modernas pelo Padre Gaume..... 360
Nem um nem outro. Romance 3 vol.... 720
Concelho dos dez em Veneza ou a machina infernal com estampas..... 400
Paraphrase da epistola aos Pisões denominada arte poetica de Horacio annotada por D. Gastão da Camara Coutinho.. 300
Julio Gerard. Caça ao leão com estampas 700
Poesias de F. E. Lione..... 240
Historia dos 3 dias de Fevereiro de 1848 por Peletan..... 180
Tentativas poeticas 300
Ao partido liberal, por A. Herculano... 250
O rei do mundo, ou historia do dinheiro, por Emilio Souvestre 3 vol..... 1200
Moral universal ou deveres do homem, pelo Barão d'Holbach 3 vol..... 1300
Resoluções do conselho d'estado, por José Silvestre Ribeiro, 3 col 1 a 9 e 12 a 16 e uma col. vol. 9, 12 a 16 cada vol. 500
Jeronymo Pathourot em procura d'uma posição social 500
O monge de Levis, traduzido do francez por Manoel Martins da Cunha..... 400
Formulario dos escrivães de primeira instancia, por Sousa Duarte..... 500
Dito dos tabelliães, pelo mesmo..... 500

SUPPLEMENTO

AO

MAPPA

DE

PORTUGAL

ANTIGO E MODERNO

PELO PADRE

JOÃO BAUTISTA DE CASTRO

BENEFICIADO NA SANTA BASILICA PATRIARCHAL DE LISBOA

TOMO QUARTO

POR

MANOEL BERNARDES BRANCO

LISBOA

TYP. DO PANORAMA

112—Rua do Arco do Bandeira—112

MDCCCLXX

OBRAS

DE QUE A. J. F. LOPES É EDITOR,

E SE VENDEM

NO ARMAZEM DE LIVROS, RUA AUREA, 132—134

Panorama, collecção completa de 15 vol. 15000 réis, encadernados..... 2000
Ilustração Luso-Brazileira. 3 vol. completos. 7200 réis. encadernados..... 8400
Elucidario das palavras, termos e frases, por Santa Roza de Viterbo. 2 vol in fol. a 2 col. 4000
Chronica da Companhia de Jesus, pelo padre Simão de Vasconcellos, 2 vol em 4.°... 1800
Trabalhos de Jesus, por Fr. Thome de Jesus, 2 vol. em 4.°..... 1800
Historia de S. Domingos, por Fr. Luiz de Sousa, 6 grossos vol. em 4.°..... 7200
Historia Insulana, pelo padre Antonio Cordeiro, 2 vol. em 4.°..... 2000
Origem e Ortografia da lingua portugueza, por Duarte Nunes do Leão, 1 vol..... 500
Reflexões sobre a lingua portugueza, por Francisco José Freire, 3 vol..... 720
Memorial dos Cavalleiros da Tavola Redonda, por Jorge Ferreira de Vasconcellos..... 1000
Mappa de Portugal, por J. Baptista de Castro, continuado até o presente, 4 vol. em 4.°.. 3600
Memorias da minha vida, recordações das minhas viagens, por Josefina Neuvide. 2 vol. 1200
Decenario aristocratico que contem todos os Alvarás de fidalgos da casa real, etc etc. extrahido dos livros do registo das mercês existentes no Archivo publico do Rio de Janeiro desde 1808 até setembro de 1822, 1 vol. 8.°..... 400
A Conquista de Lisboa, romance historico, por Carlos Pinto d'Almeida..... 500
A Cruz pelas riquezas, romance historico, orginal, pelo mesmo..... 500

M. M. BARBOSA DU BOCAGE

Obras completas, collegidas, dispostas, e annotadas por I. F. da Silva, e precedidas d'um estudo biographico sobre o poeta escripto por Rebello da Silva, 6 vol..... 4320

BARRETO FEIO

Eneida de Virgilio, traducção com o texto latino, 3 vol..... 2880

LIMA LEITÃO

Naturesa das cousas, poema de Tito Lucrecio Caro, traduzido do original latino para versão portugueza, 1 vol. 8.°..... 800
Medicina Legal por Soudlot. 2.ª edição augmentada de notas, 2 vol. 8.° fr... 1200

F. EVARISTO LEONI

Genio da Lingua Portugueza, 2 vol.... 1800

REBELLO DA SILVA

Factos da igreja, historia da vida dos santos, ornamentos do christianismo, com censura e auctorisação do patriarchado 2 vol..... 960
A Mocidade de D. João V. c. d. em 5 actos 480
Othello ou o mouro de Veneza, d. em 5 actos, imitação, 1 vol. 8.° fr..... 400

J. DA S. MENDES LEAL JUNIOR

Os Homens de Marmore, d. em 5 actos 300
Homem de ouro d. em 3 actos..... 600
A Herança do Chanceller, c. em 3 actos, 300
Pedro I. em 5 actos, 2. edição, 1. vol. 400
A Pobreza envergonhada, d. em 5 actos.... 400
Alva estrella, d. em 5. actos..... 300
Castros, 1 vol. 8. fr..... 700

LOPES DE MENDONÇA

Memorias de litteratura contemporanea, 720
Lições para maridos, c. em 3 actos..... 400

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO

Chronica da rainha D. Maria II (completa) 3 vol. in fol..... 4300
1640 ou a restauração de Portugal, facto historico em 4 actos, 7 quadros..... 300
Minhas Lembranças, poesias..... 500

I. DE VILHENA BARBOSA

Cidades e villas da monarchia portugueza que teem brazão d'armas, 3 vol. com 126 estampas lithographadas..... 3000

F. SOARES FRANCO

Sermões, 6 vol. 8.° contendo 74 sermões 2880
Memorias da mocidade.—I—Rosas e espinhos do amor. Chronicas de Coimbra. Dever ou crime.—II—As duas costureiras. Um casamento á congreve.—2 vol. 1000
Folhas da vida. Poesias. 1 vol..... 600

ANTONIO DE SERPA

Dallila, d. em 4 actos e 6 quadros..... 400
Casamento e despacho, c. em 3 actos... 320

L. A. PALMEIRIM

Poesias. 4.ª edição correcta 1 vol..... 600
Dois casamentos de conveniencia c. em 3 actos..... 300
Como se sobe ao poder, c. em 3 actos.. 400
O sapateiro d'escada, c. em 1 acto 100
A domadora de feras, c. em 1 acto.... 100

A. CEZAR DE LACERDA

Um risco, c. em 2 actos..... 100

SUPPLEMENTO

AO

MAPPA DE PORTUGAL

DO BENEFICIADO

JOÃO BAPTISTA DE CASTRO

COORDENADO

Por MANUEL BERNARDES BRANCO

LISBOA
TYPOGRAPHIA DO PANORAMA
112—RUA DO ARCO DO BANDEIRA—112
1870

SUPPLEMENTO

AO

MAPPA DE PORTUGAL

COMPOSTO POR

JOÃO BAUTISTA DE CASTRO

APPENDICE

AO CAPITULO I DO LIVRO E VOLUME I

SUMMARIO

—*Algumas palavras de Antonio Caetano do Amaral sobre os antigos habitantes da Lusitania.*—II—*Noticia d'algumas obras escriptas por estrangeiros relativas a assumptos portuguezes.*—III—*Lista d'algumas obras compostas por portuguezes, e impressas ou reimpressas em paizes estrangeiros.*—IV—*Relação d'algumas obras portuguezas traduzidas por estrangeiros.*

Sobre os antigos habitantes da Lusitania vem muito a proposito referir aqui as palavras com as quaes o judicioso Antonio Caetano do Amaral começa sua primeira Memoria para a historia da Legislação e costumes de Portugal. (1.° vol. das Mem. da A. R. das Sc. pag. 245 e seg.

«Uma historia sincera envergonha-se da gloria vã, que se busca em antiguidades mentirosas: desgosta-se d'esses sonhos agradaveis, pastos de uma esteril recreação: e se saborêa só com a verdade pura. Tal é a sorte d'este escripto, dirigido a fazer presentes aos portuguezes os verdadeiros costumes e leis de seus maiores: regeita tudo quanto a impostura, ou a credulidade moderna lhe conta dos seculos, que a Providencia quiz esconder-lhe: e se contenta com as escassas memorias, que póde colher dos raros monumentos antigos que lhe restam. Não tenta entrar pelas espessas trevas dos primeiros 36 seculos do mundo, em que não acha quem o encaminhe. Pois que os hebreus, unicos guias seguros, que

introduzem em muitos outros paizes, nem um só passo dão para este, que habitamos; apenas dão motivo a conjecturar, que das colonias sahidas do Oriente para povoar a terra algumas se estenderam até a esta extremidade; mas nem d'onde, nem quando viessem, o póde colher a historia.

Não acha depois dos hebreus outros, de quem se fie, senão os romanos; e ainda estes pouco lhe sabem dizer de um paiz tão apartado, em quanto a ambição de o senhorear os não avisinha a elle: mal conservam uma obscura tradição de que a estas partes vieram celtas, iberos, persas, lusos, e gregos; (1) de uns apenas ficára resto na derivação do nome, de outros na herança de alguns costumes. A navegação, com que alguns povos do fundo do mediterraneo começam a enriquecer, os traz até estas ultimas costas, e vai logo espalhar pelo mundo a fama das ricas minas, e do fertil torrão d'este paiz desconhecido, (2) antes que da qualidade de seus habitantes: não tarda comtudo a mostrar-se esta: continua a vir em busca dos thesouros descobertos a ambição estrangeira: e vê erguer d'aqui, quaes feras acossadas nos seus covis, homens bravos para defender os bens, que a Providencia lhes destinára.

E esta é a primeira scena que se nos representa no terreno lusitano: um campo de batalha continuada já com os fenicios, já com os carthaginezes, que depois de disputarem por largo tempo com estes barbaros a sorte das armas, os deixam ainda por domar aos romanos, quando lhes cedem a conquista do mundo. Mas ao justo motivo da defeza propria succedem depois outros, que facilmente põem as armas na mão a uns homens, a quem a falta de commercio, e de artes quasi não deixa outro meio de enriquecer, que a pilhagem: nome com que muitas das suas guerras são infamadas pelos povos mais polidos, que elles. E o mesmo habito de pelejar lhes vai alimentando um natural feroz, que já os não deixa accommodar com o socego da paz, e que os faz buscar inimigos dentro em casa, quando lhes faltam os de fóra.

Estes vicios e virtudes de guerra é o que de principio n'elles distinguem os romanos, não os vendo senão armados no campo: e de que não podem deixar de dar testimunho estes mesmos vaidosos despreza-

(1) Assim o notam entre outros Varrão, referido por Plinio Hist lib. 3. c. 1. Strab. lib. 3. ibi. Tyriis et Celtis, qui nunc Celtiberi, et Vettones dicuntur, etc.

F' a respeito dos gregos se estende mais Sil. Italic. Punicor. lib. 3.—Appian. de bel Hisp., etc. Dos quaes extrahiram as suas noticias os modernos de melhor critica, como Diogo Mendes, Comment. ás antiguidades de Evora.

(2) Quanto ao inculto e deserto d'estas terras pode ver-se o modo porque d'ellas fallam os AA. antigos, não só do tempo da segunda guerra punica, como T. Liv. referindo umas palavras de Anibal. (Dec. 3. l. 1. § 43.)—Satis adhuc in vastis... Lusitaniae montibus pecora consectando, nullum emolumentum tot laborum periculorumque vestrorum vidistis—mas ainda do tempo de Viriato, como Sil. Ital.

Hos Viriatus agit, Lusitanumque remotis
Extractum lustris. (Lib. 3.)

dores de tudo o que não é romano. Mas em fim á medida que se lhes chegam mais perto, e se envolvem com elles, lá vão devisando por entre alguns claros, que as armas deixam, a fórma do seu governo interior.

Veem que este terreno, que designam pelo nome de Lusitania é habitado de povos differentes, independentes uns dos outros, e governados cada um por suas leis e costumes particulares; leis raras, e costumes singelos, ainda com a marca da natureza não contrafeita.

Como a segurança propria é quem só fórma estes corpos, não largam da liberdade, que receberam da natureza mais que o puramente preciso para conservar essa mesma segurança. A guerra, a que são dados, é que os obriga a crear um superior, a quem juram fidelidade: mas conseguida a paz, expira o governo do general, e a obediencia dos soldados.»

Quem desejar um minucioso conhecimento dos successos attribuidos aos tempos anteriores ao dominio romano na Lusitania leia o celebre patranheiro fr. Bernardo de Brito no 1.º vol. da Monarchia Lusitana, ao qual seguiram depois o author da Acad. dos Humildes e Ignorantes, Manoel de Faria e Sousa, fr. Claudio da Conceição, e muitos outros.

«Sobre a etymologia da palavra Iberia, Lusitania, e Spania Santo Isidoro de Sevilha no liv. XIV das *Origens*, cap. 4 diz, que esta região da Europa, em que nós habitamos, fôra no principio chamada Iberia do rio Ibero, hoje Ebro, que rega uma grande parte d'ella: e depois fôra chamada Hispania de Hispalo, que outros declaram fôra um dos seus primeiros reis... Nem se póde oppor contra a segunda o dizer, que se Hispalo fosse o, que deu o nome a Hespanha, deveria esta chamar-se antes Hispalia, do que Hispania. Porque em contrario se responde, que não obstante chamarem gregos e romanos Hispania a região, sabemos que entre os mesmos romanos houve um Cornelio Hispalo, chamado assim por ter sujeitado Espanha... Aqui temos, que contra as regras da derivação, mas não sem exemplo, chamaram os romanos Cornelio Hispálo com a segunda longa áquelle heroe, que por ter sujeitado a Espanha, parece que se devia appellidar antes Hispano. Mas n'este caso formaram os romanos de Hispania Hispalo, da mesma sorte que de Messana formaram o outro appellido de Messála... Ainda assim Marco Varrão, citado por Plinio, seguiu outro rumo, quando escreveu que os iberos povos da Asia, onde hoje chamam a Georgia, foram os que deram á Espanha o nome de Iberia: que Luso ou Lysa companheiros de Bacco, foram os que deram o nome á Lusitania; e que Pan, outro capitão, que cá deixou Bacco, fôra o que a toda a região dera o nome de Pania, d'onde depois accrescentada uma letra se formou Spania, e por ultimo junta uma syllaba com aspiração Hispania..... Mas Samuel Bochart versadissimo nas linguas orientaes, e em toda a historia antiga dá por qui-

mericas todas estas etymologias, e quer que em lugar dos gregos fossem os fenicios os que dominaram a nossa região, e as suas provincias.

O sentimento pois de Bochart é, que o nome d'Iberia vem do termo fenicio Ebrin ou Ibrin, que significa o fim, ou o que é ultimo: visto que dos fenicios passou aos gregos e aos romanos o conceito, de que a Espanha era o fim do mundo, como entre outros chamou Claudiano:

In extremos aciem mittebat Iberos.

Que o nome d'Hispania vem do outro termo Sayhan, que em lingua fenicia quer dizer coelho: de sorte que á Espanha se desse este nome por causa da grande copia de coelhos, que n'ella se produzem. O que alem de ser uma qualidade, que todos os antigos historiadores attribuem á Espanha, e ás ilhas Baleares, suas adjacentes: deu tambem motivo ao poeta Catullo, para que no Epigramma a seus companheiros désse á Espanha como por antonomasia o epitheto de cuniculosa, isto é, de creadora de coelhos:

Tu prœter omnes une de capillatis
Cuniculosæ Celtiberiæ filiis.

Confirma Bochart esta etymologia, observando que a ortographia primitiva d'este nome é Spania por SP, e tres syllabas, como trazem o grego de S. Paulo Rom. XV. 24, 28, o de Eusebio, o de S. Epifanio: e como o trazem em latim as subscripções do primeiro Concilio de Constantinopla, e muitos manuscriptos de Curcio, de Justino, de S. Isidoro de Sevilha, e de S. Eulogio de Cordova. Com o que pode muito bem estar, e com effeito está, que a outra orthographia de Hispania por H e quatro syllabas, se não deve ter por barbara ou errada: pois que ella se acha frequentemente nas pedras e medalhas do tempo dos romanos.

Que Lusitania vem de outro termo Luz, que entre os fenicios queria dizer amendoeira. Porque sendo costume dos fenicios dar ás suas povoações o nome dos fructos, porque ellas se distinguiam umas das outras, como quando chamaram a Jerico, cidade das palmeiras, a Taphua cidade das maçãs, a Rimmon cidade das romãs, a Bathna cidade das nozes, dá Bochart por mais do que provavel, que da mesma sorte chamaram os fenices Lusitania este nosso paiz, por causa das muitas amendoeiras, que n'elle acharam, e que na mesma Lusitania ainda hoje dão o nome ás villas da Amendoa, d'Almendra, e de Castelmendo: do mesmo modo que os mesmos fenicios até por confissão de S. Jeronymo chamaram Luza a cidade de Bethel, querendo dizer cidade das amendoeiras. *Comprobatur Bethel Luzam id est amigdalum, ante vocitatam*, diz o doutor Maximo no livro das questões hebraicas. Assim Bochart no li-

vro De Coloniis Phaenicum. cap. 35. Antonio Pereira de Figueiredo, Memorias da Academia Real das Sciencias, vol. 9, pag. 83, e seg.

João Baptista de Castro cita n'este paragrapho mr. de La Clede, que escreveu uma historia de Portugal, impressa em Paris no anno de 1735, e da qual existe uma versão portugueza. Começa esta historia por uma geographia da antiga Lusitania, e d'aqui passando a narrar as antigas guerras dos lusitanos, alliados dos carthaginezes contra os romanos, chega com a narrativa até o anno de 1713, depois de Christo. A referida obra era muito lida n'outro tempo, hoje porem, tendo passado por uma completa revolução a maneira de escrever a historia, gosa de pouca estima.

Queixamo-nos vulgarmente de que só estudamos as historias estrangeiras, ao passo que os estrangeiros de nós não fazem o mais pequeno caso. Isto não é tanto assim. Grande numero d'estrangeiros distinctos teem tractado das cousas portuguezas. D'alguns sómente farei menção, para não tornar demasiadamente longo este artigo.

Resenha de alguns escriptores estrangeiros,
que tractaram de cousas portuguezes; ou de assumptos relativos a Portugal

Albukerque. Dese machtegue en grot state Adê genoemt die gelege es int coninerye va persê inden wech va mecha was bestormt en beuochtê va Alfonso d'Albukerque capitein generael vandê hogê en machtegê edele conic va portegael heer Emanuel mr. drieduist vyfhôdert volchx voch te drie urê lâc tsegê die ide stat warê, dese bataelge gesciede up dê heiligê, etc. Anvers 1513. (Trata da tomada de Adem por A. de Albuquerque.)

A. M. Sané. Poesie Lyrique Portugaise. Paris, 1808.

Adolphe Louis de Puibusque. Le naufrage de Camoens. Ode couronnée par l'Academie des Jeux Floraux. Paris, 1828.

Adrien Balbi. Essai Statistique sur le Royaume de Portugal et d'Algarve. Paris, 1822. 2 vol.

—Varietés politiques et statistiques de la Monarchie Portugaise. Paris, 1822.

Alemanio Fini. Descrittione dell'Isola della Madera scritta nella lingua latina del Conte Giulio Landi. Piacenza, 1574.

Alexandre Philippe Maximilien. Neu Wied. Reise nach Brasilien in den Jahren 1815—1817. Francfort, 1819, 1820. 2 vol.

Alfred Demersay. Une mission Geographique dans les archives d'Espagne et de Portugal. Paris, 1864.

Alonso Ortiz. De la herida del rey D. Fernando el Catholico, consolatorio a la princesa de Portugal. Sevilha, 1493.

Alphonse de Beauchamp. Histoire du Brésil depuis sa conquête en 1500 lusqu'en 1810. 3 vol. 1815.

—Histoire de la guerre d'Espagne et de Portugal pendant les années de 1807—1813. Paris, 1819. 4 vol.

Alphonse Denis Marie de Vismes. Amadis de Gaule. Opera de Quinault, reduit á 3 actes. 1779.

Alphonse Rabbe. Resumé de l'Histoire de Portugal. Paris, 1826.

Andrea Comparetti. Observazioni sulla proprieta della China, del Brasile. Padua, 1794.

Andrew (sir) Ljungstedt. An historical sketch of the Portuguese settlements in China. Boston, 1836.

Anecdotes du ministere de Sebastien Joseph de Carvalho, Comte d'Oeyras, etc, Varsovie, 1783.

Anecdotes espagnoles et portugaises. Paris, 1773. 2 vol. Esta obra é attribuida a Guillaume Bertoux.

Ange Gondar. Discours politique sur le commerce des Anglais en Portugal. Paris, 1756.

Antillon. Geographia Physica de Portugal et de Espanha. Madrid, 1815. Paris (em francez). 1823.

Antoine Guenée. Lettres de quelques Juifs portugais, espagnols, allemands et polonais á M. de Voltaire. Paris, 1769.

Antonio Herrera. Cinco libros de la Historia de Portugal y conquistas de las islas de los Azores en los años de 1582 y 1583. Madrid, 1591.

Antonio Maria Bonucci. Istoria della vita ed eroiche azioni di D. Alfonso Enriques, primo re di Portugal. Venezia, 1719.

Ant. Monin de Carvallo. Francia interessada com Portugal en la separacion de Castilla. Paris, 1644.

Aperçu nouveau sur les campagnes des Français en Portugal en 1807, 1808, 1809, 1810, 1811. Paris, 1818.

Ant. Edm. Wollheim da Fonseca. Diccionario portatil das linguas portugueza e allemã. Leipzig.

Arthur Morelet. Notice sur l'histoire naturelle des Açores. Paris, 1860.

Augoyat. Précis de l'expedition de D. Pedro en Portugal. Paris, 1839.

Auguste Bouchot. Histoire du Portugal. Paris 1854.

Avantures admirables ou discours des succès du roi de Portugal D. Sebastien depuis son voyage d'Afrique en 1578 jusqu'en 1601 avec la suite. 1603.

Ant. de San Roman. Historia general de la India Oriental de los descobrimentos y conquistas que han hecho las armas de Portugal en el Brasil. Valladolid, 1603.

Auguste de Quelen. Breve relation de l'Etat de Pernambouc. Amsterdam. 1640.

Avisi diversi particulari dall'Indie di Portugallo ricevuti dall'anno

1551 fino al 1558 dalli Rev. P. della Comp. de Giesu. Vinegia, 1558.

Baron de Bazoncourt. Le mariage ou l'avenir de Portugal. Paris, 1862.

Baron Edouard de Septenville. Découvertes et conquêtes du Portugal dans le nouveau Monde. Paris, 1863.

—Vie du Marquis de Pombal.

Baron de Reiffenberg. Coup d'œil sur les relations qui ont existé jadis entre la Belgique et le Portugal. Bruxelles, 1841.

Bartholomeu de Torres Naharro. Trofea. Drama composto em honra delrei D. Manoel de Portugal, e dos descubrimentos portuguezes.

Becker. Viriath und die Lusitanier. Altona, 1826,

Beckford. Recollections of an excursion in the monasteries of Alcobaça and Batalha.

Beloy. Declaration du droit de legitime succession sur le Royaume de Portugal appartenant á la Reine mere Catherine de Medicis, avec la reponse aux consultations sur ce faites, et la defense contre Antoine de Nebrisse. Anvers. 1582.

Berthe de Bournisieu. D. Pedro á D. Inez de Castro. Heroide. Paris, 1788.

Bertrand Bocadé. Notes sur la Guinée portugaise ou Senegambie meridionale. Paris, 1840.

Bertand Gabriel Fleuriau. Relation des conquêtes faites dans les Indes por D. P. M. d'Almeida, Marquis de Castel Nuovo, Comte d'Assumar, etc. Paris, 1749.

Breton. L'Espagne et le Portugal. Paris, 1815. 6 vol.

Briefve et sommaire description de la vie et mort de D. Antoine premier du nom, et dixhuictiesme roy de Portugal, avec plusieurs lettres servantes á l'histoire du temps. Paris. Chez Gervais. Alliot, 1629.

Burnett's Views of Cintra. London.

Campagne de Portugal en 1810 et 1811. Ouvrage imprimé á Londres, qu'il etait defendu de laisser penetrer en France sous peine de mort. Paris, 1814.

Carl Pehr Thunberg. Plantarum Brasiliensium decas. Upsal, 1807.

Catherine Cockburn. Agnes de Castro. A Tragedy. London, 1696.

Charles André. Tremblement de terre de Lisbonne. Tragedie. Amsterdam, 1756. (Julga-se pseudonimo o nome do author.)

Charles Bonet. Memoire sur la Geologie du Royaume des Algarves. Lisbonne, 1850.

Charles François Dumouriez. Etat present du Royaume de Portugal en 1766. Lausanne 1775. Hamburgo, 1796.

—Campagnes du marechal Schomberg en Portugal, de 1662 a 1668. Traduit de l'Allemand de Hagner. Londres, 1807.

Charles Guillaume Etienne. Isabelle de Portugal ou l'Heritage. Comedie historique. Paris, 1804.

Charles Jean François Hénault. Abregé chronologique de l'histoire d'Espagne et de Portugal. Paris, 1759, 1765. 2. vol.

Charles Louis de Haller. Études historiques sur les revolutions d'Espagne et de Portugal. Paris, 1840. 2 vol.

Charles Louis Haeberlin. Romantische Erzachlungen aus Portugals Geschichte. (Contos romanticos extrahidos da Historia de Portugal). Francfort, 1834.

Charles Marie Philippe de Kerhallet. Instructions pour entrer et naviguer dans le fleuve de Cazamance jusqu'á l'etablissement Portugais de Zinguinchor. 1850.

—Description nautique des iles de Cap Vert. 1858. (Segunda edição.

—Description de l'Archipel des Açores. 1851.

Charles Sainte Claire Deville. Voyage Geologique aux Antilles, et aux iles de Teneriffe et de Fogo. Paris.

Charles Tilstone Beke. Memoire justificatif en rehabilitation des peres Paez et Lobo. Paris, 1848, (Versa sobre a origem do Nilo).

Charles Vogel. Le Portugal et ses colonies. Paris, 1860.

Chaste. Voyage á l'Ile Terceira des Azores. Paris, 1796.

Christ. Fr. Bellermann. Die alten liederbucher der Portugiesen oder Beitrage eur Geschichte der Portugiesischen Poesie. Berlim, 1840.

Christian Henri Biering. Poetiske Tauher over Lissabons Undergang. Copenhague. 1756. (Pensamentos poeticos sobre a destruição de Lisboa).

Christoval Ferreira y Sampaio. Vida y hechos del principe perfetto D. Juan II, rey de Portugal. Madrid, 1626.

Christophe Theophile Murr. Geichichte der Jesuiten in Portugal unter der Verwaltung des marquis von Pombal. Nuremberg, 1787—1789. 2. vol. (Historia dos jesuitas durante a administração do marquez de Pombal).

Ciro Spontone. Ragguaglio del fatto d'arme seguito nell'Africa tra Sebastiano, re di Portugallo ed Maley Auda Malacco. Bolognia, 1601.

Clement Foullon Claude d'Abbeville. Histoire de la mission des PP. Capucins á l'ile de Maragnon, etc. Paris, 1614. Suite Paris, 1615.

Colonel Bory de Saint Vincent. Resumé de la Geographie physique, historique et politique de la Peninsule Ibérique. Paris, 1838.

Colonel Hodjes. Narrative of the expedition of Portugal in 1832 under the orders of his imperial Majesty don Pedro, duke of Bragança. London, 1833.

Comte Joseph Pecchio. Lettres historiques et politiques sur le Portugal. Et augmentées d'un coup d'œil sur le Portugal par le General Pelet. Paris (sem data). As cartas começam em 1822.

Comte A. Raczynsky. Les arts en Portugal. Paris, 1846.

—Dictionaire Historico Artistique du Portugal. Paris, 1847.

Comte Stephen de Bearn. La Dynastie de Bragance et l'avenir de Portugal. Paris. 1865.

Correspondence relating to the affaires of Portugal. London, 1847.

Daniel Hartnach. Sanches aliquid sciens. Stettin. 1665. (É uma defeza do philosopho portuguez Sanches.)

Daniel de Priezac. Observations sur un livre intitulé Philippe le Prudent, fils de Charles Quint, verifiè roi legitime de Portugal, composè en latin par D. Juan Caramuel de Lobkowitz. Paris, 1640.

Davide Berteletti. Inez de Castro. Tragedia. Milano, 1826.

David. Nieto. Notitiae reconditae de processu inquisitionum in Hispania et Lusitania adversus illos, qui in carceribus illarum detinentur. Londres, 1722.

Daza (fr. Antonio). Quarta parte de las Chronicas de la Orden de S. Francisco, sive continuatio Historiae Minorum a Marco Ulyssiponensi 1559. Valladolid, 1611.

Dellon. Voyage avec sa relation de l'Inquisition de Goa. Cologne, 1711. 3 vol. Amsterdam, 1709. (1)

---

(1) Impellido pelo desejo ardente de ver mundo embarcou Dellon em Port Louis, na Bretagne, em um navio pertencente á Compagnie Royale des Indes, a 20 de Março de 1668 na qualidade de cirurgião. A 30 d'Abril achava-se em Cabo Verde. A 12 de Maio sahio de Cabo Verde, e a 1 de Septembro descobriu a ilha de Bourbon, chamada d'antes de Mascarenhas, onde ancorou a 3 do mez. A 22 fez-se de vella para Madagascar, ou S. Lourenço, onde entrou a 30. D'aqui foi mandado em um navio em serviço da Companhia das Indias francezas a varias terras com o fim de receber o pessoal das feitorias, que a Companhia abandonava por lhe darem prejuizo, e a 12 d'Agosto do anno seguinte de Madagascar navegou para as Indias. A 21 de Setembro achava-se em Surrate, onde residiu até o principio de Janeiro de 1670. A 6 d'este mez sahiu de Surrate, e a 19 de Mirzeou, no reino de Visapour. Esteve em Tissery tratando dos negocios da Companhia, em cujo serviço percorreu differentes povoações. A 31 de Janeiro de 1672 ancorava dentro da barra de Goa. Descreve na sua viagem minuciosamente esta cidade, a que chama celebre, magnifica, etc.

«Haverá difficuldade em acreditar que uma cidade, cujos arrabaldes são tão soberbos, contenha no seu recinto com que dar admiração aos que a veem. Com effeito apezar de seus dominadores se acharem na decadencia pelos prejuizos soffridos, difficeis de se comprehenderem, e do negocio já não ser uma sombra do que foi n'outro tempo, Goa é ainda uma das mais bellas e das mais magnificas cidades do Oriente.»

A 6 de Fevereiro sahiu de Goa com destino a Rajapour. Em Outu-

Denis Godefroy. De l'origine des roys de Portugal. Paris, 1610.
Description de la ville de Lisbonne. Paris, 1730.

---

bro estava de viagem para a Persia, com destino a Bandar Abassi, para com o seu navio comboiar um outro que se dirigia a Surrate. A 6 de Janeiro de 1673 passava em frente de Diu, e a 12 entrava em Bombaim. Caminhou para Surrate, e aqui se preparou para uma digressão ás possessões portuguezas na costa de Coromandel. Passou a Damão, a que chama uma das praças mais fortes de todo o Oriente. Acceitando as vantajosas propostas, que lhe fez o governador d'esta cidade, deixou-se n'ella ficar na qualidade de medico. Emquanto residia n'ella fez uma digressão a Tarapour, pertencente aos portuguezes.

Havia n'esta povoação uma freguezia, uma capella da Misericordia, e um convento de Dominicos. Á egreja d'este convento foi Dellon ouvir o sermão de sexta feira Santa.

Quando atravessava o claustro para ir para uma tribuna, em que lhe tinham reservado um logar, viu alguns penitentes com a cara tapada, e os hombros despidos, ferindo-se tão cruelmente com disciplinas guarnecidas de aço, que o sangue esguichava misturado com bocados de carne. Pelo receio, que teve, de que com o sangue, do qual as paredes já estavam tintas, lhe sujassem os vestidos, pediu-lhes que se afastassem alguma coisa para o deixarem passar; fizeram-n'o, e depois continuaram a disciplinar-se.

Um momento depois de ter entrado na tribuna, o prégador appareceu. «Notei, diz o author (vol. 1.º pag. 455), que durante seu sermão, fez muitas pausas, para dar tempo a seus ouvintes de observarem os differentes mysterios da Paixão, que foram representados n'um theatro, como uma tragedia dividida em varios actos. O tal theatro estava tapado com um pano, que se puxava a cada pausa, que o prégador fazia. Do meu lugar via quanto se passava no corpo da egreja, onde os homens estão separados das mulheres por uma teia, onde ellas se acham, e ao longo da qual cae uma cortina, para não poderem ser vistas pelos homens.

Mas, apezar de se não verem, teem grande desejo de se fazerem ouvir, lançando gritos agudos, dão grandes pancadas no peito e na cara, e até arrancam os cabellos todas as vezes, que o prégador diz alguma cousa, que excite a compaixão dos ouvintes. Todas as lamentações das mulheres portuguezas, suas exclamações, a dôr, de que ellas parecem penetradas, não obsta a que muitas abusem da liberdade, que teem de sahir n'estes santos dias. Esperam-n'os algumas vezes com muita impaciencia durante todo o anno, para os empregarem em usos bem differentes d'aquelles, para os quaes foram instituidos, e estes dias sagrados servem muitas vezes para acabar aventuras, nas quaes a prudencia não

Description du tres humain vertueulx e invectissime roy de Portugal. Envoyé a nostre sainct pere le pape des gestes faictz en la mer

---

toma parte. Acabado o sermão, representou-se a descida da cruz, e poseram n'um esquife a imagem de Nosso Senhor, que vinham de desprender. A' vista d'este novo espectaculo redobraram os gritos e alaridos. No emtanto a procissão começou a sahir, os penitentes, que eram em mui grande numero, marchavam adiante com o rosto coberto, e batiam nos hombros com tal violencia, que inspiravam ao mesmo tempo horror e piedade. Eram seguidos pelos cidadãos mais notaveis da cidade, marchando dois a dois, e levando na mão uma vela accesa, os padres vinham em seguida, e depois d'elles trazia-se a imagem de Nosso Senhor posta n'um esquife armado de preto, e descoberto. Uns vinte pretos mascarados e armados de lanças, d'espadas e dardos, o rodeavam. Tinham á sua frente um official, que de vez em quando voltava atraz para ver o esquife, como se tivesse receio, que lhe tivessem roubado o corpo. Toda esta comitiva era precedida de tambores e trombetas, que produziam um som completamente triste e lugubre. A procissão assim disposta deu a volta da cidade. Depois de entrar na igreja, poseram o esquife com a imagem, que estava dentro n'um sepulchro muito aceiadamente preparado. Acompanhei esta procissão até uma parte da volta, que ella deu. As ceremonias, ou antes as caretas, que faziam os guardas postos á roda do esquife, e seu official inspiravam devoção, e arrancavam lagrimas a todos os portuguezes. Mas confesso que isto produziu em mim um effeito differente, porque fui obrigado a parar ao passar por diante da casa de D. Petronilla, e de me encerrar n'ella, não podendo por mais tempo reprimir a vontade, que tinha de rir, o que, se viesse a conhecer-se, para mim seria muito perigoso.

No dia seguinte, que era sabbado Santo, assisti ainda ao officio, onde nada observei de notavel, mas no Domingo de Paschoa, tendo-me dirigido, como os outros muito cedo para a igreja dos Dominicos, acompanhei o Santissimo, que levavam em procissão com muita pompa e respeito d'ali até á parochia.

Esta procissão começa ao despontar do dia, e acaba ao pôr do sol. É instituida para honrar e renovar a ressurreição de Nosso Senhor Jesus Christo, que, na opinião de muitos, sahiu vivo e glorioso do seu tumulo ao nascer do sol. Pareceu-me muito edificante, muito convenientemente ordenada, e a mais bella das cerimonias particulares ás igrejas de Portugal. Tendo o Santissimo entrado na igreja, deu-se a benção ao povo, e fechou-se depois no tabernaculo. Immediatamente aquelle, que tinha prégado na Quaresma, e na sexta feira precedente, subio ao pulpito, e recitou não um sermão, mas sim um discurso faceto, e a instituição d'este ridiculo sermão foi, segundo se pretende, para divertir os

ronge. Et de la paix, paction, convenance commencée par luy avec Prebstre Iehan roy de Ethiopie. Lisbonne, 1521.

---

ouvintes, para fazel-os rir, e para calmar algum tanto a tristeza de que podem ter sido affectados durante a quaresma. Confesso que este discurso me pareceu tão extravagante, e tão pouco conveniente á solemnidade da Paschoa, que julguei a proposito referil-o succintamente.

Tendo o prégador feito o signal da cruz diz: «Sabeis, senhores, que este sermão foi instituido por tres rasões: a primeira, para dar as boas festas aos ouvintes: Para satisfazer, senhores, a esta obrigação, desejo-vos a todos n'estes sanctos dias todas as sortes de bençãos e de prosperidades. O segundo motivo d'esta prégação, é para pedir os ovos da Paschoa, ou, por outras palavras, os presentes, que se costumam enviar ao prégador no fim da Quaresma. Em quanto a este artigo, exhorto-vos a cumprir, o melhor, o mais depressa, e o mais generosamente possivel, e vos declaro que receberei tanto mais agradavelmente vossos presentes, quanto mais valiosos forem. Finalmente, meus senhores, a terceira razão pela qual se prega n'este dia, é, como sabeis, para fazer rir alguma cousa os ouvintes, que talvez estejam abatidos e afflictos de mais pelas austeridades e mortificações, que praticaram durante a Quaresma. Com o fim de tentar conseguil-o, dir-vos-hei que hontem pela manhã, ao sahir do meu convento, encontrei o pansudo do Gregorio, que julguei não estar em jejum, fil-o parar e disse-lhe: «Falla, ladrão, farás tu sempre de Pilatos na Paixão?» Estas poucas palavras foram pronunciadas com um tom tão gracioso, e tão chocarreiro, que toda a assembléa rompeu em gargalhadas. Com tudo o orador, que tambem estava a rir, desceu vagarosamente do pulpito, sem dizer nada mais, e sem ter deitado a benção, deixando cada um na liberdade de rir á vontade, e de se retirar depois de rir bastante. (Vol. 1.° pag. 454, etc.)

Tendo Dellon fixado sua residencia em Damão, e vivendo n'esta cidade com a maior satisfação, foi denunciado á Inquisição, e preso a 24 d'Agosto de 1673. As causas apparentes da prisão parecem ter sido mostrar duvidar da validade do baptismo do fogo, (2) não beijar as imagens dos santos, obstinar-se em não querer trazer o rosario ao pescoço, e declarar não acreditar que o Espirito Santo presidisse ás sentenças dos inquisidores, etc.; mas as verdadeiras foram o desejo, que o governador de Damão tinha de o ver affastado para longe, por causa de ciumes. Da prisão de Damão foi remettido em 1 de Janeiro de 1674 para a Inquisição de Goa, onde seu desespero chegou a ponto de trabalhar por vezes para se suicidar, o que não poude levar a effeito pela vigilancia, que havia continuamente sobre as pessoas dos presos. Sahiu, por fim, no auto de fé celebrado n'essa cidade em 12 de Janeiro de 1676, tendo sido condem-

Desoteux Administration du Marquis de Pombal. Amsterdam, 1787. 4 vol.

Du Bois. Voyages faits par le sieur D. B. aux Iles Dauphines ou Madagascar et Bourbon ou Mascarenne ês années 1669, 70, 71,

---

nado na confiscação de todos os bens, e a servir nas galés de Portugal por 5 annos, e expulso da India. Para o que a 27 de Janeiro foi mettido com os ferros aos pés n'um navio com destino a Portugal. A 20 de Março foi obrigado a aportar á Bahia, da qual sahiu a 3 de Septembro em um navio, que fazia parte d'uma frota de trinta navios, que se destinava a Lisboa, onde chegou a 15 de Dezembro. Do navio foi enviado para a prisão das galés. Aqui residiu por algum tempo, obrigado a trabalhar no Arsenal, até que por influencia de mr. Fabre, francez, e medico da rainha, a Inquisição perdoou o resto dos cinco annos de trabalhos publicos, com a condição de se retirar para França, para onde embarcou a 13 de Janeiro de 1677, tendo perdido toda a sua fortuna confiscada pelo infame tribunal da Inquisição.»

As viagens de mr. Dellon são realmente muito curiosas e instructivas. Ellas confirmam o abominavel proceder da Inquisição, que para vergonha de nossos antepassados tanto tempo foi tolerado: mostram quão extenso era ainda o dominio portuguez no Oriente, descrevem o modo de viver de nossos antepassados na India, Brasil e Portugal.

«Nas festas mais solemnes, depois de acabar o serviço divino, fazem vir para dentro das egrejas mulheres ricamente enfeitadas, que, na presença do Santissimo Sacramento, que fica exposto, dansam ao som de guitarras e de castanholas, cantam cantigas prophanas, tomam mil posturas indecentes e impudicas, que mais conviriam para lugares publicos, de que nas egrejas, que são casas de oração!» Isto é verdade: não ha muitos annos, que estas dansas impudicas e lascivas foram prohibidas dentro da Sé do Porto por occasião da festa de S. Gonçalo, chamada a festa das regateiras! E queixamo-nos do conceito, que a nosso respeito formam os estrangeiros na suas narrativas!

O terceiro volume das viagens d'este escriptor contem—Histoire des Deux qu'adorent les Gentils des Indes.—Esta obra não foi composta por Dellon, mas sim traduzida d'um manuscripto portuguez composto por um frade nosso, que a deixou por morte ao referido escriptor.

Termina este volume com um Appendice á Historia da Inquisição.

A «Nouvelle Biographie Genérale» (tom. 13, pag. 484) diz-nos que na sua volta para França, Dellon exerceu a medicina com muita distincção, e que desde 1685 nada mais se sabe a respeito delle.

72, dans lesquels il est curieusement traité du Cap Vert, etc. Paris, 1674.

Duc de Chatelet. Voyage en Portugal. Paris, 1801. 2 vol. (1)

---

(1) O duque de Chatelet occupa-se d'um modo mui especial do nosso marquez de Pombal; e até descreve uma interessante conversa, que teve com elle, e que vem a pag. 140 e seguint. do 1.º volume:

«N'uma das digressões, que fiz em Portugal com o fim de visitar o interior d'este reino, fui ver o marquez de Pombal. Eu lhe era recommendado d'um modo particular, motivo pelo qual me recebeu com todas as attenções possiveis. Conhecia este ministro de fama: e não se podia exprimir o desejo, que eu tinha de conhecel-o pessoalmente. Cheguei pois á aldeia, que tem seu nome: e, da minha hospedaria lhe escrevi com o fim de saber a hora, em que lhe poderia entregar as cartas, que tinha para elle. Alli me dirigi pelas dez horas da manhã, e fui introduzido na habitação d'este grande homem. Elle actualmente está algum tanto melhor alojado, mas na epoca, em que o vi, estava n'uma pobrissima casa, e dormia n'um quarto, cujas paredes tinham sido estucadas de novo:

«As maneiras do marquez de Pombal são agradaveis e attenciosas a não poderem sel-o mais. Fez-me mil perguntas: affectou ignorar completamente o que se passava pela Europa. Pedio-me que o pozesse em dia com os acontecimentos. Até me fez perguntas relativas a Portugal, e sobre o estado em que se achava Lisboa. Quiz saber que motivo ou acaso me conduzia áquelle lugar tão affastado «Costumado, lhe disse eu, a viajar desde minha mocidade, visito sempre o interior dos paizes, que percorro, não me limitando ás cidades principaes, e portos do mar, nos quaes nada ha de novo a recolher: alem do que desejava conhecer aquelle, que tinha procurado beneficiar tanto seu paiz.» Entrámos pouco a pouco em conversa: convidou-me a passar com elle oito dias, e me fez ficar para jantar e ceiar n'aquelle dia. Exprimi-lhe meu espanto a respeito do estado, em que eu tinha achado Lisboa, visto o pouco tempo, que tinha decorrido depois da sua catastrophe. Respondeu-me que presentemente não pensava em nada d'aquillo: achava-se velho, e pensava em descançar; porem que, se a Providencia lhe tivesse conservado seu amo por mais tempo, ter-se-hia esforçado em continuar com o mesmo zelo a empreza, cuja execução apenas tinha podido esboçar; e que, sem duvida, teria lançado os alicerces d'um palacio para o rei, Patenteou-me o magnifico plano, que tinha adoptado para este edificio. Situado n'uma pequena altura, perto de Belem, teria dominado o mar e a cidade, seria construido no centro d'um grande jardim, cercado de altos muros, aos quaes estariam de distancia em distancia encostados os palacios dos principaes senhores da corte, e os

Edgair Quinet. La France et la Sainte Alliance en Portugal.
Edourad Fournier. Un prétendânt portugais au XVI siècle. Lettre á M. M. d'Antas sur D. Antonio, prieur de Crato. Paris, 1851.

---

aposentos das pessoas, que n'elles fossem obrigadas a residir por causa dos seus cargos.

«O marquez de Pombal trouxe comsigo muitos livros; ou lê, ou manda ler continuamente: os livros são todos francezes. Falla nossa lingua tão facilmento como nós mesmos; sabe igualmente bem allemão, inglez, e italiano. Não pronunciava sem grande ternura o nome de seu respeitavel amo. «Honrava-me, dizia elle, com sua confiança. Perder seu rei, e seu amigo! É uma prova forte de mais para eu poder resistir a ella! Por isso o sol para mim perdeu o brilho de seus raios! Nada, nada me póde imdemnisar da perda, que padeci!» A isto algumas lagrimas cahiam de seus olhos. Em vão procurava desviar a conversa para um outro assumpto, para este me levava sem cessar. «Ao menos, continuava elle, aq ui serei feliz: vedes vós esta choupana? Não é minha; tomo-a de alluguer. Aquelle homem, a quem accusam de não ter pensado mais que em si, nem mesmo na sua terra mandou construir um aposento», Depois mostrando-me um grande edificio novo; «É um armazem pertencente á villa. Mandei-o construir para n'elle se guardarem os cereaes, dos quaes está cheio. Em fim, á maneira de Sally, viverei mais afortunado no meu retiro, que no meio dos grandes e da corte. Deixaram-me trazer meus livros, e por isso pouco me resta a desejar». Acabava, quando a marqueza de Pombal, sua mulher, chegou; teve a bondade de me apresentar a ella. Conserva ainda uma parte de seus dotes pessoaes; e veste-se com muita arte e gosto. É discreta, sem duvida; mas não tem a força, nem o valor de seu marido para tolerar sua situação. No tempo da prosperidade do marquez de Pombal tinha a seus pés os grandes e o povo, sua casa era uma especie de côrte. Quando os homens a hiam visitar, punham-se de joelhos para lhe beijarem a mão, segundo o costume do paiz. Sua vaidade lisonjeada por tantas adulações não se póde acostumar ao isolamento, a que foi condemnada pela desgraça de seu marido. Desamparada de toda a gente, solitaria, n'uma villa desviadade povoações, a unica satisfação, que tem, é a de ver seus filhos, que algumas vezes vão passar com ella quinze dias. Nascida allemã tem o orgulho das grandes familias de sua nação, e, depois de ter tido tanto de que lisonjear-se, geme em segredo sua expiação. Diligenciou dissimular suas magoas, mas não o poude fazer por muito tempo. Passados dez minutos de conversação achavam-se seus olhos arrazados de lagrimas. «Aquillo é proprio de seu sexo, me dizia o marquez; consolal-a é para mim ainda uma outra occupação, mas seguindo meu exemplo, bem depressa aprenderá a supportar nossa desgraça». Um instante depois vie-

Edward Blount. The historic of the uniting of the kingdom of Portugal to the crown of Castile. London, 1610.

---

ram participar que o jantar estava na mesa. «Vinde, disse-me elle, tomar parte na comida frugal d'um eremita». Em vez de comida frugal, que me annunciava, encontrei uma mesa bem servida, e na qual nada se resentia dos revezes de seu infortunio, nem mostrava o sainete da tristeza. Nós não passavamos de tres. A concersa foi muito jovial. Entrei a fallar com a marqueza a respeito de Allemanha, e por algum tempo fallámos na sua lingua. Foi breve o jantar, ou pelo menos assim me pareceu; o calor era excessivo.

«Depois de nos levantarmos da meza, cada um foi descançar por alguns momentos. Aproveitei-me d'este tempo para ir percorrer o lugar habitado pelo illustre par. Não é tão desagradavel como em Lisboa m'o tinham pintado. N'uma altura estão as ruinas d'um velho castello offerecendo uma vista bastante pittoresca; as aguas são excellentes.»

Ao sahir de casa do marquez deparei á sua porta com mais de duzentas pessoas, a quem se distribuia pão e caldo. D'este modo é que elle tem adquirido um grande numero de partidarios, que o exaltam mesmo na sua desgraça; pareceu-me ser querido de todos os habitantes do lugar. Finalmente depois d'um passeio de cerca de duas horas, voltei para casa do marquez, a quem encontrei no meio de seus livros. Continuámos a conversa. Perguntou-me se tinha visto a ceremonia da coroação da rainha. Advinhei onde queria chegar, respondi-lhe que sim, e que me parecia ter-se celebrado com muita pompa e magestade. Quiz saber se eu tinha reparado em todos os incommodos, que seus inimigos tinham tido para o perder, e até me pediu alguns pormenores a respeito da maneira como o povo tinha procedido. Disse-lhe o que sabia, e accrescentei que esta circumstancia era mais um triumpho para elle, porque provava tanto a impotencia de seus inimigos, quanto sua animosidade. A estas palavras disse-me com uma extrema vivacidade, que lhe fica muito bem; «Avançam um paradoxo, fazendo-se interpretes do povo; mandam-lhe dizer que me deteste! Isso é impossivel; minhas acções, meu procedimento, tudo me assegura do contrario. O povo portuguez não me póde odiar, e vós ides ouvir a razão. Que é o portuguez hoje? Que era elle ha quarenta annos? Não o puz eu em estado de já não ter necessidade de seus visinhos? Não estabeleci eu por toda a parte as artes, as officinas, e o ensino? Não fiz eu, alem d'isso reedificar um terço da cidade de Lisboa? Não estabeleci eu a actividade, e não derramei o bem estar entre os artistas? Não; com todos os direitos, que eu creio ter ao reconhecimento d'esse povo, acredito-o justo de mais para me querer devorar, nem mesmo elle o fez. Vou dizer-vos quaes os authores de quanto podereis ter ouvido e percebido na occasião da coroação.

Edward (sir) Belcher. Direction for the river Douro. London, 1835.

Eduard Theodoro Boesche. Dialogos portuguezes e allemães. Hamburgo, 1836.

Eloi Joseph, barão de Munch Bellinghausen. Camoens, Tragedia. 1837.

Eman Constantini. Historia de origine atque vita regum Lusitaniæ. Romae, 1601.

Ernest Hermann Joseph de Munch. Grundzuge des geschichte des reprasentativ Systems in Portugal. Leipzig, 1827. (Principaes successos do governo representativo em Portugal.)

Escalante (Bernardino de). Discurso de la navigacion que los portugueses hazen a los reynos y provincias del Oriente, y de la noticia que se tiene de las grandesas del reino de la China. Sevilha, 1577.

Etat actuel de la Monarchie Portugaise. Paris, 1829.

Etienne de Silhouette. Voyage de France, d'Espagne, de Portugal, et d'Italie en 1729. Paris, 1770. 2 vol.

Eugene Baret. De l'Amadis de Gaule et de son influence sur les mœurs et la litterature au XVI et au XVII siècles. Paris, 1853.

Excellent et libre discours du droit de la succession au Royau-

---

Os fidalgos, que se obstinavam em suas insolentes pretenções, as quaes eu quiz anniquilar, empregaram todos os meios possiveis para me perderem. Elles não podiam decentemente mostrar-se á frente do partido perseguidor. Que fizeram? Escolheram algumas de suas creaturas, que disfarçadas em barbeiros, cosinheiros, marinheiros, etc., percorriam os logares publicos, desacreditando-me, e pintando-me com as mais horriveis côres. O povo, que facilmente é seduzido, secundou um resentimento, ao qual lhe faziam crer ser um dever associar-se. Aborrecia-me, porque lhe diziam que assim era mister. Varias pessoas, que vos conheceis, accrescentou elle, com o fim de malquistar-me, andaram por alguns dias debaixo d'um tal disfarce, confundiram-se com a ralé, e inventaram calumnias, que lhe apresentaram como verdades incontestaveis. Finalmente, quanto fiz, foi por ordem de meu amo, e nada tenho de que arrepender-me. Accusam-me principalmente de ter sido cruel; mas obrigaram-me a ser rigoroso. Quando eu annunciava as ordens do rei, e não faziam caso d'ellas, era necessario então recorrer á força: as prisões e os carceres foram os unicos meios, que encontrei para domar esse povo cego e ignorante.»

D'esta fórma passei em casa d'este ministro cinco dias nas conversas as mais interessantes. Teve a bondade de me communicar a respeito de Portugal varias noções e varias reflexões, das quaes me utilisei no decurso da minha obra.»

me de Portugal et de la succession legitime du roy Antoine. Paris, 1607.

Explanatio juris quo rex Lusitaniæ Antonius I nititur ad bellum Philippo regi Castellæ pro regni recuperatione inferendum. Lugduni Batavorum. 1587.

Filippe Jerome Gaucher de Passac. Lettres portugaises et bresiliennes. Blois, 1824. 3 vol.

Felippe Pigafeta. Relazione del reame di Congo. Roma, 1591. Veneza. 1728.

Ferdinand Dinis. Portugal. Paris, 1846. (Faz parte da collecção intitulada «Univers Pittoresque).

—Resumé de l'Histoire Litteraire du Portugal. Paris, 1826.

—Atlas de la Litterature Portugaise. Paris, 1831.

—Chroniques Chevaleresques de l'Espagne et de Portugal. Paris, 1839.

«Une fete bresilienne celebrée á Rouen en 1550. Paris, 1851.

Tem egualmente escripto muitos artigos relativos aos nossos escriptores em varios jornaes estrangeiros, em geral com exactidão, e na Nouvelle Biographie Universelle de Fermin Didot. É um dos escriptores mais benemeritos do nosso paiz.

Firmin Didot La reine de Portugal. Tragedie. Paris.

Francisco Alvarez de Ribera. Pro augustissimo Philippo II. Responsum de successione Regni Portugaliae cum additionibus Caroli Tapiae. Matriti, 1621.

—Responsum pro serenissima infanta D. Elisabeth Hispaniae regis filia. Matriti, 1620.

Francisco Bianchi. D. Ignez de Castro. Opera. Londres, 1797.

Francisco de Castro. Miraculosa vida y santas obras del beato Jean de Dios. Granada. 1588. Ibid, 1613. Burgos, 1621.

Francisco Dias de Vargas. Discurso y sumario de la guerra de Portugal y successos della desde el anno de 1578 hasta el de 1581. Zaragoça, 1581. Ibid. 1644.

Em Italiano. Veneza, 1582.

Francisci Serlupi. In funere Josephi I Lusitaniae Regis Oratio habita coram Pium VII. Romae, 1777.

Francisco Xavier de Cabanas. Memoria que tiene por objeto manifestar la possibilidad de hacer navegable el rio Tajo desde Aranjuez hasta el Atlantico Madrid, 1829.

François Couche. Relations veritables et curieuses de l'ile de Madagascar et du Bresil, etc. Paris, 1651.

François Froger. Relation d'un voyage fait en 1695—1697 aux côtes d'Afrique, detroit de Magellan, Brésil, Cayenne, etc. Paris, 1698, 1700. Amsterdam, 1699—1702—1715.

François Juste Marie Raynouard. Camoens. Ode. Paris, 1819.

François Nicolas, Baron Fririon. Journal historique de la campagne de Portugal entreprise par les Français sous les ordres du marechal Massena, prince d'Essling du 15 septembre 1810 au 2 mai 1811. Paris, 1841.

François Soulés. Voyage au Bresil par Th. Lindley, 1806.

Frederick Bouterwek. Geschichte der Portugiesischen Poesie.

Frederic Henri Himmel. Vasco di Gama. Opera. Berlim, 1801.

Frederic Justin Bertuch. Magasin de la Litterature Espagnole et Portugaise. Weimar, 1780—1782.

Friederick Link. Bemerkungen auf einer Reise durch Frankreich, Spanien, und Portugal. Kiel e Helmstaedt, 1800—1804. 3 vol. (Recordações de viagens em França, Hespanha e Portugal.) (1)

—Traducção ingleza por John Hinckley. London, 1801.

—Trad. franceza—suivie d'un Essai sur le commerce de Portugal. Paris, 1805. Ibid, 1808. 3 vol.

---

(1) É honroso o conceito que Link fórma do nosso illustre Brotero. Ninguem dirá que não é de pessoa competente.

«Eu teria desejado conhecer todas as sciencias para poder bem apreciar o merito dos sabios lentes da Universidade de Coimbra. Sou amigo de Felix de Avellar Brotero, professor de botanica. Seus conhecimentos n'esta sciencia são preciosos: nas suas viagens em Portugal applicou-se particularmente a estudar as plantas d'este reino, e augmentou consideravelmente o Jardim Botanico. Respondeu quasi sempre a minhas perguntas d'uma maneira satisfactoria. Posso com razão classifical-o entre os melhores botanicos de todos os paizes, que tenho percorrido: e, o que é mais para maravilhar, tem melhor estudado botanica, que muitos outros sabios mais conhecidos, e que recebem seus conhecimentos dos grandes *in folios*, ou que não conhecem mais que o genero e a especie das plantas, das quaes fazem menção em suas obras. A introducção á Botanica de Brotero, escripta em portuguez, prova que elle possue tantos conhecimentos, e muito maior facilidade em fazer-se senhor de todas as descobertas, que todos os sabios da Allemanha, que tratam do mesmo assumpto. Brotero conhece as obras dos botanicos allemães. Residiu oito annos em Paris com o fim de cultivar a sciencia, e por este motivo é que seus collegas lhe dão mil desgostos. Está minado pela magua e tristeza. Vandelli affastou-o de Lisboa, por causa dos seus grandes conhecimentos, e achou meios de obter para D. Alexandre, homem sem erudição, um logar, que era devido ao merito de Brotero. Recordo-me com prazer de nossos passeios botanicos em Coimbra. Apenas conversou comnosco por meia hora, e vio nossa collecção, que conscio de seus proprios conhecimentos, propoz-nos immediatamente um passeio. Era um espectaculo encantador ver e sentir augmentar todos os dias a estima, que nos prendia mutuamente.» Voyages, tom. 1.

Friederick Link (1) et comte de Hoffmannsegg. Flore Portugaise, Berlim, 1806,—1840. 2 vol.

Galardi. Raisons d'Estat et reflexions politiques sur l'histoire et vies des roys de Portugal. Liege. 1670.

Gaetan Donisetti. D. Sebastiano, re di Portugallo. Opera. Paris, 1843.

Gasparis Barlaei rerum per octennium (ab anno 1637 ad annum 1644) in Brasilia et alibi gestarum. 1660.

Gaultier (M.me) Les amours de Camoens.

Gedinks-ehriften van den Marquis de Pombal. Te Amsterdam, 1784.

General orders of the Duke of Wellington in Portugal, Spain and France. London, 1832.

General Thiebault. Relation de l'expedition de Portugal. Paris, 1817.

General view of the state of Portugal containing a topographical description thereof. London, 1799.

Genlis (M.me) Histoire de D. Ignez de Castro.

Genlis (M.me) The companion for conversation as occur most frequently in travelling in English, French, Italian, Spanish, Portuguese. Bremen, 1817.

Geoffroy Saint Hilaire (Etienne). Note sur les objets d'histoire naturelle recueillis en Portugal. (No tomo XII des Annales du Museum. Paris.

George Hartung. Die Azoren. Leipzig. 1860.

George Henri Langsdorff. Memoire sur le Bresil pour servir de garde aux personnes qui desirent s'y etablir. Paris, 1820,

George Landman. Historical, military and picturesque observations on Portugal London, 1818.

Germain Hyacinthe de Romance Mesmon. Voyage en Espagne et en Portugal dans l'année 1774 par W. Dalrymple. Bruxelles, 1783.

Gesta proxime per Portugalenses in India, Ethiopia, et aliis Orientalibus terris. Romae; 1506. Coloniae Agrippinae, 1507.

Ghillany (William) Geschichte des Seefahrers Ritters Martim Behaim. Nurberg, 1853.

Giovanni Antonio Viperano. De obtenta Portugallia a Philippo rege. Napoles, 1588.

Giovanni Battista Birago Avogaro. Istoria delle revolutioni di Portogallo ed delle cose di Castigalia. Genova, 1646. Leone, 1646.

Giovanni Giuseppe a Santa Theresia. Istoria delle guerre del regno del Brasile. Romae, 1698.

Giovanni Empoli. Navigazione degli Indie sotto la autorita del signor Affonso di Albuquerque. (Na Collecção de Ramusio).

Giuseppe, Comte de Pecchio. Tre mesi in Portogallo. Lisbona, 1822.

Goldschmidt. (Berthold). Noções praticas da lingua allemã. Leipzig, 1859.

Grammatica Portuguesa, vocabulario em portuguez e malabar. Tranquebar, 1733.

G. Gualteri. Relazione della venuta degli ambasciatori Giaponesi a Roma fino alla partita di Lisbonna, etc. Venezia, 1586.

Guilherme Bonde. Ad serenissimum dominum Joannem V Portugalliae regem de Julii Clovii clari admodum picturis operibus sive sermones tres. Londini, 1733.

Guillelmo Imhof. Stemma regium Lusitanicum, sive historia genealogica familiae regis Portugalliae, Amstaelodami, 1708.

Guingret. Relation de la Campagne de Portugal sous le marechal Massena. Limoges, 1817.

Gustave Frederic Haenel. Catalogi librorum manuscriptorum, qui in Bibliothecis Galliae, Helvetiae, Belgiae, Britanniae Magnae, Hispaniae, Lusitaniae asservantur. Lipsiae, 1829.

Guyot Desfontaines. (Abbé) Inez de Castro ou histoire de Pierre de Portugal.

—Histoire de D. Juan de Portugal, fils de D. Pedro et de D. Inez de Castro. Paris, 1722.

Halliday (Andrew). The present state of Portugal, and of the portuguese army. Edimburgh. 1812.

Hamoniere. Recueil de morceaux de prose en portugais et en français. Paris, 1818.

Hans Sloane (sir). A voyage to the Islands Madera, Barbadoes, Christopher and Jamaica with the natural history. London. 1707—1725. 2 vol.

Hautford. Coup. d'œil sur Lisbonne et Madrid.

Henri Dronèt. Catalogue de la Flore des Iles Açores, precedée de l'Itineraire d'un voyage dans cet Archipel. Paris.

Henri Jansen. Lettres écrites du Portugal sur l'etat ancien et actuel de ce royaume, traduites de l'anglais de Miss Philadelphia Stewens. Londres, 1780.

Henri Soulange Boudin. Traduction de l'Histoire de Portugal ecrite en allemand par Henri Schaeffer. Paris.

Henry Fielding (celebre romancista inglez). Journey of Lisbon.

Histoire d'un voyage fait en la terre du Bresil, autrement dite l'Amerique contenant la navigation et choses remarquables vues par l'auteur J. de Lery: le comportement de Villegagnon en ce pays la; les moeurs et façons de vivre des sauvages, et avec un colloque en leur langue, imprimée par Art. Chuppin, 1575.

Histoire de Portugal depuis 1090 jusqu'en 1610 comprise en 20

çivres, parmi lesquels sont les douze livres d'Osorius traduits en françois, et les autres tirés de divers auteurs. Geneve, 1610. 2. vol.

Histoire de Portugal depuis 1496 jusqu'en 1578 Paris, 1581.

Hieronimo Roman. Historia de los dos religiosos infantes de Portugal, del infante D Fernando hijo del rey D. Juan I de Portugal: y de la infanta doña Juanna, hija del rey D. Alonso el V. Medina, 1595.

Histoire palladienne, traitant des gestes et généreux faitz d'armes et d'amours de plusieurs grandz princes et seigneurs spéciallement de Palladien filz du roy Milanor d'Angleterre et de la belle Selerine sœur du roy de Portugal, etc. Paris, 1555. (É um romance).

Histoire veritable des dernières guerres advenues en Barbarie, et du succes de D. Sebastien, roy de Portugal, qui mourut en la bataille le 4 Aout 1578. Traduite de l'espagnol en Français. Paris, 1579.

Historia de Bello Africano in quo Sebastianus ser. Portugalliae rex periit ad diem 4 Aug. Anno 1578 Noribergae, 1580.

History of Portugal written by an English Society. London.

History of the discovery and conquest of India by the Portuguese. London, 1695.

Hoefer. Cap. de Bonne Esperance, Congo, Mozambique, Açores, Madere, Cap Vert. (No Univers Pittoresque).

Hubner. Antiguidades romanas em Portugal. Em Allemão. O sr. Augusto Soromenho está traduzindo esta obra, para se incluir nas Memorias da A. R. das Sciencias de Lisboa. V. Appendice ao capitulo II.

Isaac Leeser. Portuguese form of prayers. Philadelphia, 1837. 2 vol. (Trata dos ritos dos judeus portuguezes).

Ismael Boulliau. Pro ecclesiis Lusitanicis ad clerum Gallicanum libri duo. Strasbourg, 1656. Paris, 1657. Argentinae, 1670.

Isidore Justin Severin Taylor. Voyage pittoresque en Espagne, en Portugal et sur la côte d'Afrique, de Tanger a Tetuan, Paris, 1826, 1832.

Italy with sketches of Spain and Portugal. London, 1834.

Itineraire de l'Espagne et du Portugal. Paris, 1809.

Itubride (D. Augustin). L'illustre Portugais ou les amans conspirateurs. Bruxelles, 1825.

Jacob Cavanah Murphy. Travels in Portugal through the provinces of Entre Douro and Minho, Beira, Estremadura and Alemtejo. London, 1795.

Esta obra foi vertida em Francez por Lallemant.

—A general view of the state of Portugal. London, 1797.

—Plans, elevations and views of the Church of Batalha. London, 1795 Ibid. 1795. Foi traduzida em allemão por Sprengel.

Jacome Ratton. Recordações de Portugal Londres, 1813.

Jacques Auguste Franckenstein. Das historische Theatrum von Por-

tugall, Engelland und der Schweitz. Halberstadt, 1823. (Theatro historico de Portugal, Inglaterra, e Suissa).

Jacques Brome. Travels trough Portugal, Spain and Italy. London, 1712.

Jacques Fuligati. Vita di Santa Elisabetha, regina di Portogallo. Roma, 1625.

James Holland. The tourist in Portugal illustrated from paintings. London, 1839.

James Marier. A second Journey trough Persia... between the years 1810 and 1816 with a Journal of the voyage by the Brazils and Bombay to the Persian gulph London, 1818.

J. B. Mesnard. D. Miguel, ses aventures, etc. Paris, 1833.

Jean Alvarez de Colmenares. Délices d'Espagne et du Portugal, Leyde, 1707. 5 vol. Ibid, 1715. 6 vol.

—Annales d'Espagne et de Portugal avec la description de ce qu'il y a de plus remarquable en Espagne et en Portugal. Amsterdam, 1741.

Jean André Dieze. Histoire d'Espagne et de Portugal. Leipzig, 1774.

Jean Antoine Cavazzi. Descrizione dei tre regni, cioé Congo, Matamba e Angola. Bolonha, 1687.

Jean Antoine Teissier Marguerittes. La revolution de Portugal. Tragedie. 1775.

Jean Baptiste Benoit Eyriés. Voyage dans l'interieur du Bresil en 1809 et 1810 traduit de l'anglais. Paris, 1816.

—Traduction du Voyage au Bresil par Maximilien, prince de Wied. Neuwied en 1821—1822. 3 vol.

Jean Baptiste Douville. Voyage au Congo et dans l'Afrique Equinoxiale. Paris, 1832. 4 vol. (Esta obra passa por ser um acervo de falsidades).

Jean Baptista Morales. Jornada de Africa del re don Sebastian. Sevilha, 1622.

Jean Baptiste Hippolite Lamare. Relation de la defense de la place de Badajoz en 1812 par les troupes françaises contre l'armée anglo portugaise. Bayonne, 1821.

—Relation des siéges et defenses de Badajoz, d'Olivença, et de Campo Maior en 1811 et 1812 par les troupes françaises sous les ordres du Duc de Dalmatie. Paris, 1825.

Jean Baptiste Lambertini. Theatrum regium sive Regum Hispaniae, Aragoniae, Navarrae et Portugalliae series et compendiosa narratio. Bruxelles, 1628.

Jean Baptiste Lulli. Amadis. Opera. 1683.

Jean Baptiste Labat. Relation historique contenant la description des royaumes de Congo, Angola et Matamba augmentée de plusieurs relations portugaises des meilleurs auteurs. Paris, 1733. 5 vol.

Jean Dard. Histoire de ce qui s'est passé en Ethiopie, Malabar, Bresil et es Indes Orientales, traduit de l'Italien. Paris, 1628.

Jean Dominique Cassini. Reflexions sur l'observation de l'eclipse de lune faite à Goa par le P. Noel. (No Journal des Savants).

Jean Ernest Faber. Nachrichten von dem Portugiesischen Hofe und der Staatsverwaltung des Grafen von Geyras. Francfort, 1768.

Jean François Mielle. Histoire generale du Portugal depuis l'origine des Lusitaniens jusqu'à la regence de D. Miguel. Paris, 1828. 10 vol. (Foi composta de sociedade com Fortia Urbain).

Jean François Née de la Rochelle. Recherches historiques et critiques sur l'etablissement de l'art topographique en Espagne et en Portugal. Paris, 1831.

Jean Guillaume Hyde de Neuville. De la question Portugaise. Paris, 1830.

Jean Henri Marchand. Tremblement de terre de Lisbonne. Tragedie par M. André. 1756.

Jean Hugues van Linschooten. Navigatio ac Itinerarium in Orientalem sive Lusitanorum Indiam. Haia, 1591.

—Description de la Guinée, du Congo, d'Angola.

—Tableau du Portugal. (Parece que estas duas ultimas obras são escriptas em hollandez).

Jean Jansen. Premier voyage autour du monde par le chevalier de Pigafetta sur l'escadre de Magellan em 1519, 1520, 1521, 1522, et accompagné d'une notice sur le chevalier Behahim, celebre navigateur portugais; par M. de Murr. (É uma traducção do allemão.) Paris, An. IX.

Jean Laet. Portugallia sive de regis Portugalliae regnis et opibus. Leyde, 1641. Ibid. 1644.

—Historia naturalis Brasiliae, 1648.

Jean de Leri. Histoire d'un voyage fait en tarre du Bresil, autrement dite Amerique, etc. Rochelle. 1578. Geneve, 1580. Ibid, 1585. Ibid, 1593. Ibid, 1600. Ibid. 1611.

Jean Limberg. Denkwurdige Reisebezchreiburg durch Teutschland, Italien, Spanien, Portugal, England, Frankreich die und Schweitz. Leipzig. 1690. (Viagens por Allemanha, Italia, Portugal, etc.)

Jean Matal. Epistola de Hieronimi Osorii Indiarum rerum historia. Cologne, 1574.

Jean Nieuhoff. Voyage curieux au Bresil par mer et par terre. Amsterdam. 1682.

Jean Noel Blondin. Grammaire polyglotte française, latine, italienne espagnole, portugaise et anglaise. 1811.

Jean Tempo al. De l'Afrique contenant les navigations des capitaines portugalois et autres, faites au dit pays jusqu'aux Indes. Lion, 1556.

Jean Theodore Lacordaire. M. Douville au Congo. (Revue des deux Mondes de 1832.) Paris.

Jenson. Histoire diplomatique du chevalier portugais Martim Behaim de Nuremberg. Traduite de l'Italien. Paris, 1802.

Joachim Hagemeier. Epistolae IX de Statu Hispaniae et Portugalliae.

Joannis Antonii Cavasi. Descriptio historica regni Congo, Matamba et Angola. Bononiae. 1687.

Joanne Caramuel Lobkowitz. Philippus Prudens Caroli V Imp. Filius Lusitaniae, Algarbiae, Indiae, Brasiliae legitimus rex demonstratus. Antuerpiae, 1639.

Johan Bourchier. The cronicles of Englande, Fraunce, Spayne, Portyngale, etc. Translated out of Frenche into our maternall englisshe tongue. London, 1523, 1525. 4 vol. (É traducção das celebres Chronicas de Froissart.)

John Atkins. A voyage to Guinea, Brazil, and the West Indies, Madeira, Cape de Verds, etc. London, 1737.

John Adamson. Memoirs of the life of Luis de Camoens. Edimbourg, 1820. 2 vol.

—D. Ignez de Castro. A Tragedy from the Portuguese of Nicola Luis with remark on the history of that infortunate Lady. New Castle, 1808.

—Notices on the history, antiquities, litterature of Portugal. New Castle, 1842. 2. vol.

John Colbatch (Dr). An Account of Portugal under the reign of the present king D. Pedro II. London, 1700.

John Hugs. Translation of the Revolutions of Portugal written by Vertot. London, 1735. É já a 4.ª edição).

John Leake. Dissertation on the properties and efficacy of Lisbon diet drink. London. 1757.

John Lucock. Notes on Rio Janeiro during a residence of the year 1808 to 1818. London, 1830.

John Mawe. Travels in the interior of Brasil, including a voyage to the Rio de la Plata London, 1712. Ibid, 1821. Em francez, Paris. 1816.

John Smith. Memoirs of the life of the marquis of Pombal. London, 1843. 2 vol.

John W. Webster. A description of the Islands of Saint Michael. Boston, 1821.

John Ovington. Voyage to Surate in the year 1689 — 1693 with a description of the Islands Madera and Saint Helena. the account of Golconda, etc. London, 1698. Em francez: Paris, 1724. Ibid, 1735. Ibid, 1753. 2 vol.

José James Ferrester. Prize Essay on Portugal or Portugal and its capabilities.

Mappa geologico do leito e margens do Douro Portuguez. (A extensa lista das obras escriptas por este inglez relativas a Portugal póde ver-se no vol. 4.º do «Archivo Pittoresco» (1861) de pag. 330 a 331.)

Jo: Petri Maffeji. Historiarum Indicarum libri XVI. Roma, 1588. Florença. 1588. Lugduni. 1589. Colonia, 1589. Veneza, 1589. Bergomo, 1590. Colonia. 1591. Ibid, 1593. Antuerpia. 1605 Bergomo, 1747, etc. Tal era a importancia que a Europa ligava ás descobertas portuguezas!

Esta obra foi traduzida em Italianno por Sardonati. Fiorentino, 1589. Veneza, mesmo anno.

E em francez por Arnault de la Boirie. Lyon, 1604: e por mr. de la Pure. Paris. 1665.

José Aldama Ayala. Compendio Geographico Estadistico de Portugal. Madrid. 1855.

José Urcullu (D.) Tratado elementar de geografia astronomica, fisica e historica antiga e moderna. Porto. 1837—1841. (No 2.º volume narra com algum desenvolvimento o cerco do Porto pelas tropas miguelistas).

Joseph Barthelemy Carrere. Tableau de Lisbonne en 1796 suivi de lettres ecrites en Portugal sur l'etat ancien et actuel de ce royaume par Miss Ph. Stephens. Paris, 1797.

Joseph Bertolotti. Descrizione dell'ornato di pittura che si ammira nella cappella di S. Antonio di Padova, nella chiesa di S. Petronio. Bolonha. 1662.

Joseph Dumand. Lettre historique et critique dans laquelle on prouve que Henri de Portugal n'est pas de la maison de Bourgogne duché, mais de celle des contes de Bourgogne. 1758.

Joseph Fozio. Informatio pro venerabili servo Dei Ignatio Azehedo et sociis in odium fidei interfectis ab haereticis. Roma, 1662.

Joseph François Lafitau. Histoire des descouvertes des Portugais dans le nouveau Monde. Paris, 1733. 2 vol. Ibid, 1734. 4. vol.

Joseph La Vallée, marquis de Bois Robert. Histoire des Inquisitions religieuses d'Italie, d'Espagne et de Portugal. Paris, 1809. 2 vol.

Joseph Marchena. Manuel des Inquisiteurs à l'usage de l'Inquisition d'Espagne et de Portugal. Montpellier, 1819.

Joseph Pellicier, Succession de los reynos de Portugal. Madrid, 1640.

Joseph Vicente (D.) Decadas de la guerra de Allemania, Inglaterra, Francia. Espana y Portugal. Madrid. 1765.

Josué Rosseau. Epitome des histoires portugaises. Amsterdam, 1714.

Jorge Juan y Santacilia. Dissertation historique et geographique sur

le Meredien de démarcation entre les domaines d'Espagne et de Portugal. Madrid, 1794.

Journal d'un officier Français au service de D. Miguel. Paris, 1834.

Juan Carrillo. Historia de Santa Isabel, infanta de Aragon y reina de Portugal. Zaragoça, 1615.

Juan Colomez Ines de Castro Tragedia. Livorno, 1781.

Juan de Baena Parada. Epitome de la vida y hechos de D. Sebastian, rey de Portugal. Madrid, 1691.

Juan Lopes Cancelada. Profecia politica verificada en lo que esta succediendo a los portugueses por su ciega aficion a los ingleses, hecha luego despues del terremoto de 1755. Mexico, 1808.

Jules, baron de Minutoli. Portugal und seine colonien in Jahre, 1854. Stuttgard, 1854. (Portugal, e suas colonias no anno 1854).

Jules Benedict. I Porteghese a Goa. (Composição theatral).

Jules de Lasteyrac. Le Portugal depuis la revolution de 1820.

—Souvenirs des Açores (Na Revue des deux Mondes de 1841 e 1842).

Kayserling (Dr.). Romanische Poesien der Juden in Spanien: ein Beitrag zur Literatur und Geschichte der spanischen—portugiesischen Juden. Leipzig, 1859.

Kerhallet (Ch. Ph.) Description de l'Archipel des Açores. Paris, 1851.

Kinsey. Portugal illustrated.

Koster (Henri). Voyage dans la partie septentrionale du Bresil depuis 1809 jusqu'en 1815 comprenant les provinces de Pernambouc, Seará, Paraiba, Maragnan, etc. Paris, 1818. 2 vol.

Lacroix de Marlès. Histoire de la domination des arabes et des maures en Espagne et en Portugal. Traduit de l'Espagnol de D. José de Conde. Paris, 1825. 3 vol.

—Beautés de l'histoire de la domination des arabes et des maures en Espagne et en Portugal. Paris, 1824.

L. Cottineau Kloguen. An historical Sketch of Goa. Madras, 1831.

Lambasciara di David re dell'Etiopia al N. S. Clemente VII ad Emanuel re de Portugal, et a Gioanne re de Portugal alcune cose del regno d'Etiopia e del populo et de lor costumi. Bologna, 1533. Em latim, 1538. Ibid.

Lamotte (Antoine Houdart de). Inés de Castro. Tragedie en un acte et en vers. Paris, 1723.

Laurent Etienne Rondet. Reflexions sur le desastre de Lisbonne, 1756—57. 3 vol.

Laure Permon Junot, duchesse d'Abrantes. Souvenirs d'une ambassade et d'un sejour en Espagne et en Portugal de 1808 à 1811. Paris, 1838. 2 vol.

Lavigne. Itineraire de l'Espagne et du Portugal. Paris.

Leben des Sebast. Joseph von Carvalho und Mello Marq. von Pombal. Leipzig, 1782. 2 vol.

Lefranc. Histoire de Portugal. Paris.

Leith Hay. Narrative of the Peninsular War. Edimburgh, 1831.

Leopold Mery. Emmanuel ou la domination portugaise dans les Indes Orientales au XVI siecle. Tours, 1854.

Le Portugal avant et apres 1846 Paris.

Lepowsky. Peter II. Koenig von Portugal Munich, 1818.

Lessing. Description de l'Amerique portugaise ecrite par Cadena. Brunswick, 1780.

Lettres ecrites de Portugal sur l'etat ancien et actuel de ce royaume. Londres, 1780.

Le vrai interet de Portugal. Traduit de l'Allemand. Bruxelles, 1830.

Levêque. Costume of Portugal illustrated by fifty coloured engravings, with a description of the manners and usage of the country. London, 1814.

Liaño (Alvaro Augustin de). Repertoire portatif de l'histoire et de la litterature des nations espagnole et portugaise. Berlim. 2 vol.

—Observaciones y noticias curiosas sobre la litteratura castellana y portuguesa y sobre los escritores de estas dos naciones. Aix la Chapelle et Leipzig, 1829—30. 2 vol.

Lucas Assarini. Vita e miracoli di S. Antonio di Padova. Genova, 1646.

Lucien Emile Arnault. Pierre de Portugal. Tragedie.

Luigi Carlo Zanobi Salvatore Maria Cherubini. L'hotellerie portugaise. Opera 1798.

Luigi Cibrario. Ricordi d'una missione in Portugallo al re Carlo Alberto. Turim, 1850.

Louis Bergeron. Campagnes d Espagne et de Portugal sous l'empire. Paris, 1833.

Louis Elisabeth de la Vergne, comte de Tressan. Amadis de Gaule. Paris, 1779. 2 vol.

Louis Marie Joseph Olivier Grandpere. Voyage à la côte Occidentale de l'Afrique, contenant la description des moeurs, usages, lois, gouvernement et commerce des etats du Congo, etc. et une discussion où l'on examine si les anciens avaient doublé le promontoire du Cap de Bonne Esperance avant les Portugais. Paris, 1801. 2 vol.

Ludwig Tieck. Der Tod des Dichters. Berlim, 1829. (Os ultimos momentos de Camões).

Louis d'Ussieux. Histoire abregée de la découverte des Indes par les portugais Paris, 1770.

Louise Genevieve Gillot, M.me de Saintonge. Histoire secrete de D. Antoine, roi de Portugal. Paris, 1696.

Louvell Badcock. Rough Leaves from a journal kept in Spain and Portugal during the years 1832—1834. London, 1835.

M. de Bonneval, Reponse aux paradoxes de l'Abbé Desfontaines contre Inez de Castro. 1723.

M.elle S. B. de Brillac. Agnes de Castro. Nouvelle portugaise. Amsterdam. 1710.

M.me H. Dujarday. Resumé des voyages, découvertes, et conquêtes des portugais en Afrique et en Asie. Paris. 1830.

Mabellini (Giovanni Battista Maria Pacifico, mais conhecido por Mablin). Lettre à l'Academie Royale des Sciences de Lisbonne sur le texte des Lusiades. Paris. 1826.

Madrignani (Archangelo). Itinerarium Portugallensium ex Ulisbona in Indiam, necnon in Occidentem ac septentrionem. Mediolani, 1508.

Maitz de Goimpy (Comte François Louis Edme Gabriel de). Compte rendu au roi de Portugal des operations astronomiques et geographiques faites sur les côtes de ce pays.

—Observations faites à Aveiro et à Funchal. (Manuscriptos ineditos guardados na Academia de Marinha em Paris).

Manconys. Voyage de Portugal, Provence, Italie, etc. Lyon, 1665.

Mangin. Abregé de l'Histoire de Portugal. Paris, 1699. Ibid. 1707.

Marggraf (George). De medicina Brasiliensi libri IV. Amstaelodami, 1648.

Marianne Baillié. Lisbon in the years 1821 and 1823. London, 1824.

Marie Genevieve Charlotte Darlus Thiroux d'Arconville. Dona Gratia d'Ataide, Comtesse de Menezes. Histoire Portugaise. Paris, 1770. Haye, 1770.

Marquis de la Roziere. Relation de la campagne des prussiens en 1792 et de celle de 1801 en Portugal. (Inedito).

Martin de Boa. Flos sanctorum: fiestas y santos de Andalucia, Castilla y Portugal. Sevilha, 1615.

Martanges (N. Bonnet de). Le roi de Portugal. Comte. Neuwied, 1788.

Marie Adelaide Richard Hadot. La vierge de l'Indoustan ou les portugais au Malabar, Paris, 1816—1821. 4 vol.

—Les portugais proscrits on le dominicain ambitieux. Paris, 1821—1823.

Marie Martin Guillaume de Gilbert de Merlhiac. Traduction de l'Araucane avec des notes, et precedée d'une dissertation sur Camoens, Tasso, Arioste, considerés comme poetes. Paris, 1821.

Maris de Comitibus Matteis. Oratio in funere Mariae I Lusitaniae. Reginae. Romae, 1820.

Mary Russell Mitford. Inez de Castro. A Drama in five acts.

Matelief (Cornelius). Voyages. Amsterdam, 1705. (Traz uma minuciosa relação da Armada Portugueza, descripção da cidade de Malaca, etc.)

Mateo Aleman (celebre author do romance «Guzman d'Alfarache). Panegyrico de Santo Antonio de Padua. Sevilha, 1601.

Matthaeus de Pisano De Bello Septensi. (Vem publicada no primeiro volume dos Ineditos da Academia Real das Sciencias de Lisboa.)

Maximilien Sebastien Foy. Histoire de la guerre de la Peninsule. Paris, 1827. 4 vol. (Chega sómente á capitulação de Junot em Cintra).

Mayerbeer. Africana. Opera, cujo protogonista é Vasco da Gama.

Memoires de Sebastien Joseph de Carvalho et Mello. 1784. 4 vol.

Memorie historiche del Portogallo. Torino, 1682.

Michael ab Aguirre. De successione Regni Portugalliae pro Philippo Hispaniae Rege. Venetiis. 1599.

Michael Angelo de Guatini da Reggio e Dionigi de Carli da Piacenza. Viaggio del regno del Congo: descritto per lettere continuate fino alla morte, del porto di Genova alla cita di Loanda, etc. Bologna, 1674. Veneza, 1699. Em francez Lyon, 1680.

Miguel Colmeiro (D.) La Botanica y los Botanicos de la peninsula Hispano Lusitana. Estudios bibliograficos y biograficos. Madrid. 1858.

Miss Cockburne. Agnes de Castro. A tragedy. London, 1697.

Mrs. Bray. Talba or the Moor of Portugal. Romance. New York. 1831.

Muñoz (D. Luiz). Vida de Fray Bartholomeu de los Martyres. Madrid, 1645.

Napier (Sir Charles). History of the War of succession in Portugal.

Netscher. Les Hollandais au Bresil. Haye, 1853.

Nicolas Chretien. Les portugais infortunés. Tragedie. 1608.

Nicolas Fremont d'Ablancourt. Memoires concernant l'histoire de Portugal depuis le traité des Pyrenées (1659) jusqu'en 1668 avec les revolutions arrivées pendant ce temps là á la Cour de Lisbonne. Amsterdam, 1701.

Nicolas de Montreux. Le seziesme livre d'Amadis de Gaule traictant les prouesses et amours de Spheramond. Paris, 1577.

Nicolau Antonio. Bibliotheca Hispana Vetus. Roma, 1696. (Tracta minuciosamente dos escriptores portuguezes.)

Nicolau Antonio Zingarelli. Ignes de Castro. Opera, 1803.

Olivier de Coste. Vita Sanctae Elizabethae Lusitaniae reginae. Paris, 1625. Aix, 1639.

Olivier Merson. Guide du Voyageur á Lisbonne. Paris, 1857. (Es-

creveu tambem muitos artigos chorographicos relativos a Portugal no excellente jornal «Tour du Monde».

Orebich Raguseo (Giuseppe). Lettere contenent il ragguaglio del trasposto de 83 padri Gesuiti da Lisbonna á Civitta Vecchia. Genova, 1750.

Ortaire Fournier. Revue Lusitanienne. Lisbonne. 1852.

Othon Guillaume, Comte de Koenigsmark. Voyage de Madrid á Lisbonne. Paris. 1669.

Owen. Civil war in Portugal and the siege of Oporto.

P. Cesar Briand. Les petits voyageurs en Espagne et en Portugal. Paris. 1835.

Panegyris apologetica pro Lusitania vindicata a servitute et tyrannide immani Castellae, 1641.

Paolo Maria Paciaudi. Medaglie rappresentanti i piu gloriosi avvenimenti del magisterio Emmanuele Pinto. Neapoli. 1749.

Paquis et Dochetz. Histoire d'Espagne et de Portugal. Paris, 1838.

Pardoux. (Baron de Saint). Les Campagnes en Portugal en 1832 et 1833

Passarello. Bellum Lusitanum ejusque Regni separatio a Regno Castellensi. Lugduni, 1684.

Paul Charles François Adrien Henri Dieudonné Thiebault. Relation de l'expedition de Portugal faite en 1807—1808. Paris, 1817.

Paul de Kock. Le troubadour portugais. Melodrama. Paris, 1815.

Pauline (M.elle) de Flaugergues. Au bord du Tage. Collection de poesies.

P. Cordusa. Il buon Raciocinio dimostrato in due scritti, ossia saggi apologetici sul famoso processe e tragico fine del fu P. Gabr. Malagrida. Venezia. 1782. Ibid, 1784.

Pedro Calderon de la Barca. Principe constante y martir de Portugal.

Pedro Dias. Epistolae de 52 Jesuitis interfectis in Brasilia. Anvers, 1605.

Pedro Valenzuela. Portugal unido y separado. Madrid, 1659.

Perpiniani (Petrus Joannes). De vita et moribus Beatae Elisabethae Lusitaniae. Coloniae, 1609.

Pere d'Orleans. Vie de Marie de Savoie, reine de Portugal, et de l'infante sa fille. Paris, 1696.

Philippe Beaver. African memoranda: relative to an attempt to establish a British settlement in the Island of Bulama on the Western coast of Africain the year 1792.

Philippe Lefebvre. Examen de la tragedie d'Ines de Castro par de Lamotte Houdart. Paris. 1723.

—Lettre d'un gentilhome de province au suget de la tragedie d'Ines de Castro. Paris, 1723.

Philippe Macquer. Abregé chronologique de l'histoire d'Espagne et de Portugal. Paris, 1759. 2 vol.

Philippe van Limborch. De veritate religionis Christianae amica collatio cum audito Judaeo: subjungitur huic libro tractatus cui titulus Urielis Acosta Exemplar vitae humanae, etc. Goude, 1687.

Philippe Quinault. Amadis. Opera.

Picken (André). Madeira Illustrated. London.

Pierre Belloy. Declaration des droits de succession légitime sur le royaume de Portugal, appartenant á la reyne mère du roi tres chrestien Catherine de Médicis. Montauban (?). 1581.

Pierre de Bembo. L'histoire du nouveau Monde decouvert par les Portugallois. Paris, 1556.

Pierre Bernard Milius. Extrait du Journal d'un passager á bord d'un batiment parti de France au mois de mai de 1818 pour se rendre á l'Ile Bourbon, contenant... des details historiques et statistiques sur les iles du Cap Vert, etc.

Pierre Charpentier Longchams. Malagrida. Tragedie. Paris, 1763.

Pierre François Biancolelli Dominique. L'Agnes de Chaillot. Parodie de l'Ines de Castro de Lamotte. Paris, 1723.

Pierre Guillaume Gicquel des Touches. Lettre contenant des renseignements importants sur les Iles de Tristan d'Acunha. Paris. (No jornal intitulado «Annales Maritimes» tom. 8.°)

Pierre Hennequin. Cours de Litterature ancienne et moderne, contenant un traité complet de poetique extrait des meilleurs critiques et commentateurs: enrichi de sept cents notices sur les poetes les plus célebres de tous les temps et de toutes les nations; ouvragé orné de citations et de traductions de differents poetes em français, en latin, en grec, en russe, en anglais, en allemand, en italien, en espagnol et en portugais. Moscou, 1821. 4 vol.

Pierre du Jarric. Histoire des choses plus memorables advenues tant ez Indes Orientales qu'autres pais de la découverte des portugais en l'etablissement et progrés de la foy chrestienne et catholique. Bordeaux, 1610—1614. 3 vol.

Foi traduzida em latim por M. Martinez. Coloniae Aggrippinae, 1615.

Pierre Jean Baptiste Nougaret. Beautés de l'histoire d'Espagne et de Portugal. Paris, 1814.

Pierre Madeleine Lenoble. Memoire sur les operations militaires des français en Galice, en Portugal, et dans la vallée du Tage, en 1809 sous le commandement du maréchal Soult. Paris, 1824.

Pierre Marcassus. L'Amadis de Gaule. Roman. Paris. 1629.

Pierre Marie Louis de Boisgelin de Kerdu. Histoire des revolutions de Portugal par l'Abbé Vertot, continuée jusqu'au temps présent: enrichie de notes historiques et critiques d'une table historique et chro-

nologique des rois de Portugal, et d'une description du Bresil. Londres, 1809.

Pierre Massuet. Annales d'Espagne et de Portugal traduits de Colmenares. Amsterdam, 1741. 4 vol.

Pierre Mathias de Gourné. Description Geographique des royaumes d'Espagne et de Portugal. 1743.

Pierre Moreau de Parry. Klare on waarachtige Beschryving van de leste beroenten en afval der portugesen in Brasil. Amsterdam, 1652. (Clara e verdadeira relação dos ultimos acontecimentos e derrota dos portuguezes no Brasil).

Pierre Noel Famin. Histoire monetaire du Portugal.

«Expeditions maritimes des portugais.

«Essai sur l'Industrie agricole au Portugal.

(Todas estas obras estão ineditas: d'ellas nos dá noticia o sr. Ferdinand Dinis no vol. XVII da Nouvelle Biographie Universelle de F. Didot.)

Pierre Pithou. De l'origine des roys de Portugal yssus en ligne masculine de la maison de France. Paris, 1610.

Pierre Thomaz. Vie de Don Barthelemy des Martyrs. Paris, 1663. Ibid, 1664.

Princepe de Lichnowsky (Felix) Portugal. Erinnerungen aus dem Jahre, 1842. Mayence, 1843. (Recordações de Portugal). (1)

---

(1) O princepe de Lichnowsky diz o seguinte fallando de Lisboa: (Portugal. Recordações do anno de 1842). A' primeira vista da Praça do Commercio, d'esta praça grande, regular, das ruas, que d'ella decorrem paralellamente entre si, e em geral da moderna parte da cidade, acredita-se poder assegurar que é Lisboa a mais brilhante das capitaes da Europa mesmo em relação á elegancia. Imaginem-se trinta a quarenta mil casas edificadas sobre a encosta do sul de sete risonhas collinas, e que, como uma orla, bordam o Tejo, desde Belem até Xabregas em um comprimento de seis milhas inglezas: formosas praças, bellos e grandes edificios publicos, um aqueducto igual ás obras dos romanos, o branco zimborio, e torres do Coração de Jesus, o gothico mourisco convento de Belem, e o agradavel terrasso de S. Pedro de Alcantara, etc. (pag. 16—17 da traducção portugueza.)

O duque de Chatelet diz em suas viagens: Rien de plus beau, rien de plus magestueux que la vue de ce port: il est defendu par le fort de Bugio, qui se trouve dans une ile á l'embouchure du Tage. La ville, qui s'eleve en amphithéatre sur la rive droite de ce fleuve, offre un magnifique coup d'œil. Le Tage forme, au pied des murailles, une baie de trois lieus de largeur; passage excellent pour toute espece de vaisseaux. (Pag. 2—3).

Ponce Denis Ecouchard Lebrun. Ode sur la ruine de Lisbonne. Paris, 1755.

Privat Joseph Claramond, Comte de Pelet de la Lozere. Coup d'œil militaire sur le Portugal.

—Relations de la Campagne de Portugal en 1810—1811. (Ineditos).

Quien de la Neufville. Histoire generale de Portugal. Paris, 1700. 2 vol.

Rap. (M.) Die farças des Gil Vicente. Buhne, 1846.

Raymond de Hezecques. Isaias inter majores prophetas primus a R. P. Hieronymo Oleastro Lusitano, quondam inquisitore, commentarius illustratus. Paris, 1622.

Recherches historiques et critiques sur l'etablissement de l'art topographique en Espagne et en Portugal. Bruges, 1830.

Relacion de lo sucedido en la Isla de la Tercera desde veynte y tres de Julio hasta veynte y siete del mismo mil y quinientos y ochenta y tres años. Alcalá de Henares, 1583.

Relation des troubles arrivées dans la cour de Portugal en l'année

---

Link diz: (London, 1801). The view of Lisbon, if the traveller pass the river either from Aldea Gallega, Mouta, or Casilhas, is uncommonly fine: nor do I know any large town that forms so majestic an appearance. The vast expanse of water, a river in many parts more than two german miles broad, the great number of ships, the wide extended city adorning an amphitheatre of hills, that lie contiguous to the river, together with a crowd of churches, cultivated heights covered with country-houses, monasteries, churches, gardens, and olive trees, are certainly an extraordinary assemblage of uncommon beauties. A great distance, where the limits of the town can scarcely be distinguished, the whole bank of the river seeming as it were one city, the majestic, pointed, rocky mountains of Cintra form the back ground of the landscape, after the lofty Serra de Arrabida among the heaths on the south side of the river have already surprised the spectator. But as he approaches, he at length more distinctly perceives the town which covers the hills to the top, the beautiful Praça do Commercio, or Merchants's square, the new streets, the arsenal, and the corn-market. Such is the view of Lisbon: nor can we blame the portuguese, when they speak of it as the handsomest city in the world. He that has not seen Lisbon, has seen nothing that is worth seeing. And in fact there exists not perhaps elsewhere so fine a vew.

Vogel diz tambem: Le magnifique panorama, qu'offrent successivement, au dessus du Tage et de la vaste nappe d'eau, qui se deploie au sud est de la ville et du port, les vieilles tours et les castels, qui dominent le paysage sur les deux rives, de vastes édifices, les anciens cou-

1667 et en 1668 où l'on voit la renonciation d'Alfonse VI á la couronne, la dissolution de son mariage avec la princesse Marie Franc. Isabelle de Savoie et le mariage de la même princesse avec le prince dom Pedro, régent de ce royaume, et les raisons qui en ont eté allegées á Rome pour en avoir dispense. Paris, 1674. Amsterdam, 1674.

Relation des deux caravelles que le roy d'Espagne envoya de Lisbonne, l'an 1618 au mois d'octobre sous la conduite du capitaine don Jean Moore pour visiter et decouvrir le passage de le Maire, etc. Amsterdam, 1632.

Relation historique du tremblement de terre survenu á Lisbonne. Haye, 1756.

Relation des Einsetzung des D. Antonio in das Konigreich Portugal. Francfort, 1590.

Relations veritables et curieuses de l'Isle de Madagascar et du Bresil, savoir relation du voyage de François Couche, de Rouen, en l'Isle de Madagascar, Isles adjacentes et côtes d'Afrique en 1638. Paris, 1651.

R. H. De successione regni Portugalliae. Dissertatio juridica in qua

---

vents, les palais, les eglises avec leurs coupoles, des milliers de maisons et une foule de villas, en partie revetues de plaques de faience, avec le cadre magique de la riche vegetation des hauteurs environnantes, tout cet ensemble, radieux de lumiere impose et charme par un aspect que l'on a comparé á celui de Constantinople.

E finalmente (para não tornar esta nota demasiadamente longa) Olivier Merson na sua obra «Guide du voyageur á Lisbonne»: Lisbonne et sa rade apparaissent alors dans toute leur gigantesque magnificence... Non, vous ne pouvez pas vous figurer un pareil tableau dans un pareil cadre, et il est inutile d'essayer de dérouler un rideau panoramique de cinq ou six mille metres de longueur: c'est tout au plus, sans même chercher á penetrer dans tous ces details, á fouiller dans toutes ces profondeurs, si l'on peu tenter d'an esquisser á grands traits les lignes principales, d'en signaler les points dignes d'une attention plus grande.

Ainsi, voici une lieu et demie, peut être plus, de terrain, en suivant les ondulations diverses d'un sol constamment hondeux, tout chargé de dômes, de campanilles, de clochers et de clochetons de marbre, de riches palais, d'hotels de porcelaine, de maisons éclatantes de blancheur, de villas perdues dans les jardins, et de monuments grandioses: tout cet amas de pierres blanches, de marbres polis et etincelants, de toits ronges, de croisées vertes, de jardins ombreux, se detache inondé d'une merveilleuse lumiere sur la chaine de montagnes qui s'etend á l'horizon. Audessus c'est le ciel; aux pieds des palais et des eglises c'est le Tage... pag. 41.

jus Philippi Hispaniae regis adstruitur, et impostura Lusitanorum in suo manifesto detegitur. Bruges, 1647.

René de Bonneval. Réponses aux paradoxes de l'Abbé Desfontaines contre Ines de Castro. 1723.

Reponses au lettres portugaises de D. Marianna Alcanforado. Paris, 1699.

Res Brasiliae imperante Ill. I. Mauritio Nassoviae Principe. Elivis, 1660.

Revolutions of Portugal since the close of the Peninsular War. London, 1828.

Rhynvis Feith (poeta hollandez). Inez de Castro. Tragedia. Amsterdam, 1793.

Richard Henry Mayor. The life of prince Henry of Portugal surnamed the navigator. London, 1868.

—The discovery of Australia by the portuguese in the year. 1601.

Memoir upon the portuguese Litterature with notes by G. C. Muller, Hamburgo, 1809.

Robert Southey. History of Brasil. London, 1810—1819, 3 vol.

—History of the Peninsular war. London, 1823—32. 3 vol.

—Letters written during a short residence in Spain and Portugal. Bristol, 1797.

Robert R. Kalley. Excursions in Madeira. New York, 1845.

Robert Southwell. An account of the Court of Portugal of the reign of Peter II, or letters of Robert Southwell, ambassador at Lisbon in 1663 with an history general of the revolutions of Portugal. London. 1740.

Foi traduzida e annotada com o titulo de: «Relation de la Cour de Portugal sous D. Pedro II á present regnant. Paris, 1742.

Rougemont. Raphael d'Aguilar ou les moines portugais. Histoire veritable du dix huitième siécle. Paris, 1810.

Rosmital (Barão Leon de). Iter annis 1465—1467 per Germaniam, Angliam, Franciam, Hispaniam, Portugalliam atque Italiam confectum. Stuttgard. 1844. (É reimpressão d'uma antiquissima edição). Brun, 1824. (1)

---

(1) VIAGEM EM PORTUGAL

Traducção do latim

«O rio Douro leva uma grande quantidade de agua, de maneira que em Castella não ha algum rio maior do que este. Divide Castella de Portugal, de sorte que uma margem pertence áquelle reino, e a outra a este. Os que se dirigem para este rio encontram serras altissimas,

R. T. Lowe. A Manual Flora of Madeira and the adjacent Islands. London, 1862.

---

que tornam os caminhos maus. Tanto que alli chegámos, o passámos, de cada vez dois homens e dois cavallos, pois não havia alli barco que podesse conter mais. D'este rio até Frezio (Freixo?) ha a distancia de tres milhas: é uma villa, com seu castello amplo e elegante, o qual é a primeira fortaleza, que se encontra pertencente ao rei de Portugal para os que vão dos territorios de Castella, situada nos logares montanhosos. Em volta d'esta villa e castello estão muitas e bellas vinhas. Ha a distancia de cinco milhas e meia de Freixo até á Torre de Moncorvo (Turrim montis corvi).

Para esta povoação situada nas serras vai-se por um caminho aspero e embaraçado. Produzem estes montes varias arvores, que nem eu, nem algum dos nossos ainda tinhamos visto. Ha seis milhas da Torre do Moncorvo até Alebra (Barca d'Alva?) Esta povoação está situada n'um monte muito elevado, de modo que ninguem a cavallo lá póde ir, é necessario chegar ao alto a pé. Por debaixo d'ella corre um rio por nome Tua. Tambem os caminhos para esta povoação são maus e obstruidos. Nos montes circumvisinhos ha uma grande abundancia de serpentes, scorpiões, e lagartos. São as serpentes curtas, porem grossas, tendo azas semelhantes ás dos morcegos, e as cabeças armadas de ferrões curvos, e costumam voar por dois stadios ou mais. São os escorpiões da grandeza d'um mediocre cão de caçador, com as costas pintadas de varias cores, o que nenhum dos nossos ainda tinha visto. Os lagartos não são muito mais pequenos do que um gato, tambem não differentes d'este na cabeça, de côr verde. Os que quizerem passar por estes montes teem necessidade de fazer esta jornada na maior força do dia, e terem sempre á mão o contra veneno, alias não poderão passar por causa d'estes reptis venenosos.

Porque, se não se servissem de antidoto contra a mordedura envenenada, morreriam immediatamente, a não ser que cortassem sem demora todo o logar infeccionado por ella. É necessario que os viajantes caminhem por estes montes, na maior força do sol, como já disse, pelo espaço de dez milhas ou mais. Porque a taes horas do dia estão os bichos a descançar escondidos dentro de penedos e covas. Mas ao afrouxar o calor, sahem para fóra, e deitam-se nas pedras ou na terra. Teriamos passado com mais presteza estes montes, a não ser que occultando-se o sol repentinamente, fossemos obrigados a metter-m'o-nos nas nossas barracas, com medo dos reptis. Nas villas ou povoações collocadas n'aquelles montes, nenhum gado se pode sustentar, por causa dos dictos bichos. Pois aquellas serpentes voam muito alto, e arremeçam-se de grande distancia. Crescem n'estes montes arvores taes, como

Sarrazin. Histoire de la guerre d'Espagne et de Portugal. Paris, 1814.

---

se não encontram nas nossas terras; algumas d'ellas produzem um certo fructo, que sendo quebrado lança um cheiro muito activo, e outras não muito altas, cujas folhas lançam um cheiro suave. N'estes montes ha tres qualidades de carvalhos: a primeira tem as folhas parecidas com as do cardo; a segunda produz folhas brancas, e pela parte inferior cubertas d'uma certa penugem. A terceira em quanto ás folhas assimelha-se aos que crescem nas nossas regiões, excepto nas extremidades. Observam-se tambem n'aquelles montes muitas outras arvores e hervas, que não se dão n'outros paizes.

Passados estas serras, tocámos então pela primeira vez em Portugal. Nas fraldas d'ellas ha uma grande porção de arvores, que produzem uns certos morangos (fraga), a que se dá o nome de morangos marinhos (medronhos?) No tempo, em que ahi estivemos, o producto d'elles foi grande. Qualquer tem permissão de os colher, pois ninguem lh'o prohibe. Estes logares são abundantes em amendoeiras, vinho d'uvas seccas (vino passo vel arefacto), ao que entre nós se dá o nome de vinho grego. E, apezar de não terem minas algumas d'ouro ou prata, são com tudo riquissimos em todas as demais cousas, em troca das quaes importam dos paizes estrangeiros abundancia d'ouro e prata.

De Barca d'Alva a Villa Pouca (Alebra Paucam) são sete milhas; é esta povoação situada entre montes. O caminho para ella é pelo meio de grandes montanhas e bosques, que raras arvores produzem, a não ser castanheiros. De Villa Pouca a Mondim de Basto? (Varco debonle) ha o espaço de seis milhas.

É uma villa tendo casas distantes umas das outras um stadio. (1) O caminho para esta povoação é por montes altissimos e extensissimos, de modo que nenhuns outros, que nos coube passar, se pódem n'isto comparar com estes. Por entre estas montanhas corre um rio por nome Tamega (Tameca), sobre o qual está lançada uma ponte muito elevada. Abaixo d'esta ponte mistura-se com este outro rio sem nome, tendo tambem sua ponte. Navegando pelo espaço de seis milhas contámos sessenta e dois riachos, que vão desaguar n'este rio, tendo aguas purissimas, e abundantes em trutas.

De Mondim de Basto (Varco debonle) á Povoa de Lanhoso (Lanusam) ha seis milhas: esta povoação é dominada por um castello abandonado. Por estes montes observam-se alguns castellos despresados, habitados tão sómente pelos camponezes, que passam sua vida lavrando

(1) 125 passos.

Samuel Fritz. El gran rio Maranon ó Amazonas con la mission de la Compañia de Jesus geographicamente deleneado. Quito, 1707.

---

e semeando em volta d'elles. Porque pelo espaço d'algumas milhas não ha campos proprios para lavoura, e por isso a gente passa por estas serras uma vida laboriosa e difficil. Para os que se affastam d'esta povoação apparece ao lado um templo entre os montes, no qual foi sepultado S. Domingos, e alli vimos seu sagrado corpo. (S. Gonçalo de Amarante?).

D'este templo dista a povoação de Lanhoso quatro milhas, por entre a qual corre o rio Ave. (Ava?)

De Lanhoso a Braga são duas milhas, Tanto a cidade como o castello está situado entre montes. Diz-se que o Apostolo Santiago não estivera distante d'ella trinta milhas grandes.

N'esta cidade tem sua residencia o arcebispo de Portugal. Em nenhuma outra parte como aqui observámos mais arvores, que produzem laranjas, limões, romãs, e outras de diversos generos, e até ervas nunca por mim vistas.

Nas proximidades e nas muralhas d'esta cidade cresce a era. A villa de Guimarães (Gimarantium) assaz grande, dista de Braga tres milhas. De Braga vai-se para aquella por uma estrada montanhosa e difficil, e pelos caminhos nasce por toda a parte a salva (salva minor) e o poejo (pulegium).

Em Braga encontrámos o rei de Portugal, que recebeu honrosamente ao senhor (Leon de Rosmital) e a toda a sua comitiva. Porquanto tinha este trazido cartas para o rei d'uma irmã carnal do mesmo rei, mulher do imperador, escriptas por sua propria mão.

N'esta cidade nos conservámos oito dias. E estando para d'alli partirmos, indo-nos despedir do rei, este conversou com o senhor mui attenciosamente: «Sei que tu es da maior nobreza, e por isso te peço que para honra nossa e do nosso reino, nos peças alguma cousa, que seja do teu agrado, e nós te havemos de satisfazer os teus desejos».

Ouvidas palavras taes, o Senhor dava grandes agradecimentos ao rei, e lhe pedia, que á vista da honra e da benevolencia com que era tratado, lhe desse dois pretos (Aethiopes). O irmão do rei, que se achava presente, tendo ouvido tal pedido, e dando gargalhadas disse: «Amigo, pede cousas mais importantes e honestas do que esses pretos. Mas como pedes sómente isto, rogo-te que accrescentes a esse um outro presente meu, que é um macaco (Simiam), e assim presenteado excellentemente voltarás para a tua patria. Talvez que nos teus paizes não tenhas pretos nem macacos». Dizendo o senhor que eram raros. «Entre nós, porem, respondeu o duque, ha grande abundancia d'essas cousas. Este rei, meu irmão, possue tres cidades na Africa, para a qual região cos-

Stanislas Casiovai. Monumenti relativi al giodizio pronunziato dell'Academia Etrusca di Cortona di un elogio d'Amerigo Vespucci. Florença, 1780.

---

tuma mandar annualmente um exercito, e nenhuma expedição, ainda que pequena, volta tão leve, que não traga perto de cem mil pretos, ou mais, de toda a idade e sexo. E todos são vendidos como carneiros. Pois está em costume reunirem-se homens dos outros paizes para os virem comprar. Em cuja venda o rei colhe maiores interesses, do que em todos os tributos do seu reino. Porquanto o mais pequeno preto é vendido por doze ou treze moedas d'ouro (aureis nummis) e sendo de mais idade por muito maior preço.

E está em costume, que se alguem alcançar um preto robusto e proprio para o trabalho, tenha cuidado de o mandar baptisar, e não o venda, ou ceda, a não ser dando-o de presente a algum amigo. Porem, em quanto não estiver doctrinado para o baptismo, tem permissão de o vender por aquillo que poder.

Tendo nós sahido do palacio do rei, deu este ao senhor dois elegantes cavallos, a que chamam ginetes (Janettos), que em ligeireza e velocidade difficilmente qualquer outro paiz dos christãos os produzirá iguaes, e mandou o presente para a nossa hospedaria, e n'ella pagou todas as nossas despezas.

Partindo de Braga chegámos a Ponte de Lima, que está situada entre montes, e a cinco milhas de distancia d'aquella cidade. Os que se dirigem para esta povoação teem que passar pelo rio Cávado, o qual corre perto de Braga, tendo uma ponte não mui extensa. Porem aquelle rio que passa por Ponte de Lima, tem o nome de Lima; este tem tambem uma ponte bem extensa de pedra. Esta povoação é cercada d'uma muralha de pedra, e tem torres de fórma quadrangular da mesma pedra. De Ponte de Lima a Valença ha a distancia de cinco milhas. Esta ultima povoação não é muito grande, levanta-se n'um outeiro situado entre montes, e é regada pelo rio Minho.

Este rio, que se vai perder no mar, separa Portugal da Galiza, na qual provincia jaz sepultado S. Tiago. Tanto na ida para S. Thiago como na vinda passámos este rio.

O castello e a cidade estão situados na margem opposta, que tem o nome de Tuy, pertencentes ao dominio d'um certo cavalleiro, a quem, os que desejam visitar a igreja de S. Thiago, são obrigados a pedir um passaporte ou salvo conducto, como lhe chamam. Os que se dirigem para Valença tem que passar por um monte altissimo e escabroso, intransitavel para cavallos, e sendo os logares mais elevados mui difficultosos mesmo para os que vão a pé.

Por isto fomos obrigados a levar os cavallos por duas milhas ro-

— Elogio d'Amerigo Vespucci, che ha riportato il premio dalla nobile Academia Etrusca di Cortona. Florença, 1788.

---

deiando o monte, por sitios, em que o caminho é tão mau e difficil, que peor não póde ser. Em Tuy está sepultado S. Pedro de Sala, que n'outro tempo resplandeceu muito em milagres, e prestou muitos auxilios áquelles, que se punham a caminho com o fim de visitarem o seu sepulchro.

De Tuy a Redundella ha a distancia de cinco milhas: esta povoação não é grande; situada entre montes, e ao pé do mar. Ao partirmos de Redundella se nos mostrava á direita o reino da Scocia (1) que jaz perto do mar, situado defronte da Inglaterra. Os escocezes de ha muito fazem sempre guerra com os inglezes. Não tem esta terra rei, porem um duque (ducem), ao qual obedece e está sugeita: este tambem nós vimos. Junto a Redundela ha um mosteiro dedicado a S. Simão, que está situado n'um logar cercado pelo mar. Os que se dirigem para Pontevedra, povoação proxima da estrada de S. Tiago, encontram uma ponte não mui extensa construida de pedra. Entre Redundela e Pontevedra ha a distancia de tres milhas. Esta povoação é forte e grande.

D'este logar a S. Thiago ha o espaço de dez milhas. Fomos dez dos nossos a pé para S. Thiago; e indo o senhor comnossco umas vezes a pé, e outras a cavallo. Tendo nós encontrado soutos por estes sitios, um pagem (puer) do senhor, atirava pedras aos castanheiros, como via praticarem os indigenas, os quaes costumavam atirar longe, e a grande altura estas pedras. Elle desejando n'isto rivalisar com elles, atirava com pedras para diversas partes, quando desacautelado ferio, fazendo sangue, a um certo homem, que sem nós sabermos, estava por detraz d'uma arvore. Este fallava mui irritadamente comnosco por meio de Heroldo, ameaçando-nos com o havermos de soffrer o castigo d'esta acção. Heroldo respondeu-lhe; «Meu homem! Não leves tal acção tanto a mal, sabendo tu, que este mancebo praticou tal não sabendo, que tu estavas alli, não te vendo». A estas palavras nos fomos embora. Perto d'este caminho havia uma estalagem, para onde costumavam ir os peregrinos com o fim de comerem ou de beberem, pois pelo espaço de cinco milhas não havia castello algum ou povoação.

Na volta de S. Thiago, caminhando alguns dos nossos a pé, outros a cavallo, como tivessemos chegado a esta estalagem, encontrámos alli perto de cem homens, armados de espadas, lanças, balistas, e arcos de ferro, que reunidos queriam vingar o que tinha sido ferido pelo pagem, e atacarem-n'os. Então o nosso Heroldo lhes fallava na lingua gallega, dizendo: «Então por causa de vingardes uma tão leve ferida, quereis-

(1) Talvez Hibernia, na qual antigamente tambem os escocezes habitavam.

— Dissertazione sopra il primo viaggio d'Amerigo Vespucci alle Indie Occidentali. Florença, 1809.

---

nos matar a todos? Ignoraes vós que este senhor é d'uma nobilissima e illustrissima linhagem, que caminha por estes paizes com o fim de ver os palacios dos principes e dos reis, como é proprio d'um tal varão? Sabei, portanto, que se nos matardes, vós não haveis de ficar impunes como pensais». Ao ouvirem estas palavras perto de cincoenta d'entre elles se afastaram, e tomavam conselho a respeito d'este negocio, ficando os restantes em volta de nós. Porem o senhor fallando com os seus lhes dizia: «Amigos carissimos, bem vedes que elles se reuniram com o fim da nossa perda. Pelo que, se o caso chegar a esse ponto resistamos-lhes fortemente, até que nos matem, pois entre elles não ha logar para supplicas. Tomar portanto o meu exemplo, e seguir-me, marchando eu contra elles, se as circumstancias o exigirem. Se por elles formos mortos, conservar-se-ha com tudo o nosso nome, e a immorredoura gloria do valor até ao fim». Aquelles porem tendo conferenciado entre si, passando depois a fallar com Heroldo lhes disseram: «Annuncia a esse excellente varão; que nós não queremos fazer alguma violencia, ou a elle, ou á sua comitiva, e que nos esquecemos de tudo quanto aconteceu, e que estamos promptos a acompanhal-o até a hospedaria, se deseja que o sigamos». D'este modo nos retirámos d'elles sem nos fazerem mal algum.

De Pontevedra a Padrão ha seis milhas. Esta povoação é banhada por dois rios em diversas partes, um dos quaes, por nome Ulla, tem uma ponte, e o outro nem tem ponte, nem nome. Este é navegavel desde Padrão até S. Thiago. Tem este logar um castello por nome Rotyaplanta, o qual se diz ter habitado uma rainha pagã, no tempo, em que na Galliza, prégava o Evangelho o apostolo S. Thiago. Esta era crudelissima, a ponto que pela fereza facilmente conhecerias ser gentia. N'esta povoação prégou o apostolo S. Thiago um anno inteiro, porem a ninguem, com excepção de dois homens, poude converter á fé de Christo. No alto da povoação está situado um templo n'um monte, em que prégava S. Thiago, e um grande rochedo está junto d'elle, que tem uma gruta d'apertada entrada. Chama-se este *rochedo de S. Thiago*, porque o santo costumava prégar n'elle e no templo.

Quem entrar n'esta gruta com espirito religioso, alcança o perdão de muitos peccados. N'esta tambem eu estive, Buriano, Konesekio com seu irmão, Petipescense e Mirosio. João Zehroviense ao entrar n'ella ensanguentou-se e ennegreceu-se a ponto de o tirarmos com difficuldade, pois a entrada era muito apertada. O que vendo o senhor, que n'ella tambem queria entrar, cedeu do seu proposito.

Aos que entrarem n'esta caverna concede o Summo Pontifice

— Exame critico del primo viaggio d'Amerigo Vespucci. Florença, 1811.

---

a remissão de muitos peccados. Pois S. Thiago, quando prégava, atirando-lhe os gentios com pedras, costumava refugir-se dentro d'ella.

No monte, em que prégava, está levantado um templo á Virgem Maria.

Outr'ora Santiago sendo ferido pelos gentios com varadas e pedradas, muito debilitado pelas pancadas, e abrazado d'uma ardente sede, orava a Deus, dizendo; «Meu Deus! Tu bem sabes que eu pacientemente soffro todas estas cousas por tua causa, olha portanto para mim, e dá-me humidade, com que humedeça a minha lingua.

Apenas disse estas palavras, pegando no seu bordão, bateu na terra, e immediatamente d'aquelle logar, em que tinha batido, brotou um ribeiro d'agua purissima, com a qual se podia mover uma roda de moinho. N'este sitio foi construida uma elegantissima fonte, da qual costumam beber os peregrinos, que frequentam estes logares.

Porem S. Thiago na Galiza, afflicto por muitas contrariedades, não as podendo soffrer por mais tempo, retirou-se para outros paizes, isto é, para Jerusalem. Ahi prégando a Christo, e esforçando-se por levar os judeus para a fé christã, sendo preso por Herodes, foi-lhe cortada a cabeça com uma fouce de segador. A qual fouce ainda se vê presa no altar na igreja de S. Thiago, onde foi sepultado o seu sagrado cadaver. Porem o seu corpo foi levado occultamente pelos discipulos, e posto n'um barco, que estava na praia. Um anjo vindo para estes dirigia o curso do barco, e immediatamente uma estrella brilhando por cima d'elles, com o seu brilho lhes mostrava o caminho até á villa de Padrão, onde antes tinha prégado, a qual dista quatro milhas do logar, em que agora jaz. Como tivessem portanto subido pelo rio, que se chama Sar, poseram na praia o seu sagrado corpo, n'uma certa pedra, a qual nós todos vimos, e em que ainda ha impressos vestigios do seu corpo, e estão de tal fórma, como se hoje fossem feitos. A qual pedra sabendo o Summo Pontifice, que os peregrinos quebravam de todos os lados, teve cuidado de que ella fosse mettida na agua, e de que se fizessem degraus do mesmo material, pelos quaes se lhe podesse chegar e ser vista. Foi ella bem profundamente mettida na agua, porem d'aquelles degraus, ficando de per meio uma agua purissima, póde ser vista com facilidade. Estavam presentes os ministros da rainha Lupa, quando o barco chegou á praia, e indo ter com a rainha ao castello, lhe annunciaram que S. Thiago, que tinha prégado antes por aquelles logares, e tinha seduzido o povo, fôra trazido.

Depois d'isto os discipulos de Thiago, estando a rainha no castello, lhe pediram, que lhes desse para se servirem bois ou mulas, nas quaes

Saunier (Abbé). Voyage de Inigo de Biervillas á la côte de Malabar, Goa, Batavia et autres lieux des Indes Orientales. Paris, 1736.

---

levassem o corpo do santo para o logar, que lhes mostrasse a estrella.

Esta rainha, que em deshumanidade e crueldade, principalmente contra os christãos, excedia a todos os mortaes, sustentava um dragão cruel e feroz, ao qual lançava os que ella queria que fossem mortos, e immediatamente por elle eram despedaçados. Tinha tambem dois touros muito ferozes, aos quaes expunha tambem aquelles, a quem maquinava a morte.

Os dragões matavam promptamente quem alcançavam, de maneira que ninguem se atrevia a approximar-se. Por isso mandou que estes discipulos de S. Thiago fossem primeiramente levados para o dragão. «Ide alli, disse ella, e tomai jumentos, em que o conduzais». Os discipulos tendo sido levados ao dragão para serem mortos por elle, não só nenhum mal receberam, mas o que é para admirar, foram venerados pela fera, agachando-se na sua presença, o que causou grande admiração aos circumstantes. Sabendo isto a rainha, admirava-se do mesmo modo grandemente, porque d'antes qualquer, que era lançado ao dragão, era sem demora devorado por elle.

Não tendo por tanto succedido o que ella esperava, mandou que fossem lançados aos touros, dos quaes ninguem ousava approximar-se. Estes ao verem os discipulos ficaram aterrados. Aquelles porem, que os desprezavam, vendo este milagre, de novo foram contar á rainha o que se tinham passado. Esta aterrada e commovida com taes prodigios, abraçou a fé de Christo com todos os seus. Depois mandou que aquelles touros fossem dados aos discipulos de S. Thiago, que tendo-os recebido conduziram o sagrado corpo, para onde a estrella indo adiante os guiava. Depois de chegarem áquelle logar, ficando a estrella immovel, e parando tambem os touros sem serem obrigados, deposeram o corpo n'aquelle sitio, em que ainda hoje se conserva sepultado. Alli os pagãos vendo muitos e espantosos milagres obrados por S. Thiago, se convertiam á religião de Christo em nome do Sancto, e alli fundaram um templo dedicado ao seu nome, que tão notavel se tornou, que tambem a povoação dominada por aquelle monte, deixando o antigo nome de Compostella, se deleita com o de S. Thiago.

De Padrão a S. Thiago ha a distancia de quatro milhas. O caminho para alli é montuoso, junto do qual, debaixo d'uma tilia de peregrina belleza e altura, borbulha uma fonte, d'onde costumava beber o mesmo santo, quando descançava debaixo d'esta arvore. D'esta á povoação de S. Thiago ha de distancia uma milha. Debaixo d'esta arvore tambem nós descançámos, e bebemos da fonte. E corre fama de que as pessoas, que beberem d'esta, estão livres durante todo aquelle anno de perigo de

Schott (André). Hispania illustrata, seu rerum urbiumque Hispaniae, Lusitaniae, Aethiopiae et Indiae scriptores varii. Francfort, 1603—1608. 4 vol.

---

febres pela divina protecção do Sancto.

Partimos depois para S. Thiago. Esta povoação está entre montes. É grande bastante, e cercada sómente d'um muro. D'uma parte da muralha nasce grande abundancia de violetas amarellas (Violae luteae), de modo que são vistas de longe, e da outra cresce pelas muralhas a herva, que as cobre como um bosque. Um fosso muito baixo cerca a cidade, e torres quadradas, construcção d'antiga data, distantes entre si um pequeno intervallo, coroam por todas as partes os muros. Chegámos a S. Thiago n'uma terça feira, a qual precedia a celebre festa da Assumpção da Virgem Santissima.

N'este tempo, estando a cidade tomada, era cercado o templo em que está sepultado S. Thiago. O arcebispo tinha sido captivo antes com alguns sacerdotes d'este templo, em numero de vinte. Porem a mãe e um irmão do mesmo, fechadas as portas, resistiam ao cerco no templo. Tinham porem sido excommungados pelo papa o que expugnava a cidade, e todos que cercavam o templo, e tambem todos os padres da Galiza, por terem o arcebispo e conegos em prisão. Por este motivo não se dizia misssa nenhuma em toda a provincia, nenhuns meninos eram baptisados, e os corpos dos defunctos jaziam por enterrar, porque toda a provincia seguia o partido do senhor, que cercava o templo.

Tendo nós alli chegado, por causa d'aquella guerra e discordia, não podemos entrar na igreja até ao terceiro dia, sem que alcançassemos licença do barão, que a cercava. O proprio senhor fallando com este lhe pedia, que o não prohibisse, no caso de poder alcançar licença dos que estavam senhores do templo, de ser admittido n'aquelle logar, em que S. Thiago tinha sido enterrado. Pois que elle visitando os palacios dos reis e dos principes christãos, e viajando tambem por muitas regiões pagãs, tivera ido áquelle logar como piedoso, afim de ver aquelle sitio, em que os ossos de S. Thiago tinham sido enterrados. E que elle e os seus companheiros todos, havia já muito tempo, que ardiam em desejos de verem com seus proprios olhos aquelle logar. A quem elle deu em resposta: «Amigo, entendo e vejo que tu és um varão excellente e nobre, e principe de algum paiz, pois a mim chegou a tua fama antes de chegares aqui. Porem, pelo que diz respeito ao que pedes, o ser introduzido n'aquelle sanctuario, sabe pois, que tu has de ser lá introduzido, porem é incerto se te darão licença para sahires. Pois estão de posse d'aquelle templo, uma mãe, mulher scelerada, e um filho que lhe não é dissimilhante, os quaes não teem comsigo nenhum homem bom ou forte, que faça caso do seu bom nome e fama. Pelo que não te persuado a que

Sebastian de Meza. Jornada da Africa e union del regno de Portugal á la coronna de Castella. Barcellona, 1631.

---

vás ter com elles». Então este dispersuadia o senhor por esta causa, por que via que no caso de ser elle lá introduzido, a mãe e irmão do arcebispo haviam d'accusal-o, porque damnadamente e contra o direito, tinha tomado o arcebispo seu senhor, ao qual se tinha sugeitado, e se tinha apoderado da cidade do mesmo, e de muitos castellos.

Tendo porem nós sido introduzidos, primeiramente se nos apresentaram alguns homens militares, que receberam benignamente o senhor e toda a sua comitiva. Depois, adiantando-se a mãe com seu filho, deu os parabens ao senhor pela sua chegada a salvamento, accusando aquelle que tinha prendido o arcebispo, e atacado aquelle celebre logar, como se quizesse dar cabo das sagradas reliquias. Depois disse ao senhor: «Amigo; sabe que estás excommungado, pois os que conversam com aquelles homens, com elles comem ou bebem, são reus do mesmo crime que aquelles, que lhes dão ajuda. E isto era notorio.

Á vista d'isto fomos levados para uma especie de castello, situado defronte da porta do templo, para o qual costumava correr agua d'um logar superior por meio de tubos, porem então não tinha agua, por ter sido cortada pelo inimigo. Ahi tendo nós sido obrigados a descalçar-nos, e a pormo-nos de joelhos, o legado sahiu do templo, trazendo uma cruz preta alçada, com um coro de padres e estudantes, os quaes pondo-se em frente do templo n'uma tribuna de pedra, que ao pé da porta d'elle tinha sido feita, e para onde se subia por degraus de pedra, cantavam: e estiveram psalmeando por muito tempo expiando-nos e absolvendo-nos do anathema. Depois d'absolvidos desceu o legado, e tomando um cinto bateu com elle uma vez primeiramente no senhor, e depois em cada um de nós.

Em seguida elle mesmo levantou o senhor, e mandou que nos levantassemos, e que entrassemos no templo de pés descalços. Alli os sacerdotes, com mostras de respeito mostraram ao senhor e a nós todos quantas reliquias existiam n'aquella igreja. Primeiramente se nos mostrou o sepulchro de S. Thiago, no qual foi sepultado, construido no mesmo altar. Junto d'este altar observa-se a fouce, com que foi cortada a cabeça do Sancto, presa do altar com uma cadeiasinha de ferro. Em cima d'este sepulchro dizem-se missas diariamente. Os sacerdotes d'este templo são d'aquella ordem, a que chamam conegos, como no templo de S. Wenceslau no castello de Praga. Depois nos foi mostrado o bordão, o qual mettido dentro d'outro de chumbo, está suspenso do altar. Porque os peregrinos o iam cortando aos bocadinhos, a ponto de ter sido todo dilacerado por elles, se o Summo Pontifice não mandasse á pressa, que fosse envolvido em chumbo. D'elle nada mais póde ser visto

Simon Goulart. Histoire de Portugal depuis l'an 1496 jusqu'en 1578 sous Emanuel I, Jean III, et Sebastien I en vingt livres, dont les

---

do que o ferrão de ferro na parte inferior, o qual póde ser tocado com as mãos.

Depois nos mostraram a cabeça de S. Thiago menor, por sobre nome Alpheo, um espinho da corôa de Christo, e um pedaço do sancto lenho. Observámos tambem muitas outras reliquias de santos, que não são patenteadas senão no anno de jubileu.

Em seguida com os nossos proprios olhos vimos o estandarte de S. Thiago, do qual usaram os christãos ao travarem peleja com os gentios. É de côr vermelha, e n'elle está pintada a imagem do sancto, montado n'um cavallo branco, e vestido com vestes brancas.

No cavallo e capacete do cavalleiro se veem pintadas as conchas ou escamas, que tiveram por costume levar nos chapeus os peregrinos. Porem aquelle estandarte está quasi consummido pelo tempo. Contavam os sacerdotes que, quando pela primeira vez se travou peleja, com este estandarte sómente treze mil christãos, os quaes se tinham convertido á religião christã depois da morte de S. Thiago, com o auxilio divino e o de S. Thiago, tinham derrotado cem mil gentios, que foram postos em fugida. E que n'este combate tivera apparecido S. Thiago vestido com vestuarios brancos, montado n'um cavallo branco, como estava representado n'aquelle estandarte, e que tivera isto acontecido depois da morte de S. Thiago.

Foi-nos depois mostrada a cadeia, com que o sancto foi preso. Está esta presa a uma columna, que se encontra ao ir para o côro de pedra. É aquelle templo grande, porem, pela parte de dentro escuro e triste, o qual é cingido por oito torres, quatro de fórma redonda, e quatro de fórma quadrada. Uma d'estas está levantada no angulo não longe da entrada do templo, junto da dita tribuna de pedra elevada.

Fóra da cidade vê-se um templo situado n'um outeiro, dedicado a S. Domingos. Ha tambem outra igreja fóra da cidade, pegada ás mesmas muralhas, na qual os peregrinos, se lhes acontece morrerem alli, ou os homens necessitados, são enterrados.

De S. Thiago até Estrella obscura (Stellam Obscuram) ha de distancia quatorze milhas, porem pequenas, as quaes podem ser andadas n'um dia.

Porem aquelle logar é chamado d'outra maneira pelos indigenas, isto é Finisterrae.

Os que se dirigem para aquelle logar, observam quasi no meio do caminho um navio com remos e amarras, e os demais apparelhos navaes.

Dizem que n'aquelle navio embarcára Deus com sua mãe, e desem-

12 premiers sont tradutts du Latin de Jerome Osorius, et les huit suivants pris de Lopez de Castagnede et d'autres historiens. Saint Gervais, 1588.

---

barcando d'elle, subiram áquelle monte, e alli fundaram um templo á Virgem Maria, o qual ainda existe.

Por baixo d'este templo fica uma aldeia grande, que é chamada Finisterra, pois alem d'ella nada mais ha do que agua e mar, cujos limites ninguem conhece senão o mesmo Deus.

Está porem escripto nos annaes d'elles: que um dos reis de Portugal mandára construir navios, e os enchera de todas as cousas necessarias, e tivera posto em cada navio doze escreventes, e os provera de viveres para quatro annos, para que d'aquelle logar navegassem pelo espaço de quatro annos até o mais longe que fosse possivel, e lhes mandou escrever o que vissem, os paizes desertos a que chegassem, e finalmente as adversidades que no mar experimentassem. Estes, portanto, segundo nos foi contado, tendo sulcado os mares pelo espaço de dois annos completos, chegaram a umas certas trevas, das quaes sahindo, passado o espaço de duas semanas, aportaram a uma ilha. Alli, chegados os navios á praia, tendo desembarcado, encontraram debaixo da terra casas construidas, abundantes em ouro e prata, das quaes comtudo não se atreveram a tirar nada. Por cima d'estas casas havia hortas e vinhas. (Tambem na França se veem hortas e vinhas por cima das casas).

Sahindo d'ellas, demoraram-se na ilha perto de tres horas, consultando entre si o que deviam fazer? Se deviam levar alguma cousa ou não? Um d'elles disse: «A minha opinião é que não tiremos d'aqui nada, pois é incerto o que d'aqui póde provir». Tendo portanto tornado a embarcar, depois de terem outra vez navegado bastante tempo, viram ao longe o mar erguer-se em grandes escarceus, como montanhas, as quaes pareciam chegar até ás nuvens: pelo que grande medo se apoderou de todos, como se tivesse chegado o ultimo dia do juizo. Por isso todos os tres navios pararam, e consultando entre si, disseram os embarcados: «Já vemos até onde chegámos, e o poder divino nos foi manifesto, tomemos por conseguinte conselho sobre o que é melhor praticar, se entrar n'aquelle rugido das ondas, ou retroceder? Então alguns d'elles disseram: «Como seria avaliada esta nossa retirada? Que cousas e que prodigios contaremos a nosso rei, que nos mandou para explorar? Exploremos antes que rugido seja esse das ondas». Mandaram portanto que dois navios o fosssem examinar, e que o terceiro permanecesse no logar, em que estavam, dizendo: Nós sejamos mandados para aquellas ondas, vós permanecei aqui, se ao quarto ou quinto dia não tivermos vindo ter comvosco, tende por certo que morremos». Ao dizerem estas pa-

Sismonde de Sismondi. De la Litterature du Midi de l'Europe. Paris, 1813—1829. 4 vol. (Trata da litteratura portugueza.)

---

lavras dirigiram-se para aquellas ondas com os dois navios. Porem os homens da terceira embarcação, tendo esperado a vinda dos outros até o dia decimo sexto, ignorando o que lhes teria acontecido, voltaram com grande susto no fim de dois annos para Lisboa, que é a cidade capital e a mais sumptuosa do reino de Portugal. Tendo entrado no porto sahiram-lhe ao encontro os moradores d'ella, perguntando-lhes quem eram, e de que paizes vinham?

Respondiam elles serem os que o rei tinha enviado para explorarem os confins dos mares, e para escreverem os prodigios, que lá observassem. Então alguns diziam: «Caros amigos, tambem nós estavamos presentes, quando o rei mandou aquelles navios, porem não enviou para alli homens da mesma fórma de corpo que vós, porque vós, apezar de serdes rapazes de 26 annos, estais todos brancos».

Era isto um grande milagre de Deus, porque estes tinham parentes na cidade e nos arrebaldes d'ella, e com tudo não eram conhecidos por nenhum d'elles, pois estavam tão brancos, que pareciam arvores cobertas de neve no tempo do inverno.

Sendo estas cousas annunciadas ao rei de Portugal, admirava-se muito de terem elles envelhecido tão depressa, não tendo andado pelo mar mais do que dois annos, e dizia: «Tudo na verdade dizem provavel e verosimil, tanto a respeito de serem enviados, como ácerca das demais cousas; porem talvez tendo encontrado os navios, mataram os nossos: sejam pois interrogados a respeito da execução das ordens, que lhes démos. Pois lhes mandámos, que, quando levantassem anchora de Stella Obscura, a quaesquer ilhas ou desertos que chegassem, ou quaesquer perigos pelos quaes passassem no mar, tudo isso escrevessem e annotassem; e para esse fim lhes demos trinta e seis escreventes, doze para cada navio».

Sendo chamados á presença do rei, este então lhes diz: «Caros amigos, porque succede, que tendo nós enviado tres navios, apenas um voltou?» Responderam-lhes elles: «Clementissimo rei, tudo relataremos com verdade á tua magestade; tendo recebido doze escreventes para cada navio, com o fim d'escreverem tudo quanto nós vissemos no mar, e tendo levantado anchora, sulcámos os mares por quinze mezes inteiros, dentro do qual tempo, como julgâmos, passámos seis mil leguas, pois não fomos retardados por embaraço ou impedimentos alguns, e tivemos ventos os mais prosperos. Em seguida, pouco mais ou menos depois de seis mezes da nossa sahida, chegámos a logares do mar tenebrosos e obscuros, passados os quaes, no espaço de duas semanas, chegámos a uma certa ilha, tendo de largura e comprimento tres

Speculum tyrannidis Philippi regis Castellae in usurpanda Portugallia, verique Portugallensium juris in eligendis suis regibus ac principibus. Paris, 1595.

---

milhas. N'ella desembarcámos, e a fomos visitar por tres horas. Alli achámos casas elegantes debaixo da terra, riquissimas em ouro e prata, porem sem habitadores, das quaes nada trouxemos. Por cima d'estas casas veem-se hortas e lindas vinhas. Ao vermos isto, nos reunimos, e dissemos: Já encontrámos grandes e inauditas riquezas, porem se d'ellas tirarmos alguma cousa, ignoramos o que depois nos acontecerá. Então alguns dos nossos diziam: O nosso voto é que d'aqui nada tiremos, porem a toda a pressa nos embarquemos, para assim evitarmos algum perigo. E tendo-nos embarcado, nos affastámos d'aquella ilha, não tendo experimentado adversidade alguma.

Sahindo nós d'alli, e sulcando o mar por longo tempo, chegámos ás mesmas trevas. Como alli parassemos, consultavamos, se deviamos entrar n'ellas, ou retroceder: alguns diziam que se não devia tornar para traz, pois não era para isto que tinhamos sido mandados pelo rei, mas sim para que observassemos até onde era permittido ir, e o que por acaso vissemos. Foi portanto resolvido, que animosamente nos introduzissemos n'aquellas trevas. Entrando por conseguinte n'ellas, alli navegámos por algum tempo, até que chegamos a mar patente e claro. Como o tivessemos achado, vimos d'ahi a algumas milhas erguerem-se grandes ondas, cujos cumes pareciam tocar o ceu, e ellas retumbavam com tão grande barulho e mugido, que nós todos consternados com grande pavor, julgavamos estar chegado o ultimo dia. Então consultámos uns aos outros, se nos haviamos de introduzir n aquellas ondas, ou se seria melhor voltar para traz? Tendo-nos consultado reciprocamente a respeito d'estas cousas, os que estavam nos outros dois navios nos disseram: Vós conservai-vos aqui com o terceiro navio, e nós iremos para de mais perto observarmos o que aquillo seja; esperai até ao dia quarto, se até então não tivermos voltado, tende por certo que morremos. Nós, porem, tendo por elles esperado n'aquelle logar por dezaseis dias, como não voltassem, com medo não nos atrevemos a navegar mais alem, mas nos fizemos de vela para traz, para Lisboa, d'onde tinhamos ido. D'esta fórma, e não d'outra, foram por elles estas cousas contadas ao rei de Portugal, como aqui são narradas».

De Finisterra, que se chama Estrella obscura, voltámos pelo mesmo caminho outra vez para Braga, onde antes tinhamos encontrado o rei de Portugal.

De Braga a Guimarães ha tres milhas. Esta villa está situada em montes, tendo em si duas fortalezas, sugeitas ao dominio d'um certo conde, que era muito rico, e é considerado como um dos primeiros

Stella. Essai sur l'histoire de Portugal. Bruxelles, 1841.
Sulpice Gaubier de Baurrault. La mort d'Iguez de Castro. Lisbonne, 1772.

---

entre os fidalgos de Portugal. Este tractou honrosamente o senhor e os seus companheiros. Vimos alli de que maneira os pagãos sarracenos fazem as suas festas.

Carta do conde Fernando, filho do duque de Bragaaça

A todos os reis e a cada um de per si, principes, tanto espirituaes, como seculares, duques, marquezes, condes, barões, fidalgos, nobres, militares, clientes, reitores, potestades, vigarios, officiaes, juizes, e universidades das communidades, cidades, villas, e tambem a todos os outros, aos quaes forem presentes estas cartas, eu o conde Fernando, primogenito do meu senhor o duque de Bragança, amado marquez da villa, conde de Barcellos, e de Ourem, e de Rayolos, e de Neina, senhor de (Petra fidelis?) e Monteforte (promptitudine famulandi, complacendi) vontade, affecto sincero, saude, e todo o bem!

Serenissimos, illustres, preclaros, magnificos, generosos, nobres e famosos, senhores e amigos clarissimos, e todos os demais sinceramente amados: Visto que o nobre Leão de Rosmital, e de Blatna, para mim muito amado, com o fim de maior experiencia, e para que dos costumes dos diversos reinos, possa alcançar para si melhor fructo de vida, e conhecimentos militares, determina partir para alguns logares do rei meu senhor, e para diversos outros reinos: eu approvando muito esta sua resolução militar, e desejando que o referido Leão gose de plena segurança no decurso da sua viagem, vos recommendo o mesmo com sincero affecto, pedindo affectuosamente a vossas serenidades (serenitates) e a cada um de vós as vossas amizades, ordenando porem, rigorosamente aos meus subditos: que, quando succeder ao mesmo Leão ir para vós, para as vossas terras, e logares, na sua passagem, pelo meu respeito, o recebais, tracteis favoravelmente, e n'aquellas cousas que tocam á segurança da sua viagem lhe queirais mostrar e pôr em pratica uma vontade (promotivam) e gratuita, e façais que o mesmo passe com sua familia, cavallos, cousas, e todos os seus bens, por quaesquer passos, portos, pontes, terras, arraiaes, reinos, dominios, districtos, castellos, villas, cidades. e quaesquer outros logares da vossa jurisdicção, tanto por terra, como por mar. sem alguma paga de portagem, (pedagii, pontivegii, gabellae, gustumae) ou do encargo de qualquer outra paga, removidos quaesquer impedimentos, ou incommodos, e lhe permittais que permaneça, se demore, e que volte em segurança e livremente, e façais que lhe seja permittido, e providencieis a respeito de salvo conducto

*

Theatrum Regium sive Regum Portugalliae a Camillo Borello. Bruxellae, 1628.

---

para elle, familia, cavallos, e cousas suas, em quanto e onde necessario fôr, e de parte dos mesmos acima mencionados, quando fordes exortados, e se vos requerer.

No que nos mostrareis uma agradavel complacencia, a qual vos ha de ser retribuida, e a qualquer dos vossos, offerecendo-se logar e occasião, e ha de merecer sempre as nossas promptas vontades. Dada na nossa (villa) no anno 1466.»

A principal das cidades de Portugal é Lisboa. Em volta d'ella dentro de cinco milhas, o irmão do rei recebe um grande tributo em vinho, o qual bom e limpo de fezes lhe costuma ser pago em dia de S. João Baptista. Não lhe sendo dado vinho, paga-se-lhe uma grande somma de dinheiro.

O Porto dista de Guimarães oito milhas. O bispo alli tem o seu palacio construido n'um logar alto, a cidade porem está situada entre montes, e proxima do mar, e por este é cercada por um lado, o qual passámos. Em nenhuma outra cidade situada perto do mar vimos maior numero de navios, do que n'esta. Pois para aqui são trazidas por mar muitas mercadorias d'outras partes.

N'esta cidade ha muitos gentios que são vendidos pelos christãos. Porquanto, todos os annos muitos milhares de captivos d'estes são trazidos, vendidos e comprados. Estes nunca mais voltam para as suas terras patrias, a não ser que alguem para alli os venda. Os que forem baptisados não são vendidos pelos seus senhores, excepto quando por estes forem dados de presente aos amigos, aliás são por elles conservados até ao fim da vida. Qualquer d'estes póde ser conhecido pela barba, pintada de côres, e que nunca pode ser lavada.

Porem outros gentios, que costumam ser trazidos da Barbaria, teem os corpos pintados, e d'estes e d'outros ha um grande numero em Portugal. Porquanto o rei de Portugal com um grande exercito, tendo accommettido aquella região, trouxe d'alli muitos milhares de mulheres e meninos, o que tinha por costume fazer annualmente, e as mulheres e meninos, que d'alli trazia, as distribuia pelas cidades aos seus cidadãos, que são obrigados a sustental-as á sua custa. A estes crescidos os questores reaes (quaestores regii) vendem para serem escravos, dos quaes recebem muitos mil aureos, que entram no thesouro. E são obrigados a sustentar até idade adulta quaesquer filhos, que os escravos tiverem, e estes finalmente tambem são vendidos.

Chegámos do Porto a Arrifana (Rifanam) por um caminho de quinze milhas. Esta povoação jaz entre montanhas, não distante do mar (rio).

Theodoro Bosche (Edward). Novo Diccionario Geral das linguas portu. gueza e allemã. Hamburgo.

D'aquella cidade até esta villa sempre o caminho é perto do mar (rio), que nos ficava á direita. E por esta parte não ha rei algum ou principe christão, mas habitam sarracenos, que são de duas especies—negros e brancos.

Agueda (Aquada) dista d'Arrifana seis milhas, que tambem é uma aldeia, a qual lava o rio Agueda, que tem o nome da aldeia.

De Agueda a Anneladum (?) ha quatro milhas, tambem é uma aldeia situada entre montes, pequena, e constando apenas de quatro choupanas.

De Annelado a Coimbra a distancia é de tres milhas. Esta cidade e castello é regada pelo rio Mondego (Monda), que lhe passa pelo meio, e se atravessa por uma ponte não muito comprida; está situada entre montes na encosta d'um outeiro.

Não é grande, porem elegante e fortificada. Abaixo da cidade, pelo rio abaixo, os campos são amenissimos. O caminho para esta cidade é por meio de montes, que produzem herva doce (Anisum). E não longe d'alli se enxergam outros montes, que produzem oliveiras, no meio das quaes ha vinhedos, e outras arvores de diversos generos.

Junto d'esta cidade, da outra parte do rio, ha um elegantissimo mosteiro. Tambem alli se veem muitas arvores, e hortas deliciosas. Não entramos n'esta cidade, porque a esse tempo a atmosphera era alli pestilente, mas passámos perto d'ella, e pernoitámos n'uma certa aldeia. na distancia da cidade quatro milhas, por nome Rabazala, a qual está situada entre montanhas, na qual apenas se veem quatro choupanas.

De Rabazala a Alvayazerum ha a distancia de quatro milhas: este logar está em serras.

D'alli a Tomaram ha o caminho de quatro milhas: esta povoação é sem muralhas, porem ampla e situada entre montes é banhada por um ribeiro sem nome, ao qual fica immente um castello forte!

N'esta povoação vimos de que modo dançam os que tendo ordens celebram a sua primeira missa. Dita a missa, n'esse dia e nos seguintes, percorrem a povoação com flautas, e n'ella tudo retumba com as danças e cantigas dos homens, mulheres e padres, entoando os coros o novo padre.

Ha tambem alli esta costumeira: Morrendo alguem, leva-se para a igreja vinho, carne, pão, e outras comidas, e os parentes do morto acompanham o funeral, vestidos com vestes brancas proprias dos enterros, com capuzes á maneira de monges, com o qual vestuario se vestem d'um modo admiravel. Aquelles, porem, que são chamados por paga, para prantearem o defuncto, vão vestidos com uma roupa

Theodore Godefroy. Genealogie des rois de Portugal issus en ligne directe masculine de la maison de France. Paris, 1610. Ib. 1612. Ib. 1614. Ib. 1616. Ib. 1624.

---

preta, e fazem uns prantos, como os d'aquelles, que entre nós dão pulos de jubilo, ou alegres por terem bebido.

De Tomara a Punhete ha tres milhas: a aldeia está situada entre montanhas, no alto tem um castello, o qual se acha deserto. A esta aldeia regam dois rios por diversas partes, que se reunem n'um só abaixo d'ella. O que vai desaguar no outro chama se Dura, (Zezere), e tem a sua nascente em Portugal. O outro, que recebe o Dura, chama-se Tejo. Este nascendo em Castella, tendo o seu curso por Portugal, lança-se no mar perto de Lisboa.

De Punhete a Montragilum ha sete milhas: esta povoação esta situada n'um logar entre montes, e o caminho para ella é por despovoados e olivaes. Pelo espaço de sete milhas, que ha entre Punhete e Montragilum, não ha povoação alguma.

Em volta d'esta povoação ha mui grande abundancia de lebres e coelhos, de maneira que não parece crivel, a quem não vê, a grande quantidade, que se traz para a aldeia. Era nos contado como verdade, que d'uma só vez podiam ser apanhados e trazidos duzentos ou trezentos, e isto todas as vezes que houvesse vontade de se fazer.

Teem permissão de caçarem não sómente os habitantes d'esta aldeia, mas tambem os dos logares visinhos, porquanto d'estes animaes por toda a parte ha uma grande abundancia.

Realum dista sete milhas de Montragilum: é este um castello situado n'um monte. Para este castello o caminho é difficil por entre desertos.

Evora está separada de Realum por tres milhas. É aquella uma das principaes cidades de Portugal, onde encontrámos o rei com a sua corte. Esta cidade não tem castello algum, porem sómente um palacio episcopal, e outro ducal, que é do irmão do rei. O palacio fica proximo ao templo, ao qual estão pegadas um portico elegantemente construido de pedra, e uma horta amena adornada com varias hervas e arvores. A propria cidade está situada n'uma planicie, havendo em volta frequentes vinhedos, que produzem vinhos muito fortes e asperos, que se não podem beber sem que se lhes deite agua. N'esta cidade ha muitos sarracenos, e perto de tres mil ethiopes e mulheres ethiopes da Barbaria. E tambem será util accrescentar o que é muito verdade: n'estes logares amadurece, e colhem o trigo tres mezes depois de o terem semeado.

Não será fóra de proposito lembrar n'este logar quaes são as cidades da Africa, em que o rei de Portugal domina: uma d'ellas chama-se

Thomas Edward Bowdich. An account of the discoveries of the Portuguese in Angola and Mozambique. London, 1824.

—Excursions in Madeira and Porto Santo. London, 1825.

Thomas Nardin. L'union du royaume de Portugal á la couronne de Castille. Besançon. 1595. Arras, 1600. Paris, 1680. (É uma traducção da Historia attribuida a Conestagio,nome que passa por ser um pseudonymo).

Twiss. Voyage en Portugal. Berne, 1776.

Udal. Tour through Spain and Portugal.

Valentim Stancel: Legatus Uranicus ex orbe novo in veterem, hoc est Observationes Americanae cometarum factae. Praga. 1683. (Tracta dos cometas observados na Bahia nos annos de 1664 e 1665).

Vandelli (J. D.) Florae et Faunae Lusitaniae Specimen.

— De Vulcano Olissiponensi et Montis Erminii. (Nas Memorias da A. R. das Sciencias de 1797).

Vatel. Droit des gens. Avec des notes de Pinheiro Ferreira et de Combrier d'Oleires. Paris, 1863

Vera historia admiranda cujusdam navigationis Hulderici Schmidel, Straubigensis in Americam, vel novum orbem juxta Brasiliam et rio del Plata ab anno 1534 ab ipso Schmidelio Germanice descripta, postea latine reddita. Noribergae, 1599.

Vespucci (Amerigo). Son caractere, ses ecrits (même les moins authentiques) sa vie et ses navigations par A. de Varnhagem. Lima, 1865.

—Le premier voyage de Vespucci definitivement expliqué dans ses details. Nouvelles recherches sur les derniers voyages du navigateur Florentin, et le reste des documents et eclaircissements sur lui avec les textes dans les mêmes langues qu'ils ont eté ecrits. Par A. de Varnhagen. Vienne, 1869.

Alcacer, ha oito annos que a tomou o rei, que então governava. A outra cidade occupou o avô do mesmo quarenta annos antes.

Em casa do rei de Portugal vi uns animaes exhalando um cheiro suave, a que chamam gatos d'Alcalia.»

Eis a traducção das passagens mais notaveis da viagem de Rozmital escripta n'um latim barbaro, e por vezes ininteligivel. Não deixa porem de ser curiosa, e d'ella se colhem muitas cousas uteis para a historia dos costumes de tão remotas epocas. É porem de advertir, que, ao senhor Leão de Rozmital não só faltavam os estudos, mas até a critica não era de sobra, accrescendo ter seu tanto ou quanto de visionario.

Vespucci. Vita e lettere racolte e illustrate da Ang. M. Bandini. Firenza, 1745.

Vespucius. Paesi novamente ritrovati per la navigatione di Spagna in Calicut. Venetia, 1521.

Vida y hechos del gran Condestable de Portugal D. Nuno Alvarez Pereira, conde de Barcellos. Madrid, 1640.

Vicente Tofino de San Miguel. Derrotero de las costas de Espana en el Oceano Atlantico y las Islas Açoras. Madrid, 1790.

Victor Hugo. D. Ignez de Castro. Melodrama.

Victoriano Censorino. Furfur Logicae Verneyanae. Pampelunae, 1752.

Vertot. Revolutions de Portugal. Haye, 1765. Londres, 1765. Paris. 1711. Ib. 1768. Ib. 1822. Ib. 1833. Bruxelles, 1843. Avignon, 1794, etc.

Vie de D. Barthelemy des Martyrs, religieux de l'Ordre de Saint Dominique, archevesque de Brague. Paris, 1664.

Vita di Monsignor D. Bartolomeo de Martiri, escritta da Fr. Malachia d'Inguimbert. Roma.

Vita di Sebastiano Giuseppe de Carvalho e Melo. 1781. 5 vol.

Vito Perera a Sancto Nicolao. Oratio de felicitate Lusitaniae a regibus Brigantinae familiae. Matriti.

Vincenzo Rota. L'incendio del templo di Santo Antonio da Padova. Poema em 6 cantos. Roma 1749. Padua, 1753.

Welt, die Niew, der landschaften unnd Insulen, so bis hicher allen Altweltbeschrybern unbekant: Jungstaber von den Portugalesern unnd Hispaniern im Niedergenglichen Meer herfunden. Strazburg, 1534.

William Anderson and James E. Tugman. Mercantile Correspondence containing a collection of commercial tellers in Portuguese and English with their translation in opposite pages. London. 1867.

Willk Enumeratio plantarum novarum et rariarum quas in Hispania Australi regnoque Algarbiorum annis 1845—1846 legit. Linnaea, 1853.

William Walton. Lettres à Sir James Mackintosh sur sa mission aux affaires de Portugal. Paris, 1823.

William L. von Eschwege. Ein Staats und Sittengemaede in Skizzen und Bildera nach dreissigjaehrigen Beobachtungen und Erfahrungen. Hamburgo, 1836. (Quadro Estatistico Moral. Scenas. Bosquejos extraidos das observações e tracto de 30 annos).

William Peters. Reise nach Mossambique. Berlim, 1868.

William Francis Patrick Napier (Sir). Histoire de la guerre dans la Peninsule et le midi de la France.

William Barclay. Le Portugal pittoresque et architectural dessiné d'apres nature. Paris, 1846.

Wolf Studien zur Geschichte der Spanischen und Portugiesischen Nationalliteratur. Berlim, 1589.

Zurla. Dei viaggi e delle scoperte Africane di Cada Mosto Veneza, 1815.

Não esquecem outros muitos, entre os quaes os seguintes; mas as curtas dimensões d'esta obra não permittem mais demora:

Abraham Alewin. Vocabulario das duas linguas portugueza e flamenga. Amsterdam, 1718.

Abraham Meldola. Nova Grammatica Portugueza. Hamburgo. 1785.

Antonio Maria Bonuci. Orazione nelle solemni esequie della Maesta del Re di Portugallo D. Pedro II. Roma, 1707.

Alliaut. Grammaire Française à l'usage des portugais. Porto.

Auguste Carel. Precis historique de la guerre d'Espagne et de Portugal depuis 1808 jusqu'à 1814. Paris, 1815.

Don Sebastien, Roi de Portugal. Nouvelle historique. Paris, 1679. 2 vol.

José Marugan et Martin. Descripcion geografica, fisica, estadistica, del reyno de Portugal y de los Algarbes. Madrid, 1833. 2 vol.

Dunham. The history of Spain and Portugal. London.

Dubois (Abbé). Grammaire Portugaise. Paris.

Schaeffer. Geschichte von Portugal.

Shelley, Brewster, Montgomery. Lives of the most eminent litterery men of Italy, Spain and Portugal. London.

W. Joung. Portugal in 1828. London, 1828.

Por esta pequena lista de perto de quinhentos escriptores, e que se poderia elevar a muito maior numero, se os limites d'esta obra o permittissem, vê-se que não teem faltado em todos os tempos escriptores estrangeiros, que prezem e tractem das cousas portuguezas: alguns são mui superficiaes, é verdade, nas suas apreciações, outros veem as cousas por um prisma mui diverso d'aquelle, pelo qual deveriam vel-as, outros fazem-nos justiça, e são exactos: porem, no que quasi todos concordam, é em mimosearem-nos com os epithetos de fanaticos, supersticiosos, e embrutecidos. Estas expressões teem soado mal a ouvidos portuguezes, e confesso que ellas nada teem de agradavel. Serão, todavia, immerecidas? Este é o ponto da questão.

Imaginemos um estrangeiro chegado a Lisboa em epocha anterior ao grande terremoto de 1755. Que veria?

Uma cidade composta de viellas, becos e ruas immundas, turtuosas, e algumas d'uma largura tal, que não cabiam duas pessoas a par. (1)

(1) Ainda temos ruas d'esta largura na cidade antiga, como os becos do João do Outeiro, Agulheiros, Cabras, Lage, Cascalho, Espirito Santo, Formosa, Cardosa, Tres Engenhos, Car-

Por toda a parte montões d'immundicie, lixo, entulho, galinhas, cevados e cães, etc. Os predios, em geral, construidos de modo a opporem-se á entrada da luz, do ar, e sem a mais pequena condição hygienica. Durante a noite, nas ruas nenhuma illuminação, nenhuma segurança publica. Pelo contrario as scenas de pugilato seguidas de facadas ou assassinato eram frequentissimas. Por toda a parte se ouviam os alaridos dos que rezavam os terços, os bemditos, ou pediam esmola para os enfermos e entrevados. Uma chusma immensa de frades e padres percorria a cidade durante o dia, sendo já necessaria muita pratica para conhecer a ordem religiosa a que pertenciam; tanta era a diversidade dos feitios e côres dos habitos!

Aqui, acolá, ao pé uns dos outros conventos de freiras, de todas as ordens, sustentando nas portarias grande chusma de creadas e beatas, pertendendo agradar ás devotas com seus tregeitos, visagens e biocos abeatados. As virgens do Senhor enclausuradas pelos seus pais, por conveniencias de familia, ou vinganças particulares, muitas vezes sem a mais pequena vocação para o estado religioso, e muito inexperientes pela pouca edade, ou nenhum conhecimento do mundo abraçando um estado, do qual dentro em pouco se aborreciam, e que vinha a produzir scenas pouco edificantes.

D'aqui provinha em grande parte a relaxação, com que se vivia em alguns conventos, pela qual se tornou famoso Odivellas e varios outros. As ruas cheias de nichos, cruzes para vias sacras, e offertas a santos. (1) Em volta d'ellas homens e mulheres resando em altas vozes, e fazendo genuflexões. Nas praças e largos, frades e padres ensinando o cathecismo aos rapazes, fazendo praticas religiosas á turba, que se agglomerava, e em seguida levando apoz si o povo processionalmente. Por qualquer motivo se formava uma procissão de penitencia precedida de farricocos, e de penitentes disciplinando-se. Entre estas distinguiam-se as do Ferrolho e dos Fogareos, nas quaes os penitentes iam nus dos hombros para cima.

As egrejas servindo muitas vezes de ponto de reunião para os devassos n'ellas formarem seus planos lascivos. Frades mendicantes por toda a parte agradecendo verbalmente a esmola, e no interior mofando da credulidade do bemfeitor. Um sem numero d'ermitães, differençando-se uns dos outros pelas opas e capas, e armando á caridade e devoção publica com os nichos pendentes ao pescoço, com suas bandeiras e diversas insignias. Mas recommendando a religião, a caridade e amor ao proximo, o proximo não se amava sinceramente, porque todos viviam des-

neiro, Mexia, Bicha Povoa. E nas ruas da Amendoeira, Capellão, Vinagres, etc. No Porto as ruas do Barredo, Mercadores, Calça Frades e muitas outras.

(1) As beatas costumavam fazer requerimentos e escrever cartas á imagem de Santo Antonio representada n'um painel á esquerda da entrada do templo d'este Sancto, proximo da Se. Havia maganões, que se divirtiam despachando os requerimentos d'um modo mui disparatado, credulas, que acreditavam serem respostas dadas pelo Sancto.

confiados então uns dos outros, sendo todos obrigados a denunciarem-se mutuamente. O marido precisava acautelar-se da esposa, e a esposa do marido. Os filhos podiam contribuir para que seus pais morressem n'uma fogueira, e os paes eram obrigados a denunciarem seus proprios filhos!

Nenhuma segurança pessoal! Inesperadamente o mais honesto cidadão via-se encerrado nos medonhos e horriveis carceres do infame tribunal chamado Inquisição! Sua fortuna, adquirida á custa de tantas fadigas e suores, e de tantos serviços prestados ao estado, confiscada, familia e filhos reduzidos á miseria e á prostituição! Os autos de fé eram um espectaculo publico, mais attrahente, que uma corrida de touros, e por vezes n'elles succumbiu a donzella virtuosa, que não tinha cedido á luxuria do seu seductor! Os proprios reis assistiam a estes espectaculos!

Oh felizes, mil vezes felizes nós por não vivermos no tempo de tão nefasto tribunal!

Nada de estradas, nada de vias de communicação.

Quem houvesse mister fazer uma jornada do Porto a Lisboa, tinha de fazer uma viagem de dez ou doze dias. Ha exemplos d'alguns, que fizeram testamento antes de se porem a caminho, não se julgando bem seguros contra as eventualidades com as veronicas, agnus dei, registros e rosarios, de que sempre se acompanhavam. Nenhuma segurança pelos caminhos. O pinhal d'Azambuja punha em tanto risco a vida, como uma viagem á India! Nenhumas hospedarias, nenhumas commodidades.

Desgraçado do caminhante, que se visse obrigado a comer e passar a noite nas horriveis e talagens, que então havia, mediando muitas leguas d'umas ás outras. Não só a bolsa soffria grande sangria, mas até não era raro não haver mais noticia do viajante, porque, tendo sido roubado e assassinado durante a noite, a mesma estalajem lhe ficava servindo de cemiterio.

A cada passo, a cada canto conventos, igrejas, ermidas, capellas, altares, nichos, e n'isto se despendiam capitaes fabulosos!

O povo achava-se embrutecido. A crença nas bruxarias, feiteçarias, benzedeiras, lobishomens, almas do outro mundo estava tão enraizada, que ainda hoje está bem longe de ser extirpada. Por toda a parte, qualquer doença se attribuia á espinheta cahida, ou ás aggressões diabolicas, e os barbeiros eram os cirurgiões, sangradores, e os sabios da freguezia.

Os sebastianistas formavam um exercito numerosissimo, e ainda no principio d'este seculo, apezar de haver muito maior illustração, e da propagação das idéas chamadas novas, o numero d'elles era extraordinario.

As sciencias naturaes quasi que não se estudavam: mui poucos se applicavam ás positivas. Raros eram os que estudavam as linguas mo-

dernas. Ao mesmo tempo consummiam-se annos e annos no estudo do latim e logica, e nas subtilezas methaphysicas e theologicas (1)

As publicações litterarias versavam em geral sobre vidas de sanctos e beatos, geralmente escriptas por idiotas ou velhacos de fórma a chamarem a devoção dos endinheirados á imagem existente no convento, ao qual pertencia o escriptor: e sermonarios, de gosto detestavel, e dos quaes os leitores pouco fructo podiam colher.

Nenhumas providencias para a enfermidade ou velhice. Nenhumas associações de soccorros mutuos, e por isso as ruas se viam atulhadas de mendigos, uns verdadeiros, outros falsos.

Muitos d'estes tambem podiam passar com summa facilidade por sanctos para com o povo idiota. Quanto mais nojento e immundo se apresentasse em publico, quanto maior desapego mostrasse apparentemente pelas commodidades da vida, se costumasse nas egrejas passar horas esquecidas com os braços abertos ou em cruz, e com os olhos esgaziados e erguidos para o tecto, se batesse rijamente nos peitos com o acompanhamento de tregeitos e momices, se costumasse depois da missa pedir em voz alta orações para as almas do purgatorio, se tudo isto fizesse estudadamente, certamente passava por um sancto, embora fosse na realidade um infame assassino assalariado ás vezes pelos poderosos para se desfazerem de seus rivaes, e as turbas seguiam-n'o, e na occasião da morte, cortavam-lhe a mortalha em bocadinhos, e guardavam-nos como preciosas reliquias.

Não havia uma festa de familia, nenhuma funcção da nobreza ou da corte, em que não apparecesse um frade, o qual em geral sabia dirigir as cousas de modo que o seu convento continuamente enriquecia com os legados das pessoas, que se finavam.

E que mais se poderá dizer dos Jesuitas, que não tenha já sido dicto?

Quem pensava então em theatro? Que mulhér ousaria então pisar o palco?

Será tudo isto verdade ou não? Não está provado por milhares e milhares de documentos?

Pois se todos os estrangeiros são concordes em elogiarem o porto de Lisboa, como um dos mais bellos do mundo, se todos dizem extasiar-se perante tanta magestade, e são cridos, porque o não serão, quando nos chamam um povo fanatico, embrutecido, supersticioso, vingativo, dando-se a circumstancia dos factos comprovarem taes asserções.

---

(1) N'estes ultimos vinte annos teem-se publicado em Portugal mais obras sobre sciencias naturaes e positivas, que durante toda a dynastia Bragantina antes do governo do grande marquez de Pombal.

II

Resenha d'algumas obras portuguezas impressas ou reimpressas em varios paizes

Assim como tem sido grande o numero dos estrangeiros, que teem escripto a respeito das cousas portuguezas, assim tambem não é menor o numero das obras portuguezas impressas ou reimpressas em differentes paizes.

Algumas vezes succedia os authores imprimirem suas obras nos paizes, em que n'aquella occasião residiam, mas muitas vezes a fama do merito das obras publicadas em Portugal fazia com que os amantes da litteratura desejassem conhecer as bellezas d'ellas na mesma lingua, em que tinham sido primitivamente publicadas.

Achilles Estaço. Silvae aliquot una cum duobus hymnis Callimachi. Louvain, 1549. Ibid, 1555.

«Monomachia navis Lusitanae. Romae, 1574.

«De electione, profectione et coronatione Poloniae regis. Romae, 1574.

«Orationes nonnullorum Graeciae patrum latine reddittae. Romae, 1578.

«In Arati. Phaenomena. Florentiae, 1568.

«Liber de Trinitate et Fide, Parisiis, 1575.

«Sancti Ferrandi Opuscula. Romae, 1578.

«Ciceronis de Fato. Louvain, 1551. Ibid, 1555.

«Commentarii in Horatii artem poeticam Antuerpiae, 1553.

. . . . . .

Agostinho Barbosa. Collectanea dictorum tam veterum quam recentiorum in jus Pontificium universum. Lugduni. 6 vol. 1716.

«Remissiones DD. in Concilium Tridentinum. Brixiae, 1620. Toleti, 1620. Antuerpiae, 1642. Lugduni, 1642. Ibid, 1657. Ibid, 1721. Venetiis, 1726. Ibid, 1735.

«Remissiones DD. de Dictionibus et Clauzulis. Romae, 1621.

«De officio et potestate episcopi. Romae, 1623. Parisiis, 1625. Venetiis, 1639. Ibid, 1726. Ibid. 1735. Lugduni, 1628. Ibid, 1650, Ibid, 1656. Ibid, 1724.

«Formularium Episcoporum. Coloniae Agrippinae 1681. Lugduni, 1725.

«Varii Juris tractatus. Lugduni, 1631. Ibid, 1644. Ibid. 1660. Ibid, 1718. Argentorati, 1652. Venetiis, 1722. Ibid, 1735.

«De officio et potestate Parochi. Romae, 1622. Ibid, 1632. Lugduni, 1634. Ibid, 1640. Ibid, 1648. Ibid, 1665. Venetiis, 1641. Ibid, 1726. Ibid, 1728. Ibid, 1745.

«De Canonicis et Dignitatibus. Romae, 1632. Venetiis, 1641. Ibid,

1726. Ibid, 1735. Lugduni, 1634. Ibid, 1640. Ibid, 1648. Ibid, 1658, Ibid, 1718.

«De Jure Ecclesiastico Universo. Lugduni, 1634. Ibid, 1645. Ibid, 1650. Ibid, 1718. Venetiis, 1726. ibid, 1735.

«Praxis exigendi Pensi. Barcinone, 1635. Lugduni, 1636. Ibid, 1643. Ibid, 1653. Ibid, 1722. Venetiis, 1726. Ibid. 1735.

«Collectanea Bullarii. Lugduni, 1634. Ibid, 1636. Ibid, 1721. Venetiis, 1616. Ibid, 1726. Ibid, 1735.

«Summae Apostolicarum Decisionum. Lugduni, 1645. Ibid, 1658. Ibid, 1722. Genevae, 1650.

Collectanea DD. locorum Concilii Tridentini Lugduni, 1634. Ibid, 1641. Ibid, 1645. Ibid, 1656. Vallisoleti, 1621.

«Collectanea Doctorum in Jus Pontificium. Romae, 1626. Ibid, 1629. Lugduni, 1636. Ibid, 1650. Ibid, 1656. Ibid, 1716. Venetiis, 1722. Ibid, 1735.

Selectae Juris Interpretationes. Romae, 1625. Lugduni, 1648. Ibid, 1656.

«Collectanea Doctorum in Jus Civile. Lugduni, 1638. Ibid, 1648. Ibid, 1657. Ibid, 1628. Ibid, 1660. Venetiis, 1626. Ibid, 1735.

«Repertorium Juris Civilis et Canonici. Lugduni, 1668.

«Allegationes in caussas Bracharensis regressus. Romae, 1630.

«Pastoralis Sollicitudinis. Lugduni, 1656.

Affonso Alvares Guerreiro. Thesaurus Christianae Religionis. Venetiis, 1559. Coloniae, 1581. Florentiae, 1563.

«De administratione Justitiae. Neapoli, 1543.

«De modo concilii celebrandi. Neapoli, 1545.

«De bello justo et injusto. Neapoli. 1543.

Affonso Mendes. Brankaymant id est lux fidei. Coloniae, 1692. (E um Cathecismo Ethiopico). (1)

«Relatio de martyrio D. Apollinario de Almeida. Manilha, 1641.

Affonso Furtado de Mendonça. De Spiritu Sancto Oratio habita ad Benedictum XIV. Romae. (2)

Affonso da Ilha (Fr.) Thezoro de Virtudes. Medina, 1543.

Affonso Nunes. De pulsuum essentia, differentiis, cognitione. Salamanca, 1606.

Affonso Nunes de Castro. Espejo Christalino. Madrid, 1648.

«Seneca impugnado. Madrid, 1651.

«Historia de Guadalaxara. Madrid. 1658.

Affonso da Palma. Flos Sanctorum. Saragoça. 1521.

Affonso Peres Pacheco. Apolecta utriusque Juris. Ronciolone, 1657.

Agostinho Lourenço (P.) Cursus Philosophicus. Leodii, 1687. 3 vol.

---

(1) Nouvelle Biographie Universelle de Firmin Didot vol. 34. p. 942.
(2) Summario da Bibliotheca Lusitana de Barbosa Machado, vol. 1. p. 14.

«Syntagma Theologicum in Divum Thomam. Leodii. 1680. 2 vol.

Agostinho Osorio (Fr.) Tractatus de Conceptione Virginis immaculatae. Barcelona, 1618.

Aires Barbosa. Epometria. Salmanticae, 1515.

«De orthographia. Salmanticae, 1515.

«Epistola Lucio Marineo Siculo. Pinciae, 1514.

«Commentarii in duos Aratoris Cardinalis libros de Historia Apostolica. Salmanticae. 1516.

Aires Pinhel. Allegatio pro D. Federico de Portugal Salmanticae, 1562.

«Ad rubricas et leges II Codicis. De rescindenda Vindit. Commentarii Salmanticae, 1568. Venetiis, 1580. Francfort, 1606. Ibid, 1614. Coloniae Agrippinae, 1573. Antuerpiae, 1618. Rinteli. 1667.

«De bonis maternis. Venetiis, 1586. Francfort, 1587. Ibid, 1614. Antuerpiae, 1628. Salmanticae, 1513. Antuerpiae, 1628.

«Allegatio pro D. Sancio Cardona. Salmanticae, 1562.

Alexandre Brandão. Istoria delle guerre di Portugallo succedute per l'occazione della separazione di quel regno dalla corona Cattolica. Venezia. 1689. 2. vol.

Altportug. Liedersambung des edlen Garcia Resende. Stuttgard, 1846—1851. 3 vol.

Alvaro Nunes. Annotationes ad libros duos Francisci Arcaei. Antuerpiae, 1574. Amstaelodami, 1658.

Alvaro Paes (Fr). De planctu Ecclesiae. Ulmae, 1474. Lugduni, 1617. Venetiis, 1560.

Alvaro Semedo. Imperio de la China. Madrid. 1642.

Alvaro Thomaz. De triplici motu cum proportionibus annexis. Paris, 1509.

Alvaro Valasco. Consultationum ac rerum Judicatarum in Regno Lusitaniae. Spirae. 1597. Francfort, 1608. Ibid, 1656. Venetiis, 1599. Antuerpiae, 1621.

«Praxis partitionum et collationum inter haeredes. Francfort, 1607. Venetiis, 1609. Antuerpiae, 1612.

«Quaestionum juris Emphyteutici liber. Francfort, 1599. Ibid, 1618. Cremonae, 1591. Francfort, 1650. etc.

Amador Rodrigues. Tractatus de modo et forma videndi et examinandi processum in causis civilibus. Madrid, 1609. Francfort. 1615.

«Tractus de concursu et previlegiis creditorum. Madrid. 1616. Venetiis, 1644. Francfort, 1645. Genevae, 1664. Lugduni, 1662.

Amato Lusitano. In Dioscoridis de Medica Materia librum quinque enarrationes. Venetiis, 1553. Ibid, 1577. Argentorati, 1554. Ibid, 1565. Lugduni, 1558.

«Exegemata in priores duos Dioscoridis libros. Antuerpiae, 1536.

«Curationum medicinalium Centuriae septem. Burdigalae, 1630. Ge-

nevae, 1621. Barcinoniae, 1528. Francfort, 1646. Venetiis, 1557. Ibid, 1566. Ibid, 1651. Parisiis, 1613. Ibid, 1617. Lyon, 1560. Ibid, 1580. Florença (1.ª Centuria) 1551. (2.ª) 1553.

Ambrosio Cardoso de Abreu. Allegatio Juris pro interdicto Ecclesiastico. Romae, 1623.

Ambrosio Nunes. Tratado repartido en cinco partes principales, que declaran el mal, que significa este nombre—peste, etc. Madrid, 1648. (1)

André Bayão. Idillium Seminarii Veletrensis. Romae, 1612.

«Oratio in celebritate Sancti Joannis Evangelistae. Romae, 1610.

«Doctrina Christiana in elegos latinos traducta. Romae, 1612.

«Poema ad Paulum V. Romae, 1610.

«Cardiographia. Romae, 1624.

«Panegyricus in laudem Joannis Zamoscci. Romae, 1617.

«Elogium in coronatione Urbani VIII. Romae, 1623.

«Panegyricus Sancti Philippi Nerei. Romae, 1649.

«De natalibus Homeri. Lugduni, 1640.

«Elogia, epigrammata et emblemata. Romae, 1641, etc.

«André Eborense. Communes Sententiarum. Parisiis, 1580. Ibid, 1588. Lugduni, 1557. Coloniae, 1593. Ibid, 1600. Ibid. 1601. Venetiis, 1573. Ibid, 1579. Ibid, 1585.

André Pinto Ramires. In Canticum Canticorum dramatico tenore. Lugduni, 1642.

«Deipara ab originis peccato praeservata. Lugduni, 1642.

«Utriusque Principum politices parallela justae, etc. Lugduni, 1648.

«Sacrae Scripturae Selecta. Lugduni, 1648.

«Philalelia. Lugduni, 1647. etc.

André de Resende. De antiquitatibus Lusitaniae. Romae, 1597. Coloniae, 1600. Ibid, 1613. Francfort, 1603.

«Opera varia. Colonia, 1600.

«Epicedion et ode de rapto Daciae principe. Bononiae, 1533. Coloniae. 1600.

«Carmen ad Sebastianum regem. Colonia, 1600.

«Vincentius levita et martyr. Colonia, 1600.

«Ad Fernandum Rhotorigium Carmen epicum. Colonia, 1600.

«Epistola heroica sive invectiva in vitam aulicam. Bononiae, 1533.

«In obitum Joannis III Lusitaniae regis conquestio. Colonia, 1600.

«Duae epistolae I ad Cupum Scintillam. altera ad Petrejum Sancium. Coloniae, 1600.

«De Verborum conjugatione Commentarii. Coloniae, 1610.

«Epistola Joanni Vasaeo de aera Hispanorum. Coloniae, 1600. Ibid, 1613.

---

(1) Sr. Innocencio Francisco da Silva. Diccionario Bibliographico, vol. 1. p. 56.

«Pro Colonia Pacensi epistola ad Vasaeum. Coloniae, 1600. Ibid, 1613.

«De vita aulica ad Speratum Martianum. Bononiae, 1533.

«Epitome rerum gestarum in India a Lusitanis. Lovanii, 1531. Coloniae Agrippinae, 1600.

«Adversus stolidos politioris litteraturae oblatratores. Francfort. 1531, etc., etc. (1)

Antonio de Lisboa ou de Padua (Sancto). Sermones de Sanctis. Venetiis, 1574.

«Sermones Quadragesimales et Dominicales, Venetiis, 1575.

«Sermones Quadragesimales et de Tempore. Parisiis, 1521.

«Concordantiae morales Sacrae Scripturae. Romae, 1624. Parisiis, 1641. Coloniae, 1647.

«Opera omnia. Parisiis, 1641. Lugduni, 1653, Pedeponti. 1739. Avenione, 1634. Boloniae, 1757.

Antonio (D. Prior do Crato). Psalmi confessionales. Parisiis, 1592.

Antonio de Almeida. Compendio de las reglas y exercicios de la Congregation de la Immaculada Concepcion. Madrid, 1693.

Antonio Alvares. Epistolarum et conciliorum Medicinalium. Neapoli, 1585.

Antonio Alvares (Fr.) Sylva espiritual. Salamanca, 1590. Saragoça, 1590. Valença, 1591. Barcelona, 1595. Madrid, 1597.

Antonio Alvares da Cunha (D.) Campanha de Portugal pela provincia do Alemtejo. Amsterdam, 1673.

Antonio Alvares Ferreira (P.) Advertencias nuevas a la lettra y moralidade de los Evangelios. Madrid, 1675.

Antonio da Annunciação (Fr.) Collegium abbreviatum Philosophiae. Hispali, 1752. Salamanca, 1752.

Antonio dos Archanjos (Fr.) Prolusio Encomiastica in generalibus Comitiis. Romae, 1700.

---

(1) Este nosso illustre escriptor jaz n'um tumulo de pedra no arco cruzeiro da Sé d'Evora, no qual tem o seguinte epitaphio:

L. ANDREAE RESENDII
MEMORIAE DICATUM
EX AEDE DOMINICANA FUNDITUS EVERSA
TANTI VIRI CINERES
IN PERPETUUM GRATI ANIMI MONUMENTUM
CURA ET SUMPTIBUS EBORENSIUM
QUIBUS DECUS PATRIAE CARUM
HUC TRANSLATI AN. MDCCCXXXIX

Antonio de S. Bernardino (Fr.) Vita Minoritica ad pristinum statum restituta. Londini, 1658.

«Caminho do Ceo descuberto aos viadores da terra. Londres, 1665.

Antonio Cabedo. Carmina. Romae, 1587.

Antonio Cabral (P.) Relazione della vita e martyrio del V. P. Ignatio de Azevedo. Romae, 1743.

Antonio Carneiro. Historia de las guerras de Flandes. Bruxellas, 1625.

Antonio de Santa Clara (Fr.) Reflexões sobre o juramento da Bulla Unigenitus. Roma, 1721.

Antonio do Couto de Castello Branco. Memorias militares e politicas. Amsterdam, 1719.

Antonio do Espirito Sancto (Fr.) Directorium Regularium, Confessariorum et Mysticum. Lugduni, 1661. Ibid 1668. Ibid 1671. Ibid 1677. Coloniae 1667.

«Consulta varia. Lugduni, 1671.

Antonio Fernandes. Commentarii in visiones Veteris Testamenti. Lugduni, 1616. Ibid 1622.

Antonio Fernandes de Moura. Examen Theologiae Moralis. Coloniae Aggrippinae, 1618. Ibid 1626. Ibid 1628. Ibid 1641. Ibid 1643. Ibid 1653. Lugduni, 1627. Duaci, 1620. Brixiae, 1622. Rhotomagi, 1639.

Antonio da Fonseca (Fr.) Annotationes marginales in Commentarium Thom. de Vio in Pentateucum. Parisiis, 1539.

Antonio da Fonseca. Tractatus de epidemia febrili. Mechlinae, 1623.

Antonio Francisco Cardim. Relatione de la provincia del Giappone. Roma, 1645.

«Fasciculus e Japonicis floribus, Romae, 1646.

«Cathalogus regularium et saecularium, qui in Japoniae regnis violenta morte sublati sunt, Romae, 1648. (1)

«Mors felicissima quatuor legatorum Lusitanorum. Romae, 1648.

Antonio Franco (P.) Annus gloriosus Societatis Jesu. Viennae Austriae, 1720.

Antonio Freire de Andrade. Defensorium Sanctae Bullae Cruciatae circa esum ovorum, etc. Matriti, 1661.

Antonio da Gama Pereira. Decisiones supremi Senatus Regni Lusitaniae. Francfort, 1598. Cremonae, 1598. Cordubae, 1599. Venetiis. 1610. Madrid. 1621. Antuerpiae, 1622. Ibid 1650. Ibid 1683. Ibid 1699. Ibid 1731. Ibid 1735.

«Tractatus de Sacramentis praestandis ultimo supplicio damnatis. Matriti, 1621.

Antonio Gomes. Variarum resolutionum Juris Civilis et Regii libri III. Salmanticae, 1532. Ibid 1572. Ibid 1579. Ibid 1584. Francfort, 1573.

---

(1) Sr. Innocencio F. da Silva. Dicc. Bibliographico, vol. 1, pag. 144.

Ibid 1584. Ibid 1597. Venetiis, 1572. Ibid 1582. Ibid 1602. Lugduni, 1602. Ibid 1735. Genevae, 1631. Antuerpiae, 1634.

«In leges Tauri Commentarii. Salmanticae 1555. Ibid 1582. Ibid 1591. Venetiis, 1591. Lugduni, 1602. Ibid 1674. Ibid 1733. Ibid 1735. Antuerpiae, 1624.

Antonio de Gouveia. Opera omnia cum praefatione Van Vaassen. Rotterdam, 1766.

«Epigrammatum libri duo et epistolae quatuor. Lyon, 1539.

«Virgilius et Terentius pristino splendori restituti. Lyon, 1541. Louvain, 1552. Francfort, 1576. Ibid 1596.

«Porphyrii Isagoge in latinum translata. Lyon, 1541.

«In topica Ciceronis et criticam logices partem. Paris, 1543. Ibid 1545. Ibid 1554 com os commentarios de Boecio, Visorio e Latono.

«In priores libros duos Ciceronis ad Atticum et in librum de Legibus. Paris, 1543.

«Enarratio in Ciceronis orationem in Vatinium. Paris, 1545.

«In aliquot Ciceronis orationes. Pro Aristotele responsio, etc. Paris, 1543.

«De jure adcrescendi. Toulouse, 1549. Iena, 1596. Worms, 1611. (1)

«De jurisdictione libri duo. Toulouse, 1550.

«Ad legem Gallus De liberis et post et ad titulum De vulgari et pupill. substitutione. Toulouse, 1554.

«Ad legem Falcidiam et Lectionum variarum Juris civilis libri duo, Veneza, 1565. Colonia, 1575. etc.

Antonio de Gouveia (D. Fr.) Vida y muerte de bendito Padre Juan de Dios. Madrid, 1624. Ibid, 1632. Ibid, 1669. Ibid, 1674. Cadiz, 1647.

«Epitome de la vida y milagres de la B. Clara de Monte Falco. Madrid, 1625.

Antonio de Gouveia (missionario). Innocentia victrix. Cantão, 1673.

Antonio Henriques Gomes. Sanson Nazareno. Poema, Rouen, 1656.

«Torre de Babilonia. Rouen, 1649.

«El siglo Pythagorico y vida de D. Gregorio Guadanna. Rouen, 1644.

«Luiz dado por Dios a Luiz y Ana. Paris, 1645.

«Academias morales da las Musas. Bordeaux, 1642. Madrid, 1660. Ibid 1668.

«La culpa del primero Perigrino. Rouen, 1644.

«Politica Angelica. Rouen, 1647.

«Triumpho Lusitano. Paris, 1641.

---

(1) Felix Berriat Saint Prix na vida de Antonio Gouveia em a «Nouvelle Biographie Universelle» de F. Didot vol. XXI. pag 472. etc. O coração portuguez deve-se encher d'um justo orgulho ao ver os elogios, que os mais distinctos jurisconsultos europeus fizeram a este nosso illustre portuguez.

«A las acertadas acciones del Cardenal Rechelieu. Pamplona. 1641.

Antonio Lopes da Veiga. Heraclito y Democrito de nuestro siglo. Madrid, 1641.

Antonio Luiz. Michaelis Pselli allegoriae tres. Antuerpiae. 1537.

Antonio Luiz Ribeiro de Barros. El muerto victorioso Philippe IV. Madrid, 1671.

«Espejo del Cavallero. Madrid, 1672.

«La Jornada de Madrid. Madrid 1672.

Antonio da Madre de Deus (Fr.) Apis Libanii. Lugduni 1686. Ibid 1701. Ibid 1695. Ibid 1710. Ibid 1698. 3 vol.

Antonio de Santa Maria (Fr.) Patrocinio de nuestra Senhora. Madrid 1666.

Antonio Mariz Carneiro. Hydrographia curiesa de la navegacion. S. Sebastian 1675.

Antonio Moniz de Carvalho. Francia interessada con Portugal en la separacion de Castilla. Paris 1644. Barcelona 1644.

Antonio da Natividade (Fr.) Stromata Oeconomica. Parisiis 1656.

Antonio Nunes. Diario della misericordia de Dios. Milano 1666.

«Consuelo del alma contrita. Milano 1666.

Antonio de S. Pedro (Fr.) Siete meditaciones de la Passion de Christo. Granada 1641.

Antonio Pereira de Figueiredo. Commentario latino e portuguez sobre o terremoto e incendio de Lisboa. Londres 1756.

«Demonstração Theologica. Veneza 1771.

«Traducção da Biblia. Londres 1821.

Antonio Pereira de Sousa Caldas. Obras poeticas. Paris. 1820—1821. 2 vol.

Antonio Peres. Summa y examen de Cirurgia. Alcalá 1675. Saragoça 1604. Valencia 1643.

Antonio Pinheiro (D.) Commentarii et annotationes in Marcum Fabium Quinctilianum. Venetiis 1567. Parisiis 1569.

«Epistola Cabedo. Romae 1597.

Antonio de Portugal. Ordo perpetuus Officii Divini recitandi. Romae 1637. Ibid 1660.

Antonio Ribeiro Sanches. Dissertation sur l'origine de la maladie Venerienne 1750. Ibid 1765. Ibid 1753. Ibid 1772. Leyde 1777.

«Examen historique sur l'apparition de la maladie venerienne en Europe. Leyde 1777.

«Tratado da conservação da saude dos povos. Paris 1756.

«Observations sur les maladies veneriennes. Paris 1785. (1)

Antonio de Senna (Fr.) Chronicon. Fratrum Ordinis Praedicatorum. Parisiis 1585.

«Bibliotheca Fratrum Praedicatorum. Paris 1585.

«In Theologiae Summam D. Thomae. Antuerpiae 1569. Ibid 1575.

«In Quaestiones D. Thomae disputatas. Antuerpiae 1571.

«Catena aurea D. Thomae super quatuor Evangelia. Antuerpiae 1575. Parisiis, 1611. Ibid 1637.

«Commentarium D. Thomae in Genesim. Antuerpiae, 1573. Ibid 1575. Lugduni, 1573.

«Meditationes aliquot. Lovanii. 1575.

«Vitae Sanctorum Patrum Ordinum Praedicatorum. Lovanii, 1575.

«De eruditione religiosorum universa. Lovanii, 1575.

«Index praecipuorum fere Authorum, qui spiritualia ac moralia scripserunt. Parisiis, 1647.

«Commentarii Divi Thomae in Machabeos. Antuerpiae.

Antonio de Serpa (Fr.) Eucharistia Chronologica per figuras legis naturae depicta. Paris, 1648.

Antonio da Silva e Sousa. Juizo ou Vaticinio politico al reino de Suecia. Holmia. 1655.

«Instrucção politica de legados ao serenissimo principe D. Affonso nosso senhor. Hamburgo, 1656.

Antonio Soares de Alarcam. Commentarios do los hechos del senhor de Alarcon. Madrid, 1665.

«Relaciones Genealogicas de la Casa de Trucifal. Madrid. 1656.

Antonio Sobrinho (Fr.) De la vida espiritual y perfeccion Christiana. Valencia, 1611.

Antonio de Souza (Fr.) Aphorismi Inquisitorum. Turnoni, 1633. Lugduni, 1669.

«Relectio de casibus sive censuris Bullae in Caena Domini. Duaci, 1632.

Antonio de Sousa de Macedo. Genealogia Regum Lusitaniae. Londini, 1643. (2)

«Perfectus doctor. Londini. 1643.

«Lusitania liberata. Londini. 1645.

«Armonia Politica. Haya. 1651.

«Repetitiones ad leges, etc. Londini. 1643.

«Juan Caramuel Lobkowitz, convencido. Londres; 1642.

---

(1) «L'imperatrice Anne s'etant adressé a Boerhaave pour obtenir trois medecins de son école à qui elle destinait des postes eminents en Russie (1731) Sanches fut designé, et il devint successivement premier medecin de Moscou, medecin de Petersbourg, medecin des armées, du corps des cadets, de la cour, et du tsar Ivan. Pendant son sejour en Russie, il rendit beau coup de services à la science, non seulement par ses observations de toutes sortes, mais par ses envois de productions naturelles et par son active correspondence. Il fut avec Euler un de ceux qui contribuerent à la celebrité de l'Academie de Petersbourg». Nouvelle Biographie U. de F. Didot vol. XLIII, p. 255.

(2) Este nasso escriptor jaz n'um sumptuoso mausoleu na egreja de Nossa Senhora de Jesus de Lisboa.

«Lusitania infulata et purpurata. Parisiis 1663. Ibid 1673.

«Vita P. Joannis de Almeida Societatis Jesu. Patavii, 1669. Romae, 1671.

«Elegia nonnulla. Stolchomiae 1650.

«Planctus Catholicus. Londini, 1643.

«Discurso aos Estados Geraes das provincias unidas. Haya, 1651.

«Carta que escrivió a un señor de la corte de Inglaterra sobre el Manifesto, que por parte d'elrei de Castella publicó su cronista D. Joseph Pellicier. Paris, 1641.

«Publico sentimento da injustiça de Alemanha a elrei de Hungria. Londres, 1641.

Antonio de Vasconcellos. Anacephalaeoses, id est summa capita actorum Regum Lusitaniae. Antuerpiae, 1621.

«Philippi II Lusitanica expeditio. Antuerpiae, 1621.

Antonio Vasques (P.) Epitome de la vida de S. Filippe Neri. Madrid, 1651.

Antonio Velez Caldeira. Pro solemni obedientia Oratio. Romae, 1670.

Antonio Vieira (P.) Arte de Furtar. Amsterdam, 1652. Ibid 1744. Londres, 1820.

Antonio Vieira Transtagano. A Dictionary of the Portuguese and English Languages. London, 1773. 2 vol. Ibid 1782. 2 vol. Ibid 1794. Ibid 1813. Ibid 1827.

«Grammatica ingleza e portugueza. Londres, 1827.

«Animadversiones Philologicae in nonnulla Corani loca. Dublini, 1779.

«Brevis, clara, facilis ac jocunda non solum Arabicam linguam, sed etiam hodiernam Persicam, cui tota fere Arabica intermixta est, addiscendi methodus. Dublini, 1789.

Applausos academicos e Relação do felice successo da celebre victoria do Ameixial. Amsterdam, 1673.

Arsenio da Ascensão (Fr.) La vita dell'ammirabile Servo de Dio Fra Geovanni di S. Gulielmo. Fermo, 1629.

Balatus ovium, opus a tribus Lusitaniae regni ordinibus Summo Pontifici domino nostro Innocentio X oblatum. Paris. 1653.

Balthezar Alvares (P). Tractatus de anima separata. Lugduni, 1627. Coloniae, 1603. Venetiis, 1606.

«Problemata, quae in Conimbricensi Collegio Comment. Physicis enodantur. Moguntiae, 1601.

Balthezar Paes. Commentarii in Epistolam Beati Jacobi Apostoli. Lugduni, 1617. Ibid 1620. Antuerpiae, 1623.

«Commentarii ad Canticum Moysis. Antuerpiae, 1619.

«Commentarii ad Canticum Audite Coeli quae loquor. Antuerpiae, 1623.

«Commentarii in Canticum Ezechiae, Isaiae. Lugduni, 1622.

«Commentarii omnes. Paris, 1631.

Bartholomeu Filippe. Tractatus de fictionibus. Salamanca, 1536.

Bartholomeu Guerreiro (Fr.) Expositio in controversiam de Immaculata Virginis Mariae Conceptione. Madrid, 1620.

Bartholomeu dos Martyres (D. Fr.) Compendium spiritualis doctrinae. Matriti, 1594. Parisiis. 1601. Romae, 1603. Coloniae, 1622. Venetiis, 1711.

«Stimulus Pastorum. Romae, 1564. Ibid 1582. Ibid 1715. Parisiis, 1583. Ibid 1586. Ibid 1644. Ibid 1677.

«Opera omnia. Romae, 1735, opera et studio D. Malachiae d'Inguimbert. 2 vol. fol. (1)

Bautista Fragoso. Regiminis Reipublicae Christianae. Lugduni, 1641. Ibid 1648. Ibid 1652. Ibid 1667. Ibid 1668. Coloniae. 1737.

Belchior da Graça. Centum Anagrammata in laudem Urbani VIII. Velitris, 1644.

Bento de Castro. Monomachia sive certamen Medicorum. Hamburgi, 1647.

«Flagellum calumniantium. Amstaelodami, 1681.

Bento Fernandes. Commentarii atque observationes morales in Genesim. Lugduni, 1618. Ibid 1633. Ibid 1621. Ibid 1627.

Bento Pereira (P.) Physicorum libri XV. Romae, 1562. Parisiis. Coloniae. Argentorati.

«Commentarii in Danielem Prophetam Libri XVI. Romae, 1586. Lugduni, 1588. Antuerpiae, 1594. Treveris, 1618.

«Theatrum rerum creatarum. Romae. 1589 — 1598. Lugduni, 1599. 4 vol.

«Adversus fallaces et superstitiosas gentes. Ingolstadii, 1601.

«Opera omnia. Coloniae Agrippinae, 1620.

Bento Pereira (P.) Ars Grammatices pro lingua Lusitana addiscenda. Lugduni, 1672.

Bento Pinhel. Selectarum Juris interpretationum, conciliationum, ac variarum resolutionum. Venetiis, 1613. Lugduni, 1670. Ibid, 1680.

Bernardino de Castello Branco (Fr.) Discursos Sacros. Roma, 1706.

Bernardo de Almeida. Fons eloquentiae. Romae, 1664.

Boaventura Machado. Silva de espirituales y morales pensamientos. Barcelona, 1638.

Braz Soares. Vita Ven. Margarida de Chaves. Roma, 1612.

Braz Viegas. Commentarii exegetici in Apocalipsim. Lugduni, 1602. Venetiis, 1602. Parisiis, 1606. Turnoni, 1614. Coloniae, 1617.

Chevalier d'Oliveyra. Mille et une observations sur divers sugets. Amsterdam, 1741.

«Memoires de Portugal. Amsterdam, 1741. Haia, 1743.

«Memorias de viagens. Amsterdam, 1741.

(1) Existe um exemplar na Bibliotheca Publica do Porto.

«Cartas famiiiares. Haia, 1741.

Chrisostomo da Visitação (Fr.) De verbis Dominae. Venetiis, 1600.

«Privilegia Congregationis S. Mariae de Alcobaça. Venetiis, 1593.

Christovão da Costa. Tratado de las drogas y medecinas de las Indias Orientales. Burgos, 1578.

«Tratado de la vida Solitaria. Veneza, 1592.

Christovão Ferreira de Sampaio. Vida y hechos del principe perfeto D. Juan II, rei de Portugal. Madrid, 1626.

Christovão Gil (P.) Commentariorum Theologicorum de Sacra Doctrina et essentia atque virtute Dei libri duo. Lugduni, 1610. Coloniae, 1610. Ibidem 1619.

Considerações proveitosas para qualquer christão viver bem e alcançar a bemaventurança. Cantão, 1681.

Cosme de Magalhães (P.) Commentarii in Canticum Moysis. Lugduni, 1609.

«Operis Hierarchici libri tres. Lugduni, 1609.

«Commentarii in Sacram Josué Historiam. Turnoni, 1612.

«Explanationes et annotationes morales in Sacram Judicum Historiam, Lugduni, 1626.

Damaso (S.) Opera quae extant. Romae, 1638.

Damião Antonio de Lemos Faria e Castro. Entretenimento politico. Rouen. 1746. (1)

«Gemidos da reputação offendida. Sevilha, 1749.

«Epiphonema Epicedico de Portugal. Sevilha.

Damião da Fonseca (Fr.) Justa expulsione de los Moriscos de España. Roma, 1612.

Damião de Goes. Legatio magni imperatoris Indorum presbyteri Joannis. Dordreckt, 1518. Ibid 1618. Anvers, 1532.

«Legatio David Aethiopiae regis ad Clementem Papam VII. Bologne, 1533.

«Commentarius rerum gestarum in India. Louvain. 1539.

«Fides, religio moresque Aethiopum. Louvain, 1540. Paris, 1541. Louvain, 1545. Cologne, 1574. Anvers, 1611. Coloniae Aggrippinae, 1602. Francfort, 1603.

«De Bello Cambaico. Louvain, 1549. Coloniae, 1574. Francfort, 1603.

«Hispania. Coloniae, 1574. Louvain, 1542.

«Livro de Marco Tullio Cicero, chamado Catão maior. Veneza, 1534.

«Deploratio Lappianae gentis. Genevae, 1520. Paris, 1541. Coloniae, 1574. Louvain, 1544. Coloniae Agrippinae, 1602.

De rebus et imperio Lusitanorum. Louvain, 1554. Coloniae Agrippinae, 1602.

«Epistolae aliquot ad Petrum Bembum, etc. Louvain, 1554.

---

(1) Dicc. Bibliog. do sr. Innocencio, vol. 2.°, pag. 121.

Dictionarium latino Lusitanicum ac Japonicum. Amacusa, 1595. (1)

Diogo de Almeida (Fr.) Epitome Sacro. Madrid, 1651.

«Diogo da Annunciação Justiniano (D.) L'oriente, giro e agonia del sole. Roma, 1689.

Diogo Carlos (Fr.) In Psalmum quinquagessimum Commentarii. Mantuae, 1603.

«Littaniae. Paris, 1600.

Diogo de Carvalho e Sampaio. Tractado das côres. Malta, 1787.

Diogo de Castilho. Livro da origem dos turcos. Louvain, 1538. (2)

Diogo Estella. In Evangelium Lucae. Compluti, 1578. Venetiis, 1582. Lugduni, 1583. Ibid 1592. Paris, 1592. Antuerpiae, 1607. Ibid 1654.

«De ratione Concionandi. Salmanticae, 1576. Ibid 1596. Venetiis, 1584. Coloniae, 1586. Lugduni, 1592.

«Commentarii super Psalmum 136. Salmanticae, 1576. Coloniae, 1586, Venetiis, 1598.

«De la vanidad del Mundo. Salamanca, 1574. Ibid 1581. Alcalá, 1582.

«Meditaciones del Amor de Dios. Salamanca, 1578. Alcalá. 1597.

Diogo Fernandes Franco. Pratica menor de la Grammatica. Alcalá, 1585.

Diogo Henriques Bazurto. El triumpho de la virtude y paciencia de Job. Rouen, 1646.

Diogo Henrique Vilhegas. Elementos militares. Madrid, 1647.

«Academia de la fortification de plaças. Madrid, 1651.

Diogo Lopes de Andrade. Tratados sobre los Evangelios. Madrid, 1615. Ibid. 1617. Ibid. 1622. Pamplona, 1620. Ibid. 1621. Barcelona, 1622.

«Sermones de la Conception. Napoles, 1649. Madrid, 1656.

Diogo Lopes Rebello. Fructus Sacramenti Paenitentiae. Paris. 1495. Ibid. 1498.

«Tractatus de Justitia Commutiva. Paris, 1497.

Diogo Lopes de Ulhoa. Florentina Hipotheca. Lucae, 1680.

«Dissertationes in materiam de legatis. Florentiae. 1682.

Diogo Mendes de Vasconcellos. Vita Gundisalvi Pinarii Episcopi Visensis. Francfort, 1608.

«Vita Michaelis Cabbedii. Roma, 1597. Francfort, 1608.

«Oratio in obitu Principis Joannis. Romae, 1597.

Diogo de Menezes (D.) Oratio gratulatoria. Romae, 1566.

Diogo de Menezes (Fr.) Institutiones Doctrinae Christianae. Mantuae, 1546.

---

(1) Antonio Ribeiro dos Santos. Memoria para a Historia da Typographia Portugueza do seculo XVI. (Memorias de Litteratura vol. 8 p. 95.)

(2) Dicc. Bibliog. do sr. Innocencio, vol. II, p. 151.

Diogo Monteiro. Portugiesische und Deutsche Gesprache. Geswichte. 1853.

Diogo de Paiva de Andrade. Orthodoxarum explicationum libri X. Coloniae, 1564. Venetiis, 1564. Lovanii, 1566.

«Defensio Tridentinae Fidei. Coloniae, 1580. Ingolstadii, 1580. Venetiis, 1592.

«Oratio habita Tridentina Synodo. Lovanii, 1567. Venetiis, 1562.

Diogo de Saa. De navigatione libri III. Parisiis, 1549.

«De primogenitura. Parisiis, 1552.

Diogo Soares de Santa Maria. Cosmopaeia in Genesim. Nannetis, 1585.

«Conciones Corporis Christi. Lugduni, 1607.

«Thesaurus Quadragesimalis. Lugduni, 1610.

«Sermons sur les Dimanches. Paris, 1622.

«Sermon funebre de Henri IV. Paris, 1610.

Diogo de Teive. Commentarius de rebus gestis in India ad Dium. Romae, 1608. Coloniae Agrippinae, 1602.

«Oratio in laudem nuptiarum Joannis et Joannae. Salmanticae, 1558.

«Opuscula aliquot in laudem Joannis III. Salmanticae, 1558.

«Oratio in obitu Principis Joannis. Salmanticae, 1558.

Dionisio Bernardes de Moraes. Antilogista Critico. Paris, 1735.

«Antiologista disfarçado. Salamanca, 1737.

«Praedictiones Apologeticae. Hispali.

«Crisol Critico. Sevilha.

Domingos Antunes Portugal. De donationibus Regiis Lugduni, 1605 Ibid. 1699.

Domingos Ferreira da Silva. Aplauso metrico a S. Domingos. Madrid, 1746.

Duarte de Albuquerque Coelho. Memorias diarias de la guerra del Brasil. Madrid, 1654.

Duarte Caldeira. Variarum Lectionum Juris libri IV. Pinciae, 1595. Antuerpiae, 1612.

Duarte Dias. Varias obras. Madrid, 1692. Saragoça, 1596.

Duarte Lobo. Canticum Magnificat quatuor vocibus. Antuerpiae, 1605.

«Missae quatuor, quinque, sex et octo vocibus. Antuerpiae, 1621.

«Natalitiae Noctis responsoria. Antuerpiae, 1611.

Duarte Lopes Rosa. Panegyrico de Guilielmo III. Amsterdam, 1690.

Duarte de Moraes. Discorso intorno le Caristie. Roma, 1591.

Duarte Ribeiro de Macedo. Aristippo ou Homem de Corte. Paris, 1668.

«Panegyrico da Casa de Menezes. Paris, 1669.

«Nascimento e genealogia do conde D. Henrique. Paris, 1670.

Egidio da Prezentação. Primas Augustinianus. Colonia, 1627.

Estevão Fagundes. Quaestiones de Christianis officiis. Lugduni, 1626. Moguntiae, 1629.

«Informatio prò opinione esus ovorum et lacticionorum in tempore Quadragessimali. Lugduni, 1631.

«In decem praecepta Decalogi. Lugduni, 1632. Ibid. 1640.

«De Justitia. Lugduni, 1641.

Estevão Rodrigues de Castro. Auspicalis Oratio. Pisis. 1617.

«De meteoris libri IV. Florentiae, 1621. Ibid. 1624.

«Rimas. Florença, 1623.

«De complexu morborum. Florentiae, 1624. Norimberg, 1646.

«Eumenius seu de vero amico. Florentiae, 1626.

«De mutatione morborum in alios, Florentiae, 1627. Francfort, 1646 Ibid. 1667.

«Philomela. Florentiae, 1628.

«Asitia. Florentiae, 1630. Norimberg. 1646.

«Il curioso. Pisa, 1631.

«Commentarius in Hippocratem de Alimento, Florentiae, 1635.

«De simulato Rege Sebastiano. Florentiae, 1638.

«Posthuma varietas. Florentiae, 1639.

«Ratio consultationis circa variolas. Florentiae, 1642.

«Medicae consultationes. Florentiae, 1644.

«Syntaxis praedictionum medicarum. Venetiis, 1656. Lugduni, 1661.

«Pythagoras. Lugduni, 1651.

«De natura muliebri. Hanoviae, 1664. Francfort, 1668.

Estevão de Sampaio. Thesaurus arcanus Lusitanis gemmis refulgens. Parisiis, 1586.

Exequias feitas em Roma á Magestade Fidelissima do senhor rei D. João V. Roma, 1751. Ibid. 1752.

Ezequiel de Castro. Amphitheatrum medicum. Veronae, 1646.

Feliciano de Oliva e Sousa. Tractatus de Foro Ecclesiae. Coloniae Allobrogum, 1678.

Felix d'Avellar Brotero. Compendio de Botannica. Paris, 1787. 2 vol.

Felix Machado da Silva Castro e Vasconcellos. Vida de Manoel Machado de Azevedo. Madrid, 1660.

Fernando Alvares Seco. Fabula Geographica Portugalliae. Romae, 1560. Amstaelodami, 1600.

Fernando Ayres de Meza. Variarum Resolutionum libri III. Neapoli, 1641. Genevae. 1658. Lugduni. 1672.

Fernando Caldeira. Mystica Theologia. Valença, 1656.

Fernando Cardoso. Discurso sobre el Vezuvio. Madrid, 1632.

«De febri syncopali. Matriti, 1634.

«Panegyrico del Color Verde. Madrid, 1635.

«Utilidades del agua y de la nieve. Madrid. 1637.

Fernando Coutinho, Oratio ad Alexandrum VI. Romae, 1493.

Fernando Goes Loureiro. Breve summa y relation de las vidas y hechos de los reys de Portugal. Mantua, 1596.

Fernando Martins Mascarenhas (D.) Tractatus de auxiliis. Lugduni, 1614.

«Pro Conceptione Immaculatae Virginis. Hispali, 1616.

Fernando de Mena. De septimestri partu. Antuerpiae, 1568.

«Galeni. De pulsibus. Complutti, 1553.

Fernando Mendes. Studium Apollinare. Lugduni, 1668.

Fernando Pires Mourão, Allegação Juridica sobre as Conezias. Madrid, 1735.

Fernando Rebello. De obligationibus Justitiae, Religionis et Charitatis. Lugduni, 1608, Venetiis, 1610.

Fernando Rodrigues Cardoso. De sex rebus non naturalibus. Francofurti, 1620.

«Methodus medendi. Venetiis, 1618.

Filippe Dias. Conciones Quadruplices. Salmanticae, 1583—1602. Venetiis, 1586—1591. Coloniae Agrippinae, 1604. Lugduni, 1586. Ibid. 1676. Venetiis, 1587. Coloniae Agrippinae. 1604.

«Summa Praedicantium. Venetiis, 1586. Ibid. 1591. Ibid. 1595. Ibid. 1596. Salmanticae. 1589, etc.

Filippe Montalvo. Optica. Florentiae, 1606. Coloniae Allobrogum, 1613.

«De homine sano. Francfort, 1591.

«Archipatalogia. Parisiis, 1614. Gervasii, 1628.

Flavio Jacob. Cato maior. Venetiis, 1592.

«Cato minor. Venetiis, 1596.

Francisco de Santo Agostinho Macedo (Fr.) Theses Rhetoricae. Madrid, 1628.

«Historia de los Martyres del Japon. Madrid, 1632.

«Panegyris apologetica pro Lusitania. Parisiis, 1641. Barcelona, 1641.

«Jus succedendi in Lusitanum regnum D. Catharinae. Parisiis, 1641.

«Statua equestris Ludovici XIII. Parisiis, 1641.

«Marchionis de Fontenne acroama. Romae, 1641.

«Poema epicum pro victoria Anglorum. Londini, 1641.

«Honor vindicatus. Rupellae, 1642.

«Lyra Barberina. Romae, 1642,

«Roma in Fabula Lusitana. Romae, 1642.

«Domus Sadica. Londini, 1653.

«Panegyris Soterica. Parisiis, 1648.

«Propugnaculum Lusitano Gallicum. Parisiis, 1647.

«Elogia nonnulla. Holmiae, 1650.

«Principi Condaeo Epinicium. Parisiis. 1647.

«Orphaeus Tragicomedia. Parisiis, 1647.

«Manifestum pro regno Lusitaniae. Parisiis, 1648.

«Laurus Harcurtica. Parisiis, 1648.

«Sermon del Martes segundo de la Quaresma, Paris, 1648.

«Isagoge ad Doctrinam D. Augustini. 1649.
«Tessera Romana. Londini, 1653.
«Controversia Ecclesiastica inter fratres Minores. Londini, 1652.
«Rosae Alexandrinae. Romae. 1653.
«Lituus Lusitanus. Londini, 1654.
«Mens divinitus inspirata. Londini, 1654.
«Christina Pallas togata. Romae, 1656.
«Trophaeum epicum. Romae, 1656. Patavii, 1680.
«Medulla Ecclesiasticae Historiae. Patavii, 1671.
«Litterae Marci ad Petrum et Petri ad Marcum. Venetiis, 1668.
«Phaenix criticus. Venetiis, 1669.
«Cosmi III Sacellum. Florentiae, 1673.
«Disquisitio Theologica de ritu Azymi. Veronae, 1673.
«Myrothecium morale. Patavii, 1675, etc., etc.

Francisco Antonio (P.) Avisos para los soldados. Madrid, 1590. Bruxellas, 1597. Anvers, 1605.

Francisco de Araujo. Historia de los Martyres de Otranto. Napoles, 1631.

Francisco de Araujo (Fr.) Commentarius in Universam Aristotelis Metaphysicam. Burgis. 1617. Salmanticae, 1617.

«Opuscula tripartita. Duaci, 1633.
«Variae et selectae decisiones morales. Lugduni, 1664.

Francisco de Avellar. Tractatus de antiquitate et primordiis Ordinis Avisiensis. Salmanticae, 1600.

Francisco Barba (Fr.) De la instituicion e fundacion de la Orden de la SS. Trinidad. Baeza, 1556.

Francisco Barreto. Relatione della Provincia di Malavar. Roma, 1645.

Francisco de Borja. Napoles recuperada. Saragoça, 1651. Antuerpia, 1658.

Francisco Botelho de Moraes e Vasconcellos. El Nuevo Mundo. Barcelona, 1704.

«El Affonso. Poema. Paris, 1712. Luca, 1716. Salamanca, 1731. Ibid. 1737.
«Satyrae. Salmanticae. 1739.
«Hymni in laudem B. Joannis a Cruce. Romae, 1715.

Francisco de Brito. De Grammatica libri III. Patavii, 1569.

Francisco de Brito. Excellencias de S. Juan Baptista. Salamanca, 1644.

Francisco de Brito Cação. Carmina. Genevae, 1642.

Francisco de Caldas Pereira. Commentarius ad legem si Curatorem habent. Antuerpiae, 1622.

«Symptomata Universi Juris. Norimbergae, 1660.
«Receptaculum Sententiarum. Francfort, 1619.
«Relectio de inofficioso Testamento. Francfort, 1630.

Analyticus Commentarius. Francfort, 1619.

«Opera omnia. Francfort, 1660. Coloniae Allobrogum, 1745.

Francisco de Castro. Syntaxis praedictionum Medicarum. Lugduni, 1661.

Francisco de Castro. Sermão da Conceição. Rochela, 1656.

«Sermão da Visitação da mãi de Deus. Rochela, 1656.

Francisco Correia de Araujo. Faculdad Organica. Alcalá, 1626.

Francisco Faleiro. Tratado de la Esfera. Sevilha. 1535.

Francisco da Fonseca (P.) Embaixada do conde de Villar Maior a Vienna. Vienna d'Austria, 1717.

«Evora Gloriosa. Roma, 1728.

«Vida do P. Vieira. Barcelona, 1734. Pamplona, 1735.

Francisco da Fonseca Henriques. Tratado do uso do azougue. Amsterdam, 1731.

«Medicina Lusitana. Amsterdam, 1710.

«Apiarium Medico Chymicum. Amsterdam, 1711.

Francisco Foreiro (Fr.) Isaiae Prophetae vetus et nova ex Hebraica versio cum Commentariis. Venetiis, 1563. Antuerpiae, 1565. Londini, 1660.

«Commentarii in omnes libros Prophetarum ac Job, Davidis ac Salomonis. Romae, 1564.

»Oratio habita ad Patres Tridentini. Brixiae, 1563.

«Cathecismus ad Parochos. Romae, 1566.

Francisco Franco. De la nieve e del uso della. Sevilha, 1569.

Francisco Freire (P.) Apologia veritatis et Justitiae. Amstaelodami, 1642.

«De rebus Sanctae Elisabeth Lusitaniae Reginae. Lugduni, 1627.

Francisco Laynes. Defensio Indicarum Missionum Madurensis. Romae, 1707.

Francisco Leitão. Opusculum de Hebraeo Convicto. Romae, 1693.

«Impenetrabilis Pontificiae dignitatis Clypaeus. Romae. 1695.

«Synopsis de Ecclesia militante. Romae, 1699.

Francisco Manoel de Mello (P.) Las tres Musas de Melodino. Leon, 1665.

«Historia de los movimentos de Cataluna, Madrid, 1808. Paris, 1827.

«Politica Militar. Madrid, 1638.

«Carta de guia de casados. Londres, 1820.

«Obras morales. Roma, 1664.

Francisco Martins. Grammatica Institutio. Salmanticae, 1587. Ibid. 1588. Ibid. 1593.

«De Grammatica professione. Salmanticae, 1579. Ibid. 1588.

Francisco de Mello (D.) Carta relatoria sobre la victoria de Xetelet. Madrid, 1642. Sevilha, 1642.

Francisco de Mendonça. Commentarius in Regum librum. Lugduni,

1622. Ibid. 1625. Ibid. 1636. Coloniae. 1634.

«Viridiarium Sanctae et prophanae eruditionis. Lugduni, 1632. Ibid. 1645. Coloniae. 1633. Ibid. 1650. Ibid. 1733.

Francisco de Menezes (Fr.) Difficilium accentuum Compendium. Parisiis. 1527.

Francisco de Moura (D.) Iris Lusitana. Romae, 1626.

Francisco Paes Ferreira e França. Juizio sobre la estrella del nacimento del principe. Madrid, 1658.

Francisco da Paixão. Ceremonial y instrucion de Officios. Madrid, 1658.

Francisco da Piedade Maciel. Expositiones selectae Sanctorum Patrum. Neapoli, 1636.

Francisco de Pina (P.) Dictionarium Annamiticum. Romae, 1651.

Francisco Sanches. Opera medica. Tolosae, 1636.

«De multum nobili scientia quod nihil scitur. Lugduni, 1581. Francofurti, 1618. Retorodami, 1644.

«De interpretandis auctoribus. Antuerpiae. 1682.

Francisco Soares de Vilhegas (Fr.) Epilogus Dialecticae. Burdigalae. 1622.

«Jardin Sacré du Louvre. Paris, 1643.

«Oraison funebre de Louys XIII. Paris, 1643.

«Votiva tabella Theologica. Romae, 1645.

Francisco Tavares de Brito. Itinerario Geographico. Sevilha, 1732.

Fulgencio Leitão (Fr.) La perfeta muger Beata Rita de Casia. Napoles, 1645.

«Reducion y restituycion del reyno de Portugal á la serenissima casa de Bragança. Turim, 1648.

«Epistola apologetica a Filippe el Grande. Colonia. 1650.

«Anti Diana. Lugduni, 1653. (1)

Gabriel Pereira de Castro. De Manu Regia. Lugduni, 1673.

Gabriel de Sousa Brito. Norte mercantil. Amsterdam, 1706.

«Epitome Cosmographico. Amsterdam, 1706.

Garcia Lopes. De varia rei medicae lectione. Antuerpiae. 1636.

Gaspar Barreiros. Censuras sobre Marco Porcio Catão, Barrozo, Manethon e Q. Fabio Pictor. Romae, 1598.

Gaspar do Cazal (Fr.) Axiomatum Christianorum libri III. Venetiis, 1663. Lugduni, 1593.

«In Topica Aristotelis. Venetiis, 1563.

«De Sacrificio Missae. Venetiis. 1563. Antuerpiae, 1566.

«De Coena et Calice Domini. Venetiis. 1565.

«De Quadripartita Justitia. Venetiis, 1565. Ibid. 1668.

---

(1) Summario da Bibliotheca Lusitana vol. 2, p. 113.

Gaspar Gil Severim. Oratio nomine legatorum Japoniae habita publico Consistorio Romano. Romae, 1585. Antuerpiae, 1573. Ingolstadii, 1595. Coloniae Agrippinae, 1661.

Gaspar Lopes Canario. In libros Galleni de temperamentis. Compluti, 1565.

Gaspar dos Reis Franco. Elysius jucundarum Quaestionum Campus. Bruxellae, 1661. Antuerpiae, 1667. Francfort, 1670.

Gaspar Rodrigues de Paiva. Epicrisis de morbis Cerebri et Mentis. Romae, 1751.

Gaspar de Seixas Vasconcellos. Corona Imperial. Madrid, 1656.

Gaspar Serrão. Historia Evangelica. Coloniae Agrippinae, 1590.

Gaspar Vaz Rebello. In legem Admonendi. Lugduni, 1553.

Gil (S. Fr.) Vitae Fratrum. Lovanii. 1575.

Gil Vicente. Obras. Hamburgo, 1834.

Gomes de Lisboa (Fr.) Annotationes ad Summam moralem Fratris Artezani. Venetiis. 1519.

Gonçalo dos Anjos (Fr.) Sermão na primeira oitava de Pentecostes. Roma, 1617.

Gonçalo Correia de Sousa. (P.) Vita di Margarita di Chaves. Roma, 1612.

Gonçalo Mendes de Vasconcellos. Diversorum Juris argumentorum libri III. Romae, 1597.

«De sententiis Inquisitionis. Romae, 1598.

Gregorio Baptista. Annotationes in Caput XIII Evangelii Joannis. Barcinone, 1638.

Gregorio Lopes. Explication del Apocalypse. Madrid, 1678.

Gregorio Nunes Cosmel. De vera Christi Ecclesia. Romae, 1594.

«De optimo Reipublicae Statu. Romae, 1597.

Gregorio de Pina. Pompa Virginea. Romae, 1655.

Gregorio Silvestre. Obras Poeticas. Granada, 1599.

Guilherme de Santa Maria. Expositio in VIII librum Physicorum. Urselis, 1604.

Heitor Pinto (Fr.) Commentarius in Isaiam. Lugduni, 1561. Antuerpiae, 1567. Ibid. 1584. Coloniae, 1572. Salmanticae, 1581.

«Commentarius in Ezechielem. Salmanticae, 1568. Antuerpiae, 1570. Salmanticae, 1574. Lugduni, 1581. Ibid. 1584. Coloniae Agrippinae, 1615.

«Commentarius in Danielem. Venetiis, 1583. Coloniae, 1582. Antuerpiae, 1595.

«In Danielis lamentationes. Coloniae, 1582.

«Opera omnia. Lugduni, 1584. Ibid. 1590. Lutetiis, 1617.

«Imagem da vida christã. Medina del Campo, 1578. Ibid. 1579.

Henrique de Andrea. Oratio de Ascensione Domini. Romae, 1731.

Henrique Caiado. Oratio in laudem Jurisprudentiae. Patavii, 1504.

Henrique Henriques. Summa Theologiae Moralis. Salmanticae, 1591. Ibid. 1593. Venetiis. 1596. Ibid. 1600. Moguntiae, 1615.

Henrique Jorge Henriques. De regimine cibi ac potus. Salmanticae, 1594.

Henrique de Tavora (Fr.) Oratio de calamitatibus Ecclesiae in Tridentina Synodo habita. Brixiae, 1562. Lovanii, 1567. Parisiis. 1672.

Hermenegildo de Lisboa (Fr.) Despertador metrico. Madrid, 1732.

Historia antiga e moderna da villa de Amarante. Londres. 1814.

Historia da legião portugueza em França. Londres, 1814.

Jacintho Freire de Andrade. Vida de D. João de Castro. Paris. 1759. Ibid, 1769.

Jacob de Castro Sarmento. Dissertatio inoculationis. Londini, 1721. Ibid. 1731.

Obras filosoficas de Verulamio. Londres. 1731.

«Historia medica do reino mineral. Londres, 1735.

Jeronymo de Andrade (Fr.) Tratado de la purissima Concepcion. Napoles, 1663.

Jeronymo d'Azambuja (Fr.) Commentarius in Pentateucum Moysis. Antuerpiae, 1569. Lugduni. 1586.

«Commentarius in Isaiam. Parisiis, 1622. Ibid. 1656.

«Hebraismi et Canones pro intelligentia Sacrae Scripturae. Lugduni, 1566. Ibid. 1588.

Jeronymo Gomes (Fr.) D. Hyeronimi Epistolae aliquot selectae. Compluti, 1612. Salmanticae, 1587.

Jeronymo Mascarenhas (D.) Viage de la reina D. Marianna de Austria. Madrid, 1650.

«Apologia historica por la religion de Calatrava. Madrid, 1651.

«Amadeo de Portugal. Madrid, 1663, etc.

Jeronymo Nunes Ramires. De ratione curandi per sanguinis missionem. Antuerpiae; 1610.

Jeronymo Osorio. Opera omnia. Romae, 1592.

«De rebus gestis Emmanuelis Lusitaniae regis. Coloniae, 1597. (1)

In parabolas Salomonis Commentarius. Antuerpiae, 1596.

«De gloria libri quinque. Compluti, 1568. Lugduni, 1609.

Jeronymo Osorio. Paraphrases et commentarii in Ecclesiasten. Romae, 1592. Lugduni, 1611.

Jeronymo de Paiva. Commentarius in Logicam Aristotelis. Amstaelodami, 1634.

Jeronymo Rodrigues. Compendium Quaestionum Regularium. Lugduni, 1630.

---

(1) Hieronymus, vir moribus, ingenio et humanitate praeclarus... Eum igitur in dies magis atque magis amare coepi... João Natalicio Metelli no prefacio d'esta edição.

Jeronymo de Sousa. Noticia de la Casa de los marquezes de Villa Franca. Napoles, 1676.

«Schala Theologica. Matriti, 1706.

«Pericope Genealogica. Napoles.

Jeronymo de Tovar. De ponderibus medicamentorum. Hispali, 1572.

Ignacio de Santa Maria. Turris Salutis. Venetiis, 1630.

«Propugnaculum contra vitia. Romae, 1638.

«Preparation al ben morire. Fermo, 1646.

«Compuntione del Cuore. Milano, 1654.

Joaquim de Santa Anna Bernardes. Descripcion de la entrada de S. Magestades a la corte. Madrid, 1729.

«Descripcion de la villa de Bilbao. Madrid, 1735.

João Alvares Borges. Practica y observaciones de Albeitaria. Madrid, 1680.

João Alvares da Costa. Aquila Augusta trisulco armata fulmine. Amstaelodami, 1705.

João de Andrea (P.) De Apostoli S. Petri Cathedra. Romae. 1734.

João Antonio Correa. Restauracion de la Bahia. Madrid, 1670.

João Antonio Monteiro e Azevedo. Descripção topographica de Villa Nova de Gaia. Londres, 1813.

João Baptista Lavanha. Jornada de Filippe III a Portugal. Madrid, 1622.

«Nobiliario do conde D. Pedro. Roma, 1640.

João Candido de Deus e Silva. Traducção da filosophia elementar de Edmundo Ponelle. Bombaim. 1838.

João de Carvalho. Novus Tractatus ad Caput Raynaldus de Testamentis. Lugduni, 1677. Antuerpiae. 1731.

João de Castro (D.) Discurso da vida do sempre bem vindo e apparecido rei D. Sebastião. Paris, 1602. (1)

João de Deus. Cavillationes sive doctrina Advocatorum. Venetiis, 1566.

João Ferreira de Almeida. Traducção do Velho Testamento. Batavia, 1748--1753. Ibid. 1773.

Esta traducção foi feita para uso dos Portuguezes e Indios residentes no Malabar. (2)

«Novo Testamento. Amsterdam. 1712. Batavia, 1773.

«Os cinco livros de Moysés. Tranquebar, 1713.

«Velho e Novo Testamento- Londres, 1819.

«Edição das Fabulas d'Esopo traduzidas por Manoel Mendes da Vidigueira. Batavia, 1672.

João Fragoso. Erotemas Chirurgicos. Madrid, 1570.

Discursos de las cosas aromaticas. Madrid, 1572.

«Chirurgia Universal. Madrid; 1581. Alcalá, 1601.

---

(1) Sr. Jorge Cesar de Figanière. Bibliographia Historica Portugueza, pag. 41.

(2) Antonio Ribeiro dos Santos na Memoria sobre algumas traducções e edições Biblicas menos vulgares, em lingua portugueza, a pag. 25 do vol. VII das Memorias de Litteratura

João Freire. Commentarius in librum Judicum. Matriti, 1642.

João Gomes de Serpa. Christinae Coronatae Reginae Anagrammata. Stockolmi, 1650.

João de Santo Ignacio (Fr.) Sermão da Conceição. Sevilha. 1717.

«Sermão da Purificação. Cadix. 1717.

«Sermão da Caridade. Sevilha, 1718.

João Jacintho de Magalhães. Description des Octants et des Sectants anglais. Paris, 1775.

«Description d'un appareil en verre pour composer des eaux minerales artificielles. Londres, 1777. Ibid. 1783.

«Description et usages des nouveaux barometres pour mesurer la hauteur des montagnes et la profondeur des mines. Londres, 1779.

«Collection de differents traités sur des instruments d'Astronomie et de Physique. Londres, 1784.

João José de Santa Thereza (Fr.) Finezze di Giezu Sacramentado. Florença. 1690. Miiano, 1693.

«Istoria delle guerre del regno del Brasile accadute tra corone di Portogallo e la republica di Olanda. Roma, 1698. (1)

João Lopes de Leão. De Quindeñiis. Romae, 1721.

João de Loureiro. Flora Cachinchinensis. Cum adnotationibus C. S. Wildenow. Berlim, 1793.

João Lourenço Rebello. Musica Sacra. Roma, 1657.

João de Mattos Fragoso. Comedias varias. Madrid 1658.

João de Mello e Sousa. In librum Job paraphrasis poetica. Lugduni 1615.

João da Natividade (Fr.) Coronada Historia. Granada 1697.

João Nunes Varella. Discurso Theologico sobre os cumplices dos que se confessam. Madrid 1746.

João de Pena. Oratio habita Salmanticae. Salmanticae 1598.

João Peres de Macedo. Idilio Genial. Roma 1755.

João Rodrigues. Reprehensorium de secanda vena in Pleurisi. Pacensi 1550.

João Rodrigues Girão. Arte da lingua do Japão. Nangasaki, 1604.

«Cartas Annuas. Anvers 1611.

João Rodrigues de Leão. Juizo de la batalha de D. Carlos de Ibarra. Mexico 1633.

João Rodrigues de Sá e Menezes. Elogio funeral do principe D. Theodosio. Londres 1653.

João da Silveira (Fr.) Commentarius in textum Evangelicum. Venetiis 1728.

João Soares (Fr.) Commentarii in Evangelium. Venetiis. Parisiis.

---

(1) Bibliotheca Historica de Portugal e seus dominios ultramarinos, pag. 185.

João Soares de Brito. Jus et Justum de Regni Lusitani successione. Lugduni, 1641.

João Sobrinho (Fr.) De Justitia commutativa. Parisiis, 1497.

João de S. Thomaz (Fr.) Cursus Philosophicus Thomisticus. Lugduni, 1663.

«Cursus Theologicus. Lugduni, 1643. Coloniae Agrippinae 1711.

«Speculum sine macula. Augustae 1658.

«Explication de la doctrina Christiana. Valença 1644. Alcalá 1645. Saragoça 1644. Anvers 1651. Roma 1663. Madrid 1692.

João Valverde. Historia de la composicion del cuerpo humano. Roma 1556.

«De animi et corporis sanitate tuenda. Parisiis 1552. Venetiis 1553.

João Vaz da Motta. Orationes variae Romae habitae. Romae 1584—1585.

Jorge Cabedo. Decisionum Senatus Regni Lusitaniae. Antuerpiae 1734.

Jorge Gomes Pereira. Antoniana Margarita. Opus Physicis utile. Medinae Campi, 1554. Francfort. 1610.

Jorge Magrisso. Vida de João de Sahagum. Tornay. 1610.

Jorge de Montemaior. La Diana. Pamplona, 1587. Antuerpiae, 1580. Valença, 1602. Madrid, 1588—1602. Ibid. 1622. Valença. 1542.

«Cancioneiro. Saragoça 1561. Salamanca 1571. Madrid 1588. Madrid 1545.

Jorge de Moraes. Commentarius in Hippocratis Aphorismos, Venetiis 1648.

«Enchiridion Medicum. Venetiis 1655.

«In Hippocratem ars parva. Venetiis 1653. Lugduni 1670.

Jorge de Santa Rosa de Viterbo (Fr.) Zodiaco Soberano. Salamanca 1726.

Jorge de Santiago (Fr.) Oratio habita Tridentini. Lovanii 1567.

Jorge de Caceres. Los siete dias de la creacion del mundo. Amsterdam 1575.

José do Espirito Santo (Fr.) Cadena mystica Carmelitana. Madrid 1678.

Jorge Freire de Montarroio Mascarenhas. Resposta sobre a successão de Hespanha. Amsterdam 1693.

«Memorias das negociações da paz de Ryswik. Haia 1698.

José Gomes da Cruz. Allegação na demanda de Manoel de Bastos Viana. Madrid 1743.

«Discurso Theologico Juridico sobre o Capitulo dos Padres Trinos. Veneza 1735.

«Manifesto a favor dos Eremitas Descalços de Santo Agostinho. Sevilha 1746.

José Joaquim Soares de Barros. Observations et explications de quelques phenomenes vus dans le passage de Mércure. Paris 1753.

«Conjuração de Portugal. Amsterdam 1689.

«Vida de Augusto, rei de Polonia. Londres 1739.
José Maria da Fonseca. Jura Romanae Provinciae. 1719. Romae.
«Privilegia Terrae Sanctae. Romae 1721.
«Libellus contra Fraticellorum sectam. Romae 1724.
«Philosophia et Theologia correcta. Romae 1726.
«Dissertatio super caput Ordinum minorum. Lucae 1727.
«Applauzi di la Canonizacione di Santa Margarita. Romae 1728.
«Annales Minorum. Romae 1731. etc.
José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello. Oração Academica. Madrid 1734.
José de Oliveira de Sousa. Epitalamio en los desposorios del rey D. Juan. Viena 1708.
José Pereira de Lacerda (P.) Memoriale Papae Benedicto XIII. Romae 1725.
José Pinto Pereira. Noticia Genealogica di linea Reale. Roma 1720.
«Apparatus historicus sive indicia Sanctitatis D. Alfonsi Henrici. Romae 1728.
José Pinto da Veiga. Discursos Academicos. Anvers 1685.
«Retrato de la prudencia. Amsterdam 1690.
José Teixeira. De Portugalliae ortu. Parisiis 1582.
«Confutatio nugarum Duardi Nunii Leonis. Ficini 1594.
«De electionis jure, quod competit Portugallensibus in augurandis regibus et principibus. Lugduni 1589. Parisiis 1595.
«Rerum ab Henrico Borbonii gestarum epitome. Parisiis 1598.
Isidoro da Luz (Fr.) Disputatio de actibus humanis. Parisiis 1659.
«Opusculum de Sacris traditionibus. Parisiis 1666.
Lourenço Portel (Fr.) Responsiones casuum moralium. Lugduni, 1633. Lovanii 1635. Venetiis 1643.
Lucas Velloso (P.) Commentarius in librum Judith. Lugduni 1649.
Luiz Alvares (P.) Josephus Rachelis filius illustratus. Lugduni 1675.
Luiz dos Anjos (Fr.) De vita et laudibus Sancti Augustini. Parisiis 1614.
Luiz Antonio Verney. De recuperata Sanitate Joannis Regis Oratio. Romae 1745.
«De conjungenda Philosophia cum Theologia. Romae 1747.
«De Re Metaphysica. Romae 1753.
«Verdadeiro methodo de estudar. Valensa 1746. Ibid 1747. (1)

(1) Summario da Bibliotheca Lusitana, vol. III, pag. 38.

Luiz Antonio Verney author do verdadeiro methodo d'estudar. A acceitação, que esta obra grangeou, e com justa razão na republica litteraria, deu o ultimo testemunho ao merecimento de seu author, sendo logo traduzida por varias nações estrangeiras, e adoptada nas escolas da mesma Italia. É digno de ler-se o elogio, que modernamente lhe consagrou Degerando, correspondente do Instituto nacional de França, e das

Luiz de Beja Perestrello (Fr.) Decisiones casuum conscientiae. Bononiae 1582. Romae 1590. Venetiis 1600. Bononiae 1613. Coloniae Agrippinae 1629.

Academias de Turim, Leão, e da sociedade das artes de Genova, da sua historia comparativa dos systemas de filosofia relativos aos principios dos conhecimentos humanos, tom. I, pag. 402, onde diz:—Que Luiz Antonio Verney, escriptor tão animoso em suas tentativas como sabio em suas maximas, fizera, apezar de tudo, no seculo passado, admiraveis esforços para que brilhasse na Hespanha e em Portugal a luz, que illustrava o resto da Europa.»

Para completar este trabalho e pôr em pratica as regras, que prescrevia em seu methodo, compoz uma Grammatica filosofica da lingua latina, que será sempre louvada e estimada entre os litteratos; obra de apurado gosto e de tanta utilidade para todas as nações, que mereceu logo ser adoptada nas escolas d'Italia, no collegio real de Napoles, no ephebeo regio, e em outros diversos seminarios na Apulia, e em muitos mais fóra da Italia. Compoz tambem a sua logica em 6 livros, que imprimiu em Roma e dedicou ao sr. rei D. José I, o qual convencido do seu merecimento, creando então as escolas menores d'este reino, a mandou logo adoptar para uso d'ellas. Não foi só aquelle grande rei, tambem as nações estrangeiras a adoptaram, convencidas de sua utilidade, e de quanto eram bem merecidos os elogios, que lhe faziam no Jornal da Sabios, pag. 1200, os quaes analysando-a com toda a imparcialidade, lhe deram a preferencia a todas quantas até então tinham apparecido, dizendo, que Verney, pela firmeza de seu caracter e espirito, pela attenção com que evitava os enganos dos sentidos, e pela louvavel perseverança, com que rejeitava todas as preoccuppações, que o habito, o costume e as diversas paixões tem introduzido no mundo, era o unico homem que julgavam mais proprio para tratar dignamente a logica. Assim, e pelo mesmo systema publicou em 1753 4 livros de metaphysica, que tambem imprimiu em Roma, e tiveram igual estima em toda a Italia, que então era o berço das sciencias. No Jornal dos Litteratos de Roma para os annos de 1752 e 1753 se dão a esta obra os titulos de bellissima e eruditissima por illustrar maravilhosamente aquella materia. Escreveu outra obra intitulada «Apparatus ad Philosophiam et Theologiam», que lhe grangeou muito credito, e os elogios dos sabios authores do referido Jornal, os quaes disseram que a historia d'estas sciencias escripta com gosto e intelligencia, fôra bebida pelo seu author nas mais puras fontes, e que elle mostrava uma equidade e moderação tal, que era pouco commum, e que fazia tanta honra aos verdadeiros sabios.»

Retratos e elogios dos varões e donas, por Pedro José de Figueiredo.

Luiz Caetano de Lima (D.) Tablettes chronologiques et historiques des rois de Portugal. Amsterdam 1716.

Luiz de Cerqueira. Manuale ad Sacramenta ministranda. Nangasaki 1605.

«Manuale casuum conscientiae. Ibid.

Luiz da Conceição (Fr.) Examen veritatis Theologiae Moralis. Matriti 1655. Compluti 1676.

Luiz da Cruz. David Psalmi. Ingolstadii 1697. Neapoli 1601. Mediolani 1604. Venetiis 1604. Matriti 1600. Coloniae 1612.

Luiz da Cruz (Fr.) Disputationes morales in Bullas Cruciatas. Lugduni 1634.

Luiz da Cruz. Obsequio de um peccador amante. Madrid 1740.

Luiz de S. Francisco (Fr.) Globus et Canon arcanorum linguae Sanctae. Romae 1586.

Luiz Godinho. Novena de S. Stanislau Koska. Napoles, 1720.

Luiz de Lemos. Commentarius in Galenum. Salmanticae 1580.

«Commentarius in librum Galeni de methodo medendi. Salmanticae 1595. Venetiis 1592.

Luiz Nogueira (P.) Expositio Bullae Cruciatae Lusitaniae. Coloniae 1691. Ibid 1744. Antuerpiae 1716.

Luiz Nunes. Huberti Goltzii numismata. Antuerpiae 1620. Ibid. 1644.

«Hispania, sive populorum urbium descriptio. Antuerpiae 1607. Francofurti 1608.

«Ichthyophagia sive de piscium esu. Antuerpiae 1616.

«Diaeteticon sive de re Cibaria. Antuerpiae 1646.

Luiz Rodrigues Pedrosa. Selectarum Philosophiae et Medicinae difficultatum. Salmanticae 1666.

Luiz Sanches de Mello. Tractatus de Induciis. Venetiis, 1649.

Luiz de Sottomayor (Fr.) Ad Canticus Canticorum notae. Parisiis 1625.

«Commentarius in epistolas Divi Pauli ad Timotheum et Titum. Parisiis 1610.

Luiz de Sousa (D.) Tumulus Serenissimi Principis Lusitaniae Theodosii. Romae 1653.

Luiz Teixeira. Descriptio Insulae Japoniae. Antuerpiae 1595.

«Magna Orbis terrarum tabula. Amstaelodami 1604.

Luiz Teixeira Lobo. In Digest. Titulum de rebus dubiis Commentarius. Venet. 1507. Senis 1515.

Manfredo de Gouveia. Oratio in funere Philippi II. Taurini 1599.

«Notae et animadversiones ad Practicam Civilem et Criminalem Julii Clari. Francofurti 1636.

Manoel de Almada (D.) Adversus epistolam Gualteri Haddoni. Antuerpiae 1566.

Manoel Alvares (P.) De Institutione Grammatica libri III. Venetiis 1585. Dillington. Amacusa 1593. (1) Pro Illiricis accommodata. Romae 1637.

Manoel Alvares Pegas. Tractatus de Competentiis. Lugduni 1675.

«Tratado do furto de Odivellas. Madrid 1678.

Manoel de Santo Antonio (Fr.) Escudo Benedictino. Salamanca 1637.

Manoel de Azevedo (P.) De Ortographia Commentarius. Roma 1747.

«De Catholicae Ecclesiae pietate erga animas in Purgatorio degentes. Romae 1748.

Manoel d'Azevedo Conimbricense (D.) Vita del taumaturgo Portoghese Santo Antonio di Padova. Venezia 1788.

Manoel Banha Quaresma. Thesaurus Resolutionum ad leges Municipales Ordinationis Portucallensis. Romae 1724.

Manoel Barreto (P.) Flosculi de virtutibus et vitiis. Nangasaki 1610.

Manoel Bocarro Francez. Status Astrologicus. Hamburgi 1644. Romae 1626.

«Regnum Astrorum reformatum. Hamburgi 1644.

Manoel Brudo. De ratione Victus. Venetiis 1534. Ibid 1559. Tiguri 1555. Coloniae 1579.

Manoel do Canto de Castro. Dos esquadrões modernos. Madrid 1639.

Manoel Constantino (P.) Oratio in funere Philippi II. Romae 1599.

«Historia de origine et principio atque vita omnium regum Lusitaniae. Romae 1661.

Manoel Correia (P.) Idéa Consiliarii ex regulis Conscientiae. Romae 1712.

Manoel Correa Montenegro. Historia de los reyes, senhores, y emperadores de Espagna. Salamanca 1592.

Manoel da Costa. Opera omnia. Lugduni 1576. Salmanticae 1584.

Manoel de Faria e Sousa. Morte de Jesus y llanto de Maria. Madrid, 1623.

«Fuente de Aganippe. Madrid 1624, etc.

«Epithalamio á los marquezes de Molina. Madrid 1624.

«Noches claras. Madrid 1624.

«Epitome de las historias portuguezas. Madrid 1628. Bruxellas 1677. Ibid 1730.

«Imperio de la China. Madrid 1642.

«Nobiliario del conde de Barcellos. Madrid 1646.

Manoel Fernandes Villa Real. Vida del cardenal duque de Richelieu. Pamplona 1641.

«El principe vendido D. Duarte. Paris 1643.

«Anticaramuel. Paris 1643.

---

(1) Antonio Ribeiro dos Santos. Memoria sobre a Historia da Typographia Portugueza no seculo XVI no vol 8. das Memorias de Litteratura, pag. 95.

Manoel Goes (P.) Commentarius in librum Physicorum Aristotelis Collegii Conimbricensis. Lugduni 1602. Coloniae 1602.

«Commentarius in librum de Anima. Coloniae 1604. Lugduni 1604.

«Commentarius in librum de generatione et corruptione. Moguntiae, 1606.

Manuel Gomes. De pestilentiae curatione. Antuerpiae 1603. Ibid 1663. Lovanii 1637.

Manoel Gomes de Lima. Reflexões criticas sobre os escriptores cirurgicos de Portugal. Salamanca 1750.

Manoel Homem (Fr.) Descripção da jornada e embaixada do marquez de Cascaes em França. Paris 1644. 2.ª parte. Nantes 1645.

Manoel de Leão. Triumfo Lusitano no casamento delrei D. Pedro II. Bruxellas 1688.

«Retrato de Guilherme III. Haia 1691.

«Exames de obrigações. Amsterdam 1712.

Manoel Lopes Pereira. Xeniolum Medico Theorico Practicum. Salmanticae 1700.

Manoel Lourenço Soares. Compendium de Sacramento Matrimonii. Lugduni 1623.

«Epitome Disputationum Theologicarum. Lugduni 1627.

Manoel Masaarenhas (P.) De Sacramentis in genere. Lugduni 1656.

Manoel Mendes de Castro. Commentarius ad Constit. in P. Cum aportet C de bonis, etc. Salmanticae 1594. Matriti 1592. Augustae Vindilicorum 1619.

«De Annonis Civilibus libri XI. Matriti 1592.

Manoel de Moraes. Prognostico y respuesta sobre las cousas de Portugal. Leyde 1641.

Manoel Pereira (Fr.) Breve retrato della vita di S. Gonsalvo d'Amarante. Roma 1672.

Manoel Rodrigues (Fr.) Quaestiones Regularium et Canonicarum. Salmanticae 1598. Tarnoni 1609. Venetiis 1611. Coloniae 1662. Antuerpiae 1628. Lugduni 1613.

«Nova Collectio Priviligiorum Apostolicorum. Salmanticae 1605. Lugduni 1609. Duaci 1613. Antuerpiae 1623.

«Explication de la Bulla de la Cruzada. Alcalá 1589. Barcelona 1591. Salamanca 1594. Ibid 1599. Ibid 1602. Valença 1610.

«Summa dos casos de consciencia. Barcelona 1596. Salamanca 1602. Ibid 1610. Barcelona 1607. Alcalá 1607. Ibid 1614. Valladolid 1621.

Manoel de Sá (P.) Scholia in quatuor Evangelia. Antuerpiae 1596. Venetiis 1602. Lugduni, Coloniae 1620.

«Notationes in totam Sanctam Scripturam. Antuerpiae 1558. Ibid 1624. Lugduni 1609. Ibid 1651. Parisiis 1643.

«Aphorismi confessariorum. Venetiis 1595. Ibid 1611. Antuerpiae 1555. Ibid 1615. Matriti 1601. Barcinone 1601. Coloniae 1612. Pari-

siis 1609. Brixiae 1609. Lugduni 1622. Romae 1624. Rhotomagi 1655. Taurini 1619. Duaci 1627.

Manoel dos Santos (Fr.) Analysis Benedictina. Madrid 1732.

Manoel da Silva Pereira. Methodo sicuro d'ordinare la China. Roma, 1709.

Manoel Soares da Ribeira. Juris observationum liber singularis. Lugduni 1562.

«Thesaurus receptarum sententiarum utriusque Juris. Venetiis 1569. Coloniae 1593. Lugduni 1584.

«Annotationes ad Arii Pinelli Commentarium de Rescindendis venditionibus. Venetiis 1570. Coloniae Agrippinae 1573.

Manoel Soeiro. Annales de Flandes. Anvers 1624.

«Obras de C. Cornelio Tacito, en espagnol. Anvers 1613. Madrid 1614.

« » de Salustio, » Anvers 1615.

« » de Velleio Paterculo, » Anvers 1630.

Manoel de Sousa Moreira. Theatro genealogico da Casa de Sousa. Paris 1694.

Manoel Telles da Silva. De rebus gestis Joannis II Lusitaniae regis. Hage Comitis 1712.

Manoel Telles da Silva. Poematum et Epigrammatum liber. Hagae Comitis 1723.

Manoel Thomaz Insulana. Poema. Anvers 1635.

Manoel Thomaz. Insulana. Poema. Anvers 1635.

«Thesouro de Virtudes. Anvers 1661.

Manoel da Veiga (P.) Assertiones Theologicae. Vilnae 1585. Antuerpiae 1586.

«De Sacrificio Missae. Vilnae 1586.

«De cultu Sacrarum imaginum. Vilnae.

«Theses de distributione S. Eucharistiae. Pragae.

«De principiis Fidei. Viennae Austriae 1590.

«Quaestiones selectae de libertate Dei et hominis. Romae 1632.

Marçal de Gouvea. Institutiones in octo Orationis partes. Parisiis 1534.

Marcellino da Ascensão. Antilogia Catacritica da Verdade Benedictina. Madrid 1738.

Martim Carvalho de Villas Boas. Espejo de Principes y ministros. Milan 1598.

Martinho de Mendonça de Pina e Proença. Expositio Belgradensis. Lipsiae 1718.

Martinho de Mesquita. Centum virale propugnaculum Conclusionum Canonico Civilium. Romae 1662.

«Tela Gratiarum Romae 1665.

Mathens Homem Leitão. De Conscientia vera. Parisiis 1652.

Mathias de Andrade (P.) Filho instruido pelo melhor pai. Salamanca 1732.

Miguel de Barros. Flor de Apollo e Coro de las musas. Bruxellas 1665. Ibid 1672.

Penegyrico ao Conde de Villa Flor. Amsterdam 1673.

Poesias famosas e comedias. Anvers 1674.

Miguel Botelho de Carvalho. La Filiz. Poema. Madrid. 1641.

Soliloquio a Christo en la Cruz. Paris. 1645.

Rimas varias. Ruan. 1646.

Miguel Cabedo de Vasconcellos. Plutus Aristophanis Comædia in Latinum conversa Sermonem. Parisiis. 1547.

Opera omnia. Romæ 1597.

Miguel do Canto (Fr.) Vexame Theologico Moral contra os Sigilistas. Madrid 1746.

Miguel Pacheco (Fr.) Epitome de la vida de Santo Antonio. Madrid. 1646.

Miguel da Purificação (Fr.) Vida Evangelica de los Frayles menores en Oriente. Barcelona. 1641.

Miguel da Silveira. El Machabeo. Poema. Napoles. 1638. Madrid 1731.

Nicolau Godinho. Vita Gonzali Silveriæ Soc. J. Lugduni 1612.

Nicolau Pimenta. Exemplum epistolae de statu rei Christianae in India. Moguntiae. 1602. Constantiae 1603.

Nuno da Costa. De quadruplici hominis ortu et de re medica. Patavii. 1594.

Nuno da Costa Caldeira. De previlegiis creditorum. Gadibus 1661. Genevae 1670.

Nuno Viegas. Oratio funebris Theodosii Lusitaniae Principis. Romae.

Pantaleão Rodrigues Pacheco. A la Santita d'Urbano VIII. Leone 1642.

Pascoal Ribeiro Continho. Jornada de la Reyna de Portugal y fiestas hasta Lisboa. Madrid 1687.

Patricio (Fr.) De variis imaginibus in 42 tabellis depictis, Florentiae. 1621.

Paulino da Estrella (Fr) Flores del Dezierto. Londres 1667.

Paulo Correa. Tractatus de natura, causis et curatione pestis. Romae 1575.

Paulo de Touro (Fr.) Liber priviligiorum Congregationis S. Benedicti. Romae 1589.

Tractatus de modo cibandi. Romæ, 1675.

Pedro Rodrigues. Triumphus verae gloriae utriusque Joannis Baptistae et Evangelistae. Pamplonae 1642.

Pedro de Almeida. Commentarius in C. Suetonii Julium et Octavium Hage Comitis 1727.

Pedro Barbosa. Commentarius ad titulum De legatis. Lugduni 1662. Papiae 1664 Coloniae Allobrogum 1737.

Pedro Calvo (Fr.) Homiliae. Colomiae. 1659.

Pedro de Castro. Febris maligna methodo delineata. Patavii 1652.

Bibliotheca medici eruditi. Patavii 1634.

Pestis Neapolitana annis 1656 et 1657. Veronae 1657.

Pedro Fernandes de Queiroz. Narratio de terra australi incognita. Amstaelodami 1612.

Pedro de Figueiró. Commentarius in Lamentationes Hieremiae. Lugduni 1598 Ibid. 1609.

Pedro da Fonseca. Institutiones Dialecticarum Coloniae 1567. Venetiis 1575. Ibid 1582 Ibid 1615. Turnoni 1588. Wizemburgi 1596. Leodii 1608. Lugduni 1598 Ibid 1612 Ibid 1622.

In librum Methaphysicorum Aristotelis. Romae 1572 Ibid 1589. Lugduni 1591 Ibid 1598. Ibid 1605 Ibid 1612 Francofuti 1609 Coloniae 1604.

Opera omnia. Argentorati 1594.

Pedro Lopes. Flosculus medicinae. Malaga. 1633.

Pedro de Magalhães. Tractatus Theologicus de Scientia Dei, Prædistinatione et Trinitate. Lugduni. 1674.

Pedro Margalho. Physices Compendium. Salmanticæ, 1520.

Pedro Nunes (1). Homiliæ diversorum auctorum. Ispali. 1523.

De crepusculis liber unus. Basileae 1568. Ibid 1592.

Annotatio in extrema verba capitis de Climatibus Joannis de Sacrobosco Venetiis 1562 Ibid 1563 Coloniæ 1566 Parisiis 1572 Antuerpiae 1582.

Libro de Algebra en Arithmetica y Geometria. Anvers 1567. Basilea, 1592. (2)

Pedro de Santarem Santerna. Tractatus de assecurationibus et sponsionibus Mercatorum. Antuerpiae. 1554. Lugduni 1579. Ibid 1583. Ibid 1693. Venetiis. 1584. Coloniae Agrippinae. 1609. Amstaelodami. 1669.

Pedro da Serra. Sermão de S. João Baptista. Genova, 1751. Sermão funebre de D. João V, Roma, 1752.

---

(1) «Este geometra, o maior que as Hespanhas tem produzido, é incontestavelmente um dos maiores, que no seculo XVI floreceram na Europa». Francisco de Borja Garção Stockler no Ensaio Historico sobre a origem e progresso das Mathematicas em Portugal pag. 50—51.

«Pedro Nunes teve a gloria de ser o primeiro geometra, que começou a desinvolver a theoria das loxodromias, mostrando que a linha, que descreve um navio sobre a superficie do mar, quando corta todos os meridianos debaixo d'um meio angulo obliquo, não é um circulo maximo da sphera terrestre, mas sim uma linha espiral de duplicada curvatura, da qual demonstrou algumas propriedades mais notaveis». Ibid 34.

(2) Antonio Ribeiro dos Santos. Memoria da vida e escritos de Pedro Nunes no vol. 7. das Mem. da Litt. p. 275.

Pedro de Sousa Castello Branco. Relação do successo que teve a armada de Veneza unida com as esquadras auxiliares. Messina, 1717.

Pedro Teixeira. Relação de los Reys de Persia y Hormus y de un viage desde la India hasta Italia por tierra. Anvers. 1610.

Pedro Vaz. Commentarius Medicus. Mantuae, 1576.

Contra praxim Donati Antonii. Matriti, 1582.

De scopis mittendis sanguinem. Valentiae, 1601.

Pedro Vaz Castello. Exercitationes medicinales ad omnes Thoracis adfectus. Tolosae, 1616.

Pedro da Veiga (Fr.) Declaracion de los Psalmos Penitenciales Alcalá 1599. Madrid, 1602. Saragoça, 1606.

Pedro da Veiga (2.) Epithaphia novissimo revisa et recognita. Antuerpiae, 1577.

Horatius Flaccus de Arte Poetica vera et genuina, 1578. Antuerpiae.

Relação da grandiosa embaixada que deu na corte de Madrid D. Rodrigo Annes de Sá Almeida e Menezes, Marquez d'Abrantes. Madrid, 1728.

Relação da viagem do exellentissimo senhor André de Mello de Castro á Corte de Roma. Paris, 1709.

Relacion cincera y verdadera de la justa defension de las regalias y privilegios de la corona de Portugal en la ciudad de Macau. Hiang. Xan. 1712. (China.)

Rodrigo de Castro. De natura et causis pestis ad annum 1596. Hamburgi 1593.

De universa mulierum medicina. Hamburgi, 1603 Venetiis 1644. Hanoviae 1651. Colomae 1662. Ibid 1689. Francofuti 1668.

Medicus politicus. Hamburgi, 1614. Ibid 1662.

Rodrigo da Fonseca. De calculorum remediis. Romae, 1586.

Opusculum quo adolescentes ad Medicinam capessendam instruuntur. Florentiae, 1596.

De venenis eorumque curatione. Romae, 1587.

Commentarius in Aphorismos Hyppocratis. Florentiae 1691, Venetiis 1596, Ibid 1608.

De tuenda valetudine et producenda vita. Florentiae, 1602, Francofuti, 1603.

De hominis excrementis, Pisis. 1613.

De febribus acutis remediis. Venetiis. 1621. Basileae 1625.

Consultationes Medicae. Francofuti, 1625. Venetiis 1628.

Rodrigo Mendes Silva, Vida y hechos del gran Condestable Nuno Alvares Pereira. Madrid, 1645 etc.

Roque Monteiro Paim. Perfidia Judaica. Madrid, 1671.

Ruy Lourenço de Tavora. Historia de varões illustres do appellido Tavora. Paris 1648.

Salvador de Mesquita. Labores Christi Servatoris e libro Patris Thomae a Jesu ad Lyram traducti. Romae, 1665.

Sacrificium Jephet Sacrum Drama. Romae, 1682.

Sebastião d'Abreu. Institutio Porochi. Venetiis 1724, Augustae Windilicorum, 1701.

Sebastião Barradas. Commentarius in concordiam et historiam Evangelicam. Coloniae, 1599. Coloniae. 1601. Antuerpiae 1615 Lugduni 1608. Ibid 1611 Ibid 1618 Ibid 1622.

Itinerarium filiorum Israel. Lugduni 1620, Antuerpiae 1621, Coloniae 1621, Moguntiae, 1627.

Sebastião Cesar de Menezes. Veritas Harmonica Utriusque Testamenti. Romae, 1663.

Sebastião da Conceição. Estimulos del amor Divino. Madrid 1720.

Sebastião da Costa de Andrade. Commentarius in Threnos. Lugduni 1609.

Sebastião da Fonseca e Paiva. Relação da jornada da rainha de Lisboa a Portsmouth. Londres 1662. etc.

Sebastião Gomes de Figueiredo, Explicatio Psalmi. 4, Salmanticae 1598, Lugduni 1601.

Sebastião Maria Correa. Oratio in funere Joseph V. Romae, 1751.

Sebastião de Moraes. Vita e morte di Maria di Portugallo, Principessa de Bologna. Romae 1602.

Sebastião de Sampaio. Compendio da vida de S. Pio V. Roma 1728.

Sebastião Toscano. Las confessiones de Santo Agostinho. Anvers. 1556. Salamanca 1554.

Sebastião Vieira. Annuae litterae ex Japonia. Romae, 1617.

Serafino de Freitas. Repetitio in Caput Sacris de his, quae vi, metusque causa fiunt. Pinciae, 1604.

Simão de Castello Branco. Virtudes y milagres del P. Fr. Joan de Sahagun. Madrid, 1669.

Simão Vaz Barbosa. Principia et loca communia utriusque Juris. Romae, 1621. Trajecti ad Rhenum. 1651, Madrid, 1648 Ibid 1717.

Theodosio de Santa Maria Teixeira. Sermão da Natividade. Salamanca, 1727.

Thomaz de Almeida (D.) Pastoral sobre os Sygillistas. Madrid, 1746.

Thomaz de Chaves. Summa Sacramentorum Ecclesiae, Pinciae, 1561. Salmanticae, 1575, Venetiis 1580, Antuerpiae 1688 Ibid 1594, Ibid 1600, Turnoni, 1629.

Thomaz Pinheiro. Stephanus de Urbibus. (Traducção.) Amstaelodami 1678.

Thomaz Rodrigues Veiga. Commentarius in Galenum, Antuerpiae 1564.

Commentarius in Hippocratem. Lugduni, 1586, Ibid. 1594.

Thomé Correa. De toto eo Poematis genere, quod Epigramma vulgo dicitur. Venetiis, 1569.

De elegia. Patavii, 1571, Bononiæ 1590.

Oratio in funere Navarri. Romæ 1595.

Oratio ad Sixtum V. Romæ, 1585.

Oratio in primo suo ingressu ad Gymnasium Bononiense. Bononiæ, 1586

In librum Horatii de Arte Poetica. Venetiis, 1587.

De conficiendis epigrammatibus. Bononiæ, 1590.

De Prosodia. Venetiis 1592. Ibid. 1606.

Timotheo de Ciabra (Fr.) La honda de David, Roma, 1631.

Vasco de Lobeira. Amadis de Gaula. Sevilha, 1537. Salamanca, 1576 Alcalá, 1588. (1)

Vasco Pires. Lição espiritual do nascimento de Christo, Roma 1675.

Vicente (P.) Introductione di Canto fermo, figurate, contraponto. Venezia, 1561.

Vicente José Ferreira. Traducção da Arte de conciliar os affectos das mulheres a seus maridos. Calcutta, 1791.

Vicente da Ponte. De potentia et scientia Dæmonum. Aquis Sextiis, 1612.

Vicente Soares Dega e Avila. Donairas de Terpsicore. Madrid, 1663.

Victor Felicissimo Francisco Nabantino. Monopanton das Cartas de S. Paulo Apostolo. Napoles, 1844.

Zacuti Lusitani Opera. Lugduni, 1649.

De praxe medica libri III. Amstælodami, 1634.

As diminutas proporções d'este livro prohibem ser mais extenso, e por isso não se faz menção das obras de Silvestre Pinheiro Ferreira, José Correia da Serra, nem do Visconde de Santarem. Deve-se porém notar, que a maior parte das obras mencionadas, eram reimpressas em

---

(1) No Manual de Brunet se póde ver o grande numero de edições, que existem d'esta obra.

Na Bibliotheca Publica do Porto existe um exemplar em excellente estado de conservação, em gothico, cujo titulo é o seguinte:

«Os quatro libros del muy esforçado cavallero Amadis de Gaula nuevamente emendados hystoriados.»

Traz uma prohibição do Papa em latim—para que ninguem possa impremir o Amadis de Gaula que Antonio Martins de Salamãcha intenta impremir em lingua hespanhola, e termina por estas palavras Datum Rome apud Sanctum Petrum decimo nono Kalendes Februarii anno sexto.

A obra começa da seguinte maneira:

«Aqui começa el primero libro del esforçado e virtuoso cavallero Amadis, hijo del rey Perion de Gaula e de la reina Polisena: el qual fue corregido y emendado por el honrado e virtuoso cavallero Garci Ordoñes de Montalvo regidor de la noble villa de Medina del Campo: ecorregiole delos antiguos originales que estavan corruptos e mal compuestos en antiguo estilo por falta de los differentes e malos escriptores. Quitando muchas palabras superfluas e poniendo otras de mas polido y elegante estilo tocantes ala cavalleria e actos d'ella.

paizes estrangeiros, porque o seu merito se tinha feito conhecer nas cidades mais cultas da Europa, onde tinha chegado o livro impresso em Portugal.

Outra prova do apreço, que os estrangeiros teem dado ás obras portuguezas, é o grande numero d'ellas ineditas que existem disseminadas pelas differentes Bibliothecas da Europa, e das quaes tratam as obras abaixo mencionadas. (1)

Pode-se tambem asseverar, que as nossas melhores obras teem tambem sido vertidas nas linguas estrangeiras, e para prova appresentarei uma pequena lista d'ellas, podendo-se até escrever uma volumosa obra sobre este assumpto.

III

Obras Portuguezas traduzidas em linguas estrangeiras

Abbé de Cournand. Vie de l'Infant dom Henri de Portugal, traduite du portugais de Francisco Joseph Freire. Paris 1781. 2 vol.

Abbé J. Jamet. L'homme heureux dans toutes les situations de la vie, ou les aventures de Misseno. Poème portugais composé par le Père Theodoro d'Almeida. Caen 1820. 3 vol.

«Trésor de Patience caché dans les plaies de Jesus Christ, du même auteur.

Abbé Alfred Poiret, prêtre du Diocèse d'Amiens. Sermons du R. Père Antoine Vieyra, Jesuite Portugais.

«Trésor d'Amour par le Rev. P. Manoel Bernardes. Paris. Casterman editeur 1862.

Aleixo Colletes de Jantillet. Helvia obsidione liberata. Ulyssipone, 1662. (O original é composição de Antonio Barbosa Bacellar.)

---

(1) Sr. Frederico Francisco de la Figaniere. Catalogo dos Manuscriptos Portuguezes existentes no Museu Britannico. Lisboa, 1853.

Visconde de Santarem. Noticia dos manuscriptos pertencentes ao Direito Publico externo Diplomatico de Portugal e á Historia e litteratura do mesmo paiz. Lisboa, 1853. (2.ª edição).

Joaquim José Ferreira Gordo. Apontamentos para a historia civil e litteraria de Portugal e seus dominios, colligidos de manuscriptos assim nacionaes como estrangeiros, que existem na Bibliotheca Real de Madrid, na do Escurial, e nas de alguns senhores e letrados da corte de Madrid. No tomo III das Memorias de Litteratura.

Na Bibliotheca do Vaticano tambem existem manuscriptos portuguezes, entre os quaes se distingue uma collecção de poesias, que parecem contemporaneas, ou pouco posteriores de D. Diniz, parte das quaes acaba de ser publicadas em Vienna d'Austria pelo sr. F. A. de Varnhagen.

Alfonso Ulloa. Castagneda (Fern. Lopes de) Istoria dell' Indie Orientali scoperte et conquistate da Portoghesi, di commissione dell' Invittissimo Re don Manuello, etc. Venetia, 1570. Ibid 1577.

«Istoria delle Indie Orientali, scoperti e conquistati da Portoghesi nella quale, oltre alle istrane usance, maniere, riti e costumi di quelle genti, si vieni anco in noticia di molte guerre fatte in quei paesi, etc. Parte prima. Venetia 1578.

L'Asia del signor Giovanni di Baro novamente di lingua portoghese tradotta. 1.ª e 2.ª Decada. Venetia 1562.

Annibal Briganti. Due libri dell' istoria dei simplici, aromati e altre cose che vengono portate dell' Indie orientali, pertinenti all' uso della medicina di Garzia dall' Orto, medico portoghese, con alcune brevi annotazioni di Carlo Clusio, e due altri libri parimente di quelle che si portano dall' Indie occidentali di Nicolo Monardes, medico di Siviglia Venezia 1582. Ibid 1605.

Anthony Munday. The history of Amadis de Gaule written in French by the Lord of Essars Nicholas de Herberay. London 1619.

Antoine Vitray. La Diane de George de Montemayor. Paris 1623.

Antonio Maria Bonese (P). Saverio adormentato et Saverio vigilante. Discorsi Panegirici et Ascetici di P. Antonio Vieyra. Venezia, per Paolo Baglioni 1712. (1)

Antoine Joseph Mège. Le psautier Royal. Traduction des psaumes d'Antoine, roy de Portugal. Paris 1671.

Antonio Vieyra. Sermone delle Stimate di S. Francisco, nella Archiconfraternita delle Stemmate di Roma. Milano 1672. (2)

«Las 5 piedras de la Honda de David en 5 discursos morales. Lisboa 1676. Ibid 1695.

«Sermones varios. Madrid 1664. (Imprenta de Joseph Buendia).

«Tomo 6.° Imprenta de Francisco Fernandes. Madrid 1713.

«Tomo 7.° Ibid. 1712.

»Tomo 13.° Imprenta Real 1714.

«Tomo 18.° Imprenta de Manuel Rodrigues. Madrid 1715.

Todos los sermones y obras differentes :

1.° vol. Barcelona. Imprenta de Maria Martti Vireda 1734.
1.° » Madrid » de Agustin Fernandez 1711.
2.° » Barcelona » de Maria Martti Vireda 1734.
2.° » Madrid » de Agustin Fernandes 1712.
3.° » Barcelona » de Juan Piterra 1734.
3.° « Madrid » de Agustin Fernandez 1712.
4.° » Barcelona » de Juan Piterra 1734.

(1) Existe um exemplar na Bibliotheca Publica de Lisboa.
(2) Tambem ha um exemplar na mesma Bibliotheca.

4.° vol. Madrid. Imprenta de Agustin Fernandez 1712
5.° » Madrid » » 1712.
7.° » Madrid » de Nicolas Rodrigues Francos 1712.
8.° » Madrid » de Gabriel de Barrios 1715.
9.° » Madrid » » »
10.° 11.° 12.° 13.° 14.° 15.° Madrid. Imprenta de Agustin Fernandez 1712, 1713.
16.° 17.° Madrid. Imprenta de Gabriel Barrios 1712—1714,
18.° 19.° 20.° Madrid. Imprenta de Agustin Fernandez 1713—1714.
21.° » » de Hierro 1714. (1)

«Le 5 pietre della Fonda di David spiegate in 3 sermoni. Roma nella stamparia de Lazari 1676.

Antoyne, roy de Portugal: ses Psaumes où le Pecheur confesse ses fautes et la grace de Dieu, suivant la copie imprimée a Paris.

Archanjelo Madrignano Mediolanensi. Itinerarium Portugallensium e Lusitania in Indiam, et inde in Occidentem, et demum ad Aquilonem. Ex Lusitano Latine translatum. Pergamo 1508.

Arthur Morelet. Journal du voyage de Vasco da Gama en MCCCCXCVII traduit du Portugais. Lyon 1864.

Augustin Marie Ximènes. Lettres portugaises en vers libres. Paris 1759.

Aromatum et simplicium et aliquot medicamentorum apud Indos nascentium historia. Autore Garcia ab Horto. Antuerpiæ 1567. Ibid 1574, Ibid 1582. Lugduni 1584, Ibid 1593, Ibid 1642.

Avisi delle cose fatte da Portoghese nell' India scritti in lingua Latina da Damiano de Goes e traddotti in Toscano. Venezia 1539.

Bartolomeo Santinelli. Prediche del R. P. Antonio Vieyra dalla lingua Portoghese tradotte nell' Italiano. Roma 1683.

Benjamin Thompson. Ignez de Castro. A tragedy in three acts written by D. dos Reis Quitta. London 1800.

Bernard Figueir. Les voyages adventureux de Fernand Mendes Pinto. Paris 1628, Ibid 1645, Ibid 1663, Ibid 1830. 2 vol.

Bernout. Nouvelle relation de la Chine contenant la description des particularités les plus remarquables de ce grand empire par le P. Magaillans. Paris 1688.

Bowing. Traduzio varias poesias de D. Violante do Ceo, e publicou-as na obra intitulada: «Ancient poetry and romances of Spain.»

Christoval Ferrera y Sampayo. Trabajos de Jesus traducidos del Portugues de Fray F. de Jesus. Zaragoça 1624. Barcelona 1638.

Christoval Suares de Figueiroa. Relaciones du Japam do P. Fernando Guerreiro. Madrid 1614.

---

(1) De todas estas edições ultimamente mencionadas existem exemplares na Bibliotheca Publica de Lisboa.

Charles Cotolendi. Voyages de Pierre Teixeira ou histoire des Roys de Perse. Paris 1681. 2 vol.

Claude Bernou. Nouvelle relation de la Chine, composée en 1668 par le P. Gabriel de Magaillans, Jesuite Missionaire Apostolique. Paris 1668.

Compendium spiritualis doctrinæ ex variis sanctorum Patrum sententiis ex parte collectum. Auctore Rev. P. F. Bartholomœo a Martyribus. Madriti 1598.

Copia de una carta que embio de la India el padre Enrrique Enrriquez, de la compañia de Jesu al padre maestre Simon preposito de la dicha compania en Portugal... tresladada de Portugues. Recebida el ano de 1551. (1)

Copia de unas cartas embiadas del Brasil per el padre Nobrega. Recebidas el ano de 1551.

Copia de unas cartas del padre mestre Francisco y del padre mestre Gaspar, y otros padres de la compania de Jesu, que enviaron de la India. Recebidas el ano de 1551.

Copia de unas cartas de algunos padres y hermanos de la compania de Jesus que escrevieron de la India, Japon y Brasil. Fueron recebidas el ano 1555.

Copia de algunas cartas que los padres y hermanos de la compania de Jesus, que andan en la India y otras partes orientales escrivieron. Desde al ano 1557 hasta el de 1661.

Copia de las cartas que los padres y hermanos de la compania de Jesus que andan en el Japon escrivieron a los de la misma compania de la India y Europa desde el ano de 1548 hasta el passado de 63.

Copia di una lettera del Re di Portogallo Emmanuel mandata al re de Castella del viaggio e successo dall' India. Milano 1505.

Daniel Sharpe. On the carbonifereous and silurian formation of the neighbourhood of Bussaco. By Senhor Carlos Ribeiro. London 1853.

Deduzione cronologica e analitica. Lisbonna 1767.

Dell' istoria de i simplici, aromati e altre cose che vengono portate dell' Indie orientali, pertenenti al uso de la medicina. Per Garcia da Horta. Venezia 1582.

De rebus a Hispanis, Lusitanis, Aragonicis, Indicis et Aethiopis Damiani a Goes, Hyeronimi Pauli, Hyeronimi Blanci, Jacobi Tevii opera. Coloniæ Agrippinæ 1602.

Diego Navarro (Fray) de la orden de Sant Francisco. Primera parte de las Chronicas de los frayles menores de Fray Marcos de Lisboa. Alcala, en casa de Juan Gracian 1608.

Diogo de Meneses (D.) Los cinco libros de la tercera Decada de Barros. Madrid 1628.

Discours Religieux par J. J. Rodrigues de Bastos. Paris.

---

(1) Sr. Jorge Cesar de Figanière. Bibliog. Hist. Port. Lisboa 1850.

D. W. Soltau. J. de Barros. Geschichte der Entdeckungen und Eroberungen der Portugiesen in Orient 1415 — 1539. Braunschw 1821. 3 vol.

E. J. Stanley. The three voyages of Vasco da Gama, and his vice royalty, from the Lendas da India of Gaspar Correia. Accompanied by original documents. Translated from the Portuguese with notes and an introduction. London, 1869.

Elias Vineto. Annotatio in extrema verba capitis de Climatibus Joannis de Sabrosco. Vernaculo sermone scripsit Nonius, id est Hispano Portugallico.

E. de Monglave et P. Chalas. Marilie. Chants elégiaques de Gonzaga. Traduits du Portugais. Paris 1825.

Emilio Olloqui (D.) Fray Luis de Sousa. Drama historico en tres actos de Garrett. Lisboa 1859.

Essai historique politique sur la constitution et le gouvernement du royaume de Portugal par Joseph Liberato Freire de Carvalho. Paris 1830.

Eugene Garay de Monglave. Caramuru ou la découverte de Bahia par José Santa Rita Durão. Paris 1829.

«Palmeirin d'Angleterre. Chronique Portugaise par Francisco de Moraes. Paris 1829. 3 vol.

«Correspondence de D. Pedro premier empereur du Brasil avec son pere le Roy de Portugal. Paris 1827.

Exercices Espirituelles du Pere Manoel Bernardes. Traduction du Portugais. 2 vol.

Filippe Pigaffetta. Relatione delle Reame di Congo e delle circonvicine contrade: tratta dalli scritti e ragionamenti di Odoardo Lopes. Roma 1591.

Fr. Conturas. Nave tragica de India de Portugal. Madrid 1624. (É a traducção do naufragio de Sepulveda.)

Francisco de Cubillas (D.) Sermones traducidos de lo P. Antonio Vieyra. Madrid, por Juan Garcia Infanzon 1680.

Francisco de Herrera Maldonado. Historia oriental de las perigrinaciones de Fernan Mendes Pinto. Madrid 1620. Ibid 1627. Ibid 1664. Valença 1665.

Francisco Maria del Rosso. Vita Joannis de Castro Indiarum pro Regis IV olim ab Hyacintho Freire de Andrada Lusitano descripta, nunc in latinum conversa. Romae. Ex typographia Rochi Barnabo 1727. (1) Ibid 1753.

Francisco Vasquez (P.) Hombre Feliz e independente, de P. Thodoro de Almeida. Madrid 1806. 4 vol.

G. Alleaume. Les soufrances de Notre Seigneur Jesus Christ Ouvra-

(1) Existe um exemplar na Bibliotheca Publica do Porto.

ge écrit en Portugais par le Pere Thomas de Jesus. Lyon. Chez Pierre Bruyset, Ponthus 1767. 2 vol.

G. Gabrielli. Nuevo scoprimento del Gran Catayo da Antonio de Andrada. Neapoli 1627. Roma 1627.

G. de Mello. Le devoir des Pasteurs de D. Barthèlemy des Martires. Paris 1672.

G. de Urban. Route des côtes de Portugal, composée por Marino Miguel Franzini. Paris 1836.

Gabriel Chapuys. Traduction de l'Amadis de Gaule. Lyon 1575—1581.

Gemissements et consolations de la Mére de Dieu. Avec les exercices en l'honneur des sept douleurs de la Sainte Vierge. Par le P. Theodoro d'Almeyda.

Giambattista Ramusio. Raccolta di navigazioni e viaggi. Venezia, 1550.

Gilles de Bouillon. Amadis de Gaule. Livre neuvième. Paris 1551.

Gio: Pinto Ribero. Discurso del usurpatione, retentione e ristoratione del regno di Portogallo. Lisbonna 1646.

Giovenale Vegezzi Ruscala. Fra Luigi di Sousa. Dramma di G. B. Almeida Garrett. Torino. Tipographia Speirani e Tortone. 1852.

«Marilia di Dirceo. Lire di Tommaso Antonio Gonzaga. Torino. Stamperia Sociale degli Artisti. 1844.

Goupillon (Le). Poéme heroique, comique, traduit du Portugais d'Antoine Dinis. Paris, Chez Verdiere 1828. (Esta traducção é attribuida a Boissonade. Ha uma edição mais moderna com annotações do sr. Ferdinand Dinis).

Grand Cathay ou royaume de Tibet nagueres decouvert. Par le Pere Antoine d'Andrada. Gand. 1627.

Grappin. Abregé du traité du pouvoir des evêques du Pere Antoine Pereira. Paris. An XI.

H. Cogan. Voyages and adventures in Ethiopia, China, Tartary of Ferdinand Mendez Pinto. London 1663.

Harmonie de la raison et de la Religion par le Pere Theodoro d'Almeyda. 2 vol.

Henri Ternoux. Histoire de la Province de Santa Cruz par Pero de Magalhães de Gondavo. Paris 1837.

Henrique Lamparter (P.) Aerumnae Domini Nostri Jesu Christi. Opus Thomae a Jesu. Munich.

Historicale description de l'Ethiopie, traduite du Portugais de Franc. Alvarez. Plus une lettre d'Andre Corsal Florentin ecrite de Cochim aux Indes en 1515 touchant ses voyages. Anvers 1558.

Histoire des drogues espisceries et de certains medicamens simples, qui naissent es Indes et en Amerique. Ecriste en Portugais par Garcie du Jardin. Lyon 1619.

Histoire de la vie et des actions de D. Jean II treiziéme roy de Por-

tugal, dict le plus grand roy, fils du meilleur homme. Traduit de l'espagnol de D. Augustin Manoel de Vasconcellos. Paris 1641.

History of that great and renowed Monarchy of China... Lately written in Italian by F. Alvarez Semedo a Portuguese. London, 1665.

Horacio Diola. Chroniche degli ordini instituti dal S. Francesco, composte dal P. Marco da Lisbonna in lingua portoghese. Brescia, 1581. Venezia 1617.

Iuvasion et occupation du royaume de Portugal en 1580. Introduction á l'histoire de Portugal au XVII et XVIII siecle par L. A. Rebello da Silva. Traduit du Portugais. Paris 1861.

Imagine de la vita Christiana de Hector Pinto. Medina del Campo 1579.

Imperio de la China y cultura evangelica en el. Obra de Alvaro Semedo. Madrid 1642.

Isaac le Maitre de Sacy. Vie de D. Berthelemy des Martyres, traduite de l'espagnol et du portugais, et abregée par Ant. Caittot. Paris 1834.

Isidoro Gil. Traduzio em hespanhol o Bernal Francez de Garrett, no jornal El Laberinto. Madrid 1845.

Jacob Quetif. Cathecismus Domini Bartholomaei a Martyribus. Romae 1735.

Jacques de Jant. La Meduse, bouclier de Pallas, ou défense pour la France contre un libelle intitulé Le Bouclier d'Etat pour ce qui concerne le Portugal. Traduction du portugais en français. Dijon 1768.

Jacques Vincent. L'histoire de Chevalier Palmeirim d'Angleterre, etc. Traduit du Castillan en François. Lyon 1553. Paris, 1574.

Jean Baptiste Glen. Histoire orientale des grands progres de l'Eglise Catholique Apostolique et Romaine, en la reduction des anciens chrestiens dits de Saint Thomas... Conversion encore des mahometans, mores et payens, par les bons devoirs du rarissime et illustrissime seigneur don Alexis de Menesés, composée en langue portugaise par Antoine Govea, et puis mise en espagnol par François Munéz et tournée en français par —Bruxelles 1609. Cologne 1611. Anvers 1609.

Jean Baptiste Louis Joseph Billecocq. Voyages au Thibet faits en 1625 et 1626 par le Pére d'Andrada. Paris 1797.

Jean Beller. Historiale description de l'Ethiopie contenant une vraye relation des terres et pais du grand roy et empereur Pretre Jean. Ouvrage du Pere F. Alvarez. Anvers 1558.

Jean de Lobkowitz Caramuel. Psalterio de D. Antonio rey de Portugal en que confiesa a Dios sus culpas. Bruxellas 1635.

Jean Thomas Freigius. Historia de Bello Africano, in quo periit Sebastianus Portugalliae rex anno 1578 una cum ortu et familia Regum Africanorum nostri temporis ex Lusitano sermone in Latinum translata. Noribergae 1581.

Jean Waesberghe. Amadis de Gaule. Traduction. Anvers. 1561.

Joachim le Grand. Relation historique d'Abyssinie du Père Jerome Lobo, traduite du portugais, continuée et augmentée. Paris, 1728.

Histoire de l'Isle de Ceylan du capitaine Jean de Ribeiro. Traduite du Portugais. Trevoux, 1701.

Jo: Facundi Caesaraugustani. Historia Ecclesiæ Malabaricae cum Dimaperitana Synodi apud Indos Nestorianos S. Thomae christianos nuncupatos, coacta ab Alexio de Menezes, anno 1599 nunc primum e Lusitano in Latinum versa. Romae, 1745.

John Adamson. Na sua Lusitania Illustrata publicou vertidas em inglez um grande numero de poesias do nosso grande poeta Almeida Garrett. New Castle, 1846.

Juan Aristizaval. Lo Catecismo de Fray Bartholomeo de los Martires. Madrid. 1564.

Juanetin Niño (Fray.) Chronicas antiguas de la Orden de los Frayles menores de nuestro Serafico Padre S. Francisco del R. S. D. F. Marcos Obispo del Puerto, dispuestas y ordenadas en el Convento de S. Antonio de Salamanca. Salamanca, en la Imprenta de Antonia Ramirez. Ano 1626.

Juan Ochoa de la Salde. Chronica del esforzado principe y capitan. Jorge Castrioto Rei de Epiro ó Albania traduzida de lengua portugueza en castellana. Madrid, 1597.

Justification des armes de D. Pedro roy de Portugal pour delivrer les espagnols de la servitude des Français. Amsterdam, 1704. (É traducção da obra portugueza de Antonio Rodrigues da Costa.)

L. Coulon Histoire nouvelle du grand Royaume de la Chine par le Père Alvaro Semedo. Paris, 1647. Lyon, 1667.

Le Grand. Voyage historique d'Abyssinie en 1631 traduit du portugais, continué et augmenté. Paris, 1728 Amsterdam, 1728.

L'heureux voyageur, ou les aventures de Mendez Pinto, portugais. Amsterdam 1770. (Este resumo das viagens do nosso celebre escriptor vem na obra intitulada «Les vicissitudes de la Fortune.)

Lettres Portugaises. Traduites en français. Paris, 1669. Ibid 1673. Ibid. 1806. Ibid. 1824. Amsterdam, 1669. Cologne, 1681. Ibid. 1699. Ibid 1693. Ibid 1742. Haye, 1682. Ibid 1688.

Libro del infante don Pedro de Portugal, que anduvo las quatro partidas del mundo Çaragoça, 1570. Barcelona, 1595.

Lorenzo, Comte de Magalotti. Relazioni varie, cavate da una traduzione dell'originale portoghese del Nilo, y perche il Nilo inondi e metta sotto le campagne d'Egitto nei giorni del maggior caldo d'Europa etc. Florença. 1693.

Lucio Spineda. Palmeirim d'Inghilterra. Venezia, 1584

Luiz Hortado. Libro del muy esforçado cavallero Palmeirin de Inglaterra. etc. Toledo. 1547—1548.

L. de Claranges Lucotte. Les Brahmanes par Francisco Luiz Gomes. Lisbonne. 1870.

Manuel Rodrigues. (Fray.) Lo Catecismo de D. Fr. B. de los Martyres. Salamanca, 1602.

M. Martini. Histoire universelle de la Chine, par Alvaro Semedo. Lyon 1667.

Melchisedech Thevenot. Histoire Generale de l'Ethiopie par le P. Balthesar Telles. Paris, 1674.

Michel Godeau. Compendium spiritualis doctrinae a D. Bartholomeo a Martyribus. Paris, 1699.

Merkwurdige reyzen von Fernan Mendes Pinto. Amsterdam. 1671.

Miguel de Selves. Historia de las cosas de Ethiopia, del estado y potentia del Prete Juan. Emperador della, de la religion y cerimonias de aquella gente, segun que fue testigo Francisco Alvarez, Capellan del Rey don Manuel de Portugal. Toledo, 1588.

Nicolas de Gouchy. Le premier livre de l'Histoire des Indes, contenant comment l'Inde a eté decouverte par le commandement du roy Emanuel, et la guerre que les capitaines portugais ont mené pour la conqueste d'icelle escripte par F. L. de Castanêda. Paris, 1553. Anvers 1554.

Nicolas Trigant. De Christiana expeditione. Opus Benti de Goes. Romae, 1617.

Nouvelle description de la Chine contenant la description des particularités les plus considerables de ce grand empire, composeé en l'année 1668 par G. de Magaillans. Paris, 1668.

Ortaire de Fournier. Le naufrage de Sepulveda et de Leonor Telles. Poema de Hieronino Corte Real. Paris, 1848.

«La Niéce du Marquis par Almeida Garrett. Na Revue Lusitanienne. Lisbonne, 1852.

P. B. Iteneraire du Portugal. Traduit du Portugais. Bordeaux, 1810.

P. Garnier. Anatomie Pathologique et symptomalogie de la fievre jaune, qui a regné a Lisbonne en 1857. Traduit du portugais de P. F. da Costa Alvarenga. Paris

«Memoire sur l'insuffisance des valvules aortiques et considerations generales sur les maladies du coeur. Du même auteur. Paris, 1856.

Pedro Padilla. Lo segundo Cerco de Diu. Poema de Hieronymo Corte Real. Alcalá, 1597.

Patricio de la Escossura (D.) Codigo civil Portugues traducido. Madrid, 1868.

Pater Wickek. Life of D. John de Castro composed by J. F. de Andrada. London, 1664.

Pierre du Ryer. Les psaumes de D. Antoine, roy de Portugal, où le pecheur confesse ses fautes et implore la grace de Dieu. Paris, 1645.

Pierre Rou. Les psaumes de D. Antoine de Portugal precedés d'une dissertation sur le vous et le tu en parlant á Dieu. Haye, 1691.

Primo viaggio intorno al globo terraqueo, ossia Ragguaglio della navigazione alle Indie Orientali per la via d'occidente fatta sulla squadra del capitano Magaglianes negli anni 1519—1522. Milano 1800 Ibid 1805.

Projet de code réglementaire du credit foncier portugais par M. da Silva Ferrão. Bruxelles, 1859.

Raymond de Hezecques Doctes et rares sermons pour tous les jours de Careme prononcés en Portugal par R. P. F. Antoine Feo.... Nouvelle traduction en françois. Paris 1681.

Relation des grandes guerres et victoires obtenues par le roy de Perse Cha Abbas contra les empereurs de Turquie Mahomet et Achmet.... par le R. P. Anthoyne Gouvea. Rouen. 1646.

Relation de l'empire des Abyssins et des sources du Nil avec des remarques. Composée en portugais par le P. Jeronyme Lobo. Paris, 1674.

Rélazione del reame di Congo. Di Duarte Lopes. Roma, 1591.

Relation historique d'Abissinie du P. Jerome Lobo, Jesuite, traduite du Portugais, continuée et augmentée de plusieurs dissertations, lettres et memoires. Paris, 1728.

Relation of the conquest and invasion of Florida by the Spaniards, under the command of Fernando de Soto, written in portuguese by a gentleman of the town of Elvas. London, 1686.

Relation de la nouvelle du grand Cathay, ou bien du royaumede Thibet, par le R. P. A d'Andrade. Pont-á-Mousson. 1628.

Relazione della grande monarchia della Cina. Opera de A. Semmedo. Roma. 1643. Ibid 1653.

Relazioni varie, cavate da una traduzione Ingleze dell' originale Portoghese, ove si tratta del Nilo. Firenza. 1693.

Relation de l'Ethiopie par D. Affonso Mendes. Lille. 1633.

Reysen von Fernan Mendes Pinto. Amsterdam, 1652.

Richard Hakluyt. The discoveries of the World from their first original unto the year of our Lord 1555, by Antonio Galvano, governor of Ternate. London. 1601.

A new edition reprinted with the original Portuguese Text and edited by Vice Admiral Bethune. London. 1862.

Robert Southey. Amadis de Gaul. By Vasco Lobeira. From the Spanish version of Garci Ordonez Montalvo. London. 1803. 4. vol.

Palmeirin of England. London 1807, 4. vol.

S. G. Pavillon. La Diane de George de Montemayor. Paris, 1603.

Souffrances de N. S. J. Christ. Traduites du Portugais de Fr. Thomás de Jesus. Paris, 1848.

Thomas Padilla,. Historia de las cosas d'Etiopia de Francisco Alvares. Anvers. 1557, Çaragosa, 1561. Toledo, 1588.

Translation of the speech of his excellency Senhor Antonio de Azevedo Mello e Carvalho delivered in the Chamber of deputies, on 2 of May of 1856, Liverpool, 1857.

Thomaz Moore Murgrave. D. Ignez de Castro by A. Ferreira London.

Unjust proclamation of his serene highness the infante don Miguel as

king of Portugal. By the desembargador Antonio da Silva Lopes Rocha. London, 1829.

Wolfgangum Eder (P). Betrangniissen unsers Erlosers. Christi etc. Munchen 1707. Ibid 1745. (1)

IV

Algumas palavras a respeito das glorias Portuguezas

Portugal apresenta realmente um espectaculo maravilhoso nos annaes do mundo!

Principiando por um insignificante condado, limitado pelo reino de Castella, Oceano, e pelas povoações submettidas aos mouros, rompendo á força de esforços quasi incriveis todas as barreiras, e diques, que se oppunham ao seu engrandecimento, constitue-se em reino independente, sendo seus adversarios, depois de vencidos na lucta obrigados a reconhecer a nossa autonomia! Depois, não tendo já com quem sustentar lucta na Peninsula Hispanica, e não querendo deixar consummir no ocio os brios militares, dirige seus exercitos para as plagas Africanas, e Ceuta cae debaixo do poder dos portuguezes, e o estandarte da cruz tremula na propria Berberia!

É por isso que o Barão de Septenville diz judiciosamente: «Realmente foi uma raça de heroes a d'esses valentes lusitanos, que conseguiram anniquillar o poder sarraceno, e levantar por cima de suas ruinas fumegantes, uma nação forte e independente.

«Certamente foi um povo patriota aquelle que, curvado debaixo do pezo de seu infortunio, obrigado a obedecer ao vencedor, vigiado nos seus

---

(1) De proposito se não falla nas diversas traducções das obras de Camões, porque differentes escriptores teem tractado d'este assumpto A este respeito podem-se consultar:

John Adamson. Memoirs for the life of Camoens.

Sr. Innocencio F. da Silva. Diccionario Bibliographico.

Sr. Visconde de Jorumenha. Nova edição das obras de Camões vol. 1.º

O sr. conde de Lavradio, ha poucos dias fallecido em Roma, acaba de deixar um valioso legado á Bibliotheca Publica de Lisboa: a traducção hollandeza das Peregrinações de Fernão Mendes Pinto, e as viagens de Duarte Lopes em italiano. Como as traducções das nossas obras são difficilimas de se obterem, esta deixa torna-se por isso de muito apreço Deixou á mesma Bibliotheca uma collecção das actas das antigas côrtes portuguezas, que tinha comprado aos herdeiros de Lord Stwart.

menores movimentos, desprovido de recursos, mas não de esperanças, teve coragem bastante para recuperar sua liberdade, e bastante energia para a conquistar.

«Mas com que nomes saudar esses ousados navegadores para sempre celebres, que desprezando a morte, rindo se dos perigos, sem outro alvo, que o de se sacrificarem pela gloria de seu paiz, foram erguer o estandarte portuguez, e obrigar os indigenas do novo mundo a inclinarem-se perante o sceptro da casa d'Aviz, ou debaixo da authoridade da de Bragança?

«Que glorioso titulo não mereceram esses reis de Portugal, esses cavalleiros coroados, que, tendo nas suas mãos a sorte e o futuro dos paizes d'alem mar, souberam-n'os tirar do estado de baldios improductivos para d'elles formar uma fonte inexgotavel de riquezas, um Pactolo deslumbrante, uma terra da promissão para a qual a Europa em pezo se vinha fornecer? Os navios fazem se de vela, sulcando mares desconhecidos, e voltam carregados de ouro, e de metaes preciosos. (1)»

Mas não é sómente Ceuta a constrangida a submetter-se ao dominio portuguez: Tanger, Alcacer Ceguer, Arzilla, Azamor, Tite, Almedina, Mazagão, e outras povoações participam da mesma sorte! (2)

Porem todas estas cidades eram já conhecidas não só dos portuguezes, mas até dos povos antigos, e Portugal propõe-se a patentear á Europa, pasmada uma immensa fileira de paizes e de povos, dos quaes nem ainda em tempo algum se tinha ouvido fallar, e cuja existencia até mesmo repugnava á intelligencia de muitos sabios.

Porto Santo, Madeira, Açores, Senegal, Cabo Verde, Arguim, Gambia, Cazamanza, Rio Nuno, Cabo Bojador, Serra Leoa. (3)

Rios de Bessegue, S. Vicente, Verde, dos Furnos, Zaire, Congo, Cabo de Santa Anna, Mina, Cabo da Boa Esperança, Abyssinia, S. Thomé, Principe, Terra do Natal, Moçambique, Melinde, Quiloa, Mombaça, Ca-

---

(1) Baron Edouard de Septenville. Découvertes et conquêtes du Portugal. Paris, 1863. Introduction pag. IV e V.

(2) Nous longions les côtes escarpées du Maroc. Les monts s'y etagent les uns sur les autres, sombres, gris, denués de vegetation: quelques petites tours ruinées, restes d'anciennes defenses portugaises dominent par fois un port désert... M. F. Schickler. Tour du Monde de 1860, 1.° semestre pag. 5.

Quantas vezes não são citadas as glorias portuguezas n'este excellente jornal, que percorre todo o mundo!

(3) Sierra Leone. C'est un nom espagnol corrompu: il faudrait dire Sierra Leona: et, comme ce sont des Portugais, qui ont découvert ces parages, le nom Portugais Serra Leoa serait encore plus convenable. Cortambert. Leçons de Geographie. pag. 302.

Gecut. Brasil, Magadoxo, Sacotorá, Ormuz, Sofala, Labrador, Terra Nova, Ilhas d'Ascensão, de Santa Helena, de Tristão da Cunha, de Maldivas, de Molucas, d'Amboino, Celebes, de Macassá, de Ceilão, Zanzibar, Madagascar, Arabia, Persia, Malaca, Cabo de Guardafui, Sião, Java, China, Pegu, Jafanapatão, Travancor, Estreito de Magalhães, Cochichina, Australia...

Mas basta. Eram tantos e tão diversos os paizes aos quaes os portuguezes levaram a civilisação Europea, que D. João III mandou fundar em Goa o Seminario de Santa Fé para n'elle serem educados meninos Canarins, Decanis do norte, Malabares, Chingalás, Bengalas, Pegus, Malaios, Jaos, Chinas, e Abexis. (1)

---

(1) D. Fr. Francisco de S. Luiz. Indice Chronologico das Navegações, Viagens, Descobrimentos e conquistas dos portuguezes pag. 105.

Ainda que a nação portugueza se sustentou gloriosamente por seculos, nada comtudo a faz mais recommendavel que o que fez n'estes ultimos tempos por suas descobertas e conquistas em o mundo novo. Ha nada mais illustre que o ter levado nossa religião até ás extremidades da terra, e o ter feito com que uma infinidade de nações mergulhadas nas trevas do Mahometismo, ou Idolatria abrisse os olhos á luz? Ha nada mais famoso que ter levado a todos os povos da Europa a facilidade do commercio, de que gozam hoje, abrindo-lhes um caminho até então desconhecido, para reunir no seio d'elles os thesouros e riquezas dos paizes mais longinquos?

Mesmo sendo pouco commovidos d'estas grandes vantagens, devemos sentir, que lhe devemos nosso reconhecimento por nol-as terem grangeado, especialmente se attendermos a que são o fructo de duzentos annos de trabalhos e de fadigas immensas.

Durante este longo periodo de tempo vê-se esta nação, no decurso d'uma historia continuada e sempre interessante, vencer os obstaculos os mais invenciveis por meio d'uma paciencia e coragem a toda a prova, apresentar grandes homens em todos os generos, terem a superioridade, apezar do seu pequeno numero, em toda a parte que se apresentam; (1) estabelecer sua reputação e seu dominio sobre a ruina dos imperios, forçar d'alguma sorte a fortuna a auxilial-os sempre por meio de prosperos successos.

Deve isto ainda parecer mais digno d'admiração, quando considerar-

---

(1) E hoje? Ao escrever estas linhas, (11 de Fevereiro de 1870) acabam de chegar as noticias de que fomos derrotados mais uma vez em Dilly. E quaes nos virão a respeito da guerra na Zambezia contra o Bonga! Quem sabe o que terá acontecido a estas horas.

A vista do exposto não é para admirar que os povos estrangeiros procurassem estudar a nossa lingua com o fim de poderem ter relações mais directas comnosco, do que é já uma prova o grande numero de traductores de obras portuguezas já mencionados, e cujo catalogo poderia ser incomparavelmente muito maior, pois basta notar que achando-se

---

mos que Portugal é um reino muito pequeno, e encerrado em limites muito estreitos, e que por isso não era natural presumir que podesse encontrar em si mesmo tantos recursos, formar tão vastas emprezas, abranger uma tão grande extensão de paizes, poder com tão grandes despezas, subjugar tão diversos povos, e pôr em acção um tão grande numero de individuos capazes de fazer com tão grande gloria terem seus projectos tão bom exito.

Não teem faltado á nação portugueza escriptores para celebrar a gloria de suas conquistas em linguas differentes da nossa, e talvez que o merito d'esses escriptores tenha desanimado aquelles d'entre nós, que tivessem querido emprehendel-a.

Lafitau. Histoire des découvertes et conquestes des portugais dans le nouveau Monde. Paris, 1734. Prefacio.

«Não é o proprio Portugal, que entregou alternadamente a Peninsula a Richelieu e á Inglaterra, e que, mais recentemente na presença da Europa abatida, inaugurou a lamentavel decadencia da França imperial?

«Por maior tristeza que possa inspirar a situação actual de Portugal, a historia d'este pequeno reino, não fica por isso menos umas das mais dramaticas e das mais maravilhosas. O imperador tinha tido o cuidado de recommendar o estudo d'ella nos Lyceus. Encontrava n'ella, com razão, uma excellente escola d'enthusiasmo e de heroismo para essas jovens gerações, que elle arrastava apoz si em todas as capitaes da Europa.

Que auge de gloria e de grandeza!

Apenas Portugal tocou seus limites naturaes, repelliu os infieis, confundio o orgulho castelhano, e fundou sua constituição interior, que não quer contentar-se sómente com o ser livre. Falta-lhe immediatamente o ar nos seus estreitos limites, e, impaciente de derramar fóra do paiz sua actividade, sua coragem, e seu zelo, eil-o que se apressa em levar á Africa a guerra, que tantas vezes de lá tinha vindo. D'ahi todos esses prodigios, que illustraram o seculo seguinte, as fecundas meditações do infante D. Henrique, todas as costas da Africa reconhecidas, a America descoberta, como uma magnifica recompensa conferida pelo acaso á audacia portugueza, o grande Oceano impunemente atravessado, as Indias descobertas, a Asia avassalada, todo o commercio do mundo mudado, e o homem entrando finalmente na posse de toda a sua residencia! Que

a vida de S. Francisco Xavier pelo nosso João de Lucena traduzida em varias linguas, nenhuma menção se fez d'ellas na lista das obras traduzidas.

Em 1538 vieram a Portugal quatro nobres Malabares só com o fim de aprenderem em Lisboa a lingua portugueza.

---

repentina revolução, e que nação poderosa levou jámais ao cabo empreza mais importante, etc.»

Auguste Bouchot. Histoire de Portugal sous la direction de mr. Duruy. Paris, 1854.

«Sem a descoberta de Vasco da Gama a luz da liberdade apagava-se de novo, e talvez para sempre.

«Os turcos iam substituir essas nações ferozes, que, das extremidades da terra tinham vindo substituir os romanos, para se tornarem como estes, o flagello do genero humano, e nossas barbaras instituições teriam sido substituidas por um jugo ainda mais pesado. Este resultado era inevitavel, se os ferozes vencedores do Egypto não tivessem sido repellidos pelos portuguezes nas differentes expedições tentadas por aquelles nas Indias.

As riquezas da Asia lhes asseguravam as da Europa.

Senhores de todo o commercio do mundo, teriam tido necessariamente a mais formidavel marinha, que em tempo algum se vio no mundo. Que obstaculos teriam podido conter este povo, que era conquistador pela indole de sua religião e de sua politica?...

Se nos devemos assombrar do numero das victorias dos portuguezes, e da rapidez de suas conquistas, que direito não teem á nossa admiração seus homens intrepidos? Tinha-se visto até então uma nação com tão pouco poder fazer tão grandes cousas? Não havia quarenta mil portuguezes em armas, e comtudo faziam tremer os imperios de Marrocos, todos os barbaros da Africa, os Mamelukos, os Arabes, o Oriente inteiro desde illa de Ormuz, até á China. Não eram um contra cem; e atacavam tropas, que muitas vezes com armas eguaes disputavam seus bens e sua vida até á extremidade. Que homens deviam então ser os portuguezes, e que machinismo extraordinario tinha formado d'elles um povo de heroes!...»

Raynal. Histoire Philosophique et Politique des etablissements et du commerce des Européens dans les deux Indes. Geneve, 1781, vol. 1. pag. 170, etc.

«A nação portugueza, em particular, póde revindicar a gloria da iniciativa das viagens longinquas, sobre o Atlantico, e das grandes explorações dirigidas para oeste e sul. Sua missão foi a de estabelecer as primeiras relações directas da Europa com a India por meio do oceano. Não é isto ainda tudo: a colonisação de metade da America do sul é obra sua.

E tanto para estes, como para os ethiopes, que já estavam estudando a nossa lingua na referida cidade, compoz o nosso insigne João de Barros a sua celebre grammatica da lingua portugueza.

Não é porem para admirar, que tal succedesse n'aquella epocha de tanta gloria, de tanta grandeza, hoje mesmo a lingua portugueza é uma das mais falladas no universo! E isto n'uma epocha, em que estamos tão decadentes, tão pequeninos!

Um povo, que se apresenta perante a posteridade com um egual titulo, está seguro que quaesquer revezes, que tenha depois experimentado, de conservar na historia um logar honroso, que ninguem lhe poderia contestar com ingratidão.» Charles Vogel. Le Portugal et ses colonies. Paris. 1860, pag. 2.

«Le navigateur qui descend du nord le long de la côte occidentale d'Afrique... dès qu'il a doublé le promontoire de Nun, borne rédoutable des anciennes navigations il ne voit plus á sa gauche qu'une haute falaise de roche... Aux environs du Cap Blanc cette falaise longue deja de plus de mille kilometres s'abaise, et fait place á une chaine de dunes. Celle ci vient enfin s'amoindrir vers le seizieme degré de latitude nord, dans une longue et mince langue de sable, á travers laquelle un grand fleuve se fraye un passage dans l'Ocean. Ce fleuve est le Senegal, un nom qu'il doit á la peuplade berbere Zenaga etablie sur sa rive droite alors que le navigateur portugais Lancelote ou Lancelot le decouvrit en 1447.»

«Depuis la découverte du Senegal et vraisemblablement jusqu'au milieu du seizieme siecle les portugais seuls naviguerent et trafiquerent dans ses aux. Leur presence même á une epoque plus rapprochée de nous y est constatée par leurs auteurs, par tous les explorateurs de la Senegambie, et particulierement par la conservation dans les idiomes *oualof*, *serere*, ou même *malinkè*, d'un certain nombre de mots evidemment d'origine lusitanienne, tels que *signare*, *rapace*, *argamace*, etc. Ce sont eux qui ont appliqué aux tribus nomades du Sah'ra occidental, melangées de Berberes et d'Arabes le nom generique de Maures. «Tour du Monde de 1861, pag. 17.

Existe na Bibliotheca publica do Porto uma obra intitulada. «Dictionarium Malaico Latinum et Latino Malaicum cum aliis quam plurimis quae quarta pagina edocebit. Opera et studio David Haex. Romae, 1631.» No fim do Diccionario Malaico Latinum ajuntaram-se algumas palavras portuguezas, que são usadas nas ilhas d'Amboyno, Banda, Java, e Malucas.

O numero das palavras portuguezas usadas por estes povos, e mencionadas na referida lista é de 143.

«La lingua portoghese, al pari dell'italiana, francese, e spagnuola, é

A lingua portugueza não está circumscripta ao povo, que a falla: ainda é a lingua do Commercio asiatico. Falla-se desde o Cabo Non até ás ilhas do Japão, e desde a Madeira até o Brasil.» Eis o que diz o traductor das poesias do nosso Filinto Elysio. (Mr. Sané. Poesie Lyrique Portugaise, pag. XC. Paris, 1808.

E é verdade. A lingua portuguesa não é sómente fallada em Portugal. É a lingua da Madeira e suas dependencias, dos Açores, do Cabo

---

filia della latina, ed è assai ricca, armoniosa, adattata alla poesia, á tutti generi di letteratura, ed in nulla inferiore alle sue sorelle.»

«Questa bella lingua non é ristretta al solo regno di Portogallo e alle sue isole nell'Europa; ma essa é pure la lingua del vasto impero del Brasile nell'America; essa é la lingua di cui si serve il commercio asiatico, e corre per tutta la costa occidentale e meridionale dell'Africa e dell'Asia: ed è per conseguenza una lingua che si parla, o s'intende in tutte le quattro parti del mundo.» D. Vittore Felicissimo Francesco Nabantino—Grammatica portoghese ad uso degl'Italiani. Parigi, 1869.

É numerosa a lista das Grammaticas escriptas para uso dos estrangeiros, que querem aprender a lingua portugueza. A de Vieyra conta já 13 edições.—A. Vieyra. A Grammar of the Portuguese language. 13. edition. Carefully revised, corrected and improved by M. G. Henriquez. London, 1869.

Quasi que se não pode ler uma obra geographica sobre qualquer paiz sem se encontrar uma referencia a feitos obrados por portuguezes

Munk, na descripção da Palestina, que faz parte do «Univers Pittoresque», seis ou sete vezes falla de Portugal, e isto, descrevendo um povo, que tão poucas relações teve com o nosso paiz.

Ida Pfeifer, a celebre e intrepida viajante n'uma das suas viagens em roda do globo, deteve se em S. Miguel (Açores) porque alli tinha um filho estabelecido.

No mais lido e talvez mais notavel jornal geographico «Le Tour du Monde» a cada passo se está fallando de Portugal. Comtudo ao terminar este artigo não deixarei de transcrever as seguintas palavras: «En fait de curiosités nous remarquons une portion de la croix de pierre apportée par Barthelemy Dias sur cette terre qu'il decouvrit, et qu'il nomma si bien le Cap des Tempêtes.» Fallando do Cabo da Boa Esperança.

Nous passons devant cinq forts construits sur pilotis, entierement á l'Europeenne, d'apres les plans donnés jadis par les Portugais.» Fallando do Japão.

«Le temps n'est plus on les intrepides Portugais etaient les dominateurs de ces mers: descendants degenerés sont reduits pour vivre á chercher un emploi dans les grandes maisons anglaises.» Fallando se de Macau

Verde, d'Angola, de Moçambique, e do Padroado Portuguez no Oriente, das possessões da Asia, e Oceania, do Brasil: é a lingua Europea mais fallada na Africa, e é ainda a lingua dos judeus de Hamburgo e Amsterdam!

Que povo tão pequenino houve jámais, que assim tornasse necessario o conhecimento do seu idioma!

É ainda uma lingua, que não sendo já fallada desde remotas eras em alguns paizes, com tudo n'elles ainda se encontram vestigios do seu emprego.

Em muitos reinos da Asia, especialmente nos portos maritimos falla-se um dialecto portuguez, como uma linguagem commum entre aquelles povos.

O capitão inglez King, na primeira visita, que fez á ilha Melville na costa do Norte da Australia, foi chamado pelos selvagens naturaes da ilha por estas palavras—*Vem acá*,—palavras que tinham aprendido dos portuguezes. (1)

Em 1833 tendo-se feito um tractado de commercio entre o rei de Sião e o governo dos Estados Unidos da America, apezar de ser escripto em inglez e siamez, se lhe juntou uma traducção em portuguez, para testimunho do seu conteudo. (2)

Póde-se seguramente affirmar que o Portuguez é fallado, por mais de 13 milhões d'individuos, distribuidos da seguinte fórma:

Brasil, 6 milhões.—Portugal e ilhas, perto de 5,—Possessões portuguezas e estrangeiros, 3.

Alguns escriptores estrangeiros se teem servido da nossa lingua, na composição das suas obras, entre os quaes se podem citar

Urcullu, Hespanhol. —Spinola Ardizone, Italiano. — Pierre Gendron, Francez. —Hugh Owen, Inglez.

Em 1863 começou em Paris a interessante publicação intitulada «L'Année Geographique» dirigida por Vivien de Saint Martin, e logo n'esse mesmo anno na pag. 59 e seguintes, debaixo do titulo «Le reveil des Portugais» se tracta das descobertas portuguezas na Africa.

(1) Panorama de 1842, pag. 56.

(2) Archivo Pittoresco de 1863, pag. 344. Em Sião ha um grande numero de descendentes portuguezes, fallando a nossa lingua, e tendo nomes portuguezes. Entre estes distingue-se Paschoal Ribeiro de Albergaria, mandarim e general d'artilheria de Sião.

Está já provado que a palavra mandarim é portugueza, e que o nome chinez, que lhe corresponde, diversifica muito da nossa palavra portugueza.

Sobre a etymologia de Portugal

Eis o que a tal respeito nos diz D. Francisco de S. Luiz na 2.ª Parte do volume XII das Memorias da Academia das Sciencias.

«O nome de *Portus-Cale*, que depois se disse *Portucale*, foi primeiramente dado a um logar situado ao sul do Douro, na margem esquerda d'este rio, no sitio, pouco mais ou menos, onde hoje está a povoação de Gaya, o qual, porque era ancoradouro de barcos e navios, e tinha no alto o antigo castello de *Cale*, conhecido e commemorado pelos escriptores romanos, começou a denominar-se *Portus-Cale*, e depois com pouca alteração *Portucale*, *Portugale*, e ultimamente *Portugal*.

Era natural que na margem opposta do rio, ao norte d'elle, se fosse pouco a pouco estabelecendo (como em semelhantes circumstancias costuma acontecer) outra igual povoação, tanto para commodidade dos povos, que habitavam uma e outra margem, como para facilidade do trato commercial e maritimo com as terras, que ficavam mais ao interior das provincias, que o rio separava e demarcava.

N'este lugar, e no mais alto d'elle se fundou tambem castello para defeza, segundo a practica d'aquelles tempos. E como, pelo decurso dos annos crescesse e prosperasse mais esta povoação, foi ella tomando, e ficou conservando, quasi exclusivamente, a denominação de *Portus-Cale*, designando-se nos antigos documentos, ora com este simples nome, ora com o de *Castrum Portucale*, ora com o de *Locus Portucale*, e chamando-se talvez *castrum novum* para differença do outro *Portucale*, que se dizia *castrum antiquum*. (1)

Este mesmo lugar continuou a crescer em povoação, e chegou a ter igreja cathedral, e Bispo, de sorte que já no Concilio III. Toletano, celebrado no an. de 589, anno 4. do rei Recaredo, se nomeia *Portucalense*, tanto o Bispo catholico Constancio, que a elle assistio (2), como o Bispo Ariano, intruso por Leovigildo, que ahi abjurou a heresia. (3) E d'ahi em diante nos concilios Toletanos, no Bracarense provincial III, e em outros escriptos se acham frequentes subscripções, ou memorias dos Bispos *Portucalenses*, assim denominados da cidade capital, que deu o nome á Sé, e do qual se extendeu (como era pratica) a toda a diocese, que tambem se chamava Portugallense.»

No artigo 2.º pretende este illustre escriptor provar:—Que antes do casamento do conde D. Henrique já o nome de *Portucale* se estendia a um territorio mais amplo que a diocese.

---

(1) V. Idatii Chron. ao an. 457. 459. 461. Isidor. Hist. Gothor. etc.

(2) Constantius Portucalensis Ecclesiae Episcopus subscripsi.

(3) Argiovitus in Christi nomine civitatis Portugalensis Episcopus, anathematizans haeresis Arianae dogmata... etc.

No 3.°—Que o territorio de Portucale já antes do casamento do conde D. Henrique figurava algumas vezes sobre si, como se fosse separado da Galliza Romana.

Tanto os habitantes d'este territorio, como os de todo Portugal, mesmo em tempos muito posteriores (segundo a opinião do nosso primeiro escriptor o sr. Alexandre Herculano), eram designados em latim pelo nome de Portugallenses ou Portucallenses. (1) E sómente, quando em Portugal se cultivou a litteratura Grega e Romana, e se estudaram nossas antiguidades Romanas, nos começaram a chamar Lusitanos, apezar de haver realmente muita differença entre o territorio occupado modernamente pelo reino de Portugal, e o antigo paiz habitado pelos Lusitanos. Ainda Matheus Pisano, chamado a Portugal para escrever a historia da tomada de Ceuta pelos Portuguezes, nos tracta constantemente pelo nome de Portucallenses. Porem alguns annos mais tarde, D. Garcia de Menezes, Henrique Cayado, Cataldo Siculo, (2) Ayres Barbosa, e varios outros substituiram este termo pelo de Lusitani.

(1) O sr. A. Herculano. Historia de Portugal. Introducção vol. 1.°

(2) As obras d'este poeta, faltas de rosto, existem na Bibliotheca Publica do Porto, e constituem uma das maiores raridades d'este estabelecimento. Julgo serem o unico exemplar existente em Portugal.

*

APPENDICE

AO CAPITULO II DO LIVRO I

Sobre os antigos monumentos do paiz

«O progresso é gordo e ancho: não cabe, onde quer que esteja um monumento».

Sr. Alexandre Herculano. Panorama, vol. IX, pag. 404. (1)

«Os mosteiros e igrejas, ás dezenas e aos centenares se vendem com sepulchros e tudo, para salas, para theatros, para botequins, para cavalhariças!»

Sr. A. F. de Castilho. Almanach de Lembranças de 1857.

«Em nossos tristes e minguados dias vai cahindo quanto ha nobre e antigo, ás mãos de innovadores plebeus.»

A. Garrett. Arco de Sant'Anna vol. I.

Apezar das discretas palavras de tão eloquentissimos escriptores, e de muitos outros, que deixo de citar sacrificando á brevidade, os edificios antigos continuaram, e continuam a ser arrazados! Mais alguns annos de destruição, e Portugal ficará sem os monumentos, que nossos antepassados tão generosos nos legaram. É um furor incomprehensivel o que se apoderou da geração actual para deitar abaixo quanto é antigo, embora a isso andem annexas as mais gloriosas recordações patrias. Talvez pareça exageração, mas não o é, os bellos restos dos monumen-

(1) Sr. Alexandre Herculano. Os monumentos. Panorama de 1838, pag. 267. «Destruimos, porque a destruição é uma vertigem do tempo, uma febre, que devora, não os corpos, mas os espiritos.» pag. 268. «Agora derrubam torres e curucheus, partem columnas, abatem muros, quebram lousas de sepulchros, e apagam todas as provas da historia.» Id. pag. 275. «O vandalismo é cortezão, civil e affavel, Que não veja um monumento, e será o ente mais pacifico do mundo. Mas desgraçadamente o velho Portugal estava cuberto de recordações do passado.» Id ibid.

tos gregos, poupados pelas vicissitudes dos tempos e pela barbaridade dos Turcos, assim como estanceiam na Grecia, tivessem elles estado em Portugal, já não existiam! E que outra conclusão podemos tirar á vista do que se tem passado ultimamente n'este paiz? Ao ver todos os dias desabar em ruinas os monumentos da historia, da arte e da gloria nacional! (1)

Em summa refiramos uma tenuissima parte do que se fez, e do que se está fazendo.

O tumulo, em que no convento do bom Jesus da villa de Peniche jazia o cadaver de D. Luiz de Attaide foi desfeito! (2)

A sumptuosa egreja de S. Francisco do Porto, um dos primeiros monumentos d'uma povoação tão frequenteda de estrangeiros, foi destinada, e servio effectivamente por algum tempo de armazem de mercadorias, annexo á alfandega d'aquella cidade! (3)

Pela mesma epoca as paredes do admiravel claustro do convento de Santa Maria de Belem foram caiadas! (4)

Foi então que a egreja de Santa Marinha, em Lisboa encerrando memorias anteriores á fundação da monarchia foi arrazada, para hoje n'aquelle local de nenhum transito apparecer um insignificante largo, e igual sorte coube á de S. Martinho, embora n'ella estivessem os restos do conde d'Andeiro! (5)

Foi ainda por essa epocha que um estrangeiro obteve por meio de seus esforços salvar a capella dos Castros no convento de S. Domingos de Bemfica, já votada á destruição. (6)

Tambem por essa epocha a egreja da collegiada de Guimarães, um dos nossos mais bellos monumentos da epocha de D. João I, foi pintada e caiada! e os lavores dos capiteis e cornijas quebrados, substituidos por pedras brancas, estas cobertas de madeira dourada! (7)

A veneranda egreja de S. Domingos de Santarem, monumento de Sancho II, recheiada de inscripções historicas, jazigo de varões famosissimos, foi convertida n'um palheiro, e o claustro n'uma praça de touros! E o tumulo da infanta D. Constancia na egreja de S. Francisco da mesma cidade servindo de cabide a sellins e arreios!

---

(1) Panorama de 1838, pag. 275.

(2) Id. pag. 275.

(3) Id. 276.

(4) Panorama de 1838, pag. 276.

(5) Nem vestigios já existem d'estas duas egrejas de Lisboa. Esta segunda estanciava n'um recanto defronte do Limoeiro,

(6) Panorama de 1838, pag. 277. Onde irão parar as cinzas do grande historiador Fr. Luiz de Sousa, existentes ainda n'este convento? Não é muito fóra de proposito fazer esta pergunta.

(7) Panorama de 1839, pag. 44.

E ainda na mesma povoação a porta de Vallada e o arco de Palhaes foram arrazados, para com a pedra se calçar uma rua! E para o mesmo fim foi arrasada a torre da villa de Moncorvo!

Em summa, os venerandos restos do monumento de Nuno Alvares Pereira em Lisboa estiveram para ser postos em leilão. Parece que este não chegou a effectuar-se, a cantaria não foi removida do seu local, mas em compensação a capella mór de tão venerando edificio por longos annos esteve servindo de estrumeira pertencente ao quartel da Guarda Municipal a cavallo, em Lisboa!!

Realmente ha de parecer isto incrivel á posteridade, mas saiba ella ainda mais, que o recinto do magnifico monumento romano na cidade de Evora por largos annos esteve tambem servindo de matadouro do gado, que se consomme n'aquella cidade!

Quem ignora que o mosteiro de Leça de Ballio, nas proximidades do Porto, é um dos mais bellos monumentos nacionaes. Que bellezas architectonicas, e que recordações historicas alli existem! Alli fomos em 1862, e alli encontramos os sobrados interiores da torre n'um tal estado de podridão, que já não era possivel, sem grave perigo, subir ao alto da torre para d'alli contemplar tantos logares tão cheios de recordações historicas.

Não sabem todos que ao arco da Vandoma no Porto andavam annexas recordações anteriores á fundação da monarchia? Attribuiam-n'o aos Gascões. Mas quaesquer que fossem seus fundadores, era antiquissimo e inoffensivo. Sua existencia a ninguem prejudicava, porem apezar d'isso em 1854 foi arrasado com o pretexto de desobstruir o caminho para quem se quizesse dirigir á cathedral, isto é, a um local o menos frequentado d'aquella cidade.

N'aquella mesma povoação havia contiguo á alfandega velha um edificio notavel por suas lindas portas e janellas, de antiga data. Era edificio antigo, e tanto bastou para ser arrasado, e no seu local construir-se um bem desagradavel e prosaico predio. (1)

Monte-mór o velho é uma antiquissima villa, mas que nada póde apresentar digno de ser visitado pelo forasteiro, senão o seu amplissimo castello, notavel em a nossa historia, e o qual visto de longe offerece um

---

(1) Foi isto talvez em 1857 ou 1858.

Na egreja do convento da Trindade de Lisboa existiam jazigos de muitos varões illustres, tudo, porem, desappareceu, nem vestigios ficaram.

Em 1869 estivemos em Grijó. Algumas paredes no Claustro estavam prestes a desabar. As lousas das sepulturas, umas estavam levantadas, e outras com uma abertura feita no meio, ou para verem o que estava dentro, ou metterem o braço, e tirarem o que lá estivesse. Oxalá que salvem um bello tumulo ainda existente alli.

lindissimo espectaculo. Apezar, porem, de ser o unico monumento d'aquella povoação, lá vai todos os dias sendo arrasado, utilisando seus habitantes a pedra em differentes misteres. Que barbaridade!

Mas que admira isto, quando não ha muitos dias os nossos jornaes se occuparam do maior acto de vandalismo da nossa epocha, nada menos que de terem construido um palheiro por cima do jazigo de D. Ignez de Castro em Alcobaça! Que horror!

Nem os proprios livros teem escapado! A rarissima edição *princeps* de Homero existente na Bibliotheca (2) publica do Porto foi furada de lado a lado com uma bala. As nossas chronicas monasticas, obras sem cujo auxilio, não é possivel dar um passo no estudo da historia do paiz, foram freneticamente destruidas, a ponto de rarissimos exemplares escaparem.

Porem este artigo já vai longo, e o mal quasi que não tem remedio.

Pede, porem, a justiça que se diga que nem todo o vandalismo é de epocha recente. Ha memoria de que os frades e conegos tambem destruiram muita cousa, que devia ser conservada, e de que em varias epochas se arrasaram monumentos. Uma torre do tempo dos romanos foi demolida em Santarem para dar passagem ao coche, que transportava D. Maria I. Porem toda esta destruição não póde de fórma alguma estar em parallelo com o que se tem feito desde 1833 até nossos dias.

Em 1798 n'umas excavações feitas em Lisboa descobriram-se ruinas d'um Theatro Romano. Era logico, era proprio de gente civilisada, que se desenterrasse tudo quanto fosse necessario para se patentearem as riquezas archeologicas alli existentes; pois deixou-se lá ficar tudo, e construiu-se o predio por cima. (1)

---

(1) «Na excavação da rua de S. Mamede, que fica inferior á da Saudade, bem defronte da torre da Sé, um pouco acima da paroquial igreja de S. Martinho, descobriram-se no anno de 1798 umas ruinas de Theatro Lisbonense, ás quaes se reduzem a uns fragmentos do mesmo Theatro, comprehendendo os degraus ou assentos da platéa, e o pavimento da orquestra, uma base mixtilinea, ou envasamento de marmore alternadamente formado em quadrangulos e semicirculos, a qual base era do proscenio, sobre a qual estava o chamado pulpito ou tablado, em que representavam os actores. Uma inscripção em honra de Nero, gravada em letras ferraes na face do proscenio, que olhava á parte circular do Theatro na correspondencia dos assentos da platéa, outra inscripção de certos libertos n'uma lapida, ou mais propriamente cippo de cinco palmos de comprimento, e dois e meio de largura, duas estatuas marmoreas de Sileno, das quaes uma se achava muito mais bem conservada do que outra. Umas poucas de columnas estriadas, e capiteis da ordem Jonica. Uma enfiada de pedras de silharia, sem se lhes divisar rasto de que tivessem sido unidas com precintas de cal, ou argamaçadas.

O nosso João Bautista de Castro mui por alto falla das antiguidades romanas, e nada nos diz dos monumentos ou vestigios, que da sua exis-

---

A primeira inscripção parece querer dizer que Caio Heio Primo, Flamine Augural perpetuo fez erigir aquelle proscenio e orquestra á sua custa em honra de Nero Claudio, Cesar Augusto.

«A segunda declara que varios libertos levantaram aquelle padrão em honra de Caio Heio Primo, Flamine Augustal perpetuo, liberto de Caio.»

> Luiz Antonio de Azevedo. Dissertação critico-philologica sobre o verdadeiro anno, manifestas causas e attendiveis circumstancias da erecção do tablado e orquestra do antigo theatro romano, descoberto na escavação da rua de S. Mamede, perto da castello d'esta cidade, com a intelligencia da sua inscripção em honra de Nero, e noticia instructiva de outras memorias achadas alli mesmo. Lisboa 1815. Com dez estampas, pag. 11 e seg.

O referido predio foi construido em parte d'um lanço da rua de S. Mamede, chamado o Entulho, porque alli existe um muito grande, quasi contiguo com a ermida de S. Chrispim (havendo de permeio sómente um predio) e onde hoje existe um quintal, pertencente a um particular. Talvez procedendo-se a excavações no dito entulho se venham a encontrar bastantes antigualhas.

É realmente para lamentar o limitadissimo numero de antiguidades romanas hoje existentes em Lisboa comparado com o que havia no tempo de Luiz Marinho de Azevedo. (Falleceu em 1652).

O referido escriptor faz menção das seguintes existentes em Lisboa no seu tempo:

Uma inscripção na parede da escada dos paços do Castello da banda direita, com as seguintes lettras:

Q. HIRRIUS
M. F. GAL. MA.
TERNUS H. S. E. (pag. 13).

Detraz da egreja de Sanctiago, junto á porta das casas de D. Pedro Fernandes de Castro está uma grande pedra de marmore vermelho jaspeado, e conserva ainda todas as lettras inteiras com a seguinte inscripção:

D. D.
L. CANTIO. L. F.
GAL. MARIN
EDILI.

tencia nos deixaram outros povos n'este paiz. As unicas antiguidades com que os escriptores se entretinham eram as gregas e romanas. A

VIBIA MAXIMA
AVIA ET
MARIA PROCUL.
MATER HONOR.
CONTENTAE
D. S. P. (pag. 14).

Uma inscripção no jardim de D. Maria da Silva, junto á egreja dos Anjos:

D. M.
CORNELIA GAMIC.
ANN. XXV.
ET CORNELIUS
VICTORINUS ANN. XV.
FRATRI ET SOROR
H. S. E.
M. AURELIO. M. F. GAL.
MARINO
HEREDES EX TEXTAMENTO.
C. (pag. 15).

Uma inscripção na parede da porta da Alfofa com as letras seguintes, que apenas se podem ler, e com ella outras pedras de folhagens e lavores de tempo de romanos:

M. TARQUIUS
M. F. GAL. MAX.
UMUS. H. S. E. (pag. 17).

Uma pedra sepulchral, que se vê pela banda de fóra da egreja da Magdalena, junto á parede da Capella mór, a qual esteve primeiro na parede das casas velhas de Eitor Mendes, e foi achada com uma urna de cinzas, que se mandou lançar no mar em tempo delrei D. Manoel, e contem as seguintes letras.

CURIA SEX FE
NDANA H. S. E.
TREBONIUS
TUSCUS VIR ET
AMOENA. M.
D. S. F. C.

Em um degrau da escada, que sobe para os paços da Alcaçova se vê

geração actual, porem, quer ir mais longe, e procura estudar os monumentos prehistoricos. Este genero de estudos, ou foi desconhecido, ou

---

uma pedra de jaspe roxo, a qual foi partida de outra, que era mais comprida, e as letras, que hoje se lem n'ella são as seguintes:

S. M. P. MYRTILUS
H. S. E. (pag. 24).

No paço do duque de Bragança, na parede junta da porta, que entra para a sala principal, está um cippo com a inscripção seguinte:

D. M. S.
POSTHUMIO VICILIONI ANNOR
XXXV. POSTHUMIVS FLORIA
NUS FRATRI PIENTISSIMO. (pag. 24).

Em um dos baluartes do chafariz delrei, que fica da banda de Alfama, ha outra pedra sepulchral, cuja leitura é:

Q. CASSIUS
CALVUS
H. S. E. (pag. 24).

Na porta travessa da Sé, da banda de cima, sobre a sepultura, que está mettida em um arco, se vê atravessada uma pedra sepulchral com estas lettras:

D. M.
AFRA L. AN. XXVI
H. S. E.
VETIO MARITUS
P. (pag. 25).

Defronte das casas do Bailio de S. Braz está uma pedra sepulchral caiada, de que apenas se lhe divisam estas letras.

Q. POMPEIUS Q.
FILIUS H. S. E. (pag. 25).

Uma pedra, que está ao pé da Cruz de Santiago, com que se tem embaraçado muitos antiquarios, que diz assim:

ASCLEPO
CLICINI
DECIMI (pag. 28).

Uma ara dedicada ao deus Esculapio. A qual está junto á porta de ferro no primeiro degrau da escada, que sobe para Nossa Senhora da

mui pouco cultivado pelos antigos. A quasi totalidade das descubertas feitas n'esta especialidade deve-se aos modernos. E a estes se deve a

---

Consolação. As letras, que na pedra se podem ler, são as seguintes:

AESCULAPIO
A U G
SACRUM. CUL
TORES EARUM
MARI.... S
M.... COSS....
.... MACRINUS
DONAVIT (pag. 29).

No postigo do arcebispo, quando vão para o campo de Santa Clara no arco, que fica sobre a porta, está encaixada uma pedra, que foi quebrada de outra maior, não reparando o official em lhe fazer similhante injuria, e as letras, que lhe ficaram, são as seguintes:

VEGETA
FLAMINIO
M. G. FILIUS (pag. 30).

Uma pedra, que está na esquina do baluarte pegado ao Chafariz del-Rei atravessada, e tão alta, que se não póde ler mais que:

MATER

Tambem em um baluarte, sobre que se edificaram as casas do conde de Portalegre, da banda do mar, está uma pedra atravessada, com muitas letras cubertas de cal, para que se não soubesse a antiguidade, que

couservam.

Um pedaço de columna mui grossa, que está junto a uma parede na Rua do Barão, defronte da ingreme, que desce a Praça dos Canos. (pag. 34).

Outro pedaço de columna mais grossa, que está em uma logea defronte das Casas do Correio mór. (pag. 34).

E pelos muros da cidade da banda do mar, e nas paredes da Sé da banda de fóra, e na porta da Alfofa, e no canto das casas dos provedores do Hospital Real se veem muitas pedras com lavores, e folhagens de tempo de romanos. (pag. 34.)

Uma pedra que está fóra da porta do Sol, junto a uma janella das casas do prior de Sanctiago, em que se faz menção de um sacerdote Augustal, e por estar mui alta, e as letras gastadas, se não podem ler mais que as seguintes:

MERCURIO. AUG.

certeza de que o homem existio em o nosso solo n'uma epoca mui anterior a toda a tradição historica, o que está demonstrado pelos objectos

---

SACRUM. C. TULIUS
. . . . . .
GUSTALIS. D. D. (pag. 38.)

Uma pedra na porta da Alfofa, já cuberta de cal, e em parte que ninguem repara n'ella, e contem estas letras;

QUADRATUS LEG. AUG. PR. PR. (pag, 41).

Uma pedra na igreja de S. Thomé de marmore vermelho jaspeado, partida pelo meio, servindo hoje os pedaços de lagens de sepulturas. Apenas se podem ler estas letras nas duas pedras divididas.

CLAUDIO D. VI.
CLAUDI F. SARMAT
. . . . . SARMAT. . .
DIVI AUG. . . . . ABN.
. . . . . pag. 77.

Uma pedra cerca de S. Vicente de Fóra com a seguinte inscripção.

D. M.
Q. FABI. F. ESTIUS.
AN. XL. ET.
Q. FABI. EVELPIS II. FRATR.
AN. XXX. SIIS. URBE ITALI
Q. FABIUS. ZOSIMUS. PRÆ. pag. 81.

Uma inscripção na esquina do Beco do Bugio, abaixo do igreja de S. Martinho.

SABINE AUG.
IMP. CÆS. TRAIANI
HADRIANI. AUGUSTI
DIVI. TRAIANI. DAC.
FIL. D. D. FELICITAS
JULIA OLISIPO
P E R.
M. GELLIUM. RUTILI
ANUM. ET JULIUM.
AVITUM. VERUM. (pag. 90.)

A base de uma estatua com todas as letras da inscripção na parede de umas casas, que estão indo do terreiro dos Martines para as Pedras Negras, defronte da travessa, que vae da Fancaria

encontrados no interior das nossas grutas. Deve-se, porem, confessar, que ha muito ainda que explorar. E quem sabe mesmo se descubertas

---

IMP. CÆS. IMP.
M. AUREL. F. ANTONIN.
AUG. DIV. PII. NEP. DIVI
HAD. PRON. DIVI.
TRAI. PARTHIC. ABNEP.
L. AURELIO. COMMODO.
AUG. GERMAN. SARM.
FEL. JUL. OLIS. PER. Q.
COELI
UM. CASSIANUM ET
M. FABRI
UM. TUSCUM IIII VIR (pag. 97).

Uma pedra dedicada ao imperador Filippe no baluarte, junto ao Chafariz d'el-Rei.

IMP. CAES. M. JU
LIO. PHILIPPO
PIO. FEL. AUG.
PONTIF. MAX.
TRIB. POP. II.
P. P. CON. CON. III.
FEL. JUL. OLISI
PO. (pag. 103).

Luiz Marinho de Azevedo. Fundação, antiguidades e grandezas da mui insigne cidade de Lisboa. Lisboa, 1753.

Todas estas antigualhas Romanas nos apresenta Luiz Marinho como notorias e conhecidas em Lisboa, e d'estas nem uma unica existe hoje. As que restam actualmente nesta cidade, foram descubertas n'uma excavação em 1749.

Não temos ainda (infelizmente) um corpo ou collecção das antiguidades Romanas existentes em o nosso paiz. Muitas das que Resende traz nas suas Antiguidades da Lusitania já não existem. Muitissimas outras se encontraram depois, a maior parte das quaes tambem já se sumiram e quasi diariamente se estão descubrindo outras, que em geral desapparecem. Ainda não ha muito que n'uma escavação se encontrou um lindissimo sarcophago Romano de marmore, que felizmente foi comprado pela camara municipal do Porto.

Em 1859 publicou o sr. Levy Maria Jordão o primeiro volume da sua obra intitulada «Portugalliae Inscriptiones Romanas.

Infelizmente não é uma collecção de inscripções estudadas e copiadas

importantes attrahirão para o nosso paiz as attenções dos sabios estrangeiros?

As grutas de Cesareda retiradas ao norte da linha divisoria d'aguas do Tejo, a 6 kilometros da costa do mar, e alem do sopé septentrional da serra de Monte Junto, foram já examinadas pelo sr. Delgado:

Na gruta conhecida vulgarmente pelo nome de «Casa da Moura» foi encontrado um importante deposito de restos humanos e de despojos de animaes. (1) «Ao passo que na porção superficial abundam os ossos hu-

---

pelo proprio collector; é sim um corpo das inscripções, que encontrou mencionadas em varias obras, quer impressas, quer manuscriptas.

Mas que credito pode hoje merecer uma inscripção mencionada por Brito, quando mesmo as de Argote não gozam em geral de muita confiança, ou copiada por pessoas ignorantes da lingua latina, ou das regras da epigraphia?

O sr. Hubner, distincto epigrapho allemão, esteve ha poucos annos por algum tempo em Portugal, e formou uma collecção das antiguidades Romanas, que encontrou neste paiz.

Em primeiro logar esta collecção não pode ser completa. As inscripções Romanas ainda hoje são innumeraveis em Portugal, mas espalhadas por toda a parte, nas paredes interiores das igrejas e sacristias, umas nas ruas e nas praças, outras dentro de quintas, e algumas servindo para varios misteres. Um estudo aturado e uma continua perigrinação por muitos annos ainda não seriam sufficientes para chegar ao fim desejado, isto é, á composição d'uma obra conscienciosa.

A obra do sr. Hubner até agora (Fevereiro de 1868) tem sido visto apenas por um limitadissimo numero de pessoas, parece, porém que claudica em varias passagens, e que, apenas appareça a publico uma tradução, que d'ella se está fazendo, varios escriptores se preparam para refutar varias opiniões do author.

Approveito a occasião para confessar que tambem não vi o livro do sr. Hubner.

(1) Sr. J. F. N. Delgado. Primeiro Opusculo. Noticia ácerca das grutas da Cesareda. Da existencia do homem no nosso solo em tempos mui remotos provada pelos estudos das cavernas. Lisboa 1867. pag. 25. As seguintes passagens são extractadas desta mesma obra.

«A palavra caverna representa, na sua mais lata accepção, toda a cavidade subterranea de qualquer extensão e fórma, produzida por causas naturaes, e penetrando irregularmente nas camadas superficiaes da crusta terrestre: mas mais particularmente, costumam distinguir-se debaixo desta denominação, as cavidades mais extensas, que communicam entre si por galerias ou passagens estreitas: e dá-se o nome de grutas ás de menores dimensões, e que abrem para o exterior por uma larga abertura». (pag. 5.)

manos, e os utensilios e instrumentos, que demonstram um grau de civilisação mais ou menos adiantado; na parte inferior, ou que suppomos

---

Muitas cavernas apresentam dimensões consideraveis, e algumas ha, que se prolongam subterraneamente na extensão de muitas leguas As salas, em que ellas são divididas, não se acham sempre no mesmo nivel, e mesmo geralmente succede o contrario, de fórma que muitas vezes, para se passar de umas ás outras, é mister descer ou subir grandes alturas, sendo occasionalmente as communicações tão estreitas, que algumas vezes tem sido preciso primeiro alargal-as para darem passagem ao homem.

«O conhecimento da existencia das cavernas perde-se na noite dos tempos. Desde as mais remotas eras, estas cavidades naturaes despertaram a attenção dos homens, que diligenciaram aproveital-as para diversos fins; mas por uma singular anomalia, o seu estudo consciencioso e detalhado data de poucos annos, preocupando-se até então os naturalistas e viajantes, que as visitavam, antes de examinar as fórmas graciosas do seu recinto e as, por vezes phantasticas, das concreções, que as guarnecem, do que investigar os phenomenos, que lhes deram origem, e comparar os factos interessantes, que ellas offerecem para o estudo da fauna, que precedeu immediatamente as ultimas modificações por que passou a superficie do globo, e na qual se comprehende indubitavelmente a nossa especie, segundo as observações feitas n'estes ultimos tempos em diversos paizes.»

«Sabe-se que desde os mais remotos tempos historicos as cavernas foram aproveitadas como logar de reunião ou habitação, e ainda mais usualmente para servirem de jazigos sepulchraes, nos quaes collocavam apenas os cadaveres, ou onde os enterravam effectivamente, mas não só tiveram estes usos, senão que tambem foram o local escolhido para nellas se executarem certas praticas religiosas, ou supersticiosas, e para servirem de logar de refugio nos tempos de perseguição. Pouco mais ou menos deveram tambem de ser estes os destinos, que ellas tiveram nas epocas anti-historicas, á vista das provas, que se tem colligido em diversos pontos do globo, e das que nós mesmos obtivemos.....

«Mas o que sobre tudo dá a estes depositos um particular interesse são os restos de seres organisados, que frequentemente encerram, e com especialidade os ossos de mammiferos, que se encontram em grande abundancia em muitas cavernas, o que lhes fez dar o nome de *cavernas ossiferas*, e o de *cammada d'ossos* á formação, que os contém. Esta camada, muitas vezes de uma grossura apenas apreciavel, apresenta-se outras assás espessa, entre varios exemplos cita-se a caverna de Banwell, no condado de Sommershire (Inglaterra) cuja maior sala com perto de 15 metros de altura, estava cheia até ao tecto com um deposito d'esta natureza.»

não remexida posteriormente á sua accumulação, não foram achados como provas incontestaveis da existencia do homem, senão alguns silex

---

Entre os restos de animaes, que se encontram nos depositos de sedimento das cavernas ha a notar, além dos das especies extinctas da epoca diluviana, outros identicos com as especies agora vivas, differindo d'ellas na estatura, isto é, tendo dimensões superiores ás dos individuos das mesmas especies actualmente existentes, segundo póde observar-se pela comparação das ossadas, que se tem encontrado. Um outro facto tambem digno de reparo, se tem notado relativamente a estas especies, e é que muitas d'ellas teem mudado de *habitat*, ou teem completamente desapparecido das regiões, que d'antes occupavam. (pag. 12.)

«Misturados com os ossos de mammiferos e completamente confundidos com elles, teem sido achados em varias grutas restos de esqueletos humanos, e algumas provas materiaes da actividade d'estes homens primitivos, como armas e instrumentos de silex, de osso, ou de ponta de veado, afeiçoados para o seu uso, fragmentos de louça grosseira, e outros vestigios da industria humana. Este facto, por tanto tempo controvertido, da co-existencia da nossa especie com as especies extinctas de mammiferos, isto é, da existencia do homem n'uma epoca geologica muito anterior a toda a tradição, está hoje inconcussamente adquirido para a sciencia; não só o estudo das cavernas, mas tambem dos depositos quaternarios superficiaes o tem estabelecido de um modo irrefragavel, e as novas investigações, que todos os dias se vão repetindo em diversos paizes, não fazem senão fundamental-o cada vez mais de uma maneira mais decisiva.» (pag. 13.)

«Nas cavernas a confusa associação de objectos, que encerram, entre os quaes predominam restos pertencentes á nossa especie, e productos d'uma industria grosseira, remontando aos primeiros tempos da arte humana, não póde comprehender-se senão attribuindo-a á acção exclusiva do homem, suppondo que essas grutas foram utilisadas, como logares de habitação ou de sepultura, e representando os restos de animaes, que alli se acham, os residuos das refeições ou das consagrações funerarias, que nellas se fizeram.

«Depois de uma larga controversia as opiniões tendem hoje a conformar-se sobre este ponto—que a accumulação dos ossos no interior das cavernas depende de certo modo de circumstancias locaes, mas no maior numero de casos é devido principalmente ou unicamente á acção das aguas—e pelo que respeita aos depositos de transporte ninguem ha, que conteste a sua origem, como devida a esta causa. Quanto á epoca, em que estes depositos se formaram, é claro, que só os ossos e outros restos, que os acompanham, poderão de algum modo determinal-a, mas sendo incommensuravel a vida das especies, ou não podendo precizar-

lascados e raros outros instrumentos; pelo contrario abundando extraordinariamente os restos de animaes, especialmente de coelhos e de aves de pequena grandeza, que formam uma parte tão importante do depo-

---

se por seculos, nem mesmo por milhares de annos, comprehende-se vago, que deverá sempre haver n'uma tal determinação, e por tanto quão incertos serão todos os calculos, que se fizerem para fixar por este modo a antiguidade do homem sobre a superficie da terra.» (pag. 15.)

«Em um paiz tão atormentado como o nosso por effeito de repetidos levantamentos, em que as fracturas e desiocações das camadas são sem numero, a producção das cavernas devida a estas causas era mui facil, especialmente nas rochas calcareas rijas, e o interior da Cesareda deve ser uma vasta rede de galerias subterraneas, communicando entre si, e muitas d'ellas abrindo por meio de funis para a superficie do solo, d'onde recebem por infiltração as aguas pluviaes, que na epoca actual continuam lentamente a obra começada em tempos anteriores. (pag. 18.)

De todas as grutas, que examinámos, a mais importante pelas suas dimensões, assim como pela abundancia dos restos humanos e dos despojos de animaes, que d'ella se extrahiram, é sem duvida a gruta conhecida na localidade pelo nome de *Casa da Moura.*»

Esta gruta é aberta nos calcareos do andar jurassico inferior, mui proximo da aresta da escarpa, que limita pelo norte o planalto calcareo, e a pouco mais ou menos kilometro e meio a sueste da aldeia da Serra d'Elrei. A sua bôca, voltada para o ceu, está situada a uma dezena de metros de distancia da escarpa, e é superior a uns 25 metros ao ponto fronteiro da depressão, que corre ao longo da mesma escarpa, no qual se dividem as aguas para o nascente, e poente, isto é, para as planicies da Colombeira e S. Bartholomeu, ficando por tanto a gruta inteiramente livre da acção de quaesquer correntes, segundo o actual regimen hydrographico e configuração orographica da região.»

Duas salas irregulares communicando facilmente entre si, cujo pavimento apresentava antes das nossas pesquizas uma inclinação geral para o interior do solo, constituem principalmente esta gruta, da qual o tecto, que representa uma abobeda irregularissima, se eleva diversamente em cada uma d'ellas, sendo mais baixo e inclinando para o interior na sala de fóra, e erguendo-se a grande altura na de dentro, onde fórma uma especie de zimborio.

«Dá ingresso á gruta uma larga abertura ou poço rectangular vertical, de 3 metros no sentido da maior largura e uns 4 de profundidade, terminando inferiormente na extremidade occidental da primeira sala, ou repartimento exterior, cujo tecto e paredes são lizas, e aqui e acolá cobertas pelo calcareo stalactitico, que as aguas teem deposto por infiltração em diversos pontos, formando uma crusta delgada.» (pag 20)

sito, que em muitos pontos chegam quasi a egualar a quantidade da ganga, que os envolve. Por outro lado o entulho superior, em virtude da grande quantidade de materia organica, que encerra, apresenta uma côr anegrada, e é em quasi todos os seus pontos mui incoherente; em quanto que o deposito subjacente, tendo uma côr mais ou menos avermelhada, e caracteres, que o assemelham profundamente ao gres diluvial, é geralmente muito mais preso, e cimentado pelo tufo, ou pelo calcareo concrecionado, que as aguas de infiltração depozeram no pavimento da gruta.

«Considerando o deposito em toda a sua espessura, vio-se tambem que ha em geral uma certa separação, ou pelo menos maior abundancia dos ossos de animaes para um lado, e dos humanos para o outro, o que está em harmonia com a diversa espessura, que as duas partes d'elle appresentam proximo de uma e outra extremidade da valla.»

«Como já observámos, no deposito inferior são mui raros, se não faltam totalmente os restos humanos; mas junto a uma massa de calcareo foi achado um dente laniar humano, gasto superiormente, e na face interna de um modo singular, o que parece não poder explicar-se unicamente pelo trabalho da masticação.

«Estudando os restos de mammiferos colligidos na parte inferior dos depositos da nossa gruta, podemos distinguir differentes fórmas especificas, que referimos aos generos Erinaceus, Canis, Felis, Hypodoeus, Lepus e Cervus.» (1)

«Nesta parte da gruta o calcareo concrecionado não se apresenta em pingentes ou columnas, nem reveste aquellas fórmas graciosas, que tanto apraz observar, porém as incrustações, que fórma, contrastam singularmente pela sua côr branca com a côr cinzenta do calcareo jurassico, que lhes serve de fundo. No pavimento tambem não se descobria em nenhum ponto a camada cristallina ou de stalagmites, occulta por materias detriticas, que para alli foram lançadas pelo homem. (pag. 21.)

(1) Cada um d'estes generos é representado por uma só especie, á excepção do genero Canis, que o é por duas, uma das quaes é claramente o *C. lupus*, e o genero *Felis*, que comprehende pelo menos tres especies, nenhuma das quaes, porém, podemos determinar. Não foram aqui encontrados restos de cavallo nem de boi, que n'outras estações tão abundantes se apresentam, e mesmo em Portugal se encontram, especialmente os da ultima especie, que formam uma parte importante do Cabeço de Arruda no valle do Tejo. Não devemos, porém, estranhar este facto, porque o conjuncto das especies, que indicámos, faz-nos ver na nossa gruta um local de abrigo para caçadores, sendo possivel que na epoca, em que se formou o deposito, que as contém, o boi e o cavallo pastassem nas planicies, onde encontrariam mais facilmente a alimenta-

No entulho mais moderno da sala mais exterior da gruta encontraram-se objectos, que indicam pertencerem a epocas mais modernas, como restos d'esqueletos humanos, e objectos fabricados pelo homem, co-

---

ção apropriada ao seu regimen herbivoro: e sendo aliás inverosimil que individuos, que se nutriam de caça, fossem buscar a maior distancia estes animaes para os transportarem para o interior da gruta por caminhos tão asperos, como ainda hoje são os que para alli conduzem, mormente existindo proximo d'ella outras especies, ás quaes poderiam recorrer.» (pag. 30.)

«A existencia do carvão a differentes alturas d'este deposito e a extraordinaria abundancia dos restos de uma especie de mammifero entrando ainda na alimentação do homem, misturados com os de outras especies, que n'outras estações fizeram parte da sua alimentação em tempos mais ou menos remotos, confirma-nos na idêa de que fosse aquelle um logar de abrigo, ou ponto de reunião, onde com intervallos maiores ou menores alguns homens se reunissem para descançar e tomar as suas refeições. Sabendo-se por outro lado a difficuldade, que haveria em descer para dentro da gruta, mormente antes d'ella ser em parte cheia pelo deposito, que a occupa, não deve haver duvida em admittir-se que as areias fossem para alli lançadas pelo poço de entrada para facilitar a descida, as quaes tomando o seu talude natural se estenderiam para o interior da gruta, a uma distancia tanto maior, quanto maior fosse a quantidade introduzida, mas não podendo nunca estender-se além da sala exterior em razão da altura e configuração d'esta sala e da massa de calcareo, que a separa do interior.» (pag. 35.)

«Mas as areias lançadas de uma só vez, mal poderiam explicar-nos o enterramento dos ossos a todas as alturas do deposito, assim como não póde combinar-se com este facto a cimentação das mesmas areias pelo calcareo a diversos niveis. É mais natural suppôr que o movimento, que recebiam pela repetida passagem dos homens, e pela acção das aguas das chuvas, quando corressem em maior copia sobre ellas, as espalhasse gradualmente sobre os ossos, deixando o intervallo de tempo preciso para a cimentação das mesmas. (pag. 36.)

«Os stratos delgados e discontinuos de carvão, bem como os pequenos fragmentos dispersos d'esta substancia, que se encontram no deposito, explicam a existencia de fogueiras, nas quaes os primitivos frequentadores da nossa gruta provavelmente assavam a carne dos animaes de que se nutriam. (pag 37.)

«Quando se repara na quantidade extraordinaria de ossos de animaes, especialmente de coelhos e aves, que sem duvida deviam pertencer a muitas centenas d'individuos, somos levados a crêr, que a habitação, ou talvez melhor, a estada mais ou menos frequente na gruta, durou por

*

mo machados de pedra polida do typo denominado Celtico; facas, flechas e outros instrumentos de silex, de osso, e de ponta de veado; muitos fragmentos de louça grosseira, negra, com pontos brancos areosos e de spatho calcareo, pequenos fragmentos de machados celticos e de placas de schisto com desenhos, as quaes podem ter servido como talisman, e algumas valvas de Pectunculus mui gastas, e já quasi indeterminaveis, das quaes parte são furadas no umbão, e por tanto parece terem sido destinadas a servir de adorno ou enfeite, e tambem na parte mais profunda do entulho superior uma pequena lança ou setta de cobre, e com toda a evidencia para alli foram levadas pelo homem.

Todos os instrumentos e utensilios, que se encontraram n'este deposito parecem caracterisar uma mesma epocha, de certo comprehendida já no periodo moderno.

N'outra gruta conhecida pelo nome de Cova da Moura alem de cacos de louça grosseira, negra e avermelhada, tambem se encontrou um instrumento de silex de fórma perfeitamente elliptica, que se julga ter sido a ponta do uma flecha, e uma faca mui pequena de quartz hialino.»

A existencia do homem em o nosso solo nas mesmas épocas nos é tambem verificada pela descuberta de restos de industria humana nas camadas de gres vermelho argilloso, de marnes argillo micaceos e de

---

um largo periodo, isto é, que a accumulação d'essa massa inferior do deposito se fez durante um grande lapso de tempo. Dizemos estada mais ou menos frequente, porque não é provavel que n'um sitio tão agreste, onde não existe nenhuma nascente de agua, nem é de presumir que existisse outr'ora, não é provavel, que ahi se demorassem permanentemente homens, tendo mui proximo d'aquelle local, nas margens dos valles adjacentes, sitios mais amenos, que poderiam escolher para o mesmo fim, e onde conseguiriam sem custo um grande numero de commodidades, que alli não poderiam obter. Esta circumstancia é digna de prender por algum tempo a attenção, porque de certo modo d'ella depende a determinação da antiguidade da estação, e que nos referimos, destruindo talvez uma prova, da qual poderiamos derivar uma grande antiguidade para o nosso deposito.»

«Effectivamente a falta de fragmentos de louça e de qualquer utensilio ou instrumento de um acabamento apurado, induz a attribuir a esta parte dos depositos da nossa gruta uma grande antiguidade, e por tanto suppõe a existencia do homem nesta parte do nosso solo n'uma epoca muito affastada dos tempos actuáes (pag. 38.)

«Esta estranha associação de objectos, entre os quaes predominam os restos humanos, faz soggerir a idéa de que esta gruta, como muitas outras conhecidas, servisse de ultima morada aos individuos, cujos restos descubrimos. (pag. 46.)

conglomerado em Alemquer, Carregado, Verdelha, e Vialonga: (1) esqueletos e ossos humanos nas campinas adjacentes ás margens do Tejo, na direita desde Sacavem até Azambuja, e na esquerda desde Alcochete até Muge (2); e quartzites lascadas nas camadas das Barrocas na Cova da Piedade.

No Cabeço da Arruda tambem se descobriram esqueletos humanos,

---

(1) Sr. Carlos Ribeiro. Descripção do Solo Quaternario das bacias Hydrographicas do Tejo e Sado, pag. 2, 3 e 4.

(2) Mencionaremos em ultimo logar que nas visinhanças de Muge, Almeirim, Alpiarça, e Setubal, na margem direita do Tejo entre Valle de Santarem e Azambuja, nas encostas de Póvos em Bellas, no Cabo da Roca, e em muitas outras localidades, se encontram numerosissimos vestigios da presença do homem nas nossas latitudes nos tempos ante historicos. Id. pag. 4.

«Nas camadas do caminho do Carregado para Cadafaes encontraram-se silex lascados, maxillas de pequenos animaes, dentes molares de homem, helix, e fragmentos de loiça grosseira vermelha e anegrada. (pag. 28.)

Nas camadas dos Casaes do Carregado encontraram-se em areeiros alguns calhaus de silex do peso de 2 a 8 kilogrammas, e raras lascas e peças pequenas da mesma substancia; nos calhaus percebe-se que algumas lascas haviam sido separadas antes de serem envolvidos na massa, que os contém, e um d'elles apresenta além d'isso a sua superficie escavada em algumas partes, e tão polida nestas concavidades, que não deixa a menor duvida de ser isto devido ao trabalho do homem.» (pag. 30)

«Encontrou-se ainda um silex de côr castanha escura manchado de anegrado por algumas dendrites, que cobrem uma das suas faces. Um dos extremos cortado em angulo diedro obtuso com as facetas polidas ou gastas distingue-se do resto do exemplar pela sua côr amarellada. De cada resto da aresta ha uma pequena cavidade de fórma semelhante e grandeza egual á sua correspondente: estas cavidades não deixam duvida de terem sido feitas intencionalmente. Se reparamos nas côres varias deste silex e na forma angular do estremo, em que se acham as duas cavidades quasi symetricas, lembra-nos que houve a intenção de representar a parte anterior da cabeça de um reptil, supposição que se torna mais plausivel para nós, quando observamos que no mesmo extremo do silex, e do lado inferior, logo por baixo da pequena aresta do angulo diedro, existe uma cavidade transversa, mui pouco funda, encurvada, como que para se cingir á abertura do angulo, e que arremedaria bem a boca do animal, que se pretendeu representar. Duas outras pequenas cavidades, symetricamente postas ao lado da precedente, simulariam acaso os orificios auditivos, ainda que um pouco deslocados. Fizemos desenhar este exemplar» (pag 31.)

que datam de remotissimas épocas. (1) Oxalá, porém, que tão interessantes investigações continuem sem obstaculo, e que novas descubertas venham derramar mais luz sobre antiguidades ainda involvidas em tão densas trevas.

Saindo deste cahos, encontramos os Fenicios como o primeiro povo residente em o nosso solo; (2) mas parece não existir em Portugal monumento algum, que se possa com certeza attribuir a tão celebres navegadores. Querem, porém, alguns escriptores que a palavra Lusitania seja d'origem Fenicia, significando « Paiz das amendoeiras. (3)

Por este mesmo tempo colonias gregas se estabeleciam em diversos pontos maritimos, nomeadamente nas margens do Minho e do Douro, subindo pelas suas fozes. (4) Destes povos tambem os unicos monumentos entre nos sobreviventes aos seculos e aos cataclismos são palavras admittidas ainda hoje no idioma portuguez. (5)

Talvez pela mesma epoca se estabeleceram tambem no mesmo paiz os

---

(1) Sr. F. A. Pereira da Cunha. Noticias sobre os esqueletes humanos descobertos no Cabeço da Arruda.

(2) O nosso celebre escriptor Antonio Pereira de Figueiredo quer que o Fenicios residissem na Hespanha mil quatro centos e mais annos antes da era de Christo. Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa, vol IX pag. 63.

(3) Talvez Luzi, cheio de amendoeiras. E ainda Tagus (Tejo) de Dagi piscoso. Olissopo (Lisboa) de Alis ubbo, bahia amena. Sr. Alexandre Herculano. Historia de Portugal vol 1. pag. 17.

(4) Id. id.

(5) «No Diccionario da Lingua Portugueza de Moraes da 4.ª edição vem mais de cinco mil artigos de vocabulos gregos, e compostos ou derivados delles. Dos que não existem no latim, e nos vieram immediatamente do grego, ajuntou Rezende quasi quinhentos, como elle mesmo diz na sua obra das Antiguidades Lusitanas liv. 1. E nós no nosso glossario Lusitano Grego, que algum dia poderá sahir á luz, temos recolhido cousa de quatro centos e cincoenta, e poderiamos ajuntar muitos mais, se tivessemos melhor conhecimento da lingua grega.» D. Fr. Francisco de S. Luiz. Memoria em que se pretende mostrar que a lingua Portugueza não é filha da latina. Mem. Acad. vol. XII pag. 30.

Antonio do Carmo Velho de Barbosa quer que o nome de muitos povos e povoações proximas de Leça do Balio sejam gregas. Memoria Historica da antiguidade do Mosteiro de Leça chamada do Balio pag 72 e seg. Este historiador é judicioso, e foi elogiado pelo sr. Herculano. Pode-se tambem consultar a Dissertação de A.P.de Figueiredo—Os Gregos em Espanha, já desde Tempos Heroicos, isto é, antes da guerra de Troya e immediatamente depois della.—Memorias de A. vol. IX pag. 86.

Celtas, os quaes deram nome a muitas povoações acabando em brig ou briga, nomes que se conservaram mesmo durante a dominação romana (1)

Alguns escriptores attribuem a estes povos os dolmins ou antas, que se encontram em muitas partes do nosso paiz, se bem que outros asseveram datarem taes monumentos dos tempos prehistoricos. (2)

---

(1) Nos tempos primitivos a Hespanha parece ter sido povoada por duas migrações successivas da Asia, e dos Iberos, ou melhor Euskaldunac, e a dos Celtas ou antes Celticos. A lucta ou associação das duas raças produzio no territorio central da Peninsula as tribus mixtas denominadas Celtiberos. Os Celticos ficaram formando cinco grupos principaes—Cantabros, Asturos—Vasconios ao septentrião; os Callaicos e os Lusitanos ao Occidente. S. A. Herc. Hist. Port. vol 1. pag. 14.

(2) Nos tempos primitivos, prehistoricos, sendo a Europa habitada em partes por diversos grupos de populações, que ainda não conheciam a arte de lavrar os metaes, temos hoje muitos motivos plausiveis para crer, tantas e tão fortes razões, que se poderá dizer que constituem mais que probabilidades, quasi o grau de certeza que os monumentos de pedras denominados dolmin, pedras em forma de meza, ou mezas de pedra, camas ou tumulos dos Hiinem, camas de gigantes, tumulos pagãos, galerias cobertas, cromlechs etc. como lhes chamam os povos dos diversos paizes, onde taes monumentos existem, foram levantados por homens anteriores ás epochas, de que temos conhecimentos historicos.»

«Portugal continha avultado numero destes monumentos, que pela maior parte foram destruidos pelas convulsões do solo, e tambem certamente, pelos povos vizinhos, quando a situação dos dolmins os convidasse a preferil-os a qualquer pedreira para extracção da pedra, de que necessitassem para as suas construcções.»

Foi a provincia do Minho, em rasão de ser mais populosa, onde aquella destruição foi maior e mais completa. Auctorisam esta opinião duas circunstancias: a primeira existirem presentemente dois unicos dolmins naquella provincia, ou, pelo menos, não se saber que existam mais alguns a segunda haver na mesma provincia varias povoações e muitos logares ermos com a denominação de *Anta* ou *Antas*. Os nossos antepassados davam este nome aos dolmins, na persuasão de que tinham servido de aras gentilicas, sobre as quaes faziam seus sacrificios os povos, que as construiram immolando victimas ás divindades, a que rendiam culto. Por tanto é fóra de duvida que em todas as povoações e logares, tanto do Minho, como de outras provincias designados em o nome de Anta ou Antas, houve outrora dolmins.»

«Aquelles, de que ha noticia existirem em o nosso paiz, são os seguintes: na provincia do Minho, no monte da Polvoreira, proximo das Caldas de Vizella; e no monte da Pedreira, a pouca distancia de Pombeiro.

Ignora-se porém ainda o verdadeiro destino de taes antes: no entanto os archeologos propendem a crer que seriam monumentos funerarios, mas não sabendo se ao mesmo tempo seriam tambem religiosos, ou simultaneamente padrões commemorativos e altares erigidos para sanctificarem aquelles logares de reposo eterno.

Um dos mais notaveis monumentos d'este genero é o que na fórma de uma galeria coberta, está n'um dos mais elevados pincaros da serra de Cintra, conhecido pelo nome de Adrenunes.

Attribuem-se ainda aos celtas aquelles circulos formados no chão, que se encontram em muitos logares da provincia de Tras os Montes, e aos quaes os naturaes d'aquellas localidades dão o nome de *Castros* ou *Crastos*. Consistem os taes circulos ou castros n'uma elevação circular formada de terra, e pela maior parte circumdada de grossas lages, se o terreno as fornece; n'outros é um pequeno valado ou parapeito de terra cercando a elevação redonda por circumferencia: não se lhe vêem fossos, nem outro algum indicio d'obra militar, e sua altura não passa d'uma vara. (1)

Na provincia de Traz os Montes, em Fantel, em Carrazedo, em Monte Fidalgo, e perto de Villa Velha de Rodão. Na provincia da Beira, a legua e meia da Cidade da Guarda; em Antas de Penalva; perto de Celorico, nos concelhos de Vizeu e de Sabugal. Na provincia do Alemtejo existem muitos dolmins nas circumvizinhanças de Castello de Vide; e alem destes, nas cercanias da villa do Crato, entre a villa de Aguiar e Evora, e entre esta cidade e Vendas do Duque, entre os Pégões e Vendas Novas, nos arredores das villas de Nisa, de Arrayolos, de Barbacena, e ainda outros no concelho de Evora. Na provincia da Estremadura apenas sabemos do de Adrenunes na serra de Cintra: no Algarve não tem sido descoberto monumento algum deste genero.» Sr. Vilhena Barbosa no Archivo Pittoresco vol. XI pag. 378. Veja-se tambem—Descripção de alguns dolmins ou antes de Portugal pelo sr. F. A. Pereira da Costa.

(1) «Aquelles que examinámos estavam (e provavelmente existem ainda) naquelle taboleiro, ou porção de terreno elevado, mas quasi plano no cimo, entre Lebução, Monforte e Tinhela no termo de Chaves. O recinto dos taes castros poderia conter de 200 a 300 pessoas, quando muito. Ficamos perplexos e duvidosos sobre a origem e destinação dos taes monumentos, até que proximamente nos cahio nas mãos um livro intitulado Historia de Galizia por D. José Verea e Aguilar, impressa no Ferrol em 1838. O auctor, que parece instruido a fundo nas historias da sua patria, Galiza, mostrou com quasi evidencia, que outros similhantes monumentos derramados naquella provincia são obras dos *Celtas*. e que a sua serventia era religiosa: erão templos dedicados as culto pagão de suas divindades.» J. da C. N. C. Panorama vol VII pag. 270.

As celebres ruinas, que se observam n'um monte chamado Citania ou Gitania, a distancia egual entre Braga e Guimarães, indicando a existencia d'uma antiquissima povoação, não tem o sr. Alexandre Herculano duvida em consideral-as tambem Celticas. (1)

É possivel encontrárem-se ainda pelo nosso paiz outras fundações, que com mais ou menos prababilidade se possam ter por obra d'estes ultimos povos. (2)

O celebre deus Endovelico, ao qual se encontraram em Terena e Villa Viçosa inscripções dedicadas em latim, passa por ser um nome e divindade Celtica. Bem notorio é, que os romanos não só deixavam aos povos submettidos seus deuses, mas até os adoravam. (3)

Em epocas mais proximas temos a existencia documentada dos Carthaginezes em o nosso paiz; onde se conservaram por quasi tres secu-

---

(1) Pode-se ver a descripção destas ruinas, que teem todos os caracteres de construcção celtica em Argote Antiquitates Conventus Bracharensis pag. 161. Posto que muito deterioradas, ellas conservam ainda os vestigios da sua origem. Argote, dominado pelas velhas e falsas ideas sobre a barbaria dos sarracenos, inclina-se a crer que esses restos sejam de construcção arabe. Sr. A. A. U. Historia de Port. vol 1. pag. 37.

Com effeito Argote diz-nos o seguinte: «Os vestigios, que alli existem, não indicam povoação Romana, antes se parecem com a barbaridade dos Godos e Arabes, ou com a pobreza dos nossos, quando estavam dominados dos Mouros. pag. 172.

(2) O Governo Portuguez tinha encarregado e subsidiado o sr. Jaime Moniz distincto professor no Curso Superior de Letras com o fim de escrever uma obra sobre as antiguidades e existencia dos Celtas em Portugal. Porem a penuria do thesouro Portuguez não permittio que se lhe continuasse a dar o referido subsidio.

O sr. Innocencio diz no 1. vol do seu Diccionario, que Antonio Ribeiro dos Sanctos deixara manuscriptos 3 volumes em 4.° sobre as origens Celticas da antiga povoação de Hespanha e de seus actuaes dialectos, 4 volumes em 4.° e 1 em folio sobre as origens Celticas da mesma lingua declaradas pelo vasconço, e 1 sobre a conservação da antiga lingua geral da Hespanha em todo o tempo do senhorio dos Romanos (pag. 254 e 255.) Ignoro se estes manuscriptos ainda existem, ou levaram sumiço, como tem succedido a tantos outros.

(3) «Fazendo a analyse do nome *Endovelico* podemos observar na sua terminação á latina um nome celtico-phenicio, que os Romanos modificaram segundo a indole da sua linguagem. Nome donde extrahida a terminação se encontram duas radicaes Ende Vel, cujas valores cumpre determinar. A radical End é destinada a significar o Ente Principio, designando *Dominus* e *Deus*; e a radical Vel ou Bel, que se acha reunida a End significava uma divindade igualmente havida por suprema entre as nações mais diversas d'Antiguidade. D. Antonio da Visitação Freire

los, até seram totalmente expulsos pelos romanos, duzentos annos antes da era vulgar christã. (1)

Destes celebres povos não ha monumentos em Portugal, se bem que dizem alguns escriptores, que a villa de Alvor no Algarve fôra fundação de Annibal. Mas, se não temos edificios d'estes povos, quem sabe se o avultado numero de palavras de origem hebrea existentes na lingua Portugueza provirá do tempo dos Carthaginezes, que fallavam uma lingua, que tinha muita affinidade com a hebraica?

Cubiçaram os romanos o terreno Lusitano, mas encontraram n'elle forte opposição. Varios campiões defenderam a liberdade da patria, mas entre todos sobresahio Veriatho. (2)

Da epocha d'este celebre guerreiro, que por tanto tempo incommodou os romanos, existiam duas inscripções. (3) É possivel que ainda se conservem, mas o monumento mais notavel é a Cava de Viriatho, (4) de que existem restos n'uns pedaços de muros de terra em Viseu.

—Sobre a divindade que os Lusitanos conheceram debaixo da denominação d'Endovelico.» Memorias da Acad. 2.ª serie. vol. 1. pag. 84 e 86. etc.

(1) D. Francisco de S. Luiz Glossario dos vacabulos Portuguezes derivados das linguas Orientaese Africanas, excepto a Arabe. pag. IV.

(2) «Viriato, Sertorio, e ainda outros de menos nome foram instrumentos da gloria Lusitana, que sobrepujando á emulação ficou eternizada nos escritos de seus mesmos inimigos, e nos marmores, que o tempo consumidor não acabou de gastar.» Antonio Caetano do Amaral. Memoria sobre a fórma de governo, e costumes dos povos, que habitaram o terreno Lusitano desde os primeiros tempos conhecidos até ao estabelecimento da Monarquia Portugueza. Memoria I. pag. 28. Memorias de Litteratura da Academia R. das Sciencias de Lisboa, vol. I.

(3) Obra ultimamente citada. pag. 29.

(4) «Sabe-se que em 1461 o cabido da Sé de Vizeu tomou posse da Cava, que a esse tempo estava resguardada com uma torre, e que dentro havia (reinando D. João I.) uma capella dedicada a S. Jorge, á qual o illustre infante D. Henrique, a quem seu pai fizera duque de Vizeu, legou certo rendimento para se cantar missa todos os sabbados do anno, e no dia do Santo se fazia procissão com assistencia do cabido e numeroso concurso de povo. Arruinou-se a ermida e passou a celebrar-se a missa no templo da Sé, e o retabolo do Santo foi transferido para uma capella, hoje da Senhora da Conceição no Campo da Feira: todavia este quadro, ha muito, desappareceu, assim como já hoje se não canta a missa.»

Em 1728 mediu-se a Cava por ordem real, e achou-se que ainda então tinham os muros tres lanças (medida agraria, que tinha 25 palmos craveiros, como consta de uma sentença de 1695) d'altura, com 40 pal-

Passados sessenta annos depois da morte de Viriatho entra a apparecer em scena Sertorio, a quem os Lusitanos convidaram para vir ser seu general contra os que em Hespanha seguiam o partido de Sulla, que em Roma o tinha a elle Sertorio mettido no numero dos proscriptos. (1)

É desde então que a cidade de Evora se tornou notavel na Lusitania pela residencia, que n'ella fez Sertorio, e pelos monumentos, dos mais notaveis de Portugal, que desde aquella epocha ficaram na referida cidade. (2)

---

mos de largura no cimo, sendo provavel que rematassem em cavallete para melhor defensão: avaliou-se a circumferencia em 3065 passos communs, e parecia que fôra oitavada a primitiva fórma, tendo entrada por quatro grandes aberturas, duas ao norte e duas ao sul: suppõe-se que estas seriam as portas, guarnecidas de cantaria, que o lapso dos tempos, ou a mão dos homens destruiria. Os muros tem sido cerceados a ponto que hoje do lado oriental em grande extensão se não acham vestigios do que fôra, e do fosso cheio de agua, que cercava este recinto apenas resta um pequeno pedaço da banda occidental, a que chamam o *poço da Cava*. Os donos das terras contiguas nestes ultimos annos se pozeram a arrazar os muros com tal furor, que o general Victoria, que então governava a provincia, se viu obrigado a tomar medidas para obstar á devastação. A camara de Vizeu em junho de 1818 mandou levantar marcos em todo o circuito pelos lados exterior e interior dos muros, mas nem assim poude conseguir que cessasse a obra da destruição. Bem mereciam porém o ter sido preservados da extrema ruina estes fragmentos, que recordam os primeiros feitos d'armas dos nossos ascendentes. Diz a tradição que, vencido em Campo d'Ourique o pretor Claudio Unimano, pelo valor dos Lusitanos, recorrera ao pretor Caio Nigidio. para que entrando com mão armada pela provincia da Beira fizesse assim uma diversão ás tropas de Viriato, que em peso cahiam sobre o Alemtejo. Nigidio invadiu a Beira assolando tudo, afinal se fez forte n'uma campina raza junto a Vizeu. Sabedor do acommettimento o valente capitão lusitano acudio ao ponto invadido, mas não podendo levar de escalada os fortes muros de terra, que o romano já tinha fabricado, poz-lhes rigoroso sitio até obrigar o inimigo a render-se, ou a pelejar em campo descoberto. Nigidio tomou este partido, mas foi derrotado com perda das suas orgulhosas aguias e da maior parte dos seus. Obra de seculo e meio antes da era Christãa praticaram os lusitanos, em desaffronta do terreno patrio, esta façanha.» Panorama de 1841 — vol. V pag. 26.

(1) Antonio Pereira de Figueiredo, vol. IX das Memorias da Academia pag. 182.

(2) Tinha Sertorio em Evora uma casa, que ainda hoje existe na Pra-

Sam estes monumentos o templo, que se diz vulgarmente dedicado a Dianna, e o Aqueducto Romano (1).

O templo de Diana julgam-no alguns escriptores não do tempo de Seatorio, mas muito mais moderno, da epocha dos imperadores Romanos.

Este monumento, que servio, de mesquita durante o dominio dos Mouros, acha-se muito alterado da sua architectura primitiva. Da construcção Romana apenas conserva o portico, isto é, a parte do edificio ornada de 16 magnificas columnas, de ordem corinthia e lavradas em canelluras desde o envasamente até á architrave, que assenta sobre os capiteis da mesma columna. O resto, com pouca excepção, é construcção mourisca. Os capiteis são lindissimos, e achavam-se ainda no anno passado (1869) num magnifico estado de conservação.

O Aqueducto Romano (2) começa em um monte, que se levanta a

ça do Senado, e nella uma pequena familia, que constava d'uma criada por nome Junia Donace, e de tres libertos, todos do nome de Sertorio, como consta de uma inscripção, que traz Vasconcellos pag. 185.

(1) Além d'estes edificios Romanos havia um sumptuoso arco triumphal erigido em honra de Sertorio, o qual foi demolido em 1570 a pedido do Cardeal D. Henrique para desafrontar a praça d'Evora, na qual queria fundar o templo de Santo Antão. Escaparam, porém, d'este vandalismo, oito columnas collossaes de ordem dorica do referido arco, que se podem vêr decorando o refeitorio do Collegio do Espirito Santo, e no claustro do mesmo collegio estão as columnas do tempio de Endovelico, que existiam no templo da referida divindade na villa de Terena. Sr. Vilhena Barbosa, vol. VI do Archivo Pittoresco, pag. 286, e no vol. VIII pag. 314.

Na Bibliotheca Publica d'Evora conservam-se algumas antigualhas Romanas, conforme nos diz o Sr. Felippe Simões em varias passagens do vol. undecimo do já mencionado Archivo Pittoresco, excellente Jornal, que infelizmente parou por falta de assignantes.

(2) «Chegou a tal ponto o estado de ruina do aqueducto, que no primeiro quartel do seculo XVI, se originou uma longa e renhida controversia ácerca da existencia d'esta fundação de Sertorio. Os dois athletas d'esta disputa archeologica foram o celebre antiquario André de Resende e D. Miguel da Silva, bispo de Lamego, não menos sabedor das antiguidades patrias.»

«André de Resende affirmava que Sertorio construira um aqueducto com que abastecera de agua a cidade de Evora. D. Miguel da Silva sustentava a opinião contraria. Primeiramente agitou-se em simples conversas esta questão archeologica; mas depois passou para o papel, escrevendo ambos longas dissertações com mais acrimonia, que benevo-

pouco mais de tres kilometros alem da egreja de Nossa Senhora da Graça de Ovidor, na distancia de uns 11 kilometros da cidade, contados em linha recta. Recebe alli as duas primeiras nascentes: depois corre, tor-

---

lencia. Gastas as razões sem que nenhum se confessasse vencido, acabou a contenda, ou antes deram-se treguas mutuamente.

Passados alguns annos, em que el-rei D. João III esteve em Lisboa, e n'outras terras do reino, voltou a corte para Evora, correndo o anno de 1531. Pouco depois compareceu ahi o bispo D. Miguel da Silva, e encontrando-se com André de Resende, que, como todos sabem, era natural de Evora e religioso dominico, morador no Convento de S. Domingos da mesma cidade, tornou a agitar-se a controversia, mas d'esta vez ainda com maior calor. Resolveu-se então André de Resende a deixar o campo das conjecturas e hypotheses para buscar factos em seu auxilio. E eil-o á frente de alguns trabalhadores, indicando logares e dirigindo escavações nas planicies junto á cidade, e nas encostas dos visinhos montes. As diligencias do infatigavel antiquario foram coroadas do mais feliz exito. As suas acertadas pesquizas descobriram os pégões dos arcos, e, onde estes acabavam, os alicerces da muralha, em toda a extensão, que tivera o aqueducto, desde os muros da cidade até um outeiro, onde rebentavam duas fontes, que mostravam ser o manancial de que se alimentava o aqueducto.»

O bispo de Lamego, rendido á evidencia dos factos, confessou-se vencido; mas não se limitou a isto a victoria do seu antagonista. André de Resende, cujo credito e influencia eram mui grandes, não só como homenagem devida ao seu valor e virtudes, mas tambem pelo modo cõmo exercia, tão a contento de todos, o seu cargo de mestre dos infantes, irmãos del-rei, persuadiu e levou D. João III a emprehender a reconstrucção do aqueducto.»

Começaram logo depois as obras, encarregando o soberano a direcção e superintendencia d'ellas ao illustre archeologo. No fim de quatro annos corria a agua da *Prata*, que assim se chamava o manancial, pela bôca de quatro leões em um bello chafariz de marmore, construido por diligencia do mesmo André de Resende, na praça grande de Evora, debaixo do arco triumphal de Sertorio, que ainda ahi existia, muito bem conservado, dando testimunho do subido grau de perfeição a que chegaram as artes nesta parte da Lusitania, sob o governo d'aquelle illustrado capitão.»

Foi um pensamento feliz, pensamento de politico e de artista o que assim reunio ao padrão da gloria militar de Sertorio o monumento da sua sabedoria administrativa. Porém, passados annos, ao aceno vandalico do Cardeal Infante D. Henrique, auctorisado por el-rei D. Sebastião, seu sobrinho, foi derrubado até aos alicerces aquelle sumptuoso padrão,

neando varios outeiros até á Torr'Alva, vindo enriquecel-o 28 nascentes em todo o espaço, que é de bastantes kilometros, em razão das muitas voltas, que dá o aqueducto. Da Torr'Alva dirige-se para Evora sobre uma mui comprida arcaria, construida de pedra, com a volta dos arcos de tijolo. Entra na cidade por meio d'uma torre ou pavilhão de architectura nobre e fórma esbelta, o qual é de figura redonda e ordem Jonica Compoe-se de dois corpos: o inferior é guarnecido de sete nichos e uma porta entre oito columnas, e coroado de um entablamento decorado de vasos ou urnas correspondentes a cada uma das oito columnas. Tem de circumferencia, pela parte de dentro das columnas quasi 12 metros. O superior tem pilastras em vez de columnas, e no logar dos nichos frestas para introducção do ar e luz. Cobre-o uma abobada a modo de cupula. Esta torrinha é construida de tijolos unidos por meio de rija argamassa, e revestidos por uma especie de estuque ou cimento de betume. Por muito tempo se considerou este pavilhão como obra Romana, hoje, porem, julga-se datar apenas do reinado de D. João III.

Tendo Sertorio sido morto por Perpenna, submetteram-se os Lusitados a este, o qual vencido e morto por Pompeo, os vencedores se apoderaram completamente do nosso solo, que ficou convertido n'uma colonia Romana, depois d'uma lucta que mais ou menos ateada durou dois seculos (1.)

Os Lusitanos tendo perdido sua independencia tiveram que contentar-se com as honras, de que Roma sabia usar para tornar apparentemente menos duro o jugo da sugeição. Por isso concederam a Lisboa o fôro de Municipio Romano, (2) e a Evora, Mertola, e Alcacer do Sal os de Municipios Latinos. Beja e Santarem eram Colonias Romanas. Com o decurso do tempo recebeo toda a Lusitania de Vespasiano o fôro do Lacio, de Adrianno o de colonia, e de Caracalla o de Cidadão.

---

que commemorava uma das mais heroicas e gloriosas luctas da independencia d'esta terra, que habitamos! A graciosa fonte, erigida por André de Resende no centro de tres arcos, que formavam o portico Romano, tambem foi desfeita, e os leões ficaram dispersos pela cidade, apparecendo hoje uns em fontes publicas, outros em jardins particulares.» Sr. Vilhena Barbosa, vol. VII do Archivo Pittoresco pag. 42. Veja se tambem o vol. X pag. 33 a 46.

(1) Antonio Pereira de Figueiredo, vol. IX das Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa pag. 187. Antonio Caetano do Amaral «Sobre o estado civil da antiga Lusitania no tempo em que esteve sugeito aos Romanos. Memorias de Litteratura. vol. II pag. 313 e seg.

(2) Paschoal José de Mello. Historiae Juris Civilis Lusitani liber singularis pag. 16.

«Esta é a triste scena, que a Lusitania nos apresenta pelo espaço de quatro seculos, em que faz parte do Imperio Romano: sem forças, nem virtudes de guerra, que lhe dem gloria ou augmento de poder externo: sem systema de governo nem legislação propria, que lhes dê caracter certo e particular: mas uma como materia inerte, a que o capricho de um povo ambicioso e despotico dá ora uma, ora outra fórma (1) sem lhe infundir jamais espirito, que a anime.»

Apezar que a lingua latina se introduziu e propagou na Lusitania durante o longo dominio dos romanos, parece que os Lusitanos não esqueceram completamente a sua, nem a abandonaram.

O sr. A. C. Teixeira de Aragão mostra-nos um avultadissimo numero de moedas com legendas em caracteres desconhecidos, mas aos quaes dá o nome de celtiberios. (2)

Em caracteres desconhecidos são tambem algumas das inscripções, que se encontram nas fragas em Panoyas de Valdenogueiras, se bem que estas acompanhadas de letreiros em latim, os quaes talvez sejam a traducção. (3)

De caracteres tambem desconhecidos é ainda uma moeda em cobre de que nos falla o sr. M. Gama Xaro encontrada nas ruinas de Troia, antiga Cetobriga, (4) e os d'uma fórma de fundir anneis, descoberta perto de Beja, de que nos falla o sr. F. Simões. (5)

---

(1) Antonio Caetano do Amaral. Memoria ultimamente citada pag. 334. O referido escriptor falla-nos dos seguintes monumentos, que se podem incluir dentro dos taes 4 seculos. Uma inscripção no frontespicio da Igreja Matriz de Monte-mór o Novo, na qual menciona uma Flaminica de toda a Lusitania. N'umas casas em Coja uma pedra proveniente de Bobadella, na qual se falla d'um Flamine em toda a provincia Lusitana. Os seguintes vestigios das estradas militares na Lusitania. Uma pedra em Codeçoso. Outra em S. Thomé de Caldelas, termo de Guimarães. Outra em Vargeas. Outra em Banhos, indo de Lobios para a Portella de Homem. Uma na estrada militar de Lisboa para Merida. Uma do tempo de Adriano a duas milhas de Chaves. Uma em Villa Nova de Famalicão. Uma em Braga. Outra entre Evora e Beja. No caminho de Santarem por cima de Almeirim uma de Trajano, duas de Tacito e duas de Maximino.

(2) Crtalogue special de la Section Portugaise a l'Esposition Universelle de Paris, pag. 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 248, 250, 252, 253, 254, 255.

(3) Panorama de 1839, pag. 149, 150, 156, 157.

(4) Archivo Pittoresco vol. IV (1861). O author d'este artigo, conego da Sé de Lisboa, e homem erudito morreu no actual mez de março de 1870.

(5) Archivo Pittoresco vol. X, pag. 130.

No Jardim Botanico em Belem no interior á entrada da porta principal encontram-se duas toscas estatuas, e já muito maltractadas, que foram descobertas n'umas escavações em Montalegre, e passam ainda por obras dos antigos Lusitanos.

Á esquerda da porta principal do castello da villa d'Anciães encontra-se tambem uma inscripção em caracteres desconhecidos, e outras tres dentro da egreja de S. Salvador. (1)

Resenha de algumas terras em que se encontram antiguidades romanas

Alpedrinha, situada nas faldas da serra da Gardunha, pertencente ao districto de Castello Branco. Descobrio-se nas immediações do Valle da Torre ha poucos annos um deposito de antiquissimas moedas ou medalhas, coévas da republica romana, de prata pela maior parte, e algumas de cobre cobertas com laminas d'aquelle metal. Representam heroes contemporaneos, consules, senadores, generaes com suas respectivas divisas. Entre ellas viam-se algumas de Sertorio·

Arnal, aldeola perto da Batalha. O sr. Patricio B. Russell descobrio um interessantissimo specimen de pavimento romano de mosaico, muito maior que geralmente apparece, constituindo o solho d'uma casa, dividida em varios quartos, e cujas paredes, tanto divisorias, como externas, ainda se conservam na altura de cousa de pé e meio.»

Arrayolos. «Em sitio não mui remoto do assento da villa de Arrayolos, a menos de uma legua para nornoroeste (aonde hoje está a pequena aldeia de Sant'Anna do Campo) houve povoação romana, o que se prova pela simples inspecção da mesma egreja de Sant'Anna, formada nos restos de um templo romano, (2) do qual aproveitaram uma boa parte das paredes, senão que a fouce estragadora do tempo, e a mão devastadora do homem tem poupado quasi tres quartas partes da construcção romana. (3)

---

(1) Sr. Vilhena Barbosa. As cidades e villas da Monarchia portugueza que teem brazões d'armas, tom. I pag. 35.

(2) Sr. Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara (excellente escriptor, residindo em Goa, e encarregado officialmente da continuação das Decadas de Barros e Couto.) Panorama vol. X pag. 130 e seg.

(3) Em fevereiro ou março d'este anno (1868) cavando uns trabalhadores para abacellarem uma terra do Sr. Dordio, lavrador de Arrayolos, encontrarum um sarcophago Romano. Era um caixão feito de pedras de marmore de 0,^{m}02 a 0,^{m}03 de espessura completamente lisas, sem letras nem ornatos. Vêem-se nestas pedras signaes de terem sidó serradas: quatro tem 1,^{m} 60 de largo. As outras duas, com dimensões pro-

Alcobaça. Diz-nos o author do Elucidario, que é pasmosa a multidão de vestigios romanos, que se encontram na região maritima desde S. Gião até á villa de Paredes, como urnas, vasos sepulchraes e lacrimatorios, telhões, telhas quebradas, escoria de ferro, pedras polidas, inscripções e medalhas.

No anno de 1780, por occasião da lavoura, descobriram no campo de Alcobaça, no logar chamado Valado inscripções e um sepulchro, o que foi levado para o Mosteiro.

Uma das inscripções era como segue:

M. D.
DV TIAE.
TAVGINI. F
AVI ENA
SILVANI. F.
MATRI
P. C.

A segunda inscripção tinha as seguintes letras:

MINERVAE
SACRUM
IN MEMORI
AM. CARIsi
AE. G. F. QUin
TILLAE . . . . .
. . . NIA . . .

---

porcionadas, formavam os topos do caixão. Estavam todas em seus logares, mas sem nenhum cimento, e apenas ligadas por tres peças de ferro, que engatavam as pedras lateraes por baixo da pedra superior, que servia de tampa. Uma camadá de tijolos cobria toda a sepultura. Dentro appareceram ossos humanos, e na pedra do fundo algumas manchas denegridas, em correspondencia ás partes mais salientes do corpo, que as haviam produzido com os humores acidos da decomposição cadaverica. Affirmaram-nos que se encontrara juntamente uma moeda de cobre de Augusto.

«O sarcophago appareceu do lado opposto ao sitio que chamam Villa Ladra, a um kilometro de Arrayolos, da parte do sudueste. Aqui mesmo se tem achado alguns raros vestigios Romanos, e tambem ha pouco tempo, conforme nos disseram uma moeda de ouro gothica. Os ferros, um fragmento de marmore e um tijolo Romano obsequiosamente nol-os cedeu o Sr. Dordio para a Bibliotheca publica d'Evora, onde hoje se conservam.» Sr. A. Filippe Simões. Archivo Pittoresco vol. XI pag. 27.

A descoberta, porém, mais apreciavel foi um sepulchro de jaspo branco. (1)

Beja. O bispo D. Fr. Manuel do Cenaculo Villas Boas fundou na igreja de S. Sisenando d'esta cidade um deposito de lapidas, cippos, columnas e fragmentos, do que ia encontrando nas excavações, a que, não se poupando a despezas, mandava proceder em Beja e nas immediações. Chegou a conter cento e vinte lapidas, das quaes existem apenas dez, que se conservam na igreja incompleta dos jesuitas, tendo as outras sido subtrahidas. (2)

---

(1) «É de jaspe branco, tem nove palmos de comprido, de largo tres, e de alto dois e meio. Estava coberto com pedras mui delgadas, e não muito unidas, e por entre ellas se tinha introduzido alguma terra no fundo d'este jazigo, no qual se achou uma mui grande caveira, ainda com todos os dentes, e sete ou oito mui pequenas, com outros ossinhos já cariosos e meio desfeitos. Igualmente se acharam algumas agulhas de prata do comprimento de um dedo indice. As figuras, que nos offerece todas são prominentes, e ainda mais que de meio relevo: mas todas dentro da superficie, que vai do labio á meia cana da base: nos lados tem dois genios ou Morfeos com os olhos fechados, e acção de quem está dormindo, e como apagando uma tocha, ou brandão em tudo semelhantes. A' face estão as nove musas, e no meio d'ellas Apollo, como fazendo compasso no seu coro. A primeira Musa é Clio; está cantando encostada a face sobre a mão. A segunda é Erato, que em logar de outro qualquer instrumento musico usa de uns pausinhos, em cada um dos quaes apparecem tres dentes. A terceira é Thalia, tem uma mascara no lado esquerdo. A quarta é Calliope, tem debaixo do braço as obras de Homero. A quinta é Melpomene; representa-se com a insignia de um cutello: A sexta figura é Apollo. A septima é Terpsicore: está affinando seu orgão. A oitava, Polyhymnia: está empunhando um alaude. A nona é Urania, que está com um ponteiro ensinando a Esfera. A decima Euterpe: pinta-se com a mascara na mão esquerda. As duas ultimas figuras representam Morfeo e o Somno.»

Outros muitos sepulcros se tem achado neste sitio em diversos tempos, mas nenhum com o primor e magnificencia d'este. «Fr. Joaquim de Santa Roza de Viterbo. Elucidario das palavras, termos e frases, que em Portugal antigamente se usaram. 1.ª edição pag. 79 e 80.»

(2) Sr. A. Filippe Simões. Archivo Pittoresco vol. XI pag. 78.

«Bem como o de muitas antigas povoações de Portugal, é o solo de Beja riquissimo de vestigios de povos differentes, que a habitaram. Dos Romanos em particular jazem sepultadas na terra, que por tantos seculos possuiram abundantes, e preciosas reliquias, testimunhos irrefraga-

As muralhas da cidade remontam a uma epoca remota, porèm não ha certeza que datem do tempo dos romanos, que davam á mencionada povoação o nome de *Pax Julia*.

Bobadella. Quer o sr. D. Miguel Sotto Maior que perto d'esta villa ficasse a antiga cidade de *Laconimurgi*, fundando-se na existencia de antiguidades romanas no referido local, como no nome de Moruge, sitio proximo, que lhe parece uma corrupção do nome antigo, em que se tem encontrado grande numero de antigualhas (1).

Braga. Cidade importantissima durante o dominio romano, e na qual

---

veis do adiantamento das artes em Roma, e nas colonias, que ella polia e doutrinava.» Id. pag. 108.

(1) Archivo Pittoresco vol. X pag. 182 e 183 — «Abrindo o curioso opusculo intitulado — Memoria historica corographica do districto administrativo de Coimbra pelo Sr. Antonio Luiz de Sousa Henriques Sêcco ahi se nos depara a pag. 103 uma curiosa descripção dos vestigios de uma antiga povoação Romana, situada junto á actual villa de Bobadella. Estas ruinas, que na opinião de um cavalheiro d'aquella localidade, o Sr. Antonio Freire de Campos, seriam uma nova Pompea, Herculanum ou a nossa Cetobriga, se devidamente se esplorassem, consistem principalmente em dois aqueductos, que correm dos lados de leste e norte, ambos de architectura romana, um descoberto e outro soterrado; em um arco existente na praça da villa, indicando haver sido portico de algum grandioso edificio; em uns restos de uma calçada e de antigos muros: e, finalmente em muitas columnas dispersas por varias casas da villa, mas que mostram terem feito parte de antiquissimas e sumptuosas construcções. No meio d'estes destroços tem-se descuberto em differentes epochas, algumas inscripções, das quaes infelizmente nenhuma nos indica o nome da antiga cidade, que alli campeara: e ainda em 1844 appareceu em uma excavação um busto de granito, que pelo seu tamanho mostrava ter pertencido a uma estatua de cerca de 20 palmos de altura.»

«Ao nascente da villa ha um campo chamado *do Juizo* talvez por derivação do *Forum* dos romanos. Neste se encontram tambem alguns restos de outra calçada. Para o sul de Bobadella, em distancia de 500 braças, apparecem do mesmo modo abundantes indicios de povoação antiga: e andando alli um homem lavrando, encontrou dois vasos de bronze muito perfeitos, um em fórma de gomil, e outro pyramidal.

Por ultimo, em um campo denominado de S. Bartholomeu, a uma legua de Bobadella, appareceram em um grande espaço importantissimas ruinas, contendo grossas telhas, tijolos, alcatruzes de barro, pedras de marmore com cavidades artificiaes, campainhas, caldeiras de ferro já

havia sumptuosos edificios, mas dos quaes custa hoje a descobrir os vestigios. (1) No em tanto ainda existem no largo da Carvalheira, no adro da capella de S. Sebastião, grossas columnas de granito com inscripções latinas, as quaes eram columnas miliarias que guarneciam as vias militares, sahidas de Braga. (2)

Bragança. Perto d'esta cidade, junto ás margens do rio Sabor acham-se ruinas de povoação antiga, e lembra-se o Viterbo se serão os restos da antiga Celiobriga. (3)

Cadafaes. Na igreja matriz d'esta povoação existem duas lapidas romanas, com as seguintes legendas.

Primeira:

D. M.
I TERENTIUS
PRIMITUS
AN. XXXII
JUNIA FESTINA MATER
F. PIENTISSIMO
F. E. C.

Segunda:

D. M.
M. FABRICIUS
F. FILIUS GMMR
CIANUS AN. XXII
SEV FLORILIA
. . . . . (4)

Budens, aldeia do Algarve. Pelo terremoto de 1755 deixou no mar a resaca descobertos na praia, á borda da agua uns grandes e nobres edi-

---

corcomidas, sepulturas, e para cima de duzentas medalhas com differentes cunhos.»

(1) Na sachristia da ermida de Santa Anna existe uma inscripção Romana. Sr. I. de Vilhena Barbosa. As cidades e villas da Monarchia Portugueza, que teem brazão d'armas, vol. I. pag. 88.

(2) «Estas columnas até o fim do seculo XV jaziam por terra em diversos sitios, por onde passavam as ditas vias militares. Algumas d'essas columnas estavam patentes a todas as vistas, outras inteiramente escondidas pela espessura dos matos. Foi o arcebispo D. Diogo de Sousa, que as mandou descobrir e transportar para a cidade, collocando-as no campo de Santa Anna, em torno da ermida da Santa, que deu nome ao campo, e que foi fundada por aquelle prelado. E, quando se reedificou a capella de S. Sebastião, foram trasladadas as columnas miliarias para o seu adro. Sr. Vilhena Barbosa, Archivo Pittoresco vol. VII pag. 101.

(3) Elucidario, pag. 188. (4) Archivo Pittoresco, vol. II, pag. 24.

ficios, de que não havia memoria, nem tradição. Não se poude determinar a sua extensão (1) por ficarem muito debaixo de agua por uma parte, e na outra bater-lhe a maré, indicam, porem, ter sido de grande povoação, porque pelo lado da terra eram cingidos de um grosso muro de cantaria com outro de formigão ou taipa por dentro, e algumas meias paredes de ladrilho com repartimentos em quadro, continuando outros muitos e grandes alicerces. Para o nascente appareceu uma grande calçada por entre paredes de boa cantaria com porta de grades de ferro no fim, ao lado da qual se encontra outra porta, como boca de forno de cozer louça, que parece de templo, e subterraneo, e ao nivel da terra um grande tanque fundo com degraus, para o qual se encaminhavam tres canos por entre muitas paredes, descobertas por cima; por baixo tem ladrilhos com grandes pastas de chumbo. Pela parte do mar ha grandes alicerces, paredes largas e compridas, rebocadas e pintadas de varias côres. Por este lado ha uma entrada para esse edificio fabricado em volta redonda, de boa pedraria, com suas columnas compridas de pedra marmore. Immediatos estão varios aposentos, cujo solo é fabricado de muitas pedrinhas quadradas de varias côres, e raras, tão bem conglutinadas, que custa a dividil-as. Em alguns reboques se descobrem algumas letras, das quaes uns caracteres são romanos, e outros desconhecidos.

Caldas de Vizella. Nos banhos d'estas notaveis Caldas existem ainda as piscinas do tempo dos romanos, e algumas d'ellas conservam bastantes restos do antigo mosaico calcareo. Todas as referidas piscinas são de granito, e cobertas de mosaico imbutido em argamassa.

Na quinta do Alão, concelho de Guimarães, acha-se uma lapida, que parece ter pertencido a estas Caldas, a qual tem a seguinte legenda.

DEDICAVIT. T. FLAVIUS. ARCHELAUS. CLAUDIANUS
LEG. AUG.

N'um quintal perto da ponte, encontra-se tambem uma lapida com as seguintes letras.

MEDAM
USCAM
BORMN
CONSL.^{m} (2).

---

(1) João Baptista da Silva Lopes. Corografia do Reino do Algarve p. 222.

(2) Sr. J. J. de S. Pereira Caldas. Noticia Archeologica das Caldas de Vizella, pag. 8 e 9. (Braga 1853.)

«Haverá oitenta annos, segundo a tradição dos póvos, que alguns moradores da freguezia de S. Miguel das Caldas, uma legua ao sul de Guimarães, principiaram a descobrir as paredes de um tanque, e ruinas de

Caldas das Taipas. Em 1844 encontrou-se um banho romano, em vez de continuar as excavações, a camara municipal mandou soterral-o. (1)

Cabeço de Vide. Tambem se tem descoberto n'este local grandes vestigios de banhos, que datam do tempo dos romanos. (2)

Castello de Vide. A uma legua de distancia d'esta villa, n'um sitio chamado Aramanha, ficava a antiga cidade de *Medobriga*. Local, em que se têem encontrado ultimamenta columnas de differentes grandezas, capiteis, amphoras, cantarias de varios lavores, medalhas de prata e bronze e lapidas com differentes inscripções. Tambem existe na porta do carro de Castello de Vide uma excellente portada de cantaria lavrada, proveveniente das ruinas da antiga Medobriga. (3)

Castelho Melhor. A uma legua d'esta povoação entre leste e nordeste, já no termo de Almendra, comarca de Riba Coa se acham as ruinas de

---

edificios subterrados na planicie chamada Lameira, aonde passa um pequeno ribeiro, que se vai metter correndo para o sul no rio Vizella. O mesmo tanque se conservou por muitos annos entupido, porque a camara de Guimarães prohibiu aos póvos o continuarem a excavação. Em 1787 se descobriu outro banho, e se principiaram a vêr indicios de uma magnifica construcção. No anno seguinte continuando as excavações se descobriram 16 nascentes de agua, e 8 banhos construidos de argamassas diversas, e fragmentos de tijolos, guarnecida toda a sua superficie com xadrez de varias côres, formados de pequenos quadrados de composição calcarea. Igualmente se tem achado restos de passeios, que se dirigiam de uns banhos para outros, e eram formados como os mesmos banhos. Uma e outra cousa inculca a grandeza d'esta obra, e a sua rica e importante construcção » Observei nas visinhanças da Lameira, e por quasi todo o districto, que comprehende a freguezia de S. Miguel das Caldas, e de S João das Caldas, e parte da de S. Adrião muita qualidade de pedra fina empregada nas paredes de curraes de gados, nas que tapam as fazendas, e nas casas dos lavradores, conhecendo-se evidentemente que a referida pedra tinha servido em edificios importantes. Igualmente nos campos d'aquelle districto se encontram muitos fragmentos de tijolo excellente e de telha, e restos de paredes formadas de pedra fina, argamassa. E tambem se tem encontrado muitas sepulturas por aquelles sitios. José Diogo Mascarenhas Neto. Memoria sobre antiguidades das Caldas de Vizella no vol. III das Memorias de Litteratura da A. R. das Sciencias.

(1) Sr. Pereira Caldas na Memoria citada pag. 8.

(2) Francisco Xavier d'Almeida Pimenta. Investigações sobre a natureza e antiguidade das aguas mineraes de Cabeço de Vide, comarca de Avis. Memorias da Academia Real das Sciencias vol. VIII pag. 135.

(3) Sr. Rodrigues de Gusmão, vol. IV do Archivo Pittoresco, p. 395.

Caliabria, cidade que no tempo dos Godos foi episcopal, (1) e ao que os povos circumvisinhos ainda chamam *Calabre*.

Carriches. Na calçada d'este nome, nos arrabaldes de Lisboa, fica um logarejo chamado Ameixoeira, no qual se tem encontrado antigualhas romanas, e entre ellas 2 cippos. (2)

Caria. (no bispado de Lamego). Junto d'esta villa, no logar da Vide e seus contornos, se tem descuberto successivamente muitas inscripções e pedras sepulchraes. Conserva-se alli a seguinte inscripção.

---

(1) «Em um angulo recto, que fórma a ribeira Aguiar, quando se lança de sul a norte sobre o rio Douro, se levanta um ingreme e alcantilado monte, em cuja corôa se admiram os notaveis muros d'esta cidade, de 9 até 10 palmos de largo, de pedra lousinha e sem argamassa ou outro qualquer liame. Não tem fossos, torres ou baluartes: a sua figura é quasi de um circulo perfeito; todo o ambito, que encerram é um campo, que se lavra: na parte mais baixa não estão fóra da terra mais que tres palmos, e na mais alta pouco passam de nove. Não se acham alli juntos alguns montões de pedras, que nos informem das suas ruinas, e menos de cantaria. Neste sitio, que se faz observar de larga distancia por sua mais que ordinaria elevação, a natureza era o principal castello. No anno de 1767 se descobriram tres sepulchros em terra de lavoura: indicavam serem de gente Romana: eram fabricados de grandes e finos tijolos. Nelles havia algumas inscripções sepulchraes, que a ignorancia e mau gosto fizeram desapparecer. Quasi meia legua da foz do Aguiar, e bem junto ao angulo, que formam o Douro e Agueda, ha um descampado, a que chamam Aldeia Nova. As grandes excavações e pedregulhões immensos, que alli se encontram, fortemente nos convencem de alguma fabrica de metaes, que os Romanos aqui trabalhassem. Desde então parece ficou aqui a lapide sepulchral, que hoje se acha na capella do Santo Christo, que n'aquelle mesmo lugar e de mui remotos tempos se edificou. Na esquina do lado direito d'esta capella, e da parte de fóra se vê a dita pedra, que diz o seguinte:

MODESTUS AVIRATI F. C.°
BEL. AN. LX. CORNIIIA.
CENSVLIA. AN. L. H. S. S. S.
V. T. ·2 C. AVIMIVS MODE
STINVS. PARI. FIRMVS
MODESTI. LIB. PATRO.

A respeito da antiga Calibria veja-se tambem o N.° 2893 do Jornal do Commercio (Anno de 1866).

(2) Archivo Pittoresco, vol. VI pag. 326.

IMP.
M. AV.
V. M. C.
AVG. P. F.
P. M. T. P.
P. P.
IIXX.

Na frontaria da capella do Espirito Santo se vê uma pedra quadrada com as seguintes letras.

BONO
REIP.
NATO

Tambem no frontespicio da capella de S. Domingos se vê uma pedra comprida, a qual parece ter sido campa d'alguma sepultura, com as seguintes letras.

VICTOR.
MARII. F.
HEIC. SE. . .
P. JACET. (1)

Chaves. No capitulo VII da parte II do vol. I d'este Mappa de Portugal póde ver-se a notavel inscripção romana do pilar da ponte sobre o Tamega.

Chellas. O convento de S. Felix de Chellas dos conegos regrantes de Santo Agostinho, e pertencente á freguezia de S. Bartholomeu do Beato Antonio, (2) descripto por fr. Luiz de Sousa na sua historia de S. Domingos, é notavel pelos restos de monumentos attribuidos aos romanos.

Diz-se vulgarmente que no tempo do dominio romano em Portugal havia no local do actual convento de Chellas um templo dedicado á Deusa Vesta, e por isso servido pelas Vestaes, e que com os materiaes deste templo se reconstruiu o actual mosteiro.

As antiguidades romanas n'elle existentes são as seguintes: Uma pedra quadrada de alabastro, com uma abertura oval no meio, e quatro mais pequenas nos cantos. Dizem que esta era a ara do fogo perpetuo. Uma lapida grande de marmore, em fórma de painel, (3) fazendo-lhe moldura caçadas de differentes animaes, ornadas e entremeiadas de folhagens em bem acabado relevo. No centro tem seis figuras humanas de joelhos, com as mãos erguidas; e em logar mais alto outra figura, que mostra

(1) Elucidario, pag. 337 e 338.

(2) Fr. Luiz de Sousa na sua Historia de S. Domingos quer que estas freiras tivessem sido Dominicanas.

(3) Sr. Villhena Barbosa a pag. 379 do vol. VII do Archivo Pittoresco.

estar sentada. Trajam vestidos talares, mas tem os rostos gastos de modo que se não distinguem feições. Poderão representar vestaes adorando a sua divindade, ou em qualquer ceremonia do seu rito. Estas pedras foram encontradas em excavação feita em 1604.

Indo do claustro velho para a cerca encontram-se mais algumas pedras tambem inculcadas como pertencentes a construcções romanas.

Na parede do quintal da sacristia está o cippo de Julia Flaminia, onde estão letras, que dizem significar, estarem alli sepultados Julia Flaminea, Vestal, filha de Quinto Julio, Quinto Julio filho de Quinto, e Caio Severo.

Ha tambem uma lapida com uma inscripção, da qual já poucas letras se percebem, uma pedra comprida, com lavores, em que se vê um gripho e um pegaso, circumdados de festões de folhagem, que se cruzam nos intervalos. Uma pedra em que se vêem figuras de animaes, e que parece ser o fragmento d'um friso, cujos lavores são em relevo.

Porém o sr. padre Coelho compoz uma memoria, na qual pretende mostrar que todas estas antigualhas são godas e não romanas. A referida obra acha-se ainda inedita. Effectivamente hoje está algum tanto desvanecida a crença de que sejam antiguidades romanas.

Condeixa. A pouca distancia d'esta povoação encontram-se as ruinas da antiga Colimbria. Ainda se admiram alguns lanços de muralhas de grossura extraordinaria, tres pontes, restos de um aqueducto e grande porção de fragmentos de pedras lavradas de telhas e de tejolos alastrando o chão. (1) A mais notavel das pontes por sua fortaleza e dimensões é a que fica ao poente da cidade. A distancia de uma a outra abertura de um dos seus arcos é de 14 metros. Crê-se que era por ella o transito para a antiga cidade de Collippo, hoje Leiria. O aqueducto conduzia á cidade as aguas do nascente de Alcabedeque, que fica a distancia de 3 kilometros, e é um dos mais copiosos, que temos visto. As ruinas de Colimbria são um fertil e vasto campo, onde muito tem que explorar o archeologo e o numismatico. (2)

Coimbra. Existe no pateo da Universidade a seguinte inscripção: (3)

---

(1) Sr. Augusto Mendes Simões de Castro. Guia historica do Viajante em Coimbra e arredores, pag. 264.

(2) Como o recinto da cidade está hoje todo cultivado, não é raro encontrarem-se alli por occasião dos amanhos algumas moedas e medalhas. Quasi todas as pessoas das circumvisinhanças possuem algumas, e quando alguem vai visitar as ruinas, sahem-lhe com ellas ao encontro perguntando se querem comprar «realochos.» Id. pag. 266.

(3) João Pedro Ribeiro. Dissertações, vol. I, pag. 359.

D. M. S.
AURELIO RUFINO
ANN. XVII
AURELIUS MUSSEUS
FILIO. PIISSIMO. F. C.

Estoy. N'esta povoação do Algarve pretende o P. fr. Vicente Salgado que estivesse situada a antiga Ossonoba, e dá noticia das antiguidades alli existentes nas Memorias Ecclesiasticas do reino do Algarve, pag. 81 e seg.

Evora. No museu d'esta cidade encontram-se varias antigualhas romanas, como o fragmento de barro vermelho d'uma lampada achada em Troia, uma figura de cobre, que se diz ser uma Iris egypciaca, espadas e objectos de cobre de tosco lavor, encontrados em varios locaes da diocese de Beja, um lindo capitel romano, um Hercules de agatha, uma memoria dedicada a Diana, e consistindo na cabeça mitrada de um veado entre duas tetas, um vaso de vidro, encontrado debaixo do alicerce da muralha romana. (1)

E na torre chamada de Sertorio está uma legenda com as seguintes lettras.

IVNIO. L. F. GAL.
RVLLO
C. NORBANVS. L. F.
IVNIVS DEXTER.
HEREDES.....

Fermedo. N'esta povoação encontraram-se bastantes dinheiros do tempo dos romanos, os quaes vieram remettidos para a Torre do Tombo, e d'elles tracta o Panorama de 1843 a pag. 135.

Idanha. Na distancia de 2 leguas d'esta povoação ficam as ruinas de Idanha a velha, que foi cidade florentissima no tempo dos romanos, e ainda mais no dos godos. (2)

---

(1) Sr. Filippe Simões. Archivo Pittoresco pag. vol. XI 404.

(2) «Em o sitio, que dista para o nascente de Castello Branco sete leguas, e uma de Monsanto para o poente, teve seu assento a cidade de Idanha, banhada do Rio Ponsul em fórma de Peninsula fundada pelos Romanos, e em breve tempo veio a ser das mais populosas cidades da Lusitania, pondo-lhes seus fundadores o nome de Egitania ou Aegitania. Por estas partes continuamente apparecem lapidas e medalhas, especialmente em um campo visinho.

Manoel Pereira da Silva Leal. Memorias para a historia Ecclesiastica do Bispado da Guarda. pag. 15 e 16.

Leiria. N'um sitio perto d'esta cidade, e que tem o nome de S. Sebastião, onde alguns escriptores pretendem que tivesse jazido a antiga *Collipo*, tem-se descoberto muitas antiguidades romanas, e algumas se acharam tambem junto do castello da actual cidade, á entrada do qual da banda do sueste se descobriram pedras tumulares de marmore branco com veios encarnados, e inscripções das quaes se poude colligir que Tito Avito Aviciano, prefeito dos mantimentos e generos cereaes d'aquelle departamento erigira monumentos com aquellas lapidas aos manes de pessoas de sua familia. (1)

Lisboa. N'esta cidade, onde havia tantos monumentos do tempo dos romanos, nada mais existe, que quatro lapidas na travessa das Pedras Negras, das quaes falla João Baptista de Castro no tomo III do seu Mappa: uns entulhos na rua de S. Mamede, do lado da ermida de S. Chrispim, onde esteve o antigo theatro, de que já se fallou a pag. 119: uma lapida existente n'uma loja, na baixa, a respeito da qual escreveo uma dissertação o sr. Francisco Martins de Andrade, conservador na Bibliotheca Publica de Lisboa, a qual ainda se conserva inedita. E uns canos subterraneos na rua dos Retrozeiros descobertos em 1858, quando se fez nova canalisação depois da febre amarella. (2)

Na Bibliotheca Publica existe uma estatua de Bacho.

Faro. Sahindo da porta falsa do Castello, em um baluarte visinho chamado a Meza dos Mouros, diz Vicente Salgado estar a seguinte lapida: (3)

IMP. CAES. P. LI
CINIO VALERI
ANO. P. F. AVG. PON
MAX. P. P. TR. POP. III
COS. RESP. OSSON.
EX DECRETO ORD.

DEVOTISSA. NVMINI
MAIESTATIS E I VS
D.

Na torre do poço das Naos da parte do mar se vê o seguinte cippo com esta inscripção:

D. M. S.
CATVRISAE PRI
MAE CONIVGI. PIISSIMAE
QVAE VIXIT. ANNOS XXV
M. VIII. L. CALP. THE
ODORVS MARITVS

---

(1) Panorama de 1840 (vol. IV) pag. 354.
(2) Vide o Jornal do Commercio do referido anno.
(3) Memorias Ecclesiasticas do Reino do Algarve pag. 91.

Na mesma torre ainda ha mais dois cippos. (1)

Na porta da villa, no fundo da praça de Faro, junto do calabouço está outro cippo.

CORNELIVS ERIDIMVS C. IV
NIVS RECEPTOS OB HONO
REM IIIIIVIR. D. S. P. DD.

Dentro do castello, para o nascente está a seguinte lapida sepulchral:

D. M. S.
JVNIA ERENNIA
ANN... RVM... NI.

Por cima da porta da Senhora do Repouso, junto ao convento das religiosas, está um pedaço onde só existem as seguintes lettras:

ESCVS.

De mais inscripções nos dá noticia o referido Salgado, que se podem ver na mencionada obra.

Maria d'Ul (*Santa*). Na matriz d'esta egreja, pertencente ao concelho do Pinheiro da Bemposta acha-se a seguinte inscripção.

. . . ȝRE. AVGVSTO. TRIBUNI
. XXVII. COS. XIII. PATER.
RALINVS. AVGVSTALIS.

Encontram-se ainda outras antigualhas por aquelles sitios. (2)

Marialva. No sitio, em que hoje existe o logar chamado a Deveza, esteve situada no tempo dos romanus a cidade de Aravor (3). Não sómente tem apparecido debaixo do solo muitas antigualhas romanas, mas tambem em tempo de Viterbo ainda existiam dois edificios romanos, e ainda d'ahi a um quarto de legua os restos d'uma grande naumachia.

Montemór o Velho. Nos alicerces das antiquissimas muralhas d'esta povoação, as quaes teem andado a demolir, encontraram-se dinheiros romanos. Faz pena ver demolir aquellas venerandas construcções, era o unico monumento de Montemór, e que poderia fazer ir visitar aquella terra o amante d'antigualidades. Ainda apresentam uma magestosa vista ao longe.

Montemór o Novo. Na parede exterior do adro da egreja matriz d'esta povoação acha-se a seguinte lapida.

D. M. S.

---

(1) Memorias Ecclesiasticas do Reino do Algarve, pag. 101.
(2) Panorama de 1843 pag. 344. (3) Elucidario, pag. 132 e seg.

MEMORIAE G. F. CALCHISIAE FLAM
PROV. LVSIT. H. FIL. PHSSIM. ET. MAR. L. F.
SIDONIAE NEPT. DVLC. ET APON. LV
PIANO. MAR. MERENT. FABRIC. QVA. MISER. MA
TER IVN. LEONICA. KARIS SVIS ET SIBI. (1)

Marvão. Em uma quinta dos condes da Atalaia teem-se achado muitos vasos de barro (2), medalhas, inscripções e outras antigualhas. Perto de Marvão descobrem-se ruinas de edificios antigos em uma grande extensão de terreno, que bem mostram ter sido de povoação importante. Dizem alguns escriptores que existira alli uma cidade chamada Armenia.

Numão. Villa sobre a margem esquerda do rio Douro. Alli se teem encontrado muitas medalhas, de ouro e prata. Alli existe tambem a seguinte inscripção (3).

TI. CLADIVS
SANCIUS. EQ.
CHOR. TIT. LV
SITANORVM
DIS. DEABVSQ.
CONIVMBRIC.
S L. M.

Vindo do Castello para a villa se acha n'uma fraga uma inscripção formada de caracteres latinos e desconhecidos. (4)

Penalva. No adro da egreja d'esta povoação existe uma lapida com a seguinte legenda:

D. M. S.
PROCIII

---

(1) Joaquim José Varella. Memoria Estatistica ácerca da notavel Villa de Monte-mór o Novo, no tomo V das Memorias da Academia das Sciencias, parte I.

(2) Sr. Vilhena Barbosa. Obra já citada, vol. II pag. 57.

(3) Elucidario. Parte 2.ª pag. 175.

(4) Qual fosse aquella lingua primitiva, da qual até ha diversos alfabetos, ignora-se. Bayer se propoz decifrar estes monumentos, como fenicios, pela lingua Samaritana. Erro e Aspiroz pela Vasconça. Veja-se o seu alfabeto da lingua primitiva, em cujo cap. I refere as tentativas ao mesmo respeito de varios sabios, que elle reputa baldadas, como outros já tem qualificado as suas. Veja-se tambem o Prologo de Nasarre á Bibliotheca Polygrafia de Rodrigues, desde pag. IV. João Pedro Ribeiro, Dissertações Chronologicas e Criticas, vol. I, pag. 183.

AII LIBIIR
TAII RUST
AN. L. IT
QM PRO
CIIIAII. PA. (1)

E nos quintaes da residencia dos abbades de Penalva se encontra esta outra:

RVFO. FVSCI. F. A.
ANORVM. XXV.
FVSCVS ALBINI
FILIO. SVO. III. SIBI. (2)

Ponte de Lima. N'um arrabalde d'esta villa chamado Antepasso existem tres columnas miliarias da via militar de Braga a Astorga, que para alli foram levadas dos differentes locaes, em que se encontraram. Uma d'ellas tem a seguinte legenda:

IMP. CAES. TRAINO
HADRIANO. AVG.
PONTIF. MAX.
TRIB. POTEST. XVIII.
CON. III. P. P. A BRACA
AVG. M. P. XX.

A da outra é na fórma seguinte:

IMP. CAE. DIVI. SEVERI. P. N. FIL.
DIVI. MARCI. ANTONINI. E. P.
DIVI. ANTONINI. P. I. I. PRONEP.
DIV. HADRIANI. ABNEP.
DIVI TRAIANI. PAR. T. E. T.
DIVI. NERVA. E. ADNEPOS.
MARCO. AVRELIO. ANTONINO
PIO. FIL. AVG.
PART. MAX.
BRIT. MAX.
PONTIFICI. MAX.
TRIBVNIC. POTEST. XVII.
IMP. III. COS. IIII. P. PROCON.
BRACAR. AVG. M. P. XX.

---

1) Elucidario vol. I, pag. 387. (2) Id, pag. 387.

As lettras da terceira estão já tão sumidas, que apenas se percebem as seguintes:

VICIORIO
VESSIMO
IMP. CONS. TANTIO
MAXIMO RI
VMPATORI
SE MOE
I (1)

Quarteira, aldeia de pescadores no Algarve. Junto da praia, mas dentro do Oceano se encontram vestigios de antiguidades formados pela

(1) Sr. Vilhena Barbosa a pag. 359 e seg. do vol. VI do Archivo Pittoresco.

«Construiram os Romanos na Lusitania varias «vias militares» e muitas vicinales. Só da cidade de Braga partiam cinco das primeiras, uma direita a Lisboa, e quatro em diversas direcções, mas convergindo todas á cidade de Astorga. A que seguia para Lisboa, corria com pouca differença, por onde agora vai a estrada real de Braga ao Porto, Coimbra, Leiria e Lisboa. As outras quatro tinham as seguintes direcções:

A primeira ia de Braga a Chaves, e d'ahi á cidade de Astorga. A segunda dirigia-se ao Cavado, d'este rio até Fão, e depois junto á costa do Oceano até um logar chamado Grandemiro, na Galliza, seguiam os viajantes a via maritima; e de Grandimiro continuava a estrada por Lugo até Astorga.

A terceira era de todas quatro a mais grandiosa. Encaminhava-se de Braga ás margens do rio Homem, que atravessava sobre tres excellentes pontes em tres sitios differentes, por causa das voltas, que o rio faz. D'alli proseguia em direcção á serra do Gerez, entrava na Galliza, e ia por Lobios a Astorga. Chamavam-lhe na Lusitania *estrada da Geira*, dizem que em razão das muitas voltas ou giros, que descrevia. Ainda hoje chamam a Geira áquelles sitios, por onde a estrada passava em zig zag. Conforme memorias antigas, esta estrada corria sempre plana, ou com suave declive, larga e bem calçada. Da via do Gerez foram recolhidas a Braga em diversos tempos varias columnas miliarias, que jaziam cahidas e dispersas, e algumas d'ellas enterradas.

A quarta via militar sahia de Braga, atravessava o Cavado na Ponte do Prado, direita á Ponte do Lima, d'ahi a Tuy, e dirigindo-se a Lugo, entroncava na que vinha da costa do Oceano, e seguia para Astorga. Percorria uma extensão de 299000 passos, ou 74 leguas e tres quartos da nossa antiga medida. Na opinião de alguns antiquarios denominava-se esta estrada *via Augusta*, do nome do imperador, que a mandou abrir.» Sr. Vilhena Barbosa. Archivo Pittoresco vol. VI pag. 338.

celebre argamassa, de que falla Plinio, e bem póde ser que a torre chamada da Vigia hoje, seja a famosa dos povos antigos. (1)

Reguengos. Em Villa Nova de Reguengos foi encontrado em 1840 um notavel sarcophago romano de marmore tendo por cima uma tampa tambem de marmore composta de 3 pedaços collocada sobre barras de ferro chumbadas, lisa, porem, e sem inscripção alguma; contendo o dito sarcophago um esqueleto, e á cabeceira d'este um pequeno vaso de vidro.

N'aquella mesma occasião se encontraram em excavações muitos outros sarcophagos ou urnas, sendo parte d'elles tambem de marmore mais ou menos branco, e mais ou menos lisos, e parte d'elles de lage escura, cobertos com ladrilhos argamassados, contendo todos um esqueleto e um vaso lachrymatorio de barro vidrado de verde, o que tudo foi destruido, encontrando se hoje fragmentos de taes sarcophagos empregados na construcção das paredes. Appareceram tambem algumas urnas de barro, pedaços de chumbo em barro e em tubos e algumas moedas de prata.

Nas immediações do local, onde tudo isto se encontrou, se notam vestigios de edificações antigas, como pégões de arcos de aqueducto, galerias subterraneas abobadadas, dentro das quaes estavam penduradas pequenas lampadas de barro.

O sarcophago mencionado em primeiro logar, cuja descripção se pode ver na obra abaixo referida, foi comprado pela camara municipal do Porto para o seu museu.

V. Noticia e descripção de um sarcophago romano descoberto ha annos no Alemtejo e recentemente comprado pela cidade do Porto para o seu museu municipal. Porto, 1867.

Santarem. No adro de Santa Maria d'Alcaçova estão duas pedras sepulchraes (2), uma das quaes tem as seguintes lettras.

D. M
M. ANTONI. M. F.
GAL. LVPI OLI
SIPONENSIS
H. S. E.

A segunda tem a seguinte legenda:

---

(1) João Baptista da Silva Lopes. Corografia do Algarve, pag. 306.

(2) Ignacio da Piedade e Vasconcellos. Historia de Santarem edificada parte I, pag. 87.

O Sr. Alexandre Herculano falla tambem d'estas inscripções tumulares no vol. XI do Panorama a pag. 204.

D. M.
Q. ANTONI. M. F,
CAI. CELERI.
OLESIPONENSI.

Tavira. Dizem varios escriptores que no local d'esta actual cidade existira a antiga Balsa, e Vicente Salgado nas suas Memorias Ecclesiasticas do reino do Algarve nos faz menção de varias antigualhas encontradas n'aquelles sitios. (1)

Tiago de Cacem (*S.*) Existem n'esta povoação as seguintes inscripções romanas, das quaes nos dá noticia o sr. P. Antonio de Macedo e Silva a pag. 11 da sua obra intitulada Annaes do Municipio de Sant'lago de Cacem.

MARTI
SACRUM
IN HONO
REM G. PAG
MARINI
PAG. MARI
ANE TRATI
PIENTISSIMO

Q. SCRIBONIO
L. F. QUIRI
PATENNO
L. SCRIBONIUS
SATURNINUS
PATER

G. PAGVSICO
VALERIANO
EX TESTAMEN
SVO SCRIBO
NIA G. F. MAXI
MA HERES FC.

1) A pag. 128 e seg.

PAGVSCICÆ
L. F. FVNDA
NÆ. C. PAGV
SICVS LVCI
ANVS SORO
RI OPTVMAE

VENERI VITRI
CI. AVG. SACR.
IN HONOREM. LV
CILLÆ LEPIDINÆ
FLAVIA TITIA. FILIÆ.
PIENTISSIMÆ

ÆSCVLAPIO DEO
CATTIVS. JANVARIVS
MEDICVS PACENCIS.
TESTAMENTO LEGAVIT.
OB. MERITA SPLENDIDISSIMI
ORDINIS
HERES
FAC. CVR.

Torres Vedras. O nome d'esta povoação bem indica sua existencia no tempo dos romanos. Porem d'aquella epoca já restam bem poucos monumentos. Existem duas lapidas na quinta da Rainha, freguezia da Carvoeira. (1) Existe ainda uma outra na parte externa da parede ao lado da porta travessa da freguezia de Matacães, da qual sómente se podem ler as seguintes lettras.

D. M.
C... A... D...
AVITA AN. XXVII
H S. E.
JVLIA M. F. C.

Troia. Povoação fronteira á cidade de Setubal.

Nas escavações aqui feitas em diversas epocas teem-se descuberto muitas antiguidades romanas.

Em 1814 achou-se um caixão contendo um cadaver, mas que se desfez em pó, apenas recebeu o contacto do ar, e tambem uma lampada, uma taça, e um castiçal (Panorama de 1840, pag. 81). Desde então para cá são innumeraveis as antigualhas encontradas nas suas escavações,

(1) Manoel Agostinho Madeira Torres. Descripção historica da Villa de Torres Vedras. Memorias da Academia vol. VI pag. 16.

que desgraçadamente teem sido sempre interrompidas por falta de meios pecuniarios.

Em 9 d'Outubro de 1849 foi inaugurada a Sociedade Archeologica Lusitana sob a presidencia do duque de Palmella, com o fim de proceder a escavações n'este local.

Em 1 de Maio de 1850 principiaram os trabalhos. Nada se descobrio.

2. Desentulhou-se uma casa, em que se encontraram 3 amphoras quebradas, e 1 lampada de barro. Descobrio-se um carneiro de familia contendo quatro esqueletos bem conservados.

No dia 3 desentulhou-se parte d'uma casa, onde havia 18 medalhas romanas do baixo imperio.

No dia 4 na mesma casa acharam-se alem d'outras cousas, uma amphora contendo 1838 medalhas de cobre do alto e baixo imperio, cunhadas em Antiochia, Constantinopla, Carthago, Roma, Leão, Aquilea, etc. (1)

Nos dias seguintes acharam-se umas trinta amphoras, a maior parte partidas, duas pedras que pareciam mós de moinho, dois medalhões de cobre, e 8 medalhas do mesmo metal.

No dia 13 1 alvião de ferro e 4 medalhas de cobre.

No dia 14 uma lampada sepulchral de barro, um vaso lacrimatorio de barro, um prato de barro saguntino, e 4 medalhas. Nos dois dias seguintes desentulhou-se uma casa, da qual as pinturas estavam em perfeito estado de conservação.

As medalhas achadas pertencem aos tempos de:

Numeriano.—Maximiano Herculeo.--Constancio Chloro.--Licinio Senior. —Constantino Magno.—Constantino Junior.—Constante.—Magnencio.— Flacio Julio Constancio.—Constancio Gallo.—Valentiniano Senior.— Graciano.—Valentiniano Junior.—Magnio Maximo.—Theodozio Senior. Flacilla Augusta.—Arcadio.— Honario.

No dia 23 encontraram-se tres lampadas e um ponteiro d'osso (stylus).

No dia 25, objectos de metal para fazer redes.

27. 3 medalhas, 1 de Juliano, 1 de Constantino, e 1 de Crispo.

28. 2 medalhas.

29. 3 amphoras. (2)

30 e 31. Escavações.

Suspenderam-se então os trabalhos, promettendo-se continual-os depois com regularidade e methodo, o que ainda se não tinha feito.

Infelizmente pararam, porem o conego Xaro mandou a expensas suas

(1) Revista Popular vol. III, pag. 70.

(2) Veem desenhos das amphoras achadas em Cetobriga no vol. IV da Revista Popular, pag. 311, e tambem a pag. 376 do III vol. do Archivo Pittoresco. Algumas d'estas amphoras tinham 1^m, e na sala das antiguidades da Bibliotheca Nacional de Lisboa ha tambem uma de $0,^m74$.

*

continuar alguns trabalhos, e poude encontrar ainda objectos preciosos como uma lampada de bronze com figuras de relevo, (1) uma urna cineraria pomiforme de vidro branco (achada em 8 de Janeiro de 1858.) (2) Encontraram-se tambem muitos aderesses de senhora. (3) Em 1860 encontrou-se, alem d'outras, uma urna de vidro, de pouca grossura, e azulado, contendo cinzas, e uma pequena vara de vidro (Rudis). Na urna dizia-se que estavam alli as cinzas de Lucio Vibis Calistrato. De quarenta annos d'edade.

Valença do Minho. Existe um cilindro de marmore collocado entre a casa da Camara a o Hospital militar com a seguinte inscripção:

TAMEOBRIGO
POTITVS
CVMELI
VOTVM
PATRS
S. L. M.

V. João Pedro Ribeiro. Dissertações. vol. 1.° pag. 359.

Vinhaes. Perto d'esta villa entre Bragança e Chaves se consersa a seguinte inscripção:

IOVI.
O. M.
LOVIIS
IA IIX
VOTO
L. A. P. (4)

Vizeu. As duas torres da Sé d'esta cidade são obra dos romanos, aproveitadas pelos christãos na construcção do templo, n'uma das quaes

---

(1) Archivo Pittoresco vol. III, pag. 320.

(2) Id. id. pag. 88. No mesmo vol. a pag. 337 vem os desenhos das urnas cinerarias e lacrymatorios de vidro achados nas referidas excavações.

(3) Archivo Pittoresco, vol. 4.° pag. 40.

(4) «No anno de 1841 succedeu que andando um trabalhador apanhando pedra junto das ditas ruinas, descubrio um tumulo de cinco palmos em quadro, fechado com abobada de alvenaria; dentro continha muitos ossos quasi desfeitos, um vaso, á maneira de garrafa, de vidro; um copo, um anel de prata, em cuja pedra se via esculpida uma figura a cavallo; uma especie de chuço, e uma moeda de bronze, em que ainda se distinguiam as lettras S. C. Achou mais em diversos sitios grande quantidade de telha e tijolos.» Id.

se conservam os nomes de dois irmãos authores da obra, e na outra estão as aguias do imperio (1).

Em 1818 encontrou-se cavando-se n'uma quinta um tumulo romano.

Na villa de Intias no bispado de Vizeu existe a seguinte inscripção:

DEO
MERCURIO
APONIVS
A. L. V. S.

Arnal—John Martin. Archivo Pittoresco vol. I, pag. 123 e seg. com estampas.

«Para auxilio das conjecturas, que se possam fazer relativamente ao edificio Romano de Arnal bom será ponderar-se, que aquella aldeia demora cerca de tres milhas ao noroeste de Leiria, aonde se suppõe que teve assento a antiga *Callipo* dos Romanos, regida por um proconsul. Os Romanos com aquelle animo emprehendedor, que os caracterisava, tiraram partido sem duvida das particularidades mineraes d'aquelle territorio: não deixaram de vêr por certo o proveito, com que alli se podia exercer a manufactura do ferro, tão necessaria para as suas expedições bellicas: e hoje ha provas manifestas da grande escala, em que elles produziam aquelle material As suas fornalhas de fundição construidas em muitos sitios desde Porto de Moz até Leiria, e nas immediações de leste a oeste deviam ser mui productivas. As ruinas d'esses fornos, além de immensos depositos d'escorias, ainda se encontram em varios pontos, n'uma área de quinze milhas quadradas. Tinham estabelecimentos metallurgicos em Porto de Moz, Alqueidão, Arnal (sitio do mosaico) Valle d'Orta, Necessidades, proximo a Leiria, e ao pé da Marinha Grande, á beira do grande Pinhal. Tem-se encontrado nos depositos d'escorias alguns pedaços de metal em barras, de seis pollegadas de comprimento, quatro de largura, e tres de espessura: em tanto que muitos dos depositos ou montes d'escorias, que duram ha mil e tantos annos estão coroados de venerandos carvalhos.»

«Póde facilmente suppôr-se que as visinhanças de Leiria foram em tempos muito antigos, tanto por serem sitios apraziveis, como por interesse habitadas por pessoas, que podiam tirar proveito da fertilidade do solo e da riqueza mineral n'elle contida. Deveu, pois, alli ser o centro de uma população dilatada e industriosa, do que se encontram bastantes provas no chão ainda hoje povoado de vasos de louça quebrados

(1) Sr. Miguel Xavier Mercier de Almeida a pag. 89 do vol. V do Archivo Pittoresco, porém pela leitura da pag. 26 do vol. 5 do Panorama, ficamos em duvida se as taes aguias e letreiros existem.

e telhas. Não nos deve, por tanto, causar admiração o achado de uma casa esplendida (e talvez que haja ainda outras) nas proximidades de um municipio, sob a intendencia de um proconsul, n'uma provincia do imperio Romano, como Portugal por muito tempo foi. O edificio, de que se tracta, se não era residencia do proprio proconsul, pode ter sido talvez, a do superintendente dos trabalhos de mineração, ou de algum romano opulento, que houvesse escolhido o sitio por causa da sua salubridade.»

O chão do edificio, a julgar pelo que até agora se tem escavado, parece ser na maxima parte um parallelogramo, correndo N.E. e S.O com uma saliencia no meio da extremidade do nordeste, formando mais que um semicirculo com um raio dentro do muro de 9 pés e 2 pollegadas, o que augmenta consideravelmente o tamanho da camara principal. As paredes exteriores e as que dividem os quartos, são todas da mesma grossura, que anda por meio metro; e são feitas dos mesmos materiaes, que consistem em pedaços de pedra irregulares, mas bem unidos uns aos outros e cimentados com argamassa, tendo pedras de cantaria nas umbreiras das portas e janellas A pedra, de que se compõem as paredes está misturada com pedaços de telha, e porções d'escorias aqui e acolá. o que mostra que os fornos da fundição das proximidades já então estavam funccionando A excavação ainda não chegou a descobrir todo o edificio, nem o local da entrada principal. A maior extensão de muro encontrada é de 15 metros, mas ainda resta mais por descubrir. Na extremidade do muro do lado de nordeste, e do lado de sueste, na extensão de 68 pés pouco mais ou menos, é que se tem feito a principal excavação, e é que se tem encontrado o pavimento de mosaico. Todos os quartos são assoalhados de mosaico á excepção de um só. O desenho, porém, que entre todos mais se distingue, é o do quarto principal, que incluindo a extremidade circular tem 10,55 metros e 5,45 metros. Todo este quarto está cheio de pavimento marchetado: a parte circular com um desenho d'ornato de xadrez preto e branco, ao passo que a parte rectangular representa em differentes cores a fabula de Orpheu amansando os brutos, e encantando os com a musica da sua lyra. O lobo e o porco montez vêem-se alli em pé, com silencioso pasmo olhando para o tangedor, a rapoza deliciada com as novas sensações, que experimenta, levanta-se e põe uma pata no rochedo, em que Orpheu está assentado, e outra pata na propria lyra; o gamo, a maior distancia, parece estar immovel escutando a melodia, em tanto que o coelhinho mostra ir correndo sem saber para onde corre, nem o que sente. Além d'aquelles ha mais tres animaes, que parecem não formar parte do bruto auditorio, e são uma panthera no tope, e um veado e alce no fundo, collocados como objectos de ornato, e para encher espaços. Os quatro cantos do quadrangulo, que serve de moldura ao pittoresco painel estão embellezados com quatro cabeças maiores do que o natural, e que, em

razão do seu numero, podiam representar as quatro estações; mas não ha bastantes signaes caracteristicos, que auctorisem uma tal supposição. Esta é a unica alcova, em que acham imagens de objectos viventes: nas outras ha só desenhos ornamentaes, alguns dos quaes são muito elegantes.»

N'uma capella antiga, em S. Sebastião, vê-se tambem uma pequena columna quadrada de mão d'obra romana, de dois pés d'altura, pouco mais ou menos, e que está servindo de apoio a uma pia de agua benta.

Tem a seguinte inscripção

ALBONIVS
TABELL
SATVRNINO
MILITANTE
S V I

Se tivermos presente as obras de Monfaucon «L'antiquité expliquée» não se tem encontrado outro, ou poucos mais pavimentos se terão encontrado de maior extensão, e mais bem executados, excepto talvez na Italia.

Alem das obras citadas pelo decurso d'este artigo a respeito das antiguidades romanas ainda se podem consultar com proveito as seguintes:

José Anastacio de Figueiredo. Memoria sobre qual foi a epoca certa da introducção do direito de Justiniano em Portugal. Memorias de Litteratura, vol. I.°

Francisco Xavier Ribeiro de S. Paio. Memoria sobre as ruinas do mosteiro de Castro de Avelãs. Memorias de Litteratura, vol 5.°

Thomaz Antonio de Villa Nova Portugal. Qual seja a epoca fixa da introducção do direito romano em Portugal. Id.

Antonio Caetano do Amaral. Sobre o estado civil da Lusitania desde a entrada dos povos do norte até á dos arabes. Memorias de litteratura vol. VI.

Joaquim José da Costa de Macedo. Memoria sobre os vasos murrhinos. Mem. A. Tom. XII parte II.

João da Cunha Portugal. Memoria sobre os ultimos tempos da dominação romana em Hespanha. Memor. A. Nova Serie. Tom. I. parte 2.

Manuel Bernardo Lopes Fernandes. Memoria das moedas correntes em Portugal desde o tempo dos romanos. Id. Tom. II. part. I.

José d'Oliveira Berardo. Memoria sobre algumas inscripções encontradas no districto de Viseu. Idem Idem parte II.

João Pedro Ribeiro. Reflexões Historicas parte I.

As moedas romanas são mui vulgares em Portugal. Teem grande porção d'ellas o gabinete numismatico da bibliotheca publica de Lisboa. S.M. D. Luiz, o sr. Eduardo Ferreira Carmo e A. J. d'Oliveira Nascimento, do Porto e o sr. Joaquim José Judice dos Santos, em Portimão, e além d'estes muitos outros individuos: mas tratar-se-ha d'este assumpto em artigo especial e desenvolvido, se for possivel caber n'este supplemento.

«O imperio dos Cesares havia acabado a tarefa, que a Providencia lhe destinára na obra do progresso humano. (1) O christianismo profundara já as raizes na terra e vecejava aspergido com o sangue dos martyres, abrigava as sociedades com a sua vasta sombra, e tomando os nervos d'esse cadaver gigante, que se desconjunctava, hia preparando cada um d'elles para o converter n'um corpo social cheio de mocidade e de vida. Novas migrações desciam do septemtrião ao meio dia da Europa para a renovar, como em tempos remotissimos tinham descido das chapadas interiores da Asia a povoal-o. As legiões, a politica dos imperadores, e a magestade do nome romano serviam por algum tempo de dique á invasão. Fôra, porém Deus quem soltara a torrente. Era uma lucta sublime a da civilisação contra a barbaria; mas esta rompeu as barreiras. As hostes e as tribus selvagens do norte arrojaram-se por cima do imperio: a vaga seguia-se á vaga. D'aquelle grande cataclysmo nasceram as nações modernas. Com effeito os barbaros do norte se apoderaram do nos-

(1) Sr. A. Herculano. M. de Portugal vol. pag. 27.

Desde essa epocha a distincção das duas raças, á conquistadora ou gôda, e a romana ou conquistada, quasi desapparecera, e os homens do norte se haviam confundido, com os do meio dia em uma só nação, para cuja grandeza contribuira aquella com as virtudes asperas da Germania, esta com as tradições da cultura e policia romana.

As leis dos Cesares, pelas quaes se regiam os vencidos, misturaram-se com as singellas e rudes instituições wisigothicas; e já um codigo unico escripto na lingua latina regulava os direitos e deveres communs, quando o arianismo, que os godos tinham abraçado abraçando o Evangelho se declarou vencido pelo catholicismo, a que pertencia a raça romana. Esta conversão dos vencedores á crença dos subjugados foi o complemento da fusão social dos dois povos. A civilisação, porém, que suavisou a rudeza dos barbaros, era uma civilisação velha e corrupta. Por alguns bens que produziu para aquelles homens primittivos, trouxe-lhes o peior dos males, a perversão moral. A monarchia wisigothica procurou imitar o luxo do imperio, que morrera, e que ella substituira. To-

se paiz, e n'elle derrubaram os monumentos e a civilisação do povo rei: mas no entanto pode-se dizer que temos em Portugal mais monumentos do tempo daquelle grande povo que dos godos: pois d'estes mal se poderão conhecer alguns vestigios de construcção goda, nos mesquinhos templos que estes povos deixaram em o nosso paiz, mas os quaes mesmo pela sua fragil construcção teem passado por tantas reedificações, que mal se podera dizer se este ou a quelle capitel, se este ou aquelle lanço de muro data da epoca d'estas gentes.

O que é certo é que tendo estes povos abraçado a religião christã erigiram templos de insignificante architectura, dos quaes as nossas chronicas monasticas fazem minuciosa menção. Dizem pois os escriptores datarem d'aquelles tempos:

---

letum quiz ser a imagem de Roma. Esta causa principal, ajudada por muitas outras, nascidas em grande parte da mesma origem, gerou a dissolucão politica por via da dissolução moral.

Sr. A. Herculano. Eurico, e Presbytero.

«A irrupção dos póvos setentrionaes nas terras do imperio Romano é o successo mais memoravel e o mais estrondoso de quantos se lêem na historia do seculo V; successo, que encadeou comsigo um sem numero de infortunios e de calamidades: e successo d'onde todos os eruditos desumem a epoca da destruição do mesmo imperio. Roma por seis centos annos senhora do mundo, de repente se vê assustada e enxovalhada por um temeroso exercito de Barbaros: o imperador Honorio obrigado a pacteár condições indignas da magestade da sua pessoa, e da do imperio, Placidia irmãa de Honorio levada cativa por Alarico para casar com Ataulfo: Roma em fim d'aquelle ponto em diante feita o jugo e o ludibrio das nações do norte, que como á competencia lhe vinham tirar cada uma seu pedaço: de sorte, que d'ahi a sessenta annos apenas se viam nella as sombras do que fôra.» Antonio Pereira de Figueiredo. Memorias da Academia vol. IX pág. 217.

Já antes da instrucção que os Godos tinham buscado da Religião Christã no tempo de Valente, havia alguma cousa raiado entre elles a luz do Christianismo. Os Christãos, que elles levaram captivos da Cappadocia na invasão, que fizeram ao imperio Romano pelos annos 260, introduziram o Christianismo em algumas partes dos seus dominios.»

Conservou-se por muitos tempos differença de costumes e maneiras entre os Godos e os naturaes do paiz, estes seguiam as leis Romanas, fallavam latim, e trajavam á Romana: os vencedores tinham as mais leis e estilos proprios: por lingua a Celtica; por vestidos pelles; e nada era para elles tão humiliativo como o cortar-se-lhes o cabello: por isso a decalvação entra tanto nas penas, com que castigam os crimes. Foram depois pouco a pouco adoptando alguns dos costumes do paiz.» Antonio

Mosteiro de Vaccariça, a uma legua de distancia do Busssaco (1).
Mosteiro de Castro de Avelãs, a legua e meia de Bragança, e do qual apenas existem ruinas. (2)

Caetano do Amaral. Memoria sobre o estado Civil da Lusitania desde a entrada dos póvos do norte até á dos Arabes nas Memorias de Litteratura da Academia Real das Sciencias vol. VI pag. 146.

(1) Miguel Ribeiro de Vasconcellos. Noticia historica do Mosteiro da Vaccariça. Nova Serie das Memorias da Academia. (Classe de Sciencias Moraes) vol. I.

(2) Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio. Memorias de Litteratura da Academia vol. V pag. 258.

«No Concilio III de Toledo do anno 589 vemos bispos das nossas provincias: Pantardo de Braga, Palmacio de Beja, Pedro de Ossonoba, Paulo de Lisboa, João de Dume, Constancio do Porto, Sudila de Viseu, Felippe de Lamego, e Comundo de Egitania.

No Concilio IV de 633 se acham: Julião de Braga, Sisisclo de Evora, Germano de Dume, Profuturo de Lamego, Servus Dei, de Caliabria, Montense de Egitania, Wiarico de Lisboa, Ansiulfo do Porto, Lauso de Viseu, Moderario de Beja, Ermiulpho de Coimbra.

No VI Concilio de 638—Julião de Braga, Sisisclo de Evora, Profuturo de Lamego, Molensis de Egitania, Ansiulfo do Porto, Wiarico de Lisboa, Renato de Coimbra, Farmo de Viseu, Servus Dei de Caliabria.

No Concilio VII celebrado em 646 Sisisclo d' Evora, Recimiro de Dume, Farmo de Viseu, Witarico de Lamego, Armenio de Egitania, Nenfredo de Lisboa, Thenderedo de Beja.

No Concilio VIII em 653: Potamio de Braga, Celedonio de Caliabria, Selva de Egitania, Abiencio de Evora, Filimiro de Lamego, Wadila de Viseu, Adeodato de Beja, Siseberto de Coimbra, Recimiro de Dume, Saturnino de Ossonoba.

No Concilio X em 656—Fructuoso de Dume, Cesario de Lisboa, Zozimo de Evora, Flavio do Porto, Celedonio de Caliabria, Selva de Egitania, Filimiro de Lamego, Wandila de Viseu, Adeodato de Beja, Siseberto de Coimbra.

No Concilio XII em 681—Liuba de Braga, Tructemundo de Evora, Froarico do Porto, Reparato de Viseu, João de Beja, Gundulpho de Lamego.

No XIII em 683=Liuba de Braga, Monefonso d'Egitania, Frearico do Porto, Móro de Coimbra, Reparato de Viseu, Belito d'Ossonoba, João de Beja, Tructemundo d'Evora, Ara de Lisboa.

No XV celebrado em 688—Faustino de Braga, Ervigio, de Caliabria, Menofonso, d'Egitania, Frearico do Porto, Villiephonso de Viseu Fructemundo d'Evora, Landerico de Lisboa, Miro de Coimbra, Vicente de

Dume, nos arrabaldes de Braga, no meado do seculo VI (1)

S. Fructuoso, a pouca distancia e ao norte de Braga, do seculo VI ou VI.

S. João Baptista, perto de Souto Redondo (2) seculo VIII (3)

Tambem dizem que a antiquissima igreja de Cedofeita no Porto remonta aos tempos do dominio dos povos barbaros. A mesquinha construcção da igreja, e seu local e a constante tradicção assim o persuadem: no entanto o sr. Alexandre Herculano cujo voto é o mais valioso possivel, é contrario a tão grande antiguidade. (4)

O mosteiro de Tibães parece datar do seculo VII.

Mais um ou outro edificio existirá, cuja fundação se possa referir aos mencionados povos. Porém taes construcções acham-se tão alterados da primitiva, que difficilmente se poderá dizer se esta ou aquella pedra foi alli lançada por mãos godas, visigodas ou suevas.

Vê-se pois, que o nosso paiz é mais abundante em monumentos romanos, apesar de mais antigos alguns seculos, do que dos povos ultimamente mencionados.

São tambem em numero mui diminuto os jazigos, que nos restam d'esta epocha. Apenas sabemos da existencia do tumulo de Suinthiliuba, serva do Senhor, a qual data do anno 666, e existe na capella mór da ermida da Senhora dos Áçores, a uma legua de distancia de Celorico (5): e de outro, mas que já não existe, de Sinticio fallecido na era de 666, o qual existia no convento de S. Francisco de Alcacer do Sal. (6)

As moedas cunhadas em Portugal durante o dominio dos povos barbaros são tão bem incomparavelmente menos vulgares que as romanas. Considera-se mesmo uma encontro digno de menção a descoberta d'alguma.

Dume, Fioncio de Lamego, João de Beja, Agripio de Ossonoba.

No XVI em 698 — Felix de Braga, Ervigio de Caliabria, Arconcio d'Evora, Emila de Coimbra, Fioncio de Lamego, Landerico de Lisboa, João de Beja, Theudefredo, de Viseu, Argesindo de Equitania, Agripio de Ossonoba.

No Concilio de Merida em 666—Selva de Egitania, Adeodato de Beja, Theodorico de Lisboa, Theodisclo de Lamego, Cantabro de Coimbra, Exarico de Ossonoba, Pedro de Evora, Alvano de Caliabria.» Antonio Caetano do Amaral na Vida de S. Fructuoso Bracarense. Introducção pag. 6 e 7.

(1) A. Caetano do Amaral. Vida de S. Martinho Bracharense pag. 8.

(2) Id. Vida de S. Fructuoso pag. 173.

(3) Monumenta Historica ab Academia Olisiponensi edita. Chartæ diplomata. fasc. I, pag. 1.

(4) C. de Backzinsky. Les arts en Portugal pag. 379, etc.

(5) Viterbo. Elucidario, pag. 49.

(6) Archivo Pittoresco, vol. VI pag. 182. e seg.

O sr. Francisco José do Amaral, do Porto, obteve uma do tempo de Recaredo, e cunhada em Portucale. (1)

Com tudo possuem moedas dos referidos povos o sr. Eduardo Ferreira Carmo, do Porto, o Museu Portuense, e o sr. Joaquim José Judice dos Santos, de Portimão, Gabinete numismatico da Bibliotheca Publica de Lisboa.

Temos porém um monumento da existencia d'aquelles povos nos nomes proprios de muitas povoações e pessoas. Taes são os nomes acabados em iz. ez. ó. ô, os, etc. como Esmoriz, Moniz, Rodriguez, Grijó, Passô, Magrellos, Negrellos etc. vulgarissimos em o nosso paiz.

Mas em fim as dissensões do imperio wisigothico trouxeram á Hespanha os mussulmanos, e aquelle imperio se fez em pedaços na batalha de Guadalete, e o dominio arabe se firmou na Hespanha por seculos. Tudo então passou por uma grande mudança, e até a maior parte dos nomes proprios, nomes em geral bem perduraveis, se mudaram durante o dominio dos vencedores. (2)

Além do grande numero de palavras, que estes povos introduziram no idioma portuguez, e das quaes fazemos uso a cada instante (3) temos d'estes celebres povos em Portugal monumentos de varios generos.

I *Castellos.* Ha um grande numero d'elles espalhados por todo o nosso paiz. Entre elles distinguem-se o de Lisboa, que ainda conserva alguns lanços da sua antiga construcção—o de Cintra, Porto de Moz, S. Thiago de Cacem, Santarem, Aljesur, Alemquer: e além d'estes ha uma infinidade d'outros. (4)

---

(1) Noticia e descripção de uma moeda inedita cunhada pelos wisigodos na cidade do Porto nos fins do VI seculo. Pelo director do museu do Porto. Porto 1862.

(2) Albufeira— Al Buhar, Alcacer do Sal, —Al Kassr Aba Danes, —Almada,—Al Maaden, Abrantes,—Libia, Alconchel—Montajique—Beja—Bajah, Braga —Brachara, Ceia — Sena, Cintra — Chintra, Elvas—Belch, Evora—Jeborach, Estoi —Okssonoba, Lisboa — Alishbunach, Mertola—Mirtolah, Moura —Jelmaniah, Ourique—Orik, Porto —Bortkal. Sado—Chetawir, Santarem —Shantireyn, Silves—Chelb ou Schalab, Serpa—Sheberina, Tavira—Tabira.

(3) Fr. João de Sousa. Vestigios da lingua arabica em Portugal. Lisboa, 1789.

Mesma obra augmentada e annotada por fr. José de Santo Antonio Moura.

(4) O estado continuo de guerra entre christãos e infieis tornava necessario, que tanto as maiores, como menores povoações fossem fortificadas e defendidas por um castello, ou situado dentro de povoação, quando a povoação elevada deste o consentia, ou na eminencia mais vi-

II Em inscripções, que se teem achado em varios pontos do nosso paiz. Como uma cedula ou sinete encontrado em Palmella no anno de 1772. Uma inscripção achada em Mertola junto ao convento dos Franciscanos. (1) Grande porção de dinheiros encontrados em Almodovar no anno de 1799. (2)

N'um letreiro na Sé Velha de Santa Cruz de Coimbra.

III N'alguns vestigios d'edificios mouriscos, como na Mexilhoeira, no sitio conhecido pelo nome de mesquita, consistindo em ruinas feitas do formigão mourisco em repartimentos de pequenas casas á maneira de cellas de convento de freiras. E uma grande porção de celleiros subterraneos em Silves, nos quaes os mouros costumavam esconder os fructos. (3)

O uso das noras em Portugal, data tambem do dominio dos arabes. Encontramos tambem por aqui e por alli uma ou outra igreja que ten-

---

sinha e mais forte. Como os christãos começaram a organisar-se nas inacessiveis serranias das Asturias, aonde se haviam acolhido aquelles, que não tinham querido submetter-se, ao jugo dos arabes, as suas primeiras edificações ao passo, que hiam alargando o proprio dominio pelo territorio mussulmano, eram unicamente esses castellos habitados por gente de guerra; e quando as fronteiras se mudavam para mais longe, era então que as choupanas e depois as casas se lhe hiam assentando em volta ou nas immediações: muitos, porém nunca passavam de simples logares fortes, ou, por assim dizermos, de praças de guerra.

Uma grande parte eram de tal construcção, que poucas horas resistiriam a um ataque se neste se empregassem a tactica e os instrumentos modernos de guerra. Vê-se da Historia Compostellania, e d'outras memorias antigas, que os havia até edificados de vigas travadas, e os vãos de pedra solta ou de barro. Todavia o numero suppria a fraqueza, e elles offereciam uma barreira frequentemente insuperavel ás carreiras dos sarracenos.» Sr. A. Herculano. Antigos castellos e alcaides móres. No Panorama de 1844 pag. 335 e seg..

(1) As inscripções lapidares, que os arabes costumam erigir, constam pela maior parte de sentenças ou passagens do Alcorão, e rarissimas vezes as fazem para deixarem memoria de seus nomes á posteridade.» Fr. João de Sousa Memoria de quatro inscripções arabicas com suas traducções. Memorias de Litteratura da Academia tom. V pag. 375.

(2) Fr. José de Santo Antonio Moura. Memoria de cinco medalhas Africanas no vol. X das Mem. da A. R. das Sciencias de Lisboa.

(3) João Baptista da Silva Lopes. Chorographia do Algarve pag. 578.

do servido de mesquita aos mouros, com a mudança de dominadores passou para servir o culto differente, do que temos um exemplo na igreja do Soccorro, perto do Trucifal. (1)

Eis o que podemos dizer a respeito das antiguidades de varias epochas dessiminadas pelo nosso paiz. O numero d'ellas, principalmente romanas, ainda não é pequeno, podendo com tudo ser muito maior se o o vandalismo e ignorancia não dessem as mãos para acabar com ellas. No meio porém da destruição geral, varias vozes eloquentes se levantaram em sua defeza, e a conservação d'ellas em parte lhes é devida. Mas manda a justiça que se diga que o *Jornal do Commercio* de Lisboa, é aquelle que está sempre prompto em enristar a lança em defeza dos nossos monumentos, e das obras de nossos maiores, e a verdade é, que tem sempre clamado bem alto, se bem que nem sempre viu seus desejos coroados de feliz exito.

Além das obras portuguezas já citadas n'este trabalho sobre as antiguidades arabes, temos ainda as seguintes, relativas a um povo tão notavel.

Fr. José de Santo Antonio Moura. Memoria apologetica sobre o sentido verdadeiro da inscripção, que se acha na peça chamada de Dio. Mem. da Acad. vol. X.

«Memoria sobre as dynastias mahometanas, que tem reinado na Mauritania, com a serie chronologica dos soberanos de cada uma d'ellas. Idem.

«Historia dos soberanos mahometanos das primeiras quatro dynastias etc. escripta por Abu Mohamed Assaleh.

«Viagens extensas e dilatadas de Ben Batuta.

Memoria sobre o estado da navegação dos arabes nos tempos proximos ao Islamismo, e nos que depois se lhe seguiram; e algumas considerações sobre a invasão dos arabes na Hespanha. Pelo secretario perpetuo da academia. Nas actas das sessões N.º 2.

Antonio Caetano Pereira. Noticia biographica de fr. Manuel Rebello da Silva. Actas. N.º 6.

«Breves advertencias sobre o tratamento e titulos, entre os arabes. Idem.

«Resumo historico do estabelecimento da cadeira de lingua arabe em Portugal. N.º 7.

«Juizo critico sobre o extracto da historia da Dynastia dos Beni Ha-

---

(1) Antonio Caetano do Amaral diz que o costume de levantar e beijar as migalhas de pão cahidas na mesa, nos proveio dos arabes.

Sobre o estado do terreno, que hoje occupa Portugal, desde a invasão dos arabes até á fundação da monarchia portugueza. Mem. de Litt. vol. VII. pag. 67.

fss. por Abdallah Mohamed, traduzida por Mr. Alphonso Rousseau no Jornal Asiatico de Paris. N.º 8 e do vol. 2.º

Fr. João de Sousa. Documentos arabicos da historia portugueza, copiados dos originaes da Torre do Tombo.

As antiguidades portuguezas do principio da nossa monarchia são aquellas, que nos importa estudar mais, mas como merecedoras d'um especial artigo, tractar-se-ha dellas noutro logar.

APPENDICE

AO CAPITULO III DO LIVRO I

Descripção circular pela margem maritima e raia terrestre

João Baptista de Castro appresenta no seu Mappa uma discripção circular pela margem maritima e raia terrestre do paiz, porém está bem longe da exactidão e minuciosidade da que se offerece aqui extractada do Roteiro de Antonio Lopes da Costa e Almeida.

«O Monte de S. Rego ou de Santa Tecla, que fórma o extremo septentrional do Rio Minho, (1) que divide o reino de Portugal do de Galiza, levanta-se em fórma de pão de Assucar, e termina em dois dentes á semelhança de forcado. Sobre o mais alto, que é o septentrional, ha uma ermida dedicada a Santa Tecla, de que lhe veio o nome. Ao S. E. 4 S. do sobredito monte, na distancia de dois terços de m., está a ponta de Caminha baixa e de areia, que termina a margem meridional do rio Minho. N'esta margem meridional está situada a villa de Caminha, já pertencente a Portugal, e cercada em parte de 3 ordens de muralhas quasi todas antigas. Fica entre os rios Minho e Coura.

Tres milhas ao S. 30° E. do Monte Santa Tecla está o ribeiro d'Ancora.

É tambem notavel a povoação de Areoza situada em amphitheatro na encosta da serra de Santa Luzia.

Ao S. 12° E. na distancia de 11 m. e meio do monte de Santa Tecla está situado o Cabo Viana. Este Cabo é o extremo septentrional do rio Lima; e o meridional o denominam Cabo Nivos. Na margem septentrional e em terreno plano está edificada Viana (2).

---

(1) Antonio Lopes da Costa Almeida. Roteiro, vol. 1.º (1835) pag. 1 e seg.

(2) Actualmente é cidade. O rio d'esta povoação dá entrada a brigues, dos quaes navegam presentemente dois ou tres d'esta cidade para os portos do Brazil.

Alguns escriptores pertendem que Vianna fosse a Lethes dos antigos. V. Fr. Luiz de Sousa no primeiro vol. da V. do arcebispo.

Uma milha ao N. da cidade está a capella de Santa Luzia nas abas meridionaes da serra do mesmo nome, que tem n'este ponto 640 pés de altura, sobre o Cabo Viana, e por 41° 40° 6" N. e 0° 25' E. de Lisboa se levanta o castello de S. Tiago, que defende a entrada da barra: d'este cabo sahe um banco de rochas, que se estende uma milha para o Sul.

Ao S. de Viana começa uma praia de quasi tres milhas de extensão, que termina na foz do rio Neiva, e pela terra dentro continuam serras de mediana altura. Ao S. d'esta praia segue-se costa mais alta e igual com serranias pela terra dentro até Villa do Conde.

Ao S. 8° E. na distancia de 10 m. de Cabo Viana está situada a barra de Esposende (1) na foz do rio Cavado, em cujas margens, e a pequena distancia da costa estão as duas povoações de Esposende e Fão, quasi fronteiras e muito proximas.

Desde a barra de Esposende até villa do Conde (2) corre a costa ao S. 20° E. na distancia de 11 e meia m. sobre uma elevação á E. N. E. da Villa do Conde, e muito proximo á mesma está situado o convento das freiras de Santa Clara. Fronteira a esta villa, e sobre a esquerda do rio Ave está edificada a povoação de Azurara.

Da villa do Conde aos Leichões (3) corre a costa ao S. 10° O. na distancia de 10 milhas; sendo quasi toda praia, e alguma terra baixa, com serranias de mediana altura no interior.

Defronte do pequeno rio de Leça, em cujas margens estão edificadas, fronteira uma á outra, (4) as duas povoações de Leça e de Matosinhos, se levantam os rochedos denominados Leichões, que ficam sempre descobertos, e formam um Recife a O. da Costa semelhante a um segmento de circulo, distante da praia pouco menos de 1 m. ficando o intervallo que vai d'elles á terra servindo de abrigo contra os ventos do N.

---

(1) Na barra de Esposende apenas entram rascas e hiates, que em geral vão carregados de cereaes.

(2) É notavel esta villa pelo grande numero de embarcações de alto bordo (barcas e galeras), que n'ella mandam construir os negociantes do Porto.

(3) Está em projecto construir n'este sitio um porto de abrigo para os navios acossados pelos temporaes n'estas paragens. Tem porem obstado a enorme quantia exigida para tal fim.

(4) Ha passagem d'uma povoação para a outra por meio d'uma pequena ponte de pedra. Esta Leça é vulgarmente conhecida pelo nome de Leça da Palmeira, para distincção d'outra Leça mais distante, notavel por um antigo mosteiro. É grande a concurrencia de povo nas duas primeiras povoações em occasião de banhos, ou das grandes festas de Mathosinhos.

até ao N. O. A costa começa a ser praia logo ao S. das ditas povoações, e continua assim até á barra do Porto.

A costa desde a barra (1) do Porto até á nova barra de Aveiro corre S. S. O. na distancia de 30 m. Logo ao S. do Porto fórma a costa uma enseada a E. sendo quasi toda praia pedregosa, com alguma terra de mediana altura; porem desde as primeiras barracas de pescadores, a que chamam os Espinhos até Cabo Mondego, é sempre praia continuada.

No interior vai-se elevando o terreno desde as margens do Douro até ao parallelo de Ovar, onde a serrania é mais levantada, e onde fórma um pico notavel, que sobresahe á mesma serra, cujo verdadeiro nome é de Ornellas, bem que os maritimos lhe chamem Altos da Feira.

O castello da villa da Feira está collocado proximamente em 40° 55' N. na distancia de 4 milhas da costa. O serro de Ornellas desce para o S., e fórma outros menos elevados, a que dão os nomes de serros da Saude, e das Talhadas, os quaes vão juntar-se com a consideravel serra do Caramulo.

Esta serra, bem como as antecedentes, vem correndo parallela á costa; elevando-se o mencionado pico quasi no meio da mesma serra, que desce insensivelmente para o S.

A configuração do Caramulo é muito semelhante á de Ornellas. Esta cordilheira cahindo quasi perpendicularmente sobre os rios Douro e Mondego corre proximamente N. S. em uma distancia media da costa de 16 m. deixando entre esta e a cordilheira uma vasta e fertil planicie.

Toda esta costa é mui limpa, e se pode navegar afoutamente ao longo d'ella na distancia de 2 m., por 10 a 12 braças de fundo.

---

(1) Esta barra, apezar de muito perigosa, está comtudo alguma cousa melhorada por causa das muitas toneladas de pedra, que n'estes ultimos annos se teem extrahido d'ella fazendo estalar por meio da polvora alguns penedos.

Ainda lembram os naufragios do vapor Porto, do hollandez Lawerdeen, do inglez Bachante, e de tantos e tantos navios, que n'esta terrivel barra teem naufragado com perda de centenares de vidas. Por isto se tem fallado muito em fazer um porto em Leichões, em um caminho de ferro para Vigo, e em muitas outras cousas.

Nova barra de Aveiro

Esta barra é formada por um grande e solido dique situado em

40° 38' N. 0° 25' 24" E. de Lisboa,

esta excellente barra tem na baixa mar sobre o banco 15 p. e logo mais ao mar cresce o fundo rapidamente a 7 br. A maré em preamar de aguas vivas sobe na barra 11 e meio p. e defronte da cidade de Aveiro 4.4 p. Na preamar de aguas mortas, não ha no banco menos de 21 e meio p. de fundo, cuja profundidade tem crescido em todos os pontos desde a epoca da sua abertura.

Ao N. da entrada da barra está situada a pequena ermida de N. S. das Arêas ou de S. Jacintho, metade enterrada na praia. Desde Aveiro até perto de Ovar, (1) em um espaço de quasi 9 milhas, tudo é bom ancoradouro.

Na distancia de 9 e meia m. ao S. 10° d'esta barra existe a antiga, por onde as aguas do Vouga difficultosamente desembocam no Oceano, e com a qual presentemente já não tem communicação. A villa de Mira, e a lagoa do mesmo nome lhe ficam proximas.

Desde a nova barra de Aveiro até ao Cabo Mondego corre a costa ao S. 16° O. na distancia de 28 m. Toda ella é baixa, e formando um vasto areal, que em partes tem 4,4 m. de largo, apenas interrompido pelas barracas de Mira, e da Sr.ª da Tocha, que distam 9 e meia m. de Cabo Mondego.

Quasi a E. do Bussaco estão os cantaros, ou os pontos mais elevados da grande serra da Estrella. O mais alto está distante da costa 53 m. elevando-se 6460 p.

Cabo Mondego

O sobredito cabo jaz em 40° 11' N. e 0° 14' 24" E. de Lisboa.

É formado pela serra de Buarcos, que levantando-se de repente na direcção E. O. vem terminar sobre o mesmo cabo, formando ao S. d'elle

---

(1) Nas pescarias portuguezas é celebre esta povoação, cujos habitantes se entregam quasi exclusivamente ou ás pescarias no alto mar, ou á venda de peixe pelas ruas em Lisboa, e principalmente no Porto, e arredores. De Ovar vem a palavra Varciro ou Vareira (termo generico para designar vendedor de peixe a retalho) em logar de Ovareiro, Ovareira.

um excellente abrigo contra os ventos do N. e N. N. O. Esta serra tem 700 p. de altura: é plana no seu cume, e termina em ponta por ambos os lados.

Ao S. 37° E. na distancia de 3 e meia m. de Cabo Mondego está edificado o forte de S. Catharina, que é o extremo septentrional da barra da Figueira; e 1 m. antes está posta sobre a praia a povoação de Buarcos. A costa é de mediana altura entre o cabo e a sobredita povoação: mas desde a mesma até ao forte de Santa Catharina é praia rasa.

A villa da Figueira fica 1 e meia m. para dentro da barra na margem septentrional do rio.

Desde Cabo Mondego até á pequena enseada da Pederneira corre a costa ao S. 14° O. na distancia de 37 m. toda praia de areia. O terreno eleva-se para o interior em serrania dobrada de mediana altura, e plana no seu cume. Ao longo da costa, que é toda limpa, e profunda, são muitos os pinhaes; sendo o maior o de Leiria, que junto com o do concelho, formam um só de 13 m. de comprido, ou 27 e meia m. quadradas de superficie. Foram antigamente plantados para impedir que a violencia dos ventos lançasse as areias sobre os ferteis terrenos do interior, conseguindo ao mesmo tempo grande abundancia de madeiras de construcção, em cujo transporte se empregam muitos hiates, que costumam fundear defronte da foz de Vieira, ou da capella de S. Pedro de Muel em 8 a 10 br. areia, na distancia de um quarto de milha da costa.

Nada tem de notavel esta praia, á excepção de 3 pequenas cabeças de areia, situadas entre o cabedello e a foz de Vieira.

O extremo septentrional da pequena enseada da Pederneira é formado por um grosso cabeço de rochedo, que se eleva consideravelmente sobre a praia, e avança ao mar quasi a pique na direcção do N.E.S.O. Sobre a sua ponta mais saliente está situado um Forte, que protege a enseada. O sobredito cabeço terá 1 m. de comprido, sobre 150 br. de largo, e na sumidade está collocada a Igreja de N. Senhora da Nazareth. Muitas casas rodeiam a Igreja, e figuram uma povoação, a qual porem se não avista de longe. Na encosta N.O. do outeiro existe um pinhal não pequeno, plantado com o fim de impedir que se acumulassem areias sobre o recinto da Igreja. Ao S.E. do mencionado alto fórma a costa, que ainda é limpa e profunda, a enseada da Pederneira, onde só costumam fundear pequenas embarcações.

Ao S. 30° O. da Igreja da Nazareth, na distancia de 6 m. fica o pequeno porto ou concha de S. Martinho, que já era ha meio seculo um excellente abrigo dos navegantes, e muito importante ao commercio por facilitar a exportação das madeiras do pinhal de Leiria. Nessa epoca, em que chegaram a construir-se nas suas praias navios de 50 peças, alli havia um pequeno arsenal, e alguns armazens do Estado. Presente-

mente está quasi entulhado, de maneira, que os mesmos hiates não fundeam sem risco, especialmente soprando os ventos do N.O. (1)

A principal povoação é a de S. Martinho: no lado meridional está Selir. A entrada da barra não tem mais de 90 br. de largo, e é formada de rochedos pouco elevados.

A Lagoa de Obidos, que muitos navegantes confundem com o porto de S. Martinho ou Selir, fica 7 m. ao S. 37° O. do sobredito porto. Esta lagoa tem 8 m. de circuito, communica com o mar por uma pequena abertura de 15 a 20 br. de largo, e que fecha no verão. O pouco fundo d'esta lagoa faz com que sómente as suas pequenas canoas possam alli navegar.

---

(1) «Suposto que no estado presente das cousas não possamos lisongear-nos de termos outras situações proprias para abrigada, e ancoragem de navios grandes, mais do que os portos e bahias de Lisboa, Porto, Lagos, Cascaes e Setubal, com tudo é de esperar que á medida que os conhecimentos hidraulicos se forem vulgarisando entre nós, tornemos a dar a alguns de nossos portos a capacidade, que em outro tempo tiveram, e que por nossa incuria tem perdido: e que similhantemente aproveitemos outros de que a natureza não permittio que jámais podessemos tirar vantagem sem o soccorro da arte. Caminha, Vianna, Espozende, Villa do Conde, Aveiro, Figueira e S. Martinho, consta pela nossa historia, pelos registos de suas alfandegas, e mesmo pelo testemunho de pessoas que ainda vivem, que foram em outro tempo portos frequentados por embarcações de muito maior lotação do que actualmente (em 1795) admittem. O Porto e Peniche tem na sua visinhança toda a capacidade para ahi se construirem molhes e portos artificiaes, capazes de abrigar até náos de linha do maior porte. A costa do Algarve é cheia de portos e enseadas, aos quaes é mais do que provavel que a arte possa dar a capacidade que lhes falta, e que tanto convém ao nosso commercio, e á nossa defeza.

O estado de nossos rios tem sido em tudo similhante ao dos nossos portos. A falta dos conhecimentos de hydraulica tem sido a causa de que os abandonassemos por muitos seculos á natureza: sem advertirmos que d'este abandono deviam resultar os damnos, que elles tem soffrido, e que vão continuamente diminuindo a sua capacidade para a navegação interna do paiz. A arte não tinha ainda até aos nossos dias empregado os seus esforços para remediar estes damnos, assignando aos nossos rios mais caudalosos leitos permanentes, e suficientemente profundos para serem navegados; e construindo, no alveo dos mais pobres, canaes que por meio da successiva represa de suas aguas, ou pela addicção de algumas nascentes visinhas se tornassem aptos para o mesmo intento.» Stockler. Ensaio historico sobre a origem e progresso das Mathematicas em Portugal, pag. 77—78.

A costa comprehendida entre a enseada da Pederneira e a Lagoa de Obidos é formada pela Serra de Boiro, elevada e cortada a pique, a qual termina junto á bôca da mesma lagoa em um cabeço, que denominam o Facho. Meia legua mais ao S. se eleva outro cabeço, e entre os dois fica a praia, aonde se fórma a barra acima descripta. Desde esse ponto até Peniche é tudo praia de areia com algumas elevações.

Peninsula de Peniche

O Cabo Carvoeiro demora 17 m. ao S. 50° O. do Facho de S. Martinho, e é formado por uma ponta de rocha de mediana altura, cortada a pique com uma pedra destacada, pela parte de O. a que chamam a Nace. No alto d'este cabo ha um farol. A pequena distancia do farol ha uma bateria denominada da Victoria, por estar chegada á ermida do mesmo nome. Este ponto é o mais saliente da Peninsula de Peniche, que pela sua configuração, e situação poderia ser uma praça inexpugnavel. O recinto murado cinge o lado Oriental da Peninsula, cercando ao mesmo tempo as duas povoações de Peniche de baixo, e de cima.

Ao S. de Peniche de baixo está collocada a cidadella, reunida por meio de um arco a outras obras de fortificação, construidas sobre um rochedo ilhado, que lhe demora a E. É neste ilhote que se encontra uma caldeira natural, a que chamam o «Portinho de revez,» cuja entrada se dirige quasi ao S.E. e dá abrigo ás pequenas embarcações em occasião de bom tempo. Logo ao N. do mencionado rochedo, e no principio do fosso do recinto, existe outro obrigo para os barcos, denominado o «Porto da investida,» no qual sómente se entra com maré cheia. O resto do fosso até defronte de Peniche de cima, serve unicamente para receber os barcos, que querem desinvernar, os quaes sobem nas marés de aguas vivas, e ficam depois em secco. O Isthmo de areia, que termina no recinto, é inundado totalmente, quando se combinam as grandes marés com ventos rijos do N. ou S.

Este Isthmo alargando-se para o S. E. fórma enseada ao S. e termina em uma ponta de rocha, sobre a qual está o Forte de N. S. da Consolação, e, ainda que o fundo seja quasi todo pedrogoso, póde-se fundear por 6 a 7 br. areia ao S. da Cadadella. Ao N. 55 O. na distancia de 5,7 m. do Cabo do Carvoeiro se levanta a vigia, ou pequena torre de signaes da «Ilha Berlenga» em

39° 25′ N. e 0° 22′ 30″ O. de Lisboa.

Esta ilha é de mediana altura e grandeza, plana no seu cume, e quasi cortada a pique na maior parte da sua circumferencia, principalmente no lado Oriental. Representa ser fendida na sua largura, porque um Isthmo de 50 br. de largo a divide em duas porções desiguaes, forman-

do duas pequenas calhetas de 100 braças de comprido, que se dirigem ao N.O. e S.E. A de N.O. a que chamam «Carreiro de cações» tem as suas margens muito elevadas e quasi escarpadas, porem a do S.E. denominada o «Carreiro do Mosteiro,» tem no lado septentrional uma commoda praia e rampa, em que se póde desembarcar facilmente na ilha. O Carreiro dos cações tem na bôca quasi 5 br. de fundo, que vão diminuindo até junto ao Isthmo onde tem 2 br., e nelle rebenta o mar com grande violencia, quando sopram os ventos do S. ao N. por O O carreiro do Mosteiro tem 8 br. na sua entrada, que tambem vão diminuindo até ao Isthmo, onde tem 2 br.

Ao S.O. d'este carreiro, e a pequena distancia está edificada a fortaleza, sobre um penedo, ou ilhote baixo, que communica com a Berlenga, por meio de uma ponte mui estreita de 2 arcos, da qual sobe um caminho difficil até ao cimo da ilha. Ao N. d'este ilhote fórma a costa uma pequena enseada, a que chamam Portinho, aonde se dirigem os barcos com bom tempo.

Meia m. ao O.N.O. da Berlenga estão situados 6 ilhotes de penedia escarpado, a que chamam as «Estelfas,» alinhados ao S.O e com um baixo de pedra ao S. do mais meridional, o qual descobre na baixa mar.

A pequena distancia ao N.E. da ilha Berlenga está um alto penedo, a que chamam Farilhão da Velha, separado por um canal estreito.

Na distancia de 4,6 de milha ao N. 23° O. da Berlenga está situado o Farilhão grande, que é um penedo grosso, redondo, e tão alto como a mesma Berlenga. É cercado de outros rochedos, e tem um baixo ao S.O. a pequena distancia. No lado Oriental do mesmo, e não longe estão outros dois penedos chamados Farilhão da cova, e o Farilhão do N.E. os quaes tambem estão cercados d'outras rochas menos elevadas, de cuja reunião se fórma uma pequena enseada aberta a E.S.E.

Desde Cabo Carvoeiro até ao Cabo da Roca corre a costa ao S. 7° O. na distancia de 35 e meia m. sendo toda de mediana altura e escarpada em algumas praias, povoações e fortes, na fórma seguinte:

O forte da Consolação (1) que dista 3 m. ao S. 48° E. do Cabo Carvoeiro. Neste ponto começa a costa a ser rochedo escarpado com algumas quebradas, e assim continua até quasi 1 m. ao S. do forte de Paimogo, onde se encontra uma praia de alguma extensão, quasi fronteira á villa da Lourinhãa, edificada em um valle, e a pequena distancia da costa. Terminada esta praia continua a costa a ser escarpada até ao Porto novo ou foz da Maceira, que dista 11 m. do S. 15° E. do Cabo Carvoeiro; neste ponto começa uma bella praia, que se prolonga mais de 5 m.

(1) Quasi todos os fortes e castellos da costa de Portugal se acham desde 1848 desartilhados, e alguns desmantelados.

ao S. 30° O. a que dão o nome de Praia Formosa, pela sua extensão e limpeza de seu fundo. É notavel o Convento de Fena Firme situado em uma pequena elevação quasi no centro d'esta praia. A celebre povoação do Vimeiro fica 1 e meia m. a E. de Porto novo, em um pequeno valle terminado pela serra de Vallongo.

No interior da costa é muito notavel a Serra de Montejunto tendo 2180 pés de altura. Este ponto acha-se exactamente na latitude do Vimeiro, e corresponde ao meio da Serra, que se prolonga quasi 5 m. na direcção do N. 40° E. inclinando a alguma cousa para a costa.

Terminada a Praia Formosa segue-se a costa escarpada, e tendo decorrido mais 13 milhas ao S. 10° O. do Porto novo, encontra-se uma pequena ponta saliente, a que chamam «Cabo da Arrependida» ou da «Nalhas», ao S. do qual apparece do alto da costa a «Villa da Ericeira.» A pequena distancia ao S. da mesma villa ha uma calheta, em que se recolhem embarcações de pesca.

Ao S. 67° E. na distancia de 4 m. da Ericeira está collocado o Convento de Mafra. Desde a Ericeira até Cabo da Roca continua a costa a ser escarpada, á excepção da pequena praia das Maçãs, situada 3 m. ao N. 26° E. do Cabo, na qual se podem abrigar pequenas embarcações.

Ao S. 21° O. na distancia de 12 m. da Ericeira fica o Cabo da Roca em

38° 46' 30" N. e 0° 21' 51" O, de Lisboa.

Este Cabo é grosso, cortado a pique, de mediana altura com uma torre no cimo, que serve de farol. Junto ao mesmo Cabo ha um Farilhão com um baixo na distancia de tiro de espingarda, sobre o qual rebenta o mar. A pequena distancia ao S. do Farol ergue-se repentinamente, em uma direcção quasi perpendicular á costa, a Serra de Cintra, que se prolonga mais de 5 m. ao N. 72° E. (1)

Esta serra, terminando quasi a pique sobre o mar facilita o reconhecimento do Cabo da Roca, não existindo outro em toda a costa que se lhe assemelhe.

Ao S. 7° E. na distancia de 4,2 m. do Cabo da Roca acha-se uma ponta baixa de pedra, a que chamam «Cabo Raso,» sobre o qual está o forte de Sanxete. Entre estes dois cabos fórma a costa uma enseada a E. que termina em um terreno cortado a pique até ao Cabo Raso, ao N.N.E. do qual existe uma praia de 1 m. de comprido defendida por 3 baterias.

Desde Cabo Raso corre a costa 3 m. ao S. 62° até ao Pombeiro, ou ponta meridional de Cascaes, sendo toda rocha cortada a pique, sobre

(1) É o sitio mais ameno e aprazivel de Portugal cantado por poetas nacionaes e estrangeiros, entre os quaes sobresahem Garrett e Lord Byron.

a qual estão situados os fortes de S. George, e Farol de N. S. da Guia. Dobrada a mencionada ponta recua a costa para o N.E. e fórma a enseada de Cascaes, em cujo fundo, e sobre a praia está a villa do mesmo nome. Entre o Pombeiro e a villa está o forte de Santa Martha, e mais ao N. a cidadella. Defronte da villa ha bom ancoradouro, desde 8 até 16 br. (1)

A fortaleza de S. Julião demora 4,8 m. ao S. 72° E. do forte de Santa Martha, ficando situados neste espaço alguns fortes, dos quaes o principal é o de Santo Antonio da Barra. Toda a costa é limpa, á excepção da Ponta da Rana, situada 1 m. ao N. 66° O. de S. Julião. Esta fortaleza está assente sobre uma ponta saliente, alta e escarpada, em cujo extremo tem uma laje, que sahe algumas br. para o S. Pode-se considerar esta ponta como a mais occidental e septentrional da bôca do rio Tejo, que se interna para o E.N.E.

Apenas dobrada a ponta e lage de S. Julião encontra-se um edificio notavel cercado de algumas casas, a que chamam a Feitoria.

Desde S. Julião até á Torre de Belem fórma a costa uma enseada, que termina em margens de altura mediana, com algumas praias e quebradas, sobre as quaes estão espalhadas muitas povoações e edificios.

Ao S. 35° O. da fortaleza de S. Julião na distancia de 280 br. está situado o extremo N. E. de um baixo de pedra, a que chamam (Dente de Cachopo) cujo baixo se prolonga 2,3 m. ao S. 65° O. com pouco fundo tendo 300 br. de largura; e sobre o qual rebenta o mar, quando é agitado pelos ventos do N. ao S. por O. Chamam barra pequena ou Corredor ao canal que fica entre o sobredito cachopo e a costa do N. o qual tem de 8 a 10 br. em baixa mar.

Uma milha ao S. O. do extremo Occidental deste cachopo, e quasi N. S. com a fortaleza de Santo Antonio da Barra está a cabeça do Pato, que é um baixo fundo.

Ao S. 55° E. de S. Julião na distancia de 1,4 m. está a Torre do Bugio formada por dois corpos circulares concentricos, no meio dos quaes se eleva uma pequena torre, em que está o pharol na altura de 63 p. Os dois recintos são edificados sobre um baixo de areia mui extenso, que cobre na preamar, deixando a torre perfeitamente illiada. O dito baixo ou cachopo do S. denominado tambem Alcaçova ou Alpeidão prolonga-se 2 m. ao S. O. e fórma com o do N um grande canal, a que chamam Barra grande, cuja menor largura é 1, 1m. com 10 a 18 br. bom fundo. A torre do Bugio deve considerar-se como o extremo S.O. do rio Tejo.

---

(1) A villa de Cascaes é bastantemente frequentada no tempo dos banhos. Ha então um vapor que leva passageiros pela manhã, de Lisboa, para aquella villa, e os vae buscar á noite.

O rio Tejo tem muita profundidade até perto de Sacavem, que dista 5 m. ao N. E. do castello de Lisboa. (1)

As enchentes das marés são sensiveis até Vallada, que dista 30 m. de Lisboa.

Desde a Trafaria até ao Cabo Espichel corre a costa ao S. 8° E. na distancia de 15 m. e meia, sendo toda praia de areia com alguns pinheiros dispersos, e muitas barracas de pescadores construidas ao longo d'ella. Quasi no meio desta costa existe um claro, onde está a lagôa d'Albufeira. Esta praia termina 2 m. ao N. do Cabo, onde começa a costa a ser de penedia escarpada e alta.

O Cabo de Espichel é saliente, muito alto, e quasi talhado a pique, sendo plano o seu cume, e de côr esbranquiçada pela parte do N. e a avermelhada pela parte do S. com uma unica ermida denominada N. S. do Cabo, ao S. da qual está collocado o farol.

Ao N. 21° E. do mencionado farol está o ponto mais alto da Serra da Arrabida, denominado o Formosinho, elevado 1635 p. Esta serra prolonga-se 4 e meia m. na direcção de E. N. E. pelo que sendo vista de frente se mostra muito extensa, e observada da parte de O. parece um monte quasi ilhado. Na distancia de 3m. ao N. está outra serra mais pequena, e redonda, á maneira de meda de trigo, a que chamam S. Luiz, cuja elevação é de 1190 p. Na distancia de 2,7 ao N. 40° apparece o castello e villa de Palmella. A serra da Arrabida, S. Luiz e Palmella projectam umas sobre as outras, quando demoram quasi ao N.E: porém separam-se ao N. do Cabo de Espichel.

3 m. ao N.70° E de Cabo de Espichel está a pequena enseada da Baleira: (2) continuando na mesma direcção mais de 4 m. encontra-se

---

(1) Os sitios chamados «Bica do Sapato, Caes do Carvão e Madre de Deus aos quaes João Baptista de Castro chama portos no Tejo, já não existem com esta designação foram aterrados, e por elles passa actualmente a via ferrea do norte e leste. Em alguns dos taes chamados portos nem mesmo havia logar commodo para desembarque.

A villa de Punhete tem hoje o nome de Constancia.

(2) A ilha do Baleal, como vulgarmente a denominam, é uma peninsula ao nordeste da praça de Peniche, d'onde por uma praia semicircular distará 6 kilometros.

Esta peninsula, como uma umbreira, deita-se sobre o mar com a extensão de quasi 2 kil. de norte a sul, e fica neste lado presa ao continente por um isthmo que lhe dá ingresso com area de 300 passos em quadro: o qual isthmo, abaixando-se nas extremidades a pequena altura do nivel do mar, é coberto pelas ondas algumas vezes no anno, submersão de poucas horas, e que succede com mais frequencia nos solsticios, em algumas conjuncções lunares, e nas occasiões de porcellosas tempestades. O sitio

Cabo Ares, alto, bastante agudo e saliente com uma pedra destacada mui proxima: este cabo dista 7m. ao N. 72°. E. do Cabo de Espichel. Entre a Balieira e o Cabo d'Ares fórma a costa outra enseada mais considera-

---

de Baleal, assimilhando a cumieira d'uma serra, sobre a qual assenta uma planura de terra pouco funda, é formado de uma massa compacta de pedra circundada da mais viva e escabrosa rocha: estas pedras, compostas de lageas com differentes grossuras, guardam singularmente suas dimensões regulares em toda a extensão da peninsula, bem como sua collocação vertical, com pouco pendor ao occidente, posição mui geral nas grandes serranias.

Estas lageas, que a força indomita das ondas tem cortado em varias partes, são de natureza calcarea, de que muito abunda o nosso reino: e em parte de um amarello pouco vivo (amarello jalde), que em algumas superficies ganha uma côr alvacenta, e bastante rigidez.

Por entre estas camadas mettem-se de permeio outras de natureza argilacea, cinzenta, que se pulveriza com as emanações salinas e a acção atmospherica deixando então apparecer n'aquellas um conjuncto de lithophytos, entre um fibroso tecido de substancias naturaes e animaes, cujos dentrites, em partes cristallizados, tornam duvidosa sua causa primittiva: junto d'estas transformações, salienta a concreção de differentes crustaceos e caticeos, que todavia em estado fossil, entre alguns que o verdadeiro zoologo conhecerá, mui perfeitamente se destinguem, o aronauta (nautile, voilier et cornetes ou trompetes de mer et cornes d'Ammon): as estrellas (caput Medusæ: etoile esculante de bellon: escargote raye): os briguigões e amejoas (Boucardes) e outros. Não se encontra alli essa coquillage ou agglomeração de conchas, de que tanto abundam as immediações de Lisboa e Outra banda, e que se encontram ate nas mais altas serras da Europa, como nos Alpes, Pyreneos, Andas, Apeninos e Araraltres, que muitos escriptores consideram como remoções ou producções de antigos cataclysmos, por que o globo tem passado.

Ora considerando estas rochas co-irmãs das do continente visinho, deveriamos, na direcção, que ja atraz indiquei, achar vestigios da sua continuidade, que já se não encontra, mas sim uma planicie de 7 kilometros até á antiga villa da Athouguia, onde começam a apparecer alguns bancos de pedra, mas de natureza differente, bem como as mais proximas e fronteiras ao sitio, onde menos confraternidade se nota, por serem compostas de uma argila rubra, entre recifes de pedra arenacea, humorosa e falcosa.

Julgo o sitio do Baleal estranho ao primitivo continente, em que d'elle, como hoje, não fez parte antigamente, n'esta hypothese, creio alli a sua collocação, como arremeçada por alguma d'essas erupções vulcanicas, de que fallam antigos escriptores, e que fez parte da antiga e gran-

vel, em cuja praia está a villa de Cezimbra, (1) com um castello sobre um outeiro a pequena distancia para o interior.

Ao N. 27° E. de Cabo d'Ares, e na distancia de 4 milhas está o forte da Arrabida e o Cabo Sampinedra, quasi da mesma figura, que o precedente, entre cujos pontos é a costa muito alta, e de rochedo escarpado, á excepção da pequena praia, que fica ao N.E. deste segundo cabo, perto do qual fica a barra de Setubal.

A Torre do Outão, que fórma o extremo septentrional da entrada desta barra, demora ao N. 21° E. do Cabo de Espichel na distancia de 14m. terminando aqui a extremidade Oriental da serra da Arrabida, que neste ponto tem ainda quasi 1000 p. de altura. O farol fica sobranceiro á mesma torre na elevação de 490 p. continuando o terreno da costa septentrional do interior da barra, a ser mais ou menos elevado até á

---

de ilha Eritrea, de que outros fallam, de cujas alguns mui rasoavelmente suppõem como resto as Berlengas.

O Baleal, segundo conjecturo, é assim denominado pela frequencia com que o mar tem arrojado ás suas praias differentes baleias, duas das quaes em poucos annos eu vi.

Este sitio ainda ha poucos annos apenas tinha duas barracas de pescadores, e hoje conta desaseis moradas de familias das circumvisinhanças, entre as quaes, e as melhores pertencem aos srs. Pereira Caldas, das Caldas da Rainha; Marques da Athouguia; Pinto Ferreira, de Ferrel Neves, do Peral: e Sequeira, de Traz do Outeiro: isto em consequencia da bondade das suas aguas para banhos, e pela excellente praia, que, sem exeggeração, será a melhor do nosso reino. «Archivo Pittoresco, vol. 6. pag. 176. etc.

(1) A respeito das curiosidades naturaes de Cezimbra veja-se a Memoria Pensamentos mui curiosos, e importantes objectos que se apresentam nas costas de Portugal, e no fundo dos nossos mares » Por José Joaquim Soares de Barros na 2.ª parte do 3.° vol. das Memorias da Academia.

«Os tres reinos da natureza, dentro da terra e das aguas, se acham alli em muito pequenos espaços com vistas muito notaveis: largas massas de mineraes penetram escabrosas montanhas, e offerecem ao trabalho dos homens objectos de mui variadas utilidades: por outra parte no dominio do Oceano, espalhados pelo seu fundo, se estendem abundantes pastos que dão sustento a infinitos viventes nas suas sombrias moradas. Por cima d'estes lugares, nos espaços de outro elemento, voa o povo miudo das aves, umas que nunca sahem d'esses districtos, e outras que de distantes paizes vem buscar n'aquellas partes o seu alimento e regalo, nos dias da ultima primavera. Em fim para nenhum lado os olhos se movem que não tenham em que occupar-se, e que não dem muito exercicio á reflexão com o prazer da novidade.» Memoria citada.

villa de Setubal. A costa meridional é formada por uma extensa lingua de areia, que se dirige ao S.S.E. separando as aguas do rio Sado das do Oceano: em redor desta lingua ha pouco fundo. Este porto é assaz profundo no interior, chegando em partes a ter 20 br. de agua.

Ao S. 4° na distancia de 3½m. e meia da Torre do Outão, está o Cabo de Sines pouco alto, mas escarpado, com dois pequenos Ilhotes quasi pegados, a que chamam Percebeiras; entre estes dois pontos fórma a costa uma enseada de terra baixa com praia de areia, algumas dunas: e quasi no meio d'ella se faz notavel uma ponta saliente, a que chamam da Pesqueira.

Ao S. 22° E. e S. 64° E. desta ponta apparecem dous pequenos montes com edificios notaveis em seus cumes. Sobre o mais meridional está o castello e villa de S. Tiago de Cacem. A pequena distancia ao S. da mesma ponta está a barra de Melides, propria sómente para barcos.

Dobrado o Cabo de Sines encontra-se a villa do mesmo nome. Neste ponto fórma a costa uma grande enseada de praia de areia aberta ao S. O. na qual desagoam alguns ribeiros.

Ao S. 24° E. de Sines na distancia de 9m. acha-se o pequeno ilhote do Pecegueiro, baixo e de pedra, separado da terra por um estreito canal, em que podem fundear com bom tempo pequenas embarcações. Defronte do ilhote está o forte de S. João de Sines, e a pouca distancia ao N. ha uma calheta, onde costumam aportar os barcos, que vão carregar carvão.

Ao S. 8° O. do mencionado ilhote, na distancia de 9 e meia m. demora a barra de Odemira, ou de Villa Nova de Milfontes. (1)

---

(1) Algum carvão consumido em Lisboa vem desta villa.

A respeito do carvão portuguez temos as seguintes memorias:

Observações feitas por ordem da Real Academia de Lisboa ácerca do carvão de pedra que se encontra na freguezia da Carvoeira por Manoel Ferreira da Costa. No 2.° vol. das Memorias Economicas da Academia.

Memoria sobre o modo de aproveitar o carvão de pedra e os paus bituminosos por Domingos Vandelli.

Memoria sobre as minas de carvão de pedra de S. Pedro de Cova, do Cabo Mondego, e do districto de Leiria por Carlos Ribeiro. Nova Serie tomo 2.° p. 2.°

Memoria sobre as minas do carvão de pedra e ferro, e estabelecimentos metalurgicos do destricto de Leiria. Lisboa 1857.

Diario de Lisboa de 1867. Relatorio das Minas existentes em Portugal.

«O Algarve, hoje em dia, é a provincia mais meredional de Portugal com o titulo de reino. Está situado entre os 36° 56' e 37° 25' de latit. setentrional, e entre os 9' e 1° 50' de longit. calculada pelo meridiano do observatorio do castello de Lisboa.

A costa comprehendida entre Sines e esta barra é praia de areia muito baixa, e quasi pelos dois terços da mesma apparece um terreno escarpado de cor avermelhada. A barra de Villa Nova de Mil fontes, formada pelo ribeiro de Odemira terá 9 a 10 p. d'agua sobre o banco, sendo a sua largura de 70 a 80 br. com um forte á entrada, situado na margem septentrional, que é a mais profunda, 10 m. ao S. da barra de Odemira ha uma ponta de terra alta e escarpada, a que chamam o cabo Sardão: passado o qual, na distancia de 13 m. se encontra a pequena enseada de Arrifana, a que algumas cartas chamam de Salinas, formada por uma ponta, que avança 60 br. ao S. O. seguida por uma pequena praia de areia. Sobre esta ponta ha uma bateria, e ao mar d'ella 80 br. se faz notavel uma grande pedra cercada de outras menores, que vista de longe se assemelha a um navio á vela.

Desde a barra de Odemira até Arrifana, e d'esta até Cabo de S. Vi-

---

Confina a E. com o Guadiana que o separa de Hespanha; S. O. com o Oceano, e N. com a provincia do Alemtejo, servindo-lhe de raia o rio Odeseixe desde sua foz no Oceano até quasi á sua nascente na serra, continuando pelas serras de Monchique e da Mesquita, a qual se ramifica com o nome de Caldeirão para o N., e dos Vermelhos para o S. pega alli mesmo com a de Marão, onde nasce a ribeira do Vascão, que pelo N. das freguezias do Ameixial, Martim Longo, Giões, Pereiro, e Alcoitim vai metter-se no Guadiana acima do logar Pomorinho ao N. d'Alcoitim, seguindo a raia sempre a linha das aguas vertentes das serras. Tem 27 leg. de comprido d'E. a O. desde Villa Real de Santo Antonio d'Arenilha, á foz do Guadiana, até ao Cabo de S. Vicente, 6 a 7 na sua maior largura, que é de Faro ao Vascão, e pouco mais de 5 na menor, que é d'Albufeira á ribeira d'Odelouca, divididas em tres fachas ou bandas, a 1.ª d'uma legua, beira mar, planicie d'areia pela maior parte: a 2.ª de 2 e meia a 3 leguas de barrocal de pedra calcarea, alguma siliciosa, e terra forte, negra, e barrenta com elevação para a serra, a qual fórma a terceira facha, quasi toda de pedra calcarea, em cuja extensão se encontra mais ou menos á superficie da terra, uma veia de ardosia, e outra de pedra cós.

Toda ella abunda de boas aguas, muitas ferreas, e algumas thermaes: aproveitadas com arvoredos e sementeiras nas quebradas e valles, agreste porém sem admittir cultura, no espinhaço que fórma a raia das duas provincias, a travéz do qual só nos pontos de Monchique, e S. Marcos para Santa Clara de Saboia; de Faro para Córte Figueira ou Ameixial, e de Tavira por Giões, Martim Longo e Cachopo, se encontram caminhos para passar ao Alemtejo. A sua superficie não está bem calculada, alguns lhe dão 160 leguas quadradas, no que não haverá muita differença.»

cente (*) toda a costa é formada de altos rochedos cortados a pique, á excepção da indicada praia da Arrifana, e de outra ainda mais pequena que chamam da Roiçada.

Entre Odemira e Arrifana desembocam as ribeiras de Seixes e Aljesur, em cujas margens estão assentes as duas pequenas villas dos mesmos nomes. Junto á foz destes ribeiros estão duas pequenas praias.

Desde Arrifana até o Cabo de S. Vicente corre a costa ao S. 20° O. na distancia de 16 m. fazendo-se notavel entre os rochedos, que a terminam, um mais alto que o mesmo cabo, a que chamam a ponte da Carrapateira, ainda que o forte deste nome esteja situado algumas milhas mais ao norte.

O Cabo de S. Vicente (1) é o mais meridional, e occidental da costa do Algarve, está em

37° 2' 54" N. 0° 8' 54" E. de Lisboa.

É formado por uma pequena peninsula de 60 br. de comprido que se reune ao continente por um isthmo de 20 br. de largo, formando duas muito pequenas enseadas abertas ao N. O. e S. E. As margens são rochedos cortados a pique, que em partes tem mais de 200 p. de alto. Na distancia de 20 br. do Cabo está um Farilhão ou ilhote destacado.

A elevada serra de Monchique corre proximamente EO. e termina em dois picos bem distinctos, a que chamam Foia e Picota, sendo a Foia, ou pico occidental, o mais consideravel, está situado em

37° 20' N. e 0° 32' 48" E. de Lisboa.

elevando-se 3830 p.

A *Picota* demora proximamente a E. S. E. da Foia, na distancia de 4 m., e tanto um como outro destes picos estão cobertos de penhascos que reflectindo a luz adquirem ao longe uma côr esbranquiçada.

João Baptista da Silva Lopes. Corographia do reino do Algarve (Lisboa 1841) pag. 29—21.

(1) «O Cabo de S. Vicente, formado por uma pequena peninsula de 60 braças de comprido, na ponta meridional e occidental da Europa, em 37° 2' 9. de long. a qual se prolonga a S. O. e se reune ao continente por um isthmo de 20 br. de largo com duas pequenas enseadas abertas a N. O. e S. O. As suas margens são de rechedos cortados a pique, que em partes tem mais de 200 pés de alto acima do nivel do mar, e na sua summidade um convento, que ultimamente era de Capuchos, construido sobre tres picos de rocha, por entre os quaes passa o mar, que alli é muito fundo e escuro, e, quando bate encapellado nos penedos, salta por cima dos telhados do convento d'uma a outra banda.

2 m. ao S. 46° E. do Cabo de S. Vicente está a Ponta de Sagres tão alta, como o mesmo Cabo, porém ainda mais cortada a pique, terminando o Promontorio d'este nome formado por um rochedo, que se prolonga ao S. em uma extensão de quasi 400 br. tendo na maior largura 160 br. É inaccessivel por todos os lados á excepção do isthmo, que o reune ao continente, cuja largura não excede 75 br. e é fechado por uma cortina, e dous meios baluartes, que cingem a Peninsula, e a pequena povoação de Sagres.

A costa comprehendida entre o Cabo de S. Vicente e Sagres é formada de rochedos muito altos, cortados a pique, exceptuando uma pequena praia, que se acha no fundo da enseada do Tonel.

Ao Occidente da Peninsula está a enseada de *Beliche* aberta ao S. O.

Os antigos chamaram *Promontorio Sacro*, e lhe deram singular nomeada, affirmando ter sido alli fundado um templo fam so dedicado ao Sol, no qual quizera Hercules ter a sua sepultura. Em Maio de 1639 se descobriu junto ao mesmo Cabo outra sepultura, que tinha o seguinte epitaffio:

Hic est Posthumius Rufus, qui militans sub prœlio Caii Pompilii periit in bello Lusitanorum. Caius Cornelius Charissimus ejus ob familiaritatem sibi conjunctam memoriam imposuit huic Sarcophago sit tibi terra levis.

Deixando porém tempos fabulosos, e mais antigos, sabemos que desde o começo da monarquia foi sempre tido em grande veneração este sitio, do qual foram tranferidas para Lisboa as reliquias de S. Vicente martyr em o anno de 1173, como declara o breviario de Braga impresso em 1549. (Elog. dos reis de Port por Ant. Per. de Figueiredo nota 14 pag. 298). Como estas reliquias alli foram ter, e por que modo, ou diligencia de quem se transferiram para a Sé de Lisboa, não é cousa bem averignada, sendo mui verosimil que essa apparição das reliquias desse origem á mudança que desde esses tempos se fez, do nome de Promontorio Sacro para Cabo de S. Vicente.

El rei D. Diniz ordenou, por carta de 24 de setembro do anno de 1316, ao bispo de Silves D. Affonso Annes (L. 1. de D. Diniz f. 105 v. T. do Tomb. Cat. dos Bisp. no fim das Const. do Bisp. do Alg. p. 8). visitasse a casa da hospitalidade, que seu pae D. Affonso mandára fazer para se abrigarem aquelles que hiam em romaria a S. Vicente do Cabo. Foi confiado o cuidado desta casa aos religiosos de S. Jeronymo, sendo augmentada e feita mosteiro, ao qual o bispo do Algarve D. Fernando Coutinho fez doação de varios herdamentos, cuja confirmação e licença para possuir, lhe foi concedida por carta de 5 de março de 1514 a requerimento do provincial da Ordem, prior e frades do mesmo mosteiro. (L. 7. do Guad. f. 69. Torre do Tombo) Em 1516 passou a cargo da custodia de Santa Maria da Piedade de religiosos capuchos, aos quaes

que se divide em duas, sendo a mais occidental defendida por um forte, que só se avista de muito perto, e a outra denominada do Touel é defendida por duas baterias, construidas sobre o rochedo de Sagres.

Ao N. 54° E. da Ponta de Sagres, na distancia de 1 e meia m. demora a ponta da Balieira, menos alta e escarpada do que a precedente, entre as quaes se acha outra enseada, a que chamam de *Leste*, ou de Sagres, aberta ao S. E. porém melhor que a de Beliche.

Ao N. da ponta da Balieira está situado o forte e enseada do mesmo nome, aberta a E. ainda que alguma cousa resguardada n'esta direcção por tres ilhotes pequenos e desiguaes d'alguma elevação. No centro desta enseada ha uma pequena praia.

As duas primeiras enseadas offerecem no verão um bom ancoradouro para toda a qualidade de embarcações, as quaes podem escolher o fundo que melhor lhe convier por 15 ou 17 br. mas a da Balieira é sómente propria para embarcações pequenas.

A costa fórma uma especie de enseada ao N. 64° E. da ponta de Sa-

---

ainda o mesmo bispo, em escriptura feita em Silves o *novo* aos 21 de julho de 1520, doou varias outras propriedades com casas e cerca para o convento, salvo aquellas em que estava torre do farol, para cuja conservação applicava rendimentos pedindo aos religiosos o mandassem accender, *para salvação e guia daquelles que ao dicto Cabo de S. Vicente vem ter, e temos achado por experiencia pelo aki não haver se perderem muitos navios e pessoas que nelles navegam* o que confirmou elrei D. Manuel por carta de 7 de agosto do mesmo anno. (L. 7. do Guad. f. 105. v. Torre do Tombo). Tanto conhecia aquelle virtuoso bispo a necessidade d'um farol, que já antes delle alli existira, quanto depois tem sido o desleixo de o deixer arruinar! Ainda que este cabo seja bem conhecido pelos navegantes, não poucas embarcações alli tem naufragado, tomando-o mais áquem ou além donde elle demora, mormente hindo do N. por ser facil equivocar-se o piloto com a ponta da Carrapateira, e a torre d'Aspa, que se avistam primeiro, e são pontos mais altos que o mesmo Cabo; e sendo a costa tão aspera e alcantilada, a ruina do navio é inevitavel, e o risco certo para a tripulação.

Em meus dias tem alli dado á costa varias embarcações, entre ellas uma fragata ingleza que sahiu de Lisboa. Em 1587 foi tudo destruido e queimado pelos inglezes, não escapando mais do que uma pequena capella, que não ardeu por ser de abobada, pelo que foi abandonado o convento pelos religiosos, que se recolheram aos de Lagos e Portimão, ficando alli só a guarnição das baterias, que havia, nas poucas casas que tinham sido reparadas, como dá parte fr. Estevão de Campo Maior, ministro da provincia da Piedade, em carta de 6 de outubro de 1596. (part. 4, Masso 113. Doc. 106 na Tor. do Tombo). Foi depois reparado o con-

gres na distancia de 13 m. e meia entre ella e o *Alto do Barril*: pela maior parte é terminada em rochedos de mediana altura, cortados a pique, e algumas vezes interrompidos por differentes quebradas e praias. As principaes praias são as seguintes:

1.ª Entre a Balieira e a Bateria de *Azivial*.

2.ª A praia situada na foz do Ribeiro de Bonasoitão.

3.ª A praia na foz do ribeiro da Figueira, em cuja margem oriental está o forte do mesmo nome.

4.ª A praia de Salema na distancia de 1 m. da antecedente.

5.ª A praia e forte do ribeiro de Almadna.

6.ª A praia e forte do Burgão.

7.ª O forte de N. Senhora da Luz situado sobre a ponta do rochedo, muito baixa, e alguma cousa saliente, a E. da qual está a praia do mesmo nome.

8.ª A praia da Bateria de Porto de Moz proxima á ponta da Piedade.

O Alto do Barril é o extremo occidental de uma elevação esbranquiçada e cortada a pique, que vae descendo até á Ponta da Piedade, comprehendendo uma extensão de 2 m. ao S. 81° E.

---

vento, e os religiosos tornaram a occupal-o até á sua extincção, em 1834, pela qual ficou abandonado, assim como as baterias, que não tem artilheria alguma. Elrei D. João I tinha dado por carta de 29 de janeiro de 1387 ao seu capellão Martim Gonçalves as rendas, direitos, e offertas da sua capella de S. Vicente do Cabo, como as tinha Vasco Lourenço, capellão mór delrei D. Fernando. (L. 1. de D. João I. Tor. do Tombo citado na Geog. de Lima. tom. 1. p. 384).

Em nossos dias tem engrossado a celebridade deste famoso promontorio por dar o titulo de conde a dois illustres capitães do mar, ambos da nação ingleza, que em suas aguas ganharam assignaladas e memoraveis batalhas. Lord Jervis em 1797 bateu e dorrotou completamente a esquadra hespanhola, que sahira de Cadis, pelo que foi agraciado por o governo com o titulo de conde de S. Vicente. O denodado Carlos de Ponza, ou Napier, commandante da pequena esquadra fiel dos portuguezes, composta de tres fragatas, um brigue, uma escuna, e uma corveta, bateu e fez prisioneira a 5 de julho de 1833 a do usurpador, que constava de duas naus de linha, duas fragatas, dois brigues e tres corvetas; feito d'armas brilhante, e que sobre maneira contribuiu para fazer baquear o governo intruso, acabando com a sua marinha, e deixando-nos franca a entrada do porto de Lisboa, merecendo por isso que o immortal duque de Bragança no mesmo dia 9 de julho, em que lhe chegou a noticia ao Porto, condecorasse o bravo Napier com a patente d'almirante, e o titulo de visconde do Cabo de S. Vicente, que depois em 17 de abril de 1834 accrescentou com o de conde do mesmo appellido.» Id. pag. 28.

A Ponta da Piedade fica em

37° 6' 12" N. e 0' 28' 48" E de Lisboa·

e demora ao S. 14° O. da Foia. É de rochedo cortado a pique, com uma bateria no cimo. Esta ponta fórma o extremo meridional da enseada de Lagos, e demora exactamente ao N. 67° E. da Ponta de Sagres, na distancia de 15 milhas.

Lagos é cingida por muralhas antigas, que terminam ao S. nas baterias da Bandeira e Pinhão, e ao N. E. em um rio, que vem desembocar á enseada, formando um pequeno porto, no qual em preamar podem entrar embarcações, que não necessitem mais de 7 a 8 pés d'agua.

A enseada de Lagos é abrigada dos ventos de E. a O. pelo N. e offerece no verão um excellente ancoradouro, pois ao N. E. da Ponta da Piedade, na distancia de meia amarra se acham 10 br. de excellente fundo. Podem fundear naus e fragatas.

Toda a costa septentrional desta enseada é praia de areia, com terreno de altura mediana para o interior, que offerece uma agradavel perspectiva pelos edificios e povoações, que contém principalmente a da Amexilhoeira grande, collocada em sitio elevado, e podendo-se avistar na distancia de 12 a 15 m., assim como a de Alvor, situada 3 m. acima da foz do rio do mesmo nome. A foz do Alvor (1) dista 4 m. ao N. 44° E. da ponta da Piedade.

---

(1) Os rios de Tavira, Faro, Portimão, Alvor, Lagos, Aljezur, e Odeseixe são braços do mar, que se entranham por estas terras, recebendo d'ellas o nome e alguns ribeiros e regatos, que n'elles desaguam. Outr'ora foram quasi todos, grandes rios, que os seculos tem obliterado.» Id. p. 24.

Peixes que se pescam no Algarve:

1. Albafar ou Albafora, 2. Annequim, 3. Arraia, 4. Botto, 5. Breamante, 6. Cação, 7. Cavallos do mar, 8. Cornuda ou peixe martello, 9. Espadarte ou peixe serra, 10. Hujevanca, 11. Lixa, 12. Pataroxa, 13. Peixe anjo, 14. Peixe prego. 15. Peixe escolar, 16. Peixe roda, 17. Peixe zorra, 18. Solho. 19. Tintureiro. 20. Tremelga, 21. Tamboril, 22. Viola, 23. Xuxo,—24. Agulhão, 25. Chuputa, 26. Enguia ou Eiro, 27. Freira da pedra, 28. Garoupa, 29. Murea, 30. Peixe agulha, 31. Piqua, 32. Safio, 33.—Abrotea, 34. Aranha, 35. Baile, 36. Faneca, 37. Pescada,—38, Agarrador, 39. Atum. 40. Borregata, 41. Budião, 42. Cabra, 43. Cavalla, 44. Caxuxo, 45. Corvina. 46. Choupa, 47. Dentão, 48. Dourada 49. Enxova, 50. Ferreira, 51.Gallo. 52 Goraz. 53. Imperador,54. Linguado, 55. Palmonete, 56. Pampalo. 57. Pargo, 58. Pescada Bicuda, 59. Rascasso, 60. Roballo, 61. Roncador, 62. Romeiro, 63. Ruivo, 64.

Ao N. 67° E. da sobredita Ponte da Piedade, na distancia de 7 m. está a Ponta dos tres *Irmãos*, formada por um rochedo de altura mediana, pouco saliente, podendo-se considerar esta ponta como a extremidade oriental da enseada de Lagos, ainda que a costa continua a avançar mais para o S. até Cabo Carvoeiro.

10 m. ao N. 73° E. da mesma ponta da Piedade acha-se a barra de villa Nova de Portimão, formada pelo rio deste nome. A barra é defendida por 2 fortes, e de ordinario na preamar de aguas vivas terá 16 p. e na baixa mar 8 p.

A costa comprehendida entre a Ponta dos tres *Irmãos* e a barra de villa Nova é quasi toda de pedra interrompida por algumas pequenas praias.

A E. 1° N. da Ponta da Piedade na distancia de 15 m., está o Cabo Carvoeiro, que é de rochedo e de mediana altura, com um forte denominado de N. Senhora da Encarnação, que defende uma pequena enseada, situada a O. do mesmo Cabo, e mais 2 m. e meia a E. está o forte de N. Senhora da Rocha, construido sobre um alto alguma cousa saliente, porque fórma duas pequenas enseadas abrigadas do N. O. e N. E. com bom fundo.

Ao S. 87° E. de Cabo Carvoeiro na distancia de 7 m. está a Ponta de Albufeira, e a E. da mesma, se acha a villa d'este nome, assente no fundo d'uma pequena enseada formada por dois cabos salientes, de rocha elevada. Sobre estes dois rochedos estão collocadas duas baterias, que defendem a enseada. A villa é cercada de muralhas antigas, e fica sobranceira á praia em uma elevação consideravel, tendo sobre o mar uma bateria estabelecida sobre um alto rochedo cortado a pique.

Entre Cabo Carvoeiro e a Ponta de Albufeira fórma a costa uma especie de enseada, em cujo centro está a pequena povoação, e o forte de Santo Antonio de Pera, o qual dista 2 m. ao N. E. do Forte de N. S.ª da Rocha. N'este ponto começa uma praia, que se estende 2 m. para o S. E. e termina na ponta da Pedra da Galé, d'onde a costa torna novamente a ser de pedra.

Salema, 65. Salmonete, 65. Sargo Veado e Sargo Bicudo, 67. Xerne, —68. Agulha, 69. Boga, 70. Cabra Franceza, 71. Espaldete, 72. Mugem, 73. Peixe rei, 74. Peixe voador, 75. Sardinha, 76. Savel,—77. Alvacora, 78. Barbo, 79. Barroso, 80. Bica. 81 Boca doce, 82. Bordalbo, 83 Caneja, 84. Carapáo, 85. Carouxo, 86. Douradinha, 87. Enxoveta, 88. Terello, 89, Fuzello, 90. Galhudo, 91. Melga, 92. Murça, 93. Muxarro, 94. Pailona, 95. Parguere, 96. Quelme, 97. Saboga, 98. Sargate, 99. Tenca, 100. Toninha.»

Observações sobre alguns peixes do mar e rios do Algarve nas Mem. da Ac. R. das S. Tom. V. part. 2.ª por Alexandre Antonio Vandelli.

Ao S. 77° E. da Ponta de Albufeira na distancia de 3 m. e meia está o forte de Vallongo, sendo toda a costa comprehendida entre estes dois pontos de rocha baixa; e a pouco mais de 1 m. a E. S. E. d'este forte está a foz do rio Quarteira, defendida por uma torre edificada na margem direita do mesmo rio.

Desde o forte de Vallongo começa a costa a ser praia de areia sem interrupção alguma tomando o nome de Praia de Ancão o espaço, que vai desde o rio Quarteira até á Barreta de Faro, que não tem menos de 9 m. de comprido, e no qual só se acha construido o novo forte de Loulé 1 m. E. do rio Quarteira.

O cabo de Santa Maria (1) está situado em

$$36^{\circ}\ 55^{\prime}\ 36^{\prime\prime}\ \text{N. e } 1^{\circ}\ 19^{\prime}\ \text{E. de Lisboa}$$

demorando-lhe a Foia ao N, 56° É formado pela extremidade meridional de uma ilha de areia mui rasa, á terra da qual se acham outras duas da mesma natureza, que um braço de mar separa da terra firme, onde

---

(1) «Cabo de Santa Maria, formado pela extremidade meridional d'uma ilha d'areia muito rasa chamada dos Cães, outr'ora se chamava Cuneum pela similhança que diziam ter com uma cunha a sua ponta, occupava todo o espaço litoral, que vai desde Villa Real até á enseada de Pera, por onde ainda hoje em dia corre um banco d'areia. Por estes sitios se diz que estava situada a celebre Cunistorgi e Carteia.

Cabo Carvoeiro, rochedo de mediana altura, situado na lat. de 37° 7′ long. 47′ 30″ a 5 m. E da barra de Portimão, com um forte no cimo chamado de N. S. da Encarnação, que defenderia a pequena enseada a O. do mesmo Cabo. Ainda alli existe a torre de vigia, ou atalaia, do tempo dos mouros.» Lopes. C. do Algarve, pag. 27, 28.

A principal montanha do Algarve é a serra de Monchique, chamada pelos antigos Monte Cico, a qual corre proximamente d'O. para E. e fórma com outras menores para este lado uma cadeia, que separa o Algarve do Alemtejo, e atravessando estas provincias se ramifica em alguns pontos para a ultima, e vai prender se na Serra Morena em Hespanha. Termina ella em dois picos bem distinctos, a Foia, e a Picota, massas de granito e schisto, que parece foram arrojadas pela natureza para estes sitios, como destacados e sem homogeneidade com as outras serras, que quasi todas são de pedra calcarea pela maior parte. Aquelle, mais occidental e consideravel, está em 37° 20′ de lat. e 32′8 de long. com elevação de 3830 pés acima do nivel do mar. Id. pag. 28—29.

está edificada a cidade de Faro, e a villa de Olhão. N'este braço de mar vem desembocar os ribeiros de Ludo, e de Farrobilhas.

A' barra formada entre a costa e a ponta mais occidental das ilhas chamam a Barreta, que em preamar tem 11 p. de profundidade, e dista 2 m. a O. de Faro. A barra grande é formada pela ilha de Arinona, que vem de Fuzeta, e pela extremidade mais oriental das ilhas de Santa Maria, tendo 14 p. de fundo na preamar. Esta barra fica fronteira a Olhão, d'onde dista 1 m. e da cidade de Faro 5 m. a E. e junto á sua boca no lado meridional está situado sobre um terreno pantanoso o forte de S. Lourenço, o qual defende a entrada. Entre o cabo de Santa Maria e esta barra existe a barra nova, que não tem mais que 10 p. de profundidade, formada pela ilha de Santa Maria, e pela outra, que lhe demora ao N. E.

Faro demora ao N. 24° O. do cabo de Santa Maria.

As ilhas e a costa fronteira são formadas por uma praia rasa de areia, que continua até muito alem do Guadiana; fazendo-se muito notavel o Monte Figo, cuja altura é de 2000 p. Demora ao N. 22° E, do Cabo de Santa Maria. Seu cume fica em

37° 9' 42'' N. e 1° 26' E. de Lisboa.

Pela parte de E. d'este monte está outro menos elevado, que se lhe assemelha, ao qual denominam Monte Pequeno.

Ao N. 57° E. de Cabo de Santa Maria na distancia de 18 m. está a barra de Tavira, entre cujo espaço se encontra a pequena barra de Fuzeta. A barra de Tavira é de areia, e sujeita a muitas variações. Sua entrada é defendida pelo forte de S. João situado na costa septentrional.

Desde a barra grande de Faro até á barra de Tavira correm parallelamente á costa na distancia de 600 a 800 br, diversas ilhas d'areia, cuja largura não excede a 500 br., as quaes fórmam um esteiro ou canal navegavel em preamar para barcos. Quasi ao S. da cidade de Tavira, e na mais comprida d'estas ilhas existem grandes Dunas de areia. Toda a costa continua a ser praia de areia; porem no interior o terreno é muito elevado desde Monte Figo, prolongando-se em serrania até Monte Gordo, situado perto de Ayamonte.

Ao N. 81° E. de Tavira na distancia de 12 m. está a Ponta de Santo Antonio, que é a occidental da foz do rio Guadiana; ficando no meio a igreja da Conceição, e o forte da Cacella, situado na foz d'um pequeno ribeiro. Toda esta costa, assim como a ponta de Santo Antonio é de areia rasa, e d'esta se destaca um baixo, que se dirige ao S. S. E. em uma extensão de 3 m.

A ponta oriental da mesma foz é formada pela ilha de Cacella, da qual se destaca para o S. um baixo de areia de 2 m. de comprido, a que chamam Baixo do Levante. Entre estes dois baixos ha um canal, que

terá 250 br. de largo, o qual fórma propriamente a barra de Ayamonte. Quasi 1 m. ao N. da Ponta de Santo Antonio, na margem oriental do rio está Villa Real, e mais de 2 m. ao N. N. O. se eleva consideravelmente o castello e povoação de Castro Marim, medindo entre estas duas povoações um braço de rio, que se dirige a O. N. O. a que chamam Esteiro de Castro Marim.

Desde a ponta de Canelos subindo o rio 2 m. encontra-se na margem oriental a cidade de Ayamonte, que já pertence á Hespanha.

APPENDICE

AO CAPITULO IV DO LIVRO I

Constituição geologica do Paiz

Não temos ainda, infelizmente, um tractado completo da Geologia do nosso paiz, e por isso nos vemos obrigados, querendo dizer alguma cousa a este respeito, a fazer alguns extractos de differentes trabalhos relativos a diversas localidades.

As mais elevadas montanhas de Portugal são formadas de granito. (1) Encontra-se esta pedra primitiva em muitas partes: d'ella são formadas toda a provincia do Minho, e a parte septentrional de Tras os Montes. A serra da Estrella se compõe de granito, o qual torna a apparecer perto de Cintra. Ao meio dia do Tejo as montanhas de granito se estendem por Portalegre, Elvas até Beja: e formado por elle é o cume mais elevado d'estas terras, a Serra de Foia. Poucas são as outras montanhas primitivas neste paiz: o granito naquelles logares, em que é misturado de schisto, é por camadas, e passa neste por uma mistura, que se assimelha ao schisto micaceo. A pedra calcarea compacta transforma-se em Tras os Montes n'um verdadeiro schisto micaceo; e sómente nesta provincia se vêem montanhas, que consistam em schisto micaceo puro.

Uma massa enorme de gres schistoso cobre uma grande parte do paiz. Apezar de ser differente sua côr, faz com tudo parte das montanhas primitivas, e contêm porção de schisto micaceo. Cobre o granito, e as especies de pedras schistosas. São formadas d'ellas as montanhas fronteiras do Algarve, todas d'uma altura media no Alemtejo, as montanhas da Beira nos arredores de Castello Branco, e na cordilheira, que acompanha o Douro.

A pedra calcarea primitiva fórma uma serie de montanhas entre Lisboa e Coimbra, como a serra de Lousãa, Porto de Moz, e Monte Junto, de-

(1) Adrien Babbi EssaiStatistique sur le Royaume de Portugal et d'Algarve. Paris. 1822. vol. 1.° pag. 70.

pois a Serra da Arrabida, e a cordilheira que se prolonga até o Algarve. A pedra calcarea folhada encontra-se perto d'Elvas, Estremoz, Cintra e Lisboa, mas com tudo ella pertence á pedra calcarea primitiva. Nesta pedra calcarea primitiva é que se encontra o carvão de pedra perto de Buarcos. Contém poucas petrificações. É esta pedra algumas vezes coberta de pedra areenta.

Estratificação do terreno desde Cintra ate Lisboa, atravessando a serra d'Arrabida

«As montanhas de Cintra, que formam um grupo isolado da formação primitiva se elevam no meio de formações secundarias a uma altura de 1829 pés (termo medio de differentes observações barometricas) sobre o nivel do mar, e se extendem de leste a oeste n'um cumprimento de tres leguas. A maior parte d'esta serra consiste em um granito, que mostra differentes alterações na sua posição, ora é de um grão pequeno, ora de um grão grosso, ora tem muita rijeza, ora é tão molle e decomposto que se desfaz entre os dedos. O Feldspatho que contém, é branco griseo, raras vezes avermelhado, a mica preta, o o quartzo de côr branca suja. Intimamente estão com elle misturadas particulas finas de ferro magnetico, que tambem se acha em pedaços soltos de varias polegadas de diametro sobre o cume da serra. O granito fórma as elevações mais altas, e os seus declivios tem pela maior parte um aspecto aspero e escabroso, muitas vezes pittoresco.

Seguindo-se o caminho para o convento dos Capuchos nas alturas de Colares, e descendo-se d'ahi para o Cabo da Roca no pé da serra, desapparece o granito, a superficie da montanha é mais boleada e menos aspera, e se encontra um porfido feldspathico com muitas variações na côr, causadas pela sua composição, mas principalmente pela decomposição das suas partes constituintes; de sorte que umas vezes tem o aspecto de um verdadeiro porphydo de côr parda avermelhada com grunto de quartzo e feldsphato crystallizado, maiormente sem lustro, na sua fractura, em outras partes parece ser um verdadeiro eurite. Esta rocha se prolonga até ao Cabo da Roca, que se acha 160 pés elevado sobre o mar; e rodeando-se d'ahi o pé da serra pelo caminho da pequena aldea de Biscaya, apparece sobre elle uma camada de Syenito, que apresenta na sua superficie massas formidaveis e globulosas. A extensão d'esta camada não é grande, o porfydo predomina outra vez d'aqui em pouca distancia, e ao pe de Almoinho Velho cede até o lugar ao granito, mostrando a passagem de uma rocha para outra.

Eis aqui o prospecto geral das rochas, de que se compõe a serra de Cintra, nas quaes se não póde verificar uma direcção regular das suas estratificações, e só algumas vezes apparecem ellas na direcção do nascente ao poente parallelamente com a direcção do cume da serra. Tão

simples é a composição do terreno baixo, de que é rodeado, que na proximidade da serra é formado de rochas secundarias...

Para o lado do oeste e oes-noroeste está o pé da serra banhado do mar; e para o lado de norte e nordeste se estende uma planície ondulosa, que se dirige para a Ericéira, Mafra, e Igreja Nova, com um aspecto secco e esteril, que se eleva ao pé do penultimo lugar a uma altura de 750 pés sobre o mar. Não se me offereceo occasião de examinar este terreno, mas sua physionomia não deixa duvida alguma de pertencer a um terreno, onde predomina o gres de Nebra, e a formação Jurastica.

As pesquizas, que se fizeram no anno de 1802 na visinhança da Ericeira para se explorar uma camada de carvão de pedra, ou para melhor dizer de páos bituminosos, affirmam esta supposição.

Na parte de es-sudoeste e sul é esta serra rodeada de uma pedra calcarea alpina, que immediatamente está inclinada sobre o granito, faltando inteiramente as formações intermedias de transição. Na visinhança de S. Pedro tem este calcareo alpino uma côr azulada escura, quasi negra, e é estratificado em camadas grossas: ao pé do Ramalhão tem uma estratificação delgada, correndo em direcção d'ellas na hora 6.ª da Bussola dos Mineiros, com uma inclinação de 45° para o sul. A' primeira vista este calcareo poderá ser confundido com um schisto argilloso, mas pela effervescencia com os acidos se conhecerá facilmente este engano. Tambem observando o só na sua extensão transversal no caminho de Cintra até ás alturas de Cacem, onde se lhe não encontra petrificação alguma, fica algum tanto duvidoso, se não pertence a um calcareo de transição, mas observando-o nas suas extremidades para a banda do oeste perto do mar entre a Charneca e Cascaes, não somente se acham no mesmo calcareo alpino petrificados, que não são proprios do calcareo de transição, mas tambem se acha uma camada de gres marnoso, e grandes fragmentos de um conglomerado ou gres antigo, que espalhados sobre elle fazem presumir que este constitue o seu leito costumado.

Perto de S. Pedro continua uma pequena eminencia para Este, cuja rocha é um «Espato fetido» de côr branca, e mui crystallina, que se apresenta em bancos grossos, d'onde se tiram grandes pedras para serem serradas em taboas para mezas, usadas em Lisboa. Como este Espatho fetido é retalhado por muitas fendas, que se encruzam, e não se podendo observar o lugar, onde se acha em contacto immediato com o «calcareo alpino, mas podendo-se vêr claramente que para o lado de Cintra elle está sobreposto ao granito, assim como o calcareo alpino ao pé de S. Pedro, fica por tanto duvidoso se as suas acamadações se prolongam por baixo do dito calcareo, sendo uma formação mais antiga e independente, ou se ella é uma formação parallela, ou simultanea como este.

Sobre o «calcareo alpino» se encontram ás vezes monticulos ou colli-

nas dispersas da formação Trapeena, de Trachytes porphyricos, e de Phonolites, assim como de Diabase schistosa, tanto para o lado do mar, como ao pé do chafariz do meio da charneca, e nas visinhanças do Romalhão. Os Trachytes porphyricos ao pé d'este ultimo logar contêm o Feldspatho de côr de carne, e o total da composição fórma uma pedra linda para obras de ornato.

Nas alturas de Cacem se escoade o calcareo alpino por baixo das camadas do gres de Nebra, que apparece neste sitio só na superficie de alguns centos de passos na direcção da largura das suas camadas. Este gres é de grão fino, e pelas differentes oxidações das suas particulas ferreas, apparece ondeado ou raiado com varias côres brancas, amarelladas, avermelhadas e azuladas. A sua estratificação é menos inclinada para o sul, que a do calcareo alpino, e se dirige parallelamente com este do nascente para o poente. É de notar que as camadas d'este gres se tem estreitado consideravelmente nestes sitios, pois proseguindo-se a linha da sua direcção para leste e noroeste, se observa que elle se alarga cada vez mais: já na visinhança de Bellas tem mais alguma largura alternando com algumas camadas de pedra calcarea arenosa, apparencia propria d'este gres, contendo lenhitos espalhados no meio das suas estratificações, como se póde observar nas pedreiras, onde se tiram mós para pedras de amolar. Descendo-se da Cabeça de Montachique para Torres Vedras, desapparecem quasi todas as mais formações, e o gres de Nebra, que em grande parte alli é de um grão grosso, constitue todo o terreno baixo e ondaloso, que se extende até ao mar, até Obidos, e ás Caldas da Rainha, onde nelle nascem as aguas hepathicas.

Na cabeça conica de Montachique parece que este gres com lenhitos se eleva em sua maior altura sobre o nivel do mar ao pé da fonte ferrea, levantando-se, segundo as minhas observações barometricas a 1237 pés. Sobre o gres, e por baixo do basalto d'esta cabeça jaz uma pedra calcarea cheia de conchas petrificadas, principalmente de gryphites, que em muitas partes mostram o seu brilho natural, ficando duvidoso, se esta pedra calcarea não pertencerá ao calcareo de conchas, entretanto julgo que elle tambem pertence á formação Jurassica, que constitue a maior parte do declivio da serra para o lado de Loures. A este calcareo sobresae na maior altura conica o basalto em columnas de 5, 6 até 9 faces. Estas columnas tem o diametro de 1 até meio palmo, ellas estão ora verticaes, ora inclinadas para um e outro lado, ora deitadas horizontalmente em grandes fachas: umas são inteiriças, outras quebradas, e o total mostra destruição por alguma acção violenta. Em todas as partes d'esta cabeça basaltica, e mesmo no ponto mais elevado, que tem uma altura de 1541 pés, mostra o basalto (que contém muito amphibole, e alguma livina nas camadas inferiores) uma grande influencia sobre a agulha de marear, porque chega de 6 até 8 palmos de distancia das rochas, influencia esta, que nem as rochas de ferro magnetico do Brasil exercitam sobre a

bussola, por quanto não excedem mais de um palmo de distancia da rocha. Nas rochas de ferro magnetico mudam os seus polos em distancia de até 4 pollegadas, no basalto de Montachique se acham distantes uns dos outros 3 até 4 palmos. Pela parte do poente na visinhança de Cascaes fórma o gres de Nebra a costa alta e ingreme do mar, e se acha n'um estado muito esbroadiço. As camadas inferiores tem um grão mais grosso, que as superiores, e são muito ferraginosas. No meio d'ellas se levanta debaixo para cima um grande rochedo de basalto muito rijo e sobre carregado de amphibole. Suas camadas, que correm na direcção de norte sul, por consequencia em sentido contrario das camadas do gres, apparecem como se alguma força violenta, obrando debaixo para cima, as quebrasse levantando-as no meio, e inclinando-as para os lados oppostos.

Nestes mesmos sitios penetra no gres um vieiro de carvão de pedra de um palmo de possança, e quasi verticalmente. O carvão é muito friavel e decomposto, de sorte que se apresenta como uma efflorescencia de côr muito viva amarella de açafrão.

Um conglomerado grosso de peroxido e hydroxido de ferro se acha tambem neste logar em grandes massas e rochedos soltos n'uma extensão considerrvel da costa e banhados pelo mar. Se este conglomerado tão rico em ferro fórma uma camada inferior do gres ou do calcareo alpino, e se elle pertence ao gres antigo, sendo arrancado pela vehemencia das ondas e amontoado neste sitio, fica ainda duvidoso.

Ao longo da costa para leste se extende o gres de Nebra até ao Estoril, onde nascem as aguas salinas usadas em certas molestias no estabelecimento dos banhos, que ahi ha. Nesta rocha tomam por tanto a sua origem tres differentes aguas thermaes. 1.° as aguas hepaticas das Caldas da Rainha, de Gayeiras, dos Cucos ao pé de Torres Vedras, na falda da serra de Montachique... Pyrites de ferro, e alguns pedaços de betume, como tambem naphta. 2.° as aguas ferreas de Bellas, Cabeça de Montachique, e de varios outros lugares, e 3.° as aguas salinas do Estoril.

Voltamos outra vez ao caminho de Cintra para Lisboa. Ao pé do logar do Cacem principia a apparecer sobre o gres de Nebra a formação Jurassica, a qual se extende na largura das suas camadas para o sul até á borda do Tejo, desde as alturas da rua da Boa Vista para o poente até o mar, e para o nascente até á serra de Montachique. As suas camadas são geralmente mui grossas de 4 até 8 palmos, alternando com camadas delgadas, que tem só algumas pollegadas de possança. Em algumas partes este calcareo de Jura tem um grão crystalino misturado com particulas, e até veias de quartzo luzente, em outras partes é denso com uma fractura «conchoida» chata, em outras partes é muito poroso e rijo, como costuma ser algum calcareo alpino celluloso, e então mui proprio para pedrrs de moinho. Parallelamente com as suas camadas apparecem entre as estratificações ninhos e cintas estreitas de pederneiras, principalmente no Valle de Alcantara, e as suas camadas superiores no mesmo

Valle finalizam em uma Brecia calcarea, ou um estracto de «Argilla calcarea» e «ferruginosa,» cheio de petrificados proprios d'este calcareo, principalmente de Hippurites e Gryphites, e em outras partes, v. g. Carcavellos, finalisam em um extracto de gis branco.

A inclinação das suas camadas para o sul não excede de 16° a 20°, e em geral é menor que a do gres de Nebra, até que muitas vezes são perfeitamente horizontaes, como se póde observar na costa entre Cascaes e a Torre de S. Julião da Barra, onde se tiram boas pedras de moinho, e onde no meio de camadas grossas descobri camadas mui delgadas e proprias para pedras lithographicas.

Muitas camadas d'este calcareo de Jura estão inteiramente isentas de petrificações de conchas, e de coralites, mas outras ha, que são mesmo sobrecarregadas d'ellas, e parece que a sua massa principal não fôra outra cousa senão estes restos de entes organicos. Entretanto onde apparece o «amassame» de conchas, como na Cabeça de Montachique, não ha Hippurites, e vice-versa. Estes Hippurites são bem notaveis, tanto pelo seu tamanho, como pela sua configuração, parecendo alguns como chifres de carneiros, descrevendo uma espiral de 1 palmo e meio de comprimento com 3 pollegadas de grossura na base, e com a ponta mui delgada; outros direitos e cylindricos, e outros um pouco curvados como os chifres das cabras. Como estes Hippurites são intimamente ligados com a pedra calcarea, nunca pude alcançar o tirar um exemplar inteiro, e os que estão no extracto superior na Brecia, e na Argilla marnosa, são tão descompostos, que o seu cascão de fóra cahe em pedaços com o minimo movimento, e o caroço interior ou o enchimento só fica inteiro mostrando configurações exquisitas, como dentes grandes de porcos montezes, de tigres, ou chifres de carneiros novos.

Esta formação de Jura é a principal, sobre a qual se acham nos contornos de Lisboa as formações basalticas. Em toda a sua extensão desde as montanhas de Montachique até Cascaes, e na sua largura até a borda do Tejo se encontram sobre ella o basalto com olivina, amphibole, pyroxene e granatas, basaltos porphyricos, e rochas amygdaloidas, em cabeças isolados, e de pouca extensão, principalmente nas visinhanças de Bellas, e Queluz, em todas as alturas pelo norte de Loures e Lumiar, em Campolide, ao norte de Monsanto, Cassilhas, Portella, Carnaxide, Linda Pastora, Cruz quebrada, Oeiras, Paço d'Arcos, Caxias, Ajuda, etc.

Os conglomerados, que se acham no Valle de Bemfica e Porcalhota, e que se extendem até á descida do caminho do Lumiar para Loures, e até este ultimo lugar, que contém na sua conglutinação fragmentos basalticos, parece que devem ser olhados como uma formação local, que não pertence á formação basaltica, visto que o basalto d'ella fórma a menor parte entre os mais fragmentos calcareos e marnosos, conglutinados por uma argilla marnosa e ferruginosa: são mais raras as escorias basalticas, que se acham ao pé de Odivellas.

O basalto rijo e compacto da Cabeça de Montachique, e ao pé do Es-

toril, contém principalmente olivina, e amphibole: o basalto das visinhanças de Bellas no lugar do Suimo parece exclusivamente conter «granatas e zirconas, que se acham nas areias da pequena ribeira visinha: no basalto das visinhanças de Queluz predomina o pyroxene. Os basaltos decompostos, e os basaltos prophyricos da subida de Loures para Monachique, os do lado do sul dos Arcos das Aguas Livres, e os entre Pedrouços e Caxias, assim como em mais outras partes, se acham uns muito porosos, outros com veias de Espatho calcareo crystallizado, outros com Feldspatho griseo amarellado ou avermelhado muito ferruginoso, ou com granitos decompostos de um mineral verde, que propende para uma crystallisação prismatica. As amygdaloides só raras vezes apparecem na formação do basalto decomposto.

A apparição da formação basaltica nos arredores de Lisboa pertence quasi exclusivamente ao terreno Jurassico, e alguma ao gres de Nebra, assim como a formação dos trachytes ao calcareo alpino, proximo ás serras de Cintra, e d'Arrabida.

A formação de Jura é coberta pelo terreno terciario de bancos «calcareos marnosos, de argillas plasticas, de areas verdes com Marnes, e de calcareo grosseiro:» desde o alto da Rua da Boa Vista ao longo do Tejo acima até á Povoa, e Alverca, e se estende para o norte até o Lumiar, e Friellas, comprehendendo-se as alturas de Santa Catharina, a Patriarcal Queimada, o Campo de Santa Anna, as alturas do Castello, da Graça e da Penha de França, Arroios e todo o Campo Grande, etc.: e esta formação ainda com menor inclinação das suas camadas que a precedente. Na outra banda do Tejo ella apparece nas elevações de Almada desde Cassilhas até á Trafaria, e se inclina com uma queda maior para o sul, escondendo-se no valle da Piedade por baixo do terreno de Alluvião.

As camadas inferiores d'esta formação terciaria, que se podem dividir em quatro formações distinctas, das quaes cada uma contém as suas subdivisões, parecem ser formadas de bancos de uma pedra «calcarea arenosa» e amarellada, cuja massa principal consiste em petrificados de conchas, principalmente de turitellas, terebratulas, belemnites, echidnes, helices, melanamonas, cardias, orthoceres, encrinites, etc., alternando com bancos de ostras, que estão pela maior parte no seu estado natural, como se póde observar em varios lugares d'aquem e além do Tejo. A sobreposição immediata ao calcareo de Jura nunca a pude observar, e só a presumo. Sobre estes bancos, cujas numerosas e variadas petrificações de conchas merecem um exame escrupuloso, apparece como segundo periodo da formação, um grande extracto de argilla plastica, de côr escura azulada, ou avermelhada, e amarellada, mas principalmente predominam as côres escuras. Ora apresenta uma argilla sem mistura, ora é sobrecarregada de conchas petrificadas, ou de conchas que apparecem ainda no seu estado natural, e tambem formidaveis dentes de tubarões

(squalæ), dos quaes Alexandre Antonio Vandeli classificou quatro differentes especies; não são raros de se encontrar nesta argilla. A sua pussança é de 6 até 20 palmos. Sobre esta argilla plastica, cujos bancos em varias partes parecem faltar, está pousando uma grande camada de areia argillosa fina, producto do terceiro periodo, de côr verde amarellada de 10 até 50 palmos de pussança, umas vezes muito pura, outras misturada de concreções marnosas e disformes, ou alternando com bancos estreitos de marne arenoso, e de gres calcareo. Tanto na areia, como nos bancos entremedios, se acham petrificações de conchas no seu estado natural. Como esta areia fina contém muita argilla, foi julgada mui propria para servir de areia de moldar para os fundidores de metaes.

Nos bancos d'esta areia verde nascem em Lisboa varias fontes de aguas hepaticas, que servem para banhos. As da base do morro do Castello são as unicas aproveitadas.

Um objecto bem notavel é o ter-se achado nos bancos d'esta areia o «Mercurio vivo» em varios lugares. Quando edificaram a Igreja de S. Paulo, e as cazas visinhas, foram ahi ajuntadas grandes porções de azougue na abertura dos alicerces. Sabe-se que ha muitos annos se achou azougue em varias partes nas alturas de Almada. Tambem ao pé de Coina foi feita uma pesquiza por conta do governo nos annos de 1798 até 1801, e se ajuntaram muitas arrobas de azougue.

Sobreposto a esta areia e bancos marnosos apparece como producto do quarto e ultimo periodo da formação terciaria, o calcareo grosseiro com muitos petrificados de conchas, com bancos de gres silicioso e marnoso, cujo gres igualmente contem conchas petrificadas, que em grande parte só consistem de fragmentos, outros sem petrificações algumas, sendo mui siliciosos, e misturados com muita mica. As maiores alturas de Lisboa como são o Castello e a Penha de França, são formadas d'este calcareo grosseiro, e da mesma fórma as alturas de Sacavem, Friellas, e as de Almada. Estas differentes acamadações alternam umas com as outras. Por detraz da quinta do Duque de Lafões se acha no gres marnoso d'esta formação o que se tem observado em outros paizes, principalmente nas visinhanças de Maestrich, e de Paris, de estarem as camadas furadas verticalmente por buracos redondos de 1 até 4 palmos de diametro, conhecidos pelo nome de «orgãos geologicos.» A inclinação principal de todo o terreno terciario é para o Tejo, ou para o sul; mas como nas alturas da costa opposta, que está no mesmo nivel com as alturas em Lisboa proximo ao Tejo (Santa Catharina e Thesouro Velho) se apresentam as mesmas acamadações, resulta d'ahi que esta deve ser ondulosa.

A facilidade com que estas camadas se destroem, assim como a sua inclinação para o Tejo, foi a principal causa do rompimento das aguas do Tejo entre as alturas de Almada e de Lisboa; e não me parece provavel que este rio antigamente tenha tido a sua embocadura na lagoa de

Albufeira. Verdade é, que passando-se as alturas de Almada, e descendo-se para a Piedade, e atravessando-se d'ahi todo o terreno até a lagoa de Albufeira, se acha que todo elle consiste de terreno de alluvião, que se eleva em muitas partes até á altura de 150 palmos sobre o nivel do mar, aprofundando-se por baixo d'elle, e observa-se distinctamente que todo elle constitue as terras baixas e ondulosas, que se extendem até ás grandes bacias de Coina, Moita, Aldea Gallega, etc., e encostando-se ás elevações da serra da Arrabida. A principal corrente das aguas, que ajuntou este terreno de alluvião, devia existir para aquella parte, mas isso de certo foi n'um tempo, em que as aguas do Tejo ainda cobriam todos os montes de formação terciaria de Lisboa, rompendo pelo actual canal, e entupindo o outro só ao depois que ellas se abaixaram inteiramente, sendo mais facil que as aguas correntes abrissem o seu caminho por meio de formações fixas mais faceis de se desfazerem do que por bancos de areias soltas, que continuamente embaraçavam o curso das aguas, e d'esta maneira podia muito bem ser que antes de se abaixarem inteiramente as aguas ao nivel, em que hoje em dia se acham, que a grande enseada do Tejo tivesse duas bôcas ou entradas para o mar, deixando as alturas de Almada no seu meio como uma ilha.

Seguindo-se o longo da costa de Cassilhas até á Trafaria, encontram-se todos os membros d'esta formação descripta estratificados horisontalmente; elles teem os mesmos seguimentos das suas differentes estratificações; e as suas alterações como no lado de Lisboa; mas como aquella costa mostra grandes quebradas, estão ellas mais ao alcance do observador, que admira principalmente as diversidades de conchas petrificadas, que em varios lugares parecem estar separadas por familia.

Acham-se tambem espalhados na costa petrificados de vertebras de peixes, e nas areias da praia da lavra de oiro da Adiça se descobriu tambem uma cabeça grande petrificada, que parece ser de um cetaceo.

Continuando-se o exame da costa da Trafaria até á lagoa de Albufeira, acha-se o extracto de argilla plastica ao longo de toda a costa até á visinhança da dita lagoa, horisontalmente estratificada, e só aqui ellas se inclinam pouco a pouco para o sul, e desapparecem finalmente por baixo do nivel do mar. Todas as camadas superiores d'esta argilla faltam inteiramente em toda esta extensão, e o terreno de alluvião está immediatamente sobreposto a ella. Este terreno de alluvião consiste em uma areia levemente conglutinada, de grão pouco grosso, mas geralmente de grão fino; e em grande parte onde não é coberta pela vegetação, é solta e movel com a vehemencia dos ventos.

Estas areias quartzosas apparecem com todas as côres de differentes oxidações das suas particulas ferreas, desde a côr branca de neve até á cor vermelha escura. Raras vezes se encontram n'ellas camadas de calhaus rolados; e esses calhaus, que todos são de differentes cores, teem

pequeno diametro. Todo este terreno de alluvião é aurifero, mas o ouro está tão espalhado por toda a massa, tanto pelas camadas superiores, como pelas inferiores, e em tão pequena quantidade, que não pode ser aproveitado senão em algumas partes da costa da Adiça, aonde a natureza ajuda a emprehender a exploração. Ventos, torrentes de chuvas, e grandes quebradas da costa ingreme, c nduzem estas areias auriferas de 300 palmos de altura até á praia, onde o jogo continuo das ondas effectua uma lavagem natural d'estas areias, precipitando-se no fundo o ouro com as areias mais pezadas, como são as areias magneticas, granatas, etc., e as areias leves ficam sobrepostas.

D'esta sorte se póde observar, que estas areias, quando estão muito amontoadas na praia, o que succede quando os invernos não são tormentosos, chegando a ter de 15 a 20 palmos de altura sobre a argilla plastica, contem 4, 5, 6 e mais acamadações differentes divididas por cintas pretas de areias magneticas auriferas, mas as mais das vezes são estas cintas tão pobres, que não pagam as despezas do trabalho.

A camada aurifera mais rica é a mais inferior, que está sobre a argilla plastica, coberta em grande parte com grandes massas de pedras soltas, entre as quaes o ouro se precipita mais facilmente. Estas pedras soltas são mui disformes, de 4 até 8 palmos de diametro, rijas, as mais das vezes cavernosas, e consistem em um marne arenaceo e argilloso, e quasi sempre cheias de conchas petrificadas. Entre estas pedras soltas se descobriram a acima mencionada cabeça, assim como tambem muitos ossos petrificados de peixes grandes, e principalmente os já mancionados ou vertebras.

Pelo modo da apparencia do ouro na praia, se pode julgar que o trabalho da exploração d'elle deverá ser mui precario, pois tendo-se explorado alguma parte da praia, é necessario esperar algum tempo até se ajuntar de novo o ouro no mesmo logar. Havendo grandes invernadas e frequentes temporaes (principalmente os chamados vendavaes) então este ajuntamento se effectua em menos espaço de tempo, as areias da praia são mexidas pela agitação das ondas, as areias leves são conduzidas para o mar, e o ouro espalhado nas differentes cintas d'areia se precipita todo junto sobre o salão da argila plastica. N'este caso e principalmente quando os vendavais tem sido tão fortes, que o salão fica de todo descoberto de areia, é a exploração bastante vantajosa.

Atravessando-se o terreno onduloso de alluvião já descripto desde o lugar da Piedade até o pé da serra da Arrabida, encontram-se no Valle do Pixeleiro, por baixo dos terrenos d'alluvião, um conglomerado moderno de pedaços rolados de quartzo com muitas pedras calcareas conglutinadas com argillas e areias ferruginosas, e que tem toda a apparencia com a Molasse d'Argovie e a Nagelfluhe; e no Casal do Bispo apparecem camadas e ninhos de Sphaerosiderito argiloso. Parece que este conglomerado é moderno, e está sobreposto ao conglomerado mais an-

tigo, ou gres antigo, que apparece ao pé de Setubal, no pé da serra de S. Luiz e de Palmella, na costa do sul da serra da Arrabida.

No lado do norte da grande serra corre parallelamente com ella uma elevação mais baixa, que finaliza nas alturas de Palmella, consistindo em um Marne calcareo com muitos petrefactos, e que tem toda a semelhança com o calcareo grosseiro já descripto, sendo provavel que todos os membros da formação terciaria, pela sua acamadação ondulosa, se elevam outra vez com as camadas do calcareo alpino da serra da Arrabida.

Um estreito valle separa estas elevações da ingreme serra da Arrabida, que tem uma altura de 1744 pés sobre o nivel do mar. Toda esta serra consiste em pedra calcarea alpina, e fórma uma montanha isolada, que principia na visinhança de Setubal ao pé do Castello de S. Felippe, e se dirige para o poente até o Castello de Cezimbra. As suas camadas se dirigem na hora 6.ª da Bussola dos Mineiros, por consequencia parallelamente com as estratificações do calcareo alpino proximo á serra de Cintra, mas a sua grande inclinação para o norte de 45° até 70°, ou mesmo vertical, é inteiramente opposta á das formações do norte do Tejo, e parecem indicar que ellas se prolongam de uma parte para a outra por baixo de todas as mais formações sobrepostas. A fractura d'esta pedra calcarea é pela sua grande densidade, conchoida chata, e lascosa; e a côr é amarellada ou cinzenta. As suas camadas nas faldas da serra no lado do sul, são penetradas com muitas fendas e veias de Spatho Calcareo, e as petrificações de conchas são mui raras.

Pelo lado de Cezimbra se encontram sobre ellè alguns cabeços de formação trappena de Trachytes cellulosos, assim como de gesso, e na formação do gres antigo (?) do cabo de Espichel, que tem a elevação de 661 pés, apparece uma camada de carvão de pedra, e paus bituminosos muito pyritosos.»

Guilherme Barão d'Eschwege. Memoria Geognostica, ou golpe de vista de perfil das estratificações das differentes rochas, de que é composto o terreno desde a serra de Cintra na linha de noroeste a sudoeste até Lisboa, atravessando o Tejo até á serra da Arrabida, e sobre a sua idade relativa. Memorias da Academia Real das Sciencias, vol. 11, pag. 254—270.

Esta Memoria traz um Appendice sobre os Hippurites descubertos nos contornos de Lisboa em 1823.

Vem tambem em seguida a este Appendice Additamentos á Memoria por Alexandre Antonio Vandelli.

São mui curiosos estes additamentos. N'elles vem o seguinte.

«No Campo Grande e Penha de França (Pedreira de Sete Castellos, adiante do Poço dos Mouros) que é a mesma formação de calcareo grosseiro se encontram conchas marinhas e fluviaes, o que é vulgar n'aquella qualidade de terrenos, porque como diz mr. Defrance: No Calcareo

grosseiro, que é de certo um deposito marinho, acham-se conchas, cujos generos se não acham vivos senão nas aguas doces, etc.

Os ossos fosseis são achados alem do Tejo, no sitio da Adiça, distante 4 leguas pouco mais ou menos de Lisboa, e 1 do Cabo de Espichel no Terreno de Sedimento superior

Com mui pequena excepção não se tem achado até agora senão ossos de animaes grandes, e todos sempre soltos ou desunidos.

A extensão do sitio da Adiça, em que se acham os ossos, será de meia legua pouco mais ou menos. Acham-se nas catas ou sacavões, que se fazem para extrahir o ouro n'aquella praia, que ás vezes tem a profundidade de 20 a 30 palmos.»

RECONHECIMENTO GEOLOGICO DOS TERRENOS DAS VISINHANÇAS DE LISBOA

Descripção geral e divisão em dois massiços

A cidade de Lisboa está edificada e distribuida sobre todas as desigualdades d'um grupo de collinas, que occupam a margem direita do Tejo, e se prolongam para o norte n'uma extensão de 1,5 a 3 kilometros, attingindo 100 a 120 metros de altitude sobre o nivel do mar, descahindo depois mais ou menos rapidamente para uma depressão, que fórma em parte o valle de Alcantara, e cerca a cidade na sua maior extensão. Para alem d'esta depressão todo o terreno, que lhe fica adjacente torna a subir a diversas alturas, e estendendo-se pelos quadrantes de noroeste e nordeste, é dividido pelo valle, que vai de Carnide a Loures, em dois massiços de desigual fórma e grandeza. Um d'estes occupa a parte oriental e nordeste, e o outro a parte occidental e noroeste da cidade de Lisboa, indo ligar-se proximo de Carnide por um collo no qual se dividem as aguas, que vertem sobre os ribeiros d'Alcantara e de Odivellas.

Massiço oriental

O massiço oriental tem proximamente a fórma d'um losango muito alongado disposto de SSO. a NNE. occupando a zona, que decorre de Bemfica, Palhavã, e Poço do Bispo até á margem direita da ribeira, que vai de Friellas a Sacavem, tendo n'este sentido 15,5 por 6 de largura media. E limitado a SE. pelas escarpas abruptas que formam a margem direita do Tejo entre Lisboa e Sacavem, e indo igualmente formar a margem direita da ribeira, que vem de Friellas, limitam este mesmo massiço pelo do norte, em quanto a sua superficie levantando-se do SE. para NO. ou desde a aresta superior da escarpa sobranceira ao Tejo uns 20^m, vai ganhar as maximas altitudes de 100 a 150^m sobre a aresta

superior da escarpa, que limita por NO. o referido massiço, e que fórma a vertente oriental, que borda o valle de Carnide a Loures.

Pelo S. e SO. estende-se toda esta parte do terreno pelo Lumiar, Carnide, e Porcalhota, a formar o collo acima indicado, ficando limitado pelo valle de Alcantara, que corre de NO. a SE. até Sete rios, tomando n'este ponto a direcção SSO. até encontrar o Tejo em Alcantara, vindo assim todo o solo de Lisboa a fazer parte integrante do massiço oriental.

Diversos valles, como o de Chellas e outros, produzem as maiores desigualdades, que se observam n'esta parte do solo, devendo porem notar-se que sendo todos elles parallelos ao valle do Tejo, correndo por consequencia de SO. para NE. cortam o massiço perpendicularmente á sua inclinação geral, sem comtudo o dividirem em outros massiços independentes. Todos os mais accidentes se reduzem a pequenos valleiros, sem importancia sensivel no relevo, e ás corôas de algumas collinas mais elevadas, taes como a da Boa Vista, e da Ameixoeira, que attingem as altitudes de 160 a 162^{m}.

Massiço occidental

Pelo que toca ao massiço occidental, que está separado do precedente pelos valles de Alcantara e d'Odivellas, estende-se até ao oceano, indo formar a linha da costa desde o Cabo da Roca até á ponta mais meridional da mesma costa. Ao sul é limitado pela margem direita da grande bahia do Tejo, que mais ou menos escarpada corre desde as proximidades de Cascaes até Alcantara, e d'ahi subindo o solo successivamente para o lado do norte, termina por uma importante linha divisoria, que passa pelos pontos culminantes da serra de Cintra, na altura de 300 a 500^{m} sobre o mar, e na direcção do Poente a Nascente, separa as aguas, que vão directamente ao oceano, das que descem para o Tejo, depois inflecte-se para NE. indo pelo Algueirão, onde desce á altura de 183^{m}, e tornando a subir na mesma direcção até aos altos da Piedade e da Tapada, junto ao Sabugo, onde tem 323^{m} de elevação, divide as aguas, que vão á ribeira de Cheleiros, as que vão para a ribeira de Loures, e as que descem pelo mesmo massiço para virem ao Tejo abaixo de Lisboa. D'aquelle ponto descahe para o SE. dirigindo-se pelas alturas de D. Maria e de Caneças com 290 e 231^{m} d'altitude, e tomando finalmente a direcção do sul vai pelas corôas das montanhas de Adabeja, e Villa Chã até Falagueira, junto á Porcalhota, onde prende com o collo de Carnide, tendo n'este ultimo trajecto as altitudes de 288 a 150^{m}, e separando aguas para as ribeiras de Odivellas, Carenque e Alcantara.

Este massiço apresenta a fórma de um pentagono irregular com os

seus vertices apoiados no Cabo da Roca, Alto da Tapada, perto do Sabugo, Caneças, Foz da ribeira d'Alcantara, e extremo meridional da linha de Costa, junto a Cascaes.

Tomando as dimensões medias d'este massiço sobre a excellente carta chorographica recentemente publicada pela nossa Commissão Geodesica achar-se-ha que elle occupa uma superficie de fórma proximamente rectangular com 28 kilometros de E. a O. e 13 kilometros de S. a N. elevando-se em rampa, das aguas do Tejo para o N. com $0^{m},025$ de inclinação por cada metro corrente.

Comparando as cotas de nivel dadas pela carta, reconhecer-se-ha, que a elevação d'esta grande linha divisoria d'aguas apresenta notaveis e successivas differenças sobre o terreno continuo, que descahe para a parte septentrional ou opposta ao mesmo massiço, assim entre os pontos culminantes da serra de Cintra e a ribeira de Collares, que corre na fralda da serra ha 300, 400 e mais metros de differença de nivel, diminuindo depois, até certos limites, da margem direita d'esta ribeira para o lado do norte.

De S. Pedro em Cintra ao Algueirão vão estas differenças até alem de 100 metros, entre os pontos mais elevados da divisoria e a depressão adjacente para o lado do norte. A Tapada está 150^{m} sobre o campo contiguo ao Sabugo, e a parte NE. e oriental da mesma linha offerece sobre as ribeiras de Loures e Odivellas altitudes relativas superiores a 200 e 250^{m}.

É d'esta grande linha divisoria, que partem os valles mais importantes, por onde correm as ribeiras de Queluz, Laveiras, Oeiras, Manique e Cascaes, affluentes do Tejo, os quaes em harmonia com a fórma e disposição geral do relevo, o massiço de N. para S. apresentando cada um dos seus respectivos corregos em uma fractura profunda de margens abruptas ou alcantiladas, constituindo assim a parte mais notavel dos accidentes, que affectam este mesmo massiço.

As montanhas que se erguem na parte mais septentrional d'esta zona, entre o Sabugo e Loures, e a montanhosa serra de Cintra a oeste, são a outra parte dos occidentes, que mais sobresaem no relevo geral, e sobre os quaes se vai apoiar todo o massiço. As inflexões que se apresentam ao NE. e SE. da grande linha divisoria, são devidas á posição mais avançada d'essas montanhas, o que concorre para dar maior superficie ao massiço, e maior desenvolvimento ás ribeiras de Valle de Lobos e de Queluz.

Alem d'estes accidentes mais pronunciados, apresenta se toda a superficie coberta de collinas, mais ou menos altas e alongadas, dispostas de nascente a poente, cortando perpendicularmente as differentes linhas d'agua formando resaltos, com as escarpas mais rapidas voltadas para o N. taes como as que orlam o Tejo desde Alcantara até Oeiras, as que vão de Monsanto por Alfragide ao Manique, as que se estendem da

Porcalhota por monte Abrahão a Vaz Marinho, e as que vão de Caneças ao Algueirão.

Por esta fórma o massiço occidental constitue uma elevada protuberancia, sobranceira a todo o terreno adjacente, que lhe serve de limite pelo N. a nascente, elevando-se similhantemente, na sua maxima extensão, tanto sobre o massiço oriental, como sobre todo o collo, onde está edificada Lisboa, de modo que toda a parte da ribeira, e todas as nascentes, comprehendidas pelo parallelo de Cacem e a grande linha divisoria d'aguas, tem uma altitude superior aos pontos mais culminantes da cidade.

Tal é o esboço geral da fórma physica do terreno das visinhanças de Lisboa.

2.ª SECÇÃO

Constituição geologica do solo

Divisão dos terrenos. As formações, que entram na composição geral do solo de Lisboa, pertencem a tres grupos mui distinctos pela sua origem, caracter mineralogico e posição, a saber: terreno terciario, terreno cretaceo, rochas eruptivas.

Terreno terciario.—O terreno terciario da bacia inferior do Tejo consta de duas formações diversas, uma superior e lacustre, que se estende aos lados do Tejo, até á Beira baixa e Alto Alemtejo, outra marinha, orlando apenas a margem direita do rio, desde Lisboa até ás visinhanças de Alhandra com o seu maior desenvolvimento na margem opposta.

O massiço oriental consta, na sua quasi totalidade, das rochas d'esta ultima formação, as quaes terminam com os seus affloramentos na aresta superior, que fórma o labio, que decorre de Friellas até defronte de Odivellas, comprehendendo as povoações de Carnide e Luz: e dirigindo-se para o S. E. pelas visinhanças do Pinheiro, e quinta do Seabra, atravessando Lisboa, um pouco a E. da rua de S. Bento e terminando na praia do Caes do Tojo.

Alguns retalhos da mesma formação, muito insignificantes, deixados pela denudação, apparecem ainda á beira do Tejo, abaixo de Lisboa, como por exemplo em Oeiras, em quanto que a margem escarpada, que lhe fica fronteira, desde a Trafaria até Cacilhas pertence todo áquella formação.

As areias amarellas, verdoengas e azuladas, alternando com camadas de calcareo mais ou menos arenoso, e encerrando na sua parte media leitos de argila e de marnes, são as rochas constituintes d'esta formação, cujos stratos inclinam regularmente 5° para o SE.

Os despojos animaes abundam em quasi todo este deposito e do seu

exame se tem reconhecido, que pertence ao terreno terciario medio ou miocene; entretanto o estudo dos fosseis, que se encontram em ambas as margens, e dos horisontes, que elles estabelecem, está ainda muito atrazado para se poderem definir as relações stratigraficas do mesmo deposito n'um e outro lado do rio, e determinar a sua possança total. Em todo o caso, é evidente, que todas estas camadas terciarias pertencem ao mesmo periodo, e que foram deslocadas pela mesma falha, que actualmente serve de leito ao rio Tejo.

Epocha da formação do conglomerado com fragmentos de basalto.— Em uma Memoria publicada por Daniel Sharpe nas Transactions of the geological Society of London (1841), sobre a geologia dos suburbios de Lisboa, dá-se como pertencente á formação terciaria um conglomerado vermelho, que se vê coberto por diversos retalhos de camadas terciarias em S. José de Riba-mar e Santa Catharina, e sahe por debaixo da formação terciaria na Ameixoeira e Povoa de Santo Adrião; parece-me porem que o illustre geologo não teve occasião de seguir este conglomerado em toda a extensão, em que elle apparece, e de examinar as suas relações com a formação cretacea, sobre que assentam os basaltos; n'este caso encontraria grande difficuldade, senão uma verdadeira incompatibilidade, em referir ao periodo terciario as camadas de marmore associadas a este conglomerado, que se observam ao lado do caminho, que vai da Porcalhota para Carnide.

O estado de metamorphismo d'estes conglomerados, e a sua associação com os basaltos, como se vê na Porcalhota, Queluz, Carnidè, Tojal e outros lugares, e a sua presença em Alfovar, e no Correio Mór, junto a Loures, assentando concordantemente sobre as camadas de marmore contendo caprinulas e spherulites, são uma prova clara de que esta formação de conglomerados, pertence á parte superior do periodo cretaceo, e não fórma a base das camadas terciarias.

«Indo do Carregado para Alemquer observei eu um conglomerado composto de seixos arredondados de quartzo, quarizites, e outras rochas, presos por um cimento bastante duro, argilo ferruginoso, de cujo conglomerado vi tambem um affloramento na base do terreno terciario, defronte da Povoa de Santo Adrião na parede oriental do valle de Odivellas; porem estes conglomerados, que por em quanto reputei subordinados ao terreno terciario marinho da bacia inferior do Tejo, são mui diversos d'aquelles, de que falla Sharpe.

Terreno cretaceo. A's camadas terciarias de Lisboa segue-se o terreno cretaceo, e a formação trappica, que entram na constituição de todo o massiço occidental: na do collo que prende os dous massiços; e na do solo do valle de Odivellas a Loures.

Limites. O terreno cretaceo apresenta-se em uma grande extensão desde o Tejo até á margem direita do rio Vouga, posto que rôto nos districtos de Santarem, Leiria, Coimbra e Aveiro por mui largos afflora-

mentos de terrenos secundarios mais antigos. Na parte que respeita aos suburbios de Lisboa, estende-se este terreno para o N. interrompido sómente pelas rochas igneas, por um lado até ás visinhanças de uma importante linha de falha, que vem do Atlantico a Torres Vedras, que serve de leito ao rio Sizandro, e por outro até á linha de sublevação de Alhandra, affiorando em ambas estas linhas as camadas de terreno oolitico superior.

Se se percorrer porém toda a extensão occupada pelo terreno cretaceo no districto de Leiria, Coimbra e Aveiro, reconhecer-se-ha que ao N. d'aquella importante linha de sublevação tanto o numero das formações como a sua possança se apresentam, comparativamente, mui limitadas, figurando sómente em quasi toda a extensão, a parte mais antiga equivalente ás formações nescomiana, e do gres verde, coberto immediatamente nas visinhanças de Leiria por alguns retalhos de camadas de calcares, com caprinulas e spherulites do crataceo superior. Outro tanto porém não acontece á parte comprehendida entre o Tejo, a referida linha de sublevação e a costa correspondente: aqui teve o terreno cretaceo o seu maior desenvolvimento, offerecendo uma possança de muitos centenares de metros.

Divisão do terreno cretaceo. Dividirei provisoriamente o nosso terreno cretaceo em quatro formações:

1.ª formação	1.º andar. Conglomerado vermelho	1.º grupo. Rochas calcareas, e arenosas
		2.º grupo. Conglomerados, gres e argilas formadas de fragmentos dos baraltos.
	2.º andar. Calcareo hippuritico, contendo spherulites e caprinulas.	
2.ª formação	1.º andar	Camadas de Bellas ou grupos mui possantes de camadas de calcareo, alternando com iguaes grupos de camadas de gres e argilas.
	2.º andar	Camadas de calcareo da Ericeira com leitos de gres e de marnes vermelhos com o pecten quinque—costatus.

3.ª formação. Marnes de Safarujo.

4.ª formação. Arenatas e calcareos com a exogyra conica e ammonites.

1.ª formação. O grupo superior do andar do conglomerado vermelho apresenta-se no valle de Loures, indo pelo Pinheiro até um pouco a cima da povoação denominada A dos Cãos, onde um pouco mais para o

O. é completamente interrompida por uma grande deslocação, que separava um retalho d'estas rochas para além das montanhas do Almargem do Bispo em Alfovar: estende-se depois para E N.E. e inscente pela margem esquerda da ribeira de Loures, occupando o terreno baixo de encostas basalticas e calcareas, que vão a Santo Antão do Tojal e Ponte Nova sobre a ribeira do Trancão, indo da outra parte do valle penetrar, por baixo das camadas terciarias de Friellas á Ameixoeira: corre depois para o SO. pelo valle de Odivellas, occupando toda a sua largura, e vae descançar juntamente com os stratos do grupo inferior, sobre a facha basaltica, que vem do Mortal á Porcalhota, parecendo limitado ao Sul pela estrada de Palhavã a Bemfica, mas já para o poente deste ultimo limite, e mesmo para o sul muda o caracter mineralogico destes stratos, manifestando a transição para o grupo inferior que se apresenta muito retalhado e dividido em massas de differentes espessuras, e variada extensão; e em concorrencia com os basaltos em toda a zona trappica, que se estende para o S. de Bellas d'Agualva e de Manique.

1.ª formação. 1.º andar: 2.º grupo. No segundo grupo encontram as seguintes rochas, parte d'ellas compostas de detritos de origem volcanica:

Entre a Porcalhota, Queluz encontra-se:

Leitos de Argilla molle cor de sangue e rozados alternando com:

Leitos de uma rocha tufacea arroxada composta de grãos e fragmentos de quarzo, de rochas basalticas e outros productos volcanicos, com pasta de basalto decomposto e encerrando:

Leitos delgados de argila cinzenta e verdoenga.

Stratos de uma rocha homogenea verdoenga e acinzentada, parecendo ter sido calcareos e argilas infiltrados pela substancia basaltica.

Basalto em mantos, bolhoso; e wake com grãos de calcareo cristalino.

Leitos de argila molle, rôxa, acinzentada e vermelha, passando a de basalto decomposto e de arzila vermelha.

Junto á margem direita do Tejo, em Carnaxide, Valejas e outros lugares, existem porções de stratos de conglomerados contendo fragmentos angulosos de calcareo branco cristalino, quartzo, basalto e outras rochas; com pasta de tufo argiloso gresiforme e passando a leitos possantes de gres de natureza da pasta do precedente conglomerado.

Esta rocha passa a wake stratificado de cor vermelha clara contendo nucleos de calcareo branco cristalisado. Entre estes stratos vêem-se:

Leitos de argila fina vermelha, roxa e gredelim, com leitos de $0^m,01$ de espessura de um calcareo marnoso duro e esbranquiçado, e camadas de rocha homogenea averdoengada, parecendo calcareo e marnes infiltrados da substancia vulcanica.

Este andar do terreno cretaceo superior não se encontra em mais parte alguma do paiz, além dos suburbios de Lisboa. Na Porcalhota, em Queluz, e á beira do Tejo as suas inclinações são pequenas, e constan-

temente para o S. isto é, no sentido da geral inclinação do massiço occidental, e na dos stratos das formações medias e inferiores do terreno cretaceo.

1.ª formação: 2.º andar. O segundo andar da primeira formação, ou o andar de calcareo hippuritico, não o tenho encontrado em todo o paiz ao N. do parallelo de Alemquer senão no districto de Leiria, e separado em retalhos de diversas grandezas. Ao S. d'aquella linha só o tenho reconhecido desde o Tejo até aos Negraes, uns 4 kil. a ESE de Cheleiros: mas tão deslocado que não é facil descrever o espaço occupado por cada um.

Observa-se porém, na disposição geral deste andar nas visinhanças de Lisboa, que a limite occidental dos retalhos que estão mais avançados para o poente se apresenta sobre uma linha proximamente parallela á direcção NNE. a SSO. que passa por Montelavar e Lourel, perto de Cintra e S. Julião da Barra na foz do Tejo, em quanto que as formações cretaceas, que lhe estão inferiores, formam a linha da costa até proximo á foz do rio Sizandro, muito acima da Ericeira. Se a este facto juntarmos que a vasta formação basaltica das visinhanças de Lisboa se apresenta exclusivamente subordinada ao calcareo de caprinulas, e que este calcareo se mostra em alguns lugares, como entre Loures, e Caneças e entre Caneças e Adalbeja, jazendo sobre os membros inferiores das formações mais antigas, isto é, sobre o quinto grupo do ambar de Bellas, não haverá duvida em tomar o calcareo de Alcantara ou de caprinulas, como uma formação diversa da das camadas de Bellas.

Divisão do 2.º andar. 1.ª parte ou superior. — As camadas de Alcantara que formam a parte mais snperior do andar, constam do seguinte:

Calcareo argiloso molle, alternando com camadas delgadas de marne 13^{m}.

Marne cinzento 2^{m}.

Calcareo argiloso fracturado contendo spherulites, 16^{m}.

Calcareo contendo spherulites e outras conchas pertencentes á familia dos Rudistas, 6^{m}.

Calcareo argiloso molle, 6^{m}.

Calcareo duro compacto, com numerosas placas interstratificadas de pederneira, 16^{m}

Calcareo compacto duro e branco, 32^{m}.

2.º Andar: 2.ª parte ou inferior. —A outra parte deste andar deve-se-ha estudar entre Santo Antão do Tojal e Bucellas, onde se vê uma bella secção nas margens da ribeira do Trancão: ou lado do caminho que vai de Terruge a Mem Martins, e tambem na Cavalleira, 3 kilometros a NE. de Cintra.

N'esta ultima localidade, deixando duas fallas abertas em basalto, por correm as aguas que vão do Ulmeiro á ribeira de Collares, e dirigindo

um corte para o SE. encontra-se a seguinte serie na ordem ascendente:

Camadas de calcareo argiloso e marnes amarelados, alternando entre si, com leitos espessos de calcareo branco compacto e semi-christallino, de 10° a 30° para S. alguns graos E.

Marne calcareo vermelho rosado com camadas alternantes de marnes amarellados, e de calcareo argiloso molle muito celluloso.

Camadas espessas de calcareo branco cristallino com nerineas, spherulites, restos de caprinulas, pectens e outras conchas.

Camadas de gres cor de rosa, de calcareo fragmentar passando a conglomerado, de calcareo argiloso molle amarellado, e de marne côr de rosa, alternando umas com outras.

Camadas de calcareo branco compacto semi-christallino com restos de caprinulas.

Estas ultimas camadas, as mais superiores da localidade, inclinam para uma falha, que passa em Sacotes na direcção EO. proximamente e vão encostar nos calcareos anegrados do 5.° grupo da segunda formação, inclinando-se estes calcareos no sitio do Moinho do Cavalleiro 80° para ONO. e as camadas de caprinulas descahem n'este mesmo ponto para o S. em angulos de superior grandeza, manifestando-se este phenomeno até o Algueirão e Sacotes; mas já para NE. d'este ponto, em Mari Dias e Palmeiros, descançam estas ultimas camadas em pequenos angulos, tambem para o S. sobre o 4.° e 3.° grupo da indicada segunda formação, em quanto que as camadas da base da serie ultimamente enumerada, circunscrevendo pelo N. e NO. o affloramento basaltico vão concordantemente assentar sobre as camadas de Villa Verde, pertencentes ao primeiro grupo da mesma 2.ª formação.

Esta serie, assim tão completa, proseguiu para o norte, cobrindo toda a veiga denominada Campo raso e Granja do Marquez até Montelavar, assentando sobre as mesmas camadas de Villa Verde: porém como estas localidades assentam na parte mais abatida do sólo circumscripto pelas montanhas de Cintra, Almargem do Bispo, e Cheleiros, apenas se vêem á flor de terra os topes d'aquellas camadas mais duras, como as dos marmores; ao passo que as outras estão cobertas pelos restos da sua propria desintegração, de envolta com a terra vegetal: de modo que o sólo fórma um campo sensivelmente unido, coberto de uma terra amarella escura.

Se exceptuarmos os marnes amarellos e terrosos, os calcareos tambem amarellados e cavernosos; e as camadas de marmore com spherulites, que mais commummente se apresentam em todos os pontos, onde existe esta formação, em nenhuma outra localidade a serie se mostra tão completa. Na ribeira do Trancão e nas visinhanças de Loures, desde o sitio do Correio mór até á aldeia de Monte mór, as rochas arenosas grosseiras e as camadas de conglomerados, em geral de um vermelho rosado

são alli substituidas por camadas de gres fino amarello com cimento calcareo ou argiloso, e por marnes tambem amarellados.

Posição geographica da 2.ª formação. A 2.ª formação começando entre a parte mais meridional da costa e o castello de S. Julião da Barra, estende-se do poente pela linha da costa até á foz do rio de Safarujo ao N. da Ericeira, sendo apenas interrompida no Cabo da Roca pelos granitos da serra de Cintra, e dirigindo-se desde aquelle rio para ESE. entre a Azueira e Gradil, vai passar a Bucellas, e metter-se por baixo das formações superiores.

Andar superior da 2.ª formação—Camadas de Bellas. O andar superior d'esta formação, bem desenvolvido entre o Cacem e o valle de Nogueira, compõe-se de seis grupos alternantes de rochas calcareas com marnes, e de gres com argilas, inclinando geralmente para o Sul.

2.º andar da 2.ª formação—Camadas da Ericeira. O segundo andar ou o andar inferior compõe-se de uma possante assentada de camadas de calcareo argiloso amarello e cinzento, camadas de marnes amarellos, rôxos e cinzentos: camadas de gres finos trigueiros micaceos com restos vegetaes, e gres grosseiros de côres claras, alternando umas com outras, e tendo uma passança superior a 100m. Póde estudar-se na linha de costa, e entre os rios de Cheleiros e Safarujo nas visinhanças da Ericeira.

A inclinação geral de todas estas camadas é para o S. mettendo-se debaixo das do primeiro andar, mas, como são atravessadas por frequentes affloramentos de diorites e de basaltos na Tarruge, Oldrinhas, Alvarinhos, e outras partes, essa inclinação muda occasionalmente para outros pontos do horisonte. Além d'estes affloramentos ha outros dikes, que atravessam e sobresahem ás camadas de Nascente a Poente e do NE. a SO. D'estes ha mui bellos exemplares em toda a linha da Costa, desde a Praia das Maçãs até á foz do Sizando, e nestes mesmos lugares, e em concurrencia com os dikes, podem tambem observar-se grandes massas de basaltos, de muitos metros cubicos, envolvidas nos calcareos, sem que todavia o metamorphismo se manifeste nestes além de dous a tres decimetros. Acima da Ericeira, junto á foz do rio Figueredo, ha um d'estes exemplares mui curioso.

Todas as linhas d'agua, que vão directamente ao Oceano entre Cintra e o rio Safarujo, cortam este andar de SE. a NO. seguindo outras tantas linhas de falha, operando por consequencia nas camadas uma serie de depressões, variando com estes accidentes a grandeza do angulo de inclinação, sem comtudo affectar o sentido geral d'ella. Estas falhas são ainda atravessadas por outras, que, posto que de menor influencia para o relevo, não são de menor importancia, pela modificação, que operam na estructura particular do sólo. Vê-se um importante exemplar destas na margem esquerda do rio Safarujo.

3.ª formação.—Marnes de Safarujo. A terceira formação dos marnes

começa na margem esquerda do rio Safarujo, vae por O. ao Oceano, estende-se pelo N. até proximo de Muçafaneira, e passando entre a serra da Villa e Turcifal, descahe para SE.

Descendo da Alagôa até ao povo de Safarujo, atravessa-se a parte superior desta formação composta de uma serie de camadas de gres, e de marnes argilosos vermelhos variegados, encerrando, mas accidentalmente alguns leitos de calcareo, e offerecendo n'esta descida uma possança de 80m. A inclinação destas camadas é para o S. e concorda com os stratos superiores, mas como ellas são accidentadas por falhas e injecções trappicas, e participam de outros movimentos do sólo, essa inclinaç o é modificada, especialmente na margem direita do rio, dirigindo-se para NO. e outros pontos.

As repetidas camadas arenosas permeaveis alternando com os marnes e argilas, dão a este grupo de rochas a qualidade de aquiferas, sendo elle o que alimenta em grande parte a ribeira de Safarujo.

Continuando a seguir esta formação para NNE. encontra-se um conglomerado calcareo vermelho, e algumas camadas de calcareo argiloso amarello claro e repetidas camadas de gres de côres claras alternando com outras de côres trigueiras. A inclinação destas camadas não excede 20m, e mais commummente varia entre 5 e 8°, dirigindo-se já para O. já para NO. em consequencia dos accidentes locaes do sólo.

Descendo do Alto da Encarnação para a Ribeira de Palhaes apparece outro grupo, ou uma grande successão de camadas de marnes vermelhos, contendo a diversas alturas algumas, mas poucas camadas de gres trigueiros ferruginosos e micaceos, e alguns leitos de calcareo amarello arenoso fino.

A maior parte das camadas desta ultima serie são impermiaveis, mas como as camadas de calcareo e de grés, que se acham interstratificadas n'aquellas rochas, são dotadas de permeabilidade, verificam a existencia de camadas aquiferas, que se denunciam pela presença de muitas nascentes, que brotam destas rochas.

N'esta formação, que offerece a possança de perto de 200m, e que reside na maior parte do districto vinhateiro de Torres Vedras, os seus stratos inferiores assentam sobre a formação do oolite superior, que começa a affiorar na costa logo abaixo da foz do Sizandro estendendo-se para o N. e NE.

Na margem direita do rio em Torres Vedras apresenta-se o phenomeno notavel das arenatas ferruginosas da formação neocomiana assentarem immediatamente sobre os stratos do oolite superior, faltando completamente toda a serie cretacea, que se estende para o sul deste mesmo rio; achando-se este phenomeno em concurrencia com a importante linha de falha, que deu logar ao estabelecimento d'aquelle rio, e bem assim com a circumstancia do total desapparecimento das formações do cretaceo medio ao N. do mesmo rio, na Estremadura e na Beira: em quanto

que o calcareo de caprinulas apparece no districto de Leiria sobre stratos neocomianos, sem a interposição do cretaceo medio.

Deposito terciario lacustre. Para completar a enumeração das rochas sedimentares das visinhanças de Lisboa, e de algumas diluvianas, que se encontram em diversos lugares, direi que na vertente septentrional da serra de Cintra, se vê encostado a esta serra um deposito de argilas, marnes e grés verdoengos, avermelhados variegados, com leitos e nodulos de calcareo branco lacustre, em partes terroso, passando a um calcareo duro, talvez magneniano, e semi-christallino. Este retalho, que se estende desde as visinhanças de Cintra por Collares até á Zibreira com inclinações de 10° (junto a Collares com o de 60°) para S. alguns graus O. vae assentar sobre as camadas da Praia das Maçãs e Zibreira pertencentes á formação do calcareo de Belias.

Não duvido aventurar a opinião de que este retalho pertence á bacia terreira lacustre do Tejo.

Deposito aluvial antigo. Outro deposito tambem digno de mencionar-se é o de numerosos calhãos de calcareo argiloso com as arestas quebradas, alguns com impressões de ammonites do terreno jurassico inferior ou do Lias; fragmentos de quartzite e de grés, tudo de evidente transporte, occupando uma faxa, que vae de Collares até ás margens do Safarujo, mostrando-se em maior abundancia nas immediações da Zibreira, e no caminho do Casal do Pinho para o Safarujo. Esta faxa é toda litoral.

Areias da linha de Costa. Finalmente as areias soltas das visinhanças de Collares occupam na proxima linha de costa as alturas que vão a Almoçageme e a Mindeis, chegando ás altitudes de 100^{m} sobre a praia contigua, apresentando-se este phenomeno em relação com as areias de Pataias e Nazareth, e com as conchas argilosas vermelhas com detritos do calcareo subjacente, que se encontra na aresta da linha de costa, desde Buarcos até ao Cabo Mondego, elevadas 15 a 50^{m} sobre as aguas do Oceano; factos estes que constituem a mais vehemente prova da elevação das nossas praias antes da epoca recente, no numero das quaes se devem contar a maior parte das areias da nossa zona litoral.

Rochas igneas. As rochas igneas constituem uma das mais importantes formações do districto, que se considera. Ellas pertencem a tres cathegorias diversas: os granitos da serra de Cintra; as diorites de Montemór; e a formação basaltica propriamente dita que se estende em largas faxas sobre o massiço occidental e terreno adjacente.

Granito da serra de Cintra. Os granitos estão exclusivamente limitados á cadeia de montes denominada serra de Cintra. Copiarei a descripção d'elles feita por Sharpe:

«A rocha predominante é o granito, formado de porções quasi iguaes de quartzo e feldspatho, com pouca mica; mas em algumas partes contem ferro magnetico, dissiminado em pequenos grãos. As partes centraes

dos montes são, em toda a cadeia, formadas de granito de grão grosso, que se divide em fragmentos grandes irregulares, e as porções exteriores de um granito molle de grão fino com lascado chistoso. Em alguns lugares o grão é tão fino, e o lascado em losangos tão distincto, que a rocha poderia tomar-se erradamente como gres, se não se reconhecesse a passagem para um granito, que apresenta os seus caracteres ordinarios. Proximo de Cintra a espessura d'este granito schistoso não é grande, mas perto do farol é mais consideravel, e a particularidade do seu caracter mais pronunciada. Link descrevendo este sitio, parece estar em duvida a respeito da sua natureza, e chama-lhe granito passando a gres. Na estrada para o farol ha muitos exemplos de veias de um granito duro de grão mais grosso no granito schistoso; mas as variedades passam umas ás outras parecendo que foram formadas ao mesmo tempo.»

«Para a extremidade O. da cadeia apparecem rochas syeniticas, e porphiricas em muitos logares, e a capella da Peninha assenta sobre a juncção de uma massa de porphyro feldspathico decomposto com o granito.»

«Proximo da Atalaya, colhi alguns fragmentos soltos de magnifico porphyro vermelho no leito de uma torrente. Não ha n'este lugar secção que mostre as posições relativas do granito e do porphyro, mas por tudo, que eu pude ver, considero-as como tendo sido formados contemporaneamente.»

«O granito é em muitos logares entrecortado de veias, particularmente proximo da extremidade O. da cadeia.»

«Perto da Atalaya e atravessado por uma veia muito delgada de granito inteiramente distincto da massa da rocha, e em uma ravina proximo do mesmo lugar, ha duas veias, que atravessam o granito, uma d'ellas horisontal de 2 pés de espessura, e de caracter syenitico, a outra perpendicular e de menor importancia. Ambas estas veias passam tão gradualmente ao granito, que devem ter sido formadas contemporaneamente com elle. Perto de Cintra achei uma amostra de granito entrecortado de muitas veias. Proximo da Capella da Peninha delgadas veias de granito atravessam tambem o porphyro.»

Diorites de Montemor. As diorites mostram-se em differentes pontos do massiço occidental, e na zona de terreno, que corre até perto da Ericeira; porem o local, onde estão mais desenvolvidas, é na serra de Montemór entre Caneças e Loures, occupando com um largo affloramento a parte media e alta da montanha, onde está o signal geodesico: aqui apresentam-se em massas spheroides até ao volume de 1.mo dispostas umas sobre as outras, assemilhando-se no aspecto exterior ao granito globular da nossa peninsula.

São porphyroides, de grão grosso, e de côr amarella de tabaco pela alteração da amphibole.

A montanha, de que fallei, que tem sobre o mar a altura de 353^{m},

deveu a sua elevação aos basaltos, que se veem affiorar na meia encosta, insinuados na massa das diorites, e no meio das camadas cretaceas, que se deslocaram e fracturaram em pequenas massas e retalhos, e não á injecção das mesmas diorites, posto que occupem a parte mais elevada da montanha: parecendo ao contrario, que tanto n'este ponto como nos outros do districto, onde estas ultimas rochas se mostram, a sua acção dynamica foi mui pouco intensa. No sitio das Aguas livres, acima de Carenque, nas Pedreiras do Castanheiro, e na margem esquerda da ribeira de Valle de Lobos, entre as nascentes dos Loyos, e a margem esquerda do ribeiro de Molhapão, mostram-se pequenos, porem mui frequentes affloramentos de diorite porphyroide atravessando os stratos dos primeiros tres grupos do andar de Bellas, convertendo os gres e os calcareos, com que se acham em contacto, em rochas porphyroides, infiltrados da substancia da diorite.

Alem d'estes ha outros affloramentos de diorite, concorrendo, parte d'elles, com os basaltos na margem esquerda da ribeira de Cheleiros sobre a estrada de Mafra, na Ferruge, Odrinhas, Alvarinhos, no caminho de Bellas á Ericeira, nos granitos da serra de Cintra e finalmente entre Rio de Mouro e S. Pedro atravessando os calcareos do quinto grupo do andar de Bellas.

Formação basaltica de Lisboa. A formação basaltica occupa uma grande extensão superficial ao Norte de Lisboa, mas distribuida em zonas de fórmas irregulares. Reconhece-se, porem, que ha duas bandas ou fachas principaes, dispostas proximamente de poente a nascente, das quaes uma se estende de Campolide até proximo de Talahide, e outra mais ao N. que vem das margens da ribeira do Trancão, e Vialonga até ao Almargem do Bispo, ou mais propriamente, até proximo de Pero Pinheiro, ligadas a E. por outra de menor extensão, limitada pelos valles das ribeiras de Loures e de Odivellas.

Ainda, alem d'estas, ha affloramento de basalto e de diorite muito menos extensos, em Montelavar, na margem esquerda da ribeira de Cheleiros, no Alto do Cartaxo, no Ullmeiro 2,5 kilometros ao N. de Cintra, no Suimo, na Fonteireira, junto de Bellas e da Venda Secca, na Cabeça de Montachique, e outros nas visinhanças da Ericeira, Mafra e Azueira. Apezar da pouca extensão d'alguns, são todavia muito frequentes em toda a zona, que se estende até ao rio Sizandro.

Os caracteres d'estes basaltos são extremamente variaveis; em umas partes são cristallinos e porphyroides com grandes cristaes de pyroxene e de olivina, n'outras são duros e de textura compacta; n'outras são bolhosas passando a wake contendo nucleos de spatho calcareo; muitas vezes apresentam-se em massas espheroides de capas concentricas, mais compactas, que cristallinas; outras finalmente tomam o caracter d'uma rocha terrosa endurecida, com apparentes stratificação e fiscado schistoso, mais ou menos perfeito; passando todas estas variedades umas ás outras por transições insensiveis.»

Aspecto com que se apresentam os basaltos. Esta grande formação basaltica apresenta-se de tres modos, 1.º rompendo as rochas sedimentares. 2.º estendida em mantos, 3.º alterando os tratos aquosos, e communicando-lhes os seus proprios caracteres de uma maneira mais ou menos pronunciada.

Basaltos que rompem as rochas sedimentares. Os basaltos da serra de Montemor, das Sardinhas e do Almargem do Bispo, deslocaram evidentemente as camadas de calcareo e de gres do 5.º e 6.º grupos do andar de Bellas, e as do calcareo de caprinulas entre Correio Mór, serra das Sardinhas e valle de Negueira, levantando os em angulos, que chegam a 85° para N.

Basaltos estendidos em mantos e alteração por elles produzida nas rochas sedimentares. A outra parte das rochas basalticas apresenta-se derramada por cima dos stratos mais modernos do andar de Bellas e dos calcareos de caprinulas e de spherulites.

Na faxa mais septentrional começa o basalto a ver-se do fundo da grande depressão, que vai do Tojal para o Tojalinho, a O. de Loures; espande-se, ascendendo do S. para o N. pelas encostas das montanhas calcareas, que vão de Vialonga á cabeça de Montachique, e que guarnecem a margem esquerda da ribeira de Loures, e continuando depois pela serra dos Bolôres e Covas de ferro ao Almargem do Bispo vai occupar as corôas d'estas alturas.

Observa-se que em Fanhões, na margem do pequeno ribeiro, que vem de Cazainhos surgem do interior da terra massas prismaticas de basaltos cortadas a prumo, supportando camadas de marmores com spherulites.

«Ha tambem a notar nestas localidades a acção exercida pelos basaltos sobre os stratos do conglomerado do andar mais moderno do periodo cretaceo. Junto a S. Roque, no caminho de Loures para o Tojal, ha huma possante camada de calcareo cellular, com as cavidades cheias de massas basalticas até ao tamanho de maçãs, e os septos, que as separam, formados de calcareo terroso e semi-christallino, jazendo esta camada entre os grés grosseiros do conglomerado. Na continuação do mesmo caminho, antes de chegar á região dos calcareos do cretaceo medio ha uma alteração dos grès, das argilas, e das rochas calcareas do mesmo conglomerado, devida á penetração do basalto no meio da massa destas rochas, e á infiltração nellas da sua substancia.

Na zona basaltica meredional as camadas do marmore de caprinulas de Alcantara, serra de Monsanto e de Barcarena, estão pela maior parte descobertas de rochaa basalticas; em quanto que as injecções destas rochas se estendem desde o leito do Tejo para o norte, e sahindo por baixo, e dos retalhos d'aquellas camadas, vão assentar sobre os calcareos do primeiro grupo do andar de Bellas, apresentando o seu limite em Carenque, Bellas, Agualva e Manique; apparecendo tambem n'esta zona os

grés e rochas grosseiras, da formação dos conglomerados, alterados pela presença e acção dos basaltos, que se encontram entre Valejas e Carnide.

Estou, porém, longe de considerar a totalidade das rochas, que occupam estas zonas, como sendo exclusivamente de origem ignea.

Movimento do solo no periodo dos grupos cretaceos inferior e medio. Disse que os marnes de Safarujo assentam sobre formação do oolite superior de Torres Vedras sem a interposição de outro qualquer membro do terreno cretaceo inferior, tendo por limite a linha, que une Maçafaneira a Alhandra, em quanto que a formação necomiana apparece na margem direita do Sizandro, e se estende para a parte N. da Extremadura e da Beira: accrescentarei agora, que pela parte anterior d'aquella linha existe uma ruga montanhosa, formada de stratos de oolite superior, que corre desde a serra da Villa até Alhandra, sobre a qual pela sua encosta SO. vão descansar as camadas dos marnes de Safarujo. Esta ruga, na posição que hoje tem, ou um pouco mais proximo da linha preexistira aos depositos das arenatas e calcareos neocomianos conservando-se emersa durante o periodo desta formação, que estendeu os seus stratos, desde as proximidades de Torres Vedras e Alcoentre, até entre o Vouga e o Douro: no fim porém desta epoca, uma oscillação do sólo submergiu toda a parte S. da referida ruga, deixando-a coberta pelo mar do periodo cretaceo medio, que depositou as camadas de Safarujo e os andares da Ericeira e Bellas; erguendo-se do outro lado acima deste mar, e formando-lhe parte das costas, o sólo da nossa peninsula com os stratos neocomianos, que anteriormente tinham sido depositados.

Direcção em que obraram as diorites e seus effeitos geraes. Se exceptuarmos o granito, é a diorite uma das rochas igneas, que se apresenta com mais frequencia em todo o Portugal, á qual deve o nosso sólo um grande numero das suas deslocações, e uma parte das fórmas do seu actual relevo. Começando a exercer a sua acção desde o periodo da hulla, vêem-se modificar todas as rochas secundarias, chegando até ao andar de Bellas, onde, por seu turno, são tambem atravessados pelos basaltos da serra de Monte mór, que vieram á superficie do sólo, no mesmo periodo cretaceo. É ainda a estas rochas que o terreno oolitico Portuguez deve muitos dos seus accidentes, mórmente a parte do oolite superior, que se estende desde Torres Vedras e Alhandra até Leiria e Cabo Mondego: não podendo por consequencia deixar tambem de desarranjar mais ou menos da sua posição normal as camadas do cretaceo medio depositadas entre Torres Vedras e Lisboa.

Uma grande parte das deslocações EO. que se observam nos nossos terrenos schistosos e graniticos da Beira, são exclusivamente devidas á emersão das diorites: concordando com aquella direcção uma grande parte dos filões de cobre e de chumbo dos districtos de Castello Branco e Aveiro. Estas deslocações reproduzidas nos terrenos secundarios da

Beira e Extremadura e subordinados á posição dos affloramentos dicriticos, não só levantaram as camadas oolíticas de muitos pontos da nossa zona litoral, como as de Athouguia e serra d'El-rei, proximamente na direcção E.O, mas deslocaram no mesmo sentido a formação neocomiana, na Gançaria, por exemplo, sobre o caminho de Rio Maior para Alcanede, onde tambem apparecem as diorites sobre a respectiva linha de sublevação: por tanto as diorites, que perturbaram as camadas da oolite superior, e as neocomianas da Gançaria, Athouguia, Serra d'el-Rei, Obidos, Alcanede e de outras localidades, deviam forçosamente ter estendido a sua acção até ao cretaceo medio do Norte de Lisboa, no periodo, em que estes stratos se depositavam, ou no fim d'elle proximamente.

Examinando-se a montanha, que se levanta a E. e ao S. das Pontes grandes de Caneças, e entre a Amoreira e Adabeja, encontram-se as camadas de caprinulas e spherulites assentando sobre o calcareo do 5.º grupo do andar de Bellas, cujas camadas inclinam 5 a 10° para o S. quando o seu lugar devia ser sobre o primeiro grupo d'aquelle mesmo andar, se a passagem das formações do terreno cretaceo medio ás do superior, se tivesse feito sem deslocação do sólo.

Este facto não se observa só n'este ponto, encontra-se tambem torneando a montanha de Monte mór até ao Correio mór, perto de Loures e na descida do Algueirão para o Campo, a uns 8 kilometros a NO. de Bellas. Ora, como a deslocação n'aquelle sentido affecta todos os stratos das duas formações do cretaceo medio, entre Lisboa e Torres Vedras, claro está que este movimento se manifestou antes de se depositarem as camadas de caprinulas e do cretaceo superior. Esta deslocação não se fez porém sentir d'um modo tão pronunciado em toda a extensão onde estas duas formações estão sobrepostas, que não permittisse que em alguns lugares, como no caminho de Santo Antão do Tojal para Bucellas, todos os grupos d'essas formações se achem representados: mas este facto e outros similhantes não podem pôr em duvida a perturbação que teve lugar entre as citadas duas epocas, porque, longe de ser um phenomeno simples e local, correspondeu immediatamente a um abatimento geral do sólo, que levou o maior cretaceo a cobrir as arenatas e calcareos neocomianos da Beira e da Extremadura, sobre os quaes se depositaram as camadas de caprinulas e de spherulites, que apparecem em Leiria, Opêa, Caranguejeira, Arnal, Rebolaria e outros sitios, identicas ás de Alcantara e Pero Pinheiro.

Erupção dos basaltos. Periodo provavel da sua elevação e seus effeitos. «Não foi de certo um periodo de tranquillidade nas visinhanças de Lisboa aquelle, em que se depositaram as camadas do andar de caprinulas. Os bancos de calcareo fino, e as repetidas camadas de conglomerados calcareos, de grés grosseiros, argilas de differentes côres, de calcareos celulosos e de marnes com que alternam; bem assim a desigualdade de

numero e de caracter mineralogico de muitos d'estes membros, que se observa em differentes pontos, são factos, que attestam uma continuada oscillação do sólo, elevações e submersões, que trouxeram comsigo a solução de continuidade de muitos stratos, e a ausencia de outros.

Taes oscillações devem reputar-se como o premedio da grande erupção basaltica das visinhanças de Lisboa, e do transtorno produzido em todas as camadas das formações cretaceas d'este districto.

«Se por um lado a acção dynamica dos basaltos começou durante o periodo, em que se depositaram as camadas de Alcantara e de Pero Pinheiro, como parece provado por grande numero de factos, por outro o estado e composição mineralogica d'essas mesmas camadas diz-nos que a verdadaira e intensa erupção d'estas rochas só teve lugar no fim d'aquelle periodo.»

«A erupção basaltica teve lugar debaixo do oceano cretaceo.

A lava basaltica fez erupção á superficie do globo por uma serie de pontos, que circunscrevem a parte do massiço comprehendida entre Valle de Nogueira, Sabugo e Bellas. A acção volcanica fez derramar a lava em partes, e levou o seu poder e energia methamorphica e os stratos mais proximos das zonas eruptivas, modificou mais ou menos profundamente os calcareos, os marnes, as argilas e as rochas arenosas da formação do calcareo de caprinulas, e communicou-lhes pela infiltração de caracteres mais ou menos similhantes aos da rocha basaltica, a ponto de se confundirem com esta rocha. Igual phenomeno se produziu nas camadas de conglomerados, que se formaram proximo dos centros eruptivos ou dos montes de lava, como se observa nos retalhos, que estão á beira do Tejo abaixo de Lisboa, em Carnaxide, Valejas, e em Queluz, Amadora, Pinteus, e Santo Antão do Tojal; ao passo que as camadas, que por mais affastadas, ficaram fóra da esphera da acção volcanica, como as que se véem no valle da Porcalhota a Odivellas, e no de Loures, não soffreram alteração sensivel.

Do exame de todos os factos ponderados, resulta o reconhecimento de que a extincção da actividade volcanica dos basaltos, e a emersão de todo o massiço de rochas cretaceas ao Sul da ruga montanhosa, que passa pela serra da villa junto de Torres Vedras, se completou correspondentemente ao fim do periodo cretaceo, sendo tambem provavel, que esta emersão correspondesse á elevação da grande cadeia dos Pyreneos.

Primeiro delineamento da linha divisoria das aguas. Parece provavel que então fosse delineada a linha divisoria d'aguas do grande massiço occidental, dirigindo-se do alto da serra de Monte mór pelas alturas de D. Maria, Sabugo e Rolhados: esta linha determinada pelos dous centros eruptivos de Monte mór ao nascente, e de S. Roque ao poente, foi mais tarde perturbada pelos subsequentes movimentos do sólo.

A acção dynamica dos basaltos produziu ainda o abatimento de todo o sólo ao nascente e sul das emersões basalticas, em que se compre-

hende actualmente o massiço oriental, o leito e a margem esquerda do Tejo: determinando tambem diversas linhas de sublevação, de importancia puramente local, taes como o valle de Alcantara, e a elevação da serra de Monsanto.

Emersão dos granitos da serra de Cintra. Ergueram-se em seguida a estas oscillações, os granitos de serra de Cintra, deslocando todo o terreno cretaceo, entre o Oceano e S. Pedro, n'uma extensão superficial de perto de setenta kilometros quadrados, e destacando pequenos retalhos d'aquellas formações, cujos caracteres alteraram pela acção metamorphica, que sobre elles exerceram.

«As camadas do lado N. da serra pertencentes ao primeiro grupo do andar de Bellas, deslisaram pelo plano de contacto ao longo dos granitos, até proximo do nivel do Oceano, succedendo o contrario ás do Sul, que cobrem a encosta granitica a mais de 100^{m}. Pelo nordeste e nascente abriu-se uma falha, na qual se levantaram até á vertical, os calcareos do 5.º grupo do mesmo andar, tendo abatido para o lado do occidente todo o terreno adjacente á linha que vae do Algueirão ao Sabugo; linha que hoje serve de divisoria ás ribeiras de Rio de Mouro, Gargantada e valle de Lobos, para o norte do Algueirão. As camadas deste grupo apresentam grandes inclinações, entre Rio de Mouro e Cintra, alterando-se successivamente o seu caracter mineralogico nas immediações da serra até ao ponto de se converterem em schistos e os grupos de Bellas, com a faxa basaltica que os guarnece pelo Sul, cedendo á pressão, que sobre elles exerce o levantamento da serra, não só augmentaram o angulo da sua inclinação, mas mudaram gradualmente a sua direcção E O. para N E. S O. começando a inflexão no merediano do Moinho da Matta por uma curva de grande raio, correspondendo aquella mudança á ponta mais oriental da serra.»

«Com estes movimentos do sólo, a grande linha divisoria modifica-se recuando na parte occidental para as cumiadas da serra de Cintra, onde tomou a direcção NE.

«Decorrido um lapso, mais ou menos longo, que correspondeu talvez á epoca *eocene*, durante a qual parece ter estado emergido todo o terreno visinho de Lisboa, a ruga da formação do *oolite* superior, que se achava esboçada passando pelas visinhanças de Alhandra e da serra da villa, que servira de limite aos depositos do cretaceo medio, levantou-se sobre o terreno contiguo, e formou a cordilheira de montes, que corre de Alhandra para N O. até perto do Oceano (sobre os quaes no principio d'este seculo se estabeleceram as mui conhecidas linhas de Torres Vedras, que impediram o passo ao exercito de Messena.) Mais ao sul ergue-se outra ruga nas formações do cretaceo medio e superior, que se estende de Vialonga pelas alturas de Fanhões, Cabeça de Montachique, Mafra, e Safarujo, e serviu na mesma occasião de segunda linha de defeza.»

Estas linhas de deslocação determinaram grandes abatimentos do sólo para NE. e abriram em todo e terreno cretaceo repetidas falhas na direcção de SE. a NO. por onde correm as ribeiras de Chelleiros, do Figueiredo, de Safarujo e de todas as mais, que vão ao Oceano entre a serra de Cintra e o rio Sizandro modificando-se a direcção dos stratos cretaceos nas partes do sólo abatido, sem que comtudo essa alteração chegue a grandes distancias ou perturbe de um modo notavel a direcção preexistente EO.

Formação da bacia, em que se depositaram as camadas terciarias. Foi então que se formou a bacia terciaria marinha de Lisboa, onde se depositaram as camadas miocenes, occupando toda a parte abatida do sólo a S. e ao nascente das erupções basalticas; porém depois, em consequencia de novos movimentos do sólo, cerraram-se as communicações desta bacia com o Oceano, cobriu-se de agua doce uma grande extensão de terreno, que comprehende Niza e Idanha a Nova, Vendas Novas, e Alcanede, formando um extenso lago, no qual se depositaram os calcareos lacustres de Santarem, Thomar, Rio Ponsul, e Bonavilla, e os marnes, argilas e grés, que constituem a feição mais predominante deste deposito. Esta bacia e outra similhante na Castella Nova, tambem terciaria e lacustre occupou uma parte da superficie pertencente á bacia hydrographica do Tejo.»

Mais tarde operou-se uma grande mudança no relevo orographico de quasi todo o Portugal, com as vastas e energicas sublevações, que tiveram lugar na direcção proximamente parallela á linha NNE. SSO. levantando-se a maior parte da montanhosa serra da Estrella, e os calcareos do oolite medio, que formam as serras que vão de Montejunto até perto de Coimbra, e deslocando-se por meio de falhas o terreno oolitico, e a formação neocomiana em muitos centos de metros de profundidade, de que resultou o apparecimento á superficie do sólo das camadas de gryphea incurva, e do amonites bifrons, como se vê nas visinhanças de Porto de Móz, e nos affloramentos liasicos, que vão de Maceira a Soure, e a Monte mór o velho.

N'esta grande commoção preludiou-se a linha da costa ao N. do cabo da Roca, e abriu-se uma larga falha no Tejo, pela emersão na margem direita entre Lisboa e Santarem, como uma consequencia da elevação da cordilheira de Montejunto a Coimbra, fazendo descair para S E. as camadas terciarias d'este lado do rio, com cujo movimento ficou determinada a aresta da escarpa, que corre de Friellas a Carnide, sobranceira ao valle de Odivellas a Loures.»

Formação de lagos de agua doce, e diversas deslocações pelas quaes o solo tomou a configuração que actualmente apresenta. Passado este periodo de convulsão (ao qual talvez se deva a denudação do calcareo de caprinulas, entre Leiria e Pero Pinheiro) estabeleceu-se em quasi todo o Portugal uma serie de pequenos lagos, nas localidades, onde correm hoje os

nossos principaes rios e seus mais importantes affluentes; estes lagos estão actualmente representados pelos numerosos depositos arenosos e de calcareo tufaceo, que se observam nos leitos e margens d'esses rios. Outra violenta commoção fez desapparecer todos estes lagos, completando a abertura dos leitos e as bacias hydrographicas dos mesmos rios, communicando-as mais immediatamente com o Oceano; levantou uma parte das serras da Beira Baixa, que vão prender com a cordilheira do Guadarrama, ergueu os calcareos ooliticos da serra d'Aire, e produziu um grande numero de accidentes em todo o paiz. Esta perturbação, manifestada em uma direcção quasi parallela á linha ENE. OSO, acabou de deslocar as camadas terciarias entre Lisboa e Trafaria, abrindo a garganta do Tejo desde Lisboa até á sua foz em S. Julião da Barra; fez erguer em fortes angulos as camadas tambem terciarias da Fagulha e de Palmella deixando surgir os calcareos ooliticos das serras da Arrabida e do Risco, cuja vertente meridional termina em escarpa abrupta sobre o Athlantico, delineando, na direcção indicada, a pequena porção da costa, que se vê entre o cabo do Espichel e Setubal. Passaram estes periodos de perturbação, e o nosso solo recebeu ainda uma ultima modificação na zona occidental; as antigas praias ergueram-se lentamente até muitas dezenas de metros acima do nivel do mar, contribuindo talvez para isto as mesmas causas geraes, que produziram a presença dos vulcões do Etna e do Vesuvio.»

Sr. Carlos Ribeiro — Reconhecimento geologico e hydrologico dos terrenos das visinhanças de Lisboa. M. da academia. N. Serie. Tom. 2.° P. 1.

Setubal

A villa de Setubal está situada em uma pequena planicie banhada do lado do sul pelas aguas do Rio Sado, que fórma aqui um grande lago, separado do mar por uma lingua de collinas arenosas, que deixou entre si e o promontorio da serra d'Arrabida, uma embocadura estreita para a communicação das aguas, da parte do poente é limitada pelas alturas do forte de S. Filippe; pelo norte se elevam as serras de S. Luiz e de Palmella, com os seus amenos valles, semeados de casas de campo e quintas agradaveis; e finalmente para o nascente se extende um terreno onduloso e esteril, que acompanha as margens do Sado na extensão de legua e meia, até se perder na planicie agreste e baixa, onde se acham as salinas famosas. É tambem por este lado onde se tem projectado a communicação do Tejo com o Sado. Todas as alturas desde Palmella até o Cabo de Espichel formam uma ilha.

O terreno d'esta ilha apresenta varias formações de rochas, sendo a formação secundaria a predominante e characteristica, que constitue a ossada das elevações.

«O grés vermelho faz a base de todas as mais rochas d'esta ilha, e se eleva do lado do sul desde o fundo do mar, a uma altura de 300 até 700 pés; umas vezes se apresenta como um conglomerado formado de fragmentos grossos de rochas primitivas, e de pedras siliciosas de differentes cores, conglutinadas por um cemento ferruginoso vermelho, que dá a toda esta formação um aspecto avermelhado; outras como uma rocha arenosa de grão fino com camadas distinctas, e inclinadas do sul para o norte, o que não acontece no primeiro caso com o conglomerado no qual não se distinguem camadas.

«Este grés vermelho apparece em toda a extensão da Costa, desde o Cabo de Espichel até ao forte de S. Filippe, e ganha a sua maior altura na serra de S. Luiz, e de Palmella, sendo-lhe sobreposta a pedra calcarea alpina, que constitue as maiores elevações da serra d'Arrabida, e das mais nomeadas. Já se notou que este conglomerado antigo, principalmente onde elle é composto de fragmentos grossos, não mostra acamadações visiveis, devendo-se ainda acrescentar que elle fórma rochedos inteiriços muito rijos, de maneira que se tem usado d'elles para varias obras de architectura nas igrejas da villa de Setubal e das quaes se distinguem principalmente o portal e as columnas interiores da igreja do Convento de Jesus.»

Sómente nas camadas superiores d'esta formação, que são de um grão mais fino, se observam a direcção, e a inclinação geral das suas camadas: a primeira se dirige do nascente para o poente, a segunda se precipita do sul para o norte com uma inclinação de 45° pouco mais ou menos.

Nos terrenos mais baixos, nas enseadas das elevações d'esta formação para o lado do Convento de Brancanes, e na encosta do forte de S. Filippe, se encontram sobre ella aqui e acolá, formações mais modernas, e em pequena extensão, pertencentes ás formações terciarias, as quaes consistem principalmente em um grés calcareo marnoso, pouco rijo e misturado com fragmentos de conchas.

Como a formação do grés vermelho sobe a uma altura consideravel na serra de S. Luiz e de Palmella, achando-se separada a primeira da serra d'Arrabida em meia altura, por um valle *agamellado* que tem o seu declivio para o lado de Setubal, de maneira que as correntes das aguas, que se dirigem todas para esta parte, causaram um estrago tão grande nos rochedos de pouca consistencia, que quasi começaram a destruir a união da serra de Palmella com a de S. Luiz. Entre ambas estas serras se abriram profundos fossos, e quebradas em differentes direcções, segundo a maior ou menor resistencia das rochas, e de certo teria sido interrompida toda a communicação entre ellas, se pelo lado do norte não corresse um estreito espigão de pedra calcarea alpina mui rija, que resistio á influencia d'estas aguas, conservando-as ainda unidas.

A pedra calcarea alpina constitue, como já se disse as maiores alturas

d esta ilha, e se eleva na serra d'Arrabida segundo as minhas medições barometricas, até 1744 pés sobre o nivel do mar.

Ella é mui rija: a sua fractura é conchoida chata e lascosa, jaz em camadas de differentes grossuras, que correm parallelamente á direcção principal das alturas, de nascente ao poente, e a sua inclinação, marcada pela base do grés vermelho, é de sul ao norte, em contraposição á inclinação das camadas do calcareo alpino encostado na serra de Cintra.

Observe-se alem d'isso que esta inclinação é maior no diclivio da serra do lado do norte nas visinhanças de Azeitão, onde ella chega a 75°, sendo por este motivo grande parte d'este declivio desprovido de toda a qualidade de vegetação. Raras vezes se encontram nesta pedra calcarea petreficados de conchas, e os que se acham, são tão unidos com a rocha, que não se podem determinar a que genero pertencem.»

Observamos varias fysionomias dos terrenos visinhos de Setubal. Em geral todo o lado meridional das alturas é pittoresco, a encosta ou declivio da grande serra é escabroso e ingreme, mostrando grandes e profundos quebrados, as camadas das rochas apparecem neste lado no seu topo, e se apresentam umas sobrepostas ás outras, e por tanto a superficie do solo tem grandes irregularidades, alti-baixos, promontorios e valles, o que lhe dá aquelle caracter pittoresco, apresentando-se de um lado a nudez dos fragosos rochedos, e do outro uma vegetação viçosa.»

Nos terrenos, onde predomina a pedra calcarea, é a vegetação menos fertil, o chão é calvo em grande parte, mas não é assim naquelles onde o grés vermelho predomina, pois é nelle a superficie mais suave, e fertil, os promontorios são da fórma de meia laranja, os valles amenos e cobertos de terra vegetal, e nelles se cultivam cereaes, vinhas, muitas arvores de espinho, e a oliveira, o que dá um aspecto e uma fysionomia que agrada á nossa vista.»

Observando-se, porém, o lado opposto da ilha, isto é, o lado do norte, se descobre um aspecto inteiramente differente, reina neste lado uma monotonia extraordinaria no aspecto, causada só pela inclinação das camadas da pedra calcarea para esta parte, que não deixou lugar, principalmente pela sua aspereza, para apresentar variedades, nem na formatura das alturas, nem na vegetação; quasi é uma uniformidade em tudo. Toda a serra por este lado parece uma parede inclinada e lisa com pouca vegetação, que brota miseravelmente nas fendas das rochas, ou sobre alguns assentos de pedra, consistindo toda esta vegetação de «quercus humilis, Pistacia lentiscus, Arbutus unedo, laurus, etc.» e só no pé da serra, nos declives mais suaves e assentados, onde a terra vegetal conduzida das alturas proximas se ajuntou em abundancia, como acontece com preferencia, no declive da serra de Palmella, onde cresce a oliveira com todo o seu verde melancolico.

Nas visinhanças da villa de Azeitão é o aspecto mais avivado pela apparencia de formações terciarias, que appresentam uma vegetação com

variedades, mas nada tem de pittoresco, os olhos logo se perdem sobre o terreno baixo e arenoso de alluvião, que formou o leito das aguas do Tejo, pouco ou nada cultivado, e no qual aqui e acolá se acham alguns pinheiros, mas mormente são estes terrenos cobertos de Ericas, Cistus, Thymus, Eavendula, etc. Porem tornemos de novo a Setubal. Tão variado e agradavel é o terreno para o poente e norte d'esta villa, tão agreste, esteril e monotono é a vista para o lado do nascente. Já as ultimas casas da villa se acham sobre collinas arenosas, que se extendem pelo rio Sado acima, e se perdem finalmente na planicie, que communica com o Tejo. Estas collinas formam um terreno onduloso, sómente cultivado nas suas baixas com algumas vinhas, e sobre as suas alturas crescem poucas oliveiras e pinheiros mal tratados; estes ultimos principalmente povoam a collina que acompanha o Rio Sado por espaço de legua e meia, rodeada em grande parte por uma enseada, onde se acham estabelecidas as caldeiras principaes para a producção e fabricação do sal marinho.

As arêas d'estas collinas são productos de alluvião, consistindo mormente de particulas «siliciosas ferruginosas e micaceas,» unidas por uma leve conglutinação, que facilmente se desapega, appresentando, estando sem vegetação, uma arêa solta, mas sendo este solo o elemento de muitas plantas proprias dos climas quentes, como v. g. os Agaves, Cactos, etc.

Neste terreno nada se offereceria de notavel e interessante, se não fossem os grandes depositos de Turfa, que se acham rodeados por elle nas suas partes inundadas, e a observação de um notavel rochedo, que se acha sobreposto ás arêas soltas da collina proxima á villa, e das margens do Rio, e que é conhecido debaixo da denominação de «Pedra furada,» distinguindo-se pela sua configuração grutesca, aspecto escuro, e superficie carcomida e aspera, cavada por uma immensidade de cavernas e buracos, formando um contraste extraordinario com arêa solta, de que é rodeado, e que lhe deu a origem. Este rochedo se acha saliente no declive da collina arenosa, e terá na sua maior altura 80 palmos sobre o nivel do rio, que banha a sua base, que consiste de arêa solta ou pouco conglutinada. O seu diametro para todos os lados terá 40 até 50 palmos, e todo o lado, que está encostado á collina se acha ainda enterrado nas suas arêas.»

«As partes constituintes d'este rochedo são as mesmas, que as arêas vizinhas, com a differença de serem conglutinadas por differentes oxidos de ferro de todas as graduações de côres, desde o amarello até o preto escuro por parte com furta-côres, fazendo então passagem do grês ferruginoso para o mineral de phosphato de ferro, o chamado mineral de ferro paludoso.

Conforme a maior ou menor abundancia das particulas ferreas, mostra a sua conglutinação os seus differentes gráos de rijeza, n'umas partes

do rochedo a sua massa é friavel, n'outras é necessario usar de martello para a quebrar, e este o motivo principal da sua actual configuração grutesca, tendo sido corroida pela influencia da atmosphera a massa molle e pouco consistente do lado do poente, conservando intactas as massas mais rijas, apresentando por este motivo um aspecto mais singular. Neste lado se observa, que em geral a massa é menos compacta crivada por milhares de buraquinhos redondos, similhante áquelles que os vermes, grillos e formigas costumam fazer em terras barrentas. Mas o objecto mais digno de attenção neste rochedo são os tubos ou canudos cylindricos e ôcos, que se acham verticalmente postados na massa principal, da grossura de um dedo até a de 10 pollegadas. Varios d'estes dos mais grossos se apresentam nas paredes do rochedo, e estão em parte isolados, em parte em grupos, parallelos uns aos outros. Estes tubos tem interiormente a fórma circular, outros são achatados, e estão cheios de uma arêa amarellada mui fina; as suas paredes interiores são lizas, mas o seu exterior é desigual, e tuberculoso nodoso, sua massa é mui rija, e na sua fractura mostra muita mica côr de prata, e as suas particulas siliciosas e ferruginosas estão tão unidas, como se fosse obra de crystalisação, ou como se ellas tivessem uma meia fusão, que obrou da parte interior para a exterior. A expessura das suas paredes está em proporção do orificio, e quasi sempre fórma a terceira parte do diametro do tubo.

A' vista estão alguns cylindros na parede de Leste do rochedo com um comprimento de varios palmos, não se sabendo até que profundidade chegam, e entre elles ha um muito notavel no lado do Sul, o qual se acha na base de um pedaço saliente do rochedo, socavado de tal modo que o parece sustentar; está inteiramente isolado, tem 6 pollegadas de diametro e 3 para 4 palmos de comprido, entranhando-se nas arêas pouco conglutinadas. Outro pedaço de cylindro se apresenta com uma configuração mais estreita na parte superior, que tem pouco mais ou menos 5 ou 6 pollegadas de diametro, e d'ahi engrossa para a parte inferior até o diametro de 9 para 10 pollegadas, como o tronco de uma arvore cortada. Em outras partes do rochedo, principalmente na parte superior do lado meridional, que tem um aspecto negro e luzente, parecendo consistir de mineral de ferro puro, tem a parede a apparencia de meios canudos com a parte concava á mostra, e em geral predomina na parte superior d'este lado uma propensão para a configuração cylindrica lascosa curva, figurando telhas ou meios canudos postas verticalmente umas atraz das outras.

Até hoje não se descubrio a existencia das fórmas cylindricas nas rochas, senão nas cavernas calcareas, que produzem os estalactites, producto da dissolução das materias calcareas, que de novo se precipitam, quando a agua se filtra pelas fendas das rochas. O exterior d'estes pelo seu aspecto desigual e tuberculoso, tem muita similhança com o exterior d'estes cylindros e tubos calcareos, mas estes não trazem signal algum

de uma precipitação por meio de um filtro, sendo as suas partes constituintes de aspecto granuloso, redondas e mechanicamente unidas umas ás outras, por um gluten, no qual obrou uma acção chymica, ou talvez uma acção de fogo electrico, e naturalmente vem á lembrança do geologo a formação dos Fulgurites. Entretanto, se olharmos para os Fulgurites verdadeiros que se tem descripto até agora, e que encontrei nos Medões da Adiça, se nota uma differença extraordinaria entre estes canudos, e dos da Pedra furada. Aquelles em comparação do seu diametro, tem só uma casquinha mui delgada, que facilmente quebra, e a casca d'estes é de uma grossura excessiva e mui rija. Mas a differença principal consiste na sua posição natural nas arêas soltas, aquelles formam ramificações, que partem como as raizes de uma arvore, de um tronco principal, tanto para a profundidade das arêas em direcção vertical, como para os lados sendo divergentes.

A materia electrica se espalhou, e se ramificou, e qualquer faisca que se separou, formou um pequeno canudo. Mas não é assim com estes, pois não se ramificam, e estão verticaes e parallelos uns aos outros. Naquelles um raio só produzio centenas de canudos grandes e pequenos; aqui se elles fossem productos de raios, cada canudo devia ter sido formado por um raio particular, e este é o objecto principal, que faz duvidar serem productos de raios.

Admittindo que este rochedo estava na sua primitiva posição, enterrado nas arêas, e que as aguas cobriam estas, facilmente se póde conjecturar que mesmo neste terreno de alluvião, por uma acção e attracção chymica, se poude formar um deposito de mineral de ferro paludoso, unindo comsigo as particulas arenosas, envolvendo-as, dando-lhes consistencia, visto que ainda se produzem estes mineraes de phosphato de ferro nos terrenos humidos: mas um enigma geologico será sempre esta apparencia dos canudos.»

Barão d'Eschwege. Memoria geognostica dos arredores de Setubal nas M. da Academia, tom. 12. Parte 1.

Esboço orographico e hydrogruphico do valle do Tejo entre Santarem e Lisboa

O valle do Tejo corre de Santarem até Lisboa do nordéste ao sudoéste em uma extenção de 74 kilometros, comprehendendo um fundo representado por vastas campinas, cuja largura é de 3 a 17 kilometros, medida entre os respectivos flancos.

Estas campinas, geralmente pouco elevadas acima do nivel do mar, teem a altitude maxima de 10 metros em Santarem, e d'ahi abaixam successivamente até ás visinhanças de Lisboa.

Os flancos d'esta porção do valle são de fórmas e grandeza diversas: o flanco esquerdo constituido em quasi toda a sua extensão de arenatas

do periodo quáternario e recortado de muitos seios, não excede commummente a altura relativa de 25 metros, excepto nos sitios do *Batel* e do *Alfeite*, onde attinge quasi a de 50 metros: o flanco direito, formado de calcareos e arenatas quaternarias, de calcareos e arenatas do periodo terciario, e de rochas dos terrenos cretaceo e jurassico, ergue-se escarpado, e attinge nos seus pontos mais elevados 100 e 200 metros de altura relativa. Estes flancos antes de chegarem ao Oceano tornam-se ambos altos e muito escarpados, e approximando-se um do outro, formam as paredes de um canal de 2 a 3 kilometros de largura, que faz parte do bello ancoradouro do porto de Lisboa.

O Tejo, na sua estiagem, serpeia pelas immensas campinas do fundo do valle, acercando-se ora de um, ora de outro flanco desde Santarem até á Povoa, mas desde esse logar até ao Oceano occupa de flanco a flanco toda a largura do valle.

As campinas cobrem-se de agua na occasião das cheias, e o valle ostenta então o magnifico aspecto de um vasto lago desde Lisboa até á Golegã, muito acima de Santarem.

O fluxo da maré sobe até ao porto de Muge, 60 kilometros distante de Lisboa, ou 75 kilometros da foz do Tejo; mas a agua salgada não passa, mesmo na maré cheia, para cima de Villa Franca, ou além de 45 kilometros do Oceano.

Tracto do Sado

Extensão e limites—O tracto do Sado corre desde o parallelo de Grandola para norte, n'uma extensão média de 60 a 65 kilometros de sul a norte, por 40 a 45 kilometros de largura de léste a oeste. Tem por limites: ao occidente o mar e a peninsula de Setubal; ao oriente as vertentes da região montanhosa que se dirigem da villa de Torrão pela serra de Santa Suzana a Cabrella e ás vendas Novas; e ao norte a linha divisoria d'aguas entre os rios Sado e Tejo.

Valle principal do Sado, sua direcção — Depois do valle do Tejo, o valle principal do Sado é o mais importante accidente orographico que affecta o relevo da faxa quaternaria de que nos occupamos. Este valle fortemente convergente com o valle do Tejo para o lado do oceano, dirige-se de noroeste para sueste desde o sitio das Praias, na foz da ribeira de Marateca, até á foz da ribeira d'Odivellas, e para montante d'este ponto corta o solo na direcção geral norte-sul.

Fundo do valle do Sado—O fundo d'este valle na parte que atravessa o nosso tracto tem 50 kilometros de comprimento: a sua média largura é de 300 metros até S. Romão, alarga desegual mas successivamente para jusante, por modo que offerece 500 a 1000 até ás visinhanças de Alcacer do Sal; e tem 1 a 2 kilometros até á bocca da Palha ou foz da ribeira de S. Martinho. D'alli para baixo abre rapidamente, chegando a ter de 4 a 10 kilometros de largura desde as Praias até á cidade de Se-

tubal. A altitude do fundo do valle em S. Romão, não chega a ser de 9 metros. O fundo d'este valle é formado de bellas campinas e de salgados. Estes ultimos são em grande parte destinados ao fabrico do sal commum, as campinas constituem um feracissimo torrão. Infelizmente algumas ricas varzeas d'este fundo acham-se açudadas, litteralmente escragadas, como se observa para montante de Porto de Rei em S. Romão; já por causa da liberdade amplissima com que os cultivadores dispoem das aguas, fazendo no leito dos rios e nas campinas obras que no seu entender mais convém aos seus intentos; já pelo ignorancia com que essas obras são projectadas e feitas.

Apesar d'estes e de outros males, é certo que o fundo do valle do Sado, com os seus flancos possue todas as condições para constituir no futuro um dos mais ricos cantões agricolas da provincia do Alemtejo.

Flancos do valle do Sado—Os flancos erguem-se sobre o fundo d'este valle formando em geral escarpas abruptas com alturas relativas que chegam a 70 metros; mas em repetidos logares do mesmo flanco se vê este, alternativamente ora em escarpa abrupta, ora abatida, correspondendo os abatimentos em um flanco ás porções escarpadas no flanco fronteiro. Além d'estes accidentes offerecem se a differentes alturas dos mesmos flancos resaltos e ribanceiras de diversas grandezas e fórmas que tornam bastante variavel a sua structura.

Valles secundarios —As estes accidentes de estructura junta-se outro em relação com o mesmo valle principal, e vem a ser: que os valles secundarios do valle do Sado respectivos ao flanco direito, são extensos e teem o seu correspondente desenvolvimento hydrographico, ao tempo que na parte do solo que corresponde ao flanco esquerdo só ha pequenos valles comparativamente de pouca significação no relevo, notando-se apenas como mais importante pela sua extensão de perto de 25 a 30 kilometros, o valle que se prolonga até á Comporta. Esta differença entre os valles secundarios dos dois flancos é um phenomeno de estructura precisamente semelhante ao que se observa no valle do Tejo, como em outro logar veremos, apresentando-se porém invertido: isto é, que os valles secundarios mais desenvolvidos são no flanco esquerdo do valle do Tejo.

D'aquelles valles secundarios do flanco direito do valle do Sado, os mais importantes são os de Marateca, de S. Martinho, de Santa Catharina, do Xarrama e de Odivellas.

Estes valles cortam em grande profundidade o solo quaternario, na direcção de sueste a noroeste. Teem o fundo largo, que em alguns chega a ser de 400 a 800 metros, formando fertilissimos campos. Os flancos são em grande parte da sua extensão, em escarpa abrupta.

Além dos mencionados, outros valles secundarios ha, correspondentes ainda a esta parte do flanco direito, como os de Alberge, de Alfebre e de Argalé, os quaes sem passarem dos limites da faxa quaternaria são

comtudo extensos, e accidentam o relevo que excavam de um modo muito pronunciado. A' outra parte do valle do Sado, que corre de norte para sul, correspondem valles secundarios, em ambos os flancos com desenvolvimento sensivelmente egual.

Prismas deslisados — Outro genero de accidentes que se observa nos flancos do valle do Sado e nos dos valles seus subordinados, mórmente nos de maior comprimento e importancia orographica, é a presença de massas prismaticas, dentro dos mesmos valles, em geral encostadas aos flancos e entrando na constituição d'estes.

Estes prismas são de comprimento vario, e de largura muito variavel tambem. De ordinario a sua altura não passa do nivel das aguas médias, sobe ás vezes a maiores dimensões, mas nunca attinge a parte mais alta do flanco adjacente.

A cultura mais apurada ou pelo menos a vegetação mais desenvolvida, vigorosa e mesmo differente sobre a parte superior d'aquelles prismas, accusa para logo ao observador a presença de taes accidentee. São evidentemente porções do solo, estreitas e compridas, separadas por falhas parallelas ao córrego do valle, as quaes deslisaram ao longo da parede firme do solo adjacente e sobre as paredes d'essas falhas para o fundo dos respectivos valles. Os valles do Sado, do Argalé, do rio Mourinho, de S. Martinho e do Marateca, offerecem repetidos pontos, onde este phenomeno póde ser examinado.

Sr. Carlos Ribeiro — Descripção do solo quaternario das bacias hydrographicas do Tejo e Sado.

Peninsula de Setubal (1)

Fórma, grandeza e limites — A peninsula de Setubal é um pequeno tracto banhado ao occidente pelo Atlantico, ao norte pelo estuario do

---

(1) Pedra furada — A Pedra furada nas visinhanças de Setubal é um exemplar curioso de concreções ferruginosas em rochas arenaceas. Este exemplar está situado no flanco direito do valle do Sado ao nascente da Praia das Fontainhas, sobresahindo na escarpa abrupta do mesmo flanco pelo seu aspecto e pela côr anegrada da rocha de que elle é formado.

A Pedra furada compõe-se de tubos verticaes de diversos calibres agrupados e adherentes entre si, dispostos no sentido da altura em mais de duas series separadas pelos planos sensivelmente horisontaes das camadas de grés ochraceos de que os mesmos tubos fazem parte; de modo que a Pedra furada vista á distancia de algumas dezenas de metros simula até certo ponto os tubos de grosso calibre de um orgão. Estes tubos são de oxido de ferro, de côr anegrada servindo de pasta á areia dos grés acima indicados; alguns d'elles são vazios, mas a maior parte

Tejo, ao sul pelo do Sado e pelo Atlantico, servindo-lhe de isthmo, pelo lado de lêste, uma pequena porção de solo, entre Palmella e a charneca de Lentisqueira, pertencente á divisoria d'aguas entre aquelles dois rios. A sua fórma approxima-se de um quadrilatero com 38 a 40 kilometros de lêste a oeste, por 28 a 30 de sul a norte. Duas ribeiras, partindo do isthmo e correndo em sentidos contrarios para os rios Tejo e Sado, isolam para assim dizer a peninsula do resto do paiz.

Principaes accidentes — Uma cadeia de montes, formados de rochas secundarias e terciarias, com as denominações de Serra de Palmella e Serra da Arrabida, e com altitudes de 170 a 490 metros, limita a peninsula pelo sul desde Setubal e Palmella até ao Cabo d'Espichel. Em Palmella abate repentinamente o solo para o lado de lêste, com uma queda de 180 metros, até á raiz do morro que dá assento áquella pittoresca villa, e d'alli continua ainda a descer o mesmo solo até ás charnecas de Aljerus, onde a differença de nivel chega a 230 metros. Esta parte que tem apenas 30 metros de altitude média, é o ponto mais baixo da divisoria d'aguas entre os rios Sado e Tejo.

O limite occidental da peninsula é formado por altas ribas que chegam até 115 metros sobre o mar, constituidas de rochas secundarias, terciarias e quaternarias. O limite norte é formado pela porção do flanco esquerdo do valle do Tejo, entre a Trafaria e Alcochete, comprehendendo as escarpas d'Almada, parte muito abrupta e alta que está fronteira a Lisboa e de que já fallámos em outro logar.

O solo predominante n'este tracto é formado pelas camadas arenosas do nosso grupo inferior do terreno quartenario.

Costa de Portugal entre S. Julião da Barra e o Douro

A parte de Portugal representada no nosso esboço tem por limites, ao sul e norte os valles do Tejo e do Douro; ao nascente as provincias de Caceres e Salamanca, das quaes nenhum accidente natural de importancia notavel a separa; e ao poente o oceano. O seu maior comprimento medido sobre o meridiano da Torre de S. Julião da Barra é de 273 kilometros proximamente, e a largura media de cerca de 165 kilometros contada para o norte d'Abrantes.

A costa maritima entre as fozes dos rios Tejo e Douro tem de com-

---

estão cheios de areia amarellada pouco coherente: são evidentemente concreções ferruginosas devidas a nascentes repuxantes sobrecarregadas de oxydo de ferro. O desapparecimento d'estas fórmas tubolares é rapido, passando a rocha ao grés ferruginosos anegrados e ochraceos, stratificados, conservando-se todavia nas camadas os claros vestigios do phenomeno da concreção até alguns metros de distancia dos tubos.

primento absoluto 315 kilometros approximadamente, desde o referido sitio da Torre de S. Julião da Barra até ao cabedello da Barra do Douro.

Se estudarmos este vasto accidente nas suas relações immediatas com o solo contiguo, veremos que é por assim dizer um epilogo da estructura orographica e da composição mineral d'este ultimo. Ao alto relevo do litoral comprehendido entre as alturas de Cascaes e da Marinha Grande, e formado de camadas secundarias e terciarias, corresponde uma secção de costa bastante elevada acima do mar, e cuja feição principal se revela pelo abrupto e aprumado das suas ribas e pela variadissima estructura das rochas que compõem estas; em quanto que ao solo baixo adjacente á parte do litoral, que se estende para o norte da Marinha Grande até perto da foz do Douro, e no qual predominam as camadas do periodo quaternario, corresponde uma secção de costa quasi toda formada de arêas, simulando uma esplanada, que vae esconder-se debaixo do oceano.

Para facilitar esta indicação dividiremos a linha de costa, a que nos referimos, nas duas seguintes secções: 1.ª porção comprehendida entre a Torre de S. Julião da Barra e as Pedras Negras; 2.ª parte restante da mesma linha até á foz do rio Douro.

1.ª *Secção.*—Esta parte da linha de costa tem mui varios rumos e mede cerca de 160 kilometros de comprimento. Começando em S. Julião da Barra, na foz do Tejo, segue uns 14 kilometros na direcção de oéste alguns graus norte até cabo Raso, e dobrando n'este ponto para o quadrante do norte fórma um seio entre o referido cabo e o da Roca. D'este ultimo ponto continua para o quadrante do norte com diversos rumos pouco afastados do norte verdadeiro até á peninsula de Peniche, mas recolhendo successivamente, ainda que de um modo desegual, para o nascente;—menos na parte correspondente á serra de Cintra, onde se vê o cabo da Roca.

Do cabo Carvoeiro, na peninsula de Peniche, para a Pederneira desvia-se bastante a costa maritima dos rumos visinhos do norte, que trazia, e inflecte-se para o quadrante do nordéste n'uma extensão de 33 kilometros pouco mais ou menos. Por este modo o oceano avança successivamente para éste, ganhando no parallelo da Pederneira 34 kilometros sobre o meridiano do cabo da Roca, e 28 sobre o do cabo Carvoeiro. Na Pederneira muda a direcção da costa para nornordéste, seguindo proximamente n'este rumo até á foz do rio Mondego.

Uma parte d'esta secção de costa que consideramos, é formada em geral pelas testas das camadas sedimentares, que constituem o relevo do solo contiguo, e pelas rochas plutonicas e volcanicas, que aqui e acolá atravessam aquellas mesmas camadas; e a outra parte é formada d'arêas e dunas de antiga e moderna data.

Desde a foz do Tejo até perto do forte do Guincho (uns 6 kilometros ao sul do cabo da Roca) a costa maritima é constituida pelas cama-

das calcareas das formações cretacea propriamente dita e neocomiense; n'umas partes, com 5 a 20 metros sobre o mar, é pouco alta e cortada a prumo ou mergulhando para o oceano, como se vê em Cascaes, e do cabo Raso para o forte do Guincho; n'outras partes, chegando a 30 e mesmo a 40 metros de altura, é tambem cortada verticalmente, como se observa na Mexilhoeira, e ao norte do indicado sitio do Forte do Guincho.

Um extenso affloramento de rochas granitoides, atravessadas por filões e massas de rochas volcanicas, rompe do Oceano para a terra firme, e deslocando as camadas secundarias dos periodos cretaceo e jurassico, penetra para o interior e fórma a pittoresca serra de Cintra. Esta serra do lado do mar apresenta-se em ribanceiras mui asperas e alcantiladas, em geral inaccessiveis, quasi sempre banhadas no sopé pelo oceano, e elevadas sobre elle de 50 a 100 metros d'altura. No cabo da Roca, onde a rocha está cortada a prumo, a altura da escarpa é de 140 metros.

Entre o cabo Raso e o cabo da Roca fórma a costa um reconcavo de 10 kilometros de corda e pouco mais de 2 kilometros de flexa, e onde a navegação é mui perigosa. A corrente d'enchente, que n'esta paragem vem do norte passando proximo ao cabo da Roca, exerce mui poderosa influencia no movimento das aguas d'este reconcavo, e quando algum navio de vela navegando entre aquelles dois cabos ácerta descair para dentro do mesmo reconcavo, e o vento não é de feição ou afrouxa, de ordinario vem á costa.

As rochas granitoides da serra de Cintra acabam a uns 2 kilometros ao norte da Roca, succedendo-se-lhes de novo na escarpa maritima as camadas jurassicas e cretaceas, que nas visinhanças do mesmo cabo foram deslocadas até á posição vertical, formando sobre o oceano escarpas aprumadas de 20 a 70 metros d'altura.

Da praia das Maçãs, na foz da ribeira de Collares, até á costa de Genetias, n'uma extensão de 36 kilometros, apresenta-se a escarpa maritima constituida por camadas de calcareos e marnes do cré tufo, do cré branco, e pelas camadas calcareo-arenosas da formação neocomiense, as quaes mui diversamente inclinadas sobre o horisonte, offerecem os seus topos em paredes aprumadas e inaccessiveis de 20, 40 e até 90 metros d'altura: taes são nomeadamente varias porções de costa entre a praia das Maçãs e a Ericeira, entre esta villa e Ribamar, e as que se levantam sobre as praias d'Assenta e de Genetias.

Da raiz d'estas ribanceiras correm para o oceano innumeros e perigosos recifes que tornam inabordavel toda esta parte da costa, e os quaes a maré vasia põe a descoberto. São formados pelos topes das camadas que constituem a escarpa e que inclinam com vario pendor, ou são o prolongamento das camadas, que servem de fundamento á mesma escarpa.

N'esta porção de costa, que temos considerado, mui poucas são as

praias d'arêa, que este nome mereçam; e as que ali existem são em geral pouco extensas, e teem apenas algumas dezenas de metros de largura. Umas d'ellas correspondem ás fozes de pequenas ribeiras; outras enconstam ao sopé das ribas escarpadas, que sobre ellas se erguem e quasi sempre cobertas pelo oceano. A enseada de Cascaes, a praia das Maçãs, a praia de Genetias, etc., correspondem ás desembocaduras dos pequenos valles, por onde correm as ribeiras de Cascaes, de Collares, e o rio Sizandro, que banha os muros de Torres Vedras; a praia Grande ao norte do cabo da Roca, a praia de Samarra ao norte da praia das Maçãs, a praia dos Banhos na Ericeira, as praias d'Assenta e d'Amoreira ao sul e norte da praia de Genetias, e muitas outras de menor monta, encostam ás ribanceiras maritimas, que se levantam n'aquellas localidades.

É egualmente notavel a grande quantidade de desmoronamentos que continuamente se estão produzindo n'esta parte do litoral, determinados pela acção continua do oceano e dos agentes atmosphericos, manifestando-se esta destruição em maior escala nos sitios, em que as camadas sedimentares foram atravessadas pelas rochas volcanicas, como se observa por exemplo entre a torre de S. Julião da Barra e a serra de Cintra, cuja escarpa maritima está cortada de filões basalticos, de diorite, e de trachyte.

Muitas vezes as rochas igneas achando-se n'um estado maior ou menor de alteração, são mais desaggregaveis e destructiveis, que as rochas atravessadas; e nas localidades, onde este facto se verifica, a incessante acção das aguas do mar e do tempo levam a materia dos filões, invadem o espaço anteriormente por elles occupado, insinuam-se pelas fendas da rocha continente, e exercem sobre ella uma forte acção destruidora; isto é, diluem e minam pouco a pouco as rochas mais atacaveis, derrocam as camadas, produzindo assim desabamentos e formando grutas, que facilitam cada vez mais ao oceano as suas conquistas sobre a terra firme. São repetidos estes exemplos desde a torre de S. Julião da Barra até ao cabo da Roca, merecendo especial menção a Boca do Inferno, perto de Cascaes, profundo e largo fojo, cuja abertura é devida ás citadas causas. N'outras localidades, pelo contrario, é a rocha volcanica formando dykes, que mais resiste, e as massas continentes as que mais facilmente são destruidas pelas vagas. Se os filões de rochas volcanicas se tornam menos frequentes nas ribas, que estão para o norte do cabo da Roca, nem por isso deixam as mesmas rochas de apparecer, produzindo effeitos semelhantemente destruidores e intensos. Entre outras localidades citaremos a Lomba dos Pianos e a costa de Ribamar, entre 8 e 11 kilometros ao sul e ao norte da Ericeira, onde se vêem grandes massas de rocha trachytica e dioritica affectando fórmas tubulares, prismaticas e globulares, já insinuadas por entre os planos da estratificação, e affiorando na parede escarpada da costa como filões-cama-

das com muitos metros de possança; já coroando a mesma escarpa em guisa de manta. A intrusão d'estas massas, as numerosas fendas produzidas em todos os sentidos nas rochas sedimentares continentes e a acção mechanica das vagas, deram á costa maritima d'aquellas localidades uma tal estructura, que muito facilita a producção dos enormes desabamentos, que se notam em innumeras paragens, e cujo volume em cada uma d'ellas monta a muitos milhares de metros cubicos.

Ainda mais: á estructura fendida dos calcareos cretaceos da porção de costa, produzida pela intrusão das rochas volcanicas, acresce a solução de continuidade, que em muitos sitios manifesta o solo contiguo parallelamente á escarpa. O exemplo mais frisante d'esta natureza póde observar-se no porto da Calada, a uns 8 kilometros ao norte da Ericeira. Ahi encontra-se uma d'essas soluções de continuidade determinada por uma falha vertical correndo de norte a sul, a qual isolou da terra firme uma porção de solo de alguns centos de metros de largura por cerca de um kilometro de comprimento.

Ainda mal que as perdas occasionadas por estas invasões do oceano, tanto aqui como na maior parte da nossa costa maritima, não teem tido compensação, como deviam e podiam ter, conquistando ao mesmo oceano em outros pontos do litoral centenas e mesmo alguns milhares de hectares de solo, que póde facilmente tornar-se uberrimo, mas que a nossa incuria tem deixado no mais triste e condemnavel abandono.

Esta porção de costa é interrompida por numerosas aberturas, que n'ella vem abrir-se; mas estas interrupções são em geral estreitas e correspondem a valles de curta extensão, apertados entre asperas e elevadas ribanceiras, que lhes formam os respectivos flancos. Apenas as fozes dos ribeiros de Cheleiros, Safarujo e Sizandro offerecem uma largura de algumas centenas de metros.

Aos lados da foz do Sizandro eleva-se a costa maritima com 40 a 75 metros de altura sobre o mar, formando uma escarpa aprumada e constituida pelas testas das camadas marno-arenosas e calcareas, por nós consideradas como as camadas mais modernas do nosso terreno jurassico, mas que o nosso collega o sr. Delgado, pelo estudo ultimamente feito dos fosseis n'ellas encontrados, e pelo logar geognostico, que occupam, julga corresponderem á formação waldiense de Inglaterra. Para o norte da foz do rio Sizandro até ao sitio de Porto Novo, 3 kilometros a oéste do Vimeiro, continua a costa a elevar-se de 20 a 40 metros sobre o mar, formando ribas mui escarpadas e cortadas a pique, compostas em geral de camadas de calcareo, de marnes e de grés das formações jurassica e cretacea, em partes profundamente metamorphicas e muito accidentadas, como succede em Santa Cruz 14 kilometros a oés-noroéste de Torres Vedras.

Nos 20 kilometros restantes, até proximo da pequena peninsula de Peniche, continua a costa maritima quasi sempre cortada a pique com

20 a 50 metros de altura, e formada pelas camadas do jurassico superior. O oceano nem sempre toca o sopé d'estas ribanceiras, que em grande parte estão defendidas por longas praias de arêa de 100 a 300 metros de largura. A costa muda inteiramente de aspecto n'estas paragens. A escarpa diminue e muito de altura, por modo que junto ao Forte da Consolação acabam as ribanceiras para darem logar a uma suave esplanada de rochas arenosas quaternarias, que vae esconder-se debaixo do mar, formando junto a este uma larga praia de 35 kilometros de comprimento.

Esta praia d'arêa fórma no seu extremo norte o isthmo, de um kilometro de largura, que liga o pequeno tracto insular de Peniche com a terra firme. Se não fôra elle, esta porção do solo formaria uma ilha, como por exemplo a Berlenga, posto que a menor distancia do continente.

Raras vezes o curso, e só junto ao fosso da fortificação, passa de um ao outro lado do isthmo.

A costa em torno do pequeno tracto de Peniche é formada pelas camadas da formação liasica, cortadas a pique em quasi todo o seu perimetro e com alturas de 10 a 30 metros; formando na parte mais avançada para o occidente o cabo Carvoeiro.

Do cabo Carvoeiro para o lado do norte a linha de costa muda repentinamente de direcção, seguindo para nordéste, direcção que conserva até á Pederneira.

Ás arêas do isthmo de Peniche segue-se uma costa tambem d'arêa, mas brava, formando uma profunda reintrancia ou enseada aberta para nornoroéste, e com cerca de 2,5 kilometros de comprimento. Ao cabo d'este areal levanta-se na direcção norte-sul uma espessa muralha de rocha viva, a que chamam o Baleal, interrompida em dois pontos, com pouco mais de 1 kilometro de comprimento por 100 a 200 metros de largura. Esta muralha é constituida por camadas de calcareo do periodo jurassico, as quaes inclinam fortemente para o nascente, e dão assento na sua coroa a uns casaes, que recebem d'ella o nome.

Do Baleal até á foz da Lagôa de Obidos, e em 10 kilometros de extensão, é a costa formada por uma praia d'arêa de uns 200 metros de largura média, sobre a qual se segue uma ribanceira de altura variavel de 20 até 40 metros, em que affloram as camadas do terreno cretaceo, que se estendem para o interior. Esta ribanceira acaba na foz da Lagôa de Obidos, amplo recipiente com perto de 1000 hectares, onde se reunem as aguas de differentes ribeiros, que ali se misturariam com as aguas do oceano, se a referida praia d'arêa, continuando para o norte, não obstruisse a indicada abertura, e impedisse quasi permanentemente a entrada e saida das aguas.

Entre a foz da Lagôa de Obidos e a concha de S. Martinho segue uma costa escarpada e inaccessivel de 10 a 11 kilometros de compri-

mento, banhada pelo mar em muitas partes, e cortada verticalmente na altura de 20 até 60 metros. As camadas de calcareo argilloso, marnes e grés vermelhos, que a constituem, pertencem todas, segundo observações proprias e mais principalmente segundo as do nosso collega o sr. Delgado, ao periodo jurassico.

A pequena angra ou concha de S. Martinho, de fórma quasi circular e com pouco mais de 1 kilometro de diametro, tambem interrompe a escarpa maritima n'uma extensão de 200 metros, que tal é a largura que tem a barra na sua parte mais estreita.

A linha de costa prosegue para o nordèste por uns 10 kilometros até á Nazareth, depois de ter descripto uma pequena curva a 1 kilometro de S. Martinho, com a convexidade voltada para a terra firme.

As camadas de grés e calcareos pertencentes ao andar superior do terreno jurassico, n'umas partes cortadas em aspero pendor, n'outras escarpadas sobre o mar, formam uma porção da costa maritima d'estes logares com alturas de 30 até 100 metros. Esta elevada parede, uns 3 kilometros a contar de S. Martinho, afasta-se do oceano para formar as vertentes de uma serra alongada na direcção de sudoéste a nordeste, transformando-se a linha de costa propriamente dita em praia d'arêa, que se segue até á Nazareth. N'este local a costa maritima ergue-se de novo á altura de 30 a 40 metros sobre o mar, e corre de nascente a poente sobranceira á povoação da Praia da Nazareth. Apresenta-se cortada em escarpas abruptas e constituida por camadas arenosas e calcareas do terreno cretaceo, cujos planos vão mergulhar por baixo do oceano. Esta parte mais alta do litoral recolhe porém successivamente para o interior, na extensão de uns 8 kilometros, ganhando alturas de 60 a 80 metros á distancia de 1000 metros do mar, e deixando para o lado d'este uma praia ou costa baixa de 100 a 500 metros de largura. No extremo norte d'esta praia, a parte alta do litoral acerca-se de novo do oceano, e vae formar as altas ribas cortadas a pique sobre o mar, e que se estendem d'Azeche á Senhora da Victoria n'um comprimento de 4 kilometros, seguindo-se a estas mais uns 9 kilometros de costa tambem alta até ás Pedras Negras, semelhantemente cortada em escarpadas ribas de 15 a 40 metros de altura.

Algumas pequenas porções de praia arenosa interrompem aqui a costa alta, como a praia, que separa as ribas denominadas Pedras Negras das de S. Pedro de Muel. D'Azeche á Senhora da Victoria compõem a escarpa as testas das camadas do terreno cretaceo inferior (?), predominando os grés, os marnes e os calcareos, ferruginosas, bituminiferos e asphalticos, contendo algum gesso. Da Senhora da Victoria até á costa de S. Pedro de Muel são as camadas de marnes e calcareos do terreno liasico, que se mostram nas ribas e mettem por baixo do oceano. Nas Pedras Negras mostram-se outra vez nas ribas os marnes e calcareos gypsosos vermelhos e aunegrados, os marnes e calcareos, asphalticos e bituminifero-

As camadas quaternarias, em geral arenosas e sensivelmente horisontaes, cobrem para o interior todo o solo secundario, que constitue o relevo d'esta porção do litoral, e vem figurar tambem em muitas partes da linha de costa, como succede d'Azeche á Senhora da Victoria, e em S. Pedro de Muel, formando com os seus topes a parte superior da escarpa maritima. O conglomerado, os grés ferruginosos avermelhados d'estes periodo, que se vêem n'aquelles sitios, chegam a mostrar uma possança de 10 metros e mais; n'outras partes formam apenas a aresta da mesma escarpa.

Grandes são os desabamentos, que se manifestam em quasi toda esta porção do litoral ao norte da Nazareth, devidos á estructura fendida e á desaggregação das rochas, que constituem a escarpa maritima e á acção das vagas. Da costa d'Azeche para a da Senhora da Victoria, e na costa de S. Pedro de Muel, os desabamentos succedem-se uns após outros, e as aguas desfazem e diluem as rochas provenientes d'aquelles desabamentos com tanta facilidade e promptidão, que a conquista do oceano sobre a terra firme é incessante e muito attendivel.

Das Pedras Negras para o norte até á foz do rio Mondego, e no comprimento de cerca de 42 kilometros, desenvolve se uma praia toda de arêa, á qual succede para o interior um solo arenaceo coberto de dunas de antiga data, e formando no seu todo uma esplanada ou rampa de mui varia inclinação para o mar. Em alguns pontos observa-se que esta esplanada se eleva mais rapidamente do que em outros, attingindo até 15 metros de altura proximo á linha de costa; mas em geral é só a 500 metros ou mais de distancia do mar, que os areaes e dunas ganham altitudes de 15 a 30 metros, se abstrahirmos de alguns medões mais ou menos proximos da praia, que se elevam a maiores alturas.

A foz do rio Liz interrompe esta extensa praia ao oéste da Vieira. Algumas camadas de calcareo jurassico, que se descobrem para o norte d'aquelle ponto, affloram entre as arêas da praia, sem comtudo exercerem notavel influencia na fórma geral e na disposição d'esta parte da linha de costa.

Esta longa praia de arêa termina por uma faxa, que occupa a maior parte da abertura do valle do Mondego, estreitando pelo sul a foz do rio d'este nome.

Do lado norte da foz do Mondego surgem as camadas calcareas e arenosas da parte média do nosso terreno cretaceo, inclinando para o lado Sul, e assentando sobre ellas o castello da Figueira ou de Santa Catharina. N'este ponto começa novamente a costa escarpada, a qual prosegue no rumo do noroéste até ao cabo Mondego, n'uma extensão de pouco mais de 6 kilometros. É primeiramente constituida pelas testas das camadas calcareo-arenosas do terreno cretaceo inferior, e depois pelas das camadas arenoso-calcareas e calcareas do terreno jurassico.

A altura d'estas ribanceiras cresce successivamente da foz do Mon-

dego para o cabo desde 10 até 77 metros, segundo indicam as cotas que se leem na folha 13.ª da *Carta Chorographica* publicada pelo Instituto Geographico. Entre estes dois pontos fórma a costa um largo seio, deixando vêr na baixamar uma praia esparcelada, formada de penhascos de calcareo e de grés, e que ora estão descobertos, ora occultos pelas arêas, que as vagas teem ali em continuo movimento.

Perto da ponta do cabo e affiorando nas proprias ribas, está a importante mina de carvão denominada de Buarcos, intercalada nas camadas de calcareo pertencentes ao andar superior do nosso terreno jurassico. No cabo Mondego a costa é cortada a pique n'uma altura de cerca de 40 metros, elevando-se o solo d'ali para cima em mui aspero pendor até á cota de 180 metros.

De passagem notaremos que esta secção da escarpa maritima é um dos mais instructivos exemplares para o estudo do systema jurassico no nosso paiz.

Como n'outros sitios da nossa costa, vêem-se tambem aqui restos de depositos quaternarios encravados nas pregas e ravinas das ribanceiras de Buarcos ao cabo Mondego. Estes pequenos retalhos assentam horisontalmente sobre os topes das camadas secundarias, mostrando-se até 100 metros de altura sobre o mar, e em partes com possança superior a 20 metros.

Para além d'aquelle ultimo ponto geographico inflecte-se a costa para nornordéste, conservando o mesmo caracter e estructura em ribas altas e fragosas por uns 2 kilometros; mas estas acabam logo seguindo-se-lhes repentinamente uma extensa praia de arêa.

Continua a costa maritima no rumo de norte alguns graus éste, formada exclusivamente de arêas, desde Quiaios até ás visinhanças d'Espinho, n'um comprimento de 88 kilometros por 2 a 8 de largura.

Além dos medões e das dunas de antigas praias, que hoje ali se vêem sem movimento, ha tambem muitas outras porções de areal recente fixadas pela vegetação e pela cultura; porém a maior parte das arêas da costa propriamente dita são soltas e movem-se livremente sob a acção dos ventos e das vagas.

As camadas de calcareos, de marnes, de argillas, e de grés pertencentes ás formações secundaria, terciaria e quaternaria, constituem a base ou o fundamento sobre que assentam estes areaes, vendo-se affiorar no meio das arêas nas freguezias do Bom Successo, da Tocha, de Mira e d'Aveiro; particularmente as camadas arenosas quaternarias que são as que se encontram com mais frequencia n'estas condições. Como as camadas inclinam suavemente para o oceano, a costa junto á praia eleva-se apenas 2 a 6 metros sobre o mar, e o relevo do litoral cresce em esplanada para o interior, de modo que só á distancia de 2 a 4 kilometros a contar da linha da costa, é que a sua superficie ganha altitudes de 20 a 30 metros.

Os areaes do litoral entre Mira e Ovar separam do oceano o estuario do Vouga n'uma extensão de 45 kilometros.

Entre Ovar e Espinho approxima-se a direcção da costa da linha norte-sul, e em seguida toma a de norte alguns graus oéste. Nos 16 kilometros que vão d'Espinho á foz do Douro, a costa é em geral baixa n'uma largura de 500 a 900 metros. No Algueirão, a 1,5 kilometro ao norte d'Espinho, começam a apparecer as rochas schistosas do periodo silu-riano em parte occultas pelas arêas e camadas quaternarias do litoral; mais para o norte apparecem entre estes mesmos depositos os schistos crystallinos e as rochas granitoides, manifestando-se com mais frequencia na praia. Da linha de costa para o interior, sobretudo entre Espinho e a foz do Douro, o solo sóbe suavemente em esplanada até encontrar os outeiros e cabeços, que estão mais proximos do litoral.

Para o norte da foz do Douro as camadas de arenatas quaternarias dão ao solo adjacente á linha de costa a fórma de terrado, cobrindo as rochas granitoides, que affloram com 8 a 14 metros de altura na escarpa maritima. Estas rochas são visiveis até á Pedra do Cão, penhasco situado no extremo occidental do flanco esquerdo do valle do Douro, e ao qual se apoia o cabedello.

Terminando aqui a summaria noticia que nos propozemos dar ácerca da linha de costa entre as fozes do Tejo e do Douro, fecharemos esta parte da nossa descripção com algumas breves considerações a respeito dos depositos de arêa, que se observam no litoral do nosso paiz.

Dissemos que a porção da costa situada entre a foz do Tejo e as Pedras Negras era formada em geral por altas ribas, coroadas aqui e ali por camadas do periodo quaternario: e tambem dissemos que na parte restante do litoral até á foz do Douro, predominam aquellas mesmas camadas arenosas no relevo do solo, sendo ellas que, em quasi toda esta porção da costa, mais geralmente servem de fundamento ás areas soltas.

Indicámos tambem a existencia de pequenos retalhos de rochas arenosas e argillosas nas pregas e ravinas das altas ribanceiras do Cabo Mondego; devendo acrescentar que este facto é muito frequente em toda a costa alta descripta, deparando-se semelhantes restos, mais ou menos desenvolvidos, em muitas das banquetas, depressões e valleiros da escarpa maritima, escapados á denudação que arrebatou a maior parte do terreno quaternario na zona occidental entre Lisboa e Leiria, e na montanha do Cabo Mondego.

Acrescentaremos agora que a observação por nós feita em toda a costa de Portugal, tem-nos patenteado as provas as mais evidentes de amplas oscillações da mesma costa acima e abaixo do oceano em datas relativamente muito modernas, posto que anteriores aos tempos historicos. Taes são entre outras: a denudação das camadas do terreno quaternario na zona visinha da costa, e mais determinadamente entre Cascaes e

a Pederneira; os cordões litoraes que occupam differentes alturas muito acima das maximas marés actuaes, chegando a dezenas de metros sobre o nivel medio do mar, como por exemplo os que se encontram no cabo d'Espichel, em Cascaes, e n'outras localidades; as dunas e areaes de antigas praias, situadas tambem muitas dezenas de metros acima do mesmo nivel, e que com tanta frequencia se encontram, quer coroando a escarpa desde o cabo de S. Vicente até além do Douro, quer terra dentro a muitos kilometros do oceano, como, em Salvaterra de Magos, em Rio Maior.

Um exame attento feito em milhares de pontos sobre as relações que existem entre estas dunas e areas das praias elevadas, e a formação quaternaria da nossa zona occidental, dir-nos-ha que umas e outras procederam na sua maior parte das camadas arenosas da mesma formação. Ao norte do cabo de S. Vicente, aos lados do cabo de Sines, entre Aveiro e a foz do Douro, entre o Cavado e o Minho, emfim em toda a parte onde se virem arenatas quaternarias, ahi se reconhecerá uma passagem gradual d'estas rochas ás areas soltas da costa, e d estas ás dunas de antiga data. É de semelhantes dunas e areaes, e da desintegração das camadas dos já indicados pequenos retalhos de terreno quaternario, que se mostram nas ribanceiras maritimas, e de parte dos sedimentos transportados pelas aguas dos rios, que proveio e continua a vir toda ou quasi toda a area, que fórma as praias actuaes adjacentes á costa alta. Ainda mais, estas areas soltas não passam de uma praia para outra: isto é, as areas da costa de Caparica e da Adiça, por exemplo, nada teem com as dos bancos da foz do Sado, nem com as que estão ao noroéste de Cascaes; nenhumas relações prendem as areas da Praia das Maçãs com as das praias de Samarra e da Ericeira; tão pouco as areas de Quiaios dobram o cabo Mondego para virem cobrir os parceis de Buarcos, e augmentar o apparelho da barra da Figueira, ou obstruir o porto d'este nome, etc. Todas aquellas arêas, assim como as de outras praias, devem em geral a sua existencia ás proprias localidades, sem que soffram perdas ou recebam augmento sensivel no seu volume, por enviarem para outras praias visinhas, ou receberem d'estas uma porção apreciavel dos mesmos depositos. É verdade que estas arêas movem-se e oscillam á mercê dos ventos e das vagas, e invadem o solo para o interior, quando não encontram obstaculo, que se lhes opponha; mas este facto dá-se só na propria localidade, e entre limites restrictos. Pelo que respeita aos grandes areaes da costa, como o das Pedras Negras á foz do Mondego, e os comprehendidos entre o Cabo Mondego e a foz do rio do Douro, etc. por uma parte tiveram procedencia semelhante á dos pequenos areaes que encostam ás altas ribas maritimas; por outra parte resultaram da desintegração das camadas quaternarias arenosas, que das charnecas e gandaras proximas ao litoral se prolongam com diversos pendores para o occidente, e que foram outr'ora cobertas pelo mar; de-

sintegração, que só se effectuaria por algum tempo logo depois da ultima mudança geographica por que passou a nossa região, e em quanto as vagas não completassem a destruição da parte d'essas rochas, que em razão da sua pouca profundidade e fraca coherencia, podiam ser então destruidas pelas vagas.

Não se deve pois julgar que as arêas das praias actuaes continuam a vir do fundo do oceano, nem tão pouco suppôr que os alfaques, cabedellos, e bem assim as corôas que o mar deixa ver na maré vasia, e d'onde os ventos seccos arrastam para a terra sensivel copia de arêas, tenham uma semelhante procedencia.

A opinião que a este respeito aventamos funda-se, tanto nos dados de observação propria, como em considerações relativas aos phenomenos geologicos, que delienaram as nossas costas e praias. Os sedimentos transportados pelas cheias dos rios, conjunctamente com as arêas procedentes das causas acima indicadas, é que, mediante a acção das correntes fluviateis e maritimas, dos ventos e das vagas, constituem em parte, tanto os apparelhos que com mais ou menos inconstancia de posição e de grandeza, se formam no oceano junto ás fozes dos nossos rios como os aterros e açoriamentos dentro dos portos d'estes mesmos rios. E dizemos em parte, porque o estudo dos factos geologicos provanos que não é sómente ao incessante trabalho das causas actuaes que se deve a formação dos cabedellos, bancos e açoriamentos contiguos aos canaes das barras dos rios Sado, Tejo, Mondego, Douro, etc., senão tambem a outras causas, ainda que remotas, quer dynamicas, quer geologicas.

A abertura dos nossos valles principaes, devida a um movimento de charneira[1], é que determinou em muitos pontos dos mesmos valles maior elevação de um flanco do que da parte correspondente do flanco opposto, e mais especialmente a maior altura do flanco direito nas desembocaduras de alguns dos nossos valles principaes. É sem duvida este ultimo facto que mais de perto interessa aos estudos hydraulicos dos nossos portos e barras.

Devemos porém observar que os resultados d'aquelle movimento não foram eguaes em toda a nossa costa. As differenças de constituição mineral e geologica nas diversas zonas do solo do littoral entre o cabo de S. Vicente e a foz do rio Minho, muito contribuiram para as grandes differenças que se notam na estructura physica e na configuração geographica das desembocaduras de muitos dos nossos valles, embora estes tivessem sido abertos segundo o indicado movimento geral de charneira. Esta é a razão por que semelhante movimento está mais bem expresso na parte do litoral constituida pelas formações secundaria e terciaria, do que n'aquellas onde predominam as rochas granitoides e os

[1] M. de Verneuil foi quem primeiro reconheceu este modo de abertura dos grandes valles que cortam o relevo da peninsula hispanica.

schistos crystallinos, como se reconhece, por exemplo, pela comparação das desembocaduras do valle do Sado e do valle do Douro, cujas fórmas e condições hydrographicas são tão differentes entre si.

Por outra parte a observação tem-nos mostrado que os nossos valles principaes já estavam esboçados, quando se depositaram as camadas arenosas quaternarias, tão desenvolvidamente representadas na região occidental da nossa peninsula, e por isso, em grande parte, cada um d'elles foi occupado por aquellas mesmas camadas.

Das considerações expostas, e do facto das ultimas evoluções geognosticas, não só terem elevado o nosso solo muito acima do nivel, em que estava quando se depositaram os cordões litoraes de antiga data, a que já nos referimos, como tambem terem esboçado as fórmas que hoje reconhecemos no relêvo do mesmo solo, infere-se com relação á desembocadura de alguns dos nossos valles principaes, o seguinte:

1.° Que pela maior emersão do flanco direito dos valles do Sado, do Tejo e do Mondego succedeu apresentar-se este mesmo flanco constituido pelas testas de camadas das formações secundaria e terciaria, aliás duras e resistentes, e por consequencia conservar-se mais avançado para o occidente, do que são testemunho, na foz do Sado, as imponentes costas maritimas, que da Torre do Outão se estendem até ao cabo de Espichel, e na foz do Tejo, as que se prolongam desde S. Julião da Barra até cabo Raso perto de Cascaes.

2.° Que as camadas arenosas quaternarias, que occuparam os nossos valles principaes, foram denudadas tanto dentro d'esses valles, como na superficie do flanco mais emergido, e tambem na parte do solo a este contiguo.

3.° Que o flanco esquerdo dos valles do Sado, Tejo e Mondego, por menos elevado ou abatido, deixou a grande profundidade no interior da terra as camadas duras e resistentes, que formam as ribas do flanco opposto, apresentando-se por isso constituido sómente pelas camadas arenosas quaternarias, em parte reduzidas a arêas soltas e assentando sobre outras camadas da mesma formação e de egual natureza, cuja possança se aprecia em dezenas de metros para baixo do nivel do oceano.

4.° Que o solo assim abatido e constituido por camadas arenosas quaternarias junto ao flanco esquerdo d'aquelles valles, e na sua respectiva desembocadura, estende-se por debaixo do oceano e serve de fundamento e apoio aos bancos e cachopos, que se formam de preferencia e com mais constancia ao sul e em frente das fozes dos mesmos rios.

5.° Que as desembocaduras dos nossos valles principaes, abertas no solo secundario e terciario, devem de ser mais amplas, como effectivamente são, do que as situadas no solo granitico ou de schistos de antiga data.

6.° Que se na região litoral dos nossos valles principaes não se tivessem depositado as camadas arenosas quaternarias, as condições hy-

drographicas das barras e portos dos rios, que teem as suas fozes do lado occidental da nossa costa, seriam bem diversas e muito e mais singelas do que realmente são.

7.° Que as fórmas hydrographicas das desembocaduras dos valles do Douro, do Cávado, do Lima e do Minho, e as circumstancias hydraulicas dos portos e barras d'estes rios, sendo diversas das fórmas e circumstancias, que respeitam ás desembocaduras dos valles e aos portos e barras dos rios principaes que estão ao sul do Douro, determinam que as condições geraes dos problemas a resolver para o melhoramento das barras e dos portos dos rios primeiro indicados, sejam differentes das dos problemas relativos ao melhoramento das barras dos rios Mondego, Tejo e Sado.

Em fim: dentro dos portos do Sado, do Tejo, do Mondego, do Vouga, etc., formam-se cabeços, aterros marginaes e outros depositos, determinados pela acção quotidiana das causas naturaes e pelo trabalho do homem, mais ou menos absurdo e abusivo: depositos que, como é sabido, arruinam os portos e os ancoradouros, e perturbam o regimen das aguas fluviaes e marinas dos leitos salgados para o oceano, e viceversa; porém não obstante estes depositos, os nossos rios principaes que desaguam no mar para o norte do Cabo de S. Vicente não teem deltas interiores ou oceanicos de data recente, ou em via de formação, como acontece nas desembocaduras dos rios Nilo, Pó, Rhodano, etc. Os grandes mouchões do Tejo, a murraceira na desembocadura do valle do Mondego, parte das arêas das costas da Torreira e de S. Jacinto, nas visinhanças d'Aveiro, e tantos outros exemplares semelhantes, estão muito longe de poderem considerar-se deltas em via de progresso; ao contrario, são depositos que devem a sua existencia, não tanto ao trabalho actual da natureza, como aos ultimos movimentos de oscillação do nosso litoral.

(Sr. Carlos Ribeiro em os numeros VII e VIII do jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes publicado sob os auspicios da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

GEOLOGIA DO ALGARVE

DESCRIPÇÃO DAS ROCHAS

Não são numerosos os differentes terrenos que compõem o solo do Algarve, acham-se alli:

1.° Uma pequena quantidade de rochas graniticas, que formam os dois pontos culminantes.

2.° Rochas Schistosas, que constituem a grande cadeia de montanhas.

3.° Camadas de grés pouco possantes.

4.° Uma serie de rochas eruptivas, mais ou menos basalticas, dionticas, d'uma composição variada, e complexa, estas rochas espalharam-se atravez das seguintes.

5.° Camadas de marnes, consideravelmente modificadas pelas rochas precedentes.

6.° Calcareos compactos, tendo uma grande possança.

7.° Rochas marnosas, arenaceas, e calcareo coquillar marinho.

8.° Alluviões e outros depositos modernos.

1.°—*Rochas graniticas*

Na parte Oeste, e Noroeste da provincia encontram-se dois pincaros separados um do outro por um valle profundo, e que são os pontos culminantes da provincia, a Oeste é a Foia, que tem 911^{m}, a Este a Picota com 809^{m}. O valle chamado de Monchique está n'uma altura media de 400^{m}.

Foia

O cume da Foia é de granito. a mica é pouco abundante, e negra na sua maior parte: n'outras o feldspatho é algum tanto rosado. Vê-se tambem um filão de porphiro, que foi injectado no meio do granito.

Este porphiro é muito duro, formado de massa mais ou menos escura, e contendo alguns christaes brancos de feldspath: esta rocha parece ser um melaphyro. A alguns passos d'este veio, encontra-se um outro mais pequeno, formado d'uma materia compacta de granitos finos, nos quaes a vista não póde determinar os elementos. Esta substancia parece aproximar-se muito dos basaltos.

A 350 passos aproximadamente, n'uma outra summidade, que tem uma altura de 893, acha-se um granito rosado, e em cujo meio ha um veio de 2 polegadas, formado d'uma substancia parecendo aproximar-se do veio precedente.

A Este da Foia, indo para o convento de Monchique encontra-se um granito compacto tendo perdido sua mica, uma parte do seu quartzo, e passando completamente para leptynito. Este convento fica na altura de 549^{m}.

Ao norte, no caminho que vai de Monchique para a Foia, encontra-se no meio dos granitos, uma rocha feldspathica, cinzenta, e argilosa, que parece uma pegmatite decomposta.

Picota

O granito, que fórma o cume da Picota, é porphyroide, e com pouca

mica. N'este cume, e a sudsudoeste encontra-se um grande numero de pequenos veios, d'uma rocha negra e basaltica. E no alto vê-se um dike formado d'esta rocha.

Perto dos banhos de Monchique as rochas graniticas tornam-se compactas: tanto a Oeste, como a Este dos banhos veem-se no meio d'esses granitos, pequenos veios basalticos contendo christaes de hornblende.

Perto d'Arqueta, ao contacto dos schistos, ha granito com muita mica e escuro.

O lado Norte da Picota é formado d'um granito similhante ao da Foia, ás vezes, com tudo, algum tanto porphyroide.

Val de Monchique

O valle de Monchique é formado de areias feldspathicas cobertas de terra vegetal, e acham-se tambem muitas no lado Norte da Foia, e nas quebradas dos dois cumes. Estas areias são muito uteis: servem-se d'ellas, como areia ordinaria, para fazerem argamassa.

Ao contacto dos granitos e dos schistos acham-se muitas argilas feldspathicas, que são metamorphicas, e com as quaes fabricam tijolos e telhas.

Estas rochas graniticas encerram um grande numero de nascentes, differentes umas das outras: a Foia não dá nascimento senão a aguas que teem uma temperatura ordinaria, e mesmo inferior ao passo que a Picota, formada de granitos differentes dos da Foia, brota aguas thermaes, e ferreas.

Estas duas montanhas reunidas na base teem aspecto differente: a Foia tem seu cume menos abrupto, mais chato: ao passo que a Picota, apresenta no seu alto uma fórma conica.

Possança e extensão das rochas graniticas

A extensão d'estas rochas é pouco consideravel, porque no maximum é de duas leguas e um quarto de Oeste a Este, e de legua e um quarto do sul ao norte.

Estas rochas começam n'uma altura de 183^{m}, e chegam até 911^{m}.

Rochas schistosas

A grande cadeia das montanhas, que occupam os tres quartos d'esta provincia, é formada de rochas geralmente schistosas.

Estas rochas consistem principalmente em schistos argilosos, com raras ardosias, com alguma mica em varios logares, contendo em camadas subordinadas alguns psamitos avermelhados, gres quartzosos, etc. Tam-

bem alli se encontra um grande numero de pequenas camadas de quartzito branco.

Estas rochas teem experimentado transformações em consequencia do contacto das rochas plutonicas, que as levantaram e deram nascimento a um grande numero de rochas metamorphicas, affastando-se muito á vista das rochas schistosas.

Os schistos argilosos são os mais espalhados, e formam geralmente a parte inferior, contendo um grande numero de pequenas camadas e leitos de quartzo.

Os Grawackes grosseiros, os grés quartzozos acham-se na parte Este, no Barranco do Velho, perto d'Alcoutim na ribeira dos Ladrões, nos arredores do Azinhal: n'esta localidade estas rochas são muito desenvolvidas, e parecem formar um grupo independente: em Castro Marim os Grawakes são muito quartzozos.

As rochas metamorphicas encontram-se nos arrabaldes de Monchique, ao contacto das rochas graniticas: occupam uma superficie de uma meia legua, e são d'uma côr amarello esbranquiçada: algumas vezes coherentes, outras separadas e argilosas. Acham-se alli pequenos christaes de Feldspath, e amphibole, sobre tudo ao contacto mesmo dos granitos: ellas são geralmente muito feldspathicas, alem das modificações produzidas pelos granitos, os schistos teem ainda sido alterados por outras rochas plutonicas, taes como basaltos, diorites, euphotites, que lhes cederam silicatos magnesianos e outras substancias.

Não encontrei nenhuma camada, nem leito de calcareo, nem creio havel-o.

Apezar de todas as minhas pesquizas nenhum fossil encontrei: se existem, são pelo menos muito raros.

A direcção das camadas é muito variada, a mais geral se aproxima de O 40° N. a Este 40° Sul, mas ha outras.

Este terreno é muito extenso, encontra-se não sómente no Algarve, mas continua em Hespanha, e fórma alem d'isto uma grande parte do solo do Alemtejo. Nesta ultima provincia as rochas dominantes são schistos argilosos.

No Algarve, este terreno começa a Oeste nas bordas do mar, onde fórma escarpas, eleva-se gradualmente indo para Este alguns grans N. para adquirir no centro da provincia uma altura de 537,9. que é o Malhão, ponto culminante do terreno schistoso, conserva, por espaço de duas leguas, uma altura pouco inferior: depois inclina se sobre o Guadiana, ao sudoeste chega quasi até ao nivel do mar. Fórma montanhas geralmente arredondadas, apresentando com tudo sobre a crista algumas planuras: por causa do indireitamento e da forte inclinação das camadas, alguns declives rapidos foram produzidos.

Este terreno contem poucos valles grandes.

As fontes são em pequeno numero, e pouco abundantes, seccam quasi todas durante na estação quente.

As partes em que dominam os psammitos, e os Grawackes, são completamente aridas: pelo contrario as planuras formadas de schistos muito argilosos, são ferteis; mas por todas as partes ha mui poucas arvores, e em muitos logares não se vê nenhuma.

Gres

Os schistos estão a descoberto, quasi por toda a parte, mas ao Sul veem-se camadas geralmente pouco possantes d'um gres vermelho ferruginoso.

Estes gres principiam a Oeste, á borda do mar, na ponta dita Ponte Ruive, continuam para Villa do Bispo, depois para as aldeias de Figueisa, Budens, Casal de Val de Boi, sobem algum tanto para o Nordeste, passam perto dos logarejos de Barão de S. João, Bensafim, e vão em direcção de Silves com algumas pequenas interrupções, acham-se a 10 minutos Nordeste d'esta cidade, e seguem para o logar de Amorosa, passam alguma cousa ao Norte d'este sitio, depois vão para S. Bartholomeu de Messines; a algumas centenas de passos d'esta aldeia as camadas de gres desaparecem, mas tornam-se a ver dentro em pouco, bifurcam-se, e foram deslocadas: a parte Sul é rudimentar, a outra parte passa para o Norte do Serro das Paredinhas, depois para o casal d'Arneiro; perto do serro de Bella Vista desapparecem achando-se transtornados: tornam se a encontrar no Casal de Val Passado, depois continuam para Este pelo valle do Freixo até perto do serro da Pena, aqui foram deslocados, e vê-se uma parte rudimentar ao Sul perto do Casal da Pena, e uma outra ao Norte da Pena no casal das Barrosas. Depois d'esta deslocação a maior parte segue o Valle do Frexo Secco, vem encostar-se para o lado Sul dos Negros de Salir, e continua sobre Querença ao Norte d'este casal: entre estas duas aldeias as camadas de gres teem sido transtornadas, encontram-se algumas partes rudimentares perto da aldeia de Torre, e sobre a borda da ribeira das Mercês uma parte d'estes gres rudimentares poderia não pertencer á mesma formação.

De Querença estas camadas de gres teem passado por algumas deslocações, e vão depois formar as alturas nas quaes estão construidos os diversos casaes de Alportel.

A legua e meia Este d'esta aldeia, perto de Tarejo, os gres desapparecem e foram transtornados; encontram-se ao Sul algumas partes rudimentares muito deslocadas, e cobertas pelos calcareos.

Ao Norte dos Moinhos do Bengado, estas camadas tornam a apparecer e continuam com algumas pequenas interrupções, e algumas vezes cobertas pelos calcareos, sobre Santa Catharina: d'alli vão para Fonte do Bispo, e continuam com algumas interrupções para o Sud Este, passando pelas ermidas de S.

Charles Benret. Memoire sur le royaume de l'Algarve no vol. 11 da Segunda Serie das Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Appendice ao capitulo XI do Livro I.

MINAS

Portugal é um paiz abundantissimo de minas, e para cuja prova nos basta o *Diario do Governo*, que quasi diariamente nos traz noticia da descoberta d'alguma.

Terrenos Carboniferos

São poucos e mui limitados em Portugal. Conhecem-se apenas tres sitios, em que taes terrenos sejam bem caracterisados. — S. Pedro da Cova, Bussaco, e Moinho da Ordem, este, porem, já não tem carvão.

A mina de S. Pedro da Cova, situada a 6 kilometros da margem direita do Douro, e ao norte d'este rio, tem quasi 120 metros de largura. Explora-se o jazigo a uns 70 e tantos annos, e os trabalhos vão a 80 metros de profundidade,

A producção ánnual regula por 13000 toneladas metricas. O principal consummidor do referido carvão é o Porto.

Perto da margem esquerda do Douro, nos logares de Pedurido, Povoa e Pizão encontra-se tambem carvão, e uma das camadas apresenta anthracite de primeira qualidade.

Terreno Jurassico

Mina do Cabo Mondego.—Compõe-se de 5 camadas, das quaes apenas uma, de 1 metro de possança é exploravel. Segue desde a ponta do cabo todas as inflexões do calcareo e dos gres da formação até ao cume da serra de Buarcos, e desapparece a 3 kilometros de distancia.

Este carvão, ainda que algum tanto pyritoso poderia satisfazer a um grande numero de necessidades industriaes, submettendo-o antecedentemente em parte a uma preparação mechanica. Produz coke alguma cousa legeiro, mas bastantemente resistente. A 5 kilometros de distancia fica o porto da Figueira, o qual faz com que este jazigo seja digno de interesse.

Encontra-se tambem carvão na serra d'Alcanede, e em Chão Preto, perto da Batalha.

Terreno cretaceo

Camadas betuminosas

Mina da Granja, freguezia de Monte Real, districto de Leiria.

Mineraes de ferro

São abundantes em todas as provincias do reino, e encontram-se em diversas formações geologicas.

Ha nos terrenos graniticos, e nos schistos cristallinos filões de ferro magnetico, como em Pitões na encosta Norte da Serra de Gerez, perto de Galliza.

Porem o jazigo da Serra dos Monges, concelho de Montemór o Novo, é um dos mais importantes pela sua posição e riqueza em mineraes de ferro oxydulado magnetico.

A provincia do Alemtejo contem outros depositos d'este mineral, entre os quaes são dignos de menção:

1.º As massas de ferro magnetico nos arredores de Villa Boim, a 5 kilometros de Elvas.

2.º Os filões de ferro oxydulado magnetico nas proximidades de Campo Maior.

Os terrenos jurassicos da provincia da Estremadura no districto de Leiria, conteem filões de ferro magnetico, espalhado sobre uma grande superficie. Distinguem-se os de Mendiga, Serro Ventoso, e Arrimal, nas circumvisinhanças de Cabeço de Veado.

Os outros mineraes de ferro, como oligisto, hematites, e os carbonatos formam tambem depositos numerosos, e alguns muito importantes pelas proximidades de Leiria.

O oligisto fórma em Moncorvo filões consideraveis entre os schistos christallinos.

As hematites vermelhas, as hematites cinzentas e os oxidos hydratados fórmam o notavel deposito de Quadramil em Traz os Montes, sobre uma extensão de 6 a 8 kilometros, com uma possança algumas vezes de 20 metros.

A formação triassica da provincia da Beira contem no seu seio hematites vermelhas em concentrações notaveis. São estas hematites o mineral principal, que alimentou dois fornos em Foz d'Alge, desde o começo d'este seculo até 1830.

Entre S. Thiago de Cacem e Odemira os filões de ferro são numerosos. Sobre uma zona de 20 kilometros de comprimento e 4 de largura estão estes filões.

O ferro oxyhydratado predomina n'estes depositos, em que o hydrato concrecionado, ou a hematite cinzenta representa o primeiro papel.

Os grandes trabalhos antigos observados por toda a parte bem indicam o grande interesse, que os romanos ligaram a estes depositos, sendo as condições economicas excellentes, por causa da proximidade do porto de Milfontes.

O ferro carbonatado fórma filões possantes no lado occidental da ser-

ra de Mocana, districto de Aveiro. Estes filões seguem parallelamente os quartzites, a travez das localidades conhecidas debaixo do nome de Santiago de Ribeira, Cabeça dos Mouros, Ferrarias de S. Luiz, até ao encontro da ribeira Caima.

Na provincia do Alemtejo o ferro carbonato é muito frequente, quer na região granitica, quer entre os schistos Este mineral fórma n'esta provincia filões muito possantes, as mais das vezes associados aos mineraes de cobre, aos quaes serve de ganga.

Mineraes de cobre

São numerosos em todo o paiz.

Granitos e Porphyros

Os granitos communs muito feldspathicos da parte central do Alemtejo, limitados a uma parte do districto de Evora, entre a serra d'Ossa, serra de Portel, serra de Vianna, e serra de S. Thiago do Escurial conteem numerosos filões de cobre. Todos seus filões pertencem ao mesmo systema: teem direcções, que oscillam entre N. E.—S. O. e E. O.

A uniformidade de structura e de composição de todos filões d'esta região é um facto constante e um caracter geral. O ferro carbonato em grande quantidade, o quartzo e o spatho calcareo são as gangas habituaes dos mineraes representados por pyrites de cobre, por sulfuretos mais ou menos puros, por oxydos e carbonatos.

Algumas vezes o ferro carbonatado encontra-se decomposto e reduzido ao estado oxydo hydratado servindo de ganga aos mineraes os mais ricos, entre os quaes não é raro encontrar o cobre metallico.

Todos os filões, que se reconhecem n'esta região, foram explorados pelos romanos, se bem que superficialmente.

O seu numero é mui consideravel, mas actualmente (1867) apenas ha 7 concessões, das quaes apenas 5 estão sendo exploradas.

Minas de Pecenda e Commenda —Estão situadas perto da aldeia de Monte de Trigo, e pertencem á Companhia Transtagana. O ferro carbonatado é aqui a ganga predominante, porem o quartzo e o petro silex acompanham com esta substancia o cobre, o oxydulo de cobre, e cobre carbonatado, e o cobre nativo.

Os trabalhos começaram ha 2 annos, e estão em 52 metros de profundidade.

Minas de Sobral e Alpedreira.—O filão comprehendido nas 2 concessões d'Alpedreira e Sobral, pertencente á mesma Companhia afflora sobre uma extensão de 4 kilometros.

Mina d'Alcalá e Atcalaim.—No Alemtejo. Na profundidade de 20 metros abaixo da galeria d'esgoto encontrou-se um filão possante de $1^{m},5$

a 2 metros, formado por carbonato de ferro, spath calcareo misturados com quartzo, servindo de gangas á pyrite de cobre.

Mina de S. Manços.—18 kilometros ao S. d'Evora. O filão é muito possante.

Minas de Xerez e Barca. Na margem direita do Guadiana, no concelho de Reguengos. O filão parece ter uma grande possança.

Schistos christallinos

Mina de Bugalho contem 3 filões bem determinados, dos quaes o principal attinge algumas vezes a possança de 6 metros. É formado por carbonatos de ferro, quartzo, argilas brancas talcosas, e oxydos hydratados de ferro, etc.

Mina d'Azambugeira.

«Vamos agora apresentar o exemplo de uma companhia, formada recentemente, que se destina a promover a exploração e subsequente lavra de uma determinada mina. Teremos occasião de tomar nota de algumas circumstancias, de diversa natureza, que interessa estudar — na especialidade que nos occupa.

Queremos fallar da *Companhia de mineração d'Azambujeira*.—e tomaremos como guia do nosso estudo o Relatorio, que a respectiva Direcção apresentou á assembléa geral em 17 de setembro ultimo.

—Situação da mina: 4.º districto mineiro: districto administrativo de Evora; concelho do Alandroal, herdade da Azambujeira, freguezia de S. Braz.

Qualidade do mineral:—Cobre.

Concessionario:—Frederico de Lima Mayer, declarado descobridor legal pela portaria de 29 de Dezembro de 1865, obteve concessão provisoria pela portaria de 15 de maio de 1866.

—Está hoje constituida uma companhia, com a denominação, que já dissemos, de Companhia de mineração d'Azambujeira, da qual foram approvados os estatutos pelo decreto de 30 de julho do corrente anno de 1866. (Diario de Lisboa n.º 182 de 14 de agosto de 1866).

—Vejamos os artigos d'esses estatutos, que mais fazem ao nosso proposito, e se referem á séde, capital e fins da companhia.

Artigo 1.º É instituida em Lisboa uma companhia anonyma com a denominação de «Companhia de mineração da Azambujeira »

Art. 2.º A séde commercial d'esta companhia será em Lisboa.

Art. 3.º A sua duração será por tempo indeterminado.

Art. 4.º O capital social é de 150:000$000 réis, representado por 3:000 acções do valor nominal de 50$000 réis cada uma, das quaes 1:000, integralmente pagas (aliaz beneficiarias), serão entregues á extincta parceria pesquisadora da dita mina, na conformidade da escriptura

de 24 de março de 1866, pela qual os socios da sobredita parceria fizeram cessão da mina. As restantes 2:000 acções são pagantes, e já estão tomadas pelos fundadores d'esta companhia.

§ unico. Haverá titulos de 5, de 10, e de 20 acções,

Art. 5.° O fim principal da companhia é a lavra, extracção e venda do mineral da mina da Azambujeira, concelho do Alandroal, districto de Evora.

—Em virtude de um artigo transitorio (46.°) dos estatutos, a primeira direcção ha de durar tres annos, salvo a revogabilidade; e foram logo eleitos para ella pelos socios fundadores os srs. marquez de Sousa Holstein, Thomaz Creswell, Eduardo Henrique Meuron, e Henrique Cornelino Hulsembos.

Este ultimo será o gerente nos tres indicados annos: e não é tão pouco importante a sua especial attribuição, que não contenha os seguintes objectos:

1.° executar e fazer executar as resoluções da direcção;

2.° dirigir os trabalhos de contabilidade, correspondencia e expediente;

3.° fiscalisar a administração, escripturação e contabilidade de todos os trabalhos da mina;

4.° comprar os materiaes para a lavra e edificações:

5.° Expedir e vender minerio;

6.° assignar a correspondencia.

Segundo vejo da escriptura de 10 de julho de 1866, o sr. Henrique Cornelino Hulsembos é consul geral dos Paizes Baixos.

—Nos termos de outro artigo transitorio (47.°), e estando constituida a companhia, reuniu-se a assembléa geral em 17 de setembro do corrente anno, e a direcção lhe apresentou o seu primeiro relatorio.—A assembléa geral era chamada a instaurar definitivamente a companhia, e a completar a sua administração, elegendo a mesa, o conselho fiscal, e os supplentes da direcção.

—Vejo por esse relatorio que os trabalhos da mina não foram interrompidos—antes progrediram com vigor, e se encetaram outros, ainda nos mezes, que decorreram entre a cessão da mina e a approvação dos estatutos. Para custear essas despezas entraram os fundadores com cinco contos de réis: e, porquanto fosse insufficiente essa somma, indispensavel se tornou que os directores supprissem com os seus proprios recursos as exigencias do desenvolvimento dos trabalhos.

O engenheiro da parceria, o sr. Frederico de Lima Mayer, foi confirmado no logar de engenheiro da nova companhia:—tambem foi nomeado engenheiro da mesma mina o sr. Henrique Temple Ellicott.

Se, como vimos, a parte administrativa e commercial está assegurada pelo serviço de um gerente, da confiança dos fundadores — é tambem certo que tem a importancia da natural prioridade a direcção technica dos trabalhos de exploração e lavra.

Os dois mencionados engenheiros elaboraram, em data do 1.º de setembro do corrente anno, um relatorio (que acompanha o da direcção) sobre o desenvolvimento successivo dos trabalhos.

Por este relatorio especial vejo que os trabalhos na mina da Azambujeira principiaram no mez de julho de 1865, e eram encaminhados a pesquisar, se o filão cuprifero, do qual apenas se conhecia o affloramento, poderia fundamentar uma exploração em ponto grande. Os resultados foram esperançosos.

Indicando esses resultados, exemplifica os o relatorio com os descubrimentos feitos na galeria, honrosamente denominada «Humboldt», e nos poços do Valle e de Santa Barbara. Na galeria descobriu-se uma região pyritosa abundante: o 1.º poço offereceu uma região sulphurosa, muito rica, n'um filão de possança consideravel, o 2.º poço apresentou ainda o filão com caracteres analogos ao do Valle, e possança não inferior.

«Obtidos estes resultados, diz o relatorio, podia-se concluir com grande probabilidade a importancia do jazigo cuprifero da Azambujeira, e a conveniencia de pensar desde logo nos trabalhos de exploração, ao mesmo tempo que continuavam ainda algumas pesquisas para melhor garantir o bom emprego dos capitaes.»

O relatorio especial dá noticia da extensão e desenvolvimento dos trabalhos até 31 de abril do corrente anno, e do adiantamento que tiveram depois d'aquella época. Apresenta, em seguimento, algumas generalidades sobre o jazigo da Azambujeira, que habilitam os dois engenheiros a terem na conta de admissivel a seguinte hypothese, a saber:

=Que o jazigo se compõe de dois filões distinctos e de edade differente, o filão Humboldt pyritoso, e o filão do Valle sulphuroso.

=Que na região do poço de Candelária, estes dois filões marcham a par um do outro, de um e de outro lado de um dique porphyrico, que os separa.

=Que o filão pyritoso é o mais antigo, e que a formação e *remplissage* da segunda fenda é que deu causa, pelas fortes pressões, que deveu exercer sobre elle, ao estado de trituração, em que alli encontramos os minerios e gangas, e salbandas.

—Não acompanharei o relatorio especial na parte, em que trata do arranco, e estado de cada trabalho em particular: essas miudezas, essencialmente technicas, nem são da minha alçada, nem poderiam prender a attenção do geral dos leitores.

O que muito me captivou n'este relatorio foi o enunciado dos dois engenheiros relatores, respectivo á marcha que pretendem seguir na exploração da mina, inspirados pelo judicioso pensamento de que «o melhor projecto é aquelle, que com economia, póde vencer todas as difficuldades.»

É louvavel, e reveladora da mais nobre docilidade, a disposição em que dizem estar de se guiarem pelos conselhos do sr. João Maria Leitão,

no que toca ao systema geral de extracção, rolagem, transporte, e preparação mechanica.

A este respeito cumpre dar uma breve explicação.

A direcção, desejando esclarecer-se cabalmente sobre os diversos e tão graves problemas, que o explorador de minas deve estudar, teve a feliz inspiração de pedir o parecer do sr. João Maria Leitão, inspector geral das minas do reino. O sr. Leitão prestou-se a visitar e examinar a mina juntamente com os engenheiros da companhia, e dirigiu depois á direcção uma carta, que foi tambem publicada com o relatorio.

A essa visita alludem os engenheiros da companhia, dizendo:=«Todas as novas determinações, que se tomaram, tanto sobre a installação da exploração, como sobre o seguimento das pesquisas, foram submettidas á sabia apreciação do inspector geral das minas do reino, e por este senhor approvadas. Este alto funccionario visitou a mina, e examinou o estado dos trabalhos em maio do corrente anno.

—Na carta que o sr. João Maria Leitão dirigiu á direcção, em data de 19 de julho ultimo, encontro esta apreciação,—a qual, sobre ser authorisada, como de quem é, tem o cunho de uma prudencia, que a companhia deve prezar infinitamente: = «Os descobrimentos feitos até hoje n'esta mina, diz o sr. Leitão, comquanto sejam a meu ver muito importantes, não me parece constituirem por ora uma certeza completa, e convem muito empregar o capital principalmente nos trabalhos de exploração do jazigo, que são ao mesmo tempo preparatorios para a lavra propriamente dita.»

O sr. Leitão apresenta depois a sua opinião franca e clara sobre o que mais convem fazer no estado actual da mina da Azambujeira.

—A direcção, em perfeita harmonia com os seus engenheiros, declara que das obras indicadas pelo sr. Leitão, umas já foram principiadas, e a outras ia dar-se principio; que estava a concluir-se o plano geral da collocação das machinas, havendo já recebido informações de bons fabricantes, e que, finalmente, um dos engenheiros da companhia estava prestes a partir, com o fim de assistir á construcção e remessa dos apparelhos que a direcção encommendasse — os quaes, provavelmente, poderiam ser postos em acção na proxima primavera.

Tambem a direcção declara ter resolvido dar pressa ao estabelecimento da preparação mechanica, por isso que o minerio, tal como fosse extrahido, não daria tanto lucro de exportação, como o mineral preparado. —Egualmente promette estudar a importante questão dos transportes, procurando conciliar as maiores conveniencias com a maior economia, e cuidou já de preparar o serviço da exportação para quando chegar a opportunidade.

—O local da mina, quando principiaram os trabalhos da pesquisa, era inteiramente despovoado, já hoje, porem, está convertido em uma aldeia com mais de trezentos habitantes.

—Ha no relatorio da direcção um paragrapho, que merece ser reproduzido na sua integra, porque encerra principios geraes muito acceitaveis, e deixa entrever a probabilidade de um prospero futuro para a companhia.

=Na exploração de minas requer se, a par da intelligencia e de muita actividade, que não escasseiem os capitaes. Sem esta condição não póde a lavra ser fructifera. É mister haver constancia em desembolsar, para se colherem d'aquella industria os avultados lucros, que ella póde produzir. O excellente aspecto, que apresenta a Azambujeira, o estado dos trabalhos, a facilidade com que a maior parte d'elles tem sido feita até hoje, e a severa economia que a direcção e os engenheiros se esforçam por manter, levam nos a esperar que, se não mudarem as circumstancias, talvez metade do capital social, aproximadamente, seja sufficiente para pôr a mina em plena actividade, exportar mineral e repartir dividendo.

—Apresentei o exemplo da formação de uma empreze seria, destinada á exploração e lavra de uma, ao que parece, esperançosa mina; e por esta occasião tomei nota de factos, principios e advertencias, que n'este importante assumpto convinha estudar.

Lisboa, 22 de novembro de 1866.

José Silvestre Ribeiro.

Mina da Mostardeira. — Está comprehendida na região schistosa e a 5 kilometros ao sul de Extremoz, e em exploração activa desde 1863.

Estão alli constantemente empregadas 150 pessoas.

Já se chegou á profundidade de 74 metros.

O filão principal coroa a collina da Mostardeira com uma possança de 3 metros, composta de quartzo, e de oxydos hydratados de ferro.

O sr. Francisco Chamiço é o explorador d'esta mina.

Minas de cobre em Palhal, Telhadella, e Moinho de Pintor no destricto de Aveiro. Parecem pertencer á ramificação da grande fractura, que segue quasi invariavelmente da margem do Vouga até Caldas de S. George.

O filão attinge algumas vezes a possança de 30 metros, contendo algumas substancias metalliferas entre as quaes abundam as pyrites de ferro e o mispickel.

Mina de Palhal.—O jazigo abrange 4 filões de cobre de 1 metro de possança media cada um.

Esta interessante mina tem sido explorada activamente desde 1854 pela Companhia Lusitana de Aveiro.

Emprega perto de 500 pessoas, e está-se nos 250 metros de profundidade. (Isto refere-se ao anno de 1867).

Os mineraes embarcam em Aveiro com destino á Inglaterra.

A exportação d'estes mineraes foi nas seguintes quantidades:

1860	——	1035	toneladas
1861	——	1061	»
1862	——	1327	»
1863	——	1181	»
1864	——	1595	»
1865	——	1304	»
1866	——	1126	»

Mina de Telhadella, Está na margem do rio Caima. É tambem de cobre. Pertence á Companhia de Mineração de Telhadella.

Mina do Moinho do Pintor. É do mesmo mineral.

Terrenos paleozoicos

Mina de S. Domingos

A mina de cobre de S. Domingos é um exemplo notavel, que deve estar diante da consideração dos portuguezes, que se consagram, ou podem consagrar, ás empresas da industria mineira.

A mais de um leitor lembraria que a natureza forneceu aos empresarios d'aquella mina um grande auxilio, pondo á sua disposição o rio Guadiana. Assim é, na verdade: mas cumpre ponderar que a difficuldade consistia em aproveitar essa arteria fluvial, e tirar d'ella todo o proveito possivel, a difficuldade estava em construir obras de arte, e em fazer uso de todos os recursos da pericia humana, para utilisar esse elemento, verdadeiramente precioso.

A empresa arcou com essas difficuldades, e de todo o ponto as venceu, conseguindo afinal dar animação e vida a um rio, onde até 1859 se ouvia apenas o som compassado e monotono dos remos de algum batel.

Quem produziu essa animação e vida? A actividade humana, favorecida pela abundancia de capitaes, illustrada pela sciencia, guiada pela pratica, presidida pela prudencia, e encaminhada pelo zelo de uma administração discreta.

E aqui vem a proposito recolher estas expressões de nobre orgulho, que devem acordar os nossos brios, e desafiar a nossa muito desvelada imitação: — «A mina de S. Domingos tem hoje um logar importante entre os primeiros estabelecimentos mineiros da Europa — posição conquistada á custa de um capital avultado, sob a egide de uma administração prudente e de uma acertada direcção technica. É com estes elementos que se tem sabido aproveitar todas as condições naturaes, que a posição e natureza do jazigo offerecem.»

Isto, no que respeita aos trabalhos de exploração e lavra. No que é relativo á gerencia, ao movimento industrial, e ás operações commerciaes da empresa, encerram um avisado conselho as seguintes clausulas: —E por este modo James Mason, engenheiro e director da empresa em Portugal, e F. T. Barry, director commercial em Londres, teem conseguido collocar a mina de S. Domingos na vanguarda de todas as suas congeneres da provincia de Huelva em Hespanha, dominando completamente o mercado inglez, o verdadeiro mercado do mundo, d'onde afastam todos os concorrentes, que não podem medir-se em forças productivas com a mina de S. Domingos.»

—Quando em 1863 o engenheiro inglez, o sr. John L. O'Sullivan, elaborou o seu relatorio sobre as concessões do sr. Croft no districto de Leiria, teve por conveniente apresentar como estimulo para a nova empresa a S. Domingos, dizendo: — Talvez sirva de estimulo para dar vigor a negocios solidos e importantes, o mencionar que as minas de S. Domingos de sulphuretos de cobre no sul de Portugal, perto do rio Guadiana, teem estado em exploração apenas ha tres annos a esta parte, por capitaes inglezes e por uma intelligente direcção, e os seus carregamentos annuaes do minerio para Inglaterra contam-se aos centos. Calcula-se que o numero de pessoas alli empregadas anda por 2:000, ao passo que o rio Guadiana, por muito tempo estranho a tal vista, abunda agora em navios inglezes.»

Relativamente ao calculo do numero de pessoas empregadas na mina, cumpre-me dizer, em presença do extracto da memoria já citada, que a administração, os trabalhos subterraneos e da superficie, as differentes officinas, o caminho de ferro, e o serviço do Porto do Pomarão,— occuparam em 1865 perto de 900 pessoas.—Quando, porem, se andava lidando na feitura do caminho de ferro, subiu o numero das pessoas empregadas a 5.000.

— Se as minas, por mil circumstancias, espalham em torno de si a prosperidade e a civilisação — é certo que não tem bastante força essa industria admiravel para extinguir as ruins paixões e pôr um freio aos instinctos vingativos e ferozes das turbas ainda—pela maior parte—tão rudes e grosseiras.

Haja vista ao que succedeu nas minas do Braçal e Coval da Mó, em 1862.

Tambem na mina de S. Domingos occorreu já no anno de 1865, uma tumultuaria tentativa de aggressão, da parte dos operarios e trabalhadores, que parecia tender a attentar contra a vida e propriedade dos que dirigiam a empresa da mesma mina.

Nestes pontos tão melindrosos é indispensavel citar testemunhos authorisados, e por certo nenhum o é mais do que o do governador civil do districto a que pertence a mina de S. Domingos.—Pois bem, em 3 de agosto do corrente anno de 1866 dizia a primeira authoridade administrativa do districto de Beja á respectiva junta geral o seguinte:

—A tranquillidade publica, desde a vossa ultima reunião ordinaria não foi alterada no districto, apenas na mina de S. Domingos no concelho de Mertola, houve, faz hoje um anno, uma grande sedição de operarios e trabalhadores, no numero de tresentos, talvez contra os que dirigiam a empresa da mina, propondo-se os desordeiros e mal intencionados a attentar contra a sua vida e propriedade. Felizmente não houve desgraças a lamentar, tão promptas foram as instrucções, que dei ao respectivo administrador, como energicas as providencias por elle adoptadas. Este facto deu causa á collocação de uma força militar permanente em S. Domingos, requisição que fiz e obtive do governo de Sua Magestade.

A presença d'esta força na mina de S. Domingos assegura-me que se não repetirão factos de similhante natureza. Os cabeças da sedição foram entregues ao poder judicial.

Offerece-se-me agora a occasião de fazer sentir a importancia da fiscalisação, que o governo excita sobre a lavra das minas, ainda quando essa lavra está confiada a emprezas bem conceituadas, e bem servidas na parte technica.

A portaria de 28 de fevereiro do corrente anno, relativa á mina de S. Domingos, que temos estado a encarecer, vae mostrar-nos que uma tal fiscalisação, excitada—da parte do governo por pessoas technicas, é um excellente elemento de boa administração,— e tambem nos mostrará o quanto essa mesma fiscalisação deve, pela natureza das cousas ser severa e alheia a todo o genero de contemplações.

«Seguiremos passo a passo o conteúdo da indicada portaria, afim de que não nos escape uma só circumstancia de quantas é indispensavel tomar nota n'esta especialidade. «Sed magis amica veritas.»

O engenheiro gerente da mina de cobre de S. Domingos submetteu á approvação do governo, como é de lei, as plantas, cortes e projectos relativos aos trabalhos da respectiva lavra. O governo, tendo ouvido o engenheiro do respectivo districto mineiro, significou ao engenheiro gerente que, se as determinações da portaria de 17 de janeiro de 1861, que approvára o anterior projecto de lavra, tivessem sido rigorosamente observadas, e se não houvessem sido abertas—no andar dos 12 metros abaixo da galeria de esgoto — tão vastas escavações, como de feito se abriram; tudo teria corrido melhor.

A observancia da 3.ª disposição da portaria, relativa ao futuro aproveitamento de todo o minerio do indicado andar de 12 metros, teria sido a mais regular, a mais segura e a mais economica para a empresa, se outras razões, que o relatorio occulta, não tivessem levado a empreza a pedir uma alteração no primitivo projecto.

Reconhecendo, porem, o governo que as exigencias do mercado impõem á empreza a necessidade de se empenhar em uma lavra muito mais desenvolvida do que aquella, que até hoje tem tido esta mina — o que

torna indispensavel modificar o primitivo projecto approvado pela mencionada portaria, e aproveitar-se desde já das reservas do andar de 12 metros: approvou o projecto de lavra, com as seguintes condições: 1.ª não abandonar os massiços de minerio para sustentar entulhos: 2.ª que os entulhos sejam de boa qualidade: 3.ª que a execução das differentes partes d'este projecto fica sujeita ao que o governo, ou os seus agentes technicos determinarem, no que respeita á segurança dos trabalhos e dos individuos, e á necessaria observancia das regras da arte.

—A commissão nomeada em 22 de maio de 1865, composta dos engenheiros, os srs. J. M. Leitão, J. A. C. das Neves Cabral, e C. Kopke da Fonseca, encarregada de examinar as minas de S. João do Deserto e dos Algares (no concelho de Áljustrel, districto de Beja)—essa commissão, á qual ninguem poderia negar a competencia technica, apresentou em 27 de julho do mesmo anno de 1865 ao governo o resultado do seu exame.

No relatorio d'essa commissão encontro, logo no principio, uma apreciação, relativa á mina de S. Domingos (concelho de Mertola, districto de Beja), que muito faz ao meu proposito, pois que é esta a mina que vae offerecer-nos materia de estudo.

A commissão começa por dizer que a mina de cobre de Aljustrel pertence á grande formação metallifera que tem por typo a celebre mina de Rio Tinto, em Hespanha, de todas a mais notavel por muitos titulos, — e acrescenta logo: — «Considerada, porêm, debaixo de um ponto de vista puramente industrial, a mina dirigida pelo governo hespanhol está sendo eclipsada pela de S. Domingos, que a todas se avantaja na producção. Esta preponderancia, que a posição topographica não explica, porque outras minas ha quasi tão bem situadas, e muito menos o volume e a riqueza do jazigo, deve-se unicamente á abundancia dos capitaes, poderosamente secundados pelos conhecimentos technicos, e pela habilidade commercial.»

Dum mappa derivamos as seguintes indicações relativas á muito importante mina de S. Domingos.

Situação. 4.º districto mineiro (Alemtejo), districto administrativo de Beja, concelho de Mertola, serra de S. Domingos, freguezia de Santa Anna de Cambas.

Qualidade do mineral, cobre.

Concessionarios. Ernesto Deligny, Luiz de Cases, Duc de Glucksbierg, e Eugenio Ducle.

Concessão. Decreto de 12 de janeiro de 1859.

—Do decreto de 12 de janeiro de 1859, que tenho á vista, derivo as noticias relativas á historia da concessão d'esta mina, e á sua demarcação.

Pela portaria de 22 de maio de 1858 obtiveram os requerentes a concessão provisoria d'esta mina, apresentaram depois a planta, em que

foi indicado o plano geral da lavra, proposeram o engenheiro James Mason, o qual foi reconhecido como habilitado para, segundo as regras da arte, dirigir os competentes trabalhos.=Satisfazendo, a final, os requerentes á lei, foram julgados habeis para a concessão difinitiva, — e de feito, pelo citado decreto de 12 de janeiro de 1859, se lhes concedeu por tempo illimitado a propriedade da mina.— O terreno indicado na planta—que acompanhava o mesmo decreto.—é limitado pelas linhas rectas, que unem os seis seguintes pontos: Serro do Pego da Sarna, Serro do Valle de Cambas, Cabeço dos Bicados, Alto dos Bicados, Alto do Valle da Matta, e signal da herdade da Careta, constituindo um polygono de seis lados, que abrange a área de 399.000 metros quadrados.

No que respeita á natureza do mineral extrahido, formulo indicações especificadas, em presença do extracto da Memoria que citei no artigo antecedente, e que neste artigo aproveitarei com maior larguesa.

O indicado subsidio apresenta a seguinte informação.— O jazigo metalifero, cujos affloramentos ahi são distinctos, consiste em uma massa compacta de pyrite de ferro cuprifero, com percentagem variavel de cobre, mas a que se póde attribuir o teor medio de 3 por cento, contendo alem d'isso enxofre na proporção de 49 a 50 por cento. Esta massa pyritosa tem proximamente 500 metros de comprimento e 60 metros de possança media.—O notavel relatorio do sr. João Maria Leitão, de 22 de setembro de 1860, contém, n'este particular, os mais miudos e exactos esclarecimentos.

—Guiando-me, no que respeita a factos, pelo indicado subsidio, vou agora offerecer á consideração dos leitores um quadro, que lhes ha de mostrar o quanto de animação e vida, o quanto de verdadeira civilisação pode crear e alimentar em torno de si, e ainda ao longe, a lavra de uma mina rica, quando explorada nos devidos termos, e administrada com intelligencia e zelo.

A mina de cobre de S. Domingos é precisamente aquella, que vae apresentar-nos esse quadro, não só em volta de si, senão tambem ao longo do Guadiana até á barra de Villa Real de Santo Antonio.

Nos fins do anno de 1858 via-se apenas na encosta da serra a ermidinha de S. Domingos, rodeada de terrenos aridos, adustos, — de um deserto çafaro e melancolico.

No anno de 1865 (contraste admiravel!) existia já alli uma povoação com 300 fogos, com uma bella igreja, casa para escola, hospital, palacete da empresa, laboratorio, sala de desenho, theatro, casa de philarmonica, casa de recreio com billhar e gabinete de leitura, hotel, e officinas para todos os serviços.

Veja-se agora a rasão com que assignalámos no artigo 2.º a benefica influencia que os sabedores attribuem á industria mineira, nas seguintes expressões: a civilisação que derramam os estabelecimentos mineiros, a prosperidade, que desenvolvem nos sitios onde se localisam.

Essa povoação, esses edificios ergueram-se da terra, como que magicamente, no curto espaço de seis annos, e tomaram assento em volta das escavações antigas, alinhadas ao longo da crista da serra.

Vinha aqui a pêlo fallar de antiguidades de Mertola, da «Mertilis Julia» dos romanos, e dizer alguma cousa dos trabalhos de exploração e lavra das remotas eras: mas não me sobeja tempo, para me desviar do meu intento, que se restringe ás cousas da actualidade. (No que respeita á profundidade provavel e extensão dos trabalhos antigos, veja-se o relatorio do sr. João Maria Leitão, de 22 de setembro de 1860.)

A mina de S. Domingos necessitava impreterivelmente de communicar-se com um porto de embarque no rio Guadiana, — poisque debalde se desentranham da terra os mais ricos mineraes, se não é possivel, se não é commodo dar-lhes extracção e apropriado destino. — Não havia caminho, não havia porto; tudo foi indispensavel fazer, e tudo se fez. Um caminho de ferro communica hoje a mina com o porto de Pomarão, — e com tal arte foram feitos os trabalhos, por extremo difficeis, e com tal ordem é regulado o serviço, que os wagons vem directamente descarregar o mineral nos porões dos navios.

Esse porto de Pomarão, que a empresa abriu, tomou tal importancia, que já o governo mandou alli estabelecer uma estação telegraphica e uma delegação da alfandega, de primeira classe, na qual são registados os navios e pagos os direitos de importação e exportação. (Relativamente á linha telegraphica, veja o decreto de 20 de outubro de 1865.)[1]

---

[1] Pela primeira vez de que haja noticia, as aguas do Guadiana até o porto do Pomarão foram sulcadas, no dia 6 do corrente outubro, por um navio de guerra de S. M. Britannica.

O contra-almirante Prevost, estacionado em Gibraltar, o sr. T. F. Reade, consul inglez em Andaluzia, e o commandante J. C. Smail da canhoneira a vapor *Wizard*, conduzidos n'este navio, vieram, conforme instrucções que tinham recebido do governo britannico, visitar os portos de Huelva no reino visinho e do Pomarão. As consideraveis exportações de minerios das minas de Tharsis e de S. Domingos para Inglaterra, e a consequente avultada navegação em bandeira ingleza, teem chamado a attenção do respectivo governo, e este commissionou os cavalheiros supracitados para visitarem esses estabelecimentos, e darem depois o seu relatorio sobre a importancia dos interesses de seus nacionaes ahi investidos, e até que ponto qualquer d'elles teria occasião para a intervenção protectora da bandeira ingleza nas relações das emprezas, quer com os naturaes do paiz, quer com os capitães das embarcações inglezas em tão grande numero fretadas. O estado agitado do reino visinho, mais particularmente, parece ter suggerido esta idéa ao governo de S. M. Britannica, sempre solicito na protecção dos interesses e bem estar

Mas vejamos se ha alguns elementos estatiscos, que nos permittam apreciar, com precisão a importancia d'esse porto, e ao mesmo tempo ajuizar do valor e riqueza da mina.

Eis aqui as indicações, que o citado extracto nos fornece.=Foi de 563 o numero de navios, que durante o anno de 1864 receberam carga do Pomarão, para a transportarem a diversos portos da Grã-Bretanha. A quantidade de mineral exportado n'esses navios foi de toneladas inglezas 123:000, de 1:016 kilogrammas.—A primeira carregação de mineral da mina de S. Domingos effectuou-se em 23 de março de 1859, e no periodo que decorreu até 31 de dezembro ultimo (1864) a exportação total tem sido de 400:000 toneladas.=

Ao ouvirmos esta consideravel exportação de mineral—já effeituada —e á qual havemos de accrescentar a que se effeituou no anno de 1865 e nos dez mezes do corrente... como que poderiamos receiar, que a mina esteja esgotada, ou mui proxima de se extinguir. Mas desde logo vem dissipar esses receios a seguinte indicação, muito de ponderar:=Esta enorme quantidade de mineral representa todavia uma pequena fracção do que

---

dos seus subditos em todos os pontos do globo, desde o Pei-ho até o La Plata, e desde a bahia de Hudson até os cercos da Abyssinia.

Chegou pois á barra de Villa-Real de Santo Antonio, e subiu immediatamente pelo Guadiana acima até o porto de Pomarão a canhoneira ingleza a vapor *Wizard*, cujo armamento consiste em um rodizio raiado Armstrong de calibre 40, e que por demandar sómente 9 pés de agua na quilha, torna-se apropriada para a navegação dos rios. O contra-almirante Prevost e mais cavalheiros foram recebidos, em Pomarão por diversos empregados em nome do sr. visconde Mason de S. Domingos, director gerente da empreza e residente em Inglaterra, conduzidos á mina de S. Domingos, e convenientemente hospedados no palacete da direcção. Visitaram no dia seguinte os trabalhos subterraneos e á superficie, mostrando-se vivamente satisfeitos da importancia e magnitude do estabelecimento, da maneira hospitaleira e attenciosa com que tinham sido tratados, e da perfeita cordealidade e harmonia que entre portuguezes e inglezes existe em todos os ramos e em todas as partes do serviço d'essa empreza.

Retiraram-se no dia seguinte, por ser limitado o tempo que podiam dedicar a esta visita e foram acompanhados até o Pomarão e a bordo do seu navio por varios empregados superiores, inglezes e portuguezes, sendo estes ahi tão cordealmente recebidos quando os hospedes do sr. visconde Mason o tinham sido em nome d'elle na mina de S. Domingos, separando-se pouco depois uns dos outros com expressões de mutua estima e saudade.

Jornal do Commercio.

a massa metallifera da mina de S. Domingos póde fornecer. Só a quantidade de mineral contido ainda na parte da massa acima do pizo ou andar de 52 metros, póde calcular-se em 6 a 8 milhões de toneladas, o que dá para um consumo annual de 200:000 toneladas de pyrites, durante o largo periodo de 30 a 40 annos.=

Repare-se agora bem na seguinte circumstancia. Pyrites ha, tão pobres em cobre, que não podem ser objecto de exportação; e, sendo assim grande viria a ser a perda, resultante da esterelidade de um trabalho tão dispendioso como é o da lavra.—Assim parece; mas a industria humana, aprimorado como está hoje, tem remedio efficaz para aproveitar tudo quanto é essencialmente aproveitavel, e para tornar productivo o que das mãos da natureza parece trazer o cunho da inutilidade.—Em um local apropriado, junto do caminho de ferro, tratou-se de alevantar «um vasto estabelecimento, onde hão de ser calcinados, triturados e tratados pelo processo da cementação as pyrites, cuja pobreza em cobre não permitta a sua exportação para os mercados extrangeiros.»

No relatorio, que acima citámos, da commissão encarregada de examinar a mina de Aljustrel, podem os leitores ver alguns pormenores interessantes ácerca dos inconvenientes do processo antigo de cementação. Esses inconvenientes eram nada menos, que os de disperdicio de tempo, de dinheiro, e de cobre. O tempo tem trazido progressos a esse processo metallurgico;—e eu vejo, pelo indicado relatorio, que o director da mina de S. Domingos tem adoptado esses progressos, e conseguido bons resultados das innovações introduzidas. Veja n'esse interessante relatorio o capitulo=*Cementação.*

—Demoremo-nos agora um pouco em considerar os sacrificios, que a empresa da mina de S. Domingos tem feito para poder chegar á situação, em que ora a vemos, e para se habilitar talvez a maiores prosperidades.

No citado extracto orçava-se em 300:000 libras, proximamente o capital dispendido no estabelecimento de S. Domingos e seus accessorios. Todo esse capital está immobilisado e representado pelas numerosas edificações levantadas na serra de S. Domingos, e pelos demais trabalhos effeituados.

A empresa não recuou diante das consideraveis despezas, que era necessario fazer, e embora só mais tarde podessem vir a ser productivas. Penetrada da convicção—trivial e de simples senso commum, sim, mas sempre acceitavel, e sempre util—de que, *quem quer os fins deve querer os meios*,—não hesitou em preparar os futuros lucros, á custa de enormes dispendios,

Afóra edificações de variada natureza,—fez um caminho de ferro na extensão de 18 kilometros,—abriu um porto de embarque, com um excellente caes,—e mantém constantemente nas aguas do Guadiana um vapor, entre o Pomarão e a barra de Villa Real de Santo Antonio, para rebocar os navios de vela, quando não tem vento de feição.

—Certamente todas as avultadas despesas d'esta mina persuppõem a *abundancia de capitaes;* mas, note-se bem, esse elemento seria insufficiente, e ficaria esteril, se o não fizessem fructificar os *conhecimentos technicos* e a *habilidade commercial*, que a empresa tem tido, digamol-o assim, ao seu serviço, e tão proveitosamente empregado.

(Sr. José Silvestre Ribeiro, *Jornal do Commercio* de 1867.)

Quantidade do mineral exportado e numero dos navios:

Annos	kilogrammas	navios
1859	7.887:565	41
1860	36.892:109	163
1861	45.020:890	232
1862	56.344:720	290
1863	115.383:170	527
1864	124.975.935	563
1865	142.478:595	562
1866	167.028:402	544

Mina de Aljustrel

«As minas de cobre de S. João do Deserto e dos Algares, do concelho de Aljustrel, no districto administrativo de Beja, tinham sido concedidas a Sebastião de Gargamala, por decreto de 30 de abril de 1847.

Em 28 de maio de 1860, participou o engenheiro inspector de minas do 4.º districto, o sr. João Ferreira Braga, ao governador civil de Beja, que a lavra d'aquellas minas estava em absoluto estado de abandono havia perto de trez annos.

Pela inquirição de testemunhas, a que se procedeu na administração do concelho de Aljustrel, em 8 de julho do mesmo anno de 1860, verificou-se que, desde o mez de março de 1856, haviam cessado todos os trabalhos de exploração, retirando-se das minas o engenheiro e trabalhadores, que n'elles se empregavam.

N'estas circumstancias, entendeu-se que as minas de S. João do Deserto e Algares estavam precisamente sujeitas á comminação do artigo 35.º, n.º 4, do decreto com força de lei de 31 de dezembro de 1852: *ibi*—perde-se o direito... não tendo a mina constantemente em estado de lavra activa.

—Ora, o regulamento de 9 de dezembro de 1853, estabelece esta fórma de processo:

O governador civil, apenas lhe consta que um concessionario está incurso na indicada comminação, manda fazer registo no livro competente da declaração da perda do direito á concessão, e intimar o concessionario para que no termo de quinze dias allegue o que tiver por

conveniente: — sem perda, todavia, das deligencias e reconhecimentos que a authoridade julgar necessarios para certificar-se da verdade do facto.

No cabo dos quinze dias, com a contestação, ou sem ella, do concessionario, declara se tem logar, ou não, a perda da concessão. — Em caso affirmativo, o concessionario pode reclamar perante o conselho de districto.

—Acompanhando agora os factos, vê-se que o concessionario Sebastião de Gargamala, foi intimado para no praso de quinze dias allegar o que lhe conviesse oppôr ao julgamento de abandono das mencionadas minas. O intimado, porem, apenas declarou «no acto da intimação», que as mesmas minas pertenciam então a José Ferreira Pinto Bastos.

Declarou, pois, o governador civil abandonada a lavra das minas de S. João do Deserto e Algares, do concelho de Aljustrel, e perdidos todos os direitos que ás mesmas minas tinha o concessionario Sebastião Gargamala. (Alvará do governo civil de 14 de novembro de 1860.)»

Effectivamente a mina foi posta a concurso, e pertence á Companhia Transtagana.

É um dos mais importantes depositos metalliferos de Portugal.

Sr. José Silvestre Ribeiro no *Jornal do Commercio* de 1867.

O caminho de ferro em construcção de Beja ao Algarve não fica distante da mina mais que 6 kilometros: feito este ramal, as communicações entre esta mina e o Barreiro sobre o Tejo serão estabelecidas mediante a distancia de 150 kilometros.

Grandola

Situação da mina de Grandola—3.° districto mineiro: districto administrativo de Lisboa: concelho de Grandola; Serra da Caveira.

Qualidade do mineral.—Cobre.

Concessionario.—Ernesto Deligny.

Concessão.—Em 19 de maio de 1863.

—Vejamos o que consta do alvará da concessão. — Obteve o concessionario, pela portaria de 13 de outubro de 1862, a concessão provisoria: satisfez os preceitos da lei: foi reconhecido habilitado para dirigir elle proprio os trabalhos, e conseguiu a final a concessão, por tempo illimitado, da propriedade da mina, pelo alvará de 19 de maio de 1863.

A demarcação do terreno concedido, indicada na planta que acompanhava o alvará, é a seguinte: Um hexagono (ABCDEF), cujos vertices são: Cabeço da Aguia, Serrinho Comprido, Outeiros das Pedras, Serro do Alichós, Cabeço da Junta, — comprehendendo uma superficie de 1.300.000 metros quadrados.

Examinando attentamente esta demarcação, que o alvará me apresenta, vejo que é tal como a inculcou ao governo em 9 de dezembro de 1861 o então inspector de minas do 4.º districto e interino do 3.º, o sr. João Ferreira Braga, com a differença de marcar tambem o Cabeço fronteiro á Arca dos Mouros: ao qual se seguia o Cabeço da Junta, que figura tambem na demarcação de 1863.

Segundo a indicação do mesmo engenheiro, este jazigo dista da villa de Grandola 6 kilometros, no rumo de S. E., e acha-se nos ultimos contrafortes da grande cordilheira, que vem de Puebla (Hespanha) e atravessa todo o Alemtejo, denominados Serra da Caveira, Montes azues, ou Montes das minas de cobre.

—Guiando-me pelos relatorios de 1861, e pelo de 12 de março de 1864 do sr. F. A. de V. Pereira Cabral.—tenho ainda que apresentar algumas noticias a respeito da mina de Grandola.

—Em 2 de novembro de 1861 foi o senhor João Ferreira Braga encarregado de proceder ao reconhecimento da mina de cobre da Serra da Caveira, no concelho de Grandola, districto de Lisboa. — Em 9 de dezembro do mesmo anno apresentou o relatorio do reconhecimento, e na planta, que acompanhava o mesmo relatorio notou com a côr verde trez massas de cobre, que se encontravam na demarcação, que propunha para o descobrimento.

Para explicar a razão por que dava dimensões a massas que não estavam atravessadas por galerias, e por assim dizer ainda não tocadas entra em considerações scientificas e technicas, de que não me cabe tomar nota. Apenas observarei que por occasião de apontar as circumstancias, que lhe asseguravam a presença de massas de cobre, menciona o descobrimento de innumeravel quantidade de poços antigos, e de immensos escoriaes, talvez acima de 300:000 toneladas...

Pondo egualmente de parte as indicações technicas, relativas á exploração e á futura lavra da mina, tomarei nota do que o relatorio dizia ácerca das condições economicas da mesma.

«O valle de Guiso (trez kilometros acima de Alcacer do Sal), ponto em que o Sado é ainda navegavel, fica a 17 kilometros da Serra da Caveira: quasi todo este trajecto faz-se sobre as arenatas post-terciarias, terreno bem pouco accidentado, onde com extrema barateza se poderá construir um tramway.» —

Proseguindo na enumeração das condições economicas, observava o relatorio que no Sado fluctuam embarcações de grande lotação, —e que assim como a mina de S. Domingos deu animação e movimento ao Guadiana, assim a lavra da mina da serra da Caveira augmentaria a navegação do Sado. Ainda mais, o porto de Setubal é mui procurado pelos navios estrangeiros, e a proximidade do de Lisboa fará que os fretes para Inglaterra sejam mais moderados que no Pomarão.

Julgava serem favoraveis as condições da serra da Caveira para o

estabelecimento de officinas de preparação dos mineraes, e outras de reducção do cobre, e tinha como certo que da lavra d'esta mina devia nascer ao pé de Setubal, nas margens do Sado, uma nova industria bem importante e necessaria. Mandamos para Inglaterra grande quantidade de pyrites, e para outros paizes o sal marinho, e em troca importamos os preparados—ácido sulphurico, sulphato de ferro, sulphato e carbonato de soda, etc. Dado era, porém, esperar que um emprehendedor illustrado levantasse n'aquellas paragens uma grande fabrica de productos chimicos—que não só abastecessem o nosso mercado, senão tambem dessem possibilidade de exportação.

Acompanhava o relatorio um documento extraido dos registos da—camara municipal de Grandola, do qual constava que esta mina fôra—pedida por Antonio Varão no anno de 1623, e que, havendo fallecido este, requerera sua mulher a concessão—que effectivamente se effectuou no anno de 1625. Nada mais existe registrado na camara, — de sorte que de todo se ignora qual desenvolvimento tiveram as obras de exploração ou de lavra da mesma mina.

Em todo caso, os grandes trabalhos de mineração e de fundições, de que se encontram vestigios, são incontestavelmente de uma época muito mais remota, e assevera o relatorio haver todas as razões para crer que foram suspensos pela queda do imperio romano.

. . . . . .

—Em 12 de março de 1864 recebeu o governo uma informação sobre o estado dos trabalhos da mina de cobre da Serra da Caveira.

Já tinha sido classificado o jazigo cuprifero d'aquella serra, e declarava a Informação que as ulteriores investigações não deixavam a menor duvida sobre a sua inteira analogia com os grandes acervos de metaes sulphurados, em que predomina a pyrite, e se encontram encravados em schistos cristalinos, caracteristicos da zona metalifera, que da provincia de Huelva, em Hespanha, se estende pelo Alemtejo—onde já eram conhecidos outros jazigos da mesma natureza.

A Informação dava noticia dos trabalhos, que existiam feitos, quando foi apresentado o plano de lavra, e passava depois a descrever os trabalhos executados desde a approvação do indicado plano.

Não se podia ainda marcar limites definitivos ao acervo metalifero; mas havia muitos indicios de que muito maior vulto tinha do que a parte conhecida; e maiormente em attenção á inteira analogia do acervo com outros jazigos de extraordinaria possança,—e ás condições favoraveis da situação da mina. Assegurava-se, pois á mina de Grandola um futuro muito esperançoso; mas exprimia-se o desejo de que o desenvolvimento dos trabalhos corresse com alguma prestesa mais, harmonisando-se com as lisongeiras esperanças, que se concebiam: «sendo certo, dizia a Informação, que cada passo que se avança, conquista novas riquezas, que lá ficam ao abrigo de todo o risco, como penhor do capital despendido.»

Os trabalhos até então feitos mais podiam chamar-se de exploração, que de lavra: e era averiguado que outros muitos havia ainda que executar com o caracter de preparatorios, antes de poder a mina prestar-se a uma lavra regular, em harmonia com a naturesa e valor do jazigo.

Pondo de parte a indicação dos trabalhos já feitos, ou dos que ainda convinha fazer, interessa-nos saber qual percentagem se attribuia ao minerio em cobre na mina de Gramdola. A este respeito dizia a Informação que o teor, variavel de um para outro jazigo d'esta naturesa, está longe de ser identico em diversos pontos da mesma massa mineral: de modo que, para achar um que se aproxime do médio, é preciso fazer grande numero de ensaios de minerio, arrancados em multiplicados pontos.

Mas, emfim, apezar d'essa difficuldade, era indispensavel que a Informação contivesse algum elemento, que permitisse formar um certo juizo a tal respeito, quando não um juizo certo. E assim, dizia a informação:—A julgar-se, comtudo, pelos caracteres exteriores, que em jazigos identicos da mesma zona metalifera distinguem o minerio mais ou menos rico, não ha razão para considerar esta mina menos favorecida, que outras lavradas com muito proveito. Encontra-se, com effeito, alli o minerio de grão fino e de côr amarella clara, que costuma ter uma proporção notavel de pyrite cuprica; o de côr negra azulada exteriormente, e mesmo o minerio terroso de côr negra algumas vezes azulada, que na mina do Rio Tinto são considerados como os mais ricos em cobre. O acervo que apresenta bastante homogeneidade na parte mais central, que até agora foi penetrada, manifesta do lado do muro estreitas fachas ou strias, em que a sulphatação tem logar com muita rapidez, provavelmente em consequencia da menor cohesão dos minerios, em que póde ter influido qualquer variação na proporção dos seus elementos, e em alguns dos pontos, em que esta sulphatação se dá, é bem visivel a côr caracteristica do sal de cobre.

—Um § encontro na Informação, que muito particularmente devo offerecer á consideração dos leitores.

Na exploração e lavra de minas deve haver o mais vigilante e escrupuloso cuidado em arredar dos trabalhadores toda a possibilidade de perigo, a que suas vidas estão expostas nos arriscados trabalhos subterraneos.

Já a este respeito dizia o sr. João Ferreira Braga, no seu relatorio de 9 de dezembro de 1861:—Estão desentulhados uns trinta póços e quasi toda a galeria romana: são trabalhos bem impertinentes, e demandam a vigilancia de um individuo conhecedor das difficuldades e perigos que geralmente occorrem; Nicolau Biava é digno de louvor pela execução d'estas obras.

Tambem a informação do sr. Pereira Cabral, de 12 de março de 1864, louvà o mesmo Nicolau Biava, encarregado d'aquella mineração, pelo

mesmo motivo da vigilancia emquanto aos perigos dos trabalhadores, e afóra isso egualmente pelas precauções empregadas para evitar rixas entre estes. Eis aqui o § que prometti offerecer á consideração dos leitores:

—«Não devo passar em silencio a attenção, que se dá n'aquella mina á segurança dos trabalhadores, e as precauções que se tomam para evitar rixas entre elles: sendo para notar, que em trabalhos que sempre offerecem risco, sobre tudo quando teem logar, como alli, na proximidade ou em contacto com os que já existiam, abandonados por tantos seculos, não se tenha dado até agora um unico sinistro, o que se deve á prudencia e vigilancia de Nicolau Biava, encarregado d'aquella mineração».

De todas as miudezas relativas a minas, em todas as ordens de idéas e factos, é conveniente tomar nota, porquanto de todos esses elementos se forma a experiencia,—tão conveniente em trabalhos praticos.

Sr. José Silvestre Ribeiro no *Jornal do Commercio* de 1867.

Terreno Triassico e Jurassico

Forma este terreno no Algarve uma zona estreita, que se estende quasi parallelamente ao littoral costeando os massiços montanhosos de Monchique e de S. Bernabé.

A companhia de Santo Estevão em Silves tem apresentado ferro oxydulado magnetico, ferro oxydulado magnetico com carbonato e oxydulo de cobre, cobre oxydulado e carbonatado, com ferro oxydulado e cobre oxydulado impuro.

Mineraes de chumbo, prata e zinco

Mina da Varzea de Trovões. Está situada no concelho de S. João da Pesqueira, a 12 kil. sul do Douro, e muito perto da freguezia da Varzea.

O cobre no estado de pyrites acompanha accidentalmente os mineraes de prata.

Não é esta mina a unica, que existe no paiz vinicolo do Alto Douro. Recentemente descobriram-se outros jazigos de chumbo, entre os quaes se torna digno de menção especial o de Adorigo.

Mina de Carvalhal. Nas margens do Caima, muito perto da mina de Palhal.

Minas do Braçal. A mina de chumbo, de que é explorador o sr. Mathias Feuerheerd é muito notavel. A concessão começa no concelho de Sever do Vouga, e abrange uma superficie de 3600:000 metros quadrados, e comprehende duas minas, cujas explorações são inteiramente independentes, dispostas sobre o profundo valle do ribeiro Mau, affluente de Vouga.

Os schistos Azoicos argilo talcosos, mais ou menos duros, dirigidos do Norte para o sul, com inclinações variaveis, e sempre approximadas da vertical, são as rochas, que encaixam os filões de chumbo d'esta concessão.

A mina do Braçal contém varias veias dirigidas ao O N O, das quaes duas sómente são objecto d'uma exploração activa, apezar da irregularidade da riqueza.

O jazigo da Mealhada 700 metros, mais ao norte, é composto de filões seguindo a direcção E O mais regulares, e mais ricos que os do Braçal.

A profundidade dos trabalhos em 1866 não era muito grande: não excedia 140 metros na mina de Mealhada, e 120 na do Braçal. A força motriz de vapor empregada n'estas minas regula por 70 cavallos.

Estas minas empregam umas 400 pessoas.

Mina do Coval do Mó. Continua a exploração com regularidade.

Em 1866 produzio 115 toneladas metricas de mineral.

Terrenos Paleozoicos

Os schistos e os grauwakes passando algumas vezes para os gres e conglomerados finos, formam uma grande parte do terreno, que se eleva sobre as 2 margens do Guadiana, e parecem constituir a parte superior da formação, na qual se acham os jazigos de S. Domingos, Aljustrel e Grandola.

São notaveis as minas de Mertola. Os jazigos são dignos d'attenção, e pertencem á companhia Esperançosa. São muito abundantes de chumbo, prata, etc.

E' tambem notavel a mina de chumbo de Melides, na estremidade occidental da serra de Grandola, districto de Lisboa, concelho de Grandola.

Mineraes d'Antimonio

São dignas de menção as duas minas de Valle d'Acha, e de Ribeiro de Egreja, em Vallongo.

Ha outra mina em Alcoutim, explorada pela Sociedade Soares, sobrinho e socios, em Evora.

Em 1866 empregaram-se n'esta exploração umas 60 pessoas, e extrahiram-se umas 80 toneladas de mineral.

Existem ainda as minas de Covelo, e de Cortes Pereira.

Mineraes d'Estanho

Encontra-se o oxydo d'estanho entre os granitos no estado de stockwerk, ou em veias mais ou menos possantes, mais ou menos regulares entre os schistos christallinos, ou finalmente em alluviões.

Mina de Rebordosa. Este jazigo tem apenas 65 metros de comprimento, tendo a direcção N N O—S S E e uma possança de 30 metros.

O mineral é aqui distribuido muito irregularmente.

Minas de Rodas do Marão, de Ramathoso e de Portella de Gaiva. Encontram-se n'estas minas muitas veias d'oxydo d'estanho.

Minas de Traz-os-Montes. Conhece-se um grande numero de filões nas localidades de Paredes, Paradella, S. Martinho d'Augueira e Montesinhos.

Mineraes de Manganesia

Ha nos concelhos de Mertola, Castro, Almodovar, Ourique, e Beja um grande numero de minas em exploração, das quaes se extrahiram em 1865 perto de mil toneladas de mineral.

De 1861—a 1865 subio a 7.050:916 kilogrammas o mineral exportado para Inglaterra.

Marmores, Calcareos ordinarios e Gres

Marmores da Provincia d'Alemtejo. Os calcareos christallinos de Estremoz, Borba, Villa Viçosa e Montes Claros, os de Vianna e Monte de S. Luiz são notaveis. Estes marmores parecem pertencer á parte inferior do periodo silurianno, e são acompanhados de schistos talcosos amphibolicos e micaceos. As magnificas columnas da cathedral d Evora, e da capella real de Villa Viçosa foram extrahidos das minas de Montes Claros.

Marmores e calcareos communs do districto de Lisboa. Os calcareos compactos constituem uma grande parte da cadeia montanhosa, que se eleva no meio da provincia da Estremadura, seguindo a direcção longitudinal desd'o Cabo da Rocca até ao encontro da Serra da Estrella. Estes calcareos, cuja maior parte fornece excellentes marmores de côres mui variadas, pertencem á serie mesozoica, e principalmente ao periodo jurassico. N'este caso estão os calcareos dos arrabaldes de Lisboa, os de Cintra, Pero Pinheiro e Tojal, os quaes são explorados em grande escala para consummo no paiz e no extrangeiro.

Na exploração d'estes marmores empregam-se umas 600 pessoas.

Os gres occupam quasi invariavelmente o alto das serras do Bussaco e da Arrabida: assentados immediatamente sobre os schistos e quartzitos silurianos, completamente separados das formações mais modernas, sem vestigios (até ao presente) de fosseis contemporaneos, é difficil de determinar d'uma maneira positiva a edade d'estes gres.

Granitos

São mui variados e abundantes em todas as provincias do reino. Quasi todas as casas e egrejas do Porto, e da provincia do Minho não construidas de granito.

Ardosias

A mais notavel de todas as minas d'este genero em Portugal é a de Vallongo. Pertence a uma companhia ingleza, a qual emprega uma machina da força de 15 cavallos.

Argilas

São muito abundantes, e encontram-se de todas as qualidades para as applicações industriaes.

Existem minas em Poyares, Soure, Casal dos Ovos, *Valle de Lobos*, *Feira*, e Abrigada etc.

Em 1866 conhecia-se a existencia das seguintes minas em Portugal:

Provincia de Minho e Traz-os-Montes	45
Beira Alta e Beira Baixa	56
Estremadura	31
Alemtemjo e Algarve	133
	265

Este numero posteriormente tem augmentado: é admiravel a quantidade de minas que continuamente se estão descubrindo, e a exportação de mineraes traz já para Portugal avultados capitaes extrangeiros.

Só na camara municipal de Bragança em abril de 1870 registaram-se 3 minas de estanho, 2 de chumbo, 1 de ouro, e 1 de chromate de ferro. Na comarca de Alcoutim em julho 1 de cobre. E nos mezes de junho e julho ultimos tambem registaram-se no concelho de Beja 1 mina de prata, e 5 de manganez: no de Castro Verde 3 de manganez e 1 de sulphato de barita; e no de Moura 6 de cobre e 1 de prata e cobre.

Minas de ouro da Adiça

Foram de muita utilidade[1] á corôa e ao reino, e o provam os grandes privilegios concedidos pelos nossos reis aos mineiros, em uma longa serie de cartas de confirmação desde o principio da monarchia até aos fins do reinado de D. João III, em que cessaram esses serviços; talvez porque passaram da corôa para as mãos de Antonio da Fonseca. A Adiça formava um couto real com juizes proprios e privativos postos por el-rei nos primeiros tempos, e chamados então *Quinteiros*, e depois eleitos pelos proprios mineiros. Tinham estes o privilegio de se queixarem immediatamente a el-rei das pessoas, quaesquer que fossem, que lhes

[1] José Bonifacio de Andrade e Silva. Memoria sobre a nova mina de ouro da Outra Banda do Tejo. Memorias da Academia R. S. vol V pag. 140.

não cumpriam seus foros e isenções, ou os incommodavam em seus trabalhos e occupações.

Não iam á guerra; não respondiam em causa civil ou criminal perante algum juiz, que não fosse o seu proprio: ninguem pousava em sua casa, nem se lhe tomava cousa alguma do seu contra sua vontade: estavam isentos de todos os encargos e officios do concelho, até mesmo da almotaçaria, e o que mais é, até estavam livres dos pedidos reaes de generos e dinheiro, e dos encargos de candelaria: finalmente podiam emprazar perante el-rei todo e qualquer juiz, que fosse contra algum d'estes privilegios.

Parece que até D. Duarte formavam os mineiros uma companhia ou sociedade montanistica, e não só pagavam o quinto do ouro, que tiravam por sua conta, mas eram tãobem obrigados a lavrar por conta d'el-rei certos sitios d'aquella costa (da Trafaria até Cabo d'Espichel). Em tempo de D. Duarte mudou-se esta administração em uma capitação annua pelo ouro que lavravam no chamado Modão ou Barreira, que acompanha e fica sobranceira ás praias d'esta costa; ficavam porém obrigados a lavrar a mina do sitio chamado da Malhada, quando intendessem ser tempo proprio de se apanhar o seu ouro, do qual pagavam metade a el-rei. Os adiceiros formaram então uma companhia composta de 21 pessoas, chamadas mineiros mores, incluidos neste numero um mestre e um escrivão, e de 23 outros chamados mineiros menores. Os primeiros pagavam por cabeça annualmente 2 corôas de bom ouro, e os segundos uma só.

Vinha por tanto a importar esta capitação no tempo de agora em 144640 reis.

Além d'estas noticias accresceo o ter sabido que alguns homens ás escondidas e sem licença tinham havia poucos annos gandaiado algum ouro por estes sitios, e o vendiam aos ourives de Lisboa. Animado de tão boas esperanças mandei fazer pesquisas successivas para me certificar da abundancia de ouro, e calcular pelo preço presente dos jornaes se me era possivel restabelecer essas antigas minas. Começaram estas pesquizas em outubro de 1813, e se concluiram em 25 de maio de 1814.

Os primeiros ensaios e pesquizas foram feitos em tres differentes sitios. 1.º nas visinhanças da antiga Adiça. 2.º no sitio chamado a Ponta do Mato, onde fiz abrir a mina, que hoje se lavra com o nome Principe regente, e no dos Olhos d'Agua mais ao Sul, e distante do primeiro perto de legua e meia. Posteriormente ordenei novos exames ao longo do Pé da Barreira ou Medão, entre os dois extremos da Adiça e da Ponta do Mato; e por elles consegui certeza de que em toda esta extensão de costa ha mais ou menos ouro, que pode ser aproveitado.

No dia 4 de julho de 1814 se começou pelas tres horas da tarde a primeira cata encostada á fralda da Barreira, no sitio já mencionado da Ponta do Mato, que fica quasi no meio da bahia. Principiou-se este tra-

balho com tres unicos homens, e estes mesmos eram soldados invalidos do pequeno destacamento, que guarnece aquella mina. Eu mesmo fui examinar o terreno, e dar as instrucções e ordens, que me pareceram mais convenientes para o methodo e andamento d'aquelle serviço. No fim da semana seguinte, que acabou aos 11, me recolhi muito contente e cheio d'enthusiasmo com 213 oitavas e 57 grãos de ouro em pó muito limpo, e de excellente côr. Este producto extraordinario porem foi devido, parte á escolha do logar, onde a formação era mais rica; e parte á actividade e trabalho desmesurado, que sem cessar empregou o mestre inspector. Foi preciso porém deixar por algum tempo a extracção para se cuidar em edificar a mina, construir lavadouros ou bolinetes, e fazer outros trabalhos preliminares. No fim de julho já o numero dos trabalhadores se tinha augmentado até 13, e hoje andam de 30 a 40.

O ouro se acha n'esta mina em estado nativo, em palhetas de côr amarella gemmada, que são ás vezes já de bom tamanho; e menos lizas, e mais brilhantes, que o ouro em pó dos rios de Sena e do Brazil, por via de regra. Acha-se este ouro disseminado em um taboleiro, ou camada de terra arenisca, e mui pouco consistente, que tem de altura um até dois palmos: já se tem achado porem de 5 palmos do grossura. Contem um palmo cubico d'esta formação, um por outro, segundo o calculo feito até hoje, 2 grãos de ouro. O taboleiro, ou formação, que é de côr de cinza, passando a amarella depois de secca, consta de pizarra formada de areia mais ou menos fina, e conglutinada ou mesclada com argilla, e contem misturados em maior ou menor quantidade fragmentos e particulas de esmeril, ou mineral de ferro arenoso negro, attractorio, de mica branca argentina, de quartzo christalisado, amethista e pedrinhas coradas, que vistas com a lente mostram pela cor e brilho ser fragmentos de espinello, ou Kannelstein de Werner. O esmeril do sitio da Mina Principe Regente, assim como o d'Adiça, é mui fino, e em maior abundancia que o dos Olhos d'Agua.

Pousa a camada mineral sobre salão ou argilla plastica, côr de cinza; e por isto se cava este para se aproveitar a codea superficial.

A pisarra ou camada mineral é coberta por catas, 5, 6, e ás vezes 10 e 18 palmos. Esta arêa se descapa por desmonte para se poder tirar e aproveitar a pisarra aurifera.

A Barreira ou medão, que fica quasi a pique, e sobranceiro á fralda da praia, tem de altura 122 palmos, e consta de 8 camadas distinctas, quasi horisontaes: as quaes no sitio da Mina Principe Regente são as seguintes, principiando debaixo para cima.

1.° Argilla, ou salão côr de cinza.
2.° Pizarra argillosa.
3.° Arêa algum tanto argillosa.
4.° Arêa de côr parda amarellada, com muita mica disseminada.
5.° Arêa amarella côr de ocre, com manchas e laivos mais desmaiados.

6.º Pizarrão ou saibro pouco argilloso.

7.º Saibro grosso com alguma terra vegetal.

8.º A camada ultima superficial é de area grossa, pura, e quasi branca, com alguns seixos rodados amarellados de quartzo siliceo, e com particulas de mica transparente.

Miudas observações me teem convencido, que este ouro não vem de fóra; mas se acha mais ou menos disseminado nas formações *alluviaes* d'aquelle terreno, o qual foi formado das ruinas e detrictos de montes e vieiros auriferos, ou distantes ou visinhos, que as antigas inundações do Oceano ou de grandes lagos e rios internos causaram em diversos tempos. E' provavel que pelo andar dos seculos as chuvas, penetrando as camadas, desmoronando as barreiras, e abrindo canaesinhos, lavassem as terras, e ajuntassem o ouro, e o fossem depondo nos baixos, e sitios mais azados da costa, onde as ondas lavam e apuram as suas particulas disseminadas.

Querendo verificar esta suspeita, mandei no mez de abril passado trabalhar de novo em alguns sitios, já lavrados no estio antecedente. Desde 17 de abril até 6 do corrente mez de maio, o ouro, que temos recolhido n'aquella mina, foi todo tirado das antigas catas, que o mar de novo enchera, revolvendo e lavando repetidas vezes as aréas, e as terras desmoronadas das fraldas da Barreira. Verdade é que a camada aurifera, que se formou de novo, não tem por ora mais que um palmo de grossura; e o palmo cubico só rende um grão de ouro: todavia em 3 semanas, em que se não poude abrir em sitio virgem catas mais rendosas pela falta de agua, e outros embaraços locaes, deu esta segunda colheita 416 oitavas, e 6 marcos e 4 onças de excellente ouro em pó e amalgamado.

Assim, se por um lado as ondas do mar embravecido sobre a immensa praia desabrigada contrariam muitas vezes os trabalhos mineraes, por outra é o Oceano ao mesmo tempo um valentissimo e excellente operario, que ajunta e deposita as fagulhas sem conto de ouro derramado, e as lava e apura sobre as rampas da praia, que lhe servem então de optimo bolinete ou lavadouro de concentração, quando acha base firme, qual é o salão ou greda.

A totalidade das despezas feitas nas pesquizas, edificios e ferramentas e maquinas, abertura e laboração da mina, montam até o fim de abril em 3304810. E nos tres quarteis findos em setembro e dezembro do anno passado, e em março d'este anno entraram na casa da moeda em ouro em pó e amalgamado 63 marcos, 7 onças, 6 oitavas e 66 grãos que depois de fundidos e apurados ficaram reduzidos a 61 marcos, 4 oitavas e 60 grãos, e no valor intrinseco monta a 6:315:420.[1]

---

[1] Id. pag. 156. Toda esta Memoria é muito interessante, e n'ella vem tambem esclarecimentos a respeito da antiga mina da Adiça.

No anno de 1856 foi um engenheiro civil de minas encarregado de examinar os jazigos que, por seus productos, podessem alimentar o trafico dos caminhos de ferro projectados em Portugal. Depois de concluir aquelle exame, dizia elle (em 12 de maio do mesmo anno) que as minas até então descobertas em Portugal eram situadas pela maior parte nas provincias da Estremadura e Beira: as reconhecidas no Minho e em Traz-os-Montes consistiam principalmente em minas de estanho, algumas das quaes pareciam dar mostras de serem importantes: e que em Aljustrel, no Alemtejo, e tambem no Algarve haviam sido encontrados indicios de minerios de cobre.

Na conclusão do seu relatorio apresentava alguns enunciados, que eu vou resumir substancialmente.

Entre os jazigos não atacados ainda, os minerios de ferro dos arredores de Leiria, e os de Alqueidão, entre Porto de Moz e Batalha, parecia terem importancia, e mereciam pesquizas profundas.

Entre as minas lavradas — havia um certo numero de annos — as da Figueira e as de S. Pedro da Cova podiam, em graus diversos, ser importantes, consideradas, tanto pelo lado das suas applicações á metallurgia, como pelo do partido, que das mesmas podia tirar-se para os caminhos de ferro.

As anthracites do Porto eram de boa qualidade, e podiam provavelmente ser queimadas no estado de mistura, no fogo das locomotivas, ou empregadas vantajosamente na metallurgia do ferro.

Meros ensaios podiam fazer conhecer se os lenhites dos jazigos da Batalha eram susceptiveis de dar cobre, e qual a natureza d'este.

Não tinha até então sido descoberta a hulha em Portugal. As pesquizas aturadas, feitas nas proximidades do Bussaco e perto da Mealhada, haviam sido infructiferas, não obstante apresentar o terreno, principalmente na sua flora os caracteres de hulheiro.

Notaveis eram as pedreiras de Estremoz e a lavra d'ellas poderia tomar grande incremento, por effeito de uma linha de ferro que facilitasse o transporte dos bellos marmores que offerecem.

Elvas era egualmente um ponto importante pelos seus bons materiaes de construcção.

E, finalmente, exprimia o engenheiro civil de minas esta esperançosa crença: — Os caminhos de ferro projectados em Portugal, ligando tanto quanto o permitte o terreno, as differentes minas que fazem objecto d'este relatorio desenvolveriam a sua lavra, em geral estacionaria pela falta de vias de communicação, e pelo preço elevado dos transportes; motivariam pesquizas em pontos inexplorados, n'uma palavra, imprimiriam á industria mineira uma impulsão, cujos bons effeitos seriam os mesmos caminhos de ferro os primeiros a sentir.

— Em 20 de julho de 1857 apresentava o sr. Carlos Ribeiro uma se-

rie de considerações, das quaes julgamos dever tomar nota, por quanto, umas revelam patrioticos pezares, que ainda hoje existem no coração dos bons portuguezes — e outras tendem a despertar os nossos brios, no sentido de que seriamente nos occupemos de aproveitar os thesouros encerrados no seio da terra.

Declarava-se o sr. Carlos Ribeiro persuadido «de que não é para a sociedade actual, a portugueza, preoccupada com as chamadas questões politicas, e sob todos os pontos de vista muito mal preparada para se interessar na industria mineralurgica, ou intrometter-se com as riquezas que estão no seio da terra, mas sem as quaes não se póde hoje viver.»

É tanto mais para lamentar esta condição tristissima, quanto ella contrasta com a dos povos mais adiantados em civilisação na Europa, e com a dos Estados-Unidos; o que o mesmo sr. Carlos Ribeiro exprime nos seguintes termos:

—Faz realmente pena, e punge vêr o abandono e descrença com que os nossos portuguezes, os que se dizem illustrados, olham para a primeira e a mais importante de todas as industrias extractivas,=quando são as questões que, em todos os outros paizes da Europa e nos Estados-Unidos, agitam e interessam a todos os homens d'estado, a todos os economistas e industriaes, a todos os capitalistas, a todos os homens instruidos emfim, da mesma fórma por que os interessam os caminhos de ferro e o telegrapho electrico; porque sentem que um paiz sem ferro, chumbo, cobre e zinco, não póde ter independencia nem prosperidade.

—As verdades, dolorosas e amargas, que ficam reproduzidas, fui eu desentranhar de escriptos, sobre os quaes passaram já nove annos. Porventura andei n'isto menos discretamente, deslembrando-me de que em nossos dias um muito menor espaço de tempo é mais que bastante para os envelhecer. As contas de nossas leituras são hoje saldadas no fim de cada dia, e bom lucro nos apresentam quando vemos avultar as polemicas irritantes, as personalidades e invectivas, que vão engrossar a chronica escandalosa.

Em 1859 entenden o governo (no que respeita ao serviço technico e fiscal dos seus engenheiros de minas) dever dividir provisoriamente o reino em quatro districtos mineiros: 1.º comprehende os districtos administrativos do Porto, Braga, Vianna, Villa Real e Bragança. O 2.º comprehende os districtos administrativos de Aveiro, Coimbra, Vizeu, Guarda e Castello Branco. O 3.º os de Lisboa, Santarem e Leiria. O 4.º os de Portalegre, Evora, Beja e Faro.

Posto isto, direi que o já citado relatorio de janeiro do corrente anno de 1866 contém mappas demonstrativos do numero de minas requeridas no 1.º, 2.º, 3.º e 4.º districtos mineiros, e o estado em que se acham os respectivos processos—até 31 de dezembro de 1865.

Esses mappas, assignados, com a data de 31 de dezembro de 1865, pelo sr. Antonio José de Sousa Azevedo, contem — por districtos mi-

neiros — noticias sobre os seguintes dizeres: «Districto administrativo, concelho, localidade, qualidade do mineral, nomes dos requerentes ou concessionarios.» Na columna das observações encontram-se as indicações exactas do estado do processo de cada uma das minas, taes como por exemplo, as seguintes: 1.º Não teve andamenso este processo. 2.º concedida por decreto de 24 de dezembro de 1844. (Está hoje em abandono), 3.º Fez-se o reconhecimento, e em 30 de setembro de 1865 apresentou o engenheiro o relatorio e planta ácerca do reconhecimento, etc. etc.

É obvio o quanto de interesse teem taes mappas, e como satisfazem a curiosidade dos que desejam adquirir conhecimento de tal especialidade.

Fora impraticavel esmiuçar esses importantes mappas em um jornal, mas, felizmente, apresenta o sr. Caetano Alberto Maia, no já citado relatorio, um resumo d'elles—ao qual daremos a fórma compativel com as proporções d'estas columnas.

Minas requeridas, cujos processos estão em começo, 108, sendo 12 no 1.º districto mineiro, 24 no 2.º, 11 no 3.º e 61 no 4.º

Minas que teem direito de descobrimento, 17 de cobre (5 no 1.º, 3 no 2.º e 9 no 4.º), 4 de chumbo (1 no 2.º e 3 no 4.º), 5 de ferro (todas no 4.º), 4 de estanho (3 no 1.º e 1 no 4.º), 7 de manganez (todas no 4.º), 2 de combustiveis mineraes (1 no 1.º e 1 no 2.º)

Minas que teem concessão provisoria, 10 de cobre (1 no 1.º e 9 no 4.º), 6 de chumbo (3 no 2.º e 3 no 4.º), 1 de estanho (no 1.º) 6 de manganez (no 4.º), 2 de combustiveis mineraes (no 3.º).

Minas concedidas definitivamente, 15 de cobre (3 no 2.º, 1 no 3.º, 11 no 4.º), 20 de chumbo (4 no 1.º, 13 no 2.º, 1 no 3.º, 2 no 4.º), 5 de ferro (2 no 1.º, 3 no 3.º), 5 de estanho (todas no 1.º), 12 de manganez (todas no 4.º), 3 de antimonio (todas no 1.º), 4 de oiro e prata (1 no 1.º, 1 no 2.º, 2 no 3.º), 3 de mercurio (1 no 1.º, 2 no 3.º), 19 de combustiveis mineraes (5 no 1.º, 5 no 2.º, 9 no 3.º).

Todas estas minas, nos diversos estados, completam o total de 257, pertencendo 44 ao 1.º districto mineiro. 54 ao 2.º, 30 ao 3.º, 129 ao 4.º

É curioso sabermos agora quaes minas, das concedidas, estavam em lavra no principio do corrente anno, e vem a ser:

No 1.º districto mineiro (Minho e Traz-os-Montes). Felgueira, Codeço, Cabeço de Raposo, Ervedosa, Monte Alto, Sorradella, Ribeiro da Egreja, Rodas do Marão e S. Pedro da Cova.

No 2.º districto mineiro (Beira Alta e Beira Baixa), Carvalhal, Móinho da Pena, Telhadella, Palhal, Pijão, Varzea de Trevões, Braçal, Cova da Mó, Buarcos, Portedella dos Corvos e Adorigo.

No 3.º districto mineiro (Estremadura), Chão Preto, Arnal, Marrazes, Septe, Barreira, Beste, Carvalho das Mentiras, Fontainhas do Ferro Ventoso, Alqueidão da Serra, Porto de Mós, e Serra da Caveira.

No 4.º districto mineiro (Alemtejo e Algarve), Torrinha, Penedos,

Ferragudo, Serro Alto, Serro da boa Vista, Abelheira, S. Domingos, Serra dos Caldeireiros. Serro dos Coelhos. Fonte Guerra, Barrancos de Moura, Rego Redondo, Escudeiros, Cruginhas, Alcalá, Alcalaim, Mostardeira, Outeiro dos Algares.

Sr. José Silvestre Ribeiro no *Jornal do Commercio.*

Appendice ao capitulo IX do livro I

HYDROLOGIA MINERAL DO REINO

E' relativamente tão recente a data em que se começou a fazer experiencias sobre o regimen e diversas condições das aguas mineraes, isto é, sobre as variações do seu volume, composição e thermalidade: são tão incompletos os dados obtidos, ha só algumas dezenas de annos, ácerca da hydrologia mineral, não tanto por impericia dos observadores, como pela imperfeição dos instrumentos de que uzavam, pela ausencia de trabalhos de pesquiza e captagem bem dirigidos, e mais ainda pela escassez, falta de constancia e de regularidade nas suas observações, que a solução do problema, que procura a explicação da origem, composição e thermalidade das aguas mineraes está ainda longe de ser satisfactoria.

Desde a mais remota antiguidade estes phenomenos se offereceram bem naturalmente á profunda reflexão dos philosophos: e desde os discipulos de Pythagoras até hoje não teem faltado hypotheses ou antes conjecturas, que todas mais ou menos peccavam por falta da unica base —a observação.—Esta foi tambem por muito tempo a sorte da geologia, que, emquanto vagava no campo da especulação, não era mais do que um amontoado de concepções mais ou menos arrojadas, de ficções mais ou menos cerebrinas, sem assumir o caracter de uma sciencia de applicações fecundas e utilissimas para a sociedade, como hoje o é, desde que os geologos, dando de mão ás arguciosas dissertações da velha escola, comprehenderam a necessidade de estudar cuidadosamente os factos para sobre elles edificarem as theorias que os ligassem e explicassem.

Felizmente para a humanidade as applicações da hydrologia mineral não dependem das decisões da geologia, zombam mesmo em muitos casos das indicações da chimica, e ainda não obedecem ás previsões da medicina.

O medico por meio de estatisticas conscienciosas, habilmente combinadas, estabelece os diversos quadros nosologicos, donde se deduza a influencia benefica, que devam ter certas aguas de composição e temperatura determinadas. O chimico, fixando com o maior escrupulo a composição de uma agua mineral, pode pela comparação e analogia de outras aguas já conhecidas pela excellencia dos seus effeitos, assignalar ao medico o partido, que d'ella poderá tirar nas suas applicações. O geo-

logo tomando por guia a natur za dos terrenos, a sua disposição estratigraphica, a direcção dos valles e das linhas de sublevação, a orientação das fendas ou fracturas, das falhas e dos filões, encontra preciosos esclarecimentos para a execução dos trabalhos de pesquiza e captagem que deem em resultado melhorar a composição da agua mineral, augmentar a sua thermalidade e conquistar maior volume.

Apezar de não faltar ainda quem attribua os bons effeitos das aguas mineraes á mudança de alimentos, ao exercicio e á distracção, e talvez á confiança do doente; com tudo a experiencia já hoje enriquecida de numerosissimos factos, responde affirmativa e triumphantemente. É quasi ocioso reproduzir os argumentos, com que se tem evidenciado que aquellas condições, que concomitam no tratamento balneario, são agentes meramente secundarios, que em muitos casos podem auxiliar a cura. Effectivamente como explicar por taes causas os bons resultados; que se conseguem para os animaes, para as crianças, para muitos enfermos, que não podem aproveitar-se dos prazeres e diversões que os estabelecimentos thermaes offerecem? Como explicar ainda a melhora ou completo restabelecimento de doentes, que residem nas proximidades das nascentes? Emfim o numero dos impugnadores rarea cada vez mais, a incredulidade mais pertinaz cede á evidencia de factos accordes e repetidos.

O dr. Herpin, ornamento illustre da medicina hydrologica, que ainda não ha muitos annos, se agrupava entre os descrentes, mostrou conscienciosamente a sua conversão em um excellente trabalho intitulado: *Etudes medicales et statistiques sur les principales sources des eaux minerales de la France, de l'Angleterre et de l'Allemagne.*

Força é confessar, que os mais rebeldes cederiam provavelmente da sua opinião, visitando a maior parte dos nossos estabelecimentos thermaes, onde difficilmente se pode procurar uma boa alimentação, onde a distracção é nulla, o exercicio quasi impossivel, e onde todavia o depoimento dos enfermos é bastante significativo em favor da salutar influencia do tratamento hydromineral.

Em 1810 publicou o dr. Francisco Tavares um livro sobre aguas mineraes, mencionando todas as que até áquella data eram conhecidas, exceptuando as aguas ferruginosas, que pela sua grande profusão avolumariam demasiadamente o seu trabalho. O author, espirito laborioso, sagaz, conscienciozo e de coração devotado a tudo o que podia conseguir em prol dos interesses da sua patria, relevou n'aquella obra vastos conhecimentos scientificos, que estavam ao par da época em que escreveu. Entretanto, porque os meios de observação eram então deficientes, porque era grande o atrazo das sciencias de que depende a hydrologia mineral, porque nem sempre seriam assaz verdadeiras as informações, a que o distincto medico teve de recorrer, e talvez mesmo em alguns casos porque as nascentes por elle descriptas tenham por ventura

sido modificadas no seu regimen e temperatura, notam-se na obra citada erros, que teem sido muitas vezes reproduzidos em trabalhos, tanto de nacionaes, como de extrangeiros, que alli teem encontrado o repositorio mais ricamente provido de noticias ácerca das nossas fontes de aguas medicinaes.

A pobreza de observação em Portugal sobre um assumpto de tão vasto alcance, e que tão perseverante e desvelada attenção tem merecido a todos os paizes civilisados, está, digamol-o, bem a pezar nosso, em harmonia com o deploravel estado dos nossos estabelecimentos thermaes.

O numero de grupos de fontes mineraes descriptas pelo dr. Tavares subia a 70 no tempo em que escreveu, eram distribuidas pelo modo seguinte:

Provincia do Minho	9
Traz os Montes	6
Beira	26
Extremadura	16
Alemtejo	11
Algarve	2

Alem d'estas podem hoje mencionar-se as seguintes:

Provincia do Minho

S. Pedro da Torrre (Valença) sulphureas thermaes.
Lijó (Barcellos) sulphureas frias.
Crespos (7 kilometros de Braga) sulphureas thermaes.
S. Miguel das Aves (S. Thyrso) sulphureas.

Provincia de Traz os Montes

Villarelho da Raia, alcalinas gazozas.
Vidago, alcalinas gazozas.
Fonte Santa (Lagoaças) sulphureas frias.
Piar (freguezia de Barrô) sulphureas frias.
Rio Sermanha (ao N. das Caldas de Mellêdo) sulphureas thermaes.

Provincia da Extremadura.

Lisboa (Arsenal da marinha).

Provincia do Algarve

Alvor?

Do numero total, que sobe a 81, são

Alcalinas gazozas	58

Gazozas	6
Salinas de diversas bases	4
Thermaes simplices	5
Metallicas ferro-cupriferas	2
Chloruradas	3
Indeterminadas	4

Em relação á temperatura

Frias (até 20 c.)	30
Frescas (25.°)	6
Temperadas (32.°)	10
Quentes (38 °)	17
Muito quentes (superior a 38.°)	10
Não conhecidas	8

De todas a origem mais quente é a de S. Pedro do Sul, na provincia da Beira. A sua temperatura, observada proximo á nascente, é de 68.° 75 centigrados. Seguem-se em valor thermometrico as nascentes de Vizella, no Minho, cuja temperatura maxima é de 65.°.5; as de Arêgos na Beira que attingem 60.°, e as de Chaves, em Traz os Montes, 56.°

Das 11 nascentes do Alemtejo apenas 3 são thermaes, e a mais elevada, a de Cabeço de Vide, accusa 27.° As 2 do Algarve são ambas thermaes, e a inferior, Banho de Monchique, tem 35.°

Comparado o numero de nascentes sulphureas frias com as thermaes (superiores a 20.°) acha-se que estão na rasão de 16:39, isto é, 1:2 proximamente. A mesma comparação deu a D. Pedro Rubio para a Hispanha a relação de 4:1, isto é, o numero de nascentes sulphureas frias quadrupulo do das nascentes thermaes.

Os dados estatisticos, registados, posto que não tenham o cunho de um rigor absoluto, que só se poderá conseguir, á custa de prolongadas e pacientes observações, são todavia sufficientemente authenticos para assentar a conclusão de que Portugal possue uma numerosa collecção de fontes mineraes variadas na sua composição e temperatura; devendo accrescentar-se que algumas d'ellas são raras na Europa, e não poucas assaz volumosas para alimentarem grandes estabelecimentos.

Para formar alguma idéa da nossa riqueza relativa de aguas mineraes, façamos a comparação com alguns paizes da Europa, tomando para termos das relações e numero de fontes mineraes e a area de cada paiz.

A Hispanha tão generosamente dotada de jazigos metaliferos, não o é menos de aguas medicinaes. A sua extensão superficial de 460:450 kilometros quadrados contem actualmente conhecidas 705 localidades de fontes mineraes, segundo as indicações dadas na excellente obra do citado sr. Rubio, intitulada. Tratado de las fuentes minerales de España.

Deduzindo d'este numero 240 localidades, onde brotam aguas ferruginosas (que não entram na confrontação) restam 465.

A superficie da França abrange 522:655 kilometros quadrados sem contar com a Corsega, nem com o novo territorio de Saboya e Niza, e o numero de localidades, onde brotam fontes mineraes, não fallando das ferruginosas, sobe a 280, que estão descriptas no Annuario das aguas de França, mandado redigir em 1848 pelo ministro de então o sr. Dumas. Este numero excede em 11 o das aguas enumeradas no *Diccionario das aguas mineraes*.

O dr. Herpin menciona 774 localidades, mas deduzindo as ferruginosas, o numero restante não deve afastar-se muito do primeiro que indiquei, e que tomarei para termo de comparação.

As 81 localidades de aguas mineraes em Portugal estão espalhadas n'uma area de 89:340 kilometros quadrados.

De todo o expendindo se conclue que a relação entre o numero de localidades com aguas mineraes (excepto as simplesmente ferruginosas) e a extensão superficial em kilometros quadrados é para

França	1:1867
Hispanha	1:980
Portugal	1:1051

Vê-se por estes numeros que o nosso paiz tem proporcionalmente uma abundancia de aguas medicinaes quasi egual ao da Hispanha, e que em ambo se conta, em area egual, um numero de grupos de nascentes proximamente duplo do que se tem achado para a França, um dos paizes, que pelos hydrologistas é reputado mais rico em aguas medicinaes.

Se estes numeros não teem um rigor absoluto, porque deixam de abranger muitas nascentes, que sem duvida existem desaproveitadas ou desconhecidas, deve attender-se que essa causa de deficiencia se faria sentir mais desfavoravelmente em Portugal, onde pouco se tem estudado e explorado ácerca de origens mineraes.

Cumpre portanto dar como quasi justificadas as palavras com que, ha cincoenta e sete annos, o dr. Tavares, guiado apenas por uma especie de presciencia, começava a prefação da sua obra:

Portugal é talvez o paiz da Europa, aonde, proporcionalmente á extensão do seu territorio, ha maior quantidade de aguas mineraes.

Mas serão essas aguas tão importantes nas suas applicações therapeuticas, tão variadas nas suas qualidades e composição, como são ricas em valor numerico?

Muitos factos isolados, bastantes quasi desapercebidos, deixam presentir uma resposta favoravel; entre tanto só de uma serie de trabalhos especialmente destinados a este proposito, e hoje confiados á commissão de hydrologia mineral, é que se póde esperar uma solução mais cabal e completa.

Os vestigios deixados pelos romanos em algumas das nossas estações thermaes são testemunho bem eloquente do desvelado apreço que á antiga civilisação mereceram as nossas thermas. Chaves, a antiga *Aquae Flaviae*, Taipas, Vizella, Monte Real (proximo a Leiria) e Lisboa conservam ainda numerosas reliquias da notavel opulencia, que estes conquistadores do velho mundo revelaram em todas as suas construcções, onde o gosto das artes se casava admiravelmente com o conhecimento das sciencias. Não menos eloquente porém é o testemunho que Portugal dá na negligencia com que as administrações, tanto particular, como municipal, teem encarado as questões de gravissimo interesse, que hoje estão ligadas á balneotherapia mineral.

Citarei o exemplo das thermas de Vizella, onde as piscinas Romanas estão ainda hoje servindo em concorrencia com alguns banhos isolados, que modernamente se teem construido, á força de necessidade, digamol-o assim. Os constructores de então, por maior que fosse o conceito, que lhes podesse merecer a solidez dos seus trabalhos, difficilmente accreditariam que aquelles mosaicos haviam de guarnecer ainda o fundo das suas piscinas para n'ellas se banhar uma geração, que tinha de viver vinte seculos depois!

Apoz tentativas pouco valiosas, e essas mesmas sempre frustradas, que por varias vezes a administração superior tem ensaiado para dar um tal ou qual impulso ao melhoramento dos nossos estabelecimentos balneo-mineraes, e ao conhecimento do valor medicinal, o projecto sobre aguas mineraes, publicado no *Diario de Lisboa* de 25 de maio de 1867, quando convertido em lei, será já um passo bem largo dado n'este caminho. Os regulamentos, que serão complemento necessario d'esta lei, as estatisticas recolhidas pelos medicos inspectores, a quem fôr confiada esta especialidade da clinica pouco divulgada entre nós, a observação quotidianamente repetida de todos os factos, de que pende a solução de difficeis problemas, e fixação de algumas das theorias, que ainda hoje dividem as opiniões e fazem baldar os esforços de intelligencias bem robustas, são, alem de outros, os meios, que a iniciativa do governo obrigará a pôr em acção.

A reforma de alguns dos nossos edificios thermaes, e a construcção de novos accommodados á concorrencia dos doentes, á natureza das aguas, ao volume do seu dispendio, á situação typographica e economica do seu jazigo, e aos variados modos de acção therapeutica, com que a medicina moderna tem ampliado os recursos, que lhe fornecem as aguas mineraes, serão uma consequencia natural da impulsão superior. Os municipios despertarão, assim da sua profunda somnolencia, quando penetrado das graves responsabilidades, que lhes impõem as necessidades da humanidade, que soffre; e no desempenho de seu respeitavel encargo não lhes faltará o incentivo, que lhes advirá da esperança bem fundada do augmento dos seus cofres. Ao menos a affluencia de enfermos a alguns dos estabelecimentos, firma sobre maneira as previsões.

A commissão hydrologica cabe um papel sem duvida muito importante n'esta grave missão.

Antes de passar adiante parece-me opportuno dar agora conta do serviço, que tive de executar para que na actual exposição de Paris figurassem as nossas aguas mineraes com as indicações, que era possivel colligir no breve praso de que se dispunha, indicações aliás incompletas, mas de que podessem deduzir-se as mais indispensaveis informações sobre a riqueza da sua mineralisação, sobre a thermalidade e volume, applicações therapeuticas mais conhecidas, situação typographica e relações geologicas com os terrenos d onde brotam. Satisfazendo ao fim proposto se poderia simultaneamente conseguir a vantagem de habilitar o governo com os esclarecimentos precisos, que houvessem de guial-o nas primeiras medidas, que porventura tivesse de adoptar em favor das diversas estações hydromineraes.

As duas provincias do Minho e Traz-os-Montes estão comprehendidas entre 41.° 5' e 42.° 10' de latitude, e entre 0.° 13' e 2.° 54' de longitudo referida ao meridiano do observatorio de Lisboa. A sua superficie abrangendo, segundo os dados obtidos na commissão geodesica, uma area de 17:857 kilometros quadrados, tem a forma approximadamente quadrangular, dirigida na sua maior dimensão de E. a O. Limitam-na pelo sul o rio Douro, cuja direcção media é uma linha éste occidental; pelo nascente o mesmo rio, que se inflecte na direcção N E. desde Freixo de Espada á Cinta até Paradella, 13 kilometros ao N de Miranda. D'este ponto segue-se uma linha O N O. desde Paradella até ao rio Maçãs perto da villa de Outeiro, e este ultimo rio com direcção N. S. até ás immediações de Guadramil fórma a raia, que separa Traz-os-Montes da nação visinha. Pelo N. a fronteira hispano portugueza estende-se desde a povoação mais oriental, Guadramil, até Caminha proximo ao mar, formando uma linha mais ou menos sinuosa até as immediações de Melgaço, desde onde o rio Minho faz a separação dos dois reinos até á sua foz em Caminha.

O terreno é fortemente accidentado e montanhoso em ambas as provincias, mas este caracter orographico é mais geral e mais pronunciado na provincia de Traz-os-Montes, e tanto mais quanto nos aproximarmos do Norte, isto é, das origens dos seus principaes rios, que sulcam a superficie e que limitam os massiços parallelos, a que póde assignar-se com direcção geral e media de N. E. a S. O. Se compararmos a orographia do Minho com a de Traz-os-Montes, achamos que na primeira d'estas provincias se elevam as cordilheiras de maior altitude, tanto absoluta como relativa; pelo contrario em Traz-os-Montes a altitude das nossas serras sobre o terreno adjacente, é geralmente menor do que no Minho.

N'esta ultima provincia devem mencionar-se como principaes a serra da Penedada ou de Suajo, onde se separam as aguas dos rios Lima e Mi-

nho, e cujo ponto culminante tem 1441^{m} sobre o nivel do mar, a serra do Gerez (1442^{m}) cuja cumiada forma a divisoria das aguas dos rios Homem e Cavado, e a serra do Marão (1422^{m}), onde se repartem aguas para o Douro, Tamega e Corgo.

Em Traz-os-Montes devem notar-se principalmente a extensa cordilheira de alturas, que se levanta entre os dois grandes valles do Tamega e do Cavado, e a serra de Bornes ou de Chachim, que separa as aguas do Tua e do Sabor (1202^{m}) mais ao Norte, e em prolongamento da mesma cumiada está a serra da Nogueira (1321^{m}) e a de Montesinho na fronteira hispanhola (1376^{m}) sendo esta ultima um ramo, que da serra de Senabria se destaca para Portugal.

Tanto os valles de segunda ordem, que correspondem a estas serras, como os outros da mesma ordem e de ordens inferiores, que accidentam esta região, denunciam nas suas formas as fracturas que lhes deram origem. Em Traz-os-Montes principalmente esta fórma é assaz pronunciada. Se attentarmos no parallelismo dos principaes thalwegs dos valles transmontanos não só entre si, mas mesmo com a porção da grande fractura, por onde corre o Douro, comprehendida entre os dois pontos já indicados, isto é, Freixo de Espada á Cinta, e Paradella, será facil concluir a simultaneidade da sua formação. Da primeira d'estas povoações para o poente até á sua foz 5 kilometros a juzante do Porto, e de Paradella para o nascente até á sua origem na provincia de Soria em Hispanha, o Douro tem o seu curso orientado na direção E O, correspondendo estas duas partes a fracturas coevas entre si e de outras, que se podem assignalar n'esta região, differentes em edade e origem das precedentes. Notaveis convulsões geogenicas agitaram esta porção da crusta da terra, e deixaram escriptos com traços indeleveis os numerosos sulcos, que retalham a superficie, e que o movimento perenne das aguas tende incessantemente a avivar.

O mappa geologico da peninsula pelo sr. de Verneuil, e mais ainda o da Europa pelo sr. Dumont, estão, no que se refere a Portugal, eivados de incorrecções, que se explicam facilmente sabendo-se que os seus authores não visitaram ainda o nosso paiz.

Predominam de dois grupos principaes de rochas nas duas provincias: o granito abrangendo a quasi totalidade do Minho, e prolongando-se até á porção mais occidental de Traz-os-Montes, e as rochas schistosas dominando quasi exclusivamente n'esta ultima região, e sem duvida contemporaneos das que formam a estreita faxa schistosa, que passa 7 kilometros ao nascente do Porto, atravessa para S E. o Douro entre a foz do Tamega e a freguezia do Jovim, e para N E. se esconde debaixo do mar ao sul e ao norte de Espozende.

Parece á primeira vista que a constituição geologica do tracto comprehendido entre os rios Douro e Minho está reduzida a termos bem simplices, attenta a pequena variedade dos membros da serie geognostica que compõem o seu solo; mas não é assim.

A formação das rochas graniticas não teve logar em um só periodo, mas antes estas se succederam com grandes intervallos, originando com a sua apparição mudanças nas condições estratigraphicas e lithologicas das rochas preexistentes, e accidentando e complicando cada vez mais o aspecto orographico e hydrographico do paiz.

Podem desde ja assignalar-se quatro especies de granito differentes na sua composição, origem, textura e modo de erupção. Não me proponho agora senão a expor em ligeiros e rapidos traços os factos que o estudo me tem levado a estabelecer quasi como evidentes, e que teem immediata relação com o jazimento e distribuição geographica das aguas mineraes das duas provincias do norte; e das que emergem na parte mais septentrional da Beira; e contentar-me-hei agora unicamente de pôr os factos que mais intimamente interessam ao meu proposito.

Sem pretender assentar uma opinião decidida em um ponto, onde os principes da sciencia teem sempre vacillado, limitar-me-hei a rejeitar a theoria, que acabei de resumir, pelo seu exclusivismo, e a dar como provado: 1.º que em Portugal a maior frequencia das nascentes mineraes dá-se principalmente nas regiões mais afastadas das rochas baralticas e trachyticas, que são nas immediações de Lisboa as representantes de volcões de um periodo zoologico anterior ao actual; 2.º que as aguas mineraes surdem em maior abundancia nos terrenos montanhosos do que nas planiceis; 3.º que nos terrenos mais accidentados são mais numerosas as fontes que brotam do granito, e estas quasi sempre no contacto da rocha granitica com outra sedimentar, ou ao menos de natureza e origem differentes.

As aguas, que se infiltram na superficie da terra, umas circulam a pequena profundidade nos conductos subterraneos que lhe abrem as fendas naturaes e vasios das rochas, e vem brotar em pontos mais baixos por simples effeito da gravidade, e são as aguas communs. Outras descem a maior profundidade, e ahi encontram uma temperatura elevada, ou esta tenha por causa as acções volcanicas, ou o calor central do globo, ou mesmo o calor proveniente de reacções chimicas no interior da crusta, recebem a pressão de gazes, e forçadas a subir novamente á superficie são as aguas mineraes. A alta temperatura das regiões d onde procedem, uma forte pressão e a presença de certos corpos, taes como o acido carbonico, silicio, sulphydrico e outros que se acham frequentemente na composição das aguas mineraes, são agentes, que podem ter promovido ou favorecido a acção dissolvente da agua sobre as substancias, que lhe forneceram os seus principios mineralisadores ou na maior profundidade a que desceram, ou no seu trajecto pelas rochas, que atravessam.

Se essas rochas conteem os principios, que mineralisam a agua, nada mais racional, nada mais conforme á indicação dos factos, do que a theoria que acabei de resumir; mas se os terrenos não comprehendem taes su-

bstancias na sua composição, então a sciencia nada offerece senão conjecturas mais ou menos vagas, mais ou menos accordes com a observação.

Quasi todos os ramos dos conhecimentos humanos consistiram por muito tempo em factos isolados, e sem ligação; e em theorias incoherentes, até que o genio lhes poz mão, reunindo e coordenando os elementos dispersos e elevando-os á altura de verdadeiras sciencias. Esperemos a mesma sorte para a hydrologia mineral, que já conta numerosos materiaes, digamol-o assim, para a sua mais solida construcção.

Para o nosso caso o que parece incontroverso é que as aguas, que desceram da superficie, se entranharam em zonas mais ou menos profundas da crusta da terra, que ahi receberam uma temperatura proporcional a essa profundidade, e que foram depois impellidas a subir com uma força ascencional em relação com a pressão que sobre ellas actuou.

Prevê-se pois que devem procurar para a sua saída as linhas de menor resistencia, taes como os thalwegs, as fendas ou fracturas, as falhas e os filões.

Vê-se que effectivamente, com rarissimas excepções, os mananciaes emergem nasmargens dos rios.

Tem-se attribuido aos filões metaliferos e aos mananciaes de aguas mineraes a mesma origem e modo de geração; ambos teem sido considerados com bastante justesa, a meu ver, como o producto do trabalho interior do globo.

Estas duas ordens de phenomenos se acham separadas nas provincias septentrionaes. A Traz-os-Montes coube, como disse, a maior abundancia de jazigos uteis; e, como para compensação da sua pobresa em minerios, teve a provincia do Minho a grande maioria das fontes mineraes e as de mais elevada temperatura. Esta independencia entre as fontes thermaes e os filões não é senão apparente, e só se refere aos filões uteis.

Nas Caldas de Vizella, por exemplo, em um dos pontos de emergencia das nascentes sulfureas (Banhos do Mourisco) se vê a agua sair de um delgado filão no granito contendo pyrite de ferro. A presença d'esta substancia póde ser considerada como effeito da decomposição dos sulphuretos, que sempre, ou quasi sempre mineralisam as aguas, e da combinação subsequente do elemento sulphoroso com o ferro proveniente da decomposição da mica, ou pelo contrario a presença do acido sulphydrico poderia ser attribuida á decomposição da pyrite, e da agua em certa profundidade, e á união do hydrogenio com o enxofre da mesma pyrite.

A segunda d'estas hypotheses tem contra si, alem de outras objecções, a necessidade de admittir variações frequentes na composição da agua mineral, o que não está ainda demonstrado, ou antes que eu suspeito, não se demonstrará, porque, apesar de faltarem observações scientificas e rigorosas, o instincto popular seria sufficiente para dar conta de taes variações.

A primeira hypothese parece-me ser confirmada por factos analogos, cuja origem é evidente. De facto, assim como os objectos de ferro, taes como pregos que estiveram, durante um certo tempo, immergidos nas aguas d'esta natureza, se acham cobertos por uma capa de ferro pyritoso em pequenissimos crystaes, nenhuma duvida pode haver de que uma reacção similhante entre a agua e o ferro, separado da mica, tenha logar em dadas circumstancias e na passagem da agua, através da fenda, depondo-se a pyrite nos intervallos das substancias, que constituem o filão.

Offereci este exemplo como um typo, que tem muitos representantes na Beira e no Minho. N'estas ultimas provincias estão reunidas as aguas mais quentes e em grande parte sulphurosas; estas brotam geralmente do granito. São as aguas naturaes, em contraposição ás accidentaes, que pertencem quasi exclusivamente aos terrenos sedimentares mais modernos.

A maior frequencia, maior thermalidade e maior volume das aguas do Minho em relação ás de Traz-os-Montes encontra, segundo se me figura, uma natural e facil explicação na constituição geognostica respectiva. Effectivamente as que brotam na região schistosa com a sua origem nos granitos subjacentes, tendo de vencer até ao seu affloramento a zona espessa das camadas sedimentares, que os cobrem, encontram uma resistencia bastante poderosa para que se transviem pelas numerosas e irregularissimas fendas, que dominam n'esta especie de rochas, não apparecendo á superficie ou apparecendo apenas em pequeno volume. Esta ultima circumstancia e o seu mais longo percurso dão conta da differença na sua thermalidade.

Mesmo nas aguas que brotam na região granitica é evidente que o volume d'ellas exerce uma influencia pronunciada sobre a sua temperatura. Comparando a agua sulphurea fria de Lijó com a hyperthermal de S. Pedro do Sul, vê-se que os tenues filetes em que aquella vem á superficie hão de soffrer um grande resfriamento pelo contacto com as paredes da fenda, por onde emergem, e que a segunda, nascendo em um volumoso jorro, será apenas levemente influenciada por aquella causa.

A extensão do trajecto póde dar uma explicação obvia da differença na thermalidade de nascentes proximas. Para elucidar com um exemplar, citarei as Caldas do Mollêdo, na margem do Douro. As nascentes mais quentes são as que brotam no alveo do rio, e que só estão a descoberto durante a estiagem; as que lhe estão superiores, e que alimentam o edificio dos banhos denominados da Estrada, têem uma temperatura inferior; mais baixa é a da nascente, que foi modernamente captada e que emerge mais ao nascente, e em nivel superior. A nascente do rio Sermanha, um kilometro mais ao norte das Caldas do Mollêdo, e n'um nivel muito mais mais elevado, tem, segundo me informam, uma temperatura muito inferior ás das precedentes.

O sr. Jutier, collaborador do sr. Lefort, n'um trabalho intitulado Etudes sur les eaux minérales et thermales de Plombières, offerece uma explicação, que me parece tão aceitavel como obvia, por uma disposição analoga, que se dá nas nascentes d'aquella cidade.

Representa em diagramma um tronco central correspondendo ao thalweg da ribeira de Eaugronne, d'onde se ramificam em complicado redenho numerosas fendas, das quaes algumas vem abrir-se proximo á margem, e outras se afastam, e vem communicar com a superficie em pontos tanto mais elevados, quanto mais baixa é a temperatura, e quanto mais longo tem sido o trajecto.

Uma circumstancia muito digna de observar-se, e que geralmente se dá nas nascentes de aguas mineraes, que brotam do granito, é a sua proximidade das rochas metamorphicas, ou estas se offereçam em grande extensão ou sejam simplesmente retalhos. Algumas das que brotam na zona schistosa têem uma posição analoga em relação aos granitos.

Não seria sem interesse examinar agora as relações que os diversos grupos de nascentes mantêem entre si formando systemas.

Não ha duvida que estas relações têem sido assentadas em numerosas observações, e que a composição das aguas correspondentes ao mesmo systema tem uma certa uniformidade, á parte a predominancia de um principio mais em uma do que em outra, ou a existencia accidental de uma substancia, que falta em todas as outras, ou só em algumas do mesmo grupo.

Comprehende-se bem que o simples estudo geologico, intentado isoladamente e sem o presente auxilio da chimica, será na maioria de casos deficiente para estabelecer taes relações.

Casos ha em que não será difficil desde logo prevenir a estreita ligação de algumas nascentes com um determinado phenomeno geologico. Assim as aguas alcalino-gazosas de Vidagos, Chaves, Villarelho da Raia e Verim (em Hispanha), alinhadas na direcção do rio Tamega, que n'esta porção do seu curso tem a orientação media de N. 35° E. a S 35° O, pertencem evidentemente ao mesmo systema; e a sua apparição ligada com a sublevação granitica, que fórma uma parte do dorso que separa as duas regiões hydrographicas dos rios Tamega e Tua, não me parece estranha ao levantamento da serra do Larouco,

Tambem as aguas de Caldellas de Rendufe e as do Gerez, que vem ambas brotar em pontos oppostos das vertentes da serra que dá nome áquellas Caldas, teem a mesma origem. A sua direcção é a de N. 65.° E. a S. 65.° O, um pouco differente da orientação da mesma serra pela posição particular que tomaram as nascentes.

Provincia do Minho

Caldas de Vizella

Posição topographica.—As nascentes thermaes conhecidas por este

nome brotam nas duas margens e no alveo da ribeira de Vizella, ficando parte na freguezia de João das Caldas e parte na de S. Miguel das Caldas, ambas do concelho de Guimarães, districto de Braga. O local dos banhos está a seis kilometros ao sul de Guimarães. Quando se construir o ramal da estrada, que partindo d'este estabelecimento irá entroncar na de Guimaraes ao Porto, será esta uma das estações thermaes que gose de maior numero de communicações commodas com povoações importantes, taes como as capitaes do concelho, do districto e da provincia. Mesmo actualmente se pode chegar a estes banhos em diligencia.

Situação geologica.—O terreno, onde emergem, faz parte da extensa zona de granito porphyroide, que abrange principalmente a porção central da provincia do Minho.

Dois systemas de fendas retalham a rocha; um com a direcção bastante regular de N. 15° E. inclinando 85° para E. 15° S.: a segunda orientada segundo o rumo E. O. inclinando 45.° para N. Estas fendas são provavelmente representantes de outros filões, que não affloram á superficie, similhantes ao já descripto, existentes no banho do Mourisco (margem esquerda).

A saida das aguas faz-se sempre por estas fendas ou filões, tanto de um como de outro systema.

Temperaturas.—A agua observada no dia 16 de novembro do anno passado 1866, ás 2 horas da tarde, na bica da Lameira (margem direita) marcava a temperatura de 60° centigrados, sendo a do ar á sombra 19°,5, tempo sereno.

No dia immediato ás dez horas da manhã era a temperatura da agua no banho do medico 37°,5, sendo a exterior 18°,5.

No mesmo dia, tempo nublado e secco, sendo a temperatura do ambiente 19°,5 á sombra (duas horas da tarde), o thermometro indicava 3 °,8 para a nascente do banho do Mourisco.

Nas outras nascentes as temperaturas são muito variaveis desde 17°,2 até 65°,5

Numero e volume das nascentes.—O numero de nascentes até agora separadas, e em partes captadas pelos trabalhos ha pouco alli feitos pelo sr. Déjante, sobe a cincoenta e cinco, cujos volumes são muito variaveis desde o minimo de 192 litros, em vinte e quatro horas, até 80:344 litros, segundo os esclarecimentos que este engenheiro teve a indulgencia de ministrar.

Estas nascentes podem considerar-se distribuidas em tres grupos com os nomes de Lameira e Velmenso na margem direita, e de Mourisca na esquerda.

O producto total de agua em vinte e quatro horas sobe a 327:000 litros, não contando com algumas nascentes que foram despresadas, por se dispôr já do volume que se reputa sufficiente para o estabelecimento, de cujo projecto o municipio encarregou o sr. Déjante.

Noticia historica.—Alguns apparelhos balnearios e restos de antiga canalisação ainda alli se conservam. Medalhas, moedas, inscripções, troços de columnas e outros fragmentos de peças de architectura, teem sido encontrados n'aquella localidade. As piscinas romanas teem fórmas variadas e algumas muito elegantes. O banho da Meia Lua é uma piscina de fórma semi-circular, a do banho grande é quadrada; ha ainda a fórma octogonal, alèm de outras. Alguns fragmentos de marmore saccharoide, que devia ter sido conduzido de bem longe e com muito sacrificio, são curiosos pela completa conservação, que lhes deu a argamassa que os reveste: o mosaico que forra o fundo das piscinas é composto de pequenos quadrados de marmore convertido em calcareo terroso esbranquiçado.

Estes e outros vestigios, que não cabe aqui descrever, attestam as grandes exigencias da antiga sociedade romana, mas não revelam menos os cuidados technicos, com que então se sabia utilisar as aguas mineraes em toda a sua pureza.

Segundo informações do sr. Pereira Caldas, parece que estas aguas thermaes foram conhecidas e frequentadas pelos suevos, como referem as actas do concilio de Lugo, celebrado por Theodomiro no anno 607. No anno de 1014, dizem antigos documentos, estanceara em Vizella o rei de Leão D. Affonso V.

Succedeu-se um periodo em que os homens distrahidos e endurecidos em guerras continuadas não tinham vagar, nem talvez necessidade, de procurar a acção hygienica ou therapeutica das aguas medicinaes. As thermaes foram descuradas e esquecidas em toda a parte.

Em Vizella só modernamente se tem construido por diversas vezes as casas que ainda hoje servem para os banhos; estes edificios estão isolados e adaptados ás nascentes.

Caldas das Taipas

Situação topographica.—A meia distancia entre Braga e Guimarães, e a 10 kilometros de uma e outra cidade, está o logar de Santo Antonio das Taipas, na freguezia de S. Thomé de Caldellas. O local dos banhos dista para o N. 250 metros da estrada, que liga aquellas duas cidades, e 100 metros pouco mais ou menos da margem direita do rio Ave, que nasce n'um dos ramos da serra das Alturas, e depois de banhar as ferteis campinas, que tão frequentes são n'esta bella provincia, vae passar em Santo Thyrso e lançar as suas aguas no mar entre Villa do Conde e Azurara.

Estructura geologica.—A mesma formação do granito porphyroide de Vizella.

Temperatura.—Quasi a mesma em todas as nascentes, isto é, apenas variando em algumas de 32°,5 centigrados até 35°, sendo a temperatu-

ra do ar á sombra 12° no dia 19 de novembro do anno de 1866, tempo sereno e seccó.

Volume de agua.—Ha nove casas, cada uma com uma tina de pedra. Cada banho é alimentado por uma nascente propria exceptuando os banhos n.os 3 e 6, que recebem aguas de outros banhos, além das que lhes provém de pequenas nascentes. Ha ainda uma nascente forte que não está aproveitada, e uma outra que alimenta a bica que fornece a agua para beber.

A nascente do banho n.° 9 fornece 34:500 litros em 24 horas. Por um calculo grosseiro avalio o dispendio total em 250:000 litros diarios.

Noticia historica. - Ha tambem n'estas thermas vestigios de construcções romanas, mas hoje inteiramente subterradas. Em 1818 as barracas de madeira, de que falla o medico Tavares, foram substituidas pelo edificio, que hoje lá está construido, constando de dois renques de pequenas casas separadas por uma rua.

O municipio actual mandou pelo seu engenheiro, o sr. Cruz, fazer alguns estudos com o fim de melhorar o deploravel estado d'este estabelecimento.

Estação e concorrencia.—A estação balnearia começa em maio e acaba no fim de outubro Em maio regula o numero de banhos por 600, termo medio; em junho 6:000: em julho um numero egual; em agosto 200; em setembro 4:000, e outubro 400: total 17:200.

Caldas de Monsão

Situação topograpyica.—Junto á villa de Monsão, e na margem esquerda do rio Minho, brotam nascentes de agua sulphurosa em uma extensão de 250 metros, e tanto as mais altas como as mais baixas são cobertas pelas grandes cheias.

Jazimento —Emergem do terreno alluvial moderno, que cobre o alveo e margem do rio, e que é posterior na sua deposição ao que se estende na encosta até 2 kilometros ao sul da margem. O deposito alluvial compõe-se de quartzo rolado, areias, argilla e fragmentos de schisto de diversas especies. As fontes mineraes têem a sua origem no granito subjacente, que pertence á mesma especie porphyroide já descripta e a que se acha associado o granito commum de duas micas, e accidentalmente um granito fino de mica negra.

Concorrencia.—A difficuldades das communicações e o mau estado do edificio são causas que diminuem a affluencia de banhistas. Apezar d'isso informam-me que o numero de concorrentes chega em alguns annos a 2.000, dos quaes uma grande parte são hispanhoes de além Minho.

A conclusão da estrada de Braga a esta villa, e a construcção da que a ligar com Valença e Vianna, melhorarão a situação d'estes banhos, tornando-os accessiveis a um numero maior de concorrentes.

Historia.—O edificio mais elevado sobre o nivel do rio, denominado a *Therma*, foi mandado construir em 1801 pelo conde de Amarante, que deixou um legado ao municipio com esta applicação. A nascente que alimenta este banho já era conhecida antes d'aquelle anno.

N'este mesmo anno Ricardo Allen, consul inglez em Vianna do Castello fez edificar uma outra casa de banho proxima a uma nascente que está 120 metros a montante e mais perto do thalweg. Ainda hoje tem o nome de banho do *Inglez*. Entulhado este depois pelos detritos carreados pelas innundações, foi restabelecido em 1843.

Em 1807 foi conhecida a nascente chamada actualmente banho fresco, que brota algumas dezenas de metros a juzante da *Therma*. Não tem edificio proprio.

Finalmente, alèm de um tanque arruinado, ha um outro sobre uma forte nascente, que começou a ser utilisada em 1819. Esta alimenta os banhos temperados, que estão, como os antecedentes, em barracas de madeira, que se removem na epoca das cheias.

A *Therma*, edificio pequeno e pouco aceiado, quasi sem luz, e mal reparado do ar, tem oito banheiras, e cada par é separada por um compartimento.

Os banhos temperados teem tambem quatro compartimentos com duas banheiras em cada um. O banho do Inglez tem uma só banheira.

Temperatura.—Sendo a temperatura do ar á sombra 25° centigrados, marcava o thermometro:

Para a nascente da Therma.....	49°,50 c.
Para o banho do Inglez	40°
Para o tanque dos banhos temperados.	40°,50
Para o arruinado.....	45°,50
Para a nascente fresca.....	45°

Volume das nascentes.—A

nascente da	litros	h.
Therma debita.....	43:900	em 24
A do Inglez.....	17:540	» »
A dos banhos temperados.....	123:550	» »
A do tanque arruinado.....	123:500	» »
A nascente fresca.....	10:540	» »
O volume total sobe a.....	319:050	» »

Propriedades physicas.—A agua d'estas nascentes é perfeitamente limpida: tem cheiro pouco pronunciado e caracteristico do gaz sulphydrico, e sabor levemente picante. Bolhas de gas, umas grossas e outras miudas, se desprendem com muita frequencia das borbulhas de agua, e sobem com velocidade á superficie, o que é mais visivel no tanque dos

banhos temperados, Confervas verdes em compridos filamentos e muito abundantes revestem o fundo e as paredes do tanque. No banho do Inglez as confervas são muito amarelladas e unctuosas.

Applicações.—Segundo as informações prestadas pelo medico de partido, o sr. Joaquim de Sousa Braga, estas aguas são efficazes no rheumatismo, e efficacissimas nas paralysias, sciaticas, arthrites gotosas, necroses, elefantiasis incipiente. Maritada com leite de jumenta, é applicada internamente em molestias de peito, em gastrites e interites chronicas, e em dispepsias, sendo utilissima n'estas ultimas enfermidades. Empregam-se ainda no tratamento de antigas feridas varicosas, nas anchyloses, etc.

Agua sulphorosas de Lijó

Situação topographica.—Estas aguas nascem na proximidade de um pequeno ribeiro affluente do Cavado e junto ao logar de Mosqueiro, na freguezia de Santa Maria de Lijó, concelho de Barcellos, e a 6 kilometros ao norte d'esta villa. A communicação mais commoda é por Barcellos, de onde se póde ir em carruagem até ao local dos banhos.

Á distancia de 500 metros para SE. d'este ponto ha uma outra nascente um pouco mais abundante, no logar de Gallegos.

Jazida.—Emergem em pequenos filetes atravez das fendas do granito de grão fino, em que predomina a mica negra sobre a argentina, feldspatho orthose e quartzo translucido, com raros crystaes maiores do mesmo feldspatho Este granito está subordinado ao granito porphyroide normal d'esta provincia, e denuncia na mudança da sua composição e textura a alteração, que lhe provêm da proximidade do schisto crystallino. A fracturas do granito são irregulares na direcção, mas é mais frequente a de N. 70° E. S. 70° O., inclinando 80° para N. 20° O. Estas ultimas dão passagem ás aguas mineraes.

Historia.—Julga-se que o uso d'estas aguas foi aconselhado pela primeira vez ha doze ou quinze annos pelo medico Alheira

Concorrencia e estação.—Calculam na localidade que 500 a 600 pessoas frequentam annualmente estas aguas. A estação dura desde fins de junho até fins de outubro.

Temperatura. — No dia 24 de novembro de 1866, tempo sereno e humido, sendo a temperatura do ar á sombra 20° centigrados (á uma hora da tarde), era a da agua sulphurea em Lijó 19°.

Estabelecimento.—Ha duas pequenas casas, uma em Mosqueiro, e outra em Gallegos, ambas em pessimo estado, onde existem algumas canôas ou tinas de madeira para banhos. A agua é aquecida em caldeiras de cobre e sem as necessarias precauções, do que resulta a perda do principio sulphuroso. Estes estabelecimentos são de propriedade particular. A maior parte dos doentes tomam os banhos em casas particula-

res da pequena povoação de Mosqueiro, que são os unicos alojamentos que se offerecem.

Observações. — Calcula-se que o volume d'estas aguas não excederá 50:000 litros em vinte e quatro horas.

Se se provar que as aguas de Lijó teem valor therapeutico, pelo menos, egual ao de outras aguas sulphurosas thermaes devem aquellas ser preferidas para transporte, porque frias ellas estão menos expostas do que as quentes a perder os seus principios mineralisadores, e debaixo d'este ponto de vista adquirirão um grande preço.

Applicações. — São recommendadas com especialidade estas aguas nas affecções herpeticas, ephelides e suas congeneres, e em bebida são indicadas para doenças de estomago.

Caldas de Rendufe

Situação topographica e geologica. Propriedades physicas. — Ao norte de Braga 12 kilometros, na freguezia de S. Thiago de Caldellas do concelho de Amares, brota proximo á margem do ribeiro Albito, pequeno affluente do rio Homem, e nas fendas do granito porphyroide, uma agua mineral, similhante na origem jazida e propriedades physicas á do Gerez. É perfeitamente limpida, inodora e tem sabor levemente enjoativo; deposita algumas confervas de côr verde escura.

Historia. — Estas aguas foram conhecidas, segundo affirma o sr. Pereira Caldas, entre 1763 e 1779. O actual edificio de banhos foi construido em 1803. Compõe se de quatro casas, cada uma com um pequeno tanque ou piscina, e todas são alimentadas por duas nascentes. O municipio projecta aproveitar mais duas nascentes que ha, além da que fornece a bica d'onde se bebe.

Temperatura e volumes. — No dia 14 de novembro de 1866, tempo sereno e secco, marcando o thermometro a sombra 19°,75 centigrados era a temperatura da agua nos dois banhos denominados fresco e do rheumatismo..... 32° c.
no banho do Carvalho..... 32°,5
no da elephantiasis..... 32

O banho do rheumatismo, que se enche em um quarto de hora, dispende 151:104 litros em 24 horas: o do Carvalho dá 17:232 litros.

Estação e affluencia de enfermos. — Dura a estação desde o S. João até fim de outubro. Computa-se em 500, termo medio, o numero de concorrentes.

Aguas de Entre os Rios

Nascem no logar das Quebradas, quasi a 2 kilometros da confluencia do Tamega com o Douro, freguezia da Eja, concelho de Penafiel.

São frias, limpidas, com cheiro pronunciado de gaz sulphydrico. Nascem nos schistos crystallinos em contacto com o granito porphyroide.

A virtude medicinal d'esta agua parece provada pelo extenso consumo, que d'ella se faz no paiz, sendo mesmo transportada para o estrangeiro, segundo informaram. O seu principal modo de applicação é em bebida, nos padecimentos intestinaes; usa-se externamente em lavatorios e banhos para herpes.

O dispendio d'esta nascente é aproximadamente de 25:000 a 30:000 litros em 24 horas.

Ao norte d'esta localidade uns 80 metros brota uma outra fonte mais abundante, que não está aproveitada.

Provincia de Traz os Montes

Caldas de Molledo

Situação topographica.—Estas aguas mineraes brotam na margem direita do Douro, e tomam o nome de uma pequena povoação, que lhe fica fronteira na margem esquerda. A povoação denominada Caldas pertence ao logar da Rêde, freguezia de Fontellas, concelho de Mezão Frio, do districto de Villa Real: está a 5 kilometros a jusante da Regua, e 66 ao nascente do Porto. Além da communicação fluvial, estão estas Caldas em relação com o Porto e Villa Real por meio de diligencias diarias. A estrada para Lamego e o marginal facilitam o transporte dos concorrentes da Beira e Alto Douro.

Noticia geologica.—Estas aguas brotam dos schistos, que formam a zona vinicola do Douro em ambas as margens d'este rio, e que se julga dever considerar coevos dos que se estendem em grande parte da provincia do Traz-os-Montes. Estes schistos, quasi horisontaes n'este ponto, têem apenas uma leve inclinação para o rio. São fortemente silicosos, e d'ahi vem a sua grande dureza. A estratificação muito distincta dá a esta rocha variados aspectos, listando a de diversas cores.

Os granitos que circundam esta faxa schistosa têem o seu limite ao poente, não longe d'este ponto.

Numero e volume das nascentes.—Podem contar-se 10 distribuidas em 3 grupos e pelo modo seguinte: 5 no alveo do rio, apenas descobertas durante a maior estiagem: 3 as da Lameira, em um nivel pouco superior, a 50 metros ao sul da entrada do Porto; 2 á direita da estrada e contiguas a esta.

A nascente do banho Contraforte do Rio dá em 24 horas 15:000 litros; as outras 4 dispendem proximamente 70:000 litros: 4 nascentes da Lameira podem ser calculadas em 70:000; e o dispendio total regula pelo minimo 250:000 litros em 24 horas.

Temperaturas.—Variam desde 39° centigrados até 42°. Na nascente

mais antiga da Estrada sendo a temperatura da atmosphera 18° á sombra (em 30 de novembro de 1866, tempo nublado e humido), era a temperatura da agua a seguinte:

Na nascente.....	39°.3
No deposito.....	37°
Na banheira.....	35°

No banho Contraforte do Rio, o de mais elevada temperatura, a agua thermometrada junto á nascente marcava 42°, sendo a temperatura do ar á sombra 17°.

Nas mesmas condições no banho n.° 39 do rio o thermometro indicava 40°,5.

Historia, edificios.—Alguns titulos de prasos attestam que estas aguas eram já conhecidas nos primeiros annos do seculo passado. O edificio dos banhos na Estrada foi renovado pelo sr. Cambiasso. O actual proprietario o sr. Torres tem melhorado muito as condições do estabelecimento, e intenta, segundo dizem, eleval-o ao nivel das mais exigentes necessidades da civilisação.

Para aproveitar as nascentes do rio ha barracas de madeira, que se armam, quando começa a estação.

Na Lameira ha trez pequenas casas, cada uma com sua tina alimentada por nascente propria. Estes são destinados aos doentes menos abastados.

O edificio da Estrada tem dois pavimentos, o inferior que contém seis banheiras em quartos separados, e o superior que tem quatro compartimentos, onde ha varios apparelhos não só para os banhos ordinarios, como para os de chuva, para emborcações (douches descendentes) injecções rectaes ou vaginaes e jactos bocaes.

As tinas são forradas de azulejo, e a temperatura do banho pode graduar-se por meio de torneiras que conduzem agua fria.

Neste estabelecimento, que se não póde dizer sumptuoso, encontra-se todavia uma boa ordem, aceio e commodidades que infelizmente não são vulgares nas nossas estações hydromineraes.

Extractado do *Diario de Lisboa* de 1867.

MAPPA DAS AGUAS MINERAES DE PORTUGAL

Provincia do Minho

Aguas de Vizella.—A 5 kilometros de Guimarães. Ligeiramente sulphurosas, pouco mineralisadas, tendo apenas em dissolução uma quantidade minima d'elementos das rochas d'onde brotam.[1]

[1] Sr. A. V. Lourenço. Renseignements sur les eaux minerales Portugaises. Paris, 1867.

Ha 3 nascentes—de Marisco, Lameira, e do Medico.

As aguas da nascente do Marisco teem a temperatura de 36°,5 c. A do ar ambiente sendo de 22° c. contêem por kilogramma, d'agua 0 gr. 00862 d'acido sulphydrico, e 0 gr. 331 de principios fixos.

As aguas thermaes da Lameira, a pouca distancia das do Marisco, têem uma temperatura de 32° c: contêem por kilogramma d'agua 0 gr. 00913 d'acido sulfhydrico, e 0 gr. 3415 de principios fixos.

As da nascente do Medico apresentam propriedades physicas e uma composição chimica analogas. Sua temperatura é de 37°,5 c. contêem por kilogramma d'agua 0 gr. 00987 d'acido sulfhydrico e 0 gr. 3475 de principios fixos.

Aguas thermaes de Santo Antonio das Taipas.—Sahem em abundancia por 4 nascentes diversas n'um sitio risonho e muito pittoresco, a 8 kilometros das cidades de Guimarães e Braga. São ainda menos mineralisadas, que as precedentes, e contêem uma quantidade mais pequena de acido sulfhydrico. A natureza dos saes em dissolução é com tudo a mesma.

A nascente thermal das Taipas contém por kilogramma d'agua 0 gr. 00242 d'acido sulfhydrico, e fornece 0 gr. 2035 de principios fixos.

Aguas mineraes de Lijó e Gallegos.—Estas aguas sulfurosas, frias, brotam de varias nascentes n'um sitio chamado Mosqueiros e Gallegos, a uns 50 metros de aldeia de Lijó. Um kilog. d'agua mineral de Lijó contém 0 gr. 00801 d'acido sulfhydrico, e 0 gr. 47 de principios.

Nascente thermal de Rendufe, a 10 kil. de Braga, n'uma povoação por nome S. Thiago de Caldellas.—Contêm apenas por kilog, d'agua 0 gr. 11467 de principios fixos

Nascentes thermaes de Monsão.—São tres nascentes muito abundantes, que rebentam n'um sitio pittoresco e agradavel, perto do castello de Monsão. São de varia temperatura: a fraca marca 31°,75 c: a media 39° c. forte 43° c.

Aguas thermaes do Gerez.[1]—Rebentam de varias nascentes muito abundantes, a 30 kil. de Braga e Guimarães.

Apresentam temperaturas variadas. Estas aguas tão notaveis por sua alta temperatura, apresentam com tudo uma composição chimica muito simples, contendo apenas por kilog. 0 gr. 2,675 de principios fixos.

Provincia da Beira

E' a que possue um maior numero d'aguas mineraes: eis as principaes.

Alcafache.—Sulforosas quentes. 7 kil. de Vizeu. Sua temperatura é de 49° c., e contêem por kilog. d'agua 0 gr. 00026 d'acido sulphydrico.

Felgueiras.—Jazem a 500 metros da margem direita do Mondego, e

[1] Veja-se tambem sobre estas aguas a Memoria composta pelo sr. Julio Maximo d'Oliveira Pimentel.

a 2 kilometros este sudoeste de Cannas de Senhorim. Estas aguas são limpidas e transparentes, e nada offerecem de notavel em quanto ao gosto e cheiro. Deixam por kilog. 0 gr. 34467 de residuo fixo; e sua temperatura é de 32° c. a 35° c.

Moledo.—São aguas sulfurosas callidas, conhecidas tambem pelo nome de Aguas mineraes de Curvaceira ou de Penaguião. Brotam perto da margem direita do Douro, a 45 kil. do Porto, e a 4 kil. oeste da Regua. Ha 10 nascentes d'ellas, distribuidas em 3 grupos, 5 brotam do proprio leito do Douro; 3 nascem á direita e 2 á esquerda da estrada que da Regua se dirige a Amarante.

S. Pedro do Sul.—Apparecem estas aguas n'uma collina chamada Lafão, a uns 17 kil. de Vizeu, entre Vousella e S. Pedro do Sul. São limpidas, e teem o gosto e cheiro das aguas sulfurosas, contendo por kil. 0 gr. 0014 d'acido sulfhydrico, e 0 gr. 315 de principios fixos. As aguas d'esta nascente são muito abundantes e deixam na sua passagem um grande deposito de enxofre.

Entre ambos os Rios.—Esta nascente fria brota n'um terreno schistoso, cousa d'um kil. distante da juncção dos rios Tamega e Douro, num sitio chamado Quebradas. A agua é limpida, e o gosto e cheiro assaz pronunciado das aguas sulforosas. Contém por kilog. 0 gr. 0018 d'acido sulphydrico e 0 gr. 321 d'elementos fixos.

Aregos.—São nascentes sulforosas calidas, que brotam n'uma pequena povoação d'este nome, a 400 metros pouco mais ou menos da margem esquerda do rio Douro, a 50 kil. Porto, e a 25 kilog. de Penafiel. Sua temperatura em a nascente é de 54° c. ao ar exterior á sombra 16°.6 c. Contém por kilog. 0 gr. 00235 de sulfhydrico.

Bussaco.—E' uma nascente ferruginosa fria, situada na serra d'aquelle nome. Contém 0 gr. 1134 de residuo fixo.

Luzo.—As aguas thermaes d'este nome apparecem a uns 17 kilometros de Coimbra. Estas aguas são cristallinas, sem gosto nem cheiro dignos de nota, agradaveis para bebida, abundantes, mas muito pouco mineralisadas. Um kilog. d'esta agua contém apenas 0 gr. 05917 de principios fixos. A temperatura é de 25° c. ao ar exterior, e á sombra 18° c.

Provincia de Traz-os-Montes

Vidago.—E' uma nascente fria, que brota a 300 ou 400 metros ao sul de Vidago, concelho de Chaves. Estas aguas assimilham-se muito com as de Vichy. Contéem por kilogr. 4 gr. 405 de principios fixos, e sua temperatura é de 19 c.

Villarelho da Raia.—Estas aguas são frias tendo uma temperatura de 16°,4 c. A mineralisação d'estas aguas é mais fraca que a das de Vidago. Um kilog. contém 1 gr. 900 de principios fixos.

Chaves.—Apparecem estas nascentes alcalinas no meio d'um campo

chamado Tabolado, perto do castello de Chaves. A temperatura d'estas aguas é elevada, variando de 50° a 56° c. Contéem por kilog. 1 gr. 7645 de principios fixos.

Provincia da Estremadura

Estoril.—Nascente thermal. Brota a uns 200 metros distantes do mar. A agua é limpida, cristallina, ligeiramente salgada, e sem cheiro. Um kilog. d'esta agua contém 3 gr. 570 de principios fixos.

Estoril.—Nascente da Poça. Apparece esta nascente á borda do mar. Sua temperatura é de 27° c. A evaporção d'um kilog. d'esta agua fornece um residuo fixo, que pesa 3 gr. 111.

Estoril.—Nascente de Santo Antonio. Apparece esta agua no fundo d'um poço no recinto do antigo convento de Santo Antonio, a uns 200 metros das 2 nascentes precedentes. E' menos mineralisada que as antecedentes, tendo por kilog. 1 gr. principios fixos.

Lisboa.—Nascentes sulfurosa do Arsenal da Marinha. A temperatura é de 22°,5 c. Varias analyses feitas para determinar sua temperatura deram por kilog. d'agua entre 0 gr. 021026 d'acido sulfhydrico e 0 gr.. 042612: a dos principios fixos variando entre 26 gr. 2963 e 28 gr. 2139.

Lisboa.—Alcaçarias do Duque. A agua d'estes banhos é limpida sem cheiro, nem sabor. Sua temperatura é de 34° c, contendo por kilog. d'agua 0 gr. 7128 de residuos fixos.

Alcaçarias de D. Clara.—A temperatura das aguas é de 33° c. e conteem por kilog. 0,7275 de principios fixos.

Aguas do chafariz d'El-Rei.—Este chafariz tem 9 bicas. A agua de 8 possue quasi a mesma composição que a das Alcaçarias, contendo por kilog. 0 gr. 6442 de residuo fixo.

Nascente do Doutor.—E' situada ao lado das Alcaçarias, e é mineralisada pelos mesmos saes. Um kilog. d'esta agua fornece pela evaporação a secco 0 gr. 5423 de principios salinos, que são da mesma natureza, que aquelles que mineralisam as nascentes precedentes.

Chafariz d'Andaluz.—A agua é limpida, sem cheiro e muito ligeiramente salgada.

Cucos.—Nascente thermal. Está situada entre Torres Vedras e Runa, distando 2 kilog. da primeira povoação, e 3 kilog. da segunda. A agua d'esta nascente é alguma cousa turva, mas sem cheiro, apresentando um sabor salgado, e uma reacção francamente alcalina, e temperatura de 32° c. sendo a do ar exterior de 22° c. Contém por kilog. 3 gr. 457 de principios fixos.

Torres Vedras.—A agua é limpida, transparente, sem cheiro, mas ligeiramente salgada. A temperatura é de 21° c. Um kilog. d'ella, evaporada em secco, forneceu 2 gr. 442 de residuo solido.

Vimeiro.—Jazem as aguas thermaes existentes n'esta povoação n'um logarejo por nome Maceira. São 4 as nascentes, que brotam em grande abundancia. As aguas são limpidas, sem sabor nem cheiro: sua temperatura é de 24° c. sendo a do ar exterior 22°. Um kilog. d'esta agua evaporado em secco dá 0 gr. 826 de residuo fixo.

Caldas da Rainha.—Existe n'esta povoação o celebre Hospital fundado em 1485 pela rainha D. Leonor, no qual durante a estação dos banhos se tratam 2000 a 2500 doentes.[1] São tão abundantes estas aguas, que poderiam alimentar um estabelecimento dez vezes maior. São as aguas muito claras e limpidas, e se renovam constantemente estabelecendo uma corrente forte e continua. Sua temperatura é de 33° durante todo o anno. Um kilog. d'esta agua evaporada em secco dá 2 gr. 785 de residuo fixo.

Caldas das Gayeiras.—Apparecem estas aguas n'um bosque entre as villas das Caldas e d'Obidos. Contéem por kilog. 0 gr. 00867 d'acido sulphydrico, e 2 gr. 2766 de principios fixos, que são da mesma natureza e composição, que as das aguas das Caldas. Sua temperatura é de 32°,8 c.

Obidos.—A um kilometro pouco mais ou menos em distancia do convento de Arrabidos de Gayeras, e a 500 metros da villa d'Obidos brotam aguas mineraes sulfurosas e salinas em tal abundancia que formam no logar, ondem surdem um lago tão grande e profundo, que permittiria construir alli um estabelecimento de natação.

Estão completamente abandonadas, e vão lançar-se n'uma pequena ribeira visinha, deixando na sua passagem um deposito assaz consideravel d'enxofre. Não longe d'este sitio desagua na mesma ribeira a agua d'uma outra nascente sulfurosa, egualmente abundante e limpida.

A agua thermal da nascente de Obidos é limpida e ligeiramente azulada, contendo por kilog. 2 gr. 6325 de residuo fixo: e sua temperatura na occasião, em que foi experimentada, era de 27°,4 c. E a agua da nascente thermal de Gayeiras contém por kilog. 2 gr. 564 de residuo fixo, sendo a sulfuração de 0 gr. 00419, e na temperatura 26°,2 c.

Aguas Santas da Villa das Caldas.—Conhece-se debaixo d'esta designação uma nascente, que brota a cousa de 2 kilom. do estabelecimento thermal das Caldas da Rainha. Estas aguas, que surdem n'um terreno de gres, são limpidas e cristallinas sem cheiro, nem gosto pronunciado. Contéem por kilog, 0 gr. 219 de principios fixos. Sua temperara é de 20° c.

Provincia do Alemtejo

Aljustrel.—As aguas apparecem a kilom. e meio distante d'esta po-

[1] V. Analyse das aguas das Caldas feita em julho de 1849 pelo sr Julio Maximo d'Oliveira Pimentel.

voação. Ha duas nascentes. A agua d'uma é fria, transparente, esverdinhada, com um gosto excessivamente acre e desagradavel.

Sendo exposta ao ar, ou mettida em frascos mal enrolhados, colore d'um vermelho d'ocre em consequencia da oxydação do sulfato de protoxydo de ferro, que alli se encontra em grande quantidade, depositando ao mesmo tempo saes basicos de ferro.

A referida agua apresenta uma forte reacção acida, e contém por kilog. 7 gr. 151 de residuo fixo.

A agua da outra nascente parece ter a mesma origem, mas misturada com 7 ou 8 vezes o seo volume d'agua ordinaria. Um kilog. d'ella fornece por evaporação 8 gr. 831 de principios salinos.

Cabeço de Vide.—As aguas são limpidas[1] sem o cheiro nem o sabor bem pronunciado das aguas sulfurosas, e apresentando uma reacção fracamente alcalina. Sua temperatura é de 25°,5 c.

A agua propria para banhos contém por kilog. 0 gr. 3225 de principios fixos, ao passo que a agua de bebida apresenta uma mineralisação mais fraca, contendo um kilog. apenas 0 gr. 230 de principios salinos.

Ouguella.—Um kilog. d'esta agua, evaporado a secco, deu 0 gr. 7849 de residuo fixo.

Provincia do Algarve

Santo Antonio de Tavira.—Surdem estas aguas n'um sitio chamado Atalaia. São limpidas, não apresentando nem gosto, nem cheiro apreciaveis, nem revelando algum signal de acido sulphydrico. Sua temperatura constante por todo o anno é de 26° c. contendo por kilog. 0 gr. 490 de principios fixos.

Monchique.—Apparecem a uns 20 kil. N. E. da cidade de Lagos, e a 5 de Monchique, n'um sitio muito montanhoso. São limpidas e transparentes, não apresentando nem gosto nem cheiro sensiveis. Sua temperatura é de 31° c. a 34° c. Suas propriedades physicas, bem como sua analyse não revelam de maneira nenhuma a presença d'acido sulphydrico. Contéem por kilog. 0 gr. 2848 de principios fixos.

Appendice ao cap. X da parte I

TERRENOS INCULTOS DO PAIZ

Portugal, não só pela constituição physica e geologica do seu solo, como tambem, e principalmente, pelo seu relevo accidentado, e em grande parte montanhoso, é por ventura um dos paizes, ao qual na classifi-

[1] V. tambem Investigações sobre a natureza e antiguidade das aguas mineraes de Cabeço de Vide por Francisco Xavier d'Almeida Pimenta.

cação e partilha dos terrenos cultivaveis, caberia maior área de solo apto para receber com especialidade floresta, em comparação de qualquer outro paiz de egual extensão geographica.

Entretanto qual é a extensão e valor das nossas matas e florestas?

Pouco ou nada se sabe a este respeito, e esse pouco que sabemos é a revelação de uma bem triste verdade.

Foi ella que inspirou o decreto de 21 de setembro de 1867, é ella o verdadeiro incentivo que deve animar-nos no muito que temos a fazer.

Deixando os salgadiços e areaes do litoral do Algarve, que na sua maior parte se acham desaproveitados, o resto da faxa litoral d'esta provincia é constituido por camadas secundarias de differentes edades, parcialmente cobertas para o lado do mar por differentes retalhos de camadas mais modernas, e revestindo-se a superficie de umas e outras de verdejante cultura tapizada de viçosos figueiraes e olivedo. D'esta faxa agricultada passa-se quasi repentinamente á região montanhosa da serra, cujas vertentes e encostas, aspérrimas e escalvadas, ou cobertas de matto, contrastam o mais desagradavelmente possivel com a risonha faxa que a precede.

Ao ganhar a cumiada da serra achamo-nos em plena região schistosa, constituida de camadas pertencentes á extensa serie paleozoica, e que occupa todo o vasto horisonte, que se desenrola para o norte até onde alcança a vista do observador.

A serrania do Algarve, que se extende de E. a O. da provincia desde o Guadiana até proximo do Atlantico, e a região montanhosa do baixo Alemtejo, que ao N. confina com as terras d'Ourique e de Mertola, e para NO. vae quasi até o Cabo-de-Sines, uma e outra mostram a mesma feição orographica: toda a vasta superficie do seu solo offerece o mesmo aspecto tristonho e monotono de charneca. Se não foram os multiplicados valleiros, que cortam profundamente este solo schistoso, n'alguns dos quaes, como em outros valles mais importantes, se estabeleceu uma ou outra pequena povoação: se não foram pequenissimas manchas de montado de azinho raro-semeadas por toda esta superficie; e se excepturarmos a pittoresca serra de Monchique, constituida por um acervo de rocha eruptiva d'aspecto granitoide, que rompeu os schistos, elevando se á maior altitude das duas provincias ao sul do valle do Tejo só com exclusão da serra de Portalegre, e cuja superficie guarnecida de espessos bosques de castanheiros, de pomares, prados, vinhedo e culturas de cereaes, fórma como um *oasis* n'esta parte do nosso paiz, —poderiamos consideral-a toda um verdadeiro sertão, inhospito e agreste. Tomando para comprimento medio d'esta superficie, de N. a S., 50 kilometros, e de E. a O., 120 kilometros, temos assim uma área de 6.000 kilometros quadrados, pela maior parte desaproveitada, mas mui apta para receber floresta.

A faxa littoral do solo arenáceo diluvial e moderno, que se estende

desde Aljezur até á foz do Sado, com um comprimento de 130 kilometros por 5 a 10 de largura, é coberta de charneca ou é calva em quasi toda a sua superficie. Esta faxa acha-se separada do Oceano por arribas escarpadas e mais ou menos altas, formadas pelas testas das camadas de schistos paleozoicos, e de calcareos e grès dos terrenos secundario e quaternario, como succede do Cabo-de-Sines para o sul: ou liga immediatamente com as areias da praia, como se vê entre o Cabo-de-Sines e Setubal. Prende-se, além d'isto, a mesma faxa a E., nas visinhanças de Grandola, com um extenso tracto de solo quaternario, que occupa a maior parte da bacia hydrographica do Sado desde Collos até o parallelo de Grandola, tendo cerca de 60 legoas quadradas de superficie, ou 1.500 kilometros quadrados; e que, pouco elevado e ligeiramente accidentado, é tambem coberto de charneca quasi na sua maxima parte.

Transportando-se das alturas de Grandola aos pontos geodesicos de 1.ª ordem das visinhanças de Torrão, Palma, Palmella, S.-Torcato, Godeal, Montargil, Almeirim, Ulme e Longomel, reconhecerá que o tracto do Valle do Sado, de que se acaba de fazer menção, é a parte meridional de outro incomparavelmente mais extenso, que tem por limites: ao NO., o valle do Tejo desde Aldeia-gallega até ao Gavião, e ao SE. uma linha mui sinuosa, que une as villas de Ferreira, Torrão, Cabrella, Lavre, Cano e Villa-Flor. Este immenso tracto é quasi plano, mas interrompido por numerosos valles e barrancos. A sua área é de 7.000 a 7.500 kilometros quadrados, computando o seu comprimento de NE. a SO. em 140 a 150 kilometros, e a largura em 50 no sentido perpendicular. D'esta mui vasta superficie só a quinta parte, se tanto, estará occupada com alguma cultura, e por montado de sobro e raro olival, nos valles e nas encostas; os quatro quintos restantes acham-se incultos, sem arvoredo, e apenas em partes revestidos de matto. É n'este grande tracto que se acham comprehendidas as vastas e medonhas charnecas, tão tristemente celebres entre nós pelas falsas idéas de sua esterilidade e seccura, e outr'ora pelos repetidos latrocinios e mortes de que eram theatro; e as quaes estabeleciam uma verdadeira separação entre os povos do centro e parte alta do Alemtejo, e os d'aquem do Tejo.

Visitando os pontos culminantes do relevo desde a Foya, sobranceira a Monchique, pela serra do Cercal até Grandola, reconhecer-se-ha que o solo circumvisinho é todo montanhoso e de charneca, e constituido pelas mesmas rochas schistosas que a região que se mencionou em primeiro logar. Representa esta zona um outro tracto que se deve addicionar ao do Algarve e baixo Alemtejo, e que mede 1.200 kilometros quadrados de superficie, considerando o seu comprimento desde as alturas de Odemira até Grandola de 60 kilometros, e a largura media de 20. N'este tracto uns $^4/_5$ da sua área acham-se incultos e inteiramente despidos de arvoredo.

—Na parte oriental do Alemtejo e confinando com as provincias hes-

panholas de Andaluzia e Extremadura; ha um outro tracto formado pelas mesmas rochas schistosas, cobertas aqui e acolá de retalhos de camadas arenáceas e de calcareos lacustres do periodo quaternario. O relevo já não apresenta a mesma feição orographica da parte do baixo Alemtejo confiante com a serrania do Algarve e com a serra do Cercal; a cultura é já mais frequente, os montados e olivaes tambem se mostram mais expessos e extensos: mas ainda assim os terrenos incultos e de charneca predominam entre Mertola, Serpa e Barrancos, entre Mourão, Santa-Suzanna e Juromenha. A superficie d'este tracto, aliás de contorno muito irregular, póde ser avaliada em 2.500 kilometros quadrados, attribuindo-lhe 125 kilometros de comprimento e 20 de largura media. Uns $^2/_3$ d'esta superficie acham-se desaproveitados.

Passando ao exame da região comprehendida entre os valles do Tejo e do Douro, reconhece-se desde logo que ha uma mudança completa nas fórmas orographicas do relevo; e em correspondencia, a aptidão productiva do solo vegetal manifesta-se inteiramente outra; mas a falta de arborisação e a imperiosa necessidade de a estabelecer, do mesmo modo, senão em maior grau se faz sentir.

Começando pelo litoral vê-se uma faxa d'areias soltas, de largura variavel, que se estende desde a Pedreneira até proximo da foz do Douro, apenas interrompida pelas terras grossas do Cabo-Mondego. Esta zona confina pelo nascente com outra faxa mais larga de solo arenáceo quaternario, que pelo contrario d'aquella, é na sua maior extensão cultivada.

Se abstrahirmos da bella matta nacional, denominada *Pinhal-de-Leiria* (a qual abrange uma área arborisada de 9.360 hectares), do Pinhal do-Urso, da mata pertencente ao municipio de Ovar, e de alguns outros pinhaes importantes e largamente dispersos; se excluirmos a gandara ao N. do Mondego tão cultivada, especialmente entre Mira e Aveiro, apezar d'isso resta em emprego talvez uma área de 630 kilometros quadrados, que está instantemente reclamando os beneficios da arboricultura.

As serras da Gardunha e do Catrão, cobertas por florestas de castanheiros, e as de Alpedrinha, do Fundão, e de Souto-da-Casa, limitam ao norte este massiço: mas grande parte do annel schistoso que emmoldura os tractos granitico e quaternario, pelo sul seguindo o valle do Tejo, e a leste desde o Rosmaninhal até Penamacor, exceptuando algum montado de azinho em Peraes, Malpique, Alcafozes, etc., póde considerar-se uma charneca continua. Talvez não se exagere computando a porção descoberta e sem cultura d'este massiço em 1.000 kilometros quadrados, comprehendendo a serra schistosa do Meimão, que prende a O. com a serra do Catrão, e para o N. vae até ao Sabugal.

A faxa do Bussaco tem a mesma feição orographica da região schistosa da Beira-baixa, e tambem apresenta mui extensas superficies de solo despidas de arvoredo e sem cultura: taes são, em grande parte, a ser-

ra de Boialvo até ao Criz, a serra do Arestal, a de Villa-Nova-dos-Fusos, e grande porção de terreno monticulado entre o Sobrado, Arouca, Oliveira-de-Azemeis e o Douro. O pinheiro, o castanheiro, e o sobreiro, são as arvores mais communs n'esta zona schistosa; mas a sua quantidade não está em relação com o que devia ser, ou com a área de 1.800 a 1.900 kilometros quadrados que mede esta região, e da qual não menos de $^2/_3$ se acham desguarnecidos de arvoredo.

A faxa marginal do Douro, com 80 kilometros de comprimento desde a Barca-d'Alva até á freguezia de Penajoia, e proximamente 10 de largura media, póde em geral dizer-se um dos tractos de terreno schistoso mais aproveitado na agricultura, com quanto tenha ainda uma parte improductiva. A amendoa, a seda, o azeite e o famigerado vinho do Douro, constituem as principaes e valiosissimas producções d'esta zona. O pinheiro, o castanheiro e outras essencias, provoam tambem parte da superficie d'este solo que não é destinada ás culturas especiaes; mas ainda assim resta talvez desaproveitado $^1/_3$ da superficie, o qual póde e deve receber floresta.

Mas se ganhando o alto das encostas que propriamente limitam os valles, alongarmos a vista pelas vertentes ásperas das montanhas, da provincia recortadas pelos seus innumeros valleiros e gargantas, só se descobrirá a cultura nas partes menos elevadas do solo, ou nas mais abrigadas, onde o torrão vegetal é propicio ao seu desenvolvimento, e a agua ou a humanidade não escasseiam: tudo o mais é absolutamente inculto e deserto, não porque a superficie d'estas serras seja toda de rocha escalvada, nem porque falte ao solo a aptidão necessaria para receber diversas essencias florestaes; mas porque n'esta provincia se teem dado as mesmas causas geraes que fizeram votar ao abandono a maior parte da superficie do nosso paiz.

A superficie que se acha desnudada de cultura e de arvoredo, só de montanhas cotadas acima de 800 metros, é estimada por um dos nossos engenheiros bem conhecedor d'esta provincia, em mais de $^2/_3$ da sua área total. Juntando a esta superficie a dos tractos de solo menos accidentado ou dos plan'altos a que póde dar-se o nome de charneca, talvez chegue a $^3/_4$ da área total da provincia, ou a 7.500 kilometros quadrados a porção de solo que se acha desaproveitada.

No Alto-Minho, do mesmo modo que na região oriental da provincia, as serras são na sua quasi totalidade nuas de arvoredo e só cobertas de mato: comtudo algumas ha que apresentam na sua parte superior planuras magnificas. Sirvam de exemplo a serra de Arga, a nordeste de Vianna, que é coroada por uma chapada de alguns kilometros quadrados de superficie: e a serra da Bolhosa, entre Monção e Paredes-de-Coura, que a *Chã-das-Pipas* corôa, com suave declivio para o sudoéste: planuras que poderiam muito bem servir para n'ellas se desenvolver uma importante cultura.

Considerando dividida a provincia do Minho em dois grandes tractos pelo rio Cávado, de certo modo separaremos duas grandes regiões, nas quaes o desenvolvimento da cultura e da população é muito diverso. Na primeira d'ellas, ou do sul, predominam os terrenos cultivados; na do norte, pelo contrario, occupam muito maior extensão os terrenos incultos, e correspondentemente escasseia muito o povoado.

Tal é em rapidos traços e lastimoso estado de abandono a que se acha votada grande parte do solo do nosso paiz! Não escureceremos este quadro desanimador pintando o deploravel aspecto dos campos e varzeas onde se espraiam muito dos nossos rios, e que se acham, uns votados ao desprezo ou totalmente perdidos, outros sacrificados á cubiçosa cultura do arroz; não attentaremos na vastissima extensão de solo que poderia estar destinado ás culturas arvenses, á creação e engorda de gados, e que infelizmente se acha coberto de mato, ou convertido em brejos pestilentos que devoram a saúde das povoações, nem tão pouco consideraremos nas muitas dezenas de milhares de hectares de solo aravel eminentemente apto para certas culturas, e que um mal entendido interesse dos possuidores d'essas terras condemna á esterilidade, deixando-as em poisio, ou transformando-as em charnecas.

Se, em numero redondo, avaliarmos a superficie total do paiz em 90.000 kilometros quadrados, por certo não exageraremos computando em 5 milhões de hectares, ou mais de metade d'aquella superficie, a extensão do solo inculto ou mal aproveitado, que successivamente e com o andar dos tempos, pela maior parte póde vir a ser coberto de floresta. Supponhamos, pois, por um momento, que desde a fundação do pinhal de Leiria, ou desde o começo do seculo XIV, não se tinha affrouxado n'aquella utilissima tentativa, e que não só os areiaes maritimos, senão tambem parte das charnecas, encostas e cumiadas, se tinham revestido de arvoredo, conforme as peculiares aptidões de cada localidade, e que por esse modo possuiamos hoje 3 milhões de hectares de matas e florestas devidamente tratadas e exploradas, pertencentes tanto ao estado como a particulares. Se apreciarmos o valor de cada hectare de solo assim arborisado em soutos, montados, pinhaes, alamedas, etc. no minimo 80$000 réis, seremos levados a admittir a existencia do enorme capital de 240:000 contos de réis, que derramaria os seus incalculaveis beneficios sobre a fortuna publica, não contando com as innumeras outras vantagens, de não menor importancia, inherentes á posse de uma tão vasta massa de arvoredo.

A costa maritima de Portugal é coberta na maior parte da sua extensão por uma faxa d'areias soltas, cuja largura varia desde alguns centos de metros até oito kilometros, ou talvez um pouco mais. Em tres condições differentes se apresentam os areiaes da nossa costa.—A primeira verifica-se nos sitios em que o solo diminuindo gradualmente de relevo do nascente para o poente, fórma uma esplanada suave que vae

mergulhar por baixo do Oceano, não se vendo nunca a descoberto as rochas rijas do subsolo. Acontece assim entre o Cabo-de Sines e a foz do rio Sado, entre a foz do Liz e o Cabo-Mondego, entre este e a costa d'Ovar; e é de ordinario n'estas partes onde a faxa de areial tem maior largura.

A segunda dá-se quando o relevo do solo é limitado em escarpa abrupta do lado do Oceano, mas existindo entre o sopé d'esta escarpa e a linha que limita as maiores marés, uma praia de algumas centenas de metros de largo, a qual é occupada pelas areias soltas, vendo-se tambem n'algumas partes estas mesmas areias coroarem a escarpa.

Offerece-se a terceira quando existem ribas escarpadas contra as quaes vem bater o Oceano, sendo porém coberto por uma faxa de dunas o solo adjacente á aresta do escarpa.

Na costa entre Aljezur e o Cabo-de-Sines, entre a Adiça e a Trafaria, entre Cascaes e o povo das Areias, entre a Nazareth e as Pedras-Negras, etc., vêem-se repetidos exemplos d'estes dois ultimos modos de ser das areias do nosso litoral.

Todavia as areias soltas estendem-se mais para o interior: no valle do Sado penetram até Montalvo e a estrada d'Alcacer a Grandola, á distancia de 16 a 19 kilometros da costa: no valle do Tejo encontram-se na peninsula de Setubal, entre Alcochete e Benavente, em Samora, Salvaterra de Mugem, achando-se ainda pequenos retalhos nas vizinhanças de Canha, d'Azambuja e Rio-Maior, a 36 e até 50 kilometros de distancia do mar.

Admitte-se geralmente que as areias soltas do litoral vieram do Oceano, depois que o relevo dos continentes adquiriu a fórma que actualmente se lhe conhece; e que é d'alli que provêm as areias que nos nossos dias flagellam as povoações maritimas, movidas pela acção dos ventos dominantes da região. Mas não é este o caso para todas as areias da nossa costa, porque nem todas se acham em situação que o mar podesse na época actual para alli lançal-as. É evidente que as areias, quando são ribas altas e escarpadas as que as separam do Oceano em toda a extensão que occupam, embora pudessem ter n'outras épocas aquella origem, a sua renovação não póde hoje effectuar-se; e uma vez descoberto o solo firme subjacente, porque fossem destruidos os abrigos que as protegem na direcção dos ventos dominantes, e ellas se dispersassem para o interior do paiz, nunca mais invadiram aquella região.

Entretanto, qualquer fosse a sua origem, e quaesquer que sejam as condições em que se achem, a verdade é, que todas as areias das dunas da nossa costa maritima carecem de ser fixadas pela vegetação, para que o seu movimento se não verifique, ou pelo menos seja mui demorado.

Começando pela foz do Guadiana no Algarve, observa-se que junto a Villa-Real-de-Santo-Antonio ha uma faxa de dunas parallela á costa, com

4 kilometros de comprimento, e pouco mais ou menos 1 kilometro de largura. Esta faxa foi outr'ora coberta de pinhal mandado semear, segundo se diz, pelo primeiro ministro d'el-rei D. José, fundador d'aquella villa; mas ha annos este pinhal foi arrasado, e hoje não restam d'elle nenhuns vestigios. As areias movem-se pois á vontade, e não só poem em risco as culturas adjacentes, mas, o que é ainda peior, prejudicam o porto e vão obstruindo a barra d'aquella importante villa. Em qualquer época, e por pequeno que fosse o commercio d'este porto, seria este um grande mal a que por todos os modos deveria obstar-se; hoje, porém, deve merecer-nos a mais seria attenção, visto que o grande desenvolvimento da lavra da mina de S. Domingos eleva o movimento annual d'aquelle porto, a 600 navios, que ali vão buscar minerio para o transportar para Inglaterra. A fixação das dunas de Villa-Real-de-Santo-Antonio parece-nos pois um dos primeiros trabalhos de arborisação que deva executar-se, que subordinado ao systema e só com o fim de pôr termo a prejuizos que mais tarde seriam talvez irreparaveis.

Pelo que respeita ás outras partes da costa meridional do Algarve apenas se vêem algumas estreitas zonas de areia solta nas vizinhanças de Cacella, Faro, Quarteira, etc., mas que em grande parte já se acham cobertas de pinhal e de montado de sobro, sendo portanto facil completar a sua fixação. Só entre Alvor e Lagos se vê um areial mais descoberto.

Do Cabo-de-S.-Vicente para a torre d'Aspa tambem se encontram pequenos retalhos de areias soltas, cobrindo as rochas secundarias e paleozoicas a algumas dezenas de metros sobre o nivel do mar. Estas dunas, que muito conviria fixar pela vegetação, como já o estão algumas n'aquellas mesmas localidades, devem considerar-se como pertencendo a antigas praias elevadas. A área total d'estes diversos retalhos incultos póde estimar-se em 500 hectares.

Mais para o norte, a uns 20 kilometros do Cabo-de-S.-Vicente, encontram-se outras dunas proximo á Carrapateira e Bordeira, que assentam sobre camadas de calcareos e grés dos periodos secundario e paleozoico, e occupam uns 4 kilometros de comprimento por 1 a 2 de largura. Pertencem tambem a antigas praias elevadas. Na parte do norte estão cobertas de pinhal, mas no centro e sul do retalho as areias mostram-se completamente calvas.

Das vizinhanças d'Aljezur para o Cabo-de-Sines é a escarpa maritima coroada por extensas dunas que se prolongam para o interior até uns 3 kilometros, occupando todavia uma largura muito variavel abaixo d'aquelle limite. Estes areiaes constituem uma faxa de 70 kilometros de comprimento e representam uma grande extensão de praia elevada.

Não temos nenhum conhecimento do modo por que esta comprida faxa poderá ser divida em relação ao melhor methodo do seu plantio; sabemos apenas que n'ella se comprehendem alguns pequenos pinhaes e

grupos dispersos de arvores, e que apresenta alguma cultura em varios pontos, como, por exemplo, em Villa-Nova-de-Milfontes.

O isolamento em que se acham estas areias soltas da costa relativamente ao oceano e aos areiaes da praia contigua á escarpa, tira todo o receio de que ellas possam ser renovadas; e por consequencia que as plantações começadas á beira da mesma escarpa sejam supplantadas pelas areias do mar, como acontece com as dunas que são o prolongamento das praias actuaes.

A superficie das dunas e areiaes descobertos, d'esta parte da costa, não é talvez inferior a 10.500 hectares.

Para o norte do Cabo-de-Sines as dunas mostram-se mais imponentes, por isso mesmo que avançando para Setubal, a escarpa abate ao ponto de se esconder totalmente debaixo das areias da praia, ligando-se immediatamente estas areias com o deposito arenáceo da charneca.

Proximo de Melides vêem-se muitas areias soltas, parte d'ellas, as do lado do nascente, fixadas já pela cultura, pelos pinhaes e montados; mas as que estão mais vizinhas á costa formam dunas em progresso de crescimento.

As lagôas de S.-Thiago-de-Cacem e de Melides communicavam outr'ora com o Oceano; hoje não só estão separadas d'elle por outra faxa de areias moveis, mas com o andar dos tempos estão ameaçadas de ser obstruidas pelos médões que cobrem o solo adjacente, perdendo-se em tal caso algumas centenas de hectares de excellente solo agricultado.

A superficie d'estas areiaes montará a 1.500 hectares.

De Melides para o Trapiche, no extremo noroêste do areial de Troia, segue-se sempre por assim dizer um médão continuo e largo, com alguns pinhaes, é verdade, mas na maior parte completamente descoberto. Tem de comprimento 40 kilometros pouco mais ou menos, e uma largura mui variavel entre 1.000 e 4.000 metros. A sua área poderá computar-se em 10.000 hectares.

O paúl da Comporta interrompe estas dunas: o seu fundo argilloso, constitue um pequeno tracto agricultavel, que bem cuidado e mediante alguma despeza em trabalhos preliminares para o seu melhoramento, póde dar algumas centenas de moios de cereaes, além de muitas outras producções agricolas de subido valor. Hoje pouco aproveitado é este terreno depois que a companhia das Lezirias prohibiu ali a cultura do arroz; mas póde e deverá sel-o no futuro, se se detiver o passo ás dunas que ameaçam invadil-o entre o Carvalhal e a Comporta.

Estas dunas são de todas quantas temos indicado, as mais extensas e importantes. Cobrindo as de pinhal obter-se-hia a grande vantagem de de que as madeiras, a lenha e os productos resinosos que fornecessem estas matas, seriam facilmente conduzidos e com pequeno dispendio ao porto de Setubal, e d'ali para outros mercados, especialmente para a capital. Não podemos dizer quaes sejam as zonas de abrigo que pode-

rão servir de apoio ás sementeiras e pinhaes novos, porque sobre este ponto nos fallecem as informações que obtivemos, e a carta chorographica não está ainda completa n'esta parte do litoral.

Proseguindo para o norte deixaremos a costa entre Setubal e Cabo-d'Espichel, escarpada e com alturas de 200 a 300 metros, na qual apenas se descobrem a differentes niveis vestigios das antigas praias elevadas; e depois de dobrar aquelle cabo notaremos que entre a Foz-da-Fonte e a lagôa d'Albufeira existem algumas pequenas dunas, já em parte fixadas por pinhal e cultura, e em parte completamente núas e movediças, mas cuja arborisação apenas merece ser indicada.

Segue-se a lagôa d'Albufeira, que á semelhança das lagôas de S. Thiago e de Melides recebe as aguas de uma ribeira, e que communicaria permanentemente com o Oceano, se as areias dos médões do norte, avançando sempre sobre aquella lagôa, não viessem interceptar esta ligação durante a maior parte do anno, aggravando cada vez mais a já perverbial insalubridade d'aquellas paragens com o total represamento das aguas da Apostiça.

De facto, achando-se estes médões completamente desguarnecidos de vegetação, as suas areias movem-se á vontade pela acção dos ventos dominantes do noróeste, e promettem obstruir a lagôa, ao mesmo tempo que alagam a charneca da Aroeira, que lhe está ao suéste, e nascente. Do lado do norte, porém, estes médões acham-se a coberto pelo pinhal nacional dos Medos, o qual poderá servir de apoio para se avançar com a mata para o sul e suéste até onde podér ser.

As dunas que corôam a escarpa maritima da Adiça á Fonte-da-Pipa, embora pertençam á categoria das praias elevadas, comtudo como estão chegadas á parêde da escarpa, a qual é pouco alta e está soffrendo repetidos desabamentos, acham-se expostas á acção directa e intensa dos ventos do NO., que as têem posto em movimento nas partes menos efficazmente defendidas pela espessura do pinhal.

Desabrigadas e em movimento se encontram tambem as areias que orlam a praia que vae da Costa-de-Caparica á margem esquerda do Tejo, as quaes podem e devem ser fixadas e convertidas em solo productivo.

Já não póde, porém, dizer-se o mesmo das areias que corôam a elevada escarpa ao sul da Trafaria, porque essas, pela maior parte, já se acham firmadas pela vegetação

Passando o Tejo e percorrendo o litoral desde Cascaes até Peniche, encontram-se alguns pequenos areiaes que, bem como os procedentes, são pela maior parte restos de antigas praias elevadas. Indical-os-hemos na ordem em que se succedem, posto sejam de diminuta importancia n'um reconhecimento d'esta ordem.

1.° O areial se estende do farol da Guia para o noroéste e que tem uns 3 kilometros de comprimento, com uma largura mui variavel, que

n'alguns pontos attinge 2,5 kilometros. A maior parte d'esta superficie alias de perimetro muito irregular, está já coberta de pinhal e cultura, mas resta ainda uma parte de areias fundas e movediças, a oéste do logar das Areias, que muito conviria fixar.

2.° O areial de Collares ás Areias-Gordas, que tem uns 7 kilometros de comprimento, e 2,5 de largura, e do qual restam por fixar pequenos retalhos. Na parte cultivada devem mencionar-se os vinhedos que produzem o bem conhecido vinho de Collares.

3.° O areial da foz do Sizandro, e os de Santa-Cruz e da Foz-Velha a oéste e nordéste de Torres-Vedras. Estes areiaes estão completamente desguarnecidos, e as areias movem-se n'elles livremente.

A área total desaproveitada n'estes diversos areiaes pouco excede 1.000 hectares.

Em Peniche a costa maritima muda repentinamente da direcção N. S., que segue até áquelle ponto, para a de NE.; e precisamente no sitio onde se verifica esta mudança, nasce a pequena peninsula, em que assenta a villa, e a qual prende ao continente por uma lingueta ou isthmo de 1 kilometro de largura.

Esta lingueta faz parte de um extenso areial, que se prolonga 3,5 kilometros para o sul, até um pouco áquem do Forte-da-Consolação, com uma largura media de 700 metros; e para o nordéste acompanha a costa maritima por uns 8,5 kilometros augmentando muito de largura, pois chega a ter quasi 4 kilometros, sendo tambem n'esse ponto de maxima largura que as areias attingem a sua maior altitude de 129 metros.

Se exceptuarmos a parte mais baixa do areial do isthmo, e uns 2 a 3 kilometros de orla litoral da faxa na porção contigua a este, para os lados do sul e do nordéste, todas as areias mais ou menos fundas que n'ella se comprehendem, pertencem a praias elevadas, e estão separadas das areias modernas da praia pela parêde escarpada, que a limita. Na sua quasi totalidade estes areiaes acham-se improductivos, e póde computar-se em 1.800 a 2.000 hectares a área, que elles occupam.

Accrescentaremos ácerca d'esta faxa de areias das vizinhanças de Peniche os esclarecimentos que o engenheiro florestal João Maria de Magalhães dá no seu relatorio sobre a arborisação dos terrenos baldios d'este concelho, apresentado ao governo em 26 de março de 1864, e publicado do *Diario de Lisboa*, n.° 166, de 28 de julho do mesmo anno.

«Os terrenos baldios pertencentes á camara municipal de Peniche, e susceptiveis de serem aproveitados na cultura florestal, demoram ao N. do concelho...»

«Esta superficie, que póde avaliar-se em cerca de 1.000 hectares de terreno, é formada quasi exclusivamente de areia pura...»

«A parte comprehendida entre o Alto-Ferrel, Ninho-do-Corvo, Galiota e o rio chamado Aguas-de-Valle-Bem-Feito, está até certo ponto fixada com uma vegetação rasteira, e produz algum mato; os ventos do

N. e do NO., que ali são muito frequentes, não causam grandes damnos, e esta zona acha-se de alguma maneira abrigada pelos rochedos que bordam o litoral desde o Baleal até ao rio chamado Aguas-de-Figueiras.»

«A parte comprehendida entre a praia do S. de Peniche, o Baleal e o rio Ferrel, offerece maior difficuldade para ser arborisada. Toda esta extensão é formada por uma duna de areia solta e movediça, que marcha constantemente para o interior...»

«São grandes já os males produzidos pela invasão das areias, que, trazidas pouco e pouco para o interior, vão submergindo na sua passagem as terras de lavoura e ameaçam as propriedades, que se acham ao S. do rio, Ferrel. Um casal da marqueza de Pombal, que andou aforado por 300 alqueires de trigo, tem sido successivamente innundado pelas areias a ponto de render hoje só 20 alqueires; um outro casal chamado do Costa, desappareceu completamente! As areias chegam já á margem direita do rio de Ferrel, e, continuando a ser impellidas pelos ventos, começam agora a transpôl-o: na sua passagem parte d'ellas depositam-se no leito do rio, que se eleva constantemente.»

E vem aqui muito a ponto louvar o procedimento da camara de Peniche, exemplo digno de ser imitado pelas outras municipalidades, que semelhantemente possuem terrenos baldios proprios para a plantação de arvoredo; pois que, não obstante a penuria de seus rendimentos, conseguiu (á sua custa, e pelo auxilio prestado a alguns particulares), arborisar até áquella época, uma area de terreno superior a 116 hectares que se achava completamente improductivo. Eis os esclarecimentos mais importantes que a este respeito fornece o citado relatorio:

«As sementeiras começaram a fazer-se em 1848, e desde essa época para cá (1864) a camara municipal tem sempre incluido nos seus orçamentos uma pequena verba destinada á continuação d'esta obra, de sorte que todos os annos se tem semeado uma extensão mais ou menos consideravel, segundo os meios de que se tem podido dispôr...»

«Este exemplo da camara já tem achado imitadores, e alguns proprietarios o teem seguido, o que é mais uma esperança de ver desenvolver o gosto pela cultura florestal entre estes povos...»

«A despeza feita com a creação do pinhal (municipal) monta a réis 6005000...» «a despeza total de cada hectare importou na insignificante quantia de 85210 réis.»

Mais para o nordéste, junto á foz da Lagôa-de-Obidos, ve-se outro areial, mas occupando sómente 2.000 metros sobre a costa, e penetrando para o interior até egual distancia, de modo que abrange uma área de 400 hectares de solo improductivo.

Este areial invade o flanco esquerdo da Lagôa, como succede com outro areial de menores dimensões na Foz-da-Areia-Branca ou da ribeira de Santa-Catharina (Lourinhã), o qual se extende até o logar d'aquelle

nome: e na concha de S. Martinho, onde tambem elevados médões corôam junto á boca da mesma, parte do seu flanco esquerdo.

A zona litoral entre a Nazareth e a foz do rio Douro, é em todo o nosso paiz o tracto, que apresenta mais extensos areiaes e mais imponentes dunas. Se exceptuarmos o espaço abrangido pelas fozes dos rios Liz e Mondego, pela barra de Aveiro, e bem assim a largura occupada pela serra da Boa-Viagem no Cabo-Mondego, que produzem interrupções n'este tracto n'uma extensão total de 10 a 12 kilometros, temos que a referida zona, com um comprimento de 160 kilometros, e largura mui variavel, que chega a egualar n'alguns pontos, posto que raramente, 8 kilometros, representa uma vastissima superficie de areiaes, que devidamente aproveitados sob o ponto de vista que se considera, seriam uma fonte perenne de riqueza para o estado e para os povos circumvizinhos.

Entre os rios Douro e Minho os areiaes não occupam tão grandes extensões, nem os seus effeitos são tanto para temer, como em outros sitios, onde os temos examinado, em virtude da especial configuração do solo, e da arborisação existente, que em certos pontos é já um insuperavel obstaculo ao seu movimento. Todavia a arborisação d'estes areiaes, na parte em que a sua superficie está desnudada, não seria sem grande conveniencia, attenta a multiplicidade de portos, que a provincia do Minho offerece, e o consumo sempre crescente de madeiras que ali se faz. Além d'isso ha a notar a facilidade de arborisação d'estes areiaes, pela existencia das zonas de abrigo, que facilmente se encontram: n'uns pontos representadas pelas cumiadas que seguem parallelamente á costa e a pequena distancia d'ella, e n'outros sitios pelos pinhaes plantados entre estas areias e os terrenos cultivados do interior, ou misturados com estes.

A faxa litoral de areias moveis, interrompida em S.-João-da-Foz pelos granitos e rochas schistosas profundamente metamorphicas, recomeça em Novogilde, sendo ahi representada por um pequeno retalho de poucas centenas de metros de largura, o qual vae até Mattosinhos e orla a costa na extensão de 2,5 kilometros.

Em Leça-da-Palmeira as rochas graniticas do Porto vêem-se outra vez a descoberto: porém 1.500 metros ao norte, começa um grande retalho de areias incultas, movediças e em parte formando médões, o qual se estende quasi sem interrupção até Vianna, n'um comprimento de 54 kilometros, posto comprehenda larguras mui variaveis.

Entre os rios Leça e Ave, n'um comprimento de 16 kilometros, e com a largura média de 1 kilometro, os areiaes maritimos occupam proximamente uma área de 1.600 hectares, da qual só uma pequena parte está guarnecida de pinhal.

Entre o rio Ave e a povoação de Abremar, ao norte da Povoa-de-Varzim, formam uma orla mui estreita; mas de Abremar para o norte

alargam outra vez, e formam médões que avançam para o interior até mais de 1.500 metros de distancia da costa, n'alguns pontos

Entre Espozende e Vianna occupam em geral muito menor largura, a não ser a uma legoa ao sul d'esta cidade, onde os médões tambem cobrem o solo na largura de 1,5 kilometros.

Para o norte de Vianna as areias soltas cobrem mui pequenas extensões da costa, a qual invadem entre a Areosa e Carreço, em Affife, e junto e ao sul das fozes do ribeiro d'Ancora e do rio Minho, sendo n'este ultimo retalho que assenta o pinhal nacional de Camarido, que apenas mede 93 hectares de superficie. A área total d'estes pequenos retalhos pouco excederá 750 hectares.

Como complemento dos esclarecimentos, que acabamos de dar ácerca dos areiaes d'esta ultima parte do nosso litoral, vamos transcrever dos relatorios que temos á vista, o que n'elles se encontra com referencia a este objecto.

O engenheiro Agnello José Moreira, referindo-se aos areiaes da costa ao norte da Povoa-de-Varzim, diz o seguinte:

«A zona de areias é estreita, variando de 200 a 500 metros de largura; estando os campos contiguos protegidos d'ellas, umas vezes por abrigos naturaes, como são os grandes contrafortes das serras, que se prolongam até ao mar: outras vezes por abrigos artificiaes, como succede nas proximidades de Caminha, sul de Vianna, Fão e Apulia, junto das quaes povoações ha pinhaes que, oppondo-se ao movimento das areias, evitam que ellas esterilisem completamente os campos vizinhos.»

Ainda com respeito aos areiaes d'esta mesma porção do litoral, da Apulia até Caminha, o engenheiro João Thomaz da Costa nos informa que as larguras da zona variam geralmente de 500 a 700 metros, chegando n'algumas partes a um kilometro: e distribue os mesmos areiaes do seguinte modo:

«Da Apulia (no concelho da Povoa-de-Varzim) á foz do Cávado, em 5.000 metros: dunas de areia com larguras de 500 a 700 metros. D'aqui á foz do Lima, em 20 kilometros: da mesma maneira com affloramentos de schisto junto á linha d'agua. Da parte norte da foz do Lima ao Santo-da Legoa, 7.000 metros: rocha schistosa com praia de pouca areia. Do Santo da-Legoa ao Forte-d'Ancora, 6.000 metros: dunas de areia de 500 a 1.000 metros de largura. Do Forte-d'Ancora, á Capella-de-Santo-Izidoro, proximo a Caminha, 3.000 metros: rocha granitica viva. D'ahi até á foz do Minho, 6.500 metros de areia.»

«Póde porém dizer-se que as areias quasi na totalidade da costa estão fixas, pois não se notam para o interior; unicamente em Fão as areias tendem a cobrir a Capella-da-Senhora-da-Bonança...»

«Entre o monte de Faro e o mar, junto á foz do Lima, tambem as areias passam por cima de um pinhal, que existe a 500 metros da costa, e vão-se amontoando da parte oéste da estrada nova do Porto a Vianna.»

Ácerca dos areiaes contiguos á foz do rio Minho, o engenheiro hydrographo Cesar Augusto de Campos Rodrigues, diz o seguinte:

«Julgo estar nos casos de ser comprehendido nas zonas florestaes das areias moveis de que trata o § 1.º: todo o areial, que se estende quasi a tres kilometros para sul da foz do Minho, desde a Ponta-Grossa até ao Portinho, medindo proximamente 150 hectares de superficie. Entre este areial e a estrada de Vianna, em terreno da mesma origem, assenta o pinhal nacional de Camarido, que defende das areias os terrenos cultivados do interior... Mas apezar da protecção d'estes terrenos estar garantida pela existencia do pinhal de Camarido e dos pinhaes das Quintas, em identicas condições, que para o sul lhe fazem continuação do lado oriental da estrada; parece-me que a arborisação do areial ainda nú, a ser possivel, seria conveniente, pois evitaria o transporte das areias que, levantadas e impellidas por certos ventos, vão passando para o rio... Parece-me que seria um serviço feito ao rio e á barra impedir esta circulação das areias,... o que se obteria pela indicada arborisação...»

«Um facto que demonstra o grande movimento das areias causado pelos ventos, é a formação de uma duna que borda todo o limite occidental do pinhal, e que lentamente caminha para e interior d'elle, invadindo-o, de fórma que muitos pinheiros se acham quasi completamente enterrados. Esta duna... chega em varios pontos a ter sobre o chão do mesmo pinhal, uma elevação superior a 11 metros, attingindo a altitude de 16 metros sobre o nivel medio do Oceano.»

Pelas observações feitas por este mesmo engenheiro na referida duna, n'um sitio em que o pinhal é mais raro, conhece-se que as areias tinham avançado 16 decimetros em pouco menos de dois annos.

A isto se reduzem as informações que pódemos colligir ácerca dos areiaes do litoral da provincia do Minho.

Recapitulando agora o que temos dito sobre a extensão dos areiaes incultos de todo o litoral, e reunindo as diversas superficies, que elles cobrem, obteremos um total de 72 000 hectares pouco mais ou menos.

Das observações, que temos apresentado ácerca dos areiaes assim aproveitados como incultos que guarnecem a maior parte da costa maritima do nosso paiz, e não tendo em conta os inevitaveis e, por vezes, grandissimos erros na avaliação das superficies, resulta que, se todos aquelles areiaes estivessem juntos, formariam uma faxa de 488 kilometros de comprimento, com larguras mui variaveis desde algumas centenas de metros até 8 kilometros, abrangendo uma superficie de 130.000 hectares proximamente. Esta área, aliás muito grande, quando se compara com a superficie do nosso paiz, está em relação com o amplo desenvolvimento do nosso litoral, com a constituição physica e configuração das costas, e ainda, até certo ponto, com a composição do solo, e fórmas orographicas da região que ellas limitam.

Se se comparar a extensão, que occupam estes areiaes com a dos que,

em identicas condições, se encontram nos paizes estrangeiros, reconhecer-se-ha que só os médões e areiaes desnudados da Nazareth á foz do Douro abrangem uma área proximamente egual a um terço da das dunas da Gascunha, os mais extensos areiaes de toda a França, e que mais celebres se têem tornado pelos enormes damnos, que teem produzido o seu rapido movimento para o interior das terras, a ponto de terem prendido a attenção dos poderes publicos d'aquelle paiz desde o tempo da primeira republica.

Em Portugal, bem como nas costas de Norfolk, da Hollanda e do SO. da França, as areias, posto que em muito menor escala, têem obstruido totalmente as fozes de algumas ribeiras, e determinado a formação de pequenas lagôas, taes como as de S. Thiago-de-Cacem, de Melides, de Albufeira (ao norte do Cabo-de-Espichel), da Tocha, de Mira, etc. Mais tarde, se o progresso do mal não fôr atalhado, veremos tambem, no Algarve, a foz da ribeira de Quarteira completamente entupida, e ao norte de Peniche, a da lagôa de Obidos; veremos emfim as fozes dos rios Liz e Vouga, darem, na maior parte do anno, difficil saida ás aguas d'estes rios, e com o andar dos tempos perderem-se completamente não só aquellas, senão tambem as fozes de todos os cursos de agua que desembocam no Oceano nas paragens, onde a costa maritima é baixa e coberta de areia solta. É evidente que, n'este caso, as dunas que se formarem, virão cobrir todas essas fozes: e oppondo um obstaculo invencivel á saida das aguas, produzirão: primeiramente, o seu represamento, e como resultado immediato, a formação de lagôas, pantanos e brejos, que com as suas exhalações mephiticas viciarão a atmosphera e dizimarão as povoações, mal cujos effeitos são tanto mais desastrosos, por quanto a temperatura media do nosso paiz no estio, sobe a um gráu mui elevado; em segundo logar, as aguas obrigadas por este motivo a espalhar-se por uma maior superficie, inutilisarão e alagarão os campos marginaes, roubando assim á lavoura os melhores tractos de solo agricultado. Á medida que as dunas avançarem, recuando as lagôas para o interior do paiz, o nivel das suas aguas forçosamente se elevará, e portanto estas irão successivamente invadindo e esterilisando novas porções de terreno.

E não se pense que haja exageração pintando este quadro com tão feias côres, porque não fazemos mais do que compendiar aqui males que são notorios e de ha muito observados n'outros paizes Exige, porém, a verdade que se diga, que em nenhum ponto da nossa costa se nota a assombrosa marcha das areias, que n'aquelles paizes tem feito desapparecer n'um curto periodo, povoações inteiras, e sepultado mui vastas regiões; chegando as dunas a avançar annualmente não já dezenas, mas centenas de metros! Cita-se, com effeito, no Suffolk um ponto, onde uma duna invadiu uma parte da povoação de Downham, que no fim de um seculo se achava innundada pelas areias. A duna tinha percorrido uma

milha em 20 annos, ou proximamente 80 metros por anno. O exemplo de Saint-Pol-de-Léon, na Baixa-Bretanha, é ainda mais espantoso, pois que a marcha foi de 6 legoas em 54 annos, ou 536 metros cada anno. Nas costas da Gascunha, que talvez melhor podem comparar-se ás nossas, pelo menos em parte, muitas vezes uma duna avança 19 a 23 metros por anno; posto que como as dunas não caminham todas egualmente, deva reduzir-se muito este numero, quando se queira designar a sua marcha media. Mas em todo o caso, qualquer que seja a intensidade do mal, de que estamos ameaçados, se existe um remedio efficaz que se lhe opponha, cumpre empregal-o sem demora, porque mais tarde poderá ser inaproveitavel.

Se fosse este o logar proprio para consignar as observações, que se tem feito em diversas partes do litoral da Hollanda, Inglaterra e França, ver-se-hia quão variadas transformações podem soffrer nas suas fórmas e condições hydrographicas, as costas baixas cobertas de areia solta, que vão mergulhar suavemente no Oceano, e que a carencia de arte deixou inteiramente livres á acção dos agentes naturaes; mórmente nos sitios, onde veem desembocar os rios e outras correntes d'agua, ou onde já se tem formado lagunas separadas do mar pelos médões da costa.

Sem entrar em amplos desenvolvimentos ácerca dos motivos d'estas transformações, diremos todavia de passagem que ellas são tanto mais profundas e frequentes, quanto mais solta e movediça for a areia da costa, menor a altitude da zona litoral adjacente, maior a altitude das marés, e sobretudo quanto maior for a agitação das aguas do mar junto á costa; de modo que póde dizer-se, segundo a frase brilhante de um dos mais distinctos geologos francezes, que «as fórmas d'estas costas são o resultado da acção dynamica do mar.»

De todas as porções do nosso litoral sujeitas ao pernicioso movimento das areias, aquella onde maior numero d'estas condições se verifica, e que por isso maior attenção deve merecer dos poderes publicos, é, a costa do districto de Aveiro, entre Mira e Ovar: alli, de facto, as areias são dotadas de uma grande mobilidade, e a zona litoral, que essas areias cobrem, é mui baixa e formada de um solo arenoso facilmente desintegravel, que inclina suavemente para o mar, e cujo fundo provavelmente constitue. Os movimentos do mar produzidos pelas marés, pelas correntes e pelos ventos, devem pois obrar constantemente sobre estas areias e lançal-as sobre a costa, que forçosamente hão de ir invadindo de um modo mais ou menos lento.

Para evitar estes estragos apresenta-se como primeiro remedio, e já por vezes se tem recommendado, a arborisação das dunas do norte e sul do canal da barra d'Aveiro. Se isto se não fizer, é claro que as areias na sua marcha progressiva, irão obstruindo cada vez mais o leito da ria. As consequencias d'este pejamento são obvias: elevando-se o fundo do canal, haverá uma difficuldade sempre crescente na entrada das aguas

do mar para dentro da ria, e na sua descarga no refluxo das marés; e por tanto uma diminuição successiva na formação dos adubos e na quantidade da pescaria, maior obstaculo ao enxugo dos campos, e por fim, a impossibilidade da productiva colheita do sal, riquezas inapreciaveis para aquellas povoações, conforme demonstram os relatorios.

As áreas que representam o solo inculto do nosso paiz, são as que se vêem no seguinte quadro:

	Hectares
Areiaes incultos e médões da costa maritima.....	72.000

SUPERFICIE DE CUMIADAS INCULTAS E DE CHARNECAS

Provincia do Algarve

Zona do litoral.....	15:000	
Zona interior, ou serra.....	294:000	
		309:000

Provincia do Alemtejo e a parte da Extremadura ao sul do Tejo

Parte meridional.....	718:000	
Parte central.....	516:000	
Parte septentrional.....	413:000	
		1.647:000

Provincia da Beira e a parte da Extremadura ao norte do Tejo

Região sul-occidental.....	240:000	
Região central.....	780:000	
Região septentrional.....	328:000	
		1.348:000

Provincia de Traz-os-Montes

Tracto oriental.....	195:000	
Tracto central.....	240:000	
Tracto occidental.....	279:000	
		714:000

Provincia do Minho

Tracto meridional.....	89:000	
Tracto septentrional.....	135:000	224:000
Total.....		4.314:000

Este numero é um pouco inferior ao que representa metade da superficie do continente do reino, a qual, segundo os dados mais exactos é de 8.962:531 hectares.

Faremos agora a respeito d'este resultado algumas considerações.

Já mais de uma vez dissémos que as manchas que na nossa carta representam o solo inculto, estão longe de uma rigorosa exactidão, não só emquanto á sua grandeza absoluta, como tambem relativamente á sua situação. N'ellas se comprehendem algumas porções de solo cultivado, assim como tambem existem retalhos de solo inculto que não vão designados na carta por falta das necessarias informações. Somos, porém, induzidos a suppôr que a resultante d'estes erros tende antes a elevar do que a diminuir a cifra que representa a área total inculta. Mas em todo o caso a porção aproveitada do paiz, comprehende muitos milhares de hectares, que estão permanentemente de mato, ou que não recebem cultura senão com mui grandes intervallos: e tambem encerra uma immensa área sujeita ao tradicional systema dos alqueives, que não foi possivel extremar-se. Portanto, se considerarmos a parte do paiz que n'um dado anno fica por cultivar, não erraremos talvez muito reputando-a em 5.000:000 de hectares, numero redondo.

Repartindo esta superficie por 3.829:618, numero de habitantes do continente do reino, segundo o censo referido ao 1.º de janeiro de 1864, e que tomámos da *Estatistica* ha pouco publicada pelo ministerio das obras publicas, teremos que corresponde a cada individuo 1 hectare, 30 ares, e 56 centiares de solo inculto.

Encontramos mas na citada *Estatistica* o seguinte mappa:

POPULAÇÃO ESPECIFICA: ORDEM DECRESCENTE DOS DISTRICTOS

	Habitantes por kilometro quadrado
Districto do Porto	164
» de Braga	114
» de Vianna-do-Castello	85
» de Aveiro	76
» de Vizeu	75
» de Coimbra	74
» de Lisboa	59
» de Villa-Real	49
» de Leiria	46
» da Guarda	36
» de Faro	33
» de Santarem	30
» de Bragança	26
» do Castello-Branco	23
» de Portalegre	15
» de Evora	13
» de Beja	12

A simples comparação d'este mappa com o quadro que acima apre-

sentámos, mostra logo á primeira vista que existe uma certa correspondencia entre a população especifica de cada districto, e o quinhão ou parcella de solo inculto, que lhe compete; isto é, que a extensão superficial de solo inculto, está de algum modo na razão inversa da população. É mais uma confirmação do principio, aliás conhecido, que em qualquer paiz o numero dos seus habitantes está em intima relação com a prosperidade e o desenvolvimento da sua agricultura.

Ora, o facto da immensa extensão de solo inculto, comparativamente com a pequena área do nosso paiz e com a exiguidade da sua população, é assaz significativo para indicar o logar, que occupamos na senda do progresso agricola em relação ás outras nações da Europa; e para alcançar a sua mais exacta significação devemos reflectir que n'aquella área de 5.000:000 hectares se comprehendem vastas superficies de terreno proprio para as mais proveitosas culturas, como são grandes extensões de solo alluvial uberrimo no fundo de muitos valles, especialmente ao sul do Tejo; muitos salgadiços desaproveitados, e emfim muitos brejos e pantanos, que mediante algum trabalho, poderiam reduzir-se a chão cultivavel, salvando-se ainda as povoações contiguas da sua malefica influencia.

Antes de pormos ponto n'este trabalho notaremos que a observação tem mostrado que o desenvolvimento e a duração das arvores florestaes, e em geral das plantas lenhosas, dependem menos dos elementos mineraes, que lhes fornece o solo, do que dos principios que recebem da atmosphera; e que, pelo contrario, as plantas que servem á alimentação, obtêem principalmente do solo, em que vivem, os principios necessarios ao seu crescimento. É assim que estas plantas se aprazem de preferencia em solo fundo, de elementos tenues e bem misturados; ao passo que as arvores florestaes se contentam com um solo delgado, embora os seus elementos não estejam perfeitamente divididos, e em completa mistura uns com os outros. D'isto e do mais que levamos dito resulta que os 5.000:000 de hectares de solo inculto naturalmente se dividem em duas categorias distinctas: uma de solo proprio para a cultura das plantas alimentares; a outra de solo que só póde ou deve ser destinado á sylvicultura[1].

FUTURO DA PRODUCÇÃO AGRICOLA

ARROZAES E PANTANOS

Em Portugal o cancro mais cruel da agricultura são os pantanos naturaes aggravados pelos plantanos artificiaes, entretidos pela cultura do

[1] Este artigo foi extractado da interessante obra—Relatorio ácerca da arborisação geral do paiz. Lisboa 1868.

arroz em diversas localidades. Não descerá talvez de 30:000 hectares a superficie pantanosa nas bacias do Sado, do Tejo, do Mondego, do Vouga, e nos valles de outros rios, que as alluviões bem regidas poderiam tornar feracissimos. A agricultura só encontra n'elles obstaculos e ruina. Em umas partes domina o paul alagadiço, n'outras o brejo aonde os pastos muitas vezes dão a morte. Em 4:000 hectares campeiam os arrozaes, e até nos terrenos menos paludosos a lentura da terra é tão demorada, que mal concede fugitiva sazão ás semeadas de milho, e que o trigo tremez, ou o ribeiro, mal encontra aqui e, acolá uma, ou outra courella de vulto para sua desaffrontada vegetação. Aonde deviam crescer e vecejar frescas pastagens abertas ás manadas e rebanhos, aonde deviam lourejar bastas searas, finalmente, aonde o grão e o gado deviam crear-se com abundancia, não se vê senão escassez, tristeza e esterilidade. A miseria do pão e da carne, a solidão agricola, as enfermidades, e a morte enlutam com suas tintas lugubres um quadro, que a sciencia e o trabalho, lutando com exito, dentro de poucos annos saberiam alegrar das côres risonhas da prosperidade rural.

A França offerece o exemplo dos prodigios, que a acção combinada dos poderes publicos e a iniciativa particular podem operar. Até a o anno de 1864 arborisaram-se nas dunas (areias moveis) 1:320 hectares, e nas montanhas 11:000 hectares; construiram-se de novo 70 kilometros de estradas, e concertaram-se 96 de caminhos florestaes. Os terrenos dreinados já occupavam uma superficie de 16:000 hectares, calculando-se a sua despeza em 43.000:000 francos (6.880:000$000 réis) e o augmento do valor das propriedades em francos 11.000:000 (1.760:000$000 réis). A dreinagem custou por hectare 265 francos (42$400 réis)[1]. O governo francez faculta gratuitamente os engenheiros para a direcção das obras.

Entre nós capitulou-se com o mal, deixou-se progredir, ou intentou-se suspendel-o com providencias timidas; mas as prescripções policiaes são, e sempre foram inefficazes para vencer abusos arreigados em interesses poderosos, e a cultura nociva do arroz sempre zombou d'ellas mais, ou menos. A lei de 1 de julho de 1867, contemplando de mais alto a questão, veiu trazer o remedio, felizmente, abraçando em suas disposições todos os aspectos porque ella póde ser encarada. Os arrozaes são uma das faces do problema, mas de certo não o resumem todo. Para combater com vantagem o caracter insalubre dos campos em tantas localidades não bastavam medidas parciaes, era preciso conceber e applicar um systema completo, que, extinguindo, por exemplo, a cultura do arroz, facilitasse a sua transformação em outras culturas lucrativas, e essa mudança, sempre dispendiosa para se realisar, exige um plano geral e avultados capitaes. A lei de 1 de julho encerra esse pla-

[1] Relatorio ácerca da situação do imperio no anno de 1864.

no e as provisões essenciaes para a sua execução. Obriga-se por ella o estado (artigo 1.º) a auxiliar as obras de esgotamento de pantanos, e o augmento de terrenos, limpeza, desobstrucção e melhoramento dos rios não navegaveis e regatos prejudiciaes nas cheias aos terrenos marginaes, irrigação, inateiramento dos campos, e abertura de caminhos nas propriedades melhoradas.

Os meios praticos adoptados para alcançar estes resultados conciliam a intervenção do estado com a cooperação individual por via de juntas centraes de districto e de juntas locaes eleitas pelos proprietarios dos terrenos, que hão de ser beneficiados. Ás juntas parciaes pertence abrirem os inqueritos para o reconhecimento dos terrenos, que precisam de bemfeitorias, e dos arrozaes que deverão ser extinctos, competindo ás juntas centraes resolver a preferencia das obras mais urgentes, a medição e levantamento das plantas, a divisão dos terrenos em zonas, e os projectos e orçamentos das obras. O processo da avaliação é facil, é claro, e concorda as garantias do interesse particular com as exigencias do interesse geral (artigo 8.º, 9.º, 10.º, 11.º, 12.º e 13.º). As obras auctorisadas são executadas pelo governo, ou pela junta central, segundo as hypotheses estabelecidas no artigo 15.º da lei, e a distribuição da despeza (artigo 21.º, é derramada pelos proprietarios em quotas proporcionadas á extensão dos predios e á utilidade que devem tirar das bemfeitorias. A fórma do pagamento, artigo 23.º, combina engenhosamente a satisfação do encargo com o maior allivio possivel do contribuinte, concedendo-lhe a solução immediata apenas com o onus do juro de um anno a rasão de 6 por cento, ou a solução em quarenta e duas annuidades representando cada uma o juro de 6 por cento do capital, a amortisação correspondente, e 1 por cento de comissão para os gastos de administração. Ao estado ficam hypothecados os predios melhorados para segurança dos encargos respectivos, com preferencia pela importancia da sua divida sobre toda e qualquer hypotheca anterior (artigo 24.º). A conservação das obras e sua reparação pertence aos proprietarios (artigo 28.º). Quanto aos arrozaes, depois de concluidas as informações tomadas pelas juntas centraes de districto e de ouvidos sobre ellas os interessados, ordena o governo a destruição immediata das culturas nocivas, divide-se em duas classes segundo o grau de insalubridade, e fixa o praso de oito annos para dentro d'elles serem melhorados os terrenos, arbitrando o premio de 30$000 réis por hectare aos cultivadores, que um anno depois de destruido o arrozal o substituirem por culturas não insalubres, e o de 20$000 réis aos que no segundo anno realisarem igual mudança (artigos 30.º, 31.º e 32.º).

As regras dictadas pela lei de 1 de julho applicadas com perseverança e firmeza, promettem dentro de um lapso de tempo relativamente breve uma benefica reforma, e em referencia aos terrenos de arrozal

uma transformação mais rapida e lucrativa. Os districtos aonde a cultura do arroz avulta mais são:

	Hectares cultivados	Total da producção em hectolitros
Leiria	231	7:392
Lisboa	1:558	66:974
Aveiro	501	16:055
Coimbra	327	11:438
Evora	156	5:470
Faro	86	2:993
Beja	94	3:300
Portalegre	84	2:915
Santarem	325	11:378

Superficie de Portugal—Sua divisão agricola

O continente do reino mede 8.954:010 hectares, approximadamente, de superficie absoluta, ou 9.000:000 em numeros redondos[1].

A cultura annual dos cereaes occupa 1.044:572 hectares, e, comprehendendo 300:000 hectares em alqueives e pousios, eleva-se á extensão total de 1.344:572, e quando muito de 1.400:000. As outras culturas, vinhas, olivaes, prados, hortas, arrozaes, matas, e florestas abraçam 616:829, perfazendo assim toda a superficie cultivada do paiz a totalidade de 1.961:401 hectares, ou de 2.000:000 no maximo.

Se dos 7.000.000 de hectares restantes separarmos 400:000 correspondentes á extensão tomada pelos terrenos, de que se compõe o dominio social, isto é, á area das villas e cidades, aos leitos e embocaduras dos grandes rios, aos leitos das estradas e vias ferreas, caminhos municipaes e vizinhaes, e aos espaços roubados pelos esteiros de nossas dilatadas costas, e 3.868:001 hectares de terrenos improductivos, montes escalvados, serros pedregosos, gandras arenosas, lagoas, pantanos, e terras bravias e sáfaras, de que só a preço de largas despezas seria possivel fazer valer algumas, restarão 2.731:999 hectares, actualmente fóra de toda a cultura, mas susceptiveis d'ella, entrando n'este numero 300:000 ou 400:000 hectares, que facilmente poderiam ser aproveitados na lavouaa dos cereaes. Esperemos que a associação fecunda do capital e do trabalho com a terra, e a influencia de leis opportunas dêem cedo valor a todas estas terras, ou a parte d'ellas com

[1] Segundo os calculos do instituto geographico de Lisboa e o seu mappa da area dos districtos do continente do reino.

vantagem da lavoura, augmento da riqueza publica, e conveniencia em muitos logares da hygiene geral.

O reino de Portugal pelo seu clima está comprehendido na região *quente* e *temperada*, uma das sete em que A. Bella dividiu as costas do Mediterraneo e a Europa. No outono caem chuvas abundantes, no inverno as aguas pluviaes são consideraveis, na primavera são ainda frequentes, e no verão poucas, ou raras. O paiz agricolamente é caracterisado pela cultura dos cereaes temporãos e serodios do outono e primavera, e por pastos abundantes sómente n'aquellas duas estações, e ainda um pouco na do inverno, apparecendo escassos, ou fallecendo de todo as pastagens não regadas no estio nas altitudes ao nivel do mar, ou pouco acima d'elle.

Esta região climatologica encerra duas das cinco regiões agricolas classificadas pelo conde Gasparin, abrangendo do sul para o norte *a da oliveira* e *a da vinha*, e formando por meio da ultima a transição para a verdadeira região dos cereaes praganosos, região que abraça o centro e o norte da Europa.

Portugal é, portanto, pelo seu clima um paiz de oliveiras, de vinhas, e de milho, sem deixar por isso de produzir cereaes praganosos e gados, embora n'estas duas producções seja mais contingente o seu exito. Póde affirmar-se até, que em seus 9.000:000 de hectares offerece elle um *specimen* de cada uma das cinco regiões agricolas da Europa, porque, alem da oliveira e da vinha, possue exposições, em que o clima mais humido, do que secco, favorece os prados e pastagens, e porque nas serras e montanhas mais elevadas cresceriam sem difficuldade bellas florestas de arvores uteis, se acaso se aproveitassem os terrenos ingratos e incapazes de crear herva, cereaes e arbustos. Póde dizer-se de Portugal, sem exageração, que encerra em miniatura todos os productos da Europa, que está no caso de produzir alguns de latitudes mais quentes, por exemplo no litoral do Algarve, e que esta variedade constitue a feição proeminente da sua physionomia rural.

É obvio que, não apresentando todos os pontos o mesmo caracter, e influindo a natureza e o relevo dos terrenos, a constituição da propriedade, e os systemas de cultura na diversidade dos productos, o paiz, contemplado no conjuncto das aptidões e circumstancias de certas localidades, póde dividir-se agricolamente em regiões distinctas, notaveis pela formação dos terrenos, e qualificadas pela preferencia e quantidade das producções mais especiaes de cada uma.

Os homens competentes pelos seus conhecimentos em economia rural concordaram em dividir o solo agricola de Portugal em quatro grandes regiões: a saber: a *do norte*, a *do centro*, a *do sul* e a *montanhosa*, á qual se poderia juntar uma quinta, a do litoral, principalmente distincta pela sua aptidão florestal.

Predomina na primeira a cultura do milho e a creação e engor-

da do gado bovino. Na segunda, a do milho, do trigo e do arroz. Na terceira, a do trigo e dos montados. Na quarta, a do centeio e da pecuaria.

A primeira região, *do norte*, comprehendendo os seis antigos districtos administrativos de Vianna do Castello, Braga, Porto, Aveiro, Vizeu e Coimbra, com uma superficie de 1.892:836 hectares, com 1.853:397 habitantes, alem da grande orla de areias de toda a costa do oceano, que bem poderia considerar-se como região distincta, é constituida por terrenos crystallinos (granitos diversos), e por terrenos de transição do systema siluriano, apparecendo do Vouga até Thomar e até ás proximidades da margem direita do Tejo algumas fachas de terrenos secundarios.

O seu territorio, mais montanhoso do que plano, fórma nas baixas com os valles campos de provada fertilidade, muitos d'elles feracissimos pelas regas, ou pelos nateiros de alluvião. A pequena propriedade e a pequena cultura, ambas parcellares, prevalecem aqui. O milho é o cereal dominante. Na pecuaria a producção, a creação, e em bastantes pontos a engorda no estabulo do gado bovino, introduziu um elemento importante e auspicioso para a sua lavoura.

A região do *centro* estende-se desde o valle do Mondego até ao sul do Tejo, abraçando os tres districtos de Leiria, Santarem e Lisboa. O oceano e a extensa facha de areias, que acompanha a costa, limitam-a do lado do mar. No interior continuam os terrenos secundarios, notando-se largos espaços de areias ferruginosas (novo grés vermelho) cortados de montes calcareos. O aspecto geral promette pouca fertilidade, a superficie mede 1.770.394 hectares, e a sua população não excede 836:555 habitantes.

Na margem esquerda do Tejo avultam as areias, de que se compõe o solo dos extensos arneiros, gandras e charnecas, que entram pelo Alemtejo até Aviz. Na margem direita representam igual papel os calcareos e os marnes, especialmente desde o Cartaxo até Thomar. Toda esta região em geral é constituida por terrenos sedimentares secundarios e terciarios, salvo o pequeno accidente dos granitos e basaltos das vizinhanças de Lisboa.

A região do centro apparece mais montanhosa ao norte do Tejo e mais plana ao sul, e se contém bastantes terras sáfaras, os valles, que a cortam, e a grande bacia do Tejo enateirada pelas inundações offerecem fertilidade admiravel. O pessimo regimen das aguas e as repetidas e muitas vezes funestas invasões do rio roubam á agricultura boa parte dos melhores terrenos, areando-os, ou apaúlando-os. No paiz não ha talvez localidade mais pantanosa. A media propriedade equilibra-se quasi com a grande, e esta não conhece senão a cultura extensiva. A pequena propriedade e a pequena lavoura são muito restrictas. Nos cereaes as colheitas do trigo e do milho andarão uma pela outra, porém

as do arroz excedem as de todo o reino. A producção em pecuaria é fraca na maior parte das especies. A especialidade dos touros do Ribatejo não representa de certo um progresso.

A região do *sul* comprehende as duas provincias do Alemtejo e do Algarve. É a mais extensa de todas, medindo 2.979:574 hectares, e proporcionalmente a menos populosa, porque os quatro districtos de Portalegre, Evora, Beja e Faro, que a compõem, contam apenas, reunidos, 527:790 habitantes! Terrenos crystallinos (granitos na maior parte) e terrenos de transição (schistos e calcareos metamorphicos) cortados por grandes assentadas de terrenos secundarios (cretaceo, jurassico e triassico, grés e areias ferruginosas, marnes irisados, e calcareos diversos) e ainda pelo prolongamento das areias de formação terciaria do sul de Tejo, constituem o fundo geologico d'esta região, cujo solo de pouca espessura e fertilidade, aonde affloram os terrenos crystallinos, e preponderam as areias, desenvolve maior poder e riqueza nos pontos de contacto dos granitos com os schistos, e mais ainda n'aquelles, em que elles se encontram com os calcareos, produzindo terras argillo-siliciosas como os barros de Campo Maior, de Beja e do Algarve.

A região do sul é a mais quente e secca do paiz. Prosperam no seu solo os montados de sobreiros e azinheiras. O reino do Algarve forma uma sub divisão importante d'ella, caracterisada pela vegetação da palmeira anã, da alfarrobeira, e de outras especies, e póde reputar-se uma transição da região das costas africanas da bacia do Mediterraneo para as regiões oceanicas da Europa. Nos 2.979:574 hectares, que toda a região do sul abrange, desatam-se extensas planicies entre 150 e 250 metros sobre o nivel do mar. Aqui a grande propriedade predomina, imagem dos vastos *latifundios* romanos. Na cultura dos cereaes avulta a do trigo, e na pecuaria a producção suina pelos grandes montados, que a sustentam e engordam.

Finalmente, a quarta região com 2.341:206 hectares de area, e 768:916 habitantes, abraça os quatro districtos de Castello Branco, Guarda, Bragança e Villa Real, continuados um após outro, na extremidade leste-nordeste do reino, e é foamada dos terrenos mais montanhosos e elevados acima do nivel do mar (500 a 2:000 metros), constituidos em geral de granitos e de silurianos (transição), cuja desaggregação cria solos, que nos pontos mais altos se arrelvam de bamburraes de estio, nas encostas e planuras mais baixas produzem bons pastos de primavera e bom centeio, e ao sopé dos montes e no fundo dos valles, aonde quasi sempre acodem as aguas de rega, viçosos prados (lameiros) e até searas de trigo e bons milharaes, quando as veigas estão abrigadas e aproveitam o nateiro das alluviões dos rios e ribeiros.

Em toda a *região montanhosa* se observa o predominio da pequena cultura, ou quando muito da media propriedade nas baixas e nas encostas cultivadas. As terras altas ou os montes são maninhos e na maior

parte baldios. Na cultura dos cereaes a que avulta é a do centeio. Na pecuaria sobresae o gado miudo (ovino e caprino), e a producção do gado grosso (bovino) para recreação em outros pontos.

A região do centro entre a do norte, cuja feição agricola nos cereaes é o milho, e a do sul, aonde prevalece o trigo, é simultaneamente região de milho e região de trigo e arroz. A importancia da cultura dos cereaes determinou as divisões, que acabamos de descrever resumidamente, e determinou-a com rasão, porque a sua cultura sempre foi, e deve ser a primeira, a principal e a constante preoccupação do lavrador. O trigo, o milho, a cevada, o centeio, o arroz e a aveia, a que poderiamos juntar outras gramineas de menor interesse, não prosperam todas de igual modo nas diversas exposições de clima e de solo. A cevada e o centeio chegam ao extremo norte da Europa; o milho e o trigo vivem nos paizes temperados e quentes; a aveia dá-se mais ou menos em quasi toda a Europa. A pratica ensina sem difficuldade a conhecer quaes sejam as especies cerealiferas mais adequadas aos climas, a aptidão de suas variedades, e o seu grau de rusticidade e de fecundidade. Cada região adopta e cultiva as que se accomodam melhor a suas condições agricolas e climatologicas, e a segurança, abundancia, e valor das colheitas depende do acerto e prudencia d estas preferencias.

Se é grande a variedade dos nossos productos (e maior podia ser ainda), a quantidade infelizmente está longe de corresponder ás promessas do solo e do clima. Nas diversas colheitas, e na dos cereaes e forragens em especial, o rendimento medio por hectare accusa o atrazo dos processos agricolas e a imperfeita direcção das lavouras. Alem d'isto, o espaço extensissimo roubado á agricultura pelos pantanos e charnecas, e pela falta de capitaes e de braços, privam as differentes culturas de muitos terrenos, que uma industria mais activa e adiantada aproveitaria com lucro, encurtando os dominios das forças productivas, e limitando a area natural destinada a uma applicação tão fecunda como importante.

Em 4.961:265 hectares agricultados actualmente no paiz, o dominio das culturas reparte-se, pouco mais ou menos, da maneira seguinte:

Cereaes (cultura annual, alqueives e pousios)	1.344:000	hectares
Arrozaes	4:000	»
Vinhas	189:407	»
Prados naturaes e artificiaes	200:000	»
Olivaes	42:000	»
Pomares de laranja e limão	2:546	»
Soutos (castanhaes)	12:436	»
	1.794:389	»

Transporte.....	1.794:389	hectares
Hortas (propriamente ditas)...	21:878	»
Legumes.....	31:499	»
Batatas.....	13:499	»
Matas e florestas.....	100:000	»
	1.961:265	»

A cultura dos cereaes subdivide-se, segundo as especies e a extensão de cada uma d'ellas, do modo seguinte:

Trigo.....	250:500	hectares
Milho.....	311:500	»
Centeio.....	70:000	»
Cevada.....	400:000	»
Aveia.....	12:000	»
Arroz.....	4:000	»
Alqueives e pousios.....	300:000	»
	1.348:000	»

As vinhas, tomadas por base as localidades mais importantes pela sua producção, tambem podem subdividir-se da fórma seguinte:

Vinhos verdes.....	5:557	hectares
Vinhos do Douro.....	30:882	»
Vinhos do resto do paiz.....	152:968	»
	189:407	»

A producção do paiz em gados pouco excede, segundo os dados estatisticos enviados dos districtos á repartição de agricultura, 5 074:608, ou 5.508:090 cabeças, comprehendidas a creação cavallar, muar e asinina, a bovina e lanigera, a caprina e a suina, que podem valer em moeda de 20.000:000$000 a 30.000:000$000 de réis proximamente. A producção das lãs, pela media dos annos decorridos de 1854 a 1859, foi avaliada em 4.625:843 kilogrammas, com o valor de 1.156:460$000 réis. Por ultimo o valor das producções vegetaes, soutos, hortas, vinhas, cereaes, prados, pousios, matas, e pomares e outras, parece orçar por 62.600:000$000 réis.

Segundo a media deduzida dos dados estatisticos de 1853 a 1857 a producção do trigo foi do 2.000:000 de hectolitros. A media do emprego de sementes anda proximamente por 175 litros por hectare, e o producto nos annos regulares não excede 6 e talvez 5 ½ sementes

geraes. Póde portanto calcular-se entre nós em 8 a 9 hectolitros o producto medio do trigo por hectare.

Os milhos das regiões do centro e do sul, sendo de sequeiro, dão 15 a 20 sementes, e de regadio 35 a 40. Os do norte produzem uns pelos outros na proporção da media de 25 sementes, isto é, no sul oscilla a producção entre 7 e 15 hectolitros, emquanto a do norte oscilla entre 12 e 15 por hectare. Na producção do centeio as contigencias contrarias são grandes, e por isso o producto póde variar na rasão de 1 para 2. Todas estas circumstancias mostram, que no estado actual da cultura e da fertilidade de solo portuguez a producção varia extraordinariamente, está muito abaixo do que podia e devia colher-se da mesma extensão de terreno com aperfeiçoamentos de pequena importancia relativa, e ameaça de crises frequentes o mercado dos cereaes.

A agricultura do paiz está ainda muito pobre de gados. A esta causa é devido principalmente o seu atrazo e a pequena producção das terras. O diminuto consumo que se faz de carne, atalha os progressos da industria pecuaria, e sem ella não póde haver verdadeiro progresso agricola. Para augmentar o consumo é preciso que o preço da carne baixe, e que a agricultura saiba produzil-a em maiores quantidades e melhorando as condições economicas e agronomicas da cultura.

As regiões, em que dividimos o reino, sommam, como vimos, 5.000:000 de cabeças. Reduzindo todas as especies de gados a um typo unico, o bovino, e equivalendo uma cobeça bovina a dez ovinas e caprinas e a quatro suinas, como está geralmente admittido, acharemos que a relação do numero de cabeças normaes com a superficie é a seguinte:[1]

Na região do norte....	20	cabeças	por	100	hectares.
Na do centro.....	8,5	»	»	»	»
Na do sul.....	9	»	»	»	»
Na montanhosa.....	12	»	»	»	»

É pois de 13.62 por 100 hectares, e de 35,79 por 100 habitantes a relação do gado de açougue na superficie do continente do reino, e attendendo tambem o outro gado de trabalho (cavallar, muar e asnar) na proporção de duas cabeças por uma normal, acharemos a relação de 14 cabeças por hectare, relação em que só a Hispanha, a Baviera, a Noruega e a Russia estão abaixo de nós, elevando-se na Inglaterra a 99 cabeças por 100 hectares, na Belgica a 58, na Hollanda a 52, na Allemanha a 44 e na França a 38.

Esta differença explica desgraçadamente o atrazo da producção agricola. Os gados, que hoje temos, nem duplicados e bem alimentados

[1] Veja-se o relatorio dos srs. Andrade Corvo, marquez de Niza e Casal Ribeiro, ácerca do commercio dos cereaes, pag. 26 e 27.

chegariam para os terrenos hoje em cultura serem devidamente estrumados e arados. Não admira, portanto, que o seu producto seja escasso e inferior ás necessidades do consumo, porque os grandes rebanhos e manadas, isto é, os gados abundantes, é que fazem as boas colheitas, proporcionando as quantidades precisas de estrume para o adubo do solo.

Cobram-se em Portugal impostos directos e indirectos. As tres contribuições geraes de repartição *predial*, *pessoal* e *industrial*, constituem com outras taxas os primeiros, e os direitos de importação e exportação arrecadados nas alfandegas maritimas e nos portos seccos com os impostos municipaes de consumo compõem em geral os segundos.

O imposto predial sobre o rendimento dos predios rusticos e urbanos foi orçado em 1.879:302$188 réis na lei de receita e despeza para o exercicio de 1857 1868.

O imposto de viação addicional ás tres contribuições geraes de repartição e ao imposto de registo vem calculado na mesma lei de réis 1.364:787$482.

A contribuição industrial sobre o commercio, as fabricas, e as profissões exercidas em officinas, lojas, ou casas com publicidade em réis 403:000$000.

A contribuição pessoal sobre os commodos e a representação individual (sumptuaria) em 196:078$920 réis.

Alem d'estas quatro taxas ainda o nosso orçamento inscreve entre os tributos directos mais oito impostos, de que os de sêllo, de registo, e a decima de juros, são os mais rendosos.

A proporção entre o rendimento da receita nas contribuições directas e o augmento presumido da riqueza publica não concorda com o depoimento dos factos economicos comprovado por outros indicadores. A contribuição predial em mais de vinte annos (de 1836 a 1867) augmentou apenas 25 por cento, pouco mais, ou menos, ao passo que a receita das alfandegas no mesmo periodo cresceu 76 por cento. Se addicionarmos á somma de 1.879:000$000 réis, em que se orçou a contribuição predial o acrescimo de 365:000$000 réis, em que foi calculado a mais o imposto addicional de viação depois da lei de 16 de abril de 1857, acharemos, que 2.2 4:000$000 réis representam todos os encargos directos da propriedade rustica e urbana para com o thesouro.

Se o imposto pedisse ao contribuinte, como exageradamente se diz, 10 por cento do rendimento liquido, a receita cobrada pelo imposto predial deveria corresponder 23.050:000$000 réis de rendimento collectavel, se pedisse 5 por cento corresponderia ao dobro, ou 46.100:000$000 réis. Representa esta modesta quantia o rendimento predial liquido rustico e urbano do paiz? Ninguem seguramente o affirmaria. Só os predios urbanos de Lisboa e Porto e das cidades mais importantes valem isto, pelo menos annualmente. Só os productos annuaes da industria ru-

ral, calculados muito abaixo da realidade, excedem tão modesta somma. Não accusemos, pois, o imposto predial de rigoroso, ou de extenuante.

O que elle se acha é desigualmente repartido, pagando a pequena propriedade e os proprietarios de fóra dos conselhos mais do que deviam pagar, e os grandes lavradores e os grandes dominios muito menos. Se o rendimento liquido, que o imposto accusa, fosse o verdadeiro, a quota annual da subsistencia de cada habitante seria de 6$000 réis!

As contribuições indirectas, exceptuado o real de agua, quasi que não existem entre nós senão como receita municipal, isto é, como tributo local. Por motivos obvios as camaras preferem ás taxas directas a fórma menos sensivel das taxas sobre a venda publica dos generos. A carne e o vinho, em geral, constituiam as bases principaes do imposto de consumo nos municipios, variando infinitamente, porém, o quantitativo, ou a percentagem do tributo.

Nos concelhos de Aveiro varia na carne de 2 a 26 réis por kilogramma. Nos de Beja de 2 a 24 réis, nos de Santarem de 6 a 20 réis, nos de Lisboa de 10 a 35 réis, nos do Porto de 8 a 22 réis, nos de Vianna de 10 a 22 réis, e nos de Evora 3 a 10 réis. Em muitos municipios a carne não paga a taxa pelo peso, mas pagava a o gado por cabeça. Em bastantes collecta-se só a carne de vacca, em outros só a de porco, e em alguns todas as carnes. Existem até 90 concelhos, aonde não são tributadas. No imposto sobre o vinho as differenças não se representam menores, e as irregularidades tambem. Paga-se em 215 municipios e sobe de 1 real por litro a 30, 35, 48, e até 57 réis. Nos concelhos do Minho o tributo varia segundo a qualidade do vinho é verde ou madura. O azeite, o sal, os cereaes, as farinhas, e até o pão são taxados em diversos concelhos, o azeite de 1 até 14 réis por litro, o sal desde 2 e 5 até 40 réis por alqueire, os cereaes desde 2 e 5 até 50 réis por alqueire.

Ha municipios mesmo, aonde a panta dos impostos de consumo comprehende desde quinze até dezenove artigos diversos, multando desde o vinho e a sardinha até ao repolho e ao carvão, desde a carne, o azeite, e os cereaes até ao peixe, a cal, e as batatas, desde a alfarroba e os pimentos até as aduelas de pipa, o bacalhau, as fazendas de lã e algodão, e a sola. É uma rede extensa e apertada, que em certas localidades faz lembrar as pautas dos concelhos da idade media.[1]

[1] Extractado da interessante obra do sr. Luiz Augusto Rebello da Silva — *Compendio de Economia Rural*.

DOMINIO AGRICOLA.—PRODUCTOS VEGETAES

Designação	Quantidades	Unidades	Superficie cultivada — Hectares	Valores em réis
Cereaes	11.050:000	Hectolitros	1.048:000	25.594:300$000
Pousios	–	–	300:000	288:000$000
Legumes	373:000	Hectolitros	31:499	1.353:000$000
Batatas	1.619:951	»	13:499	2.348:000$000
Hortas	–	–	21:878	3.542:000$000
Pomares	362:010	Milheiros	2:546	724:000$000
Prados	–	–	200:000	–$–
Olivaes	148:556	Hectolitros	42:000	2.228:000$000
Vinhas	5.000:000	»	189:407	36.000:000$000
Soutos	–	»	12:436	581:000$000
Matas	–	–	100:000	2.602:000$000
Forragens	1.522:600	Quintaes metricos	–	2.192:000$000
Total da superficie cultivada			1.961:265	–
Terrenos incultos			2.734:000	–
Plantas textis			–	2.124:000$000
Linho e seda			–	1.525:000$000
Total da producção vegetal			–	81.101:300$000

A cultura dos cereaes divide-se da seguinte maneira:

Designação	Hectolitros	Hectares	Hectolitros em réis	Valor em réis
Trigo	2.000:000	250:500	3$623	7.246:000$000
Milho	5.600:000	311:500	2$318	12.980:800$000
Cevada	700:000	70:000	1$739	1.217:300$000
Centeio	2.400:000	400:000	1$452	3.484:800$000
Aveia	200:000	12:000	1$452	290:400$000
Arrozaes	150:000	4:000	2$500	375:000$000
	11.050:000	1.048:000		25.594:300$000

Designação	Alqueires
Feijões	2.009:009
Favas	917:161
Grãos de bico	423:122
Chicharos	404:585
Ervilhas	404:135

Appendice ao Capitulo III da Parte IV

COMMERCIO E INDUSTRIA

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA

Se o estado, em que se encontra o paiz inculto na sua maior parte, não chegando a produzir pão para o definhado numero de seos habitantes, e vendo-nos por isso obrigados a importar cereaes annualmente no valor de 2000 contos, é horrivelmente lastimoso, tambem o estado da nossa marinha de guerra deve enluctar o coração de todos os verdadeiros portuguezes. A nossa marinha é a mais insignificante de todas das nações maritimas! E para cumulo de approbrio ha dois annos mandou o nosso governo annunciar nos paizes extrangeiros que fretava um vapor para transportar tropas á Zambezia. E com effeito fretou-se para esse fim o vapor inglez *Borneo* por 80 contos. E n'este anno anno de 1870 tornou outra vez a annunciar que fretava um vapor para transportar um contingente a Macau, e effectivamente foi fretado outro vapor inglez o *Saida* por uns 50 contos. E annuncia-se nas praças principaes da Europa que Portugal não tem um navio transporte! E não ha pejo de fazer esta declaração!... Mas sem mais preambulos, cobertos de vergonha vamos dizer o que temos, sem esperança de remedio, pois que até a construcção d'uma insignificante canhonheira, em começo no Arsenal da Marinha de Lisboa, está interrompida ha muitos mezes, espectaculo presenceado por quantos extrangeiros veem ao Tejo!

1.° Nau *Vasco da Gama*.—Foi construida no Arsenhal da Marinha em Lisboa, e deitada ao mar em 1842. Está inutilisada, e dentro em pouco tempo será desmanchada. Era de 80 peças.

2.° Fragata *D. Fernando*.—Foi construida de magnificas madeiras no Arsenal de Lisboa, e lançada ao mar em 1843. Fez muitas viagens, e era de 50 peças. Está servindo de eschola pratica de artilheria. E' de 1230 toneladas.

3.° Curveta *D. Estephania*.—De 1560 toneladas, 21 peças, e com machina da força de 400 cavallos. Foi construida em Londres, d'onde veio em 1859. Actualmente surta no Tejo, e prompta para serviço.

4.° Curveta *Bartholomeu Dias*.—Foi construida em Londres, e lançada á agua em 1858. Importou em 327 contos. E' de 1227 toneladas, da força de 400 cavallos, e armada com 17 boccas de fogo. Ao escrever estas linhas, 31 d'Agosto de 1870, acha-se em concerto no dique do Arsenal de Marinha.

5.° Curveta *Sagres*.—Foi construida em Londres nos estaleiros de Young Son and Magnay, sendo o risco de Charles Coussin, e lançada á agua em 3 de junho de 1858. Tem 250 pés de comprimento, 32 ½ de largura, e 27 d'altura—1047 toneladas, e é de 300 cavallos. Acha-se actualmente no cruzeiro d'Angola.

6.° Curveta *Sá da Bandeira.*—A quilha foi assente no Arsenal d Marinha de Lisboa em 13 de fevereiro de 1860. Tem 54^{m} de comprimento, e 10 na maior largura. E' da força de 200 cavallos, e de 970 toneladas, e armada com 13 peças. Acha-se na China.

7.° Curveta *Duque da Terceira.*—Construida no Arsenal da Marinha em Lisboa, e deitada á agua em 8 d'abril de 1864. E' da força de 200 cavallos, e armada com 13 peças. Acha-se no Brasil.

8.° Curveta *Duque de Palmella.*—Construida tambem no Arsenal de Marinha em Lisboa, e lançada á agua em 25 de janeiro de 1864. A construcção importou em 77:910:073 rs. Monta 12 peças, e a machina é da força de 150 cavallos. Está em viagem para as Ilhas dos Açores.

9.° Curveta *Infante D. João.*—Construida no Arsenal da Marinha em Lisboa, foi em dezembro de 1863 para Londres metter machina da força de 150 cavallos A construcção importou em 78:694 113 rs. Actualmente acha-se surta no Tejo.

10.° Curveta *Infante D. Henrique.*—E' esta a celebre curveta ingleza Hawk, vendida por inutil pelo governo inglez a um particular, que a concertou e vendeu ao governo portuguez, o qual pensava que comprava um navio novo, mas vindo-se no conhecimento de que a embarcação era velha, porque um marujo inglez o disse, (que vergonhas!) e procedendo-se então a um exame, o qual verificou ser verdadeiro o dicto do marujo, o governo portuguez sustentou nos tribunaes inglezes um pleito com o fim d'annular a compra, mas no qual ficou sempre mal, perdendo ainda alguns contos de réis com a perda da demanda, e com a conservação do navio n'uma doka ingleza! Pobre paiz!

Esta curveta acha-se em viagem para Moçambique.

11.° Curveta *D. João 1.*—Foi construida em Damão, e lançada ao mar em 1828. Apezar de antiga, acha-se muito bem conservada por ser de teca, e está tambem na China. Tem 12 bocas de fogo.

12.° Curveta *Goa.*—É de 16 peças, e acha-se desarmada, e surta no Tejo.

13.° Curveta *Damão.*—Esta curveta esteve em construcção na cidade do seu nome por mais de 20 annos. Deve-se ao sr. Mendes Leal, quando ministro da marinha, o ter-se posto um ponto áquella vergonhosa demora. Acha-se desarmada no Tejo.

14.° *Mindello.*—Vapor da força de 220 cavallos, e armado com 8 canhões. Era o antigo vapor inglez *Royal Tar.*—Acha-se nos Açores.

15.° *Tejo.*—Vapor construido no Arsenal da Marinha, e surto no Tejo. É da força de cem cavallos, e monta 2 peças.

16.° *Zarco.*—Vapor de helice montando 7 peças, com machina da força de 80 cavallos. Parece achar-se em Cabo Verde.

17.° *Argos.*—Vapor de helice, montando 2 peças, e da força de 70 cavallos. Veio d'Inglaterra em 1853, e acha-se na fiscalisação da costa do Algarve.

18.° Escuna *Barão de Lazarim.*—Montando 3 peças, e com machina da força de 50 cavallos. Bateu so o prego da quilha em 17 de setembro de 1857, e foi lançada á agua a 22 de setembro de 1858. Acha-se no Tejo.

19.° Canhoneira *Camões.*—Monta 2 peças, e tem machina da força de 30 cavallos. Parece ter sido construida em Hong-Kong. Está tão bem na China.

20.° Canhoneira *Guadiana* —Com machina da força de 60 cavallos, e montando 3 peças. Foi batida a cavilha mestra a 29 d'agosto de 1864, e o navio foi deitado ao mar em 24 de maio do anno seguinte. Mede 36m, 23 de comprido: 6m, 25 de bocca, 3m, 76 de pontal, e é de 270 toneladas. Acha-se em S. Thomé.

21.° *Lince.*—Vapor de helice, da força de 70 cavallos, e montando 2 peças. Veio d'Inglaterra em 1853, e acha-se na fiscalisação da costa ao norte de Portugal.

22.° *Maria Anna.*—Vapor de helice da força de 80 cavallos, e montando 7 peças. Foi construido em Londres em 1859. Acha-se em Moçambique.

23.° Canhoneira *Rio Minho.*—A vapor de helice, com machina da força de 60 cavallos, e montando 3 peças. A cavilha mestra foi batida a 8 d'abril de 1864. Surto no Tejo.

24.° *Rebocador.*—Vapor de rodas, construido em Londres, e que custou 4 mil libras esterlinas. No Tejo. E' da força de 75 cavallos.

25.° Vapor *Quilimane.*—Acha-se na Zambezia. Foi comprado a toda a pressa aos allemães, para transportar tropas.

26.° Brigue *Pedro Nunes.*—Monta 12 peças. Construido no Arsenal da Marinha de Lisboa, e lançado ao mar em 21 de junho de 1856. Acha-se em Angola.

27.° Barca transporte *Martinho de Mello.*—Construida em New-York, d'onde chegou pela primeira vez ao Tejo, a 2 de dezembro de 1858. Surta no Tejo. Monta 2 peças.

28.° Escuna *Napier.*—Acha-se em Angola. Monta 5 boccas de fogo.

29.° Escuna *S. Thomé.*—Construida no Arsenal de Lisboa em 1859. Monta 1 uma peça. Está em Angola.

20.° Canhoneira *Principe D. Carlos.*—Construida em Hong-Kong. Acha-se na China, e monta 4 peças.

31.° Hiate *Algarve.*—Construido no Arsenal de Lisboa em 1864. E' de 59 toneladas. Acha-se no Algarve.

32.° Hiate *Bissau.*—Construido em Lisboa, e lançado ao mar em 16 d'agosto de 1859.

33.° Hiate *Conde de Penha Firme.*—Construido na Inglaterra em 1859.

34.° Cuter *Ligeiro.*

35.° Hiate *Marinha Grande.*

36.° Cahique *Restauração.*

37.° Hiate *S. Pedro.*

38.° Hiate *Vallado.*

MARINHA MERCANTE

Não ha quadro mais desanimador para o coração portuguez do que o estado lastimoso a que ha chegado a marinha mercante portugueza. Portugal felizmente em paz com todas as nações ha muitos annos, ao passos que estas por vezes se teem dilacerado horrivelmente em terriveis pelejas, Portugal com immensas colonias e situado n'uma excellente posição geographica, Portugal com uma costa extensissima cortada por muitos rios navegaveis, parece que devia ver continuamente augmentar o numero de seis navios, mas desgradamente elle diminue com uma decadencia espantoso. Quem acreditará que em Lisboa ha muitos annos não se construe um unico navio, e que os calafates e outros artistas, que vivem do fabrico de navios teem chegado a pedir esmola pelas ruas da capital.

Veja-se porém qual era a importancia da marinha mercante portugueza ainda no fim do seculo passado:

«No meu tempo[1] desde alem, onde está a Cabrea até aqui á Cordoaria, tudo eram naus e fragatas, e esse rio estava povoado de embarcações mercantes, entrando e sahindo comboios de cento e vinte, e cento e trinta navios, como aquelle de 20 de janeiro de 1798 comboiado pelas naus Conde Henrique, Maria I, Vasco da Gama, Princeza da Beira, Rainha de Portugal, Infante D. Pedro, e fragatas Golfinho, S. João, Principe, Cisne, Venus, e bergantins Voador, Gaivota, e Europa: como o outro de 9 de setembro de 1798 composto de 122 navios, comboiado pela Vasco e Princeza da Beira, fragatas Activa, Ulysses e Carlota: e finalmente como o outro de 21 d'outubro de 1799, composto de 130, comboiado pela Meduza, e fragatas Amazona e Thetis. As nossas esquadras appareciam em toda a parte, fallava-se mesmo na esquadra do sul, na esquadra do Canal, na do Mediterraneo. A India tambem tinha sua esquadra de boas fragatas: agora vinha uma presa, a fragata Buonaventura conduzida pelo Balão, tomada pela Meduza: logo a Victoria apresada pela fragata Fenix, o corsario Leão apresado pelo cahique de guerra Andorinha, o Passaro e a Santa Catharina pela fragata Andorinha, o Epervier apresado pela fragata Minerva. Aquelle esteve na guerra do Sul, ou no bloqueio de Malta, outros no de Napoles, e bombordeamento de Tripoli: este bateu-se na Andorinha, aquelle na Tritão, ou na Carlota. Hoje está o rio deserto!...

Por aquelles tempos achava-se tambem o Tejo sempre cheio de navios de guerra estangeiros, e sem exageração raro era o navio de guerra estrangeiro, que uma ou outra vez não vinha saudar o Tejo, onde ás vezes estavam surtas numerosas esquadras. E hoje? Ao escrever estas linhas, 4 d'outubro de 1870 não esta anchorado no referido rio nem *um unico navio de guerra estrangeiro.*

---

[1] Joaquim Pedro Celestino Soares—Quadros Navaes. vol. 1. pag. 342.

E para que se veja a este respeito o pequeno movimento do nosso famoso rio aqui vai uma estatistica exacta de todos os navios de guerra estrangeiros, que entraram no Tejo desde 13 de setembro de 1869.

13 de setembro. Entrou uma esquadra ingleza composta des seguintes fragatas:

1.° *Enterprise.*

2.° *Apincourt*—De 28 peças 700 praças, 6621 toneladas, e de 1350 cavallos.

3.° *Lord Warden*—605 praças, 4080 toneladas, 1000 cavallos, 18 peças.

4.° *Royal Oak*—605 praças, 4125 toneladas, 1000 cavallos, 24 peças.

5.° *Minotaur*—705 praças, 6621 toneladas, 800 cavallos, 34 peças.

6.° *Caledonia*—605 praças, 4125 toneladas, 1000 cavallos 24 peças.

7.° *Northumberland*—706 praças 28 peças.

8.° *Monarch*—525 praças, 5102 toneladas, 1100 cavallos, 7 peças.

9.° *Hercules*—650 praças, 5234 toneladas, 1200 cavallos, 14 peças.

10.° *Prince Consort*—605 praças, 4045 toneladas, 1000 cavallos, 14 peças.

11.° *Bellerophon*—558 praças, 4227 toneladas, 1000 cavallos, 14 peças.

12.° *Inconstant*—603 praças, 4066 toneladas 1000 cavallos, 27 peças.

13.° *Pallas*—253 praças, 2372 toneladas, 600 cavallos, 6 peças.

14.° *Cruiser*—175 praças, 752 tonelladas, 60 cavallos, e 5 peças. Esta esquadra entrou e sahio por vezes.

6 de outubro. Vapor francez *Limier*—vindo de Rochefort.

10 Vapor Prussiano *Grille*—de Plymouth, com 51 praças, e da força de 160 cavallos.

16 Vapor hollandez *Falk*—de Falmouth, 140 praças, 4 peças, 300 cavallos.

5 de novembro. Vapor inglez *Hellicon*—de Plymouth.

29 Curveta americana *Plymouth*—de Marselha.

20 de janeiro de 1870. Fragata prussiana *Elisabeth*—de Gibraltar.

20 Curveta americana *Richmond*—de Gibraltar.

22 Vapor inglez *Teazer*—de Plymouth.

30 Vapor Grego *King George*—de Plymonth.

24 de fevereiro. Brigue prussiano *Rover*—de Cadix.

7 de março. Fragata inglez *Bristol*—de Plymouth.

23 Fragata franceza *Minerve*—de Goreé, 382 praças, 24 peças, 600 cavallos.

19 de abril. Vapor inglez *Tamar*—de Gibraltar.

22 de maio. Vapor francez *Espadon*—45 praças, 2 peças, de Rochefort.

2 Vapor prussiano *Delphin*—64 praças, 3 peças, 80 cavallos, de Cadix.

9 de junho. Fragata americana *Franklin*—de Gibraltar.
15 Curveta americana *Juniata*—de Tanger.
15 Fragata sueca *Chapman*.
18 Curveta franceza *Forbin*—150 praças, 6 peças, 250 cavallos, de Algeciras.
24 Vapor francez *Le Second*—134 praças, 4 peças, 150 cavallos, de Lorient.
7 de julho. Vapor francez *L' Etoile*—72 praças, 4 peças, 100 cavallos, de Palma.
23 Vapor inglez *Porcupine*—de Vigo.
5 de agosto. Curveta americana *Plymouth*—230 praças, 12 peças, 600 cavallos, de New York.
12 Canhoneira franceza *La Diligente*—40 praças, 3 peças, 40 cavallos, de Lorient.
13 Vapor francez *Bouvet*—84 praças, 3 peças, 150 cavallos, do Faial.
23 Vapor *Columbine*.
10 de setembro. Curveta americana *Saco*—130 praças, 5 peças, 100 cavallos, de Norfolk.

Marinha Mercante Portugueza em 1869

Hiates:—Adelaide. Adolpho. Adonis. Aerolitho. Aguia. Agnia. Alcides. Amisade Andorinha. Andrade Pinto. Annibal I Assumpção Aurora. Aveirense. Avisador. Beijinho. Boa Fortuna. Bom Dia. Bom J sus e Almas. Bom Jesus dos Navegantes. Bom Successo Bragança. Brilhante. Brioso. Calypso. Camões Canicnlas. Cardoso. Carlos I. Carlota. Caudilho Leão. Clara e Maria. Claudia. Conceição. Conceição d'Aveiro. Conceição Feliz. Conde de Cavour. Correio d'Aveiro. Correio da Villa do Conde. Cortez. Craveiro II. Cruz III. Cruz IV. Cysne do Minho. Desengano. Deus Sobre Tudo Dezenove de Junho. Diligente. Dois Amigos. Dois Amigos. Dois Irmãos. Dolores. D. Luiz I. D. Luiz I. D. Antonia. Duas Meninas. Eclipse. Elisa. Engano. E' Segredo Espadarte. Esperança. Estreia. Estrella. Estrella do Dia. Estrella de Odemira. Estrella do Sado. Eugenio. Eurico. Fé. Felismino. Feliz Pensamento Feliz Pensamento. Flor de Alcacer. Flor do Guadiana. Flor do Lima. Flor do Mar. Flor de Ovar. Franco e Companhia. Freitas. Furão. Gaguida. Garibaldi. Gloria Gloria de Portugal. Grande Baptista Guilhermina. Harmonia de S. Martinho. Herminio Horisonte. Incomparavel Independente. Indispensavel. Inveja. Izabel. Japuía Jesuina. Jovem Laura. Jovial. Lealdade. Leão. Libania e Adelaide. Liberdade. Ligeiro. Lisongeiro. Macieira da Maia. Maria. Maria Claudia. Maria José. Maria José. Lisboa Maria Luiza. Martins. Martins I. Mathilde. Mattos. Mery. Missanga. Nelson. Nereo. Nova Esperança. Nova Esperança. Nova Maria Soledade. Nova Primavera. Nova Soledade. Nova União. Nove de Agosto. Novo Aler-

ta Nova Atrevido. Novo Especulador Novo Feliz. Novo Feliz de Fão. Novo Luz do Dia. Novo S. Lourenço. Novo Silencio. Novo Triumpho. Novo Viajante, Oliveira Brilhante. Oriente. Paquete de Bissau. Paquete de Sines. Perola Philippino. Portimão I. Precioso. Primavera. Primavera do Minho Principe Feliz. Providencia. Providencia. Puritano. Ramalhete I. Raphael Rapido. Rasoilo I. Recreio. Recreio de Tavira. Resuscitado. Rio Cavado Rival. Rival. Rocha. Rosario. Sampaio Sant'Anna e Almas. Santa Cruz. Santa Rita. Santo Antonio. S Bartholomeu Dias. Santo Christo. S. Francisco. S. Francisco de Paula. S. João Baptista. S. João e Almas S. Paulo. S. Pedro I. S. Vicente. Santos. Santos e Oliveira. Sempre se fez. Senhor dos Passos. Senhora da Atalaia. Senhora do Carmo. Senhora do Carmo. Senhora da Conceição. Serra I Sol Dourado. Sousa. Sympathia. Sympathia. Treze de Maio. Tricano. Triumho. Triumpho da Inveja. Trovador. União. União e Almas. Valente II. Valladares I. Vasco da Gama. Vencedor. Victor Manuel. Victoria. Vinte e Trez de Maio. Voador do Mondego. Total 204.

Escunas:—Africana. Aguia. Audaz. Benjamin II. Bom Fim. Deolinda Dias. Dolphim. Emilia. Etelvira. Feliz Conceição. Fonseca. Fortunato. Freire II. Izabel. Jacintha. Lealdade. Maria Emma Oliveira. Rosa. Sereia. Silva. Tarrafal. Tejo. Ventura. Victoria. Total 26.

Chalupas.—Açor. Corça. Delphina Total 3.

Patachos:—Africano. Alice. Alliança. Andorinha do Tejo. Angrense. Ar. Argo. Arrogante Baltar. Boa Fé. Carolina. Clé. Clementina. Destemido. Destino. Dois de Julho. Fernandes. Flor de Angra. Fortuna. Galgo. Garibaldi. Georgense. Gilberto I. Gomes de Castro. Hortense. Iberia. João I. José. Josephina. Julia. Leal. Liberal Marcial. Maria. Maria Barbara. Maria da Gloria. Marianna. Marianna II Mercurio. Michaelense. Nova Sorte. Novo Abalisado. Novo Lima. Novo Mathilde. Restauração I. Salamandra. S. José II. Segredo. Seixas I. Sem Par. Sensivel. Sousa Terceirense. União. Vigilante. Total 55.

Brigues:—Adelaide. Adelino. Alipede. Amelia. Amisade. Angelica. Anna. Assombro. Bella Figueirense. Bemvindo. Boa Fé. Boa Sorte. Bom Successo Brigue de Diu. Carmozina. Conceição de Maria. Concordia. Conde. Constante I. Constante II. Cordialidade. Cotete. Decidido. Desempenho. Diana. Diligencia. D. Paulina. Encantador Eurico. Experiencia I Feliz Mafalda. Flor de Damão. Flor do Mar Florinda. Freitas e Irmão. Funchal. Laia I. Lidador. Ligeiro I. Ligeiro III. Lopes Lusitano. Marianna IV. Marquez de Santa Cruz. Movimento. Novo Progresso. Pallinha. Pensamento. Rio Ave. Rio Zaire. Rio Vouga. Tarujo I. Tigre Triumphante. Triumpho. Trovador. União. Viajante. Total. 58.

Lugres:—Acaso. Adelina Patti. Almedina. Bom Successo. Cisne do Vouga. Dante. Gil. Julio. Mentor II. Rio Quanza. Salvador. Total 11.

Barcas.—Acaso. Adelaide. Africana. Alexandre Herculano. Alfredo. Amasona Amelia. Anna e Carolina. Arminda. Bahiana. Benjamin I. Ca-

rolina. Ceres. Cintra. Claudia. Claudina. Clementina. Concordia. Constante III. Despique II. D. Pedro II. D. Antonia. D. Francisca. Douro. Emilia e Agnes. Felix. Feliz União. Firmeza. Flor de S. Simão. Flor do Vez. Formosa. Gratidão. Harmonia. Henriqueta. Humildade Ieddo. Josephina. Josephina II. Jovem Adelaide, Julia. Laura. Lealdade. Ligeira. Linda. Luiza. Lusa. Lusitania. Lydia. Maria. Maria e Amelia. Maria Carolina. Maria Luiza. Marianna I. Marianna III. Minerva. Nazareth. Nova Palmeira. Nova Symphathia. Novo Elisio. Novo Paquete. Novo Silencio. Oceania. Ourense. Penha Longa. Pereira Borges. Rei Salomão. S. João. S. Manuel II. Saphira. Segurança. Social. Tamega. Tejo. Tremelga. Triumphante. União. Vencedora. Venturosa. Total 77.

Galeras:—Adamastor. Africa. America, Aurora. Camponeza. Castro II. Cidade de Belem. D. Maria I. Eugenia. Europa. Fortuna. Gica. Iris Izolina. Joaquina. Josephita Almira. Jovem Thomas. Lisboa. Lisbonense. Marianna V. Marianna VI. Nina. Nova Fama. Saudade. Tentadora. Viajante. Total 26.

Vapores:

Açorianno	helice	150	cavallos
Andrade	»	45	»
Bengo	»	196	»
D. Luiz	»	50	»
D. Pedro	»	120	»
D. Antonia	»	165	»
Formiga	rodas	35	»
Foz do Douro	»	80	»
Insulano	helice	150	»
Isabel	rodas	35	»
Leal	helice	120	»
Lisboa	rodas	220	»
Lusitano	»	30	»
Maria Pia	helice	130	»
Mendes Leal	rodas	45	»
Mondego	helice	140	»
Quanza	»	120	»
Sarah	rodas	50	»
Tejo	helice	80	»
Victoria	rodas	100	»
Zaire	helice	180	»

Total 21.

RECAPITULAÇÃO

Hiates	204
Escunas	26
Chalupas	3
	233

Transporte.....	233
Patachos.....	55
Brigues.....	58
Lugres.....	11
Barcas.....	77
Galeras.....	26
Vapores.....	21
Total.....	481 [1]

COMMERCIO E INDUSTRIA

PRINCIPAES FABRICAS DE PORTUGAL

Albufeira. (a 30 kilometros da villa de Borba). Fabrica para extrahir cobre contido nos carbonatos e sulphuretos de cobre, e nas escorias abandonadas sobre os terrenos das minas antigas, em consequencia do imperfeito methodo de fundição dos romanos.

Compõe-se a fabrica de armazens e machinismo poderoso, que rapidamente reduz os mineraes a pó por meio de grandes pisões e cylindros de ferro, sendo tudo movido por uma grande roda hydraulica de ferro, cujo motor é agua, da força de 25 cavallos. Tem além d'isto 2 caldeiras uma da força de 10 cavallos, e outra de 25.

Dá emprego a 30 pessoas.

Amarante. Fabrica de panos e casimiras pertencente a Ribeiro Garcia e Companhia. Fundada em 1855. Emprega umas 150 pessoas.

Abelheira. (proximidades do Tojal) Fabrica de papel. É antiga, mas entrou a empregar machinismo novo em 1841. N'este ramo é a principal do nosso paiz. Tem duas machinas a vapor, uma da força de 7 cavallos, e a outra de 45, as quaes consomem 1500 tonelladas de carvão. Emprega umas 160 pessoas. Fabrica-se papel de muitas diversidades,

---

[1] Em 1854 ou 55 houve um congresso estatistico em Bruxellas, ao qual foi enviado como commissario de Portugal o sr. Avila, e onde se decidiu que era muito conveniente para a formação d'uma boa Estatistica que n'um mesmo paiz não houvesse mais do que um navio com identico nome. Ora nos vemos que em Portugal ha varias embarcações com a mesma designação, o que na realidade é inconveniente, e por isso podemos concordar que a este respeito para nós foi inutil o congresso de Bruxellas.

A estatistica aqui apresentada dos navios portuguezes é feita sobre uma obra official publicada em 1869: no em tanto ella não está exacta! Faltam aqui entre outros, o brigue Maria Helena, que navega entre Lisboa, Hamburgo e o Zaire: e a galera Maria Pia, que faz suas viagens entre Macao e Havana.

mas especialmente para impressão. Em 1863 produziu 427:500 kilogrammas de papel. Os productos d'esta fabrica foram premiados nas exposições de 1857 e 1862, e na de Paris.

Arrentella. (no Seixal) Fabrica de lanificios fundada em 1855 pelo sr. Julio Carlos Adlete por meio d'uma parceria mercantil com o capital de 160 contos, em acções de cem mil réis. Em 1861 produziu esta fabrica perto de quarenta mil metros de pannos avelludados, casimiras e castorinas de diversas côres, mesclas finas e ordinarias.

Tem machina da força de 48 cavallos, 6 machinas de fiação com 1.560 fusos, 42 teares, machinas etc. Emprega ordinariamente 160 operarios.

Beja.—Em 1863 havia no districto administrativo de Beja o seguinte numero de teares em que se fabricavam tecidos de linho e estopa e algodão:

Aljustrel	20
Almodovar	207
Alvito	11
Barrancos	10
Beja	25
Castro Verde	258
Cuba	17
Ferreira	17
Mertola	61
Moura	28
Odemira	80
Ourique	71
Serpa	3
Vidigueira	22 [1]

Belem. (Fabrica de estamparia e tinturaria na Fabrica da polvora, pertencente a Anjos Cunha Miranda e C.ª). Foi fundada em 1840 por Rodrigues Barros e C.ª. Tem machina a vapor da força de 30 cavallos, a qual consomme annualmente 600 mil kilogrammas de carvão de pedra. Tem ainda outra machina da força de 6 cavallos para mover uma bomba d'agua. Emprega perto de 190 pessoas, e produz chitas, lençaria, zuartes, proximamente na quantidade de 80 mil peças por anno.

—«Em Alcantara. Fabrica de sabão, stearina e oleos. Fundada em 1857 pelo visconde da Junqueira, e transferida em 1865 para a companhia «União fabril. Tem machina da força de 60 cavallos. Em 1865 estavam empregados n'este estabelecimento 95 contos de réis.

—(Fabrica de fiação e tecidos de algodão a Santo Amaro). Pertence a uma Companhia, que tem 3 fabricas, duas em Santo Amaro para fia-

[1] Memoria sobre a industria de linho e algodão no districto administrativo de Beja em 1863 pag. 15.

ção e tecidos, e a 3.ª em Olho de Boi (Almada) para tinturaria. Machinismo a vapor. Emprega perto de 800 pessoas, e seus productos annuaes valem perto de 400 contos de réis. Ganhou medalhas nas exposições de Paris e Londres.

—Cordoaria Nacional. Emprega mais de 200 pessoas. Fabrica cabos e vellas para a marinha de guerra portugueza.

—Fabrica de panos e de casimiras, pertencente a Pedro Daupias na rua do Calvario fundada em 1833. Emprega umas 650 pessoas e tem machinas a vapor.

E' uma das fabricas mais importantes do nosso paiz. O valor do fabrico nos 3 annos de 1867-68-69 foi de 635:735$078 rs. Consomme diariamente de 3 a 4 toneladas de carvão. Possue 151 teares com 4667 fusos.

Beato Antonio (proximidades de Lisboa), Fabrica de pão e moagens e tem: moinhos um de quatro pares de mós, com motor da força de 18 cavallos. Outro com um motor da força de 35 cavallos. Machinismos para o fabrico de bolacha, com machina da força de 35 cavallos. Emprega perto de 200 pessoas.

Barcarena (a 14 kilometros de Lisboa). Fabrica de polvora. Esta fabrica é de antiga data, mas desde 1849 é administrada pelo arsenal do exercito. Houve anno em que produziu 11:778 arrobas de polvora. Emprega 80 operarios.

Braga. Gazometro. Foi adjudicada a illuminação a gaz a Jacques Robert-Mesnier em 1856. A fabrica importou em 70 contos de réis, mas em 1859 já a conta das despezas estava em 79:753$877 rs. N'este ultimo anno o rendimento foi de 7:745$490 rs.

—Fabrica de papel no sitio de Ruães fundada em 1859 pelo rico capitalista e proprietario o sr. Bento Luiz Ferreira Carmo. As aguas do rio Cávado servem de motor.

Bragança. Todos os concelhos que formam o districto de Bragança produziram em 1868 a seguinte quantidade de casulo:

Alfandega da Fé.....	14:580 kil.
Bragança.....	5:990 » [1]
Carrazeda d'Anciães.....	12:104 »
Freixo d'espada á Cinta....	4:430 »
Macedo de Cavalheiros.....	48:000 »
	85:104

[1] «Provincias inteiras no Piemonte, e Lombardia, em Napoles, em Cecilia, em toda a França, e dentro na mesma Hespanha não tem outro commercio, nem outros productos mais avultados, que a creação da seda: bosques immensos de amoreiras povoam suas terras. Dentro no nosso mesmo reino temos a experiencia na Provincia de Traz-os-Montes, e parte da Beira Alta, que produz annualmente para cima de vinte mil

Transporte	85:104 kil.
Miranda do Douro.....	2:914 »
Mirandella.....	10:218 »
Villa Flôr.....	9:799 »
Vimioso	3:525 »
Vinhaes.....	2:147 »
Mogadouro.....	10:828 »
	124:535

Campo grande (proximidades de Lisboa). Fabrica de fiação e tecidos de panno. É fabrica importante, com machinas a vapor, mas nada mais se póde dizer por falta de esclarecimentos.

Campanhã (proximidades do Porto). Fabrica de cortumes. É antiga, mas desenvolveu-se em 1861. Tem machina a vapor da força de 12 cavallos. Curte annualmente de 6 a 8 mil couros de todo o tamanho.

Coimbra (Gazometro). É a officina mais notavel n'esta cidade. Data de 1856. A chaminé tem de altura 31,^{m}68. Está este edificio quasi defronte da igreja de Santa Justa. O deposito construido solidamente de ferro tem 16,50 de diametro, 2,64 de altura.

—Fabrica de massas pertencente a Domingos Antonio de Freitas. Tem machina a vapor da força de 10 cavallos. Produz macarrão, e aletria etc. no valor de 18 contos de rs.

Covilhã. As fabricas da Covilhã produzem annualmente mais de vinte mil pannos. Dentro da villa ha trinta e tantas fabricas, das quaes algu-

---

arrateis de seda. A riqueza, que circula d'este producto n'aquella parte do reino, computados ao preço de dous mil e seiscentos réis, que é o menos, porque se vende n'aquella Provincia cada arratel de seda em rama, dá uma somma de 130 mil cruzados annuaes, que gyram nas mãos dos credores, alem do beneficio da manufactura, a que por fim se reduz. Logo se uma parte tão pequena, tão aspera e montuosa do reino produz com tanta abundancia, que duvida se pode offerecer para que as mais desde o Cabo de S. Vicente até á ribeira do Minho, terras deliciosas debaixo do mais temperado clima, não produzam sem offensa dos lavradores do campo riquezas avultadissimas?

Isto dizia Tamas Sabattino Nirso (nome que parece ser um anagramma) na sua instrucção summaria sobre o modo de cultivar as amoreiras, obra impressa em 1772.

Querem ver o nosso progresso? Leiam a Sericicultura em Portugal pelo sr. Fradesso da Silveira, e verão que algumas Camaras Municipaes n'estes ultimos annos teem mandado arrancar as amoreiras existentes ainda desde o tempo do grande Marquez de Pombal!

(Sr. Joaquim Henriques Fradesso da Silveira. A Sericicultura em Portugal pag. 37.)

mas cardam e fiam por conta alheia, outras preparam e não ultimam, ha seis, que podem ser classificadas como importantes. Fóra da villa, nas freguezias do Teixoso e Tertuzendo ha fabrica de baetas á mão; e de pannos ordinarios, que são pinsoados e tintos nas fabricas da Covilhã. Em Unhaes, a tres leguas da Covilhã, ha uma fabrica de cardar e fiar. Além das fabricas existe uma innumeravel quantidade de pequenas officinas, todas empregadas em fazer lanificios, que são a bem dizer a industria exclusiva de todo aquelle concelho.

O capital fixo empregado nos principaes estabelecimentos da Covilhã é superior a mil contos. Estão empregados nas fabricas da villa 6 a 7 mil operarios, e na pequena industria quasi toda a população.

O consummo da lã está orçado em cerca de mil milhões, e quinhentos mil kilogrammas. 14 ou 15 mil pessoas vivem mais ou menos directamente d'esta industria.

Nas fabricas da Covilhã os motores são hydraulicos, porém na do sr. Joaquim Manique de Paiva existe já machina vapor.

(Sr. Joaquim Henriques Fradesso da Silveira. As fabricas da Covilhã. Lisboa, 1863.

Evora. Fabrica de moagens a vapor.

Freixo (proximidades do Porto). Fabrica de sabão a vapor fundada pelo Barão de Freixo. Faltam esclarecimentos.

Gaia (Villa Nova de). Fabrica de moagem fundada em 1852 por Eugenio Ferreira Pinto Basto. Tem duas machinas a vapor, uma de 20 cavallos, e outra de 6.

—Fabrica de vidros no lugar do Cavaco. Esta fabrica foi estabelecida em 1858 por André Michon e Casimir Pierre. Emprega ordinariamente 45 pessoas, e produzem obra de 285:000 kilogrammas de chapa de vidro para vidraça.

—Fabrica de louças, e tubos em Santo Antonio de Val da Piedade. Tem 100 empregados, e apresenta productos annualmente no valor de 21 contos.

Lisboa (Imprensa Nacional) É um magnifico estabelecimento só comparavel com os primeiros que no seu genero existem nos differentes paizes da Europa, verdade confessada pelos estrangeiros illustrados, que o visitam. É fundação do marquez de Pombal, e data de 1768.

De 1848 a 49 tinha este estabelecimento 129 empregados, de 1856 a 57, 211: de 1865 a 66, 290

Divide-se em 4 secções—Typographia, Fundição, Lithographia, e fabrica de cartas de jogar.

Na typographia (que em 1866 tinha 186 empregados) existe uma machina a vapor da força de 6 cavallos. A fundição dos typos em 1865 apresentou productos no peso de 27,496 kilogrammas, e contava 60 empregados.

A lithographia data de 1836, em 1866 tinha 26 empregados.

—A fabrica de tecidos de seda, actualmente conhecida por—Fabrica das Amoreiras—pertencente á actual firma social Ramires e Ramires, centralisou quasi todos os elementos de producção, que anteriormente eram explorados pelas tres antigas firmas industriaes—Francisco Antonio Ramires, fabrica de Santa Marinha—Gabriel José Ramires, depois viuva Ramires e filho, fabrica das Amoreiras—e Eduardo Manoel Ramires, fabrica das Escolas Geraes.—Tendo fechado a fabrica de Santa Marinha em consequencia do fallecimento de quasi todos os membros da familia proprietaria do dito estabelecimento, e tendo se realizado a junccão das duas firmas—Eduardo Manoel Ramires e Viuva Ramires e filho, rezultando d'esta ligação a organisação da firma actual—Ramires e Ramires, a nova razão social emprehendeu centralizar na fabrica das Amoreiras todos os elementos de producção que se achavam divididos nos differentes centros de trabalho que as duas ultimas firmas exploravam.

Esta concentração acha-se terminada, e a fabrica das Amoreiras foi escolhida, para centralisação do trabalho por ser uma localidade, onde se achavam ainda reunidos mais elementos de trabalho de industria de sedas, restos da vigorosa iniciativa do maior protector d'esta industria entre nós, o marquez de Pombal.

A fabrica actual está organizada para produzir todo e qualquer artefacto da industria de sedas, desde o modesto tecido de fórros, até á riquissima téla de ouro, subdividindo-se o actual fabrico nas seguintes especialidades: tafetás, glacé, sarja, setim, veludo, samardine, gorgurão, damasco razo, damasco de requife, damasco de ouro, lustrina, brocado de ouro, ló de ouro, brocatel, reps, galão para ornamento religioso, retroz, etc., etc., e toda e qualquer outra especialidade que o consummo exija.

Umas das mais caracteristicas especialidades do estabelecimento é a dos tecidos proprios para ornamento e alfaias religiosas, sendo a unica fabrica de Lisboa, que actualmente conserva o fabrico dos damascos de requife, e o das télas e brocados de ouro que tanto renome deram á extincta Fabrica Real.—As antigas tradicções da Real Fabrica, n'este excepcional e riquissimo trabalho são escrupulozamente observadas na fabrica das Amoreiras, que conta ainda no numero dos seus empregados, um mestre e um contramestre filhos de mestres do mesmo real estabelecimento.

A fabrica acha-se habilitada para trabalhar em completo, seja em obra liza, da qual a maior producção é a de tecidos proprios para vestidos de senhora, ou em obra de lavor (fantazia). Explorando porém n'esta ultima classe, verdadeiras especialidades, como são as obras de requife e ouro, a sua organisação foi mais especialmente encaminhada para o fabrico lavrado, entre o qual procurou conservar e respeitar a fabricação dos typos conhecidos entre os industriaes pela designação de typos

classicos, fabricação de que ainda restam specimens admiraveis, entre os damascos e brocados de ouro.

A fabrica possue alguns d'estes padrões, anteriormente pertencentes á extincta Fabrica Real, entre elles o—Imperial—o padrão da Estrella —o da Bemposta—o Patriarchal etc., etc.

As corporações religiosas, que se desejavam distinguir pelo esplendor de suas alfaias, encommendavam na Fabrica Real, padrões para seu consummo exclusivo, os quaes ficavam na fabrica classificados pelo nome das respectivas communidades; esta observação explica as designações acima referidas.

Em todas as exposições a que concorreram os differentes membros da familia Ramires, os productos de suas respectivas fabricas obtiveram sempre premios de primeira classe, sendo além d'isso dois d'elles agraciados com distincções honorificas pelo governo de S. Magestade, pela perfeição dos artefactos expostos e por serviços prestados á industria nacional: na primeira exposição portuense, alem das distincções industriaes, conferidas pelo respectivo jury, foi tambem distribuido ao chefe de uma das casas representadas hoje pela firma actual, um dos 3 alfinetes de brilhantes que a benemerita sociedade Madrepora do Rio de Janeiro tinha enviado para os 3 expositores, que mais se distinguissem entre todas as secções industriaes representadas n'aquelle certamen, e que personificassem interesses de maior consideração e valia, para o engrandecimento da industria nacional.

A industria das sedas divide-se em 3 secções inteiramente distinctas, e que constituem em todos os centros industriaes da Europa, 3 industrias completamente separadas: a da fiação—a da torçagem—(moulinage de soie)—e a da tecellagem: mesmo nos centros industriaes de maior importancia a reunião d'estas 3 secções industriaes no mesmo estabelecimento é uma excepção, limitando-se quasi sempre o fabricante do tecido a comprar o fio, de que necessita, aos estabelecimentos de fiação e torço.—No nosso paiz todas as fabricas de tecidos de seda teem seguido a mesma organisação, limitando-se a explorar exclusivamente o ramo da tecellagem.—A fabrica das Amoreiras está tratando de mudar esta organisação, sendo a primeira fabrica de tecidos de seda que no nosso paiz tratou de organisar uma fiação e um torço annexos.—Desde julho do corrente anno que ali se acha organisada uma officina de fiação, havendo-se já obtido rama perfeitamente fiada pelo systema Chambon; está-se procedendo ao ensino e criação do pessoal necessario, e é de esperar que toda a officina de fiação esteja regularmente trabalhando em 2 ou 3 mezes. Quanto á secção do torço, a fabrica apenas possue na actualidade uma pequena machina de torcagem, que está servindo para o ensino do pessoal e para a torçagem de fio ordinario: está porem feita a encommenda de uma completa collecção de maquissimo para a organisação d'esta secção.

A secção da tecellagem emprega na fabrica das Amoreiras, nos differentes trabalhos de canellagens, dobagem, urdizagem, tecelagem e acabamentos aproximadamente 90 pessoas, entre homens, mulheres, e crianças. A secção de fiação e o torço emprega já 12 pessoas, devendo continuar a admissão d'ellas á proporção que os respectivos trabalhos se vão desenvolvendo e organizando.

A tecelagem é feita em theares organizados com todos os aperfeiçoamentos e accessorios adoptados nas boas officinas de Lyão. A tecelagem lavrada é feita pelo concurso das admiraveis machinas conhecidas pelo nome de Jacquard. O estabelecimento conta perto de 60 d'estas machinas em todas as reducções e dos typos mais aperfeiçoados dos melhores mechanicos de Lyão; para o trabalho de todas as operações preliminares e accessorios, existem no estabelecimento machinas de modernos systemas; emfim, nas differentes operações do fabrico tem-se procurado seguir cuidadozamente o movimento progressivo dos centros mais avançados, adoptando e escolhendo de todos os melhoramentos que se teem succedido, os que tem parecido conveniente adoptar em vistas das especiaes exigencias do mercado nacional. A fabrica possue tambem um thear de veludo mechanico duplo, sendo a unica fabrica do paiz, que até hoje tratou de estudar e applicar o referido systema á fabricação do veludo de seda.

A maior parte das dobagens e urdizagens, e a tecellagem das fasendas mais ordinarias e elementares, são feitas fóra do estabelecimento por um grupo de obreiros muito antigos na caza, aos quaes se permitte por esse motivo a concessão de trabalharem em seus proprios domicilios, aproveitando o trabalho de familia para as respectivas operações accessorias.

Os salarios distribuidos no anno anterior fluctuaram entre os limites de um conto de réis, a um conto e trezentos mil réis mensaes.

—Fabrica de louça pertencente á Companhia Constancia. Foi fundada em 1844 na rua das Janellas Verdes, e regula por 60 o numero dos empregados.

— Fabrica de obras de metal pertencente a João Lino Bachelay. Tem esta fabrica, movida por machinas a vapor, de 50 a 60 operarios, e ganhou medalha na exposição de Londres em 1851.

—Fabrica de sedas de Cordeiro e Irmão. Fundada em 1840. Tem machinas a vapor. Emprega umas 120 pessoas.

Os valores produzidos orçam por 90 contos.

—Fabrica de botões de metal pertencente a Henrique Shalck. Fundada em 1846. Emprega uns 200 operarios.

—Fabrica de chapeos da Viuva Roxo. Foi fundada em 1852. Tem 130 operarios. Ganhou medalhas nas exposições de Londres em 1862, e de Bordeaux em 1865.

—Fabrica de conservas alimenticias pertencente a Fernando Rodrigues e Sobrinho. Fundada em 1850. Tem uns 60 empregados.

—Fabrica em Arroios, de fiação e tecidos de lã, e de mixtos de lã e algodão. Foi estabelecida pelo sr. José Antonio Teixeira em 1851. Tem machina a vapor da força de 10 cavallos.

—Companhia Perseverança. Fundição de metaes. Os lucros do anno de 1869 foram de 9:184:633 rs.

D'esta officina é que sahiu a estatua de Camões, que adorna o largo d'este nome na capital.

—Fabrica e fundição de metaes «Phenix» fundada em 1845, e pertencente ao sr. Peters.

Marco de Conavezes. Fabrica de sedas pertencente a José Cardoso Garcez Maldonado. Fundada em 1856. Emprega uns 150 operarios.

Marinha grande (a 10 kilometros de Leiria) de vidros e cristaes, fundada por um inglez chamado Stephens. É uma das mais antigas fabricas do paiz, pois data do tempo do marquez de Pombal. As construcções pertencentes á fabrica comprehendem-se em uma só peça medindo a leste 553,75, ao sul 453 m. ao oeste 652,50 e ao norte 301,50. Produziu esta fabrica em 1863, 668.812 peças de cristal, 36.800 ditas de lapidação, e 96.874 kilogrammas de vidraça. Em 1868 occupavam-se no fabrico do vidro 649 pessoas.

Oeiras (arrabaldes de Lisboa Fabrica de lanificios). Fundada em 1864 pelo sr. José Diogo da Silva. Em Janeiro de 1865 tinha o fundador dispendido já com a fabrica 40 contos.

A officina de malha tem 18 engenhos pequenos, e 2 grandes, occupa 40 pessoas.

A officina de tecelagem emprega 60 a 80 operarios. A officina de cardagem e fiação tem 30 engenhos servidos por 60 operarios. A officina de fiação tem 8 engenhos com 250 a 300 fusos. A officina de acabamento tem muitas machinas, e conta 40 pessoas. Emprega a fabrica approximadamente 300 pessoas. Fabricam-se barretes, panos, casimiras, chales mantas, trança, etc.

Padornello (proximidades de Amarante) Fabrica de Lanificios ordinarios taes como mesclas, burlinas, casemiras, saragoças, castores, baetas e pannos, sendo motor a agua da ribeira de Ruy Mendes. Esta fabrica e de moderna data: parece ter-se organisado em 1859.

Porto (Fundição de Massarellos). Foi estabelecida em 1851 por uma sociedade commercial com a firma de Castro e Hunke, e em 1852 passou para propriedade da Companhia Alliança. Em 1865 era o seu fundo de 56:500$000 rs. Tem duas machinas a vapor: uma da força de 16 cavallos, e outra de 8. Produz caldeiras para machinas a vapor de baixa e alta pressão, prelos, rodas hydraulicas, columnas e vigas de ferro. Dá emprego a 200 operarios.

—Gazometro. Foi fundado em 1853. O fundo social foi de 400 contos representado por 8 mil acções de 50 mil réis cada uma.

No anno de 1869-70 a conta de perdas e ganhos foi de 36:086$774 rs.

—Fabrica de tecidos de algodão em Asneiros. Fundada em 1850. Tem machina a vapor da força de 36 cavallos. Dá trabalho a 74 operarios. Produz fio e trama de algodão de 25 a 30 mil massos de 5 kilogrammas cada um.

—Fabrica de tecidos de seda pertencente ao sr. Raymundo Joaquim Martins e Filho. Principiou em 1828. Produz damascos, veludo, sedas lizas e glacés, sedas lavradas etc.

Tem machina a vapor da força de 4 cavallos, e emprega 180 pessoas.

—Fabrica de fiação e tecidos de algodão e lã na Rua da Paz. É antiga, mas o seu desenvolvimento data de 1837. Tem calandra a vapor. Em 1865 empregava perto de 700 pessoas. Produz flanellas, chailes, saiotes, mantas, cobertores, cutins de algodão e de linho, riscados etc.

—Fabrica de pás de ferro na freguezia do Bomfim. Tem machina a vapor da força de 4 cavallos.

—Fabrica de lanificios de Lordello. É antiga, mas o seu progresso data de 1853. Tem machina a vapor da força de 35 cavallos. Em 31 de Dezembro de 1864 empregava 263 pessoas. Produz pannos lisos avelludados, de cordão, casemiras, baetas, cobertores etc.

—Fabrica de fundição de metaes no sitio do Ouro. Sua fundação é de 1864. Tem duas machinas a vapor. Em 1865 dava trabalho a 163 operarios, e produzia machinas de vapor, machinas de destillação, apparelhos hydraulicos, trapiches para moer cana de assucar, pizões para pizoar o panno nas fabricas de lanificios, caldeiras para vapor, prensas hydraulicas etc.

—Fabrica de fundição do Bicalho. Fundada em 1841 por David Hargreaves e John Eccles Martins. Tem machina da força de 16 cavallos, a qual consomme annualmente 60 pipas de carvão. Produz machinas de vapor, rodas e apparelhos hydraulicos, e toda a qualidade de ferramentas. Emprega 150 pessoas.

—Fabrica de moagens de cereaes em Massarellos. Tem machina a vapor, mas faltam todos os apontamentos para se poder dizer mais alguma cousa a respeito d'este estabelecimento.

—Fabrica de fundição de metaes na Rua do Rosario, com machina a vapor. Faltam quaesquer esclarecimentos.

—Fabrica de serração de madeiras a vapor em Miragaia. Faltam os demais esclarecimentos.

—Rua dos Bragas. Companhia Aurificia. Sociedade anonyma. Machinismo movido a vapor.

Fabrica prego d'arame, serra madeira, faz ao torno obra em qualquer metal, cunha metaes de todas as qualidades incluindo ferro, lamina prata, cobre, latão, zinco e chumbo, e corta grades para qualquer obra de latão, cobre ou folha de Flandres.

—Fabrica de sedas do Barão de Nova Cintra. Tem machinismo a vapor, e emprega umas 140 pessoas.

No anno de 1868 fiou casulo no valor de vinte e tantos contos de réis. E exportou cerca de 40 contos de réis de semente e casulo.

—Fabrica de chapeos pertencente a F. A da Costa Braga. Fundada em 1865. Tem 80 operarios, e produz chapeos no valor annual de 45 contos.

—Fabrica de chapeos pertencente a Maia e Silva. Fundada em 1848. Tem 130 operarios, e machinismo a vapor, e produz chapeos no valor d'uns 80 contos de réis annualmente.

Pedrouços. Cordoaria mechanica pertencente a Domingos Antonio Abreu. Fundada em 1852. Tem 70 operarios, e machina a vapor da força de 20 cavallos. Produz obra d'uns 60 contos de réis.

Portalegre. Fabrica de preparar fructas seccas, estabelecida em 1835. Emprega umas 70 pessoas. Ganhou medalhas na exposição de Paris e Londres.

—Companhia da fabrica nacional de tecidos de lã. Foi fundada em 1772. Emprega uns 400 operarios. Ganhou medalha na exposição de Paris.

Povoa (proximidades de Lisboa). Fabrica de productos chimicos. Pertence ao sr. Deligny Irmãos.

Sacavem (proximidades de Lisboa) Fabrica de louças fundada em 1862. Regula por 70 o numero dos empregados.

Sines. Fabrica de cortiça pertencente a Biester, Falcão e C.ª Fundada em 1834. Emprega umas 300 pessoas. Tem machinismo a vapor.

A producção annual vale uns 300 contos de réis.

Ganhou a medalha na exposição de Londres de 1862.

Thomar. Fabrica de fiação de tecidos. É talvez no seu genero o edificio mais grandioso existente em Portugal. Foi fundada por Jacome Ratton e Timotheo Lecussan Verdier. As aguas do rio Nabão servem de motor, encanadas por meio d'um canal que tem de comprimento 1.141^{m} formando depois um açude, que tem de comprimento 110 metros. Infelizmente ao escrever estas linhas (22 de maio de 1870) parece que a fabrica não trabalha.

Trafaria.—Fabrica de guano fundada em 1858.

Vianna.—Segundo a estatistiça de Vianna do Castello composta pelo sr. Eusebio Candido C. P. Furtado Coelho havia n'este districto em 1860 apenas 3 fabricas: 2 de louça em Caminha, e 1 de cortumes em Vianna. As 2 primeiras produziram productos avaliados em 2:060$000: e a 2.ª em 3:360$000. E' de supôr que não tenha havido progresso.

Torres Novas. Fabrica de fiação e tecelagem de linho da Companhia Nacional. Fundada em 1845. Produz lonas, meias, brins para volumes, riscados para colxão, brins para calças, cotins de sarja, etc.

Emprega mais de 300 operarios, e um motor hydraulico da força de 35 cavallos.

O valor da producção annual é de 40 a 50 contos.

O consumo annual de linho está orçado em 30 contos.

Villa da Feira. Fabrica de fiação de tecidos de Crestuma. Foi funda-

da em 1855, e emprega umas 130 pessoas. Teve menção honrosa na exposição de Londres de 1862.

Villa Franca de Xira. Fabrica de moagens a vapor.

Vista Alegre (nas proximidades de Aveiro). Fabrica de louça fundada por José Ferreira Pinto Bastos em 1823. É das mais importantes do paiz. Tem machina da força de 12 cavallos, e fornos de cozer a louça, que consommem por anno de 1128 a 1146 toneladas metricas de lenha de pino. Emprega 150 pessoas, e produz de 250 a 260 mil peças de louça. Produz louças que se podem comparar com as mais bellas, que nos veem de paizes extrangeiros.

Xabregas (proximidades de Lisboa). Fabrica de fiação e tecidos de algodão. Fundada em 1854 por John Scott Howorth e Alexandre Black, e passada para uma companhia com o capital de 150 contos. Tem machina a vapor da força de 30 cavallos, e engenhos de fiação com 4600 fusos de fiar, e bancas para linha com 1000 fusos de torcer. Dá trabalho diario a 140 ou 150 pessoas. Produziu em 1858, 137000 arrateis de fio.—Em 1860, 210000, e em 1861 243000.

—Fabrica de tabacos e sabão. Foi estabelecida em 1845 no edificio que fôra um convento pertencente á Ordem de S. Francisco dos Algarves. É uma das mais importantes fabricas do nosso paiz. Ha occasiões, em que dá trabalho a mais de mil operarios. No seu genero é a primeira do nosso paiz. O fundo da Companhia é de 2:600:000:000 réis dividido em acções de cem mil réis.

Aldeia Gallega. Fabrica de moagens a vapor pertencente ao sr. Engestron.

Caramujo. Fabrica tão bem de moagens a vapor pertencente ao sr. Manuel José Gomes.

Além d'estas ha muitas outras fabricas em ponto maior ou menor espalhadas pelas diversas localidades do nosso paiz: e temos ainda varias outras importantes em Lisboa, como a de fiação e tecidos a Santa Martha; a de serrar madeira, á Boa Vista, ambas a vapor, mas das quaes se não faz minuciosa menção por falta completa de esclarecimentos. Porém as povoações que possuem maior numero de fabricas, são Lisboa e Porto; sendo as de Lisboa mais numerosas e mais importantes, embora alguns escriptores costumem dar n'este respeito a primazia áquella cidade.

«O excellente volume composto pelo sr. Fradesso da Silveira sobre as *Fabricas de Portugal*, os dois tomos publicados por elle sob o titulo de *Visitas á exposição de* 1865, e a parte já estampada do *Inquerito industrial de* 1865, encerram noticias e informações instructivas, que nos auctorisam a affirmar, que as industrias progrediram, e progridem nos ramos de maior interesse e extensão, que o trabalho mechanico augmentou, que os methodos em geral são mais perfeitos, que o material das officinas é mais completo, e construido nas melhores casas estrangeiras, que o numero de operarios e sua condição não peioraram, antes melho-

raram, e que apesar do atrazo da instrucção especial muitas fabricas reflectem já os progressos da sciencia. É até onde podemos chegar. Para juntarmos á asserção a prova dos algarismos, sempre a mais concludente, repetimol-o, careceinos dos elementos indispensaveis, e sem elles uma apreciação relativamente exacta e completa torna-se impossivel.

Arriscando calculos puramente conjecturaes, e por isso mesmo falliveis, não iremos longe da verdade talvez, avaliando o augmento da população fabril na grande industria em 3:179 individuos, mais um quinto do que em 31 de dezembro de 1852, e o das machinas em mais 14 tambem outro quinto a mais desde aquelle periodo. Admittidas estas duas proporções, será o numero total dos operarios 19:076, e o dos agentes mechanicos 84. Lisboa e Porto, primeiro, e os districtos de Castello Branco e de Portalegre, depois, concentram por ora quasi todas as emprezas de maior vulto. A difficuldade e a despeza dos transportes, e a difficuldade, igual, ou ainda maior, de levantar capitaes de prompto fóra das duas cidades, a par das vantagens que seus mercados offerecem a certas industrias, são causa da feição fabril tão pronunciada de Lisboa e Porto. apesar da elevação dos salarios e da carestia das subsistencias.

A media e pequena industria não merecem menor attenção. Faltam-nos tambem dados seguros para fundarmos o recenseamento da população empregada n'ellas, mas recorrendo a outras fontes de informação, não receiaremos elevar a 186:684 individuos o seu numero. O das pequenas officinas de fiação e tecidos de algodão, linho, e lã sobe em todo o reino a 115 pelos menos, sem contar os teares avulsos. O das pequenas fabricas de fundição de ferro a 411, o das de productos chimicos a 21, e o das tinturarias (fio e zuartes) a 219. No districto de Leiria sobre 180:000 habitantes, 19:000 pessoas trabalham em officinas, ou no proprio domicilio, os teares de lã são 347, e os de linho 622. No de Vianna do Castello, sobre uma população total de 204:679 almas, o pessoal industrial monta apenas a 6:836 individuos. Os tecidos de linho occupam 6:158 teares, porém só os dos tres concelhos de Coura, Monção, e Valença são constantes todo o anno: nos outros concelhos o trabalho é interrompido. A fabricação das rendas emprega 1:500 mulheres e raparigas, e juntamente com as de Villa do Conde, Peniche, e Setubal (os quatro pontos singularisados por esta laboração) compõe uma especialidade, que com Vianna representa o valor annual de 11:000$000 réis. No de Coimbra o numero das pessoas empregadas em diversos serviços sobe a 26:939, o dos artifices occupados nas artes e officios a 4:523. e o do pessoal das pequenas fabricas e officinas a 2:057; a saber: 253 homens, 1:762 mulheres e 42 mestres. Trabalham 215 teares em tecidos de lã, e 1:208 em tecidos de linho.

Passando á estatistica mais especial das artes e officios e das diversas profissões, de que se alimenta o todo da pequena industria, consta das mesmas informações, que o numero dos advogados em todo o rei-

no orçará por 549, o dos medicos e cirurgiões por 857, o dos boticarios por 1:028, o dos escriptores publicos por 52, o dos typographos por 409, o dos pintores por 37 mestres e 567 officiaes, o dos pilotos ou praticos da barra por 155, o dos de navios por 195, o dos esculptores em madeira por 47, o dos mestres de desenho por 16, o dos actores por 95, e o dos musicos por 364.

Dos officios mechanicos, os que contam maior numero de mestres, officiaes e aprendizes são os pedreiros, que não serão menos de 9:600 os carpinteiros de carros e instrumentos agrarios, que sobem a 1:574; os marceneiros, que não se avaliam em menos de 1:331: os tanoeiros, que se calculam em 1:406, e os sapateiros em 9:687. O numero dos mestres de fabricas passa de 25, o dos mestres de officinas de 64, e o dos mestres de obras (pedreiros e carpinteiros) de 1.076. O dos officiaes de officios e artes de certo excede 9:115. Ha pelos menos 908 pessoas empregadas nos trabalhos de ourives, 1:218 tendeiros ou mercieiros, 2:840 padeiros, 4:450 tecelões, 2:073 taverneiros, 387 vendilhões ambulantes, 1:060 surradores de pelles, 846 fanqueiros, 5:031 almocreves, 1:326 barqueiros, 789 bufarinheiros, com cavalgadura e 924 sem ella, 442 calafates, 276 correeiros, 314 cordoeiros, 403 funileiros, 297 latoeiros, 640 ferradores, 1:347 forneiros, 2:904 ferreiros, 5:012 alfaiates, 346 albardeiros, 640 chapeleiros e 785 canteiros.

O decreto com força de lei de 30 de dezembro de 1852 fundou em Portugal o ensino industrial theorico e pratico, como meio efficaz de aperfeiçoamento para os fabricantes e operarios, e de desenvolvimento para a riqueza publica. Preferindo o systema francez e allemão, isto é, a acção directa do governo, dividiu o ensino especial em tres graus elementar, secundario, e complementar, e creou em Lisboa e Porto dois institutos, aonde elle se centralisasse. Este ensaio, se não produziu todos os resultados appetecidos, mostrou na pratica, que o seu plano modificado em partes, justificaria melhores esperanças. Os operarios affluiram ás aulas. Em 1854 frequentaram os cursos de Lisboa 493 alumnos; mas em 1856 já foram 600. Em 1857 o seu numero baixou a 368. No Porto a concorrencia no anno de 1854-1855 foi de 488: no de 1855-1856 de 512; e no de 1856-1857 de 517. No anno de 1862 matricularam-se no instituto industrial de Lisboa 261 alumnos, perderam o anno 151, foram examinados 58, e approvados 48. Na eschola industrial do Porto matricularam-se 246 alumnos ordinarios e 395 voluntarios, e assistiram como ouvintes registados 137; total 778, dos quaes 628 pertenciam á profissão de artistas.

Ha no reino 154 agencias commerciaes, 87 casas de emprestimos sobre penhores, 75 cutelarias, 337 lojas de confeitaria, 701 açougues, 78 drogarias, 443 estalagens, 162 hospedarias, 41 estofadores, 2:904 officinas de ferreiro, 170 lojas de relojoeiro, 68 de retrozeiro, 233 de capellistas e modas, 99 de venda de carvão por grosso, e 708 por miudo,

21 de occulistas, 228 de vidro e crystal, 2:972 tavernas, 5:599 vendas de vinho, aguardente e vinagre, 92 salchicharias, 247 de louça, e 1:218 tendas. Quanto ao commercio intermediario alguns numeros conseguimos apurar tambem. Negoceiam na venda do azeite por grosso e por miudo 219 individuos, e entram na sua venda a retalho 3:318. Occupam-se no commercio de cereaes em primeira mão, ou como commissarios 1:307.

Especulam em armazenagens e depositos de generos em grande 737. São gerentes de negocios 72, exportadores de fructas 483, e de hortaliças 403, banqueiros e negociantes 342. Estes algarismos, assim como os que citámos ácerca da grande, da media, e da pequena industria, demonstram que o nosso commercio, limitado como é, emprega muito mais individuos e capitaes, do que a apparencia inculca. [1]

COMMERCIO DE PORTUGAL

O nosso movimento commercial de importação e exporção no anno civil de 1868 eleva-se ao valor de 42.861:506$000 réis, sendo réis 24.820:699$800 a importação, e 18.040:906$300 réis a exportação. Os direitos elevaram-se a 6.834:500$020 réis. Vejamos quanto importamos de cada nação, e o que para ella exportámos: *Importamos* de Austria 40:695$000: Belgica 1:670$000 réis: Brazil, 2.805:860$100 rs. Dinamarca, 9:463$000 réis: Estados Unidos, 313:425$700 réis. França, 1.655:913$200 réis. Hespanha, 185:763$100 réis. Hollanda, 5:522$400 réis. India, 31:968$200 réis. Marrocos, 5:694$700 réis. Possessões portuguezas de Africa, 742:907$100 réis. ditas da Asia, 84:557$300 réis. Prussia, 160:019$100 réis. Republica argentina, 4:884$200 réis. Uruguay, 7:352$000 réis. Russia, 30:271$200 réis. Sião 550$000 réis. Suecia e Noruega, 21:681$400, réis. Turquia, 35:060$100 réis. Grã Bretanha, 1.314:557$500 réis.

Exportamos para Austria, 800$000 réis. Belgica, 130:472$800 réis. Brazil, 2.905:232$800 réis. Dinamarca, 84:708$300 réis. Estados pontificios, 400$000 réis. Estados Unidos, 125:777$100 réis. França, réis 839:149$000; Grã Bretanha, 10.809:519$200 réis. Hespanha, 1.332.485$ réis. Hollanda, 279.953$200 réis. Italia, 208.583$200 réis. Marrocos, 8.415$500 rs. Africa portugueza, 435.351$000 rs. Asia idem, 48.877$100 rs. Prussia, 285.819$600 rs. Republica argentina, 34.407$900 rs. Chili, 3.958$800 rs. Uruguay, 41.408$800 rs. Russia, 173.521$200 rs. Suecia e Noruega, 168.017$800 rs. Turquia, 4$800 rs.

O volume ultimamente publicado contendo os mappas do commercio de Portugal no anno de 1868, é o 4.º da collecção que seguidamente tem sido dada á estampa, relativa ao commercio dos annos de 1865, 1866, 1867 e 1868. Sete outros volumes haviam sido publicados

[1] Sr. Luiz A. Rebello da Silva. Compendio de Economia Industrial e Commercial pag. 80.

mas com grandes interpolações e irregularidades. Refere-se ao commercio de 1843 o 1.º d'estes volumes, o 2.º ao de 1848, o 3.º ao de 1851, seguem-se tres relativos ao commercio de 1854, 1855 e 1856, depois o de 1861, ultimos antes dos quatro, cuja collecção primeiramente indicámos.

Pela comparação d'estes valiosos trabalhos estatisticos, vemos que o commercio de importação de 1865 e 1868 se conservou quasi estacionario. O resultado d'este commercio expresso por algarismos é o seguinte.

Annos	Valores	Direitos
1865.....	24.822 contos	7 547
1865.....	26.526 »	6.645
1867.....	27.410 »	6.637
1868.....	24.820 »	6.755

Se confrontarmos o 1.º com o ultimo dos quatro annos d'este periodo, achamol-os inteiramente iguaes, ao passo que qualquer dos dois annos intermedios foi superior a estes em cerca de 1.700 contos.

Vejamos o movimento que póde conjecturar-se das indicações estampadas nos volumes irregularmente publicados, e que se referem aos annos que em seguida mencionamos.

Annos	Valores	Direitos
1843.....	12.314 contos	2.965
1848.....	10.805 »	3.111
1851.....	13.759 »	3.532
1854.....	18.201 »	3.990
1855.....	18.774 »	3.602
1856.....	20.451 »	3.895
1861.....	26.634 »	5.087

Como se vê, ha n'estes algarismos differenças e oscillações tão importantes, que não pódem facilmente explicar-se. De 1843 a 1851, isto é, no periodo de 8 annos, o valor das nossas importações eleva-se apenas de 12:315 a 13.759 contos, quasi 11 por cento. De 1851 a 1856, em 5 annos, sobe de 13.749 a 20.451 contos, cresce portanto 6.700 contos, ou perto de 50 por cento. De 1856 a 1861, periodo igual ao anterior sobe ainda de 20.451 a 26.634 contos ou 6.183 contos, o que equivale a mais de 30 por cento. Depois d'este progresso rapido e consideravel, vemos o nosso commercio de 1861 para 1865 diminuir na importancia de 1.800 contos, subir em 1866 e 1867, sem jámais attingir os algarismos de 1861, e finalmente em 1868 voltar ao que fôra em 1865, isto é, a muito menos do termo a que se elevára em 1861.

Se pois compararmos 1843 com 1868, achamos que o nosso commercio de importação passou de 12.314 contos a ser no ultimo d'estes annos egual a 24.820 contos, o que argue um crescimento de mais de 100 por cento, não é facil todavia explicar as irregularidades e os sobresaltos porque movimento progressivo tem passado durante os 23 annos intermedios.

Os volumes relativos aos ultimos 5 annos d'esta serie, que decorrem de 1843 a 1868, são os que mais ordenadamente se seguem, não sómente nas datas, mas ainda quanto ao plano dos mappas e natureza das indicações que nos fornecem, vejamos pois o que d'esses volumes consta mais digno de interesse relativamente ao movimento da nossa importação.

A mesma relação que se dá entre os algarismos representativos do resultado final das importações, nos diversos annos do periodo a que nos referimos, se nota com mui poucas excepções nos valores da importação em cada um dos referidos annos, e com respeito a cada uma das classes da pauta.

Os artigos de principal importancia no movimento commercial das nossas alfandegas são algodões (classe 6.ª) e o valor relativo da importação nos annos que estamos comparando foi.

Annos	Valores	Direitos
1865.....	4.585 contos	704
1866.....	5 666 »	821
1867.....	5.085 »	925
1868.....	4.480 »	808

Em 1843, 1.º anno a que, como dissemos, se referem os mappas publicados, o valor do algodão importado foi de 3.700 contos.

Seguem-se generos coloniaes (classe 1.ª).

Annos	Valores	Direitos
1865.....	4.110 contos	3.506
1866.....	3.681 »	3.366
1867.....	3.477 »	3.282
1868.....	3.268 »	3.266

Em 1843 não excedeu a 1.227 a importancia dos generos coloniaes que entraram pelas nossas alfandegas.

Os farinaceos (classe 9.º) occupam o logar immediato; a importação dos quatro annos foi;

Annos	Valores	Direitos
1865.....	2.658 contos	323
1866.....	2.224 »	256
1867.....	3.784 »	250
1868.....	4.478 »	206

Em 1843, antes do regimen estabelecido pela lei de 11 de abril de 1865, a importação d'esta classe não excedeu 788 contos, dos quaes o arroz representava 462 contos, e o trigo hespanhol 255 contos.

Em 1868. a importação do trigo de diversas procedencias ascendeu a 3.179 contos, e a do arroz a 442 contos. A comparação dos valores d'estes farinaceos importados nos annos de 1843 e 1868 tem grande significação no que elles dizem respeito aos nossos interesses agricolas. Parece-nos que estes algarismos deixam perceber o grande incremento que entre nós tem tido a cultura do arroz, e ao mesmo tempo a deficiencia da nossa producção de cereaes panificaveis.

A classe em que mais notavel tem sido o incremento da importação é a 13.ª mineraes; nos ultimos 4 annos, vemos o seguinte.

Annos	Valores	Direitos
1865.	664 contos	17
1866.	998 »	27
1867.	1.182 »	35
1868.	1.451 »	42

Em 1843 esta classe havia produzido apenas 158 contos. N'esse anno o valor do carvão de pedra importado não excedeu a 137 contos. Em 1868 elevou-se porém a importação do carvão a 970 contos, e o oleo de petroline figura já ahi por 280 contos.

É a cera o mais importante artigo dos que comprehende a classe 2.ª da nossa pauta, e um dos mais valiosos dos que figuram no movimento commercial do nosso paiz.

É isto evidente desde que dissermos que o movimento total n'este genero foi:

Em 1865 de 1.199:320,3 kilog. no valor de 804:749$300 réis.

Em 1866 de 1.261:347,5 kilog. no valor de 853:678$800 réis.

Separando a importação da exportação temos o seguinte resultado, quanto á importação foi ella de:

133.231 kilog. no valor de 118:482$400 réis no anno de 1865.

177:479 kilog. no valor de 145:670$500 réis em 1866.

A exportação subiu a:

1.046·089,3 no valor de 186:266$900 réis em 1865.

1.083:868,5 no valor de 708:108$300 réis de 1866.

Comprehendemos a cera de todas as qualidades, assim amarella, como branca, em bruto, em grumo e em obra.

No artigos carnes consideraremos unicamente a exportação das preparadas por differentes modos, incluindo o toucinho. Foi ella a seguinte.

565:987,2 kilog. no valor de 106:713$000 réis em 1865.

691:942.9 kilog. no valor de 902:845$200 réis em 1866.

A exportação é quasi na totalidade para o Brasil, e varia de anno para

anno porque depende dos preços que experimentaram grandes oscillações. É, porém, incontestavel que se houvesse geralmente mais cuidado e esmero na preparação das carnes ensacadas, a exportação poderia, e deveria tomar maiores proporções.

A banha de porco figura na exportação por:

11:915 kilog. no valor de 3:288$500 réis em 1865.

90:659 kilog. no valor de 17:603$700 réis em 1866.

Para terminar as breves reflexões que nos desperta a classe 2.ª da pauta fallaremos apenas dos dentes de elephante e cavallo marinho.

Foi o movimento geral, d'este artigo, comprehendendo o genero em bruto, em obra e em pó, o seguinte:

Em 1865—66.615,4 kilog. no valor de 146:256$800 réis.

Em 1866—39.752,9 kilog. no valor de 147:577$600 réis.

A importação foi no primeiro anno de kilog. 5,366,4 no valor de réis 12:915$900, e no segundo de 5.165,2 kilog. no valor de 10:796$100 réis.

A exportação foi de 60,948.5 kilog. na importancia de 133:006$000 réis em 1865; e de 34.456,7 kilog. na importancia de 136:750$500 réis em 1866.

É este como se vê, um artigo valioso do nosso commercio colonial. Encontramos uma differença sobre maneira sensivel na quantidade exportada em 1866, comparando-a com a do anno anterior, differença a que não encontramos explicação, que nos satisfaça, tanto mais quanto a mesma desproporção havemos encontrar nos annos de 1867 e 1868.

A classe 3.ª da nossa pauta comprehende as pescarias.

O peixe fresco, secco, e de diversos modos preparados (não fallando do bacalhau, de que trataremos em separado) figura na importação do anno de 1865, por 831,016 kilog. no valor de 62:692$100 réis; e no de 1866, por 822 844,9 kilog. no valor de 60:207$500 réis.

A exportação foi em 1865. de 2.372.104,5 kilog. na importancia de 79:225$800 réis; e em 1866, e de 2.809.332 kilog. na importancia de 154:693$100 réis.

É incontestavel que á maior facilidade de communicações com o paiz visinho se deve o desenvolvimento que tem tido a exportação do peixe. e que póde vir a ser ainda muito mais importante.

O bacalhau é um dos generos que entra na importação por cifra avultada.

Em 1865 entraram 12.082:790 kilog. no valor de 1.302:620$000 réis; e em 1866 entraram 13.864:453 kilog. no valor de 1.447.663$500 réis.

A reexportação limitou-se a 213.341 kilog. no valor de 20:604$200 réis em 1865; e 505:472 kilog. no valor de 27:169$000 réis em 1866.

Genero de primeira necessidade, e entrando em grande parte na alimentação das classes menos abastadas, pareceria que não devia sobre elle pesar o fisco do modo barbaro que vemos.

Os direitos pagos pelo bacalhau entrado no anno de 1865 foram réis

403:945$325, e em 1866 foram 463:529$050 réis. O que representa um direito de mais de 30 % *ad valorem*. Sabemos perfeitamente que as circumstancias do thesouro não permittem que n'este, e ainda em outro artigo, que figura por quantia valiosa em o quadro da importação se façam as reducções de direitos que instantemente estão reclamando as necessidades do consumidor. A reducção para ser proficua, e chegar até onde convém, é mister que fosse larga: e a vida angustiada do thesouro não permitte estas tentativas, embora a experiencia alheia nos mostre que o augmento do consumo compensa amplamente qualquer diminuição. O consumo, porém, não se desenvolve immediatamente, e um paiz a braços com uma divida fluctuante, que nunca morre, e que se traduz em um encargo de 12, 14 e 15 %, não está habilitado a tentar o que, já não dizemos em circumstancias felizes, mas regulares, era de grandissima necessidade, e altissima conveniencia publica.

Encerraremos esta noticia em relação á 3.ª classe da pauta, fallando do azeite de peixe.

Foi a importação em 1865, de 157.855 kilog. no valor de 19:501$400 réis; e em 1866, de 97.206 kilog. no valor de 12:306$100 réis.

A exportação foi em 1865, de 848.758 kilog. no valor de 171:206$400 réis: e em 1866, de 282.473,3 kilog. no valor de 196:930$300 réis.

(Sr. Pereira de Miranda no *Jornal do Commercio*.) [1]

---

[1] Lisboa ainda no seculo passado era uma das cidades mais ricas e commerciaes do Universo. Salmon na sua Geographical Grammar (pag. 65) diz: «Lisbon is the greatest port in Europe, except London and Amsterdam. A obra intitulada—Description de la ville de Lisbonne, impressa em Paris no anno de 1730 considera—Lisbonne une des plus celebres villes de l'Europe tant par sa grandeur que par l'etendue de son commerce.—Hoje porém tudo está mudado! Qual será o coração portuguez que não se contriste ao ver o nosso magnifico rio deserto de navios! Um dos mais amplos portos do universo contendo geralmente 4 ou 5 vapores, e quando muito, mas raramente 7, e isto quando ha mezes um portuguez contou no porto de Marselha 80 vapores de grande lotação, não fallando nos pequenos! E Gaume diz-nos nas suas *tres Romas*, que no dia em que chegou áquella cidade estavam anchorados no porto d'ella 1800 navios.

Lêa-se o que nos diz José Joaquim Lopes de Lima a respeito de Bombaim na sua viagem de Goa para Lisboa em 1842:

«Este porto é o emporio do commercio do Malabar: n'elle ha sempre surtos de 400 a 500 navios d'alto bordo, afóra mais de mil patamares, saudos, mochuos, e outras embarcações de cabotagem, os vapores da companhia, um vapor particular de cabotagens, e 6 vapores de ferro do governo». (pag. 4)

No Tejo em geral estão surtos de 50 a 60 navios mercantes!

Relação dos navios portuguezes provenientes de varios portos (excepto dos Europeus) e entrados nos diversos rios de Portugal desde 1 de janeiro de 1870 até 10 de novembro do mesmo anno.

Quilimane	1
Macau	1
Ilhas Selvagens	1
Maceió	1
Ilha de Santa Maria	1
Lagos	1
Ilha do Fogo	1
Ilha do Sal	1
Oran	1
Rabat	1
Ilha de S. Nicolau	1
Serra Leoa	1
Lourenço Marques	1
Inhambane	1
Goa	2
Rio Zaire	2
Ilha de Santo Antão	2
Aracaju	2
Philadelphia	4
Moçambique	4
Quebec	5
Demerara	5
Rio Grande do Sul	5
Larache	6
Bahia	7
Ilha de S. George	9
Ilha do Principe	10
Ilha Graciosa	10
Benguella	11
S. Vicente de Cabo Verde	11
Mossamedes	11
Ambriz	12
Ilha do Faial	12
New-York	12
S. Thomé	13
Maranhão	14
Pará	16
Rio de Janeiro	19
S. Thiago de Cabo Verde	25
Loanda	25

Madeira	37
Ilha Terceira	41
Pernambuco	45
Ilha de S. Miguel	59

Estes navios transportaram aproximadamente uns 3 mil passageiros.

Eis a que está reduzida a navegação portugueza de longo curso, se de longo curso se pode chamar uma viagem á Madeira!

Comparemos porém 1870 com 1857. Neste ultimo anno entraram:

1 de janeiro. Curveta *D. João I*, de Timor e Macau.
11 de maio. Brigue *11 de Março*—de Goa.
16 de junho. Barca *D. Anna*—de Goa.
30 de junho. Barca *Voadora*—de Goa.
30 de junho. Barca *Maria Carlota*—de Macau.
30 de julho. Galera *Rubim 1*—de Goa.
30 de julho. Brigue *Lidador*—da Batavia.
21 de setembro. Brigue *Companhia Commercial de Goa*—de Goa.

Sahidos.—13 de abril. Galera *Adamastor*—para Macau.
13 de abril. Fragata *D. Fernando*—para Goa.
11 de julho. Brigue *11 de Março*—para Goa.
16 de agosto. Barca *D. Anna*—para Goa.
19 de agosto. Barca *Venus*—do Rio de Janeiro para Goa.
30 de agosto. Brigue *Conceição de Maria*—do Rio de Janeiro para Goa.
6 de setembro. Lugre *Petulante*—para Goa.
21 de outubro. Galera *Robim 1*—para Goa.
21 de outubro. Brigue *Companhia Commercial de Goa*—para Goa.
25 de dazembro. Galera *Viajante*—para Goa.

Divisão Moderna e População de Portugal

DISTRICTO ADMINISTRATIVO DE AVEIRO

Concelhos	freguezias	populações dos concelhos
Agueda	18	18009
Albergaria	8	11266
Anadia	12	14495
Arouca	20	15576
Aveiro	9	18705
Castello de Paiva	9	8576
Estarreja	9	29331
Feira	37	40802
Ilhavo	1	8215
Macieira de Cambra	9	10228
Mealhada	6	7326
		182529

Concelhos	freguezias	populações dos concelhos
Transporte		182529
Oliveira de Azemeis	20	25925
Oliveira do Bairro	7	10099
Ovar	4	17167
Sever do Vouga	8	7725
Vagos	3	9095
Total		252540

DISTRICTO ADMINISTRATIVO DE BEJA

Aljustrel	5	7050
Almodovar	8	10593
Alvito	4	5539
Barrancos	1	2007
Beja	17	20193
Castro Verde	5	7024
Cuba	5	6097
Ferreira	5	5407
Mertola	9	15653
Moura	11	16879
Odemira	13	20567
Ouriqne	5	7141
Serpa	9	11339
Vidigueira	5	7508
Total		142997

DISTRICTO ADMINISTRATIVO DE BRAGA

Amares	24	12031
Barcellos	88	44923
Braga	60	49735
Cabeceiras de Basto	17	15295
Celorico de Basto	22	19495
Espozende	15	13356
Fáfe	35	22736
Guimarães	107	17302
Terras do Bouro	17	8196
Vieira	20	13726
V. Nova de Famalicão	48	28021
Villa Verde	58	31538
Total		276354

DISTRICTO ADMINISTRATIVO DE BRAGANÇA

Concelhos	freguezias	populações dos concelhos
Alfandega da Fé	21	9173
Bragança	50	26215
Carrazeda de Anciães	21	11382
Freixo d'Espada á Cinta	6	6029
Macedo de Cavalheiros	37	17568
Miranda do Douro	15	9110
Mirandella	38	17995
Mogadouro	34	14774
Moncorvo	20	13401
Villa Flôr	19	8522
Vimioso	14	9707
Vinhaes	37	20174
Total		164050

DISTRICTO ADMINISTRATIVO DE CASTELLO BRANCO

Belmonte	4	4792
Castello Branco	13	23586
Certãa	14	16050
Covilhãa	26	29678
Fundão	29	26965
Idanha a Nova	15	16610
Olleiros	12	9143
Penamacor	12	9067
Proença a Nova	4	8881
S. Vicente da Beira	8	7292
Villa de Rei	5	8673
Villa Velha de Rodam	4	4736
Total		165473

DISTRICTO ADMINISTRATIVO DE COIMBRA

Arganil	17	19521
Cantanhede	14	24601
Coimbra	29	42375
Condeixa a Nova	10	10024
Figueira da Foz	11	33127
Goes	5	10318
Louzãa	5	9577
		149543

Concelhos	freguezias	populações dos concelhos
Transporte.....		149543
Mira.....	1	6014
Miranda do Corvo.....	4	10492
Monte-mór o Velho.....	14	19181
Oliveira do Hospital.....	19	22765
Pampilhosa.....	10	9426
Penacóva.....	9	13872
Penella.....	6	9136
Poiares.....	4	6601
Soure.....	11	17190
Taboa.....	16	17747
Total.....		282267

DISTRICTO ADMINISTRATIVO D'EVORA

Alandroal.....	7	5945
Arrayolos.....	8	7422
Borba.....	5	5729
Estremoz.....	13	12665
Evora.....	20	20708
Monte-mór o Novo.....	17	12689
Mora.....	4	3756
Mourão.....	4	3310
Portel.....	10	6590
Redondo.....	7	6539
Reguengos de Monsarás.....	5	8073
Vianna do Alemtejo.....	3	4013
Villa Viçosa.....	6	6708
Total.....		104147

DISTRICTO ADMINISTRATIVO DE FARO

Albufeira.....	3	7490
Alcoutim.....	5	8148
Aljezur.....	3	4014
Castro Marim.....	3	7095
Faro.....	6	23051
Lagoa.....	4	10131
Lagos.....	5	11484
Loulé.....	7	26143
Monchique.....	3	8194
		105750

Concelhos	freguezias	populações dos concelhos
Transporte.....		105750
Olhão.....	4	14155
Silves.....	6	19132
Tavira.....	8	22024
Villa do Bispo.....	4	3831
Portimão.....	3	9434
Villa Real de Santo Antonio.....	2	5191
Total..... ..		179517

DISTRICTO ADMINISTRATIVO DA GUARDA

Aguiar da Beira.....	13	6937
Almeida.....	12	6689
Ceia.....	29	28853
Celorico da Beira.....	22	13954
Figueira de Castello Rodrigo.....	14	10903
Fornos de Algodres.....	13	7134
Gouveia.....	23	20241
Guarda.....	55	34611
Manteigas.....	3	2877
Meda.....	9	6086
Pinhel.....	25	15462
Sabugal.....	57	32754
Trancoso.....	33	16608
Villa Nova de Foscoa.....	25	15033
Total.....		217542

DISTRICTO ADMINISTRATIVO DE LEIRIA

Alcobaça.....	18	26864
Alvaiazere.....	6	7349
Ancião.....	5	8718
Batalha.....	2	5108
Caldas da Rainha.....	10	11748
Figueiró dos Vinhos.....	8	14072
Leiria.....	23	38586
Obidos.....	12	12803
Pedrogão Grande.....	5	10207
Peniche.....	5	6468
Pombal.....	12	26968
Porto de Moz.....	11	11613
Total.....		180504

DISTRICTO ADMINISTRATIVO DE LISBOA

Concelhos	freguezias	populações dos concelhos
Alcacer do Sal	10	7258
Alcochete	2	4329
Aldeia Gallega do Riba-Tejo	3	6486
Alemquer	14	17719
Almada	2	10337
Arruda	7	9427
Azambuja	6	7817
Barreiro	3	4543
Belem	8	28598
Cadaval	9	7077
Cascaes	3	6461
Cezimbra	2	5797
Cintra	10	20791
Grandola	5	5607
Lisboa — Bairro d'Alcantara	6	52453
Lisboa — Alfama	13	47009
Lisboa — Bairro Alto	7	38109
Lisboa — Bairro de Rocio	8	32252
Lourinhãa	7	7306
Mafra	14	22746
Moita	2	4460
Oeiras	5	6541
Olivaes	21	25823
S. Thiago de Cacem	8	11043
Seixal	4	5666
Setubal	7	22179
Torres Vedras	18	24726
Villa Franca de Xira	9	12265
Total		454825

DISTRICTO ADMINISTRATIVO DE PORTALEGRE

Alter do Chão	4	5389
Arronches	6	3952
Aviz	9	6332
Campo Maior	3	5640
Castello de Vide	4	6273
Crato	7	5194
Elvas	16	19176
Fronteira	7	5139
		57095

Concelhos	freguezias	populações dos concelhos
Transporte		57095
Gavião	5	4725
Marvão	3	4925
Monforte	5	3114
Niza	8	9175
Ponte do Sôr	2	3730
Portalegre	10	13788
Souzel	3	4550
Total		102102

DISTRICTO ADMINISTRATIVO DO PORTO

Amarante	41	29020
Baião	19	19410
Bouças	13	18026
Felgueiras	33	20245
Gandomar	11	21858
Louzada	27	14324
Maia	20	10117
Marco de Canavezes	33	23850
Paços de Ferreira	16	9647
Paredes	24	17680
Penafiel	36	28752
Porto 1.º Bairro (Santa Catharina)	3	27430
Porto 2.º » (Cedofeita)	3	30210
Porto 3.º » (Santo Ovidio)	6	31681
Povoa de Varzim	10	18808
Santo Thyrso	31	21639
Vallongo	5	8522
Villa do Conde	27	18838
Villa Nova de Gaia	47	47733
Total		417790

DISTRICTO ADMINISTRATIVO DE SANTAREM

Abrantes	16	23473
Almeirim	4	7527
Barquinha	4	3506
Benavente	3	5112
Cartaxo	5	10182
Chamusca	5	8006
		57806

Concelhos	freguezias	populações dos concelhos
Transporte.....		57806
Constancia.....	3	2989
Coruche.....	7	6863
Ferreira do Zezere.....	9	10794
Gollegãa.....	1	3849
Mação.....	4	7658
Rio Maior.....	7	8436
Salvaterra de Magos.....	2	4202
Santarem.....	28	30732
Sardoal.....	2	4719
Thomar.....	13	22091
Torres Novas.....	18	23282
Villa Nova d'Ourem.....	9	17805
Total.....		201226

DISTRICTO ADMINISTRATIVO DE VIANNA DO CASTELLO

Arcos de Valle de Vez.....	50	29147
Caminha.....	19	13241
Coura.....	21	12463
Melgaço.....	18	14640
Monsão.....	32	22367
Ponte da Barca.....	25	12379
Ponte de Lima.....	51	32351
Valença.....	16	15044
Vianna do Castello.....	40	42792
Villa Nova da Cerveira.....	15	10255
Total.....		204679

DISTRICTO ADMINISTRATIVO DE VILLA REAL

Alijó.....	18	19284
Boticas.....	16	10475
Chaves.....	45	33526
Mesão Frio.....	7	6107
Mondim de Basto.....	9	7354
Montalegre.....	36	18590
Murça.....	9	5948
Peso da Regua.....	10	15795
Ribeira de Pena.....	6	7701
Sabrosa.....	13	13320
		138100

Concelhos	freguezias	populações dos concelhos
Transporte.....		138100
Santa Marta de Penaguião.....	10	10388
Valle Passos.....	33	25108
Villa Pouca d'Aguiar.....	16	15915
Villa Real.....	27	32340
Total.....		221851

DISTRICTO ADMINISTRATIVO DE VIZEU

Armamar.....	16	10842
Carregal.....	6	11231
Castro Daire.....	20	18827
Fragoas.....	7	5954
Lamego.....	17	23229
Mangualde.....	18	19483
Mondim.....	8	6144
Mortagoa.....	10	8383
Moumenta da Beira.....	19	12093
Nellas.....	6	11974
Oliveira de Frades.....	16	14070
Penalva do Castello.....	12	11765
Penedono.....	9	6262
Rezende.....	15	17812
Santa Comba Dão.....	7	6808
S. João d'Areias.....	3	4634
S. João da Pesqueira.....	20	14808
S. Pedro do Sul.....	20	20738
Sattam.....	12	11813
Sernancelhe.....	21	11620
Sinfães.....	17	22974
Taboaço.....	13	7980
Tarouca.....	7	6399
Tondella.....	24	28308
Vizeu.....	30	44773
Vouzella.....	9	10103
Total.....		368967

ILHAS DOS AÇORES E MADEIRA

População.....	362638

RECAPITULAÇÃO

População do reino conforme o recensamento official de 1864.....	3:986:558
Das Ilhas Adjacentes.....	363:658
Total.....	4:350:216

Vias ferreas

CAMINHO DE FERRO DO NORTE E LESTE

I

A 6 de maio de 1852 foi assignado um decreto por D. Maria II e referendado pelos ministros Rodrigo da Fonseca Magalhães, e Antonio Maria Fontes Pereira de Mello, que abria concurso para a construcção da primeira secção d'um caminho de ferro de Lisboa a Santarem em direcção á fronteira de Hispanha.

Terminado o praso do concurso appareceram 3 propostas. Foi dada a concessão provisoria a Mr. Hardy Hislop, como representante da *Companhia Central Peninsular dos caminhos de ferro de Portugal*.

No concurso havia entre outras as seguintes condições:

A licitação devia versar sobre o *minimum* do juro que o estado devia garantir a descer de seis por cento, e um por cento de amortisação annual.

Dez annos depois de posto o caminho em exploração, podia o governo appropriar-se d'elle, pagando o dinheiro despendido, e um *bonus* de dez por cento, deduzido o que já estivesse amortizado: e se o governo não se appropriasse d'elle, podia a Companhia continuar a sua exploração por mais dez annos sem direito a qualquer repetição d'interesses.

Feito o respectivo deposito de 180 contos, declarou o governo, que subscrevia com um terço (1200 contos) do capital da Companhia. E em maio de 1853 assignou-se o contracto definitivo.

O preço de cada kilometro foi fixado em 50:511:450 rs. para a garantia dos juros, pagamento do bonus e da amortisação. Em setembro[1] se constituiu definitivamente a Companhia que concedeu a Carlos Waring 99 contos a titulo do pagamento de ordenados e despezas previas, conferindo a empreitada das obras a Waring, Brothers and Shaw, que subscreviam um terço do capital social. Mediante a consignação e pagamento de 3501 contos obrigaram-se os empreiteiros a dar prompto o caminho até Santarem, com todo o seu material circulante, e linha de telegrapho electrico parallela. Os trabalhos, porém, inaugurados a 7 de maio

[1] Archivo Pittoresco vol. I, pag. 34.

de 1853 no sitio do Beato progrediram vagarosamente até aos fins de março de 1854. Embaraços d'expropriações, de planos, de operarios não amestradas, material retardado. Em abril tomaram os trabalhos maior desenvolvimento, e desde julho continuaram com regularidade. Em 1855 sobrevieram desintelligencias entre os empreiteiros e a Companhia. Desligaram-se por fim, mandando a ultima continuar as obras directamente por sua conta.

Abriu-se finalmente á circulação publica com grande jubilo de todos a primeira secção da via ferra de Lisboa ao Carregado no dia 29 d'outubro de 1856.[1]

Foi depois a construcção continuando mui vagarosamente de sorte que o sr. Carlos Bento, então ministro das obras publicas apresentou ás camaras em 14 d'abril de 1857 um projecto de lei para a approvação d'um contracto com Sir Marton Petto para a construcção de um caminho de ferro de Lisboa ao Porto, com a subvenção de 20 contos por kilometro e pedia anthorização para a rescisão do contracto com a Companhia Central Peninsular, para indemnisar os accionistas da Companhia, e para regular as contas d'esta com os empreiteiros Shaw and Baring. Tudo isto lhe foi concedido a 4 de junho, e a rescisão do contracto foi decretada a 9 de julho, encarregando-se ao sr. João Chrysostomo d'Abreu a direcção geral da linha até Santarem, e a 31 d'agosto inaugurou-se o caminho desde o Carregado ate ás Virtudes.

Comtudo Sir Morton Petto não poude organizar a Companhia, e a 6 de junho de 1859 foi-lhe rescindido o contracto.

O ministro d'aquella epocha o sr. Antonio de Serpa Pimentel contractou provisoriamente com o sr. D. José Salamanca a conclusão da linha de Badajoz, e a construcção d'uma outra para o Porto: e a 30 de julho de 1859 abriu-se licitação por 40 dias ás mesmas construcções. Não appareceu concorrente, e foi por isso adjudicada em 12 de setembro ao sr. D. José Salamanca a construcção das 2 linhas do Norte e Leste, sendo-lhe concedida a subvenção de 4500 libras por kilometro na linha de Leste, e 5400 na linha do Norte, e a exploração por 99 annos.

A 22 de dezembro de 1859 foram approvados os estatutos da *Companhia Real dos caminhos de ferro Portuguezes*, e a 5 de maio[2] foi sanccionado com algumas modificações o contracto celebrado com D. José de Salamanca em 14 de setembro de 1859.

Entre as taes modificações figuravam as que marcavam o praso de 2 annos e meio em logar de tres para a conclusão da linha de Badajoz, e 3 em logar de 5 para a do Porto. A ponte sobre o Douro deveria estar concluida um anno depois da linha.

Ao escrever porém estas linhas (18 d'agosto de 1870) a referida pon-

---

[1] Illustração Luso Brasileira vol. 2.º pag. 4.
[2] Sr. João Antonio Peres Abreu. Roteiro do Viajante no Continente pag. 234.

te nem começada está: e isto ao passo que os estrangeiros não perdem o mais pequeno ensejo d'exigirem indemnisações de Portugal!

Finalmente a 7 de julho de 1864 foi aberta á circulação a via ferrea de Lisboa ao Porto.

ESTAÇÕES DO CAMINHO DE FERRO DE LISBOA [1] AO PORTO, E KILOMETROS DE DISTANCIA DE LISBOA [2]

Poço do Bispo.....	4 kilometros
Olivaes.....	7 »

[1] A estação principal da via ferrea de Norte e Leste estanceia no local chamado Caes dos Soldados, onde estava um quartel d'artilheria.

Dirigiram as obras d'esta estação os engenheiros Angel Arribas Ugarte, João Evangelista d'Abreu, Lecrenier e Oppermanan[1].

Lançou-se a primeira pedra em outubro de 1862, e foi o edificio aberto á circulação a 1 de maio de 1865. Importou a construcção em 250 contos.

«Tem 4 frentes este grandioso edificio, medindo 135^{m} de comprimento, 50^{m}.40 de largura e 13^{m} de altura. As duas fachadas que formam o seu comprimento são eguaes na architectura, e olham para o Norte e Sul deitando esta para o Tejo, e aquella para a rua do Caes do Soldado. As outras duas fachadas estão voltadas para Oeste e Leste. A primeira, construida no mesmo gosto da architectura das precedentes, tem diante de si um espaçoso terreiro, quasi todo conquistado ao Tejo, e por este banhado da parte do Sul. A segunda é a que dá entrada e saida aos comboios.

A grande nave, onde os passageiros entram e sahem dos comboios occupa o centro do edificio. Tem de comprimento 117^{m} de largura 24^{m},60 e de altura 13^{m}. O tecto é todo de ferro, com vidraças no centro. De noite é esta nave illuminada pelo gaz de 30 candieiros, sendo a illuminação de todo o edificio feita por 143 candieiros.

[2] Ao sahir de Lisboa encontra-se a ponte de Xabregas. Compõe-se de tres arcos de pedra em arco de circulo, de 1^{m},52 de flexa; 2^{m},97 d'altura de pés direitos: e 6^{m},85 de abertura cada um. A abertura do arco do lado do aterro, á esquerda, que cobre a estrada, é de 15^{m},58 formado por 6 cambotas de ferro, de forma abatida, A largura entre as testas da ponte é de 7^{m},72.

A trincheira de Xabregas foi uma das obras, que maior trabalho deram. Os trabalhos n'esta trincheira começaram a 7 de novembro de 1853. A medida vertical[2] na maior altura foi de 43 metros, e de 738 a longi-

[1] Archivo Pittoresco vol. IX pag. 26.

[2] Archivo Pittoresco vol. I, pag. 299.

Sacavem	10	kilometros [3]
Povoa	18	»
Alverca	22	»
Alhandra	26	»
Villa Franca	31	»
Carregado	37	»
Azambuja	47	»
Reguengo	55	»
Sanct'Anna	61	»
Valle de Santarem		
Santarem	75	»
Valle da Figueira	84	»
Matto do Miranda	94	»
Torres Novas	103	»
Entroncamento	107	»
Paialvo	121	»

tudinal na maior largura. Ainda não estava terminada a regularisação das rampas, quando succedeu o primeiro desabamento de terreno da parte do Norte, em 18 d'abril de 1856 a pequena distancia do ponto, em que começa o córte, deixando inteiramente obstruida a via ferrea assente. O volume de terra, que então se moveo calcula-se de 12 a 14 mil metros cubicos.

Tractou-se logo activamente da remoção das terras cahidas, mas continuaram tambem outros successivos desabamentos mais ou menos volumosos, e pelas 6 horas da manhã de 4 d'agosto houve um maior, que medio quasi 5 mil metros cubicos. Em novembro de 1857 houve ainda um outro calculado em 10 a 12 mil metros cubicos. O volume removido por effeito de todas estas deslocações eleva-se a 120:000 metros cubicos. A maior parte da terra foi aproveitada para entulhamento do rio, e para o aterro em seguida á ponte de Sacavem. O solo é argiloso, e tendente a deslocar-se.

Em 1860 tombou novamente grande parte d'aquella enorme rampa, entulhando a via.

Quando se fez esta trincheira, extrahiram-se 213429 metros cubicos de terra, quantia, que junta aos 120:000 de desabamentos, perfaz 334000 metros cubicos de terra, que se tomou indispensavel remover d'aquelle local.

[3] Junto d'esta estação fica sobre o rio de Sacavem uma notavel ponte de ferro, feita em Inglaterra, e assente n'este local debaixo da direcção do engenheiro inglez Black. Com esta é a quarta ponte, que tem havido n'este sitio.[1]

[1] Archivo Pittoresco, vol. III, pag. 186.

Chão de Maçãs	130	kilometros [1]
Caxarias	140 [2]	»
Albergaria	150	»
Vermoil	162	»
Pombal	170	»
Soure	186	»
Formoselha	202	»
Taveiro	212	»
Coimbra	216	»
Souzellas	225	»
Mealhada	237	»
Mogofores	245	»
Oliveira do Bairro	253	»
Aveiro	273	»
Estarreja	288	»
Ovar	301 [3]	»
Esmoriz	312 [4]	»
Espinho	[5]	

[1] N'este local principia um tunel de 640 metros.

[2] Outro tunel de 675 metros.

[3] O edificio principal da estação não é falto de belleza. O seu estilo de architectura assimilha-se ao que se usa na Suissa, nas casas de campo, e que produz um effeito tão pittoresco. Compõe-se de tres córpos: dois lateraes, com um só pavimento terreo, e um central, muito mais alto, com dois pavimentos, tendo as beiras do telhado guarnecidas por todos os lados com bonitos recortes de madeira, que lhe fazem graciosa cercadura. Defronte da estação, da parte d'alem da via ferrea, está um edificio bastante extenso, construido ao modo de armazem. Consta de officinas de reparação, e casas de arrecadação. O sitio é appropriado para diversões de campo. E' agradavel e de bastante movimento na occasião da chegada dos comboios.

Os caes e ria de Ovar offerecem vistas e passeios bonitos; e a villa da Feira tem muito com que satisfazer a curiosidade do viajante. O seu castello é um dos mais interessantes monumentos de antiguidade, que ha em o nosso paiz (Archivo Pittoresco, vol. VII pag. 402.)

[4] A estação d'Esmoriz fica na freguezia de Santa Maria d'Esmoriz, na distancia de 21 kilometros do Porto. O numero dos passageiros que tomam bilhetes n'esta estação regula por 2 mil, e o rendimento d'ella uns 2 contos e quinhentos mil rèis. Ha n'estas proximidades algumas fabricas de papel, que se servem das aguas dos riachos Maia e Cortegaça. Perto da estação festeja-se no verão o Senhor dos Afflictos, festividade muito concorrida dos povos d'aquellas immediações.

[5] Serve d'estação n'este local uma indecente barraca de madeira, a

Granja.....	321 kilometros [1]
Valladares	328 [2] »
Devezas.....	333 [3] »

qual está na freguezia de S. Martinho d'Anta. O numero dos passageiros que tomam bilhete n'esta estação regula por 4 mil, o que não admira em vista das muitas pessoas, que vão tomar banhos nas praias d'Espinho. O rendimento orça por um conto e duzentos mil réis. A sardinha constitue o principal objecto de transporte.

[1] A estação da Granja pertence á freguezia de S. Felix da Marinha, egreja das mais insignificantes do paiz. Na ermida de Santa Cruz, ao pé da estação costuma haver annualmente uma festividade muito concorrida de gente do Porto. O rendimento d'esta estação regula por tres contos e seis centos mil réis. A uma legua d'este local fica o celebre mosteiro graciano de Grijó, e a uma meia legua, á borda do mar, o santuario do Senhor da Pedra, onde ha annualmente um famoso arraial no domingo da Santissima Trindade.

[2] A estação de Valadares rende approximadamente um conto de réis por anno, e o numero dos passageiros, que n'ella tomam bilhetes, regula por mil. A festividade do Senhor dos Afflictos é a mais concorrida d'este local.

[3] «Dos tres principaes tuneis do caminho de ferro do norte, o da serra do Pilar é o mais pequeno. Tem de extensão 425^{m},10; de altura sobre o balastro 6^{m} e de largura 8^{m}. Atravessa a serra de oeste para leste. [4]

Gastaram-se 2 annos e 5 mezes na perfuração da montanha, e na construcção do tunel, pois que principiaram os trabalhos em 1 de julho de 1861, e concluiram-se em 1 de dezembro de 1863. Em metade d'aquella extensão, pouco mais ou menos, encontrou-se rocha granitica, em partes mais rija do que n'outras. Predominava, em geral, o granito composto de grandes elementos: porém n'uma extensão de 20 a 30 metros, era a rocha formada de granito porphyroide azulado.

Está situado este tunel na margem esquerda do Douro entre a estação das Devezas, que fica sobranceira a Villa Nova de Gaia, e é o termo provisorio do caminho de ferro do Norte, e o sitio chamado a Pedra Salgada, onde se vae construir a ponte sobre o Douro, que deve dar caminho para a margem direita do rio, no seu seguimento para a cidade do Porto.

Desde a saida do tunel até ao logar destinado para a ponte tem a linha ferrea a extensão de 2240 metros.

Na margem direita do Douro, desde a ponte até á estação principal, no Porto, percorrerá o caminho de ferro uma extensão egual ou quasi

[4] Archivo Pittoresco vol. VII, pag. 281.

A Real Companhia dos caminhos de ferro é obrigada a construir uma ponte sobre o Douro, uma estação na cidade do Porto, e um ramal da via ferrea de Valladares para Sampaio na margem do Douro, com o fim de que as mercadorias alli embarquem nos navios, que teem de as receber para outros portos: com tudo os trabalhos que ha muitos annos deveriam estar terminados, nem ainda começaram.

CAMINHO DO LESTE

Entroncamento.....	107	kilometros
Barquinha.....	111	»
Praia.....	119 [1]	»
Tramagal.....	130	»

egual a que medeia entre o tunel da Serra do Pilar e a Pedra Salgada.

Saindo da estação das Devezas para o tunel da Serra do Pilar, encontra-se, a pouca distancia, uma obra de arte importante. E' uma alta ponte de cantaria, chamada Ponte de Villa Nova, com 5 arcos, de construcção elegante e solida.

Está lançada esta ponte sobre um valle ou quebrada entre duas collinas, situadas a leste do monte do Candal, e a oeste da Serra do Pilar. Por conseguinte, logo adiante d'aquella ponte começa um longo desaterro, por onde segue a via ferrea, quasi sempre em bastante profundidade, até outra ponte mais pequena, d'onde continuúa, tambem entre altas trincheiras, até á entrada do tunel referido. Perto d'esta entrada, a uns 30 ou 40 metros de distancia d'ella atravessa a via ferrea a estrada da Bandeira sobre uma ponte com um grande e largo arco, que toma toda a largura da via, e dois meios arcos, que se vão embeber nas altas trincheiras da mesma via. A ponte é de cantaria, e tem por guardas gradaria de ferro. Foi construida pelo governo em 1861.

[1] N'este sitio ha uma ponte, muito notavel sobre o Tejo de 500 metros. E' a obra d'arte mais notavel da via do leste. Atravessa o rio muito perto da villa de Constança, no ponto da sua confluencia com o Zezere. Tem em cada um dos estremos assentados sobre as margens dois grandes encontros de cantaria e tijolo, e 16 vãos de 29.^{m}20 de luz apoiados sobre pilares tubulares de ferro fundido. Cada pilar é formado de 3 tubos cylindricos, tendo 2,^{m}40 de diametro a parte d'elles cravada no terreno, e 1,^{m}83 a parte de fóra.

Foram cravados pelo systema de ar comprimido, a profundidades variaveis entre 10 e 19 metros abaixo da estiagem. Metade dos tubos assenta sobre um banco de rocha, que está debaixo das areias do rio, outra metade foi cravada atravez de areia e de um banco de grosso cascalho, fortemente agglomerado com saibro.

A altura dos cylindros, acima das aguas da estiagem média é de 16

Abrantes	155	kilometros
Bemposta	147	»
Ponte de Sôr	154 [1]	»
Chança	184	»
Crato	200	»
Portalegre	215	»
Assumar	227	»
Santa Eulalia	246	»
Elvas	265	»
Badajoz	282	»

---

metros e meio; e a das vigas ou tirantes de ferro, que se cruzam obliquamente é de 3 metros: sendo 18 metros e meio a altura total entre carris ou nivel, por onde passam os comboios e as aguas da estiagem no verão.

N'esta obra entram proximamente 640 toneladas de ferro luminado: e 1150 e toneladas de ferro fundido: ao todo perto de 2 milhões de kilogrammas de ferro, e 3250 metros cubicos de madeira.

Em junho de 1861 começaram os trabalhos definitivos d'esta construcção, empregando-se durante ella, e sempre trabalhando 3 machinas de vapor da força de 12 cavallos cada uma. Em 12 d'agosto de 1862 correu sobre a ponte a primeira locomotiva. (Sr. João Antonio Peres d'Abreu. Roteiro do Viajante no Continente, pag. 113 a 114.)

O comprimento d'esta ponte, a mais importante do caminho de ferro do leste, é de 494 metros. A parte metallica foi fornecida pela casa Henard e Companhia de Londres.

Fortes e longos muros de supporte atravessados por muitos aquedutos amparam o caminho constantemente sobranceiro ao Tejo, e a grande altura acima de suas aguas. A estes muros precedem e seguem profundas trincheiras abertas no granito que compõe o monte, apresentando taludes lisos e regulares. E' percorrendo esta accidentada secção, que conta 8 kilometros, que atravez esplendida paizagem, se passa ao lado sobranceiramente, do famoso castello de Almourol, perto de Tancos, construido sobre rochedos no meio do Tejo, e que é uma das mais bellas e bem conservadas antiguidades, que da idade media restam em Portugal.

[1] Depois da grande ponte do Tejo é a Ponte de Sôr uma das mais importantes obras de arte do caminho de ferro de leste. Está lançada sobre a ribeira de Sor, e é construida de ferro. Tem em cada um dos extremos, assentes sobre as margens, encontros de cantaria, apoiando-se no centro, tão sómente, apesar de ter bastante extensão, sobre 2 pilares tubulares de ferro fundido, emparelhados e ligados entre si com linhas de ferro.—(Archivo Pittoresco vol. VIII pag. 358.)

II

CAMINHO DE FERRO DO SUDOESTE

Em agosto de 1854 foi approvada pelas côrtes uma proposta apresentada pelos srs. Marquez de Ficalho e José Maria Eugenio para a construcção de uma linha ferrea desde Aldêa-Gallega até ás Vendas Novas.

No mesmo mez e anno foi proposto e approvado um addicionamento ao contracto, pelo qual era substituido o ponto de partida de Aldêa Gallega pelo do Barreiro, e estabelecido um ramal para Setubal.

A 6 de dezembro de 1854 tomou-se conhecimento das propostas apresentadas relativas ao preço da licitação, e foi adjudicada ao sr. Costa Ramos por si e como representante dos seus associados.

A 8 de junho de 1856 foi o governo authorisado a contractar um novo caminho de ferro das Vendas Novas até Evora e Beja, offerecendo a junta geral do districto de Beja 3 contos de réis para ajuda de custo por cada kilometro, e o sr. Visconde da Esperança cedencia gratuita dos seus terrenos por onde a linha houvesse de passar.

A 3 de janeiro de 1860 foi assignado um contracto para a construcção do caminho de ferro das Vendas Novas a Evora e Beja por Sir John Sutherland Valentine como representantes de Mrs. Charles Edward Nangles e outros. N'esta occasião a junta geral do districto d'Evora offereceu-se a ajudar com um conto e duzentos mil réis por cada kilometro.

A 29 de maio de 1860 foi decretado o contracto assignado por Sir John Valentine para a construcção do caminho das Vendas Novas a Evora e Beja, podendo o governo contractar a subvenção de 16 contos por kilometro, ou garantir o juro de 7 por cento na proporção de 24 contos por kilometro.

A exploração pertenceria á companhia por 99 annos, podendo comtudo o governo remir dentro em quinze ou trinta, sugeito em qualquer das epochas a condições diversas. O caminho devia terminar no praso de 3 annos.

Em 1 de fevereiro de 1861 foram inauguradas a abertura da linha ás Vendas Novas, e a do ramal de Setubal.

Achando-se prompta a linha do sul, fez o governo acquisição d'ella comprando-a á companhia, e a sua direcção foi commettida ao engenheiro o sr. Sebastião do Canto e Castro Mascarenhas.

A 22 de fevereiro de 1861 approvou o governo a secção do caminho de ferro das Vendas Novas a Evora e Beja pelos concessionarios a uma companhia novamente organisada, e estipulou que a nova companhia não poderia transferir seus direitos sem authorisação do governo.

Em 4 de setembro de 1863 foi inaugurada solemnemente a exploração da linha das Vendas Novas a Evora. E a 14 de egual mez em 1864

o resto da linha até Beja. Na legislatura de 1863 foi authorisado o ministro das obras publicas o sr. João Chrysostomo de Abreu a contractar a continuação das linhas de Evora a ligar no Crato com a do leste, com a directriz por Estremoz; e de Beja para o Guadianna na direcção de Sevilha, com ramal para um porto de mar no Algarve, e bem assim poder vender as linhas do Barreiro a Evora e Beja á companhia, com quem contractasse as mesmas construcções. E a 11 de junho de 1864 foi assignado o contracto definitivo para a mesma venda e construcções a uma companhia Ingleza.

A 11 de setembro do mesmo anno foram inaugurados os trabalhos de construcção para a continuação das duas linhas de Evora e Beja, sendo a companhia representada n'essa occasião pelo sr. Alfredo Couvan, um dos directores, e James Fforde, engenheiro director das obras.

ESTAÇÕES E DISTANCIAS DE LISBOA

Barreiro [1]	
Lavradio	2 kilometros
Alhos Vedros	5 »
Moita	8 »

[1] «A estação do Barreiro é sita n'uma praia proxima á villa do mesmo nome, na margem esquerda Tejo, em frente de Lisboa, distante em linha recta 9 ou 10 kilometros d'esta cidade. A construcção é elegante. O frontispicio tem 68 metros de comprimento com 16 janellas, 3 portões e relogio no frontão.

O pavimento da estação fica em nivel sobranceiro ao terreno adjacente, mas tem facil acceso por uma larga escada de cantaria de 2 lanços, que dá sobre um vasto terrasso, tudo guarnecido de gradaria de ferro.

O fundo do edificio, incluindo o terrasso, é de 95 metros, occupando a superficie 6460 metros quadrados. Tem quatro salas mui espaçosas para a passageiros das differentes classes, e accommodações para algumas repartições. Ao sul do edificio ha um armazem para algumas repartições. Ao sul do edificio ha um armazem para mercadorias, com duas vias para entrada e sahida dos wagons carregados, onde tambem está a estação telegraphica. Ao lado do norte ha vasto local com as necessarias officinas. As machinas são movidas por um locomotor fixo.

A *gare* é no centro da estação, e são de ferro as combotas do tecto, coberto de vidro e ferro galvanisado, tendo de largura 32 metros sobre 67 de comprimento, com plataforma e 3 vias para seu movimento. O terrasso e passagens interiores são asphaltados com bordaduras de cantaria »

(Sr. João Antonio Peres d'Abreu, Roteiro do Viajante no Continente pag. 18.)

Pinhal Novo	15	kilometros
Poceirão	30	»
Pegões	42	»
Vendas Novas	57	»
Monte-mór	75	»
Casa Branca	90	»
Alcaçovas	102	»
Vianna	110	»
Evora	117	»
Alvito	125	»
Cuba	137	»
Beja	154	»

RAMAL DE SETUBAL

Palmella	23	»
Setubal	28	»

A 9 de março de 1865 effectuou-se a inauguração dos trabalhos da linha ferrea de Beja ao Algarve.

A inauguração foi celebrada com grande solemnidade.

Em novembro do referido anno procedeu-se a um novo accordo com a companhia da via ferrea do sudoeste.

O contracto abrangia as linhas das Vendas Novas a Evora e Beja, e as linhas de Evora ao Crato, e de Beja á fronteira de Hespanha e ao Algarve. A responsabilidade plena pela quantia do producto bruto começava do primeiro de julho de 1869 em diante, se estivessem terminadas e entregues ao governo as linhas de Evora ao Crato, de Beja á margem direita do Guadianna, e de Beja a Faro. Esta responsabilidade era de cincoenta annos. A companhia em compensação das vantagens obtidas, obrigava-se a pagar 1.970:688$000 réis importancia da subvenção de 16 contos por kilometro, recebida em virtude do contrato de 29 de maio de 1860, 1.008:000$000 réis importancia do preço porque o governo vendeu á companhia o caminho do Barreiro ás Vendas Novas, com o ramal de Setubal. Total 2.978:688$000 réis. O governo recebia em letras de 3, 6, e 9 mezes, por um terço cada letra, a referida quantia.

Eis o que a respeito d'este contracto dizia o Annuario do Archivo Pittoresco:

«A operação affigura-se-nos perigosa. Depende o seu exito de tantas eventualidades arriscadas, que não nos espantam os escrupulos e apprehensões, que despertou, apenas foi conhecida. Além d'isto, o voto dos engenheiros mais practicos e experimentados é-lhe geralmente hostil, e os dados estatisticos, assim como as bases technicas precisas para a absolver e até louvar, escasseiam quasi absolutamente. São 500 kilometros, são mais os que ha de afiançar a garantia do producto bruto? Ignora-se! Ha informações estatistico cadastraes, que auctorisem ao menos

um calculo aproximado do rendimento da exploração nas linhas de Evora ao Crato, de Beja ao Guadiana, e de Beja a Faro? Não existem, que nos saibamos. Allegam-se de parte a parte probabilidades mais ou menos artificiosas. Argumenta se com esperanças ou com vaticinios sinistros: aquellas risonhas, porque veem o futuro côr de rosa, estes sombrios, porque sommam os encargos de cincoenta annos sem fé nos progressos da povoação, da agricultura, da industria, e do commercio nos terrenos hoje quasi ermos, apathicos e sáfaros, que as vias ferreas hão de cruzar. Se o producto bruto (e julgam-n'o provavel) nas primeiras decadas ficar inferior ao que esperam que elle renda, a operação será ruinosa, e não fazemos senão adiar os encargos permanentes, que tanto nos sobresaltam, aggravando-os por um modo assustador. Pelo contrario, se o producto bruto não baixar da proporção, em que o desejam os apologistas do contracto, a operação recommenda-se pelas vantagens immediatas, e não irá carregar o porvir com o peso insupportavel de lances desacertados e temerarios.

O referido contracto foi effectivamente approvado pelas cortes, a 14 de outubro de 1865.

No dia 9 de maio de 1866 venceu-se a primeira lettra de 900 contos passada pela companhia a favor do governo, mas declarando os agentes d'ella não se acharem habilitados para pagal-a, foi a letra apontada no tribunal competente, e o contrato caducou.

Resultou d'aqui que o governo portuguez authorisado pela decisão do tribunal competente tomou conta da via ferrea, não obstante a opposição feita pela companhia fallida. Esta opposição chegou a ponto de os accionistas da referida companhia continuamente guerrearem o governo portuguez nos jornaes estrangeiros, arguindo-o de espoliador, e embaraçando nas praças estrangeiras quaesquer operações intentadas pelo nosso governo.

Chegaram finalmente, porém, as cousas a tal ou qual accordo recebendo a companhia fallida dois mil e tantos contos de réis, a titulo d'indemnisação.

Não tendo a companhia ultimado os trabalhos começados, e citando o material diariamente a entregar-se, resolveu o governo continuar as obras e acham-se em construcção os seguintes lanços da linha.

DE BEJA A QUINTOS

Baleisão	12	kilometros
Quintos	20	»

DE BEJA A CASEVEL

Outeiro	16	»
Figueirinha	24	»
Carregueiro	37	»
Casevel	47	»

Estão já estudadas as seguintes linhas ferreas:

1.ª	Do Porto a Braga	57 Kilometros
2.ª	Do Porto á Regua	94 »
3.ª	Do Porto a Vigo	101 »
4.ª	De Lisboa a Cintra	26,6 »

Foram construidos, além das grandes linhas de leste, norte, sul, sueste, o caminho de ferro da Marinha Grande ao Porto de S. Martinho para exploração florestal, 36 kilometros.

O de S. Domingos ao Pomarão no Guadiana pela companhia da mina de cobre de S. Domingos 17,5 kilometros.

O de Braçal á Ribeira do Vouga pela companhia das minas de chumbo do Braçal 10 kilometros.

A extensão dos caminhos de ferro em exploração mede 694 kilometros.

A das linhas estudadas 274,6 kilometros.

A das vias ferreas industriaes 63.5 kilometros.

Até 1861 orçava-se em 15.835:281$367 réis a despeza feita com caminhos de ferro.

Ha mais de 20 annos, que encetamos a construcção ou reconstrucção das nossas estradas de primeira ordem. Sendo a extensão da rede de estradas d'esta classe não inferior a 5 mil kilometros, póde assegurar-se que 3 quintos d'estes trabalhos ou 3000 kilometros estão concluidos.

A despesa feita, por conta do estado, com estradas, durante o quarto trimestre de 1868 foi de 223:799$661 réis.

Desde 1854 tem-se dispendido em trabalhos de construcção, réis 12.573:613$858.

Com o pessoal technico e da administração 898:806$219 réis.

Em trabalhos graphicos 366:564$041 réis.

Na conservação dos lanços concluidos 1.211:358$121 réis.

Nas grandes reparações 592:747$864 réis

Por conta dos donativos gastou-se 19:452$052 réis.

O que prefaz a somma total de 15.662:542$155 réis.

Se, porém, os governos teem sido vagarosos e remissos no tocante a este importante ramo de administração, que havemos de dizer dos districtos e municipios? Se as estradas de primeira ordem são de maxima importancia, são indispensaveis, são os canaes onde confluem todas as veias por onde circula a vida e a riqueza das nações, as estradas de segunda e terceira ordem não podem reputar-se menos essenciaes ou menos importantes no systema geral de viação. Não suppômos que verdades tão palpaveis hajam de ser contestadas, fôra portanto a maior futilidade insistir em defender o que ninguem ataca.

São cerca de 5:000 kilometros de estradas districtaes, e o dobro tal-

vez de estradas municipaes e visinhaes as que hão de completar o nosso systema de viação ordinaria; pois d'estes 20 a 30 mil kilometros que nos são indispensaveis, temos apenas construido nos ultimos annos algumas estradas municipaes, e das de segunda ordem nem sequer ainda as começamos!

Algumas camaras do reino, attendendo ás prescripções positivas que lhes impoz a lei de 6 de julho de 1864, e aproveitando o subsidio que lhes faculta o decreto de 1862, teem emprehendido trabalhos de viação quanto lhes permittem os seus limitados recursos e talvez a notavel carencia de pessoal technico Se porém alguns municipios dão testemunho de louvavel empenho em dar impulso a obras de tão confessada utilidade, havemos de dizel-o com vergonha, a maior parte das camaras do reino esquecem formalmente os preceitos da lei, desprezando ao mesmo tempo as claras indicações dos seus mais intimos interesses. As camaras que desattendem as urgentes necessidades de facil viação, manifestam por isso mesmo a sua provada insufficiencia para gerir e administrar os interesses do municipio Quem desconhece que tudo quanto discretamente se despende em abreviar a circulação se reproduz e multiplica, abrindo, aproximando os mercados, e excitando e promovendo a producção, quem desconhece ou contraria estas verdades triviaes, affirma a sua incapacidade em deploraveis documentos.

Não ha muito que todos os municipios do reino se levantaram indignados contra uma impensada lei, que injustamente os privara da su aindependencia e individualidade. Todos então clamavam que tinham meios, forças e intelligencia para viver e para se governar: todos então protestavam o resoluto proposito de emendar-se d'essa ignominosa indolencia, que em muitos casos justificava a condemnação que a lei contra todos fulminou; todos emfim deixaram presentir a sincera e firme vontade de bem se administrar.

Ora, que hão de hoje allegar em sua defesa todos esses numerosos concelhos, que ahi estão attestando o seu desleixo ou inhabilidade administrativa, no estado deploravel em que conservam as estradas entregues á sua administração! Quereis existencia local e independente, e mostraes a todas as luzes, que desconheceis ou não sabeis satisfazar as principaes exigencias que vos impõe a posição que ambicionaes!

Se a criminosa negligencia das administrações municipaes provoca justissimas arguições, e manifesta a incapacidade dos homens a quem essa administração está confiada, que havemos de dizer das juntas geraes dos districtos incumbidas da importante viação de segunda classe! A indifferença d'estas corporações como resposta a quasi todos os assumptos que por lei lhes são confiados é geralmente conhecida, e d'ahi a nenhuma attenção que ellas teem dado aos deveres que lhes são impostos no tocante a viação districtal, pelo artigo 19 da lei de 15 de julho de 1862.

Mas se as juntas são desleixadas sobre este ponto gravissimo de ad-

ministração, os governadores civis não merecem n'esse ponto menor censura que ellas. Nos relatorios que estes altos funccionarios do districto annualmente teem apresentado ás juntas, e onde por via de regra se repetem de cada vez as maiores insignificancias ácerca das necessidades do districto, são raras, e quasi sempre ligeirissimas as indicações, e fraquissimas as exigencias sobre a viação dos districtos. E não é sómente pelos relatorios, mas por outros meios mais efficazes e directos que os governadores civis deviam promover o desenvolvimento da viação nos districtos, onde esta tamanha necessidade está deploravelmente desprezada.

Ao passo que as administrações locaes professam tão reprehensivel negligencia dos seus deveres e tão desastrosa indifferença por interesses de tal ordem, não cessam as lamentações porque os governos e os parlamentos são menos activos e zelosos no proseguimento d'estes importantes trabalhos.

(Jornal do Commercio.)

JUNTA DO CREDITO PUBLICO [1]

ENCARGOS DA DIVIDA PUBLICA CONSOLIDADA

A despeza total para o exercicio de 1870-1871 é de 9.709:286:056 réis. Gratificação aos membros da Junta e ordenado dos empregados 19.584:000:

---

[1] Foram ha poucos dias distribuidos pelos membros das duas camaras legislativas o relatorio e contas da junta do credito publico, que dizem respeito á gerencia do anno economico de 1868-1869 e exercicio de 67-68. As proporções que vão assumindo os algarismos representantes da nossa divida publica tendem inevitavelmente a chamar a attenção de todos sobre as publicações officiaes, onde de modo mais especial se podem apreciar os embaraços consideraveis, as difficuldades crescentes, que essas assustadoras proporções oppõem hoje a uma tão desejada reorganisação financeira.

Em 30 de junho de 1869 ascendia a totalidade da divida publica á quantiosa somma de 293.305:978$750 réis, sendo 186:452 contos de divida interna, e 106:853 de divida externa. Em egual data do anno anterior as duas parcellas correspondentes sommadas não excediam réis 248.372:848$000.

O curto periodo de um anno bastou, pois, para augmentar a divida publica em 45 mil contos! A gravidade de um facto d'esta ordem é manifesta, embora mesmo elle seja até certo ponto attenuado pela circumstancia de que a maior parte d'aquella quantia representa a emissão de titulos authorisada por leis de 29 de junho de 1868, 28 de maio de

Juros da divida interna.....	4:562:879$853	réis
Amortisações	3:670$000	»
Diversos encargos.....	9:600$200	»

1869, com o fim especial de servirem de penhores ou reforçarem os que já estavam dados como garantia dos supprimentos feitos ao thesouro, e que constituiam a divida fluctuante interna e externa.

Equivale aquella importancia total da divida a um encargo annual de 8.799:150$000 réis, numero bastante superior a metade da receita effectiva do estado, e que, dividido por quatro milhões de habitantes, dá como quociente 2$200 réis por habitante.

Na Italia, um dos paizes da Europa mais sobrecarregados com o peso de uma divida colossal, preço da sua tão cobiçada unidade politica e tambem em grande parte resultado do pouco tino administrativo, que parece ser condão infeliz dos povos de raça latina, o encargo annual por habitante, suppondo a população de 24 milhões, subiu em 1869, em que os juros da divida foram de 64:650 contos, a 2$700 réis.

Comparem se estes numeros com os de 2$260 a 1$300 réis respectivos á Belgica e á Baviera, e ainda mais com o de 450 réis que dizia não ha muito respeito á Prussia e outros estados allemães, onde tem subido ao seu apogeu uma civilisação esplendida, aonde marcham a par todos os progressos de ordem moral e material; e possa uma tal comparação ser-nos lição severa, e ajudar-nos a atalhar sem demora a marcha fatal que nos vae conduzindo inevitalmente á ruina e ao aniquilamento.

Indica-nos tambem o relatorio da junta que a somma dos juros em divida em 30 de junho de 1869 era de 3:829 contos: tendo sido em egual data do anno anterior de 3:138. Vê-se pois, que uma differença na importancia de 691 contos se manifesta em sentido desfavoravel para a gerencia mais moderna.

Ainda em outro ponto bastante grave nos revela o relatorio as difficuldades sempre crescentes, com que o thesouro se vê a braços para satisfazer aos encargos sagrados da divida publica. Tendo sido em 1868 de 1:456 contos a importancia que ficou por cobrar das dotações relativas ás dividas interna e externa, em 30 de junho de 1869, o atrazo na cobrança das dotações respectivas é representado por um algarismo duplo d'aquelle, isto é por 2:830 contos. Mais de uma circumstancia attenua, na verdade, o que ha de grave no resultado de uma tal comparação, e entre todas avulta decerto uma a que já alludimos, isto é, a de se achar na posse do governo, ou servindo de penhores a supprimentos uma somma consideravel de titulos. Ainda assim, feitas mesmo as deducções correspondentes, é innegavel que a comparação das duas gerencias se mostra manifes amente desfavoravel para a segunda.

Augmento consideravel na divida publica, atrazo no pagamento dos

Despezas com a agencia financial de Londres	7:785$000 réis

juros e na cobrança das dotações da junta, taes são pois os factos que sobresaem na gerencia de 1868-1869.

Por outro lado o numero dos que tem interesse em que o credito publico se eleve, e que vêem na prosperidade d'elle uma garantia, na sua ruina propria, e na de muitas familias, cresce incessantemente. Assim, por exemplo os possuidores de inscripções de assentamento que em 1867-1868 eram 19:933, elevavam-se em 1868-1869 a 23:371, o que manifesta um augmento annual de 3:488, dos quaes 1:188 possuidores de titulos no valor de 100 a 500 mil réis. Os juristas d'esta ultima classe são hoje ao todo 7:100, e este numero representa assim o d'aquelles que não duvidaram confiar á boa fé do estado as suas modestas economias, fructo talvez de severas privações, de valiosos sacrificios, e de um trabalho incessante.

Uma operação importante pelo seu alcance economico e financeiro, e que deveria em circumstancias normaes ter concorrido poderosamente para a elevação do nosso credito, a desamortisação, tambem tem ajudado a ligar á sorte da divida publica a de milhares de individuos e corporações, muitas das quaes, pelos fins caridosos das suas instituições, se tornam particularmente credoras da maior sympathia e respeito

A importancia dos bens desamortisados durante a gerencia de que nos occupamos foi de 345 contos. Com estes 345 contos sobe a importancia total dos bens desamortisados em virtude das leis de 4 de abril de 1861, e de 22 de junho de 1866 a 3:176 contos de reis, representados hoje por 6:743 contos em inscripções, e 58 contos em obrigações prediaes.

Os titulos de 3 % averbados em 30 de junho de 1869 com condições de immobilidade temporaria, subiam ao valor consideravel de réis 40:227 contos. Citaremos para exemplo algumas das verbas mais importantes, que pela sua somma perfazem aquella quantia:

Asylos	1:240	contos
Bispos, cabidos e mitras....	1:270	»
Camaras municipaes	842	»
Casas pias	567	»
Companhias.....	1:090	»
Confrarias e irmandades....	1:403	»
Conventos	2:781	»
Coroa de Portugal	1:680	»
Misericordias	2:713	»
Monte-pios.....	1:333	»
Recolhimentos.....	224	»

Juros da divida externa.....	4.773:717$167 réis
Diversas despezas.....	32.052$000 »

Seminarios.....	460 contos
Menores.....	5:675 »

Tem as operações da desamortisação, como atraz dissemos, concorrido efficazmente para dissimimar pelas provincias os titulos de divida publica. É inpegavel porém que, independentemente d'ellas, o elevado juro que o estado hoje paga aos seus credores, e a facilidade na administração de fortunas tendo por base a posse de inscripções, não deve ter ajudado menos a diffundir pelas provincias aquelles titulos, tornando-as cada vez mais solidarias com o capital, no interesse da manutenção ou antes indispensavel elevação do nosso credito.

Ao concurso d'estas diversas causas se deve o facto de ver subir no segundo semestre de 1869 a 26:404 contos de réis a totalidade dos capitaes em titulos de divida publica existentes nos districtos, a qual não passava em 1858 de 4:312, em 1861 de 5:831 e em 1862 de 13:662.

(Sr. H. de Barros Gomes, no *Jornal do Commercio*).

FIM

Scenas de familia, c. em 2 actos..... 320
A Duplice existencia, c. em 4 actos..... 240
A Probidade, c. em 2 actos e um prologo. 300
Os Filhos dos trabalhos, d. em 4 actos.. 360
Uma lição de florete, c. d. em 3 actos. 180
Trabalho e honra, c. em 3 actos..... 300
A Aristocracia e o dinheiro, c. em 3 actos 300
Coração de ferro, d. phantastico em 5 actos..... 300
O Chaile de cachemira, c. em 1 acto ... 120
É perigoso ser rico, c. em 1 acto. 160
Joias de familia, c. d. em 3 actos..... 300

MENDES LEAL ANTONIO

esias, um vol..... 500
l e Caim, c. em 3 actos..... 240
a victima, d em 3 actos..... 160
e amor, c. d. em 3 actos..... 200

J. D'ABOIM

tarde entre a murta, c. em 3 actos... 240
Recommendado de Lisboa, c. em 1 acto 80
homem põe, e Deus dispõe, c. em 2 actos 120
odoas de sangue, d. em 3 actos.... 160
da louco com sua mania, c. em um acto. 100

E. BIESTER

m quadro da vida, c. em cinco actos. 480
Redempção, c. d. em 3 actos..... 360
Duas epocas da vida, c. em 2 actos..... 240
Uma viagem pela litteratura contemporanea..... 200
As Odas de Horacio, imitação, c 1 acto 120
[illegible] de consciencia, c. em 2 actos. 160
O [illegible]stro Favilla, d. em 3 actos..... 160

I. M. FEIJOO

amões do Rocio, c. em 3 actos.. 300
torre do Corvo, d. em quatro actos.. 400
[illegible] ou a familia de um avarento, c. em quatro actos..... 240
[illegible]dro [illegible], c. em cinco actos 300
mechido, o guerrilheiro d. em 3 actos. 300

ALFREDO HOGAN

Brazileiras, c. d em 3. actos..... 300
[illegible] em julgue pelas apparencias, c. d. em 3 actos..... 360
dissipadores c. em 4 actos..... 400
melhor não experimentar c. em um acto 200
[illegible]rias do coração, romance 240
as mulheres da epocha, romance.... 240
[illegible] da [illegible] c. em 2 actos..... 160
marido no prego, c. em 1 acto..... 160
não ha tolos! c em 1 acto..... 80
[illegible] desprezes sem saber c. em 1 acto. 120
colono, c. d. em 3 actos..... 160
[illegible]redos do coração, c. d. em 3 actos.. 200
[illegible]zo do mundo, c. d. em 3 actos.... 240
[illegible]scara social, c d. em 3 actos..... 200
elle do leão, c. d. em 3 actos.... . 200
[illegible]da da fortuna, c. d em 3 actos.... 160
tudo que luz é oiro, c. d. em 3 act 200
ia 1.º de dezembro de 1640, c. heroica em 3 actos 200
O ultimo dia dos jesuitas em Portugal drama original historico portuguez, em 8 quadros 4 actos e um epilogo..... 200
Pilatos no Credo, c. em 1 acto..... 80

J. CESAR MACHADO E ALFREDO HOGAN

A vida em Lisboa, c. d. em 4. actos.... 300
Primeiro o dever! c. d. em 3 actos..... 160

J. C. DOS SANTOS

O segredo d'uma familia, c. em 5 actos 240
O pai prodigo, c. em 3 actos..... 200
O homem das cautellas, c. em 2. actos.. 200
Gil Braz de Santilhana, c. em 3 actos... 180
Maria ou o irmão e a irmã, c. em 3 act. 200
Uma chavena de chá, c. em 1 acto.... 120
Convido o coronel !!! c. em um acto.... 100
Herança d'um tio russo, c. em 3 actos.. 220

HENRIQUE VAN-DEITERS

Poesias, um vol..... 360
Os moedeiros falsos, c. em tres actos.. 160
Dois cães a um osso, c. em um acto... 100
Não envenenes tua mulher qui proquo em um acto 120
Scenas intimas, c. d. em um acto..... 100
Brios militares, c. d. em um [illegible] 100

JOAQUIM AUGUSTO D'OLIVEIRA

A coroa de Carlos Magno, peça magica de grandes espectaculos, em 4 actos um prologo e 21 quadros, formado sobre a lenda=Les quatre fils Aymon..... 320
A costureira, c. em um acto..... 100
Erros da mocidade, comedia em 3 actos 160
A Ave do Paraiso, comedia magica em 20 quadros formando tres actos..... 360
O paraiso perdido, ou a creação e o Diluvio, peça biblica em um prologo, tres actos, e um epilogo, formando 21 quadros..... 360

MANOEL ODORICO MENDES

Opusculo àcerca do Palmeirim de Inglaterra e do seu author no qual se prova haver sido a referida obra composta originalmente em portuguez..... 200

JULIO CEZAR MACHADO

A esposa deve acompanhar seu marido, comedia em um acto. 140
O capitão Bitterlin, comedia em um act. 140

ARISTIDES ABRANCHES

Stambul, em 3 actos e 9 quadros..... 300
A mãi dos escravos, d em 4 actos 200
Como se descobrem mazellas, c. em 1 acto 120
Trovoadas de maio, comedia em um act 160
Os dois pescadores, comedia em um act. 80
Nem todo o mato e oregãos, comedia em um acto..... 160

J. R. CORDEIRO JUNIOR

Amor e arte d em 3 actos..... 220
O Arrependimento salva, drama em 3 act 100

Fernando, c. d em 4 actos..... 200

J. I. DE ARAUJO

A princeza de Arrentella, tragedia burlesca em 3 actos..... 160
A Sombra do sinciro, tragedia burlesca em 3 actos..... 200
Um bico em Verso. scena comica..... 60
O principe escarlate, tragedia burlesca em tres actos em verso..... 180
Um homem que tem cabeça, c. em 1 act. 100
Ultimos momentos d'um Judas, entre-acto tragico burlesco..... 80
Morte de renhaunhau, destempero tragico carnavalesco Poesia comica..... 40

JOSE BENTO D'ARAUJO ASSIS

O segredo d'uma esmola, c d. em 2. act. 180
As duas paixões, c. em 1 acto..... 120
Deus nos livre de mulheres, c. em 1 acto ornada de coplas..... 120
Sciencia aos trambulhões, c. em 2 actos 100
Enganos e loucuras, farça lyrica em 1 acto, ornada de musica..... 120

J. A. DE MACEDO,

A creação. poema. 16[illegible]..... 120

[illegible]STO MARECOS

As Primeiras Inspirações. poesias, 1 vol. 300
Joca, a Matumbolla—Lenda..... 160
Juramentos bem cumpridos, romance.. 100
Contos e recordações, 1 vol..... 500
As confidencias..... 400
Savitri, lenda indiana..... 140

CASEMIRO D'ABREU

As Primaveras, poesias, um vol. contendo todas as obras d'este auctor..... 400
O Camões e o Jau, scena dram..... 100

MANOEL MARIA PORTELLA

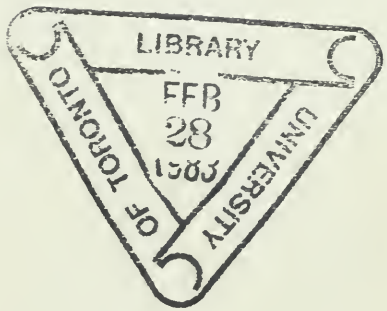
Ensaios poeticos, 1 vol. (poesias)..... 400

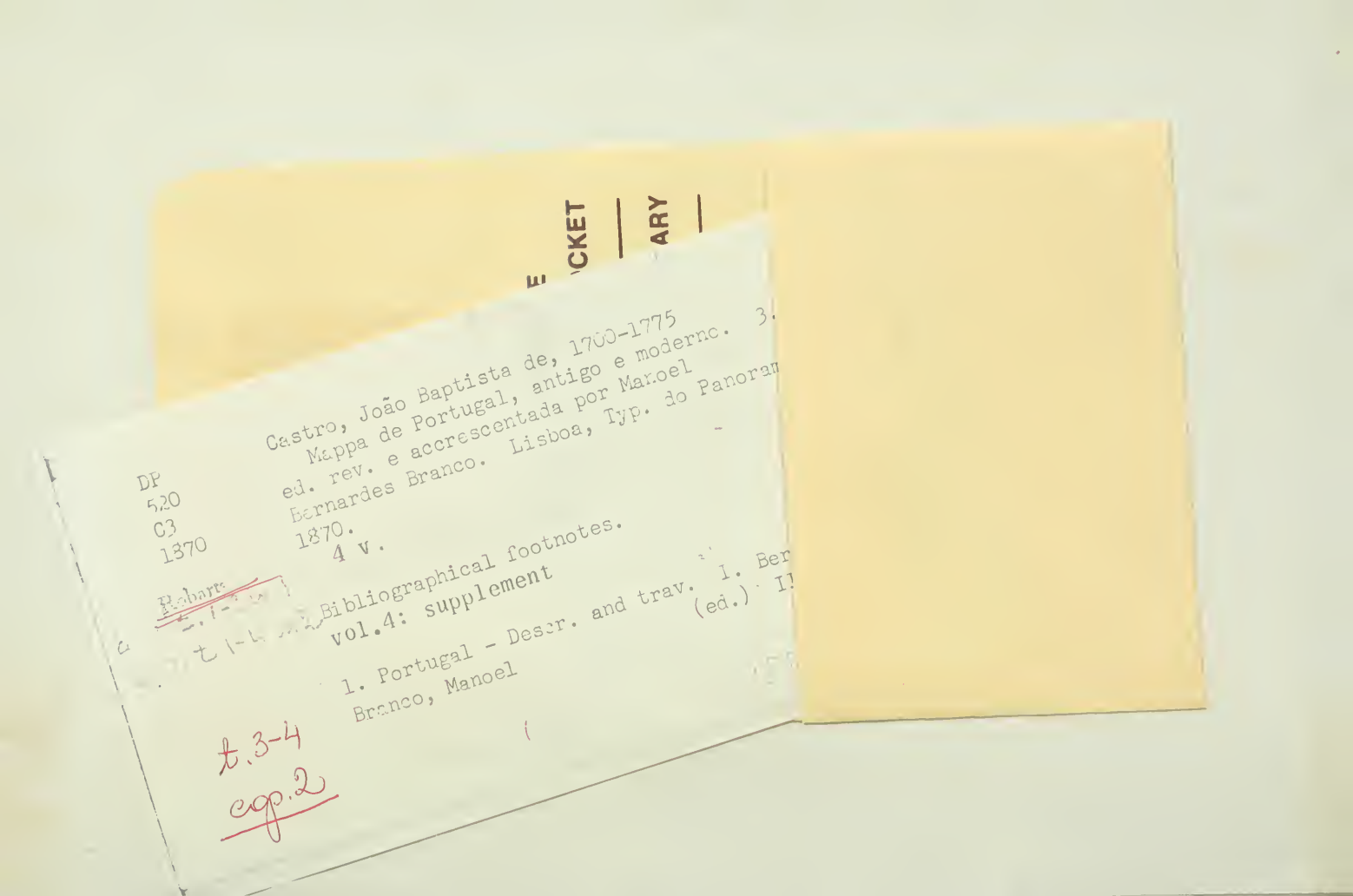
OBRAS DE DIVERSOS AUCTORES

Cirurgia e Medicina, um vol..... 360
Addições ao Manual do Tabellião, um vol. 200
Mentor da mocidade..... 120
Uma viagem a Inglaterra, Belgica e Franç. 120
Anjo. mulher e Demonio, c. d em 2 act. 200
Amor e amizade, c. em um acto..... 80
Amor virgem n'uma pecadora, c. 1 acto 160
A Cruz, drama 5 actos..... 320
29 ou honra e gloria, c. de costumes militares, em tres actos..... 360
Tudo no mundo e comedia, c. em 3 act. 200
A conversão d'um agiota, c. em 2 actos.. 160
Graziella d. em um acto..... 100
Os dois irmãos. d. em 4. actos..... 200
Guia do povo para escolher uma medicina, um vol..... 400
Dois contos por dia, um acto..... 160
O prestigiador 2 actos..... 300
O amor e o dever, 2 actos..... 240
A vingança, c. um acto..... 80
Que é o destino, c. um acto..... 100
Duvidas do coração, c. um acto..... 120
Trevas e luz, c. dois actos..... 300
Honra e deshonra, c. um acto..... 160
Os dois proscriptos ou a Restauração de Portugal em 1640..... 450
Amor e dever (do Rio de Janeiro).. .. 200
Vicio em doutrina. c. em 4 actos..... 300

OBRAS QUE TEM DE SORTIMENTO

Um livro por C. C. Branco. 1 vol..... 300
Grammatica Hespanhola para uso dos portuguezes por Peixoto 1 vol .. .. 3[illegible]
Repertorio comentado sobre os foraes e doações regias por Ferrão 2 vol 200
Elementos da arte militar por Camara Leme 1 vol..... 150
Exceptos historicos e colleção dos documentos relativos á guerra denominada da Peninsula por Chavy. 1.ª parte . . 120
Catalogo dos manuscriptos da Bibliotecn Publica Eborense por Rivara 1 vol in fol. 150
Relatorio sobre a fabricação e administração da polvora por conta do Estado 1 vol com um mappa..... 500
O defensor da religião em disputas com os incredulos 6 vol..... 1800
Medicina e Cirurgia Civil e pratica por Manoel da Rocha 1 vol..... 360
Justa acclamação do serenissimo rei de Portugal D. João 4.º pelo Dr. Francisco Vellasco de Gouvêa 1 vol..... 720
Corôa poetica no consorcio de D. Luiz e D. Maria de Saboya 200
Viagem da corveta D. João 1.º a capital do Japão por Marques..... 500
O verme roedor das sociedades modernas pelo Padre Gaume..... 360
Nem um nem outro. Romance 3 vol.... 720
Concelho dos dez em Veneza ou a machina infernal com estampas.. 400
Paraphrase da epistola aos Pisões denominada arte poetica de Horacio annotada por D. Gastão da Camara Coutinho.. 300
Julio Gerard. Caça ao leão com estampas 700
Poesias do F. E. Lione..... 250
Historia dos 3 dias de Fevereiro de 1848 por Peletan. 180
Tentativas poeticas 300
Ao partido liberal, por A. Herculano... 250
O rei do mundo, ou historia do dinheiro, por Emilio Souvestre 3 vol' . . . 1200
Moral universal ou deveres [illegible]mem, pelo Barão d'Holbach 3 vol..... 1300
Resoluções do conselho d'estado, por José Silvestre Ribeiro, 3 col 1 a 9 e 12 a 16 e uma col. vol. 9. 12 a 16 cada vol. 300
Jeronymo Pathouret em procura d'uma posição social 500
O monge de Lewis. traduzido do francez por Manoel Martins da Cunha..... 400
Formulario dos escrivães de primeira instancia, por Sousa Duarte..... 500
Dito dos tabellães pelo mesmo. 500


LIBRARY
FEB
28
UNIVERSITY OF TORONTO


E CKET | ARY |

DP
520
C3
1370

Castro, João Baptista de, 1700-1775
Mappa de Portugal, antigo e moderno. 3.
ed. rev. e accrescentada por Manoel
Bernardes Branco. Lisboa, Typ. do Panoram
1870.
4 v.

Bibliographical footnotes.
vol.4: supplement

1. Portugal - Descr. and trav. I. Ber
(ed.) II
Branco, Manoel

t.3-4
cop.2

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 07 07 09 005 8